

2020 / 2021 - 50 AÑOS DEL TALLER TOTAL
ANOS DO

FAUD - UNIVERSIDAD NACIONAL DE CÓRDOBA, ARGENTINA

5º ENCUENTRO INTERNACIONAL
LA FORMACIÓN UNIVERSITARIA Y LA
DIMENSIÓN SOCIAL DEL PROFESIONAL

HÁBITAT,
CIUDADANÍA Y
PARTICIPACIÓN

5º ENCONTRO INTERNACIONAL
A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA E A
DIMENSÃO SOCIAL DO PROFISSIONAL

HABITAT,
CIDADANIA E
PARTICIPAÇÃO

Nora Zoila Lanfri
Sylvia Adriana Dobry
(Orgs.)



UNC



SEC INV



2020 /2021
50 AÑOS DEL TALLER TOTAL / 50 ANOS DO TALLER TOTAL
FAUD - Universidad Nacional de Córdoba, Argentina

5º ENCUENTRO INTERNACIONAL
La Formación Universitaria y la
Dimensión Social del Profesional
HÁBITAT, CIUDADANÍA Y PARTICIPACIÓN

5º ENCONTRO INTERNACIONAL
A Formação Universitária e a
Dimensão Social do Profissional
HABITAT, CIDADANIA E PARTICIPAÇÃO

Nora Zoila Lanfri
Sylvia Adriana Dobry
(Orgs.)



UNC



SEC INV



Copyright © Autoras y autores

Nora Zoila Lanfri y Sylvia Adriana Dobry (Org.)
50 años del Taller Total. 5to. Encuentro Internacional La formación
universitaria y la dimensión social del profesional: Hábitat, ciudadanía y
participación / Marcelo Salgado ... [et al.]; Compilación de Sylvia Adriana
Dobry ; Nora Zoila Lanfri ; Prólogo de Mónica Martínez. - 1a ed.
compendiada. - Córdoba: Editorial de la Facultad de Arquitectura, Urbanismo
y Diseño de la Universidad Nacional de Córdoba, 2021.
Libro digital, PDF

Archivo Digital: descarga y online
ISBN 978-987-8486-05-5

1. Arquitectura. 2. Educación Superior. I. Salgado, Marcelo II. Dobry, Sylvia
Adriana, comp. III. Lanfri, Nora Zoila, comp. IV. Martínez, Mónica, prólog.
CDD 720

Proyecto Gráfico y Diagramación /
Projeto Gráfico e Diagramação:
Andrea Pronsato

Las ponencias publicadas son de entera responsabilidad de las autoras y los autores.
Os artigos publicados são de inteira responsabilidade das/os autoras e autores.

Como citar:

LANFRI, Nora Zoila; DOBRY, Sylvia Adriana (Orgs). 50 años del Taller Total. 5to.
Encuentro Internacional La formación universitaria y la dimensión social del
profesional: Hábitat, ciudadanía y participación. Córdoba: Editorial de la Facultad
de Arquitectura, Urbanismo y Diseño de la Universidad Nacional de Córdoba, 2021.

LANFRI, Nora Zoila; DOBRY, Sylvia Adriana (Orgs), (2021). 50 años del Taller Total.
5to. Encuentro Internacional La formación universitaria y la dimensión social del
profesional: Hábitat, ciudadanía y participación. Córdoba: Editorial de la Facultad
de Arquitectura, Urbanismo y Diseño de la Universidad Nacional de Córdoba.

ISBN 978-987-8486-05-5



Sumário

Organización.....	10
Organização.....	14
Prólogo.....	18
Prefácio.....	19
Taller Total (español).....	20
Taller Total (português).....	23
Encuentro.....	26
Encontro.....	28
Ejes del Encuentro.....	30
Eje 1.....	30
Eje 2.....	32
Eje3.....	33
Eixos do Encontro.....	34
Eixo 1.....	34
Eixo 2.....	36
Eixo 3.....	37
Ponencias / Artigos.....	38
Eje 1 / Eixo 1.....	39
PROCESOS PARTICIPATIVOS PARA LA PRODUCCIÓN SOCIAL DEL HÁBITAT: Experiencias de las Cooperativas de Viviendas.....	40
Marcelo Salgado	
CONTRIBUIÇÕES DA ARQUITETURA E DO URBANISMO PARA A AÇÃO COMUNITÁRIA E A CIDADANIA: Urgências sociais e emergência sanitária no Jardim Colombo, São Paulo.....	48
Maria Amélia Devitte Ferreira D´Azevedo Leite Ester Carro de Oliveira Bashalidis	
ERIC KING: TRAZOS DE UNA CONVERGENCIA ENTRE EL ARTE, LA ARQUITECTURA Y LA ENSEÑANZA.....	67
Romina Alday	
O URBANISMO DAS TRÊS ECOLOGIAS: Utopismo dialético e desenvolvimentos geográficos desiguais.....	77
Edison França da Silva Filho Denise Falcão Pessoa	
OLHARES PROTAGONISTAS.....	89
Constança Maria Lima de Almeida Lucas Leonardo Francisco Mareco Ribeiro	
APORTES HACIA EL HÁBITAT DIGNO EN UN SECTOR VILLA 15 CIUDAD OCULTA. Experiencia participativa del equipo académico con vecinos y ong`s en un pasillo s/n con múltiples vulneraciones.	98
Ricardo de Sárraga	
A VOZ DO GRAFITE EM UMA SOCIEDADE SILENCIADA:.....	115
Crime ou Arte? Breno Lucas Teodósio de Araújo Bruno Dias Ribeiro Giovanna Silveira Cavalcante José Wellington do Nascimento Araújo Marianne Delgado Morimitsu	

OS ESTRANHOS: NARRATIVA E MEMÓRIA DA CIDADE	123
Antonio Busnardo Filho Helena Napoleon Degreas Antonio Soukef Júnior	
PERCEÇÃO DO PEDESTRE EM ROTAS CAMINHÁVEIS COMO REFE-RENCIAL DE IDENTIDADE DO ESPAÇO URBANO DO TATUAPÉ.....	137
Sílvia Pereira de Sousa Mendes Vitale Denilsa Aparecida Marques Edvania Delmiro Viana Gabriel Rodrigues dos Santos Milena Rodrigues de Almeida	
LA PROBLEMATIZACIÓN Y POLITIZACIÓN DE LA DE VIDA COTIDIANA: Un Camino de Integralidad de los Debates en Materia de Hábitat, Vivienda y ciudad.....	151
Eugenia Jaime Gabriela Torrents	
COMPARAÇÃO ENTRE AS DIRETRIZES DO PLANO DIRETOR E AS OBRAS REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE CÁCERES, MATO GROSSO, Apresentadas no Portal da Transparência entre os Anos de 2016 a 2020.	159
Willian Jonas Mininel Antonio Busnardo Filho	
VIDA URBANA EM TEMPOS DE COVID: A Relação Entre Espaço e Indivíduo	170
Marcela Correa Eduardo Munhoz de Lima Castro	
DENSIDADE URBANA E QUALIDADE DE VIDA: Estudo Estatístico sobre o Índice Númbeo.....	181
Alda Paulina dos Santos Lauro Luiz Francisco Filho	
GRUPO MIGUILIM: Narração Oral de Literatura e Cidadania.....	198
Maria Elisa Pereira de Almeida	
CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROBLEMA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL.....	209
Giuliana Lima Oliveira Vera Santana Luz	
PROCESSO E PROJETO PARTICIPATIVO PARA O HABITAR DAS MULHERES PODEROSAS	225
Sofia de Freitas Portugal Liza Maria Souza de Andrade	
RESTAURO E REABILITAÇÃO DA GRÁFICA PEPE EM CUIABÁ/MT – uma proposta de Centro de Referência para a Comunidade Lgbt	242
Daniel Silva Campos Antônio Soukef Jr	
A DESIGUALDADE URBANA VISTA PELA TAXA DE LETALIDADE DA COVID-19 NOS BAIRROS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO	261
Joana Spadaccini Grangeiro Cláudio Rezende Ribeiro	

METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS: O Caso Exemplar da “ilha” da Bela Vista/ Porto (2013-2017).....	278
Fernando Matos Rodrigues Manuel Carlos Silva António Cerejeira Fontes André Cerejeira Fontes	
CASA ORLANDO: Uma Integração de Patrimônio com a Sustentabilidade.....	298
Daniel Silva Campos Victória Ferreira Galvão	
PROJETOS CULTURAIS DO PERÍODO VARGAS PARA A AMÉRICA LATINA.....	306
Margarida Nepomuceno	
INTERVENÇÃO DE PATRIMÔNIO HISTÓRIO: Proposta de reabilitação da casa Orlando em Cuiabá, Mato Grosso	319
Amanda Botelho Daniel Silva Campos Emily Maira Juliana Bankow Livia Costa	
A EXPERIÊNCIA DO COLETIVO CHÁCARA DAS JABOTICABEIRAS Para Preservar a História, a Paisagem, os Valores Sociais e Ambientais de uma Parcela do Território da Vila Mariana em São Paulo	329
Maria Albertina Jorge Carvalho	
VISÕES DE UM BAIRRO PLANEJADO: Estudo do bairro do Marco em Belém/Pará/Brasil.	349
Adriano Lima de Menezes Stélio Saldanha Santa Rosa	
Eje 2 / Eixo 2	361
UNIVERSIDAD, POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCATIVAS Y EL DERECHO A LA EDUCACIÓN DE LOS JÓVENES: Aportes para (re)pensar estas interacciones.....	362
Alejandra Castro Silvia Oliva Andrea Martino Luisina Zanuttini Federico de la Fuente Analía Van Cauteren Belén Franco Florencia Serra Sofía Álvarez	
O DIREITO À CIDADE E AS PRÁTICAS DE ENSINO NA FAU MACKENZIE SÃO PAULO – BRASIL	372
Débora Sanches Viviane Manzione Rubio Volia Regina Kato Angélica Tanus Benatti Alvim	

A 100 AÑOS DE REPENSAR LA PRÁCTICA SOCIAL DEL DISEÑO: Talleres Artísticos y Técnicos Superiores (VKHUTEMAS-VKHUTEIN) (1920).....	385
Celso Valdez Vargas Selene Laguna Galindo Genaro Hernández Camacho David Castillo Núñez	
ESTRATÉGIAS PARTICIPATIVAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO URBANO	403
Michaela Iwanow Débora Sanches	
LA INVESTIGACIÓN: Un Vínculo entre la Docencia y la Extensión.....	419
Luz Alejandra Moreno Valeria Mabel Márquez Lourdes Castellanos Hilda Mariela Kanan	
O CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNILA E A INTEGRAÇÃO SOLIDÁRIA DE NUESTRA AMÉRICA	427
Andréia Moassab	
LA TEORÍA Y LA PRAXIS Hermenéutica y Heurística como Vehículos entre los Campos Metodológicos y Epistemológicos de la disciplina Arquitectura	446
Sergio D. Huaier	
O EXERCÍCIO DE PENSAR O LUGAR DO PROJETO EM DIÁLOGO, CONFLITO E PROPOSIÇÃO	453
Antonio Aparecido Fabiano Junior Lizete Maria Rubano	
PENSAR-NOS DESDE EL HACER Reflexiones desde una propuesta académica que nace de la extensión.	463
Equipo docente Taller de Diseño de Cooperativo	
UM OLHAR SOBRE O PAPEL DA EXTENSÃO: Universidade e Movimentos Sociais na Luta pelo Direito à Cidade	475
Danielle de Melo Rocha Fabiano Rocha Diniz	
CELEBRAR EL PASADO PARA CONSTRUIR EL FUTURO: A 49 años de Arquitectura-Autogobierno.....	494
María de Lourdes García Paola Flores	
MARABÁ: UM LABORATÓRIO URBANÍSTICO.....	504
Camila Azevedo José Lima	
LA INICIACIÓN CIENTÍFICA COMO CAMINO PARA LA INCURSIÓN EN EL CONOCIMIENTO CIENTÍFICO Y TECNOLÓGICO	520
Miriam Chugar	
RELAÇÕES DE PODER NOS AMBIENTES DE APRENDIZADO: Contrapontos Entre o Virtual e o Presencial	532
Lucimeire Pessoa Helena Ayoub Silva	

DINÁMICAS Y SOPORTES PARA EL PROCESO DE DISEÑO PARTICIPATIVO y MULTIESCALAR Experiencias del TLPS en el B° 23 de Diciembre, Cuartel V, Moreno; Herramientas y Procedimientos: Métodos de Nuestras Prácticas.....	547
Mariana Guido	
Fabián Leguizamón	
Andrea Cabrera	
Gabriela Bandieri	
A TRAJETÓRIA RECENTE DOS CURSOS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL: Privatização da educação, reconversão docente e desvalorização da força de trabalho.	559
Maria Ribeiro Calil	
Cláudio Rezende Ribeiro	
PROCESOS EDUCATIVOS Y PRÁCTICAS DE ENSEÑANZA - Aprendizaje para acompañar desde saberes disciplinares: Procesos Participativos, Interdisciplinarios, Progresivos e Intersectoriales en la Producción Social del Hábitat	576
Beatriz Pedro	
PROJETO PARTICIPATIVO NOVA KANTUTA: Aliança entre Extensão Universitária e População Local para Requalificação da Praça Kantuta	593
Ana Carolina de Paula Bezerra	
Ana Carolina G. Liess	
Katarina Andreosi A. B. Arantes	
Taymara Ingrid Leonardi	
Alexander Soyei Yamaguti	
PARANAPIACABA: OLHARES DE UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA	608
Elaine M. Albuquerque	
Enrico Spaggiari	
Mariana Hangai	
Rodrigo V. Chiquetto	
Yuri Bassichetto Tambucci	
DE LA NECESIDAD A LA ORGANIZACIÓN. Procesos colectivos de elaboración y apropiación de herramientas y metodologías participativas	624
Camila Alvarez	
Gabriela Bandieri	
Noelia Bronstein	
Gabriela Cuesta	
Lorena Fernandez	
Beatriz Pedro	
Andrea Sucari	
ARQUITETURA DA CIDADE E SUSTENTABILIDADE: Perspectivas curriculares da formação de arquitetos e urbanistas em Campos dos Goytacazes/RJ	636
Raiza de Oliveira Machado	
Cássia Maria de Assis Rangel Melo	
Sergio Rafael Cortes de Oliveira	

ARQUITECTURA Y URBANISMO Y SU ENSEÑANZA, DEBATE Y PARTICIPACIÓN Argentina, México y Brasil: de los años 1970 a la Actualidad.....	657
Beatriz Pedro	
María de Lourdes García Vázquez	
Nora Lanfri	
Sylvia Adriana Dobry	
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O HABITAR COMO DIREITO HUMANO. O caso do Mercado de Flores da Vila Alpina e da Praça Alcides Franco de Lima. São Paulo. Brasil	679
Luís Felipe Xavier	
O DISCURSO ENTRE A DIDÁTICA E O ENSINO NO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO: A Experiência dos Movimentos Disciplinares Tradicionais e Não Convencionais na Introdução e Formação Acadêmica dos Estudantes nas Universidades Privadas	693
Ricardo Mingareli Del Valle	
Marcelo Hamilton Sbarra	
RED UNIVERSITARIA LATINOAMERICANA DE CATEDRAS DE VIVIENDA. 27 años de articulación en red de experiencias formativas en la actuación profesional en la producción y la gestión social del hábitat.....	711
Beatriz Pedro	
INTERDISCIPLINARIDADE E FORMAÇÃO PEDAGÓGICA: Literatura e Ciências Humanas.....	722
Eulina Pacheco Lutji	
Nidia Nacib Pontuschka, in memória	
ABRIL PRA COR: Pensar com as Cores no Ensino de Arquitetura e Design	742
Karine Queiroz	
UNA EXPERIENCIA DE CURRICULARIZACIÓN DE LA EXTENSIÓN. Para la Formación Universitaria en Tiempos de Pandemia.....	756
Silvana Lorena Lagoria	
María Pilar Martínez	
Nora Lanfri	
Eje 3 / Eixo 3	766
DEBATES TEMPRANOS DEL MOVIMIENTO ESTUDIANTIL DE ARQUITECTURA y su Circulación por Latinoamérica - 1956 a 1964	767
María Eugenia Durante	
ARQUITETURA FAZ MAL À SAÚDE: Como o curso de arquitetura e urbanismo pode ser prejudicial à saúde mental de seus estudantes	787
Laura Esther Mágero Dourado	
Liza Maria Souza de Andrade	
Vânia Raquel Teles Loureiro	
Ana Luíza Aureliano Silva	

ESCRITÓRIO MODELO DE ARQUITETURA E URBANISMO – Na Construção de Espaços Educacionais Participativos	808
Guilherme Fernandes de Moraes Mariah Vitória Silva Pereira Mariana Evelyn de Souza Inada Vanessa Acquaviva Carrano	
OS PROGRAMAS DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL E A EQUIDADE DE ENSINO Na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.....	822
Suene Gomes Cardoso Thaylla Santos Damasceno Liza Maria Souza de Andrade Ana Luiza Aureliano Silva	
PORTAL CELESTE: Mulher, Movimento de Moradia e o Espaço Público	843
Aline Araújo dos S. de Lima Victória Fernandes Vicente Débora Sanches	
TERRITÓRIO, AMBIENTE E IDENTIDADE: A importância de Fundamentos de América Latina na formação discente no CAU UNILA	862
Andreia Moassab Ana Sílvia Fonseca	
ALGUNOS DOCUMENTOS HISTÓRICOS Y ANTECEDENTES / ALGUNS DOCUMENTOS HISTÓRICOS E ANTECEDENTES	878
Puesta en marcha del Taller Total	880
Documento de cierre del Taller Total.....	881
MESA REDONDA: a 30 años de la creación del Taller Total.....	882
Presentación del Profesor Titular arquitecto Juan José BARI.....	882
Cartas al rector en 2013.....	888
De Arquimedes A. FEDERICO	888
De Sylvia A. DOBRY	891
Agradecimientos.....	893
Agradecimentos	895
Apoys / Apoios	897

ORGANIZACIÓN

COMITÉ POR LOS 50 AÑOS DEL TOTAL TALLER:

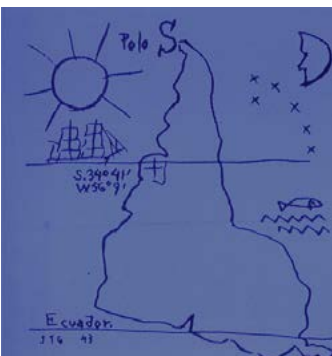
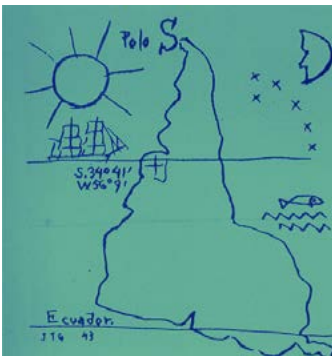
ARQUIMEDES FEDERICO. Arq. y Urb. Fue docente/Coordinador del Taller Total FAU UNC. (Córdoba, Argentina).

CARLOS LOPEZ. Arq. y Urb. Universidad de Ginebra. Fue estudiante del Taller Total y miembro de la Coordinadora del Taller Total FAU UNC. Mg. en Urbanismo: Ecole Polytechnique Fédérale - Lausana, Suiza. (Ginebra, Suiza).

JUAN H. CIAMPOLI. Arq. y Urb. Egresado Taller Total FAU UNC-1972. (Córdoba, Argentina).

NORA LAMFRI. Profesora en Educación. Mg. UNC. Docente Investigadora FFyH UNC. (Córdoba, Argentina).

SYLVIA ADRIANA DOBRY. Arq. y Urb. Fue docente del Taller Total FAU UNC. Mg. y Dra. FAU USP. Investigadora: LABPARQ - FAU USP y Grupo de Estudios MALOCA, UNILA. (San Pablo, Brasil).



América Invertida, 1943.
Joaquim Torres Garcia,
Montevideo, Uruguay

COMISIÓN ORGANIZADORA y CIENTÍFICA:

ALEJANDRA M. CASTRO. Licenciada y Profesora en Ciencias de la Educación, FFyH, UNC. Docente e investigadora, Centro de Investigación María Saleme de Burnichón, FFyH UNC. Mg. CEA UNC. Dra. en Ciencias de la Educación, FFyH UNC. (Córdoba, Argentina).

ANA MARIA FALÚ. Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas. Centro Científico Tecnológico Conicet. Universidad Nacional de Córdoba. Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño. Instituto de Investigación de la Vivienda, FAUD UNC. (Córdoba, Argentina).

ANGÉLICA APARECIDA TANUS BENATTI ALVIM. Arq. y Urb. Mg. y Dra. FAU USP. Profesora de graduación y pos-graduación en la FAU Mackenzie, ejerce el cargo de Directora. Fue, entre otros, Coordinadora de Pos-Graduación en Arquitectura y Urbanismo de la FAU Mackenzie y Presidente de la ANPARQ. (San Pablo, Brasil).

ANTONIO BUSNARDO FILHO. Arq. y Urb. Mg. en Educación: FE-USP. Prof. Titular de la Maestría Académica en Arquitectura y Urbanismo - Centro Universitário de Várzea Grande - MT-UNIVAG - MT. (Mato Grosso, Brasil)

BEATRIZ H. PEDRO. Arq. y Urb. Mg. UNLA. Doctoranda UBA. Prof. Titular: Taller Libre de Proyecto Social y Conocimiento Proyectual, Estructuras. Ex-Secretaria de Extensión FADU-UBA. Investigadora UBACYT. Secretaria General de La RED ULACAV. (Buenos Aires, Argentina).

CAIO BOUCINHAS. Arq. y Urb. Dr. FAU USP. Fue profesor en varias Facultades de Arquitectura y Urbanismo. Investigador. (San Pablo, Brasil).

CARLOS PALACIOS. Arq y Urb. FAU UNC. Prof. TALLER TOTAL, sub-área: diseño, campo de conoc.: Morfología. Prof. Asoc. Extraord. Univers. Morón, Fac. de Ingeniería, cátedra Urbanismo y otras. Prof. Titular Esc.Téc. Pvcia. Bs.As. Capacit. Docente y direct. nivel medio y sup. (Córdoba, Argentina).

CATHARINA PINHEIRO CORDEIRO DOS SANTOS. Arq. y Urb. Dra. FAU USP, Investigadora LABPARC / FAU USP. Editora de la revista "Paisagem e Ambiente". (San Pablo, Brasil).

DÉBORA SANCHES. Arq. y Urb. Mg. IPT USP. Dra. FAU Mackenzie. Prof. Maestría Profesional en Arq. y Urb. y Diseño - Centro Universitario Belas Artes de São Paulo y Prof. en la FAU Mackenzie. Entre otros, colaboradora del Centro Gaspar García de Derechos Humanos. (San Pablo, Brasil).

DENISE FALCÃO PESSOA. Arq. y Urb. Dr. FAU USP. Prof. Dra. Curso de Arquitectura y Urbanismo y Maestría Profesional en Arquitectura y Urbanismo y Diseño - Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. (San Pablo, Brasil).

EDUARDO OSCAR LASTRA. Arquitecto, FAUD UNR. Fue alumno del Taller Total FAU UNC. Co-fundador e Integrante: Equipo de Proyecto Moba y Estudio 4L arquitectura. Diseñador del Sistema Constructivo PRE-MOLD. Ejecución de Viviendas de Interés Social. (Buenos Aires, Argentina).

ELAINE MORAES DE ALBUQUERQUE. Arq. y Urb. Dra. FAU USP. Investigador LABPARC / FAU. Cargo efectivo de SEMASA - Serv. Municipal de Saneamiento Ambiental de Santo André, actuando en la Secretaría de Cultura de la Municipalidad de Santo André, SP. (Santo André, Brasil).

FABIANO ROCHA DINIZ. Arq. y Urb. DAU. Mg. MDU, Dr. Univ. París III - Sorbonne Nouvelle. Prof. CAU UFPE. Investigador y extensionista: Centro Recife del Observatorio de las Metrópolis y Comunidad Interdisciplinaria de Acción, Investigación y Aprendizaje. (Pernambuco Brasil).

FRANCISCO SEGNINI JUNIOR. Arq. y Urb. Dr. y Profesor libre-docente USP. Miembro de los Grupos de investigación: Proceso de producción de Arquitectura y Urbanismo y Trabajo y Formación del Arquitecto en el contexto de la globalización. (San Pablo, Brasil).

F. POMPEYO RAMOS - MARRAU: Arq. y Urb. FAUD-UNC. (Taller Total). Planificador territorial, Urbanista por la Universidad de Aachen, Alemania. Coordinador de la Reconstrucción de Kosovo en la zona sureste, 1999 – 2001. Asesor Externo de Gobiernos Municipales y provinciales.

GEORGINA SANDOVAL. Arq. UNAM; Maestría (UAM-A) y Dra. en urbanismo, UNAM. Prof. Titular "C"; Dep. de Investigación para el Diseño, División de Ciencias y Artes de UAM-A; prof. de Teoría de la Arquitectura y Taller de Diseño Arquitectónico. Integrante de Casa y Ciudad A.C. (México).

JOSÉ SONEIRA. Arq. y Urb. FAUD UNC. Representante estudiantil de la Coordinadora del Taller Total. Especialización: Preservación del Patrimonio Arquitectónico, UCC. Prof. Titular y miembro del Consejo Directivo FAUD UNC. Trabajó en el Instituto Provincial de la Vivienda. (Córdoba, Argentina).

LIANA PAULA PEREZ DE OLIVEIRA. Arq. y Urb. FAU Mackenzie. Mg. y Dra. FAU USP. Prof. Universidad Ibirapuera y UNIP Santos. Vicepresidente: Sindicato de Arquitectos de São Paulo, SASP. Miembro suplente: CAU SP. (San Pablo, Brasil).

LILIANA ABRATE. Prof. y Licenciada en Cs. de la Educación, FFyH UNC y Mg. en Cs. Sociales, UNC. Prof. titular: cátedra de Pedagogía de la Escuela de Cs. de la Educación, UNC. Directora General de Educación Superior del Ministerio de Educación de la Provincia de Córdoba. (Argentina).

LILIANA Rolfsen Petrilli SEGNINI. Doctora en Sociología del Trabajo, Profesora e investigadora FE/IFCH/ UNICAMP. (Campinas, Brasil).

LUCIMEIRE PESSOA. Arq. y Urb. y Mg. y Doctoranda en Arquitectura y Urbanismo, FAU USP. (San Pablo, Brasil).

LUCAS FEHR. Arq. y Urb. Mg. y Dr. FAU USP. Profesor en la graduación FAU Mackenzie y Coordinador. También coordinó Mosaico - Escritorio Modelo de Arquitectura y Urbanismo. Arquitecto socio: Estudio América de Arquitectura. (San Pablo, Brasil).

MARÍA DE LOURDES GARCÍA VÁZQUEZ. Arq. y Urb. Pos-graduación y Prof. FAU UNAM. Coordinadora del Laboratorio Hábitat Social: participación y género, LAHAS. Integrante, entre otras: Red Latinoamericana Mujer y Hábitat de HIC - Coalición Internacional del Hábitat y de la Red ULACAV. (México).

MARIA ELENA SAMEZ. Abogada. Especialización en Docencia Superior, Universidad Nacional de Jujuy, UNJU. (Jujuy, Argentina).

MARÍA JOSÉ VILLA. Dra. en Comunicación Social, FCC UNC. (Córdoba, Argentina).

MARÍA SABINA URIBARREN Arq. y Urb. FAUD UNC. Dra. FAU USP. Prof. de Arquitectura y Urbanismo UNIP. (San Pablo, Brasil).

MARIANA ENET. Arq y Mg. Urb. FAUD UNC. Asesora: Políticas y Programas Socio Urb. integrales participativos. Coord. Grupo FOC-HAB, Fortalecimiento Capacidades en hábitat. HIC-AL. Coordinadora Diplomado Iberoameric. Diseño Participativo Sustentable del Hábitat. UNAM. México. Miembro de: HIC - SELVIPH-CYTED - ELAC. (Córdoba, Argentina).

MARIANA TOSOLINI. Profesora y Licenciada en Ciencias de la Educación. UNC. Doctora en Estudios Sociales de América Latina, UNC. Docente/investigadora: UNC y UN de Chilecito. (Córdoba, Argentina).

MARCELO SBARRA. Arq,y Urb. Mg. y Dr. en Arquitectura y Urbanismo, UFRJ. (Rio de Janeiro Brasil),

MARTIN ZALAZAR. Arq.y Urb. Doctorando FAUD UM. Diplomado: Docencia Universitaria en Arquitectura y Urbanismo, U. Salamanca. Docente/ investig. FAAU-UC y FRM-UTN. Director: Grupo Hábitat y territorio transdisciplinar, FRM -UTN. Cons. Directivo Red ULACAV. (Mendoza, Argentina).

MAURICIO CONTRERAS. Arq. y Urb. FADU UBA. Maestrando en Políticas Sociales Urbanas, UNTREF. Especialista en Hábitat y Pobreza Urbana en América Latina, FADU UBA. Prof. Adjunto en el Taller Libre de Proyecto Social. (Buenos Aires, Argentina).

MÓNICA MARTINEZ. Arq. y Urb. Mg. Dra. UPC (Universidad Politécnica de Cataluña)-UNC. Secretaria de Investigación FAUD UNC – Prof. titular, Urbanismo 1A. Prof. asistente . Urbanismo II. Direct.de Proyecto de Investig.: Prog. de Incentivos categ.2.Asesora: Unidad Técnica del CPUA de Villa Carlos Paz. (Córdoba, Argentina).

PABLO SCHARGRODSKY. Arq. y Urb. FAU UFF. Maestrando. CAU UNIGRANRIO. (Rio de Janeiro, Brasil).

PASCAL MACHADO. Arq. y Urb. Mg. PPGAU/UFRN. Architecte DPLG. - ENSAPBordeaux, França. Coord. LABMAQ, Lab. de Maquetas y Prototipos, Prof. CAU UFPE. Colab. CIAPA/UFPE - Misión humanitaria en Abkhazia (Georgia/antigua URSS). Participó en GERAH /UFRN, construcción de hábitat rural en proceso de multirones. (Pernambuco, Brasil).

PATRICIO MULLINS. Arq. y Urb. Prof. Titular: Arq. A 3A, Arq. A 6C, Tesis y TDcoop, FAU UNC. Prof. Invitado: Maestría FAUD UNC y Diplomado UNAM, México / UNC. Director: Proyectos de Extensión. Actividades en Programas de colaboración: municipios y org. sociales. Avalados: SAA y SE / FAUD- SEU UNC. (Córdoba, Argentina).

PAULA BOLDRINI. Arq. y Urb. FAU UNT. Dra: Ciencias Sociales, FFL UNT. Mg. en Psicología Social, UNT. Investigadora Adjunta CONICET. Docente FAU UNT y Maestría en Psicología. Social. Directora del Programa de Mejora Participativa del Hábitat , STAN CONICET. (Tucumán, Argentina).

RICARDO DE SÁRRAGA, Arq.e Urb. FADU UBA. Dr. en Antropología Social, FFyL UBA. Esp. Educación Superior, UNSE. Profesor adjunto CIHaM, C. de Investigación Hábitat y Municipio. Director Proyectos de Investigación, FADU UBA. Miembro: Red ULACAV. (Buenos Aires, Argentina).

SELENE LAGUNA GALINDO. Arq. y Urb. Mg. en Diseño: Universidad Autónoma Metropolitana UAM. Estudios de Pedagogía: FFyL UNAM. Prof.: Departamento de Investigación y Conocimiento del Diseño. UAM. Miembro: Brigada Académica Interdisciplinaria BAI. (México).

SILVIA ALICIA MARTINEZ. Profesora de Ciencias de la Educación, ISFD19, Mar del Plata, Arg. Mg. y Dra. en Educación, PUC RJ. Profesora Asociada: Universidad Estatal Norte Fluminense Darcy Ribeiro. (Rio de Janeiro. Brasil).

SIMONE ROCHA de ABREU. Licenciada en Bellas Artes. Dra.PROLAM USP. Postdoct. en Artes, IA UNESP. Profesora: Facultad de Artes, Letras y Comunicación. Universidad Federal de Mato Grosso do Sul. (Mato Grosso do Sul, Brasil).

THAIS CRISTINA SILVA DE SOUZA. Arq. y Urb. UNINOVE. Dra. y Mg. FAU USP. Pos graduación: Restauración de Patrimonio Histórico, UNICSUL. Prof.: Instituto Federal de Ciencias y Tecnología de SP, IFSP. Líder del grupo de investigación NEPIM. (San Pablo, Brasil).

VIVIANE MANZIONE RUBIO. Arq. y Urb. Mg. y Dra. FAU Mackenzie. Prof. y Coordinadora Adjunto FAU Mackenzie. Entre otros, integró la Secretaría de Vivienda y Desarrollo urbano, Osasco y fue Secretaria de Vivienda, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. (San Pablo, Brasil).

WILSON RIBEIRO DOS SANTOS Jr. Arq. y Urb. Dr. FAU USP. Prof.. Posgrado permanente en Arquitectura y Urbanismo (POSURB - ARQ) y FAU PUC - Campinas. Coordinador del Área de Arquitectura, Urbanismo y Diseño de CAPES / MEC. (Campinas, Brasil).

COMITÉ DE HONOR:

DELIA RAQUEL AMALIA KING. Arq. y Urb. Docente FAU UNC

JUAN HIPOLITO TARTER. Arq. y Urb. Egresado de Taller Total, FAU UNC. (Córdoba, Argentina).

MARIO FORNÉ. Arq. y Urb. Prof. Emérito, FAUD UNC. (Córdoba, Argentina)

RICARDO EMILIO VETERI. Arq. y Urb. FAU UNC. Prof. FAU UNC. Taller Total, junto con otros profesores. Fue Secretario Académico. Estuvo a cargo del Decanato. Fue presidente del Colegio de Arquitectos de SS de Jujuy. (Jujuy, Argentina).

CREACIÓN y DESARROLLO de la página Web, PROYECTO GRÁFICO y DIAGRAMACIÓN del libro:

ANDREA PRONSATO. Diseñadora Gráfica. (Vila Nova de Gaia, Portugal).

COORDINACIÓN DEL EQUIPO DE APOYO:

MICAELA DE HERNÁNDEZ. Estudiante de la Facultad de Ciencias Sociales de la UNC. (Córdoba, Argentina)

ORGANIZAÇÃO

COMITÊ PELOS 50 ANOS DO TALLER TOTAL:

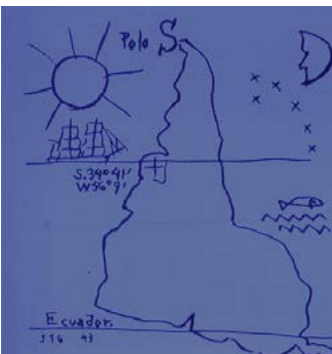
ARQUIMEDES FEDERICO. Arq. e Urb. Foi docente/Coordenador do Taller Total FAU UNC. (Córdoba, Argentina).

CARLOS LOPEZ. Arq. e Urb. Universidade de Genebra. Foi estudante do Taller Total e membro da Coordenadora do Taller Total FAU UNC. Mestre em Urbanismo: Ecole Polytechnique Fédérale Lausana. (Genebra, Suíça).

JUAN H. CIAMPOLI. Arq. e Urb. Graduado Taller Total, FAU UNC-1972. (Córdoba, Argentina).

NORA LAMFRI. Professora em Educação. Mestre UNC. Docente Investigadora FFyH UNC. (Córdoba, Argentina).

SYLVIA ADRIANA DOBRY. Arq. e Urb. Foi docente do Taller Total. Mestre e Dra. FAU USP. Investigadora: Grupo de Estudos MALOCA, UNILA, em Foz do Iguaçu e LABPARQ - FAU USP, (São Paulo, Brasil).



América Invertida, 1943.
Joaquim Torres Garcia,
Montevideo, Uruguay

COMISSÃO ORGANIZADORA E CIENTÍFICA:

ALEJANDRA M. CASTRO. Licenciada e professora em Ciências da Educação, FFyH, UNC.

Docente e pesquisadora, Centro de Investigações María Saleme de Burnichón, FFyH, UNC. Mestre, CEA, UNC. Dra. em Ciências da Educação, FFyH, UNC. (Córdoba, Argentina).

ANA MARIA FALÚ. Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas. Centro Científico Tecnológico Conicet . Universidade Nacional de Córdoba. Faculdade de Arquitectura, Urbanismo e Desenho. Instituto de Investigação da Vivenda, FAUD UNC. (Córdoba, Argentina).

ANGÉLICA APARECIDA TANUS BENATTI ALVIM. Arq. e Urb. Mestre e Doutora FAU USP. Professora de graduação e pós-graduação na FAU Mackenzie, exerce o cargo de Diretora. Foi, entre outros, Coordenadora de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU Mackenzie e Presidente da ANPARQ. (São Paulo, Brasil).

ANTONIO BUSNARDO FILHO. Arq. e Urb. Dr. e Mestre em Educação - FE USP. Prof. Titular do Mestrado Acadêmico em Arquitetura e Urbanismo - Centro Universitário de Várzea Grande – MT UNIVAG MT. (Mato Grosso, Brasil).

BEATRIZ H. PEDRO. Arq. e Urb. Mestre UNLA. Doutoranda UBA. Prof. Titular. Taller Livre de Projeto Social; Conhecimento Projetual, Estruturas; ex-Secretária de Extensão FADU-UBA. Pesquisadora UBACYT. Secretária Geral da RED ULACAV. (Buenos Aires, Argentina).

CAIO BOUCINHAS. Arq. e Urb. Dr. FAU USP. Foi professor em diversas faculdades de Arquitetura e Urbanismo. Pesquisador. (São Paulo, Brasil).

CARLOS PALACIOS. Arq e Urb. FAU UNC .Prof. TALLER TOTAL, sub-área: desenho, campo de conoc. Morfología. Prof. Assoc. Extraord. Univers. Morón, Fac. de Engenharia, cadeira Urbanismo e outras. Prof. Titular Esc.Téc. Pvcia. Bs.As. Capacit. Docente e direct. nível médio e sup. (Córdoba, Argentina).

CATHARINA PINHEIRO CORDEIRO DOS SANTOS. Arq. e Urb. Prof. Dra. FAU USP, Pesquisadora LABPARC/FAU USP. Editora da revista Paisagem e Ambiente. (São Paulo, Brasil).

DÉBORA SANCHES. Arq. e Urb. Mestre, IPT USP. Dra. FAU Mackenzie. Prof. do Mestrado Profissional em Arq. e Urb. e Design, Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e Prof. FAU Mackenzie. Entre outros, colaboradora no Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos. (São Paulo, Brasil).

DENISE FALCÃO PESSOA. Arq. e Urb. Dra. FAU USP. Prof. Dra. Curso de Arquitetura e Urbanismo e Mestrado Profissional em Arquitetura e Urbanismo e Design - Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. (São Paulo, Brasil).

EDUARDO OSCAR LASTRA. Arq. e Urb. FAUD UNR. Foi estudante do Taller Total - FAU UNC. Co-fundador e Integrante Equipo de Projeto Moba, e Estudio 4L Arquitetura. Autor do Sistema Construtivo PRE-MOLD. Execução de Vivendas de Interesse Social. (Buenos Aires, Argentina).

ELAINE MORAES DE ALBUQUERQUE. Arq. e Urb. Doutora - FAUUSP. Pesquisadora LABPARC/FAU. Efetiva do SEMASA - Serv. Mun. Saneamento Ambiental de Santo André, atuando na Secretária de Cultura da Prefeitura de Santo André. (São Paulo, Brasil).

FABIANO ROCHA DINIZ. Arq. e Urb. DAU. Mestre, MDU, Dr. Univ. Paris III - Sorbonne Nouvelle. Prof. CAU UFPE. Pesquisador e extensionista: Núcleo Recife do Observatório das Metrópoles e Comunidade interdisciplinar de Açã, Pesquisa e Aprendizagem. (Pernambuco, Brasil).

FRANCISCO SEGNINI JUNIOR. Arq. e Urb. Prof. Dr. Livre docente USP. Integrante dos Grupos de pesquisa: Processo de produção da Arquitetura e Urbanismo e Trabalho e Formação do Arquiteto no contexto da mundialização. (São Paulo, Brasil).

F. POMPEYO RAMOS - MARRAU: Arq. e Urb. FAUD-UNC. (Taller Total). Planejador territorial, Urbanista pela Universidade de Aachen, Alemanha. Coordenador da Reconstrução de Kosovo na zona sudeste, 1999 – 2001. Assessor Externo de Governos Municipais e estaduais.

GEORGINA SANDOVAL. Arq. UNAM; Mestre (UAM-A) e Dra. em urbanismo, UNAM. Prof. Titular "C"; Dep. de Investigación para o Desenho, Divisão de Ciências e Artes, UAM-A; prof. de Teoria da Arquitetura e Ateliê de Desenho Arquitetônico. Integrante de "Casa y Ciudad A.C." (México).

JOSÉ SONEIRA. Arq. e Urb. FAUD UNC. Representante estudantil da Coordenadora Taller Total. Especialização: Preservação do Patrimônio Arquitetônico UCC. Professor titular e membro do I Conselho Diretivo FAUD UNC; Trabalhou no Instituto Provincial da Vivienda. (Córdoba, Argentina).

LIANA PAULA PEREZ DE OLIVEIRA. Arq. e Urb. FAU Mackenzie. Mestre e Dra. FAU USP, Prof. Universidade Ibirapuera e UNIP SANTOS. Vice-presidente do Sindicato dos Arquitetos de São Paulo – SASP. Conselheira suplente: CAU SP. (São Paulo, Brasil).

LILIANA ABRATE. Prof. e Licenciada em Cs. da Educação, FFyH UNC y Mg. em Cs. Sociales, UNC. Prof. titular: cátedra de Pedagogia da Escola de Cs. da Educação, UNC. Diretora Geral de Educação Superior do Ministério de Educação da Província de Córdoba. (Argentina).

LILIANA Rolfsen Petrilli SEGNINI. Doutora em Sociologia do Trabalho, Professora e pesquisadora FE/IFCH/ UNICAMP. (Campinas, Brasil).

LUCIMEIRE PESSOA. Arq. e Urb. Mestre. e Doutoranda em Arquitetura e urbanismo, FAU USP. (São Paulo, Brasil).

LUCAS FEHR. Arq. e Urb. Mestre e Doutor FAU USP. Professor na graduação da FAU Mackenzie e Coordenador. Também coordenou o Mosaico - Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo. Arquiteto sócio do Estúdio América de Arquitetura. (São Paulo, Brasil).

MARÍA DE LOURDES GARCÍA VÁZQUEZ. Arq. e Urb. Pós-graduação e Prof. FAU UNAM. Coordenadora do Laboratório Hábitat Social: participação e gênero, LAHAS. Integrante, entre outras, de: Red Latinoamericana Mujer y Hábitat de HIC - Coalición Internacional del Hábitat, e Red.ULACAV. (México).

MARIA ELENA SAMEZ. Advogada.UNC. Especialização em Docência Superior. Universidad Nacional de Jujuy; UNJU, (Jujuy, Argentina).

MARÍA JOSÉ VILLA. Dra. em Comunicação Social FCC, UNC, (Córdoba, Argentina).

MARÍA SABINA URIBARREN. Arq. e Urb. FAUD UNC. Dra. FAU USP. Professora: UNIP (São Paulo, Brasil).

MARIANA ENET. Arq y Mg. Urb. FAUD UNC. Assessora: Políticas e Programas Socio Urb. integrals participativos. Coord. Grupo FOC-HAB, Fortalecimiento Capacidades em hábitat. HIC AL. Coordenadora Diplomado Iberoameric. Desenho Participativo Sustentável do Habitat. UNAM. México. Membro de: HIC-SELVIPH-CYTED-ELAC. (Córdoba, Argentina).

MARIANA TOSOLINI. Prof. Licenciada em Ciências da Educação UNC. Dra. em Estudos Sociais de América Latina, UNC. Docente/pesquisadora na UNC e UN de Chilecito. (Córdoba, Argentina).

MARCELO SBARRA. Arq. e Urb. Mestre e Doutor em Arquitetura e Urbanismo. UFRJ. (Rio de Janeiro, Brasil).

MARTIN ZALAZAR. Arq. e Urb. FAUD UM. Diplomado em docência Universitária em Arquitetura e Urbanismo (U Salamanca). Docente/Pesquisador FAAU-UC e FRM UTN. Diretor grupo Habitat e território transdisciplinar, FRM UTN. Conselheiro Diretivo Red ULACAV. (Mendoza, Argentina).

MAURICIO CONTRERAS. Arq. e Urb. FADU UBA. Mestrando em Políticas Sociais urbanas, UNTREF. Especialista em Habitat e Pobreza Urbana em America Latina, FADU UBA, Professor Adjunto no Taller Livre de Projeto Social - FADU UBA. (Buenos Aires, Argentina).

MÓNICA MARTINEZ. Arq. e Urb. Mestre. Dra. UPC (Universidade Politécnica de Cataluña)-UNC. Secretaria de Investigación FAUD- UNC- Prof. titular, Urbanismo 1A. Prof. assistente, Urbanismo II. Direct. de Projeto de Investig.: Prog. de Incentivos categ.2. Assessora: Unidade Técnica –CPUA de Villa Carlos Paz. (Córdoba, Argentina).

PABLO SCHARGRODSKY. Arq. e Urb., FAU UFF. Mestrando. CAU UNIGRANRIO. (Rio de Janeiro, Brasil).

PASCAL MACHADO. Arq. e Urb. Mestre PPGAU/UFRN. Architecte DPLG. - ENSAPBordeaux, França. Coord. LABMAQ, Lab. de Maquetes e Prototipagem, Prof. CAU UFPE. Colab. CIAPA/UFPE - Missão humanitária na Abkhazia (Georgia/antiga URSS). Participou no GERAH /UFRN, construção de habitat rural em processo de mutirão. (Pernambuco, Brasil).

PATRICIO MULLINS. Arq. e Urb. Prof. FAU UNC, Maestría: Gestão e Desenv. Habitacional e Desenho Arquitet. Urbano/MDAU FAUDUNC e Diplomado Ibero americano - Desenho participativo sustentável do Hábitat/UNAM, México / UNC. Pesquisador e Diretor: P. de Extensão, FAUD e EU/UNC. (Córdoba, Argentina).

PAULA BOLDRINI. Arq. y Urb. FAU UNT. Dra. em Ciências Sociais, FFL UNT, Mestre em Psicologia Social, UNT. Pesquisadora Adjunta do CONICET. Docente FAU UNT e do Mestrado em Psicologia Social. Diretora do Programa de Melhora Participativa do Hábitat , STAN CONICET. (Tucumán, Argentina).

RICARDO DE SÁRRAGA, Arq.e Urb. FADU UBA. Dr. em Antropologia Social, FFyL UBA. Esp. em docência Nível Superior, UNSE. Professor adjunto CIHaM, C. de Invest. Habitat e Município e Diretor de Projetos de Investigación, FADU UBA. Membro Rede ULACAV. Exp. Em comunidades vulneráveis. (Buenos Aires, Argentina).

SELENE LAGUNA GALINDO, Arq. e Urb. Mestre em Desenho: Universidade Autônoma Metropolitana, UAM. Estudos de Pedagogia: FFyL UNAM. Professora: Departamento de Investigación e Conhecimento do Desenho UAM. Forma parte do equipo de trabalho Brigada Acadêmica Interdisciplinar, BAI. (México).

SILVIA ALICIA MARTINEZ. Professora em Ciências de la Educación, ISFD19, Mar del Plata, Argentina. Mestre e Dra. em Educação, PUC Rio de Janeiro. Professora Associada da Universidade estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. (Rio de Janeiro, Brasil).

SIMONE ROCHA de ABREU. Bacharel em Artes Plásticas. Dra. pelo PROLAM USP. Pós doutora em Artes pelo Instituto de Artes da UNESP. Professora da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. (Brasil).

THAIS CRISTINA SILVA DE SOUZA. Arq.e Urb. UNINOVE. Dra. e Mestre, FAU USP. Pós graduação em Restauração de Patrimônio Histórico, UNICSUL. Docente: Inst. Federal de Ciências e Tecnologia de SP, IFSP. Líder do grupo de pesquisa: NEPIM. (São Paulo, Brasil).

VIVIANE MANZIONE RUBIO. Arq. e Urb. Dra. e Mestre FAU Mackenzie. Professora e Coordenadora Adjunta na mesma instituição. Entre outros, integrou a equipe da Secretária de Habitação e Desenvolvimento Urbano de Osasco e Secretária Adjunta de Habitação em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. (São Paulo, Brasil).

WILSON RIBEIRO DOS SANTOS Jr. Arq. e Urb. Dr. FAU USP. Prof. permanente do Programa de Pós-graduação em Arq. e Urb. (POSURB – ARQ) e da FAU PUC - Campinas. Coord. da Área de Arquitetura, Urbanismo e Design da CAPES/MEC. (Campinas, Brasil).

COMITÊ DE HONOR:

DELIA RAQUEL AMALIA KING. Arq. e Urb. Docente FAU UNC

JUAN HIPOLITO TARTER. Arq. e Urb. Graduado no Taller Total, FAU UNC. (Córdoba, Argentina).

MARIO FORNÉ. Arq. e Urb. Prof. Emérito, FAUD UNC. (Córdoba, Argentina)

RICARDO EMILIO VETERI. Arq. e Urb. FAU UNC. Docente FAU UNC. Organizador, junto a outros docentes, do Taller Total. Foi Secretário Acadêmico e a cargo do Decanato. Foi Presidente do Colégio de Arquitetos do S.S de Jujuy.

CRIAÇÃO e DESENVOLVIMENTO do Website, PROJETO GÁFICO e DIAGRAMAÇÃO do Livro:

ANDREA PRONSATO. Designer Gráfica. (Vila Nova de Gaia, Portugal).

COORDENAÇÃO DA EQUIPE DE APOIO:

MICAELA DE HERNÁNDEZ. Estudante da Faculdade de Ciências Sociais da UNC. (Córdoba, Argentina)

PRÓLOGO

En la Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño de la Universidad Nacional de Córdoba, como Secretaría de Investigación 2017-2021, con orgullo presento este libro que compila el **5º Encuentro Internacional: La formación universitaria y la dimensión social del profesional. Hábitat, ciudadanía y participación. 2020-2021 a 50 años del Taller Total.**

Resultado del esfuerzo sostenido de dos reconocidas y queridas profesoras, la Dra. Arq. Sylvia A. Dobry y la Mgter. Prof. Nora Z. Lanfri, quienes forman parte de la comisión organizadora y científica de este evento, y de sus hijas, colaboradoras desinteresadas, Andrea Pronsato y Micaela de Hernández. El trabajo mancomunado de estas cuatro mujeres hace posible la presentación de esta basta y riquísima producción.

El libro se ordena en tres ejes que discurren sobre los temas centrales del Taller Total, tan vigentes cuando se gestaron y tan necesarios en nuestro tiempo actual: hábitat, participación y construcción de ciudadanía; la formación del profesional y su compromiso con los problemas de la región, el rol del estudiante en su formación profesional y ciudadana.

Cabe preguntarnos ¿Cuáles son los valores que hacen del Taller Total una experiencia transitada que se revisa a sí misma, se retroalimenta y se proyecta hacia el futuro? ¿Cuántas otras experiencias pedagógicas, actividades de extensión universitaria, de ésta y otras facultades de arquitectura se ven reflejadas en estos valores?

La construcción pedagógica del trabajo del Taller Total, la relación fortalecida docentes- alumnos, la enseñanza interdisciplinar, el compromiso social con los temas de época, son valores que trascienden y se proyectan hasta nuestros días. La cantidad de artículos y autores de las más de cincuenta ponencias que se presentan en esta compilación, recrean estos valores en distintos ámbitos académicos y experiencias con la sociedad.

Durante el ciclo académico 2020/2021, la mayor parte de las universidades del mundo, por la situación de pandemia, debieron migrar a formato virtual. Nuestra Facultad se adaptó transformando los espacios de taller presenciales en aulas virtuales. Así como el Taller Total fue un momento de fuerte reflexión y una oportunidad de transformación de los procesos pedagógicos y vínculos universidad-sociedad, así también este nuevo escenario nos plantea un fuerte desafío: trabajar sobre las oportunidades que nos dará en el futuro una enseñanza mixturada — presencial y virtual— que fortalezca la relación con el medio social, profesional y productivo.

Transitemos la esperanza...*Que podemos ser mejores de lo que somos como sociedad y que para serlo es necesario apoyarnos en la comunidad, la creación colectiva, el conocimiento y la ciencia. La universidad es la institución que mejor reúne esos valores.*¹

Dra. Arq. Mónica Martínez

Secretaria de Investigación FAUD-UNC

¹ Kuklinski, H. P., & Cobo, C. (2020 p.74). *Expandir la universidad más allá de la enseñanza remota de emergencia. Ideas hacia un modelo híbrido post-pandemia.*

PREFÁCIO

Na Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Desenho da Universidade Nacional de Córdoba, como Secretária de Investigación 2017-2021, com orgulho apresento este livro que compila o **5º Encontro Internacional : A formação Universitária e a dimensão social do profissional. Habitat, Cidadania e Participação. 2020-2021 à 50 anos do Taller Total.**

Resultado do esforço constante de duas reconhecidas e queridas professoras, a Dra Arq. Sylvia A. Dobry e a Ma.Prof. Nora Z. Lanfri, que formam parte da comissão organizadora e científica deste evento, e de suas filhas, generosas colaboradoras ,Andrea Pronsato y Micaela de Hernández. O trabalho articulado destas quatro mulheres fez possível a apresentação desta vasta e riquíssima produção.

O livro se ordena em três eixos que discorrem sobre os temas centrais do Taller Total, tão vigentes como quando se gestaram e tão necessários em nosso tempo atual: hábitat, participação e construção de cidadania; a formação do profissional e seu compromisso com os problemas da região, o papel do estudante em sua formação profissional e cidadã.

Cabe nos perguntarmos: quais são os valores que fazem do Taller Total uma experiência transitada que se revisa a si mesma, se retroalimenta e se projeta para o futuro? , quantas outras experiências pedagógicas, atividades de extensão universitária, desta e outras faculdades de arquitetura se vêm refletidas nestes valores?

A construção pedagógica do trabalho do Taller Total, a relação fortalecida docentes- alunos, o ensino interdisciplinar, o compromisso social com os temas da época, são valores que transcendem e se projetam até os nossos dias. Os mais de cinquenta artigos de autores que se apresentam nesta compilação, recriam estes valores em diferentes âmbitos acadêmicos e experiências com a sociedade.

Durante o ciclo acadêmico 2020/2021, a maior parte das universidades do mundo, pela situação de pandemia, precisou migrar ao formato virtual. Nossa Faculdade se adaptou transformando os espaços de ateliers presenciais em aulas virtuais. Assim como o Taller Total foi um momento de forte reflexão e uma oportunidade de transformação dos processos pedagógicos e vínculos universidade-sociedade, assim também este novo cenário nos coloca um forte desafio: trabalhar sobre as oportunidades que nos dará no futuro um ensino misto —presencial e virtual— que fortaleça a relação com o meio social, profissional e produtivo.

Transitemos a esperança...*“Que podemos ser melhores do que somos como sociedade e que para o ser é necessário nos apoiarmos na comunidade, a criação coletiva, o conhecimento e a ciência. A universidade é a instituição que melhor reúne esses valores”*.²

Dra. Arq. Mónica Martínez

Secretaria de Investigación FAUD-UNC

² Kuklinski, H. P., & Cobo, C. (2021, p. 74). *Expandir la universidad más allá de la enseñanza remota de emergencia. Ideas hacia un modelo híbrido post-pandemia.*

TALLER TOTAL (español)

El Taller Total de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Nacional de Córdoba, Argentina ha sido objeto de reflexión y debate, desde 2015, en los Encuentros Internacionales, "LA FORMACIÓN UNIVERSITARIA y LA DIMENSIÓN SOCIAL DEL PROFESIONAL", realizados en Córdoba, Argentina, y también en los Seminarios Internacionales "LA DIMENSIÓN SOCIAL DE LA FORMACIÓN PROFESIONAL", realizados en San Pablo, Brasil.

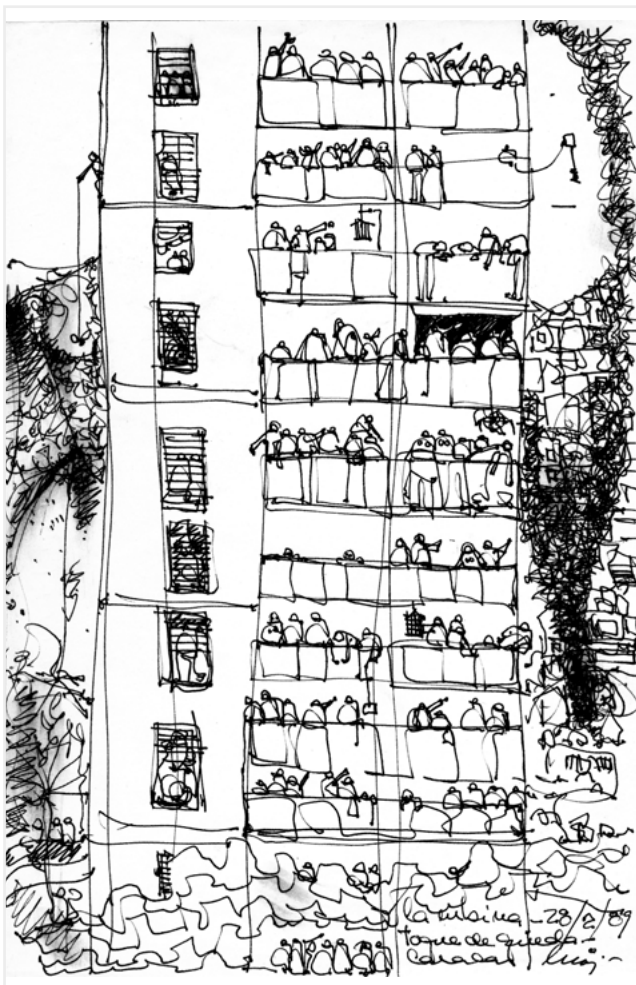


Ilustración "Toma de la FAU UNC" de Luis Coccato (Coordinador estudiantil y docente del Taller Total).

Fue desarrollado entre los años 1970 y 1975 – aunque su génesis se ubica en la década anterior – y consistió en la incorporación de todos los estudiantes y profesores de la facultad en la construcción de una propuesta interdisciplinaria y con un currículo innovador. Fue desarrollado a partir de tres premisas fundamentales:

- La Arquitectura es una profesión de carácter prioritariamente social.
- Su enseñanza debe partir del análisis de la sociedad y sus necesidades.
- Su gestión debe ser democrática y participativa.

Fue definido en el Plan de Estudios, como "un cuerpo único [...], no jerárquico, que incorpora a sus integrantes, docentes y alumnos, diferenciados en roles, en una estructura de equipos como partes dinámicas de un todo".¹ Fueron sus objetivos centrales "motivar y desarrollar la capacidad creadora de los alumnos sobre el entorno total e instrumentarlos en la resolución de los requerimientos físicos que el mismo plantea, entendiendo su quehacer como parte de la actitud comprometida del arquitecto frente al proceso de cambio [...]" "Replantear críticamente el rol del arquitecto, la concepción de la Arquitectura que lo determina y su enseñanza aquí y ahora, ha impulsado a docentes y alumnos de la Facultad de

Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Nacional de Córdoba, a asumirse como actores de un proceso que lleve a comprender la Arquitectura como práctica social, generada en la sociedad, interpretada interdisciplinariamente, asumida y resuelta por el Arquitecto, y donde el USUARIO es su destinatario, continuador y hacedor en comunidad del producto: el hábitat humano."²

1 FACULTAD DE ARQUITECTURA Y URBANISMO (1970): TALLER TOTAL. Docentes y Alumnos. F.A.U., U.N.C.; Córdoba. Pág. 1.

2 FACULTAD DE ARQUITECTURA Y URBANISMO: Taller Total. Plan de Estudios. F.A.U.; U.N.C.; Córdoba; 1971. Pág. 3 y ss. (conocido como LIBRO MOSTAZA)

Considerado pionero, el Taller Total fue objeto de debate y referencia junto a otras experiencias con premisas similares, en toda América Latina. Libros, tesis, vídeos documentales, etc., ya fueron realizados sobre esta experiencia, lo que facilita su presentación y debate.



"Paulo Freire y America Latina"
Acuarela en papel de algodón.
Autora: Jennifer Pereira, 2020.
Colección de Jean Castro

El Taller Total participó de la búsqueda realizada en muchas universidades de América Latina de alternativas pedagógicas evaluadas como pioneras, insertas en un clima de agitación social, efervescencia cultural y expectativas políticas de mudanzas estructurales. En esos años y con propósito de remover situaciones cristalizadas en la tradición universitaria en diversas áreas de conocimiento, se implementaron en varios países diversos proyectos pedagógicos universitarios. Se ofreció un fértil campo de debates, intercambios e inter-influencias posibilitados por eventos académicos-profesionales, publicaciones, viajes y también los exilios, que contribuyeron a la circulación de ideas. Por ejemplo, Paulo Freire, se exiló en Chile, donde escribió "Pedagogía del oprimido" en 1968, y fue también impreso por la Dirección de Publicaciones de la FAU UNC durante la vigencia del Taller Total.

Se destacan, entre otras, en Brasil, la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de São José dos Campos, primeramente conocida como IPC - Instituto de Proyecto y Comunicación - FAU SJC, experiencia también realizada entre 1970 y 1975; la reforma de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de São Paulo- FAU USP y la experiencia de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de Brasilia - FAU UnB, el Laboratorio del Centro Universitario Belas Artes de San Pablo, el curso de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de Taubaté- Unitau, que fueron productos de este fértil dialogo y tuvieron inter-influencias directas o indirectas. Paulo Bastos y Sylvio Sawaya, entre otros, divulgaron el Taller Total en Brasil, en los años 1970. Durante un viaje a Córdoba, en 1971, Miguel Pereira, que desempeñó la dirección de la FAU-UnB entre 1968 y 1976, tuvo contacto con el Taller Total, y junto con estudiantes y profesores, desarrolló la idea en la UnB.



*Retrato de Maria Saleme de
Burnichon*
Autor: Sylvia A. Dobry

También en México, se establecieron relaciones de inter-influencia tanto con el Autogobierno, en la UNAM, iniciado en 1972, como con la UAM en Xochimilco. Varios referentes del Taller Total se exilaron en México, como Elsa Tania Larrauri, que en 1976, a partir de su experiencia en el Taller Total, participó activamente en el Sistema Modular, (iniciado en 1974), en la UAM/ Xochimilco, y un auditorio de esta universidad recibió su nombre en su homenaje. También María Saleme de Burnichon, quien coordinó el Equipo de Pedagogía del Taller Total, se exiló en México.

Esos procesos de enseñanza innovadores, considerados como pioneros, participaron del debate latino-americano y mundial sobre la enseñanza de Arquitectura y Urbanismo. Muchas veces en contextos fuertemente autoritarios y en un escenario mundial signado por la guerra fría, hubo particular interés en que estas experiencias aparecieran en la conciencia de sus integrantes como aisladas, por lo que, en la actualidad, es imperioso demostrar sus vínculos.



Retrato de Ernesto Ronaldo LOWE
Fue estudiante del Taller Total
de la FAU UNC. Desaparecido
en el 21 de octubre de 1976.
Autor: Victor S. Barrionuevo

Con sus características particulares, cada caso contiene la búsqueda de un hábitat ampliado o una relación cognitiva con los lugares, posibilitando su comprensión al entender que habitar es pertenecer a un lugar y no sólo poseer una casa. El desarrollo en los países de América Latina obedece a un proceso desigual e combinado, donde conviven formas avanzadas y arcaicas de producción. Esto se revela en las formas de producción de la Arquitectura y el Urbanismo, y del paisaje, que a veces se sustentan en el „ejército de reserva“, sin calificación técnica, y a veces utilizando el más elevado nivel de tecnología. Por esto, la enseñanza de Arquitectura y Urbanismo debe atender a esta demanda compleja con elevado grado de profundidad, flexibilidad y amplitud.

En el Taller Total se entendió, de forma innovadora, que las maneras de construir el conocimiento arquitectónico y urbanístico exigen la interdisciplinaridad y la construcción conjunta del conocimiento. Es indispensable, en la compleja realidad a ser atendida, comprender el sentido profundo de las interrogantes: para quién, qué, cómo, por qué, para qué, con quién enseñar y aprender.



Dibujo de Raúl Horacio Trigo.
Estudiante de Arq. (FAU-
UNC) desaparecido el 23 de
junio de 1976 en la lucha
contra la dictadura. (Rodolfo
Novillo et al, Arquitectos
que no fueron, 2008).



En la puerta de la FAU/ marzo/72
(Ciclo 71/72). Un sábado a la mañana
antes de ir a una tarea en terrenos
de la Cooperativa "El Huanquero"
Taller de los profs. Elsa Tania Larrauri
y Cacho Forné, entre otros.

TALLER TOTAL (português)

O Taller Total da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Nacional de Córdoba, Argentina foi objeto de reflexão e debate, desde 2015, nos Encontros Internacionais “A FORMAÇÃO UNIVERSITARIA e A DIMENSÃO SOCIAL DO PROFISSIONAL”, realizados em Córdoba, Argentina, e também nos Seminários Internacionais “A DIMENSÃO SOCIAL DA FORMACÃO PROFISSIONAL”, realizados em São Paulo, Brasil.

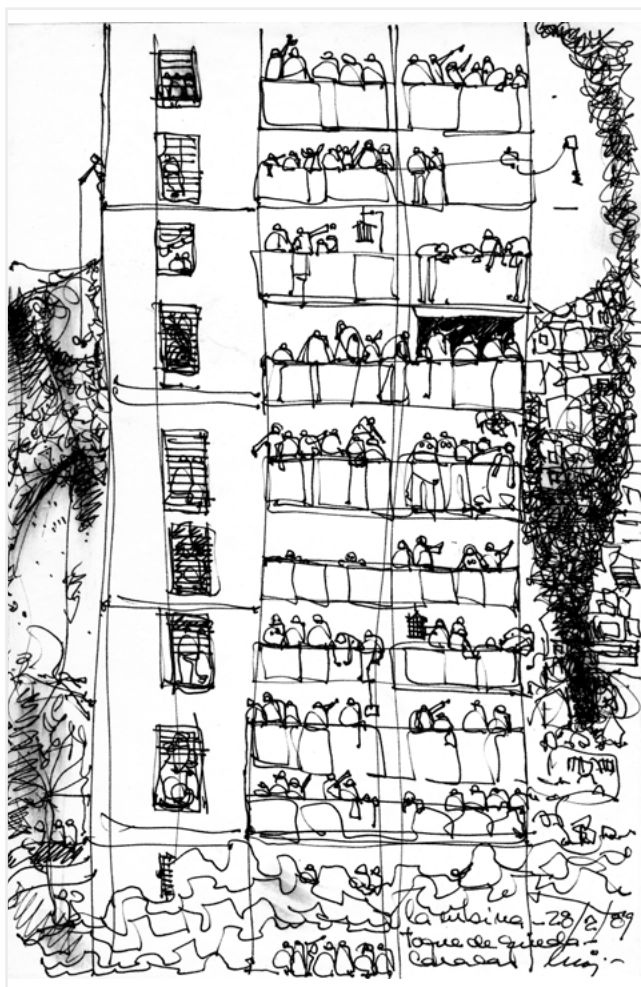


Ilustração “Ocupação da FAU UNC” de Luis Coccato (Coordenador estudantil e docente do Taller total)

Vigorou entre os anos 1970 y 1975 – ainda que sua gênese remonta aos anos 1960 – e consistiu na incorporação de todos os estudantes e professores da faculdade na construção de uma proposta interdisciplinar e com um currículo inovador. Foi desenvolvido a partir de três premissas fundamentais:

- A arquitetura é uma profissão de caráter prioritariamente social.
- Seu ensino deve partir da análise da sociedade e suas necessidades.
- Sua gestão deve ser democrática e participativa.

Foi definido, no Plano de Estudos, como “um corpo único [...], não hierárquico, que incorpora a seus integrantes, docentes e alunos, diferenciados em papéis, numa estrutura de equipes como partes dinâmicas de um todo”.¹ Foram seus objetivos centrais “motivar e desenvolver a capacidade criadora dos alunos sobre o entorno total e instrumentá-los na resolução dos requerimentos físicos que o mesmo coloca, entendendo seu trabalho como parte da atitude comprometida do arquiteto frente ao processo de cambio [...]” “a firme convicção da necessidade da redefinição crítica do papel do arquiteto, a concepção e a arquitetura que o determina e seu ensino aqui e agora, tem impulsionado docentes e alunos da

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Nacional de Córdoba a assumir-se como atores de um processo que possa levar a compreender a arquitetura como prática social, gerada na sociedade, interpretada interdisciplinarmente, assumida e resolvida pelo arquiteto e na qual o usuário é seu destinatário, continuador e realizador em comunidade do produto: o habitat humano”.²

1 FACULDADE DE ARQUITETURA e URBANISMO (1970): TALLER TOTAL. Docentes e Alunos. F.A.U., U.N.C. Córdoba; Pág. 1

2 FACULDADE DE ARQUITETURA e URBANISMO: Taller Total. Plano de Estudos. F.A.U.; U.N.C.; Córdoba 1971. Pág. 3 e ss. (conhecido como LIVRO MOSTARDA)

Considerado pioneiro, o Taller Total foi objeto de debate e referência junto a outras experiências com premissas similares em toda América Latina. Livros, teses, documentários em vídeo já foram realizados sobre essa experiência, o que facilita a sua apresentação e debate.



“Paulo Freire e América Latina”
Aquarela em papel de algodão.
Autora: Jennifer Pereira, 2020.
Acervo de Jean Castro

O Taller Total participou da busca de alternativas pedagógicas, avaliadas como pioneiras, e realizada por muitas universidades da América Latina, incluídas num clima de agitação social, efervescência cultural e expectativas políticas de mudanças estruturais. Nesses anos e com propósito de remover situações cristalizadas na tradição universitária em diferentes áreas do conhecimento, foram implementados, em vários países, diversos projetos pedagógicos universitários. Existiu um fértil campo de debates, intercâmbios e inter-influências, que foram possíveis graças a eventos acadêmico-profissionais, publicações, viagens e também aos exílios, que contribuíram com a circulação de idéias. Por exemplo, Paulo Freire, se exilou no Chile, onde escreveu “Pedagogia do oprimido” em 1968, que foi também impresso pela Direção de Publicações da FAU UNC durante a vigência do Taller Total.

Destacam-se, entre outras, no Brasil, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São José dos Campos, primeiramente conhecida como IPC - Instituto de Projeto e Comunicação – FAU SJC, experiência também realizada entre 1970 e 1975; a reforma da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAU USP e a experiência da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília - FAU UnB, o Laboratório do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, o curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Taubaté - Unitau, que foram produtos deste fértil dialogo e tiveram inter-influências diretas ou indiretas. Paulo Bastos e Sylvio Sawaya, entre outros, divulgaram o Taller Total no Brasil, nos anos 1970. Durante uma viagem a Córdoba, em 1971, Miguel Pereira, que desempenhou a direção da FAU-UnB entre 1968 e 1976, teve contato com o Taller Total, e junto com estudantes e professores, desenvolveu a ideia na UnB.



Retrato de Maria Saleme
de Burnichon.
Autor: Sylvia A. Dobry

Também em México, estabeleceram-se relações de inter-influência tanto com o Autogoverno, na UNAM, iniciado em 1972, como com a UAM em Xochimilco. Vários referentes do Taller Total exilaram-se no México, como Elsa Tania Larrauri, que em 1976, a partir de sua experiência no Taller Total, participou ativamente no Sistema Modular (iniciado em 1974), na UAM/ Xochimilco e, um auditório desta universidade recebeu seu nome em sua homenagem. Também María Saleme de Burnichon, quem coordenou a Equipe de Pedagogia do Taller Total, exilou-se em México.

Esses processos de ensino inovadores, considerados como pioneiros, participaram do debate latino-americano e mundial sobre o ensino de Arquitetura e Urbanismo. Muitas vezes em contextos fortemente autoritários e em um cenário mundial marcado pela guerra fria, existia particular interesse em que estas experiências aparecessem na consciência de seus integrantes como isoladas, pelo que, na atualidade, é imperioso demonstrar seus vínculos.



Retrato de Ernesto Ronaldo
LOWE. Foi estudante do Taller
Total da FAU UNC. Desaparecido
em 21 de outubro de 1976.
Autor: Victor S. Barrionuevo

Cada caso, com suas características próprias, contém a busca de um habitat ampliado ou uma relação cognitiva com os lugares, possibilitando sua apreensão ao entender que habitar não é só possuir uma casa, mas pertencer a um lugar. O desenvolvimento nos países latino-americanos, atende a um processo desigual e combinado, onde convivem formas avançadas e arcaicas de produção. Isso se revela nas formas de produção da arquitetura e urbanismo e da paisagem, que ora se apoiam no 'exército de reserva', sem qualificação técnica, ora utilizando o mais alto nível de tecnologia. Por isso o ensino de Arquitetura e Urbanismo deve atender a essa complexa demanda com alto grau de flexibilidade, abrangência e profundidade.

No Taller Total entendeu -se, de forma inovadora, que as maneiras de construir o conhecimento arquitetônico e urbanístico demandam a interdisciplinaridade e a construção conjunta do conhecimento. Na complexa realidade a ser atendida é imprescindível compreender o sentido profundo das interrogações: para quem, que, como, por que, para que, com quem ensinar e aprender.



Desenho de Raúl Horacio Trigo.
Estudante de Arq. (FAU-
UNC) desaparecido em 23
de junho de 1976 na luta
contra a ditadura. (Rodolfo
Novillo et al, Arquitectos
que njo fueron, 2008)



Na porta da FAU/ março/72 (Ciclo
71/72). Um sábado pela manhã antes
de irem a uma tarefa nos terrenos
da Cooperativa "El Huanquero"
Atelier dos profs. Elsa Tania Larrauri
e Cacho Forné, entre outros.

ENCUENTRO

El 5º Encuentro Internacional “La Formación Universitaria y la dimensión social del Profesional – 2020/2021” tiene como objeto continuar el camino emprendido desde el 1º Encuentro, avanzando en la reflexión, el debate y la recuperación de la memoria del TALLER TOTAL, experiencia que se desarrolló en la Facultad de Arquitectura y Urbanismo, de la Universidad Nacional de Córdoba, FAU-UNC, entre los años 1970 y 1975.



Considerando que sus postulados trascienden a toda la Universidad, abrimos este llamado a todas las áreas del conocimiento que puedan así enriquecer el debate, criterio que fue asumido ya desde el 1º Encuentro realizado en setiembre de 2015.

Así, se espera que se avance en la discusión acerca del rol social del profesional universitario y sus capacidades para analizar integralmente y aportar en la solución de los problemas sociales locales y regionales que la presente realidad nos está demandando.

Este 5º Encuentro se organiza en un contexto de excepción que nos impone la Pandemia de covid 19, cuyos efectos nos demandan esfuerzos de comprensión de esta realidad para buscar soluciones.

En esta oportunidad convocamos a presentar trabajos que profundicen el análisis de las líneas ya abordadas y estimulamos a nuevas aperturas acerca del devenir actual de las cuestiones trabajadas. Para ello, se redefinen los ejes temáticos de la convocatoria tratando de alcanzar ampliamente las problemáticas surgidas en los intercambios.

Fueron realizados, en Córdoba, Argentina, en 2015 y 2016, los I y II Encuentros Internacionales “La Formación Universitaria y la dimensión social del Profesional, (a 45 y 46 años del “Taller Total” en la FAU – UNC, 1970-1975) y en San Pablo, Brasil, en 2017 y 2018, el Seminario Internacional La dimensión social de la formación profesional, (a 47 y 48 años del “Taller Total” en la FAU – UNC, 1970-1975), este último realizado junto al I Fórum Integrado de la Zona de Amortecimiento del Parque Estadual da Serra da Cantareira.

Convocamos al 5º Encuentro Internacional “La Formación Universitaria y la dimensión social del Profesional – 2020/2021” (a 50 años del “Taller Total” en la FAU – UNC, 1970-1975)- a continuar en el camino emprendido, reunirnos nuevamente, de formas posibles acordes a realidad que estamos viviendo, compartiendo las producciones y enriqueciendo la discusión y el intercambio, abriendo a nuevas y fecundas líneas de acción.



Edificio de la FAU-UNC
y su entorno.
Autor: Sylvia A. Dobry,
1964. (Realizados para
la disciplina “Dibujo
a mano alzada”
ministrada por Raul
Ferreira Centeno).

Participación



Retrato de Rosa Dory Maureen KREIKER: Desaparecida el 27 de abril de 1976 en la lucha contra la dictadura. Ingresó en 1962 a la Facultad de Arquitectura y Urbanismo UNC, donde obtuvo el título de Arquitecta en 1972. (Rodolfo Novillo et al, Arquitectos que no fueron, 2008).

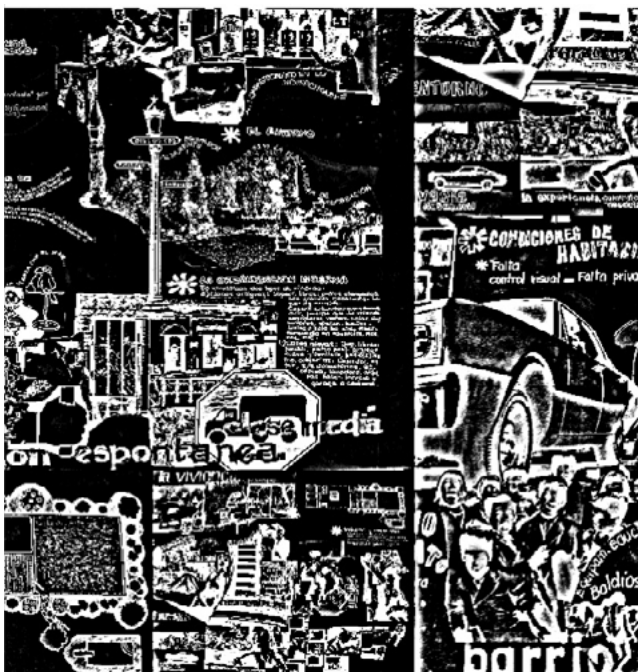
Debido al contexto de pandemia por el Covid-19, la modalidad de participación fue la de entrega de ponencias o artículos enviados para nuestro email.

Los trabajos fueron analizados por una Comisión Científica, por el sistema de pares ciegos, y los que se aceptaron componen este Libro del 5º Encuentro Internacional “La Formación Universitaria y la dimensión social del Profesional - 2020/2021”.

La realización de eventos y mesas online estará sujeta a las posibilidades que la realidad permita.

Para más informaciones, consulte la pagina web:

<http://tallertotal2021.wixsite.com/5encontro?lang=es>



Dibujo de Maria Amelia LESGART, estudiante de Arquitectura (FAU UNC) desaparecida el 27 de abril de 1976 en la lucha contra la dictadura. (Rodolfo Novillo et al, Arquitectos que no fueron, 2008).

ENCONTRO

O 5º Encontro Internacional “A Formação Universitária e a dimensão social do Profissional – 2020/2021” tem como objetivo continuar o caminho empreendido desde o 1º Encontro, avançando na reflexão, no debate e na recuperação da memória do TALLER TOTAL, experiência que se desenvolveu na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Nacional de Córdoba, FAU-UNC, entre os anos 1970 e 1975.



Considerando que seus postulados transcendem a Universidade abrimos esta chamada a todas as áreas do conhecimento que possam enriquecer o debate - critério que foi assumido desde o 1º Encontro realizado em setembro de 2015.

Assim, esperam-se avanços na discussão acerca da função social do profissional universitário, sua formação e sua capacitação para analisar integralmente e contribuir na solução dos problemas sociais locais e regionais que a presente realidade nos está demandando.

Este 5º Encontro se organiza em um contexto de exceção que nos impõe a Pandemia da covid-19, cujos efeitos nos demandam esforços de compreensão desta realidade para buscar soluções.

Nesta oportunidade, convocamos a apresentação de trabalhos que aprofundem a análise das linhas já abordadas e estimulamos a novas aberturas sobre as questões trabalhadas no devir atual. Para isso, redefinem-se os eixos temáticos da convocatória tratando de alcançar amplamente as problemáticas surgidas nos intercâmbios.

Foram realizados, em Córdoba, Argentina, em 2015 e 2016, os dois primeiros Encontros Internacionais “A Formação Universitária e a dimensão social do Profissional, (a 45 e 46 anos do “Taller Total” na FAU – UNC, 1970-1975) e em São Paulo, Brasil, em 2017 e 2018, o Seminário Internacional “A dimensão social da 10ª Formação profissional, (a 47 e 48 anos do “Taller Total” na FAU – UNC, 1970-1975), este último realizado junto ao “I Fórum Integrado da Zona de Amortecimento do Parque Estadual da Serra da Cantareira”.

Convocamos ao 5º Encontro Internacional “A Formação Universitária e a dimensão social do Profissional – 2020/2021” (a 50 anos do “Taller Total” na FAU – UNC, 1970-1975) – para continuar no caminho empreendido, nos reunirmos novamente, das formas possíveis em acordo com a realidade que estamos vivendo, compartilhando as produções e enriquecendo a discussão e o intercâmbio, abrindo novas e fecundas linhas de ação.



Edifício da FAU-UNC e seu entorno.
Autor: Sylvia A. Dobry, 1964. (Realizados para a disciplina “Desenho à mão livre” ministrada por Raul Ferreira Centeno).



Desenho de Sylvia Dobry -
Retrato de Rosa Dory Maureen
KREIKER: Desaparecida em
27 de abril de 1976 na luta
contra a ditadura. Ingresou
em 1962 à Faculdade de
Arquitetura y Urbanismo UNC,
onde obteve o diploma de
Arquiteta em 1972. (Rodolfo
Novillo et al, Arquitectos
que no fueron, 2008).

Participação

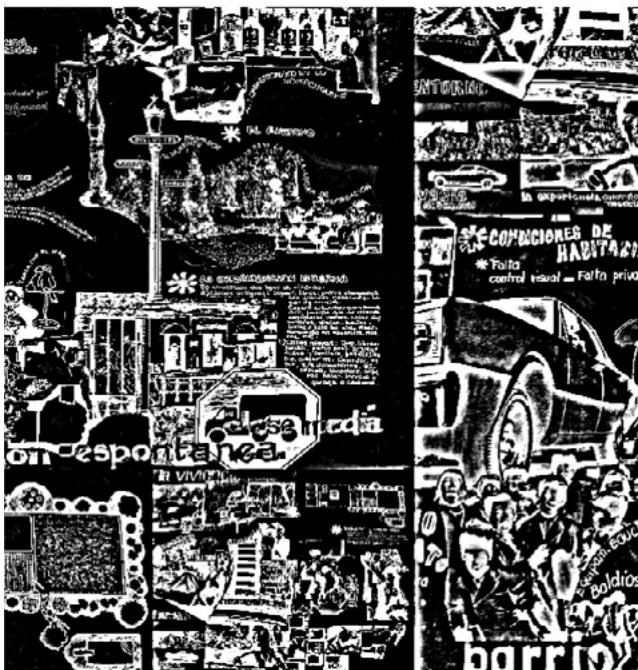
Devido ao contexto de pandemia por covid-19, a forma de participação foi a entrega de artigos enviados para o nosso e-mail.

Os trabalhos foram analisados por uma Comissão Científica, por sistema de pares cegos, e os que foram aceitos compõem este Livro do 5º Encontro Internacional “A Formação Universitária e a dimensão social do Profissional - 2020/2021”.

A realização de eventos e mesas online estará sujeita às possibilidades que a realidade permita.

Para mais informações, consulte a página:

<https://tallertotal2021.wixsite.com/5encontro>



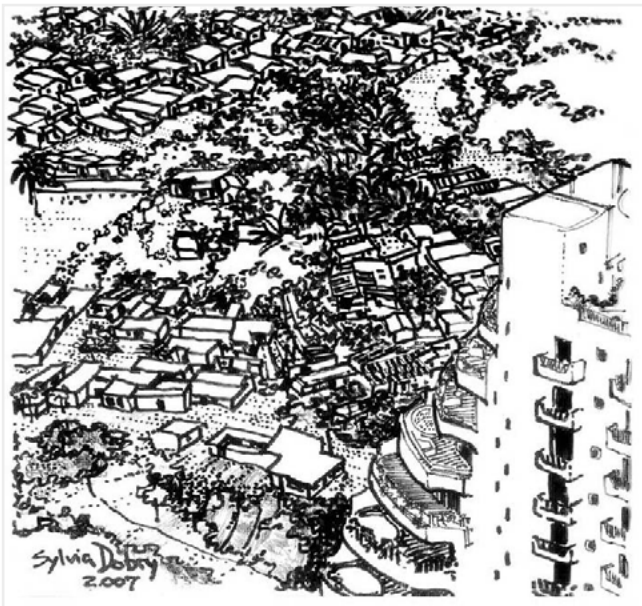
Desenho de Maria Amelia LESGART, estudante de
Arquitetura (FAU UNC) desaparecida em 27 de
abril de 1976, na luta contra a ditadura. (Rodolfo
Novillo et al, Arquitectos que no fueron, 2008).

EJES DEL ENCUENTRO

• EJE 1. Hábitat, Ciudadanía y Participación.

Pretende aportar nuevos contenidos al análisis de los múltiples problemas que se presentan en relación al hábitat humano en el contexto latino americano y mundial, entendido en sentido ampliado, incorporando el acceso a la vivienda y a la ciudad, la articulación de espacios públicos, semipúblicos y privados, estableciendo una relación cognitiva con los lugares de vida, que construye el sentido de pertenecer y de identificación, posibilitando su aprehensión. Esta idea de hábitat ampliado se configura como un proceso que contribuye para la existencia de una vida colectiva y posibilita la construcción de una identidad comunitaria y de

ciudadanía, objetivando incentivar experiencias y prácticas para la construcción de ciudades más justas y humanas. En esta problemática se destaca la importancia de las relaciones entre los diferentes campos disciplinares, y sus formas de relación, multidisciplinares, interdisciplinares y/o transdisciplinares.



*Contrastes en San Pablo:
Acumulación y paisaje
en las periferias urbanas.*

Son incentivados enfoques teóricos y relatos de experiencias, así como textos que exploren las interfaces sociales, económicas, ambientales, tecnológicas y culturales de la construcción contemporánea de las ciudades, con el propósito de permitir diálogos constructivos.

Particular interés es dado al análisis de procedimientos de gestión urbana relacionados a la consolidación de la participación popular como ítem indisoluble en la práctica del planeamiento urbano-paisajístico y territorial, y los decurrentes formatos legales adoptados para consolidación social de los mismos.

Como un desafío intrínseco, se abre espacio para la discusión del arte urbana en sus diversas formas de expresión como un mecanismo probable de construcción de una praxis colectiva de participación popular en el planeamiento de las ciudades.

En esta problemática, se destaca la importancia de la Arquitectura y el Urbanismo en sus múltiples sub áreas de conocimiento, y de las relaciones entre los diferentes campos disciplinares, multidisciplinares, interdisciplinares y/o transdisciplinares, buscando la superación de desarrollos teóricos estancos. Se desea contribuir, así, con la producción de conocimientos relevantes para atender a los problemas incluidos en esta temática y al

establecimiento de una relación dialógica entre las diversas regiones.

Este eje incluye, entre otros, temas como:

- Hábitat, ciudadanía y participación en la construcción del paisaje urbano y de los espacios públicos de convivencia y de la vida colectiva.
- Reflexión y ejemplos de construcción de metodologías y prácticas de elaboración de proyectos de intervención en los espacios de la comunidad, en sus más variadas dimensiones.
- Políticas Públicas en áreas urbanas de Protección Ambiental.
- Hábitat: inter-relaciones entre las realidades urbana y rural.
- Ciudad y Habitat: las experiencias y prácticas para la construcción de ciudades más justas y humanas.
- Cuestiones relativas al hábitat y a las relaciones inter-étnicas y de género.
- Patrimonio Cultural y Hábitat: prácticas de recuperación social y ciudadana de los espacios de la memoria.
- Gestión Pública Desarrollo urbano territorial.
- Hábitat, ciudadanía y participación: las revelaciones de la pandemia y las perspectivas para el futuro.
- Etc.

• EJE 2. La Formación Universitaria y el Compromiso con los Problemas Sociales, Políticos, Económicos y Culturales de la Región.

Invita a la presentación de trabajos que analicen el rol de la universidad en la atención de las demandas que hoy le plantean diversas instituciones y actores sociales. Este compromiso interpela a las universidades en sus funciones sustantivas: la formación que brindan, la producción de conocimientos relevantes para atender los problemas regionales y el establecimiento de una relación dialógica con otros actores sociales. Se pretende convocar a la presentación de trabajos que discutan sobre los sentidos de la formación universitaria y sus articulaciones con el afuera. En esta temática se acentúa la necesidad del dialogo entre los diferentes campos disciplinares y sus formas de relación, multidisciplinares, interdisciplinares y/o transdisciplinares, buscando la superación de compartimientos estancos.

En este eje, es posible incluir, entre otros, temas tales como:

- La universidad frente a los problemas regionales de Sustentabilidad y Desarrollo, en sus dimensiones medioambiental, social, humana, política y económica.
- Universidad y Políticas Públicas.
- Canales de diálogo entre Universidad, Comunidad y Estado, para la Construcción de Prácticas Públicas y Políticas Democráticas.
- Las revelaciones de la pandemia y las perspectivas para el futuro en la formación universitaria.
- Universidad y Comunidad: estímulo al ejercicio de integración entre los saberes institucionales y los saberes colectivos.
- Universidad y Políticas Públicas en áreas urbanas de Protección Ambiental.
- Cuestiones relativas a género y relaciones inter-étnicas, en la Universidad.
- Procesos educativos y prácticas de enseñanza y de aprendizaje en la Universidad y en Arquitectura, Urbanismo y Diseño, en particular.
- Rol del arquitecto e incumbencias profesionales. Alcance de las titulaciones.
- Etc

• EJE3. El Rol del Estudiante Universitario en su Proceso de Formación Profesional y Ciudadana.

Convoca a la presentación de trabajos sobre análisis de los múltiples problemas que se presentan hoy durante las diferentes etapas de las carreras universitarias. En el marco de procesos de democratización de la Educación Superior y de efectivización de derechos, “nuevos sujetos” transitan las aulas e interpelan y comprometen a la universidad de variadas maneras.

Se esperan trabajos acerca de:

- Los avances y dificultades para el ingreso y permanencia de los jóvenes en las universidades.
- Definición de políticas y prácticas que consoliden los esfuerzos ya realizados para el ingreso y permanencia de los estudiantes en las universidades.
- Los Movimientos estudiantiles frente a los problemas regionales de sustentabilidad y desarrollo en sus dimensiones ambiental, social, humana, política y económica.
- Las revelaciones de la pandemia y las perspectivas para el futuro en el rol del estudiante universitario.
- Movimientos estudiantiles y Políticas Públicas en áreas urbanas de Protección Ambiental.
- Diálogo sobre cuestiones referidas a las posibilidades y límites para la construcción de una participación estudiantil de “alta intensidad” y la ciudadanía universitaria
- Cuestiones relativas a género, relaciones inter-étnicas y movimientos estudiantiles y la universidad.
- Los estudiantes e incumbencias profesionales. Alcance de las titulaciones
- Etc.

EIXOS DO ENCONTRO

• EIXO 1. Habitat, Cidadania e Participação.

Pretende-se aportar novos conteúdos à análise dos múltiplos problemas que se apresentam em relação ao habitat humano no contexto latino americano, entendido em um sentido amplo, incorporando o acesso à moradia e à cidade, a articulação dos espaços públicos, semipúblicos e privados, e, estabelecendo-se uma relação cognitiva com os lugares de vida, que estruturam o sentido de pertencimento e identificação, possibilitando sua apreensão. Esta ideia de habitat ampliado se configura como um processo que contribui para a existência de uma vida coletiva e possibilita a construção de uma identidade comunitária e cidadã,

objetivando incentivar experiências e práticas para a construção de cidades mais justas e humanas. Nesta problemática destaca-se a importância das relações entre os diferentes campos disciplinares, e suas formas de relação, multidisciplinares, interdisciplinares e/ou transdisciplinares.



Contrastes en San Pablo:
Acumulación y paisaje
en las periferias urbanas.

São incentivados enfoques teóricos e relatos de experiências, bem como textos que explorem as interfaces sociais, econômicas, ambientais, tecnológicas e culturais da construção contemporânea das cidades, com o propósito de permitir diálogos construtivos.

Particular interesse é dado à análise de procedimentos de gestão urbana voltados à consolidação da participação popular como item indissociável na prática do planejamento urbano-paisagístico e territorial, e os decorrentes formatos legais adotados para consolidação social dos mesmos.

Como um desafio intrínseco, abre-se espaço para a discussão da arte urbana em suas diversas formas de expressão como um mecanismo provável de construção de uma práxis coletiva de participação popular no planejamento das cidades.

Nesta problemática, destaca-se a importância da Arquitetura e do Urbanismo em suas múltiplas sub-áreas de conhecimento, e das relações entre os diferentes campos disciplinares, multidisciplinares, interdisciplinares e/ou transdisciplinares, buscando a superação de desenvolvimentos teóricos estanques. Almeja-se contribuir, assim, com a produção de conhecimentos relevantes para atender os problemas incluídos nesta temática e ao estabelecimento de uma relação dialógica entre as diversas regiões.

Este eixo inclui, entre outros, temas como:

- Habitat, cidadania e participação na construção da paisagem urbana e dos espaços públicos de convivência e da vida coletiva.
- Reflexões e exemplos de construção de metodologias e práticas de elaboração de projetos de intervenção nos espaços da comunidade, em suas mais variadas dimensões.
- Políticas Públicas em áreas urbanas e de Proteção Ambiental.
- Habitat: inter-relações entre as realidades urbana e rural.
- Cidade e Habitat: as experiências e práticas para a construção de cidades mais justas e humanas.
- Questões relativas ao habitat e as relações inter-étnicas e de gênero.
- Patrimônio Cultural e Habitat: práticas de recuperação social e cidadã dos espaços da memória.
- Gestão Pública e Desenvolvimento urbano territorial.
- Habitat, cidadania e participação: as revelações da pandemia e as perspectivas para o futuro.
- Etc.

• EIXO 2. A Formação Universitária e o Compromisso com os Problemas Sociais, Políticos, Econômicos e Culturais da Região.

Convida a apresentação de trabalhos que analisem a função da universidade em atenção às demandas que foram levantadas atualmente por diversas instituições e atores sociais. Este compromisso interpela às universidades em suas funções afirmativas: a Formação por excelência pautada na produção de conhecimentos relevantes para atender aos problemas regionais e o estabelecimento de uma relação dialógica com outros atores sociais. Convoca a apresentação de trabalhos que discutam sobre os sentidos da Formação Universitária e suas articulações com o entorno. Nesta temática, acentua-se a necessidade de diálogo entre os diferentes campos disciplinares e suas formas de relação, multidisciplinares, interdisciplinares e/ou transdisciplinares, buscando a superação de disciplinas estanques.

Neste eixo, é possível incluir, entre outros, temas tais como:

- A universidade frente aos problemas regionais de Sustentabilidade e Desenvolvimento, em suas dimensões ambientais, social, humana, política e econômica.
- Universidade e Políticas Públicas.
- Canais de diálogo entre Universidade, Comunidade e Estado, para a Construção de Práticas Públicas e Políticas Democráticas.
- As revelações da pandemia e as perspectivas para o futuro na Formação Universitária.
- Universidade e Comunidade: estímulo ao exercício de integração entre os saberes institucionais e os saberes coletivos.
- Universidade e Políticas Públicas em áreas urbanas de Proteção Ambiental.
- Questões relativas a gênero e relações interétnicas, na Universidade.
- Processos educativos e práticas de ensino e de aprendizagem na Universidade e em Arquitetura, Urbanismo e Desenho, em particular.
- A função do arquiteto e incumbências profissionais. Alcance das titulações.
- Etc.

• EIXO 3. O papel do Estudante Universitário em seu Processo de Formação Profissional e Cidadã.

Convoca à apresentação de trabalhos sobre análise dos múltiplos problemas que se detectam, hoje, durante as diferentes etapas dos cursos universitários. No marco de processos de democratização da Educação Superior e de efetivação de direitos, “novos sujeitos” transitam em aulas e interpelam e comprometem a universidade de variadas maneiras.

Esperam-se trabalhos sobre:

- Os avanços e dificuldades para o ingresso e permanência dos jovens nas universidades.
- Definição de políticas e práticas que consolidem os esforços já realizados para o ingresso e a permanência dos estudantes nas universidades.
- Os Movimentos estudantis frente aos problemas regionais de sustentabilidade e desenvolvimento nas suas dimensões ambiental, social, humana, política e econômica.
- As revelações da pandemia e as perspectivas para o futuro na função e ação do estudante universitário.
- Movimentos estudantis e Políticas Públicas em áreas urbanas de Proteção Ambiental.
- Diálogo sobre questões que se referem às possibilidades e limites para a construção de uma participação estudantil efetiva e a cidadania Universitária.
- Questões relativas a gênero, relaciones interétnicas, movimentos estudantis e a universidade.
- Os estudantes e incumbências profissionais. Alcance das titulações.
- Etc.

Ponencias

Artigos

EJE 1

HÁBITAT, CIUDADANIA Y PARTICIPACIÓN

EIXO 1

HABITAT, CIDADANIA E PARTICIPAÇÃO

PROCESOS PARTICIPATIVOS PARA LA PRODUCCIÓN SOCIAL DEL HÁBITAT: Experiencias de las Cooperativas de Viviendas

Eje/Eixo Temático 1

Marcelo Salgado

Centro de Estudios de Hábitat y Vivienda (CEHAVI).
Facultad de Arquitectura, Planeamiento y Diseño.
Universidad Nacional de Rosario

Resumen:

El trabajo está enfocado en el proceso participativo y de autogestión de las cooperativas de viviendas, como proyectos que priorizan la participación para la producción del hábitat social, en el contexto de Argentina y Uruguay. En Argentina, en los años '80 y '90 se gestaron cooperativas de viviendas por autoconstrucción en distintas ciudades (Córdoba, Rosario y otras). Desde el año 2000 la Ciudad de Buenos Aires tiene un programa orientado a cooperativas habitacionales (Ley 341). Asimismo, desde el 2004 el Programa Federal de Emergencia Habitacional otorga financiación a cooperativas de trabajo para la construcción de viviendas económicas. En Uruguay, las cooperativas de viviendas se desarrollaron desde los años '60 adoptando el trabajo de autoconstrucción por ayuda mutua. Las experiencias tienen financiamiento público y cuentan con el apoyo de los Institutos de Asistencia Técnica (IAT) y la Federación de Cooperativas de Viviendas (FUCVAM). La investigación plantea el análisis de las experiencias participativas impulsadas por las cooperativas de viviendas, la evolución de estos proyectos y sus ventajas y dificultades, teniendo en cuenta su contribución a la problemática del hábitat popular. Las conclusiones señalan la importancia de las acciones comunitarias impulsadas por las cooperativas, basadas en los principios participativos y de autogestión, así como el apoyo técnico y financiero brindado por ONG's, asociaciones y diversas instituciones para la concreción de estos proyectos colectivos de hábitat social.

Palabras clave: **cooperativas de viviendas, hábitat social, participación, autogestión, asistencia técnica**

Resumo:

O trabalho está focado no processo participativo e de autogestão das cooperativas de vivendas, como projetos que priorizam a participação para a produção do hábitat social, no contexto de Argentina e Uruguay. Em Argentina, nos anos '80 e '90 se gestaram cooperativas de vivendas por autoconstrução diferentes cidades (Córdoba, Rosario e outras). Desde o ano 2000 a Cidade de Buenos Aires têm um programa orientado à cooperativas habitacionais (Lei 341). Assim, desde o 2004 o Programa Federal de Emergencia Habitacional otorga financiamento a cooperativas de

trabalho para a construção de viviendas económicas. Em Uruguai, as cooperativas de viviendas se desenvolveram desde os anos '60 adotando o trabalho de autoconstrução por ajuda mutua. As experiências têm financiamento público e contam com o apoio dos Institutos de Assistência Técnica (IAT) e a Federação de Cooperativas de Viviendas (FUCVAM). A investigação foca na análise das experiências participativas impulsionadas pelas cooperativas de viviendas, a evolução destes projetos e suas vantagens e dificuldades, tendo em conta sua contribuição à problemática do hábitat popular. As conclusões sinalizam a importância das ações comunitarias impulsionadas pelas cooperativas, baseadas nos principios participativos e de autogestão, assim como o apoio técnico e financiero brindado por ONG's, associações e diversas instituições para a concreção destes projetos coletivos de hábitat social.

Palavras chave: **cooperativas de viviendas, hábitat social, participação, autogestão, assistência técnica**

Introducción

El trabajo está referido al proceso participativo, la autogestión y acción solidaria de las cooperativas de viviendas para la producción del hábitat social en Argentina y Uruguay. En Argentina, en los años "80 surgen proyectos de cooperativas de viviendas por iniciativas de grupos de escasos recursos, contando con el apoyo de ONG"s y algunos organismos públicos locales. Estas experiencias estuvieron basadas en la acción de las asociaciones barriales y comunitarias y la forma de trabajo fue la autoconstrucción de viviendas. Asimismo, desde el año 2000 en la Ciudad de Buenos Aires, la Ley 341 posibilita el financiamiento de proyectos de cooperativas de viviendas; y también desde el año 2004 el Programa Federal de Emergencia Habitacional otorga financiamiento a cooperativas de trabajo para la construcción de viviendas económicas.

En Uruguay, las cooperativas de viviendas se desarrollaron desde los años '60 adoptando el trabajo de autoconstrucción por ayuda mutua y cuentan con el apoyo técnico de los Institutos de Asistencia Técnica (IAT). Se desarrollaron dos fórmulas: la "Cooperativa de usuarios" (propiedad colectiva) que es la más extendida en el país, y también la "Cooperativa de propietarios" (propiedad individual).

El trabajo plantea el estudio del proceso participativo y la articulación de actores sociales intervinientes, la autogestión de las cooperativas y el apoyo brindado por ONG's y organismos públicos; observando sus ventajas y dificultades en la producción del hábitat social. Estas experiencias también permitieron el desarrollo de iniciativas comunitarias (comedores populares, huertas, etc.).

Se busca poner en evidencia los aprendizajes a nivel social y técnico de estos proyectos en el campo de la economía social y solidaria, considerando su potencial para la producción del hábitat social.

Antecedentes del tema, objetivos y metodología

En Argentina, entre los primeros antecedentes se destaca la Cooperativa "El Hogar Obrero" fundada en 1905, que otorgaba créditos para la construcción de viviendas económicas por gestión cooperativa (Dunowicz y Villaveirán, 2013).

Asimismo, las iniciativas de proyectos habitacionales originados por cooperativas y mutuales tuvieron desarrollo desde 1947 en la provincia de Mendoza, como lo indican Méndez y otros (2018).

Durante los años '80 y '90 se gestaron cooperativas habitacionales conformadas por grupos de familias de bajos recursos, trabajando por autoconstrucción con el apoyo de ONG's. Como lo señalan Cuenya y otros (1984) "la formación de estas iniciativas se caracteriza por la solidaridad entre las familias y la dinámica de autogestión del grupo de habitantes, fundada en las redes sociales establecidas entre la población de los barrios precarios".

Desde el año 2000, la Ley 341 posibilita el financiamiento de cooperativas de viviendas con financiamiento municipal en la Ciudad de Buenos Aires. Se concretaron diversas experiencias en la última década, y algunos proyectos se realizaron con apoyo del MOI-Movimiento de Ocupantes e Inquilinos- (Jeifetz y Rodríguez, 2011; Pedro y otros, 2020).

En el caso de Uruguay, la construcción de casas por el sistema cooperativo se introdujo en 1966 a partir de algunas experiencias de cooperativas de viviendas, y en el período 1968-75 tuvieron financiamiento del Banco Hipotecario del Uruguay (Sociedad de Arquitectos del Uruguay, 1986).

La cooperativa de viviendas por ayuda mutua implica la organización de la cooperativa y la construcción por ayuda mutua. Es una asociación de familias con una necesidad común de vivienda que contribuyen con su esfuerzo para la construcción de las casas.

Como lo indica Nahoum (2001): "los significados de la ayuda mutua tienen profundas repercusiones sociales en el hecho de que sean las propias familias (con el apoyo correspondiente) quienes levanten las viviendas con sus manos. Eso genera una cohesión muy importante en el colectivo y al mismo tiempo crea valores de solidaridad y el convencimiento de que la unión y el esfuerzo conjunto permiten superar barreras que de otra manera serían infranqueables".

Considerando este marco de referencias teóricas sobre el hábitat cooperativo, la investigación plantea los siguientes objetivos:

- 1) Analizar el proceso participativo y de gestión de la vivienda cooperativa a través del trabajo concertado entre diversos actores sociales, a través de un estudio de experiencias en Argentina y Uruguay;
- 2) Analizar los resultados obtenidos en relación a las ventajas y dificultades observadas en la vivienda cooperativa;
- 3) Estudiar propuestas de iniciativas comunitarias relacionadas a las cooperativas de viviendas;
- 4) Estudiar recomendaciones aplicables al proyecto y gestión de la vivienda cooperativa, considerando el desarrollo de iniciativas comunitarias vinculadas al hábitat construido colectivamente para los sectores de bajos recursos.

La metodología es de carácter cualitativa y está basada en el análisis de datos sobre la participación de los habitantes, la autogestión de las cooperativas y la organización del asesoramiento técnico para estos proyectos de hábitat. Se realizaron entrevistas a diversos actores sociales (habitantes, referentes de cooperativas, técnicos y otros), complementadas con observaciones de campo.

El marco metodológico incluye cuatro etapas generales: 1) Revisión bibliográfica y de experiencias sobre la temática de las cooperativas de viviendas; 2) Estudio de las modalidades de participación de los usuarios y otros actores sociales,

así como la organización de la asistencia técnica para las cooperativas de viviendas; 3) Estudio de iniciativas comunitarias gestadas en relación a las cooperativas de viviendas (huertas, cooperativas de trabajo, etc.); 4) Análisis sobre los resultados alcanzados en la vivienda cooperativa en relación a las ventajas y dificultades observadas en estos proyectos. El trabajo contribuirá al estudio de recomendaciones para la producción de la vivienda cooperativa y su vinculación a iniciativas comunitarias del hábitat social.

Las cooperativas de viviendas en Argentina

Las experiencias desarrolladas en los años '80 y '90 se realizaron en el contexto de barrios precarios, tratándose en su mayoría de grupos de personas con trabajo informal (empleos ocasionales, servicio doméstico, etc.).

Debido a las dificultades de financiamiento los proyectos buscaron sus recursos económicos a través de diversas entidades: organizaciones religiosas y ONG's nacionales o extranjeras (Fundación Cebemo, Fundación Misereor y otras). Las asociaciones intervinientes en la asistencia técnica de los proyectos eran de carácter comunitario, sin fines de lucro, e identificadas con objetivos sociales de ayuda a los más desfavorecidos.

En general la organización de las cooperativas de viviendas se gestaron sobre la base de otras iniciativas colectivas en el barrio, incluyendo las gestiones para obtener la propiedad de los terrenos o bien la organización de actividades comunitarias (comedores barriales, huertas comunitarias, cooperativas de trabajo, etc.). Una iniciativa frecuente en estas cooperativas fue la construcción de un centro comunitario. De esta manera, la vivienda cooperativa también posibilitó la realización de algunas actividades productivas e iniciativas para mejoramiento del barrio.

El proyecto de las viviendas era definido a partir de los consejos técnicos de los profesionales intervinientes en acuerdo con las familias que conformaban la cooperativa. Se trata de pequeños conjuntos de viviendas, entre 60 y 125 unidades, realizadas por autoconstrucción asistida, implicando la participación colectiva de los usuarios en la gestión cooperativa y en los trabajos de construcción de las viviendas. Los miembros realizaban el trabajo de construcción sobre la base de un reglamento, con un promedio de 15 a 20 horas de trabajo semanal por familia. Las cooperativas empleaban sistemas de construcción tradicionales y en todos los casos son viviendas de baja altura (uno o dos pisos).

En las primeras etapas de organización de la cooperativa el trabajo del equipo de apoyo (grupo de profesionales) se caracterizaba por una actitud paternalista, aunque se observa que la organización colectiva para los trabajos de autoconstrucción de las viviendas contribuyó a la cohesión y la capacidad de autogestión del grupo (Cuenya y otros, 1984).

En Rosario, durante el período 1996-1999, se concretaron 14 proyectos de cooperativas habitacionales con financiamiento del "Programa ARRAIGO" (UEP Programa Rosario, 1999). En estos proyectos se observa que en general pocos vecinos mostraban interés de participación en iniciativas comunes del barrio. Pero la necesidad de solucionar el problema habitacional es un factor aglutinante para estos grupos de bajos recursos, que lograron canalizar su capacidad organizativa a través de las cooperativas de viviendas.

En cuanto a las cooperativas de viviendas realizadas en la Ciudad de Buenos Aires desde el año 2000, en el marco de la Ley 341, los proyectos se concretaron con el apoyo de Equipos Técnicos Interdisciplinarios (ETI) y algunos casos recientes fueron organizados por el MOI (Movimiento de Ocupantes e Inquilinos). Estas

iniciativas se articularon a través de la autogestión y ayuda mutua en su mayoría mediante conjuntos con viviendas de propiedad individual, aunque en los proyectos impulsados por el MOI se propone el régimen de propiedad colectiva para posibilitar la continuidad de la cooperativa con carácter permanente.

En relación a las dificultades de la vivienda cooperativa, señalemos que en los proyectos realizados en los años '80 y '90 se observa que la participación en los trabajos por ayuda mutua generó inconvenientes en la organización de los grupos y el cumplimiento de horarios, debido a una cierta disminución del interés de los usuarios por las tareas de ayuda mutua.

También se indican dificultades en cuanto a la participación en las decisiones de la cooperativa, principalmente ante la presencia de grupos familiares o de líderes que buscaban influenciar las decisiones de la asociación, dando lugar a problemas en la gestión de la cooperativa.

Se construyeron conjuntos por agrupamiento de viviendas individuales en régimen de copropiedad (Propiedad Horizontal), donde las familias pagan una cuota mensual a la cooperativa para acceder a la propiedad de su vivienda y los espacios comunes son de propiedad colectiva (local comunitario, etc.).

En este sentido se observan dificultades para la gestión de los espacios colectivos, debido al desconocimiento de las familias acerca de los reglamentos de administración de dichos espacios. También señalemos que la vivienda (de propiedad individual) puede ser revendida posteriormente en el mercado inmobiliario, por lo que es evidente que la casa estará al alcance de familias de bajos recursos sólo por un cierto período.

Solamente en el caso de las cooperativas en Ciudad de Buenos Aires realizadas con apoyo del MOI se propone la adopción del régimen de propiedad colectiva. Esto posibilitaría la continuidad de autogestión de la cooperativa, asegurando la posesión colectiva de las viviendas construidas con el esfuerzo solidario de sus asociados. Asimismo, desde el año 2004 el Programa Federal de Emergencia Habitacional otorga financiamiento a cooperativas de trabajo orientadas a la construcción de viviendas de bajo costo. Estas cooperativas de trabajo construyen viviendas (prototipo de 43 m²) según un monto de obra establecido por contrato con el organismo público local. De esta manera se brinda una oportunidad laboral a las cooperativas de trabajo, pero este programa no propicia la organización ni tampoco el financiamiento de cooperativas de viviendas.

Las cooperativas de viviendas en Uruguay

En Uruguay se desarrollaron dos fórmulas: la "Cooperativa de usuarios" donde la propiedad es colectiva (hipoteca a nombre de la cooperativa), y la "Cooperativa de propietarios" donde cada asociado es propietario de su vivienda (hipoteca a nombre del propietario con un contrato global de la cooperativa). La cooperativa de autoconstrucción por ayuda mutua (Cooperativa de usuarios) es la fórmula más extendida en el país.

Señalemos dos aspectos que contribuyeron al desarrollo de las cooperativas de ayuda mutua: 1) La organización de los Institutos de Asistencia Técnica (IAT), equipos multidisciplinarios destinados a brindar servicios técnicos, jurídicos, económicos y sociales para las cooperativas y asociaciones sin fines de lucro; 2) La creación en 1970 de la Federación Uruguaya de Cooperativas de Viviendas por Ayuda Mutua (FUCVAM) por agrupamiento de las cooperativas y la consolidación de vínculos con el movimiento sindical.

La participación de los habitantes en el proyecto de las viviendas es una característica fundamental de las experiencias cooperativas. Las familias contribuyen con su trabajo para la ejecución de las tareas de construcción, implicando un promedio de 20 a 25 horas de trabajo semanal por familia. Las viviendas son de baja altura (hasta tres pisos) utilizando sistema de construcción tradicional con algunos elementos prefabricados.

El nivel de organización obtenido permitió trabajar con cooperativas de diferente escala, desde 50 a 350 unidades, y los proyectos más grandes en general están subdivididos en varios sectores más pequeños.

La intervención de personas exteriores al grupo, principalmente los IAT, plantea la cuestión de la autonomía de la cooperativa. Pero se observa que la participación de las familias en la construcción de las viviendas, la organización previa de los grupos y la capacidad de autogestión de las cooperativas por ayuda mutua, son aspectos que favorecen para la transferencia de responsabilidades a los miembros de la cooperativa (Sociedad de Arquitectos del Uruguay, 1986).

Asimismo, la organización de las familias durante los trabajos de construcción facilita la gestión de la propiedad colectiva de la cooperativa, ya que no existen intermediarios y por ello los recursos financieros de la cooperativa son administrados por sus miembros. Se observa que el sistema de ayuda mutua permite obtener mejores soluciones a un costo más bajo, posibilitando también resultados positivos en cuanto a la conservación y mantenimiento de los conjuntos habitacionales.

Por otro lado, la solidaridad entre los cooperativistas permitió la consolidación del medio comunitario, permitiendo la organización de equipamientos en el barrio: guarderías, bibliotecas, comedores populares, etc.

En relación a las dificultades de estas experiencias, Berretta (1987) señala que la adopción de tecnologías tradicionales de construcción implicaba un esfuerzo excesivo de trabajo para los habitantes, que en varios casos llevó a prolongar el calendario de construcción de las viviendas.

Sobre la participación de los usuarios, los problemas se plantearon en algunos grupos más desfavorecidos caracterizados por una cierta pasividad de sus miembros. El caso de COVITU 78, proyecto de 11 casas para familias de un asentamiento informal, muestra muchos inconvenientes organizativos en los trabajos de construcción y la transferencia de responsabilidades a la cooperativa se hizo muy lentamente (Reforma Urbana, 1991).

También se observa que debido a la relación de las cooperativas de viviendas con el movimiento sindical de trabajadores, por cuestiones ideológicas se frenaron estos proyectos en diferentes períodos; pero desde los años '90 las cooperativas habitacionales tienen un sostenido apoyo con financiamiento del Municipio de Montevideo.

Conclusiones

Señalemos la importancia de la participación de los habitantes en la autogestión de la vivienda cooperativa, implicando la intervención de diversos actores sociales y la organización de la asistencia técnica para estos proyectos de hábitat social.

En Argentina, en referencia a las experiencias de los años '80 y '90, se destaca la acción de las asociaciones barriales y comunitarias, el apoyo de diversas asociaciones, ONG's y organismos públicos.

Los resultados obtenidos muestran el rol de la cooperativa como asociación que representa los intereses colectivos de los vecinos, y otro aspecto relevante

es que las cooperativas también contribuyen al desarrollo de diversas iniciativas comunitarias en el barrio.

Sin embargo se indican dificultades, principalmente por el régimen de propiedad adoptado (Propiedad Horizontal) debido al desconocimiento de los reglamentos de administración de los espacios comunes. También señalemos un cierto desfasaje entre el carácter solidario y comunitario de estos proyectos y el hecho de que la casa (de propiedad individual) puede ser revendida en el mercado, en consecuencia la vivienda estará al alcance de familias de escasos recursos solo por un cierto período.

En las experiencias recientes en Buenos Aires organizadas por el MOI, se destaca una diferencia sobre el régimen de propiedad por la propuesta de la propiedad colectiva, que posibilitaría la continuidad de gestión de la cooperativa y la posesión colectiva de las viviendas y espacios comunes del conjunto.

En cuanto al financiamiento de las cooperativas de trabajo en el Programa Federal de Emergencia Habitacional, constituyen una alternativa laboral para dichas cooperativas pero no contempla financiación para los grupos interesados en cooperativas habitacionales.

En el caso de Uruguay, se destaca la capacidad de autogestión de las cooperativas durante y después de la construcción de las viviendas, así como la participación activa de las familias en los trabajos de construcción por ayuda mutua. Los proyectos están realizados bajo el régimen de propiedad colectiva, asegurando la posesión colectiva permanente de las viviendas y los espacios comunes que conforman el conjunto habitacional de la cooperativa.

Estas experiencias también posibilitaron la consolidación del medio comunitario, a través de la puesta en funcionamiento de diversos equipamientos en el barrio.

Se observan dificultades en la gestión cooperativa de algunos proyectos para familias que vivían en asentamientos irregulares, debido a problemas organizativos de los grupos para los trabajos de autoconstrucción.

Otros inconvenientes se vinculan a cuestiones ideológicas por su vinculación con el movimiento sindical, pero desde los años '90 las cooperativas habitacionales tienen un desarrollo sostenido en Uruguay.

Finalmente señalemos la importancia de estas experiencias para la producción del hábitat social, a través de la participación de los usuarios y la autogestión de las cooperativas de viviendas, con el apoyo de ONG"s, asociaciones e instituciones públicas y privadas. De esta manera los proyectos de vivienda cooperativa contribuyen al desarrollo del medio comunitario y la producción del hábitat para los sectores de bajos recursos.

Referencias bibliográficas

BERRETTA H. (1987), "Vivienda y promoción para las mayorías". Editorial Humanitas, Buenos Aires.

CANALE, R. (1991), "Producción integral del hábitat social. Tradición y solidaridad cooperativa". En: CYTED. Red D.XIV.1, Vivienda Latinoamericana. Tecnología y participación social en la construcción del hábitat popular. Edición CYTED. Red D.XIV.1. Santiago de Chile.

CUENYA B., PASTRANA E., YUJNOVSKY O. (1984), "De la villa miseria al barrio autoconstruido. Ediciones CEUR, Buenos Aires.

DUNOWICZ R., VILLAVEIRÁN F. (2013), "El Hogar Obrero. Un siglo de vivienda cooperativa". Edición Instituto Argentino de Investigaciones de Economía Social (IAIES), Buenos Aires.

JEIFETZ N., RODRÍGUEZ M. (2011), "Producción autogestionaria del hábitat". Revista Voces en el Fénix, Año 1 N°5. Buenos Aires.

MÉNDEZ A., BEKERMAN R., OLGUÍN C., GAMBETTA O., TIMONER C., AHUMADA D. (2018), "Cooperativas de vivienda de Mendoza: trayectoria y potencialidad". Publicación X Encuentro Latinoamericano de Investigadores en Cooperativismo. CESOT, FCE-UBA. Buenos Aires.

NAHOUM B. (2001), "Las Cooperativas de ayuda mutua uruguayas: claves de una experiencia sostenible". En: CYTED Red XIV.D – HABYTED, Vivienda Cooperativa en Iberoamérica. Edición CYTED Red XIV.D – HABYTED. Cartagena.

PEDRO B., CAMPARI G., DI VIRGILIO M., RODRÍGUEZ M., ZAPATA M. (2020), "Construcción Autogestionaria de Hábitat por Cooperativas. Derecho a la ciudad y a la centralidad en la Ciudad de Buenos Aires, Ley N°341/00". Publicación Secretaría de Ciencia y Técnica UBA, Buenos Aires.

REFORMA URBANA (1991), "COVITU 78: una evaluación preliminar". Revista La Reforma Urbana 4. Montevideo.

SOCIEDAD DE ARQUITECTOS DEL URUGUAY (1986), "Les coopératives d'assistance mutuelle en Uruguay". Publicación Habitat et urbanisme dans les pays en développement. Junio 1986, Paris.

SUBSECRETARÍA DE DESARROLLO URBANO Y VIVIENDA (2004), "Programa Federal de Emergencia Habitacional". Secretaría de Obras Públicas de la Nación. Buenos Aires

UEP - PROGRAMA ROSARIO (1999), "Ciudad de Rosario. Intervenciones en asentamientos irregulares 1997-1999". Unidad Ejecutora Provincial, Rosario. Secretaría de Promoción Comunitaria. Gobierno de Santa Fe.

Autor:

Marcelo Salgado. Arquitecto UNR. Licencia Urbanismo y Planificación Territorial, Universidad de Lieja-Bélgica. PhD en Planeamiento, Universidad de Montreal-Canadá. Investigador Independiente del CIUNR. Docente-Investigador Categoría 1. Director del Centro de Estudios de Hábitat y Vivienda (CEHAVI), Facultad de Arquitectura, Planeamiento y Diseño UNR. Profesor en cursos de postgrado y Director de proyectos de investigación relativos al hábitat social. Autor de artículos de libros, revistas y ponencias publicadas en congresos y seminarios sobre las temáticas de vivienda social y cooperativas de viviendas.

CONTRIBUIÇÕES DA ARQUITETURA E DO URBANISMO PARA A AÇÃO COMUNITÁRIA E A CIDADANIA: Urgências sociais e emergência sanitária no Jardim Colombo, São Paulo

Eje/Eixo Temático 1

Maria Amélia Devitte Ferreira D’Azevedo Leite

Instituição: MMM Arquitetos / MEL – Atelier de Arquitetura

Ester Carro de Oliveira Bashalidis

Instituição: Movimento Fazendinho/ Insper

Resumo

O presente trabalho relata o percurso de consolidação do assentamento habitacional Jardim Colombo, componente do Complexo Paraisópolis na cidade de São Paulo, desde as origens de núcleo rural nos anos 1920, delineando o cenário de precariedade física e fragilidade social que ainda prevalece, mas trazendo o fato novo e relevante do amadurecimento das estratégias de organização comunitária que precocemente prosperaram na comunidade. Particularmente, dá-se evidência aos eventos relacionados ao tecido urbano espontâneo e informal da ocupação das vertentes da calha do Córrego Itararé que corta a área, onde o advento de transformação de um antigo lixão em parque local, o Parque Fazendinha, aglutina lideranças e moradores em inéditas e sucessivas ações de assistência e promoção social, tornadas vitais para a sobrevivência sob impacto da pandemia de COVID-19. Intenta-se irradiar as experiências e os resultados como caminho para o espraiamento dos métodos e práticas da arquitetura e do urbanismo na busca de melhores condições de vida às camadas carentes da população e do aproveitamento estratégico das competências profissionais do arquiteto em contextos de crise.

Palavras-chave: Contribuições técnicas da arquitetura e do urbanismo, ação comunitária e cidadania, organização comunitária, urgências sociais, emergência sanitária.

Resumen

El presente trabajo reporta el camino de consolidación del asentamiento habitacional Jardín Colombo, parte del Complejo Paraisópolis en la ciudad de São Paulo, desde los orígenes de un núcleo rural en la década de 1920, delineando el escenario de precariedad física y fragilidad social que aún prevalece, pero aportando un hecho nuevo y relevante de la maduración de las estrategias de organización comunitaria que florecieron temprano en la comunidad. En particular, existen evidencias de hechos relacionados con el tejido urbano espontáneo e informal de la ocupación de las vertientes del arroyo Itararé que atraviesa la zona, donde la decisión colectiva de transformación de un antiguo vertedero en un parque local, el Parque Fazendinha, aglutina líderes y vecinos en sucesivas y sin precedentes acciones de asistencia y promoción social de vital importancia para la supervivencia bajo el impacto de la pandemia COVID-19. El objetivo es compartir las experiencias

y resultados obtenidos como una forma de difundir los métodos y prácticas de la arquitectura y del urbanismo en la búsqueda de mejores condiciones de vida para los sectores más necesitados de la población y el uso estratégico de las competencias profesionales del arquitecto en contextos de crisis.

Palabras clave: **Contribuciones técnicas de la arquitectura y del urbanismo, acción comunitaria y ciudadanía, organización comunitaria, urgencias sociales, emergencia sanitaria.**

1. Introdução – do território rural ao urbano precário

Quando faço palestras para estudantes, digo que a arquitetura não é importante, o importante é a vida. (OSCAR NIEMEYER)

São Paulo, a maior cidade do país e capital homônima do mais rico Estado da nação brasileira, recordista de índices populacionais e urbanos, imã edificado que secularmente atrai migrantes e imigrantes em busca de oportunidades para uma vida mais pródiga, parece ainda distante de superar contradições sociais profundas, dentre as quais, indubitavelmente, protagoniza o cruel déficit de acesso à moradia digna.

A dicotomia entre crescimento econômico e pobreza tem marcado a história de São Paulo, com especial agravamento a partir do século passado, sem que se antevejam no horizonte marcos claros de mudança estrutural deste cenário.

Realizada pelos pesquisadores do CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, a pedido da Pontifícia Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, a obra “São Paulo 1975 – Crescimento e Pobreza”, há quase meio século desnudou as principais mazelas da capital paulista, à revelia de sua pujança noticiada, e estampou a incômoda dúvida: “Haveria uma lógica na desordem estabelecida?”, manifesta no texto de Apresentação, de autoria do então Arcebispo Metropolitano D. Paulo Evaristo Arns, um dos principais ícones das lutas por justiça social no Brasil. No conteúdo de seus capítulos, a obra evidencia o recrudescimento desse conflito fundante do desenvolvimento urbano paulistano e o desafio de decifrar sua aparente incoerência:

O intenso crescimento econômico da cidade de São Paulo tem sido acompanhado da deterioração das condições de vida de amplas parcelas de sua população. [...] A noção de que o progresso da cidade tem um preço, que deve ser pago por seus habitantes, vem sendo insistentemente repetida a propósito dos mais variados problemas: da poluição ambiental às carências do abastecimento, das dificuldades do transporte às más condições da habitação, da insuficiência do lazer ao aumento da criminalidade. O dilema – estagnação ou sacrifício – implícito nessa noção é em tudo consonante com a ideologia do desenvolvimento em voga: para que o país se desenvolva, assegurando a felicidade futura de seus habitantes, estes devem renunciar às satisfações presentes. Ao mesmo tempo, as dificuldades atuais são muitas vezes atribuídas à forma desordenada do crescimento metropolitano, à ausência ou ineficácia do planejamento anterior, São Paulo deveria não só pagar o preço de sua felicidade futura, mas também resgatar o prejuízo de sua imprevidência no passado.

[...] A distribuição espacial da população na cidade acompanha assim a condição social dos habitantes, reforçando as desigualdades existentes. Há muito anos, uma favelada do Canindé escrevia que “a favela é o quarto de despejo da cidade”.¹ (CAMARGO et alli, 1976, p. 21 – 23) (Figura 1)

1 A referência literária é da memorável obra de Carolina Maria de Jesus, um registro de seu dia a dia de moradora da periferia pobre da cidade de São Paulo. Inicia na data de 15 de julho de 1955 – “Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela.” –, e termina em 1º de janeiro de 1960 – “Levantei às 5 horas e fui carregar água.”



Figura 1: A aparência desordenada do crescimento urbano da metrópole paulista, 1975.
Fonte: CAMARGO et alli, p.20.

Simultaneamente ingrediente do tempo atual e resultado histórico da produção urbana paulistana, em que riqueza e miséria têm se irmanado, univitelinas, a comunidade do Jardim Colombo intenta alterar a trajetória de “quarto de despejo” a que foi conduzida na lógica do desenvolvimento da cidade, apoiando-se em iniciativas sociais inovadoras que mesclam estratégias de qualificação física dos espaços residuais da densa ocupação das habitações, com ações de resgate da cidadania empreendidas por coletivos organizados de ação comunitária.

Originado de um parcelamento nos anos 1920 de antiga propriedade rural com aproximadamente 15 hectares, o local teve uma ocupação rarefeita nas quatro décadas seguintes, com poucos moradores e posseiros, na sua maioria famílias japonesas.

A subdivisão do espaço se constituiu em pequenas chácaras, apropriadas na forma de grilagem. Inexistia qualquer tipo de infraestrutura pública de pavimentação, iluminação, eletricidade, telefonia e saneamento, e ainda até 1940 se verificavam grandes áreas cobertas por reflorestamentos de eucalipto.

O padrão de ocupação começa a se alterar entre as décadas de 60 e 70, com a instalação de escolas privadas de grande porte, e equipamentos urbanos de alto padrão, como o Cemitério Gethsêmani, com 135.000 m² de área, em um prenúncio de efetiva urbanização da região.

Neste contexto, inicia-se a elaboração do primeiro Plano de Desenvolvimento Integrado de Santo Amaro como um apontamento político-administrativo de verdadeira inserção na cidade para a comunidade ali residente em moldes tão precários. Decisão pertinente e oportuna, tendo-se em vista a localização estratégica da região, distante não mais do que 7 km do centro da cidade em linha reta. (Figura 2)

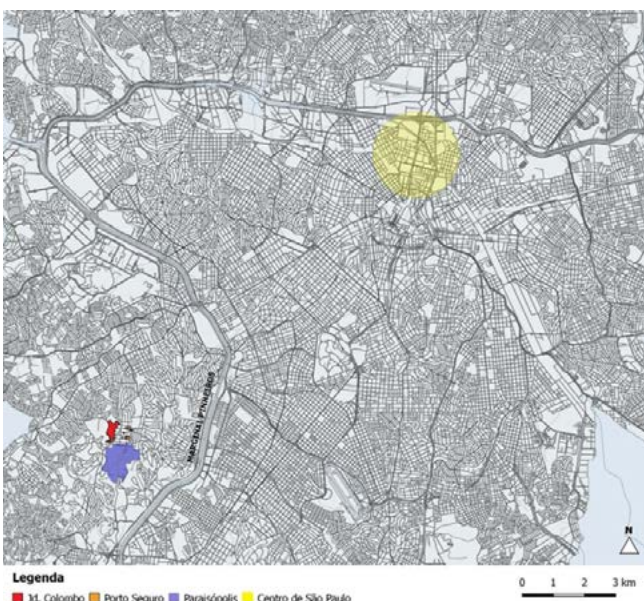


Figura 2: Localização do Complexo de Paraisópolis em relação ao centro da cidade de São Paulo.
Fonte: Acervo das autoras, 2018.

Entretanto, a intenção do planejamento não evoluiu para além do papel, e no bojo da intensa pressão das ondas migratórias que atingiram São Paulo naquele período, surgem os primeiros barracos de madeira semeando o que se configura hoje como um dos maiores assentamentos urbanos precários do país, o Complexo de Paraisópolis, composto pelos núcleos de Paraisópolis, Jardim Colombo e Porto Seguro, e que se estende por uma área de 101,5 hectares, contrastando dramaticamente com a região de intensa valorização imobiliária e vizinhanças consolidadas de renda média a alta ao redor. (Figura 3)



Figura 3: Contraste da paisagem urbana do Jardim Colombo com as áreas vizinhas de renda média a alta.
Fonte: Acervo das autoras, 2018.



Figura 4: Enchente no leito do Córrego Itararé ocupado pelas construções no Jardim Colombo.
Fonte: Acervo das autoras, 2018.

A informalidade que pautou o parcelamento original de seu território, perpetuou-se, assim, ao longo das sucessivas décadas, com a ocupação irregular em terrenos particulares, em um traçado errático e denso das construções. A carência de infraestrutura persiste até hoje: no Jardim Colombo, 1/3 dos moradores ainda utilizam ligações clandestinas ou compartilhadas com vizinhos para o abastecimento de água; menos de 20% dos domicílios encontram-se conectados à rede de coleta de esgoto oficial, mais da metade se serve de instalações autoconstruídas pelos moradores e o restante despeja no solo ou no Córrego Itararé que corta o local. (CARRO, E.; LEITE, M. A. D. F. A., 2018) A topografia íngreme associada à ausência de infraestrutura decorre em graves riscos ambientais: carreamento e acúmulo de resíduos de toda ordem, contaminação do solo e do curso d'água, enchentes e degradação dos espaços livres. (Figura 4).

À precariedade do espaço físico, aliam-se os preocupantes indicadores socioeconômicos da comunidade:

Segundo pesquisa realizada no Complexo de Paraisópolis pelo Hagaplan em 2005, dos 31.229 entrevistados, 8,1% nunca estudaram, 36,40% não concluíram o Ensino Fundamental e apenas 10,6% concluíram o Ensino Médio. A maioria recebe entre 1 e 2 salários-mínimos e emprega-se na economia informal mais de 30% da população, envolvendo-se inclusive com tráfico de drogas e prostituição. Para garantir a sobrevivência, muitos realizam trabalhos domésticos tais como, limpeza e cuidado de idosos e crianças, e alguns, por necessidade, se dedicam a reciclar resíduos de diferentes tipos. (CARRO, E.; LEITE, M. A. D. F. A., 2018)

Como reação ao forte sentimento de marginalidade vivenciado pelos moradores, em 1984 constituiu-se a União dos Moradores da Favela do Jardim Colombo, entidade social sem fins lucrativos, destinada a suprir a necessidade de organização para o enfrentamento da luta pela resolução dos sérios problemas que afligiam a comunidade, principalmente o acesso à educação, à saúde e às condições dignas de infraestrutura.

Tornou-se possível, desta forma, a inclusão do Jardim Colombo em programas e ações governamentais, por exemplo: o Programa Bairro Legal (início dos anos 2000), voltado à requalificação de regiões da cidade onde predominasse a precariedade habitacional e urbana; o Programa de Urbanização do Complexo de Favelas de Paraisópolis (2016), primeiro conjunto de ações expressivas para a redução do déficit de urbanização no município de São Paulo após a aprovação do Estatuto da Cidade, quando se constitui o primeiro Conselho Gestor de Urbanização da comunidade para o acompanhamento das obras de realização do Plano de Urbanização.

Apesar de todos esses avanços de natureza político-administrativa, e até da destinação de recursos financeiros para a execução de obras, os descaminhos do processo de trabalho, permeado pelas relações hegemônicas entre os entes públicos e os entes privados envolvidos, caso das empresas licitadas (Consórcio Hagaplan/Sondotécnica), em detrimento aos mecanismos de participação da comunidade nas decisões, conduziram a uma reduzida efetividade de todos os planos e expectativas vislumbrados. Pouco ou quase nada se concretizou dos planos de remoção das famílias em situação de risco para novas moradias, nem tampouco chegou-se à recuperação geocológica do Córrego Itararé e ao tratamento paisagístico previsto.

Entretanto, no pretensão vazio das promessas não cumpridas e das expectativas frustradas se fortaleceu um repertório de recursos pouco a pouco tecido no exercício da ação comunitária empreendida na resolução dos problemas cotidianos. No enfrentamento da realidade, para além do universo abstrato da burocracia oficial, foram se desvelando caminhos de um futuro possível.

2. Fazendinha e Fazendinhando – sobre o espaço e a ação

A vida pode mudar a arquitetura. No dia em que o mundo for mais justo, ela será mais simples. (OSCAR NIEMEYER)

Uma das facetas nefastas da vida em assentamentos habitacionais precários, quer seja onde se localizem, é a quase total impossibilidade de se preservarem espaços livres para o convívio, a recreação e a própria saúde ambiental do tecido edificado. Em regra, caso existam, ou são apropriados para o uso dos ocupantes da área, ou se tornam local de descarte de lixo e proliferação de insetos e animais daninhos.

Fortuitamente, no processo de consolidação do Jardim Colombo permaneceu livre de construções uma área de aproximadamente 1.000 m², com declive acentuado de 17 metros em seu eixo longitudinal, denominada de Fazendinha por seu uso como local de plantio de alimentos e criação de animais por alguns moradores até 2007, quando passa a servir como depósito de resíduos. (Figura 5)

Motivo de evidente surpresa, a vacância de ocupação tem explicação plausível no fato de a área ter sido objeto de uma doação feita à

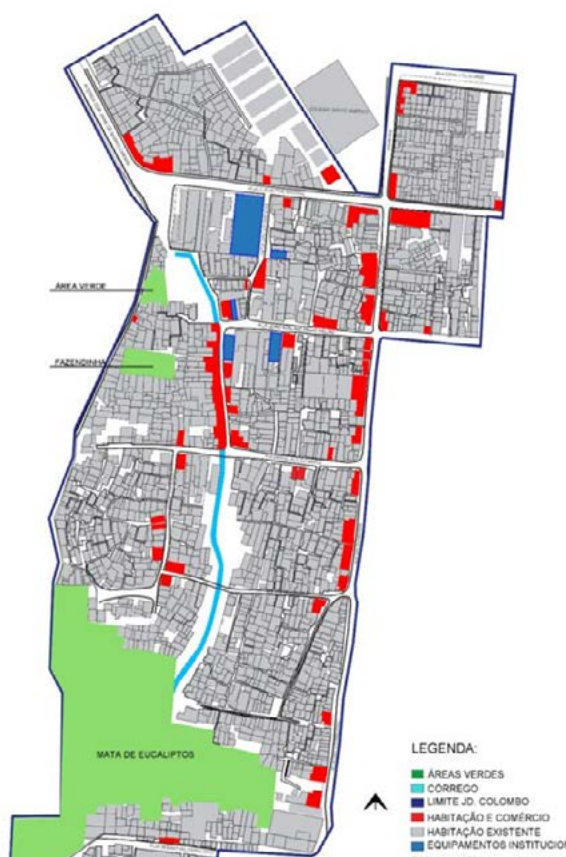


Figura 5: Uso do solo na comunidade do Jardim Colombo e localização da Fazendinha.
Fonte: BASHALIDIS, p. 105.

Prefeitura, conforme publicação no Diário Oficial do Município:

Diário Oficial da Cidade de São Paulo - Quarta-feira, 7 de agosto de 2008 - Página 20 – São Paulo, 53 (146). Superintendência de Habitação Popular. I- À vista dos elementos contidos no presente, defiro o pedido de doação de um (1) imóvel de propriedade de Elvira Mendes Antunes, situado em Paraisópolis (SQL: 171.024.0041-0 – ZEIS 1- W045), nos termos do decreto Nº 47.272, de maio de 2006. II- Publique-se e notifique-se o interessado para retirar a minuta-padrão de escritura de doação. III- Após a apresentação do registro da respectiva escritura, adotem-se as providências estabelecidas pelos artigos 14 e 15 do decreto Nº 47.272/06.

No âmbito dos planos de urbanização traçados a partir dos anos 2000, pensou-se para o local a construção de aproximadamente 30 unidades habitacionais, meta essa jamais concretizada. Por outro lado, a progressiva degradação do local com o despejo de lixo se tornou motivo de enorme incômodo e sofrimento para a população do entorno. Inicia-se, assim, em meados de 2017, um movimento coletivo de transformação do local objetivando-se seu uso para o convívio e o lazer dos moradores. Conduzido pelas lideranças comunitárias locais e colaboradores, em especial o Arq. Futuro², organizou-se um ciclo de encontros para debates e reflexões sobre o assunto, que culminou no mês de novembro com a realização de uma exitosa intervenção voltada à destinação da Fazendinha para um parque local.

Uma sucessão de ações amplamente divulgadas pelo endereço eletrônico do Facebook da União dos Moradores (Figura 6), cartazes e o tradicional “boca-a-boca” foi empreendida, com vistas à participação mais intensiva possível, entendida como princípio vital para a concretização dos possíveis projetos e para a preservação futura da área. Destacam-se entre essas:

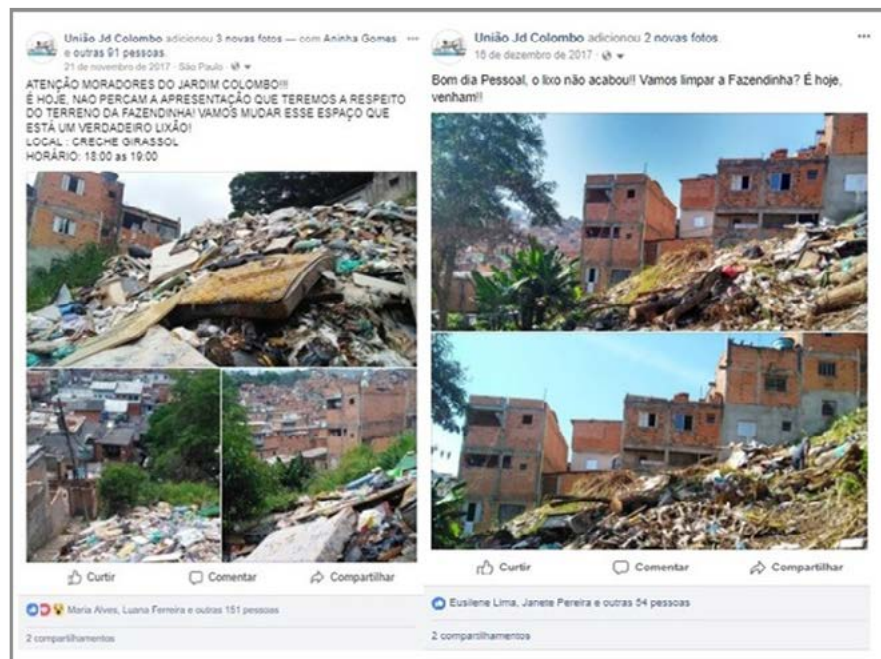


Figura 6: Divulgação da primeira reunião com os moradores do Jardim Colombo.
Fonte: Acervo das autoras, 2017.

² Fundado em 2011, o Arq. Futuro é uma plataforma de discussão sobre o futuro das cidades. Maiores esclarecimentos em: <https://arqfuturo.com.br/sobre>

- A apresentação da proposta do Parque Fazendinha e consulta à comunidade para a obtenção de opiniões e sugestões;
- A apresentação do Projeto Sitiê realizado no Morro do Vidigal, na cidade do Rio de Janeiro, por seu idealizador, o músico e paisagista Mauro Quintanilha;
- Os mutirões de limpeza realizados pelos moradores com o apoio da Subprefeitura Regional (novembro/2017 a fevereiro/2018) quando foram retirados 45 caminhões repletos de resíduos, entulho e móveis; (Figura 7)
- As atividades coletivas de oficinas culturais, cultivo de horta comunitária, execução de mobiliário urbano e melhorias do acesso à área.



Figura 7: Mutirões de limpeza do terreno da Fazendinha.
Fonte: Acervo das autoras, 2017.

Em junho de 2018, a oportunidade de acolher o arquiteto espanhol Antônio Moya Latorre para atividades de sua pesquisa de Mestrado no MIT – Massachusetts Institute of Technology, trouxe um aporte fundamental para a ação comunitária de recuperação ambiental e requalificação paisagística e urbanística da Fazendinha.

Baseando-se no conceito de tratar a cultura como uma modalidade de infraestrutura de grande eficiência nas comunidades carentes, Latorre organiza o **I Festival de Arte – Fazendinhando**, que teve como propósito:

[...] explicitar o conteúdo cultural existente, resgatando a memória do local, fortalecendo os laços comunitários e oferecendo espaço para a externalização do desejo dos moradores. Pessoas de todas as idades foram incentivadas a participar e se manifestar nas diversas atividades realizadas, merecendo destaque as diversas oficinas voltadas a atividades artísticas (pintura, desenho, grafites urbanos), esportes capoeira, judô), artesanato e paisagismo (mobiliário, contenções de taludes e jardins), e atividades de convívio (almoço comunitário, shows musicais), sendo a maior parte realizada no próprio espaço da Fazendinha renovado pela comunidade.³ (BASHALIDIS, 2019, p. 69)



Figura 8: Atividades do I Festival de Arte realizadas com a comunidade do Jardim Colombo.
Fonte: Acervo das autoras, 2018.

A mobilização propiciada pelo Festival, nutrida pelo que já havia ocorrido no processo de trabalho de recuperação da área da Fazendinha, foi a “pedra-chave” para a consolidação de um pacto comunitário voltado à melhoria do Jardim Colombo, a partir de um reconhecimento claro da relação entre as potencialidades do espaço e as demandas da vida coletiva. (Figura 8)

A primeira prova cabal da mudança foi a preservação da área e das modificações feitas, sem qualquer retorno dos antigos hábitos de descarte de lixo ou danos ao existente. Em continuidade, o Parque Fazendinha e seus arredores, já identificados como realmente uma produção coletiva e compartilhada, passaram a nuclear várias atividades de convívio, culturais, educacionais e de natureza organizacional da própria comunidade, tais como:



Figura 9: Rodada de conversas com mulheres e Festival de Pizzas.
Fonte: Acervo das autoras, 2018.



Figura 10: Mutirão de grafite urbano.
Fonte: Acervo das autoras, 2018.



Figura 11: Construção das contenções de taludes e nivelamento da primeira plataforma para as “Férias na Fazendinha”.
Fonte: Acervo das autoras, 2018.

- Em agosto de 2018, acontece a primeira rodada de conversas com mulheres moradoras. Objetivando a obtenção de ideias para o Parque Fazendinha, o encontro possibilitou também a identificação de uma rica memória da vida coletiva pela transmissão oral das diversas experiências pessoais, do histórico de superação das dificuldades de sobrevivência e das recordações da paisagem campestre original de grande qualidade estética e ambiental. No mesmo mês, também ocorre um inédito **Festival de Pizzas**, produzido com insumos oriundos de doação de apoiadores, sendo a venda revertida para as melhorias propostas na Fazendinha; (Figura 9)

- Em setembro e outubro, mais atividades de grande repercussão entre os moradores se sucedem. Um mutirão de grafite urbano, conduzido por 40 artistas desta modalidade, possibilitou um contato prazeroso e estimulante com a experiência artística mural, contribuindo também para o enriquecimento estético dos espaços de circulação e empenas das construções; (Figura 10)

- Em janeiro de 2019, as “Férias na Fazendinha”, programa de recreação para as crianças, subsidiado por recursos financeiros doados à Associação Educacional e Esportiva, permitiu igualmente o avanço das melhorias do espaço do Parque com o nivelamento da primeira plataforma para atividades e a execução da segunda linha de contenção de talude com floreiras de pneus reciclados; (Figura 11)

- Em julho de 2019, realiza-se o II Festival de Artes custeado com contribuições de voluntários e das famílias locais. Foram de especial destaque o arraial de celebração da cultura nordestina, origem de muitos dos moradores, e atividade “Aqui passa um rio”, baseada nos preceitos do urbanismo tático⁴, quando se reproduziu com pintura em cor azul sobre o pavimento asfáltico, o rio tamponado

4 Denominação aplicada aos métodos e práticas urbanísticas de mobilização promovidas “de baixo para cima”, por meio de intervenções organizacionais, culturais e ideologicamente diversas para enfrentar as questões urbanas emergentes. Os designers profissionais, bem como governos, desenvolvedores e corporações, em geral, podem participar e estimular ativamente urbanismo tático. Mas, suas fontes geradoras devem estar fora.



Figura 12: Mosaico de pinturas de solo da atividade de urbanismo tático “Aqui passa um rio”.
Fonte: Acervo das autoras, 2019.

que passa invisível sob a rua, e que se manifesta perigosamente nos momentos de enchentes ao transbordar pelas bocas de lobo. (Figura 12)

O advento do resgate do espaço da Fazendinha para o bem comum da comunidade em um movimento de natureza coletiva foi mais do que uma transformação física, constituiu-se em uma revolução de hábitos e costumes nos padrões de convívio, reavivando o senso de pertencimento e a noção de coletividade. Porém, sem dúvida, seu maior resultado foi a gerar o “Fazendinhando”, movimento de transformação física, educacional, cultural e social no Jardim Colombo, feito por e para os moradores, por meio da recuperação de espaços públicos, ações de arte e cultura, qualificação profissional e empreendedorismo social.

Salto de organização comunitária de rara ocorrência, da densa matéria de um terreno para a sutileza da responsabilidade compartilhada, a consolidação do Movimento Fazendinhando demonstra ter aportado ao Jardim Colombo um inequívoco passaporte para o futuro enquanto estratégia de gestão popular para o desenvolvimento urbano e humano, e que pode se tornar referência para ações em outros assentamentos similares, conforme sugere Latorre:

The Fazendinha project is an extraordinary process of change that is shaking the roots under Jardim Colombo. We are certainly far from talking about system change.

But the impact of the project is being, without doubt, already significant for the community, particularly for those who have been somehow involved. The Fazendinha project is a sparking project: if the park transformation becomes materialized and is accompanied by a long-lasting cultural program for the neighborhood, I am convinced of its potential to bring along many other transformative projects and processes in Jardim Colombo, and the experience could become a reference to spark change in other marginalized communities in the region and elsewhere. To better understand how this sparking project could evolve and eventually unleash deeper change, it is now time to contemplate the whole process from a broader perspective and reflect on the lessons that can be generalized and emulated in other contexts of vulnerabilities. (LATORRE, 2019, p.77)⁵

5 O projeto Fazendinha é um processo extraordinário de mudança que está abalando as raízes do Jardim Colombo. Certamente estamos longe de falar sobre mudança de sistema. Mas o impacto do projeto está sendo, sem dúvida, já significativo para a comunidade, principalmente para aqueles que de alguma forma estiveram envolvidos. O projeto Fazendinha é um projeto estimulante: se a transformação do parque se materializar e for acompanhada de um programa cultural duradouro para o bairro, estou convencido de seu potencial para trazer muitos outros projetos e processos transformadores no Jardim Colombo e a experiência poderia se tornar uma referência para desencadear mudanças em outras comunidades marginalizadas na região e em outros lugares. Para entender melhor como esse projeto desencadeador poderia evoluir e, eventualmente, provocar mudanças mais profundas, agora é hora de contemplar todo o processo de uma perspectiva mais ampla e refletir sobre as lições que podem ser generalizadas e emuladas em outros contextos de vulnerabilidades. Tradução livre das autoras.

3. Espaço e Tempo da Comunidade – que arquitetura e que urbanismo?

Existirmos: A que será que se destina?
Pois quando tu me deste a rosa pequenina
Vi que és um homem lindo e que se acaso a sina
Do menino infeliz não se nos ilumina.
Tampouco turva-se a lágrima nordestina
Apenas a matéria vida era tão fina⁶
E éramos olharmo-nos, intacta retina
A cajuína cristalina em Teresina.
(CAETANO VELOSO)

Com o ritmo das atividades comunitárias em plena ascensão, o Movimento Fazendinho teve que suspender suas ações em obediência ao Decreto Estadual nº 64.881, de 22 de março de 2020, que determinou o estado de quarentena em virtude da pandemia de COVID-19. A nova realidade de restrições à mobilidade e à aglomeração de pessoas atingiu fortemente os moradores pois, para além de uma mudança drástica de rotina, significou um múltiplo drama: que a refeição garantida da escola já não estaria mais disponível; que o trabalho e a renda dos chefes de família estariam comprometidos, bem como a vida de seus dependentes; que os já desempregados, mais do que nunca, dificilmente encontrariam uma oportunidade de trabalho.



Figura 13: Equipe do Movimento Fazendinho e os itens das primeiras cestas básicas arrecadadas.
Fonte: Acervo das autoras, 2020.

Naquele período, com o objetivo de minimizar as consequências econômicas e sociais causadas pela pandemia, aventurando-se em outra natureza de ação, o Movimento Fazendinho deflagra uma primeira campanha de arrecadação de fundos e/ou doações. Sem experiência anterior no assunto, mas com um grande anseio de acolher a comunidade, seus integrantes conseguiram os primeiros recursos financeiros, que possibilitaram a compra de produtos para 28 (vinte e oito) cestas básicas (Figura 13).

Porém, o resultado logo se mostrou insuficiente para a quantidade de famílias necessitadas, gerando na equipe receio e preocupação pela comoção que poderia ocorrer na comunidade.

Entretanto, acessando a rede de solidariedade que havia dado suporte às suas atividades originais, o Fazendinho obteve a contribuição e o apoio de diversas instituições que, em sua maioria, já conheciam a seriedade e transparência do Movimento; desta forma, o grupo até então sem recursos, conseguiu alimentar toda a comunidade do Jardim Colombo, e ainda prestar suporte com cestas básicas e marmitas às comunidades de Porto Seguro, Pinheiral, Monte Kemel, Paraisópolis, Grajaú, Jardim São Luís e Embu das Artes.

Para reforçar as medidas a fim de conter o coronavírus e aumentar o isolamento social deu-se início a uma campanha de natureza territorial pelas ruas e vielas do Jardim Colombo, com informações seguras difundidas por diversos meios de comunicação, como: panfletos, banners, comunicados, carros e motocicletas com caixas de som acopladas, redes sociais, além de recados pela rádio comunitária, gravados e/ou ao vivo. (Figura 14)

6 Grifo das autoras.

Foi fundamental na campanha, a parceria com a União de Moradores, que colaborou com o Fazendinho na organização de uma equipe com cerca de 50 voluntários, moradores no Jardim Colombo e Paraisópolis.



Figura 14: Cartazes de orientação sobre os protocolos de proteção em relação à pandemia colocados nas ruas e vielas do Jardim Colombo.
 Fonte: Acervo das autoras, 2020.

Empreendida a sensibilização da comunidade sobre os efeitos graves do Coronavírus e mantida a rede de apoiadores econômicos, havia que se avançar na consolidação de um plano permanente de distribuição de cestas básicas de alimentos e kits com produtos de higiene e limpeza, como suporte para um período de pandemia sem tempo definido de duração. O Jardim Colombo tem população atual estimada de 17.000 habitantes, portanto, a perspectiva de um atendimento em escala era absolutamente real. Já de início, 500 (quinhentos) conjuntos de cestas e kits foram disponibilizados para distribuição; porém, a breve experiência da equipe do Fazendinho com este tipo de atividade de assistência social para um grande número, levou ao enfrentamento de importantes percalços como a aglomeração das pessoas, aflitas por receberem os suprimentos faltantes e falhas quanto ao direcionamento equitativo desses às famílias.

A capacidade da equipe de aprender com erros e acertos possibilitou uma avaliação crítica dos problemas e uma imediata alteração das estratégias de trabalho. A principal ação constou da definição de tarefas específicas para cada grupo de voluntários, organizadas em um fluxograma de atividades (Figura 15), e começando com um cadastro de todas as famílias interessadas nas doações, possibilitando o mapeamento dos idosos, acamados, mães solas com filhos e, conseqüentemente, dando-lhes prioridade. Com a realização do cadastro, também foi possível se identificarem situações de extrema criticidade na comunidade, como famílias que não tinham sequer acesso à água e cujo alimento já era extremamente escasso mesmo antes da pandemia.

Para facilitar a comunicação com os moradores, grupos formados no aplicativo WhatsApp foram criados e, por meio desses, semanalmente divulgadas as listas daqueles que iriam receber os suprimentos a cada dia e assim evitaram-se novas aglomerações.

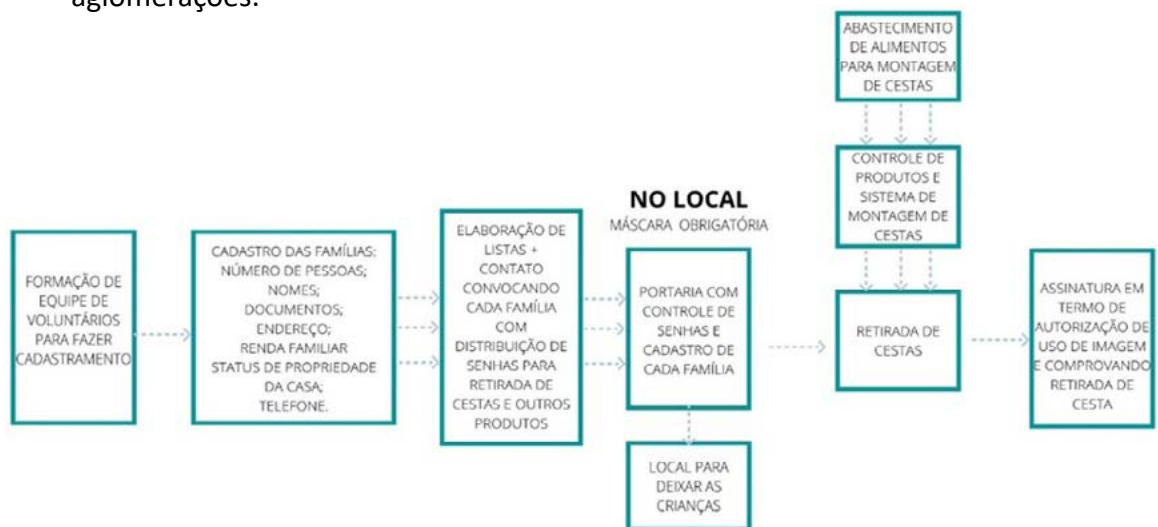


Figura 15: Fluxograma de atividades para a estratégia de apoio às famílias residentes no Jardim Colombo na pandemia. Fonte: Movimento Fazendinho, adaptado pelas autoras, 2020.

No local de atendimento às famílias, voluntários controlavam a entrada e saída, conferindo o uso de máscaras. Caso o morador não possuísse, imediatamente lhe era oferecida a máscara, além da informação sobre os demais procedimentos como o uso do álcool em gel, e da orientação para as etapas de verificação de dados cadastrados, assinatura de recebimento da cesta e do termo de autorização de uso da imagem. Finalizando o ciclo, as listas de entrega eram validadas no sistema e efetuados os registros pela equipe de mídia para compartilhamentos com a rede de apoiadores das doações. Com esta estratégia de trabalho, mais de 26.000 cestas básicas foram distribuídas entre final de março e início de setembro de 2020, e respeitando-se as normas municipais de prevenção em relação à pandemia.

Por outro lado, o prolongamento das condições de restrição agravou progressivamente a situação de carência e a equipe do Fazendinho concluiu pela importância de se produzirem marmitas para serem distribuídas na comunidade, dada a quantidade de moradores em situação de rua que para ali afluíram e famílias que não conseguiam adquirir o gás de cozinha para cozinhar o próprio alimento. Um grupo de cinco cozinheiras então desempregadas, moradoras do Jardim Colombo, foi contratado temporariamente para preparar as refeições na cozinha comunitária. Parte dos insumos obtidos com os apoiadores foi destinada para a produção de marmitas nas comunidades do Grajaú e Embu das Artes. Aporte importante nesta ação foi propiciado também pelas marmitas produzidas com o auxílio dos projetos “Chef Aprendiz” e “Matulas da Nega”⁷.



Figura 16: Distribuição gratuita das máscaras produzidas com apoio do programa “Heróis usam máscaras”.
Fonte: Acervo das autoras, 2020.

O grau de organização comunitária atingido pelo Jardim Colombo desde a constituição da União de Moradores nos anos 1980 e culminando no Movimento Fazendinho, propiciou oportunidades de inclusão em programas governamentais de fundamental importância para se minimizarem os impactos gerados pela pandemia, e cujos resultados foram além de ações assistenciais. Por meio da participação no Programa “Heróis usam máscaras”, uma promoção conjunta dos bancos Bradesco, Itaú e Santander, com concepção do Instituto BEI, para viabilizar a produção de máscaras para idosos, pessoas imunodeprimidas e em situação de vulnerabilidade social com a contratação de costureiras na comunidade, o Jardim Colombo recebeu o apoio para a produção de mais de 70.000 mil máscaras, distribuídas no próprio local. (Figura 16)

Simultaneamente, foram realizados bazares solidários oferecendo para os moradores roupas, calçados, brinquedos, acessórios entre outros, de forma gratuita, em um montante de aproximadamente 2,7 toneladas de doações. Com o propósito de minimizar o impacto no aprendizado, já que muitas crianças e adolescentes encontravam-se fora das escolas, também em parceria com institutos, empresas e doações de pessoas físicas, foi realizada a distribuição de mais de 2.500 kits de livros. (Figuras 17 e 18)

⁷ O **Chef Aprendiz** é um projeto de desenvolvimento humano que usa a gastronomia como a principal ferramenta para capacitar jovens entre 17 e 20 anos em situação de vulnerabilidade social para que trabalhem em cozinhas de restaurantes e estabelecimentos parceiros (grande parte deles como um primeiro emprego). O **Matulas da Nega** é um serviço de alimentação que tem como proposta agregar valores de afeto e ancestralidade aos seus produtos. Os dois apoiadores possuem sede no município de São Paulo.



Figura 17: Bazares solidários com distribuição de itens de vestuário, brinquedos e utilidades domésticas.
Fonte: Acervo das autoras, 2020.



Figura 18: Bazares solidários com distribuição de livros e kits escolares.
Fonte: Acervo das autoras, 2020.



Figura 19: Distribuição de produtos dos projetos “Orgânico Solidário” e “Campo Favela” no Jardim Colombo.
Fonte: Acervo das autoras, 2020.

O Jardim Colombo inseriu-se igualmente nas iniciativas sociais “Orgânico Solidário” e “Campo Favela”, criadas para colaborar semanalmente com a alimentação dos moradores em diversas comunidades do estado de São Paulo (Figura 19). A primeira visa gerar renda para produtores orgânicos e alimentar famílias em situação de vulnerabilidade social. No Jardim Colombo, os moradores ficaram surpresos em receber tais produtos, pois a maioria, nunca havia experimentado alimentos orgânicos, devido ao seu custo geralmente mais elevado e à desinformação a respeito. A segunda iniciativa, idealizada por professores do Insper, busca possibilitar o fornecimento direto de frutas, verduras e legumes dos pequenos produtores agrícolas às associações locais e aos moradores em situação de vulnerabilidade. A conexão entre os setores produtivos e as entidades sociais e os objetivos por atingir podem ser vislumbrados no fluxograma descrito na Figura 20.

IDEIA DO PROJETO



Figura 20: Fluxograma de atividades do projeto "Campo Favela". Fonte: Acervo das autoras, 2020.
Fonte: Inesper, adaptado pelas autoras, 2020.

Com o prolongamento da quarentena, o movimento Fazendinho percebeu o quão difícil era para os moradores permanecerem nos seus lares, principalmente aqueles que apresentavam condições precárias e/ou espaço insuficiente para realizar o isolamento social dos demais membros da família. Diante de tal situação, em parceria com a editora BEI e o escritório de design Bloco Gráfico, buscou-se, de forma clara e sucinta, explicar para a comunidade por meio da distribuição de folhetos orientativos com ilustrações, como manter uma casa livre do Coronavírus. (Figuras 21 e 22)

A atenção à saúde por meio do programa de Telemedicina da equipe médica do SAS Brasil⁸, chegou pela primeira vez no Jardim Colombo, com consultas remotas e online, evitando o deslocamento até hospitais ou postos de saúde, diminuindo assim o alto risco de contágio pela COVID-19, e significando um acréscimo importante de cuidado em termos da situação de vulnerabilidade da maioria dos moradores. O modelo tecnológico adotado possui prontuário próprio seguindo protocolos de segurança de dados e de informação, e assim os médicos e psicólogos podem agendar as consultas, manter contato com os pacientes e ainda gerar receitas e atestados, quando necessário.

8 A SAS Brasil é uma organização sem fins lucrativos e itinerante, que presta atendimento às comunidades carentes utilizando recursos avançados de TI. Maiores esclarecimentos podem ser obtidos em: <http://sasbrasil.org.br/o-sas-brasil/>

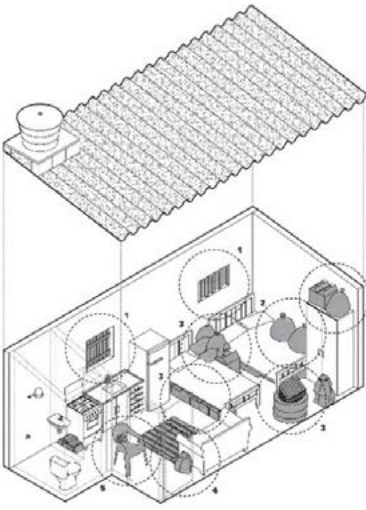
MANTENHA SUA CASA LIVRE DO CORONAVÍRUS

O coronavírus é muito contagioso e precisamos ter bastante cuidado para não trazê-lo para dentro de casa. Veja a seguir dicas para você manter seu espaço seguro!

Para assistir ao vídeo "Saindo e voltando de casa", aponte a câmera de seu celular para o QRcode ao lado ou acesse: <https://bit.ly/34s08a8>

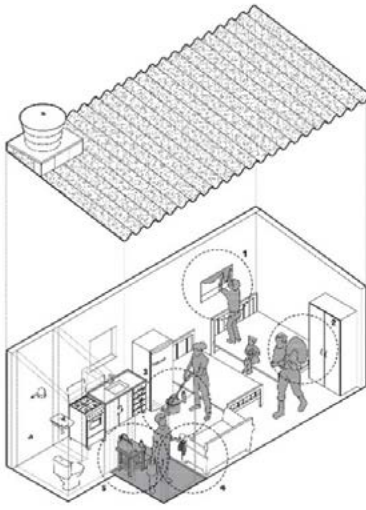
Para assistir ao vídeo com os cuidados completos, aponte a câmera de seu celular para o QRcode ao lado ou acesse: <https://bit.ly/34s08a8>

ANTES



Na maior parte das casas, a porta de entrada dá abertura direta na sala ou na cozinha. Agora, na epidemia, isso é perigoso, porque quem chega pode trazer o vírus da rua para dentro. Manter as janelas fechadas também não é bom. O ar deve circular para impedir a disseminação do vírus. Outro problema muito comum é o acúmulo de sacolas, caixas e objetos que dificultam a organização e a limpeza da casa.

DEPOIS



Faça uma "área de transição" na entrada da sua casa. Essa área de transição é um espaço para as pessoas que vêm da rua se desinfetarem. Mantenha a casa o mais arejada possível, abrindo janelas e, se for necessário, também as portas. Tente reduzir a quantidade de objetos sem uso, sacolas e papéis velhos, que atrapalham a passagem, acumulam a poeira e são difíceis de higienizar.

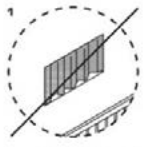
1/2

COMO MANTER A CASA LIMPA

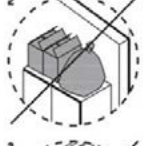
Alguns detalhes são superimportantes para você manter sua casa protegida. Lembre-se de que o segredo é a limpeza, porque o coronavírus pode sobreviver muito tempo no ambiente.

concepção BEI
 coordenação Ester Carro
 produção BEI Editora
 projeto gráfico Bloco Gráfico
 ilustrações Estúdio Mariana Wilderom

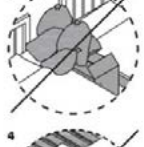
ANTES



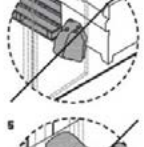
1 Evite manter as janelas da casa fechadas o tempo todo. O ar precisa circular.




2 É comum usar sacolas e caixas para guardar objetos. No entanto, acabamos por acumular coisas desnecessárias que tomam muito espaço.



3 Atenção especial para objetos que ficam no chão: eles atrapalham a limpeza do piso, que deve ser feita com frequência, e o coronavírus pode resistir por bastante tempo na superfície deles.




4 Não importa se a entrada se dá pela sala, pela cozinha ou pelo quarto. Elimine objetos inúteis ou mude os móveis de lugar para abrir esse espaço de higienização.




5 Preste muita atenção na entrada da casa: o vírus pode ficar nos sapatos e objetos usados na rua. Tire móveis e demais objetos de perto da porta para criar um espaço onde os moradores possam deixar essas coisas sem contaminar o ambiente interno.


DEPOIS



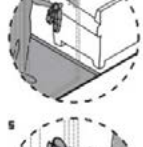
1 Deixe abertas janelas ou vidros para que a casa fique bem arejada.



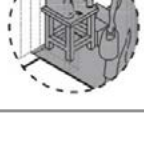
2 Quanto menos coisas houver dentro de casa, melhor: aproveite para dar uma olhada no que pode ser jogado fora, livrando-se de sacolas, caixas ou papéis velhos.



3 Piso e superfícies, sempre com o mínimo de objetos, devem ser limpos uma vez por dia com água sanitária diluída em água ou algum outro produto desinfetante.



4 Faça uma zona de transição na entrada. Ela não precisa ser muito grande: marque com fita adesiva uma área no chão diante da porta. Coloque nela uma caixa para que as pessoas ponham os sapatos e também bolsas, sacolas, carteiras, chaves — tudo o que vem de fora.



5 Deixe perto da entrada um banco, mesa, cadeira ou qualquer apoio para material de higiene (álcool gel, álcool 70%, papel-toalha etc.). Quem chegar deve passar álcool em tudo antes de entrar. Se houver um banheiro ou pia perto, você pode lavar as mãos e os objetos laváveis nela em vez de usar o álcool gel.

2/2

Figuras 21 e 22: Orientações para a salubridade da casa em relação ao Coronavírus.
 Fonte: Ester Carro, Editora BEI e Bloco Gráfico, 2020.

Culminando as iniciativas do Movimento Fazendinho para dar suporte à comunidade, mesmo com as restrições da quarentena, ressaltam-se as ações de estímulo às condições de empregabilidade dos moradores. Neste contexto, vale destacar os cursos de qualificação para mulheres no setor da construção civil, denominado afetivamente de “Fazendeiras”, dos quais participaram 15 (quinze) moradoras na modalidade de Azulejista (baseado nos conteúdos aplicados no Programa Via Rápida do Governo do Estado de São Paulo) e 10 (dez) no curso de Pintura.



Figura 23: Atividades práticas do curso de Azulejista: preparação de peças e sequência de assentamento de piso cerâmico.

Fonte: Acervo das autoras, 2020.

Em um compartilhamento de responsabilidades, integrantes do “Fazendinho” e da União de Moradores, em conjunto com profissionais convidados para palestras e trabalhos de canteiro específicos, conduziram as atividades estabelecidas nos cursos com grande êxito. Resultado relevante a ser observado é o fato de se desenvolverem as atividades práticas de canteiro em ambientes reais da comunidade, ou seja, reformando-se e recuperando-se cômodos e áreas precárias com as competências profissionais que foram trabalhadas com as alunas no curso. (Figura 23)

Logo após a conclusão dos cursos, metade do grupo de alunas já se encontrava contratada por empresas do setor.

4. Considerações Finais

[...]

*Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer
Com tanta violência eu sinto medo de viver
Pois moro na favela e sou muito desrespeitado
A tristeza e alegria aqui caminham lado a lado
Eu faço uma oração para uma santa protetora
Mas sou interrompido a tiros de metralhadora
Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela
O pobre é humilhado, esculachado na favela
Já não aguento mais essa onda de violência
Só peço à autoridade um pouco mais de competência⁹*

*Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, han
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar
Mas eu só quero é ser feliz, feliz, feliz, feliz, feliz
Onde eu nasci, é
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar.*

Neste trecho da canção “Eu só quero é ser feliz”, de autoria de Cidinho e Doca, se pode ver contida toda a densidade da realidade descrita anteriormente sobre o Jardim Colombo, microcosmos do universo dicotômico entre crescimento e pobreza da cidade, e, que como se viu também, é preexistente de décadas.

O que nos cabe, então, fazer? Qual caminho trilhar na direção de um destino comum e que realmente nos dignifique?

Viu-se que, o evidente drama social que a princípio se apresenta quase como sina de uma comunidade marcada pela insuficiência histórica de recursos em meio à riqueza produzida pela cidade oficial ao redor, surpreendentemente não se sustenta frente à escalada de bons resultados que o Jardim Colombo vem colecionando nos últimos anos.

Seja pela longevidade da União de Moradores com quase quatro décadas de sua criação, ou o Parque Fazendinha que ali se mantém e evolui com o reconhecimento da comunidade, ou ainda o jovem Movimento Fazendinho que cuida e promove moradores, cria parcerias a cada passo, multiplica e compartilha recursos, aprende e age quase em tempo real, o que assistimos é a resiliência do Jardim Colombo num cenário quase improvável de batalhas vencidas na guerra da desigualdade social local e nacional agravada pela emergência sanitária global.

Milagre, sorte, acaso? Longe disso, o que vem se construindo no passo possível e variável do cotidiano da comunidade é uma construção social mista de coragem e procedimentos técnicos progressivamente agregados e introjetados como práticas de gestão.

No âmbito do presente trabalho, vale destacar a apropriação dos conhecimentos da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo para a leitura do território, seu registro em linguagens de fácil compartilhamento social e a realização de estudos, sua utilização para a formulação de projetos e a organização de atividades que impliquem controle do espaço e do tempo.

Os mapas mentais elaborados por cada indivíduo a partir da seleção de referências cognitivas, contribuem fortemente para a tomada de atitudes de interferência e transformação na realidade.

Si aceptamos que los esquemas cognitivos representan un conocimiento subjetivo de lo que un individuo sabe, valora y organiza respecto a su medio ambiente, entonces, los mapas mentales son las imágenes mentales que la gente deduce de su medio físico y que afectan, primariamente, su comportamiento en el espacio.¹⁰
(RAPOPORT, 1978, p. 123)

Traduzir, representar e reelaborar conjuntamente a percepção cognitiva da comunidade sobre o ambiente físico é um importante passo no sentido de se construírem competências coletivas para a melhoria das condições de vida. Mais ainda, introduzir o senso de pertencimento ao lugar.

Claramente, as atividades conduzidas pela equipe do Movimento Fazendinho, pautaram-se em estudos fundamentados nos campos da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo, disseminando formas de apreensão e representação do ambiente que vêm permitindo à comunidade clareza e consciência quanto à produtividade da participação nas decisões e ações. Aspecto fundamental para a atitude proativa que tem feito a diferença na obtenção dos resultados de melhoria do Jardim Colombo para as relações sociais e a vida coletiva, à revelia da não rara ausência do Estado na resolução efetiva dos problemas.

Entende-se, assim, a frase da canção destacada em negrito ao início, E não se trata mais de aguardar a competência alheia, da autoridade distante, mas sim de capacitar a comunidade para o aprimoramento de suas habilidades inatas e a aquisição das competências próprias desejadas.

¹⁰ Referindo-se aos trabalhos de Bartlett, já em 1932, sobre psicologia ambiental, Amos Rapoport enfatiza: Se aceitamos que os esquemas cognitivos representam um conhecimento subjetivo do que um indivíduo sabe, valora e organiza sobre seu meio ambiente, então, os mapas mentais são as imagens mentais que toda a gente deduz de seu meio físico e que afetam, primariamente, seu comportamento no espaço. (Tradução livre das autoras)



Figura 24: Atividades de convívio e recreação dos moradores no espaço do Parque Fazendinha.
Fonte: Acervo das autoras, 2019.

O Jardim Colombo segue formando seus quadros técnico-profissionais e produzindo conhecimento que serve a todas as demais comunidades. Assume-se como criatura e criador de seu próprio destino.

Conta a lenda que uma imagem vale mais do que mil palavras. Nada mais suficiente, pois, para entender por que a área ocupada como um “lixão” por décadas torna-se um parque local zelado por todos e lócus da vida coletiva (Figura 24), do que observarmos os desenhos produzidos pelos moradores no I Festival de Arte – Fazendinhando, para expressar o que se desejava que o Parque Fazendinha viesse a conter. (Figura 25)



Figura 25: Desenhos dos moradores representando sugestões para o Parque Fazendinha.
Fonte: Acervo das autoras, 2019.



Figura 26 Anteprojeto do Parque Fazendinha com os itens sugeridos pela comunidade.
Fonte: Ester Carro e Veronica Vacaro, 2018.

Imagens de futuro que dispensam explicações!

E que já se encontram incorporadas na documentação do Projeto de Paisagismo (Figura 6) e progressivamente materializadas no espaço livre do Parque Fazendinha, sonho e realidade de todos, por todos e para todos.

5. Referências Bibliográficas

BASHALIDIS, Ester Carro de Oliveira. **Os espaços livres como caminhos para o resgate da cidadania na comunidade do Jardim Colombo**. São Paulo, Dissertação (Mestrado Profissional em Projeto, Produção e Gestão do Espaço Urbano) – FIAM FAAM – CENTRO UNIVERSITÁRIO, 2019.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de et alli. **São Paulo 1975 – Crescimento e Pobreza**. São Paulo: Edições Loyola, 1976.

CARRO, Ester.; LEITE, Maria Amélia D. F. A. **Refazendo a memória comunitária: o Parque Fazendinha do Jardim Colombo**. VIRUS, São Carlos, n. 17, 2018. [online]. Acesso: 18/03/2021.

LATORRE, A. M. The Sparking Cycle: **A Culture-Oriented Approach to System Change in Oppressed Communities**. Boston, Master in City Planning – MASSACHUSETTS INSTITUTE OF TECHNOLOGY 2019.

RAPOPORT, Amos. **Aspectos humanos de la forma urbana**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli S. A., 1978.

Autoras:

Maria Amélia Devitte Ferreira D’Azevedo Leite Arquiteta e urbanista, Mestra e Doutora em Estruturas Ambientais Urbanas (FAUUSP); pesquisadora sobre a formação tecnológica do arquiteto. Docente no Programa de Mestrado Profissional em Projeto, Produção e Gestão do Espaço Urbano FMU/ FIAMFAAM (2018-2019), CAU/Belas Artes (1981-1986) e na FAU/PUC-Campinas (1987-2015). Atua em ensino, projetos e 26 construção desde 1980. Especialista em Controle do Ambiente (Convênio MEC-CAPES). Formação em Educação Internacional. Publicações sobre estruturas arquitetônicas e ambiente. Consultora UNIFESP (Instituto das Cidades/ Campus Zona Leste).

Ester Carro de Oliveira Bashalidis Arquiteta e urbanista, Mestra em Projeto, Produção e Gestão do Espaço Urbano (FMU/FIAMFAAM). Ativista urbana e Presidente do Movimento Fazendinhando de transformação física, social e cultural do Jardim Colombo. Professora e pesquisadora no Núcleo de Mulheres e Território do Laboratório de Cidades (Arq. Futuro e Insper) e Fellowship na Avenues School - São Paulo. Exservidora pública na Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Trabalho - PMSP (2019-2020). Pós-graduanda em Habitação e Cidade (Escola da Cidade) e Urbanismo Social (Insper)

ERIC KING: TRAZOS DE UNA CONVERGENCIA ENTRE EL ARTE, LA ARQUITECTURA Y LA ENSEÑANZA

Eje/Eixo Temático 1

Romina Alday
Universidad Nacional de Córdoba

Resumen:

El presente trabajo procura, a modo de esbozo biográfico, reconstruir la figura de Eric Ray King (1935-2013) y apuntar algunas conexiones entre el campo del arte y los hechos de su vida. Se trata de una narración que involucra cuestiones más generales y procesos que hacen a la historia cultural de Córdoba en los años sesenta pero que también la excede por los avatares de una trayectoria signada por exilios y des-exilios.

¿En qué contexto produce su obra? ¿Cómo se insertó en la experiencia del Taller Total? ¿Qué rol jugó en la renovación estética de la cultura de Córdoba en los años sesenta?

Arquitecto y artista plástico Eric Ray King nace en Posadas en 1935 y se traslada a Córdoba, donde cursa la carrera de arquitectura, se incorpora a la docencia y vive el periodo de transformaciones sociales y culturales que experimenta la ciudad como parte del proceso de modernización.

Ocupa un lugar en los catálogos y diccionarios referidos al arte siendo menos conocida su actividad profesional y docente en el momento en que una nueva visión de la disciplina se debate en las asambleas de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo y da origen a la experiencia del Taller Total (1970/ 1975). En este sentido esta narración procura dar cuenta de los intereses plurales de Eric King en el marco de los profundos cambios que se producen en la ciudad, en la enseñanza y en el campo del arte.

Palabras clave: **Biografía, Eric Ray King, arquitectura, arte, enseñanza**

Resumo:

O presente trabalho procura, a modo de esboço biográfico, reconstruir a figura de Eric Ray King (1935-2013) e apontar algumas conexões entre o campo da arte e os fatos de sua vida. Trata-se de uma narração que involucra questões mais gerais e processos que fazem à história cultural de Córdoba nos anos sessenta, porém que também a excede pelos avatares de uma trajetória marcada por exílios e voltas. ¿Em que contexto produz sua obra? ¿Como se inseriu na experiência do Taller Total? ¿Que papel teve na renovação estética da cultura de Córdoba nos anos sessenta?

Arquitecto e artista plástico Eric Ray King nasceu em Posadas em 1935 e se traslada a Córdoba, onde cursa a facultade de arquitectura, se incorpora à docência e vive o período de transformações sociais e culturais que experimenta a cidade como parte do processo de modernização.

Ocupa um lugar nos catálogos e dicionários referidos à arte sendo menos conhecida sua atividade profissional e docente no momento em que una nova visão da disciplina se debate nas assembleias da Faculdade de Arquitectura e Urbanismo que dá origem à experiência do Taller Total (1970/ 1975). Neste sentido esta narração procura dar conta dos interesses plurais de Eric King no marco dos profundos câmbios que se produzem na cidade, no ensino e no campo da arte.

Palavras chave: **Biografía, Eric Ray King, arquitectura, arte, ensino**

El protagonismo del arte

En la intensa década del '60 aparecen como aspectos más visibles de la modernización el crecimiento industrial y la expansión urbana. La población de la ciudad de Córdoba se multiplicaba en varias decenas de miles de habitantes como fenómeno que se relacionaba con los procesos tecnológicos e industriales de ese tiempo. Cabe recordar que en la década del '50 se radican en Córdoba tres grandes industrias de nivel internacional: FIAT, la empresa italiana dedicada a la producción automotriz que también fabricaba tractores; IKA, otra importante empresa dedicada a la industria automotriz de origen norteamericano; y PERKINS, la firma inglesa que producía motores Diésel.

A comienzos de la década del 50 la ciudad de Córdoba presentaba características ligadas a una actividad básicamente administrativa y de servicios y un crecimiento pausado.

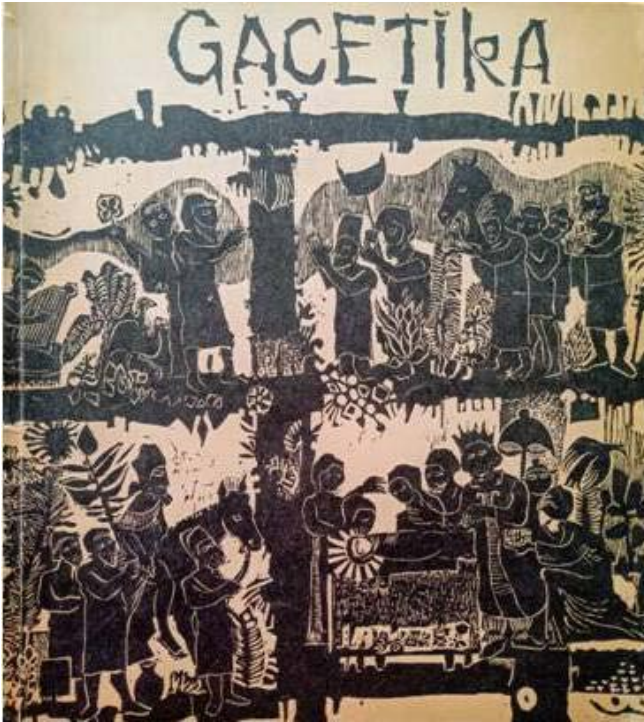
Agulla, respecto a la instalación de nuevas industrias y el aumento de su población, señalará que: "Estos dos hechos, a su vez, aparecen como innovaciones en la estructura social existente y vigente en la ciudad de Córdoba hacia el año 1949." (Agulla, 1963:106)

En los años que vienen la dinámica de la industria automotriz y metal-mecánica marca a Córdoba con una modernización que no se limitaba al plano material sino que alcanza también al arte y a sus modos de difusión.

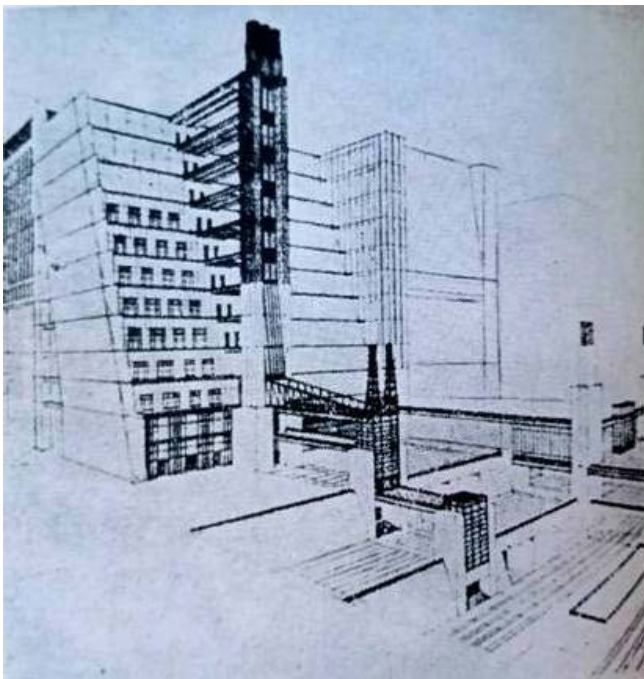
El protagonismo del arte se notó intensamente en la vida cultural. Mientras la actividad teatral alcanza niveles de excelencia, con teatros de vanguardia como el de la Escuela de Artes de la Universidad y el del Instituto Goethe; la actividad plástica, con las Bienales de Arte Káiser, que congregaron a notables artistas de toda América Latina, marca un hito en la aspiración a una Córdoba moderna.

También en el ámbito de los movimientos de vanguardia, "la actividad musical, vio trascender a compositores locales y recibió visitas de prestigio mundial, como John Cage. La Escuela de Artes, bajo la dirección de Raúl Bulgheroni, fue uno de los principales motores de estos movimientos". (Waisman, Bustamante, Ceballos, 1996:22)

Desde esa Escuela una mujer promueve la música contemporánea. La pianista Ornella Balestreri de Devoto¹ propicia primero el Taller y luego el Centro de Música Experimental; el centro organiza las Primeras Jornadas de Música Experimental -en paralelo a la 3er Bienal Americana de Córdoba (1966)- con activa participación de jóvenes músicos y una masiva concurrencia ávida de “ver lo último que se hacía en música”. (Rocca, 2004:169)



Diálogo distante: César Miranda / Gacetika n°67



Boceto de una ciudad futurista: Sant Elía / Gacetika n°67

Otro epicentro de la importante actividad cultural es la Facultad de Arquitectura. En Seminarios organizados por el Instituto Interuniversitario de Especialización en Historia de la Arquitectura (1959-1970) disertaron primeras figuras internacionales en la disciplina tales como Pevsner, Scully, Banham y Umberto Eco, entre otros.²

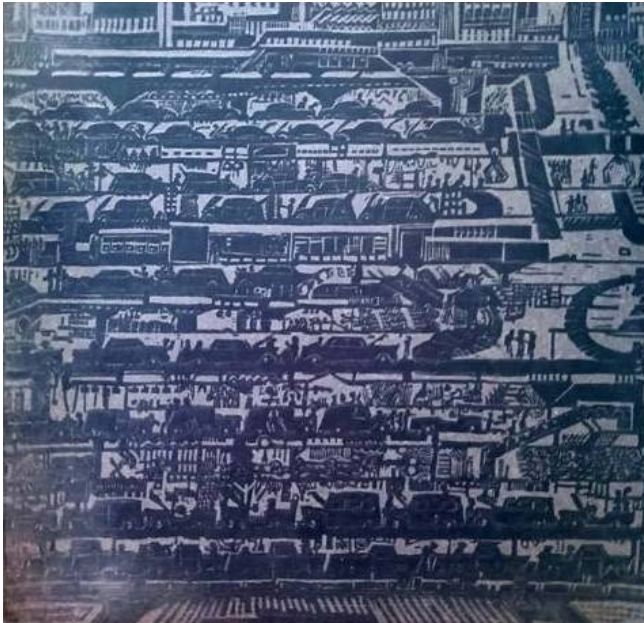
En los movimientos culturales de esa época, un párrafo aparte merece la figura de Jorge Bonino quien inventa un lenguaje indescifrable pero a la vez comprensible para un auditorio que le sigue en las improvisadas funciones que presenta. Verdadera leyenda Bonino, arquitecto y dibujante: “Alrededor de 1965 iniciaba un viaje a la fama y la locura: en el auditorio de la Facultad de Arquitectura hizo un espectáculo unipersonal, “Bonino aclara ciertas dudas”, que con más o menos variantes después le deparó un éxito clamoroso en el Instituto Di Tella de Buenos Aires y lo llevaría en alas casi mágicas a París y Nueva York, ciudad en la que se radicó por una década.”³

Sobre ese sustrato Córdoba se internacionaliza con las Bienales IKA (1962, 1964 y 1966). Los vínculos que establece el arte con la industria local se pueden verificar al momento que el conocido plástico cordobés Pedro Pon Vergés -director artístico en la Agencia Nova Propaganda encargado de la publicidad de IKA- participa

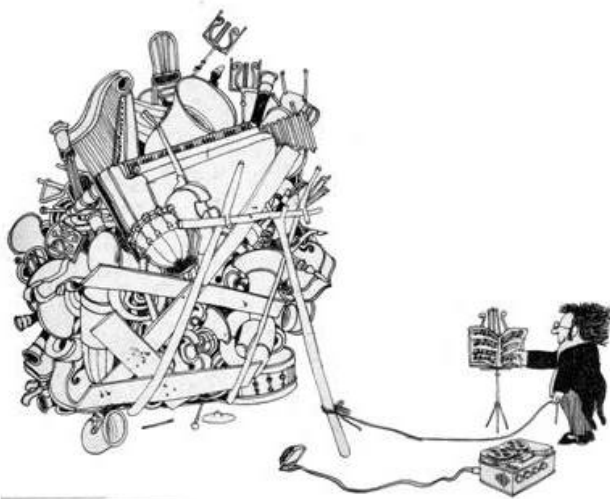
1 Ornella Ballestreri de Devoto, nace en Génova y se traslada a la Argentina en 1951. Ejerció la docencia en Tucumán, Rosario y Córdoba donde además fue directora del Departamento de música de la Escuela de Artes de la Universidad Nacional de Córdoba. Retirada de la actividad musical publica en 1995 una edición bilingüe de poesía: Rizonanze / Resonancias.

2 Acerca de la importancia y la apertura teórica que significaron los seminarios dan cuenta los Boletines de Informaciones del IIDEHA declarando a 1960 como el año de Pevsner o a 1961 como el año de Argan; en Boletín n°3 de octubre de 1961.

3 Marimón, A. (1989) La cultura de lo imposible. Revista Plural (13), 4-9



Línea de Montaje: Ilustración de César Miranda,
Gacetika n°71



Dibujo de Lorenzo Amengual: Museo Evita,
Palacio Ferreyra

activamente en 1958 en un proyecto para concursos de arte, inaugurando la serie de Bienales *Latinoamericanas de Arte* que fueron auspiciadas y financiadas por industrias Káiser (Rocca, 2004:158)

En Córdoba el programa del *internacionalismo* en la calificación de Andrea Giunta (2008) estuvo dado por Káiser no solamente a través de las bienales sino también de todo un despliegue que incluyó complejos de educación y deportes, financiación a espacios culturales y medios de comunicación como la revista "Gacetika".

El número 67 de la revista (1963), con la portada del grabado de Cesar Miranda⁴ *Diálogo distante* en el que aparecen elementos y signos de la cultura prehispánica, escribe el Ing. Lázaro Devoto profesor de Urbanismo. El texto de su artículo se titula: *Industria, ciencia y ciudad* e intercala, entre otras imágenes, el boceto para una ciudad futurista de Sant Elía sin escapar en sus afirmaciones a la creencia generalizada de los beneficios que la evolución y el progreso industrial traerían aparejados para la sociedad toda⁵. El texto sigue la línea la editorial de la revista que propicia a la Industrialización como "la única respuesta a los países de América Latina que aspiran al desarrollo".⁶

En esta etapa en la que puede hablarse de una suerte de "arte en desarrollo" hay una constancia de la representación que refuerza la relación entre el arte y la tecnología. Es significativo el dibujo - original que se encuentra en el Museo Evita - de Lorenzo Amengual⁷, autor de los dibujos del que puede considerarse el primer libro de humor impreso en nuestro medio: "Así en la tierra como en el cielo" de la Editorial Universitaria de Córdoba.

4 La xilografía de Cesar Tomás Miranda obtuvo el Primer Premio en el I Salón, Concurso Anual de Artes Visuales Contemporáneas destinado a los artistas residentes en Córdoba integrando la exposición de trabajos premiados que se expuso en 1958 en el Museo Caraffa.

5 Devoto, L. (1963) *Industria, ciencia y ciudad*. Gacetika (67) 11-15

6 Sorenson, C. (1963) *Industria, asociación y desarrollo*. Gacetika (67) 3-10

7 Lorenzo Amengual, compañero y amigo de Eric King egresa de la Facultad de Arquitectura en 1964. Inicia su formación entre 1949/1951 en la Escuela Provincial de Bellas Artes de Villa María y ya en la ciudad de Córdoba trabaja para la revista IKA y en TV/Canal 10. A partir del golpe de 1966 se traslada a Buenos Aires. Su extensa carrera incluye publicaciones en el país y en el extranjero. Entrevista a Lorenzo Amengual, Córdoba, Mayo 2021.

Trayectoria: premios y distinciones.

Eric Ray King nació en Misiones el 18 de octubre de 1935 y falleció en Posadas el 6 de febrero de 2013. Pintor autodidacta y arquitecto, erradicado por las distintas dictaduras, vivió en New York, Buenos Aires y Marruecos, y con el regreso de la democracia en 1983 volvió a su Misiones natal. Fue en Córdoba donde cursó arquitectura, ejerció como docente y profesional y formó parte activa de los movimientos artísticos de los años sesenta, realizando exposiciones individuales y colectivas.

En el contexto de las Bienales Americanas de Artes (1962, 1964 y 1966), Eric King obtiene cronológicamente los siguientes premios y distinciones (Moyano y Arnold, 2010:284):

1962 – Segundo Premio de Dibujo Salón Universidad Nacional de Córdoba.

1963 – Premio menores de 30 años 5º Salón IKA Córdoba.

1964 – Premio a la Joven Pintura, Galería de Arte Moderno de Córdoba.

1964 – Seleccionado para el Primer Salón de Artistas Jóvenes de Latinoamérica, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires.

1965 – Seleccionado para integrar las Muestras de Pintura Contemporánea Argentina, Museo Castagnino, Rosario.

1966 – 5º Premio Bienal Americana de Arte.



Eric King: *Construcción para la percha de James Bond*.
Museo Evita / Palacio Ferreyra

En esa relación de tecnología e imagen se inscribe la obra *“Construcción para la percha de James Bond”* premiado en la 3er Bienal del año 1966. En la utilización de recursos ya aceptados pero en función de la temática pertinente a las nuevas tecnologías se puede citar también el trabajo pictórico de la serie *“El astronauta”* y *“Los que vieron la luna”* de Raquel Forner que fue premiado en instancias de la primera Bienal IKA de 1962. (Bustamante y Guerra, 1995:s/p)

Lo cierto es que con las Bienales IKA Córdoba se internacionaliza legitimando a artistas locales y mostrando su producción en otros ámbitos. Eric King trasciende al escenario nacional y expone en otra muestra organizada en un espacio cuyo origen y promoción se sostuvo también desde un ámbito netamente industrial: el Instituto Torcuato Di Tella en Buenos Aires, un instituto con producciones que oscilaban en intervenciones, ambientaciones y happening de artistas ya consagrados a nivel internacional como Romero Brest.⁸

⁸ Jorge Romero Brest es una figura clave del movimiento artístico Argentino de los 60's promotor de un arte Argentino apto para la "anhelada vidriera neoyorkina".

Aldo Pellegrini⁹ en su libro Panorama de la Pintura Argentina Contemporánea (1967) ve detrás de las imágenes cotidianas y triviales de la obra pictórica de Eric King una particularidad poética y detalles que conducen a lo inesperado haciéndolo merecedor de ser incluido en una exposición de pintura surrealista organizada por el Di Tella.

El desplazamiento del viaje y el Taller Total

Dice Eric King:

“Fui a trabajar al exterior en dos oportunidades: la primera vez fue en 1966, casi coincidiendo con el golpe de estado y nuevamente diez años después, coincidiendo con el otro golpe. En la primera ocasión me radiqué en Nueva York, donde permanecí un año y medio. Mi intención era quedarme a vivir en Estados Unidos, hice y obtuve la green card como inmigrante legal desde Buenos Aires, pero después tuve que volver por problemas familiares. (...) En EE.UU me hubiera quedado a vivir por la gran cantidad de oportunidades que en ese momento se vislumbraban allí y porque era la cocina internacional más surtida del momento artístico, cosa que me interesaba mucho.”¹⁰

A su regreso al país se reincorpora a Facultad de Arquitectura y Urbanismo específicamente al Taller 6 del Taller Total (1970 y 1975). Participa activamente en las reuniones y debate sostenidas en torno a la función de la arquitectura y de las formas de enseñanza. Repasando las Resoluciones de la FAU, desde el 1º de agosto de 1971 y hasta el 31 de diciembre del mismo año, Eric King fue miembro de la Coordinadora General.

Según Lamfri, (2007, p. 145), “cada taller tenía un delegado que aportaba sus decisiones en las reuniones de la Coordinadora. Al igual que las Asambleas, la Coordinadora también operaba dotando de legitimidad a las decisiones,[...]”

En la Coordinadora general, participaban representantes alumnos y docentes de cada uno de los talleres, que eran doce, por tanto eran veinticuatro personas que se sentaban en la sala del Consejo, cada uno de ellos venía con mandatos decididos en asambleas en el taller y así se tomaban las decisiones. (Lamfri, 2007, p. 145 y 146). Por lo general, las discrepancias generadas en los talleres también se explicitaban en este espacio a partir de los planteos que portaban los delegados, no exentos de relaciones conflictivas al interior de los mismo y entre los distintos talleres, todavía según la autora citada.

El sistema de representación de los talleristas en la Coordinadora General, reforzó las prácticas de participación democrática en la toma de decisiones ya establecidas en las asambleas, como afirma Lamfri (2007, p.147).

En ese período en que Erik King fue miembro de la Coordinadora General, esa función no gozaba de retribución mensual alguna. A partir del 1º de Enero de 1972 continúa en dicho cargo hasta el 30 de abril del mismo año en el que renuncia al momento en que el cargo gozaba de una retribución mensual. Por Resolución N° 40/72 de fecha 25/04/1972, se acepta la renuncia de Eric Ray King y se designa al arquitecto Arquímedes Federico en su reemplazo.¹¹

Paralelamente al periodo del Taller Total desarrolla su actividad profesional

9 Aldo Pellegrini, autor del libro Panorama de la Pintura Argentina Contemporánea (1967) es un prestigioso poeta y crítico y uno de los impulsores del surrealismo en la Argentina.

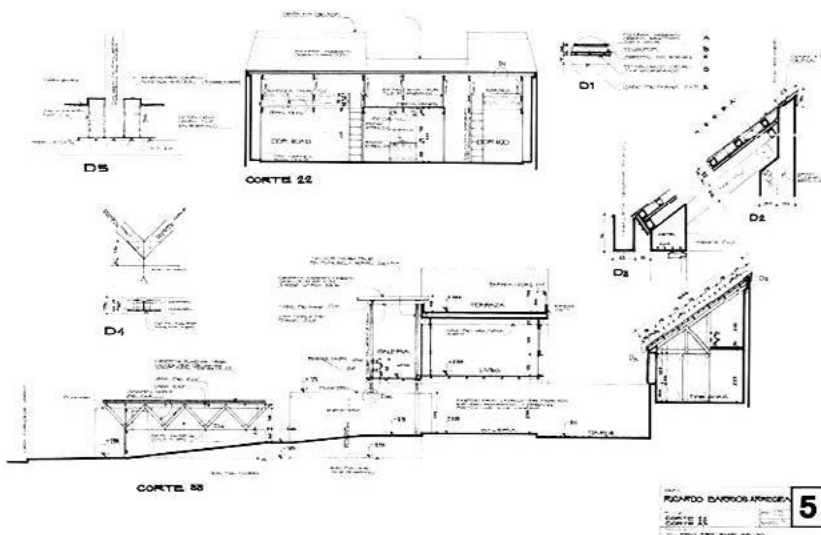
10 Conocido arquitecto se mató de un tiro (6 febrero, 2013) Misiones on Line. Recuperado de <https://misionesonline.net/>

11 Entrevista al arquitecto Arquímedes Federico. Córdoba, marzo de 2021.

como arquitecto de la entonces Dirección de Espacios Verdes, actual Parques y Paseos de la Municipalidad de Córdoba. Dos obras dan cuenta de esa actividad. Por un lado, la recuperación de la actual Plaza de la Intendencia, con una mínima intervención que la revaloriza como espacio verde y, por otro, Patio de los Niños, en la calle Jujuy 150, que proyectó en 1980. Se trata en este caso de una plazoleta de singulares características, verdadero pulmón entre altos edificios y también verdadera muestra de imaginación.



El Patio de los Niños / Ciudad de Córdoba
Fotografía: Romina Alday 2021



Planos de la vivienda para Barrios Arrechea / Dibujo de Manuel Bellino

En su Posadas natal proyecta en 1975 una vivienda para su amigo el médico Ricardo Barrios Arrechea; lo hace en sociedad con Manuel Bellino, quien fue su alumno en el período del Taller Total y con quien compartirá gran parte de su labor posterior.

También en Misiones, con la vuelta a la democracia, se hace cargo del Instituto de Vivienda, hoy el IProDHa, donde trabaja en el proyecto Ñande Roga. Un Plan de viviendas que, en base a prototipos, permitía construir la vivienda en lote propio y que constituía una estrategia del entonces gobernador Arrechea que buscó integrar a los aserraderos locales y reactivar la industria de la madera en esa provincia.¹²

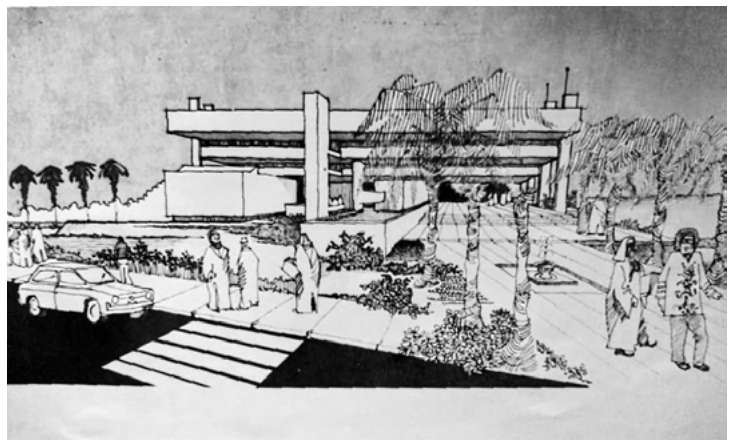
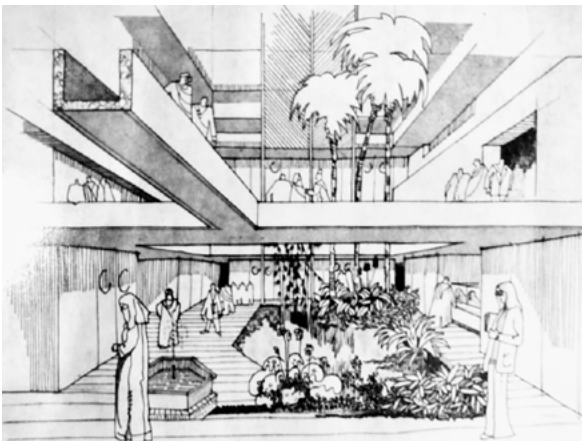
12 Entrevista al arquitecto Carlos Borio, ex alumno de Eric King en la materia Morfología, segundo año, período Taller Total. Córdoba, abril de 2021.



Prototipo de vivienda del Plan Nande Roga
Fotografía Carlos Borio

Sobre la segunda vez que marcha al exilio poco antes del golpe de 1976, King dice:

Siempre que viajé lo hice trabajando en mi profesión de arquitecto. La segunda vez me radiqué en Tánger, Marruecos. Allí no tenía muy claras las cosas, lo importante era trabajar y luego ver, solo regularicé mi condición de residencia hacia el final de mi estadía que duró tres años, pero ya no tenía intenciones de radicación. Partí a España y otros países de Europa para conocer y luego regresé una temporada más a Marruecos, desde donde volví a Argentina. En Marruecos me hubiera quedado a vivir por el paisaje, y por profundizar en las mil y una noches... Es una cultura muy fuerte pero sumamente difícil para los extranjeros, allí la llave de la puerta abre hacia la derecha, la lectura y la escritura comienzan de derecha a izquierda y a la larga se profundiza la condición de extranjero al punto que se corre peligro de terminar aislado en ghettos donde se refugian casi todos los del país de "extranja".¹³



Bocetos de Eric Ray King para proyectos en Marruecos

El regreso a Posadas o al lugar de la infancia

A propósito de las razones de los regresos de sus diferentes exilios, Eric King dirá:

"No tuve mayor nostalgia en ningún caso, no había mucho tiempo para el tango argentino. Sinceramente muchas veces extraña más mi país viviendo en él, que desde fuera. No obstante, y esto a la distancia, como decía Artaud "la única patria es la infancia" El paisaje inicial se imprime muy fuertemente y Misiones es un lugar muy entrañable."¹⁴

¹³ Conocido arquitecto se mató de un tiro (6 febrero, 2013) Misiones on Line. Recuperado de <https://misionesonline.net/>

¹⁴ Conocido arquitecto se mató de un tiro (6 febrero, 2013) Misiones on Line. Recuperado de <https://misionesonline.net/>

King volvió a exponer luego de una ausencia prolongada en los espacios de arte; en 2001 lo hace en una muestra curada por Luis Felipe Noé y Alejandro Punte, en el Centro Cultural Borges, y en 2005 lo hace por primera vez en Posadas, en la exposición denominada Antología, en el ámbito del Museo de Arte Contemporáneo de la Universidad Nacional de Misiones. Una de sus obras célebres, de marcada inspiración local y que está presente en ambas muestras, es “El dúo las sirenitas del Paraná in concert en el Teyú Cuaré” reconocida por una particularidad que podría definirse como poética y surrealista.

A modo de cierre

El registro biográfico e histórico nos ha permitido caracterizar la experiencia de vida de Eric Ray King. Esta aproximación a un itinerario cargado de desplazamientos posibilitó reconstruir su figura a la vez que visibilizar los cambios y transformaciones de la cultura de Córdoba en la larga década del 60. Un escenario en el que se entrecruzan la producción industrial y las proposiciones para la ciudad, la arquitectura y el arte.

Un proceso de transformaciones, que a mediados del siglo XX, con la radicación de industrias más dinámicas implicará la adaptación de la ciudad a nuevos valores; a la creación de formas y procedimientos nuevos en el campo del arte y que tendrá amplias consecuencias, entre otras, en los modelos de enseñanza-aprendizaje instrumentados en la Escuela de Arte y Facultad de Arquitectura como así también en la actividad militante de muchos arquitectos que, junto al movimiento estudiantil, contribuyeron a la construcción del imaginario de una época.

Al decir de Zátanyi (2007) igual que la ciencia de la historiografía, el arte no sólo documenta, podría decirse que permite, como en este caso, echar luz sobre el pasado de un arquitecto y artista plástico signado por un clima de época y atravesado por exilios y des-exilios que construyeron su propia historia.

Referencias Bibliográficas

AGULLA, JUAN CARLOS et al. (1963) *Planeamiento: cinco enfoques*. Editorial de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo, Universidad Nacional de Córdoba, Argentina.

BUSTAMANTE, J. GUERRA, S. (2009) *Córdoba en los sesenta: las relaciones entre arte e industria*. Primeras Jornadas Nacionales de Historia de Córdoba. Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad Nacional de Córdoba.

GIUNTA, ANDREA (2001) *Vanguardia, internacionalismo y política. Arte argentino en los años sesenta*, Paidós, Buenos Aires, Argentina.

MARIMON, ANTONIO (1989) La cultura de lo imposible. *Revista Plural* (13), 4-9.

MOYANO, MARIA DOLORES et al. (2010) *Diccionario de artistas plásticos de Córdoba Siglo XX y XXI*, Edición CIFI y H, UNC y Gobierno de Córdoba, Córdoba, Argentina.

LAMFRI, NORA ZOILA. (2007). *Urdimmbres. El Taller Total: Un estudio de caso*. Córdoba, (Argentina): Centro de Estudios Avanzados, UNC. (Dissertação de mestrado).

PELLEGRINI, ALDO (1967) *Panorama de la pintura Argentina contemporánea*. Editorial Paidós, Buenos Aires, Argentina.

ROCCA, CRISTINA (2004) *Artistas de Córdoba, salones IKA y bienales americanas de arte: en torno al arte moderno en los sesenta*. En 100 años de Plástica en Córdoba 1904-2004. Editorial La Voz del Interior S.A. Córdoba, Argentina.

ROCCA, CRISTINA (2005) *Las Bienales de Córdoba en los sesenta. Arte, modernización y Guerra Fría*. (1ª edición) Ed. FF y H. Universitas. Córdoba, Argentina.

WAISMAN, MARINA, BUSTAMANTE, J., CEBALLOS, G. (1996) *Guía de Arquitectura de Córdoba. 15 recorridos por la ciudad*, Editorial Junta de Andalucía, Sevilla, España.

REVISTA GACETIKA Nº 67. Diciembre de 1963. Córdoba, Argentina.

REVISTA GACETIKA Nº 71. Julio-agosto de 1971. Córdoba, Argentina.

ZÁTONYI, MARTA (2007) *Arte y creación: los caminos de la estética*. Editorial Capital Intelectual, Buenos Aires, Argentina.

Autora:

Romina Alday, Diseñadora Industrial, egresada de la Facultad de Arquitectura Urbanismo y Diseño de la Universidad Nacional de Córdoba (FAUD-UNC); Especialista en Docencia Universitaria (UTN). Profesora Asistente de la cátedra de Ciencias Humanas e investigadora categoría 5 en la Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño de la Universidad Nacional de Córdoba. Como Investigadora ha participado en programas y proyectos de investigación del Centro de Formación de Investigadores Marina Waisman (FAUD-UNC).

O URBANISMO DAS TRÊS ECOLOGIAS: Utopismo dialético e desenvolvimentos geográficos desiguais

Eje/Eixo Temático 1

Edison França da Silva Filho
Denise Falcão Pessoa

Centro Universitário Belas Artes de São
Paulo Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Resumo:

O presente artigo estuda as possibilidades de aplicação da teoria da ecosofia, proposta como articulação ético-política pelo filósofo francês Felix Guattari, dentro do conceito de utopismo dialético, estruturado pelo geógrafo americano David Harvey. Uma análise urbana contextualizada pelo entendimento da teoria dos desenvolvimentos geográficos desiguais, as três ecologias – do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana, indicadas pelo pensamento ecosófico – exercem o papel de fio condutor de um conceito universalizante para uma utopia dialética. Esta dialética utópica, formada através da utopia do tempo, entendida a partir de processos sociais contínuos, e do espaço, concretizada fisicamente pelo urbanismo e desenvolvimento urbano de grandes núcleos urbanos, oferece o arcabouço teórico e analítico para imaginar mundos alternativos em um determinado contexto sociocultural, baseados no equilíbrio dos três registros ecosóficos.

Palavras-chave: **Ecosofia, Três Ecologias, Capitalismo, Utopismo Dialético.**

Resumen:

El presente artículo estudia las posibilidades de aplicación de la teoría de la ecosofía, propuesta como articulación ético-política por el filósofo francés Felix Guattari, dentro del concepto de utopismo dialéctico, estructurado por el geógrafo americano David Harvey. Una análisis urbana, contextualizada por el entendimiento de la teoría de los desenvolvimientos geográficos desiguales, las tres ecologías – del medio ambiente, de las relaciones sociales y de la subjetividad humana, indicadas por el pensamiento ecosófico – ejercen el papel de hilo conductor de un concepto universal para una utopía dialéctica. Esta dialéctica utópica, formada a través de la utopía del tiempo, entendida a partir de procesos sociales continuos, y del espacio, concretizada físicamente por el urbanismo y el desarrollo urbano de grandes núcleos urbanos, ofrece el marco teórico y analítico para imaginar mundos alternativos en un determinado contexto sociocultural, fundados en el equilibrio dos tres registros ecosóficos.

Palabras-clave: **Ecosofía, Tres Ecologías, Capitalismo, Utopismo Dialéctico.**

Introdução

O objetivo do presente artigo é analisar as possibilidades e subsequente importância da Teoria da Ecosofia como articulação ético-política de projetos urbanísticos utópicos. A utopia pretendida, denominada dialética pelo geógrafo americano David Harvey (2015), é baseada na conjunção do tempo, compreendido a partir de processos sociais específicos, e do espaço, concretizado fisicamente pelo urbanismo. Os processos sociais supracitados são apreendidos a partir do conceito de desenvolvimentos geográficos desiguais (HARVEY, 2015) e característicos a cada realidade da localidade estudada. O resultado físico desse modelo utópico dialético seria a proposta de ambientes urbanos alternativos, articulados a partir das diretrizes das três ecologias expostas pela teoria ecosófica de Félix Guattari (2012): as ecologias do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana.

O estudo foi estruturado em três partes: a primeira trata de interpretar as três ecologias propostas por Guattari como conceito universalizante de uma articulação ético-política que busca identificar os impactos gerados pelo capitalismo da globalização nos registros ecológicos (tripé meio ambiente-sociedade-subjetividade). A partir dessa articulação, em um contexto generalizado globalmente do relacionamento entre as pessoas e o meio, seria possível imaginar diretrizes que reequilibrem as relações socioambientais em busca de ambientes urbanos mais justos e sustentáveis.

Na segunda parte, faz-se necessária a relativização do conceito universalizante da ecosofia dentro de contextos socioculturais distintos. Para isso, a ideia de desenvolvimentos geográficos desiguais apresentada por Harvey (2015) será de extrema importância, tendo em vista a necessidade de adequar parâmetros genéricos observados pela ética-política das três ecologias em diferentes escalas geográficas. É pelo relativismo interpretado por Harvey na figura das escalas de intervenção e análise, adaptadas aos contextos de determinada realidade – seja nacional, regional, municipal ou local – que se pode utilizar das três ecologias dentro de contextos sociais específicos.

Na terceira parte, após esclarecer o conceito universalizante da ecosofia e a forma estabelecida de como este pode ser interpretado a partir de diferentes escalas em contextos espaciais e socioculturais específicos, é discutida a utopia dialética, ou utopia espaçotemporal, proposta por Harvey (2015), que alia o ideário utópico das mudanças sociais no tempo, dentro do ambiente físico dos grandes núcleos urbanos, onde ambientes urbanos alternativos poderão ser propostos tendo como fio condutor o pensamento dos três registros ecosóficos.

1. Ecosofia: as três ecologias como articulação ético-política

Alternativa à maneira de pensar as relações do ser humano com a natureza

Para Guattari (2012), as acelerações das transformações técnico-científicas, em especial a partir da segunda metade do século XX, e as formas como os modos de vida individuais e coletivos evoluem dentro do sistema capitalista globalizado, contribuem para um progressivo deterioramento do planeta. Além da contínua exploração do meio ambiente natural, o desenvolvimento e consequente consolidação de grandes núcleos urbanos como principal habitat dos seres humanos no século XXI trouxe repercussões tanto nos modos de vida dos indivíduos, quanto nas relações interpessoais e subjetivas.

Este tripé ecológico entre meio ambiente, sociedade e subjetividade humana

– leia-se subjetividade como relações psicológicas e a consciência de cada indivíduo dentro de um determinado contexto – é o cerne da questão para o filósofo francês no que diz respeito à forma necessária para lidar com as problemáticas do capitalismo globalizado nos dias atuais. É nesse contexto que Guattari sugere uma nova articulação ético-política, denominada ecosofia, que relaciona os impactos no ambiente natural e no meio urbano e propõe uma nova forma de se pensar as relações socioambientais:

As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política – a que chamo de ecosofia – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões. (GUATTARI, 2012, p. 08)

Importante ressaltar que o conceito de ecosofia, e as três ecologias que o abarcam, funciona como fio condutor universalizante do que seria uma forma alternativa de avaliar as implicações do desenvolvimento urbano e humano perante a natureza. De maneira complementar, a partir da teoria dos desenvolvimentos geográficos desiguais, o próprio Harvey discute a necessidade de estabelecimento de pontos básicos de convergência de diferentes grupos sociais no que tange à sua relação enquanto sociedade e perante o ambiente natural e construído:

Defenderei uma modalidade de universalismo no âmbito da qual possam florescer processos geográficos desiguais de maneiras mais produtivas e interessantes. O estabelecimento adequado de condições numa dada escala – no caso, a consideração conjunta do global e do local – é visto aqui como condição necessária (embora não suficiente) de criação de alternativas políticas e econômicas em outra. (HARVEY, 2015, p. 118)

Isto posto, é necessário discorrer este tripé de conceitos que constituem essa articulação ético-política chamada de ecosofia, indicada por Guattari (2012), como condição universalizante de análise e de ação dos seres humanos perante a natureza.

1.1. Primeira Ecologia: meio ambiente

A ecologia do meio ambiente pode ser considerada, além da análise tecnocrática dos impactos ambientais do desenvolvimento capitalístico traduzido fisicamente na forma de cidades, como uma maneira de repensar a utilização de recursos naturais escassos, finitos e demasiadamente explorados no âmbito de sua relação com as formas de viver dentro das cidades.

A ecologia ambiental, logo, representa não apenas as implicações físicas do impacto do homem na natureza, mas determina a forma como essa relação de conexão entre as sociedades e o planeta deve ser repensada de forma transversal a todo tipo de manifestação do indivíduo: “O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico.” (GUATTARI, 1992, p. 08)

Essa maneira de viver colocada pelo filósofo, que por séculos passou pelo domínio da natureza pelos métodos de produção capitalistas e acabou por construir a imagem das cidades do século XX e XXI, se baseia na capacidade de reinvenção

da relação dos indivíduos com a natureza em todas as suas escalas de viver, seja na habitação, produção, locomoção, consumo. Desta forma, cabe à ecologia do meio ambiente, cuja representação física no modelo capitalista é o grande núcleo urbano, identificar como os mais variados processos de formação das grandes cidades contribuíram para o deterioramento da natureza e a crise ambiental vivenciada em âmbito global.

Esta ligação entre ambiente urbano construído e a ecologia ambiental acaba sendo de suma importância como metodologia para identificar os padrões de reprodução das formas de capitalismo globalizado nas cidades e como rupturas desses padrões poderiam atingir os outros registros ecológicos, seja o campo social ou da subjetividade humana, e reinventar a forma como as sociedades lidam com os recursos naturais do planeta.

1.2. Segunda Ecologia: relações sociais

Partindo do pressuposto estabelecido de que os grandes núcleos urbanos, as cidades do século XXI, são a reprodução física dos desequilíbrios ecosófico gerados pelo capitalismo globalizado, caberá à ecologia social estabelecer de que forma o desenvolvimento urbano afetou e deteriorou as relações entre os indivíduos e o meio social.

A ecologia social deverá trabalhar na reconstrução das relações humanas em todos os níveis do socius. Ela jamais deverá perder de vista que o poder capitalista se deslocou, se desterritorializou, ao mesmo tempo em extensão - ampliando seu domínio sobre o conjunto da vida social, econômica e cultural do planeta - e em "intenção" - infiltrando-se no seio dos mais inconscientes estratos subjetivos.
(GUATTARI, 1992, p. 33)

Pela conexão intrínseca entre os registros ecológicos, é necessário identificar os aspectos urbanísticos que fizeram parte da construção das cidades, tanto no sentido da descaracterização e exploração do meio ambiente natural, quanto nas crises sociais que se traduzem e se potencializam dentro do tecido urbano. Tais cidades possuem altos índices de desigualdade social e grandes parcelas de sua população em alto grau de vulnerabilidade social. Seja na forma de favelas ou outras formas de agrupamento precário, é possível ver os desequilíbrios gerados dentro da ecologia social no desenho geográfico de grandes núcleos urbanos.

Essas cidades desiguais socialmente, e desequilibradas dentro da análise ecosófica, levam a outros aspectos problemáticos dentro da ecologia social. Principalmente a partir da metade do século XX, o nível de medo e desconfiança do outro deixou marcas nas políticas urbanas modernistas e pós-modernas e definiu a imagem da cidade nos dias atuais. Muros, grades, grandes vazios urbanos e zonas de fronteiras são a representação física do medo que consome o ambiente urbano e abrange os aspectos da ecologia social.

No contexto da ecologia social, a construção da cidade capitalista acarreta problemas nas várias camadas da vida em sociedade, e suas implicações se diferenciam em contextos socioecológicos específicos.

1.3. Terceira Ecologia: relações subjetivas

O terceiro registro ecológico, das relações subjetivas, tem como ponto chave de análise o deterioramento da subjetividade humana, da psique dos indivíduos. É

necessário enfatizar a relação intrínseca entre o desequilíbrio da ecosofias ambiental e social, e a constante perda psicológica gerada dentro do sistema capitalista globalizado.

A tendência da subjetividade capitalística é a homogeneização, seja dos bens culturais, costumes, aspectos da psique individual ou coletiva. Essa homogeneização facilita os fluxos do capital e o seu acúmulo pelos seus operadores, privados ou públicos.

Em termos urbanísticos, as cidades foram moldadas para consolidar esse domínio, pelo qual as pessoas exercem seus papéis dentro das formas de expansão dos fluxos do capital, fazendo com que a subjetividade fosse continuamente oprimida em detrimento do progresso econômico.

A subjetividade capitalística, tal como é engendrada por operadores de qualquer natureza ou tamanho, está manufaturada de modo a premunir a existência contra toda intrusão de acontecimentos suscetíveis de atrapalhar e perturbar a opinião. Para esse tipo de subjetividade, toda singularidade deveria ou ser evitada, ou passar pelo crivo de aparelhos e quadros de referência especializados. (GUATTARI, 1992, p. 33-34)

Além do deterioramento da subjetividade humana a partir de processos de homogeneização e massificação dos modos de ser dos indivíduos típicos da era da globalização, o meio ambiente urbano, como construção capitalista do espaço, influencia fortemente a psique humana, tanto positivamente quanto de forma negativa em diferentes níveis. É notório que a cidade pode ser muito cruel com os seus habitantes, principalmente as camadas da sociedade marginalizadas, esquecidas e oprimidas dentro do contexto econômico de direito à cidade e uma vida digna.

A perda da capacidade de produzir subjetividades acompanha questões de saúde das pessoas dentro dos núcleos urbanos. O individualismo forçado pelo maquínico capitalístico e engendrado no tecido urbano via políticas urbanas trouxe, em especial ao século XXI, a era das doenças psicológicas. Solidão, depressão, individualismo, pânico, ansiedade, a perda da capacidade de conexão emocional com o outro, entre outras questões, são parte da realidade da vida nas cidades.

“Fazer face à lógica da ambivalência desejante, onde quer que ela se profile – na cultura, na vida cotidiana, no trabalho, no esporte etc. –, reapreciar a finalidade do trabalho e das atividades humanas em função de critérios diferentes daqueles do rendimento e do lucro: tais imperativos da ecologia mental convocam uma mobilização apropriada do conjunto dos indivíduos e dos segmentos sociais. (GUATTARI, 1992, p. 41-42)

O urbanismo está vinculado a essas questões, tanto como ferramenta técnico-científica, quanto área do conhecimento que traz embasamento para políticas urbanas e para o pensar as cidades ao redor do globo. É a partir do reconhecimento do potencial de ressignificação de processos e proposição de alternativas dentro das três ecologias, que por meio da articulação ético-política da ecosofia pode ser possível repensar a forma que os indivíduos vivem e produzem as cidades.

1.4. Articulação ético-política da ecosofia no contexto global

A proposta de mudança de paradigma socioambiental proposto pelo filósofo francês não é um fim em si, mas um meio, uma forma de representar a necessidade de se imaginar modos de viver e de se relacionar alternativos à ótica destrutiva

evidenciada em diversos aspectos do capitalismo globalizado. Essa necessidade de mudança paradigmática da globalização neoliberal é encontrada tanto em Guattari, como em Harvey:

Há antes de tudo uma ampla exigência de reforma como decorrência de suas manifestas instabilidades (periódicas dificuldades financeiras, fases de desindustrialização etc.) e do aprofundamento das desigualdades econômicas. Em segundo lugar, as dificuldades ambientais são evidentes em toda parte, e muitas requerem também ações regulatórias e intervenções em todas as escalas, inclusive a global. (HARVEY, 2015, p. 127)

Cabe, agora, entender até que ponto o conceito universalizante da articulação ético-política da ecosofia pode ser vinculada a proposições utópicas dentro de diferentes contextos socioculturais. Esses limites e variações podem ser determinados a partir da análise em diferentes escalas, levando em consideração fatores geográficos-históricos de cada aglomeração urbana, sejam estas nacionais, regionais ou locais.

2. Desenvolvimentos geográficos desiguais

Interpretando escalas de análise e complexidades locais

A partir do momento que o conceito da articulação ético-política da ecosofia é tratado como universalizante sobre a condição pela qual o capitalismo da globalização degradou os três registros ecológicos, faz-se necessária sua interpretação a partir de determinados contextos urbanos.

Tratar da degradação do meio ambiente urbano, das relações sociais e das relações psicológicas sem levar em consideração a especificidade dos registros históricos, econômicos e socioculturais de uma determinada localidade incorreria automaticamente em erros e teses projetuais dissonantes da realidade.

Tendo isso em vista, Harvey (2015) trabalha a *teoria dos desenvolvimentos geográficos desiguais*, como forma de análise dos impactos gerados pelo capitalismo no crescimento das grandes cidades e o impacto causado por determinadas políticas urbanas enquanto caracterização física de processos sociais, culturais e econômicos desiguais e excludentes. Logo, será de extrema importância analisar o conceito da teoria proposta pelo geógrafo americano como forma de adaptar um conceito universalizante dentro de uma realidade sociocultural específica.

2.1. A Teoria dos desenvolvimentos geográficos desiguais

A teoria dos desenvolvimentos desiguais, esboçada por Harvey (2015), trata dos aspectos históricos-geográficos, formações culturais e sociais que se distinguem de agrupamento para agrupamento humano dentro do mundo da globalização capitalista.

Essa discussão se baseia em dois componentes fundamentais: a *produção de escalas espaciais e a produção de diferenças geográficas*.

O primeiro componente é o da produção de escalas espaciais, que trata da forma como as pessoas têm a tendência de produzir e alimentar hierarquias baseadas em aspectos geográficos e socioculturais. Desta forma, o primeiro pilar de uma teoria de desenvolvimentos geográficos desiguais repousa sobre a ideia das escalas, e de como existe uma volatilidade de significados e modos de vida baseados em aspectos

físicos, sejam nos limites de estados, cidades, comunidades; bem como nessas diferenciações dentro de um mesmo território que se fazem por questões históricas e culturais.

Lares, comunidades e nações são exemplos óbvios de formas organizacionais contemporâneas existentes em diferentes escalas. Intuímos de imediato no mundo de hoje que o caráter das coisas se afigura distintos quando analisado nas escalas global, continental, nacional, regional, local ou do lar/pessoal. O que parece relevante ou faz sentido numa dessas escalas não se manifesta automaticamente em outra. (HARVEY, 2015, . 108)

No entanto, a produção de escalas espaciais não resulta na diferenciação rígida e explícita dentro de cada nível escalar. Existe uma clara interdependência e condensação de diferentes aspectos, sejam eles espaciais ou socioculturais, de uma escala de análise para outra, bem como uma mutabilidade das próprias estruturas escalares. Ao analisar, por exemplo, aspectos do desenvolvimento urbano numa escala municipal, não se pode deixar de verificar suas ramificações, bem como razões de ser, na escala regional, nem deixar de considerar que as próprias escalas são produto de recorrentes transformações sociais, econômicas e tecnológicas.

Sabemos, não obstante, que não se pode entender o que acontece numa dada escala fora das relações de acomodamento que atravessam a hierarquia de escalas – comportamentos pessoais (por exemplo, dirigir automóveis) produzem (quando agregados) efeitos locais e regionais que culminam em problemas continentais, de, por exemplo, depósito de gases tóxicos ou aquecimento global. (HARVEY, 2015, p. 108)

O segundo componente dos desenvolvimentos geográficos desiguais é a soma de legados históricos-geográficos reproduzidos, sustentados e reconfigurados perpetuamente por meio de processos político-econômicos e socioecológicos até o momento presente, a qual Harvey (2015) denomina *produção da diferença geográfica*.

É justamente o papel da produção da diferença geográfica identificar os aspectos político-econômicos e socioculturais dentro de cada escala, tanto nas suas especificidades, quanto nos componentes globalizantes que vinculam e em certas ocasiões colocam culturas e modos de viver inteiros num papel de dependência das potências globais dominantes. Nesta questão, Harvey discorre:

O exame do mundo em qualquer escala particular revela de imediato toda uma série de efeitos e processos que produzem diferenças geográficas nos modos de vida, nos padrões de vida, nos usos de recursos, nas relações com o ambiente e nas formas políticas e culturais. A longa geografia histórica da ocupação humana da superfície da terra e da evolução distintas de formas sociais (línguas, instituições políticas e valores e crenças religiosos) inseridas integralmente em lugares com qualidades todas suas tem produzido um extraordinário mosaico geográfico de ambientes e modos de vida socioecológicos. (HARVEY, 2015, p. 110-111)

Isto posto, é evidente a importância da teoria dos desenvolvimentos geográficos, na análise das características socioculturais e político-econômicas que contribuíram de maneira indissociável do crescimento dos grandes núcleos urbanos, principalmente sob a égide do capitalismo globalizado. Assim, levando em consideração os aspectos intrínsecos às escalas, tanto interescares quanto intraescalares, e das características socioespaciais de diferentes núcleos urbanos, é possível traçar parâmetros gerais em busca de terrenos comuns do impacto do capitalismo da globalização no desenvolvimento das cidades e nas mudanças socioecológicas decorrentes desses processos.

2.2. Escalas de análise e comunitarismos

Como bem analisa Harvey (2015), os impactos, tanto positivos como negativos, do capitalismo globalizado detêm particularidades que variam de localidade para localidade, sejam estas dos principais atores que as mecanizam e institucionalizam, sejam as formas como as desigualdades afetam os menos favorecidos financeiramente e mais excluídos socialmente.

Mesmo que não se possa comparar, de maneira concreta, as desigualdades e sequelas urbanas de cidades europeias com latino-americanas, por exemplo, é possível traçar paralelos a partir do momento que se utiliza a articulação das três ecologias para identificar padrões de degradação das relações ambientais, sociais e psicológicas. É justamente esse poder de identificar particularidades e suas potencialidades num contexto global que Harvey trata pelas escalas de análise dos desenvolvimentos geográficos desiguais.

Mas é precisamente nesses contextos localizados que as mil e uma oposições à globalização capitalista também se formam, clamando por alguma maneira de ser articulados como um interesse oposicional geral. Isso requer que ultrapassemos as particularidades e enfatizemos o padrão e as qualidades sistêmicas do mal que vem sendo feito nas várias escalas e diferenças geográficas. O padrão pode então ser descrito como as consequências geográficas desiguais da forma neoliberal de globalização. (HARVEY, 2015, p. 110-111)

A análise por meio da teoria dos desenvolvimentos geográficos desiguais é de grande valia ao tratar a questão das escalas espaciais como forma de evitar generalizações descoladas da realidade da localidade estudada. Essa análise interescalar a partir de pontos de degradação baseados nas três ecologias pode evidenciar terrenos em comum de problemáticas do desenvolvimento dos grandes núcleos urbanos, mesmo que em contextos diferentes. Para Harvey: “A análise poderá então ser ampliada centrifugamente para abarcar uma diversificada gama de questões sociais e ambientais que na superfície parecem nada ter de comum entre si.” (HARVEY, 2015, p. 117)

Conceituada a articulação ético-política da ecosofia como fio condutor para traçar paralelos entre diferentes escalas espaciais de núcleos urbanos, além de estruturada a importância da teoria dos desenvolvimentos geográficos desiguais para explicitar as diferenças socioculturais em diferentes localidades, é necessário tratar da maneira como mundos alternativos podem ser imaginados e projetados a partir do pensamento utópico.

3. Utopismo Dialético

A utopia espaçotemporal por cenários urbanos alternativos

O futuro do desenvolvimento urbano das cidades parte da necessidade de se reavaliar o modo de viver dos seres humanos no seu habitat urbano, e a utopia pode fornecer o arcabouço teórico para ensaios projetuais, e consequentemente projetos urbanos, que valorizem a busca pela quebra de paradigma do modo destrutivo de se construir os grandes núcleos urbanos, característico do capitalismo da globalização.

Ao produzirmos coletivamente nossas cidades, produzimos coletivamente a nós mesmos. Projetos referentes ao que desejamos que sejam nossas cidades são em consequência projetos referentes a possibilidades humanas, a quem queremos ou, que talvez seja mais pertinente, a quem não queremos vir a ser. (HARVEY, 2015, p. 211)

Essa necessária, e já tardia, quebra de paradigma do modo de desenvolvimento urbano característico do capitalismo globalizado, parte, então, da utopia. A utopia aqui pretendida é dialética, pois envolve a conjunção e indissociável ligação entre o tempo, enquanto processo social, e o espaço físico das cidades. É dialética porque trata de um conceito universalizante, como a ótica da degradação capitalista do meio ambiente pela articulação da ecosofia, ao passo que interpreta o particularismo de problemas em contextos socioculturais específicos a determinadas escalas.

3.1. A separação da forma espacial e do tempo

Antes de tratar, de fato, da utilidade que o pensamento dialético no ideário utópico pode ter para concepções alternativas de cidade, é preciso destacar o papel construtivo, e muitas vezes destrutivo, que o pensamento utópico, em outros modelos, pode ter gerado para projetos de urbanizações.

3.1.1. Utopia como livre organização espacial

Os modelos da cidade ideal, que caracterizaram trabalhos de diversos arquitetos e pensadores notáveis através dos anos, são exemplos da chamada utopia da organização espacial. Desde a Utopia de Thomas More, até os projetos de Ebenezer Howard, Frank Lloyd Wright, um fator que se destaca é a incansável tentativa de encontrar um modelo ideal, estático e controlado de urbanização.

A maior crítica à utopia mais buscada pelos arquitetos se faz justamente pela exclusão da temporalidade. Nestes casos, a cidade se constrói sobre um processo social pré-existente, que é tirado da equação de forma autoritária. Sobre isto, o próprio Harvey faz um alerta: “Por conseguinte, enfrentar essa relação entre o livre fluxo da imaginação e o autoritarismo é a tarefa que tem de estar no cerne de toda política regeneradora que tente ressuscitar ideais utópicos.” (HARVEY, 2015, p. 214). Logo, o que se compreende pelos mais variados desenhos de uma sociedade ideal, espacializada num tecido urbano, é essa subjugação da temporalidade, enquanto processo social, pela mão do arquiteto, do urbanista, do governante.

3.1.2. Utopia do processo social

Oposta ao pensamento utópico da organização espacial, a utopia do processo social exclui da equação, de forma contraditória ao próprio termo, o lugar. Neste pensamento utópico, a temporalidade predomina enquanto processo social descolada de uma localização geográfica específica. Menos percebido, esse tipo de utopismo se baseia em formas idealizadas de processos sociais, embutidas em teorias políticoeconômicas que norteiam ações governamentais em diferentes escalas no decorrer do tempo.

Harvey aponta uma característica de necessária reflexão referente à utopia do processo social: “as utopias do processo social têm o hábito de se perder no romantismo dos projetos interminavelmente abertos que nunca tem de chegar a um ponto conclusivo (no espaço e no lugar)”. (HARVEY, 2015, p. 219)

Mais ainda, vai além ao demonstrar que a utopia do processo social mais bem-sucedida de todas é o próprio modelo capitalista. O problema são as consequências físicas materializadas pelo processo social sob a ótica do capitalismo globalizado: vertiginoso aumento de desigualdades sociais em diversas escalas espaciais e uma crescente concentração de renda e distribuição de prejuízos. No que tange as cidades, o desenvolvimento urbano irregular, esparso e com focos de

extrema pobreza concorrentes a regiões de extrema riqueza, falta de acesso e direito à cidade, entre outros problemas.

Desenvolvimentos geográficos desiguais em aceleração, o solapamento de todas as modalidades de coesão social e de poderes do Estado, a destruição de culturas inteiras e das “estruturas de sentimento” que proporcionam um sólido fundamento à vida de todos os dias e, o que talvez seja o fator mais problemático, a degradação de grandes parcelas do ambiente, que atinge tal dimensão que torna inabitável boa parcela da superfície da terra. (HARVEY, 2015, p. 232)

Importante ressaltar que a descrição transcrita acima é o que demonstra justamente a degradação imposta pelo capitalismo globalizado nos três registros ecológicos de Guattari e reforçam a sua importância como articulação ético-política: 1. Solapamento de modalidades de coesão sociais (*relações sociais*); 2. Destruição de culturas inteiras e estruturas de sentimento (*relações psicológicas*); 3. Degradação de grandes parcelas do ambiente (*relações ambientais*).

Desta forma, a resposta aos problemas dos pensamentos utópicos analisados acima está nas potencialidades do utopismo do processo social implementado geograficamente nos lugares, para buscar respostas ecologicamente sustentáveis, no sentido do conceito da ecosofia.

3.2. Utopismo dialético e futuros urbanos alternativos

O objetivo da proposta da utopia dialética, ou utopia espaçotemporal, é o de conjugar a temporalidade, caracterizada por determinados processos sociais, materializada geograficamente numa localidade. Essa produção do espaço a partir de seus processos sociais é uma ferramenta importante para exploração de alternativas emancipatórias à ótica hegemônica do capitalismo globalizado.

A tarefa é montar um utopismo espaçotemporal – um utopismo dialético – que tenha raízes fincadas em nossas possibilidades presentes ao mesmo tempo que aponta trajetórias diferentes para desenvolvimentos geográficos desiguais humanos. (HARVEY, 2015, p. 258)

Esse imaginário utópico, tendo como articulação o conceito universalizante da ecosofia, pode desafiar os padrões atuais de desenvolvimento urbano e social nas diferentes escalas geográficas, mirando em revoluções que abarquem as três ecologias abordadas anteriormente. Sobre essa possibilidade de mudança radical, Harvey novamente coloca uma importante questão:

O programa revolucionário do neoliberalismo tem realizado muito em termos de mudança física e institucional nos últimos vinte anos. Logo, por que então não podemos conceber mudanças igualmente dramáticas (ainda que apontando noutra direção) em nossa busca de alternativas? (HARVEY, 2015, p. 244)

Desta forma, cabe ao utopismo espaçotemporal, ainda que primeiramente no mundo do pensamento, transcender as formas socioecológicas impostas pela acumulação excessiva do capital, pelas desigualdades político-econômicas e pelos privilégios de classe.

Conclusões

Chega-se à conclusão que, por meio da utopia dialética, é necessário traçar uma linguagem que se materialize em condições socioecológicas alternativas, nas quais se enfatize novas possibilidades para a ação humana e revitalização do meio. Essas possibilidades se baseiam na articulação ético-política da ecosofia para reparar a degradação do capitalismo globalizado nas três ecologias: das relações ambientais, sociais e da subjetividade humana.

Essa articulação evidencia a responsabilidade de todos os indivíduos, ainda que em desenvolvimentos geográficos desiguais, para com a natureza e com a sua própria natureza enquanto seres humanos. A partir do estudo das escalas espaciais e de suas características específicas, é possível traçar paralelos de ação baseados na recuperação dos três registros ecológicos, sendo primordial a dialética entre os particularismos de cada nível escalar, bem como os universalismos de questões pertinentes a uma ótica mais global das formas de se viver e compartilhar o planeta. Essa dialética particularismo-universalismo encontrará espaço de análise por meio dos desenvolvimentos geográficos desiguais, de articulação por meio da ecosofia e de ação por meio da utopia espaçotemporal. O pensamento utópico será a ferramenta primordial para desenvolver processos imaginativos de luta e reconquista de um meio mais igualitário e sustentável. Posteriormente, tais processos serão necessariamente projetuais para que se possa construir comunitariamente futuros socioecológicos alternativos.

Referências

- ARENDETT, Hannah. **A condição humana**. 13ª ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2018.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: uma introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 9ª ed. Campinas, Papyrus Editora, 1994.
- GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. 7ª ed. Campinas, Papyrus Editora, 1990.
- HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo, Martins Fontes, 2014.
- HARVEY, David. **Espaços de esperança**. 7ª ed. São Paulo, Edições Loyola, 2015.
- MARICATO, Erminia. **O impasse da política urbana no Brasil**. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 2014.
- MONGIN, Olivier. **A condição urbana: a cidade na era da globalização**. 2ª ed. São Paulo, Estação Liberdade, 2009.
- MONTANER, Josep Maria e MUXÍ, Zaida. **Arquitetura e Política: ensaios para mundos alternativos**. São Paulo, Gustavo Gili, 2014.
- SOMEKH, Nádia e CAMPOS, Candido Malta. **A cidade que não pode parar: Planos Urbanísticos de São Paulo no século XX**. São Paulo, Editora Mackenzie, 2008.

Autores:

Edison França da Silva Filho. Arquiteto e Urbanista graduado pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, pesquisador e bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIC-Belas Artes) com temas relacionados ao urbanismo e sociologia urbana. Atua como arquiteto autônomo e artista 3D no escritório Maré Arquitetura

Denise Falcão Pessoa. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1979), mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Michigan, Estados Unidos (1982) e doutora em Estruturas Ambientais Urbanas pela Universidade de São Paulo (2003). Professora do Mestrado Profissional e Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e arquiteta da Secretaria de Habitação (SEHAB) departamento de Projetos da Prefeitura do Município de São Paulo. É autora do livro Utopia e Cidades: Proposições

OLHARES PROTAGONISTAS

Eje/Eixo Temático 1

Constança Maria Lima de Almeida Lucas
Leonardo Francisco Mareco Ribeiro
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo

Neste artigo apresentamos o projeto Olhares Protagonistas e respectivo processo de criação, dentro do ambiente escolar, na comunidade periférica e no centro da cidade de Campo Grande¹. Olhares Protagonistas é um projeto em lambe-lambe, intervenção artística urbana, do artista e professor Leonardo Mareco, tendo como espaço de atuação a cidade de Campo Grande. Para pensarmos os desdobramentos do projeto Olhares Protagonistas e suas potencialidades de inserção artística na urbe, seus componentes através da representação dos corpos dos habitantes da cidade, o acesso à prática artística e sua fruição democrática, para tanto foram abordados textos dos seguintes autores: Milton Santos, Armando Silva, Paulo Freire, Isabel Marques, Fábio Brazil, Fayga Ostrower, Merleau-Ponty e Cecília Almeida Salles.

Palavras-chave: **Lambe-lambe, intervenção urbana, arte urbana, cartaz, artes visuais.**

Resumen

En este artículo presentamos el proyecto “Olhares Protagonistas” y su respectivo proceso de creación, dentro del ámbito escolar, en la comunidad periférica y en el centro de la ciudad de Campo Grande. “Olhares Protagonistas” es un proyecto de carteles artísticos urbanos, intervención artística urbana, del artista y profesor Leonardo Mareco, que tiene la ciudad de Campo Grande como espacio de acción. Para reflexionar sobre los desarrollos del proyecto “Olhares Protagonistas” y su potencial de inserción artística en la ciudad, sus componentes a través de la representación de los cuerpos de los habitantes de la ciudad, el acceso a la práctica artística y su disfrute democrático, y para eso se acercaron los textos de los siguientes autores: Milton Santos, Armando Silva, Paulo Freire, Isabel Marques, Fábio Brasil, Fayga Ostrower, MerleauPonty y Cecília Almeida Salles.

Palabras clave: **carteles artísticos urbanos, intervención urbana, arte urbano, cartel, artes visuales.**

1 Campo Grande é a capital do Estado de Mato Grosso do Sul, região centro-oeste do Brasil.

Introdução

Neste artigo abordamos o projeto *Olhares Protagonistas*, intervenções urbanas com características efêmeras, trabalhos artísticos em lambe-lambe, desenvolvidos por Leonardo Mareco na cidade de Campo Grande em Mato Grosso do Sul.

A arte modifica a paisagem urbana mesmo de forma transitória, os artistas lançam problemas, formulam dúvidas e articulam questionamentos.

As cidades são espaços urbanos com grande capacidade de mutação em suas paisagens, o geógrafo Milton Santos afirma que a paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança a paisagem se transforma, assim como o espaço, altera-se continuamente.

A nossa memória é construção cultural, resultado de acumulação da atividade de muitas gerações, depois de tantas situações trágicas ao longo dos séculos, guerras, pestes e pandemias, mais uma vez nos deparamos com uma tragédia sanitária, a Pandemia Covid 19 que começou a se propagar pelo mundo no final de 2019 e continua sendo um flagelo em 2021. Grande parte da população não dá a importância devida e não pratica as cautelas necessárias para se manterem a salvo do contágio, por razões diversas como um entendimento mais reduzido do que é um vírus sua periculosidade e invisibilidade, outros por não terem alternativa têm de sair para trabalhar, por afronta social e desequilíbrios das culturas desumanizadas que vivenciamos.

O trabalho do Leonardo Mareco sensibiliza o transeunte urbano através das suas intervenções urbanas de lambe-lambe, criando assim uma nova atmosfera mais sensível, dentro de um processo de cidadania mais consciente das dificuldades e necessidade de mudanças de comportamentos.

Lambe-lambe é arte de intervenção urbana, é cartaz, a prática de colar cartazes pelas cidades é muito antiga. Com muita diversidade de formatos e intenções, os cartazes têm sido um veículo de comunicação importante nas cidades. Cada época tem cartazes de acordo com as tecnologias existentes. O termo lambe-lambe surge como arte de intervenção urbana no século XX, tendo o cartaz como precursor. Enquanto o cartaz tem em si a intenção funcional e comercial de divulgar algum produto, o lambe-lambe é vocacionado a difundir ideias e reflexões sobre desigualdades, alertas sociais e ocupamos espaços das cidades sem intenção comercial. A apropriação da cidade pelo lambelambe cria novas atmosferas como nos explica Amando Silva:

As atmosferas podem ser entendidas, então, como o que nos rodeia, como cidadãos de uma urbe, envolvendo-nos. E o que nos envolve não são apenas edifícios, aspectos estes mais arquitetônicos, nem só publicidade em cartazes e propagandas, assuntos mais comerciais, e sim imagens, sons, páginas na internet, resíduos de ambientes físicos e digitais que nos fazem ler, olhar e ver o mundo a partir de pontos de vista inovadores, que não nos deixam sozinhos percorrendo a cidade física: acompanhamos por dias e noites certos fantasmas que, sem pedir licença, interferem em nossos pensamentos urbanos, impactando-nos com novas estéticas que nos tornam mais urbanos. (Silva, 2014, p.230)

A arte em espaços públicos urbanos sempre esteve presente nas produções e pesquisas de Leonardo Mareco, prestando atenção na forma com que o cidadão interagee vivencia os próprios ambientes/atmosferas e percebendo que a arte poderia ser uma forma acessível de criar conexões com as pessoas.

Desenvolvimento

Neste artigo destacamos o projeto em construção *Olhares Protagonistas* que surgiu com a intenção, através da linguagem urbana do lambe-lambe conectar e protagonizar pessoas em seus espaços de atuação. Nasceu da necessidade de trabalhar a linguagem do Lambe-lambe nas escolas, através da fotografia e dos cartazes exaltar a identidade e o protagonismo dos estudantes no ambiente escolar. como afirma Paulo Freire:

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão. (FREIRE. 2011, p.58)



Imagem 1 – Mural Olhares protagonistas finalizado com as fotos e palavras propostas pelos estudantes. 2019
Fotografia: Malcolm Carvalho

O projeto *Olhares Protagonistas* teve início em 2019, durante a pesquisa para o TCC² de Leonardo Mareco no curso de licenciatura em artes visuais da UFMS³. As primeiras intervenções com o projeto *Olhares Protagonistas* foram realizadas em escolas públicas de Campo Grande – MS no formato de oficinas, nas quais eram ministradas aulas introdutórias fomentando debates sobre intervenções urbanas e *street art*⁴. Durante esses encontros foi debatido o processo de criação de um mural preconizando questões de identidade e tomada de consciência do uso dos espaços ocupados cotidianamente pelos estudantes. No processo foram fotografados os estudantes, suas fotografias foram transformadas em mural de lambe-lambe (imagem 1).

A realização do projeto *Olhares Protagonistas* em escolas tem como intenção que o lambe-lambe/intervenção urbana contribua para a tomada de consciência da participação coletiva no ambiente escolar.

2 TCC trabalho de Conclusão de Curso
3 UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
4 Street art – arte de rua dentro do universo urbano

O preconceito e o desconhecimento são por vezes motivos que impedem que alguns professores tenham certo receio de propor trabalhos práticos de arte urbana como o lambe-lambe e assim os alunos possam ter contato com essa linguagem tão presente nos centros urbanos.

O acesso à arte por meio da escola formal é o início de um caminho para sistematizar, ampliar e construir conhecimento nas diferentes linguagens artísticas que nos possibilitam interagir no mundo de forma diferenciada. As diversas leituras de mundo via diferentes linguagens - não somente a verbal - possibilitam conhecer, reconhecer, ressignificar e, sobretudo, impregnar de sentidos a vida em sociedade. (MARQUES; BRAZIL. p.32, 2014.)



Imagem 2: Olhares Protagonistas / Criança da Comunidade Só Por Deus
Fotografia: Leonardo Mareco

O êxito das oficinas nas escolas fez com que Leonardo Mareco buscasse outros ambientes para que o projeto pudesse se manifestar, houve ocasiões em que, junto a CUFA⁵ – MS Olhares Protagonistas foi levado para algumas comunidades de Campo Grande e junto aos moradores foram realizadas intervenções artísticas em suas casas.



Imagem 3: Olhares Protagonistas / Idosa da Comunidade Só Por Deus
Fotografia: Leonardo Mareco

Na Comunidade Só Por Deus, no bairro centro-oeste de Campo Grande duas gerações (imagens 2 e 3) foram protagonistas dentro da própria comunidade.



Imagem 4. Mural Olhares protagonistas no HCAA
Fotografia: Leonardo Mareco

Protagonistas teve mais um desdobramento desenvolvido por Leonardo Mareco, como intervenção urbana realizada através da linguagem artística lambe-lambe (imagem 4), aproveitando a estrutura arquitetônica das paredes externas do hospital para a realização da ocupação artística.

A equipe de assessoria do HCAA foi quem decidiu quais seriam as cinco pessoas a serem homenageadas no mural, profissionais da saúde, pacientes e servidores. Feita a escolha das pessoas a serem protagonistas, o próximo passo foi a realização de uma reunião para que fossem tiradas fotografias que viriam a ser ampliadas e transformadas em lambe-lambes de grande escala.

Respeitando todas as recomendações dos órgãos de saúde a respeito da COVID-19, foi marcado o ensaio fotográfico que aconteceu em uma sala dentro do próprio hospital. Nesse ensaio Leonardo Mareco pode conhecer as cinco pessoas que representariam a instituição nessa homenagem; Luan, Edith, Claudinei, Marluce e Gustavo (imagem 5). Pacientes, enfermeiro, atendente e médico, respectivamente. Essas cinco pessoas foram as escolhidas para homenagear toda uma classe de trabalhadores e pacientes. No ensaio fotográfico realizado para obter esses retratos foram construídos diálogos para fazer emanar cada expressão individual, eram necessárias imagens fotografadas que soltassem as vivências dos fotografados. Todo o ato de criar é composto de muitas metamorfoses e muitas experimentações que surgem a partir de premissas estabelecidas pelos criadores, como nos afirma Fayga Ostrower.

O ato criador não nos parece existir antes ou fora do ato intencional, nem haveria condições, fora da intencionalidade, de se avaliar situações novas ou buscar novas coerências. Em toda a criação humana no entanto, revelam-se certos critérios que form elaborados pelo individuo através de escolhas e alternativas. (OSTROWER, 1987, p.11)



Imagem 5 - Luan, Edith, Marluce, Claudinei e Gustavo / Olhares protagonistas, 2020
Fotografias: Leonardo Mareco



Imagem 6 – Gustavo / Olhares Protagonistas, lambe-lambe, 2020
Fotografia: Cleverson Rojas

Pensando na ocupação da parede e com a intenção de proporcionar grande impacto visual, cada lambe-lambe foi concebido com aproximadamente 6m de altura por 3m de largura (imagem 6).

Quando do processo de aplicação dos lambe-lambes na parede, cada colagem terminava e os rostos dos retratados se tornavam visíveis, as reações de quem caminhava pela rua eram imediatas. A arte urbana quebra com a rotina engessada da cidade e instantes de poesia são inseridos na vida das pessoas que têm acesso à sua fruição.

Durante a montagem do mural era perceptível a curiosidade que a ação gerava no entorno. Localizado na rua Maracaju próximo ao Pontilhão da Orla Ferroviária, o mural *Olhares Protagonistas* trouxe nova realidade visual para a região, parte da cidade que atualmente, se encontra abandonada pelo poder público, espaço que vem sendo habitado por pessoas em situação de rua. O contato com essas pessoas era constante, e as perguntas de quem seriam aqueles indivíduos retratados no mural surgiam a todo o momento.



Imagem 7 – Montagem do mural *Olhares protagonistas*, 2020
Fotografia: Cleverson Rojas

O percurso de criação do mural *Olhares Protagonistas* no HCAA, (imagem 7) contou com a colaboração de Rafael Mareco, artista urbano campo-grandense, principalmente na etapa da pintura e elaboração da paleta de cor inspirada na logo do HCAA. O mural foi realizado em duas semanas de trabalho, consumiu mais de 25kg de cola PVA, alguns bons litros de tinta e muito papel.

Os retratos do mural *Olhares Protagonistas* (imagem 8) são carregados de emoção e quando transformados em intervenção artística de grandes dimensões, sua força e mensagem se mesclam com as vidas dos cidadãos em trânsito. Cada pessoa tem suas particularidades, cada vida é uma luta, os lambe gigantes evidenciam as singularidades e proporcionam partilhas expressivas. A representação de corpos transcende a materialidade corporal e acrescenta expressões individualizadas que nos habitam, como explica Merleau-Ponty em suas conversas: Os outros são para nós espíritos que habitam um corpo, e a aparência total desse corpo parece-nos conter um conjunto de possibilidades das quais o corpo é a presença propriamente dita. (MERLEAU-PONTY, 2004, p.43)



Imagem 8 – Olhares protagonistas, 2020
Fotografia: Cleverson Rojas

O processo também acontece internamente com os próprios retratados, altera a percepção de si mesmo, uma obra com tamanha dimensão causa impacto no retratado que passa a se observar como um ser singular que é. Numa sociedade que engessa os indivíduos, proporcionar momentos de humanização é essencial. A arte urbana do lambe-lambe se afirma cada vez mais como processo criativo, sendo uma

alternativa poética para a reivindicação de direitos e entendimento de cotidianos dentro de diferentes universos culturais. Cada um de nós tem sua visão de mundo, Cecília Almeida Salles (2001) explica que o projeto poético está também ligado a princípios éticos de seu criador: seu plano de valores e sua forma de representar o mundo. Pode-se falar de um projeto ético caminhando lado a lado com grande propósito estético do artista.

Considerações Finais

Leonardo Mareco é um artista e professor comprometido com os direitos humanos e cidadania, seu trabalho artístico não se submete a ditames de modismos, ele se apropria de espaços urbanos com seus lambe-lambes para sensibilizar o olhar do transeunte com a intenção de democratizar o acesso à arte, na perpétua tensão de quem passa na rua e tem seu pensamento transformado ao pousar seu olhar no mural que lhe é apresentado numa parede da cidade. Olhares Protagonistas ao retratar pessoas, tema intemporal, pesquisa sobre as imagens propostas provocando reflexão dos retratados e potencializando a ampliação de seus ambientes experienciais, reportando a uma energia efêmera, mas revitalizante pela inquietação presente na representação universal do ser humano.

As cidades se humanizam com a presença de manifestações artísticas como Olhares Protagonistas, seja nas paredes da escola, do hospital ou de alguma casa, a arte revela mundos arrebatadores.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** – 43ª Ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MARQUES, Isabel e BRAZIL, Fábio. **Arte em Questões.** São Paulo: Editora Cortez, 2014.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** – 6ª Ed. – Petrópolis: Vozes, 1987.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas-1948.** – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: processos de criação artística.** – 2ª Ed. – São Paulo: Annablume, 2001.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem.** – 4ª Ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SILVA, Armando. **Atmosferas Urbanas – Grafite, Arte Pública, Nichos Estéticos.** São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

Autores:

Constança Maria Lima de Almeida Lucas. Professora dos cursos de artes visuais UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Leonardo Francisco Mareco Ribeiro. Discente da licenciatura em artes visuais UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

APORTES HACIA EL HÁBITAT DIGNO EN UN SECTOR VILLA 15 CIUDAD OCULTA. Experiencia participativa del equipo académico con vecinos y ong`s en un pasillo s/n con múltiples vulneraciones.

Eje/Eixo Temático 1

Ricardo de Sárraga

Universidad de Buenos Aires, Centro de
Investigación Hábitat y Municipio (CIHaM)

Colaboración: Inés Fernandez y
Zaira Zucharico Quispe

Parecíame monstruoso, imposible, que toda nuestra sociedad estuviese fundada
en la sangre (Jack London 1908; pág 50, “El talón de Hierro”)

Resumen:

Describiremos la experiencia que incorpora múltiples problemas que se presentan en la producción social de Villa 15, colaborando en el acceso al hábitat y comprendiendo procesos sociales y del hábitat. Realizamos reuniones participativas e informes para concurrir en su definición interna, documentar procesos, conflictos históricos, realizar planos, entrevistar informantes claves, acompañar legalmente demandas. Considerando rasgos institucionales, actores, regulación dominial, conformación urbana; acceso a servicios (agua, cloaca, electricidad), ventilación, iluminación, discapacidad, rasgos culturales. En el contexto del derecho a la ciudad y al hábitat digno.

Ello forma parte del UBACyT donde los conocimientos multidisciplinares -urbanismo, antropología y etnografía, arquitectura y derecho- concurren a canalizar reclamos.

Se describirá brevemente el Pasillo s/n entre mz9 y10 –aunque se sostiene labor en otros-; todos con graves problemas hidráulicos (pluviales y cloacales), suministro de electricidad, personas en situación de discapacidad. Resultan muy poco sustentables para el desarrollo de la vida humana, y se trabajó en conjunto con redes diversas. La combinación metodológica (entrevistas, planos, participación) aportará al análisis de afectaciones al derecho al hábitat digno a fin intentar contrarrestar sus efectos regresivos.

La descripción densa, los documentos y la concepción participativa pretenden colaborar en conformación institucional, sentido democrático, y logros en estructura física. Que se contemple su lugar de manera colectiva e integral. Asimismo, contribuirá al fundamento académico, fortaleciendo demandas sociales en materia de acceso a vivienda adecuada, seguridad de tenencia, regularización dominial y acceso a servicios esenciales.

Palabras Claves: **Hábitat digno; Participación social; Paradigma, experiencia académica; Villa 15.**

Resumo:

Descreveremos a experiência que incorpora múltiplos problemas que surgem na produção social da Villa 15, colaborando no acesso ao habitat e na compreensão dos processos sociais e habitats. Realizamos reuniões e relatórios participativos para concordar em sua definição interna, processos documentais, conflitos históricos, fazer planos, entrevistar informantes-chave, acompanhar legalmente as demandas. Considerando características institucionais, atores, regulação dominal, conformação urbana; acesso a serviços (água, esgoto, eletricidade), ventilação, iluminação, deficiência, características culturais. No contexto do direito à cidade e a um habitat decente.

Isso faz parte do UBACyT onde o conhecimento multidisciplinar -urbanismo, antropologia e etnografia, arquitetura e direito- concordam com reivindicações de canalização.

O Corredor s/n entre mz9 e 10 será brevemente descrito – embora o trabalho seja mantido em outros-; todos com sérios problemas hidráulicos (água da chuva e esgoto), fornecimento de energia elétrica, pessoas com deficiência. Eles são muito insustentáveis para o desenvolvimento da vida humana, e trabalhamos em conjunto com várias redes. A combinação metodológica (entrevistas, planos, participação) contribuirá para a análise de efeitos sobre o direito a um habitat decente, a fim de tentar neutralizar seus efeitos regressivos.

A descrição densa, os documentos e a concepção participativa visam colaborar na formação institucional, no sentido democrático e nas conquistas na estrutura física. Que seu lugar seja contemplado coletivamente e integralmente. Também contribuirá para a fundação acadêmica, fortalecendo as demandas sociais em termos de acesso à moradia adequada, segurança de posse, regularização dominal e acesso a serviços essenciais.

Palavras-chave: **Habitat decente; Participação social; Paradigma, experiência acadêmica; Villa 15.**

INTRODUCCIÓN: Breve antecedente sobre Ciudad Oculta

En general las villas y Villa 15 en particular, suelen caracterizarse genéricamente como espacio diferente a la ciudad regular, normal y amanzanada. Se asocian, prejuiciosamente, con pasillos, recovecos, espacios degradados, en consonancia con una población de trabajadores pobres, organizaciones delictivas y, en contrapunto, organizaciones civiles y sociales –comedores o guarderías- a cargo de la asistencia social. Desde esa perspectiva, la villa es ponderada desde sus cualidades negativas y, sobre todo, es visualizada como un espacio homogéneo. Esta mirada distante, burguesa y generalizadora, asocia míticamente el espacio villero como un lugar de delincuencia y pobreza, como si fuera un sector urbano singular, muy diferente del resto de los barrios, donde a las autoridades sólo les cabe el rol de controlar, curar e intervenir.

Al mencionar Villa 15, se supone una imagen unitaria, sin atender su heterogeneidad física, soslayando sus pugnas sociales internas y todos aquellos procesos diferenciales que definen el sentido de lugar ¿Es razonable entender a Villa 15 como un sector urbano unitario? ¿Qué se conoce del lugar, más allá de las apreciaciones externas? ¿Cómo se compone, produce y reproduce la espacialidad local? La respuesta a estos interrogantes podría plantearse como un insumo para un diagnóstico y para una gestión que promueva transformaciones espaciales y sociales.

En efecto, muchos expertos han manifestado que no es posible llevar a cabo acciones de calidad desconociendo las intrincadas dinámicas locales (de Sárraga: 2010) Villa 15 no implica una totalidad homogénea. Se compone de partes heterogéneas, diferentes y distinguibles. Describir la relación entre esas partes implica un análisis histórico (excede el informe): lleva a reflexionar sobre las condiciones concretas de fundación de cada una, sus evoluciones y disputas internas. En las mismas se dieron diferentes acercamientos y distanciamientos. Se destacan dentro del contexto villero los sectores: a) La Villa; b) Los Módulos (o las Tiras); c) manz.27 (a, b y c) y manz.28; d) el Fondo; e) manz.26; f) asentamiento Hubac; g) Barrio Scapino y h) Cooperativa Santander (compuesta por los Barrios San Cayetano, Santa Lucía y San Pablo). Si bien forman parte del mismo proceso, se destaca que, no todos expresan sentirse parte de Villa 15.

“Villa 15” es una clasificación numérica instalada por el Plan de Erradicación de Villas de Emergencia en 1967, Ley 17605¹. El nombre “Ciudad Oculta” tampoco refleja cualidades positivas. Ningún nombre fue elegido por los vecinos. El PEVE (’70) contenía dos programas complementarios. La construcción de viviendas transitorias en Núcleos Habitacionales Transitorios. “En esos núcleos de 13,3 m² por familia, se suponía que los villeros debían -otra vez- “readaptarse”, antes de ser trasladados como gente civilizada a sus nuevas viviendas. Expertos sociales serían los encargados de “motivar” a los villeros para dejar atrás sus pésimos códigos de conducta (...) A los villeros no les entusiasmaron particularmente ni los NHT ni las erradicaciones” (Blaustein, 2001). Esto sucedió desde Onganía y se profundizó posteriormente (Videla y el “Proceso de Reorganización Nacional”). En el sector “La Villa” se erradicaban familias llevándolos al conurbano (topadoras, camiones). Por lo contrario, en los entornos del Elefante blanco se radicaban los Módulos (Núcleo Habitacional Del Trabajo). Existió la Asociación Civil Bº Gral Belgrano, primera asociación civil villera reconocida en 1983 en democracia (creada muchos años antes). Era “La Sede”. Pero el Plan Arraigo (decreto 1001) de 1992 no posibilitó cerrar el proceso de entrega de tierras a sus socios. Hoy no funciona como Sede, no hay elecciones, funcionamiento estatutario, los socios de 1983 no logran participar. No existen (al menos hoy) instancias administrativas, creadas por el Estado o por los mismos habitantes, que unifiquen aquello que “desde una mirada externa” se observa como algo integral. La reseña histórica se realiza a efectos de comenzar a ubicar el pasillo s/n entre las manz 9 y 10, entre Pasaje Luis A. Herrera y calle interna Juan Cymes. Está específicamente en el sector “La Villa”, fundacional (circa 1949) entre las parrillas ferroviarias que ingresaban ganado a Los Mataderos cruzando Av. Eva Perón².

Desarrollo: Ingreso y presentación en el Pasillo S/N

Hace casi 20 años que recorro Villa 15. Sigo trabajando –en consonancia con la tesis doctoral - en la vinculación entre unidades institucionales y unidades domésticas, -contrastando la división entre espacio público y espacio privado que suele plantearse en arquitectura. Cómo las unidades domésticas construyen el barrio y cómo éste a su vez los modela, transforma, construye. Pues las diversas familias o unidades

¹ En su inicio el PEVE fue Ley 16.601/64 reglamentado en presidencia de A. Illia con otros énfasis y objetivos.

² No se profundiza en procesos contemporáneos. Ej: Plan Sueños Compartidos (UPMPM) de 2008; Plan Ahí (de 2012, desafectado en 2014); conformaciones iniciales sobre Av. Santander: toma del ex -predio ONABE, luego Club Albariño, (cerrando Villa 15 aún más) luego cuartel de Bomberos en 2010 en consonancia con toma del Parque Indoamericano. Y el colegio parroquial Virgen del Carmen en Av. Santander 5955.

domésticas interaccionan en un ámbito de intercambio barrial y esto modifica al propio domicilio. Cada vez que nos ampliamos hacia un nuevo problema lleva tiempo, vamos *entre tanteos de conocimiento, mensuras y posibilidades de proyecto*, correspondiente a este docente colaborador y el equipo de estudiantes.

La palabra docente incluye al investigador, es más clara para el otro y refleja la situación en equipo. Hay algo inusual al colaborar, dado que “*investigar*” implicar una posición dialéctica donde uno entra al campo, tiene intercambios, vuelve al laboratorio y la distancia se expresa al pasar en limpio el trabajo. Esa dialéctica implica una interpretación desde adentro, sin prejuiciar ni adjetivar erróneamente. Y *colaborar en cuestiones físicas* (por ej, aunque las entrevistas también son instrumento que pueden replantear el mundo de los entrevistados) *implica articular sobre las interpretaciones del otro para promover modificaciones; direccionalidades sobre armonía social, mejoramiento físico, vínculo con instituciones locales, etc., o sea contiene contenidos terapéuticos* -compartido con instituciones internas y externas.

Por ello es crucial mantener en todo momento situación de respeto por deseos y necesidades; intervenir y cuestionar en la menor medida posible, salvo que la salud física y social esté comprometida y en contacto con otros intérpretes locales (o no locales) que se consideran válidos desde esta posición en el campo.

Caso el Pasillo s/n entre mz 9 y 10. Lenny y el lanzamiento en “la reunión”

A fin de 2015 hubieron impactos electorales en Argentina que repercutieron en Villa 15, obligando a replantear y comprender la actividad científica en diálogo con un conjunto novedoso de actores sociales. Llegamos el sábado 14-15hs al merendero de Lenny a principios de 2016. Mujer de mediana edad, jovial, tucumana, muy conocida en Villa 15, referente de Los Módulos; muy vinculada a un político conocido (FPP). Hasta el momento estábamos realizando un relevamiento sociohabitacional, consistente en entrevistas a unidades domésticas y mensuras de las viviendas de “Los módulos” (NHT “Del Trabajo”), zona villera de casi 2has. El relevamiento se presentaba un tanto demorado; sobre todo Lenny no había podido conseguir nuevas relaciones. Esa es zona muy peligrosa –dominada por El Pocho, fuerte puntero local mencionado como mafioso- y no conviene circular solos en esa maraña de pasillos pequeños e intrincados donde denuncian venta de drogas, matones en las esquinas e incluso algún enfrentamiento a punta de pistola.

Sin embargo ese sábado pasó algo distinto; nos dijo “*qué bueno que vinieran, porque hoy viene El Rafa al barrio y quiero que vayamos juntos a verlo, va a haber reunión*”. Nos condujo junto a las jóvenes pasantes Sharon y Candela hacia una de placita entre Los Módulos, bastante arbolada a fin del verano. El Rafa era Rafael Klejzer, hombre de mediana edad, verborragico, convincente, director de CETEP (Centro de Trabajadores de la Economía Popular); fue una reunión vecinal de aprox 30 vecinos. En esta reunión muy informal él expresaba que los vecinos debían debatir, armar sus proyectos; y desde la CETEP iban a presionar para formar cooperativas y solucionarlos. Los vecinos se miraban entre sí, casi sin hablar, estaban muy callados.

Se empezaron a plantear problemas sueltos; El Rafa expresaba que debía pensarse en algo que durante un año se pudiera abarcar y que “*todos los que están acá son nuestros referentes; todo se puede hacer, hay que plantearlo bien, tiene que ser algo concreto, debatamos ahora*”. Su énfasis fue muy potente, contrastando con la mirada vecinal, de timidez y descreimiento, quizá por la historia de Villa 15, donde prácticamente nadie vino a intentar resolver nada en sus 65 años de existencia. La impresión era de una conciencia de “habitar el problema” y era muy difícil pensar

en poleas transmisoras y superar escollos³. Por otro lado, este fuerte líder popular planteaba con simpleza, salteando la memoria instalada de estos vecinos sobre los líderes locales muy cuestionados. Estos muchas veces parecen inmóviles para resolver algo, o incluso se plantan como inaccesibles por fuera de sus contactos con cualquier gobierno o intereses propios de su zona. No pareciera que, fuera de Lenny alguien pudiera pensar en algo transformador.

Un vecino, Matías, muchacho sumamente corpulento, denunció sollozando que un sobrino suyo cayó en un pozo de aguas fétidas, donde vierte una canaleta precaria muy peligrosa -situada en mitad del pasillo, a cielo abierto. La Polla, situada a su lado también enfatizó que si bien ellos no viven allí, tienen familiares. Dirigen la organización Mujeres Libres y querían que se considerara ese problema. Se me acercó por detrás Lenny y nos animó para colaborar, que hablara y me presentaba a Jorge. Planteamos que como docentes podíamos acercarnos, formalizar diagnóstico y proyecto, pero nosotros no teníamos cooperativa. Jorge dijo que la propuesta era buena. En el cierre se acercaron Matías y la Polla, quienes nos abrazaron y dijeron que, junto con Lenny nos iban a acompañar. Sin embargo quedaron dos sensaciones encontradas: por un lado que la realización de reuniones barriales resulta positivo reflexionar sobre conciencia social y conciencia política con los mismos vecinos. Pero a la vez, no quedaba claro cómo Rafael se iba a hacer cargo de esa conciencia política, de esa agitación, sólo mencionando “ustedes son nuestros referentes”, cuando la villa ya los tiene y son conflictivos. Y tanto La Polla, Matías o Lenny (con organizaciones) quedaban en el tapete como únicas poleas movilizadoras sobre participación y transmisoras de mecanismos de transformación.

El ingreso al pasillo:

El sábado siguiente fuimos al pasillo, también acompañados por ACIJ (Asociación Civil por la igualdad y la Justicia), quienes enviaron a la joven socióloga Rosario, apoyando la iniciativa. Según mensuramos otro día “el pasillo” tiene 107m de largo y 10 m. de ancho. Posee bella arboleda frutal (paltas y limoneros), poco habitual en Villa 15. Produjimos afiches para pegar en la pared con algunas intenciones preliminares: *Qué quiero para mi barrio, qué quiero para mi pasillo. Qué cosas positivas y negativas hay en el barrio y en el pasillo ¿Podemos decidir sobre nuestro pasillo? ¿Cuándo llegué aquí y qué me acuerdo del pasillo?* Se acercaron algo más de una docena de vecinos, hablaron, presentándose, presentándonos. Propusimos realizar un informe técnico, apoyado por asociaciones locales, los abogados ONG CEJIP (Centro para una Justicia Igualitaria y popular), en conjunto gestionar a CABA y que los vecinos deben sostener el proyecto.

Resultó novedosa combinación de dos entidades locales (Mader y Mujeres Libres), junto a CEJIP y ACIJ articulando con el UBACyT. Realizamos reuniones y mensuras en días distintos. En general venían mujeres, salvo Daniel y Carlos. Hicimos replanteos, mensuras, altimetrías, incluso con CEJIP, toma de fotografías, entrevistas y durante un año, para brindar la mayor precisión posible sobre múltiples problemas. Lo más visible era la zanja y el pozo del fondo, dándose anegamientos e inundaciones –de por sí solo ya implican una atención urgente. Combinado con riesgo eléctrico existente, muy evidente. Supimos que había vecinos en situación de discapacidad –alta proporción de tercera edad y niños. La situación era grave y debía ser atendida

³ “Por conciencia social entiendo a la conciencia que los seres humanos tienen de la estructura social en la que están inmersos y desarrollan sus vidas”. Por conciencia política me refiero no la filiación política, sino como sentido de apropiación del mundo con el fin de modificarlo (Andrés Piqueras: 1996)

en la mayor brevedad posible. En todo momento les dijimos que nosotros sólo organizábamos la información, que era su parte tomar el tema con las ONG y seguirlo. En ese sentido comentábamos la participación, pero no éramos dueños del proceso.

Resumen del informe como herramienta de participación y proceso de gestión

Las reuniones se hacían al frente del Kiosko Las familias de Edith La Nena, sitio con buena sombra y paredes para pegar planos, afiches para escribir. No siempre había reuniones pero mucha gente venía a preguntar y otros colaboraban en mensuras. La idea, compartida era realizar “informe técnico” orientado al uso legal, en vínculo con ONG’s ligadas al acceso del Derecho, dirigidos a defensorías. Un día, reunidos y discutiendo con interés, un vecino del pasillo pasó casi atravesando el círculo. Y una de las integrantes del UBACyT le preguntó “Señor qué opina, cuéntenos, venga” el hombre, sonrojado se fue con paso apurado respondiendo frases al azar y sonriendo avergonzado. Sin embargo todos los vecinos sabían perfectamente de estos problemas, de nuestra presencia y que había movimiento. Algunos tenían rencor y otros miraban de lejos.

Sólo un milagro y uso sumamente cuidado, precavido, reglado, haciendo caso de altas restricciones que portan este pasillo ha evitado que hubiera personas ahogadas, electrocutadas, discapacitadas o enfermas, 3ª edad que necesiten remedios, hayan fallecido. Estudiamos tres grandes temas: a) inundación y/o anegamiento (incluye afloración de aguas negras en espacios domiciliarios) necesidad de obras hidráulicas calculadas y proyectadas; b) Riesgo eléctrico informado en instalaciones públicas y acometidas domiciliarias; c) La atención del hábitat considerando existencia de personas en situación de discapacidad, niños, etc.

a) Anegamientos e inundaciones temporales: La canaleta y los demás sistemas tales como el pozo de aguas fétidas (de tapa simple y rota), sobre todo cuando hay grandes lluvias y tanto la canaleta como los lugares habituales de descarga resultan insuficientes para evacuar dicho caudal. Se puede mencionar que el agua que circula por allí proviene de diferentes lugares de la villa, “discurren naturalmente” y en muchas lluvias no llega a desagotar, todo lo contrario, se forma una “laguna natural”. No sólo porque desagotan entre 2 y 4 has “aguas arriba” de la villa sino que se ha estudiado que el punto de ingreso es elevado, y el de egreso tiene cierta diferencia menor apreciable pero también es alto. La altimetría realizada indica que el centro del pasillo es más bajo, dándose un “efecto palangana patológica”. Quedando aprox. 100.000 litros estancados.

a. El pasillo s/n resulta un “reservorio” de Villa 15, cuando las normas de la ciudad indican que el agua de lluvia no debe circular más de 50-100m sino llegar a bocas de tormentas y encauzarse. En nuestro informe propusimos un aliviador pluvial de 300.00 litros de agua (pileta enterrada con desagote paulatino). Puede ser construido en el espacio villero, y resolvería la situación hasta que se halle otra solución. Se menciona que los Aliviadores pluviales ya forman parte de normativas provinciales en Argentina, lo cual sienta precedente. La anciana Lili dijo: “calculá que cuando llueve yo no salgo, se inunda y si me caigo, con toda la enfermedad que tengo, directamente ni sé si llego al hospital”. Temas claramente impresos en su memoria: “cuando era chica he llegado con el agua a la cintura a casa, ahora es menos”.

b. Los pluviales de las mismas casas del pasillo desagotan allí. Chorros potentes azotan sin cesar desde las fachadas con tanta fuerza como verdaderas cataratas. El ser humano queda desprotegido frente a semejante repiqueteo vertical, torrentes deslizantes impetuosos. Temor repartido al cuerpo social.

c. Al interior de las viviendas del centro, las más bajas, surgen aguas negras que ingresan desde las cloacas en diferentes espacios de muchas casas a través de rejillas en patios y baños. Sucede no sólo por la presión interna y existencia de puntos no detectados de unión entre desagüe pluvial y cloacal, sino pues además las viviendas se sitúan en cotas más bajas que el pasillo s/n. En casi todas existe un escalón hacia abajo para ingresar en la vivienda. Este grave problema horroriza y requiere tratamiento necesario de abordar desde infraestructura sanitaria comunitaria. Cuando llueven muchos directamente no salen; se instala una vigilia dolorosa “miedo a que suba, miedo a que entre, que los trapos no alcancen”

d. la existencia de puntos poco detectados de unión de desagüe pluvial (y quizá cloacal a verificar) de otro pasillos hacia un gran pozo redondo tapado, situado cerca de Herrera (normalmente no da abasto)

b) Riesgo eléctrico: La provisión eléctrica por aire a través de postes es sumamente enmarañada. Se superponen diferentes servicios: eléctricos, empresas de cable, internet, teléfono. Las conexiones que derivan en los postes son sumamente precarias, no existen cajas derivadoras, ni acometida a las viviendas prolijas y mucho menos aprobados. Los postes se hincan en la tierra sin mayor seguridad. Uno de ellos fue apuntalado aún 2020 se inclina paulatina y peligrosamente. Los interiores de vivienda no siempre tienen instalaciones prolijas (algunas sí, otras no). Algún vecino se nos quejó pensando que íbamos a reparar y los vecinos tuvieron que explicar la situación. La participación crea un cúmulo de presentaciones complejas.

c) Personas en situación de discapacidad y otros: Hay personas en situación de discapacidad, sillas de ruedas, bastón (con papeles formales). Personas de 3ª edad concurren a hospitales con asiduidad, reciben medicamentos imprescindibles (diabéticos). El pasillo es atravesado en toda su longitud por la canaleta, impedimento grave para el pleno desenvolvimiento del discapacitado y la vida cotidiana. Hay muchos niños que juegan a la pelota, con triciclos y bicicletas. El solado es bastante precario, con discontinuidades, escalones, saltos de nivel, sitios de tierra. Se mencionó que, pese a no contar con demasiada suciedad acumulada, la limpieza prolija es harto difícil. Ellos contratan un vecino para tareas de limpieza en días de lluvia; pero se acumulan elementos no deseables (basura, bolsas, objetos rotos, hojas y tierra podrida) que circulan desde sitios más elevados. El informe resalta problemas presentados a instituciones oficiales y se proyectó una gran zanja con reja, que es solicitada “El zanjón, Ricardo, queremos el zanjón”. “Acá cuando se inunda no podés salir, no podés ir a trabajar, no te podés mover. Estás tratando de ver si te entra el agua o no” (Sra. Graciela). “Cuando se inunda te imaginás (3ª edad con discapacidad), si caigo en esa agua ni llego al hospital” (Sra. Lili).

Aportes preliminares

Se brindó especial atención desde un esquema proyectual específico que implica una solución muy sencilla que técnicamente resuelve la situación dramática del escurrimiento del agua. El pasillo hoy consta de una canaleta horizontal de 25cm de ancho y 20cm de profundidad que va desde el Pje Juan Cymes, recibe aguas de 4has y otras y va hacia Herrera. La misma se obtura con facilidad y desagota en una cámara putrefacta de aprox 60x40 muy tapada. Que a la vez se vincula con un pozo redondo 80cm de diámetro con tapa de hormigón (escurre con una lentitud pasmosa; terminan llamando a destaparlos). Sin embargo el pozo se combina con una boca de desagüe situada en Herrera con una profundidad suficiente (-1,30) y ello desagota en Echeandía de forma evidente. El problema consiste, primero en que esas aguas

de 4has (y otras) no accedan o sean encauzadas. Implora relevamiento general y conexiones pluviales eficientes, que GCBA no parece haber previsto aún (se revisaron proyectos de desagües pluviales y no se observa planificación para Villa 15, otrora terreno con escurrimiento y hoy urbanizadas de manera informal sin infraestructura pública).

La propuesta:

Las aguas pluviales deben ser eliminadas lo más eficaz y rápido posible, según el denominado esquema sanitarista (Drenaje rápido de agua de lluvia Urbana). Consiste en contar en el ingreso en Pje Juan Cymes un gran pozo de conexión de 100 x 60 (profundidad 0,40) para encauzar el agua previa. Y allí continuar con una gran zanja de 40cm de ancho a cielo abierto (con reja superior) para trasladar ese volumen y las otras categorías hidráulicas (lluvias, etc). Contando en su inicio una altura de 40cm con una pendiente cercana a 1:100, para ir descendiendo desde Pje Juan Cymes hasta Herrera a -1,30 como mínimo. Se proyectan, varias y grandes bocas de desague de acceso simple 60x60 (mantenimiento similar que otra calle CABA) con traza según geometría de diseño, esquivando los árboles. Y que la gran zanja remate no sólo con mayor profundidad, sino en un retardador pluvial.

Nota: Según el informe realizado, existe un ramal Zuviría proyectado –no licitado- hasta Oliden. Pero desde Oliden hasta Rucci (borde), todavía restan 347,10m. Hasta Herrera se necesitan 150m más. Para arribar al punto final del pasillo s/n son aprox. 100m más. En total 600m. para arribar al punto final del pasillo s/n: el punto final de “la palangana”. Por lo que se necesita un replanteo hidráulico para resolver no solamente una “simple conexión” y pensar que con una correlación de metros lineales el caudal puede ser desagotado. Sino que además se necesita un proyecto un tanto más depurado –quizá no necesariamente complicado. Un retardador pluvial puede resolverlo- y no una simple conexión lineal. Se puede contabilizar que el agua que acumula en el pasillo s/n alcanza los 100.000 litros. Y en la calle interna Luis A. Herrera también se acumula agua. Un retardador pluvial, eficaz, debe superar los 200.000 litros (mínima). Debiera llevar a los 300.000 litros para dar tranquilidad a la población, al menos del sector. Con el retardador el agua acumulada se contiene en un lugar seguro y se va soltando de a poco de manera que la ciudad lo pueda derivar. Y así resolver el problema concreto del agua acumulada. Al menos hasta que la ciudad pueda realizar relevamiento y diseño más depurado. Un retardador sería, aprox. Una pileta enterrada con tapa de hormigón de 8m x 10m x 1,30m (como mínimo). Está aprobado según la Ordenanza Municipal N°11959 (Santa Fe).

La propuesta consiste en un conjunto de elementos: gran boca de conexión 100x60; una zanja de conducción grande de 40cm de ancho con pendiente 1:100 y rejas superiores con apertura, bocas de desague de 60x60 según diseño y un retardador pluvial en el encuentro con Herrera (aprox 8x10x1,30). A todo ello se suma una nueva línea de conexiones eléctricas, luminarias. Y la accesibilidad, con una zanja con reja superior, queda eliminada.

Sí se ha realizado un trabajo cultural desde el diseño y realización de un mural diseñado por los niños, con el apoyo de ACIJ (Rosario Fassina) quienes contactaron a Muralistas de Fundación MACA, Museo a Cielo Abierto. El mural se ha realizado ya y queda entonces como un elemento terminado que brinda la opción de seguir trabajando.

Se menciona que toda la información técnica articula con un informe (carpeta

y plano) que promovió apertura de expediente en Defensoría del Pueblo (a nombre del vecino Daniel Arias) y pedidos al ENRE por parte de CEJIP (EX-2019-98184046).

Avances, retrocesos y caminos posibles

La intervención del equipo promovió la construcción de determinadas herramientas e instrumentos junto con la aplicación de métodos mixturados. Se ha realizado un trabajo de campo extenso. Ello significó un aprendizaje colectivo con vecinos, instituciones y equipo académico, alumnos, docentes de distintas carreras, etc. Ello se logró utilizando no solamente las instrumentaciones propias de la proyectualidad (mensuras, planimetrías, diseños) sino también combinadas con otras derivadas de la ciencia social (entrevistas, registros de campo) y planificación urbana (reuniones participativas, diagnósticos) con vecinos y otras organizaciones CEJIP, ACIJ, MACA (Museo a Cielo Abierto, expertos muralistas). Se realizó un diagnóstico y un informe en conjunto con estas organizaciones y otras locales. Con el apoyo de Asociaciones Civiles "Mader" y "Mujeres libres". Ello representó grandísimos progresos; con buen volumen de información sumamente destacada no solamente se realizaron reuniones con las Asociaciones Civiles y ONG's mencionadas. En las reuniones vecinales la labor se realizó con interés y representación social.

Ello derivó posteriormente en presencias y acompañamientos a defensoría del pueblo e inicio de trámites internos para presionar en gestiones concurrentes a solucionar derechos vulnerados. Especialmente se contó con el auxilio de CEJIP -enfoque de derecho promovido mediante abogados dedicados a temas del hábitat (nos habíamos vinculado en otras instancias). Incluso se realizaron reuniones con Secretaría de Hábitat e Inclusión, quienes interesaron frente a vecinos y docentes.

Los retrocesos se brindaron primero por el escaso (o nulo) compromiso para que dicha Secretaría renueve la colaboración prometida, lo cual provocó una desazón y dispersión vecinal muy dura. Pero además las Asociaciones locales (Mader y Mujeres Libres) de Villa 15 habían propuesto movilizar contactos políticos a fin de acercar interesados en aportar a la gestión de los problemas denunciados. Y estas Asociaciones, en tiempos electorales encontraron otros intereses, se desperdigaron, mostrando escaso interés en las promesas a sus familiares problematizados. Previamente habían promovido contactos con CETEP, fuerte organización gremial. Sin embargo, al momento de concurrir al barrio, no se centraron en este sector, sino que -pese a mostrarse interesados- realizaron propuestas inusitadas a las familias y personas de la tercer edad (ej: participar en movilizaciones más generales, realizar acampes o incluso que el director UBACyT tomara micrófonos frente a entidades y si los vecinos no podían concurrir, CETEP mismo llevaría sus afiliados). Los pocos vecinos que participaron de esa reunión huyeron despavoridos. Desde mi propia posición en el campo corrió en ese momento un sentimiento muy extraño: haber producido con vecinos material valioso y que no solamente el Gobierno no lo deseara. Sino que las mismas organizaciones sindicales que los llamó "son nuestros referentes" estaban orgullosos que un docente de FADU mostrara planos y materiales en una reunión organizada por ellos, pero no se hicieran cargo de nada. Luego ya se sabe que villa 15 compuesta por "referentes" atomizados desligados entre sí no suelen brindar apoyo concreto a estos problemas. Más la inexistencia de elecciones y representantes barriales. Junto con el hecho que GCBA niegue la incorporación al viario oficial o incluso incorpore nombres de manera coherente.

Contrariamente a esto último se concluye que la fuerte participación local ha arrojado perspectiva de que se podría tal vez brindar nuevos impulsos. Basados

en el trabajo de campo, apoyos a replanteos, mensuras, altimetrías, reuniones participativas, toma de fotografías durante 2015-2016, enfocando los múltiples problemas. Incluyendo la realización de un mural altamente significativo producido por MACA. Son sin duda valores. Pero que resultan muy parciales frente a la atención prioritaria de los problemas mencionados que requiere de nuevos esfuerzos de todos, también de los vecinos. La situación sigue resultando gravísima, pese a contar con un proyecto y un informe aún no ha sido modificada. No es simple afirmar que haya habido un cambio de conciencia en los vecinos hacia prácticas más transformadoras. Los encuentros con la ONG CEJIP con enfoque jurídico han abierto nuevas y ciertas expectativas y las opciones con la defensoría (camino aún incipiente) son senderos que, al cuerpo vecinal, le permitiría proyectar sus mejoras tan necesitadas. Es un camino para que la gente positivamente ejerza su derecho a no ahogarse ni electrocutarse, atienda su discapacidad, pueda ir al médico o al colegio, circule con libertad, se relacione sanamente, sea un ciudadano que pueda ejercer sus capacidades, trabajar, que sus espacios sean incorporados al viario urbano con servicios y aporten al país y a sus hijos un legado y calidad de vida.

Sobre el aprendizaje: un nuevo proyecto en evaluación:

Hemos presentado un nuevo proyecto para investigar en qué condición se encuentran ciertos espacios urbanos segregados del área villa 15 cuya población enfrenta violación sistemática y estructural de sus derechos. El propósito del análisis es articular con la perspectiva del hábitat digno; generando asistencias, concurrendo hacia la participación, equidad e institucionalidad local. Examinando expedientes y fomentando repercusiones estatales en materia de política urbana y mejoramiento habitacional.

Lo cual implica un aproximación *al otro* que convoca encuentros de campo comprensivos, sostenidos con altos niveles de participación y que posibiliten las miradas múltiples, facilitadoras de captación y producción de conocimiento “con y a partir” (Guber: 1990) del otro. Como también señala la tesis doctoral (de Sárraga: 2002) ...”la búsqueda de superación de los límites de formación básica de arquitecto con conocimientos de urbanismo, para ponerlos en juego con enfoques de antropología social [*promoviendo*] transdisciplinariedad (...) La descripción densa, sensible, permite devolver hacia la arquitectura y el urbanismo una mirada más socializada, humana, contextualizada en el análisis conjunto de prácticas, actuaciones, espacialidades, historias, discursos, conformaciones. Un fuerte acento en los aspectos de interrelación de grupos y prácticas en el ámbito barrial: al interior y exterior de las viviendas, lugares de intercambio, calles, avenidas, instituciones locales, municipio”. Se concibe a Hábitat Digno, como objetivo de una intervención integral, con la finalidad de englobar en una única noción a un conjunto de condiciones mínimas de vida, que deberían ser garantizadas a todos los hogares que las habitan, para avanzar hacia una mayor integración de la sociedad. Las políticas deben ser necesariamente intersectoriales e interjurisdiccionales desencadenantes de procesos relacionados – en algunos casos a largo plazo– desde una perspectiva de gradualidad y progresividad de resultados. Las organizaciones sociales de base existentes en estas áreas son muy activas en la producción cotidiana del hábitat, por lo tanto, es fundamental acordar y articular acciones, dándoles participación en la co-gestión de las soluciones. Las intervenciones deben ser necesariamente participativas, encauzadas dentro de una perspectiva de promoción y construcción de ciudadanía, como vía de formación para que estos hogares puedan superar progresivamente las situaciones de marginación

económica, cultural y social ligadas a la precariedad del hábitat en la que se encuentran (de Sárraga, Bazán: 2019).

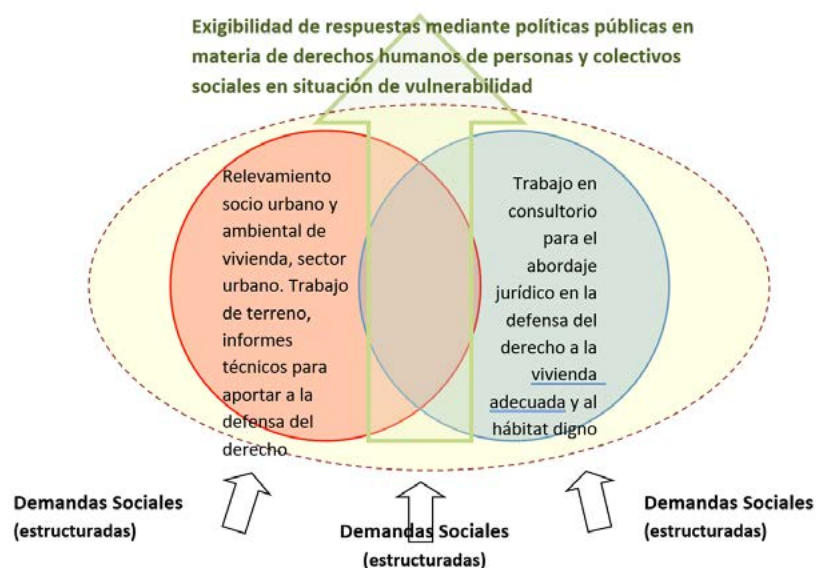
Se subraya la necesidad de avanzar en la construcción de una “nueva perspectiva orientada a un programa consensuado y deseable en el que se dé una concepción integral de las políticas habitacionales al servicio del desarrollo social y el derecho a la ciudad” (Rodulfo: 2008)

Como hipótesis central consideramos que, partiendo de una demanda local con posibilidad de organización y estructuración en sus vínculos sociales, si se mancomuna un trabajo adecuado que combine dichas demandas por un lado, el relevamiento sociourbano y ambiental (vivienda y hábitat mediante informes técnicos, etc) y el abordaje jurídico en defensa de sus derechos vulnerados se está en mejores posibilidades de exigir al Estado una respuesta en políticas públicas, derechos humanos que se aproximen lo más posible a la concepción de vivienda adecuada y hábitat digno. En la nueva instancia se propone:

- Retomar el diagnóstico participativo para comprender la verdadera magnitud del problema en conjunto con los abogados, problema sumamente grave, pueden fallecer personas en cualquier momento.
- Retomar el relevamiento planimétrico, observaciones con participación, entrevistas. A su vez reuniones participativas en el mismo pasillo y preferentemente en el consultorio mismo de abogados CEJIP.
- Revisar la solución proyectual urgente a exigir con celeridad (retardador hidráulico y canaleta adecuada)
- Exigir a defensorías la continuación de trámite interno. E iniciar con CEJIP trámite administrativo en IVC.

Se plantea que uno de las metodologías a aplicar consistirá en una reunión participativa anual, a modo de jornadas abiertas o **Asambleas** en villa 15. Donde serán invitados a asistir, en principio, los vecinos directamente afectados y las organizaciones sociales que deseen involucrarse. También es posible invitar a representantes de otras villas interesados en los temas a tratar. También serán invitados actores estatales.

Se ha elaborado el siguiente esquema para explicar las estrategias metodológicas del proyecto:



Sobre los avances-retrocesos y el aprendizaje hacia Mz 30 (previo a pandemia 2020)

El nuevo proyecto toma como base analizar aprendizajes (y errores) en el pasillo s/n para volcarlos en el nuevo proyecto sobre Mz 30 y en lo posible retomar el pasillo ¿Porqué comenzar en mz 30 y no en el pasillo s/n? Podría parecer extraño, sin embargo resultaba muy natural en relación a la reflexividad local.

Primero, al final del trabajo de campo en el pasillo hubo acciones de algunos vecinos interesados en las elecciones partidarias PASO 2018 –no promovidas desde el equipo académico, ni tampoco por los vecinos. Una vecina muy antigua me dejó un mensaje en el celular “que no iba a participar más” y ello fue coincidente con su llamado a “Betito”. Betito puntero del PRO, visitó al pasillo y comenzó a recorrer el pasillo en días de semana (nosotros íbamos los sábados). Y promovió la “bajada” (así lo sintieron los vecinos) de personal técnico de la Secretaría de Hábitat e inclusión SECHI. Los vecinos tuvieron el criterio de explicarles que “hace un año está trabajando Ricardo de la UBA” y que lo mejor era mancomunar acciones. Cuando concurrimos al sitio notamos en ellos extrañezas sobre la actitud del gobierno, que rápidamente empezó a hacer censos sobre cantidad de personas, y consultando cuestiones que ya habían sido relevadas o que parecieron un tanto obvias (¿qué problemas tienen? ¿Se inundan?, etc.) Previo a las elecciones PASO. Por otro lado, SECHI arribó con oficinas dispersas: llegaron jóvenes a hacer censos pero no regresaron, el arquitecto nunca dio una opinión sobre el espacio. Y sí expresaron que iban a intentar lograr incluir los problemas en la agenda oficial. Resultó “clave” que dejaran un teléfono para que me comunicara. Me atendió la coordinadora del área social en Villa 15 de SECHI. Dio día y hora exactos de reunión en GCBA para que estén los tres componentes decisores del sector. Estaría ella misma, trabajadora Social, un arquitecto coordinador de obras y un ingeniero que trabajaba sobre las obras comunitarias. Al transmitir la información al pasillo, Daniel, joven vecino muy activo -con buen criterio- quiso participar. Concurrimos a dichas oficinas, y hubo tirantez evidente al participar el vecino. Por otro lado, el ingeniero, conector de obras sanitarias comunitarias no estuvo en la reunión planeada pese a que se combinó con los tres. Los dos coordinadores de SECHI conversaron animadamente, incluyeron de a poco a Daniel –quien al principio sintió bastante incomodidad. Hablamos sobre problemas de villa 15 y especialmente el Pasillo. Entonces el joven arquitecto muestra una fotocopia aérea A4 blanco y negro sobre el barrio y mencionaba cuestiones generales de gestión. Grande fue la sorpresa cuando, junto con Daniel, desplegamos el plano de 100x70 a color muy detallado y aprox 30-40 hojas A4 de análisis. Se aclara, por mi parte realicé un curso sobre veeduría de obras comunitarias, especificando sobre desagües pluviales, leyendo de manera cruzada una veintena de libros, artículos, folletos, para diseñar el aliviador pluvial y aplicar profundidad al pasillo. Allí hubo un retroceso de los coordinadores–*quienes habían hecho el curso*. Y cada vez que hablábamos sobre lo pluvial –tema central- repetían que sin el ingeniero ausente no podían avanzar. Expresaron interés por presentar el pasillo ante GCBA pero no podían prometer obras, no estaba en su esfera decisional. Tampoco inventariaron los materiales que llevamos, sino que se desinteresaron de ellos.

Ello coincidió en tiempo con –segundo– la prometida (ya mencionada) reunión con CETEP en el merendero de Lenny. Allí una mujer, no El Rafa, frente a una nutrida presencia de 30-40 personas, de distintos sectores de villa 15, se expresaron dispersiones de problemas agolpados. Fuimos convocados con vecinos del pasillo a mostrar la experiencia. Pero todo resultó descolocado, por la dispersión temática, por las promesas iniciales de “El Rafa” que aquí no aparecían y porque se utilizara la espectacularidad visual del plano –fruto del trabajo conjunto con los vecinos– como

objeto utilizado por CETEP para enfatizar el éxito de la reunión.

El trabajo en red para promover el desarrollo tuvo sus frutos en el trabajo cotidiano con la ONG's CEJIP, ACIJ y MACA (mural). Pero es llamativo cómo las entidades locales Mader y Mujeres libres, tendieron a la dispersión entre ellas. Además la promesa de acompañamiento de Mujeres Libres fue menos que acotado; Mader promovió promesas con CETEP que resultaron en verdad interesadas en mostrarse y no concurren con lucha reivindicativa para restituir derechos que enuncian. Un párrafo más detallado –que evitaremos aquí- resulta la nula aplicación de SECHI, responsable de gestión: hoy 2020 está exactamente igual.

El nuevo proyecto hace foco en sostener actividades con una organización diferente. Primero buscar organizaciones de base que sean capaces de sostener la demanda un tiempo extensivo y preferentemente que habiten en exactamente esa zona. Y que además, aunque tengan intereses partidistas o gremiales, que los mismos sean practicados de manera totalmente diferenciada al trabajo sobre los problemas específicos que se están tratando. Si bien no hemos partido en el pasillo s/n, fue un gran aliciente que Lenny –aunque no habitara el sitio- lo apoyara. Y que Mujeres libres fuera quien lo lanzara por el sobrino caído en un pozo de aguas fétidas, sitio donde vive la madre de La Polla. Luego La Polla apareció poco y su madre jamás participó (todo lo contrario, fue una persona que regó desconfianzas). El análisis del sector no implica solamente la vulnerabilidad del derecho, sino los grados de conciencia social y conciencia política, las motivaciones internas –no interesadas- y además su capacidad para sostener la demanda durante el tiempo que resulte el trabajo de campo.

En la Mz 30 uno de los ejes más potentes lo constituye el centro comunitario “Horas Felices”, liderado por Victoria, vecina de mediana edad sumamente respetada. Esta mujer platinada tiene larga trayectoria en la defensa de derechos de la mujer y otorgamiento de documentos y colaboración con la comunidad paraguaya. Los hemos conocido en 2002 y siempre sostuvimos contacto –hace casi 20 años. Ella está rodeada de mujeres que movilizan redes internas de solidaridad, intercambio, atención de problemas. Muchas de ellas han trabajado en Horas Felices y luego establecieron centros comunitarios con intercambio y asistencia mutua de Mz 30. Aún sin ser el único centro de manzana, siempre resultó uno de los más influyentes en la historia de los últimos 20 años de Ciudad Oculta. Sin embargo han sostenido su actividad partidista por fuera de la esfera de atención social. Entonces, el hecho que Victoria haya convocado a nuestro equipo en 2019 con CEJIP, representa el acercamiento a una trama institucional con peso partidista más armónico y poco habitual en Villa 15.

Por otro lado debemos reconocer que el trabajo en el pasillo s/n fue sumamente arduo, y ello produjo un interés de realizar en *primera instancia* el diagnóstico y el informe; y en *instancia posterior* concurrir con todos los materiales a la ONG CEJIP para comenzar allí la aplicación del enfoque legal. El tiempo aplicado en las tareas de terreno en el pasillo s/n fue de un año; si bien hubo reuniones en CEJIP, éstas fueron escasas y repartidas. Por lo tanto la identificación de los vecinos con esta instancia imprescindible estaba instalada en una deseabilidad lejana –cuando podría haber sido utilizado como promotora de conciencia política y desarrollo institucional. En cambio el nuevo planteo implica que las reuniones sociales serán instancias sociales que se realizan no en el espacio público; sino siempre con presencia de CEJIP a fin de que dicho enfoque se aplique permanentemente. Luego es importante que los mismos abogados vayan solicitando los informes necesarios y que éstos estén no sólo al alcance de los vecinos, sino que éstos estén interiorizados con el avance de los mismos. Ya se ha realizado un informe sobre riesgo eléctrico (2019) y se está

elaborando otro informe sobre la provisión del agua (2020), en concordancia con cuestiones de marco legal detectadas por CEJIP durante la pandemia.

Conclusiones:

Una propuesta consiste en realizar *jornadas villeras* en el interior de Ciudad Oculta, exponiendo los problemas, las tareas realizadas, pedidos al estado y defensorías, respuestas devengadas, en relación con las redes internas y externas. Tomando Mz 30, pasillo s/n y otros lugares como Mz 32 con los cuales se está trabajando. Es posible además invitar a otros referentes de otras villas, no solamente los internos. Si bien la producción de informes sociohabitacionales y ambientales son fundamentales para realizar el reclamo legal sobre el hábitat digno y el avance en esta tarea, que puede ser incluso de índole administrativa, es posible ir avanzando en base a ciertos datos que, al menos inicialmente, puedan articularse entre sí. Además, realizar solapadamente el reclamo del derecho desde el consultorio sin la participación del equipo de terreno, no resulta enriquecedora y los vecinos mismos no asumen de la misma forma la tarea, de representación, discusión y elección de sus alternativas y/o comprensión de situaciones que seguramente irán variando. Desde el punto de vista del trabajo de terreno la observación con participación y la entrevista serán claves para analizar, basados en la perspectiva del actor. Además se realizan mensuras, altimetrías, registros fotográficos, planos en general y de detalle. Es relevante portar una mirada comprensiva al emplear elementos gráficos, realizar relevamientos, utilizar fuentes secundarias, colaborando a encauzar vínculos sociales profundizando los registros de campo. Desde la reflexividad (Gúber 1990) relacionada con el análisis de los motivos y propósitos de los sujetos (que respetan determinadas normas y transgreden otras), se considera al investigador como un sujeto inmerso en el campo. Permitiendo saber cómo se dan las alianzas (y conflictos) entre ellos, es acceder a las explicaciones de su vida cotidiana. Saber porqué y de qué modo se componen las acciones y porqué se dan ciertas explicaciones es comprender el lugar del otro en la trama, el tejido. Cómo se comportan ante esferas de poder (y viceversa). Al referirnos a actores sociales de Ciudad Oculta, nos referimos a personas, grupos u organizaciones que tienen interés en su evolución colectiva. Los actores claves son usualmente considerados como aquellos que pueden influenciar significativamente (positiva o negativamente el desarrollo) o son importantes en el devenir del lugar.

A modo de anexo reflexivo (para seguir pensando):

Sería posible tal vez creer que, por estudiar y leer nuestros textos y aplicarlos en espacios de enseñanza y aprendizaje, mágicamente se instalará una experiencia emancipadora. En verdad, -reconociendo los límites de esta búsqueda de instalar en toda la comunidad cercana un pensamiento que instale soberanía en las conciencias de los sujetos- es necesario abreviar y problematizar el análisis epistemológico, teórico, metodológico y técnico de la situación. Mi actitud como docente universitario me lleva a asumir un perfil político. Me centraré en enlazar nociones como praxis transformadoras y emancipadoras, la metodología participativa. Sería positivo pretender “leer” mejor las instituciones e intentar actuar en ellas y esto es verdaderamente un gran aporte.

Es posible intentar ejercer una praxis relacionada con la integración. Praxis “es la reflexión y acción de los hombres sobre el mundo para transformarlo. Sin ella es indispensable la superación de la contradicción opresor –oprimido (...) exige la

inserción crítica de los oprimidos en la realidad opresora con la cual objetivándola actúen simultáneamente sobre ella (Freyre: 1972; p 32)

No es buen síntoma congratularse con objetivos mínimos, valiosos sin duda, si no se consigue cierto nivel de emancipación más decidida.

El proyecto UBACyT promueve cursada de pasantías (crédito académico). En general me he establecido en Villa 15 hace casi 20 años, inserción agradable, con enormes constreñimientos. La posición en el campo de “docente colaborativo”; muchos vecinos saben que Ricardo viene los sábados con alumnos. Últimamente vinculados con CEJIP, donde uno de sus abogados, Leonel, se dedicó al hábitat. Si bien ellos no caminan con nosotros (consultorio en la capilla), hay casos del hábitat que los hacemos juntos. Sostenemos una conformación que tiene su complejidad: los vecinos organizados –referentes y simples vecinos-, CEJIP, los alumnos y finalmente el equipo de docentes (y otros docentes que no vienen a campo). Los alumnos traen su formación y oficio. Pero se ponen en juego otros aprendizajes sobre producción social del hábitat, coautoría, visita de problemas sociales concretos, mucho más allá de temas constructivos, que no suelen ser de nuestro interés principal. Los vecinos aportan su problema, lo cual los implica también en un aprendizaje colectivo ¿hasta qué punto lo conocen? ¿lo problematizan o naturalizan? ¿ lo analizan y se vinculan entre ellos? Conocen bastante sus problemas, pero no se aclara su horizonte de transformación y emancipación. Por lo contrario, juegan en contra la profunda desorganización villera y un Estado que dista muchísimo de resultar colaborativo (por lo contrario: desorganiza, recolecta votos, no suele considerar problemas sino de manera separada... el Estado desintegra y no cumple las leyes y ni siquiera sus propios presupuestos, los objetivos de urbanización son escamoteados, esquilmados, etc). Existen buenos intereses oficiales de colaboración sobre el hábitat popular, pero esto tiende a diluirse. Nos interesa aportar a combatir la vulneración de derechos en temas que el estado suele considerar prioritarios, a fin de que puedan ser objeto de reclamos. Los temas que suelen tener más trascendencia en cuanto a reclamos se refiere, son aquellos que conjugan anegamiento o inundación, riesgo eléctrico y discapacidad. Calidad de vida, hacinamiento, condiciones de salud, tejido familiar, etc., son fundamentales. Sin embargo el Estado “estaría obligado” a responder cuando conjuguen los términos señalados. De allí hacer relevamiento del hábitat problematizado (entrevistas, trabajo de campo) y conjuntamente brindar un enfoque legal a fin de canalizar reclamos colectivos.

Considero bastante revolucionaria la tarea “la universidad en la villa”, como acto político (Freire, 1978) y como aprendizaje colectivo, de absolutamente todos los sujetos involucrados, alumnos, vecinos (madres que vienen con sus chicos), abogados, etc. Y el aprendizaje decanta en reuniones colectivas directamente en la calle y centros comunitarios o la oficina de los abogados (preferentemente). Hemos aprendido que, la situación de exposición en la calle suele gratificar; pero ello no es conducente sino hacia una autocongratulación “del buen docente con el buen vecino” y que ello tiende a brindar ciertas opacidades sobre el eje central, que es la reunión con los abogados, pues su conjunción permite aunar: reclamos, enfoque legal e ideación de materiales a presentar. La herramienta “participación” tiene que ver con la emancipación: inicio, insurrección y ausencia de presión la adherir al discurso opresor (...) los hombres se liberan en comunión (Freire; 1972). Es fundamental en los mismos procesos de gestión y producción social del hábitat y en la formación académica: es el motor aglutinante de los procesos. Es posible considerarla como un instrumento paradigmático; reflexionando claramente los supuestos con que debe realizarse y cuál es el sentido –y el horizonte- para aplicar en un caso concreto.

En estos espacios de vulnerabilidad el aprendizaje conjunto es inmenso “una producción colectiva de saberes, (...) entender a lo grupal como instancia productora de conocimiento dentro de un modelo democrático que propone la participación activa de sus miembros, ensamblada de modo tal que favorezca el crecimiento de su autonomía. Lo grupal aparece como espacio “de” y “para” la producción colectiva; por el otro, como un espacio recortado, pero no aislado o escindido de otros ámbitos sociales más inclusivos: el recorte lo delimita pero no lo separa del resto de la realidad social”. Es imposible separar el sector (pasillo s/n entre Mz 9y10) de las 37,5has en su totalidad. La villa no está en absoluto emancipada, y la instalación de estos procesos (futuro congreso villero, forma parte del proyecto recientemente concursado) es harto dificultosa.

Hemos sufrido trastocamientos, deslizamientos de la noción central participativa que se dio en el juego del último episodio: a) por la relación con redes villeras de intereses variados, b) la anastomosis (sin haber proyectado así en un inicio) bajo “otras miradas participativas”. En este proceso de gestión, la participación se tendió a visualizar como “significante” llamativo. Y bajo esta misma palabra, integrantes del proceso de gestión - vecinos aislados, o alguna entidad local-, convocaron a otros actores Estatales (oficinas del Pro) y sindicalizados (CETEP) muy diversos. Si bien ello en un principio resultó prometedor, en verdad ocasionó el roce con resultados muy diferentes. Provocando desazón, dispersión y retrocesos en los mismos vecinos problematizados.

Una cuestión grave es que con el cambio del sentido del paradigma ya no se planteó la resolución de los problemas. Sino que continuaron anclados en idéntica situación previa, habiendo pasado un año de trabajo. La otra cuestión, también sumamente grave es que no ha habido un cambio de conciencia vecinal hacia praxis transformadoras. Sino que se instalaron miradas regresivas, desconfiadas, entre los mismos vecinos que se reunían, e incluso hacia las mismas redes locales politizadas que prometieron colaborar. Es notable la cita de Rancière,

“la participación opera como un multiplicador del hombre libre: todo hombre puede siempre, en cualquier momento, emanciparse y emancipar a otro, enunciar a los otros la buena nueva y aumentar el número de los hombres que se conocen como tales” (pág. 129).

El aprendizaje en este proceso nos trae nuevamente a Freire “Concienciar es politizar” pero al trabajar con vecinos, ellos eligieron (el proceso continuará) sostener un sentido de libertad enamorado de sus líderes de turno.

Ninguno de ellos es libre en sus actos—dijo—. Todos están encadenados a la implacable máquina industrial, y lo más patético en esta tragedia es que todos están ligados a ella por los lazos del corazón (...) su instinto es más fuerte que toda la moral de que son capaces (...) Era un esclavo de la máquina, ésta machacó su vida, la consumió hasta la muerte (Jack London, 1908, p. 48)

Referencias Bibliográficas:

de Sárraga, R. (2010). *Espacialidades y disputas territoriales en Villa 15-Ciudad Oculta*. En: Debates sobre Ciudad y Territorio. Los aportes del CIHaM, compiladores: Kullock y Novick. Editorial Nobuko, Buenos Aires.

de Sárraga, R (2002). *Grupos y prácticas sociales en el ámbito doméstico de la periferia metropolitana*. El caso del poblado de San Francisco en Florencio Varela. Tesis de doctoral no publicada. Buenos Aires. UBA, FFyL.

de Sárraga, R; Bazán, L (2019) Aportes de los estudios socio urbanos ante las afectaciones al derecho al hábitat digno en el área Villa 15 (Lugano). Análisis de las repercusiones estatales en materia de política urbana y mejoramiento habitacional. Proyecto UBACyT (mimeo, en evaluación). Buenos Aires.

Gúber, R (1990) *El salvaje metropolitano* (Legasa, Buenos Aires).

Piqueras Infante, A (1997). *Conciencia, sujetos colectivos y praxis transformadoras* (ed. Solapaz: Madrid).

Rodulfo, M.B (2008) *Políticas Habitacionales en Argentina estrategias y desafíos*. Recuperado de: http://www.vivienda.mosp.gba.gov.ar/capacitacion/rodulfo_viv_social.Pdf ingreso marzo 2019.

Autor:

Ricardo de Sárraga. Arquitecto (1988), Doctor UBA especialidad Antropología Social (2002), Especialista en Docencia Superior (Univ. Nac. Sgo. del Estero), Profesor Adjunto (SE) Centro CIHaM-Fadu-UBA, Docente Investigador, director y evaluador de Tesis, Titular cátedra “Métodos cualitativos de investigación” (UAI). Director de Proyectos UBACyT desde 2004, actual (2020-2022) “Aportes de los estudios socio urbanos ante las afectaciones al derecho al hábitat digno en el área Villa 15 (Lugano). Análisis de las repercusiones estatales en materia de política urbana y mejoramiento habitacional”. Miembro titular Red ULACAV. ricardodesarraga@yahoo.com.ar

Colaboración:

Inés Fernández. Arquitecta (1987); Maestría en Administración Pública FCE-UBA (1990), Curso de Especialización en Métodos de Intervención Urbana Instituto Nacional de Administración Pública-Madrid, España (1993); Secretaría Nacional de Acceso al Hábitat; Docente FADU-UBA.

Zaira Zucharico Quispe. Estudiante de arquitectura FADU-UBA; estudiante UNA (Universidad Nacional de las Artes), colaboración técnica en Secretaría Nacional de Acceso al Hábitat.

A VOZ DO GRAFITE EM UMA SOCIEDADE SILENCIADA: Crime ou Arte?

Eje/Eixo Temático 1

Breno Lucas Teodósio de Araújo
Bruno Dias Ribeiro
Giovanna Silveira Cavalcante
José Wellington do Nascimento Araújo
Marianne Delgado Morimitsu
Graduandos em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal da Paraíba

Resumo

O grafite é uma das diversas formas de expressão artística política utilizada para dar voz àqueles que não têm lugar na sociedade, os quais se utilizam de técnicas de desenho e pintura, a fim de dar forma a suas ideias e impelir uma reflexão na população, com relação a temas pertinentes nacional e internacionalmente. Ele está intrinsecamente ligado à cidade e seus habitantes, contudo, nem sempre essa correlação é harmônica, o que é evidenciado nas diversas polêmicas circundantes do grafite ao longo da história brasileira, cujos holofotes sempre estão centrados em dois principais rivais: Estado e grafiteiros. Dessa forma, este artigo tem por objetivo analisar estatisticamente a opinião pública relativa ao grafite, sua constante dualidade com a pichação e seus conflitos com os governos passados no Brasil.

Palavras-chaves: Arte, Grafite, Pichação, Conflitos urbanos, Revitalização.

Resumen

El grafito es una entre las diversas maneras de expresión artística política utilizada para dar voz a aquellos que no tienen lugar en la sociedad, los cuales se utilizan de las técnicas de dibujo y pintura, con la finalidad de dar formas a sus ideas y empedrar una reflexión en la población, con relación a temas pertinentes nacional e internacionalmente. Él está intrínsecamente relacionado a la ciudad y sus habitantes, sin embargo, esta relación no es totalmente armoniosa, lo que es comprobado en las diversas polémicas circundantes del grafito al largo de la historia brasileña, cuyos reflectores siempre están centrados en dos rivales principales: Estado y los grafiteros. Así, este artículo tiene el objetivo de analizar estadísticamente la opinión pública sobre el grafito, su constante dualidad con la pichação y sus conflictos con los gobiernos ya vivenciados en Brasil.

Palabras claves: Arte, Grafito, Conflictos urbanos, Revitalización.

Introdução

Desde a Era Paleolítica, com carvão e vegetais, até a contemporaneidade, com sprays e tintas, o ser humano consegue caracterizar seus sentimentos e ações em espaços antes vazios. O grafite, da forma que se conhece hoje em dia, originou-se entre os anos 60 e 70 como um movimento de transgressão. Durante o período da Ditadura Militar, surgiu no Brasil um novo cenário, cujo o direito à liberdade de expressão não era reconhecido.

O grafite possui um caráter de rebeldia desde a sua concepção, inclusive no território brasileiro, no qual a legislação sempre o considerou um ato criminoso, conjuntura que perdura até os dias atuais. Por outro lado, ao se pensar no grafite, é inevitável associá-lo à arte, embora seja uma vertente artística polêmica, arte de rua, a qual é tratada de forma discriminatória, em comparação as quais se encontram em áreas de exposição mais elitizadas, a exemplo de museus e galerias.

Por ser uma arte que se faz presente nas ruas com notório cunho de revolta, de posicionamento político e de resistência, relacionados aos sistemas governamental e econômico, o grafite convive com evidente preconceito advindo da sociedade, principalmente de seus governantes. Por conseguinte, diversas ações do próprio Estado são mobilizadas para combater os desenhos presentes em muros, viadutos e edifícios, gerando, assim, polêmicas e revoltas entre grafiteiros e governantes. Buscou-se nesta pesquisa compreender como as pessoas consideram o grafite: uma arte de rua que expressa diferentes visões do mundo ou um delito? Essa reflexão se faz relevante, uma vez que são notórias as inúmeras campanhas políticas para se alcançar o ideal de *Cidades Limpas*¹, certamente divisoras de opiniões em meio à população brasileira.

Levando em consideração a necessidade do ser humano de expressar suas emoções, tradições e culturas, bem como a degradação do patrimônio público ou privado, quando não há autorização para realizá-lo, o grafite abre portas para várias discussões, as quais questionam os cidadãos a considerá-lo crime ou arte, ou até mesmo uma arte criminosa, o que varia a cada ponto de vista.

O debate acerca do grafite é importante, visto que está inserido no meio urbano de forma quase inevitável, interagindo com toda a população, seja pela forma visual ou pela expressão crítica-sentimental acessível a todos, inclusive aos que por outros meios não possuem voz. Dessa forma, nas ruas e em espaços de visualização pública, o grafite gera diferentes interpretações em cada um que o enxerga, positiva ou negativamente. Segundo Haring (1984): “a única maneira de a arte viver é através da experiência do observador. A realidade da arte começa com os olhos de quem vê, por meio da imaginação, da invenção e do confronto”. Considerando essa ideia, o grafite toma sua transcendência, a partir do momento em que alguém, com suas experiências e opiniões próprias, o observa de forma subjetiva e extrai suas conclusões.

Na obra *Modernidade líquida*, (BAUMAN, Z. p. 117-122) é descrito o conceito de efemeridade, cujo ideal de que nada foi feito para durar. Nessa linha de raciocínio pode-se relacionar a essência do grafite como uma arte efêmera, pois, ora existe, ora sofre repressão e é pintada de cinza, por exemplo, ora existe novamente, ora existe uma nova expressão artística no mesmo local. É um ciclo contínuo e independente da legalidade ou ilegalidade desses atos. Porquanto, essa criminalização é, de certa

¹ O conceito surgiu a partir da Lei Cidades Limpas sancionada em setembro de 2006, que tinha o intuito de equilibrar os elementos que compõem a paisagem urbana de São Paulo. Busca, entre outras ações, atacar a poluição visual e a degradação ambiental, preservar a memória cultural e histórica e facilitar a visualização das características das ruas, avenidas, fachadas e elementos naturais e construídos da cidade.

forma, incentivadora para a existência do grafite nos muros das cidades, bem como da pichação que estão sempre em dualidade no convívio social, uma vez que são atos de revolta contra o mesmo sistema que os proíbe por lei, gerando uma dupla eficácia relacionada à mensagem que a arte dos muros tem como intuito representar, sendo considerada, assim, uma arte que não foi feita para durar.

Por outro lado, a monetização do grafite tende a ser contraditória, visto que, entre essa e o propósito do grafite, existe uma rivalidade de ideais. Enquanto a arte das ruas visa efetivar um ato de representação e rebeldia, interior e exterior, a monetização dessas visa apenas ao lucro, mudando o sentido do grafite em relação ao que ele representa puramente, como é descrito abaixo:

Muitas vezes somente os grafites são capazes de produzir um aspecto particular e uma estética específica para aquele lugar. Barcellos (2006) diz que, diferentemente de um espaço, um lugar tem nome, tem uma face, "...uma particularidade, uma lembrança, um projeto, uma profundidade absorvente tornando possível o nosso reconhecimento" (p. 103). Casey (1997) diz que a experiência que este lugar possibilita cria a alma do lugar, feita do que é visível e de múltiplas interações. (BARCELLOS, 2006, p.103; CASEY, 1997 apud RINK, 2010, p.77)

Além disso, a divergência de ideias com relação a monetização do grafite, gera conflitos dentro do próprio movimento dos grafiteiros, por uma parcela não considerar grafite aquele que é vendido.

Considerando que há inúmeras questões a respeito do mundo do grafite, é necessário entender a dinâmica entre os grafiteiros, os pichadores, os transeuntes e o governo, analisando a realidade de cada um desses, os seus pensamentos e ideais, e como agem frente a esses. Com isso, a opinião dos usuários a respeito do espaço urbano, pautado nessas questões, foi consultada e analisada.

Contexto histórico-social-político

"As grandes características do trabalho de Alex Vallauri é o interesse de resgatar o passado, o apropriar-se das imagens, a recontextualização dos significados e as intervenções no cenário urbano. Alex Vallauri, o principal precursor do grafite no Brasil. Era ítalo-etíope e chegou ao Brasil, vindo de Buenos Aires, em 1964. Desde então, costumava desenhar mulheres do Porto de Santos em trajes íntimos. De 1978 a 1980, começou a executar suas máscaras em São Paulo, onde passou a morar para estudar na FAAP, da qual viria a ser professor. Seus primeiros grafites eram muito simples, mas foram sendo aprimorados." (HONORATO, 2008, p.8)

Segundo Honorato (2008), a partir da década de 70, o grafite foi criminalizado pela legislação brasileira, resultando na primeira grande polêmica envolvendo o tema, em um período de vigência da Ditadura Militar.

Em 2008, durante a gestão de Kassab, na cidade de São Paulo, foi criada a Lei da Cidade Limpa, que tinha como principal objetivo cobrir os muros pichados ou grafitados, de acordo com o que os funcionários públicos julgavam arte ou não. No documentário *Cidade Cinza*², foi retratado esse momento, mostrando como o Poder Público agiu de forma inadequada em relação à discussão sobre arte. Além disso, o prefeito Kassab se fez presente para esclarecer o engano da prefeitura ao cobrir uma

² VALIENGO, Guilherme; MESQUITA, Marcelo. Cidade Cinza. São Paulo, Espaço Filmes e O2 Play, 2013. 1 vídeo (80 min.). Disponível em: www.youtube.com/watch?v=svFLNSQevag. Acesso em: 19 de nov. de 2020.

obra dos grafiteiros “Os Gêmeos”, em um muro com mais de 700 metros quadrados. “De baixo de uma parede cinza, existe um amor pela nossa cidade” (OS GÊMEOS, 2013), essa foi a ideologia que moveu os artistas após a liberação da prefeitura, para repintar o grafite que foi apagado equivocadamente, mesmo sem apoio financeiro.



Figura 1 - Zé Sujeira

Fonte: “Conflitos Urbanos: grafite e pichação em confronto devido à legislação repressiva”

De acordo com Cristine & César (2016), após 5 anos, no Paraná, a ACP (Associação Comercial do Paraná) lançou uma nova política de cidade limpa. “Pichação é crime, denuncie”, era o slogan da campanha, no qual foi proposto o projeto de ser estampada em diversos lugares da cidade de Curitiba e em produtos, como lápis e canecas. O intuito da campanha era criminalizar o grafite impondo uma ideia que o tratasse como algo delituoso em todos os casos, incluindo um certo foco para mudança na visão das crianças relacionada à tinta nos muros. Em virtude disso, foi criado o personagem “Zé Sujeira” (figura 01) que passou a ser a representação de tudo o que era visualmente desagradável nas ruas da cidade, em forma de quadrinho para atingir o público infantil. O Zé Sujeira foi inspirado em outro personagem brasileiro, “Sujismundo (1972)” (figura 02), o qual tinha os mesmos objetivos em sua época.

Consoante Martins (2017), ainda na cidade de São Paulo, no ano de 2017, durante a gestão de João Dória, o grafite passou por uma forte repressão, essa que talvez seja a mais famosa do Brasil. A política incluía um posicionamento a favor da transformação de pichadores em grafiteiros, além disso, houve a sugestão do próprio Dória para a criação de um “Grafitródromo”, uma espécie de museu para grafites, o qual não foi posto em prática. Isso aconteceu 30 anos depois do retorno de Alex Vallauri ao Brasil, um marco para o movimento grafiteiro, por isso era esperado algum tipo de homenagem, porém a prefeitura apagou mais de 490 obras da Grande São Paulo. Em decorrência disso, gerou-se uma grande repercussão no país em todos os meios midiáticos, além de protestos organizados contra a gestão.



Figura 2 – Sujismundo

Fonte: br.pinterest.com/pin/312155817910406193

“Imagine uma cidade em que o grafite não é ilegal. Uma cidade onde qualquer um pode desenhar onde quiser. Onde cada rua seja inundada de milhões de cores e frases curtas. Onde esperar no ponto de ônibus não seja uma coisa chata. Uma cidade que pareça uma festa a qual todos foram convidados, não apenas as autoridades e os grandes figurões dos grandes empreendimentos. Imagine uma cidade como essa e não encoste na parede – a tinta está fresca.” (BANKSY, 2005, p.95)

Nesse sentido, a utopia proposta por Banksy há alguns anos tem tomado aparente relevância por começar a ser concretizada como um desejo para uma parcela abrangente dos brasileiros, notável ao existir revoltas contra os atos de repressão ao grafite que partem do Governo.

Métodos

Para a execução desta pesquisa, foram utilizados dois procedimentos metodológicos de coleta de informações. A princípio, elaborou-se um formulário em torno de 3 pontos principais sobre o tema:

- O grafite considerado ou não arte;
- Posicionamento acerca da criminalização do grafite e/ou pichação;
- União do Poder Público e grafiteiros para revitalização das cidades.

Ainda no formulário, foi proposta uma avaliação imagética para que os entrevistados selecionassem as obras que desejariam ter no seu espaço urbano cotidiano, o qual, a partir da diagramação e análise dos dados, percebeu-se que boa parte dos entrevistados seguiram raciocínios convergentes.

Posteriormente, realizou-se na internet uma pesquisa nas redes sociais para obter um contato mais direto com os usuários. A plataforma escolhida foi o Instagram, por ser a rede social em maior crescimento atualmente e obter um sistema algorítmico que divulga a pesquisa de forma simples e rápida, por meio de imagens e vídeos.

A percepção da população sobre o grafite e a pichação

A respeito do conhecimento prévio dos entrevistados do formulário e suas percepções acerca do grafite, 90% dos 282 entrevistados afirmaram saber a diferença entre o grafite e a pichação, demonstrando maior conhecimento sobre o assunto e capacidade de diferenciação de um e outro, o que é relevante para a discussão da criminalização. Além disso, é notório o privilégio do grafite ao ser comparado com a pichação, como é descrito nos dados abaixo (figuras 3 e 4):

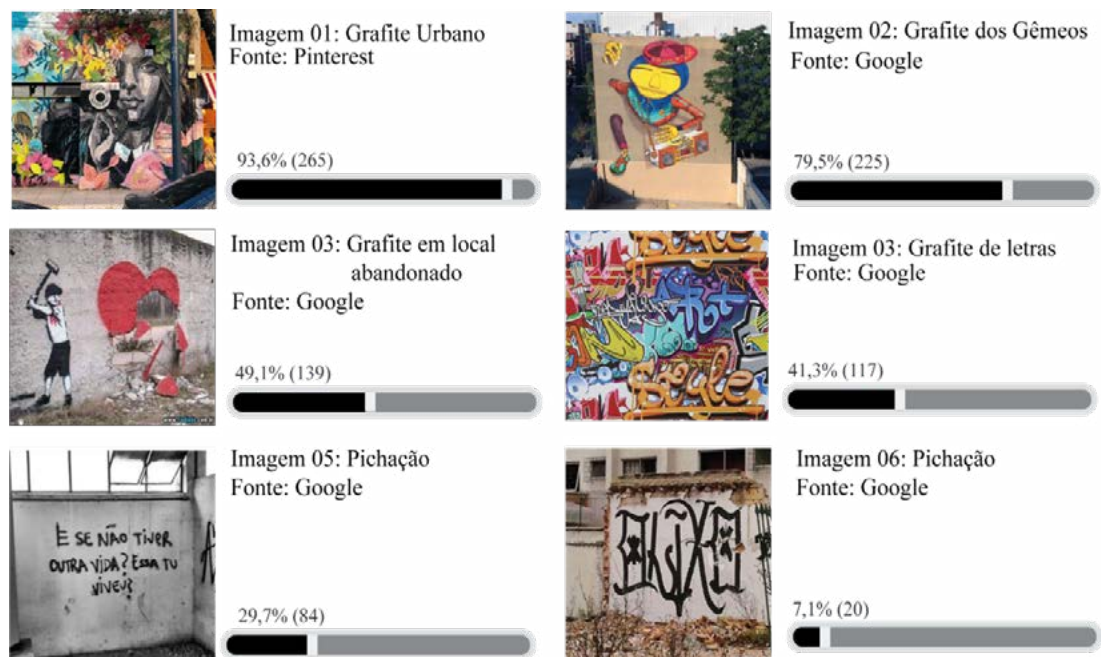


Figura 3 - Ranking de imagens proposto no formulário
Fonte: Elaborado pelos autores

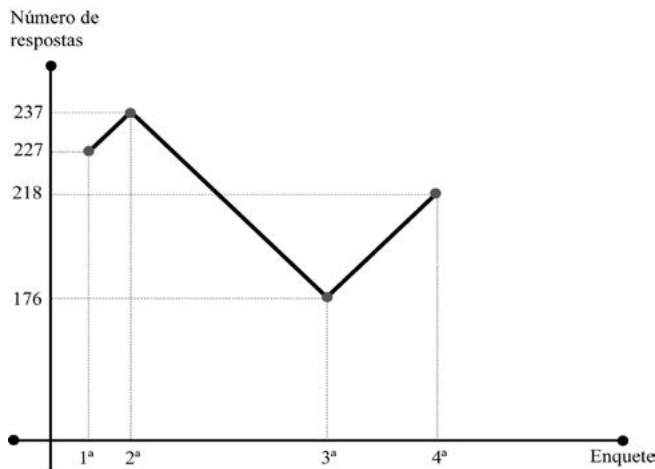


Figura 4 - Gráfico diagramado a partir das enquetes feitas no Instagram.
Fonte: Elaborado pelos autores

Na figura 3, nota-se, primeiramente, a preferência dos participantes pelo grafite, em comparação com a pichação, além disso, a preservação do local e a técnica mais ou menos rebuscada de desenho também foram fatores determinantes.

Na figura 4, as enquetes 1, 2 e 4 foram feitas entre grafites, já a 3 foi feita entre pichações. Dessa forma, é evidente a queda do número de respostas na enquete que continha pichações, demonstrando, assim, a sua rejeição por parte da população.

A respeito da existência do preconceito com o grafite, mesmo que haja uma valorização por parte da maioria dos entrevistados, 98% afirmaram que ainda há preconceito e desvalorização do grafite na conjuntura sociocultural brasileira.

Por fim, foi questionado ao público sobre o apoio à criminalização do grafite ou da pichação, 69% apoiaram apenas a criminalização da pichação, 25% não apoiaram nenhuma forma de criminalização, enquanto o restante apoiou a criminalização de ambos ou apenas a do grafite.

Esses resultados demonstram que o grafite é uma expressão urbana mais aceita pelos entrevistados do que a pichação, e, para defender essa opinião, muitas pessoas fizeram comentários - dentre os 82 registrados - valorizando o grafite e rejeitando a pichação, como: "Grafite é arte e pichação é sujeira". Além disso, uma parte daqueles que defenderam a criminalização de ambos, trouxe justificativas a respeito da autorização da propriedade pública ou privada para a realização do grafite, ou seja, com a permissão pública ou privada o grafite também seria apoiado por essas pessoas.



Figura 5 - Exemplo de grafite sendo usado como agregador estético urbano
Fonte: <https://lobopopart.com.br>

Estado X grafiteiros

Ao questionar o público sobre considerar o grafite uma forma de arte, 97% do total afirmou que sim, representando um maior reconhecimento e valorização do

grafite por parte dos participantes. Com isso, é evidente como a população tem um pensamento divergente dos governantes, os quais foram precursores de diversas polêmicas, já descritas neste estudo.

Além disso, sobre a revitalização urbana por meio do grafite, 95% dos entrevistados apoiaram essa ação, e, junto a isso, 96% das pessoas apoiaram a união entre Poder Público e grafiteiros, demonstrando que as pessoas consideram o grafite um meio de revitalizar, e não de degradar o ambiente urbano (figura 5), além de apoiarem o investimento do governo para esse tipo de ação.

Considerações finais

Por meio desta pesquisa, foi possível compreender o papel social do grafite como uma ferramenta de expressão de insatisfação para uma parcela da população. Ele vem para evidenciar assuntos negligenciados, ser sinal de resistência, representatividade e possibilitar um diálogo anônimo entre as diversas minorias da sociedade e o Estado.

Além disso, a constante dualidade com a pichação, cuja face acaba por prejudicar a imagem das artes de rua, foi destacada e repreendida, uma vez que sofreu demasiada rejeição dos entrevistados das pesquisas, sendo considerado como ato de vandalismo.

É evidente a repressão que esta forma de arte enfrenta por parte do governo, tendo em vista os diversos conflitos tratados neste estudo, no qual é destacada a contradição da opinião populacional e dos interesses políticos.

Faz-se necessário o diálogo pacífico entre os governantes e grafiteiros, a fim de atingir uma solução que tanto preserve o patrimônio cultural do grafite, quanto ressalte a identidade e singularidade da cidade, haja vista o potencial artístico do grafite para a revitalização urbana, o qual interage com os cidadãos e com a cidade de forma concisa.

Referências bibliográficas:

BANKSY . **Wall and Piece**. Century, Londres. 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DOMINGOS, Bianca Siqueira Martins; ELOY, Gabriel de Oliveira; FERNANDES, Luiz Fernando Vargas Malerba. Concretos que falam: análise comparativa de grafites sob vias suspensas nas cidades de São Paulo e Lorena/SP. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 20, 2017.

GOHL, Fernando César; FORT, Mônica Cristine. Conflitos urbanos: grafite e pichação em confronto devido à legislação repressiva. **Logos**, v. 23, n. 2, 2016.

HARING, K. **Art in transit: Subway drawings**. 1. New York: Harmony Books, 1984.

HONORATO, G. **Grafite: da marginalidade às galerias de arte**. Curitiba/PR: PDE-FAP, 2008/2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1390-8.pdf> . Acesso em: 10 de dez. de 2020.

LIMA, Marina Poncio de. **Muros, cores e ideias**: uma análise sociológica com grafiteiros de Curitiba e de São Paulo. Dissertação de Graduação Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/cienciassociais/files/2013/09/Monografia-Mariana-Poncio-de-Lima.pdf>. Acesso em: 10 de dez. de 2020.

MARTINS, J. **Cinza nos muros**: gerenciamento da produção de grafite e criminalização da pichação na cidade de São Paulo. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, 21(21), 113-128, 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/AUM/article/download/9332/6585>. Acesso em: 11 de dez. de 2020.

RINK, Anita; METTRAU, Marsyl Bulkool. Grafiteagem: Resistência e criação. v.6 n.1. **Revista Tamoios**. São Paulo, 2010.

VALIENGO, Guilherme; MESQUITA, Marcelo. **Cidade Cinza**. São Paulo, Espaço Filmes e O2 Play, 2013. 1 vídeo (80 min.). Disponível em: www.youtube.com/watch?v=svFLNSQevag. Acesso em: 19 de nov. de 2020.

Autores:

Breno Lucas Teodósio de Araújo. Graduando em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Paraíba. brenolks.araujo@gmail.com

Bruno Dias Ribeiro. Graduando em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Paraíba. brunod.ribeiro18@gmail.com

Giovanna Silveira Cavalcante. Graduanda em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Paraíba. giosc2208@gmail.com

José Wellington do Nascimento Araújo. Graduando em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Paraíba. euwellington21@gmail.com

Marianne Delgado Morimitsu. Graduanda em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Paraíba. maridmorimitsu@gmail.com

OS ESTRANHOS: NARRATIVA E MEMÓRIA DA CIDADE

Eje/Eixo Temático 1

Antonio Busnardo Filho

Mestrado em Urbanismo UNIVAG

Helena Napoleon Degreas

Universidade de São Caetano do Sul – USC

Antonio Soukef Júnior

Mestrado em Urbanismo UNIVAG

Resumo:

Este artigo pensa a relação do homem que chega à cidade grande em busca de melhores oportunidades, por não estar adaptado aos trabalhos urbanos, torna-se uma categoria de cidadão que se desloca pela cidade a procura de emprego. Por ter um deslocamento constante e variado, numa aproximação de conceito, foi identificado como cidadão contemporâneo (“flâneur”), dado o conhecimento que adquire da cidade. A metodologia deste estudo é uma análise empírica, que, com bases teóricas, propicia possibilidades para diagnósticos de estudos urbanísticos, posto que a inadaptabilidade deste indivíduo o transforma em narrador urbano e em estranho à rotina da cidade.

Palavras-chave: **flâneur; narradores; deslocamento; estranhos.**

Resumen:

Este artículo piensa la relación del hombre que llega a la ciudad grande en busca de mejores oportunidades, por no estar adaptado a los trabajos urbanos, se torna una categoría de ciudadano que se disloca por la ciudad procurando de empleo. Por tener un desplazamiento constante y variado, en una aproximación de concepto, fue identificado como ciudadano contemporáneo (“flâneur”), debido al conocimiento que adquiere de la ciudad. La metodología de este estudio es una analicé empírica, que, con bases teóricas, propicia posibilidades para diagnósticos de estudios urbanísticos, ya que la inadaptabilidad de este individuo lo transforma en narrador urbano y en extraña la rutina de la ciudad.

Palabras-clave: **flâneur; narradores; dislocamiento; extraños.**

Introdução

Este artigo faz uma reflexão sobre a relação do cidadão com o espaço urbano das cidades contemporâneas - das grandes cidades, das metrópoles - numa tentativa de compreensão das diferenças entre os conceitos de urbano e de estranho - o

cidadão contemporâneo -, considerando-se que o significado de cidade mudou, desde a Revolução Industrial até o dinamismo atual das metrópoles. O antigo morador que tinha o conhecimento da cidade, também desaparece, surgindo um novo tipo, um tipo de cidadão que não tem a compreensão total da cidade e nem a conhece totalmente. O cidadão contemporâneo é um indivíduo constantemente estranho ao espaço que habita, posto que a cada dia a cidade muda e se apresenta diferente a ele. A cada dia a cidade precisa ser desvelada.

Para construir esta análise do cidadão e de sua relação com o espaço urbano, o método mais apropriado foi uma análise empírica do indivíduo e de sua postura ante o espaço da cidade, tendo por base conceitual estudos de teóricos como Canevacci e Benjamin, dentre outros.

Se não há um resultado prático, nesta análise, existe, no entanto, uma preocupação teórica para a compreensão de quem é o homem urbano contemporâneo e qual sua relação/preocupação com o espaço que ele habita – como é percebido o espaço por este homem? -; como uma espécie de diagnóstico conceitual para a compreensão do sentido de “pertencimento” e de responsabilidade com o lugar – possível dado para um urbanismo mais humano do que técnico, que atenda mais ao cidadão, habitante do cotidiano urbano, do que a planos e propostas políticas -; como esteio para as novas propostas, a exemplos dos experimentos de Jan Gehl (2013) e de outros urbanistas contemporâneos. Este texto não é, portanto, uma descrição técnica de experimentos, nem um estudo de caso, mas a análise empírica de comportamentos urbanos e reflexões teóricas destes comportamentos.

A cidade, na sua origem, era marcada por uma atividade mítica e sagrada, além de administrativa, que dava o tom de sua fundação e de sua função. No entanto, em seu processo histórico, variados tipos de pensamentos tomaram-na, modificando sua estrutura inicial, alterando sua dinâmica, e o tempo que os cidadãos precisavam para conhecê-la, para usufruir de seus lazeres e prazeres, ou, simplesmente, para descobrir qual o trajeto mais curto entre a moradia e o trabalho.

A Revolução Industrial trouxe o homem do campo para a cidade colocando-o à margem de uma sociedade citadina, definindo seu lugar na periferia, ou seja, no limite entre o início do campo e o fim da cidade. Criou um cidadão de um lugar inadequado, cujo ofício se perdeu na sua mudança; na cidade, não tinha nenhuma oportunidade para os trabalhos que sabiam fazer, tornaram-se mão-de-obra desqualificada. Com o desenvolvimento da cidade, este novo cidadão aprendeu a compreendê-la e a decodificar suas imagens; do seu espaço caótico e assustador à gestação dos seus sonhos, aprendeu a interagir com as diferenças do espaço urbano, e a decifrar os símbolos que surgiam em seus trajetos, principalmente, moradia/trabalho.

Este homem, vindo do campo, transforma-se de agricultor em construtor (a única possibilidade de um trabalho mais imediato) de edifícios que formam o tecido urbano. Juntamente com o camponês, outros indivíduos de cidades pequenas, também vieram para a metrópole em busca de uma vida melhor, em busca da realização de um sonho quase que totalmente impossível, encontrando as mesmas dificuldades de trabalho, de moradia, de lazer, mas tornando-se cidadãos adaptados à linguagem das grandes cidades, que decifram seus enigmas com uma facilidade tal que assustaria qualquer esfinge. Vivem, como todos os cidadãos o prazer de habitá-la, descobrindo, na imensa cidade, um lugar agradável, independentemente de todos os problemas e da crescente violência que possa existir. O interior e o campo são recordações, são lugares bucólicos para um rápido descanso, ou uma visita apressada aos familiares que porventura ali permaneceram. Este movimento de migrantes – mobilidade social – é muito bem demonstrado por Ledrut, nos seus estudos de

sociologia urbana, para a compreensão da adaptação das necessidades humanas à arquitetura urbana, considerando que o “urbanismo é ao mesmo tempo, ciência e arte, técnica e política, poesia e filosofia” (1971, 8).

No cotidiano da metrópole, estes cidadãos/desbravadores, ao mesmo tempo em que lutam pela sobrevivência, descobrem a beleza de sua aparência, enquanto lutam com a sua sombra. A cada dia a cidade se apresenta diferente; a cada dia, mais sedutora; a cada dia, com uma nova imagem; a cada dia, uma outra cidade; que mesmo os escravizando e os colocando em situações precárias de vida, fixa-os em seu território, como que os enfeitando pelas constantes mudanças e novidades. O encantamento de suas imagens integra estes indivíduos ao ambiente urbano, dando-lhes o status de narradores, de senhores da história de uma cidade dinâmica e mutável, que não lhes exige qualquer requisito social – a história contada por eles é tão oficial quanto a história contada pelos historiadores oficiais. As histórias dos cidadãos confundem-se com as histórias contadas sobre a cidade. Em ambos os casos se justificam e se estranham para sobreviverem; justificam as mudanças da cidade desrespeitando seus limites com um olhar abrangente, confundindo passados e presentes, e a cidade, estranhando seus habitantes, transforma-os em meros agentes de comunicação, em pictogramas ambulantes (Canevacci, 1990). Nesse sentido, os cidadãos se tornam elementos integrantes do léxico urbano; com suas atitudes, crenças e idiosincrasias escrevem a história da cidade; são elementos mórficos que estruturam as narrativas urbanas e que adquirem força narrativa ao se juntarem dando expressão e voz àquilo que a cidade entende por alma – a experiência dos indivíduos que reificam o lugar, dando-lhe uma profundidade cultural. A cidade molda o comportamento do indivíduo, ao mesmo tempo em que é moldada a esse comportamento. Pode-se, então, dizer que

[...] a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana.
(Park, 1973, 26).

A cidade existe como um lugar indecifrável, dada a sua natureza “humana”, e “estado de espírito”, de tal modo que a reconstituição de sua imagem original é feita por sua memória que é tão volátil quanto a de quem narra suas histórias, porque a cidade se transmuta, passando despercebida aos olhos dos transeuntes que vivem a rotina urbana; o cidadão que descobre, e não tem pressa, olha e percebe essas mudanças desfrutando a cada descoberta a cidade que emerge em seu imaginário, ou de seu imaginário.

O que impressiona da cidade é a sua complexidade física, as suas formas exuberantes, ao mesmo tempo que assustadoras, a sua grandiosidade e suas distâncias. A cidade se dá à vista do cidadão como um imenso universo, como um cosmo que sempre será desconhecido e que tem o seu caos na incompreensão de suas estruturas; na ruptura com o extremamente seguro e certo, na impossibilidade de uma vida inclusiva, mesmo sendo expressão da natureza humana. Park diz que

[...] Essa enorme organização que se erigiu em resposta às necessidades de seus habitantes, uma vez formada, impõe-se a eles como um fato externo bruto, e por seu turno os forma de acordo com o projeto e interesses nela incorporados. Estrutura

e tradição são aspectos apenas diferentes de um complexo cultural comum que determina o que é característico e peculiar na cidade, em contraste com a vida em aldeia, e a vida nos campos abertos. (Park, 1973, 29).

Aquilo que Park considera peculiar na cidade, na metrópole contemporânea, será somente um aspecto bucólico e saudoso para o cidadão vindo das pequenas cidades rurais. Então, para não confundir, deixemos claro que o cidadão do qual se fala, são os migrantes que chegam em busca de um sonho de melhoria de vida. Não são os cidadãos que nasceram nas metrópoles, nas grandes cidades. São estes migrantes que serão tratados, num jogo de aproximação conceitual, como “flâneur”. Este indivíduo será focalizado neste texto, por meio da ênfase que os princípios do Novo Urbanismo dão ao cidadão e ao espaço urbano como facilitador de atividades, como uma rede de vias que “pode ser projetada para encorajar o caminhar, reduzir o número e a distância das viagens de automóveis, e conservar energia. (Macedo, 2007, 16). Com essa ideia de um Novo Urbanismo, as cidades seriam lugares mais saudáveis e demonstrariam a sua “natureza humana”, integrando mais facilmente os indivíduos que migram em busca de outras possibilidades de vida, integrando as diferenças e se construindo na heterogeneidade, numa complexidade complementar.

As Imagens na Cidade

Canevacci (1993) mostra como as imagens se inserem na comunicação urbana, tornando possível a elaboração de um mapa visual de caráter qualitativo, representando uma rede de significados e dando sentido aos vários panoramas metropolitanos. Isto significa que os pomposos nomes de ruas, as homenagens a ilustres figuras cujos nomes estão eternizados em locais públicos, perdem sua importância para as imagens publicitárias, para os edifícios-imagens ou para os monumentos-imagens que interagem com os espaços da cidade. É mais fácil registrar um local ou um trajeto pelas imagens do que pelo nome, muitas vezes, de um ilustre desconhecido, pois a memória histórica não é um hábito cotidiano.

A comunicação dos elementos urbanos acontece por um processo de interação entre os cidadãos e os diferentes papéis desempenhados no cenário da metrópole. Essa comunicação só poderá agir sobre as estruturas arquitetônicas, animando-lhes ou mudando seus valores, se estiver baseada no tempo e no espaço, atingindo duas exigências: uma vivencial, constituída pela bagagem experimental do cidadão/ator, e outra teórica, de sentido histórico. Cidadão/ator porque a metrópole torna-se um cenário de eventos mutáveis dos quais “participamos como atores ou espectadores, e que nos fazem vivenciar aquele determinado fragmento urbano de uma determinada maneira que, quando reatransarmos esse espaço, reativa aquele fragmento de memória” (Canevacci, 1993, 22). Estes elementos podem definir um trajeto subjetivo e imprevisível para o cidadão que preza pela descoberta e pelo novo.

A descoberta e o novo constituem o olhar distanciado do cidadão que subverte a rotina do cotidiano da metrópole, que, se transformada em recordações, emerge, tão logo o relacionamento com a cidade seja restabelecido. Desta forma, a imagem da cidade será um conjunto de fragmentos urbanos constelados, que só será percebida se e quando ocorrer o necessário distanciamento. No distanciamento insere-se tanto o conhecido como o desconhecido, revelando-se não só sua padronização, mas, sobretudo, o conflito, a heterogeneidade.

O conflito traz a questão da opacidade e do estranhamento, porque, tem como princípio, o desconhecimento do habitual, do extremamente conhecido, do costumeiro, daquilo que por sua própria natureza e constância faz-se opaco para os

cidadãos; o mais desconhecido é o mais familiar, por envolver o indivíduo em toda a vida cotidiana. A transparência para o opaco será o distanciamento de seu caráter habitual, possibilitando sua decifração, sua exploração. A decodificação do hábito causa o estranhamento, sua transparência e o constantemente novo. O banal torna-se poético, revelando as estruturas internas do cotidiano urbano – há nisso um equilíbrio instável, nas grandes cidades, que permite a compreensão do comportamento da sua sociedade, numa polarização da racionalização e da humanização do urbano, enriquecendo a fala da cidade.

Ao se operar a transparência, ou o estranhamento de um fato familiar, afirma-se que os antigos modos de compreensão do cotidiano estão obsoletos em seu poder de comunicação diante de um modelo novo, mesmo que este não esteja totalmente delineado, requerendo para sua constituição a contribuição de outras disciplinas.

Considerando-se a contemporaneidade como o momento da visualidade, por excelência, e a cidade como o lugar das imagens, e as imagens como a linguagem da metrópole, pode-se pensar que esta cultura visual opere a “dissolvência” dos modos tradicionais de comunicação. Canevacci diz que:

O conceito de dissolução não é certamente casual. Foi tomado em empréstimo à técnica cinematográfica com a qual se passa - se ‘transita’ - através da retórica do desfoque, entre as duas extremidades do texto narrativo: de um lado a parte final do conjunto de sequências que inclui uma história parcial, cujo desenrolar acompanhamos, observando e participando do enredo até mesmo emocionalmente; e de outro, o início de uma série de imagens que, à medida que se tornam mais claras, permite o desenvolvimento de uma nova história, da qual o espectador não sabe nada (1993,32).

Assim sendo, a vivência do cotidiano é fragmentária e o cidadão/ator encena a parte que lhe compete num conjunto, numa sequência, num enredo que se constrói, enquanto se desenvolve a construção de uma nova história, cujas imagens tornam-se claras, durante o processo, mantendo seu poder de surpresa, pois não se sabe nada sobre elas. O cidadão atua em um enredo participativo cujo autor é a própria cidade.

Neste eterno “trailer”, o cidadão percorre a metrópole em busca de sensações que ativem o trajeto marcado do trabalho. Já não se importa mais com o tempo gasto ou com o pouco sono se, no meio do caminho, houver alguns segundos de lazer, que lhes permita vivenciar as oportunidades oferecidas pela cidade.

Estes cidadãos que se envolvem como atores no desenvolvimento cinematográfico da metrópole são os homens da multidão que carregam o disfarce e a máscara e que transgridem o estabelecido, buscando o novo, na descoberta. São pessoas solitárias que, em suas trajetórias da casa para o trabalho, encontram “a embriaguez de uma comunhão universal”, porque

[...] aquele que desposa a multidão descobre gozos febris, de que estarão privados para sempre o egoísta, fechado como um cofre, e o preguiçoso, encaramujado feito um molusco. Ele adota como sua todas as profissões, todas as alegrias e todas as misérias que as circunstâncias lhe deparam. (Baudelaire, 1995, 289).

A cidade encontra neste transeunte despreocupado seu aliado, que vivencia suas experiências, valendo-se da multiplicidade de imagens para compactuar com a multidão a descoberta do novo. Para Benjamin (1987), a rua conduzia o “flâneur” para um tempo desaparecido, para um passado enfeitiçante por não ser seu passado particular. Para o homem contemporâneo, a rua é a transformação do lugar em um espaço virtual e de vivências, que rouba o prazer à multidão, e a cidade se cinde

em seus polos dialéticos. Mais do que nunca, “abre-se como uma paisagem e, como quarto, cinge-o” (Benjamin, 1994, 186).

Como paisagem, a cidade se abre pela quantidade de imagens que a invadem, criando constantes possibilidades de outras leituras e de novos aspectos visuais. Além da ação das imagens publicitárias, de outdoors, de cartazes ou de luminosos de néon, deve-se considerar, também, como agente de mudança, as imagens que interferem diretamente no espaço urbano, o grafite, por exemplo; cuja intenção é conscientizar o cidadão do espaço que ele habita e dos aspectos desse espaço, procurando uma ordem estética, ou até propondo uma, para o caos resultante de um crescimento espontâneo. O grafite com suas cores ameniza a aspereza da metrópole. A publicidade e o grafite compartilham o espaço “enfeitando” as ruas da grande cidade. Parece existir um pacto na divisão do espaço: a publicidade ocupa a parte superior das paredes, enquanto o grafite, em geral, está à altura dos olhos do transeunte.

A publicidade se transforma em um pensamento metafísico, transcendendo os aspectos do concreto, e, por ser a publicidade o idioma que a cidade impõe ao cidadão, torna-se superior, como prova o “luminoso vermelho” de Benjamin (1987), de tal maneira que sua multiplicação na “poça de luz” apresenta-se como um grito estridente. A cidade é suporte e multiplicadora da mensagem publicitária; enquanto o grafite, que está ao alcance da vista do cidadão, apresenta-se ao estabelecido como a banal sujeira das ruas movimentadas. Talvez, possa se ter aí um paradoxo da estética da metrópole. A linguagem da cidade é complexa e se vale tanto das imagens da publicidade, como dos corpos e comportamentos dos seus cidadãos, como de sua própria imagem, enquanto linguagem singular. Mas, é preciso dizer que a linguagem da publicidade exerce um controle social, por meio de suas cores e de suas formas e ofertas atrativas.

Enquanto paisagem, a rua oferece essa possibilidade de transcendência e de banalidade, permitindo, àqueles que a vivenciam, uma recordação fingida de coisas esquecidas, de coisas que, muitas vezes, não faziam parte de seu script e nem de seu set de atuação, porém são coisas sabidas por uma divulgação oral. A rua acolhe seu habitante por meio dos relatos que fazem de seus fatos. Contrapondo-se às imagens que criam paisagens urbanas, as palavras protegem e circundam os que transformam a visualidade em princípio de uma narrativa do urbano. A rua transforma-se em um espaço subjetivo no qual as pessoas trocam e narram suas experiências, e falam das mudanças dos aspectos da metrópole, pois

Aquela embriaguez anamnésica em que vagueia o “flâneur” pela cidade não se nutre apenas daquilo que sensorialmente, lhe atinge o olhar; com frequência também se apossa do simples saber, ou seja, de dados mortos, como de algo experimentado e vivido. Esse saber se transmite sobretudo por notícias orais (Benjamin, 1994, 186).

O saber comentado por Benjamin, hoje, com a velocidade da informação e com a quantidade de imagens, faz com que as experiências sejam vivenciadas no momento de seu acontecimento e a distância entre a ocorrência dos fatos e suas narrações se sobreponham de tal forma que os fatos urbanos sejam partes marcantes do fado de cada cidadão. Entre fatos e fados, na sobreposição está embutido um conceito de semelhança, no qual, traços de um fato urbano prolongam-se para um destino individual, sem perder sua característica de urbano, ocorrendo o mesmo no sentido inverso, porém de forma menos perceptível. Assim, histórias de vidas e histórias da cidade se imbricam confundindo os limites do extremamente pessoal e do extremamente coletivo, gerando uma alucinação no cidadão, de modo que a

categoría da semelhança seja irrestrita, senão surreal. Neste processo, todos os fatos têm traços manifestos que lhes dão o grau de uma presença encarnada, na qual “cada verdade aponta evidente para o seu contrário e a partir dessa situação se esclarece a dúvida. A verdade se torna alguma coisa viva, ela vive apenas no ritmo em que a frase e seu oposto trocam de lugar a fim de serem pensadas” (Benjamin, 1994, 187). O fato, a frase e a palavra, no traço de sua semelhança, ganham um rosto que se parece com o de seu oposto, e complementam-se em sua alteridade.

O “flâneur”, o indivíduo da multidão, expõe-se e se esconde em seu habitat; recolhe argumentos para o relato de suas vivências, do cotidiano das cidades e do seu próprio. Este personagem, metáfora do cidadão contemporâneo, do estranho, é um cronista da metrópole, é por seu olhar atento e sua fala ardente de paixão, ou ódio, que a cidade terá sua história contada e sua memória preservada e atualizada. O cidadão contemporâneo dá à rua a dimensão da sua morada; sua casa é apenas seu dormitório, as funções do cotidiano resolvem-se nas ruas, do café da manhã à conversa e ao aperitivo com os amigos.

O conflito traz a opacidade e o estranhamento; a semelhança introduz a alteridade. Conflito e semelhança servem de base tanto para a visão como para a compreensão do significado da metrópole para o cidadão contemporâneo, e definem o sentido e o sentimento do relato de suas cidades. O cidadão contemporâneo é o indivíduo que entende os emblemas, e, pela observação do cotidiano, constrói novas cidades que se originam de uma única cidade, a de suas experiências.

Ao fazer uso da palavra o “flâneur” ou o cidadão contemporâneo torna, por sua narração, o processo de criação amplamente aberto em seu significado e ao mesmo tempo, finito em si mesmo.

O narrador demonstra na origem das coisas a representação da heterogeneidade como possibilidade de um conceito básico de normatização. O conceito de origem é, portanto, um conceito dialético de compreensão dos fenômenos do cotidiano, quando entendido seu conteúdo descritivo, pois a ideia de descrição encerra tanto o surgimento do novo, quanto sua própria morte, ou o relato do imediatamente passado; enquanto descrição do novo, traz consigo o caráter da desigualdade, da diferença, da alteridade. Entretanto, ao tratar do passado coloca todos os acontecimentos num mesmo grau, num mesmo plano, padronizando o cotidiano num tempo linear e histórico. O cotidiano passa a ter um desenvolvimento lógico, dentro de uma armação horizontal, nos relacionamentos e acontecimentos históricos. Porém torna-se um continuum quando regido por uma temporalidade exterior ao evento e simultânea à construção da narração. Analisando a questão da origem (Ursprung) na obra de Benjamin, Jeanne-Marie Gagnebin diz que “o ursprung designa, portanto, a origem como salto (sprung) para fora da sucessão cronológica niveladora à qual uma certa forma de explicação histórica nos acostumou” (1994, 12).

As consequências de um processo heterogêneo fogem da continuidade cronológica; fazem emergir momentos memoráveis, que atingem plenitude na totalidade histórica e, em consonância com a narração, chegam à amplitude de uma constelação salvadora. São saltos e recortes inovadores que despedaçam a tranquilidade cronológica da história oficial, interrompendo um tempo infinito e indefinido. Neste arcabouço da narração, a História e a temporalidade concentram-se no próprio fato que as constitui - a heterogeneidade não é só uma mera rememoração do passado, mas, a reconstituição do presente transformado, tanto quanto do passado reencontrado.

A palavra, sentido primordial do processo de criação, é a origem de todas as

coisas e traz implícito, em sua significação, a noção de limite, interno e externo, em um jogo de significante e significado, encontrado no ato da narração – tendo a narrativa um sentido prático. São as experiências do passado que servem para embasar os conselhos de um fato narrado no presente. Este ato da descrição oral faz a ponte entre passado, presente e a possibilidade de uma ação futura porque a origem “visa, portanto, mais que um projeto restaurativo ingênuo, ela é, sim, uma retomada do passado, mas ao mesmo tempo - e porque o passado enquanto passado só pode voltar numa não-identidade consigo mesmo - abertura sobre o futuro, inacabamento constitutivo” (Gagnebin, 1994, 17). O narrador habilmente incorpora a experiência narrada à vivência de seus ouvintes. A estes conselhos, tecidos na “substância viva da existência” (Benjamin), dá-se o nome de sabedoria. A sabedoria da vida é o ouro do narrador; e a da cidade, o do “flâneur”, ou do cidadão contemporâneo. O olhar do narrador se dá no tempo ou sobre o tempo, considerando-se a narrativa como as “imagens-lembranças” (Deleuze, 1990), cuja autenticidade é dada pelo peso do passado, sendo, a sabedoria uma percepção a posteriori, e como objeto da narrativa existe numa variedade de planos temporais. Por isto, a cidade contemporânea torna-se um palimpsesto – uma sobreposição de fatos (históricos).

O narrador não deve ser compreendido como o preservador de um relato mítico universal ou construtor das grandes narrativas legitimadoras, como diz Lyotard (1988), mas como um colecionador ou um recoletor de passados esparsos, cuja intenção é compartilhar vivências, impossíveis de serem transmitidas pelas experiências coletivas. Gagnebin considera que “a única experiência que pode ser ensinada hoje é a da sua própria impossibilidade, da interdição da partilha, da proibição da memória e dos rastros até na ausência de túmulos” (1994, 70). Hoje a angústia ensina a arte de narrar. O cidadão da metrópole vive eternamente a angústia do mundo contemporâneo globalizado. A angústia tornou-se inerente ao Ser, e a morte, seu estágio mais próximo. A qualquer instante se morre por uma fatalidade ou tragédia, sem se saber por que morreu. A morte não é compartilhada nem socialmente ritualizada. Morre-se no anonimato, na multidão e na rua, em local e situações tão caras ao homem contemporâneo.

Na contemporaneidade, a presença da morte é muito mais marcante e, juntamente com os cidadãos, transita pelas ruas da cidade. Cada cidadão caminha, lado a lado, com a presença da morte, restituindo a força e a autoridade da narrativa, surgida nas conversas de rua - as tragédias e a angústia contemporânea restituem o elo entre narrativa e morte, e já não há mais uma postura tão asséptica quanto a do século XIX (Benjamin, 1985). Estabeleceu-se uma nova relação tanto social quanto individual com a morte, hoje ela é anônima e, mesmo que seja solitária, é socializada com a multidão, no momento do seu acontecimento ou pela comunicação feita na mídia; a ritualização da morte contemporânea é o espetáculo que ela propicia.

Juntamente com a proximidade e o espetáculo da morte o cidadão constrói sua cidade por meio de uma memória topográfica cujo sentido não é a reconstrução dos espaços pelos espaços, mas a utilização destes pontos para a captação de experiências pessoais e sociais. A cidade se humaniza e sua alma é restabelecida com a narrativa que se faz sobre ela. Os lugares e objetos, segundo Bolle (1994), tornam-se recipientes de uma história das percepções, da sensibilidade, da formação das emoções, constituindo-se uma memória afetiva, como base para a origem dos relatos. Assim, a cidade cria uma situação de intimidade com quase todos seus cidadãos; é a mesma intimidade que existia entre a cidade e o “flâneur”. A cidade tem sua alma restituída e adquire uma realidade psíquica, sua alma mundi (Hillman, 1993), sendo sua interioridade e profundidade um testemunho prestado por sua própria imagem,

que será tanto mais profunda quanto mais complexa for.

Hillman afirma que a subjetividade “está livre de literalização da experiência reflexiva e de seu sujeito fictício, o ego. Em vez disso, cada objeto é um sujeito, e sua autorreflexão é sua auto exibição, seu brilho” (1993, 15-6). A anima mundi é uma imagem seminal que se utiliza das coisas ou eventos para a apresentação de sua forma visível. As coisas e a cidade falam aos cidadãos pelas configurações que assumem, e tanto quanto são observadas, observam. É pela restituição da alma dos objetos que as formas arquitetônicas têm o poder de se comunicarem com o espectador, por meio de todo o aparelho perceptivo, emocional e racional; estando, aí, o restabelecimento de um relacionamento por meio de seus conjuntos de recordações emergentes, do qual nascem as memórias biográficas dos cidadãos, elaborando mapas urbanos invisíveis. Para Canevacci (1993), as formas urbanas da metrópole - São Paulo é citada como exemplo -, não devem ser consideradas apenas como textos a serem interpretados, mas como páginas inerentes da história da comunicação urbana, Canevacci diz que

[...] frequentemente eu mesmo me sinto observado, como se tivesse sido arrastado e imobilizado pelos ‘olhares’ que as várias subjetividades de alguns edifícios lançam sobre mim. É possível que a atração exercida por algumas zonas da cidade, ou por algumas de suas formas arquitetônicas, derive justamente de uma sensação de se estar sendo observado por tais sequências urbanas. (1993, 24).

São as faces da cidade observando o cidadão.

Seguindo ainda o raciocínio de Hillman (1993), pode-se dizer que o sentido desta realidade psíquica requer, para além da psicanalítica, um “novo faro”, uma nova percepção cujo objetivo é a compreensão de uma profundidade de sentido e de conexões ocultas. Um “faro” de sentido animal comum, que una a alma individual à alma do mundo, como uma resposta estética que faça com que a alma do cidadão e da metrópole sejam inseparáveis. Deve-se entender estética em seu sentido etimológico, aisthesis, percepção ou sensação, cujo significado era o de “inspirar” ou “conduzir” o mundo para dentro, tendo como vaso receptor, na psicologia antiga, o coração. Quando a percepção se der desta maneira haverá um deslocamento da psicologia, de uma reflexão mental em direção a um reflexo estimulante. Este movimento não poderá ser “consumado sem movimentar também o centro da alma: do cérebro para o coração; e o método da psicologia da compreensão cognitiva à sensibilidade estética” (1993, 18).

Com esta maneira de vivenciar a cidade, chega-se mais próximo do ideal do “flâneur” que caminhava entre a multidão e pelas ruas da cidade percebendo, sentindo, as mudanças ocorridas e devolvendo a alma à cidade, no simples ato de caminhar. Restituía a vida às ruas e o sentimento à multidão. O “flâneur” restituiu, hoje, a face dos quarteirões, e no seu andar constrói a fisionomia da metrópole, porque sua trajetória não se constitui apenas pelo caminho do olhar, não por uma atitude, mas pela sensação.

O “flâneur” destrói a coerência da cidade que os arquitetos e urbanistas tentam lhe dar e descobre, em seu cotidiano, na percepção de suas banalidades, as surpresas que não estão nas pranchetas. O seu caminhar é um momento absoluto de percepção do mundo e de construção do espaço urbano. A cidade não é um lugar abstrato e estático como o das plantas dos planejadores, mas um espaço de vaivém de uma multidão (polis) de pessoas comuns (plebs) que a animam e lhes dão alma, mistério, segredos. O caminhar dá o ritmo orgânico à metrópole e, ao indivíduo, o sentido de “estar-no-mundo”.

Com este sentido de “estar-no-mundo” o “flâneur”, o cidadão contemporâneo, fala da cidade por meio de uma memória emotiva, construindo sua história enquanto caminha, o “flâneur” no seu devaneio, e o cidadão contemporâneo no trajeto casa/trabalho, transformando o caminhar em momentos de descoberta e de lazer. A cidade ecoa do passado, mesmo em seu memento mori, na experiência emocional da tragédia, que, enquanto evento, permite uma intervenção da radicalização do sofrimento, na narração, como um escândalo que não pode ser eludido, segundo Gagnebin (1994).

Esses aspectos da leitura da cidade e seus agentes leitores criam suas imagens, seu culto e sua cultura, compreendendo-se as imagens da publicidade como imagens de culto – quando veneradas para a consumação de desejos - e como objetos de cultura – quando apreendidas pelos cidadãos como instituidoras de comportamento. Isso faz com que o espaço urbano seja sacralizado, pois as imagens publicitárias espalham-se por toda a metrópole. O cidadão, o “flâneur”, caminha por um espaço teogônico, integrando as imagens publicitárias às imagens da alma (da cidade), como parte da metrópole, já que se tornam pontos de referência e elementos de comunicação urbana renováveis. Como ponto de referência, essas imagens são elementos da narrativa da cidade e adquirem sua aura porque são interpretadas e inseridas na história urbana e individual, de acordo com a compreensão e a vivência de cada narrador. Isto não quer dizer que a metrópole seja mítica por excelência; o olhar do cidadão arranca determinados aspectos de uma totalidade pretensamente triunfante, destruindo um discurso de ordem estabelecida, salvando a cidade de um enrijecimento, de uma visão monolítica da morte. Esses olhares escandem de uma totalidade atitudes propositais para que outras histórias, outras verdades, surjam restituindo as forças da narração, porque “o indício e verdade da narração não deve ser procurado no seu desenrolar, mas, pelo contrário, naquilo que ao mesmo tempo lhe escapa e a escande, nos seus tropeços e nos seus silêncios, ali onde a voz se cala e retoma fôlego” (Gagnebin, 1994, 115).

“Flâneur” e Narrador – os estranhos urbanos

Quem é o “flâneur”, o cidadão contemporâneo, que nega as narrativas legitimadoras e foge à totalidade triunfante de um discurso e de uma ordem oficial? Quem é esse indivíduo que olha o escondido, o escandido, o banal? São os “cidadãos oficiais” que constroem o futuro digno da cidade, ou são pessoas estranhas, que vivem à margem e que não participam desta convivência mortal? Quem são esses narradores e esses restituídos da alma da metrópole?

Estes indivíduos são os “outros”. São aqueles que, pertencem à multidão e não se misturam, e nem confundem sua individualidade com essa massa. São aqueles que foram esquecidos – são os “que habitam mal, os itinerantes, são marginalizados sob todos os pontos de vista” (Ledrut, 1971, 81). São os que opõem à estabilidade do núcleo central, formado pelos cidadãos estáveis que vivem a segurança da rotina. Vale lembrar o que foi dito acima, que numa aproximação conceitual avizinhava-se o conceito de estranho ao do “flâneur”, e que os estranhos são os que chegam, os (i) migrantes, e todos os que se deslocam para as grandes cidades. Também, são esses os cidadãos contemporâneos, no sentido de mobilidade e deslocamento de suas vidas e trabalhos. E também são esses cidadãos que são as falas dos dialetos e da linguagem mais coloquial e flexível do cotidiano urbano.

A multidão caminha pela cidade de um modo muito ordenado e muito orientado em seu sentido de dever e, por estar extremamente habituada ao seu

ambiente, não percebe eventuais mudanças no espaço urbano; a multidão caminha na direção de seu olhar, de seus objetivos. O caminhar da multidão é um caminhar obsessivo.

A característica do cidadão contemporâneo, do “flâneur”, que se diferencia da multidão obsessiva e que, no entanto, é partes desta multidão é o estranhamento do habitual que faz com que o estranho seja o demasiadamente familiar; assim ao precisar da multidão e da rua para viver não se massifica, porque se deixa levar pelo “devaneio” de seus pés. É familiar à multidão e, ao mesmo tempo, se diferencia dela por suas ações e comportamento. Do mesmo modo a multidão lhe é também familiar (heimlich) e estranha (unheimlich) (Freud, 1987).

O “flâneur”, o cidadão contemporâneo, é o “duplo” da multidão por incorporar a percepção desta massa que se movimenta freneticamente sem tempo para apreciar os fatos da cidade; é o ego da multidão que a protege de uma despersonalização. O “flâneur”, o cidadão contemporâneo, causa medo à multidão por revelar aquilo que ela tenta ocultar, tornando-se um estranho, pois

[...] a qualidade de estranheza só pode advir do fato de o ‘duplo’ ser uma criação que data de um estágio mental muito primitivo, há muito superado - incidentalmente, um estágio em que o ‘duplo’ tinha um aspecto mais amistoso. O ‘duplo’ converteu-se num objeto de terror, tal como, após o colapso da religião, os deuses se transformam em demônios (Freud, 1976, 295).

Os narradores da cidade, devido à repressão causado pela multidão, tornam-se os estranhos (unheimlich), permanecendo ocultos. Deveriam permanecer indiferenciados, sem jamais virem à luz, e, no entanto, emergem, mostrando-se, e se diferenciando, da multidão por seu modo particular de ver e narrar o mundo e a metrópole contemporânea - espaço ideal para o surgimento do estranho por sua característica de ambiguidade entre real e imaginário ou, entre real e virtual -, o elo comum entre imaginário e virtual é a leitura e a narração da cidade. O narrador projeta a cidade que se situa em seu imaginário, em sua realidade psíquica, colhendo os dados da cidade real, da realidade material e transformando-os de acordo com sua vivência. Os indivíduos que chegaram à cidade grande tornaram-se os estranhos e sofreram um processo de exclusão, por não estarem adaptados à vida urbana, mas trouxeram os hábitos dos seus lugares de origens – as festas comunitárias, a solidariedade – que indubitavelmente é mais fácil de serem encontradas nas classes sociais menos privilegiadas -, as conversas amenas nas calçadas, etc.

Conclusões

A ambiguidade que causa estranheza entre realidade psíquica e realidade material, transforma a rua, tão querida do “flâneur”, em uma via do imaginário, tirando-a do âmbito da realidade cotidiana de uma via de transporte ou de leito carretável, inserindo-a nos sonhos e devaneios dos transeuntes que observam a cidade. A rua amplia seus espaços para além dos limites físicos, inserindo em sua realidade as imagens que a invadem, fazendo que o olhar do “flâneur” se desvie para o alto, dando-lhe a oportunidade da descoberta de uma nova realidade, de um novo mundo de imagens que interagem com a cidade. Qual é a real cidade? Qual é a realidade? A que se constrói na altura normal da visão ou a que se coloca acima das cabeças dos transeuntes? Ou será que são duas cidades autônomas e independentes, que não se conhecem e se fazem estranhas para preservarem seus espaços singulares e suas vidas cotidianas? Qual cidade será objeto de sua própria memória e qual será

objeto da narração do “flâneur”?

Não são estas as questões mais importantes, porque quem ama a cidade transitará pelas duas, três, quatro, ou por suas múltiplas possibilidades. Sempre será virtual aquela pela qual se transita na narração. Sempre será um emblema que instigará a decifração, porém nunca será decifrado.

O “flâneur”, o cidadão contemporâneo, será o responsável pela sutura epistemológica necessária para a compreensão e a narração da cidade, que será feita pelas andanças e pelos devaneios desse personagem, e as novidades virão das imagens que serão utilizadas para uma constante reconstrução da cidade.

A flânerie contemporânea sobrepassa um mero andar ao sabor do vento ou do prazer do descompromisso, pois faz com que o “flâneur” contemporâneo saia à procura de imagens para fazer uma bricolage com as imagens da cidade, construindo outra completamente diferente, que não seja somente o espaço de sua própria imaginação, mas a adaptação do espaço para a adequação de sua vida. O cotidiano das cidades apresenta-se constantemente mudado, mudando constantemente seu léxico e ampliando seus elementos mórficos; integrando os cidadãos que chegam na sua complexa estrutura existencial, ora alma, ora razão.

A cidade se fez virtual na linguagem que a invadiu sem, sequer, saber se era isto que se propunha como o desenvolvimento natural pensado pelos urbanistas e planejadores. O “flâneur” a consagrou como cidade ideal e tomou-lhe o espaço excedente invadido pela publicidade, integrando-o no já existente e transformando as impossibilidades num conjunto de ações possíveis. Transmutou uma imagem imperceptível em uma imagem fortemente dinâmica que brinca com a percepção do cidadão descuidado, tirando-lhe a noção do espaço urbano limitado e reconhecível, integrando-o à sua cidade, dando-lhe a autoridade e a oportunidade de um preservador de memórias, de um narrador.

Com esta reflexão o que se pretende é ampliar as possibilidades de pesquisa e de compreensão do espaço urbano, aparelhando os legisladores e os técnicos do planejamento a pensarem a cidade como um espaço de narrativas, de histórias de vida, de memória coletiva (Halbwachs, 2006), de fatos urbanos (Rossi, 1995), que juntamente com as questões políticas e partidárias compõem os elementos necessários para a definição de planos urbanísticos que integrem as necessidades psicossociais dos moradores, dando-lhes o mínimo de qualidade de vida, permitindo-lhes que o espaço urbano, apesar de suas adversidades, seja um espaço de convívio e de convivências pacíficas, de trocas de experiências e de reencontros – já que somos eternos estranhos -; e que acima de tudo, esta reflexão possibilite o pensamento de novas metodologias para as propostas urbanas.

Considerando, por exemplo na carta do Novo Urbanismo, a história de vida e a narração dos migrantes como fonte importante para a concepção de um espaço urbano mais apropriado ao homem, que lhe permita o sentimento de pertencimento e de filia ao lugar, reconstituindo a totalidade do aglomerado urbano, em áreas específicas - como os bairros, por exemplo -, para a organização de sistemas regionais, que seja resultante do envolvimento da população. Numa ampliação metodológica pode-se citar o conceito de culturálise, tomado emprestado a Morin (1998), e posteriormente ampliado por Carvalho (1990).

Referências bibliográficas

- BAUDELAIRE, Charles. (2003). **Poesia e Prosa: volume único**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- BENJAMIN, Walter. (1987). **Rua de Mão Única (Obras Escolhidas, v. II)**. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense.
- BOLLE, Willi. (1994). **Fisiognomia da Metrópole Moderna**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo.
- CARVALHO, José Carlos de Paula. (1990) **Antropologia das Organizações e Educação: um ensaio holonômico**. Rio de Janeiro: Imago.
- CANEVACCI, Massimo. (1990). **Antropologia da Comunicação Visual**. Tradução: Júlia M. Polinésio e Vilma de Katinsky B. de Souza. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1993). **A Cidade Polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. Tradução: Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel.
- DELEUZE, Gille. (1985). **A Imagem-Tempo: cinema 2**. Tradução: Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense.
- FREUD Sigmund. (1976). **O Estranho (1918). História de uma Neurose Infantil e Outros Trabalhos (v. XVII)**. Tradução: Eudoro Augusto Macieira de Souza. Edição Standard do Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. (1994). **História e Narração em W. Benjamin**. São Paulo: Perspectiva. (Col. Estudos, nº 142).
- GEHL, Jan. (2013). **Cidades para Pessoas**. Tradução: Anita di Marco. São Paulo: Perspectiva.
- HALBWACHS, Maurice. (2006). **A Memória Coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro.
- HILLMAN, James. (1993). **Cidade & Alma**. Tradução: Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg. São Paulo: Studio Nobel.
- LEDRUT, Raymond. (1971). **Sociologia Urbana**. Rio de Janeiro, São Paulo: Companhia Editora Forense.
- PARK, Robert Ezra. (1916). A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme. 1973). **O Fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Autores:

Antonio Busnardo Filho. Arquiteto e Urbanista com doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo. Professor titular do Programa de Mestrado em Urbanismo do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG – MT. antbusnardo@gmail.com

Helena Napoleon Degreas. Arquiteta e Urbanista com Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas pela Universidade de São Paulo. Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. hdegreas@gmail.com

Antonio Soukef Júnior. Arquiteto e Urbanista com pós-doutorado na área de preservação do patrimônio cultural pela Universidade de São Paulo. Professor titular do Programa de Mestrado em Urbanismo do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG – MT. asoukef@gmail.com

PERCEÇÃO DO PEDESTRE EM ROTAS CAMINHÁVEIS COMO REFE-RENCIAL DE IDENTIDADE DO ESPAÇO URBANO DO TATUAPÉ

Eje/Eixo Temático 1

Sílvia Pereira de Sousa Mendes Vitale
Centro Universitário Belas Artes de São Paulo
Denilsa Aparecida Marques
Edvania Delmiro Viana
Gabriel Rodrigues dos Santos
Milena Rodrigues de Almeida
Universidade Nove de Julho, SP

Resumo:

Processo de desenvolvimento da pesquisa. Análise de marcos referenciais de desenho urbano no bairro do Tatuapé, São Paulo. Investigação de três percursos de pedestres nomeados Rotas Caminháveis, partindo da Estação de Metrô Tatuapé em direção a equipamentos públicos culturais e de lazer. Levantamento e análise de elementos que se constituem em identificação do espaço urbano pelo pedestre, na paisagem urbana e no espaço de circulação à escala do bairro. Importância da qualificação dos espaços públicos para o pedestre do ponto de vista da paisagem e dos referenciais urbanos para a qualidade de vida na rua e demais espaços públicos de uso coletivo nas grandes cidades.

Palavras-chave: **Desenho urbano, referenciais urbanos, identidade urbana, escala do pedestre, rotas caminháveis.**

Resumen:

Proceso de desarrollo de la investigación. Análisis de hitos del diseño urbano en el barrio de Tatuapé, São Paulo. Investigación de tres rutas peatonales denominadas Rotas Caminháveis, partiendo de la estación de metro Tatuapé hacia instalaciones públicas culturales y de ocio. Relevamiento y análisis de elementos que constituyen la identificación del espacio urbano por parte del peatón, en el paisaje urbano y en el espacio de circulación a escala barrial. Importancia de la habilitación de espacios públicos para peatones desde el punto de vista paisajístico y referentes urbanos para la calidad de vida en la calle y otros espacios públicos de uso colectivo en las grandes ciudades.

Palabras clave: **Diseño urbano, referencias urbanas, identidad urbana, rango peatonal, rutas transitables.**

Introdução

Este trabalho apresenta o levantamento de elementos específicos de paisagem e desenho urbano realizados no espaço urbano do bairro do Tatuapé, São Paulo. Tratam-se de resultados parciais de pesquisa voltada à identificação de referenciais urbanos, que vem sendo aplicada em parte do bairro localizado no Distrito Tatuapé. Esta investigação é parte de um processo de pesquisa voltada à identificação de referenciais urbanos, iniciada em 1998¹, aplicada nesse bairro em 2009 e que foi interrompida após a divulgação dos resultados preliminares. A investigação foi retomada em 2018, e numa primeira etapa, evidenciou-se a transformação urbana ocorrida no Tatuapé através da atualização do material coletado na pesquisa de 2009.

Nesta etapa, desenvolvida entre 2019 e 2020, objetivou-se o levantamento daquilo que constitui referencial de identificação para o pedestre, da leitura que este faz do espaço urbano analisado. Consideram-se como parte desta percepção espacial do pedestre: elementos construídos, espaços abertos e áreas livres, componentes da paisagem natural e transformada, além de outros elementos simbólicos presentes no espaço.

Saindo da abrangência do bairro direcionou-se o foco para suas ruas comerciais principais, escolhendo-se três trajetos urbanos realizados pelos pedestres e que dão acesso a equipamentos públicos existentes. Tais percursos foram denominados como “rotas caminháveis”, onde o pedestre, ao caminhar, identifica elementos e referências que se destacam na paisagem, os quais, mesmo já incorporados ao seu cotidiano, definem a memória que se mantém do lugar. Dessa forma, ressalta-se que a pesquisa busca considerar os novos paradigmas para um urbanismo sustentável, que enfatiza a escala do pedestre e seu uso dos espaços públicos urbanos.

Metodologia

O processo da pesquisa se organizou em três etapas: a primeira, realizada em 2018, se referiu à percepção das transformações inevitáveis dos espaços urbanos no bairro em processo de adensamento, com mudanças de tipologias edilícias e de referenciais urbanos, que impactam nos elementos simbólicos de reconhecimento do bairro e na percepção do lugar. Nesta segunda etapa foram identificados os principais equipamentos sociais e de transporte, bem como áreas verdes, e verificou-se quais os percursos de acesso a esses locais (rotas caminháveis), apontando-se a qualidade dos espaços públicos para o pedestre e referenciais de identidade urbana ao longo desses trajetos. Numa terceira etapa será organizada matriz de análise da qualidade do espaço urbano com indicações de adequações e adaptações visando espaços de circulação seguros para pedestres com valorização dos referenciais da paisagem, e contribuir para as políticas públicas e projetos de ação no local.

A metodologia de trabalho envolveu as seguintes etapas:

- Definição de Rotas Caminháveis, partindo-se da Estação de Metrô Tatuapé em direção a três equipamentos públicos culturais e de lazer existentes no bairro, e que constituem locais referenciais para a história e memória urbana da cidade:
 - 1) Biblioteca infantil Hans Christian Andersen - Temática em contos de fadas e Biblioteca Temática de Música Cassiano Ricardo, que se localizam, uma ao lado da outra, na Praça José Moreno. São projetos do arquiteto Hélio Duarte e equipe e inauguradas em 1952;

1 Conforme relatado em ZAHN; MARTINS; SCHIFINO (2006).

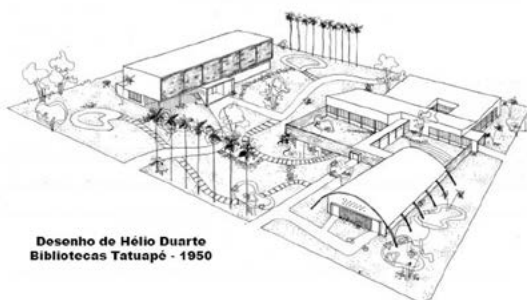
- 2) Casa do Sítio do Tatuapé do Museu da Cidade de São Paulo, construção em taipa de pilão e telhado em duas águas que data de 1698, localizada na Rua Guabiju, 49;
- 3) Parque Municipal do Piqueri, com 97.200 m², ocupando a área da antiga Chácara Tatuapé, que pertenceu ao Conde Francisco Matarazzo, na Rua Tuiuti, 515.
 - Levantamento de campo, envolvendo registro de imagem das duas primeiras rotas caminháveis, realizado em 7 de março de 2020;
 - Durante o período de isolamento social, para o registro da terceira rota caminhável, empregou-se o levantamento de imagens de satélite, utilizando-se das ferramentas *Google Maps* e *Google Street View*;
 - Levantamento de informações espacializadas e georreferenciadas do Distrito Tatuapé a partir das bases digitais da plataforma GeoSampa² – Mapa Digital da Cidade de São Paulo;



- Utilização do software livre QGIS para a produção dos mapas para análise das informações;
- Identificação dos referenciais de paisagem urbana do ponto de vista do pedestre e classificação preliminar, observando as condições de conservação dos elementos identificados em campo, nas imagens de satélite e nos mapas georreferenciados produzidos pelos pesquisadores.

Figura 1. Área da pesquisa – a linha tracejada cor magenta delimita as rotas caminháveis e seu entorno imediato

Fonte: Bases georreferenciadas disponíveis na plataforma GeoSampa e trabalhadas no software livre QGIS. Elaborado por Silvia Vitale.



Desenho de Hélio Duarte
Bibliotecas Tatuapé - 1950



Figuras 2 e 3. Bibliotecas do Tatuapé, Cassiano Ricardo e Hans Christian Andersen, na Praça José Moreno. À direita, Casa do Tatuapé, vista aérea. Autor desconhecido, circa 1970.

Fonte da figura 2: São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_a_1/cassianoricardo/index.php?p=133. Acesso em 7 mar. 2021, às 17:09h.

Fonte da figura 3: São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura. Acervo do Departamento do Patrimônio Histórico. Disponível em: <http://www.casasbandeiristas.com.br/casa-do-tatuape/>. Acesso em 7 mar. 2021, às 17:42h.

² Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx. Acesso em 8 mar. 2021, às 20:15h

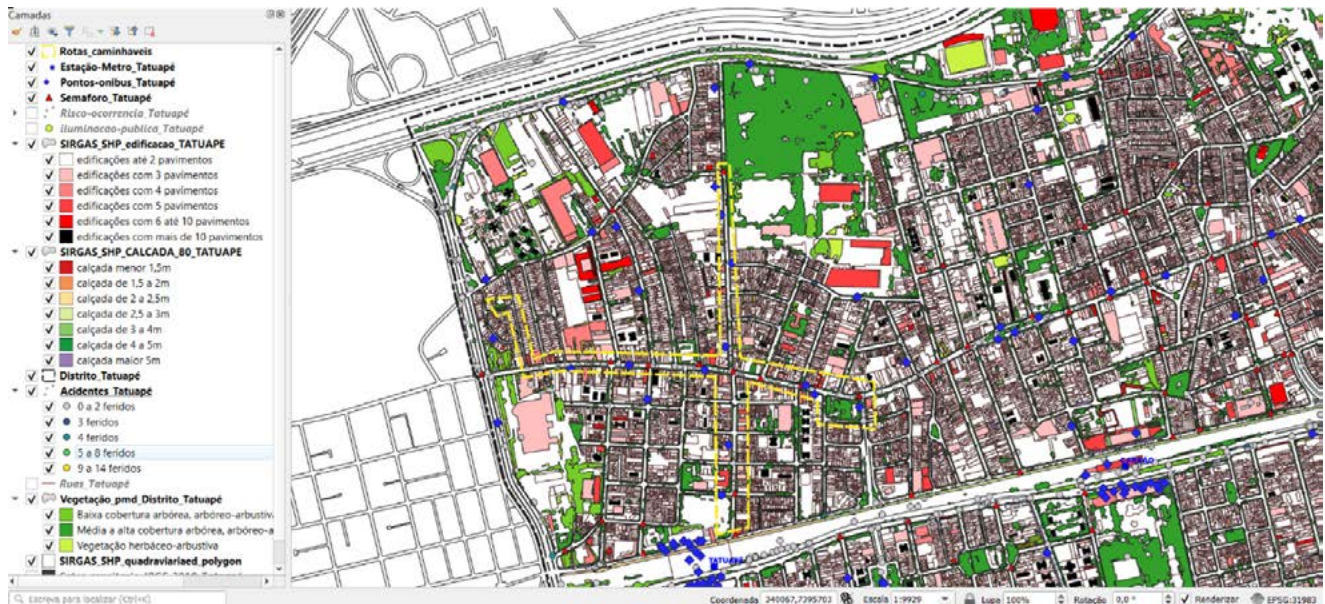


Figura 4. Área avaliada nas rotas caminháveis no bairro do Tatuapé, com as informações consideradas para análise.

Fonte: Bases georreferenciadas disponíveis na plataforma GeoSampa e trabalhadas no software livre QGIS. Elaborado por Silvia Vitale.

Natureza da pesquisa

A qualidade essencial da pesquisa é a identificação de referenciais urbanos para o pedestre e se busca, explicitar o envolvimento do habitante com o meio urbano e social, visando identificar sua qualidade de vida e estimular a participação ativa nos espaços urbanos. Desse modo, o sentido de pertencimento ao lugar é acentuado, e essa condição é destacada como essencial para a efetividade das medidas reguladoras do planejamento urbano. Busca-se contribuir, com estudos dessa natureza, para a metodologia do urbanismo e do planejamento urbano.

Atualmente, o urbanismo contemporâneo salienta preocupações com a qualidade da vida humana num ambiente urbano hostil, fruto de um desenho de cidade do Século XX que privilegiou o automóvel e seu espaço de circulação na cidade, em detrimento dos pedestres.

Tem-se como paradigma o Urbanismo Sustentável, visando crescimento urbano inteligente que reduza danos ambientais, e raciocinando, segundo especificidades próprias das várias escalas urbanas, desde a edificação, quadra urbana, via urbana e bairro, até cidade, metrópole e região.

Destaca-se nessa tendência o bairro sustentável, que enfatiza o apelo pessoal e os benefícios sociais da vida no bairro, valorizando-se as atividades cotidianas que possam ser realizadas a pé (FARR, 2013, p. 28).

Segundo Fernandez de Lara (1996 apud TOPALOV, 2014, p.110), o bairro é uma zona da cidade definida por sua localização geográfica e por certas características de seus habitantes, particularidades ou história.

Para Lefebvre (1975, p. 201, apud BEZERRA, 2011, p.29),

o bairro é uma pura e simples sobrevivência [...] é uma unidade sociológica relativa, subordinada, que define a realidade social [...] É ele o maior dos pequenos grupos sociais e o menor dos grandes. A proximidade no espaço e no tempo substituem as distâncias sociais, espaciais e temporais.

Bezerra (2011, p.21), por sua vez considera

que seja preciso repensar os espaços da cidade de modo que as transformações oriundas da evolução do capitalismo se deem de forma menos agressiva, criando mecanismos através de um planejamento adequado que preserve a memória urbana construída no decorrer do tempo e proporcione a criação de melhores condições para os que vivem nestes espaços da cidade.

No entanto, além da valorização da escala do bairro, espaço da comunidade, os espaços públicos devem refletir e realçar a identidade do lugar, considerando os aspectos simbólicos dos referenciais urbanos enquanto elementos que os moradores de um bairro identificam no seu espaço, conferindo-lhes um senso de pertencimento ao lugar. Assim, ressalta-se a importância de identificá-los e preservá-los.

Por isso, é preciso que a comunidade de cada território específico ajude a escolher os bens que ela deseja ver preservados. Não apenas edifícios monumentais nos centros históricos, mas também a pequena vila operária, o traçado urbano de um pequeno centro comercial, a fábrica que conta a história da fundação do bairro.
SOMEKH (org.), 2014, p. 44

Os referenciais urbanos, portanto, não se atêm a elementos isolados e distintos, mas podem abranger, também, conjuntos edificados e partes do tecido urbano que configuram significado aos moradores. Ressalta-se a importância da participação ativa destes na identificação de elementos significantes na sua percepção de lugar.

A sistematização dos referenciais urbanos permitirá ordenar e discutir as formas de intervenção e de preservação no meio urbano, contribuindo para as políticas públicas urbanas para o bairro.

Processo da pesquisa

O histórico da pesquisa remonta a 1998, iniciando-se o levantamento de referenciais urbanos em São Caetano do Sul/ SP, depois em São Bernardo do Campo/ SP e com continuidade em São Paulo/SP, em áreas dos bairros de Barra Funda (distrito Santa Cecília) e Tatuapé (ZAHN et al, 2016).

Em 2009, os referenciais urbanos foram registrados e sistematizados para o prosseguimento da investigação. A área foi delimitada³ e dividida em 12 setores nomeados de A a L, considerando-se áreas homogêneas quanto à forma de ocupação e com quadras contíguas. Posteriormente, os estudos analisaram a correlação desses referenciais sob a ótica de percepção no local.

Após interrupção da pesquisa no Tatuapé ela é retomada nove anos depois do primeiro levantamento, quando se recuperou a setorização do bairro definida em 2009, bem como os resultados do levantamento anterior. Comparou-se a implantação urbana de 2009 e de 2018, a partir de imagens de satélite e bases cartográficas, e realizou-se a visita a campo, para melhor percepção do lugar e de suas transformações espaciais. Observou-se, então, que as áreas que sofreram transformações, algumas muito significativas, foram os setores A, B, C, F, I e L. (VITALE et al, 2018). Atualmente o setor H, próximo ao Parque do Piqueri, retomou um intenso processo de verticalização.

³ A delimitação adotada em 2009 e 2018 segue pela Rua Melo Peixoto e Rua Catiguá (paralelas à linha férrea), Avenida Salim Farah Maluf (antiga Av. Tatuapé), Avenida Condessa Elisabeth Robiano, conhecida como Marginal Esquerda do Rio Tietê, Rua São Felipe e Rua Vilela. Para o estudo foi desenvolvida pesquisa exploratória abrangendo a identificação de referenciais e sistematizando seu registro através da caracterização atualizada de setores homogêneos identificados em 2009.



Figuras 5 e 6:
Setorização adotada
em 2018, à esquerda.
À direita, em cor
laranja, trecho da
Rua Tuiuti, dividindo
o setor L, da estação
Metrô Tatuapé
para o sentido

Norte; em cor amarela, trecho percorrido da Avenida Celso Garcia, que faz limite com a maioria dos setores estabelecidos; em verde, trecho da Rua Tuiuti que dá acesso ao Parque do Piqueri (limita setores F, G e H).
Fonte: Google Maps (2018). Edição: Júlia dos Santos (2018) e Silvia Vitale (2021).



Figuras 7 e 8:
verticalização no
Setor I, à esquerda,
e tipologias
remanescentes no
Setor J, próximas
à Casa do Sítio
do Tatuapé.

Fonte: Fotografias realizadas pelos pesquisadores em 2018 (VITALE et al, 2018).

O objetivo desta pesquisa, desenvolvida entre 2019 e 2020, é o levantamento dos elementos que se constituem em identificação do espaço urbano para o pedestre. Tais registros, mesmo sem objetivar um levantamento de caráter cadastral da área de estudo, abrangeram espaços públicos – vias, praças, parques, travessas e outros locais de acesso público, como os equipamentos de cultura e lazer.

Para a visita de campo escolheu-se três percursos denominados Rotas Caminháveis, todos partindo da Estação de Metrô Tatuapé em direção a três distintos equipamentos públicos culturais e de lazer: duas bibliotecas do bairro localizadas numa mesma praça, uma Casa Bandeirista tombada pelo Patrimônio Histórico e que compõe o Museu da Cidade de São Paulo e o Parque do Piqueri. Esses percursos foram escolhidos por passarem pelas duas principais ruas do Tatuapé: Rua Tuiuti e Avenida Celso Garcia, ruas comerciais que contém a maior circulação de pedestres. Aquela acessa a estação de metrô e um pequeno terminal de transbordo de ônibus, e a outra, recebe um intenso fluxo de ônibus, nos dois sentidos, perfazendo a ligação entre o Centro e o bairro da Penha.

Nessas rotas foram reconhecidos referenciais urbanos e de identidade do lugar bem como suas qualidades simbólicas para o percurso do pedestre. Aspectos da qualidade das condições físicas do caminhar poderão ser observados e comentados, relacionando a possíveis desdobramentos futuros da pesquisa.

Objeto da pesquisa: o bairro do Tatuapé

O objeto de investigação é o bairro do Tatuapé, uma porção do Distrito do Tatuapé, na área de ocupação mais antiga, com cerca de 187 ha. Esse distrito está situado na Subprefeitura da Moóca, e, segundo denominação do escritor Pedro Abarca, morador e estudioso do bairro, a área estudada está inserida no chamado Baixo Tatuapé (Figura 9), entre o Rio Tietê, ao norte, e a linha férrea, ao sul.

Um aspecto de relevância quanto à delimitação da área de estudo, é a utilização do recorte territorial de bairro, apesar de, na cidade de São Paulo, os bairros ainda não terem uma definição clara quanto à delimitação, onde o abairramento não é definido expressamente em legislação⁴.

O bairro do Tatuapé é significativo quanto às suas referências urbanas sendo que sua ocupação urbana ocorreu em inícios do século XX; posteriormente, a região é habitada mais intensamente durante o processo de crescimento urbano da cidade e permaneceu com traços da paisagem da 1ª. metade do século XX até recentemente.

No entanto, em virtude da instalação de novas tipologias urbanas voltadas para a classe média alta, cujo padrão se caracteriza por conjuntos de edifícios isolados em grandes lotes e situados em parte das antigas quadras, surge o conflito com a implantação urbana tradicional existente de pequenos lotes residenciais e de edifícios mais antigos, e há a preocupação que essas transformações descaracterizem de forma dramática as referências que dão identidade urbana à região.

Esse processo de transformação já ocorreu de forma intensa na região do Alto Tatuapé, localizada ao sul da linha férrea e da área de estudo. E, hoje, está alcançando as quadras ao norte da linha férrea, na área tradicionalmente identificada como bairro do Tatuapé, descaracterizando antigas referências que dão identidade urbana à região.

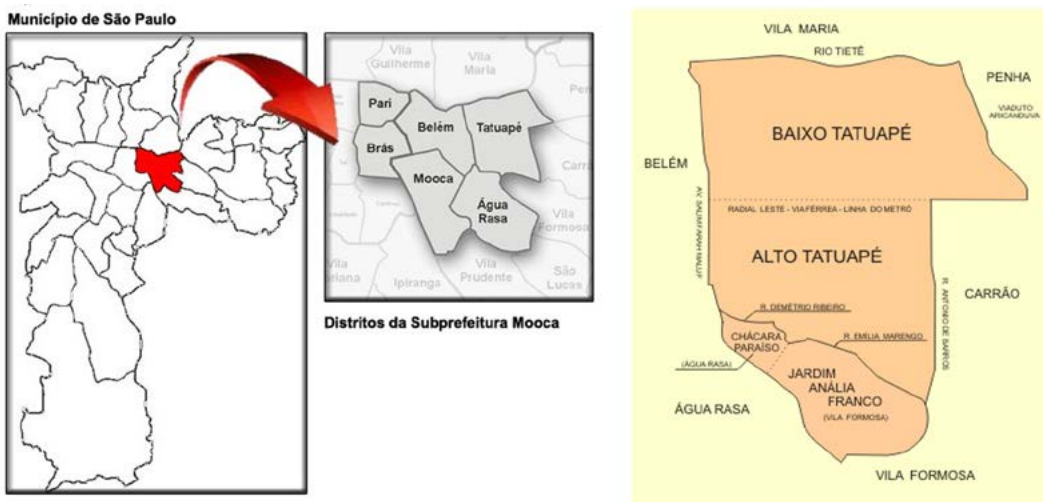


Figura 9: Destaque para o distrito Tatuapé localizado na Subprefeitura

da Moóca. À direita, as divisões do Bairro do Tatuapé, segundo Pedro Abarca, a partir da identificação dos moradores. Nota-se que Chácara Paraíso e Jardim Anália Franco, apesar de pertencentes ao distrito Água Rasa, são incorporados aos limites do bairro, segundo o entendimento de seus habitantes.

Fonte: Obtido em: <http://abarcasite.com.br/tatudadosgerais.html>. Acesso em 2009.

4 No Município de São Paulo, é definida a delimitação de Distritos, que é a menor divisão administrativa da cidade, e que abrange múltiplos bairros, surgidos de loteamentos ou de assentamentos ou de antigos núcleos urbanos. Esses distritos são agrupados, para fins de gestão, em um outro recorte denominado Subprefeitura ou, em algumas gestões municipais, é denominado Prefeitura Regional.

A área da Subprefeitura Mooca, onde se localiza o Distrito Tatuapé, é uma região consolidada da cidade, compondo 3,1% da população do município, e com densidade demográfica superior ao município (119,48 hab/ha, em comparação a 102,02 hab/ha no Município de São Paulo). Segundo o Quadro Analítico Moóca, do Caderno das Subprefeituras (SÃO PAULO, 2016), entre 2000 e 2010 houve um acréscimo populacional na região, após 20 anos com redução no número de habitantes, população estimada em 96.147 habitantes para 2021, e estima-se uma taxa geométrica de crescimento⁵ em 0,45% a.a. entre 2010 e 2021.

É um distrito com predominância da população feminina – razão de sexos⁶ de 85,76 (estimativa 2021), e se destaca pelo grau de envelhecimento da população (índice de envelhecimento⁷ de 165,7 na estimativa para 2021). Isso alerta para que os espaços públicos do Tatuapé estejam melhor preparados para receber os pedestres idosos nas ruas, especialmente com percursos e travessias seguras.

Segundo Underwood (1992, apud CAMARGO; MAIA, 2017, p. 8),

A maior incidência de mortes por atropelamento entre os idosos pode ser atribuída a uma série de patologias associadas ao envelhecimento, destacando-se a catarata e a retinoplastia diabética, que prejudicam progressivamente a visão. Outro fator é o declínio das funções músculo-esqueléticas, como a perda da força muscular, da flexibilidade, da coordenação motora e da agilidade, que ampliam a dificuldade de atravessar vias mais movimentadas, além da diminuição da capacidade auditiva, que atinge cerca de um terço dos idosos.

Nesse sentido, o Plano de Ação da Subprefeitura Moóca orienta ações setoriais para a região, especialmente no perímetro de ação CEU Carrão, que engloba parte da Rua Tuiuti e a Estação de Metrô Tatuapé, onde se orienta, entre outros objetivos, a melhoraria da acessibilidade e mobilidade local (em acordo com o Plano de Mobilidade de São Paulo – PLANMOB) e a qualificação dos espaços livres públicos, especialmente os vinculados aos equipamentos públicos, os vinculados ao transporte público e os vinculados às centralidades. Sugere-se que, com as transformações advindas do processo de adensamento do bairro, esse perímetro seja ampliado, para adaptação a demandas futuras, especialmente com o maior envelhecimento do perfil populacional. Isso inclui a melhoria da qualidade e percepção espacial nas ruas, com referenciais urbanos diversos e claramente identificados.

Resultados da visita a campo

Iniciando-se a recente etapa da pesquisa, em novembro de 2019, estabeleceram-se os critérios para definir os percursos de pedestres a serem investigados, a partir da consulta aos resultados da etapa anterior e às bases cartográficas digitalizadas.

Foram delimitados percursos de pedestre que, partindo da Estação de Metrô Tatuapé, passasse por ruas comerciais do bairro para acessar equipamentos públicos significativos - duas bibliotecas públicas localizadas numa praça, uma edificação tombada que faz parte do Museu da Cidade e um parque municipal. Dessa forma, foram definidas a Rua Tuiuti e a Avenida Celso Garcia como vias principais de circulação de pedestres e que dão acesso aos equipamentos públicos escolhidos.

5 Taxa Geométrica de Crescimento Anual da População - 2010/2021 (Em % a.a.).

6 Número de homens para cada 100 mulheres na população residente em determinada área, no ano considerado.

7 Proporção de pessoas de 60 anos e mais por 100 indivíduos de 0 a 14 anos.

Em visita a campo foram feitos registros fotográficos das duas primeiras rotas caminháveis (a primeira em direção às bibliotecas e a segunda até a Casa do Tatuapé), e, sendo anotados, de forma não sistematizada, os elementos que mais se destacavam no percurso, do ponto de vista da percepção espacial. Foram observadas as características do ambiente construído, quanto ao formato e ocupação das edificações, elementos visuais, movimento de veículos e pedestres, características das calçadas, pontos de parada e aglomeração de pessoas, características da vegetação, sinalização e mobiliário urbano, travessias de pedestres, sensação de risco ou insegurança. A terceira rota (até o Parque do Piqueri), programada para uma segunda visita a campo, não pôde ser realizada devido às medidas restritivas de isolamento social impostas para conter a pandemia do vírus Covid-19. A partir de então os trabalhos ocorreriam com as plataformas digitais e ferramentas de consulta a dados espacializados.



Figura 10: Elementos de referência urbana para o pedestre na percepção dos pesquisadores.
 Fonte: Imagens retiradas do Google Street View, fotografias de autoria de Milena Almeida e Denilsa Marques.
 Edição e análise: Milena Almeida, Gabriel Santos e Silvia Vitale

Realizou-se sistematização inicial das informações coletadas, a partir das fotografias do local e imagens digitais, anotando-se os elementos que mais se destacaram na paisagem durante a visita a campo presencial e virtual.

Paralelamente foram avaliadas diversas condicionantes nessas rotas caminháveis que podem interferir no percurso ou explicar algumas das percepções espaciais. A partir de dados disponibilizados na plataforma GeoSampa, verificou-se, por exemplo, que na região do Tatuapé, ao norte da linha férrea, predominam as edificações de baixa altura, e poucos edifícios com gabarito acima de 5 pavimentos, especialmente na Rua Tuiuti. Com isso a visão de céu nesta rua, e a perspectiva de longa distância são maiores, e alguns edifícios altos que ocorrem no entorno maior do bairro são percebidos e servem como referencial de localização.

No trecho percorrido da Rua Tuiuti, há somente um edifício com 16 pavimentos e com acabamento em vidro espelhado, tornando-o um marco de referência desde a saída da estação de metrô, a mais de 350 metros de distância, pois as quadras dessa rua têm edificações predominantemente térreas ou assobradadas.

Já a Avenida Celso Garcia, possui características mais heterogêneas. Seguindo a direção da 1ª. Rota, nas quadras próximas às bibliotecas, percebe-se maior movimento devido ao comércio e aos pontos de parada dos ônibus urbanos. Há mais edificações com 4 pavimentos, e destaca-se um edifício com 9 pavimentos, todos com uma tipologia mais antiga, alinhados à calçada, com comércio no térreo. Essa forma de implantação das edificações e a circulação veloz e intensa dos ônibus formam limites claros, o que direciona o pedestre para a área central das calçadas. Dificultase, assim, o fluxo de deslocamento de pessoas em sentido contrário, pois a largura do passeio, entre 3 a 4 metros de largura, também é ocupada por mobiliários urbanos. Outra característica desse trecho é a difícil visualização da praça e das bibliotecas durante o percurso, perceptíveis somente quando se está muito próximo, o que contribui para uma desvalorização desses equipamentos.

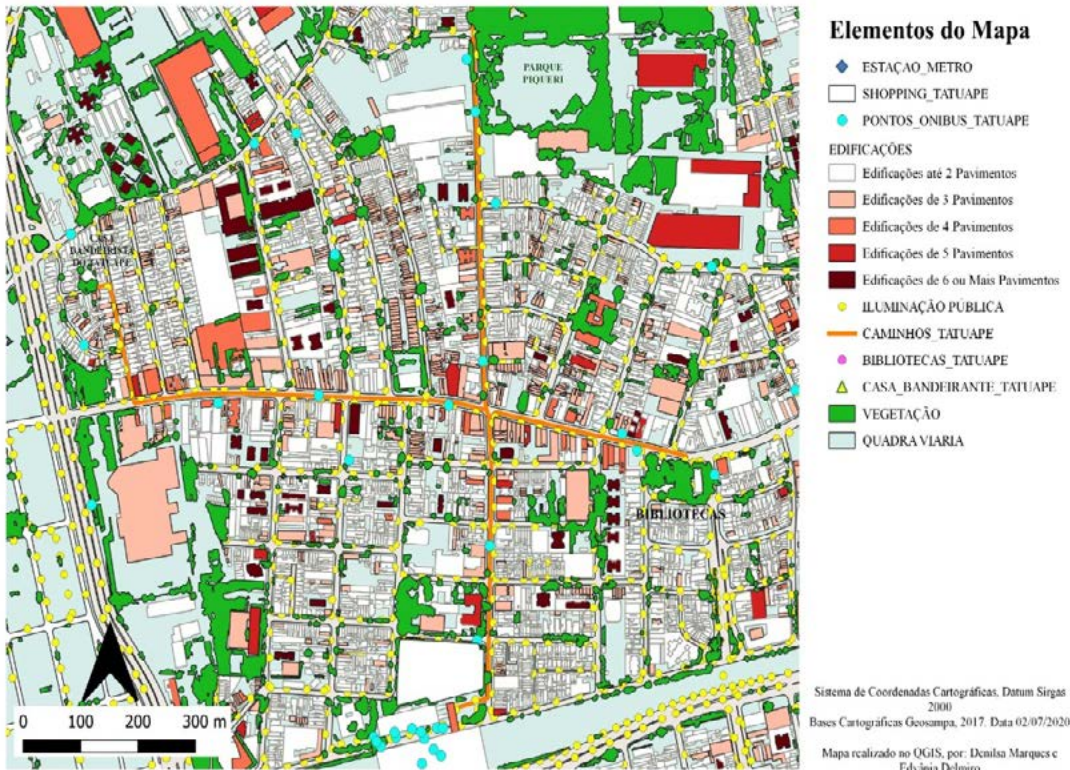
Na direção da segunda rota, após a esquina com a Rua Tuiuti, percebe-se uma decadência de várias edificações, malconservadas ou sem uso, e, conforme se caminha na direção oeste, o movimento de pessoas diminui muito. As edificações predominantes são térreas ou assobradadas, mas isto está em transformação, com a implantação de novas torres residenciais, afastadas da testada dos lotes, distantes da rua, e muito altas, com cerca de 20 andares.

Em relação ao acesso ao equipamento tombado pelo patrimônio histórico (Casa do Tatuapé), este está implantado num lote reduzido, cercado por residências térreas e assobradadas muito próximas, em meio a ruas locais estreitas, ficando escondido e invisível. Sua existência só é conhecida através de algumas placas de indicação nas ruas do entorno.

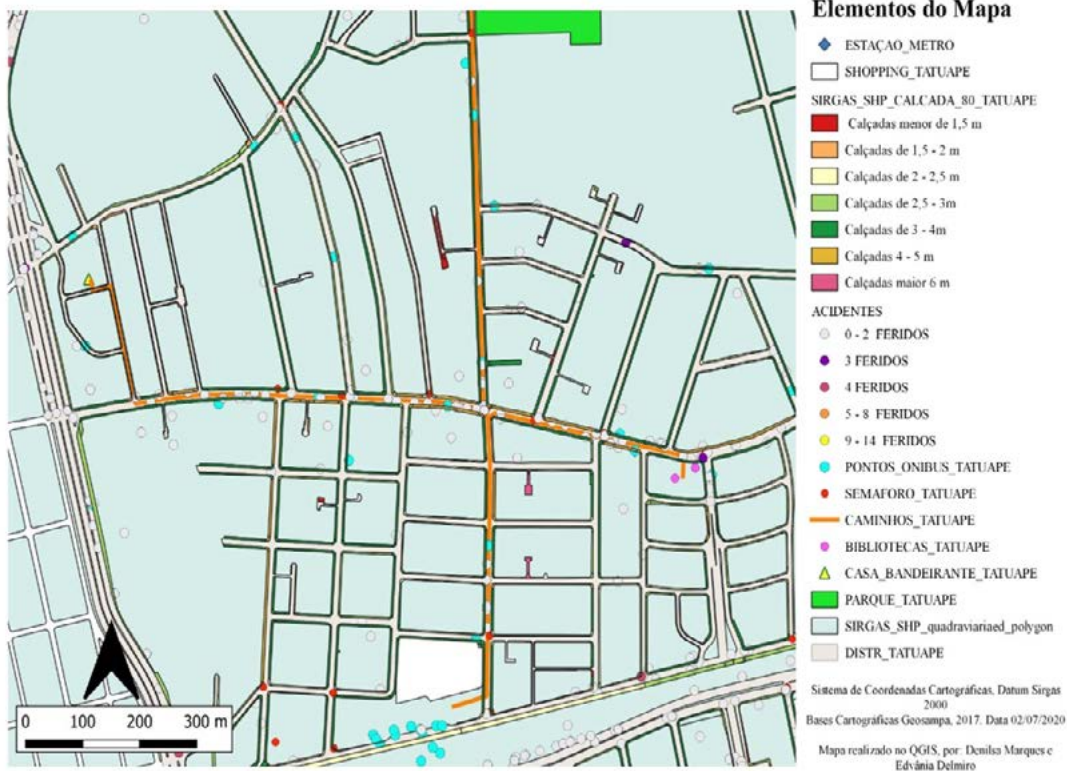
Na Avenida Celso Garcia a largura e a qualidade do pavimento das calçadas são variáveis, e, devido ao grande fluxo de ônibus em velocidade, há uma maior sensação de insegurança para o pedestre. Segundo os dados de atropelamento, disponíveis na Plataforma GeoSampa e na Plataforma Infosiga SP⁸, na Av. Celso Garcia eles ocorrem na altura das Ruas Henrique Sertório e Jacirendi, no trecho da 2ª. Rota.

Figuras 11 e 12(Abaixo): Mapas com as condicionantes para a análise do desenho e paisagem urbanos. Destacam-se, em linha cor laranja, as rotas caminháveis analisadas. Autoria: Denilsa Marques e Edvania Delmiro.

MAPA DE REFERENCIAIS URBANOS DA PAISAGEM



MAPA DE FERIDOS EM ACIDENTES DE TRÂNSITO



Conclusões

Este trabalho apresenta os principais elementos observados pelos pesquisadores em visita de campo (março/2020) bem como as comparações com os dados de satélite e mapas georreferenciados de dados oficiais do Distrito do Tatuapé. Constatou-se que ainda há poucos edifícios de maior gabarito de altura em destaque na paisagem, configurando referenciais urbanos para o pedestre, como na Rua Tuiuti, onde predominam edificações horizontais (1 a 2 pavimentos). Na Av. Celso Garcia há sensação de insegurança ao caminhar devido ao intenso e veloz fluxo de ônibus e, no trecho da 2ª. Rota, há várias edificações abandonadas, e com problemas na acessibilidade de calçadas.

Mas a região está em transformação, com novos empreendimentos imobiliários de residenciais verticais, principalmente na 3ª. Rota, e infere-se que os atuais referenciais perderão evidência com a verticalização do bairro, mudando-se a relação do pedestre com o espaço público e seus marcos-referenciais.

Arelado a essas questões, há o entendimento dos benefícios do ato de caminhar nas grandes cidades, não só relacionados à saúde física das pessoas ou ao menor uso do automóvel no bairro, gerando menor poluição do ar e sonora; mas também ao ativar o comércio local acessível a pé, incentivar os encontros sociais e culturais, e contribuir para que o cidadão observe e olhe para as transformações da cidade, debata os problemas do bairro, sinta-se estimulado à participação ativa nas questões urbanas.

Ressalta-se a importância de familiarizar estudantes com este conhecimento metodológico, vivenciando, conhecendo e realizando a interpretação da realidade urbana, a partir de elementos concretos e perceptíveis, amparados em teorias e conceitos contemporâneos, e utilizando-se dos vários dados oficiais disponíveis em plataformas digitais.

A divulgação destes resultados parciais é importante para determinar critérios de planejamento e desenho urbano e para definir diretrizes para projetos de espaços urbanos à escala do pedestre. A contemporaneidade do trabalho está em discutir os elementos urbanos presentes numa escala que prioriza o pedestre e que, com os eventos da pandemia do Covid-19, têm sido evidenciados, possibilitando um importante e intenso debate sobre a qualidade de vida nas grandes cidades.

Referências bibliográficas

BEZERRA, Josué Alencar. Como definir um bairro? Uma breve revisão. Em: **GEO Temas**, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, v. 1, n. 1, p. 21-31, jan./jun., 2011.

CAMARGO, Antonio Benedito Marangone; MAIA, Paulo Borlina. Em 2015, o Estado de São Paulo atingiu a menor taxa de mortalidade por acidentes de transporte dos últimos 35 anos. Em: **SP Demográfico: Resenha de estatísticas vitais do Estado de São Paulo**. Ano 17, no. 3, São Paulo, jul. 2017.

FARR, Douglas. **Urbanismo Sustentável: desenho urbano com a natureza**. Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013.

LEFEBVRE, H.. Barrio y vida de barrio. In: _____. **De lo rural a lo urbano**. 3. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1975, p. 195-203.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MINUCCI, Ana Maria Sala. **A discussão dos conceitos de desenho urbano, da imagem e do lugar na rua Oscar Freire em São Paulo.** São Paulo, 2018. Tese de Doutorado, Universidade Presbiteriana Mackenzie.

OKAMOTO, Jun. **Percepção Ambiental e Comportamento: Visão Holística da Percepção Ambiental na Arquitetura e Comunicação.** 1ª ed. São Paulo, IPSIS Gráfica e Editora, 1997.

PAMBOUKIAN, Sérgio Vicente Denser. **Introdução ao Geoprocessamento: Tutorial.** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2013.

ROGERS, R. **Cidades para um pequeno planeta.** 1. ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano - Smdu. Prefeitura de São Paulo (org.). **Caderno de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras: Quadro analítico Moóca.** São Paulo, 2016. 20 p.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano - Smdu. Prefeitura de São Paulo (org.). **Caderno de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras: Perímetros de Ação Moóca.** São Paulo, 2016. 48 p.

SOMEKH, Nadia (org.). **Preservando o patrimônio histórico: um manual para gestores municipais.** São Paulo: CAU/SP, 2014.

TOPALOV, Christian et al. (org.). **A aventura das palavras da cidade, através dos tempos, das línguas e das sociedades.** São Paulo, Romano Guerra, 2014.

UNDERWOOD, M. Clinical assessment and injury prevention. **Archives of Internal Medicine.** n. 152, p. 735-40, 1992.

VITALE, Silvia P. S. M.; MARTINS, Ana Maria S. M. **Referenciais de identidade do espaço urbano do Tatuapé.** Trabalho apresentado no I Seminário Internacional ARCUS Rhône-Alpes/ Brasil - Ambientes Urbanos e Urbanidades, 2009, João Pessoa – PB: UFPB.

VITALE, Silvia P. S. M.; ZAHN, Carlos E.; COSTA, Cláudia V.; SANTOS, Júlia dos; TRINDADE, João Rafael A. **Referenciais de Identidade do Espaço Urbano do Tatuapé.** Em: II Seminário Internacional: A Dimensão Social da Formação Profissional e I Fórum Integrado da Zona de Amortecimento do Parque Estadual da Serra da Cantareira (2.: 2018: São Paulo). Anais Completos do II Seminário Internacional A DIMENSÃO SOCIAL DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL e I Fórum Integrado da Zona de Amortecimento do Parque Estadual da Serra da Cantareira / V2. nº1. / Sylvia Adriana Dobry; Silmara Ribeiro Marques; Caio Boucinhas (org.). São Paulo, 2018. ISSN: 2594-9829.

ZAHN, Carlos E. (Org.); MINUCCI, Ana Maria S.; SCHIFINO, Maria de Fátima; XI-MENES, Maria Eugênia; VITALE, Sílvia P. de S. M.. **A caracterização de elementos da identidade urbana como referencial para a qualidade de vida: importância de realizar estudos de caso.** Em: 2º Encuentro Internacional La Formación Universitaria y la Dimensión Social del Profesional : a 46 años del taller total en la UNC / Caio Boucinhas ... [et al.] ; compilado por Federico Arquimedes ; Sylvia Adriana Dobry. - 1a ed. - Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2016, p. 13. ISBN 978-950-33-1286-5.

ZAHN, Carlos E.; MARTINS, Ana Maria S. M. SCHIFINO, Maria de Fátima. **A Caracterização de Elementos da Identidade Urbana como Referencial para a Qualidade de Vida: Importância de Realizar Estudos de Caso** – Foz do Iguaçu: ABER, 2006.

Autores:

Sílvia Pereira de Sousa Mendes Vitale Professora do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo - Curso de Arquitetura e Urbanismo São Paulo – SP. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8154386166034551>. Este trabalho se refere a pesquisa voluntária desenvolvida com os alunos-pesquisadores quando a docente trabalhava na Universidade Nove de Julho. silviamvitale@gmail.com

Denilsa Aparecida Marques Aluna-pesquisadora da Universidade Nove de Julho – Curso de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, SP. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3137447095017447>

Edvania Delmiro Viana. Aluna-pesquisadora da Universidade Nove de Julho – Curso de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, SP. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5459139977638408>

Gabriel Rodrigues dos Santos. Aluno-pesquisador da Universidade Nove de Julho – Curso de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, SP. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1202833527120387>

Milena Rodrigues de Almeida. Aluna-pesquisadora da Universidade Nove de Julho – Curso de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, SP. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9842480496525286>

LA PROBLEMATIZACIÓN Y POLITIZACIÓN DE LA DE VIDA COTIDIANA: Un Camino de Integralidad de los Debates en Materia de Hábitat, Vivienda y ciudad.

Eje/Eixo Temático 1

Eugenia Jaime
Gabriela Torrents

Universidad Nacional de General Sarmiento,
Universidad de Buenos Aires

Resumen:

Victoria del Ferroviario, es uno de los 4450 barrios populares de Argentina que han quedado asentados en el Registro de la Ley Nacional de Integración Socio Urbana¹. Surgió alrededor de 1969 como un campamento montado por trabajadores del ferrocarril Mitre, que llegaban con sus familias a Buenos Aires desde otras provincias, para asentarse cerca de sus fuentes de trabajo. Pero fue recién en el año 2017 que adoptó su organización urbana actual, cuando alrededor de 34 familias se instalaron en el predio, resistiendo a las presiones de desalojos tanto de la autoridad pública como de los pobladores más antiguos. La crisis sanitaria que generó la pandemia alertó a las familias sobre la urgencia de atender la problemática del hábitat y desde marzo de 2020 nos incorporamos como parte de la ong. Proyecto Habitar al proceso de urbanización del barrio. En este trabajo analizamos la problematización y politización de la vida cotidiana a partir del advenimiento de la crisis socioeconómica causada por el Covid 19. Indagamos en las prácticas sociales presentes y pasadas, desde la experiencia cotidiana de sus actores en un estudio territorializado. Comprobamos que el caso nos permite identificar la integralidad que alcanzan los debates en torno a al hábitat, la vivienda y la ciudad siendo el papel del género femenino una variable fundamental para trabajar de manera exhaustiva la problemática socio-urbana.

Palabras clave: **Hábitat, vivienda, ciudad, vida cotidiana, género.**

Resumo:

Victoria del Ferroviario, é um dos 4450 bairros populares de Argentina que ficaram assentados no Registro da Lei Nacional de Integração Socio Urbana². Surgiu por volta de 1969 como um acampamento montado por trabalhadores da ferrovia Mitre, que chegavam com suas famílias a Buenos Aires desde outras províncias, para se assentar perto de suas fontes de trabalho. Porém foi recentemente no ano 2017 que adotou sua organização urbana atual, quando aproximadamente 34 famílias se instalaram no lugar, resistindo às pressões de despejo tanto da autoridade pública como dos moradores mais antigos. A crise sanitária que gerou a pandemia alertou

1 Ley Nacional N° 27453, 2018

2 Lei Nacional N° 27453, 2018

às famílias sobre a urgência de atender a problemática do hábitat e desde março de 2020 nos incorporamos como parte da ong. *Proyecto Habitar* ao processo de urbanização do bairro. Neste trabalho analisamos a problematização e politização da vida cotidiana a partir do advento da crise socioeconômica causada pelo Covid 19. Indagamos nas práticas sociais presentes e passadas, desde a experiência cotidiana de seus atores num estudo do território. Comprovamos que o caso nos permite identificar a integralidade que alcançam os debates em torno ao hábitat, a vivenda e a cidade sendo o papel do gênero feminino uma variável fundamental para trabalhar de maneira exaustiva a problemática sócio-urbana.

Palabras clave: **Habitat, vivenda, cidade, vida cotidiana, gênero.**

Introducción

El barrio Victoria del Ferroviario atribuye su nombre a la proximidad con la estación Victoria del FFCC Mitre, en la localidad de Victoria, municipio de San Fernando. Esta área, localizada en una zona de tierras altas, a aproximadamente a 2,5 km del Rio Luján, ha atravesado cambios notorios a lo largo de su historia.

Ubicado frente al Barrio Crisol, desde la zona de ingreso por la calle Martín Rodríguez, podemos percibir las múltiples fronteras que sus habitantes deben atravesar cotidianamente. El barrio se encuentra escondido detrás de un largo muro, vigilado por una garita de la Prefectura Naval en su ingreso, a raíz de una denuncia realizada por el municipio y la administración del ferrocarril. En los primeros metros de camino, deben transitar por encima de un pozo de desagüe a cielo abierto, mediante una estructura de losetas con alto riesgo de desmoronamiento, que imposibilita el acceso de ambulancias, camiones de bomberos, o cualquier otro vehículo pesado.

Considerando que la zona residencial donde se encuentra el barrio Crisol cuenta con una provisión de servicios básicos adecuada, es decir con red de agua apta para consumo, con red cloacal, con red de electricidad segura y red de gas, además de poder acceder a áreas verdes de calidad, espacios recreativos y deportivos, y contar con buena accesibilidad, surge un interrogante: ¿por qué el barrio Ferroviario no puede disfrutar de los mismos beneficios urbanos que sus vecinos?

Este predio que actualmente está en manos de la Administración de Trenes Argentinos, es un área que ha sido disputada desde fines del siglo XIX, debido a su localización estratégica y a la creciente urbanización que se ha producido en torno a ella, incrementando su valor y convirtiéndola en objeto de especulación, a pesar de haber sido utilizada como área de maniobras la mayor parte de su historia.

Con un importante crecimiento poblacional que fue impulsado a partir de la construcción de la estación del ferrocarril en 1891, el pueblo de Victoria se formó en muy poco tiempo. Este hecho desató un proceso de creciente especulación inmobiliaria y favoreció la aparición de algunos límites que se convertirían en factores de una segregación física y simbólica que podemos encontrar hasta nuestros días.

La fundación del barrio Ferroviario nos retrotrae a la conformación de un antiguo asentamiento desarrollado por los trabajadores del ferrocarril a principios del siglo XX. En esta área se encontraban inicialmente las casas que eran de los jefes de estación, quienes eran asignados por sorteo para trabajar en las nuevas estaciones que se inauguraban en todo el país. Los terrenos circundantes, que quedaban entre los talleres y áreas de acopio, fueron el lugar ideal para que se comenzara a construir un campamento ocupado por los trabajadores de menor rango, quienes estaban dispuestos a construir sus viviendas. La premisa era simple: poder contar con un cobijo

en las cercanías de sus puestos de trabajo. La falta de infraestructura de servicios no era una limitación para esta tarea, ya que para ese momento esta característica era habitual en el barrio emergente.

Según el relato de los pobladores más antiguos, la posibilidad de asentarse y ocupar un lote en el campamento ferroviario también operó como de “indemnización” para aquellos trabajadores que habían sufrido accidentes laborales, quedando imposibilitados para continuar con sus tareas. Estos acuerdos individuales y discrecionales, eran acuerdos frágiles, donde la toma de decisión respecto del uso y mejoramiento del terreno permanecía en manos de la empresa de Ferrocarril. Este aspecto afectó profundamente las posibilidades de mejora de las viviendas y de ampliación de las redes de servicios básicos de forma regular, obligando a que las familias resolvieran estas carencias de forma precaria y en desproporción con los avances del resto del barrio.

Para el año 1969, en el Municipio de San Fernando se identificó la existencia de 7 barrios populares, entre los que se encontraba el barrio Ferroviario. A las primeras familias, se sumaron otros trabajadores del ferrocarril que continuaron ocupando el predio y construyendo sus viviendas. Esta experiencia significó un movimiento de personas que quedó como referencia y aprendizaje para todos aquellos que necesitaran un lugar para vivir. Durante la crisis de los años 90, en un contexto de fuerte desocupación, con pocas posibilidades de acceso a la vivienda y diversas acciones de expulsión de las centralidades del AMBA, el predio continuó poblándose con otras familias que vieron, a partir de la experiencia de los primeros habitantes, que hacerse de estas tierras era posible. Estas familias transformaron el predio construyendo sus viviendas en etapas, trazando senderos internos, plantando árboles. Los indicios de este proceso pueden verse en la diversidad de materiales y formas que actualmente se pueden encontrar en el predio (desde casillas de madera y chapa con enchapes de mampostería, hasta vagones de viejos trenes, tolvas y containers adaptados como viviendas).

En octubre de 2018, en un contexto social y económico de profunda desigualdad a nivel nacional y específicamente en el Área Metropolitana de Buenos Aires, las serias dificultades para acceder a una vivienda eran un factor común para gran parte de la población.

Un grupo de familias jóvenes, que habitaba otros barrios populares de la zona norte del AMBA como La Cava en San Isidro o Villa Jardín en el mismo distrito, se encontraba acorralado por los obstáculos para encontrar un lugar donde vivir, y el área de maniobras en desuso del predio del barrio Ferroviario se convirtió en una posibilidad de hacer efectivo su derecho a la tierra y a la vivienda. La toma de tierras de esta área localizada junto a las vías de uno de los ramales del ferrocarril Mitre, implicó un trabajo físico sostenido, tanto por la limpieza, relleno del terreno y construcción de las primeras casillas, así como también de la perseverancia que implicó la lucha por permanecer en este lugar.

Las nuevas familias contaron con la experiencia de los primeros pobladores, quienes brindaron su conocimiento para ayudar a concretar la necesidad urgente de acceso a un cobijo para sus hijos. Estos no conformaban un grupo homogéneo, la nueva ocupación trajo una nueva disputa por el territorio con los habitantes más antiguos y trabajadores del ferrocarril, quienes no estaban de acuerdo con aceptar nuevos vecinos en el barrio. Este enfrentamiento requirió que se generaran nuevos acuerdos sobre la distribución y apropiación de los lotes. El sector al que se referían como un baldío deshabitado, que según el relato de algunos vecinos se trataba de “un cementerio de autos quemados, basural con todo tipo de desechos de las

remodelaciones de las estaciones de trenes, que creaba un hábitat perfecto para roedores y alacranes...”, era el último lugar disponible del predio, lo que lo hacía un bien preciado por quienes habitaban hace varios años el barrio.

Finalmente 3 familias, decidieron avanzar y ocupar parte de estas tierras, instalándose en el sector que ahora es reconocido como manzana 3 del barrio Victoria. Este fue el primer movimiento que hicieron, instalaron sus carpas y resistieron, hombres, mujeres y niños. La situación desigual en el acceso a la vivienda afectaba a muchas otras familias, y viendo que era conveniente incorporar a más personas que los acompañaran en la toma, buscaron ampliar la ocupación convocando a familiares y allegados alcanzando a constituir un grupo de 34 familias. En este contexto, lograron ser censados en el Registro Nacional de Barrios Populares, obteniendo un número de identificación que reconoce su existencia, y posibilitara a futuro el acceso a bienes y servicios urbanos, y tenencia segura de su tierra, entre otras cosas.

De esta manera, el problema social que aquejaba individualmente a estas familias, pudo pasar a un plano colectivo, que en el encuentro con otros que estaban en situaciones similares, se fue transformando en un problema público. La práctica aprendida de la toma de una tierra para poder vivir, configurándose en un proceso histórico de más de 50 años, se constituyó en una acción politizada en el tiempo, que fue adoptando la forma de este barrio en constante construcción.

Desarrollo

A los efectos de profundizar en el tema, vamos a repasar conjuntamente **la experiencia de las mujeres del Barrio Victoria de San Fernando**, quienes en un proceso de transformación del hábitat han alcanzado mayores grados de conciencia sobre sus derechos urbanos, adoptando como propósito alcanzar la urbanización de su barrio.

Desde el equipo de Proyecto Habitar, nos encontramos por primera vez en marzo de 2020 con los habitantes del Barrio Ferroviario, cuando los compañeros buscaban apoyo para reclamar la atención de las autoridades públicas y así obtener acceso al agua en su barrio. Como hemos mencionado, este barrio forma parte de los 4.400 barrios populares de Argentina, quedando asentados en el Registro de la Ley Nacional de Integración Socio Urbana Ley 27453.

Como organización especializada en la participación y producción de proyectos urbanos nos pusimos en contacto con los demandantes. Nos convocaban dos parejas muy jóvenes con niños pequeños, que representaban al grupo de 42 familias que habían participado de la última toma del barrio. Esta población era más de un tercio de las familias que habitan el predio ferroviario, por lo que la demanda a abordar era reconocida como un problema común.

Dado el aislamiento (ASPO), comenzamos nuestro vínculo a través de intercambios vía WhatsApp, utilizando distintas herramientas. Compartimos audios, videos, mensajes de texto, screenshot y usamos mucho el editor de imágenes. La juventud de nuestras contrapartes nos facilitaba la comunicación y posibilitaron que el vínculo.

Hasta aquí el rol de las mujeres era el esperado: colaborativas, generosas, trabajadoras, solo quedaba conocer cómo se comportarían cuando fuera necesario exponerse más allá del barrio, puesto que lo habitual es que coloquen como referentes a los compañeros del género masculino.

Por otra parte, ellas tenían un gran sentido de sus capacidades tanto territoriales como simbólicas. Mili, quien se expresaba con mucha claridad, era una

referente barrial para el cuidado, pero también para la lucha por los derechos. Años atrás había sido la responsable de generar los acuerdos necesarios con el referente de la antigua toma del barrio Ferroviario, posibilitando la permanencia de los últimos vecinos que habían llegado a la vieja área de maniobras.

Alrededor suyo siempre eran numerosas las vecinas, nunca estaba sola y participaba activamente en todos los grupos donde se trataban temas que afectaban a las familias del barrio.

Podemos identificar que reconocerse protagonistas del cambio ha permitido que las pobladoras introduzcan su perspectiva al proceso, aportando mayor capacidad para el trabajo en red y para la distribución de tareas. Sin embargo, lo más relevante vino después.

El grupo se organizó para construir acuerdos con todos, no había enemigos, la solidaridad y sororidad primaban. Frente a los problemas, se encontraban salidas que volvieran a reunir intereses, buscando concretar el objetivo común de la urbanización. Un ejemplo clave fue, cuando en un momento desde el colectivo de Proyecto Habitar identificamos una división del trabajo que reproducía las relaciones de desigualdad entre varones y mujeres, frente a la ejecución de un trabajo manual y un trabajo de planificación que podía aproximarse a las tareas de cuidado. En esta oportunidad, la visibilización del conflicto fue un aporte para desentrañar estas relaciones naturalizadas, que las mujeres tomaron como problema en el barrio y trabajaron conjuntamente para subsanarlo.

Fueron pioneras en todo...

El contexto de crisis producto del COVID, profundizó la necesidad de contar con datos que sirvieran para argumentar su demanda frente a las autoridades públicas. Esto favoreció que organizaran un grupo de relevamiento para tener información sobre todo el barrio, sus habitantes y las condiciones de sus viviendas. En este proceso, promovieron una votación para ponerle nombre a las calles y usarlos como identificación para completar las planillas de inscripción a los programas de políticas públicas, que se convertirían en el único ingreso regular de estas familias a partir de los primeros meses del 2021.

Promovieron asambleas donde convocaban tanto a vecinos históricos como vecinos de la última toma, para discutir sobre los problemas urbanos del barrio. Allí colaboramos realizando una maqueta para tener una mirada de la totalidad del barrio e identificar los puntos críticos, como la segregación a la que ha estado expuesto históricamente. Esta acción posibilitó evidenciar un obstáculo fundamental en el proceso de gestión democrática del territorio, que fue la militarización del barrio y el bloqueo del acceso, materializado en la garita de Prefectura ubicada hace 2 años en ese lugar. Si bien el problema se manifestaba como la imposibilidad de ingresar materiales de construcción, esta situación adoptó mayor gravedad cuando se manifestó la imposibilidad de ser asistidos por una ambulancia o por los bomberos ante cualquier emergencia. Sumado al largo muro de la calle Martín García que oculta la existencia del barrio Ferroviario hace 50 años, las fronteras y límites en el barrio volvieron a ponerse en juego, limitando los movimientos de los pobladores cada vez más.

Promovieron una mesa de urbanización, desarrollaron un consenso para que las distintas organizaciones políticas del barrio confluyan en un espacio dedicado a discutir que tipo de urbanización se busca alcanzar, y desde allí, en conjunto poner en palabras aquellas experiencias individuales que aparecen en la vida cotidiana y se

convierten en aprendizajes colectivos.

Un momento significativo se produjo cuando las invitamos a participar del **encuentro virtual sobre las problemáticas habitacionales en contexto Covid «El AMBA bajo la lupa»**. En este encuentro, junto a referentes de hábitat de América Latina y referentes históricos de otros barrios populares, pudieron expresar con mucha claridad las injusticias y violaciones a los derechos que estaban sufriendo, recibiendo en su barrio las cámaras del evento que compartían en directo la situación del barrio. También expresaron las estrategias que desarrollaron para enfrentar la situación, como la cooperativa para recolección de residuos autogestionada o el censo realizado en la mesa de urbanización. Sin embargo, dejaron en claro que estas acciones no eran suficientes para garantizar el derecho a la ciudad sin el acompañamiento de los actores de la gestión local, provincial y nacional.

Desde nuestro colectivo colaboramos en la generación de espacios para la vida, tanto en el plano de lo material como simbólico. Hemos colaborado poniendo a disposición conocimientos técnicos para la construcción de una red de distribución de agua, hemos acompañando en la realización de acciones para el mejoramiento y puesta en valor del espacio "Público" como espacio de juegos y actualmente estamos desarrollando una capacitación para la urbanización del barrio donde, a través de los contenidos y las preguntas que definimos entre pobladores y organizaciones, se forman en aquellos aspectos que están directamente vinculados a la transformación física y social que quieren conseguir.

Conclusiones

El análisis del proceso en el Barrio Victoria del Ferroviario da cuenta de que estas mujeres reunidas cara a cara estrechan sus vínculos a través del desarrollo de una experiencia, en un proceso donde se entrecruzan las acciones, el pensamiento y las emociones.

Reconociendo en estas experiencias un trabajo, trabajo no remunerado que también convierte a las prácticas en desarrollos desmercantilizados.

A medida que las prácticas sociales, fundadas en valores de colaboración, solidaridad y sororidad, van generando la habitualidad, se institucionalizan dando lugar a concebir que existen otras maneras de hacer y pensar el mundo.

En el horizonte aparecen intereses nuevos, partes del mundo que estaban vedados, que trascienden los ámbitos sobre los que habitualmente operamos.

Los intereses de otros se vuelven nuestros intereses y así, en la interacción, vamos construyendo un lenguaje común, y a través de él, el conocimiento que cada uno tiene se distribuye. De esta manera, trascendemos los aprendizajes de la experiencia posicionándonos espacial y temporalmente.

La situación de crisis frente al ASPO del año 2020, fue un punto de partida para resignificar el papel de los espacios de relación social y de quienes los promueven y protagonizan, convirtiendo aquellas prácticas sociales que construyen relaciones de proximidad, habitualmente naturalizadas, como un punto central de la organización social y del trabajo colectivo. La necesidad de resolver la urgencia y garantizar su subsistencia propició un encuentro en la búsqueda de soluciones a las problemáticas cotidianas, dando lugar a una mirada nueva del barrio y de sí mismas.

Referencias bibliografías

BERGER, Peter; Luckmann, Thomas (1968). La construcción social de la realidad. Amorrortu Editores. Buenos Aires, Argentina.

<https://zoonpolitikonmx.files.wordpress.com/2014/09/la-construccic3b3n-social-de-la-realidad-berger-luckmann.pdf>

CRENSHAW, Kimberle (1989). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. The University of Chicago Legal Forum 140: 139-167.

JAIME, Eugenia; SALVARREDY, Julián (2020). Latinoamérica y el Caribe en tiempos de Pandemia. Análisis de las medidas implementadas por los gobiernos y su impacto en la organización espacial. Libro digital, PDF. Archivo Digital: descarga y online ISBN 978-987-28434-7-2

http://proyectohabitar.org/publicaciones/LATINOAMERICA_Y_EL_CARIBE_2020_v20.pdf

JAIME, Eugenia (2019). Acción pública e informalidad. Las transformaciones urbanas en la encrucijada de la instrumentación de los problemas públicos. En: Políticas Urbanas. La instrumentación del derecho a la ciudad. Sacón, Teresita; Salvarredy, Julián. Editorial, FADU-UBA; Ciudad Autónoma de Buenos Aires.

http://proyectohabitar.org/publicaciones/POLITICAS_URBANAS.pdf

JAIME, Eugenia; SALVARREDY, Julián (2019). Detrás de un largo muro. El registro socio espacial en las políticas de urbanización. En: Historia Territorializada, Torrents, Gabriela; Salvarredy, Julián (Comp.). Editorial, FADU-UBA; Ciudad Autónoma de Buenos Aires.

http://proyectohabitar.org/publicaciones/HISTORIA_TERRITORIALIZADA.pdf

JAIME, Eugenia (2019). Desnaturalizar las asimetrías. En: Espacio y Género. Construcción social de los géneros en la ciudad injusta. Jaime, Eugenia; Mansueto, Clara (Comp.). Editorial, FADU-UBA; Ciudad Autónoma de Buenos Aires.

http://proyectohabitar.org/publicaciones/ESPACIO_Y_GENERO.pdf

JAIME, Eugenia; SACÓN Teresita (2019). Instrumentos de re-urbanización con perspectiva de género. En Revista Hábitat Inclusivo, N°14. FADU-UBA

http://www.habitatinclusivo.com.ar/hi/14/articulos/HI_14_Instrumentos_de_reurbanizacion.pdf

JAIME, Eugenia; MANSUETO, Clara (2012). Ver para Resolver. Transformar las necesidades en proyectos. Proyecto Habitar, Buenos Aires, Argentina.

http://proyectohabitar.org/publicaciones/Ver_para_resolver.pdf

MASSEY, Doreen; BERNAL, Gloria (1998). Espacio, lugar y género. Debate Feminista, Vol. 17.

QUIROGA, Ana (2016). Salud mental, Arquitectura y hábitat. En: Mansueto, Clara, Torrents, Gabriela (Comp.) Proyectar en contextos de desigualdad. Proyecto Habitar, Buenos Aires, Argentina. http://proyectohabitar.org/publicaciones/PH_Proyectar_en%20contextos_de_desigualdad.pdf

TORRENTS, Gabriela (2019). Historia territorializada. Hacia un estudio espacial de las transformaciones urbanas de los barrios populares del AMBA. En: Historia Territorializada. Lo cotidiano en la transformación del espacio. Torrents, Gabriela; Salvarredy, Julián (Comp.). Editorial, FADU-UBA; Ciudad Autónoma de Buenos Aires. http://proyectohabitar.org/publicaciones/HISTORIA_TERRITORIALIZADA.pdf

TORRENTS, Gabriela (2019). Bitácoras barriales. La apropiación colectiva de la historia de transformación urbana del Barrio 22 de Enero En: Historia Territorializada. Lo cotidiano en la transformación del espacio. Torrents, Gabriela; Salvarredy, Julián (Comp.). Editorial, FADU-UBA; Ciudad Autónoma de Buenos Aires. http://proyectohabitar.org/publicaciones/HISTORIA_TERRITORIALIZADA.pdf

Autoras:

Eugenia Jaime Arquitecta FAU-UNLP, Master en Planificación Urbana y Regional, FADU-UBA; Doctoranda en Estudios Urbanos ICO-UNGS. Docente investigadora ICO-UNGS. Tema de investigación: Instrumentos de transformación urbana desde la perspectiva de la acción pública territorializada. Miembro fundadora de la Ong. Proyecto Habitar. marieugeniajaime@gmail.com

Gabriela Torrents. Arquitecta FADU-UBA, Maestranda en Historia y Crítica de la Arquitectura, FADU-UBA. Docente investigadora del CHI-IEH-FADU. Tema de investigación: Historia Territorializada de los barrios populares del AMBA. Jefa de Trabajos Prácticos en Historia de la Arquitectura, FADU-UBA. Miembro de la Ong. Proyecto Habitar. arq.gtorrents@gmail.com

COMPARAÇÃO ENTRE AS DIRETRIZES DO PLANO DIRETOR E AS OBRAS REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE CÁCERES, MATO GROSSO, Apresentadas no Portal da Transparência entre os Anos de 2016 a 2020.

Eje/Eixo Temático 1

Willian Jonas Mininel
Antonio Busnardo Filho

Centro Universitário de Várzea Grande, MT
(UNIVAG –MT)

Resumo:

O que se pretende neste relato é compreender, por meio de análises de desenvolvimento urbano, propostas no Plano Diretor de Cáceres, MT, o desenvolvimento das políticas urbanas descritas neste Plano e quais os impactos causados no município, no período de 2016 a 2020. A pesquisa será baseada em dados bibliográficos e em análises dos projetos descritos dentro do portal da transparência, da prefeitura local, para a compreensão de como o plano diretor tem influenciado no planejamento da cidade, e quais as melhorias trazidas para a área urbana. Além das pesquisas bibliográficas, a análise crítica do Plano Diretor será fundamental para a pesquisa; assim, recorre-se a uma possível heurística, para entender a relação entre as propostas governamentais e o sentido de pertencimento, mesmo que incipiente, dos moradores do município. Pretende-se, assim, ampliar as possibilidades de ação de projetos públicos para o desenvolvimento territorial, implementados por políticas públicas.

Palavras-chave: Plano Diretor, Portal da Transparência, Políticas Públicas, Desenvolvimento Urbano, Cáceres-MT

Resumen:

El objetivo de este informe es comprender, a través de análisis de desarrollo urbanístico, las propuestas del Plan Director de Cáceres, MT, el desarrollo de las políticas urbanas descritas en este Plan y cuáles son los impactos ocasionados en el municipio, en el período de 2016 a 2020. La investigación se basará en datos bibliográficos y análisis de los proyectos descritos dentro del portal de transparencia del ayuntamiento local, para comprender cómo el plan maestro ha influido en la planificación de la ciudad y qué mejoras se han traído al área urbana. Además de la investigación bibliográfica, el análisis crítico del Plan Director será fundamental para la investigación; así, se utiliza una posible heurística para comprender la relación entre las propuestas de gobierno y el sentido de pertenencia, aunque incipiente,

de los vecinos del municipio. Se pretende, por tanto, ampliar las posibilidades de actuación de los proyectos públicos de desarrollo territorial, implementados por políticas públicas.

Palabras claves: Plan Director, Portal de Transparencia, Políticas Públicas, Desarrollo Urbano, Cáceres-MT

Introdução

A cidade de Cáceres está localizada no interior do estado de Mato Grosso a 209,70 km da capital Cuiabá, na mesorregião Centro-sul e microrregião do Alto Paraguai (FERREIRA, 2001 p. 405). No início de sua história, estava longe da região administrativa do Império, mas não longe da vontade da Coroa em transformá-la em centro de uma região estratégica, para um Brasil que começava a demarcar suas terras, independente dos Tratados e Acordos assinados. A posse do local garantiria o princípio de soberania de um país continental.



Figura 1: Localização geográfica de Cáceres-MT
Fonte: SERPEGEO, 2010.

Disponível em: <http://www2.unemat.br/atlascaceres/index.php?pasta=localização>. Acessado em 01 de abril de 2021.

Inicialmente conhecida como Vila Maria do Paraguai, a cidade de Cáceres foi fundada como uma simples freguesia no ano de 1778 pelo 4º governador e capitão geral da Capitania de Mato Grosso e Cuiabá, Luiz de Albuquerque de Melo Pereira, e Cáceres. Sua localização situava-se além das demarcações estabelecidas pelo Tratado de Madri (1750) estando a 5 léguas de distância do marco do Jauru. Um dos motivos de sua implantação seria a proteção das fronteiras, impedir que o ouro que saísse das minas de Vila Bela da Santíssima trindade fosse extraviado, e manter melhores relações entre Vila Capital Vila Bela da Santíssima Trindade e Vila Real Cuiabá, além de dar apoio aos viajantes, e não menos importante a expansão territorial lusa (MORAES, 2003 p. 34-37). João Carlos Vicente Ferreira 1954, destaca em sua obra outros importantes fatores pretendidos por Luiz de Albuquerque ao desenvolver Vila Maria do Paraguai:

Administrador ilustre, formalmente dizia instalar em Vila Maria um registro para controle das passagens pelo Rio Paraguai, em 1772. Mas o que pretendia era mais do que isso: queria fortificar um ponto estratégico do Rio Paraguai para a defesa do reino. Nas aparências alegava a necessidade de cobrar os quintos da Coroa e evitar o contrabando do ouro catado em Cuiabá e em Vila Bela da Santíssima Trindade. Mais tarde construiu o posto militar de Vila Marai do Paraguai (FERREIRA, 1954, p 405-406)

Embora a freguesia recebesse a denominação de vila não possuía em sua constituição os elementos necessários para ser uma vila, não tinha pelourinho, Câmara Municipal, Cadeia nem presença de oficiais, havia apenas uma pequena urbanização com traçado organizado em tabuleiro de xadrez e uma igreja em homenagem a São Luiz da França voltada ao poente, não muito longe do Rio Paraguai (CHAVES, 2011); por fim, passaria apenas a receber o título de cidade em 30 de maio de 1874, quando passou a se chamar São Luiz de Cáceres. A alteração no nome de São Luiz de Cáceres para Cáceres ocorreu através do decreto-Lei nº 208, de 26 de outubro de 1938.

A cidade de Cáceres é marcada por vários momentos de crescimento e estagnação. Sua formação é dividida em 4 diferentes fases históricas, a primeira fase de 1778 até 1859, chamada de Agropastoril é marcada pela fundação da cidade e fixação da vila como demarcação e proteção do território, também foi um período de produção agrícola das grandes fazendas existentes na vila, Fazenda Jacobina, Descalvados, Barranco Vermelho, Ressaca, Facão. Tinha como principal produto o charque, a cana de açúcar e seus derivados (CÁCERES, 2017 p. 20; FERREIRA, 2017 p. 224-225)

A segunda fase 1860 a 1950/60 é fortemente caracterizada como a fase da Indústria Extrativista, com a extração de poaia (*Psychotria ipecacuanha*) também conhecida com outros nomes como ipeca ou ipecacuanha, de borracha, peles e de madeiras. A extração da poaia era feita de modo totalmente predatório, sem nenhuma preocupação de replantá-la; a partir disto e em conjunto com o desmatamento, a poaia ficou escassa, chegando até o fim de sua cultura. Nesta fase a pequena vila se consolida como cidade. A exportação de produtos torna-se um grande fator para o seu desenvolvimento econômico chegando a ser um dos mercados mais ativos do estado. Este processo acabou chamando a atenção do presidente do Estados Unidos, Theodore Roosevelt que visitou a região em 1914. A navegação pelo rio Paraguai não apenas possibilitava a escoação do produto internamente mas possibilitou a exportação internacional. Outro acontecimento desta fase foi a criação da rodovia que ligou a Cáceres à capital Cuiabá, estreitando assim a comunicação entre as duas cidades.

Na terceira fase compreendida entre os anos de 1960 a 1970 foram finalizadas as obras rodoviárias, diminuindo drasticamente os transportes fluviais, culminando com a criação da Ponte Marechal Rondon sobre o Rio Paraguai. A cidade torna-se uma grande produtora agrícola. Também nesta fase ocorrem os incentivos de programas governamentais para o desenvolvimento do Centro-Oeste; assim, novos bairros vão nascendo dentro da cidade de Cáceres, ao mesmo tempo que distritos ligados à Cáceres vão se emancipando, tal acontecimento se dá logo após a construção da ponte Marechal Rondon. Em 29 de Julho de 1978 é fundada a Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT), em Cáceres.

A quarta e última fase é marcada após 1980 até o momento atual, existindo ainda a predominância da economia agrícola. Alguns distritos vão ganhando força e se emancipando de sua sede. Nesta fase também é desenvolvida a Escola Agrotécnica Federal que futuramente passa a ser o Instituto Federal de Mato Grosso. Aprova-se o estudo de navegabilidade do Rio Paraguai com a intensão de voltar a navegação fluvial, possibilitando o transporte de produtos. Cria-se o FIP- Festival Internacional de Pesca e acontecem a descoberta de sítios arqueológicos ao longo do rio Paraguai, como na fazenda Descalvados e na serra de Santa Marina.

Mãe	1º Geração	2º Geração	3º geração
Cáceres	Barra do Bugres	Arenápolis	Nova Marilândia
			Santo Afonso
		Tangará da Serra	
		Denise	
		Nova Olímpia	
		Porto Estrela	
	Mirassol D'Oeste	Araputanga	Indiavaí
			São José dos Quatro Marcos
		Glória D'Oeste	
	Rio Branco	Reserva do Cabaçal	
		Lambari D'Oeste	
	Salto do Céu		
	Jaurú	Figueirópolis D'Oeste	
		Porto Esperidião	
	Curvelândia		

Quadro 1 : Cidades emancipadas a partir de Cáceres-MT
 Fonte: FERREIRA (2017) p.227

O crescimento populacional de Cáceres começa a aumentar somente a partir dos anos de 1960, tendo seu ápice nos anos 80. Neste recorte temporal a cidade é impactada por programas governamentais voltados para a infraestrutura, tais como a construção da ponte Marechal Rondon sobre o rio Paraguai, abertura da BR 174 sentido de Cáceres à Rondônia e a BR 70 sentido de Cáceres à Bolívia, Programa de Integração Nacional (PIN), Programa Integrado de Desenvolvimento no Noroeste do Brasil (POLONOROESTE) Programa Especial de Desenvolvimento do Pantanal (PRODEPAN) e o projeto Corredores de Expansão (COREXPOR). Estes avanços tiveram alguns efeitos importantes, como o aumento populacional ocasionado pela migração e também à emancipação de algumas cidades fazendo com que Cáceres perdesse território e também habitantes. No Quadro1 é apresentado a relação de cidades que nasceram à partir de Cáceres; porém a população existente entre os anos 60 e 70 são em maioria do núcleo rural e somente nos anos 80 esse quadro é revertido e as pessoas começam a sair do campo e irem para a cidade.

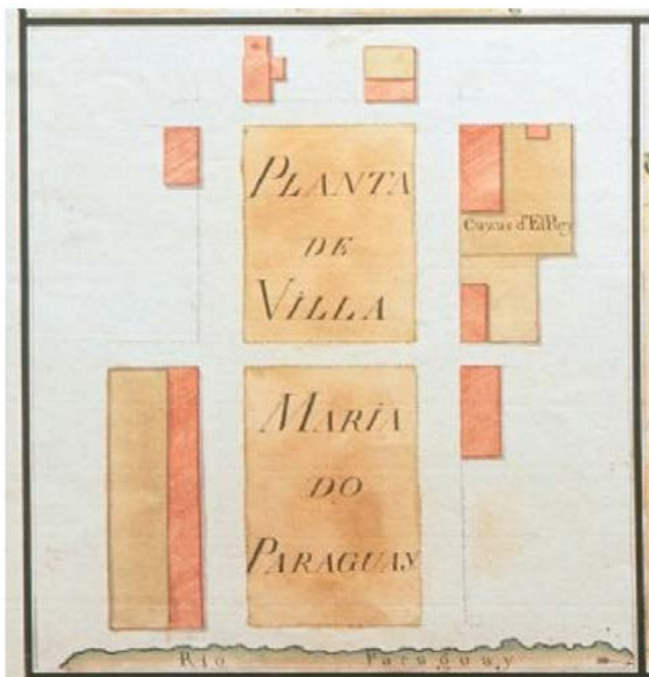


Figura 2: Planta de Vila Maria do Paraguai 1778.
 Fonte: PAULINA (sem data), disponível em: <http://www.sudoestesp.com.br/file/colecao-imagens-periodo-colonial-mato-grosso/678>. Acessado em 04 de abril de 2021.

O êxodo rural, marcado entre os anos de 1970 e 1980/90 na cidade de Cáceres, foi impulsionado principalmente pela pressão dos grandes produtores rurais que forçavam os pequenos produtores a se mudarem para a cidade, porém esta ação tinha como resposta a formação de núcleos urbanos isolados e principalmente situados nos entornos do rio Paraguai e dos córregos existentes, ocupando áreas de preservação ambiental e, conseqüentemente, matas ciliares. Este período também é marcado pela criação de programas de habitação de interesse social, a retificação de casas existentes no entorno do córrego do Sangradouro, a criação de uma área para o aeroporto e o setor industrial.

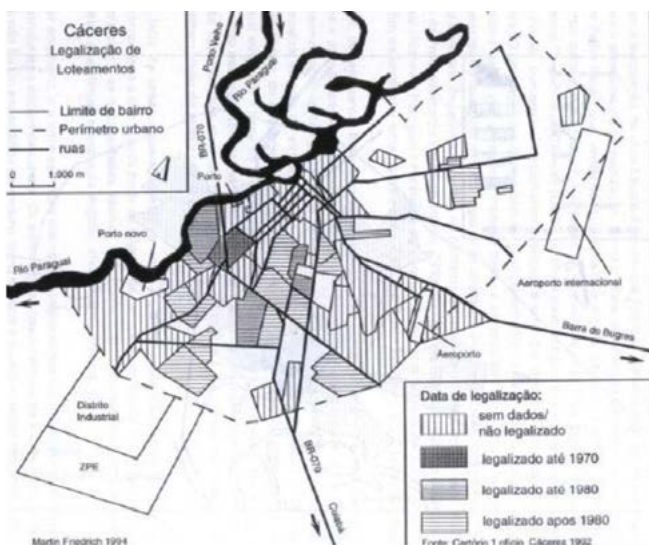


Figura 3: Expansão Urbana de Cáceres até 1984
Fonte: COY et al (1994) in: CRUZ E SOUZA, 2016

Ao analisar o sentido de crescimento da cidade pode-se dizer que o início da cidade é marcado com a delimitação das ruas e casa de Vila Maria do Paraguai (figura 3) próximo ao rio Paraguai em 1778, embora sua população fosse de maior número rural e não urbana. Ao longo do tempo foi sendo marcada por um vai-e-vem de habitantes. Enquanto Vila Bela da Santíssima Trindade era a Capital da capitania de Mato Grosso, Vila Maria do Paraguai possuía uma importância neste contexto, fazendo com que seus habitantes, ainda que poucos, permanecessem ali. Quando Cuiabá passa a ser a nova Capital há uma grande leva de pessoas que saem da cidade rumo a nova capital, pois a importância da vila já não é a mesma.

Com o passar do tempo sua população volta a crescer com a abertura da navegação do rio Paraguai, mas é somente a partir dos anos de 1960 que o crescimento urbano se torna expressivo, sendo maior a partir de 1980. A cidade começa crescer no sentido sul/sudeste (figura 3), sendo caracterizado como um crescimento irregular e disperso e depois de 1990 começa a crescer no sentido norte/nordeste.

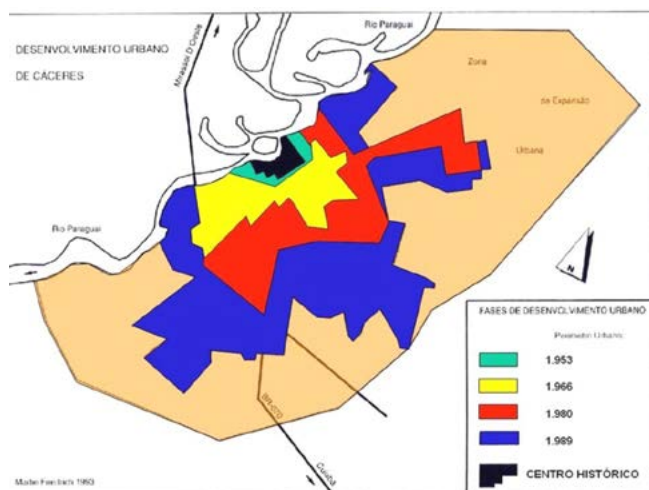


Figura 4: Desenvolvimento Urbano de Cáceres
Fonte: Cáceres, 2017.

Desta forma, pode-se dizer que a cidade de Cáceres chama a atenção de diversas áreas de estudos, pois além de possuir um importante centro histórico ela possui importantes biomas naturais e principalmente córregos urbanos os quais merecem uma atenção especial das autoridades competentes a fim de se manterem preservados. O seu crescimento desordenado põe em risco não somente as áreas de preservação ambiental, mas também o patrimônio histórico da cidade.

A figura 4 elucida o ano em que os bairros foram surgindo ao longo da história da cidade desde seu centro histórico até 1989.

Desenvolvimento

Uma das principais ferramentas que o poder público municipal dispõe para impedir o crescimento desordenado, a preservação do patrimônio público e cultural da cidade e principalmente preservar as áreas de proteção ambiental é o Plano Diretor, esta é uma das principais ferramentas do planejamento urbano em conjunto com o Uso e Ocupação do Solo e o Planejamento Setorial.

O Plano Diretor foi instituído pela Constituição Federal de 1988 no Título VII: Da Ordem Econômica e Financeira, no Capítulo II: Da Política Urbana, no art. 182 estabelece a obrigatoriedade do Plano Diretor para cidades que possuam mais de 20 mil habitantes e dita que este *“é o instrumento básico da política de desenvolvimento e de expansão urbana”* (BRASIL, 1988 p. 113). Fica destinado ao poder público municipal a sua elaboração e execução, podendo contar com o auxílio das associações representativas no desenvolvimento de ações de promoção do planejamento municipal em conjunto com as ações elaboradas pelo governo federal, o qual deve redigir diretrizes e normas para o bom funcionamento dos dispositivos constitucionais que permitam com que o poder público municipal possa interferir no espaço urbano (CARVALHO, 2001 p. 131 – 2).

Anos depois da aprovação da Constituição Federal de 1988, é aprovado a Lei nº10.257 de 10 de Julho de 2001 com o nome de Estatuto da Cidade. Esta lei ressalta a importância dos arts 182 e 183 da Constituição Federal sobre a Política Urbana, estabelece diretrizes gerais entre outras providências, estabelece normas de ordem pública e social regulamentando o uso da propriedade urbana em favor do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos em conjunto com o equilíbrio ambiental. No art 2º o Estatuto da Cidade deixa bem claro sobre o direito de a população residir em uma cidade sustentável, sendo de direito aos cidadãos moradia, saneamento ambiental, infraestrutura urbana, saneamento básico, transporte e serviços públicos. Também destaca sobre a proteção do patrimônio público e cultural, a participação dos munícipes nas decisões públicas e principalmente sobre questões de preservação do meio ambiente. Com isso o Estatuto da Cidade surge como uma lei que além de obrigar as cidades com mais de 20 mil habitantes a terem o plano diretor, determina as diretrizes sobre como ele deve ser estruturado.

A fim de atender as necessidades primeiramente da Constituição Federal de 1988 o Plano diretor da cidade de Cáceres, Mato Grosso, foi instituído pela Lei Complementar nº19 em 19 de Dezembro de 1995, anos depois foi modificado e atualizado através da lei Complementar nº90 de 29 de Dezembro de 2010. Desde 2010 até dezembro de 2020 não foi desenvolvido nenhuma outra Lei Complementar que atualizasse o Plano Diretor da cidade. A Lei Complementar nº90 de 2010 possui em sua estrutura 8 títulos e 100 artigos. Neste momento serão analisados o Título I: Dos princípios fundamentais e dos objetivos gerais do plano diretor, Título IV: Patrimônio Ambiental e Cultural, Título VI: Do ordenamento Territorial, Título VII: Da implementação do Plano Diretor, e o Título VIII: Das Disposições Gerais e Transitórias. Tais títulos foram escolhidos pois eles acabam sendo as bases das diretrizes formadora do espaço da Cidade.

No Título I, o Plano Diretor traça metas que buscam atender às necessidades dos cidadãos e aplicar as diretrizes do Estatuto da Cidade. Seu enfoque está voltado na justiça e equidade social dos seus habitantes não deixando de ser mencionado os cuidados e a interação do homem com o meio ambiente que ele vive e o cuidado com o patrimônio cultural. Outro interessante ponto nesse título é a interação dos cidadãos com a política pública constando no Art. 10º a obrigatoriedade da participação da população na aprovação de projetos de desenvolvimento municipal.

Também comenta sobre coibir a especulação imobiliária.

Ao tratar no Título IV sobre Patrimônio Ambiental e Cultural dividido em dois capítulos sendo o primeiro voltado a preservação ambiental e o segundo voltado para medidas de preservação do Patrimônio Histórico Cultural e Imaterial de Cáceres. Para atingir os objetivos o Plano Diretor propõe-se estabelecer parcerias com a sociedade, com as instituições de ensino municipal, estadual e federal e instituições de ensino privada, empresas e defesa civil. A implementação de educação ambiental e programas culturais descentralizados que permitam que todos tenham acesso a cultura e a preservação do patrimônio Cultural. Neste Título nota-se a importância da educação e a intervenção dos cacerenses na luta pela preservação tanto do meio ambiente quanto do patrimônio Cultural. Outros pontos importantes são a implementação da Agenda-21 e o incentivo para fomentar a integração das ações públicas e privadas que tem por função proteger o Patrimônio Cultural Cacerense em conjunto com os estudos e ações promovidas pelo IPHAN e outras entidades afins.

No Títulos VII as diretrizes são voltadas para o estabelecimento do território, suas divisões, suas infraestruturas e a preservação e manutenção das áreas verdes dentro ou fora da cidade através da criação de zonas e macrozonas. O Título VIII mostra os mecanismos e leis que o Município pode usar para que o Plano diretor seja executado.

Em toda sua estrutura, o Plano Diretor de Cáceres busca como subsídio os artigos presentes no Estatuto da Cidade; percebe-se que em todo seu escopo as questões de justiça social estão presentes e também a preservação e o equilíbrio entre o homem e o meio ambiente. A preservação do Patrimônio histórico e cultural é uma pauta discutida durante todo o Plano diretor. Deve-se ter em consideração que a cidade de Cáceres é uma cidade histórica possuindo um acervo de prédios tombados pelo IPHAN, e também possui uma importante hidrografia em seu território, sendo o rio Paraguai um importante rio para a cidade, recebendo carinhosamente o título de “princesinha do rio Paraguai”.

Afim de analisar as medidas tomadas durante os mandados foi utilizado o site da Transparência de Cáceres; nele é possível acompanhar como a administração pública está empregando os seus recursos possibilitando aos munícipes a participação ativa dos usos das verbas públicas. Em uma, nas abas do site encontra-se um espaço onde são descritas todas as obras aprovadas desde o ano de 2016, cada obra citada tem descrito seu ano de aprovação, onde foi implantada e a verba que foi destinada para sua execução.

Ao analisar as obras aprovadas descritas dentro do Portal da Transparência de Cáceres-MT entre os anos de 2016 a 2020, o site aponta 77 obras executadas ou em execução aprovadas pela prefeitura, no entanto a obra de nº47 aparece repetida, totalizando apenas 76. Para melhor compreensão as obras foram divididas nos seguintes grupos: 1- Cultura e Lazer, 2- Educação, 3- Saúde Pública, 4- Patrimônio Histórico e Cultural, 5- Obras Administrativas, 6- Segurança Pública e 7- Infraestrutura.

No grupo de 1- Cultura e lazer foram selecionadas as obras voltadas para a construção, reforma e/ou ampliação e conclusão de estádios de esporte, revitalização de praças, conclusão de obras e reformas no Terminal Turístico. De modo geral obras que relacionadas com a cultura e o lazer da população. No grupo 2- Educação foram selecionadas as obras referentes a construção, reforma e/ou ampliação de creches e escolas, sendo a maior parte das obras voltadas para creches. No Grupo 3- Saúde Pública foram contabilizadas as obras que estavam relacionadas com a construção, reforma e/ou ampliação de Unidades Básicas de Saúde e hospitais. No grupo 4- Patrimônio Histórico foram selecionadas duas obras Restauração de Prédio

Históricos e a Iluminação da Igreja Matriz São Luiz de Cáceres. No grupo 5- Obras Administrativas foram consideradas todas as obras aprovadas que de modo geral estavam associados a construção, reforma e/ou ampliação de prédios administrativos da prefeitura ou reformas na própria prefeitura. No grupo 6- Segurança Pública destaca-se somente uma obra voltada para a reforma do Prédio da Polícia. Por fim no grupo 7- Infraestrutura, foram considerados os projetos de iluminação pública, obras para recapear ou pavimentar ruas, manutenção em pontes.

O quadro 2 mostra o resultado das Obras aprovadas durante os anos de 2016 a 2020.

	Grupo	Nº de Obras Aprovadas
1	Cultura e Lazer	15
2	Educação	14
3	Saúde Pública	15
4	Patrimônio Histórico e Cultural	2
5	Obras Administrativas	13
6	Segurança Pública	1
7	Infraestrutura	16
Total de Obras Aprovadas		76

Quadro 2: Obras aprovadas pela Prefeitura de Cáceres.
Fonte: Prefeitura de Cáceres, 2021
com adaptação dos autores.

Das obras aprovadas dá-se destaques às de Infraestrutura seguidas das de Cultura e Lazer, Saúde Pública e Educação, o que denota a preocupação da cidade com relação a essas áreas. Embora a cidade tenha um importante centro histórico apenas duas obras foram voltadas a esse tema. A partir do site não houve nenhuma obra aprovada que falasse sobre moradias públicas ou sobre a proteção ou recuperação de áreas verdes ou Zonas de proteção ambiental.

Conclusões

A formação da malha urbana de Cáceres remonta de tempos desde o período colonial e durante sua construção ao longo do tempo houve muitos acontecimentos que fizeram com que a cidade ganhasse ou perdesse destaque e como consequência o fluxo de habitantes no perímetro urbano aumentasse ou diminuísse. Este fluxo não foi planejado muito menos controlado o que permitiu que muitas famílias acabassem se instalando no entorno dos córregos, em áreas de proteção ambiental e principalmente nas áreas periféricas e como resposta a cidade foi crescendo de forma desordenada e formando pequenos núcleos urbanos.

Embora a Constituição Federal de 1988 exigisse a criação do Plano diretor, e sendo reforçada no ano de 2001 com a aprovação da lei do Estatuto da Cidade, a cidade de Cáceres só teria seu plano diretor aprovado em 1995 e reformulado em 2010 sendo que até o ano 2020 não houve alterações.

Ao comparar as obras aprovadas com o Plano Diretor principalmente em seu Título I, pode-se dizer que a cidade vem buscando garantir o direito à cidade de seus habitantes, por meio de propostas de recuperação de praças e áreas de lazer e melhorias na infraestrutura da cidade, embora o tema “direito à cidade” deva ser discutido à parte devido a sua complexidade. Quanto às obras realizadas no tocante à cultura e lazer, educação, saúde pública, segurança pública e infraestrutura, estas obras atendem às necessidades dos cidadãos, dando a eles melhores condições de vida e justiça social; e atendem aos direitos fundamentais individuais e sociais, principalmente permite aos seus habitantes o desenvolvimento econômico e social, ou seja, cumprem com as questões sociais ditas dentro do Plano diretor.

Embora o Estatuto da Cidade ressalte a importância do direito de uma cidade sustentável e o Plano diretor da cidade acate essas premissas, dedicando um capítulo a esse tema e reforçando-o durante todo o texto Plano diretor, o que se observa é uma realidade distante do que está descrito. Houve apenas uma obra aprovada que pode ser associada a esse tema, a revitalização da orla de Cáceres, mesmo assim esta obra se torna pequena perante o contexto de sustentabilidade defendida no Plano Diretor.

Sobre o tema Patrimônio Cultural presente no Título IV, Capítulo II: Da cultura e do Patrimônio Cultural, duas obras são bem explícitas, a obra de Restauração em prédios históricos para reforma e adaptação do antigo prédio do Governo Municipal (Biblioteca Municipal Professora Leonídia Avelino de Moraes) e a obra voltada para a iluminação da igreja matriz; porém, pode-se enquadrar dentro deste contexto a revitalização da praça Barão do Rio Branco e a construção do museu histórico. Embora sejam poucas obras elas permitem que a população tenha acesso pleno a sua cultura. Quanto aos demais requisitos como os programas, os inventários e integração da população junto ao IPHAN para a preservação do seu patrimônio material e imaterial, é necessária uma pesquisa mais detalhada a fim de entender como esse processo é realizado pelo poder público municipal de Cáceres.

Muitas obras foram realizadas quanto a infraestrutura principalmente com fins de iluminação pública e pavimentação, cumprindo com as metas descritas no Título VI, capítulo IV: Infraestrutura, porém não cumpre apenas os dizeres deste título mas também do Título I.

Por fim, as obras aprovadas no portal transparência destaca uma preocupação do governo municipal nas áreas da saúde, educação e infraestrutura, considerando o número de obras aprovadas relacionadas a esses temas são expressivas. Seria necessário um olhar mais aprofundado em todas as medidas tomadas pelo poder público municipal para compreender como a cidade vem cuidando de suas áreas de preservação ambiental, do seu patrimônio histórico e Cultural, analisar com cuidado a Lei Orgânica do município e também os Planos Plurianuais desenvolvidos desde 2010. Outro fator importante para o desenvolvimento da cidade é compreender como a sua população tem interagido com os processos de desenvolvimento da cidade, o quão significativo vem sendo esta interação entre os habitantes e a aplicabilidade do Plano diretor.

Observando as ações do portal da Transparência e do Plano diretor da cidade de Cáceres, pode-se dizer que mesmo não sendo o ideal é o necessário para permitir que os moradores se sintam pertencendo àquele lugar e sintam aquele lugar como seu – sua terra, seu chão. Neste processo de identificação do indivíduo com o lugar, há de surgir, por meio de uma pedagogia subliminar de aprendizagem dos hábitos e da cultura local, não só a formação de um cidadão responsável, mas antes, a formação de um construtor do seu espaço e do seu habitat. O cidadão acolhido e aceito por sua cidade, mesmo que distante das decisões políticas, torna-se um configurador da própria cidade; será ele a definir o uso dos espaços e das propostas políticas; será ele a construir uma cidade outra, que não a cidade dos projetos e propostas, mas a cidade vivida, e com isso construirá o seu território, a sua territorialidade e deixará suas marcas, feitas por suas ações espontâneas, porque, afinal, como dizia Benjamin, *“habitar é deixar marcas”* (2006, 46).

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

BRASIL. LEI No 10.257, DE 10 DE JULHO DE 2001 (Estatuto da Cidade). Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Recuperado em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm.

CÁCERES. Lei Complementar nº. 90 de 29 de Dezembro de 2010. Institui a atualização do Plano Diretor de Desenvolvimento do Município de Cáceres nos termos do artigo 182 da Constituição Federal de 1988, do capítulo III da Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001 - Estatuto da Cidade - e do Título IV, Capítulo V da Lei Orgânica do Município de Cáceres. Recuperado de: https://sic.tce.mt.gov.br/146/assunto/listaPublicacao/id_assunto/1456/id_assunto_item/7572.

CÁCERES. Lei Complementar nº 19 de 21/12/1995. Institui o Plano Diretor do Município de Cáceres, e consolida as normas legais básicas municipais, os Código de Obras do Município (Lei nº 137 de 14 de abril de 1961), e o Código de Posturas do Municipais (Lei nº 620, de 27 de dezembro de 1976), com suas respectivas alterações, cria o Código Sanitário Municipal e define a Política de Desenvolvimento Urbano/Rural, expansão urbana e Gestão Municipal. Recuperado de: <https://leismunicipais.com.br/a1/plano-diretor-caceres-mt>.

CARVALHO, SONIA NAHAS DE. Estatuto da cidade: aspectos políticos e técnicos do plano diretor. São Paulo em perspectiva, v. 15, n. 4, p. 130-135, 2001.

CHAVES, Otavio Ribeiro. Império português: o marco de Jauru e a povoação fronteiriça de Vila Maria do Paraguai, século xviii. In: Chaves, Otávio Ribeiro; Arruda, Elmar Figueredo de. História e Memória: Cáceres. Editora Unemat, 2011, p. 303.

CRUZ, Jean da Silva; SOUZA, Célia Alves de. A questão urbana na bacia do alto Paraguai: desenvolvimento urbano e suas implicações nos canais de drenagem em Cáceres/MT (períodos de 1945 a 2013). Boletim de Geografia, v. 34, n. 3, p. 111-128, 2016.

FERREIRA, João Carlos Vicente. Mato Grosso e seus municípios. Secretaria do Estado de Educação. Cuiabá, 2001.

FERREIRA, Evaldo. Cáceres: histórico, desmembramentos e a questão regional do sudoeste mato-grossense. Revista Ciência Geográfica, Bauru-SP, Ano 21, Vol. 21, Janeiro/Dezembro – 2017.

MORAES, Maria de Fátima Mendes Lima. de. Vila Maria do Paraguai: um espaço planejado para consolidar a fronteira oeste 1778-1801. 2003. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

Prefeitura de Cáceres-MT. Portal da Transparência, Acesso a informação: obras. Disponível em: <http://177.4.174.14:5656/transparencia/>. Acessado em: 22 de Março de 2021.

Portal da Transparência. Disponível em: <http://www.portaltransparencia.gov.br/control-social/o-portal-como-ferramenta>. Acessado em: 22 de Março de 2021.

Autores:

Antonio Busnardo Filho. Arquitetura e Urbanismo (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Farias Brito, 1979), Mestre (1997) e Doutor (2002) em Educação (Universidade de São Paulo). Professor titular do Centro Universitário de Várzea Grande, Mato Grosso (mestrado acadêmico em Arquitetura e Urbanismo). antonio.busnardo@univag.edu.br

Willian Jonas Mininel. Arquitetura e Urbanismo (Centro Universitário de Várzea Grande, 2019), Mestrando do programa de Pós graduação Stricto Senso Mestrado Acadêmico em Arquitetura e Urbanismo com ênfase em Arquitetura, Cidade e Território (Centro Universitário de Várzea Grande, 3º semestre). mininelwj@gmail.com

VIDA URBANA EM TEMPOS DE COVID: A Relação Entre Espaço e Indivíduo

Eje/Eixo Temático 1

Marcela Correa
Eduardo Munhoz de Lima Castro
Universidade São Judas Tadeu

Resumo

A cidade é um organismo que abriga contrastes, culturas, dentro de um contexto plural. Seus tecidos permanentes constituem-se de lugares identitários: uma estrutura viva, porém com suas imperfeições e agentes estressores onde o indivíduo constrói suas relações de significados estabelecendo valores. Em toda a urbanidade a vida se movimenta, expande, influenciando no comportamento e modo de sociabilização dos indivíduos. Este artigo abre a discussão para a reflexão sobre a sociabilidade em meio à pandemia da COVID 19 que vem segregando o indivíduo do espaço urbano, alterando seu comportamento de forma compulsória e estabelecendo novas regras de relacionamento.

Palavras-chave: **pandemia, espaço público, ambiente restaurador, sociabilização e topofilia.**

Resumen

La ciudad es un organismo que abriga contrastes, culturas, dentro de un contexto plural. Sus tejidos permanentes se constituyen de lugares con identidad: una estructura viva, pero con sus imperfecciones y agentes estresores donde el individuo construye sus relaciones de significados estableciendo valores. En toda la urbanidad la vida se mueve, expande, influenciando en el comportamiento y modo de sociabilización de los individuos. Este artículo abre la discusión para la reflexión sobre la sociabilidad en medio a la pandemia de COVID 19 que contribuye a segregar el individuo del espacio urbano, alterando su comportamiento de forma compulsoria y estableciendo nuevas reglas de relacionamiento.

Palabras-llave: **pandemia, espacio público, ambiente restaurador, sociabilización, topofilia.**

1. Introdução

A pandemia da COVID-19 vem transformando a vida das pessoas, levando a novas práticas sociais. A vida urbana está sendo discutida por especialistas que estão repensando as cidades futuras. O cenário pandêmico acentuou as desigualdades e sobretudo as formas de socialização. Mas, e quando esses encontros estão suspensos pelo medo de contrair o vírus com a exposição nos espaços?

O espaço é um lugar praticado, sendo assim, a rua geometricamente definida pelos urbanistas é transformada pelos pedestres que em seus cotidianos, simbolizam o lugar a partir das interferências físicas e cognitivas (CERTEAU 1990, p. 202). Na vida urbana a presença de estranhos acrescenta uma incerteza a todas as buscas existenciais dos moradores das cidades, o medo do desconhecido busca desesperadamente escoadouros de confiança, como afirma Bauman, (2007, p. 90-94). Para o autor, o estranho é por definição um agente movido por intenções que pode no máximo supor, embora nunca se tenha certeza de havê-las captado totalmente; dividir o espaço com estranhos é viver na incômoda proximidade, é condição dos habitantes da cidade. A vida na cidade é uma experiência ambivalente, ela atrai e repele (BAUMAN, 2007, p. 90-94).

No entanto, Calliari (2016, p. 23), diz que mesmo entre estranhos há sempre um traço comum de comportamento que permite a troca nos ambientes públicos, onde existe a necessidade de compartilhar, uma pessoa que pede informação em uma banca de jornal; outra que oferece um lugar ao mais velho numa praça; duas pessoas que nunca se viram estão lado a lado enquanto assistem à performance de um artista de rua. Para o referido autor o barulho da cidade, o movimento das pessoas distintas faz a fruição da cidade, e mesmo que não se fale com o outro a cidade é vivida no coletivo, sendo o ambiente da alteridade e da diversidade.

O espaço público está ligado ao exercício da alteridade e diversidade, onde a cidade se torna um assentamento e os estranhos podem se encontrar (CALLIARI, 2016, p. 65). A experiência do encontro com estranhos em local público é a essência da civilidade em seus conjuntos de atos e regras que normatiza a convivência entre pessoas que não tem intimidade entre si, ainda segundo o autor a convivência com a alteridade em graus variados de intimidade faz com que o habitante da cidade represente papéis que possibilitam a troca (CALLIARI, 2016, p. 46-47). O espaço urbano proporciona a experiência da vida:

o fato de o espaço, o vazio, ser o protagonista da arquitetura é, no fundo, natural, porque a arquitetura não é apenas arte nem só imagem de vida histórica ou de vida vivida por nós e pelos outros; é também sobretudo, o ambiente, a cena onde vivemos a nossa vida (CALLIARI, 2016, p. 61).

Porém, o espaço não pode ser reduzido apenas a uma localização ou as relações sociais, ele representa uma multiplicidade de preocupações sociomateriais: o espaço é uma localização física, uma expressão mental, é ao mesmo tempo o local geográfico da ação e a possibilidade de engajar-se na ação (GOTTDIENER, 2010, p. 127).

Concordando com o autor, entende-se que o espaço não só representa o local onde ocorrem os eventos, mas também significa a permissão social de engajar-se nesses eventos. Como afirmam Zioni e Costa Kato (2015), é na dimensão do vivido e das práticas sociais que as relações adquirem um significado social e histórico. O espaço público urbano, na visão das autoras, não é apenas um lugar de representação, mas também do real e por meio dele a interação, as relações dos atores, os significados diferenciados são compartilhados simultaneamente. O espaço público é lugar da

ação política ou ao menos da sua possibilidade na contemporaneidade, segundo afirma Serpa (2017, p. 9); o coletivo social se faz presente para a realização das transformações dos lugares. As atividades humanas são condicionadas pelo fato dos homens viverem juntos, a ação não pode ser concebida fora da sociedade (ARENDR, 2007).

De acordo com Carlos (2007, p. 20-21), a análise espacial da cidade no que se refere ao processo de produção, revela a indissociabilidade entre espaço e sociedade na medida em que as relações sociais se materializam em um território real e concreto. O que significa dizer que, ao produzir sua vida, a sociedade produz e se reproduz por meio da prática socioespacial. A materialização do processo é dada, pela concretização das relações sociais produtoras dos lugares - esta é a dimensão da produção/reprodução do espaço, passível de ser vista, percebida, sentida, vivida. O homem se apropria do mundo por meio de um espaço-tempo determinado, que é aquele da sua reprodução na sociedade. Desloca-se, assim, o enfoque da localização das atividades para a análise do conteúdo da prática sócio-espacial enquanto movimento de produção/apropriação/reprodução do espaço da cidade.

A cidade viva e convidativa é também o ponto de partida que envolve qualidades essenciais que tornam os espaços mais seguros e saudáveis. Os espaços convidativos são cuidadosamente projetados e sustentam os processos que reforçam a vida urbana. (GEHL, 2017, p. 65). Espaços convidativos devem ser cuidadosamente projetados. A polarização do debate para combater a pandemia tem tomado notoriedade nesse aspecto gerando o questionamento: que tipo de espaços estamos dispostos a oferecer pensando nesse cenário?

Para dar enfoque à vida na cidade e sua interação com o espaço público, é essencial aprender mais sobre os sentidos humanos. Precisamos de tal conhecimento para adaptar a cidade à escala humana. (GEHL; SVARRE, 2018, p. 108). A distância é um aspecto significativo do trabalho com os sentidos humanos em relação ao espaço público.

2. Relações Humanas Sensoriais com o Ambiente Construído

Os sentidos acompanham nossa vida. Por meio deles percebemos o mundo que nos cerca; descobrimos, vivemos experiências, reagimos, emocionamos, registramos fatos na memória; criamos o repertório da nossa vida, sentimos sabores e perfumes. Cheiros, sons, texturas, imagens entre tantos outros elementos dos sentidos nos acompanham desde sempre e despertam nossas sensações. Marcam um lugar de forma sensorial e afetiva.

Em meio a toda agitação frenética da cena urbana, alguns lugares promovem uma relação de afetividade com as pessoas permitindo um bem estar. Nosso corpo reage ao espaço físico construído onde os ambientes conversam de forma subjetiva em uma relação pessoa-ambiente agindo no comportamento do indivíduo que reconhece seu significado, emocional ou funcional, cognitivamente sob uma identidade (LYNCH, 1960; NORBERG-SCHULZ, HEIDEGGER apud REIS, 2017).

O ambiente construído possui um significado muito maior do que se vê fisicamente - ele produz relações sociais. É um lugar praticado onde o usuário em seu cotidiano o simboliza a partir de suas interferências físicas e cognitivas (CERTEAU, 1990 apud CORREA, 2018, p. 16). Por ser um meio onde as experiências se revelam e os sentidos se conectam a materialidade, a ambiência quando retroalimentada de forma positiva produz certamente um sentimento restaurador no indivíduo. O lugar construído reage com o indivíduo criando sensações neuropsíquicas, estimulando

os sentidos humanos. Ele nos envolve e nos deixa em estado de entrega, somos possuídos por ele (REIS, 2017). É aquilo que sentimos pela expressão material. O lugar existe não apenas para cumprir uma função arquitetônica mas para que possamos entender seu significado, e possamos participar criativamente. Pode ser determinado à um bairro, à uma rua, uma praça. É um conceito que se alia a uma base territorial e cultural, correspondendo a escala do pedestre onde sua espacialidade formal, geográfica e social é passível de se conhecer pelo uso (BARROS, 2004).

A cidade é um espaço vivo, cheio de lugares, onde o indivíduo se relaciona por memórias espaciais e simbólicas. As pessoas, por meio da sociabilidade, dão sentido à experiência do lugar. A ação do indivíduo sobre o lugar gera experiência, percepções e sensações que dependem da inter-relação da pessoa com o lugar, explorando laços emotivos (BARROS, 2004; FELIPPE, KUHNEN, 2012). A relação homem ambiente determina a existência do espaço e qualifica o lugar.

O sentido do espaço só existe a partir da experiência do 'eu'; portanto, o sentido do espaço da arquitetura não está no interior da abstração do espaço, no interior da arquitetura, na relação utilitária entre o cheio e o vazio, e tampouco nas entranhas das paredes. Qualquer sentido que se possa atribuir está fora dele, muito além de sua superfície. Está no interior de quem o vivencia, está nas pessoas que nele se deslocam constantemente. Curiosamente transportamos o sentido do espaço para qualquer lugar que formos (FUÃO, 2004).

Nas grandes capitais, fatores estressores agem de várias formas sobre o indivíduo ocorrendo por diversas circunstâncias, particulares e próprias, que contribuem para uma baixa qualidade de vida resultando na distância da natureza, dos sentidos, das boas sensações, impactando a vida de forma negativa. Soma-se a este momento aspectos psicológicos que surgem do confinamento imposto pela COVID-19, sob a tentativa de diminuição de sua propagação e suprir o atendimento à população no âmbito hospitalar.

A vida cotidiana em meio a pandemia forçou o ser humano a romper com os padrões tradicionais impondo novos comportamentos frente à situação da crise sanitária, levando a reações psíquicas muitas vezes estressoras, que ainda iremos, posteriormente, avaliar as possíveis sequelas desse novo tempo. Para que se permita uma diminuição do estresse a essas situações o indivíduo necessita estar cercado por elementos ambientais que oportunizem uma percepção de bem estar, diferentemente da situação encontrada no meio urbano (ULRICH apud SILVEIRA, FELIPPE, SCHUTZ, 2019).

Ulrich (1991) reforça o exposto quando afirma que os indivíduos urbanos estão envolvidos em uma situação estressora. Sua pesquisa indica que as influências da natureza sob o indivíduo, promove a mudança a um estado emocional positivo, revelando-se uma importante força restauradora.

A importância dos espaços de sociabilização em especial áreas verdes no tecido urbano, promovem a recreação necessária em momentos de isolamento (HALL, 1977; SILVEIRA, FELIPPE, SCHUTZ, 2019). Em um momento onde a COVID-19 se faz presente, a criação desses espaços com a apropriação de elementos biofílicos apresentando-se como áreas de descompressão são de fundamental importância, contribuindo para a dissolução do estresse e situações de violência fomentando uma ambiência restauradora.

A situação que a pandemia apresenta é alarmante e um método frequentemente informado pelas autoridades sanitárias para diminuição da propagação do vírus é pelo distanciamento social, além, é claro, de outros instrumentos de higiene. Porém,

o indivíduo exposto a situação de isolamento e a quarentena, aponta para um quadro cujas consequências psíquicas tendem a ser notadas ao longo da vida. O autor CARREIRA et al. (2011) citado no artigo de CANUTO et al. (2020, p. 123-124) relata que

o isolamento social vem sendo visto por vários autores como um dos grandes problemas que podem afetar a saúde das populações, pois afeta suas relações e aumenta as desordens psicológicas advindas deste comeditamento. Por este contexto, é favorável aos indivíduos vivenciarem perdas em vários aspectos da vida, aumentando a vulnerabilidade a quadros depressivos que podem desencadear desordens psiquiátricas, perda da autonomia e agravamento de quadros patológicos preexistentes.

O fato do isolamento social resultar em distúrbios psicológicos, não significa que não deva ser realizado, ao contrário, Canuto et al. (2020) concluem indubitavelmente que essa ação consoante a medidas amplas de distanciamento social possuem um grande potencial em diminuição de transmissão da doença. Contudo, a ação deve ser realizada considerando políticas públicas capazes de compreender todas as camadas da população e que estas possam usufruir por meio de protocolos de segurança ao acesso a ambientes regeneradores, como o caso de parques, áreas verdes e parques lineares. Assim, como uma conclusão parcial pode-se afirmar que espaços desestressores possuem elementos que de alguma forma ativam o foco do indivíduo para um outro olhar, sereno, contemplativo, carregado de memórias afetivas, trazendo sentimentos ligados ao prazer e bem estar, reconhecendo o ambiente do ponto de vista interior do indivíduo. Cisotto (2013, p.95) explicita que o indivíduo ao perceber o ambiente construído, ativa gatilhos mentais onde:

as formas como os sentidos (visão, olfato, audição, tato) atuam nas maneiras do homem responder, reconhecer e atuar no mundo, com os estímulos ambientais nos tocando [...] ressalta que o homem aprecia a sensação de compressão do espaço, pelo acúmulo de informações simultâneas, táteis, auditivas, olfativas que permitem que os humanos sintam as distâncias, as direções dos eventos, todos esses sentidos fazem parte do processo de reconhecimento espacial.

O modo como o indivíduo percebe o espaço, principalmente para uma condição que o regenere é um fator relevante para diminuição da carga de estresse. O emprego do conceito da topofilia pode auxiliar na construção desses espaços. Yiu Fu - Tuan, geógrafo sino-americano, autor na condução desse tema, discorre em suas obras sobre os aspectos sensoriais do espaço; o sentimento de apego das pessoas ao ambiente construído; identifica a percepção sobre o meio e espaço que ocupam, as relações e significações do lugar, e revela que a indiferença das pessoas sobre o ambiente que as cercam sofre uma transformação quando se ativa elementos da topofilia - o lugar carregado de significados emocionais percebidos como símbolos, que conecta a pessoa a um sentimento de afetividade com o ambiente. O termo "topofilia", "tópos" em grego, significa lugar e "filia" corresponde a amor, amizade, afinidade e se associa ao sentido de lugar, da experiência, fazendo parte dos estudos da percepção ambiental. Pode ser considerada o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico.

Ao associarmos o estudo da topofilia na edificação de espaços regeneradores com a biofilia, pressupõe-se um conjunto de elementos capazes de ampliar os efeitos psicológicos gerados por esses espaços. Biofilia - bios, vida e philia, vida, termo que significa amor pela vida, pode ser considerado como a necessidade que sentimos de estarmos em contato, interagir e nos relacionarmos com a natureza, foi designado

pelo biólogo e pensador evolucionista, norte americano, Edward Osborne Wilson, a partir do ano de 1984, para “*significar a tendência inata dos seres humanos (de todos as idades, locais e culturas) para desenvolverem uma ligação emocional à vida e aos processos vivos*” (FONSECA, 2009, p. 602).

A biofilia se fundamenta na necessidade inata da troca que ocorre do indivíduo com a natureza promovendo seu “*bem-estar biopsicossocial, colaborando, desta forma, para a constante valoração de parques, zoológicos, jardins, bosques, lagos e paisagens naturais, bem como a vinculação destes espaços com a sensação de paz e tranquilidade*” (ZANATTA et al. 201, p. 950). Os autores também se referem sobre a utilização da natureza como componente de manutenção metabólica, o que corrobora para o fator regenerador do indivíduo. No mesmo estudo, os autores afirmam sobre os benefícios da relação humana com a natureza onde, a partir dos dados apurados

foi possível atestar a hipótese de que os benefícios decorrentes da intrínseca e natural inter-relação entre os seres humanos e os elementos naturais são efetivos em momentos de elevada vulnerabilidade, se mostrando hábeis na promoção de benefícios nas esferas biopsicossocial e espiritual. (ZANATTA et al. 2019, p. 961).

A conexão do indivíduo com elementos da natureza no espaço urbano auxilia o organismo a suportar melhor física e emocionalmente as tensões. Grahn e Stigsdotter (2003) autores citados por Perehouskei e De Angelis (2012) pesquisaram as relações de indivíduos em parques, jardins e espaços verdes sob a condição de investigar a diminuição do estresse e a oportunidade de recuperação da saúde, onde desde 1980 estudos indicam que o contato com elementos da natureza auxilia na recuperação com problemas relacionados ao estresse. Corroborando a essa pesquisa, Londe e Mendes (2014, p. 269) completam que a criação de espaços verdes no contexto urbano dotado de infraestrutura e segurança contribui para a sociabilização, traz benefícios e bem estar a saúde física e psíquica.

Diante do exposto se faz necessário conduzir a reflexão para o estudo de ambientes restauradores verdes que contribuem para qualidade de vida de forma permanente, até após a onda pandêmica que vivemos; e uma discussão sobre a sensibilidade na produção dos espaços urbanos de forma a permitir a contínua sociabilidade. Protocolos e políticas devem ser repensadas para a manutenção da vida nesses ambientes. A cidade, como um organismo vivo, não deixará de coexistir com essa doença. A diversidade e o contraste que a cidade abriga nos leva a uma realidade de como vimos o ambiente construído - muitas vezes direcionado a uma grande formalidade onde se tem colocado em segundo plano a fenomenologia do lugar, o sentido afetivo, psicológico e emocional do indivíduo. De uma forma cartesiana a cidade foi sendo erguida atendendo a aspectos materiais, tornando secundário o sentido do lugar, distanciando-se de aspectos simbólicos. Observar e propor o espaço pelo viés holístico é uma proposta a considerar nas relações interpessoais do indivíduo sob o ambiente construído.

Se, por um lado, a socialização em meio a áreas verdes constitui-se em um fator regenerador do indivíduo, ao mesmo tempo e talvez por falta de protocolos de segurança não seja possível sua realização. A situação de momento nos leva a novos comportamentos e novas formas de buscarmos o relacionamento com o outro. Uma delas está no uso da rede, da internet.

A pandemia acentuou outra característica da contemporaneidade: refere-se ao fato de que atualmente a sociedade está passando por uma transformação no que diz respeito à produção da informação (LÉVY, 2001, p. 52). A Internet é uma

rede sociotécnica, ou, dito de outra forma, um enredamento indissociável de ciência, tecnologia e sociedade que dá luz a um conjunto de novas práticas, manifestações de um processo mais amplo que abrange e as tornam possíveis, transformações nas subjetividades e nos modos de ser que estão ocorrendo no campo da sociabilidade (CAIAFA, ELLHAJJI, 2007, p. 182). Também Castells (2003), aponta a sociabilidade por meio das redes sociais, oriunda da tecnologia, ao afirmar:

“A sociabilidade está se transformando através daquilo que alguns chamam de privatização da sociabilidade, que é a sociabilidade entre pessoas que constroem laços eletivos, que não são os que trabalham ou vivem em um mesmo lugar, que coincidem fisicamente, mas pessoas que se buscam.” (CASTELLS, 2003, p. 274).

Os processos urbano-industriais, mudaram as relações sociais, o seu contexto e sua estrutura e para Park (1979, p. 46), a natureza geral dessas mudanças é indicada pelo fato de que o crescimento das cidades foi acompanhado pela substituição de relações diretas, face a face, por relações indiretas, nas associações de indivíduos na comunidade. Isto nos leva a pensar que, segundo diz Milton Santos (1997), o desenvolvimento e a incorporação dos sistemas tecnológicos informacionais nas formas de produção compreende períodos de modernização. Nesse sentido ocorre a substituição do meio natural por um meio cada vez mais artificializado compreendendo o meio técnico científico informacional como meio geográfico do período atual.

3. Considerações Finais

Estimulou-se e valorizou a circulação de pessoas nas cidades com programas que expandem as ruas para pedestres nos últimos anos e hoje frente a crise sanitária global o indivíduo teme pelo contágio. É possível observar mudanças comportamentais e também na estrutura da gestão pública e planejamento urbano em cidades. Projetos que promovem a segurança do convívio social têm sido discutidos. A vida social e o acesso às necessidades básicas tendem a acontecer nas ruas, com maior distância entre as pessoas e mais facilidade de acesso, ou seja, com necessidade de mais espaço e maior proximidade entre residências e todos os serviços e equipamentos básicos (SAMPA PÉ, 2021).

Um ponto a se discutir está na relação em que o vírus impôs sobre o deslocamento dos indivíduos na cidade, afinal, se o distanciamento social pressupõe uma certa barreira de convívio, por outro lado, as cidades oferecendo condições de caminhabilidade podem garantir um ambiente urbano de coexistência e trocas, realizado por meio de políticas e hábitos que irão se construir, de forma permanente, para um novo normal.

A pandemia da COVID-19 veio a somar a fatores estressores que atuam nos indivíduos nas grandes capitais, contribuindo ainda mais para uma baixa qualidade de vida, criando os mais diversos aspectos psicológicos e sociais. O impedimento do convívio entre pessoas em lugares públicos sob a intenção de criar uma barreira do alastramento do vírus dá sinais de fraqueza, alertando que a necessidade de repensar o ambiente construído para um novo normal é uma questão de urgência.

As cidades precisam retomar e repensar suas formas de uso em seus espaços. Essa relação entre as pessoas e o ambiente urbano, com seus espaços carregados de significados dão sentido aos espaços da cidade e à vida urbana. Embora a atualidade crie tendências de afastamento dos espaços públicos pelas diferentes classes sociais, deve-se ampliar as discussões no cenário atual. São elas que cada vez mais resgatam

o significado do lugar (CALLIARI, 2016). Embora também ocorra o distanciamento social devido a ação para se conter a proliferação do vírus da COVID-19, manifesta-se a importância sobre a construção de políticas de uso de espaços públicos para uma socialização segura, dentro de protocolos determinados. A coexistência dos indivíduos com este e outros vírus, tão nocivos quanto, é uma realidade, o que altera o comportamento e hábitos dentro da cidade.

A diversidade e o contraste que a cidade abriga nos leva a uma reflexão da realidade de como vimos o ambiente construído onde se tem colocado em segundo plano a fenomenologia do lugar, o sentido afetivo, psicológico e emocional do indivíduo. De uma forma cartesiana, a cidade foi sendo erguida atendendo a aspectos materiais, tornando secundário o sentido do lugar, distanciando-se de aspectos simbólicos. Observar e propor o espaço pelo viés holístico é uma proposta a se considerar nas relações interpessoais do indivíduo sob o ambiente construído. Pensar em uma cidade que possa acolher seus cidadãos, com deslocamentos, atividades sociais e a interação entre pessoas, com um olhar de forma segura é uma premissa de discussão.

O indivíduo tem em sua essência a relação com o outro. Somos seres que vivemos de forma comunitária e os relacionamentos são inerentes à vida. Assim, cabe a reflexão e discussão sobre as formas de como promover espaços saudáveis em ambientes urbanos, regeneradores, amplamente sociáveis e, reforçando o termo, seguros.

As cidades, como as ciências biológicas, não apresentam um problema de complexidade organizada que, se compreendido, é a explicação de tudo (JACOBS, 2007).

4. Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hannah. A condição humana. Trad. Roberto Raposo. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BARROS, S. A. L.. A escala bairro e o conceito de lugar urbano: o caso de apipucos e poço da panela no Recife. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, [S. l.], n. 15, p. 56-74, 2004. Doi: 10.11606/issn.2317-2762.v0i15p56-74. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43372>>. Acesso em: 28 out. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. Tempos líquidos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CAIAFA, Janice; ELHAJJI, Mohammed. **Comunicação e sociabilidade cenários contemporâneos**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

CALLIARI, Mauro. **Espaço público e urbanidade em São Paulo**. São Paulo, Bei comunicação, 2016.

CANUTO, P. J.; LIMA, L. DE S.; BARBOSA, H. C. V.; BEZERRA, K. A. Repercussões do isolamento social diante da pandemia covid-19: abordando os impactos na população. *Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, p. 122 -131, 18 jun. 2020.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. In: MORAES, Denis. Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1990.

CISOTTO, M. F.. Sobre topofilia, de Yi-Fu Tuan. Geograficidade, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 94-97, July 2013. ISSN 2238-0205. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12868>>. Acesso em: 30 out. 2020. DOI:<https://doi.org/10.22409/geograficidade2013.32.a12868>.

CORREA, Marcela. Espaço público e sociabilidade urbana. Avenida Paulista. Dissertação (Mestrado). Programa de Mestrado Profissional em Projeto, Produção e Gestão do Espaço Urbano. FMU. São Paulo: 2018. 144p.

FELIPPE, Maíra Longhinotti; KUHNNEN, Ariane. O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. Estud. psicol. (Campinas), Campinas, v. 29, n. 4, p. 609-617, Dec. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2012000400015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 out. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000400015>.

FUÃO, Fernando Freitas. O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido? – 1ª parte. *Arquitextos*, São Paulo, ano 04, n. 048.02, Vitruvius, maio 2004. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/582>>. Acesso em: 28 out. 2020.

FONSECA, Pedro Ricardo Gouveia. [Recensão a] Edward O. Wilson, a criação. Um apelo para salvar a vida na terra. Tradução de Maria Adelaide Ferreira. **Biblos**. Vol. 7 (2009). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14195/0870-4112_7_29>. Acesso em: 8 abr. 2021.

GEHL, Jan. Cidades para Pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2017.

GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. A vida na cidade: como estudar. São Paulo, Perspectiva, 2018.

GOTTDIENER, Mark. A produção social do espaço urbano. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2010.

HALL, Edward T. A dimensão oculta. Rio de Janeiro. Editora Francisco Alves, 1977.

JACOBS, Jane. Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LÉVY, Pierre. A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Ed. 34, 2001.

LONDE, P. R.; MENDES, P. C. A influência das áreas verdes na qualidade de vida urbana. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 10, n. 18, p. 264 - 272, 25 jul. 2014.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In. VELHO, Otávio (org) O fenômeno urbano. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1979, p. 26-67.

PEREHOUSKEI, N. A.; DE ANGELIS, B. L. D. (2012). Áreas verdes e saúde: paradigmas e experiências. *Diálogos & Saberes*, Mandaguari, (v. 8, n. 1, p. 55-77). Disponível em: <<http://seer.fafiman.br/index.php/dialogosesaberes/article/view/269>>. Acesso em: 8 abr. 2021.

POR ONDE andamos em fevereiro. SampaPé. 2020. Disponível em: <<https://sampa.pe.medium.com/por-onde-andamos-em-fevereiro-4e561795deb3>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. O conceito de lugar. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 087.10, Vitruvius, ago. 2007. Disponível em <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225>>. Acesso em: 29 out. 2020.

REIS, Elisabete Rodrigues dos. Lugar do sentido. *Rev. NUFEN*, Belém , v. 9, n. 2, p. 109-123, 2017 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 out. 2020.

SANTOS, Milton. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1997.

SILVEIRA, B. B.; FELIPPE, M. L.; SCHUTZ, N.T. Ambientes restauradores: conceitos e definições. In: *Ambientes restauradores: conceitos e pesquisas em contextos de saúde*. 1.ed. Florianópolis: UFSC, 2019. 118 p. Disponível em: <<https://lapam.cfh.ufsc.br/>>. Acesso em: 03 nov. 2020. ISBN 978-65-80460-05-2.

SERPA, Angelo. O espaço público na cidade contemporânea. São. Paulo: Contexto, 2017.

ULRICH, R. S.; SIMONS, R. F.; LOSITO, B.D.; FIORITO, E.; MILES, Mark A.; ZELSON, Michael. Stress recovery during exposure to natural and urban environments. *Journal of Environmental Psychology*. 1991. ISSN: 0272-4944, Vol: 11, Issue: 3, Page: 201-230. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/S0272-4944\(05\)80184-7](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(05)80184-7)>. Acesso em 28 out. 2020.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

ZANATTA, Amanda Amorim et al . Biofilia: produção de vida ativa em cuidados paliativos. *Saúde debate*, Rio de Janeiro , v. 43, n. 122, p. 949-965, Sept. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042019000300949&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 abr. 2021. Epub. Nov 25, 2019. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201912223>.

ZIONI, Silvana; KATO, Volia Regina Costa. Avenida Paulista. Um espaço público singular. *Arquitextos*, São Paulo, ano 15, n. 176.01, Vitruvius, jan. 2015. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.176/5460>>. Acesso em: 14 de Ago. 2017.

Autores:

Marcela Correa. Graduada em Psicologia pela Universidade São Judas Tadeu (2021); MSc.em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário FIAM-FAAM (2019). Graduada em Ciências Sociais pelo Centro Universitário Assunção (2010); Licenciatura na Docência do Ensino Superior pela FMU (2016); Especialização em Gestão de Políticas Públicas e Organizações Sociais pelo Centro Universitário Assunção (2012); Especialização em Direito Ambiental pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (2015). Tutora acadêmica na Ânima Educação. marcelaveracional@gmail.com

Eduardo Munhoz de Lima Castro. Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade São Judas Tadeu (2021); MSc.em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2005); Especialização na Moderna Educação pela PUCRS (2018); Licenciatura na Docência do Ensino Superior pela FMU (2017); Especialização em Administração de Marketing pela FAAP (2003); Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Belas Artes (1992). Professor na Universidade São Judas Tadeu para os cursos de arquitetura e design. eduardomunhoz.castro@gmail.com

DENSIDADE URBANA E QUALIDADE DE VIDA: Estudo Estatístico sobre o Índice Núbneo

Eje/Eixo Temático 1

Alda Paulina dos Santos
Lauro Luiz Francisco Filho

Lauro Luiz Francisco Filho
Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP

Resumo

Durante muito tempo, os indicadores de economia foram o principal parâmetro de avaliação de bem-estar nas cidades. Em outro período, passaram a ser analisados em conjunto com indicadores sociais. A infraestrutura urbana, como saneamento básico, moradia, lazer, serviços de saúde, mobilidade, proteção ao meio-ambiente, é um parâmetro de qualidade de vida no espaço urbano. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU)¹, 54% da população mundial vive em cidades, com expectativa de chegar, em meados deste século, a 66%. Para 2050, haverá um aumento populacional mundial de aproximadamente 9,6 bilhões, sendo que destes 70% viverá nas áreas urbanas. As cidades que são interligadas a informação, comunicação, com infraestrutura e suporte tecnológico, é um atrativo para a migração em busca de “qualidade de vida”, contribuindo para o forte adensamento dos grandes centros urbanos. Foi observado nos rankings de qualidade de vida utilizados nesta pesquisa, de empresas conhecidas, respeitadas e utilizados mundialmente, que as cidades densas não estão bem posicionadas, mostrando que elas têm problemas. Em face do exposto real e crescente, é relevante conhecer melhor as realidades das cidades mundiais em um processo de urbanização acelerado. Assim como saber se há correlação entre densidade populacional e qualidade de vida, e quais são os fatores que geram a sua perda.

Palavras-Chave: Cidades, Qualidade de vida, Densidade Populacional.

Resumen

Durante mucho tiempo, los indicadores económicos fueron el principal parámetro para evaluar el bienestar en las ciudades. En otro período, se empezaron a analizar junto con los indicadores sociales. La infraestructura urbana, como el saneamiento básico, la vivienda, el ocio, los servicios de salud, la movilidad, la protección del medio ambiente, es un parámetro de calidad de vida en el espacio urbano. Según Naciones Unidas (ONU), el 54% de la población mundial vive en ciudades, con la expectativa de llegar al 66% a mediados de este siglo. Para 2050,

1 <http://www.un.org/>

habrá un aumento de la población mundial de aproximadamente 9,6 mil millones, de los cuales el 70% vivirá en áreas urbanas. Las ciudades que están interconectadas a la información, la comunicación, con infraestructura y apoyo tecnológico, son un atractivo para la migración en busca de “calidad de vida”, contribuyendo a la fuerte densidad de los grandes centros urbanos. Se observó en las estadísticas de calidad de vida utilizadas en esta investigación, por empresas reconocidas, respetadas y utilizadas a nivel mundial, que las ciudades densas no están bien posicionadas, lo que demuestra que tienen problemas. Frente a lo expuesto, cada vez mas creciente, es relevante conocer mejor las realidades de las ciudades del mundo en un proceso de urbanización acelerado. Así como saber si existe correlación entre densidad poblacional y calidad de vida, y cuáles son los factores que generan su pérdida.

Palabras clave: **Ciudades, Calidad de vida, Densidad poblacional.**

1. Introdução

A discussão em torno da utilização de indicadores que determinam a qualidade de vida já acontece durante muitos anos, tornando-se um tema difícil mediante à abrangência e complexidade do conceito. A expressão “qualidade de vida” teve forte propagação na década de 60 por políticos americanos, utilizando o termo para manifesto político e representava uma sinalização de sucesso político administrativo. Lyndon Baines Johnson, 36º presidente dos Estados Unidos da América, sucessor de John Kennedy, utilizou a expressão discursando em 1964, na Universidade de Michigan. Segundo Day & Jankey (1996), os discursos naquela época sempre tinham foco no compromisso em proporcionar às pessoas estruturas sociais que lhe conferissem alcançar a felicidade, partindo da premissa da qualidade de vida. A presente pesquisa parte do problema que há uma correlação entre densidade e qualidade de vida, observando que nos rankings conhecidos e considerados, as cidades densas não possuem uma boa colocação, verificando que elas têm problemas. Dentre as pesquisas realizadas por organizações de alta confiabilidade, com repercussões mundiais, que abordam o tema densidade populacional através dos anos, e que acompanham as projeções de crescimento da área urbana, se pode destacar as apresentadas pela ONU. Observando a linha do tempo, Robert Ezra Park (1916), já observava os conflitos entre a concentração populacional na área urbana e as limitações dos recursos disponíveis que as cidades poderiam proporcionar. Ainda segundo Park, a cidade é produto dos hábitos e costumes das pessoas que nela vivem. Tendo como consequência uma organização tanto moral quanto física, sendo esta estrutura da cidade que impressiona por seu tamanho e complexidade. Observa-se a partir da vivência das pessoas no espaço urbano, que a cidade além do espaço físico, é um espaço de interação social, que deve ser preservado, levando-se em consideração sua estrutura física. Esta por sua vez aliada à sociabilidade humana que está diretamente interligada à qualidade de vida. Uma pesquisa de grande relevância relacionada ao espaço urbano, baseadas na densidade e territorialidade, foi realizada pelo ornitólogo inglês H.E. Howard em 1920. Howard utilizou o estudo comparativo entre animais, fazendo associação com os seres humanos e a influência no ambiente.

Segundo Edward T. Hall (1966), Howard, foi o pioneiro a tratar questões de territorialidade no seu livro *Territory in Bird Life* (1920), com um nível complexo de detalhamento, observando que naturalistas do século XVII, já haviam relatado vários fatos abrangendo a territorialidade. Em seu livro *a Dimensão Oculta* (1966), relata as novas descobertas envolvendo a territorialidade, como a do especialista

em psicologia animal H. Hediger (1955). Em suas pesquisas, garantia a reprodução da espécie através do controle de densidade, observando que ela impõe limites, como espaços específicos para aprendizagem, lazer e “esconderijos seguros”. Nestes estudos Hediger descreve um espaçamento virtual em torno dos animais, como um tipo de bolha, variável de tamanho de acordo com a espécie, com a função de manter uma determinada distância de outros animais que podem ser uma ameaça ao seu território. As cidades que oferecem um mínimo de infraestrutura adequada como, moradia, trabalho, saúde, educação e mobilidade urbana, são atrativas para a migração populacional. E mesmo com a legislação que definem as políticas públicas nas cidades, de acordo com o seu tamanho e complexidade, pode não ser satisfatória para criar um espaço igualitário para toda a população que nela habita. O Plano Diretor brasileiro, é uma lei municipal, estabelecido pela Constituição Federal de 1988, e regulamentado pelo Estatuto da Cidade. É instrumento fundamental para a política de desenvolvimento dos municípios, e orientação do poder público, e iniciativa privada, na construção dos espaços urbanos qualitativos e equitativos. Entretanto, em algumas cidades brasileiras, os espaços ainda são segregados, repercutindo diretamente no bem estar dos habitantes. O adensamento populacional ocorre de formas distintas, nas áreas com mais infraestrutura da cidade, por habitantes que possuem melhores condições financeiras, e nas áreas deficitárias como é o caso do Brasil, ocupada pela população de baixa renda e nível educacional.

Observando as projeções de forte adensamento populacional, se faz necessário o estudo e a análise de quais elementos são necessários aos grandes centros urbanos, para a aplicação de alternativas, que comporte esse número significativo de pessoas no mesmo espaço urbano, preservando ou proporcionando a qualidade de vida. De acordo com essa realidade, necessitamos conhecer melhor as cidades mundiais em um rápido processo de urbanização, para posteriormente ser colocado em prática na elaboração do Planejamento Urbano. Complementando outras ferramentas já utilizadas, como por exemplo, as legislações urbanísticas de cada município. Para o embasamento teórico com base documental a que se refere esta pesquisa, foram apresentados os indicadores de qualidade de vida mais relevantes para esta análise como o World Happiness Report², Método WHOQOL³ e o Relatório de Desenvolvimento Humano⁴. Nesta pesquisa estudou-se a correlação entre qualidade de vida e densidade. Como contribuição foi proposto mais duas variáveis, como indicador de qualidade de vida na avaliação das cidades, a serem consideradas por profissionais que irão fazer projetos, ou a gestão do espaço público, a partir da plataforma e da metodologia da empresa Numbeo, Quality of life Index⁵.

2. Materiais e Métodos

O objetivo dessa pesquisa é apresentar se há correlação entre densidade e qualidade de vida. Além de, verificar qual a significância de colocar a densidade como uma variável no índice de qualidade de vida, apresentar quais são as variáveis que causam a perda de qualidade de vida nas cidades, utilizando como base, o Quality of Life Index da Numbeo. Como contribuição inserir mais duas variáveis no Quality of Life Index da Numbeo, consideradas relevantes, com base na pesquisa documental,

2 <https://worldhappiness.report/ed/2018/>

3 https://www.who.int/mental_health/media/68.pdf

4 <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/relatorios-de-desenvolvimento-humano/rdhs-globais.html>

5 <https://www.numbeo.com/cost-of-living/>

criando uma nova classificação. Com a inserção das duas novas variáveis, verificar se houve mudança na classificação das cidades, com análise para aquelas que são consideradas densas. As duas variáveis incluídas foram de Planejamento Urbano e Tecnologia, baseado na pesquisa documental, e no ranqueamento do IESE Citie in Motion Index⁶, edição anual de 2018, publicada pelo Departamento de Estratégia da IESE Business School, da escola Superior de pós-graduação da Universidade de Navarra. Esta pesquisa é teórica com base documental e foi desenvolvida em seis etapas descritas a seguir:

Na etapa 1 realizou-se levantamento bibliográfico e documental, da conceituação, definição e tipos de densidade, da qualidade de vida, para a fundamentação teórica a que se refere esta pesquisa.

Na etapa 2 pesquisou-se os rankings de qualidade de vida utilizados mundialmente, para verificação de quais deles eram adequados a pesquisa. Restaram três. São eles: O Quality of Life Index da Plataforma Numbeo, O ranking de qualidade de vida da The Economist⁷ e o ranking de qualidade de vida da empresa Mercer⁸. Para o alinhamento da pesquisa, foi considerado adequado o ranking de qualidade de vida da plataforma Numbeo, que contribui para a qualidade de vida das pessoas residentes na cidade. O critério de exclusão para a não utilização dos outros dois rankings, foi o objetivo diferente a que se destina esta pesquisa, que é fornecer informações para a qualidade de vida em benefício da população residente nas cidades.

O ranking de qualidade de vida da The Economist e da Mercer tem como objetivo fornecer informações para as empresas que enviam colaboradores para outros países, a fim de apresentar uma imagem completa das condições no local, para compensação aos seus liderados, por qualquer redução nos padrões de vida. Após estas análises o ranking escolhido foi o da plataforma Numbeo, um banco de dados que reúne informações com a contribuição de 475.697 colaboradores de 9.161 cidades inscritas, que fornecem informações atuais das condições de vida, (Quality of Life Index). É registrado na Sérvia sob número 20853514. A metodologia utilizada para coleta das informações, é através de um banco de dados, alimentado com colaboração dos habitantes das cidades cadastradas na plataforma, e coleta manual de fontes autorizadas (sites de supermercados, websites de empresas de táxi, instituições governamentais, artigos de jornais, outras pesquisas etc.). Os dados que são coletados manualmente dessas fontes citadas, são recolocados duas vezes por ano. A coleta de dados é realizada utilizando-se filtros automáticos e semiautomáticos, para filtrar os dados chamados por eles de “ruídos”. Outro filtro descarta ¼ (um quarto) das entradas mais baixas e mais altas, pois os casos limites têm uma probabilidade maior de estar incorretos. Das entradas restantes, os valores mais baixos, mais altos e médios são calculados e exibidos. A Numbeo também arquiva os valores de dados antigos, com uma política de descontinuidade de dados padrão de 12 meses, embora sejam utilizados dados de até 18 meses quando não há novos dados, e os indicadores sugerem que a inflação é baixa em um determinado país. Os valores dos dados antigos são preservados para serem usados com fins históricos.

Na etapa 3 Para verificarmos a significância da inserção da densidade populacional como uma das variáveis que compõe o índice de qualidade de vida da Numbeo, foram realizados cálculos estatísticos pelo método de regressão, com o software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences)⁹. Foi preciso fazer 3,

6 <https://media.iese.edu/research/pdfs/ST-0471-E.pdf>

7 <https://www.economist.com/>

8 <https://www.mercer.com.br/newsroom/ranking-de-qualidade-de-vida-2018.html>

9 <https://www.ibm.com/br-pt/analytics/spss-statistics-software>

regressões distintas. Duas múltiplas e uma simples. Uma regressão múltipla realizada para descobrir os pesos dos indicadores, utilizados pela Numbeo. Uma regressão simples para descobrir o quanto que a densidade populacional explica em porcentagem da qualidade de vida. A outra regressão múltipla foi realizada para descobrir o quanto que os indicadores da qualidade de vida da Numbeo poderiam se os pesos fossem variados explicar da densidade populacional. Foi utilizado o software SPSS que é aplicado para capturar e analisar dados, criar gráficos e tabelas. Sua base inclui estatística descritiva como tabulação, estatística de duas variáveis, além de teste T, ANOVA e correlação.

De acordo com Fávero et al (2009), a regressão linear tem como objetivo estudar a relação entre duas ou mais variáveis explicativas que se apresentam na forma linear, e uma variável dependente métrica. O modelo de regressão linear pode ser escrito na fórmula apresentado na equação 1.

$$Y = \alpha + \beta_1 X_1 + \beta_2 X_2 + \dots + \beta_n X_n + u \quad (1)$$

Sendo que, Y é o fenômeno em estudo (variável dependente métrica), no caso desta pesquisa está variável é representada pela Quality of Life Index, α representa o intercepto (constante), que no modelo da Numbeo é representado pelo valor numérico 100, β_k (k =1,2,...n) são os coeficientes de cada variável, chamado de coeficientes angulares, e na pesquisa é determinada pelas ponderações encontradas, X_k são as variáveis explicativas (métricas) que nesta pesquisa são representadas por: Purchasing Power Index, Safety Index, Health Care Index, Cost of Living Index, Property Price to Income Ratio, Traffic Commute Time Index, Pollution Index e Climate Index.

Na etapa 4 foi realizada a verificação da correlação entre densidade e qualidade de vida. Foi realizada correlação de Pearson que mede o grau da correlação entre duas variáveis, e se é positiva ou negativa. A correlação foi realizada entre o ranking de densidade do Demographia World Urban Áreas 2018¹⁰ e o Quality of Life Index da Numbeo de 2018, anexo IV. O ano base utilizado para a análise da pesquisa foi somente o de 2018, pois a Numbeo iniciou o banco de dados em 2009, não sendo significativo para a análise estatística empregar dados de uma mesma década, pois, os resultados são semelhantes quando não os mesmos. O Demographia World Urban Áreas, é um inventário anual, publicado da população da área terrestre e densidade populacional correspondentes, para áreas urbanas com mais de 500.000 habitantes, utilizando mapas e fotos via satélite, para calcular a urbanização de forma contínua. Criado por Wendell Cox, um acadêmico americano da cidade de St. Louis-Illinois e analista de políticas urbanas. O relatório inclui a população, área terrestre e densidade populacional para as 1.064 áreas urbanas identificadas (que foram denominadas no relatório de aglomerações urbanas ou áreas urbanizadas) no mundo, com 500.000 ou mais populações identificadas. A população total estimada dessas áreas urbanas é de 2,25 bilhões, 53% da população urbana do mundo em 2017.

Na etapa 5 para verificar quais as variáveis contribuem para a queda da qualidade de vida foi realizado o método de exclusão de variáveis Backward. Segundo Fávero et al (2009), o método se refere-se partir do qual todas as variáveis são inicialmente incluídas no modelo e retiradas passo a passo em função da análise da significância estatística Sig.t.

10 <https://pt.scribd.com/document/384964299/Demographia-World-Urban-Areas-14th-Annual-Edition>

Na etapa 6 Foi realizada uma análise estatística, utilizando a fórmula apresentada na equação 1 inserido as duas variáveis sugeridas, a de Planejamento Urbano e a de Tecnologia, e verificado a nova classificação das cidades, em relação ao ranqueamento original da Numbeo. Foram utilizadas as cidades que continham a classificação dessas duas novas variáveis no IESE Citie in Motion, no total de 112, e o mesmo número na Numbeo. Esse total foi utilizado para que a pesquisa tivesse o mesmo número de cidades com as duas variáveis e com classificação no Quality of Life Index Numbeo.

O objetivo da plataforma de pesquisa Citie in Motion (CIMI) do IESE, é desenvolver um modelo para a criação de um índice composto que permita medir a sustentabilidade futura das maiores cidades do mundo e o padrão de vida de seus habitantes. O IESE criou um índice que integra dez dimensões em um único indicador e cobre 165 cidades em todo o mundo, permitindo identificar os pontos fortes e fracos de cada . O modelo propõe um conjunto de etapas que incluem o diagnóstico da situação, o desenvolvimento de uma estratégia e sua subsequente implementação. A escolha dessa plataforma foi devido ao CIMI apresentar dentre as dez dimensões avaliadas a de Planejamento Urbano e Tecnologia, que foram utilizadas no embasamento documental e teórico a que esta pesquisa se refere. A dez dimensões utilizadas na metodologia do IESE, são as seguintes: Governança e participação do cidadão, Planejamento Urbano, Gestão Pública, Tecnologia, Meio ambiente, Divulgação internacional, Coesão social, Mobilidade e transporte, Capital humano e Economia.

3. Análise dos resultados

3.1 Montagem do índice de qualidade de vida da Numbeo

O índice de qualidade de vida da Numbeo não são valores aleatórios. Ele é uma combinação exata de todas as variáveis que a compõe são elas: Purchasing Power index, Safety index, Health Care index; Cost of Living index, Property Price to Income Ratio index, Traffic Commute Time index, Pollution index, Climate index. Para descobrir os pesos dos indicadores utilizados pela Numbeo foi realizada uma regressão múltipla utilizando o SPSS. A regressão linear simples refere-se, a presença de apenas uma variável explicativa X, enquanto a regressão linear múltipla permite a inserção de diversas variáveis para a explicação de determinado fenômeno de acordo com a equação. A tabela 1 apresenta os dados de entrada no software, das variáveis dependentes do índice de qualidade da Numbeo, com as cinco primeiras cidades que é constituída de 184 cidades.

City	X1	X2	X3	X4	X5	X6	X7	X8
Wellington	119	70,08	71,42	80,87	5,87	26,63	11,86	97,6
Eindhoven	120	75,68	86,76	78,72	5,23	27,94	20,74	85,33
Zurich	143	80,99	74,74	141,25	9,87	35,59	16,05	82,16
Ottawa	145	76,05	72,85	69,91	5,02	35,48	13,65	44,46
San Diego	143	66,05	73,71	77,01	5,22	39,09	33,53	96,99

Tabela 1 – Variáveis dependentes do índice de qualidade de vida da Numbeo
Fonte: A autora

Onde: X1 - Purchasing Power index, X2- Safety index, X3- Health Care index, X4- Cost of Living index, X5- Property Price to Income Ratio index, X6- Traffic Commute Time index, X7- Pollution index ,X8- Climate index. Os coeficientes foram calculados de acordo com a equação 1 tendo com resultado a equação 2.

$QLI=100+0,4PPI+0,55SI+0,4HC-0,1COL-1,0PPIR-0,5TCTI-0,667PI+0,333CI$	(2)
--	-----

Sendo que: QLI corresponde a Quality of life Index, PPI corresponde a Purchasing Power index, SI corresponde a Safety Index, HC corresponde a Health Care index, COL corresponde a Cost of Living Index, PPIR corresponde a Property Price to Income Ratio index, TCTI corresponde a Traffic Commute Time Index, PI Pollution Index, CI corresponde a Climate Index.

A situação de Caracas, que está no último lugar do ranking da Numbeo, posição 184, é tão atípica advinda dos problemas políticos no qual ela está submetida, sendo um ponto “influenciante”, como chamado em estatística, de forma a fazer com que o modelo busque se adequar a dados que não são representativos no todo, tornando-o não generalizável. Neste caso não seria possível identificar as ponderações exatas que a Numbeo usa para cada um dos fatores empregados nas variáveis, por isso foi retirada. Em estatística é chamada de remoção de “outlayer”. Portanto foram utilizadas 183 cidades.

A tabela 2 apresenta a significância estatística dos parâmetros α e β , da equação 1, os coeficientes de cada variável explicativa do modelo, assim como a constante na coluna B.

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.
	B	Erro Padrão	Beta		
1 (Constante)	100,000	,005		19520,544	,000
Purchasing Power Index	,400	,000	,388	21673,801	,000
Safety Index	,500	,000	,199	15020,161	,000
Health Care Index	,400	,000	,104	7842,342	,000
Cost of Living Index	-,100	,000	-,061	-3666,830	,000
Property Price to Income Ratio	-1,000	,000	-,240	-17449,565	,000
Traffic Commute Time Index	-,500	,000	-,117	-8743,453	,000
Pollution Index	-,667	,000	-,400	-23773,636	,000
Climate Index	,333	,000	,151	13191,884	,000
a. Variável Dependente: Quality of Life Index					

Tabela 2 - Coeficientes
 Fonte: A Autora.

3.2 Verificação do poder de explicação da densidade populacional no índice de qualidade de vida

Através de um modelo de regressão simples entre o índice qualidade de vida e a densidade populacional, foi verificado quanto a densidade populacional é significativa em percentual no índice de qualidade de vida. A tabela 3 fornecida pelo SPSS apresenta a informação sobre qual é a variável dependente e quais variáveis explicativas foram inseridas e ou removidas para elaboração do modelo de regressão.

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	DensidadePop ^b	.	Inserir

a. Variável Dependente: Quality of Life Index
 b. Todas as variáveis solicitadas inseridas. (Climate Index; Health Care Index; Traffic Commute Time Index; Property Price to Income Ratio, Cost of Living Index; Safety Index; Pollution Index; Purchasing Power Index).

Tabela 3- Variáveis Inseridas/Removidas^a
 Fonte: A Autora

A tabela 4 apresenta o resumo do modelo proposto e os coeficientes de ajustes R^2 e R^2 ajustado. O R^2 varia entre 0 e 1, correspondendo de 0 a 100. É também conhecido como o coeficiente de determinação, ou coeficiente de determinação múltipla para a regressão múltipla. De acordo com os cálculos realizados no software SPSS, observa-se na tabela 4 que a densidade populacional tem o poder de explicação de 26% do índice de qualidade de vida.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa
1	,511 ^a	,261	,257	31,98178

a. Preditores: (Constante), DensidadePop
 b. Variável Dependente: Quality of Life Index

Tabela 4 - Resumo do modelo^b
 Fonte: A Autora

3.3 Verificação do poder de explicação das variáveis que compõe o índice de qualidade de vida pela densidade populacional

A outra regressão múltipla foi realizada para descobrir quanto, se os pesos fossem variados, as variáveis da qualidade de vida da Numbeo poderiam explicar a densidade populacional. A tabela 5 apresenta o resumo do modelo proposto e os coeficientes de ajustes R^2 e R^2 ajustado. De acordo com os cálculos realizados no software SPSS, observa-se na tabela 5 que as variáveis que compõe a qualidade de vida têm o poder de explicação de 32% da densidade populacional.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa
1	,594 ^a	,353	,322	4413,857412

a. Preditores: (Constante), Climate Index, Health Care Index, Traffic Commute Time Index, Property Price to Income Ratio, Cost of Living Index, Safety Index, Pollution Index, Purchasing Power Index
 b. Variável Dependente: Densidade Pop

Tabela 5 - Resumo do modelo^b
 Fonte: A Autora

A tabela , está apresentado que o conjunto das variáveis que formam a qualidade de vida explicam 32,2 % do comportamento da densidade populacional. Significa que a informação que forma a qualidade explica mais percentualmente o comportamento da densidade populacional, do que a densidade populacional explica da qualidade de vida. Portanto, como as informações que formam a qualidade de vida tem um poder de explicação maior que a densidade populacional, conclui-se que a densidade populacional não está agregando informação para a construção do índice de qualidade de vida não sendo significativo ser colocada no conjunto dos indicadores. Porque a informação dela já está de alguma forma contida nestes indicadores. Concluímos que densidade populacional não é uma informação relevante para compor o ranking de qualidade de vida.

3.4 Correlação entre densidade e qualidade de vida

Foi realizada uma correlação linear de Pearson para verificar se uma variável de saída (Y) no caso a qualidade de vida é afetada pela variável (X) a densidade populacional, além de analisada a existência de relação entre as duas. A tabela 6 apresenta as correlações entre densidade e qualidade de vida.

		RankQualiVida	Quality of Life Index	NDemoRank	DensidadePop
RankQualiVida	Correlação de Pearson	1	-,984**	-,632**	,492**
	Sig. (2 extremidades)		,000	,000	,000
	N	183	183	160	174
Quality of Life Index	Correlação de Pearson	-,984**	1	,639**	-,511**
	Sig. (2 extremidades)	,000		,000	,000
	N	183	183	160	174
NDemoRank	Correlação de Pearson	-,632**	,639**	1	-,786**
	Sig. (2 extremidades)	,000	,000		,000
	N	160	160	160	160
DensidadePop	Correlação de Pearson	,492**	-,511**	-,786**	1
	Sig. (2 extremidades)	,000	,000	,000	
	N	174	174	160	174

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Tabela 6 – Correlações
 Fonte: A Autora

Pode se observar de acordo com a tabela 6 que há correlação entre o índice de qualidade de vida e a densidade populacional. Ela é apresentada pelo coeficiente de correlação linear o R representado na tabela pelo -0,511 que está negativo. Esse valor indica que há uma correlação negativa, ou seja, a densidade populacional e o índice de qualidade de vida movem-se em direções opostas, quando a densidade populacional cresce o índice de qualidade de vida decresce. As cidades densas, como Tóquio no Japão, Seoul na Coreia, Nova Iorque nos Estados Unidos e Hong Kong, não estão entre as 50 primeiras classificadas da Numbeo. A densidade populacional destas cidades é a maior, como apresentado na tabela 7.

Cidade	População estimada 2018	Classificação de densidade entre de 1064 cidades (Demographia 2018)	Área por quilômetro quadrado	População por quilômetro quadrado	Classificação da Numbeo
Hong Kong	7.380.000	7	285	25.900	146
Nova Iorque	21.575.000	970	11.875	1.700	109
Seoul	24.210.000	242	2.745	8.800	74
Tóquio	38.050.000	646	8.547	4.500	60

Tabela 7 – Cidades densas & classificação no Demographia e Índice de Qualidade de vida da Numbeo
Fonte: A Autora

Analisando a tabela 7, a cidade de Hong Kong está na sétima colocação de um ranking de 1064 cidade no Demographia 2018, que é em ordem crescente, ou seja, da mais densa para a menos densa. E com uma classificação 146 das 184 possíveis no índice de qualidade de vida da Numbeo na ordem crescente, confirmando a correlação entre densidade e qualidade de vida.

3.5 Determinação dos fatores que influenciam na queda da qualidade de vida nas cidades densas, pelo método Backward

Para determinação dos fatores que influenciam na queda da qualidade de vida nas cidades densas, foi utilizado o método de exclusão de variáveis, o Backward. Segundo Fávero et al (2009), o procedimento Backward, a partir do qual todas as variáveis são inicialmente incluídas no modelo e retiradas passo a passo em função da análise da significância estatística Sig t. A tabela 8 apresenta os resultados de quatro simulações pelo procedimento Backward e os coeficientes, o software excluiu uma variável de cada vez em cada etapa (modelo), de acordo com a análise passo a passo da significância estatística. O modelo 4 apresenta as variáveis retiradas.

Tabela 8 - Coeficientes^a

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	95,0% Intervalo de Confiança para B		
	B	Erro Padrão	Beta			Limite inferior	Limite superior	
1	(Constante)	-6632,232	4390,485		-1,511	,133	-15301,006	2036,542
	Purchasing Power Index	-15,707	15,816	-,106	-,993	,322	-46,935	15,521
	Safety Index	57,952	28,530	,160	2,031	,044	1,621	114,284
	Health Care Index	20,128	43,713	,036	,460	,646	-66,180	106,437
	Cost of Living Index	-34,234	23,366	-,144	-1,465	,145	-80,370	11,902
	Property Price to Income Ratio	47,718	49,119	,079	,971	,333	-49,264	144,700
	Traffic Commute Time Index	161,674	49,004	,262	3,299	,001	64,917	258,430
	Pollution Index	64,989	24,034	,270	2,704	,008	17,535	112,442
	Climate Index	3,580	21,656	,011	,165	,869	-39,179	46,338
2	(Constante)	-6316,222	3940,779		-1,603	,111	-14096,729	1464,285
	Purchasing Power Index	-16,340	15,300	-,110	-1,068	,287	-46,549	13,868
	Safety Index	56,790	27,569	,157	2,060	,041	2,359	111,222
	Health Care Index	20,863	43,359	,037	,481	,631	-64,742	106,469
	Cost of Living Index	-33,437	22,796	-,141	-1,467	,144	-78,443	11,570
	Property Price to Income Ratio	48,015	48,942	,080	,981	,328	-48,614	144,643
	Traffic Commute Time Index	161,728	48,860	,262	3,310	,001	65,262	258,194
	Pollution Index	64,567	23,828	,268	2,710	,007	17,522	111,613
	3	(Constante)	-5397,662	3439,590		-1,569	,118	-12188,344
Purchasing Power Index		-14,322	14,680	-,096	-,976	,331	-43,304	14,660
Safety Index		60,122	26,624	,166	2,258	,025	7,558	112,685
Cost of Living Index		-32,338	22,629	-,136	-1,429	,155	-77,013	12,337
Property Price to Income Ratio		48,389	48,823	,080	,991	,323	-48,000	144,779
Traffic Commute Time Index		164,313	48,451	,266	3,391	,001	68,657	259,969
Pollution Index		63,404	23,651	,263	2,681	,008	16,711	110,097

4	(Constante)	-6239,546	3329,105		-1,874	,063	-12811,815	332,723
	Safety Index	60,064	26,620	,166	2,256	,025	7,511	112,618
	Cost of Living Index	-43,480	19,532	-,183	-2,226	,027	-82,041	-4,920
	Property Price to Income Ratio	72,338	42,197	,120	1,714	,088	-10,966	155,643
	Traffic Commute Time Index	160,196	48,260	,259	3,319	,001	64,921	255,471
	Pollution Index	66,678	23,408	,277	2,848	,005	20,466	112,890

Tabela 8 - Coeficientes^a
 Fonte: A autora

Analisando a tabela no método Backward, verifica-se que as variáveis que influem na queda da qualidade de vida das cidades são: Safety Index, Cost of Living Index; Property Price to Income Ratio Index, Traffic Commute Time Index e Pollution Index. As variáveis que na análise estatística do modelo são apresentadas como influentes na queda da qualidade de vida, estão interligadas ao Planejamento Urbano inexistente, ou inadequado. Associando que, quanto maior a densidade populacional nos espaços urbanos, menor a segurança, maior o custo de vida, o preço da propriedade em relação a renda (pois, haverá mais procura pelos imóveis), maior o tempo de deslocamento no trânsito e a poluição, pois haverá um número maior de pessoas circulando principalmente utilizando modais motorizados, por meio do transporte público ou individual, com influência direta na mobilidade urbana de toda a população.

Ou seja, se os deslocamentos forem maiores aumenta a poluição. Os cuidados com a saúde de acordo com análise estatística, não é um fator que influencia na queda da qualidade de vida nas cidades. Embora o indicador de saúde não seja um dos fatores no Quality of Life Index Numbeo, de acordo com a análise estatística que provoque a degradação da qualidade de vida, ele está implícito na variável de Planejamento Urbano e Tecnologia, inserida na nova classificação. Pois, um Planejamento Urbano inadequado ou ineficiente, pode colaborar para os problemas de saúde a curto, médio ou longo prazo, com consequências direta na qualidade de vida das pessoas no espaço urbano. A falta de Planejamento Urbano conectado a tecnologia, prejudica a infraestrutura das cidades, principalmente as mais densas e pobres. Como por exemplo, a ausência de saneamento básico, que por sua vez, estão associadas a moradias inadequadas e interligadas a políticas públicas habitacionais e de saneamento pouco efetivas. Na ausência destes fatores há consequências negativas para a saúde com repercussão para toda a população que habita a cidade. A pandemia de COVID 19 elucidada bem essa questão, quando a única forma de proteção orientada pela OMS (Organização Mundial de Saúde), até que se tenha vacina para aproximadamente 70% da população, contra o SARS- COV-2 é a higiene pessoal e o distanciamento físico. Essas medidas se tornam impraticáveis em países subdesenvolvidos, onde o modelo de habitação para grande parte da população sem condições financeiras, é de aglomerados subnormais (favelas), como é o caso do Brasil, que não possui a condição mínima para nenhuma dessas duas ações, afetando a qualidade de vida e a saúde pela alta transmissibilidade da doença.

4. Contribuição a avaliação da qualidade de vida nos centros urbanos

Como contribuição para a verificação da qualidade de vida nas cidades, esta pesquisa inseriu duas novas variáveis no Quality of Life Index da Numbeo, de acordo com equação 3, originando uma nova classificação das cidades.

Analisou-se o impacto da nova classificação da inserção das duas novas variáveis, sobre todas as cidades, observando a nova classificação, com olhar para as densas. A inserção das duas variáveis, a de Planejamento Urbano e Tecnologia, foi baseada na relevância que elas apresentam para a qualidade de vida nos espaços urbanos, conforme apresentado na pesquisa documental, referências bibliográficas, e no Cite in Motion do IESE. Para realizar a nova classificação foram realizadas duas análises quantitativas. Uma das análises utilizou-se os pesos 0.5 para Planejamento Urbano e 0.4 para Tecnologia Nesta primeira análise foi atribuído ao Planejamento Urbano o peso de 0.5 e para a Tecnologia 0.4, baseado nos valores atribuídos pela Numbeo no Quality of Life Index. A equação 3 foi obtida com a inclusão das variáveis de Planejamento Urbano e Tecnologia através da equação 2:

$QLI=100+0,4PPI+0,5SI+0,4HCI-0,1COLI-1,0PPIRI-0,5TCTI-0,667PI+0,333CI+0,5UPI+0,4TI$	(3)
---	-----

Sendo que: QLI corresponde a Quality of life Index, PPI corresponde a Purchasing Power Index, SI corresponde a Safety Index, HC corresponde a Health Care Index, COLI corresponde a Cost of Living Index, PPIRI corresponde a Property Price to Income Ratio Index, TCTI corresponde a Trafic Commute Time Index, PI Pollution Index, CI corresponde a Climate Index, UPI corresponde a Urban Planning Index; TI corresponde a Technology Index.

Observa-se que em todas as cidades houve um deslocamento. Em algumas com classificação melhores que o ranking de qualidade de vida original Numbeo. Outras com classificação aproximadas e outras com deslocamento para um índice de qualidade de vida menor que o original. Entretanto, foi verificado nova classificação para os centros urbanos densos como Tóquio, Seoul, Chicago, Nova Iorque, Londres e Hong Kong. A mobilidade foi de 13 posições de um total de 56 possíveis perfazendo-se 23% do máximo, conforme apresentado na tabela 9.

Efeito / Mobilidade		
Desvio Médio	56	12,80
% de efeito	22,85	

Tabela 9 – Efeito Mobilidade
 Fonte: A Autora

A cidade de Tóquio passou de 30 no ranking Numbeo para 15 na nova classificação, e está no 32 lugar em Planejamento Urbano e 27 em Tecnologia no ranking do IESE CMI. A cidade de Seoul, passou 40 no ranking Numbeo, para 26 na nova classificação, e está em 40º lugar no Planejamento Urbano e em 10º lugar em Tecnologia no ranking do IESE CMI. A cidade de Chicago passou da posição 50 no ranking Numbeo para 20 na nova classificação, e está em 5º lugar no Planejamento Urbano e em 28º lugar em Tecnologia no ranking do IESE CMI. Nova Iorque passou de 65 no Ranking Numbeo para 24 na nova classificação, e está em 1º lugar em Planejamento Urbano e 5º em tecnologia no IESE CMI. A cidade de Londres passou da posição 75 no ranking da Numbeo para 39 na nova classificação, e está em 7º lugar no Planejamento Urbano e 6º em Tecnologia no ranking do IESE. A cidade de Hong Kong, passou de 85 no ranking Numbeo para 51 na nova classificação, e está no 10º lugar em Planejamento Urbano e 1º lugar em Tecnologia no ranking do IESE CMI. A nova classificação aponta para o fato que os novos indicadores inseridos, de Planejamento Urbano e Tecnologia, influenciam e podem melhorar a qualidade de vida sobretudo para as cidades densas. A outra análise quantitativa se atribuiu ao Planejamento Urbano e Tecnologia, respectivamente 0.3 e 0.2, para verificar se a classificação das cidades densas como, Tóquio, Seoul, Chicago, Nova Iorque e Londres, seria expressivo como na classificação 0.5 e 0.4.

A equação 4 foi obtida com a inclusão das variáveis de Planejamento Urbano e Tecnologia através da equação 2.

$QLI=100+0,4PPI+0,55SI+0,4HCI-0,1COLI-1,0PPIRI-0,5TCTI-0,667PI+0,333CI+0,3UPI+0,2TI$	(4)
--	-----

A denominação das variáveis são as mesmas da equação 4, variando o peso para Planejamento Urbano e Tecnologia, respectivamente 0,3 e 0,2.

A mobilidade foi de 8,57 posições de um total de 56 possíveis perfazendo-se 15,31% do máximo, conforme apresentado na tabela 10.

Efeito / Mobilidade		
Desvio Médio	56	5,57
% de efeito	15,31	

*Tabela 10 – Efeito mobilidade
 Fonte: A Autora*

A cidade de Seoul, passou 40 no ranking Numbeo, para 26 na nova classificação, e está em 40º lugar no Planejamento Urbano e em 10º lugar em Tecnologia no ranking do IESE CMI.

A cidade de Chicago, passou da posição 50 no ranking Numbeo para 29 na nova classificação, e está em 5º lugar no Planejamento Urbano e em 28º lugar em Tecnologia no ranking do IESE CMI.

Nova Iorque, passou de 65 no Ranking Numbeo para 40 na nova classificação,

e está em 1º lugar em Planejamento Urbano e 5º em tecnologia no IESE CMI.

A cidade de Londres, passou da posição 75 no ranking da Numbeo para 55 na nova classificação, e está em 7º lugar no Planejamento Urbano e 6º em Tecnologia no ranking do IESE.

A cidade de Hong Kong, passou de 85 no ranking Numbeo para 64 na nova classificação, e está no 10º lugar em Planejamento Urbano e 1º lugar em Tecnologia no ranking do IESE CMI.

Concluimos que, em ambas as análises as novas classificações apontaram que os novos indicadores devem ser considerados na verificação da qualidade de vida nas cidades, apresentando que podem proporcionar melhora, sobretudo nas densas.

Nesta pesquisa o propósito da colaboração da inclusão das duas novas variáveis, Planejamento Urbano e Tecnologia, compondo o Quality of Life Index da NUMBEO, originando uma nova classificação para a qualidade de vida nas cidades, teve o propósito de mostrar que a inclusão destas duas variáveis tem uma representatividade importante na verificação da qualidade de vida das pessoas que vivem nas cidades.

Assim sendo sugerimos que os gestores, e profissionais envolvidos com as questões que envolvem a cidade, o bem estar e qualidade de vida da população que nela habitam, no momento de tomar decisões para a melhora do espaço urbano, levem em considerações esses fatores.

5. Conclusão

De acordo com as análises estatísticas, concluimos que a densidade tem correlação com a qualidade de vida. Entretanto, com um percentual menor que o poder de explicação das próprias variáveis que compõe o índice de qualidade de vida da Numbeo, não sendo razoável inserir a densidade como mais uma variável. Significando que as variáveis que formam a qualidade de vida, Purchasing Power Index, Safety Index, Health Care Index, Cost of living Index, Property Price to Income ratio, Traffic Commute Time Index, Climate Index, explicam percentualmente mais o comportamento da densidade populacional que a densidade populacional explica da qualidade de vida.

As variáveis que causam a perda de qualidade de vida nas cidades de acordo com o método estatístico Backward aplicado no Quality of Life Numbeo, são Safety Index, Cost of Living Index, Property Price in come Ratio Index, Traffic Commute Time Index, Pollution Index. Interpretando que o aumento populacional deixa mais evidenciado uma série de problemas como falta de segurança, tendo necessidade de implementação de medidas efetivas, para a demanda crescente de pessoas nos centros urbanos. O custo de vida tende a aumentar com consequências na relação dos preços da propriedade em relação a renda pois haverá menor oferta e mais procura. A mobilidade urbana será dificultada pelos deslocamentos. Pois haverá um maior número de pessoas se locomovendo pelos espaços urbanos para fazer as atividades diárias, principalmente as laborais, se estas ainda estiverem concentradas nas áreas centrais. Incentivando o deslocamento das pessoas ainda pelo transporte individual motorizado, provocando o movimento pendular. Esse modal de deslocamento é incentivado pela ineficiência ou falta de oferta de transporte público em quantidade suficiente ou de qualidade, principalmente nas cidades que tem estrutura deficitária para a mobilidade urbana. Outra interferência é a ausência da intermodalidade entre outros meios de transporte como os não motorizados, como por exemplo, a adoção de ciclovias fazendo parte efetiva da malha viária. Tendo como consequência

o aumento da poluição e a degradação do meio ambiente. Destacamos que a densidade quando bem planejada, com a verticalização das edificações, contribuindo para a compactação das cidades, podendo citar como exemplo a cidade de Hong Kong e Songdo, e o estudo de Douglas Farr (2013), apresentados nesta pesquisa, não se caracteriza como um problema e sim uma solução resultante do Planejamento Urbano e soluções Tecnológicas bem estruturadas.

Foram inseridas duas novas variáveis, Planejamento Urbano e Tecnologia, consideradas relevantes baseadas na pesquisa documental, originando uma nova classificação. Verificamos que houve uma mudança expressiva na ordenação original da Numbeo, com um impacto para as cidades densas como Hong Kong/ China, Nova Iorque/ EUA, Londres/ Reino Unido, Chicago/ EUA , Tóquio / Japão e Seoul/ Coréia do Sul.

Assim como também houve cidades que perderam posições com o novo ranqueamento, como é o caso de Vancouver no Canadá. Os indicadores de Tecnologia e Planejamento Urbano, não estão contemplados do Quality of Life Index Numbeo. Entretanto, através da análise, foi apresentado que eles são relevantes e devem ser levados em consideração na verificação da qualidade de vida para as pessoas que habitam os centros urbanos, pois quando eles foram inseridos houve uma mudança na classificação.

Referências bibliográficas

DAY, H.; JANKEY, S.G. Lessons from the literature: toward a holistic model of quality of life. In: RENWICK, R.; BROWN, I.; NAGLER, M. (Eds.). Quality of life in health promotion and rehabilitation: conceptual approaches, issues and applications. Thousand Oaks: Sage, 1996.

Demographia World Urban Areas (Built Up Urban Areas or World Agglomerations), 14 Annual Edition. April, 2018. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/384964299/Demographia-World-Urban-Areas-14th-Annual-Edition>> Acesso: abril de 2018.

Density: drivers dividends and debates. Manual, Urban Land Institute. Chicago June 2015. Disponível em < <https://europe.uli.org>> Acesso: de 2018.

Density and Urban Neighbourhoods in London. Enterprise LSE Cities Ltda 2004.

FARR, Douglas. Urbanismo Sustentável: Desenho urbano com natureza. Tradução de Alexandre Salvaterra. Bookman, Porto Alegre, 2013.

FÁVERO, Luiz Paulo, et al. Análise de dados. Modelagem Multivariada para Tomada de Decisões. Rio de Janeiro, Elsevier, 2009.

HALL, Edward T. A Dimensão Oculta. Martins Fontes, São Paulo, 2005.

IESE Business School , University of Navarra – IESE Cite in Motion. Edição anual, 2018. Disponível em <<https://media.iese.edu/research/pdfs/ST-0471-E.pdf>> Acesso em fevereiro de 2019.

MERCER 2018. Cost of Living Ranking. Disponível em <<https://www.mercer.com.br/newsroom/ranking-de-qualidade-de-vida-2018.html>> Acesso: março 2018.

NUMBEO. Quality Of Life. Disponível em <<https://www.numbeo.com/cost-of-living/>> Acesso em fevereiro de 2018.

PUND. Relatório de Desenvolvimento Humano. Disponível em <<https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/relatorios-de-desenvolvimento-humano/rdhs-globais.html>> Acesso em março 2018.

SPSS. Statistical Package for the Social Sciences. Disponível em <<https://www.ibm.com.br-pt/analytics/spss-statistics-software>>. Acesso em março 2019.

THE ECONOMIST. Disponível em <<https://www.economist.com/>> Acesso em fevereiro de 2018.

UN. United Nations Development Program. Disponível em <<http://www.pnud.org.br>>. Acesso em maio de 2018.

UN. The Millennium Development Goals Report, 2015. Disponível em <<http://www.un.org/>> Acesso em maio de 2018.

WHOQOL. Measuring Quality of Life. Disponível em <https://who.int/mental_health/media/68.pdf> Acesso em fevereiro 2018.

WORLD HAPPINESS REPORT. Disponível em <<https://worldhappiness.report/ed>> Acesso em fevereiro 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO. Disponível em <<https://www.who.int/>> Acesso em fevereiro 2018.

Autores:

Alda Paulina dos Santos. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela FAUS/ Santos. Doutora em Arquitetura Tecnologia e Cidade na Universidade Estadual de Campinas. Mestre e Especialista em Engenharia Urbana pela Universidade Federal de São Carlos. Docente da FEI, UNISANTA e UNIMES. Contato: alda_paulina@yahoo.com.br
<http://lattes.cnpq.br/1076000241476862>

Lauro Luiz Francisco Filho. Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Livre docente em Planejamento e Projeto Urbano pela Universidade Estadual de Campinas. Contato: laurolffilho@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/4192453681310858>

GRUPO MIGUILIM: Narração Oral de Literatura e Cidadania

Eje/Eixo Temático 1

Maria Elisa Pereira de Almeida

Grupo Miguilim de contadores de Estórias de
Cordisburgo

Resumo:

A pequena Cordisburgo, (Minas Gerais/Brasil), cidade da Gruta do Maquiné e berço da Paleontologia Brasileira, é também a cidade natal do escritor João Guimarães Rosa (1908-1967). Tendo vivido em Cordisburgo somente até seus nove anos, o escritor escolhe plantar suas histórias e personagens em sua região. A obra conhecida e traduzida em todo o mundo aborda temas universais ao mesmo tempo em que enaltece os ricos recursos naturais do lugar, mostrando a riqueza do Brasil de dentro em uma escrita singular plena de oralidade. Vários eventos se dão em Cordisburgo na década de 1990, voltados para divulgar a obra roseana, em destaque, em 1996, a criação do Projeto Grupo Miguilim de Contadores de Estórias que oferece formação a adolescentes da cidade para atuarem no Museu Casa Guimarães Rosa como guias especializados na narração oral de cor dos trechos roseanos. O contato próximo com um texto literário que transborda em poesia e revela um povo em busca de sua identidade, traz inúmeros benefícios para os miguilins. Vetores vivos de divulgação da literatura roseana em Cordisburgo e fora dela, os jovens vivenciam no Projeto uma experiência artística transformadora, que estimula cada um deles na edificação de sua autoestima e cidadania, criando condições saudáveis para a travessia da delicada fase da adolescência. Ao longo de seus 25 anos, os próprios habitantes de Cordisburgo, paulatinamente, vão conhecendo a obra que chega a eles pelo ouvido.

Palavras-chave: Grupo Miguilim, Guimarães Rosa, Cordisburgo, narração oral, pertencimento.

Resumen:

La pequeña Cordisburgo, (Minas Gerais/Brasil), ciudad de la Gruta do Maquiné y cuna de la Paleontología Brasileña, es también la ciudad natal del escritor João Guimarães Rosa (1908-1967). Habiendo vivido en Cordisburgo solamente hasta los nueve años, el escritor opta por plantar sus historias y personajes en su región. La obra conocida y traducida en todo el mundo aborda temas universales al mismo tiempo en que enaltece los ricos recursos naturales del lugar, mostrando la riqueza del Brasil desde adentro en una escritura singular plena de oralidad. Varios eventos tienen lugar en Cordisburgo en la década de 1990, con el objetivo de divulgar la

obra e este escritor, se destaca, en 1996, la creación del Proyecto Grupo Miguilim de Contadores de Estórias que ofrece formación a adolescentes de la ciudad para actuar en el Museo Casa Guimarães Rosa como guías especializados en la narración oral recitando trechos de textos del autor, de memoria. El contacto próximo con un texto literario que transborda en poesía y revela un pueblo en busca de su identidad, trae inúmeros beneficios para los “miguilins”. Vectores vivos de divulgación de la literatura de Guimarães Rosa en Cordisburgo y afuera de ella, los jóvenes tiene la vivencia, en el Proyecto de una experiencia artística transformadora, que estimula cada uno de ellos en la construcción de su autoestima e ciudadanía, creando condiciones saludables para atravesar la delicada fase de la adolescencia. A lo largo de sus 25 años, los propios habitantes de Cordisburgo, paulatinamente, van conociendo la obra que les llega por el oído.

Palabras-clave: **Grupo Miguilim, Guimarães Rosa, Cordisburgo, narración oral, pertenecimiento.**

Introdução

Plantada no interior do Brasil, no meio das Minas Gerais, a cidade de Cordisburgo encontra-se no vale do Rio das Velhas, mais precisamente no de seu afluente, o ribeirão do Onça. O lugarejo foi outrora movimentado pela passagem de tropas e funcionava como ponto de pouso para os tropeiros. Era conhecido como o Saco dos Cochos, em referência aos recipientes que lá se encontravam muitas vezes feitos de troncos de árvores escavados, e que eram utilizados para se dar de comer e de beber ao gado.

Como marco geográfico, cravada em rocha calcárea e descrita primeiramente pelo sábio naturalista dinamarquês Peter Lund, lá se encontra a Gruta do Maquiné. Em 1834, no ano em que esteve lá, Lund explorou a Gruta e qualificou-a como uma admirável obra da natureza, de rara beleza, batizando-a inicialmente como *Lapa Nova do Maquiné*. A partir das escavações que pôde ali realizar, o dinamarquês encontrou vários fósseis de fauna extinta, registrou em detalhadas descrições não só os salões da



Figura 1 – Gruta do Maquiné. Foto Ronaldo Alves.

Gruta, como os fósseis lá encontrados, buscando calcular a idade dos mesmos, compondo inclusive explicações e teorias de sua origem. Para Valle (1975), sem sombra de dúvidas, foi na Gruta do Maquiné em Cordisburgo, com Peter Lund, que teria nascido a Paleontologia Brasileira. A partir dos estudos do naturalista dinamarquês, não só em Maquiné, como também em outras cavernas calcáreas da região, abriram-se as possibilidades de se explorar cientificamente o grande manacial dos solos das grutas brasileiras. Peter Lund, conforme nos lembra Júnior Guimarães (1986), viria a ser reconhecido como o “Pai da Paleontologia Brasileira”.

No ano de 1883, ocasião em que o Saco dos Cochos contava com algumas pequenas casas e sítios isolados em sua redondeza, o pequeno povoado foi batizado com o nome de Vista Alegre pelo missionário Padre João do Santo Antônio (SOUZA, 1993), que aí se instalou e deu início, no ano seguinte, à construção da capela São José. Em 1890,

Vista Alegre tornou-se distrito, com o novo nome de Cordisburgo – burgo do coração – contando agora também com a nova matriz da Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

Justo alguns anos depois, mais precisamente no dia vinte e sete de junho de 1908, um novo e marcante acontecimento teve lugar na pequena Cordisburgo: a cidade da incomparável Gruta de Maquiné ganhava um filho que se tornou um dos maiores escritores brasileiros, conhecido e admirado dentro e fora do Brasil: João Guimarães Rosa.

Joãozinho, como era chamado quando menino pelos parentes passou a sua infância em Cordisburgo. Seu tio, o escritor Vicente Guimarães (2006), relata que, desde bem cedo, Joãozinho, quieto e observador, tinha na leitura a sua maior diversão. Vivia buscando pela casa os lugares mais calmos onde pudesse ler os livros de que dispunha na época. Seu pai, Florduardo Rosa, era dono de uma venda de secos e molhados, sediada na mesma construção da própria casa da família, na parte da frente, dando para a rua. Sabe-se que Joãozinho se escondia debaixo do balcão da venda, do lado de dentro, e lá ficava por muito tempo, quietinho, com os ouvidos atentos para não perder uma palavra sequer dos casos que ali eram contados. A esse respeito, na prosa poética de Cláudio Fragata, que também escreve sobre a infância do futuro escritor, pode-se ler:

Todo santo dia, um entra e sai de vaqueiros, lavradores, fazendeiros, benzedeiros, garimpeiros, ex-escravos, mascates, beatas, viajantes. Um tanto de histórias que cada um tinha para contar, de lugares, de milagres, de namoros, de valentias, de apostas, de palhaçadas. Do lado de dentro do balcão, Joãozinho tudo escutava, nem piscava: mais ouvia, mais queria ouvir. Menino de muita memória, guardava cada palavra. Adorava histórias (FRAGATA, 2016, p. 10).

Aos nove anos de idade, Joãozinho mudou-se para Belo Horizonte, para a casa de seus avós maternos, quando pôde não só tratar e corrigir a sua miopia, passando a usar óculos, (tal qual o personagem Miguilim na primeira das sete novelas de Corpo de Baile) como também dar prosseguimento a seus estudos. Mas o garoto sempre retornava a Cordisburgo no período das férias escolares, junto com o tio e amigo de viagem e de brincadeiras (a diferença de idade entre eles era de cerca de dois anos), conforme relata o próprio tio:

Nas férias escolares, Cordisburgo era o nosso sonho. Terra pequenina e simples, gosto de terra natal, de nossa infância paraíso. Lá, Joãozinho e eu passávamos dias alegres e sadios. Aquele trezinho da Central do Brasil, bitola estreita, encantava-nos. Nem a fumaça, nem as fagulhas diminuían o nosso entusiasmo e a grande ansiedade de chegar (GUIMARÃES, 2006, p. 57).

João Guimarães Rosa concluiu seus estudos básicos e ingressou no curso de Medicina ainda com 16 anos. Exerceu a Medicina em Itaguara, interior de Minas e, em 1934 conseguiu uma vaga no Itamaraty e iniciou a sua carreira de diplomata, que exerceu até o fim de seus dias, ao lado da de escritor. Em 1937, participou de um concurso literário com um livro que, revisado, viria a ser a sua primeira publicação, nove anos depois.

Desde que se tornou um escritor, Guimarães Rosa fazia questão de reconhecer que uma das grandes fontes inspiradoras para a sua literatura provinha do sertão mineiro. No ano de 1946, por ocasião do lançamento de *Sagarana*, seu primeiro livro em prosa, Rosa, a pedido do jornalista João Condé, escreveu sobre a opção em plantar os seus personagens no “Brasil de dentro”, mais especificamente, em parte do território das Minas Gerais:

[...] eu tinha de escolher o terreno onde localizar as minhas histórias. Podia ser Barbacena, Belo Horizonte, o Rio, a China, o arquipélago de Neo-Baratária, o espaço astral, ou, mesmo, o pedaço de Minas Gerais que era mais meu. E foi o que preferi. Porque tinha muitas saudades de lá. Porque conhecia um pouco melhor a terra, a gente, bichos, árvores. Porque o povo do interior — sem convenções, “poses” — dá melhores personagens de parábolas: lá se veem bem as reações humanas e a ação do destino: lá se vê bem um rio cair na cachoeira ou contornar a montanha, e as grandes árvores estalarem sob o raio, e cada talo do capim humano rebrotar com a chuva ou se estorricar com a seca. Bem, resumindo: ficou resolvido que o livro se passaria no interior de Minas Gerais (ROSA, 2012, p. 24).

Morando longe da família desde tão cedo, Guimarães Rosa sempre buscou manter contato epistolar com o pai a quem solicitava que lhe contasse casos sobre variados assuntos, de personagens da cidade ou dos viajantes que passavam por sua venda, acontecimentos pitorescos, provérbios e quadrinhas regionais, certo de que representavam ótimo alimento para a sua literatura. E, apesar da opção consciente do escritor em ambientar as suas histórias no sertão mineiro, a obra roseana, longe de ser regionalista, desde o início rompeu classificações e sectarismos ao revelar questões universais, próprias ao ser humano.

Dez anos depois do lançamento de *Sagarana*, o autor lança dois outros livros monumentais – *Grande Sertão: veredas* e *Corpo de Baile* (esse último, posteriormente dividido em três volumes) – que confirmam de maneira exemplar a sua maestria no trato com as palavras. Seus livros atestam uma verdadeira revolução operada na língua, confirmada e celebrada pela crítica literária.

Constitui grande inovação na obra do escritor, o fato de os temas de abrangência universal receberem tratamento inovador; o autor consagrou-se como uma espécie de ourives da língua. Cuidando de cada palavra, atento às suas sonoridades e ao ritmo impresso às frases, praticamente criou uma maneira própria de prosar poeticamente, onde a oralidade salta aos ouvidos de qualquer leitor. Em uma das cartas que trocou com o tio Vicente Guimarães, no ano seguinte ao da publicação de *Sagarana*, Rosa fala da grande importância do trabalho lapidar com a língua, no seu caso, especialmente com o português brasileiro:

A língua portuguesa, aqui no Brasil, está uma vergonha e uma miséria. Está descalça e despenteada; mesmo para andar ao lado da espanhola ela ‘não tem roupa’. Empobrecimento de vocabulário, rigidez de fórmulas e formas, estratificação de lugares-comuns, como caroços num angu ralo, vulgaridade, falta do sentido de beleza, deficiência representativa. É preciso distendê-la, destorcê-la, obrigá-la a fazer ginástica, desenvolver-lhe músculos. Dar-lhe precisão, exatidão, agudeza, plasticidade, calado, motores. E é preciso refundi-la no tacho, mexendo muitas horas. Derretê-la, e trabalhá-la, em estado líquido e gasoso (GUIMARÃES, 2006, p. 138).

É sabido que o escritor cordisburguense, artífice das palavras, ao mesmo tempo em que reverenciava sua cidade natal, nutria um verdadeiro amor pela natureza, exaltando as belezas do cerrado em seus livros, sem poupar minúcias de detalhes nas extraordinárias descrições do “Brasil de dentro”: da fauna, da flora, do relevo, da vegetação. Em seu discurso de posse como sócio titular na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, em dezembro de 1945, Guimarães Rosa afirma publicamente aquilo de que seus leitores jamais contestariam, ou seja, a sua profunda admiração pela Geografia. Em artigo publicado sobre a temática do sertão brasileiro, os autores Heidemann e Bezerra (2006) reproduzem na íntegra este discurso, em que Guimarães

Rosa, reconhecendo-se como “velho admirador” e “velho amoroso” da Geografia, afirma logo de entrada:

De início, o amor da Geografia me veio pelos caminhos da poesia – da imensa emoção poética que sobe da nossa terra e das suas belezas: dos campos, das matas, dos rios, das montanhas; capões e chapadões, alturas e planuras, ipuêiras e capoeiras, caatingas e restingas, montes e horizontes; do grande corpo, eterno, do Brasil (HEIDEMANN e BEZERRA, 2006, p. 16).

Parece-nos claro que, à preocupação constante do escritor em “limpar” o português brasileiro de seu desgastado uso cotidiano, em buscar fazer ressurgir toda a riqueza que mora na própria língua, soma-se o seu intuito em realçar a beleza e a abundante biodiversidade do cerrado brasileiro, numa prosa que traduz a música da fala do sertanejo. Tudo isso confere uma força ainda maior a essa obra que, tratando de temas amplos diretamente relacionados à alma humana, ao mesmo tempo, aponta para um autêntico testemunho de brasilidade.

Desenvolvimento



Figura 2 – Museu Casa Guimarães Rosa, Cordisburgo, MG. Foto Ronaldo Alves.

A casa em que o grande escritor nasceu e viveu até os nove anos, uma construção do século XIX, localizada em frente à estação ferroviária de Cordisburgo, tornou-se em 1974 o *Museu Casa Guimarães Rosa*¹. O Museu reúne hoje, entre outros, um bom acervo de fotos, documentos textuais, toda a obra literária, originais manuscritos ou datilografados, edições de traduções para línguas estrangeiras e alguns objetos pessoais em uma Exposição Permanente. A Exposição busca apresentar o Museu em seu “território”: um cenário e ambiente de

experiências vividas e recriadas na produção literária de Guimarães Rosa.

Desde 1988, por iniciativa da Academia Cordisburguense de Letras, a cidade passou a realizar o evento anual da Semana Roseana, por ocasião do aniversário do escritor. Entretanto, em seus primeiros anos, tal evento não tinha em sua programação nada que contemplasse mais especificamente a obra do homenageado, isto é, não oferecia nenhuma atividade voltada ao estudo e interpretação da obra nem mesmo alguma apresentação artística que nela se inspirasse. Pode-se dizer que, até meados da década de 90, de uma maneira geral, a cidade de Cordisburgo conhecia pouco a obra do grande escritor nascido lá.

¹ Atualmente vinculado à Diretoria de Museus (DIMUS), órgão da Secretaria de Estado da Cultura e Turismo de Minas Gerais.

Pequenos novos acontecimentos aí tiveram lugar a partir de então, formando uma espécie de onda que contaminava os ares da cidade, impulsionada por movimentos de diferentes procedências, mas que semelhavam ter uma orquestração única. Ligados direta ou indiretamente entre si, todos eles tinham por objetivo comum apresentar a obra de Guimarães Rosa, já mundialmente reconhecida, à sua cidade, a seus conterrâneos.

Em 1994, foi criada a Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa, entidade de fins culturais, sem fins lucrativos, que pudesse empreender projetos em prol do desenvolvimento do Museu, divulgando e promovendo a obra de Guimarães Rosa. O próprio Museu passou por uma reforma e foi reaberto em 1995.

Também em 1995, uma caravana de leitores de Guimarães Rosa, encabeçados por professores da Universidade de São Paulo do Departamento de Geografia saíram da grande cidade em direção ao sertão mineiro. Visitaram algumas das principais cidades-cenário da obra roseana, entre elas Cordisburgo, travando contato direto com alguns moradores dessas localidades. A partir de então, passaram a ser frequentadores de Cordisburgo (como também de Morro da Garça e Andrequicé), a apoiar os projetos incipientes envolvendo a obra de Guimarães Rosa e a sugerir outros novos. A Semana Roseana aos poucos ganhava novo *status*. Ela passou a apresentar, a cada ano, em sua programação pequenos cursos e palestras sobre a obra, apresentações artísticas nela inspiradas, buscando cada vez mais promover o estudo e incentivar a leitura de Guimarães Rosa, despertar o interesse para o seu entendimento, o seu desfrute.

Ainda em 1995, Calina Guimarães, fundadora da Associação dos Amigos do Museu e prima do escritor, assiste em Belo Horizonte a uma sessão de narração oral de contos literários – entre eles, um trecho da obra *Grande sertão: veredas* – apresentada pelo *Grupo Tudo Era Uma Vez* de Belo Horizonte. Entusiasmada com a possibilidade da narração oral da literatura roseana, Calina resolve convidar as duas narradoras da noite para ministrarem as primeiras oficinas que dariam início a um Projeto revolucionário para aquela cidadezinha do interior de Minas.

Tratava-se do Projeto Grupo Miguilim de Contadores de Estórias de Cordisburgo, que desde 1996 trouxe para o dia-a-dia do Museu Casa Guimarães Rosa e o da própria cidade, a palavra poética roseana nas vozes de seus jovens conterrâneos, que passaram a ser conhecidos pela carinhosa alcunha de “miguilins”. Eles narram de cor trechos da obra não só nas dependências do Museu como também fora dele, em escolas públicas e particulares, em bibliotecas, em pequenas salas de espetáculo e centros culturais, em inúmeras outras cidades, para onde o Grupo passou a ser convidado. A partir de 2000, suas apresentações começaram também a integrar a programação das Semanas Roseanas, atraindo público de Cordisburgo e visitantes.

Para ingressar no Grupo, os jovens fazem um treinamento em oficinas de narração oral onde começam narrando histórias de tradição oral ou literárias de menor complexidade. Em um segundo estágio eles passam a trabalhar com a narração de trechos roseanos. Os trechos são selecionados e recortados por suas diretoras² que, nesse trabalho de edição para a narração oral, guiam-se principalmente pelo critério da *audibilidade*. Essa noção foi desenvolvida pelo teórico de teatro argentino Jorge Dubatti (2007), ao refletir sobre os caminhos da palavra como som articulado – instrumento central da comunicação oral estabelecida em convívio poético entre o artista da palavra e seu espectador. Assim, a alta audibilidade refere-se “[...] à capacidade de um texto falado de ser ouvido, compreendido e lembrado/memorizado por um ouvinte” (DUBATTI, 2007, p. 75).

2 Dôra Guimarães e Elisa Almeida sendo a segunda delas, autora deste artigo.

O Projeto Grupo Miguilim dirige-se a crianças e jovens entre 10 e 18 anos, que cumprem plantões semanais no Museu Casa Guimarães Rosa. Os jovens guias recebem os visitantes, conduzem-nos por cada um de seus cômodos que abriga uma parte da exposição. Ao final, um trecho da obra é narrado de cor. Em tempos de pandemia³, com maiores restrições aos encontros presenciais, o evento da Semana Roseana prepara-se para realizar, pelo segundo ano consecutivo, a sua versão online. Assim pode-se dizer que, por realizarem-se nas plataformas digitais, as narrações orais do Grupo Miguilim se abrem mais ainda para o mundo⁴.

A narração oral de literatura representou um marco sem precedentes para o Museu e para a cidade de Cordisburgo. Nas palavras de seu diretor Ronaldo Alves, sem sombra de dúvida, os jovens narradores representam a alma do Museu Casa Guimarães Rosa e o Projeto Grupo Miguilim é um exemplo a ser seguido por outros Museus Literários dentro e fora do Brasil.



Figura 3. Grupo Miguilim, turma Elisa Almeida, 2014.
Foto Ronaldo Alves.

Para o crítico literário Antonio Cândido (1988), a literatura atua em nós como alimento humanizador. Ele escreve que o caráter de “coisa organizada” intrínseco à obra literária atua em nossos níveis profundos, tornando-a alimento para aquilo que temos de mais humano e mesmo, independentemente de nossa vontade, exerce a sua ação como fator organizador de nosso pensamento e de nosso sentimento. Não é difícil perceber que os narradores miguilins muito se beneficiam do “alimento” literatura roseana, com o qual têm um contato próximo. A poesia que transborda do texto em questão é grande aliada no seu processo de formação, convidando e estimulando o jovem intérprete/narrador a desenvolver e afinar a sua própria sensibilidade. Ele é frequentemente confrontado

com as entrelinhas do texto poético e é incentivado a desenvolver a capacidade de se expressar através delas, encontrar o seu jeito próprio de comunicar a emoção do texto ao público ouvinte, via narração oral. Nesse sentido, mais do que memorizar o texto, ele deve se apropriar dele. Assim, em um processo em que a educação e a arte se dão as mãos, potencializa-se a experiência dos integrantes do Grupo Miguilim.

Por outro lado, é sabido que a literatura em questão é também atravessada por questões metafísicas e Guimarães Rosa, assumidamente, conforme escreve a seus tradutores, nunca quis facilitar a vida de seu leitor. Ao contrário, o que o autor busca é tirar o leitor de seu lugar comum, de sua zona de conforto e levá-lo também à reflexão. Assim, o texto roseano está cheio de pistas, de meias-palavras e de neologismos que instigam o nosso pensar, nos levando ao encontro de novos saberes e sabores poéticos. Esse aspecto é também um aliado na formação do jovem, que se depara com um texto que o desafia e que pode ser um instrumento para o desenvolvimento de sua própria capacidade de reflexão enquanto leitor e aprendiz de narrador, e ainda conduzir seu público ouvinte por esse caminho.

Além de melhorar substancialmente a qualidade de sua leitura, a vivência em grupo e a necessidade do cumprimento de plantões no Museu impõem ao jovem miguilim inúmeros desafios que ele precisa aprender enfrentar e contribuem, entre

3 Pandemia mundial de covid-19 que teve início em 2020 e ainda se estende por 2021.

4 Seus registros filmo-gráficos podem ser conferidos na página do Museu Casa Guimarães Rosa: <https://www.youtube.com/channel/UCFqPpqfihUFP9ucHkhl01dg>

outros, para o desenvolvimento do senso de responsabilidade. A experiência também possibilita que ele desenvolva aos poucos a capacidade de enfrentar públicos diversos, formados por estudantes de variados níveis e procedências, professores, leitores e pesquisadores da obra, ou mesmo cidadãos comuns. No exercício da narração oral, o jovem aprimora a sua capacidade de manter uma plateia atenta e mesmo emocioná-la. Sua vontade é assim educada, em um processo de construção gradual da autoestima. Ressalte-se que, em tempos de pandemia, o adolescente enfrenta novos desafios e precisa aprender também a realizar a narração oral frente às telas, fazendo voar sua voz de narrador de literatura.

A oralidade já presente no texto literário atualiza-se, ganha corpo nas jovens vozes dos narradores miguilins, trazendo a descoberto a beleza da sua poesia e a sua musicalidade. Acrescente-se aqui que, não por acaso tal oralidade afina-se bem com a música do “mineirês” falado em toda a região, o mesmo que Guimarães Rosa elegeu imprimir ao seu texto.



Figura 4. Grupo Miguilim com Dôra Guimarães, 2013.
Foto Ronaldo Alves.

Dentre tantos benefícios proporcionados ao adolescente de Cordisburgo por fazer parte do Projeto Grupo Miguilim, destaca-se a oportunidade de desenvolver e fortalecer o sentimento de pertencimento, diretamente ligado à construção de sua cidadania. Ocupando, ainda que de forma amadora, o lugar de artistas, os miguilins enfrentam plateias variadas e, por meio da narração oral de trechos de um autor de sua própria cidade, são capazes de emocionar os espectadores, divulgando a obra e conquistando novos leitores. Trata-se de uma vivência “enraizadora”, diretamente ligada a um autor conterrâneo que é reconhecido em todo o

mundo. Tal autor, conforme abordamos na introdução desse artigo, propositalmente traz para a sua ficção o sertanejo e seus costumes, seu jeito de falar, sua maneira de ser. Isso se traduz em um convite ao jovem na redescoberta da sua própria cidade, no encontro consigo mesmo como cidadão cordisburguense em formação, ainda que ele almeje sair da cidade para dar continuidade a seus estudos.

Os autores Miziara e Mahfoud (2006) em seu artigo apresentam uma análise de uma pesquisa realizada com o Grupo Miguilim em seus primeiros dez anos de existência. Eles escrevem que, justamente por levar em consideração características da cultura de seu povo, valorizando o seu próprio jeito de ser é que a vivência do miguilim torna-se enraizadora. Para os autores, ela traduz-se em uma experiência de pertencimento, ao mesmo tempo em que se abre para a troca com outras culturas.

Luiza Castro (2012), por sua vez, dedicou sua monografia de final do curso de especialização em *Patrimônio Cultural na Contemporaneidade* ao estudo do Projeto Grupo Miguilim. Ao analisar a experiência do Grupo, a autora, além de destacar a questão do pertencimento, chama atenção para o aspecto da democratização da literatura, conforme abaixo:

As identidades dos participantes e da comunidade são reforçadas. Há um sentimento positivo de pertencimento ao lugar.

Com respeito às famílias das crianças e dos adolescentes, elas acabam também por se interessar pela obra do escritor ao acompanharem os filhos em suas atividades no “Grupo”. Nesse aspecto pode-se considerar que o “Grupo de Contadores de

Estórias Miguilim” contribui para introduzir o universo literário em ambientes onde normalmente isso dificilmente aconteceria (CASTRO, 2012, p. 19).

Em uma análise preliminar de outra pesquisa realizada com egressos do Grupo Miguilim, que ainda está em andamento e que tem como objetivo refletir sobre os impactos do Projeto na vida de cada um deles pode-se identificar alguns aspectos. Entre eles, a consciência que os jovens têm de que a vivência fortaleceu o sentimento de pertencimento ao lugar. Quando perguntados se indicariam o Grupo Miguilim a um amigo ou parente, todos eles, sem exceção, responderam que sim. Em justificativa à sua resposta o entrevistado 15 respondeu: “Porque é uma maneira muito prazerosa de aprender e divulgar a obra de Guimarães Rosa. É vivenciar nossas raízes.” O entrevistado 16 inclui em sua resposta que indicaria o Grupo Miguilim, pois através dele, o adolescente pode “[...] ter orgulho de ser cordisburguense através da leitura e do olhar de JGR.” O entrevistado 29, por sua vez, enumera os benefícios do Grupo em sua vida: “Além de conhecer mais sobre a nossa região, conhecemos a literatura que mostrou ao mundo um sertanejo que tem orgulho de suas origens e que passa tantas mensagens reflexivas sobre a vida. Nos faz valorizar nossa origem e nos deixar mais autênticos independente de onde vamos e do que fazemos”. O entrevistado 22 acrescenta: “Fazer parte do Grupo Miguilim me ajudou muito na integração com Cordisburgo e as pessoas da lá, fortalecendo os laços de pertencimento à cidade”.

Vale dizer que desde 29 de dezembro de 2011, o Grupo Miguilim foi reconhecido pela Prefeitura da cidade como “Patrimônio Imaterial do Município de Cordisburgo”. No presente ano de 2021, o Grupo está completando 25 anos de vida e encontra-se em sua décima geração. Ao longo de todo este caminho, por ele já passaram mais de 160 jovens, cujas vozes reverberam os textos e a poesia roseana, não apenas para os visitantes, aquele público que já conhece a literatura roseana ou se interessa por conhecê-la, mas também para as pessoas de Cordisburgo, as famílias do miguilim, seus amigos e conhecidos da cidade. A obra vai aos poucos se espalhando e chega, via narração oral, até muitos daqueles que não tiveram oportunidade de lê-la, ganhando, paulatinamente, também o coração do cidadão cordisburguense.

Conclusão

A pequena Cordisburgo, no centro de Minas Gerais, tem um pouco mais de cinco mil habitantes. Atualmente, pode-se dizer que são dois os principais motivos que levam visitas ao lugar: ter como marco geográfico a bela caverna calcárea da Gruta de Maquiné, e ser o berço do grande escritor brasileiro, mundialmente conhecido, João Guimarães Rosa. Entretanto, pode-se dizer que somente a partir de meados da década de 1990 é que a cidade foi se abrindo para conhecer a obra roseana, a partir de alguns acontecimentos que ali tiveram lugar.

Dentre eles, e sem dúvida um dos maiores responsáveis por essa transformação tem nome certo: Grupo Miguilim de Contadores de Estórias de Cordisburgo, formado por adolescentes que residem na cidade e que recebem formação especializada para narrar de cor trechos da obra roseana aos visitantes do Museu Casa Guimarães Rosa. Inserido em um Projeto mais amplo, a formação do jovem como narrador oral de textos roseanos é vivida por muitos deles como uma experiência transformadora, com benefícios em vários âmbitos, entre eles, o de desenvolver o gosto pela leitura, o senso de responsabilidade, a habilidade de falar em público, a sensibilidade.

Ao mesmo tempo, o testemunho de brasilidade fortemente presente na obra

torna-se um aliado para a formação do jovem. A ambientação das estórias no próprio sertão mineiro e a grande oralidade presente nesta literatura são fatores importantes que fazem da narração oral uma experiência enraizadora. Uma vivência que favorece a maturação da noção de pertencimento ao lugar e a edificação da própria identidade e cidadania.

Se o Brasil como um todo é um país carente de programas específicos de incentivo à leitura literária, o Projeto Grupo Miguilim é um exemplo de como é possível abrir espaços para que isso aconteça por meio da narração oral de literatura. Sem diferir do que acontece em boa parte das nossas cidades, o perfil do morador de Cordisburgo não é o de um leitor de literatura. Mas, ao longo de 25 anos de existência do Projeto, os 160 jovens que por ele passaram provaram como é possível atuar como divulgadores da obra de forma viva, emocionar seus pesquisadores e amantes e, ao mesmo tempo, atrair novos leitores. Fazer com que uma literatura de valor universal possa chegar também até o homem comum, aquele que não teve oportunidade ou acesso a ela.

A idealizadora do Projeto, Calina Guimarães, costumava dizer que o seu maior objetivo era proporcionar ao jovem cordisburguense a oportunidade de passar a sua adolescência de maneira saudável e feliz. Isso parece comprovar-se e, ao mesmo, democratiza-se o bem cultural, resgatando valores locais promotores de identidade e cidadania.

O nome do Projeto – Miguilim – refere-se a um menino de oito anos protagonista da novela *Campo Geral* de Guimarães Rosa, que era míope. Há um episódio marcante ao final da novela que narra o dia em que Miguilim pôs os óculos pela primeira vez, passando a enxergar o mundo de maneira diferente. Do mesmo modo, conforme o entendimento de uma das jovens egressas do Projeto, vestir a camiseta do Grupo Miguilim, faz com que o jovem passe a ver o mundo com outros olhos.

Referências bibliográficas

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, A. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 1988. p. 171-193.

CASTRO, L. G. D. **Perspectivas futuras do Grupo de Contadores de Estórias Miguilim como Possível Patrimônio Cultural Imaterial. 2012. Trabalho de conclusão de curso (Especialização)**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Curso de Pós Graduação em Patrimônio Cultural na Contemporaneidade, 2012.

DUBATTI, J. **Filosofia del Teatro I: Convívio, Experiência y Subjetividad**. Buenos Aires: Atuel, 2007.

FRAGATA, C. **João, Joãozinho, Joãosito: o menino encantado**. Rio de Janeiro: Galerinha Record, 2016.

GUIMARÃES, V. **Joãosito, a infância de João Guimarães Rosa**. 2ª Edição. ed. São Paulo: Panda Books, 2006.

HEIDEMANN, D.; BEZERRA, M. D. C. Viajar pelo sertão é antes de tudo uma descoberta! **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 58, p. 7-17, 2006.

JÚNIOR GUIMARÃES, L. **Cordisburgo, gente daquele tempo e outras histórias.** Belo Horizonte: Editota Itatiaia Ltda, 1986.

MIZIARA, K. B.; MAHFOUD, M. Contar histórias como experiência enraizadora: análise de vivências do Grupo de Contadores de Estórias Miguilim. **Memorandum**, Belo Horizonte, v. 10, p. 98-122, 2006.

ROSA, J. G. **Sagarana.** Edição especial de bolso. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SOUZA, M. T. D. S. **Vida do Padre João de Santo Antônio: fundador de Cordisburgo.** Belo Horizonte: Gráfica Editora Tavares Ltda, 1993.

VALLE, M. C. C. A **Gruta ou Lapa Nova do Maquiné.** Belo Horizonte: Vega S.A., 1975.

Autora:

Maria Elisa Pereira de Almeida. Narradora oral especializada em textos literários, formada em Psicologia (UFMG, 1984), com Especialização em Filosofia (UFMG, 1991) e Doutorado em Artes (PPG-Artes, Belas Artes, UFMG). Foi sócia-fundadora do Grupo Tudo Era Uma Vez (Belo Horizonte, 1993-2012) que se especializou na narração de textos literários e desenvolveu técnica de narração de tais trechos. Dirige desde 2004, juntamente com Dôra Guimarães, o projeto Grupo Miguilim de Contadores de Estórias de Cordisburgo. Ministra oficinas de narração oral desde 1992 em várias cidades. almeidaelisap@gmail.com

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROBLEMA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL

Eje/Eixo Temático 1

Giuliana Lima Oliveira
Vera Santana Luz

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Resumo:

A população em situação de rua, ao refletir uma face extrema da desigualdade social, tem enfrentado precariedade, marginalização e expulsões no meio urbano. No Brasil, os indicadores apontam que essa população tem aumentado e se concentrado na região Sudeste caracterizada como de maior população e desenvolvimento. O objetivo deste artigo é apresentar considerações a respeito dos instrumentos de inclusão e características deste contingente. A partir da metodologia da dialética crítica, são abordadas garantias instituídas por meio do quadro legal brasileiro destinadas a esta população e em seguida apresentado o estudo de caso do projeto arquitetônico Oficina Boracea, na cidade de São Paulo. Os resultados revelam um estado de contradição entre as garantias dos direitos sociais, especialmente a partir de 1988, e sua efetivação concreta como capacidade de enfrentar essa condição de vulnerabilidade da população em situação de rua.

Palavras-chave: **população em situação de rua, desigualdade social, vulnerabilidade urbana, direito à cidade, políticas públicas.**

Resumen:

La población sin hogar, reflejo de un aspecto extremo de desigualdad social, ha enfrentado la precariedad, la marginalización y los desalojos en el medio urbano. En Brasil, los indicadores señalan que esta población ha aumentado y se concentra en la región Sudeste, caracterizada por tener la mayor población y desarrollo. El propósito de este artículo es presentar consideraciones sobre los instrumentos de inclusión y características de este contingente. Con base en la metodología de la dialéctica crítica, se abordan las garantías establecidas a través del marco legal brasileño para esta población y luego se presenta el caso de estudio del proyecto arquitectónico Oficina Boracea, en la ciudad de São Paulo. Los resultados revelan un estado de contradicción entre las garantías de los derechos sociales, especialmente desde 1988, y su implementación concreta como capacidad para enfrentar esta condición de vulnerabilidad de la población sin hogar.

Palabras-clave: **población sin hogar, desigualdad social, vulnerabilidad urbana, derecho a la ciudad, políticas públicas.**

Introdução

Dentre as diversas formas e dimensões de estratificação socioespacial urbana, a população em situação de rua revela uma das faces extremas da desigualdade social, refletindo pobreza, segregação e exclusão. Filgueiras (2019) trata o morar na rua como realidade urbana e problema público no Brasil. A questão retratada à luz das políticas públicas é exposta pela autora como um desafio político e urbano.

O problema, visto no âmbito da esfera pública, nos permite identificar a implementação de políticas, instrumentos, programas e ações que, por meio do quadro legal, visa combater o cenário de condição de precariedade expressa pela permanência da marginalização espacial desses indivíduos. No Brasil, em 2009, a Política Nacional para a População em Situação de Rua, estabelecida pelo Decreto nº 7.053/09, definiu essa população da seguinte forma:

(...) considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite ou como moradia provisória. (Decreto nº 7.053, 2009, art. 1º, parágrafo único)

A condição humana, ao enxergar a rua como alternativa de sobrevivência, possui origens diversas e representa um estado de alta vulnerabilidade. O I Censo e Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua¹ realizados entre os anos de 2007 e 2008 evidenciam que a extrema pobreza, a impossibilidade de aquisição de moradia, as desavenças familiares, a condição do trabalho informal, o deslocamento em busca de trabalho, a falta de escolaridade, o uso de entorpecentes, a discriminação sofrida até mesmo dos órgãos públicos, a falta de perspectiva de uma vida melhor, o tempo de permanência que induz a continuidade dessa condição e que possui o espaço comum a todos para realização de pernoites, refeições precárias, higiene pessoal, enfrentando dificuldades em desfrutar da vida privada, indicam um estado não só de vulnerabilidade, mas de urgência no meio urbano (Cunha, 2009).

Filgueiras (2019) indica que, em âmbito nacional brasileiro, a situação de rua é entendida como questão social e urbana e como adversidade pública desde o final do século XX, mas a ocorrência de pessoas vivendo nas ruas como opção de sobrevivência não se torna de imediato um problema público. A constituição dos pactos sociais para inclusão da população em situação de rua, se deu a partir de ações de diferentes atores e acontecimentos. A contribuição dos agentes públicos, da sociedade civil e empreendedores possibilitou o que Filgueiras denominou como “a construção do olhar” (p. 977). A percepção das causas em prol destes indivíduos viabilizou conquistas as quais abordaremos a seguir.

Desenvolvimento

Primeiramente é importante destacar que o governo federal brasileiro, em 1941, passou a ver a mendicância² como ato passível de punição. Após 68 anos, tal

¹ O I Censo e Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua se trata da primeira, mais completa e única pesquisa no Brasil, sendo resultado do Primeiro Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua realizado em 2005 (Cunha, 2009).

² O Decreto Lei nº 3.688/41, que dispõe sobre a Lei das Contravenções Penais, sujeitou tal conduta à pena de 15 dias a 3 meses de prisão (Lei nº 3.688, 1941, art. 60º). Para mais informações ver: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3688.htm.

posicionamento foi revogado pela Lei n.º 11.983 de 2009, ano em que ocorreu a conquista da Política Nacional para a População em Situação de Rua institucional (Lei n.º 11.983, 2009). Este marco garantiu direitos e meios de acesso aos serviços públicos por meio de princípios, diretrizes, objetivos e organização.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, marco legal promulgado na consolidação do país como Estado Democrático de Direito, assegurou direitos fundamentais a todos os cidadãos. Em primeira instância, são assegurados como valores supremos o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos (Constituição Federal, 1988, parágrafo único). Seus objetivos fundamentais constituem-se em construir uma sociedade livre, justa e solidária, garantindo o desenvolvimento nacional, a **erradicação da pobreza e marginalização [ênfase adicionada]**, bem como a redução das desigualdades sociais e regionais e promover o bem de todos, reconhecendo a diversidade, sem preconceitos e quaisquer outras formas de discriminação (Constituição Federal, 1988, art. 3). Os direitos sociais garantidos a todos são instituídos pelo acesso à “educação, saúde, alimentação, trabalho, moradia, transporte, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância, a **assistência aos desamparados [ênfase adicionada]**” (Constituição Federal, 1988, art. 6).

A Constituição de 1988 permitiu que a assistência social³ passasse a ser de responsabilidade pública, sendo “prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social” (Constituição Federal, 1988, art. 203). A Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS)⁴ promulgada após 5 anos da Constituição Federal, pela Lei n.º 8.742/93, sistematiza a organização da assistência social, visando conceder os mínimos sociais e assegura em tese as necessidades básicas da existência humana para enfrentamento da pobreza (Lei n.º 8.742, 1993, art. 2º, parágrafo único).

A assistência social, sendo Política de Seguridade Social, se organiza com base na administração política setorial descentralizada entre os Estados, o Distrito Federal, os respectivos municípios e a participação popular, responsabilizando o Estado na condução das políticas públicas (Lei n.º 8.742, 1993, art. 5º).

No decorrer dos anos, a LOAS passou por algumas adaptações. Após 12 anos à margem dos direitos sociais, em 2005, um ano após a Chacina da Praça da Sé⁵, a LOAS incluiu a população em situação de rua em seus serviços, tendo-se estendido esta garantia de benefícios assistenciais pela Lei n.º 11.258/2005 (Lei n.º 11.258, 2005).

3 Os objetivos da assistência social constituem “a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice; o amparo às crianças e adolescentes carentes; a promoção da integração ao mercado de trabalho; a habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária; a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover à própria manutenção ou de tê-la provida por sua família, conforme dispuser a lei” (Constituição Federal, 1988, art. 203).

4 Por intermédio da LOAS se instituiu o Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), o Fundo Nacional de Assistência Social (FNAS) e o Plano de Assistência Social (PAS) que são imprescindíveis para o gerenciamento da Política Pública da Assistência Social (Lei n.º 8.742, 1993, art. 30).

5 A Chacina da Praça da Sé, ocorrida em 2004, em São Paulo, foi um acontecimento que marcou o país. Registrou a morte de sete pessoas em situação de rua sem nenhuma justificativa, dando maior visibilidade e marcando a história desse contingente na luta por direitos (Cunha, 2009). Foi um dos episódios que promoveram a questão entre os movimentos envolvidos e atribuiu novos agentes à causa, contribuindo para a construção de paradigmas para essa população (Filgueiras, 2019). O Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR), foi um dos movimentos que se destacou após esse episódio, ganhando força ao longo dos anos na luta pelos direitos deste contingente (Lemões, 2014). Salientamos ainda que, a assistência a população em situação de rua no Brasil é marcada pela ajuda religiosa, o que confere a esta causa um início meramente de ajuda humanitária (De Lucca, 2007).

Outra alteração nos marcos legais ocorreu em 2011, ano em que o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) foi inserido de forma jurídica sob a Lei nº 12.435/2011 (Lei nº 12.435, 2011).

O SUAS é resultado da discussão sobre a estrutura da assistência social, sendo preconizada sua implementação realizada pela Política Nacional da Assistência Social (PNAS) em 2004, visando garantir a efetivação das ações socioassistenciais (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2004). Apesar da introdução do SUAS ocorrer quase duas décadas após a instituição da LOAS, este Sistema era fundamentado desde 2005, pelo Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS).

O processo de inclusão social dos indivíduos em situação de rua, bem como o delineamento das medidas assistenciais, permitiu a sistematização da Assistência Social no Brasil, ocorrida a partir do SUAS, com a possibilidade de maior efetividade na condução dos marcos legais, assim como na integração dos favorecidos aos benefícios previstos por lei (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2004).

No ano de 2005 surgiu O Movimento Nacional da População em situação de Rua (MNPR), sendo composto por pessoas em situação de rua ou que já estiveram nestas condições, assistentes sociais, enfermeiros, psicólogos, advogados, pesquisadores, parceiros e apoiadores (Lemões, 2014). O Movimento marcou a trajetória dos indivíduos em situação de rua na luta por direitos e tem contribuído significativamente na construção de paradigmas, estratégias, bem como reivindicado a implementação de políticas públicas intersetoriais e transversais perante o setor público (Lemões, 2014). De acordo com De Lucca (2007, p. 124), o movimento funcionou como “um dispositivo mais amplo de interrogação, organização e constituição de novos sujeitos urbanos”, permitindo a participação do sujeito e de entidades que trabalham pela causa de forma política. O autor afirma que:

[...] Ao tornar-se alvo de múltiplas interferências religiosas, demográficas, políticas e urbanas, esta realidade ganha forma, número, direito e um nome próprio que baliza uma luta por reconhecimento e redistribuição. Assim, de objeto, a população de rua passou a se colocar como sujeito que busca tomar o poder da palavra sobre si – um sujeito que é falado e que agora passa a falar –, e neste processo apropriou-se dos esquemas classificatórios e das convenções que se encontravam no meio em que fora historicamente produzido. (De Lucca, 2007, p. 124)

Outra conquista se deu em 2007, com a instituição do Cadastro Único⁶ (CADÚNICO), que é um sistema eletrônico de cadastramento dos beneficiários nos programas sociais. Este instrumento de eleição, distinção e caracterização das famílias de baixa renda, produz a racionalização dos processos, garantindo a unicidade das informações e integração aos programas (Decreto nº 6.135, 2007, art. 3). A instituição do CADÚNICO facilitou o acesso da população em situação de rua aos programas como Bolsa Família, o Benefício de Prestação continuada (BPC) e aos cursos de Prestação Continuada de Jovens e Adultos (EJA) e qualificação profissional (Cortizo, 2019).

Na sequência de conquistas relativas ao quadro legal, no que tange à população em estudo, em 2005 ocorreu o Primeiro Encontro Nacional sobre a População em Situação de Rua, evento que promoveu o I Censo e Pesquisa sobre estes indivíduos, realizado entre 2007 e 2008 (Cunha, 2009). Tal Pesquisa proporcionou, no ano de 2008, o estabelecimento da Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua, contribuindo na orientação e construção de políticas públicas para esta população. No ano seguinte, em 2009, esta Política se efetivou por meio do Decreto

⁶ O CADÚNICO define as famílias como sendo compostas por um ou mais indivíduos, concedendo a estes um número de identificação social (Decreto nº 6.135, 2007).

nº 7.053 de 2009, juntamente com o Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento (CIAMP-Rua), que tem como princípios a igualdade e a equidade (Decreto nº 7.053, 2009).

O Decreto nº 7.053/09 assegura à população em situação de rua, mediante seus princípios, o atendimento universal e humanizado sem preconceitos, a garantia da convivência familiar e comunitária, seu valor e o respeito, tanto à vida como à cidadania. Os objetivos instituídos destinam-se à previdência e assistência social, saúde, educação, concedendo acesso aos programas de moradia popular, segurança, esporte, lazer, cultura, trabalho, transferência, bem como a qualificação profissional. A implementação de Centros Especializados para o tratamento da população em situação de rua e a instituição da contagem oficial desta população junto aos indicadores sociais brasileiros, estão entre as conquistas alcançadas por meio desse decreto (Decreto nº 7.053, 2009), embora não tenha ainda se efetivado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE –, contando somente com censo setoriais.

Evidencia-se ainda, a Portaria nº 940/2011 que permitiu, por meio do Ministério da Saúde, o acesso da população em situação de rua ao Sistema Único de Saúde (SUS) sem apresentação do comprovante de residência e a Portaria nº 122/2012, que instituiu o Consultório de Rua – CNAR (Cortizo, 2015). O CNAR⁷ funciona por meio de equipes que se organizam no atendimento à saúde mental por meio da Estratégia de Saúde na Família (ESF) sem domicílio, visando promover, proteger, diagnosticar, tratar, reabilitar, reduzir danos e manter a saúde destes indivíduos (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2012). A Portaria nº 595 de 2013 (Cortizo, 2015), apesar de incorporar a população em situação de rua no processo de seleção à moradia por meio dos parâmetros de precariedade social ao Programa Minha Casa, Minha Vida – PMCMV⁸ (Ministério das Cidades, 2009), não dispõe de diretrizes, objetivos ou meios para que ocorra o processo de sua efetivação. No mesmo ano, o Edital nº 3 do Ministério do Trabalho e Emprego (Cortizo, 2015) estabeleceu métodos de inclusão socioeconômica da população em situação de rua mediante a economia solidária, visando promover atividades por meio de Entidades de Apoio, Assessoria e Fomento neste segmento, com assessoria, capacitação, incubação, assistência técnica e organizativa e acompanhamento desta população no mercado de trabalho.

De acordo com Cunha (2009), os marcos legais voltados para a população em situação de rua, obtiveram tal delineamento mediante o I Censo e Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua realizada 12 anos atrás, publicado em 2008. Esta Pesquisa, realizada em 71 cidades brasileiras, identificou 31.299 pessoas nessa condição e possibilitou a quebra de alguns paradigmas. Esse contingente, somado ao censo dos municípios⁹ de São Paulo, Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte estimou 50 mil habitantes em situação de rua entre 2007 e 2008 no Brasil.

Das entrevistas do I Censo, 72,5% foram realizadas em espaços públicos e somente 27,5% em instituições, como albergues, abrigos, clínicas, dentre outros. A recusa por participação dos indivíduos, foi tida como baixa, a saber, de 13,4%. Dos que costumam dormir em albergues, a Pesquisa apontou 43,8% e destes, 20,7% manifestaram dificuldade em conseguir vagas. Por outro lado, 46,5% mencionaram a preferência em pernoitar em logradouros públicos, justificada pela vaga ideia de

⁷ As equipes do CNAR, previstas pelo Ministério da Saúde, possuem os seguintes componentes: assistentes sociais, agentes sociais, médicos, enfermeiros, psicólogos, terapeutas ocupacionais, técnicos ou auxiliares de enfermagem e técnicos em saúde bucal. As atividades desempenhadas são integradas e compartilhadas com as equipes dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) (Ministério da Saúde, 2011).

⁸ O Plano Nacional de Habitação (PLANHAB), desde 2009, assegura o acesso e a universalização da moradia digna para as famílias formadas até 2023 no país (Ministério das Cidades, 2009).

⁹ Esses municípios realizam seu próprio censo sobre a população em situação de rua, motivo que os levou a ficar de fora do censo nacional (Cunha, 2009).

liberdade e porque muitos centros de acolhida não possuem espaços para animais de estimação, dificultando a saída das ruas – Figura 1 (Cunha, 2009).

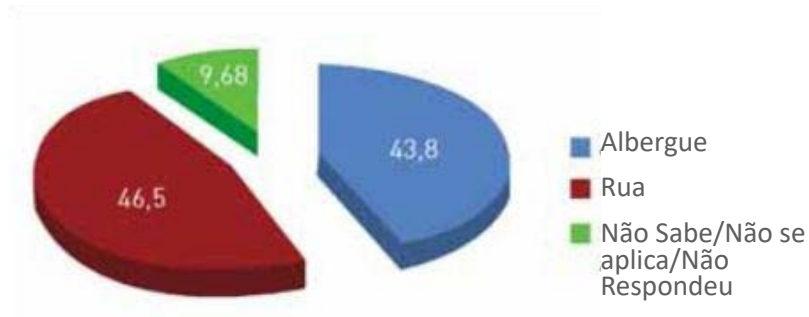


Figura 1: População em situação de rua – Local para pernoite
Fonte: I Censo e Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua – 2007/08.

familiares, 11,68% o envolvimento com álcool e drogas e 8,8% dos casos estavam vinculados ao desemprego (Cunha, 2009, pp. 157-160).

Dos motivos que levam muitos a irem às ruas, neste Censo o alcoolismo se sobressaiu, apresentando o maior percentual, de 35,5%. Os demais correspondem como: 29,8% ao desemprego, 29,1% aos problemas familiares e 28,7% sem determinação. A Pesquisa evidenciou a permanência nas ruas como fator de continuidade nesta condição, apontando 47,6% deste contingente vivendo nas ruas a mais de 2 a 5 anos – Figura 2 (Cunha, 2009). O componente raça revela que 67% são pardos ou pretos. Segundo a Pesquisa, é um índice bem maior na comparação ao quadro brasileiro, que no Censo de 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010 citado em Cunha, 2009) apontava 44,5% da população como parda ou preta.

Tempo	F	%
Menos de 1 mês	2.163	7.8
Mais de 1 mês até 6 meses	4.017	14.6
Mais de 6 meses até 1 ano	3.017	10.9
Mais de 1 ano até 2 anos	3.818	13.8
Mais de 2 anos até 5 anos	5.211	18.8
Mais de 5 anos	.181	29.6
Desde que nasceu	365	1.3
Não sabe/Não lembra	583	2.1
Não Respondeu	292	1.1
Total	27.647	100

Figura 2: População em situação de rua segundo o tempo em que dorme na rua/albergue.
Fonte: I Censo e Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua – 2007/08.

importante apresentado se refere a grupos que vivem de cidade em cidade em busca de emprego, os chamados “trecheiros”. Refere-se a uma categoria que está em constante movimento, dificultando sua contabilização, dos quais foi destacada

O I Censo também relata a prevalência de sujeitos acima de 18 anos em situação de rua e das 31.299 pessoas, 82% eram homens e somente 18% eram mulheres. Cunha (2009), aborda a questão dessas mulheres como uma minoria sobrevivendo em condições extremas em um meio majoritariamente masculino. Viver nas ruas poderia ser ainda mais arriscado e dos motivos que ratificam essa situação, 22,56% apontaram a perda de moradia, 21,9% as desavenças

Em relação aos paradigmas usuais de estigmatização, a Pesquisa revela somente 15,7% desta população como atrelada à mendicância e 70,9% desempenhando alguma ocupação remunerada dos quais 58,6% possuíam alguma profissão. Evidenciou-se uma população majoritariamente jovem, com idade economicamente ativa entre 26 a 45 anos. Sobre os dados de origem, a migração não foi considerada articulada à situação de rua. Dos entrevistados, 45,8% indicaram que sempre moraram no município de origem e 30,3% se deslocaram somente dentro do mesmo estado. Percebe-se que mais de 70% permaneceu no local de nascimento ou moderadamente próximos, provenientes de áreas urbanas e refutando a concepção de mudança do campo para a cidade (Cunha, 2009). Outro fator

a porcentagem de 11,9%. Os motivos apontados que levariam esse contingente a se deslocar apontou que 45,3% manifestou a busca de trabalho e 18,4% causas relativas a desavenças familiares. Dos trecheiros, 60,1% expressaram que não estavam em situação de rua e nem utilizavam albergues em sua cidade natal (Cunha, 2009).

No que se refere à educação, foi diagnosticado que 63,5% não concluíram o primeiro grau. Dos que não sabiam ler e escrever, a porcentagem revelou 17,1%, e 8,3% assinava apenas o nome. Estes dados revelam um grupo de baixa escolaridade e sem acesso à educação. Sobre a alimentação, o índice de 19% não consegue fazer no mínimo uma refeição ao dia e 79,6% o conseguem. A Pesquisa também revela a debilidade das condições de higiene, destacando 30% dos que usam os logradouros públicos como meio primário para fazer suas necessidades fisiológicas e asseios. O resultado da condição de rua como consequência da falta de moradia, a alimentação débil ou inexistente, a precariedade de higiene, dentre outras áreas, registrou 30% dessa população com alguma adversidade com respeito à saúde (Cunha, 2009).

Uma das dificuldades enfrentadas por estes indivíduos refere-se à discriminação, às censuras e reprovações sofridas, tanto em espaços públicos como privados. Das hostilidades em postos de saúde foi apontado por 18,4%, as relacionadas ao transporte público, por 29,8%, as relativas a estabelecimentos comerciais e o índice de 31% no acesso aos órgãos públicos, sendo 21,7% em empresas bancárias, sendo ainda que 26,7% se definiu como vítima de alguma discriminação. A rejeição foi relatada até mesmo na aquisição de documentos, com porcentagem de 13,9% (Cunha, 2009).

Sobre a documentação, item necessário para que o indivíduo possa ser assegurado pela assistência social pública, 24,8% informaram não possuir qualquer tipo de identificação e 61% não exerciam o direito de cidadania (Cunha, 2009). A Pesquisa expõe indicadores em relação ao acesso aos programas governamentais, evidenciando em 88,5% os que não possuem qualquer auxílio ou apoio público, a despeito da complexidade de mecanismos legais que expusemos anteriormente.

Como complementação do quadro geral de dados apresentados, é importante comentar que, dentre as estimativas mais recentes em relação à quantidade de indivíduos em situação de rua, a estatística realizada em 2015 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a partir de dados via Censo do Sistema Único de Assistência Social (Censo Suas) com base em 1.924 municípios¹⁰ brasileiros (Natalino, 2016). Apesar de se constituir como uma estimativa com precisão relativa e não correspondente ao total de municípios, forma estimados 101.854 sujeitos neste contingente, no país, mais concentrados no Sudeste do Brasil¹¹, evidenciando, portanto, esta concentração em região com PIB superior e municípios mais adensados (Natalino, 2016). O CADÚNICO, em 2019, disponibilizou dados relacionados, revelando um acréscimo de 7.368 famílias em situação de rua relativas a agosto de 2012 para 119.636 em março de 2019, indicando ainda a prevalência de 70% deste contingente na região Sudeste. Os motivos desta condição foram apontados como a perda de moradia, por 13% e de imigração, por 29% dos casos. Ressaltamos novamente que o CADÚNICO reconhece famílias formadas por uma pessoa (Cortizo, 2019).

A necessidade de introduzir esta população no censo nacional realizado pelo IBGE persiste desde 2009, preconizada pelo Decreto nº 7.053/09 (Decreto nº 7.053, 2009). Para Melito (2018) esta carência de dados impossibilita um desempenho efetivo da assistência social brasileira, dificultando a percepção do problema. As dificuldades de sua efetivação podem ser compreendidas pela condição não domiciliada destes

10 Segundo o IBGE, em 2015 havia o total de 5.565 municípios no Brasil (IBGE, 2015).

11 A região Sudeste é a mais populosa e o estado de São Paulo representa 21,7% da população total do país (IBGEa, 2015) também com maior PIB nacional, correspondente a R\$ 1.939.901.907 (IBGEb, 2015).

contingentes populacionais, o que interferiria na metodologia adotada pelo IBGE.

Os indicadores não só refletem a desigualdade social no meio urbano, mas caracterizam-na, refletindo preliminarmente os modos de sobrevivência da população em situação de rua ao revelar suas quantidades, e as prevalências de gênero, faixas etárias, escolaridade, inserção em atividades de trabalho, condição de cidadania, hábitos, fatores de discriminação e adesão a programas sociais. Joana Barros (2004) testifica que:

Treinar o olhar para perceber onde estão os lugares de acolhimento é como treinar o olhar para ler uma cidade pelo seu avesso, através daquilo e daqueles que estão fora do que consideramos "cidade", na sua dimensão civilizatória, pública e política. Desta forma é como se perscrutássemos as entranhas da cidade e de seu duplo, a política, para achar o que está escondido por trás dela e ao mesmo tempo é estruturante neste esconder-se/revelar-se. Descobrimos então nesta cidade oculta uma verdadeira rede de atendimento, com uma geografia e uma lógica de funcionamento próprias. Achamos em meio a estes escombros uma cidade invisibilizada para os que estão fora dela e, dentro dela, homens e mulheres igualmente invisíveis e silenciosos caminhando por esta rede de acolhimentos, normas e valores, regras e acordos entretecidos nestas ruínas. (Barros, 2004, p. 1).

Este texto buscou articular, de modo sintético, a contradição entre o que os dados apontam como permanência e incremento da situação de rua no Brasil perante o desenvolvimento de instrumentos legais para seu atendimento e superação. A seguir vamos apresentar um estudo de caso pontual que pode indicar a potência de ações de pequena escala como indutoras de inclusão efetivas. Elegemos um projeto significativo no período quando ainda eram incipientes os mecanismos legais de proteção e atendimento à população em situação de rua, por sua condição pioneira e qualidade propositiva.

O projeto Oficina Boracea, situado no bairro Barra Funda, região oeste da cidade de São Paulo/SP, é um exemplo de ação concreta das redes de atendimento municipal, como tentativa de garantia dos serviços prestados a nível municipal. Na discussão deste exemplo serão também pontuadas algumas contradições de seu processo de implantação. Iniciado em 2002 e concluído no ano de 2003, partiu da necessidade de um centro social como suporte para a população em situação de rua na cidade de São Paulo/SP (Loebcapote, 2003). As medidas para realização do projeto foram de iniciativa da Prefeitura Municipal em parceria com o Programa Acolher – Reconstruindo Vidas¹², estando sob responsabilidade do escritório do arquiteto Roberto Loeb. Dada a exiguidade de espaços desta natureza, o intuito do projeto era servir como piloto modelar para programas análogos, onde se preconizaria o conjunto de cuidados e acolhimento, desde o ingresso à permanência bem como incentivos e meios para possibilitar a saída desta situação aos indivíduos atendidos (Simões, 2012).

A Oficina possui área total de 90.000m² com 17.000m² de área construída, configurando-se como um abrigo projetado para hospedar 400 pessoas, contendo diversos serviços de assistência social para funcionamento período contínuo de 24 horas/dia (Loebcapote, 2003). Das atividades preconizadas no programa, merece destaque o cuidado aos catadores de materiais recicláveis, oferecendo espaços de orientação e triagem para manuseio do material e sua comercialização, bem como a guarda de carrinhos e carroças utilizadas neste tipo de trabalho (Campos, 2015).

¹² O Programa Acolher – Reconstruindo vidas, instituído pela iniciativa governamental de São Paulo, visa fornecer acolhida a pessoas desabrigadas em períodos de frentes frias. Para mais informações ver: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-42119-de-19-de-junho-de-2002/consolidado>.

A localidade de implantação é um ponto estratégico, fazendo parte dos trajetos percorridos pela população de rua e dispendo de algumas empresas de reciclagem nas redondezas, auxiliando a vida dos que trabalham com catação de resíduos sólidos (Paula, 2019). O projeto, implantado a partir da requalificação de um local que dispunha originalmente de uma oficina de transporte com galpões em desuso, se pautou pela compreensão das necessidades da população em situação de rua, apoiado pela atuação do poder público, viabilizando uma arquitetura que pudesse ir além da acolhida para pernoite, oferecendo espaços e oportunidades de inserção social em condições de vida digna (Paula, 2019).

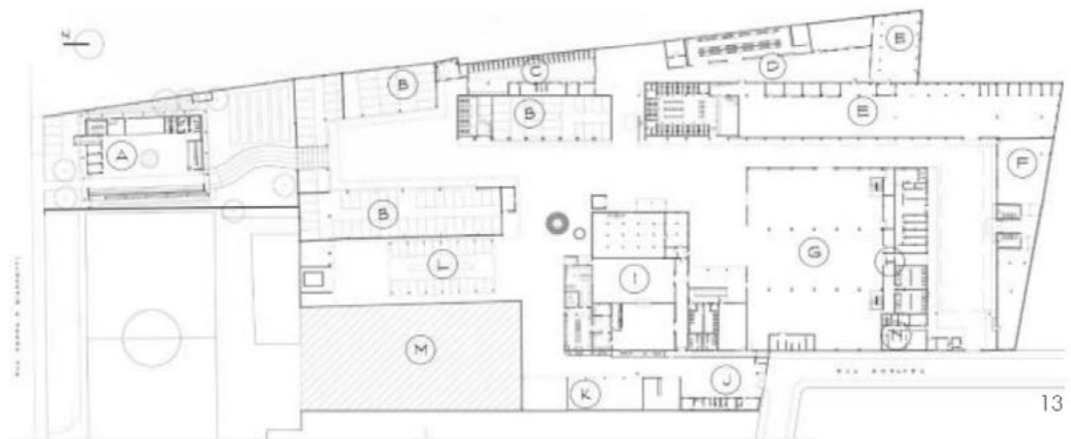


Figura 3: Oficina Boracea. Planta. (A) recepção; (B) carrinhos; (C) canil/veterinário; (D) lavanderia comunitária; (E) dormitórios; (F) Instituto de Pesquisas Urbanas; (H) ambulatório; (G) salão multiuso, capela; (I) cozinha industrial e refeitório, vestiários, sanitários públicos; (J) posto policial; (K) depósito geral; (L) triagem de resíduos sólidos recicláveis; (M) área de permuta de recicláveis; (N) administração.
Fonte: Campos, 2015.

A Figura 3 expõe a planta da edificação, onde é possível entender a posição dos ambientes e suas funções. O acesso ao edifício se dá por uma recepção para acolhimento indicada pela letra A, que é estabelecida em um volume independente, envolvido por jardins e pequenas hortas. Uma pequena passarela de forma orgânica, convida à entrada ao edifício principal, cuja face frontal é polvilhada por formas geométricas para as aberturas, de forma lúdica e convidativa. A porta de acesso em arco dirige o ingressante por um pequeno túnel de entrada (Figura 4) preparando-o para o espaço a seguir. Logo após, encontra-se um saguão com alas laterais para a guarda de carrinhos e carroças, assinalados pela letra B. Destaca-se, neste setor de ingresso, o canil com atendimento veterinário (letra C, na figura 3). A planta revela fluidez horizontal e a mescla entre as áreas de convivência e ambientes privados, promovendo interação entre as áreas internas e externas (Moraes, 2018). A organização dos setores se dá articulada a circulações generosas, entremeadas por alargamentos, que organizam as várias funções de modo claro, convidando ao reconhecimento e permanência nos vários espaços. Um saguão interno possibilita a visão do conjunto geral. A lavanderia comunitária, assinalada pela letra D, está estrategicamente posicionada para acesso independente. O refeitório e a cozinha industrial, com capacidade para 2000 pessoas por dia, constituem uma certa centralidade, conjugada ao saguão interno, conforme apontados pela letra I. Os

dormitórios feminino, masculino e para famílias, se posicionam de modo a permitir a privacidade necessária aos arranjos e gêneros, conforme é visualizável pela letra E. Foi concebido um grande espaço multifuncional previsto para oficinas e cursos profissionalizantes como jardinagem, horta, construção civil, costura e cooperativismo, informática e um telecentro, assinalado pela letra G, abrigando um recinto para o ambulatório de atendimento médico (letra H). O projeto contempla também um Instituto de Pesquisa Urbana, letra F, voltado para o segmento de população em situação de rua. Ambientes voltados para a rua abrigam um espaço para triagem de resíduos sólidos recicláveis (letra L) e uma ampla área de permuta dos mesmos (letra M), de modo que haja diversas opções de atividades para inserção social dos usuários do Oficina Boraceia, dando luz à sua própria nomenclatura, transcendendo a noção de albergue. Frontal à rua, uma quadra de esportes ao ar livre completa o conjunto. Observa-se a posição discreta do posto policial, predicado para este tipo de programa (letra J).



Figura 4: Oficina Boraceia. Face e túnel de acesso.
Fonte: Loebcapote.



Figura 5: Hortas, passarela e bloco de recepção ao fundo.
Fonte: Loebcapote.



Figura 6: Configuração dos espaços internos.
Fonte: Loebcapote.

Poeticamente, poderia se dizer que o fluxo pelos espaços propostos, desde abertos ao ar livre como cobertos, permite uma caminhada de reflexão sobre o vislumbre da esperança de inserção social, especialmente marcado pela passarela orgânica e pelo túnel de ingresso, em direção à transformação da vida humana. O projeto aproveitou a estrutura do galpão pré-existente da antiga Oficina de Transportes, inserindo os espaços até as divisas do lote em uma espécie de bordadura de formas irregulares em torno do arcabouço principal. Esta arquitetura como instrumento de inclusão transmite uma linguagem construtiva e silenciosa conectando-se com a capacidade de resiliência e reorganização da população de rua (De Lucca, 2010). A utilização da estrutura metálica e vedações de blocos de concreto possibilitou uma obra ágil e limpa.

Os espaços abertos e mobiliados de convivência ao ar livre, incluindo áreas verdes, possibilitam bem estar e proporcionam ventilação e iluminação natural aos ambientes internos, permitindo o senso de coletividade, bem como a abordagem discreta dos assistentes sociais e de grupos de apoio comunitário mais informais aos assistidos.

Telhas translúcidas são dispostas para entrada de luz natural, conjugadas a grandes aberturas, articuladas a amplos beirais de proteção. O pé direito alto, oriundo da adaptação do antigo galpão de ônibus, caracteriza a percepção de amplitude os espaços internos (Figura 6).



Figura 7: Acessos - Oficina Boraceia.
Fonte: Street View, 2020.

O Boraceia teve impacto positivo no princípio de sua implementação, firmando a gestão intersetorial entre governo e sociedade civil, bem como convênios com empresas, como meio de inserção dos indivíduos em situação de rua no mercado de trabalho (Simões, 2012). Atualmente, a Oficina Boraceia encontra-se bem diferente da forma como foi idealizada e construída. Projetada para o livre acesso e circulação, persiste de forma restrita, tanto aos usuários permanentes como aos funcionários – Figura 7 (Sposati, 2012). Inicialmente os recursos financeiros provinham da Prefeitura Municipal e de outras organizações da sociedade civil, mas devido à falta de transparência da organização

quanto aos gastos e investimentos (Simões, 2012) e, principalmente pela diferente política setorial mediante a troca de gestão municipal, bem como a continuidade das ações assistenciais, os serviços e os atendimentos passaram a ser precários e deficientes (Freitas, 2018).

Inaugurado para ser um marco institucional brasileiro, tem retratada sua continuidade pelo tratamento à condição humana de carência extrema de forma fria e burocratizada. O descaso governamental tem gerado diversas críticas do que é o Boraceia hoje (De Lucca, 2010), além de questionamentos sobre os diversos tipos de atividades assistenciais prestadas, que suscitam dúvidas se essa medida não estaria segregando os indivíduos e distanciando-os do exercício de sua cidadania (Ueda, 2018). A própria vizinhança faz do Boraceia alvo de críticas e reclamações, principalmente por aqueles que habitam em condomínios fechados, por haver o que são denominados como mendigos, residentes no bairro, o que aponta para a manutenção de estigmas sofridos no convívio social por essa população. A redução drástica de recursos financeiros implicou diretamente nas transformações administrativas, de apoio e da realização das funções previstas. O local que possibilitava uma espécie de cooperativa de catadores, passou a receber, em grande parte, pessoas em condições delicadas de mobilidade e saúde¹³ (De Lucca, 2010).

13 O Boraceia, na época de sua inauguração, não dispunha de elementos de acessibilidade universal para receber indivíduos com mobilidade reduzida em todos seus recintos, tampouco contemplava corpo técnico para assistir pessoas com necessidades ligadas à saúde. Isto levou à realização de reformas pontuais visando sua adaptação às normas de acessibilidade. Mais recentemente, a incorporação de funcionários do setor de saúde, foi estigmatizado o emblema ao Boraceia, de “depósito de gente doente” (De Lucca, 2010, p. 17).

A Oficina Boracea foi uma iniciativa da Prefeitura Municipal de São Paulo integrada ao Programa Acolher – Reconstruindo Vidas¹⁴ com início em 2002, na gestão da prefeita Marta Suplicy¹⁵. No ano seguinte, 2003, ainda sob a administração da prefeita, a Oficina Boracea passou a oferecer uma simultaneidade de serviços, bem como abrigo, em resposta à necessidade de acolhida, convívio e busca da autonomia para as pessoas em situação de rua (Simões, 2012). O histórico de gestões permite a análise dos impasses que o Boracea sofreu. Sendo uma obra iniciada em gestão municipal oriunda de quadro do Partido dos Trabalhadores (PT), em 2005, na prefeitura de José Serra, filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), houve ameaça de se desativar o espaço, sob alegação de ser desnecessário e muito caro. O prefeito José Serra, no entanto, não desativou a Oficina Boracea, porém reduziu drasticamente a destinação de recursos, implicando diretamente na transformação das “funções, usos e usuários” (De Lucca, 2010, p. 17). Não há relatos de que as gestões que se sucederam agiram de forma a restaurar o que era preconizado à Boracea em sua origem, o que veio a descaracterizar o projeto, o programa e as ações idealizadas em benefício da população em situação de rua neste equipamento.

Experiências como a da Boracea indicam que a potência da arquitetura em configurar espaços de qualidade a partir de programas estabelecidos com participação das comunidades diretamente envolvidas e do apoio das instâncias institucionais podem ficar ao sabor das alternâncias de gestão e financiamento, perdendo sua efetividade.

Conclusões

Entende-se que a partir da democratização brasileira, cujo marco fundamental nasce com a Constituição de 1988, apresentou passos importantes, especialmente nos últimos 20 anos, em direção ao estabelecimento de um quadro legal consistente com respeito ao setor de assistência social à população em situação de rua. No entanto, os dados apontam para o recrudescimento dos contingentes nesta situação, paradoxalmente incluindo maiores índices em regiões privilegiadas economicamente e densamente urbanizadas.

Em paralelo à garantia de direitos sociais fundamentais, a população em situação de rua remanescente e incrementada tem mantido formas próprias de sobrevivência nas ruas. A responsabilidade institucionalizada pelo Estado na esfera legal e de gestão, por meio de marcos legais, políticas, programas e ações, cujo compromisso de efetivação reside prioritariamente no âmbito municipal, não tem

¹⁴ O Programa Acolher – Reconstruindo Vidas é uma das ações instituídas pelo Decreto nº 42.119, de 19 de junho de 2002, que “dispõe sobre a atenção, em caráter emergencial e no âmbito da Defesa Civil, à população em situação de rua, quando da ocorrência de frentes frias ou de baixas temperaturas durante o período de inverno” (Decreto nº 42.119, 2002, título). Este dispositivo legal foi revogado pelo Decreto nº 56.102, de 8 de maio de 2015 que institui o Comitê Permanente de Gestão de Situações de Baixas Temperaturas “com a atribuição de planejar, elaborar e implantar o Plano de Contingência para Situações de Baixas Temperaturas (Decreto nº 56.102, 2015, art. 1º) para minimizar seus impactos sobre a população em situação de rua.

¹⁵ No decorrer dos anos a gestão da prefeitura ficou sob responsabilidade de José Serra, no ano de 2005, filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB); em seguida, no ano de 2006, passou a Gilberto Kassab, filiado ao Partido da Frente Liberal – PFL (até 2007), Democratas – DEM (2007-2011) e Partido Social Democrático – PSD (após 2011), no cargo até 2012; de 2013, a 2016 se dá a gestão de Fernando Haddad, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT); de 2017 a abril de 2018 exerce como prefeito João Dória filiado ao PSDB que passa o cargo a Bruno Covas, filiado ao PSDB, reeleito em 2020 (Entini; Leite; Batista, 2020). Durante a gestão do Fernando Haddad ocorreram algumas polêmicas como, reclamações sobre guardas municipais que confiscavam colchões e papéis dos indivíduos em situação de rua em períodos de baixas temperaturas. A administração do João Dória também levantou polêmicas quando empresas de limpeza de rua, em dias frios, jogaram jatos de água em pessoas que dormiam nos logradouros públicos, bem como despejos violentos das mesmas de algumas localidades da cidade (Mereles, 2017).

garantido, diante dos dados estatísticos, as condições necessárias para a inserção dos contingentes em condições de existência humana em formas dignas e de cidadania. As dimensões complexas e multisetoriais do problema apontam para contradições entre o preconizado e o real, o que aponta para a necessidade da constituição de pactos sociais mais amplos.

As ruas, como palco de acolhimento, revelam o estado das urgências no espaço urbano. Este estudo inicial parece indicar que os abrigos públicos, em face dos índices e tendo a Oficina Boracea como exemplo preconizado como de excelência, não apresentam capacidade e suporte operativo ou constância de propósitos. Supõe-se que o CADÚNICO possa ser um instrumento efetivo no registro quantitativo e qualitativo, em vinculação de dados do IBGE, no sentido de inclusão da situação de rua como pauta nacional, em busca de soluções mediante um setor que contraditoriamente apresenta quadro legal consistente, porém insuficiente para a gestão efetiva do problema.

Referências bibliográficas

Barros, Joana da Silva. (2004). *Moradores de rua - pobreza e trabalho: interrogações sobre a exceção e a experiência política brasileira*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo].

Campos, Ana Paula Nigro (2015). *Arquitetura da inclusão: proposta de rede de equipamentos para moradores de rua. São Paulo*. [Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie].

Cortizo, Roberta. (2015). *A Pesquisa Nacional Sobre a População em Situação de Rua*. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Série WWP Relatos de Uso de M&A. Retirado de <https://wwp.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Pesquisa-Nacional-sobre-a-Popula%C3%A7%C3%A3o-de-Rua-Relato-de-Uso-WWP--PORT.pdf>

Cortizo, Roberta. (2019). *Cadastro Único: População em situação de rua*. Assistência Social. Ministério da Cidadania. Secretaria Especial do Desenvolvimento Social. Retirado de <http://desenvolvimentosocial.gov.br/servicos/assistencia-social/servicos-e-programas-1/cadastro-unico-2013-populacao-em-situacao-de-rua>

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (1988, 5 outubro). Retirado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Cunha, Júnia Valéria Queiroga da & Rodrigues, Monica (Orgs.) (2009). *Rua: aprendendo a contar*. Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Retirado de http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf

Decreto nº 42.119, de 19 de junho de 2002. (2002, 19 de junho). Dispõe sobre a atenção, em caráter emergencial e no âmbito da Defesa Civil, à população em situação de rua, quando da ocorrência de frentes frias ou de baixas temperaturas durante o período de inverno.

Decreto nº 56.102, de 8 de maio de 2015. (2015, 8 de maio). Institui o Comitê Permanente de Gestão de Situações de Baixas Temperaturas.

Decreto nº 6.135, de 26 de junho de 2007. (2007, 26 junho). Dispõe sobre o Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal e dá outras providências.

Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. (2009, 23 dezembro). Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências.

De Lucca, Daniel. (2007). *A rua em movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua.* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, SP].

De Lucca, Daniel. (2010). Nem dentro nem fora do Albergue: transformações e usos de um dispositivo da assistência. *34º Encontro Anual da Anpocs, ST 31 – Sobre as periferias: novos conflitos no espaço público.*

Entini, Carlos Eduardo; Leite, Edmundo; Batista, Liz. (2020). Conheça todos os prefeitos de São Paulo desde 1899: a cidade já teve prefeitos escolhidos de forma indireta, em eleições diretas e nomeados. *Estadão*, 15 de novembro de 2020. Retirado de <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,conheca-todos-os-prefeitos-de-sao-paulo-desde-1899,70003513511,0.htm>

Filgueiras, Cristina Almeida Cunha. (2019). Morar na rua: realidade urbana e problema público no Brasil. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v. 21, n. 46, pp. 975-1004. Retirado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-99962019000300975&lng=en&nrm=iso

Freitas, Kassara Kristine de. (2018). *Espaço central para acolhimento de pessoas em situação de rua.* [Trabalho Final de Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina].

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2015a). *IBGE divulga as estimativas populacionais dos municípios em 2015.* Comunicação Social, 2015. Retirado de <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=1&idnoticia=2972&busca=1&t=ibge-divulga-estimativas-populacionais-municipios-2015-atualizado-1800h-dia-28082015>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2015b). *Produto Interno Bruto dos Municípios: PIB por Unidade da Federação, 2015.* Retirado de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9088-produto-interno-bruto-dos-municipios.html?edicao=18760&t=destaques>

Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993. (1993, 7 dezembro). Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Brasília, DF. Retirado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8742compilado.htm

Lei nº 11.258, de 30 de dezembro de 2005. (2005, 30 dezembro). Altera a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, que dispõe sobre a organização da Assistência Social,

para acrescentar o serviço de atendimento a pessoas que vivem em situação de rua. Retirado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11258.htm

Lei nº 12.435, de 6 de julho de 2011. (2011, 6 julho). Altera a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993 e dispõe sobre a organização da Assistência Social. Brasília, 6 de julho de 2011. Retirado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12435.htm

Lemões, Tiago. (2014). População em situação de rua e a linguagem dos direitos: reflexões sobre um campo de disputas políticas, definições de sentidos e práticas de intervenção. *29ª Reunião Brasileira de Antropologia*, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN. Retirado de http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402020400_ARQUIVO_PopulacaoderuaeDireitos_Tiago_Lemoes.pdf

Loebcapote. (2003). *Projeto Oficina Boraceia: edifício para moradores de rua na região central de São Paulo*. Retirado de <http://www.loebcapote.com/projetos/19>

Melito, Leandro. (2018). População de rua deve ficar fora do Censo 2020: IBGE diz que assunto está em estudo, mas ainda sem previsão. Brasília: *Agência Brasil*. Retirado de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-09/populacao-de-rua-deve-ficar-fora-do-censo-2020>

Mereles, Carla. (2017). Pessoas em situação de rua: a complexidade da vida nas ruas. *Politize*, 22 de setembro de 2017. Retirado de <https://www.politize.com.br/pessoas-em-situacao-de-rua/>

Ministério das Cidades. (2009). *Plano Nacional de Habitação*. Brasília: Ministério das Cidades. Secretaria Nacional de Habitação. Retirado de http://www.urbanismo.mppr.mp.br/arquivos/File/Habitacao/Material_de_Apoio/PLANONACIONALDEHABITAO.pdf

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2004). *Política Nacional de Assistência Social PNAS/ 2004: Norma Operacional Básica NOB/SUAS*. Secretaria Nacional de Assistência Social. Retirado de http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2012). *Resolução CNAS nº 33 de 12 de dezembro de 2012. Aprova a Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social - NOB/SUAS*. Conselho Nacional de Assistência Social. Retirado de https://www.mds.gov.br/webarquivos/public/NOBSUAS_2012.pdf

Ministério da Saúde. (2011). *Portaria nº 122, de 25 de janeiro de 2011*. Define as diretrizes de organização e funcionamento das Equipes de Consultório na Rua. Retirado de http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt0122_25_01_2012.html

Moraes, Raphaela Nascimento de (2018). *Centro de Acolhimento: para pessoas em situação de rua*. [Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central]

Natalino, Marco Antônio Carvalho. (2016). *Estimativa da população em situação de rua no Brasil*. IPEA. Retirado de http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7289/1/td_2246.pdf

Paula, Caio Augusto Domiciano de. (2019). *Centro de Acolhimento e Apoio à População de Rua*. [Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário da Fundação de Ensino Octávio Bastos].

Simões, Janaína Machado. (2012). *Projeto Oficina Boraceia. Morador de Rua*. Retirado de <https://moradorderua.wordpress.com/2012/06/28/projeto-oficina-boraceia/>

Sposati, Aldaiza. (2012). *Visita à Oficina Boraceia: morador de Rua*. Retirado de <https://moradorderua.wordpress.com/2012/06/28/visita-a-oficina-boraceia/>

Ueda, Gabriela Terumi. (2018). *Projeto Oficina Cidadã: Centro de Apoio e Capacitação de Presidente Prudente*. [Trabalho Final de Graduação ao Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente – Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente].

Autoras:

Giuliana Lima Oliveira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas com pesquisa financiada pela Capes, Bolsa Modalidade I, Linha de Pesquisa: Projeto, Inovação e Gestão em Arquitetura e Urbanismo. Membro do Grupo de Pesquisa EU: CA - Estudos Urbanos: Cultura e Arquitetura. giuliana.lo@puccampinas.edu.br

Vera Santana Luz. Graduada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie (1978). Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2004). Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da PUC Campinas. Conselheira do CAU/SP e Coordenadora Adjunta da Comissão de Ensino e Formação do CAU/SP na gestão 2015-2017. Conselheira do CAU/SP, membro da Comissão de Ensino e Formação do CAU/SP e Coordenadora da Comissão Temporária para Sistematização da Legislação Ambiental na atual gestão (2018-2020). veraluz@puc-campinas.edu.br

PROCESSO E PROJETO PARTICIPATIVO PARA O HABITAR DAS MULHERES PODEROSAS

Eje/Eixo Temático 1

Sofia de Freitas Portugal
Liza Maria Souza de Andrade
Universidade de Brasília

Resumo:

Santa Luzia é um bairro da Cidade Estrutural (DF), surgido através da ocupação por catadores de lixo do Lixão da Estrutural, localizado ao lado do bairro, e hoje abriga mais de 20 mil famílias. Santa Luzia tem problemas estruturais como falta de infraestrutura básica, e está numa área de conflito ambiental pois foi categorizada como Área de Relevante Interesse Ecológico – ARIE em 2012, mesmo a região já sendo consolidada, por conta da sua proximidade com o Parque Nacional de Brasília. Por isso, há uma constante ameaça de remoção, agravada pela sentença de 2017 que obriga a remoção uma parte do bairro. Assim, a Companhia de Desenvolvimento Habitacional desenvolveu um projeto para realocação das famílias desconectado com o modo de vida e demandas da comunidade. Nesse contexto, o trabalho busca demonstrar uma forma de assessoria sociotécnica participativa para um projeto de reabilitação de microurbanismo e habitação social a partir dos desejos das Mulheres Poderosas, grupo de empreendedorismo social e fortalecimento feminino, e também visou integrar o grupo de extensão Santa Luzia Resiste. Com as metodologias dos padrões espaciais (ALEXANDER et al, 1997) (ANDRADE, 2014) e das dimensões da sustentabilidade (ANDRADE e LEMOS, 2015) foram feitos diagnósticos participativos da região e propostas de reabilitação a região central de Santa Luzia, assim como assessoria de 6 residências. Este trabalho também faz parte do grupo Periférico: Trabalhos Emergentes.

Palavras-chave: **assessoria técnica, microurbanismo, linguagem dos padrões, direito à moradia, processos participativos.**

Resumen:

Santa Luzia es un barrio de la Cidade Estrutural (DF), que surgió por la ocupación por los basureros del Lixão da Estrutural, ubicado junto al barrio, y que hoy tiene a más de 20 mil familias. Santa Luzia tiene problemas estructurales como la falta de infraestrutura básica hay una constante amenaza de desalojo por estar en una Área de Interés Ecológico Relevante - ARIE, debido a su proximidad al Parque Nacional Brasilia, agravada por la sentencia de 2017 que exige el desalojo de parte del barrio. Así, la Companhia de Desenvolvimento Habitacio-nal –CODHAB desarrolló

un proyecto de reubicación de familias desconectadas del modo de vida y de las demandas de la comunidad. En este contexto, este trabajo tiene como objetivo demostrar una forma de asesoría sociotécnica participativa para un proyecto de microurbano y rehabilitación de viviendas sociales basado en los deseos de las Mujeres Poderosas, un grupo de emprendimiento social y empoderamiento femenino, y también orientado a integrar la Grupo de extensión Santa Luzia Resiste. Con las metodologías de patrones espaciales (ALEXANDER et al, 1997) (ANDRADE, 2014) y las dimensiones de sostenibilidad (ANDRADE y LEMOS, 2015), se realizaron diagnósticos participativos de la región y propuestas de rehabilitación en la región central de Santa Luzia, así como asistencia de 6 residencias. Este trabajo es parte del el Grupo de Investigación e Extensión Periférico.

Palabras-clave: asesoría sociotécnica, microurbano, patrones espaciales, procesos participativos.

Introdução

Este artigo pretende demonstrar uma forma de assessoria sociotécnica para intervenção em assentamentos informais com participação popular para a criação de um projeto de requalificação de microurbano e habitação social para a Associação das Mulheres Poderosas no Bairro da Santa Luzia, localizado na Cidade Estrutural (DF). Este projeto faz parte de um conjunto de trabalhos desenvolvidos no projeto de Extensão Santa Luzia Resiste pelo Grupo de Pesquisa e Extensão Periférico: Trabalhos Emergentes

A Cidade Estrutural surgiu na década de 1960 por meio da ocupação do território por catadores de resíduos, que tiravam sua renda do depósito de lixo onde hoje se localiza o antigo Lixão da Estrutural (desativado em janeiro de 2018), e procuravam viver próximos à área onde realizavam seu. Com o adensamento da região no contexto de doação de lotes irregulares e grilagem de terra no Distrito Federal durante a década de 1990, surgiu a Chácara Santa Luzia, que inicialmente também abrigava família de catadores. Passados mais de vinte anos, a localidade abriga mais de 20 mil habitantes (ANDRADE, et al, 2021), que vivem em situação de exclusão, precariedade e informalidade.

De acordo com Portugal:

A ocupação desta área em torno do Lixão, por mais precária que seja, demonstra a importância que a população dá por morar próximo à oferta de apresentação trabalho, porque além dos moradores que trabalham como catadores, a Estrutural está localizada a 10 km do Plano Piloto. Como qualquer outro cidadão das áreas regularizadas, os moradores têm direito à cidade e às condições de moradia dignas, mesmo que ocupando terrenos não visados pelo mercado imobiliário, que é o agente que mais influencia a urbanização e desenvolvimento da cidade. Assim, o direito à cidade se dá pela não exclusão da vida urbana a esses moradores e pela sua apropriação do território, que está em constante transformação autônoma de acordo com as suas próprias necessidades. (PORTUGAL, 2019)

Santa Luzia se desenvolveu às margens da Cidade Estrutural e, apesar do contexto dos moradores ser semelhante por muitos anos, a região é considerada por muitos moradores da Estrutural como um local precário e perigoso (MIRANDA, 2016). Assim, Santa Luzia se tornou a “periferia dentro da periferia” em que fica claro a segregação social, econômica e espacial que o bairro sofre.

A região apresenta conflitos fundiários que agravam a situação de precariedade pela impossibilidade de instalação de redes de infraestrutura como água e esgoto por ser uma área irregular, além de apresentar insegurança sobre a permanência da população naquele local. Santa Luzia e Estrutural foram consideradas “Área de Regularização de Interesse Social” – ARIS no Plano de Ordenamento Territorial – PDOT de 2009, posterior à consolidação dos moradores. Além disso, a área onde está Santa Luzia é classificada como “Área de Relevante Interesse Ecológico” – ARIE uma vez o bairro está nos limites do Parque Nacional de Brasília – PNB, somando às problemáticas estruturais o conflito ambiental com o Estado.



Figura 1: Santa Luzia (perímetro em amarelo) e a faixa de tamponamento (linha vermelha)
Fonte: Sofia Portugal

Em 2012, com a Lei Complementar nº530 que visa regularizar a ARIS da Cidade Estrutural, criou-se a faixa de tamponamento de 300 metros do limite do PNB (ANDRADE et al, 2021). A faixa de tamponamento em relação à área de Santa Luzia é apresentada na **Figura 01**. Em 2017, o Governo do Distrito Federal foi condenado a pagar uma multa pela ocupação dessa faixa de tamponamento, e foi ordenado a remoção das pessoas que ali moram. A justificativa para a decisão foi que a população ali apresenta risco ambiental para a preservação do Parque, porém há estudos que demonstram que os arredores de Santa Luzia são muito mais significativos para o impacto ambiental no Parque que a ocupação, como o Lixão e a Cidade do Automóvel (SILVA et al, 2020).

Em resposta ao decreto, a Companhia de Desenvolvimento Habitacional – CODHAB desenvolveu um projeto para realocação de todas as famílias de Santa Luzia. A proposta inicial era um edifício de 3km de comprimento, com 4 andares, formando um “muro humano” para proteger o parque e abrigar 4 mil famílias, posteriormente a proposta se alterou para conjuntos de prédios com implantação linear, continuando a barreira humana, porém com mais permeabilidade. O projeto milionário não tem previsão de execução (ANDRADE, et al., 2021) e não contempla todas as famílias da região, além de ser reprovado pela população de Santa Luzia uma vez que desconsidera as diversas formas de vida da população, como por exemplos a quantidade de pessoas por residência, o uso da casa para fins profissionais e a posse de animais domésticos (conversa com moradores, PORTUGAL, 2019).

No contexto de auxiliar a população a garantir a moradia onde escolheram ficar, o Grupo de Extensão e Pesquisa “Periférico: trabalhos emergentes” iniciou duas pesquisas e atuação na área para produzir dados da realidade concreta da região e apresentar tanto ao Governo quanto para a população formas mais eficazes de intervenção na região, em que o diálogo com a população e a valorização do existente são priorizados. Posteriormente foi criado o projeto de extensão Santa Luzia Resiste para dar continuidade aos trabalhos iniciados pelo Periférico.

Na assessoria do grupo Periféricos, o processo de projeto é dividido em 5 etapas inter-relacionadas: (1) aproximação, mapeamento afetivo, análise do contexto físico e social de acordo com as dimensões da sustentabilidades urbana e com envolvimento da comunidade; (2) tradução dos códigos técnicos em padrões espaciais e de acontecimento; (3) oficinas participativas de “jogo dos padrões” com

mapa temáticos; (4) construção de cenários e alternativas; (5) elaboração e entrega dum caderno ilustrado à comunidade e as instancias do poder relevante no processo.

Na primeira etapa, são colhidos padrões espaciais e de acontecimentos por meio de um diagnóstico participativo com os moradores das comunidades. Nesse mesmo evento, é feita a análise do contexto e expectativas sociais mapeadas pelas análises das dimensões da sustentabilidade (ambiental, social, econômica, cultural e afetiva) conforme Andrade e Lemos (2015).

Na segunda etapa, os padrões são sistematizados e especializados pelos projetistas. Padrões espaciais são padrões de acontecimentos profundamente vinculado ao espaço, que podem ser identificados em vários momentos do local, interligando com outros padrões e formando uma estrutura característica particular daquele espaço. “Cada padrão é uma regra de três partes que expressa uma relação entre: (1) um certo contexto; (2) um problema; e (3) uma solução (ALEXANDER et al, 1977)” (ANDRADE et al., 2021). Alexander (1977) listou cerca de 253 padrões, e Andrade (2014) acrescentou, com a mesma metodologia, padrões urbanísticos sustentáveis e sensíveis à água. Para criar uma linguagem entre projetistas e comunidade, a teoria se abre para caso precise, aconteça a criação de novos padrões particulares daquele lugar.

A sistematização dos padrões se consolida na construção de cenários possíveis e algumas propostas de projeto. Assim, a comunidade decidirá qual o cenário e o projeto escolhido para a ser implantado. Nessa etapa, o processo agrega a participação da comunidade, e utiliza dos padrões como partido de questionamento da viabilidade do aspecto considerado e a localização do mesmo no contexto urbano.

Nas seguintes etapas de projeto, essas trocas de saberes são agregadas na proposta projetual para o lugar. Ao final do processo, é feito um caderno ilustrado com todas as informações relacionadas ao projeto e é entregue a comunidade, que efetivamente participou da construção daquele conhecimento.

Foi buscando a continuação do Trabalho de Graduação “Plano de Bairro de Santa Luzia” (FIALHO, 2019) que esse trabalho se desenvolveu. Ao diminuir a escala de estudo e intervenção para a microescala, buscou-se entender o “como morar” e o cotidiano dos moradores para embasar a rejeição à proposta do Governo e apresentar uma proposta condizente com o local. Durante as atividades do Plano de Bairro, foram identificadas demandas de habitação a partir do grupo “Mulheres Poderosas”. Assim, o trabalho desenvolveu um projeto participativo de microubanismo e assessoria técnica com as integrantes do grupo, que participaram efetivamente na produção do projeto.



Figura 2 - Área do projeto de reabilitação urbana
Fonte: Google Earth, editado por Sofia Portugal

Desenvolvimento:

1. Processo participativo:

Para a intervenção no espaço, a área para reabilitação urbana foi escolhida por causa dos moradores mobilizados e facilidade de acesso a eles, e ela é apresentada na **Figura 2**. A área apresenta um caráter central em Santa Luzia, e também é o território das Mulheres Poderosas, grupo de empreendedorismo social e de acolhimento feminino, que promove oficinas de

capacitação para as participantes, geram fontes de renda e realizam atividades para a comunidade, o que faz a área ter muitos encontros sociais.

O desenvolvimento do projeto aconteceu em três etapas: a primeira foi para diagnóstico, a segunda teve caráter propositivo e participativo em microurbanismo e a terceira engloba os projetos participativos na escala da residência.

A primeira etapa foi caracterizada pelo diagnóstico. Consistiu nas mesmas oficinas realizadas para o Plano de Bairro, em colaboração com Fialho, (2019), onde foi possível colher muitas informações sobre a área por causa da forte presença dos seus moradores nas atividades. Nessas oficinas também foi possível identificar o grupo “Mulheres Poderosas”, pois estas mulheres eram quem encabeçavam a participação.

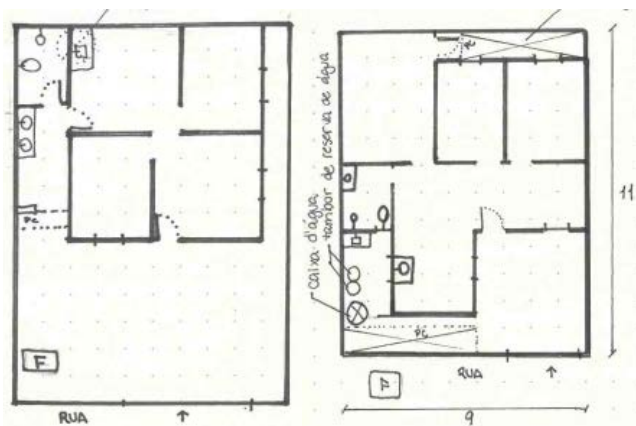
Utilizando a metodologia padrões espaciais de Alexander et al (1977) e Andrade (2014), foram feitas três oficinas com os temas: Cartografia da Ação, Infraestrutura Verde e Mapeamento Cultural/Afetivo, em que foram gerados mapas em conjunto com a comunidade, e relatos dos moradores. Também foi realizado uma entrevista com duas moradoras participantes do grupo Mulheres Poderosas.

A segunda etapa focou na tomada de decisões coletiva. O intuito do processo participativo é que as pessoas tomem decisões dos projetos que vão afetá-las. A articulação pré-existente das Mulheres Poderosas facilitou o processo de troca e assim as oficinas aconteceram durante os dias de reunião do grupo, e em todas elas se reforçava a mensagem de que aquela atividade se tratava de um estudo.

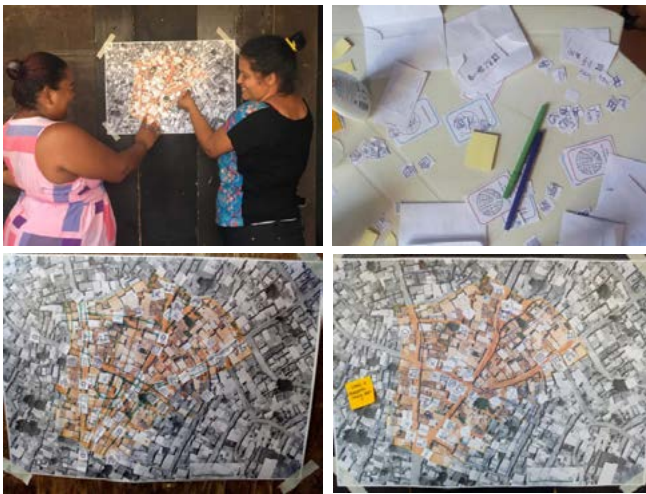
A primeira atividade foi um levantamento e aplicação de *questionário* para definir a prioridade do projeto, e entender a condição das moradias, disposição dos ambientes, e desejos das moradoras de forma objetiva. Durante dois meses foram realizadas visitas à 14 casas, em que acontecia a aplicação do questionário para coletar as informações sistematizadas de m Dimensões da Sustentabilidade (ANDRADE E LEMOS, 2015) readequadas para a escala residencial. Finalizando o questionário, o levantamento era feito na frente das moradoras, que guiavam os desenhos. O **Quadro 1** ilustra a atividade e mostra alguns levantamentos feitos.

Depois disso, aconteceu a segunda etapa, com uma atividade para discussão do projeto urbano.

A oficina “*Pensando o bairro que queremos*” era focada nas diretrizes para o espaço público da poligonal a partir dos padrões gerados nos diagnósticos participativos, especializando desejos em dois mapas diferentes, um com as dimensões Econômica e Ambiental, e outro com a Social e Cultural/Emocional. Foi proposto que elas colassem ícones (sub-padrões) onde pretendiam resolver um problema específico, dialogando entre si as soluções. A oficina foi apropriada pelas



Quadro 1: Aplicação de questionário e levantamentos feitos (sem escala), respectivamente.
Fonte: Sofia Portugal



Quadro 2: Resultado da oficina "Pensando o bairro que queremos"
Fonte: Sofia Portugal

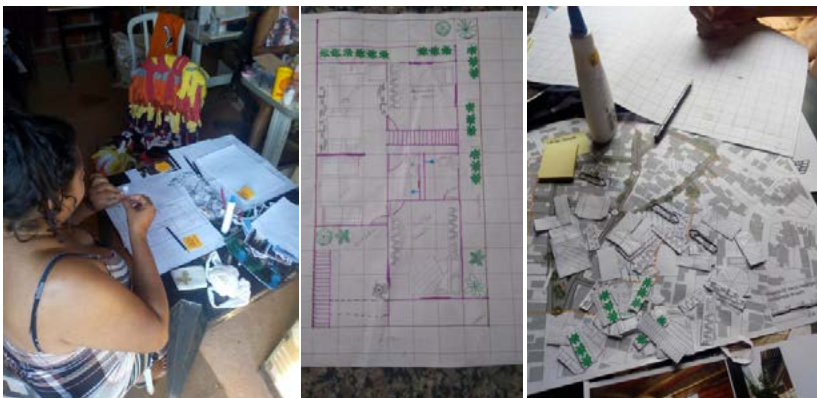
moradoras, que se sentiram livres para desenhar no mapa a redistribuição dos lotes, a possibilidade de uma "Santa Luzia do zedo", intervenções menos radicais ao espaço existente com melhores formas de implementar melhorias sem realocar a população. Os mapas resultantes da oficina podem ser vistos no **Quadro 2**, juntamente com os materiais utilizados para a oficina,

A terceira etapa do projeto contemplou a escala da residência, as duas últimas oficinas "A casa que desejo" I e II aconteceram divididas em duas para melhor atender uma etapa mais individual, que é o projeto da casa. Com as oficinas foi possível notar que as moradoras possuíam conhecimento construtivo, mas detalhes passavam despercebidos, por isso foi importante permitir que as moradoras desenhasssem livremente o projeto de suas residências e depois

auxiliar com o conhecimento mais técnico.

A primeira oficina serviu para a escolha do cenário urbano para Santa Luzia, proposto após a atividade anterior, discutir tipologias arquitetônicas a partir de referências imagéticas, e por fim, serviu para que as Mulheres Poderosas projetassem a suas casas dos sonhos com autonomia. A confecção das plantas aconteceu a

partir de uma folha quadriculada na escala 1:75, com móveis em planta baixa na mesma escala para a configuração dos layouts. O método da oficina foi acolhido pelas moradoras, e totalizou em 6 casas para assessoria técnica. A segunda oficina aconteceu para definição das propostas após a assessoria para que pudessem ser discutidas com as moradoras e compatibilizar as ideias com o conhecimento técnico. Também foi nessa oficina que materiais de fachada e detalhes específicos fossem definidos. O **Quadro 3** ilustra a atividade.



Quadro 3: Resultado da oficina "A casa que desejo"
Fonte: Sofia Portugal

2. O projeto participativo:

As informações coletadas durante as oficinas, tanto do "Plano de Bairro" quanto para "O habitar das Mulheres Poderosas" serviram como principal material para as análises feitas para o diagnóstico.

Os resultados das oficinas para a escala urbana mostraram que a poligonal de atuação tem caráter central no convívio social de Santa Luzia, notado pela morfologia urbana, quantidade de atividade econômica e nível de integração das principais vias, que passam pela área e adentram o bairro. A localização de três importantes pontos de referência urbanos de Santa Luzia, o bambuzal, a Casa da Paternidade e a

Educamar, se encontram dentro da poligonal.

Por mais que a região apresente essa centralidade, a densidade ali é baixa por conta da materialidade das casas, onde moradores tem que escolher entre investir nas casas por mais que exista a probabilidade de remoção e manter as casas com caráter transitório para que não percam o investimento.

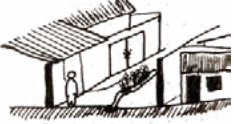

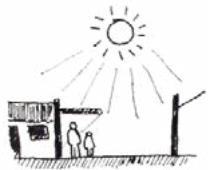
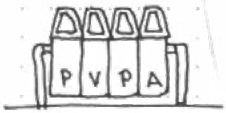

Os mapas de diagnóstico das oficinas foram separados de acordo com as Dimensões da Sustentabilidade para especializar os resultados e podem ser conferidos no **Quadro 4**.






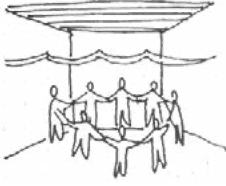
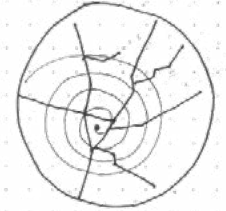
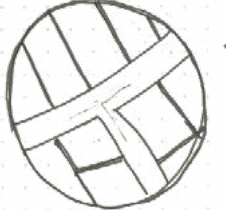

Quadro 4 - Análise urbana de acordo com as dimensões da sustentabilidade:
Social, Econômica, Ambiental e Cultural respectivamente
Fonte: Sofia Portugal





Por ser uma área mais antiga e com moradores já tentando fazer melhorias no espaço, consolidando redes e possuindo marcos no espaço, a área se torna um espaço com muitas potencialidades para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes até mesmo de toda Santa Luzia

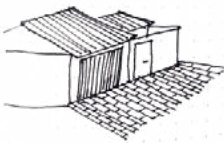


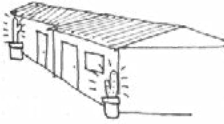
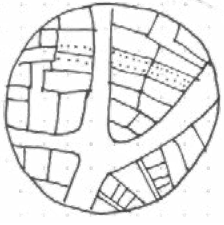
A área tem as principais ruas e é onde tem uma grande concentração de comércio e bares. A relação de reconhecimento no espaço, de acordo com os relatos das moradoras, se dá pelos donos desses comércios, a partir de bares e mercearias que já existiram ali, ou a partir de marcos na paisagem. Da análise da escala urbana, gerou-se os parâmetros característicos do agrupamento estudado, que pode ser conferido na **Tabela 1**, onde os padrões com a letra N são padrões novos desenvolvidos a partir da inserção na comunidade.

Tabela 1 - Padrões Urbanos da área central de Santa Luzia			
Padrão	Problema/Contexto	Recomendação	Ilustração
Dimensão Ambiental			
N1. "Rego na rua"	Caminho que água ou esgoto faz na rua, criando um caminho linear (às vezes formando poças) no espaço público e dificultando a salubridade e locomoção no espaço.	Utilizar métodos da infraestrutura verde para canalizar e infiltrar a água, ao mesmo tempo que prever o saneamento para as residências que despejam esgoto na rua.	
N2. Iluminação emergente de rua	Sem o fornecimento de iluminação urbana, a população cria sua própria iluminação: cada morador ilumina sua entrada com a eletricidade puxada de casa	Desenvolver um sistema de iluminação de forma a aproveitar a potencialidade dos moradores e garantir maior abrangência no agrupamento	
N3. Rua sem sombra	Nota-se que não existem árvores ou marquises para sombreamento das ruas, seja por causa da ocupação irregular de aproveitamento do espaço ou por tipologias que não favoreçam o uso de marquises	Desenvolver mecanismos de sombreamento de forma a garantir melhor conforto ambiental ao pedestre.	
N4. Coleta de lixo seco	É possível perceber que existem poucos pontos de coleta de lixo no geral, e não existe pontos para separação entre os tipos de lixo (reciclável e orgânico), o lixo é jogado de forma misturada nos papalixos, que não comportam o volume de resíduos	Ao definir pontos comunitários de coleta de lixo reciclável, o volume do lixo convencional diminui ao mesmo tempo que pode auxiliar catadores locais	
Dimensão Social			
121. A forma do caminho (ALEXANDER et al., 1977)	"As ruas devem servir à permanência e não apenas à circulação. Nas cidades tradicionais, as ruas eram espaços públicos importantes para convivência, enquanto que, nas cidades modernas, as ruas têm sua função reduzida à passagem" (Moehlecke apud ANDRADE, 2014)	"Desenvolva ruas que favoreçam a permanência, a convivência, oferecendo espaços/recantos para interação social, em vez de ruas que 'expulsam' as pessoas."(Moehlecke apud ANDRADE, 2014)	

<p>N5. "Becos"</p>	<p>Lotes são subdivididos entre várias famílias, cria-se "mini-condomínios", que os moradores chamam de becos</p>	<p>É preciso melhorar a qualidade arquitetônica e fazer uma divisão condizente com a quantidade de moradores de um lote, garantindo moradias dignas</p>	
<p>61. Pequenas praças públicas</p>	<p>"A rígida separação entre áreas residenciais e não residenciais, de forma geral, prejudica a segunda, pois esta não possui a vitalidade natural das áreas residenciais. Nos locais onde se reside, existe a preocupação em se manter, cuidar, recuperar o espaço urbano. Defende que a falta de cuidado está muito relacionada à ausência de moradores. Além disso, as moradias fomentam outras atividades urbanas" (Moehlecke apud ANDRADE, 2014)</p>	<p>"Intercale moradias a outras funções urbanas" (Moehlecke apud ANDRADE, 2014)</p>	
<p>48. Habitações intercaladas</p>	<p>"A rígida separação entre áreas residenciais e não residenciais, de forma geral, prejudica a segunda, pois esta não possui a vitalidade natural das áreas residenciais. Nos locais onde se reside, existe a preocupação em se manter, cuidar, recuperar o espaço urbano. Defende que a falta de cuidado está muito relacionada à ausência de moradores. Além disso, as moradias fomentam outras atividades urbanas." (Moehlecke apud ANDRADE, 2014)</p>	<p>"Intercale moradias a outras funções urbanas" (Moehlecke apud ANDRADE, 2014)</p>	

<p>N6. Espaços comunitários</p>	<p>Os espaços comunitários são pontos de reunião e confraternização entre os vizinhos. Também são locais importantes para a articulação dos moradores e tomada de decisões. Na área selecionada não existe um espaço dos moradores para as atividades deles próprios</p>	<p>É preciso que se destine um local para um espaço comunitário, que seja grande e que caiba um bom número de pessoas para que a articulação da comunidade possa ser cada vez mais forte.</p>	
<p>N7. Centralidade</p>	<p>A área de abrangência do trabalho está localizada no centro de Santa Luzia, sendo onde se encontra as principais ruas de acesso ao interior do bairro. Tais ruas também são as que mais têm cruzamentos e por onde passa mais pessoas.</p>	<p>Por causa da centralidade, a região favorece o comércio, as atividades de lazer e também as moradias. É preciso que o tipo do uso do solo seja adequado para essa característica.</p>	
<p>Dimensão Econômica</p>			
<p>5. Entroncamento em T (ALEXANDER et al., 1977)</p>	<p>“Acidentes são bem mais frequentes em cruzamentos, do que em conexões em “T”. Em vias de dupla direção, que se cruzam, existem muito mais pontos passíveis de colisão (5 vezes mais) do que conexões em T” (Moehlecke apud ANDRADE, 2014)</p>	<p>“Evitem cruzamentos bidirecionais, no mesmo plano, dando preferência a encontros em “T” e a ângulos retos” (Moehlecke apud ANDRADE, 2014)</p>	
<p>89. Lojas de propriedade individual (ALEXANDER et al., 1977)</p>	<p>“Lojas muito grandes, ou com proprietários ausentes, não são interessantes para o bairro. Explica que as grandes cadeias de lojas tendem a ser impessoais, prejudicam o comércio menor e não melhoram as condições das comunidades” (Moehlecke apud ANDRADE, 2014)</p>	<p>“Crie oportunidade para a instalação de pequenas lojas de propriedade particular, com proprietários presentes, recuperando o caráter pessoal nas relações” (Moehlecke apud ANDRADE, 2014)</p>	

<p>A23. Ruas compartilhadas (Desenho Urbano Sensível à Água)</p>	<p>“A largura das vias locais para comportar veículos, transportes públicos, ciclovias e pedestres aumenta sua área de impermeabilização. O desenho de ruas compartilhadas visa à utilização integrada dos espaços públicos entre os veículos, pedestres e bicicletas. O objetivo do espaço partilhado é uma melhoria da segurança rodoviária. Ele promove a negociação de áreas comuns com velocidades adequadas.” (ANDRADE, 2014)</p>	<p>“Projete ruas locais estreitas e compartilhadas com canteiros pluviais ou jardins de chuva e árvores ou trincheiras de infiltração em áreas mais densas. Evitar o desnível entre a calçada e via com um piso único, de preferência utilizando um piso permeável.” (ANDRADE, 2014)</p>	
<p>N8. Entrocamento em Y</p>	<p>Esse tipo de entrocamento cria espaços residuais com potencialidade para ser um espaço público qualificado, além disso, na área de intervenção, o entrocamento em Y dá origem às ruas principais do bairro</p>	<p>Qualificar os espaços residuais, delimitar espaço de permanência e passagem e utilizá-los como ponto de encontro ou praças pequenas.</p>	
<p>N9. Casas térreas</p>	<p>Percebe-se a predominância de casas térreas por causa do sistema construtivo das residências ainda terem caráter temporário não possibilitando a ampliação vertical. Apesar disso, a densidade não é baixa devido às pequenas dimensões das maiorias dos lotes</p>	<p>Aumentar o aproveitamento do solo em locais propensos para tal, de forma a garantir maior abrangência do projeto de habitação e adensar áreas que podem vir a serem regularizadas</p>	
<p>N10. “Edifícios comerciais voltados para a rua”</p>	<p>Em uma analogia à Jane Jacobs, em Santa Luzia apenas os edifícios comerciais são voltados para rua, ainda que com pequenas aberturas, e não todos os prédios. Como a região não está no centro da cidade, essa característica não é de todo negativo, pois a vivacidade se encontra de outras maneiras</p>	<p>Possibilitar ruas seguras para ampliar as aberturas para a rua, assim como criar espaços externos agradáveis para aumentar a permanência das pessoas no espaço público</p>	

N11. Ruas pavimentadas	As ruas não são pavimentadas e se encontram na terra. Essa condição faz com que haja muita poeira na época da seca, e com que a água fique empoçada, criando verdadeiros lamaçais	Aplicar pavimentação permeável para que se promova a reposição do lençol freático ao mesmo tempo que melhora a condição de vida dos moradores	
Dimensão Cultura/Emocional			
N12. Lote com diversas dimensões	Por ser uma ocupação emergente, os lotes não possuem dimensões padronizadas, inclusive com subdivisões (“becos”), e isso traz diversidade de pessoas e famílias para a comunidade	Como mosaico de subculturas (ALEXANDER et. al, 1977), é importante manter a identidade de vizinhança para ter unidade no conjunto do bairro	
N13. Placas de identificação de endereço	Santa Luzia conta com um sistema de identificação de endereço próprio criado pela associação de moradores	Aumentar a abrangência desse sistema e promover sua valorização	
N14. Marcos visuais	Os marcos visuais ajudam na identificação dos lugares e circulação no bairro, podendo ser referência de uma rua, de um local especial. Eles evitam que os pedestres fiquem desorientados. Também são úteis para criar vínculos emocionais com o lugar	Identificação de marcos visuais existentes e criação de novos para que o bairro fique mais claro, tenha referências de pontos estratégicos e se valorize a identidade já presente no bairro.	
N15. Continuidade de caminhos	O tamanho das quadras e, conseqüentemente, do percurso das ruas influencia na quantidade de oportunidades pelo caminho, possibilidades de novas rotas e encontros. Falta em Santa Luzia a conexão entre as ruas.	Para que a locomoção melhore, é necessário conectar mais as vias ao criar mais cruzamentos. Desenhe quadras curtas, formando uma rede de usos combinados e complexos para os usuários do bairro	

Fonte: Elaborado pelos autores

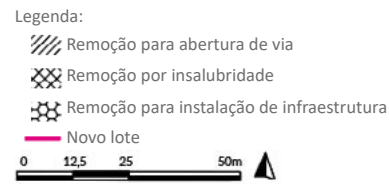


Figura 3 - Diagrama de reconfiguração da área central do bairro

A proposta para a escala urbana desta área focou em valorizar e intensificar as conexões socioespaciais existentes, adequando os anseios dos moradores às diretrizes normativas ambientais para que o processo de urbanização seja efetivo. As Mulheres Poderosas escolheram o projeto urbano que não altera drasticamente a morfologia da comunidade, assim, foram feitas remoções estratégicas devido à salubridade das habitações e os espaços de lazer foram pensados

para preencher os entroncamentos em Y. O diagrama das alterações pode ser visto na **Figura 3**.

Para a realocação desses moradores removidos e na intenção de aumentar o número de residências disponíveis em Santa Luzia, foi pensado em uma nova tipologia, as casas sobrepostas. A escolha desta tipologia aconteceu para que a forma de viver dos moradores e de se relacionar com a casa fossem mais parecidas com o cotidiano que eles já tinham.

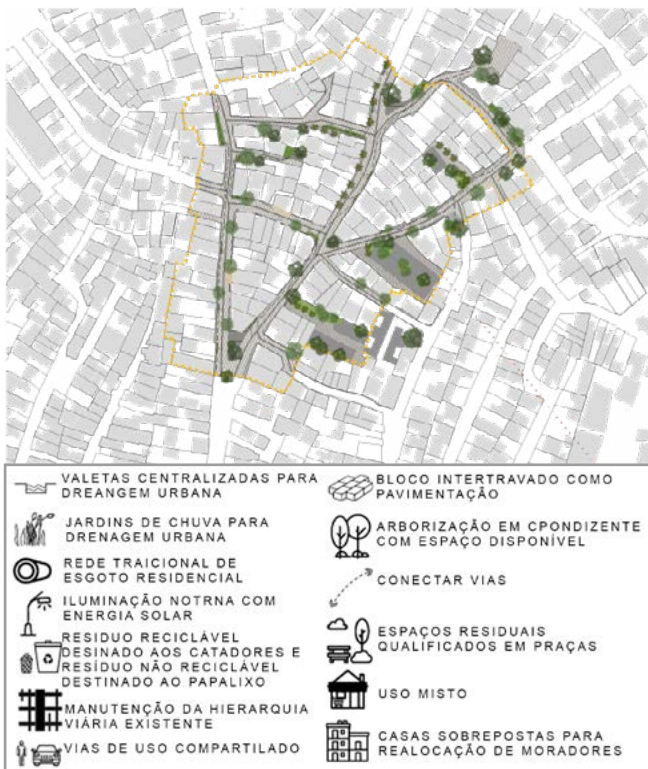


Figura 4 - Projeto final de reabilitação urbana e os padrões de projeto utilizados.
Fonte: Sofia Portugal

As praças funcionam em rede para aumentar o número e funções dos espaços de lazer e descentralizá-los. Foi proposto também o sistema de drenagem verde para amenizar a quantidade de água despejada na rua, e reduzir o impacto das chuvas de forma a devolvê-la ao meio ambiente. Os sistemas escolhidos foram: os jardins de chuva interligados entre si e integrados à canaletas centrais nas vias. Para as ruas, o sistema escolhido foram as ruas compartilhadas pavimentadas com blocos intertravados para não haver a necessidade de realocação dos moradores para asfaltar as vias.

Em relação à escala da habitação, ficou claro com os levantamentos que as casas tinham um número adequado de quartos por morador, porém as dimensões eram muito pequenas. As casas de forma geral não tinham ventilação e iluminação natural por causa do aproveitamento dos muros, que são majoritariamente de alvenaria para delimitação do lote e prevenção contra enchentes.

A materialidade das casas varia apenas entre o bloco cerâmico e o madeirite, e sua consolidação depende da vontade dos moradores

em investir na incerteza de permanecer em Santa Luzia. A maior parte das casas estão abaixo no nível da rua e o único padrão para a solução desse problema é o aterramento. Entende-se que independente da atuação de um técnico em locais periféricos, as pessoas vão construir suas habitações e vão autoorganizar seu espaço de vida. A tendência em assentamentos informais é a verticalização das construções para aumentar a residência e adequá-la às necessidades das famílias. Dessa forma, este trabalho procurou contribuir com a assessoria técnica para que as Mulheres Poderosas pudessem ter um projeto de casa que seja seguro, salubre, e com qualidade arquitetônica. Por isso, poucas alterações na disposição dos cômodos já pensado por elas aconteceram no projeto da casa.

As soluções arquitetônicas foram pensadas de forma a alinhar o conhecimento popular na construção civil se utilizando de estratégias convencionais para que a casa seja feita facilmente, como por exemplo a adoção do sistema estrutural laje-viga-pilar. As alterações das casas desenhadas pelas moradoras depois do processo de assessoria foram para adequá-las às estratégias bioclimática (quando possível) e para garantir conforto ambiental a elas.. Nas fachadas, foram adicionados os murais de gradil para referenciar a dinamicidade das fachadas de Santa Luzia, e reutiliza de material residual ainda encontrado no Lixão da Estrutural. Em relação às plantas, procurou-se integrar o máximo possível dos cômodos para que não houvesse perda de espaço com a construção das paredes.

Assim, foram assessoradas casas nas seguintes tipologias: uso misto com comércio embaixo e residência em cima, casas térreas e sobrado, como apresentado na **Figura 5**.

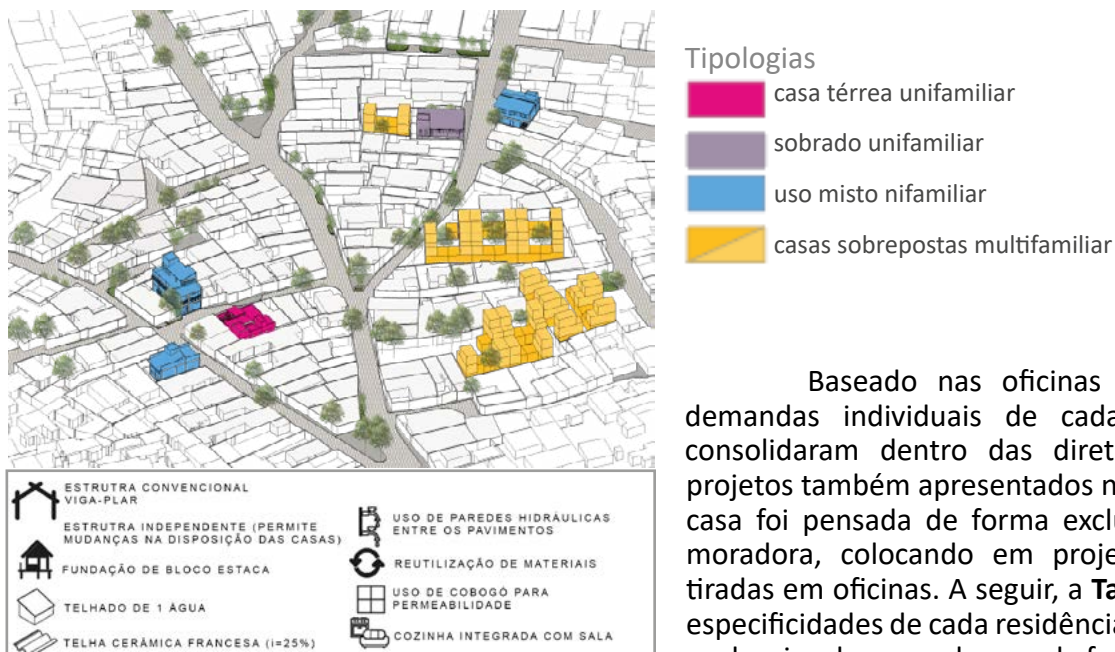







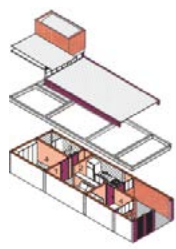



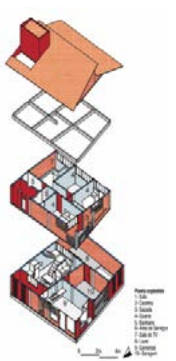


Figura 5 - Diagrama de tipologias e padrões gerais adotados pelo projeto
Fonte: Elaborado por Sofia Portugal

Baseado nas oficinas de projeto, as demandas individuais de cada moradora se consolidaram dentro das diretrizes gerais de projetos também apresentados na Figura 5. Cada casa foi pensada de forma exclusiva para cada moradora, colocando em projeto as decisões tiradas em oficinas. A seguir, a **Tabela 2** indica as especificidades de cada residência de acordo com os desejos das moradoras e de forma que gerasse uma identidade ao grupo com alguns elementos.

Tabela 2 - Projeto habitacional com assessoria técnica						
Mulher Poderosa						
Desejo	<ul style="list-style-type: none"> casa térrea dois quartos cozinha integrada com a sala "estilo americana" jardim casinha para o cachorro garagem ventilação cruzada (já pensada com um poço de ventilação) casa colada nos muros fachada de tijolinho portão eletrônico 	<ul style="list-style-type: none"> casa térrea dois quartos cozinha dentro da casa banheiro com vaso sanitário jardim garagem casa colada nos muros fachada de tijolinho 	<ul style="list-style-type: none"> comércio em baixo casa em cima um quarto e uma suíte cozinha integrada horta perto da pia sacada salão de beleza com área reservada para depilação garagem casa com recuo lateral e atrás cor salmão por fora, gelo por dentro 	<ul style="list-style-type: none"> comércio em baixo casa em cima dois quartos e uma suíte cozinha integrada laje no 3º pavimento para lazer sacada escada helicoidal térreo com planta livre para ateliê de costura e loja garagem jardim casa com recuo lateral e atrás parede de tijolinho 	<ul style="list-style-type: none"> sobrado áreas íntimas em cima dois quartos e uma suíte sacada garagem 	<ul style="list-style-type: none"> sobrado, com uma sala para comércio embaixo áreas íntimas em cima, sala e cozinha embaixo dois quartos e uma suíte sala de TV sacada garagem quintal com área de lazer
Projeto						

Fonte: Elaborado por Sofia Portugal

Conclusões:

Nesse contexto de exclusão e precariedade, mas também de potencialidade, ao mesmo tempo em que o governo tem planos para a área, é necessário existir uma ferramenta para que a possa negociar com os técnicos para incorporar soluções sustentáveis para os problemas da área, a partir de uma proposta mais condizente com os anseios da população, e este trabalho traz uma possibilidade que dialoga com a pré-existência.

Percebe-se que as potencialidades em relação à coletivização e perspectivas acerca de melhorias da realidade. Nota-se idéias de autoconstrução e saberes para melhoramento das casas, das ruas e até mesmo a situação de infraestrutura. Tendo em vista esse conhecimento, foi importante incorporá-lo ao trabalho para que assim democratize-se o processo, e crie o vínculo de pertencimento ao projeto proposto pela universidade.

Este trabalho também, em conjunto com a rede ligada ao projeto de extensão Santa Luzia Resiste, trouxe visibilidade para as Mulheres Poderosas e para as demandas de Santa Luzia, amplificando a voz dessas moradoras. O processo participativo possibilita a troca entre os atores e potencializa os lados envolvidos.

Ao longo de 2020 o grupo se tornou uma associação com apoio da Fiocruz e da Incubadora de Cooperativas Populares da Universidade de Brasília, coordenado pelo professor Ricardo Neder. O grupo participa de reuniões e audiências públicas organizadas em conjunto com a universidade, levando as pautas de Santa Luzia para diversos espaços, além de continuar a promover atividades comunitárias dentro do bairro.

Ao mesmo tempo em que o grupo das Mulheres Poderosas se desenvolve, há a continuidade dos trabalhos iniciados em 2019 pela universidade. O projeto de extensão Santa Luzia Resiste se fortalece com pesquisas de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso, teses de mestrado e doutorado, que visam gerar material para embasar a permanência dos moradores no local e produzir conhecimentos populares dentro do meio acadêmico, ampliando as áreas de saberes e atuação dentro da arquitetura e urbanismo.

Referências bibliográficas

ANDRADE, L. M. S.; LENOIR, J. A. F.; PORTUGAL, S. F.; FIALHO, Á. F. Santa Luzia resiste: Processo participativo e padrões espaciais para elaboração do Plano de Bairro e do Projeto de Habitação das Mulheres Poderosas. **Paranoá: cadernos de arquitetura e urbanismo**, [S. l.], n. 29, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/29644>. Acesso em: 30 maio. 2021.

ANDRADE, L. M. S. **Conexão Dos Padrões Espaciais Dos Ecossistemas Urbanos: A construção de um método com enfoque transdisciplinar para o processo de desenho urbano sensível à água no nível da comunidade e da paisagem**. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

ANDRADE, L. M. S., LEMOS, N. Qualidade de projeto urbanístico /// sustentabilidade e qualidade da forma urbana. p. 19-52 In: **Avaliação da qualidade da habitação de interesse social : projetos urbanístico e arquitetônico e qualidade construtiva**.

1ª Edição. 214p. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2015

ALEXANDER, C. et al. **A Pattern Language**. New York: Oxford University Press. 1218 p. 1977a.

FIALHO, Á. R. **Plano de Bairro de Santa Luzia**. 2019. 141 p. Projeto Final de Diplomação (Arquiteto e Urbanista). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, FAU/UnB. Brasília, 2019.

MIRANDA, J. M. **Infraestrutura e qualidade de vida: O caso da Chácara Santa Luzia - Cidade Estrutural** - DF. 2016. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

PORTUGAL, S. F. **O Habitar das Mulheres Poderosas: comunidade sustentável e solidária**. 2019. 97 p. Projeto Final de Diplomação (Arquiteta e Urbanista). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, FAU/UnB. Brasília, 2019.

REZENDE, V. S.; ANDRADE, L. M. S.; RODRIGUES, S. E.; PEREIRA, Ítalo P. P.; LEMOS, N. da S. O ecossistema urbano da ocupação Santa Luzia: Análise dos impactos por técnicas de geoprocessamento e proposição de Soluções baseadas na Natureza. **Paranoá: cadernos de arquitetura e urbanismo**, [S. l.], n. 26, p. 219–240, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/29585>. Acesso em: 30 maio. 2021.

Autoras:

Sofia de Freitas Portugal: Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília, participou de grupo de extensão CASAS EMAU e pesquisa e extensão Periférico: Trabalhos Emergentes. Se interessa pela área de habitação e urbanismo popular, assessoria técnica e democratização do conhecimento. Atuou como estagiária do Programa Melhorias Habitacionais da CODHAB_DF e atualmente atua como arquiteta e urbanista. sofia.portugal@unb.abea.arq.br

Liza Maria Souza de Andrade: Graduação em Arquitetura pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989), mestrado (2005) e doutorado (2014) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. É professora da FAU/UnB, foi coordenadora de Extensão entre 2018 a 2020 e membro da Câmara de Extensão da UnB no período de 2016 a 2020. No âmbito da pesquisa acadêmica, é líder do Grupo de Pesquisa e Extensão “Periférico, trabalhos emergentes” (PEAC Periférico) que tem como meta trabalhar a Tecnociência Solidária nos processos de assessoria sociotécnica.

RESTAURO E REABILITAÇÃO DA GRÁFICA PEPE EM CUIABÁ/MT – uma proposta de Centro de Referência para a Comunidade Lgbt

Eje/Eixo Temático 1

Daniel Silva Campos
Antônio Soukef Jr

Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG

Resumo

Os centros históricos são responsáveis pela valorização do passado expressivamente aparente em todas as formas atribuídas nos espaços físicos, sejam eles nas ruas, nas praças ou nos imóveis. Um dos principais problemas das cidades nas últimas décadas é o esquecimento dos seus centros históricos, o qual outrora constituía o centro vital da urbe no seu complexo social. Sendo assim, as intervenções arquitetônicas são processos de grande importância na revitalização das áreas centrais que estão degradadas. Para o desenvolvimento deste estudo, pautado numa trilha de caráter exploratório, utilizou-se como aporte teórico pesquisa bibliográfica de autores que discutem temas relacionados a intervenções em centros históricos, restauros, cartas patrimoniais, reabilitação de espaço e temas afins, tendo como objetivo o restauro e reabilitação de um casarão construído no fim do século XIX, de grande relevância histórica, arquitetônica e artística localizado no Centro Histórico de Cuiabá, transformando-o em um Centro de Referência para auxiliar pessoas que passaram por problemas relacionados à sua orientação sexual e questões de gênero – sendo elas lésbicas, travestis, bissexuais, transexuais – sujeitas a todos os tipos de mazelas sociais, como ataques e agressões motivados pela intolerância à diversidade sexual. Durante o estudo do bem edificado, foram estudados detalhes construtivos do casarão, sendo produzido o levantamento planimétrico, fotográfico, de patologias realizadas in loco.

Palavras-chave: **patrimônio histórico; restauro; Cuiabá.**

Resumen

Los centros históricos son los encargados de valorar el pasado que se manifiesta expresivamente en todas las formas atribuidas a los espacios físicos, ya sea en las calles, en las plazas o en los edificios. Uno de los principales problemas de las ciudades en las últimas décadas es el olvido de sus centros históricos, que en su día constituyeron el centro vital de la ciudad en su conjunto social. Por tanto, las intervenciones arquitectónicas son procesos de gran importancia en la revitalización

de áreas centrales que se encuentran degradadas. Para el desarrollo de este estudio, a partir de una pista exploratoria, se utilizó como meta una búsqueda bibliográfica teórica de autores que discuten temas relacionados con intervenciones en centros históricos, restauraciones, mapas patrimoniales, rehabilitación espacial y temas afines, con el objetivo de restaurar y rehabilitación de una mansión construida a fines del siglo XIX, de gran relevancia histórica, arquitectónica y artística ubicada en el Centro Histórico de Cuiabá, transformándola en un Centro de Referencia para ayudar a personas que han experimentado problemas relacionados con su orientación y problemáticas sexuales de género - lesbianas, travestis, bisexuales, transexuales - sujetos a todo tipo de males sociales, como agresiones y agresiones motivadas por la intolerancia a la diversidad sexual. Durante el estudio del edificio se estudiaron los detalles constructivos de la mansión y se realizó un levantamiento planimétrico y fotográfico de las patologías realizadas en el lugar.

Palabras clave: **patrimonio histórico; restauración; Cuiabá.**

Introdução

Os centros das cidades são derivados de um processo histórico do homem, traduzindo em seu espaço toda a trajetória da sociedade. Por conseguinte, os mesmos são palcos de constantes processos conflituosos, derivados de uma grande diversidade étnica que permanecem em contradição no decorrer dos anos. Os centros históricos são responsáveis pela valorização do passado expressivamente aparente em todas as formas atribuídas nos espaços físicos, sejam eles nas ruas, nas praças ou nos imóveis. Fazem parte, portanto, da história da cidade e de seus habitantes.

Neste cenário, as construções existentes fazem parte desses acontecimentos, e a partir do reconhecimento da representatividade de um edifício quanto à história de um lugar, sua preservação passa a ser um direito, independentemente de ser um edifício de caráter monumental ou esteticamente simples (MARCUSE, 1998 apud VARGAS; CASTILHO, 2006).

Um dos principais problemas das cidades nas últimas décadas é o esquecimento dos seus centros históricos, o qual outrora constituía o centro vital da urbe no seu complexo social, como meios urbanos de produção e de comércio. Pressupõe-se que a expansão física do território urbano rompeu este quadro em meados da década de 50 e 60 ocasionado pelo aumento da população urbana, fomentando o crescimento e suburbanização das metrópoles que, sem planejamento e estrutura adequada, expandiram-se. Os centros já não comportavam mais os seus habitantes em seu núcleo edificado, perdendo as suas centralidades e espraiando-se em um curto período de tempo se comparado ao seu tempo de existência (200 a 400 anos de vida versus 20 a 30 anos de crescimento acelerado), promovendo o distanciamento entre a residência e o local de trabalho.

Por consequência, o desenvolvimento e difusão dos modais e o aumento dos números dos automóveis – populares pós Revolução Industrial – ocorria em paralelo e ajudava a impulsionar o efeito de esvaziamento dos núcleos urbanos. As ruas estreitas das cidades históricas e a ausência de espaço físico de garagem em grande parte dos imóveis centenários motivaram a ampliação do denominado “efeito donut”, definido pelo contraste entre o povoamento das zonas suburbanas em contraste com o esvaziamento dos núcleos urbanos, deixando-os degradados e envelhecidos – vazio por dentro e recheado por fora.

Ao deslocar os setores produtivos, administrativos e residenciais para áreas

mais afastadas destes centros e com maiores possibilidades comerciais, juntamente à saturação e conseqüente aumento do preço das habitações de qualidade nos centros das cidades, a desertificação e envelhecimento da população residente causados por esses fatores, gera a pobreza e a degradação da atividade econômica dos edifícios (CAETANO, 1999 apud ALVES, 2007).

Sendo assim, as intervenções arquitetônicas são processos de grande importância na revitalização das áreas centrais que estão degradadas, por serem parte integrante e indissociável historicamente dos centros antigos. Inegavelmente, esses processos são apenas etapas de um grande planejamento tanto arquitetônico quanto histórico e social, envolvendo profissionais de diversas áreas com o intuito de restituir à população a afeição pelo seu espaço e expor os valores próprios de cada lugar.

Neste contexto, este projeto tem como objeto de estudo reabilitar e revitalizar um casarão novecentista no município de Cuiabá/MT, transformando-o em um centro de referência para a população Lésbica, Gay, Bissexual, Transexual e Travesti (LGBT) e atendendo pessoas que lidam com problemas sociais e pessoais relacionadas a sua orientação sexual ou por questões de gênero.

Para o desenvolvimento deste estudo, pautado numa trilha de caráter exploratório, utilizou-se como aporte teórico pesquisa bibliográfica de autores que discutem temas relacionados a intervenções em centros históricos, restauração, cartas patrimoniais, reabilitação de espaço e temas afins referentes à edificação de estudo. Além disso, foram estudados detalhes construtivos da edificação em estudo, sendo produzido o levantamento planimétrico, fotográfico, de patologias realizadas in loco, bem como a análise de projetos precedentes de reforma produzidos para a edificação. No que compete ao uso que será proposto para o imóvel, uma proposta de projeto arquitetônico baseado nas legislações federais, estaduais e municipais existentes, houve a análise de dados obtidos através de entrevistas em Centros de Referências em Assistência Social (CRAS) de Cuiabá para embasar a elaboração do programa de necessidades do centro de referência proposto.

Espera-se que com o presente trabalho traga contribuições acerca do centro histórico cuiabano e seu vasto patrimônio edificado, contribuindo com estudos arquitetônicos, patrimoniais, sociais e históricos. Desse modo, tendo em vista os aspectos apresentados, o artigo seguirá tratando do assunto, objetivando mostrar a importância de discussões sobre o tema para a elaboração do referido projeto.

Desenvolvimento

O centro histórico pode ser definido como o núcleo da cidade construído antes da época industrial, é o local onde se concentra o patrimônio edificado mais antigo. Neste local, podem se reconhecer os bens históricos de maior valor arquitetônico e urbanístico da cidade, que são representativos da cultura e do seu passado histórico. Em geral, compreende a área mais antiga da cidade que se tornou, progressivamente, o centro da cidade moderna. Como citado anteriormente, dela se irradiaram outras áreas urbanas de acordo com o tempo e com o crescimento da população.

As construções históricas representam em si, um conjunto variado de valores que as identificam e as diferenciam das construções comuns. Significam valores arquitetônicos, valores históricos, simbólicos e de identidade – por representarem em formato físico parte história dos construtores e da localidade – e também valores emocionais. Determinadas construções também representam valores sociais, econômicos, políticos e/ou religiosos.

Segundo Alves (2012, p. 81), um dos grandes desafios da reabilitação das cidades é combater a desertificação dos centros históricos. A ação mais indicada é fixar pessoas através da geração de emprego e habitação. A reabilitação deve ser pautada em estratégias urbanas que dão vida às cidades, não somente estimulando a especulação financeira e imobiliária.

Desse modo, os processos de intervenção em centros urbanos podem ser divididos em três grandes períodos, essas três etapas: consistem na renovação urbana (1950 e 1960); no período da preservação urbana (1970 e 1990); e na reinvenção urbana, que surge de 1980 até aos dias de hoje. Esses processos renovaram os discursos e os conceitos sobre a cidade e esquematizaram novas estratégias de desenvolvimento urbano, mais especificamente a reinvenção urbana, pautada no regresso da centralidade para os centros históricos.

Cremos que chegou o tempo de a centralidade regressar ao centro histórico (...) Tempo de intervir metodicamente, estabelecendo metodologias e critérios que, de vez, impossibilitem a destruição, o fachadismo, a musealização, a especialização social e física, a monofuncionalidade; tempo de aproveitar as possibilidades estratégicas de desenhar cenários de futuro, definindo vocações, identificando oportunidades, planeando, promovendo a adesão efetiva, a pluralidade social. Intervir no centro histórico e na cidade consolidada, enquanto prioridade significa potenciar as mais valias da sua urbanidade que se vai perdendo, promover afixação e miscigenação da população (LOPES, 2012, p. 63).

Conforme Jacques Donzelot (2010), a cidade contemporânea possui três zonas: zonas de gentrificação (aburguesamento) para os centros urbanos com ilhas de habitação popular; ponto de partida das classes médias para as zonas de alojamentos uniformemente modestos em territórios do entorno urbano e zonas de exílio em periferia coletiva para os mais desfavorecidos e as novas classes perigosas.

A importância dada à recuperação dos centros das metrópoles, atualmente, se deve ao fato de melhorar a aparência da cidade, perpetuar a sua história, e conseqüentemente criar um espírito de comunidade e pertencimento.

Significa, também, promover a reutilização de seus edifícios e a conseqüente valorização do patrimônio construído; otimizar o uso da infraestrutura estabelecida; dinamizar o comércio; gerar novos empregos. Em suma, implantar ações em busca da atração de investimentos, de moradores, de usuários e de turistas (VARGAS e CASTILHO, 2009, p. 5).

Após a Segunda Guerra Mundial, o principal alvo das políticas urbanas passou a ser a revitalização dos centros das cidades devido aos problemas que essas áreas enfrentavam. Neste período, a maioria dos países europeus passou a concentrar suas atividades de construção civil em ações de reabilitação e manutenção de áreas públicas e edifícios existentes, sendo percussores de uma nova era dos processos de intervenção, direcionados ao desenvolvimento urbano local. Os instrumentos implementados para a recuperação desses locais foram fundamentais na difusão da preservação do patrimônio histórico cultural no contexto mundial.

A procura por novas tecnologias na preservação dos edifícios tornou menos lucrativa a demolição e reconstrução, impulsionando ainda mais a cultura da reabilitação. A maioria dos países europeus já concentravam suas atividades de construção civil em ações de manutenção e reabilitação de edifícios existentes ao invés de construir novas habitações 30 anos antes do terceiro período de intervenções em centros urbanos, sendo ampliados nessa fase.

Em países como Itália, Portugal, França, Reino Unido e Dinamarca, as atividades de reabilitação em edifícios superam as de construção nova. Com incentivos fiscais

do governo, a reabilitação de edifícios supera as novas construções em volume de negócios, sendo este um nicho de mercado em ascensão desde o fim da segunda guerra mundial.

Especificamente na França, a produção de reabilitação de edifícios a partir da Segunda Guerra Mundial representa atualmente mais de 50% do total de volumes dos negócios da construção civil. A prática da reabilitação tornou-se uma realidade no momento em que se enquadrou dentro da política do Estado Francês que assumiu a missão de garantia do acesso à moradia a toda população, política implementada ao espelho da terceira fase do processo de intervenções em centros urbanos.

Na América Latina, uma série de cidades passa por recuperação em centros históricos na década de 1990, como São Paulo, Quito, Buenos Aires, Lima, Bogotá, Havana, Rio de Janeiro, Salvador, São José e São Salvador, com vista a revalorização dos centros (Vargas & Castilho, 2009).

Durante o decorrer do século XIX, a situação social e econômica pela qual o Brasil passava era caracterizada pela abertura à cultura europeia em geral. Esses valores culturais europeus eram materializados também na arquitetura da elite brasileira, incentivando a mesma materialização nas paisagens das metrópoles nacionais, outrora coloniais, consideradas atrasadas e primitivas. Essa noção de modernidade fomentou as reformas urbanas no início do século XX, varrendo do mapa das cidades largas áreas do antigo núcleo colonial, demolindo e reformando para dar lugar ao novo, como aconteceu com São Paulo e Rio de Janeiro.

A cidade de Cuiabá surgiu a partir do avanço das bandeiras da Capitania de São Paulo dentro do território brasileiro. Foram os paulistas, em busca de metais preciosos e de mão de obra indígena, que se fixaram em território mato-grossense. A área que deu origem à cidade de Cuiabá foi descoberta no início do século XVIII, às margens de um córrego.

Foi o sorocabano Pascoal Moreira Cabral quem fundou o arraial da Forquilha, em 8 de abril de 1719, na região do Coxipó do Ouro. Em 1722, dois índios em busca de mel encontraram ouro, no córrego da Prainha. A notícia da descoberta de ouro atraiu forasteiros, o que ocasionou o crescimento do arraial. Para ordenar o local e recolher o imposto sobre o ouro devido à Coroa portuguesa, chamado quinto, o capitão-general da Capitania de São Paulo, Rodrigo César de Menezes dirigiu-se ao arraial. Garimpeiros fugiram para outras localidades para não pagar o imposto à Coroa, formando assim, novos povoados, que originaram outros arraiais. Cuiabá foi elevada à categoria de vila em 1727. Entretanto, somente em 1748 foi criada a Capitania de Mato Grosso, já desmembrada de São Paulo por motivos estratégicos.

Ao longo das décadas, a cidade passou por diversas transformações urbanas, em especial ao longo da Prainha, que foi canalizada definitivamente na década de 1960. As ruas mais antigas da cidade que surgiram nas proximidades desse leito aquífero foram às denominadas Rua de Cima, atual Rua Pedro Celestino, a Rua do Meio, hoje Rua Ricardo Franco/Governador Rondon (trecho entre a Praça Conde de Azambuja e o Beco Alto, segundo Siqueira (2006) e a Rua de Baixo, atual Galdino Pimentel e 7 de Setembro. Eram nessas vias que a cidade se movimentava e começava a se desenvolver. As ruas antigas acompanharam a topografia do local, compondo uma malha urbana orgânica.

Foi nesse núcleo que a cidade nasceu e em que seus casarões coloniais foram construídos. Trata-se de um centro antigo, com presença de trocas comerciais, de representação política e de festejos culturais.

No centro histórico de Cuiabá, atualmente existe um grande número de imóveis fechados ou abandonados causando uma desvalorização na região como um

todo. Há, aproximadamente, 400 imóveis na área tombada federal e 600 em sua área de entorno (CONTE e FREIRE, 2005).

Nos anos 1950 iniciaram-se as demolições de casarios antigos na região central da cidade para dar lugar aos prédios mais funcionais, pois neste período o centro já despontava para o uso comercial. Outro aspecto que influenciou as mudanças na arquitetura do centro da cidade seria a efetivação das obras oficiais.

Entende-se que as mudanças ocorridas tendo como cenário, o atual Centro Histórico de Cuiabá, não ocorreram em momentos isolados e estanques, mas sim, foram fruto de ideias de progresso.

A preocupação de historiadores, arquitetos e entusiastas da preservação do patrimônio levou a criação de um grupo pró-tombamento na década de 1980, que inventariou os casarios remanescentes dos séculos, XVIII, XIX e XX para subsidiar o processo de tombamento federal. Segundo Conte & Freire (2005, p. 41),

O tombamento justifica-se porque a área mantém íntegro o traçado urbano colonial e sobre ele guarda as marcas do processo cultural de Cuiabá: os casarões do século XVIII (ainda que alguns modificados), as edificações ecléticas do século XIX e mesmo exemplares da arquitetura dos anos 50 e 60 do século XX tão comum nas cidades brasileiras. Esse acervo construído “conta” a história da formação do centro – sendo, portanto, expressão cultural da cidade – e das atividades ali desenvolvidas.

Pode-se afirmar que o centro é a própria história da cidade, seu espaço urbano e arquitetura dão-lhe personalidade histórico-cultural e conferem-lhe identidade. No entanto, o desenvolvimento experimentado por Cuiabá nos últimos anos vem exercendo forte pressão sobre o Centro da Cidade. O atual crescimento acelerado vem provocando a descaracterização de praças e da arquitetura; além da alteração das relações entre seus componentes.

O tombamento e a preservação do Centro Histórico da cidade demonstram o seu valor cultural. A área tombada possui 13,1ha e compreende aproximadamente 1000 edifícios que datam dos séculos XVIII, XIX e XX, trazendo o traçado urbano colonial em toda sua integridade (IPDU, 2010).

A partir do tombamento, a preservação da memória de Cuiabá e do Centro-Oeste pôde ser protegida, através da conservação das edificações, logradouros e a paisagem, suporte físico da cultura herdada pelos cuiabanos de outrora, que assim incorpora, acolhe e perdura.

O fato de diversos imóveis localizados no centro histórico de Cuiabá estarem em estado de degradação e conseqüente abandono por parte de seus proprietários faz com que os mesmos sejam invadidos e utilizados como moradia por moradores de rua ou marginais, desta maneira, passando uma sensação de insegurança a quem circula pela região em horários não comerciais. Por isso, ela não frequenta o espaço, e assim a falta de uso dos imóveis e espaços públicos se agrava cada vez mais. Assim, o Centro incentiva medo à população, acarretando o aumento da discriminação com a região.

A falta de investimento na manutenção e conservação gera um parque de imóveis privados degradados ou ultrapassados que vão ficando para trás, enquanto a cidade vai crescendo em outras direções. Esse movimento pode ser infundável se as cidades não voltarem a crescer para dentro, recuperando o investimento, público e privado, feito em outras épocas. (Programa MONUMENTA, 2009, p. 28).

No Brasil, segundo pesquisa do projeto “Sexualidade”, são cerca de seis milhões de pessoas nessa situação. Entre homo e bissexuais, 7,9% dos homens e 3,3% das mulheres se declararam gays. Adotando a mesma estatística do projeto “Sexualidade”, estima-se que em Cuiabá, 21.267mil homens e 9.302mil mulheres são gays.

A exclusão social de LGBTs é vista por olhos conservadores – extremistas – como uma consequência de escolhas ruins. É popularmente ligada ao isolamento pelo indivíduo não se encaixar nos padrões e regras impostas no convívio social. Fomentando assim, a marginalização de indivíduos LGBTs e dificultando à ressocialização, uma vez que em grande maioria, os mesmos são rejeitados por suas próprias famílias.

Não se trata apenas de uma consequência lógica, pois o processo de exclusão se inicia junto à autoaceitação e com o processo de se assumir para o mundo a sua volta; o indivíduo LGBT vai conhecendo o quão dura pode ser a realidade da ausência de respeito com escolhas individuais de maneira lenta e persistente, é comum que pessoas próximas se afastem, que parente ou conhecidos afeiçoados, se tornem desconhecidos. Além disso, a vida profissional também pode ser afetada, uma vez que a maioria dos empregadores façam da aparência física um quesito para que o emprego seja mantido, tornando assim pouco viável a empregabilidade de LGBTs por ser fora do padrão conservador em boa parte dos casos.



Figura 01: “Casa de Avelino de Siqueira. A foto de 1906 mostra o jardim interno do casarão”.
Fonte: ANDREATTO apud SIQUEIRA, (2007, p. 51).



Figura 02: “Vista parcial da Casa de “Avelino de Siqueira”, na década de 1970 – Livraria Pepe”.
Fonte: ANDREATTO apud SIQUEIRA, p. 51, 2007.

Desse modo, a vida profissional também pode ser afetada, uma vez que a maioria dos empregadores façam da aparência física um quesito para que o emprego seja mantido, tornando assim pouco viável a empregabilidade de LGBTs por ser fora do padrão conservador em boa parte dos casos.

Desta maneira, os LGBTs em situação de rua, se encontram totalmente deslocados e amputados do mercado de trabalho, fazendo com que a saída da rua seja complexa. O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais de maneira violenta em todo o mundo, infelizmente a expectativa de vida é de 35 anos de idade, um número bastante preocupante, pois indica claramente ao risco constantemente presente.

Em pesquisa feita pela CIDH - Comissão Interamericana de Direitos Humanos, foi apontado que entre os anos 2011 e 2015, 891 pessoas transexuais foram assassinadas no Brasil, sendo a grande maioria por morte violenta; na América do Sul e América Central totalizam 1500 pessoas transexuais assassinadas.

Deste modo, muitos LGBTs vivem em situação de rua, marginalizados, restando a prostituição para sobrevivência. A ausência de estrutura psicológica, em decorrência da opressão sofrida, os coloca em situação vulnerável ao uso de drogas. Assim, dificultando mais ainda a reabilitação social, uma vez que os mesmos acabam aceitando essa dura realidade injustamente como consequência de escolhas ruins, segundo o julgamento do conservadorismo social.

Quanto ao local de estudos, o casarão da Gráfica Pêpe foi construído com características coloniais para servir de residência para o Governante de Mato Grosso naquele período, o Coronel Generoso Paes Leme de Souza Ponce, o primeiro morador que se tem notícia. Posteriormente, foi morada do então prefeito de Cuiabá Tenente Coronel Avelino Siqueira, com gestão de 1910 a 1911.

Casa Avelino de Siqueira. Ainda se faz presente o edifício em estilo neoclássico da "Rua de Baixo", de propriedade da família Avelino de Siqueira, onde, por muito tempo, funcionou a tipografia do Sr. Avelino de Siqueira, mais tarde a popular Livraria Pepe. Nesse casarão residiu o Coronel Generoso Paes Leme de Souza Ponce, governante de Mato Grosso por duas gestões: 1892 e 1907 (SIQUEIRA et al, 2006, p. 46).

Até o ano de 1995 os herdeiros da família Hugueney ainda viviam no imóvel. No momento com uso misto, funcionava no casarão a conhecida Livraria Pepe que possuía serviços de tipografia (Figura 01 e 02)



Figura 03: Fachada da Rua 07 de Setembro.
Fonte: Próprio Autor, 2017.



Figura 04: Fachada da Rua Engenheiro Ricardo Franco.
Fonte: Próprio Autor, 2017.

Ali viveu e ainda vive a família Hugueney. Seu Avelino de Siqueira, ex-prefeito, que trouxe da Europa o coreto que estava no Jardim Alencastro, e depois foi para o Ipiranga. D. Sinhá, sua esposa e seus filhos, Alcindo, Maninho, Deca, Jacy, Noca, Nally, Diva, Pepe, Elcy, Maria... quanta gente de trabalho intenso, a vida toda. Fica no trecho da Rua de Baixo que, por sair do "alinhamento curvo" daquela rua, passou a chamar-se 7 de Setembro (VELASCO, 1998, p. 39).

O imóvel funcionou como gráfica, papelaria e livraria até 1995, foi construído no período colonial, mais precisamente na segunda metade do século XIX, o imóvel possui paredes de constituídas de taipa de pilão, adobe (materiais amplamente utilizados nas construções da época), tijolos maciços e tijolos de seis furos. Os diversos métodos construtivos foram sendo adotados a cada nova intervenção em que o imóvel passava (Figura 10).

O casarão é conhecido por ser palco das reuniões que motivaram a fundação do Misto Esporte Clube, um dos times de futebol profissional de Cuiabá, sendo a edificação representativa do acervo material e espiritual fundador da própria identidade e manifestação regional.

A edificação possui fachadas caracterizadas como ecléticas, por possuir demasiados ornamentos que fazem referência a diversos períodos arquitetônicos. Sua planta baixa ocupa todo o perímetro do terreno e

apresenta duas fachadas em ruas opostas (Rua 7 de Setembro, sendo essa a fachada principal, e Rua Engenheiro Ricardo Franco), como ilustrado nas Figura 03 e Figura 04.

Após visitas in loco, constatou-se que o imóvel se encontrava em péssimo estado de conservação e preservação, além de estar totalmente subaproveitado. Os elementos construtivos, como paredes, pisos, forros, coberturas e estrutura de todos os ambientes apresentavam patologias. Dentre as patologias encontradas, os elementos destinados a substituir as partes destruídas ou em falta da edificação deverão se integrar harmonicamente ao conjunto, distinguindo-se do original, sempre levando em consideração os conhecimentos a respeito do patrimônio histórico, juntamente com o reconhecimento do valor histórico e arquitetônico e conhecimento dos antigos processos e materiais de construção.

As decisões arquitetônicas tomadas durante a construção do projeto de intervenção no imóvel fazem referência a todos os estudos realizados neste trabalho, sendo reverenciados os aspectos históricos e arquitetônicos da edificação, como sua implantação no terreno, alinhamento do edifício junto à rua e limites laterais, técnicas e materiais construtivos, fachadas, caimento dos telhados, paredes e pisos. Também serão propostas algumas adaptações necessárias para o recebimento das novas funções e atendimento às exigências atuais globais, como a acessibilidade, sustentabilidade e o conforto dos seus usuários. Deve-se destacar que as intervenções realizadas deverão ser nitidamente perceptíveis, ostentando a marca do nosso tempo e mantendo-se em harmonia com o conjunto.

A proposta se fundamenta em manter toda a estrutura existente referente à construção do século XIX (construção original da edificação em características coloniais) e ampliação no início do século XX (construção da cozinha e demais ambientes voltados para a Rua Ricardo Franco, além de reforma em todo imóvel que lhe atribuiu estilo neoclássico). Nenhuma parede construída nesse período será demolida, assim como os ornamentos das fachadas, detalhes construtivos e inclinação dos telhados serão mantidos com o intuito de não modificar a aparência atualmente disposta.

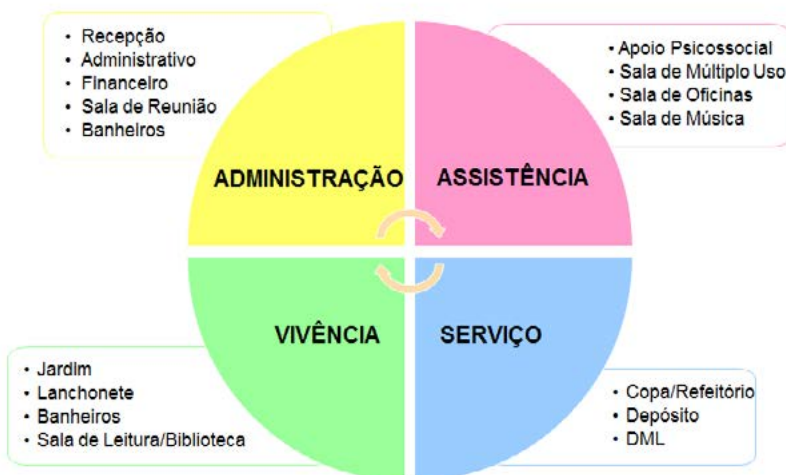


Figura 05: Programa Arquitetônico.
Fonte: Próprio autor, 2017.

Em conformidade com as obras correlatas estudadas durante o desenvolvimento do presente projeto, percebeu-se que os setores necessários para o novo uso do imóvel eram os de administração, assistência, setor de serviço e vivência. Nesse estudo, o imóvel possui os setores com seus ambientes específicos, respectivamente alocados nos espaços existentes do casarão (Figura 05), justificados pela existência dos mesmos setores nos projetos de referência.

Adiante, serão relatadas todas as intervenções arquitetônicas propostas, incluindo a definição dos usos da edificação, medidas para recuperar a habitabilidade do prédio e adaptações para as novas funções, acessibilidade e uso racional dos recursos naturais.

Fundamentados nesses preceitos, serão propostas medidas de recuperação do prédio considerando as características que se mantiveram até os dias atuais, além de adaptações à nova função e atendimento às necessidades contemporâneas, como a acessibilidade e uso racional de água e energia. Contudo, tais adaptações serão implantadas de forma harmoniosa ao conjunto, ao mesmo tempo em que devem ser claramente perceptíveis como contemporâneas, sem que o bem seja descaracterizado ou agressivamente modificado.

Para fomentar a viabilidade do mesmo, fez-se a divisão do casarão em três níveis – de acordo com a volumetria existente – que correspondem aos usos a que serão destinados, sendo que cada bloco tem acessos e funções independentes, porém, integram-se visualmente como um conjunto.

Conforme destacado na Figura 06, os ambientes do pavimento térreo do imóvel possuirão uso mesclado por serem utilizados como salas de todos os setores, sendo este nominado de Nível Térreo. Enquanto isso, os ambientes do imóvel voltados para a Rua Ricardo Franco passam a ser divididos entre os Níveis I, ocupado originalmente pelo quarto das moças e quarto dos pais e agora será utilizado como salas para o setor de assistência, e Nível II, onde anteriormente era usado como quarto dos rapazes e varanda localizado na parte assobradada do imóvel, agora usado como sala de música e varanda.

Como espaço integrador entre os blocos, propõe-se a reestruturação do pátio interno da edificação para ser utilizado como área de convivência, com mobiliários que incentivem seu uso, como bancos, floreiras, postes de iluminação, lixeiras, etc.

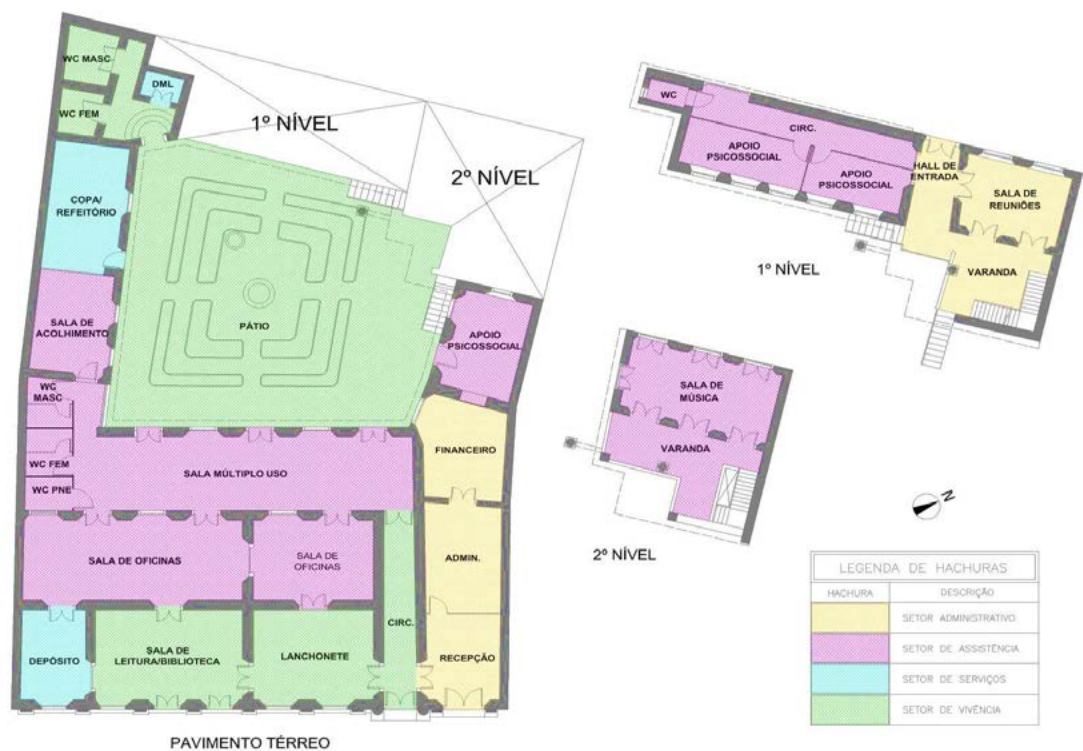


Figura 06: Setorização do Centro de Referência.
Fonte: Próprio Autor, 2017.

No nível térreo, para que o imóvel em estudo pudesse atender à função de Centro de Referência, foi necessário que houvesse a divisão de alguns ambientes internos. Foram adotados também divisórias de placa cimentícia na instalação dos sanitários, adotadas por o material permitir o contato com a água e a passagem de tubulações hidrossanitárias. As divisórias se diferenciam da técnica tradicional pela textura e espessura. Após instaladas, terão acabamento de cimento queimado para que fique visível a intervenção realizada.

Como citado anteriormente, o programa de necessidades do Centro de Referência foi distribuído entre os ambientes existentes do imóvel. A entrada principal do casarão, com acesso para o corredor de circulação, será mantida como acesso principal, sendo as demais portas da fachada da Rua Sete de Setembro isoladas com vidro fixo incolor (Figura 07).

Na ala direita do pavimento térreo, a sala onde anteriormente funcionava a sala de espera da gráfica foi dividida por meio de divisórias, transformando-se em recepção e sala da administração. A sala onde antes funcionava a gráfica será utilizada para o setor financeiro e o ambiente logo após, anteriormente porão, dará espaço a uma das três salas de apoio psicossocial.

Do outro lado, os ambientes à esquerda do corredor de acesso, onde antes funcionavam as salas de papelaria, administração e depósito, darão lugar à lanchonete, sala de leitura e biblioteca, salas de oficinas e depósito.

No fim do corredor de acesso há uma grande sala utilizada originalmente como sala multiuso, o maior de todas as salas do imóvel. A proposta para esse ambiente é continuar sendo uma sala que contempla várias funções, como o de galeria (com uso de biombos expositores e quadros afixados na parede), espaço de oficinas quando o público for superior ao máximo comportado nas outras duas salas de oficinas, espaço de estar e de conversas informais. No ambiente também será instalado um banheiro masculino, um feminino e um para PCD por meio de divisórias de placa cimentícia.

Algumas portas e janelas também precisaram de atenção especial, pois há grande quantidade de aberturas para acesso entre os cômodos do casarão, e alguns ambientes precisaram ser isolados.



Figura 07: Planta Humanizada – Pavimento Térreo.
Fonte: Próprio Autor, 2017.

Tendo a água como principal inimiga do adobe e visando o uso racional dos recursos hídricos, propôs-se a instalação de um sistema de calhas e dutos que coletam a água pluvial dos telhados. Assim, se evita que a água que cai dos beirais respingue na base das paredes de adobe.

É proposta a instalação de janelas e portas de vidro temperado incolor, sobrepostos à parte externa das esquadrias de madeira das fachadas. Esta estratégia possibilita a abertura das portas e janelas de madeira durante o uso desses ambientes, aproveitando a iluminação natural sem incidência solar direta na maior parte do dia. Também é interessante a integração visual entre o ambiente interno e a rua, uma vez que de fora se vê as atividades acontecendo internamente, uma forma de mesclar o interior e exterior.

No primeiro pavimento, acessando o imóvel pelo hall de entrada, a sala à direita, anteriormente utilizada como quarto das moças, dará espaço a duas salas de apoio psicossocial e corredor de circulação por meio do uso de divisórias, sendo o banheiro convertido em lavabo. A porta de correr de vidro, atualmente inutilizada, encontra-se em bom estado de conservação e por isso será mantida, sendo utilizada como meio de iluminação natural do corredor que dá acesso às salas criadas e ao lavabo. À esquerda do hall de acesso, o quarto dos pais será convertido em sala de reuniões do setor administrativo. Logo em seguida, o ambiente aberto que possui escadaria que dá acesso ao pavimento superior, será utilizado como varanda, mobiliada para atender como antessala dos ambientes desses dois pavimentos (Figura 08).



Figura 08: Planta Humanizada – Nível I.
Fonte: Próprio Autor, 2017.



Figura 09: Escadaria do imóvel
em péssimas condições.
Fonte: Próprio Autor, 2017.



Figura 10: Escadaria do imóvel
em péssimas condições.
Fonte: Próprio Autor, 2017.

A escada de madeira deve ser reestruturada com a finalidade de evitar acidentes, uma vez que ela apresenta riscos a quem a utiliza. O corrimão existente, em boas condições, deve ser aproveitado, assim como as chapas metálicas com desenhos em relevo, cujas partes faltantes devem ser preenchidas por peças metálicas lisas, evitando assim, o falso histórico (Figura 09 e 10).

A acessibilidade também é garantida pelo mesmo sistema de rampas citados anteriormente com o intuito de não haver desníveis da rua para a calçada, não sendo necessária rampa de acesso da calçada para o edifício por não há desnível significativo nesse ponto. O mesmo sistema de calhas e dutos que captam a água dos seus telhados será utilizado nesse nível.

Quanto à segurança, assim como no pavimento térreo, é proposta a instalação de janelas e portas de vidro temperado incolor, sobrepostos à parte externa das esquadrias de madeira das fachadas. Arandelas serão instaladas para iluminação da edificação nos vãos entre aberturas, bem como a instalação de luminárias LED embutidas na calçada.

É proposta a instalação de uma plataforma elevatória para cadeirantes, para permitir acesso ao pavimento superior. Esta deve ser cuidadosamente implantada a fim de manter a harmonia e interferir o mínimo possível na composição. Por isso optou-se por uma plataforma hidráulica composta por estrutura de aço pintado em tons harmoniosos à edificação e caixa de vedação em vidro temperado incolor, sendo apoiada no chão para não haja sobrecarga nas paredes.

O pavimento superior, usado originalmente como quarto dos rapazes, é um dos únicos cômodos do imóvel que apresenta boas condições de uso. Agora convertido em sala de música, faz-se necessário apenas a reforma das esquadrias existentes e reforma do reboco nas áreas que apresentam rachaduras e fissuras, comum em todo imóvel (Figura 11).

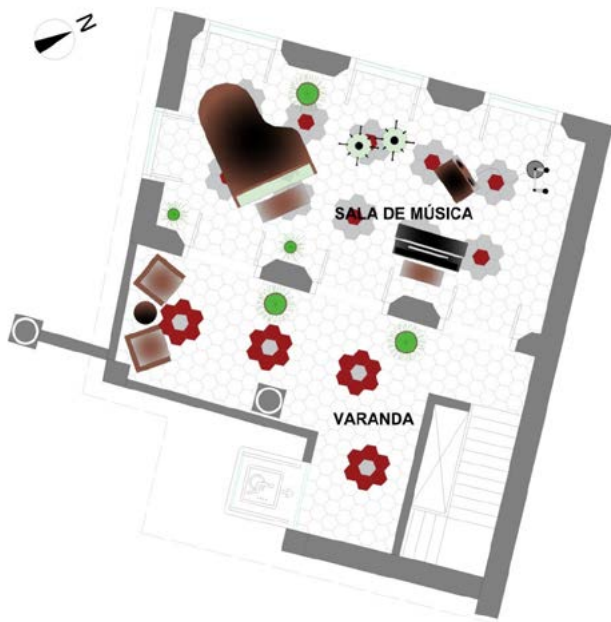


Figura 11: Planta Humanizada - Nível II.
Fonte: Próprio Autor, 2017

A varanda que dá acesso ao cômodo possui vista única para a torre sineira da Igreja Senhor dos Passos e morro da luz, sendo nela instalados mobiliários que possibilitem a contemplação dessa vista particular (Figura 12 e 13). A varanda também receberá a plataforma elevatória para PCD.

O pátio interno tem função de área de convivência, circulação, ventilação, iluminação natural nas fachadas internas e integração entre os níveis da edificação. A demolição da lavanderia/canil possibilitou a reconstrução dos canteiros com o uso de tijolos maciços cozidos, o que também deve acontecer nos demais canteiros, já que estão em estado de deterioração. Assim, retomase a simetria do antigo jardim, que, depois de reconstruído, deve ser ajardinado com grama e vegetação arbustiva, para que as raízes não causem danos às alvenarias de terra.

Quando à estrutura do casarão, prospecções nas fundações da edificação devem ser realizadas com o intuito de quantificar os esteios presentes na edificação e o estado em que se encontram. É comum que sejam encontrados esteios danificados pela presença de umidade, por agentes xilófagos e que não realizem sua função, sendo responsáveis pela intensa quantidade de trincas e fissuras ao longo das paredes da edificação.

Uma das soluções mais comumente encontrada para esteios comprometidos é a execução de enxerto de novas seções de madeira nas peças existentes. Desse



Figura 12: Vista da varanda do Nível II.
Fonte: Próprio Autor, 2017.



Figura 13: Vista da varanda do Nível II.
Fonte: Próprio Autor, 2017.

modo, é possível manter parte das peças originais e retirar somente os trechos que se encontram em contato com a umidade do solo, deteriorados.

Para proceder com a substituição dos esteios danificados, a fundação deve ser escavada, e o entorno imediato da parede deve ser escorada com peças de madeira. Far-se-á o agulhamento no fundo de cada vala preenchida com pedras e uma camada de pasta de areia e cimento com a finalidade de preencher o vazio existente entre as rochas depositadas e agulhadas ao fundo (HIRATA, 2016).

Sobre elas é depositado um lastro de concreto para sustentar cada uma das estruturas a serem recuperadas. As peças comprometidas devem ser substituídas por outras de mesmas dimensões e propriedades mecânicas e impermeabilizadas com a aplicação de produtos betuminosos.

Todos os ambientes do imóvel possuem pisos de ladrilhos hidráulicos em formato hexagonal e quadrado, com composições originais, com exceção da área do Nível I (acesso pela Rua Ricardo Franco) onde é proposta a varanda dos ambientes desse nível. O piso desse ambiente é composto por tabuado de madeira, atualmente em péssimas condições, sendo necessária a sua completa substituição (Figura 14 e 15).



Figura 14: Tabuado do Nível I.
Fonte: Próprio Autor, 2017.

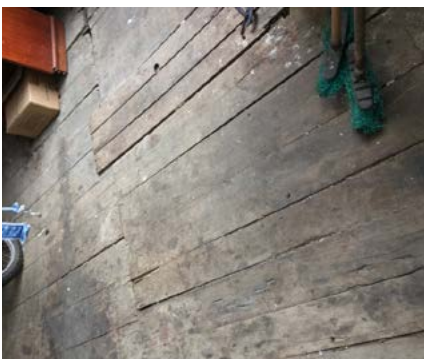


Figura 15: Tabuado do Nível I.
Fonte: Próprio Autor, 2017.

De maneira geral, os pisos do interior do imóvel se encontrarem em bom estado de preservação e conservação. Serão substituídos somente os que apresentarem alguma patologia, como rachaduras ou desgaste por ação das intempéries. As substituições necessárias deverão ser destacadas dentro do ambiente em que forem inseridas, sem estampa e cor neutra. Os desenhos originais serão mantidos.

Na área externa, todo o calçamento do pátio será substituído por pisos drenantes (com permeabilidade de 50%) com o intuito de garantir a permeabilidade das águas pluviais.

Os ladrilhos hexagonais foram instalados em formato de flor, dispostos em seis peças da mesma cor no exterior e uma peça de cor contrastante na parte interior (Figura 16). Já os ladrilhos quadrados foram instalados, originalmente, em forma de tapete, com o exterior de uma cor e interior de cor contrastante, a quantidade de ladrilhos utilizados nessa composição varia de acordo com as dimensões dos ambientes. Atualmente, sujidades e restos de materiais constituintes de paredes e forros, escondem o piso existente (Figura 17).

Remoções de partes das paredes internas do imóvel serão necessárias para a recuperação ou substituição dos materiais danificados. Nesse sentido, trechos da alvenaria úmidos, deteriorados ou com baixa resistência serão retirados e preenchidos com novo material. É importante que durante a reestruturação das paredes portantes e das estruturas em madeira, o telhado e as paredes envolvidas sejam escorados para evitar desmoronamentos e acidentes.

A recuperação de trechos degradados deve ser feita com a retirada do material arruinado, que após limpeza da área, será substituído por material novo. Após a estabilização da fundação, a próxima etapa a ser realizada é a reintegração das partes faltantes da alvenaria de vedação em terra crua que, por conta da fragilidade de seus materiais constituintes, perdem material quanto há



Figura 16: Ladrilhos quadrados da edificação.
Fonte: Próprio Autor, 2017



Figura 17: Ladrilhos hexagonais da edificação.
Fonte: Próprio Autor, 2017.

contato direto com a umidade proveniente das águas das chuvas. Tendo em vista que todo material lixiviado se encontra no local, é possível que seja reaproveitado para a execução dos novos tijolos de adobe.

O peso da cobertura do imóvel, após anos de existência, provocou o entortamento da fachada da Rua Sete de Setembro, passando a sensação de insegurança para os transeuntes que pela calçada transitam. Nesse caso, a solução estrutural mais indicada é a estabilização das paredes das fachadas por meio de tirantes de aço fixados nas diagonais internas das paredes das fachadas, conhecido como amarração. Uma vez estabilizado, procede a troca da cobertura.

As paredes de adobe que possuírem pequenos vãos, trincas e fendas, deverão ser preenchidas com argamassa de solocimento composta por cal, areia e saibro. Essa mistura permite que o material que constitui a alvenaria de adobe faça as trocas gasosas necessárias, evitando o deslocamento e surgimento de novas patologias. Em casos de rachaduras verticais nas paredes de adobe, ocasionados por problemas estruturais, o método adequado de tratamento é conhecido popularmente como “espinha de peixe”. O procedimento consiste na abertura de rasgos horizontais por toda extensão da rachadura vertical, aplicação de tela de aço nestas aberturas e posterior preenchimento com o mesmo material que foi retirado para o rasgo. O método evita o surgimento de novas rachaduras.

Já as fissuras que surgirem nas paredes de tijolos maciços deverão ser seladas. Para isso, deve-se limpar a área onde se encontra a fissura, fazendo escareamento (aumento da fissura por meio de processo mecânico) e em seguida preencher o vazio com argamassa forte

de cal e areia, de pouca espessura. Quanto à ocorrência de vazios maiores, faz-se o embrechamento (preenchimento dos vãos) com pedaços de pedra ou tijolo, sendo que a argamassa a ser aplicada deve ser colocada depois da alvenaria ter sido umedecida.

O pequeno trecho de alvenaria do imóvel composto por taipa de pilão está localizado na parede da fachada da Rua Ricardo Franco. A mesma não apresenta grandes patologias, sendo necessária somente a execução da troca de reboco, assim como em toda fachada.

Os rebocos das paredes de tijolos maciços e tijolos de seis furos degradados que se apresentarem com pouca aderência, aplicados com materiais incompatíveis ou contendo eflorescências, sais ou ataques biológicos devem ser retirados e substituídos por argamassa nova.

O procedimento para substituição dos rebocos de alvenarias de taipa ou adobe possui procedimento mais simples. Primeiramente, retira-se todo o material instável, e se faz a limpeza das superfícies com escova. Após a limpeza, inicia-se a aplicação do novo emboço, sendo que a composição da primeira camada deve ser



Figura 18: Vista interna da edificação.
Fonte: Próprio Autor, 2017.



Figura 19: Cobertura do Nível I.
Fonte: Próprio Autor, 2017.

leve e aplicada com brocha para o preenchimento dos pequenos espaços. A partir daí, aplica-se com colher a argamassa de reboco semelhante à original, sendo recomendado o uso de cal, areia e saibro. A falta da aplicação correta do material de revestimento nessas paredes é um problema recorrente no imóvel, visto que as últimas intervenções no reboco das paredes de terra crua consistiram na retirada do reboco existente e aplicação de argamassa de cimento fraco.

Quanto aos forros e cobertura, manutenções preventivas nas coberturas de telha cerâmica colonial não foram realizadas nos últimos anos, sendo amplamente encontrados afastamentos entre as telhas, telhas quebradas,

destelhamento e substituição das peças cerâmicas por peças de fibrocimento em alguns pontos (Figura 18 e 19). Essas patologias permitem a entrada de água de modo direto na edificação, um fator de extrema preocupação, pois o seu sistema construtivo é, em grande maioria, terra crua, material que não suporta umidade, ocasionando a lixiviação do material.

Diante dessa situação, é necessário que sejam retirados e analisados todo o madeiramento da cobertura e as telhas. As peças em bom estado ou em condições de recuperação deverão ser corretamente tratadas enquanto as comprometidas serão substituídas. O madeiramento comprometido deve ser trocado por madeira imunizada de mesmas dimensões e características mecânicas. Já as telhas atuais serão substituídas por telhas de barro industrial do tipo colonial (capa e canal) que, atualmente, já

não atendem por completo sua função de proteção da edificação. Haverá também a instalação de calhas e rufos de zinco e tubos de PVC para promover os escoamentos verticais.

Os forros de todo imóvel possuíam, originalmente, molduras e desenhos únicos em cada ambiente e atualmente, encontram-se em péssimo estado de conservação, podendo somente as molduras ser reaproveitadas sob nova composição, sendo que as peças faltantes serão preenchidas por peças de madeira lisa instaladas horizontalmente ou inclinadas, conforme a inclinação da cobertura de cada sala.

Conclusões

A preservação do patrimônio histórico é um processo que visa respeitar suas características estéticas e históricas através da adoção de políticas e normativas construídas fundamentadas em décadas de estudos, sempre com o intuito de preservar o patrimônio e impedir sua destruição, garantindo a permanência da identidade dos povos. Todavia, as estruturas antigas diretamente vinculadas à nostalgia do passado não devem ser limitantes, mas sim norteadores das intervenções necessárias.

De residência à tipografia, o casarão da Rua Sete de Setembro apresenta importância histórica, arquitetônica e artística por se tratar de expressivo exemplar da arquitetura colonial cuiabana sobreposta por elementos ecléticos no início do século

XX. Atualmente, o casarão encontra-se subutilizado e em estado de depredação intenso, porém, propôs-se que o casarão volte à ativa como sede do Centro de Referência para cultura LGBT como resposta às necessidades de atendimento para esse público.

No decorrer do presente trabalho buscou-se compreender os critérios que devem direcionar as intervenções arquitetônicas para ser aplicado no objeto de estudo, alvo de grande dedicação. Desse modo, foram adotadas estratégias de intervenção coerentes com tipo de estrutura existente, valorizando os aspectos históricos e artísticos. Assim, o resultado do trabalho é a proposta de intervenção arquitetônica fundamentada nas teorias do patrimônio, em que o edifício é recuperado e utilizado para o bem coletivo, voltando a cumprir sua função social.

Desse modo, optou-se por sugerir a utilização da Gráfica Pepe como metodologia de compreensão dos valores históricos e culturais do Centro Histórico de Cuiabá. Através das atividades que o Centro de Referência para a comunidade LGBT oferecerá, envolvendo ambientes formais e não-formais, toda a comunidade que o frequentará poderá perceber como é importante a conservação da memória local, não só nos seus acervos pessoais, mas na implementação de instituições que unem a população e os lugares históricos.

Por conseguinte, ao integrar educação, cultura e sustentabilidade, se promove significativos ganhos à sociedade. Ao se preservar o patrimônio histórico cultural, se preserva também a memória e a identidade da sociedade que o constrói, e que também se constrói a partir dele. Através do ensino, qualificação profissional e cidadania, se busca oferecer oportunidade para que os jovens experimentem novas formas de interação social. Somados a isso, se garante benefícios ao meio ambiente devido à reutilização de espaços e estruturas existentes, valorizando os recursos naturais, econômicos e humanos ali investidos.

Referências bibliográficas

ALVES, J. D. F. **Reabilitação de Centros Históricos**. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra Universidade de Coimbra, 2007.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Programa Monumenta. **Recuperação de Imóveis Privados em Centros Históricos**. Érica Diogo (org.), Brasília: Iphan, 2009.

CONTE, C. Q.; FREIRE, Marcus Vinícius De Lamônica. **Centro histórico de Cuiabá, patrimônio do Brasil**. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

CUIABÁ, **Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano** – IPDU. 2009. © 2009. Prefeitura Municipal de Cuiabá / IPDU. Instituto Central de Texto, 2010.

DONZELOT, J., **La ville à trois vitesses**, Paris, Editions de la villette, 2010

SIQUEIRA, E. M. (org.). **Cuiabá: de vila a metrópole nascente**. 2ª ed. Entrelinhas, Cuiabá, 2007.

SIQUEIRA, E. M. (org.). **Cuiabá: de vila a metrópole nascente**. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

TAVARES e VAZ. **Fotografia Jornalística e Mídia Imprensa: formas de apreensão**.

Revista Famecos. Porto Alegre, nº27, quadrimestral, agosto/2005, p.125- 138.
VARGAS, H. C.; CASTILHO, A. L. H. de. **Intervenções em Centros Urbanos**. Barueri, SP:
Manole, 2009.

VELASCO, M. **A verde Cuiabá**. Brasília, 1985.

Autores:

Daniel Silva Campos. Arquiteto e Urbanista, mestrando do curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do UNIVAG em associação com a PUC-Campinas. daniel.campos@univag.edu.br

Antônio Soukef Jr. Arquiteto e Urbanista, com pós-doutorado na área de preservação do patrimônio cultural pela Universidade de São Paulo. Professor do curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do UNIVAG – MT, em associação com a PUC-Campinas. asoukef@gmail.com

A DESIGUALDADE URBANA VISTA PELA TAXA DE LETALIDADE DA COVID-19 NOS BAIRROS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Eje/Eixo Temático 1

Joana Spadaccini Grangeiro
Cláudio Rezende Ribeiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo demonstrar como as desigualdades urbanas estruturais da cidade podem ser visualizadas por meio do mapeamento das taxas de letalidade por Covid-19 nos diferentes bairros do município do Rio de Janeiro. A taxa de letalidade de um determinado território pode ser calculada pelo coeficiente entre o número de óbitos por Covid-19 e o número total de casos confirmados nesse território. Devido à enorme subnotificação e ao baixo índice de testagem para coronavírus existente tanto em plano nacional quanto em plano municipal, as taxas de letalidade do Rio de Janeiro tendem a ser exorbitantemente altas, demonstrando índices provavelmente irreais. Dessa forma, nesse contexto, taxas de letalidade extremamente altas podem ser um indicativo de um número extremamente alto de óbitos ou então de um número extremamente baixo de infectados em comparação com o total de mortes. De uma forma ou de outra, bairros que possuam taxas de letalidade irreais são territórios mais vulneráveis à Covid-19, porque nesses bairros se morre mais ou então porque neles a doença é menos monitorada. Apresenta-se como comparativo e indicativo das qualidades de vida em cada um dos bairros o Índice de Desenvolvimento Humano por bairro no município do Rio de Janeiro, para auxiliar na visualização das desigualdades sociais que permeiam esse núcleo urbano.

Palavras-chave: **Covid-19, desigualdade, Rio de Janeiro, Mapeamento, Letalidade.**

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo demostrar cómo se pueden visualizar las desigualdades estructurales urbanas en la ciudad mapeando las tasas de letalidad por Covid-19 en los diferentes barrios de la ciudad de Río de Janeiro. La tasa de letalidad para un determinado territorio se puede calcular mediante el coeficiente entre el número de muertes por Covid-19 y el número total de casos confirmados en ese territorio. Debido al enorme subregistro y la baja tasa de testes de coronavirus existentes tanto a nivel nacional como municipal, las tasas de mortalidad en Río de Janeiro tienden a ser exorbitantemente altas y probablemente poco realistas. Por lo tanto, en este contexto, las tasas de letalidad extremadamente altas pueden indicar

un número extremadamente alto de muertes o un número extremadamente bajo de personas infectadas en comparación con el número total de muertes. De una forma u otra, los barrios que tienen índices de letalidad poco realistas son más vulnerables al Covid-19, porque en esos barrios muere más gente o porque en ellos la enfermedad está menos monitoreada. El Índice de Desarrollo Humano por barrios del municipio de Río de Janeiro se presenta como un comparativo e indicativo de las cualidades de vida en cada uno de los barrios, para ayudar a visualizar las desigualdades sociales que permean este núcleo urbano.

Palabras clave: **Covid-19, desigualdad, Rio de Janeiro, Mapeo, Letalidad.**

Introdução

Covid-19 e território

A Covid-19 se mostrou um problema particularmente complexo nas grandes cidades brasileiras, onde, por diversos motivos, o vírus encontrou um ambiente favorável para a sua reprodução. Desse modo, assim como em outras situações epidemiológicas, por exemplo, a Dengue e a Tuberculose, o combate ao coronavírus deve fazer parte também de proposições de políticas públicas e de planejamento urbano que atuem para melhorar a qualidade das estruturas urbanas, alcançando especialmente a população mais vulnerável e, assim, reduzir as desigualdades sociais. As estruturas urbanas – pavimentação, saneamento básico, iluminação pública, acesso a transporte e equipamentos públicos (escolas, hospitais, espaços culturais, entre outros) – estão desigualmente distribuídas pelo espaço da cidade. De modo geral, a população com maior poder aquisitivo tende a habitar também locais com melhor estrutura pública. Dessa forma, quando a Covid-19 chega às grandes cidades brasileiras, as desigualdades e deficiências estruturais desses lugares agem como agravantes ou atenuantes da magnitude da doença nas diferentes regiões dos municípios. Por isso, o primeiro passo para seu enfrentamento requer a compreensão sobre os lugares onde a doença se concentra e sobre como funciona sua disseminação nesses territórios. Sem essas informações fundamentais, qualquer plano de combate não será nem efetivo nem eficiente.

Desde março/2020 até maio/2021 (quando esse trabalho foi elaborado), diversas pesquisas e estudos foram feitos – tanto pela mídia quanto por grupos de pesquisa independentes e de instituições públicas – para compreender a disseminação da doença no intuito de perceber qual foi a população mais atingida, em quais espaços da cidade se concentra o maior número de casos e de óbitos e, ainda, algumas possíveis causas dessas desigualdades.¹ Esse artigo vem fazer coro a

1 Destacam-se aqui os estudos realizados pelo LabCidade, laboratório de pesquisa da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, e pelo Instituto Pólis, instituto de pesquisas urbanas, sobre as desigualdades urbanas representadas pela diferente disseminação de Covid-19 no município de São Paulo (SP).

Instituto Pólis. **Raça e COVID no município de São Paulo**. Julho de 2020. Disponível em: <https://polis.org.br/estudos/raça-e-covid-no-msp/>. Último acesso em 12/01/2021.

MARINO, Aluizio et al. **Circulação para trabalho explica concentração de casos de Covid-19**, 30 de julho de 2020. Disponível em: www.labcidade.fau.usp.br/circulacao-para-trabalho-inclusive-servicos-essenciais-explica-concentracao-de-casos-de-covid-19/. Último acesso em 02/12/2020.

No município do Rio de Janeiro (RJ), destaca-se o trabalho realizado pelo Observatório de Favelas com financiamento da Fundação Heinrich Böll Brasil, na produção do boletim “Mapa Social do Corona”, que analisa diversos aspectos da disseminação da Covid-19 em territórios vulneráveis desse município brasileiro

Mapa Social do Corona. Observatório de Favelas do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://of.org.br/acervo/mapa-social-do-corona/>. Último acesso em 16/05/2021.

Outros estudos se encontram também nas referências bibliográficas

esses outros estudos que pretendem demonstrar que as desigualdades urbanas, muitas e variadas, também se representam na diferença da disseminação e da gravidade da Covid-19 por diferentes territórios na cidade. Aqui será usada, como campo de exemplificação, a variação das taxas de letalidade por diferentes bairros do município do Rio de Janeiro (RJ). Acredita-se que a partir da taxa de letalidade é possível ver quais territórios estão em posição mais vulnerável por ser uma informação que, por um lado, quando baseada em dados que representem a realidade da contaminação, com bons índices de testagem da população, pode indicar em quais espaços se morre proporcionalmente mais. Por outro lado, quando inserida em um contexto de subnotificação de casos, como o que o Brasil e o Rio de Janeiro vivem atualmente em relação à Covid-19, ela pode ajudar a visualizar quais territórios estão mais vulneráveis por apresentarem menor controle e acompanhamento epidemiológico da situação. Inicialmente, no entanto, deve-se abordar brevemente o contexto nacional a esse respeito.

Desenvolvimento

Brasil: desgoverno e descontrole

O Brasil tem chamado atenção de outros países devido ao comportamento de seu governo no combate à pandemia da Covid-19. Não é por menos, já que o Brasil possui apenas 2,73% da população mundial e estima-se que concentra 12,92% das mortes por coronavírus do mundo. Em números totais, o Brasil é o terceiro país com maior número de casos, depois da Índia e dos Estados Unidos, e o segundo país em número de mortes, depois dos Estados Unidos.²

Esses três países, embora muito distintos, possuem algumas características em comum. Em primeiro lugar, são países com grandes populações e com grande território (o Brasil é o menos populoso entre os três)³ e, em segundo lugar, possuem governos federais que falharam ao instituir políticas nacionais unificadas de combate à pandemia, deixando essa responsabilidade inteiramente a cargo dos governos locais. A subnotificação de casos de Covid-19 no Brasil, entretanto, é o primeiro (e não o único) entrave na construção de uma política eficiente de contenção da doença.

No Brasil, o governo federal do presidente Jair Bolsonaro nega qualquer política de mitigação da pandemia, em um esforço ativo de desacreditar medidas de distanciamento social, o uso de máscaras e a eficácia e importância das vacinas. Ao mesmo tempo, além do presidente pregar o uso de medicamentos paliativos ineficazes contra a Covid-19, por exemplo a hidroxiquina, o governo também usa estruturas administrativas públicas para sua divulgação. Se, no início de 2020, essas ações podiam parecer inexperiência ou ineficácia do governo em conter a disseminação de uma nova doença - para a qual na época nenhum país do mundo estava totalmente preparado e a comunidade científica ainda não tinha determinado protocolos consensuais - atualmente, depois de mais de um ano de pandemia,

² Todos os dados mundiais relacionados à Covid-19 e demografia foram retirados do Worldometers. Dados retirados no dia 15 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.worldometers.info/coronavirus/>. Último acesso em: 29/05/2021.

³ **Brasil:** 213.926.682 habitantes (2,73% da população mundial), com 8.358.140 Km² de território e 87,6% de população urbana

Índia: 1.392.271.886 habitantes (17,7% da população mundial), com 2.973.190 Km² de território e 35% de população urbana

Estados Unidos: 332.759.663 habitantes (4,25% da população mundial), com 9.147.420 Km² e 82,8% de população urbana.

parece que o governo federal trabalha ativa e coordenadamente para a propagação e expansão do vírus.⁴

Sob o argumento de manter a vida econômica “normal” e os empregos do país em funcionamento até que se alcance a chamada “imunidade de rebanho”, o presidente parece ignorar propositadamente a trilha de centenas de milhares de mortes que se acumulam devido a essa estratégia.

Esses comportamentos e declarações levaram à abertura de uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) por parte do Senado Federal em maio de 2021, com o objetivo de comprovar se foram cometidos crimes por parte do governo federal e do presidente Jair Bolsonaro ao lidar com a pandemia de Covid-19 no país. As provas obtidas até então incluem declarações do próprio presidente e relatos de outras personalidades envolvidas nos fatos.⁵

O cenário pandêmico acontece em um Brasil que já atravessava uma séria crise política e econômica. Desde 2014-2016, por exemplo, havia um crescimento sensível no trabalho informal, uma forma de empregabilidade significativa após as recessões econômicas desse período e também após a crise econômico-sanitária de 2020. No fim de 2019, a população trabalhadora informal já ocupava 40% do mercado de trabalho e metade dessas pessoas trabalhava por conta própria⁶ (ou seja, sem nenhum registro formal da atividade profissional, sem chefia e sem parceria), algo preocupante pela falta de respaldos legais (por exemplo, falta de acesso ao FGTS, ao seguro desemprego e até à licença médica remunerada) e pela falta de segurança social para essa enorme parcela da população.

O Brasil de 2020 escancarou a vulnerabilidade social dos trabalhadores, em especial dos informais, ao colocá-los diante de escolhas inviáveis: de um lado, manter-se isolado, alterando horários e locais de trabalho, com o risco de não obter a renda suficiente para a sobrevivência da família; de outro lado, manter a atividade profissional inalterada, arriscando-se ao contágio do vírus, mesmo sabendo da deficiência no tratamento da doença ou até mesmo da falta de uma licença médica remunerada. Os diversos ataques do presidente Jair Bolsonaro às determinações de isolamento social, sob o pretexto de que era preciso “manter a economia funcionando”, agiram de forma perversa ao reforçar essa falsa contradição, sem garantir, entretanto, nem a manutenção do trabalho nem a preservação de vidas.

Para responder à crise e diminuir a vulnerabilidade dos trabalhadores foi elaborado um pacote de renda básica para a sobrevivência de milhões de pessoas durante a pandemia. O Auxílio Emergencial foi implementado devido a ações do Congresso Nacional e a pressões de parte da sociedade civil e se constituiu de cinco parcelas de R\$ 600,00 e quatro parcelas de R\$ 300,00, pagas entre abril e dezembro

4 Diversos estudos analisam o trabalho do governo federal como forma de propagação do vírus, alguns trazidos como embasamento para a argumentação são:

Estudo realizado pela ONG Conectas Direitos Humanos e a Cepedisa (USP) procura analisar as normas técnicas relativas a pandemia criadas em 2020 para demonstrar temporalmente os embates existentes entre a estratégia de propagação do vírus levada pelo governo federal e demais entes federativos, os outros Poderes e o restante da sociedade civil. Boletim Direitos na pandemia, número 10. Disponível em: <https://cepedisa.org.br/publicacoes/>. Último acesso em 16/05/2021

CALIL, Gilberto. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. Revista Serviço Social e Sociedade, São Paulo, nº 140, p. 30-47, jan/abril 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sssoc/n140/0101-6628-sssoc-140-0030.pdf>. Último acesso em: 17/05/2021.

5 GALF, Renata. Entenda como a CPI da covid pode contribuir para responsabilizar Bolsonaro por falas e postura na pandemia. **Folha de S. Paulo**. 25 de abril de 2021. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/entenda-como-a-cpi-da-covid-pode-contribuir-para-responsabilizar-bolsonaro-por-falas-e-postura-na-pandemia.shtml. Último acesso em: 16/05/2021.

6 ROUBICEK, Marcelo. Empregos informais: os mais vulneráveis à crise da pandemia. **Nexo Jornal**, 17 de março de 2020. Disponível em: www.nexojornal.com.br/expresso/2020/03/17/Empregos-informais-os-mais-vulner%C3%A1veis-%C3%A0-crise-da-pandemia. Último acesso em 07/01/2021.

de 2020 e que custaram cerca de R\$ 322 bilhões ao governo federal⁷. Essa foi a medida mais importante, ao longo de 2020, para a proteção social de 67 milhões de brasileiros que viviam de trabalhos informais. Em 2021, o Auxílio foi retomado, com valor e alcance muito menores: serão quatro parcelas que variam de R\$ 150,00 a R\$ 375,00, dependendo da composição familiar.

Dessa forma, a não adesão ao isolamento social não se dá apenas e necessariamente por uma escolha individual ou por indiferença perante o avanço da pandemia, mas se insere num contexto de fragilidade social no qual muitas vezes a exposição é uma necessidade. Esse raciocínio vale ainda para a adoção de outras medidas protetivas, por exemplo, para o uso correto de máscaras faciais, que depende diretamente da aquisição das máscaras e do acesso a informações precisas. Em uma época de informatização muito ágil, mas desigual, de *fake news* e às próprias contradições do governo federal e do Ministério da Saúde se torna cada vez mais difícil assegurar a qualidade de toda informação disseminada.

Em 2021, também se observa um agravamento da pandemia, com o surgimento de novas variantes do vírus. Uma variante, surgida em Manaus (AM) no final de 2020 e nomeada de P.1, é mais facilmente transmissível, possui maior probabilidade de reinfeção e, apesar de não ter maior letalidade direta, causou um alto número de óbitos com a sobrecarga que gerou nos sistemas de saúde.⁸ Em Manaus, no começo de janeiro de 2021, houve um colapso no sistema de saúde local, levando a falta de tubos de oxigênio em diversos hospitais públicos e causando inclusive mortes por asfixia⁹. Para garantir o atendimento de diversas pessoas, o governo optou por transportar pacientes (e seus acompanhantes) de Manaus para outros locais do país, colaborando para que a nova variante se espalhasse ainda mais rapidamente. Em poucos meses, outros estados brasileiros começaram a sofrer com o aumento drástico de casos e óbitos, com a superlotação de hospitais e a falta de leitos, insumos, equipamentos. As equipes de saúde ficaram sobrecarregadas, com jornadas de trabalho excessivas e exaustão acentuada. No estado de São Paulo, onde a nova variante já corresponde a 90% das amostras coletadas, levantamento indica que 500 pessoas morreram à espera de leitos, inclusive jovens e crianças.¹⁰

A pandemia de 2021 não é a mesma que teve início em 2020. A marca de 200 mil mortos, que precisou de mais de nove meses para ser atingida em 2020, não precisou sequer de cinco meses para ser alcançada em 2021. Com mais de quatro mil mortes diárias, a Fiocruz publicou um estudo que demonstra o rápido rejuvenescimento da pandemia atualmente, com uma estimativa de aumento de mais de 1000% nas faixas etárias entre 30 e 60 anos e alto crescimento entre 20 e 29 anos, sendo que o mês de maio de 2021 apresentou uma mediana de idade das

7 Hoje cai último pagamento do auxílio emergencial, mas saques vão até 27/1. **Uol**, 29 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/12/29/auxilio-emergencial-fim-ultima-parcela-dezembro-calendario-saques-2021.htm>. Último acesso em 13/01/2021.

8 DOUCLEFF, Michaeleen. Why Scientists are very worried about the variant from Brazil. **NPR**. 27 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.npr.org/sections/goatsandsoda/2021/01/27/961108577/why-scientists-are-very-worried-about-the-variant-from-brazil>. Último acesso em 28/04/2021.

9 A sucessão de erros que levou a crise de oxigênio em Manaus, **Época**, 19 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://epoca.globo.com/brasil/a-sucessao-de-erros-que-levou-crise-de-oxigenio-em-manaus-24845597>. Último acesso em 16/02/2021.

10 COLLUCCI, Cláudia. Variante P.1, identificada em Manaus, já corresponde por 90% das amostras no estado de SP. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/variante-p1-identificada-primeiro-em-manaus-ja-responde-por-90-das-amostras-no-estado-de-sp.shtml>. Último acesso em: 28/04/2021

Ao menos 11 pessoas com Covid-19 morrem na fila por leito de UTI em um dia; total no estado de SP ultrapassa 500. **G1 e SPTV**. 02 de abril de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/04/02/ao-menos-11-pessoas-com-covid-19-morrem-na-fila-por-leito-de-uti-em-um-dia-total-no-estado-de-sp-ultrapassa-500.ghtml>. Último acesso em 28/04/2021.

internações por Covid-19 inferior a 60 anos pela primeira vez.¹¹ Com esse ritmo de contaminação, o mês de abril de 2021 se tornou o mais letal da pandemia até o momento, registrando mais de 80 mil mortos ao mês.¹²

A falta de políticas de diminuição do contágio, por sua vez, aumenta a possibilidade de surgimento de novas variantes do vírus, capazes inclusive de inviabilizar a eficácia das vacinas que foram desenvolvidas. Quanto mais o vírus circula, mais rapidamente ele pode adaptar, com maior transmissibilidade ou mortalidade. Quanto mais variantes tivermos em solo nacional, mais isolado se torna o Brasil frente ao cenário internacional.

Testagem no Brasil

No início da pandemia de Covid-19 no Brasil houve uma enorme dificuldade em adquirir e depois produzir testes de qualidade para a detecção da doença. Em um cenário internacional de alta demanda pelos testes – no qual ainda não se conhecia muito sobre Covid-19 nem sobre as formas de proteção contra ela e no qual muitos países não possuíam a tecnologia apropriada para a produção nacional de testes –, houve uma grande dificuldade para definir um método de testagem apropriado. Essa situação, entretanto, foi se mostrando duradoura e, mais uma vez, colocou em dúvida se a enorme subnotificação de casos não faria parte também de uma ação política do governo, mesmo considerando a inegável dificuldade administrativa que demandam testes em massa.¹³

A questão principal é que não se efetuam testes de Covid-19 quanto se deveria¹⁴. Atualmente, o Brasil está no 115º lugar em testes por milhão de habitantes, depois de outros países latino-americanos, por exemplo, a Argentina, o Peru e Cuba. O primeiro passo para a contenção da epidemia é testagem e rastreamento, visto que é praticamente impossível combater uma doença se não se sabe onde ela está e qual a sua velocidade de propagação. No Brasil, não foi nem definida nem institucionalizada, ou seja, praticada de modo sistemático e consolidado, uma forma de testagem em massa que procure rastrear de forma ampla as pessoas infectadas pelo vírus Sars-Cov-2, causador da Covid-19. Principalmente aqueles casos em que os sintomas da doença se manifestam de forma leve demais para serem percebidos ou até os casos assintomáticos. A falta de testes acessíveis à população e de uma política pública que proponha a testagem de forma consistente e constante – independentemente do aparecimento de sintomas mais graves na pessoa infectada – impede um rastreamento dos casos e, conseqüentemente, impossibilita o isolamento dos contaminados antes que eles disseminem a doença. Esse processo, em que casos leves ou assintomáticos disseminam o vírus sem que isso seja percebido, é um dos responsáveis pela proliferação de casos graves que, esses sim, serão testados quando os pacientes já estão em atendimento médico ou internados e, portanto, já isolados. A testagem eficiente também permite isolar com antecedência pessoas que entraram em contato com alguém infectado, ajudando a diminuir a rede de disseminação da doença.

11 CORRÊA, Douglas. Fiocruz: aumento de casos de covid de 30 a 59 anos supera 1000%. **Agência Brasil**. 10 de abril de 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-04/fiocruz-aumento-de-casos-de-covid-de-30-a-59-anos-supera-1000>. Último acesso em 28/04/2021.

12 Abril foi o mês mais letal da pandemia de Covid no Brasil, com mais de 82 mil mortes. **Folha de S. Paulo**. 30 de abril de 2021. Disponível em www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/abril-foi-o-mes-mais-letal-da-pandemia-de-covid-no-brasil-com-mais-de-82-mil-mortes.shtml. Último acesso em 05/05/2021.

13 MAGNO, Laio et. al. Desafios e propostas para ampliação da testagem e diagnóstico para COVID-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(9): 3355-3364, 2020. Disponível em: www.scielo.br/pdf/csc/v25n9/1413-8123-csc-25-09-3355.pdf. Último acesso em 29/05/2021.

14 GUSSO, Gustavo. **Sem testagem e rastreamento, Brasil vive apagão sanitário**. *Folha de S. Paulo*. 23 de março de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/sem-testagem-e-rastreamento-brasil-vive-apagao-sanitario.shtml>. Último acesso em: 29/05/2021

A ineficiência na testagem é um fato gravíssimo. As taxas atuais de infecção por coronavírus são muito mais altas do que mostram os dados oficiais divulgados pelo governo. Além de impedir o básico, qual seja, o conhecimento, o rastreamento e a contenção da pandemia, a subnotificação acaba funcionando como uma forma de dissimular informação¹⁵. De fato, a pandemia é, então, muito mais grave do que os números apontam e a desorganização e distorção de dados é uma forma eficiente, historicamente demonstrada, de contar o que se pretende que pareça verdade. O ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em um comício em junho de 2020 afirmou que iria reduzir os testes de Covid-19 para reduzir também a dimensão da doença, afinal, quanto mais se testa, mais casos existem. Essa fala exemplifica o raciocínio falacioso sobre a distorção de dados: de acordo com Trump, o alto índice de contaminação do coronavírus nos Estados Unidos não era decorrência da falha em conter a epidemia; era sim resultado dos muitos testes realizados.¹⁶ No Brasil, um exemplo dessa prática de manipulação de dados está no próprio Ministério da Saúde: a partir de determinado momento de 2020, o painel da Covid-19 que aparece no *site* do Ministério passou a registrar o número de pacientes recuperados com maior ênfase visual. Essa mudança sutil, que demonstra otimismo com o número de pessoas que superaram a doença, esconde o fato de que, para haver muitos recuperados, é preciso inicialmente ter muito infectados (e esse jamais será um número a ser comemorado).

Ao longo de 2020, vários outros acontecimentos foram fragilizando a transparência dos dados sobre a Covid-19 publicados pelo Ministério da Saúde. Em junho, o site chegou a ficar fora do ar alguns dias e depois voltou com informações resumidas, insuficientes, mostrando apenas os casos e óbitos das últimas 24h. Por mais que os números mostrados fossem verdadeiros, eles não abordavam claramente a situação da pandemia no país, fomentando um discurso que manipula os fatos e representa a realidade de forma parcial¹⁷. O presidente Jair Bolsonaro chegou a afirmar na época que seriam feitas mudanças na forma de registrar os dados, mas não especificou quais seriam as alterações, preocupando quem acompanhava não só os dados da Covid-19, mas também a própria evolução democrática na disponibilização de dados públicos pelo Estado brasileiro. Outro agravante é a demora em apresentar o resultado de testes, acarretando atraso de semanas na computação de grande parte dos casos.

Diante da enorme desconfiança nos números divulgados pelo governo federal, os veículos de comunicação, por exemplo, se organizaram em um consórcio no qual os dados são extraídos diretamente das secretarias estaduais e, dessa forma, praticamente desconsideram o que foi computado e mostrado pelo Ministério da Saúde. Essa iniciativa é praticada por diversas outras instituições, ONGs e grupos de pesquisa.¹⁸

¹⁵ Para dimensão das taxas de notificação no Brasil ver: PRADO, Marcelo Freitas do, et al. **Análise da subnotificação de COVID-19 no Brasil**. Revista Brasileira de Terapia Intensiva. Abril-Junho de 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbti/a/XHwNB9R4xhLTqplXqXJ6dMx/abstract/?lang=pt#:~:text=Resultados%3A,%2C2%25%2C%20respectivamente>. Último acesso em 20/05/2021

¹⁶ Em comício, Trump afirma que reduziu testes para esconder casos de Covid-19; Casa Branca diz que é brincadeira. G1. 21 de junho de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/21/trump-reclama-de-extremismo-radical-e-admite-que-reduziu-testes-para-esconder-casos-de-covid-19.ghtml>. Último acesso em: 29/05/2021

¹⁷ JUCA, Beatriz. Próximo centro global da pandemia, Brasil resume sua gestão à 'guerra de dados'. El País. 12 de junho de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-12/proximo-centro-global-da-pandemia-brasil-resume-sua-gestao-a-guerra-de-dados.html>. Último acesso em: 29/05/2021

¹⁸ A ONG Open Knowledge BR vem analisando a qualidade e a transparência dos dados públicos relacionados à COVID-19 no Brasil, tanto do governo federal, quanto das secretarias estaduais. Disponível em: <https://transparenciacovid19.ok.org.br/>. Último acesso em 29/05/2021.

Em contraposição, o Sistema Único de Saúde (SUS), que possui inúmeras atribuições, é uma instituição fundamental não somente para a testagem, mas também na análise e na divulgação de dados públicos. A alta capilaridade do SUS, somada ao fato de ser público e universal, garante a todos desde o atendimento primário, com a execução de testes e acompanhamento de casos simples, até tratamentos altamente complexos em hospitais especializados. Apesar de vir passando por desinvestimento histórico, o papel do SUS no combate à pandemia é essencial e tem uma abrangência que extrapola o contato direto com a população. Por trás de toda a estrutura pública de atendimento, existem também diversos sistemas de tratamento, monitoramento e controle de doenças, que transformam o SUS em uma peça central no combate a qualquer doença. Os sistemas de vigilância mantidos pelo SUS são conhecidos sua alta eficácia e eficiência, disponibilizando dados públicos em plataformas on-line. Por meio desses dados, é possível conhecer outras informações e números detalhados, que servem a inúmeras pesquisas e a controles epidemiológicos, por exemplo, o da Dengue.

Letalidade no Rio de Janeiro

A taxa de letalidade é um índice comumente usado na saúde pública que procura dimensionar a gravidade de uma doença em determinado território ao comparar o número de óbitos com o número de casos confirmados. Pode ser calculada, em porcentagem, pela equação:

$$\text{taxa de letalidade} = \frac{n^{\circ} \text{ de óbitos confirmados}}{n^{\circ} \text{ de casos confirmados}} \times 100$$

O aspecto mais importante da taxa de letalidade, portanto, é informar o número de óbitos em comparação com a quantidade de pessoas infectadas, ou seja, o quão letal é aquela doença naquele território.¹⁹ Dessa forma, uma alta taxa de letalidade significa que há um alto número de óbitos quando comparado ao total de casos confirmados.

Para entender porque a taxa de letalidade varia de um território para outro (de país para país, estado para estado, cidade para cidade e até mesmo de bairro para bairro) é preciso compreender uma série de fatores específicos da doença em si e também da composição dos territórios que se pretende comparar. No caso da Covid-19 no Brasil, por exemplo, locais que apresentam uma população mais idosa tendem a ter mais óbitos, por ser este um grupo de risco mais marcante. Ao mesmo tempo, localidades com difícil acesso à saúde pública, maior dependência de transporte público e maior número da população em situação de vulnerabilidade, por exemplo, também apresentam características que influenciam a quantidade total de óbitos.

Independentemente das variáveis responsáveis para a existência de taxas de letalidade mais altas em alguns bairros do município do Rio de Janeiro, o propósito desse artigo é **utilizar a taxa de letalidade para visualizar as áreas com maior subnotificação ou nas quais a letalidade é maior. Em ambos os casos, esse aspecto é uma demonstração das desigualdades urbanas existentes entre diferentes bairros da cidade.**

¹⁹ Para melhor compreensão acerca da discussão sobre a taxa de letalidade da COVID-19 ver: JONES, Frances. O enigma da letalidade: dificuldades para obter o número de exato de infectados e de óbitos impõem desafios para se conhecer quão mortal é a doença. *Revista Pesquisa FAPESP*, ed. 296, outubro de 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-enigma-da-letalidade/>. Último acesso em: 29/05/2021.

A subnotificação dos casos de Covid-19 é um fator importante no cálculo da taxa de letalidade porque quanto menor o número de testes realizados (e positivados), maior será a taxa de letalidade: se houve um teste positivo e um óbito, a taxa de letalidade é de 100%; se houve 100 testes e um óbito, a taxa de letalidade é de 1%. Dessa forma, taxas de letalidade extremamente altas podem ser um indicativo de um número extremamente alto de óbitos ou então de um número extremamente baixo de infectados em comparação com o total de mortes. De uma forma ou de outra, bairros que possuem taxas de letalidade muito altas são territórios mais vulneráveis à Covid-19 porque nesses bairros se morre mais ou então porque neles a doença é menos monitorada. Apesar de grande parte das taxas de letalidade do município do Rio de Janeiro ser imprecisa e muito provavelmente errônea, seu mapeamento evidencia os locais que estão altamente suscetíveis à pandemia: quer porque neles se morre mais, quer porque neles existe menos controle sobre os casos.

Com base em estudos sorológicos em demonstrativos populacionais, é possível conhecer mais precisamente a real taxa de letalidade da Covid-19²⁰. Por estudos feitos ao redor do mundo, ela pode variar entre 0,5% e 1%, a depender de diversas condições do contexto em que essa taxa foi medida. No Brasil, provavelmente devido a subnotificação de casos e ao contexto socioeconômico do país, esse índice está em 2,8%.²¹ Já no município do Rio de Janeiro a taxa de letalidade é de 8,18%, assombrosamente alta, ainda maior do que a taxa do estado, de 5,16%. É impossível que 8,18% seja realmente a taxa de letalidade da Covid-19 no município do Rio de Janeiro: se fosse, de acordo com os estudos sorológicos que preveem o número total de infectados, a crise sanitária seria marcadamente mais grave e mortal. Essa alta taxa provavelmente é decorrência de uma subnotificação de casos ainda maior na cidade quando comparada ao contexto nacional, de modo que a taxa de letalidade dos dados oficiais acaba refletindo muito mais a pouca testagem do município do Rio de Janeiro do que propriamente a letalidade da Covid-19 no município.

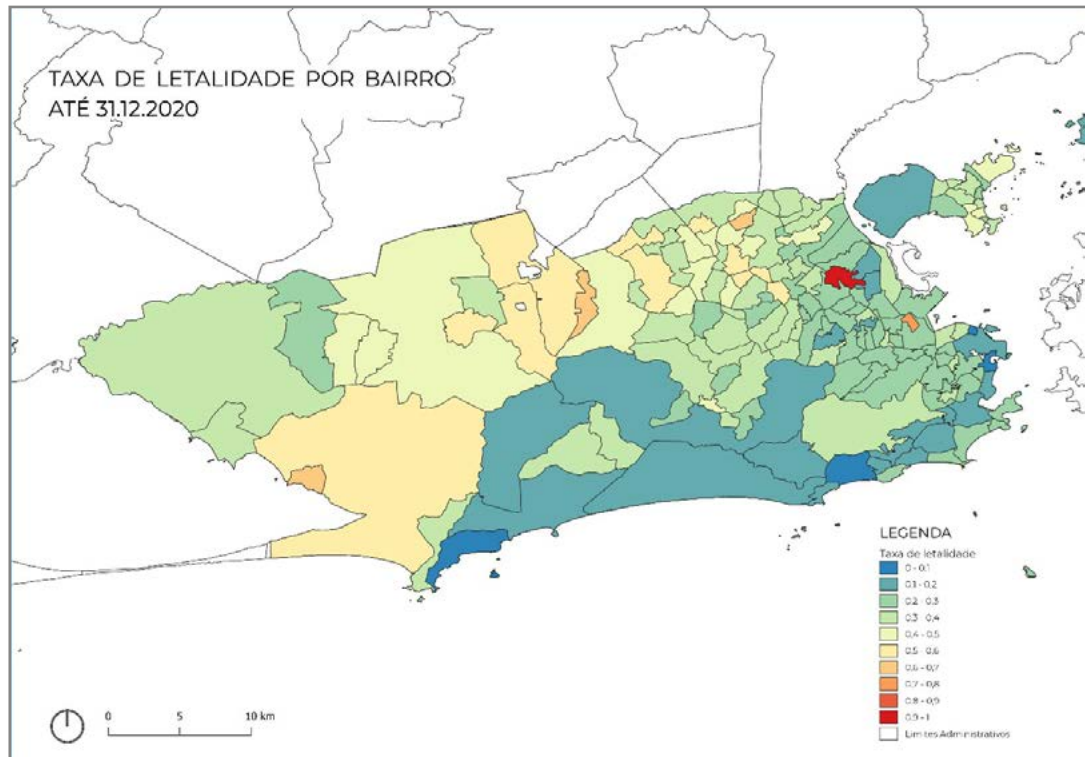
Um destaque importante a respeito das subnotificações é que são mais expressivas numericamente quando se trata da informação sobre a contaminação por coronavírus, ou casos totais de Covid-19, do que quando se refere aos óbitos. De modo geral, óbitos por Covid-19 tendem a ser notificados mais precisamente do que o total de casos da doença. Isso se dá porque o óbito é um evento único, extremamente relevante, que tende a ser mais bem investigado. Além disso, as mortes são registradas por meio de uma Declaração de Óbito, padronizada em todo o território nacional e computadas pelo Sistema de Informação sobre Mortalidade, um instrumento de controle criado pelo Ministério da Saúde para monitoramento da mortalidade no país. Por mais que existam filas para obter o resultado de exames de Covid-19 e que é possível existir também uma subnotificação de óbitos, ela é marcadamente menor do que a subnotificação de casos gerais, inclusive porque muitos deles são assintomáticos.

Portanto, inicialmente, as taxas de letalidade foram espacializadas por bairro, na cidade do Rio de Janeiro, sem nenhuma forma de mascarar ou tirar imprecisões

²⁰ Um exemplo de estudo sorológico realizado na cidade de São Paulo (SP) pode ser visto em: <https://www.monitoramentocovid19.org/>. Último acesso em 29/05/2021

²¹ Repositório de dados sobre a Covid-19 no Brasil agregados por nação, estados e municípios. Disponível em: <https://brasil.io/covid19/RJ/>. Último acesso em: 29/05/2021

dos dados²². O resultado obtido pode ser visto no mapa abaixo.



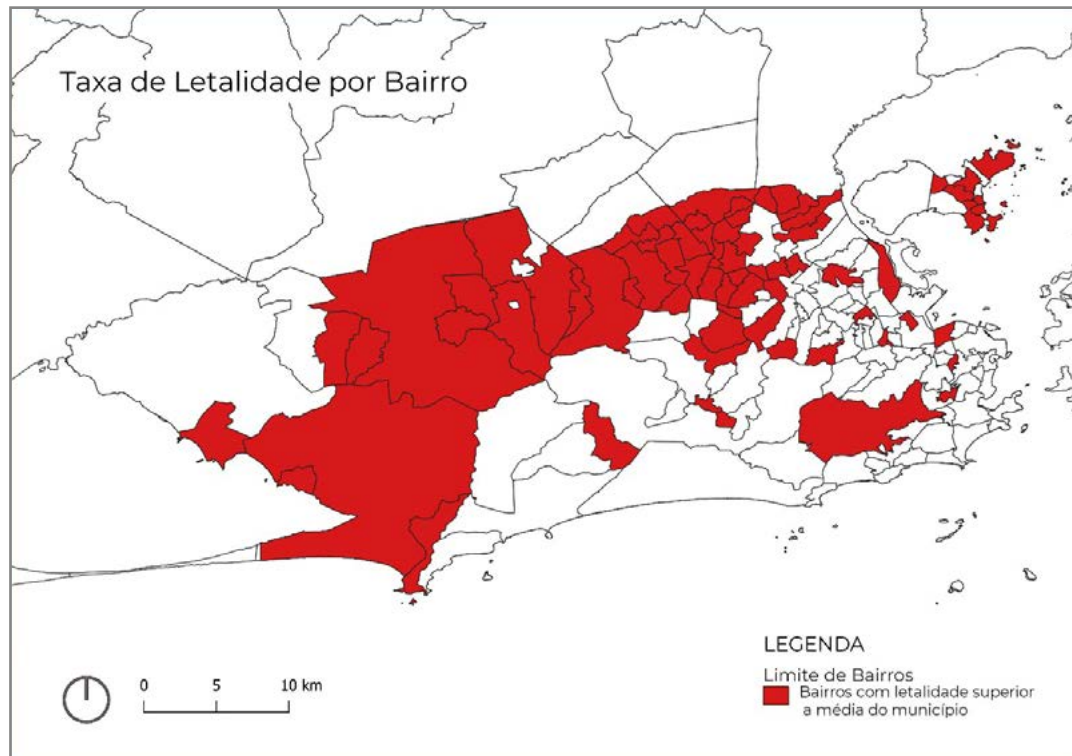
Nesse mapa, nota-se certa concentração espacial nos bairros que registram as maiores taxas de letalidade da cidade. De modo geral, elas se localizam em bairros da Zona Norte e da Zona Oeste (excluindo a parte marítima). Barra da Tijuca, Recreio e a Zona Sul – sabidamente os locais com maior infraestrutura urbana, cuja população possui maior concentração de renda – apresentam as taxas mais baixas.

Esse outro mapa auxilia na visualização dessa concentração espacial. Abaixo optou-se por destacar os bairros que apresentam taxas de letalidade acima da média do município. A maior parte desses bairros se encontram também nas regiões mais periféricas, ou seja, mais afastadas do centro e de áreas com maior concentração de renda.

²² Os mapas que serão apresentados a seguir foram produzidos a partir dos dados públicos sobre Covid-19 disponibilizados pela prefeitura do Rio de Janeiro (RJ), computados pela sua Secretaria Municipal de Saúde (SMS) e atualizados quase diariamente pelo site data.rio, base de acessos a dados públicos relativos ao município, e pelo Painel Rio Covid, mantido pela própria SMS em parceria com o Instituto Pereira Passos. Disponível em: <https://www.data.rio/datasets/cep-dos-casos-confirmados-de-covid-19-no-munic%C3%ADpio-do-rio-de-janeiro>. Último acesso em 28/04/2021

Todos os mapas foram produzidos por meio de georreferenciamento, usando o software livre QGIS. Quando não especificado, o método de classificação dos mapas é o de Intervalos Iguais.

O mapa com as taxas de letalidade diz respeito a todos os casos e óbitos computados pela Prefeitura somente no ano de 2020, utilizando a planilha atualizada no dia 08/04/2021.

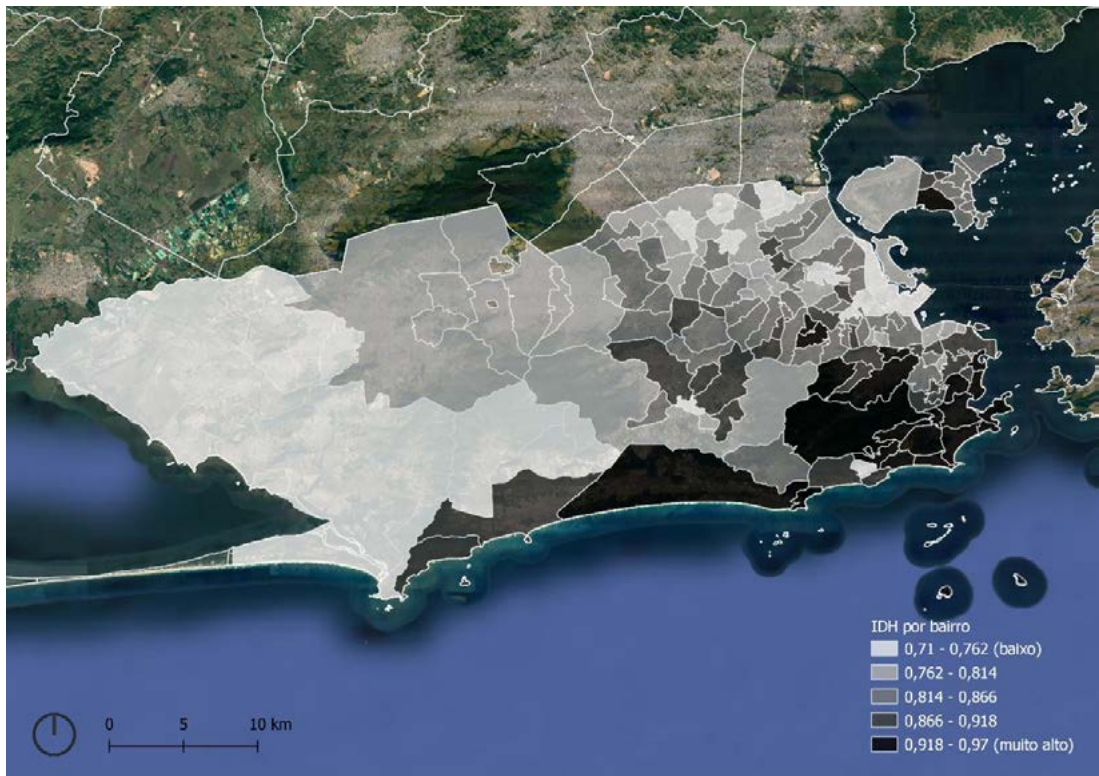


Como a disposição social e geográfica da cidade do Rio de Janeiro possui um caráter único, de difícil visualização para quem não conhece a cidade, optou-se também por trazer outro mapeamento, com base no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), desagregado por bairro. É outra forma de visualizar como as taxas de letalidade mais altas se concentram nos locais mais vulneráveis quanto à distribuição de renda e à infraestrutura urbana. O IDH é calculado por meio dos indicadores de esperança de vida ao nascer, taxa de alfabetização de adultos, taxa bruta de frequência escolar e renda per capita. Com base nesses indicadores, calculam-se três índices, a saber: índice de longevidade, índice de educação e índice de renda, que, em conjunto, resultam na estrutura para o cálculo do IDH. O índice final pode variar de 0 a 1, sendo 0 considerado muito baixo e 1 muito alto²³. Nesse caso, o IDH foi utilizado por se considerar que melhores condições de sobrevivência e proteção frente à COVID-19 são fruto de uma mescla de diferentes fatores socioeconômicos. Por exemplo, normalmente, os cargos mais altos nas empresas são ocupados por profissionais com melhor escolaridade e a maior parte das tarefas desses profissionais podem ser realizadas remotamente, por meio virtual, o que permite ao profissional diminuir seu deslocamento pela cidade ou deslocar-se em transporte individual.

Dessa forma, foram comparadas as taxas de letalidade com um indicador amplamente conhecido, facilmente identificado pelo público e apreendido como representante das desigualdades estruturais que podem ajudar a definir maior ou menor impacto frente à COVID-19.

O Complexo do Alemão e Costa Barros são os bairros que apresentam não

²³ O IDH de 2010, por bairro, disponibilizado pela prefeitura do Rio de Janeiro. Disponível em: www.data.rio/documents/58186e41a2ad410f9099af99e46366fd/about. Último acesso em 29/05/2021.



Mapa físico do Rio de Janeiro (RJ) com uma sobreposição da malha de IDH desagregada por bairro

só o menor IDH no Rio de Janeiro (RJ) – ambos com 0,71 –, mas também altas taxas de letalidade por Covid-19. Já o maior IDH registrado é 0,97, nos bairros da Gávea e do Leblon, ambos na Zona Sul da cidade e ambos com baixas taxas de letalidade. Na Zona Oeste, apenas os bairros de Jacarepaguá e Vargem Grande, ambos em uma escala azul (baixa taxa de letalidade) no mapa de letalidade por bairro, possuem IDH abaixo de 8 e uma taxa de letalidade abaixo de 6%. Em todo o restante do território, observa-se a informação inversamente contrária: IDHs menores e taxas de letalidade maiores.

É importante destacar o caso específico do Complexo do Alemão, favela

Bairro	Taxa de Letalidade	IDH	Colocação do bairro na classificação por IDH	Colocação do bairro na classificação por Taxa de Letalidade
Complexo do Alemão (ZN)	27,97%	0,71	157	158
Vasco da Gama (ZN)	21,43%	0,83	93	157
Acari	17,98%	0,72	154	156
Pedra de Guaratiba (ZO)	17,15%	0,74	149	155
Padre Miguel	16,89%	0,8	114	154
Turiaçú	16,59%	0,81	107	153
Vaz Lobo	15,44%	0,81	108	152
Senador Vasconcelos	15,09%	0,8	118	151
Parque Anchieta	14,88%	0,83	88	150
Bangu (ZO)	14,45%	0,79	122	149

Tabela da lista de bairros com as dez maiores taxas de letalidade do município

Bairro	Taxa de Letalidade	IDH	Colocação do bairro na classificação por IDH	Colocação do bairro na classificação por Taxa de Letalidade
Grumari (ZO)	0%	0,89	37	1
Glória (ZS)	1,43%	0,94	16	2
Saúde (Centro)	2,63%	0,79	127	3
São Conrado (ZS)	2,75%	0,87	48	4
Jardim Botânico (ZS)	2,87%	0,96	8	5
Rocinha (ZS)	3,86%	0,73	153	6
Lagoa (ZS)	3,90%	0,96	11	7
Botafogo (ZS)	4,00%	0,95	14	8
Jacaré (ZN)	4,34%	0,84	78	9
Leblon (ZS)	4,35%	0,97	2	10

Tabela da lista de bairros com as dez menores taxas de letalidade do município

localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, que apresenta os seguintes dados: a maior taxa de letalidade em 2020: 27,97%, com um total de 40 óbitos e 143 casos; o menor IDH do município e se destaca como uma área de vulnerabilidade social. Mais uma vez, essa taxa de letalidade muito provavelmente é irreal, resultado mais da falta de testagem do que propriamente do número de óbitos. Nesse caso específico, entretanto – e por isso ele é tão relevante –, a comunidade do Complexo do Alemão, por meio de um jornal local e de uma clínica de família no bairro, realizou e publicou testes de Covid-19 de forma independente da prefeitura.²⁴ Os dados contabilizados pela comunidade, até o final de 2020, mostram 93 casos de Covid-19 a mais do que os levantados pela prefeitura, o que representa um aumento de 65% em relação ao total dos dados públicos. Como os dados da comunidade não indicam o total de óbitos, a nova taxa de letalidade é calculada com base nos óbitos dos dados oficiais. Chega-se assim a uma nova taxa de letalidade de 17%. Apesar de essa taxa também ser alta – provavelmente ainda por causa da subnotificação de casos –, com ela, o Complexo do Alemão deixaria de ter a maior taxa de letalidade do município, chegando então ao 5º lugar e se aproximando da taxa de outros bairros da cidade.

O caso do Complexo do Alemão é interessante porque se trata de um caso muito extremo de subnotificação por parte do Estado. Por um lado isso demonstra a enorme dificuldade do poder público de adentrar esses territórios com políticas públicas, nesse caso representadas pela própria testagem da Covid-19. Por outro lado, também ajuda a visibilizar a enorme importância que a auto organização desses territórios tem para garantir uma melhor qualidade de vida e seguridade social aos seus habitantes.

Em paralelo também chama a atenção a presença dos bairros da Rocinha,

²⁴ Essa iniciativa pode ser observada em outros locais além do Complexo do Alemão. Diversas outras favelas também criaram uma forma de monitoramento e proteção que funciona de forma independente ao poder público e que também podem servir como uma fonte mais confiável de dados. Alguns exemplos:

Complexo do Alemão: painel de monitoramento da clínica da família Zilda Arns. Disponível em: <https://datastudio.google.com/u/0/reporting/dd7abf2f-420c-4d9b-89c2-f4eda31c58ef/page/4ySuB>. Último acesso em 29/05/2021

Painel Vozes da Comunidade: monitoramento de casos de Covid-19 em diversas favelas do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://painel.vozdascomunidades.com.br/>. Último acesso em: 29/05/2021

Rocinha: painel de monitoramento da Covid-19 – Rocinha. Disponível em: <https://datastudio.google.com/embed/u/0/reporting/c5ae2175-d23e-4411-933d-a222da20ec8b/page/r2dOB>. Último acesso em 29/05/2021

Rocinha: Jornal Fala Roça, painel de monitoramento da Covid-19. Disponível em: <https://falaroca.com/painel-coronavirus-rocinha/>. Último acesso em 30/05/2021

da Saúde e do Jacaré entre as menores taxas de letalidade do município. Tanto a Rocinha quanto o Jacaré são bairros mais adensados, com um número significativo de população, (respectivamente 65 mil e 37 mil habitantes) e que também possuem IDHs mais baixos e provavelmente uma infraestrutura pública oficial menos consolidada do que os outros bairros presentes nessa lista. Já a Saúde é um bairro do Centro de caráter portuário, com uma pequena parcela de população residindo (apenas por volta de 2 mil habitantes), mas com grande infraestrutura pública, por se localizar no centro do município. Ou seja, possui um caráter urbano marcadamente distante dos outros dois bairros citados acima. Para compreender porque esses bairros apresentaram uma taxa de letalidade tão baixa seria preciso analisar com cuidado cada um dos casos, se detendo especificamente em uma série de variáveis específicas de cada um deles.²⁵

De resto, é possível visualizar algumas recorrências nos dados. Todos os bairros com as maiores taxas de letalidade apresentam uma tendência a terem também IDH menores, sendo Parque Anchieta o maior deles, na 88ª posição, com um índice de 0,83. Nenhum desses bairros está localizado na Zona Sul ou no Centro e todos eles estão também mais distantes geograficamente da zona central. O contrário acontece quando vemos a tabela com as menores taxas de letalidade. A maior parte dos bairros se localiza na Zona Sul da cidade e apenas a Rocinha na Zona Sul apresenta um IDH inferior a 0,85, sendo que a maior parte deles possui um índice que pode ser considerado “muito alto”, inclusive superior à países desenvolvidos, como Suécia, Austrália e Noruega e muito superior ao do município, de 0,76.²⁶

Conclusão

A partir dos resultados obtidos é possível perceber que existe uma correlação entre as diferentes taxas de letalidade e as desigualdades que permeiam a cidade do Rio de Janeiro. Acredita-se, como posto anteriormente que, seja por um maior número de óbitos, seja por um menor índice de notificação, os territórios que apresentam taxas de letalidade absurdamente altas se encontram também em maior deficiência no combate à Covid-19. A desinformação e as desigualdades são outros inimigos estruturais responsáveis pelo agravamento de um cenário que, por si só, já é difícil de combater.

De qualquer forma, algumas questões não ficam claras com essa única amostragem de dados e de mapeamento. Não é possível dizer, por exemplo, qual a taxa de subnotificação de cada bairro. Dessa forma, também fica difícil separar em quais casos o aumento da taxa de letalidade acontece devido a uma maior subnotificação ou de fato devido a uma maior mortalidade. Para a continuidade dessa análise seria preciso trazer dados populacionais, de coeficientes de mortalidade e incidência, além de dados de testagem proporcionais à população por bairro ou estudos sorológicos (quando houver), no intuito de entender caso a caso a que se deve a criação de taxas de letalidade tão altas e tão desiguais.

Referências Bibliográficas

²⁵ Foi executada uma base demográfica da estimativa populacional por bairro, utilizando como base o levantamento do CENSO realizado pelo IBGE em 2010, e uma projeção de crescimento populacional feita pela prefeitura do Rio de Janeiro (RJ) em 2013, em que consta a projeção demográfica por faixa etária (5 em 5 anos) por Região Administrativa. Dessa forma, para chegar à população estimada de 2020, foi usado o coeficiente de crescimento populacional para cada bairro, de acordo com o coeficiente da RA em que este se localiza.

²⁶ IBGE Cidades: Rio de Janeiro. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/panorama>. Último acesso em 29/05/2021.

ONU: Ranking do IDH Global em 2014. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idh-global.html>. Último acesso em: 29/05/2021.

CALIL, Gilberto. **A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista.** Revista Serviço Social e Sociedade, São Paulo, nº 140, p. 30-47, jan/abril 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sssoc/n140/0101-6628-sssoc-140-0030.pdf>. Último acesso em: 17/05/2021

CALIL, Gilberto. **O governo Jair Bolsonaro e o COVID-19: uma política deliberada de expansão da pandemia.** p. 55-66. In: VILLAVICENCIO, J. K. A. (Org.); OSORIO, E. S. (Org.); ZEPEDA, M. G. (Org.); Cartografias de la pandemia en tiempos de crisis civilizatoria: aproximaciones a su entendimiento desde México y América Latina. Cidade do México: Ediciones La Biblioteca, 2020.

Conectas Direitos Humanos, Cepedisa. **Boletim Direitos na pandemia**, número 10. Disponível em: <https://cepedisa.org.br/publicacoes/>. Último acesso em 16/05/2021

COTA, Wesley. **Monitoring the number of COVID-19 cases and deaths in Brazil at municipal and federative units level.** Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/362/version/371>. Último acesso em: 29/05/2021

FRANÇA, E. B et al. **Óbitos por COVID-19 no Brasil: quantos e quais estamos identificando?** Disponível em: <https://www.scielo.org/article/rbepid/2020.v23/e200053/pt/>. Último acesso em 02/12/2020

JONES, Frances. **O enigma da letalidade: dificuldades para obter o número de exato de infectados e de óbitos impõem desafios para se conhecer quão mortal é a doença.** Revista Pesquisa FAPESP, Ed. 296, Outubro de 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-enigma-da-letalidade/>. Último acesso em: 29/05/2021.

MAGNO, Laio, et al. **Desafios e propostas para ampliação da testagem e diagnóstico para COVID-19 no Brasil.** Revista Ciência e Saúde Coletiva, Edição 25, Setembro de 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v25n9/1413-8123-csc-25-09-3355.pdf>. Último acesso em: 29/05/2021.

MARINO, Aluizio et al. **Disseminação espacial de internações por COVID em bairros de São Paulo.** Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/disseminacao-espacial-de-internacoes-por-covid-em-bairros-de-sao-paulo/>. Último acesso em 02/12/2020

MARINO, Aluizio et al. **Mapas do coronavírus escondem informações.** Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/mapas-do-coronavirus-escondem-informacoes/>. Último acesso em 02/12/2020

MARINO, Aluizio et al. **Para combater a covid-19, é preciso entender exatamente onde ela está.** Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/para-combater-a-covid-19-e-preciso-entender-exatamente-onde-ela-esta/>. Último acesso em 02/12/2020.

MARINO, Aluizio et al. **Simplificação da leitura do comportamento da epidemia no território dificulta seu enfrentamento.** Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/simplificacao-da-leitura-do-comportamento-da-epidemia-no-territorio-dificulta-seu-enfrentamento/>. Último acesso em 02/12/2020

Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde (NOIS). **Análise socioeconômica da taxa de letalidade da COVID-19 no Brasil.** Nota Técnica 11, 27/05/2020. Disponível em:

<https://ponte.org/wp-content/uploads/2020/05/NT11-An%C3%A1lise-descritiva-dos-casos-de-COVID-19.pdf>. Último acesso em: 29/05/2021

OBSERVATÓRIO DE FAVELAS. **Mapa Social do Corona**. Disponível em: <http://of.org.br/acervo/mapa-social-do-corona/>. Último acesso em: 17/05/2021

PRADO, Marcelo Freitas do, et al. **Análise da subnotificação de COVID-19 no Brasil**. Revista Brasileira de Terapia Intensiva. Abril-Junho de 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbti/a/XHwNB9R4xhLTqLxqXJ6dMx/abstract/?lang=pt#:~:text=Resultados%3A,%2C%25%2C%20respectivamente>. Último acesso em 20/05/2021.

RUDNITZKI, Ethel; SCOFIELD, Laura. **Na Trincheira contra o apagão de dados da pandemia**. Pública. 09 de junho de 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/06/na-trincheira-contr-o-apagao-de-dados-da-pandemia/>. Último acesso em: 29/05/2021

SOARES, Marcelo. CRAVO, Alice. TATSCH, Constança. **Homem, pobre, negro: a cara da vítima de COVID-19 no Brasil**. Revista Época. Disponível em: <https://epoca.globo.com/sociedade/homem-pobre-negro-cara-da-vitima-de-covid-19-no-brasil-1-24512320>. Último acesso em: 28/04/2021

SOARES, Marcelo. **Mortes entre caixas, frentistas e motoristas de ônibus aumentaram 60% no Brasil no auge da pandemia**. El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-04-05/caixas-frentistas-e-motoristas-de-onibus-registram-60-a-mais-de-mortes-no-brasil-em-meio-ao-auge-da-pandemia.html>. Último acesso em: 28/04/2021

Análises Contínuas Covid-19 no Brasil e no mundo

Repositório de dados sobre a Covid-19 no Brasil agregados por nação, estados e municípios. Disponível em: <https://covid19br.wcota.me/#suspects>. Último acesso em: 29/05/2021

Repositório de dados públicos disponibilizados em formato acessível: <https://brasil.io/covid19/>. Último acesso em: 29/05/2021

Covid por CEP no Rio de Janeiro: <http://covidporcep.rio.br/>. Último acesso em: 17/05/2021

Covid-19 Brasil. Disponível em: <https://ciis.fmrp.usp.br/covid19/>. Último acesso em: 17/05/2021

Infogripe. Disponível em: <http://info.gripe.fiocruz.br/>. Último acesso em: 17/05/2021

Lagom Data. Disponível em: <https://lagomdata.com.br/coronavirus/>. Último acesso em: 17/05/2021

Observatório Covid-19. Disponível em: <https://covid19br.github.io/>. Último acesso em: 17/05/2021

Open Knowledge Brasil. Transparência Covid-19: dados abertos podem salvar vidas. Disponível em: <https://transparenciacovid19.ok.org.br/boletins.html>. Último acesso

em: 17/05/2021.

Worldometers. Disponível em: <https://www.worldometers.info/coronavirus/>. Último acesso em 17/05/2021.

Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde (NOIS). Disponível em: <https://sites.google.com/view/nois-pucrio>. Último acesso em 29/05/2021

Grupo de Métodos Analíticos em Vigilância Epidemiológica. Disponível em: <https://covid-19.procc.fiocruz.br/>. Último acesso em 29/05/2021.

Dados Públicos

IDH por bairro no Rio de Janeiro em 2000.

Disponível em: <https://www.data.rio/datasets/58186e41a2ad410f9099af99e46366fd>. Último acesso em 17/02/2021.

Limite de bairros do município do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.data.rio/datasets/limite-de-bairros>. Último acesso em 17/02/2021.

Notificações de casos e óbitos por COVID-19 no município do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.data.rio/datasets/cep-dos-casos-confirmados-de-covid-19-no-munic%C3%ADpio-do-rio-de-janeiro>. Último acesso em 17/02/2021.

Malha municipal do estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/15774-malhas.html?=&t=downloads>. Último acesso em 17/02/2021.

Projeção Populacional 2013-2020 para a Cidade do Rio de Janeiro: uma aplicação do método AiBi realizada pela Secretaria Municipal de Urbanismo em 2013. Disponível em: http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscaricacas/download/3255_Proje%C3%A7%C3%A3oPopulacional2013-2020_CidadedoRiodeJaneiro_m%C3%A9todoAiBi.pdf. Último acesso em 13/01/2021.

Autores:

Joana Spadaccini Grangeiro é graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ. Está pesquisando, por meio do mapeamento georreferenciado, como a Covid-19 se manifestou no território urbano do Rio de Janeiro. joana.spadaccini95@gmail.com

Cláudio Rezende Ribeiro possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutorado em Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ). Atualmente é professor de graduação e do curso de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB) da FAU-UFRJ. É membro pesquisador do Laboratório Direito e Urbanismo do PROURB/FAU/UFRJ e integrante do grupo PERIFAU - Urbanismo e Periferia. claudioribeiro@fau.ufrj.br

METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS: O Caso Exemplar da “ilha” da Bela Vista/ Porto (2013-2017)

Eje/Eixo Temático 1

Fernando Matos Rodrigues
Manuel Carlos Silva
António Cerejeira Fontes
André Cerejeira Fontes
LaHB Porto (Portugal)

Resumo:

Um caso exemplificativo de aplicação de metodologias participativas num processo de reabilitação de uma «ilha» na cidade do Porto (2013-2017). Os autores descrevem e analisam de modo fino e detalhado o processo da operação da «ilha» da Bela Vista, antigo bairro operário do século XIX. Tal como os autores assinalam, trata-se de um caso exemplar e excepcional em garantir o direito à habitação no quadro geral de políticas de especulação imobiliária e de deslocação de populações residentes nas freguesias do centro da cidade para os subúrbios e periferias, para cujo êxito contribuiu a conjugação de diversos factores e circunstâncias assinalados pelos autores que apontam este caso como um exemplo de investigação-acção e participação (IAP). Os autores começam por afastar e criticar uma visão positivista e pretensamente neutra que tenta separar a análise dos factos sociais e dos valores, nomeadamente em processos de intervenção e reabilitação urbana, ocultando os interesses que se escondem sob as diversas perspectiva teóricas, políticas e ideológicas.

Palavras chave: **Habitação, Resistência, Organização e Participação**

Resumen:

Un caso ejemplificativo de aplicación de metodologías participativas en un proceso de rehabilitación de una «ilha» en la ciudad de Porto (2013-2017). Los autores describen e analizan de modo fino y detallado el proceso de la operación de la «ilha» de Bela Vista, antiguo barrio operario del siglo XIX. Tal como los autores señalan, se trata de un caso ejemplar y excepcional en garantizar el derecho a la habitación en el cuadro general de políticas de especulación inmobiliaria y de dislocamiento de poblaciones residentes en los barrios del centro de la ciudad para los suburbios y periferias, para cuyo éxito contribuía la conjugación de diversos factores y circunstancias señaladas por los autores que apuntan este caso como un ejemplo de investigación-acción y participación (IAP). Los autores comienzan por alejar y criticar una visión positivista y pretendidamente neutra que intenta separar el análisis de los hechos sociales y de los valores, denominados procesos de

intervención y rehabilitación urbana, ocultando los intereses que se esconden ajo las diversas perspectivas teóricas, políticas e ideológicas.

Palabras clave: Habitación, Resistencia, Organización y Participación

1. Introdução: o problema

Uma primeira observação a anotar é que o conceito de metodologias participativas implica, contrariamente aos pressupostos positivistas, de que não há no processo de investigação-ação neutralidade axiológica e política, pressupondo inclusive a criação de uma base de confiança, envolvimento e participação de todos/as e cada um dos sujeitos sobre os quais incidem as metodologias participativas, tal como o apontam Villasante et al. (2000:35): “Hay que estar en las relaciones de confianza para que se pueda construir desde el saber de todos y de cada uno. Solo así la complejidad puede ser creativa, y así también las alteridades reflexivas van construyendo su camino”. Por outras palavras, o processo de objetivação deve estar presente para captar os diversos aspetos da realidade, mas, por outro



Fotografia 1 – Fotomontagem da Localização da Ilha da Bela Vista, Rua D. João IV, 832.
Fonte: Arquivo do LAHB.



Fotografia 2 – Apresentação do Programa de Arquitetura Básica Participada na ilha da Bela Vista, 2015
Fonte: Arquivo do LAHB

lado, não pode separar-se das suas condições materiais, tal como refere Lefebvre (1975:11 ss): “A objectividade aprofundada liga entre si todos os elementos ou aspectos do conhecimento, juntando-os à atividade humana como um todo. Mas esta própria atividade não pode separar-se da natureza (objetiva, material) na qual se insere, nela penetrando”. Mais, tão pouco a ciência se pode alhear ou afastar dos debates e correntes teóricas, dos valores e das mundividências, ligadas, por sua vez, aos diferentes e, não raro, antagónicos interesses das classes e grupos sociais que acompanham um desenvolvimento desigual em termos ora locais-regionais, ora (inter)nacionais num democracia em perda (cf. Silva, 2005 e 2019). Ou seja, se os positivistas assumem, para além dos alegados cânones formais de metodologia tecnicista, a dualidade e/ou a separação entre factos sociais e valores, aqui assumimos que, não obstante o esforço de procurarmos objetivar a realidade social nas ‘ilhas’ e nos bairros sob estudo, de modo algum poderemos ser axiológica e politicamente neutros perante situações de injustiça social. De resto, tão pouco os positivistas são neutros, apenas se afirmam como tal, pois não deixam de injetar de modo camuflado ou implícito os pressupostos teóricos e ideológicos, amiúde não explicitados.

A ‘ilha’ da Bela Vista, sendo propriedade da câmara municipal do Porto, está localizada no centro e seus moradores/as são detentores de um contrato de arrendamento, mantendo com esta ‘ilha’, originária de meados do século XIX, uma identidade e forte identificação com a mesma nos seus inícios e persistência sob

o *Estado Novo* até ao pós 25 de Abril.¹ Algumas destas famílias já vão na terceira, quarta e quinta geração. A comunidade da Bela Vista fundou a sua Associação de Moradores em pleno clima do PREC. Com o fracasso da operação SAAL na Bela Vista a Associação de Moradores foi perdendo a chama. Mais tarde, os moradores, para fazerem valer os seus direitos, mas com base no Decreto-Lei 594/74 de 7 de Novembro, vão refundar a Associação de Moradores com nova escritura e novos estatutos.² Seleccionamos no terreno a 'ilha' da Bela Vista no Porto como um caso exemplar não só de metodologias participativas, como também de investigação-ação. Dado o interesse que tal experiência tem para os especialistas e para o público em geral, faremos uma breve apresentação do trajeto de pesquisa na 'ilha' da Bela Vista.

No Porto a governança local liderada pela Câmara tem promovido, ao longo de décadas e, inclusive, no momento presente, alegadamente programas de regeneração e reabilitação urbana dentro e fora do centro da cidade (ARU do Centro Histórico, a ARU de Campanhã, a ARU do Bonfim, ARU da Lapa, ARU dos Aliados). Tais programas, promovendo um aumento de renda urbana com base na dita lei da oferta e da procura mas sem justificação económica e social, sem justiça e equidade fiscal, incendiaram o solo urbano, colocando em causa a cidade como construção coletiva. No caso particular da política da habitação, esta tem sido entendida mais como um negócio do que como um bem público a partilhar. As políticas (neo)liberais do governo da cidade do Porto, guiadas pelo interesse da renda e do lucro imediato, bem como pelo conceito de cidadão/ã como *homo oeconomicus*, têm transformado a vida da cidade, não em função dos bens públicos e dos interesses coletivos, mas em função das rendas e preços especulativos do mercado de habitação e da financeirização da vida económica. Esta gestão política da cidade, refém dos parâmetros económicos da ideologia neoliberal, remete-nos para a eliminação daquilo que Arendt (2006) designou como 'vida normal' e que Marx e Engels (1976/1846) chamaram de vida confinada pela 'necessidade'. A questão que pertinentemente se coloca é a seguinte: sendo esta não só uma prática recorrente nos mandatos anteriores desde os anos 80 até ao presente, como se compreende e explica o relativo sucesso de reabilitação e renovação da 'ilha' da Bela Vista, passados 45 anos após a primeira experiência realizada pelo SAAL? Que fatores contribuíram para este caso excepcional de relativo sucesso, o qual, perante o panorama geral no país e na cidade, foge à política dominante na atual Câmara Municipal do Porto e, em particular, na empresa pública da *Domus Social*, ocupada com a gestão da dita habitação social mas entrelaçada com outros interesses (semi)ocultos?

Neste texto procuramos descrever e analisar este processo, tendo em conta os diversos atores e instituições que, de algum modo, colaboraram numa operação de reabilitação que não seguiu os cânones ou padrões estabelecidos de cima para baixo, mas implicou a envolvimento dos próprios moradores/as, técnicos, políticos e gestores. A operação da Bela Vista (2013-2017) na cidade do Porto, implementada

1 Sobre os problemas de habitação em meados do século X e as formas de ocupação e autoconstrução sob o *Estado Novo*, cf. Fernando Matos Rodrigues (2012), "O Problema da habitação em meados do século XX. O movimento nacional de auto-construção durante o *Estado Novo*" in *O Tripeiro*, 7.ª Série, Ano XXX, n.º 5, Maio de 2012, pp. 139-141. Sobre estes processos de formação das 'ilhas' e bairros desde o século XIX e XX, cf. também, a nível nacional, nomeadamente de Lisboa, Baptista (1999) e do Porto, Cruz (1975), Coutinho (1982), Rodrigues e Silva (2015) e Queirós (2015).

2 Cf. Decreto-Lei n.º 594/74 de 7 de Novembro que vem reconhecer o direito à livre associação, sustentando, aliás pela primeira vez, que o «direito à livre associação constitui uma garantia básica de realização pessoal dos indivíduos na vida em sociedade. O Estado de Direito, respeitador da pessoa, não pode impor limites à livre constituição de associações. (...) No processo democrático em curso, há que suprimir a exigência de autorizações administrativas que condicionavam a livre constituição de associações e o seu normal desenvolvimento». Cf. ainda a publicação dos Estatutos da Associação de Moradores em *Diário da República*, n.º 501, IIIª Série, de 1 de Outubro de 1975.



Fotografia 3 – Ilha da Bela Vista, reabilitada/Operação de Habitação Básica Participada.
Fonte: Arquivo do Lahb.



Fotografia 4 – Reunião de trabalho com os moradores/as e equipa técnica do LAHB/CICS.Nova_UM, 2014. Fonte: Arquivo do LAHB

por membros do LAHB/CICS.Nova_UMinho, pela Imago e pela Associação de Moradores, associando-se mais tarde o Pelouro de Habitação da Câmara Municipal do Porto, teve por base um processo de aproximação teórico-prático a partir de uma experiência de investigação-acção, na qual participaram os vizinhos da ‘ilha’ da Bela Vista e os membros da equipa multidisciplinar em torno da implementação de um programa de arquitectura básica participativa no quadro de um processo de renovação e reabilitação³.

Trata-se, portanto, de um programa de arquitectura básica participada num propósito colaborativo entre todos os atores, integrados num processo reflexivo e prático, integrando os moradores/as na discussão, na construção de soluções e no desenho final da proposta arquitetónica (cf. Rodrigues e Silva, 2015; Tarsi, 2018). Este projeto nasce na comunidade e para a comunidade, utilizando metodologias participativas num contexto social e cultural muito singular das “ilhas” da cidade do Porto, num processo de ensino-aprendizagem, capaz de colocar a arquitetura e as ciências sociais, nomeadamente a Antropologia e a Sociologia, ao serviço duma comunidade com extrema vulnerabilidade habitacional (cf. Fathy, 1980; Baré, 1995). Assim, o trabalho desenvolvido neste processo teve como base metodológica os princípios da interdisciplinaridade, focados numa abordagem simultaneamente teórico-metodológica mas sem se desligar da prática.

Este projeto de renovação e reabilitação de uma ‘ilha’ degradada, tendo por base uma componente de participação dos moradores/as e uma outra de compromisso social de técnicos e cientistas sociais no quadro um projeto de investigação⁴, visou igualmente um processo de empoderamento duma comunidade. Embora habitualmente neste tipo de processos seja frequente o uso

de termos como participação, participante e participativo não raro como conjunto de ‘palavras mágicas’, consideramos que a participação constitui um processo complexo que implica envolvimento e compromisso entre os diversos atores (especialistas, moradores/as e políticos) desde o início da operação até à conclusão do processo, convergindo e traduzindo uma faseada metodologia de investigação-acção.

No caso da ‘ilha’ da Bela Vista a equipa de pesquisa e intervenção, integrada no CICS.Nova_UM/LAHB, acompanhou todo o processo desde o início da operação, passando pelo realojamento interno no seio da ‘ilha’, a instalação do estaleiro

³ O Laboratório de Habitação Básica (LAHB) foi instalado na Sede da Associação de Moradores da ‘ilha’ da Bela Vista durante o período em que decorreu a operação de renovação da Bela Vista entre finais de 2013 até finais de 2017. Para aí instalar o LAHB foi preciso demolir algumas paredes interiores e introduzir algumas precondições infraestruturais básicas como, por exemplo, água canalizável, luz eléctrica e melhorias nos telhados. As obras foram realizadas com a colaboração dos membros da direcção da Associação de Moradores, sendo de destacar a colaboração e o empenho de António Fontelas Lopes, Aloísio Pinto e Mário Pinto da Direcção da Associação e do morador Luís Pinto. Salvo quando estejam em causa factos que merecem reserva por parte das pessoas envolvidas, a quem atribuímos iniciais ou nomes fictícios, em regra nomeamos os nomes dos moradores e sobretudo responsáveis da Associação, atendendo não só a não colocarem qualquer objeção, como inclusive terem brio do seu de resistentes e resilientes neste processo e na vitória alcançada.

⁴ Trata-se do projeto aprovado e financiado pela FCT intitulado “Modos de vida e Formas de Habitar: as ilhas e bairros populares no Porto e em Braga” (PTDC/IVC-SOC/4243/2014/), sob coordenação científica do Prof. Manuel Carlos Silva, da Universidade do Minho, posteriormente resubmetido em Dezembro de 2015 ao abrigo do Aviso do Sistema de Apoio à Investigação Científica e Tecnológica (SAICT) de 30 de Outubro de 2015, sendo iniciado em Setembro de 2016 após nova aprovação das entidades europeias no quadro do Programa Horizonte 2020.



Fotografias 5 e 6 – Estaleiro/Obra -
1.ª Fase - colocação dos moradores
nas habitações para o início de
obra. Fonte: Arquivo do LAHB



Fotografias 7 – Estaleiro/Obra - 1.ª
Fase de Reabilitação da ilha da Bela
Vista, 2016. Fonte: Arquivo do Lahb

e a construção em duas fases. Neste contexto, os técnicos, investigadores e moradores/as não aceitaram o realojamento e a deslocação dos moradores/as para o exterior durante a execução da obra. Os moradores/as da ‘ilha’ da Bela Vista viveram dentro de um estaleiro, o que obrigou a desenhar um plano faseado mas participado com os moradores/as, a equipa do LAHB e a equipa da fiscalização de obra e a construtora. Realizou-se um plano de realojamento interno numa parte da ilha, enquanto se reconstruía noutra parte, estabelecendo um programa de regras e de prevenção e acautelamento sobre os riscos. Felizmente não houve um único acidente nem qualquer problema que envolvesse moradores/as e operários ou máquinas⁵

Tendo por base as metodologias aplicadas e as experiências práticas, como veremos de seguida, foi possível construir um projecto de habitação básica participada para a comunidade da Bela Vista. O programa começou em 2013 com a preparação da instalação do LAHB na “ilha” e terminou em 2017 com a obra de renovação concluída.⁶

2. Uma experiência singular: metodologias participativas num processo de construção coletivo

Pelo que concerne o processo de reabilitação e renovação da Bela Vista houve desde a primeira hora a preocupação de levar a cabo um trabalho antropológico e etnográfico com base numa abordagem qualitativa, nomeadamente na observação participante dentro e fora da ‘ilha’, mas sem nunca perder de vista o propósito no quadro de uma investigação-ação, que exige a maior proximidade possível entre moradores/as, especialistas e investigadores/as não só do ponto de vista cognitivo mas também afetivo (cf., a este respeito, Almeida e Pinto, 1990; Hannerz, 1993:19; Signoreli, 1999; Caria 2003:37 ss; Silva, 2003 e 2012:198).

Foi neste contexto socio-espacial e urbano que a operação da Bela Vista se foi construindo, enquanto processo participativo, fazendo uso das metodologias da investigação-ação e participação (IAP), tal como *grosso modo* desenhado por Villasante *et al.* (2000: 11-18, 35-37) e tendo em conta a tipologia de Arnstein (1969),⁷ que insiste na importância dos processos participativos para benefício coletivo, considerando a participação a chave que garante a justiça espacial, estreitamente ligada ao direito à cidade. De resto, este

⁵ Importa realçar a excelente colaboração dos fiscais de obra nas pessoas de Sidónio Oliveira, Ilda Duarte e Rosa Costa da COTEFIS na forma como acompanharam as obras nas casas de realojamento e durante as duas fases de obra, bem como no excelente relacionamento com a equipa do LAHB/Imago, a Associação de Moradores e comunidade em geral.

⁶ Cf., por exemplo, o livro-catálogo *A Cidade da Participação*, organizado por Rodrigues *et al.* (2017) e publicado pelo Lahb/CICS.Nova_UM e as Edições Afrontamento com a colaboração da fotógrafa Susana Varela.

⁷ Cf., por exemplo, a Escada da Participação Cidadã (*Ladder Of Citizen Participation*), da autoria da especialista Sherry R. Arnstein (1969), a qual apresenta oito tipos de participação na sua obra, os quais, por sua vez, são categorizados em três compartimentos: (i) Poder do Cidadão: Controle do Cidadão, Poder Delegado e Parceria; (ii) Tokenism: Colocação, Consulta e Informação; (iii) Não Participação: Terapia e Manipulação. Define a “Participação do cidadão” como a redistribuição do poder que permite aos cidadãos/ãs que se encontram excluídos dos processos políticos e económicos de participarem na sua elaboração e gestão.

do Cidadão: Controle do Cidadão, Poder Delegado e Parceria; (ii) Tokenism: Colocação, Consulta e Informação; (iii) Não Participação: Terapia e Manipulação. Define a “Participação do cidadão” como a redistribuição do poder que permite aos cidadãos/ãs que se encontram excluídos dos processos políticos e económicos de participarem na sua elaboração e gestão.



Fotografias 8 e 9 – Trabalho colaborativo entre moradores/as e equipa do LAHB. Fonte: Arquivo do LAHB

princípio da participação vem consagrado no artigo 53 da recém aprovada Lei de Bases da Habitação.⁸

Tendo em conta estes princípios, a equipa organizou-se, tendo como base os princípios da IAP. E foi a partir de finais de 2013 que construímos uma estratégia e um programa de arquitetura básica participada para a “ilha” da Bela Vista com o envolvimento dos moradores/as e a Associação de Moradores, como referido. Perspetivando uma abordagem holística da comunidade, foram criadas unidades de observação com uma certa regularidade, permitindo compreender as relações de dentro e de fora e o que se passava dentro da ‘ilha’, quem vivia na ‘ilha e quem vivia longe dela mas mantinha uma relação com os de dentro. Foram construídas grelhas de parentesco de forma a compreender os vínculos entre os de dentro e os de fora, acabando por constatar que havia laços muito fortes entre as famílias que residiam dentro da ‘ilha’ e fora dela.

O processo também teve o apoio metodológico e teórico do trabalho de investigação desenvolvido no Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.Nova) do pólo da Universidade do Minho, tendo por base um olhar focado na investigação-acção, bem longe de investigações que vêem os moradores/as como simples ‘objectos’ de estudo, negando-lhes o estatuto de sujeitos e protagonistas em tais processos em contextos de pesquisa ora rural ora urbana.⁹ A equipa coordenadora do projecto de habitação básica participada¹⁰ desenvolveu todo o processo de renovação da “ilha” da Bela Vista, tendo como base as metodologias

aplicadas e as experiências práticas que foram sendo testadas ao longo dos anos de programação e implementação. Em suma, foi assumido que os moradores/as são cidadãos/ãs atores e protagonistas neste processo de construção do projeto de arquitetura básica da “ilha” da Bela Vista, aliás em conformidade com várias

8 Cf. Lei de Bases da Habitação, Lei n.º 83/2019 de 3 de Setembro publicada em *Diário da República*, 1.ª Série, n.º 168, pp. 11-33, aprovada graças à determinação da Comissão do Ambiente, Ordenamento do Território, Descentralização, Poder Local e Habitação e por pressão do BE, do PCP e do PEV que contaram com o empenho da deputada independente Helena Roseta pelo PS e a ala esquerda deste, colocando, em plena crise habitacional sobretudo nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, o problema de carência habitacional na agenda política, agravada com a legislação ultraliberal ao tempo do governo do PSD/CDS. O referido artigo 53 vem inserido no Capítulo VIII – Informação, participação, associativismo e tutela de direitos: Artigo 53.ª – Direito à Participação. No primeiro *item* é referido que «os cidadãos têm o direito de participar na elaboração e revisão dos instrumentos de planeamento público em matéria de habitação, ao nível nacional, regional e local». No segundo *item* se afirma que o «Estado, as regiões autónomas e as autarquias locais promovem a participação ativa dos cidadãos e das suas organizações na conceção, execução e avaliação dos programas públicos de habitação».

9 Cf. Silva, 1998 e 2003; Ribeiro, 2010 e 2017; Rodrigues e Silva, 2015; Rodrigues *et al.*, 2017. Cf. também trabalho de campo noutros contextos: Rabinow (1992), Rahnema (2012), Guber (2004). No caso concreto do processo da ‘ilha’ da Bela Vista o desenho contou também com a experiência dos trabalhos teórico-práticos, desenvolvidos ao longo de vários anos por Fernando Matos Rodrigues na cadeira de Antropologia do Espaço integrada no Curso de Arquitetura da Escola Superior Artística do Porto (ESAP) (cf. Rodrigues, 2005, 2014 e 2015), assim como por António Fontes na docência e investigação em Cursos de Engenharia e Arquitetura, nomeadamente em Engenharia de Estruturas e Construção, por um lado e, por outro, tributário da obra ‘Socio-Antropologia rural e urbana’ por Manuel Carlos Silva (2012) no curso de Sociologia da Universidade do Minho.

10 A equipa coordenadora do projeto de habitação básica participada foi constituída por Fernando Matos Rodrigues, Manuel Carlos Silva, António Cerejeira Fontes e André Cerejeira Fontes, que simultaneamente desempenham funções na direção do Laboratório de Habitação Básica (LAHB). Durante a operação da ‘ilha’ da Bela Vista também fizeram parte da equipa do LAHB os jovens arquitetos/estagiários Fábio Filipe Rodrigues Azevedo e Catarina Pires, nomeadamente entre 2014 e 2016.



Fotografias 10 e 11 – Trabalho
Etnográfico na ilha da Bela Vista.
Fonte: Arquivo do LAHB

declarações a nível nacional e internacional.¹¹

Este processo de renovação da “ilha” da Bela Vista assenta num trabalho de campo traduzido não só em inquéritos mas sobretudo em entrevistas e observação participante e diversas conversações mais aprofundadas de modo a conhecer, compreender e interpretar os ‘modos de vida e formas de habitar’ desta comunidade, tendo por base, a par da construção de cartografias sobre o *habitat* e o habitar da comunidade, o processo de arquitectura básica participada (cf. Rodrigues et al., 2017).

Com o tempo e a confiança que se foi construindo, foi possível entrar nas casas dos moradores/as, os quais foram abrindo as arcas e as gavetas para dar vida e uso às fotografias antigas, onde se identificam parentes que já partiram, partilhando memórias, dores e afetos. As recordações – umas boas e outras nem por isso – vêm ao de cima com certa cumplicidade, a pequena casa transforma-se num espaço de partilha. Recordam-se “estórias”, trajetos de vida, vidas longas e cheias, outras curtas e injustas. Arquivos de memórias, álbuns de família, segredos bem guardados pelo tempo e pelo silêncio, as conversas convocam memórias, em que o silêncio profundo do olhar habita neste pequeno mundo que se revela

de forma tão poética e tão sentida.¹² A palavra dá sentido, organiza e identifica as imagens que, num fluir de partilha e de compromisso, vão revelando as suas histórias de vida e de suas famílias na comunidade de pertença.

As nossas cartografias centraram-se no espaço coletivo e no espaço doméstico. Este é composto por uma sala pequena, geralmente com uma mesa ao centro, redonda ou rectangular, com varias cadeiras à volta, um sofá, um móvel onde

11 Cf. a *Carta Mundial do Direito à Cidade*, UNESCO. Com a aprovação da *Lei de Bases da Habitação* ficou consignado o direito ao lugar, à participação e à habitação digna: cf. Lei n.º 83/2019 de 3 de Setembro, Diário da República, 1.ª série-N.º168, 3 de Setembro de 2019, pp.11-33. Cf. também a *Carta do Porto. Para a Reabilitação das Ilhas da Cidade*, aprovada em Seminário no dia 17 de Junho de 2017 e editada pelo Laboratório de Habitação Básica no mesmo ano.

12 Sobre a relevância da memória na reconstrução da identidade das famílias e da comunidade, cf. Candau (2006). No caso concreto do estudo sobre a comunidade da ‘ilha’ da Bela Vista e, em particular, sobre as memórias da senhora Rosa ou, mais carinhosamente, Rosinha, a descoberta dos seus escritos poéticos – que posteriormente a equipa, designadamente o Fernando Matos Rodrigues se empenhou em publicar – foi possível graças ao convívio de membros da equipa com a senhora Rosa, a qual passava a maior parte do seu tempo na sala. Sentava-se sempre no mesmo lugar, um lugar com grande valor afetivo para ela, pois era ali que se sentava o seu marido. É na sala que fazia as suas refeições, lia o jornal e via televisão. Ultimamente, não utilizava o sofá, pois encontrava-se já degradado, querendo adquirir um novo e mais pequeno (dois lugares) para a nova habitação, quando reabilitada. Em relação ao mobiliário existente, a senhora Rosa apenas queria levar um móvel grande que se dividia em duas partes, podendo dispensar a parte de cima, dependendo do estado em que se encontrasse. Nesta divisão a idosa tem fotografias em que está com o seu marido. Ainda como decoração tem um quadro da equipa do Futebol Clube do Porto no ano em que se sagrou campeão europeu e um quadro de Nossa Senhora de Fátima, os seus dois símbolos de ordem afetiva e religiosa. Este quarto funciona como quarto de arrumos, onde a senhora Rosa aproveita para ter o frigorífico e um armário com arrumos e, como tal, é uma divisão pouco utilizada. O quarto onde a senhora Rosa dormia era composto por uma cama, duas mesinhas de cabeceira e uma cómoda. Todo o mobiliário é pretendido para levar para a nova casa reabilitada. Assim como na sala, desde o falecimento do seu marido, esta senhora idosa optou por dormir no lugar que lhe pertencia. O quarto era composto por uma cama de solteiro e armário pertencentes ao seu falecido sobrinho, quarto esse tão pouco utilizado. Este mobiliário possivelmente será cedido à sua vizinha e comadre, a senhora Rita, também chamada de Ritinha. Quando à cozinha, no momento que a entrevistamos, desde que se magoara na perna, a senhora Rosa não cozinhava, sendo a senhora Rita, sua vizinha, quem lhe fornecia as refeições. Os móveis existentes na cozinha estavam deteriorados, não os querendo para a nova casa. Desta divisão apenas queria levar a mesa para a futura sala da nova casa. Reservou um espaço nesta divisão para cuidar da sua higiene, dispondo de um balde com suporte e uma pequena estante na parede onde colocava os produtos de higiene. Quanto ao penico, era de metal, uma vez que, não tendo saneamento em casa, a senhora Rosa tinha que posteriormente deitar os resíduos na casa de banho comum na ‘ilha’.

são colocados pratos decorativos. A sala tem ainda um frigorífico que suporta a televisão.¹³

Foi neste contexto que apreendemos e descodificamos formas de pensar e o *modus operandi* dos moradores/as na procura de ‘soluções’, ainda que precárias, em auto-construção para problemas concretos tais como, por exemplo, a ausência de saneamento, de iluminação pública, problemas construtivos, a falta de espaço nas células, a ausência de ventilação dentro do habitáculo, a ausência de sanitários, de cozinhas e de aquecimento nas casas.¹⁴ O uso do tempo, o deles em eventual confronto com o nosso, permitiu-nos compreender os espaços relacionais entre os seus e o dos outros, contribuindo para aceder ao sentido das coisas, dos objetos no espaço, das suas formas de habitar e organizar a vida. Por outro lado, a co-presença na “ilha” permitiu-nos interpretar e conhecer as suas identidades, a relação entre o espaço público ou ‘região frontal’ e o privado ou ‘região de retaguarda’, a apropriação do próprio espaço, sendo este o ponto de partida para conhecer o espaço do outro-ausente ou presente (cf. Goffman, 1973; Remy, 1973; Giddens, 1989). A observação direta com momentos de grande interação, conversação e partilha com os moradores/as permitiu recolher informação, em termos de quantidade e qualidade, de modo a potenciar um bom uso da mesma no projeto e sua implementação e responder aos problemas de carência habitacional e às aspirações dos moradores/as desta comunidade-‘ilha’. Estamos assim perante a implementação de processos de investigação-acção com forte envolvimento e participação dos moradores/as e, mormente, da sua Associação na definição dos respetivos programas e desenho dos projectos, a partir dos quais é possível a construção de realidades alternativas-activas (Chambers, 2012: 157 ss).

A riqueza da experiência etnográfica e a co-presença na comunidade, sendo extremamente relevante não só para compreender e interpretar a realidade de determinada ‘ilha’ ou bairro popular, contribuem, tal como referem Bourdieu *et al.* (2002:2), para desconstruir retóricas apriorísticas ou narrativas descontextualizadas.

Porém, por outro lado, tal como advertem os mesmos autores, a dimensão prática e empírica não pode nem deve alhear-se das questões epistemo-metodológicas e das abordagens teóricas, considerando necessária uma prática de pesquisa centrada na construção de um conhecimento que tem por base justamente a problematização teórica e a procura de rigor método-técnico na investigação empírica. Assim, a prática sociológica e o saber comprometido (Bourdieu *et al.*, 2002) não pode abdicar da “mediação e do aparato teórico e técnico”, não devendo “desvalorizar nenhum dos instrumentos conceptuais ou técnicos que dão rigor e força à verificação experimental”. Com efeito, todo o processo de trabalho de investigação-ação e participação na ‘ilha’ da Bela Vista teve sempre presente essa procura e fundamentação teórica e

¹³ Por exemplo, antes da reabilitação da ‘ilha’, a Ritinha realizava as refeições para a sua família (marido e filha Carla e, por vezes, os filhos Luís e o António e os netos) e para as suas vizinhas. Nesta divisão eram visíveis os canos nas paredes, assim como a humidade. O quarto do piso inferior era ocupado pelo senhor Armando, o qual passava grande parte do tempo lendo o jornal, vendo televisão e tomando as refeições. No piso superior existiam dois quartos: um ocupado pela filha Carla e outro pelo filho Luís. O quarto da filha era composto por uma cama de solteiro e um pequeno móvel que suportava a televisão. Nesta divisão era visível também a humidade. A cozinha, pintada de cor verde, de pequena dimensão, tinha um fogão, uma mesa com uma bacia que funcionava como banca de lavar a louça e preparação de alimentos. Nesta divisão existia ainda a máquina de lavar roupa. Esta casa não tinha quarto de banho nem água quente.

¹⁴ Cf. Rodrigues (2014). Cada um foi resolvendo as deficiências do seu habitáculo conforme a sua possibilidade. O senhor MP foi fazendo as obras com a ajuda de amigos e familiares que trabalhavam na construção civil. Outros pelas suas próprias mãos. Poucos recorriam a mão-de-obra de fora da ‘ilha’. O saneamento e a iluminação das vielas e dos corredores da ‘ilha’ foram realizados com a mão-de-obra dos moradores/as e com a ajuda em materiais por parte da Junta de Freguesia do Bonfim em finais do século XX (cf. Rodrigues *et al.*, 2015a, 2015b).

conceptual sem ignorar não só o conhecimento empírico da realidade da ‘ilha’, como ainda a dimensão participativa¹⁵ da comunidade num quadro de compromisso com esta (Silva, 2003: 177-82).

Este processo não pode nem deve ignorar os movimentos de resistência e de luta pelo direito à habitação na cidade do Porto, os quais, ainda que incidentais, parcelares e nem sempre coordenados e eficazes na ação, são certamente relevantes¹⁶. Nestes últimos anos foi possível acompanhar várias comunidades que fizeram da sua resistência a sua luta pelo direito ao lugar e à habitação. Destacamos os casos da comunidade africana do Riobom, da comunidade da “ilha” da Tapada, do bairro do Nicolau, do bairro D. Leonor, da comunidade de ‘ocupas’ do Gama, do bairro da Lomba, das ilhas da Póvoa (cf. Rodrigues e Fontes, 2018), os quais exigem planos de reabilitação/renovação das casas que, atendendo aos seus baixos recursos, possam ser realizados a baixo custo, com apoio do próprio Estado central e/ou da Câmara, preenchendo as condições necessárias para um habitar digno. A partir desta ação pelo direito ao lugar e à habitação a equipa do Laboratório de Habitação Básica foi construindo um caminho de compromisso, de confiança e de solidariedade para e com as comunidades que se encontram em situação de forte vulnerabilidade social e habitacional na cidade do Porto¹⁷.

¹⁵ No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001:2762-63), edição da Academia das Ciências de Lisboa, *Participação* vem do latim *participatio*, isto é, ação ou resultado de intervir, de tomar parte em alguma coisa, igual a intervenção. Mas é acima de tudo entendida como ação ou resultado de colaborar ativamente, de se solidarizar e associar a outrem na realização de alguma coisa. O *participante* é aquele que está presente, intervém, toma parte. *Participar* significa tomar parte, estar presente e intervir, ter participação. A partir desta complexidade linguística, podemos declarar que todo o projeto participativo exige das pessoas um envolvimento e um compromisso muito maior do que outras formas de trabalho. Neste sentido, os projetos participativos têm um efeito catalisador na forma como reforçam a voz da comunidade na defesa dos seus direitos. Participação não se circunscreve a informação e consulta, que, mesmo quando necessária na pesquisa, não se confunde com participação ou, pretendendo-a aparentar como tal, redonda em ‘falsa participação’. Por exemplo, Lefebvre (1976) sobre o problema da “falsa” participação insistia muito na ideia de que pode haver uma participação ilusória: por exemplo, “reunir duzentas pessoas numa sala e apresentar-lhes um programa, afirmando que este é o plano que se elaborou. Isto nem sequer é uma consulta, isto é publicidade, é uma falsa participação» (1976:4 e ss.). Pinaud considera que a «participação deve ser entendida como governança, compreendendo esta a forma como faz a redistribuição do poder desde o Estado aos atores sociais e, nalguns casos, como parte do processo da produção social do *habitat*, vinculando a auto-gestão aos processos de baixo para cima» (2011: 2-3). Este autor reconhece a existência de diferentes maneiras de abordar a questão participativa: por exemplo, no desenho e na definição das políticas públicas, na planificação urbana e na configuração dos bairros, assim como no desenho da habitação. Considera também que a participação pode dar-se em distintas etapas dos processos: participação nos diagnósticos, nos objetivos, na programação e na planificação, nos desenhos, na realização até à operação e gestão dos projetos. Estamos em plena sintonia com o autor porque só podemos falar de participação quando os moradores se transformam em atores e os investigadores a colocar-se no lugar dos “moradores/as”, isto é, quando os habitantes deixam de ser apenas beneficiários e passam a ser atores com poder de decidir sobre o programa e o processo, a obra e a sua execução.

¹⁶ Sobre os novos movimentos urbanos de luta pelo Direito à Habitação realçamos a concentração no dia 7 de Abril de 2018, pelas 15 horas na Praça da Batalha sob o lema «Mais Habitação, Menos Especulação!» e a marcha na cidade do Porto, no dia 22 de Setembro de 2018 sob o lema «Pelos Nossas Vidas. Pelas nossas. Lutamos». É de referir também a concentração no Largo de São Pedro de Miragaia dos moradores do centro histórico do Porto que estavam a ser expulsos de suas casas, de seus bairros pela aplicação da Lei Cristas (também conhecida como a Lei “Caracol”) e da pressão do Alojamento Local. Sobre estas lutas nalgumas ilhas e bairros sociais, nomeadamente em anos anteriores, Fernando Matos Rodrigues, enquanto antropólogo e ativista, foi dando expressão pública em diversos artigos seus publicados em diversos jornais, nomeadamente sobre ‘ilha’ aqui de estudo, sendo de destacar entre outros, os seguintes: “Para uma antropologia do habitar. As Ilhas do Porto” in *O Tripeiro*, 7.ª Série, Ano XXX, n.º 11, Novembro de 2011, pp. 326-327; “Em defesa do direito à habitação no Bairro Nicolau do Porto” in *O Público*, 2 de Agosto de 2013; “A reabilitação da Ilha da Bela Vista. Novo paradigma nas políticas de habitação para a cidade do Porto” in *O Tripeiro*, 7.ª Série, Ano XXXIV, N.º 1, Janeiro de 2015, pp.8-9; “A propósito da reabilitação da Bela Vista. A importância das Ilhas do Porto” in *O Tripeiro*, 7.ª Série, Ano XXXIV, n.º 2, de Fevereiro de 2015 pp. 46-51; “Nova Vida para as Ilhas do Porto. A propósito da reabilitação da Bela Vista na freguesia do Bonfim” in *O Tripeiro*, 7.ª Série, Ano XXXIV, N.º 3, Março de 2015, pp.86-87. Cf. ainda Rodrigues *et al.*, (2017a).

¹⁷ A equipa do Laboratório participou na 11.ª Comissão de Ambiente, Ordenamento do Território, Descentralização, Poder Local e Habitação na Assembleia da República em 8 de Fevereiro de 2018, pelas 14 horas em Audição com representantes dos moradores das ‘ilhas’, nomeadamente a Pró-Federação das Ilhas e Bairros Populares do Porto. Estiveram presentes pelo Laboratório Fernando Matos Rodrigues, Manuel Carlos Silva, António Cerejeira Fontes e os membros da Associação de moradores da “ilha” da Tapada. No quadro e na sequência desta Audição participou também Rui Moreira, Presidente da Câmara Municipal do Porto.

Em suma, não só a aplicação dos métodos e técnicas usuais nas ciências sociais, mas também a investigação-ação, a observação participante e a utilização de métodos participativos com os membros da comunidade, enquanto atores e construtores, nos permitiram conhecer a 'ilha' e seus moradores/as numa dimensão simultaneamente holística e compreensiva.

3. A investigação-ação no processo de reabilitação e renovação da 'ilha' da Bela Vista

Nos últimos anos, particularmente desde os processos de despejo de moradores das 'ilhas' e dos bairros sociais por parte do Presidente da Câmara Rui Rio, foram emergindo, sobretudo na parte final do seu último mandato, formas de resistência aos despejos, tendo reaparecido novas formas de luta pelo direito à cidade, traduzido em *slogans* tais como, por exemplo, "O Porto não se vende" numa clara demarcação e contestação da expansão espacial e económica do capital financeiro nacional e internacional, expressa nos processos de gentrificação e na prévia especulação do solo urbano. Foi neste contexto que, na proximidade das eleições autárquicas de 2013, cidadãos/ãs, originários ou não das 'ilhas' e dos bairros populares, entre os quais o da Bela Vista, condicionaram o apoio ao candidato independente Rui Moreira a um compromisso de reabilitação e renovação deste bairro. Partiam do princípio de que a concretização de tal desígnio só seria possível, se fossem implementadas políticas económicas sólidas, contendo a expansão urbana e planeando e desenhando a cidade com base no território, suas idiossincrasias topológicas e sobretudo com o envolvimento dos seus moradores/as como co-construtores da cidade e seus projetos de reabilitação das 'ilhas' e bairros populares (cf. Rodrigues *et al.*, 2017 e, em geral, Salat, 2017:31 ss; Bourdic e Kamiya, 2017:69 ss).

Nesta parte retratamos fragmentos do processo de reaproximação aos moradores/as da 'ilha' da Bela Vista, procurando identificar os constrangimentos e ter presente as memórias dos moradores/as sobre o anterior processo do SAAL, cujo desenlace acabou por gerar uma enorme frustração. Se, por um lado, importava ter presente os constrangimentos e superar essa recordação negativa não quanto ao processo de participação mas quanto ao resultado nulo, por outro era necessário partir das potencialidades, realidades e idiossincrasias dos moradores/as na construção e no desenho de soluções. Impunha-se aprender, ao mesmo tempo que se trabalhava e se fazia parte do processo de desenhar a renovação das casas e dos espaços exteriores na 'ilha' da Bela Vista, a tentar realizar a necessária transformação espacial e arquitectónica para um habitar digno dos moradores/as da 'ilha'.



Fotografia 12 – Trabalho Colaborativo no LAHB. Fonte: Arquivo do Lahb

Ao tentar resumir em escrita o processo de construção de um plano de habitação básica, damo-nos conta que o trabalho de projeto e reabilitação era diverso e complexo, mas também exigente não só para nós, enquanto técnicos e cientistas sociais, mas mais ainda para os moradores/as, cuja memória da primeira experiência

de participação no processo em 1975-76 não tinha dado qualquer fruto. Se, por um lado, foi necessária uma reflexão meticulosa e comprometida sobre o caso, por outro tornava-se fulcral que um novo fracasso não afetasse ainda mais profundamente esta comunidade em risco ou em situação de vulnerabilidade social e psíquica. Por exemplo, vale a pena trazer à colação uma das primeiras entrevistas com o morador

Mário Pinto, membro da Direção da Associação de Moradores, em que ele, com os seus 82 anos, lembrando a frustração do período SAAL em 1975/76, descreve a enorme desilusão da comunidade pela não concretização do projeto do arquiteto Mário Moutinho:

“Foi um descrédito para toda a gente, uma grande frustração. A Associação começou a desintegrar-se, perdemos quase tudo...Ficou sempre essa marca de dúvida em qualquer promessa de renovação...e vinha logo, vai acontecer como nas outras vezes. Nunca ninguém cá veio explicar nada, nem o porquê do processo ter ficado parado. A Arquiteta F.A. fazia muito barulho, discutia muito com os moradores, mas nunca explicou, nem nunca deu nada. Passados quatro anos, apareceu cá na ‘ilha’ o Arquiteto M.T, os habitantes queriam matá-lo, ele explicou todo o processo, dizendo que elas (as arquitetas F.A. e M.C. do Fundo de Fomento da Habitação) não gostavam do projeto e o assunto ficou resolvido. Enquanto decorreu o processo da Bela Vista o arquiteto S. V. vinha cá muitas vezes, falar com a equipa dos arquitetos. Mas nunca mais cá voltou. As pessoas foram desistindo e foram-se mudando para os bairros. A Câmara vinha cá, quem quiser ir pode ir. O único que fez alguma coisa por nós foi o Dr. P.M.. Claro que agora começamos a acreditar que vai ser desta vez”.

Destes primeiros contatos com a comunidade, ficou bem claro que não havia espaço para o fracasso na nova tentativa de relançar o projeto de habitação básica participada na Bela Vista, doutro modo a comunidade ficaria totalmente desiludida, o que levava Mário Pinto a dizer: “Não podemos voltar a ser a chacota da rua”. De facto, nas conversas, nas assembleias com os moradores, sentia-se este clima de drama, de medo, de insegurança face à possibilidade de o projeto de habitação básica participada não se concretizar. Por exemplo, a senhora C.P. sempre teve muito receio de não se reabilitar a ‘ilha’ da Bela Vista. Foram muitas as vezes em que ela criticou A.F., o atual Presidente da Associação, acusando-o que ele “andava enganado. Que tudo isto não passava de uma mentira.” Só quando se instalou o Laboratório de Habitação Básica na sede da Associação de Moradores, na Casa 42 da ‘ilha’ e sobretudo após a visita do Presidente da Câmara Rui Moreira com o compromisso por parte deste com os moradores/as é que a ‘coisa’ acalmou. Estávamos em finais de Setembro de 2013 quando se realizou esse encontro entre o Rui Moreira, os membros do Laboratório e os moradores/as no largo da entrada da ‘ilha’ da Bela Vista. Estávamos em plena campanha eleitoral autárquica, em que um dos membros do LAHb colocou como condição de apoio eleitoral ao candidato independente Rui Moreira e provável vencedor do cargo de Presidente da Câmara de que fosse cumprida a promessa de reabilitação da ‘ilha’ da Bela Vista, o que, com o contributo de outros intervenientes, como referiremos, veio a acontecer. Porém, para tal foi necessária a conjugação de vários atores a operar fora e dentro do espaço institucional da Câmara Municipal, nomeadamente após a vitória de Rui Moreira como Presidente de Câmara. Tendo sido alcançado um acordo entre o movimento de Rui Moreira e o PS, foram necessárias várias assembleias e reuniões entre Associação de moradores, a equipa do LAHB e investigadores do CICS-Nova. Porém, neste quadro, para além de alguma abertura de Manuel Pizarro, como Vereador do Pelouro da Habitação ao ponto de a Câmara apostar num apoio de diagnóstico da situação das famílias, foram sobretudo dois outros Vereadores que se empenharam afincadamente neste processo, a saber: Paulo Cunha e Silva, Vereador da Cultura e Manuel Correia Fernandes, Vereador do Urbanismo. Apesar de haver algumas pressões a partir de *Domus Social* para malograr o processo, a intervenção destes dois vereadores e, em particular, diversas reportagens dos meios de comunicação social com a presença do Vereador da Cultura e a equipa tornaram irreversível a aprovação concreta do projeto com a chancela

do próprio Presidente da Câmara que se tinha comprometido com esta promessa eleitoral de reabilitar a ‘ilha’ da Bela Vista.

Neste contexto o assunto que mais preocupava os membros da Associação de Moradores da “ilha” da Bela Vista era o desalojamento e o problema dos valores das rendas depois das casas reabilitadas. Nas últimas décadas a “ilha” tivera sido vítima de processos de desalojamento forçado por parte da empresa municipal *Domus Social*, colocando sob forte tensão e criando grande desconfiança perante os poderes municipais responsáveis pela habitação.

Sujeitos a pressões institucionais e outras de várias ordens, os moradores/as confrontam-se com a presença da equipa do LAHB a todo o momento, o que comporta vantagens e desvantagens, riscos e potencialidades para a implementação de um programa de participação. Nem sempre era fácil terminar um trabalho, dar andamento a uma situação mais técnica ou burocrática, mas aquilo que se ganhava em termos de conhecimento, de envolvimento e compromisso era muito mais forte e determinante para o caminhar deste processo do que aquilo que se podia “perder” em termos de eficiência. Esta situação de negociar permanentemente com os moradores/as e, em particular, com necessidade de ter a participação da Direção da Associação resultou ser a maior força desta operação, sendo de destacar Mário

Pinto, António Fontelas, Domingos Aloísio Moreira, Conceição Pinto e Manuel Ferreira. Eram fonte de estímulo e de motivação para todos/as, na medida em que a participação dos moradores/as fazia desta operação uma obra coletiva para benefício de todos/as.

Como se pode ver, na descrição deste processo estão presentes, para além da participação dos próprios moradores/as e, em particular, do empenho da Associação de moradores/as, mais dois fatores fulcrais para a verificação das precondições básicas necessárias para o sucesso da ação coletiva da comunidade: a participação de técnicos e cientistas sociais capazes de garantir a apresentação da proposta e o compromisso político dos sucessivos atores políticos que viriam a deter os instrumentos de poder para aprovar e implementar o projeto.

A operação da Bela Vista foi precedida por um conjunto diversificado de eventos, tais como seminários, palestras, debates, encontros, assembleias, reuniões entre a comunidade, os membros do Laboratório, investigadores do CICS.Nova_UMinho, políticos locais e dirigentes associativos da cidade. Em 2014 organizamos o Seminário Sobre Antropologia do Espaço, com a participação dos moradores/as e dos representantes políticos locais, especialmente do Vereador do pelouro da Habitação da Câmara Municipal do Porto, Manuel Pizarro e do Vereador do Urbanismo, Manuel Correia Fernandes, realizado no Palácio da Bolsa. Ambos os seminários

tiveram como coordenação científica a equipa do LAHB e investigadores do CICS.Nova_UMinho, contando com a presença de investigadores nacionais e especialistas internacionais nestes temas da habitação participada¹⁸.

Na ‘ilha’ da Bela Vista foi possível colocar em ação todo um conjunto de soluções participativas, desde o momento em que o Laboratório de Habitação



Fotografias 13 e 14 – Seminários
no âmbito da Operação Bela
Vista. Fonte: Arquivo do LAHB

¹⁸ Participaram nestes seminários especialistas nacionais e estrangeiros de várias organizações e instituições universitárias como, por exemplo, Sílvia Ferreira, Manuel Carlos Silva, Fernando Bessa Ribeiro, Elena Tarsi, Marco Kamiya, Javier Poyatos Sebastián, Graeme Bristol, Taís Sousa, entre outros.

Básica (LAHB) se instalou em inícios de 2014 na sede da Associação de Moradores da Bela Vista a convite do seu presidente António Lopes Fontelas, permitindo assim uma maior proximidade com os moradores e seus problemas, seus modos de vida e formas de habitar. Com a deslocação da equipa do LAHB para a 'ilha' da Bela Vista foi possível aumentar o índice de envolvimento e o coeficiente de presença e interação, interconhecimento e partilha de forma acentuada, de tal maneira que os moradores/as e os corpos sociais da associação participaram ativamente na criação de condições físicas para aí se instalar o LAHB, pintando paredes, colocando lâmpadas, instalando os sanitários, a água pública, derrubando paredes interiores para aumentar o espaço disponível para aí se instalarem máquinas, estiradores, mesas de reunião, computadores e *plotter* para impressões. Mas a participação dos moradores/as e, em particular, dos membros da Associação não se circunscrevia a tarefas manuais mas estes dispunham-se, amiúde por iniciativa própria, a entrar na discussão e no desenho de novas propostas e novas soluções, nomeadamente para resolver algumas patologias de construção, assim como deficiências do *habitat* e do habitar na 'ilha' da Bela Vista. Os moradores/as e, em particular, os membros da Associação não só discutiam ideias e opções, de modo quente e animado, aberto e crítico, como por vezes riscavam sobre o papel. Estávamos perante um contexto muito singular e um espaço de portas abertas, em que toda a gente batia à porta e entrava.

Assim, começaram os trabalhos participados entre os membros do LAHB e os moradores/as. O envolvimento entre comunidade e especialistas permitiu a construção de um espaço de partilha de saberes e competências e de forte compromisso, necessários à implementação da operação de renovação da Ilha da Bela Vista. Cada morador/a colaborava de acordo com as suas possibilidades e as suas habilidades e competências, desde a moradora que ajudava na limpeza e arrumos, passando pelo morador que colaborava em obras para adequar o espaço aos novos usos, até à organização do laboratório, na eficiência das suas atividades e na instalação da tecnologia e mobiliário. O laboratório era, assim, um espaço aberto, plural, servindo os moradores/as e possibilitando à equipa do LAHB desenvolver a sua atividade para benefício dos moradores/as da 'ilha' da Bela Vista. Os espaços eram partilhados pela comunidade, pela Associação de moradores/as e pelos membros do LAHB. Não havia portas fechadas nem espaços de exclusão. O LAHB era, por natureza e função, um prolongamento da comunidade, com a qual interagia e com a qual se identificava, enfim, um espaço de trabalho mas também e essencialmente um lugar de encontro, discussão e partilha, em que todos/as depositavam a esperança de serem bem sucedidos.

Construída uma base de confiança e, por vezes, cumplicidade, tal permitiu aos investigadores/as, como referido, entrar nas casas dos moradores/as, de modo a falarem sobre as suas vidas, os seus problemas e suas aspirações. A partir de um certo momento, as pessoas começaram, como referido, a partilhar fotografias antigas da família, da 'ilha', das festas, dos casamentos, os nomes dos pais, dos filhos, dos parentes ausentes, dos que já tinham morrido e daqueles que ninguém já queria falar; possibilitaram-nos o acesso a correspondência familiar e de amigos, a diários, a poemas, inclusive documentos pessoais. Desta forte e densa relação foi possível, por exemplo, recuperar e recolher um conjunto de poemas da D. Aninhas, uma das moradoras na Bela Vista, os quais, com sua autorização, foram posteriormente editados em livro pela Editora Afrontamento em parceria com o Pelouro da Cultura

da Câmara Municipal do Porto e do Laboratório de Habitação Básica.¹⁹ A partir desta etnografia prática fomos entrando nas memórias dos moradores/as da Bela Vista, estabelecendo diálogos entre o passado e o presente, habitando o silêncio das genealogias e dos parentescos próximos ou longínquos, ‘escavando’ um pouco o seu passado, mas caminhando juntos no presente numa caminhada construída passo a passo. Com efeito, a habitação, exercendo diversas funções, é abrigo, espaço de lazer, espaço de segurança e privacidade, espaço de posse e apropriação do território, espaço de organização da vida individual, familiar e social, mas também é um fator estruturante na definição da sua posição social e identidade familiar. Em suma, a habitação é o espaço onde a pessoa se permite estabelecer relações de vizinhança e relações sociais (Giddens, 1989; Silva, 2012), um espaço, no contexto urbano envolvente de forte desigualdade socio-espacial, se pode de certo modo realizar o direito ao lugar e o direito à cidade e ao sentido de justiça espacial (cf. respetivamente, Lefebvre, 1968; Harvey, 1992 e 2018; Soja, 2010; Tarsi, 2018).

A participação e a presença dos moradores, particularmente da Associação de moradores/as, foi fulcral não só na preparação e na mobilização de pessoas no início do processo como durante a realização das obras para o realojamento e a preparação para a instalação do estaleiro, garantindo a participação de todos/as nas sucessivas fases de reabilitação. O processo de planeamento da execução das obras foi pensado e desenhado de forma a garantir a segurança, a estabilidade e o conforto possível dos moradores/as, sem escamotear os problemas específicos de mobilidade, de dependência e de fragilidade na doença por se tratar de uma comunidade muito envelhecida e doente. Procurou-se minimizar os problemas inerentes ao processo de (re)construção, estudando em conjunto e em cada momento as soluções possíveis.



Fotografia 15 – ‘Ilha’ da Bela Vista – trabalho colaborativo com a comunidade. Fonte: Arquivo do Lahb



Fotografia 16 - Auditório Palácio da Bolsa, Seminário pelo Direito à Habitação com a participação dos moradores das ilhas e ocupas da cidade, 2015. Fonte: Arquivo do LABH

Foi elaborado um “Programa de Atribuição de Casas em Contexto de Obra²⁰” em duas fases. A primeira fase teve início a 1 de Junho de 2016, com uma duração prevista de 7 meses. A segunda fase de obra teve início a 1 de Janeiro de 2017 com duração prevista de 12 meses de obra. Inicialmente foram realojados alguns dos moradores/as que viviam no segundo corredor da “ilha”, deslocando-se durante o período de obra, isto é, durante a fase de transição. Neste caso foram necessárias 6 habitações para realojar os moradores e suas respetivas famílias, tendo sido destinadas quatro habitações T1, uma habitação T2 e uma T3.

Foi realizado com a participação dos moradores/as e a equipa do LAHB um levantamento sobre o mobiliário a levar para a habitação temporária e a ceder a outros moradores ou instituições. Com este processo pretendeu-se que os moradores/as levassem para a habitação temporária apenas o mobiliário essencial para o seu dia-a-dia, ficando o restante guardado num

¹⁹ Cf. Ana Ribeiro (2015). No prefácio da autoria de Fernando Matos Rodrigues lê-se: «Com a edição deste trabalho poético de uma das mais antigas moradoras da Bela Vista pretende-se valorizar os territórios criativos, os imaginários simbólicos de quem nasceu e vive há 86 anos nesta ilha, com um sentimento de pertença e de comunidade muito forte, refletindo e pensando a sua vida, a sua ilha e a sua comunidade através de uma linguagem fortemente poética e sentimental»

²⁰ Este programa foi desenhado com a participação de todos os moradores/as, dos membros do LAHB e, posteriormente, colocado em discussão com o representante da *Domus Social* - Engenheiro José Ferreira. A construção deste “Programa de Realojamento” no seio da ‘ilha’ implicou uma forte negociação com os moradores/as e com os representantes da Associação. Ao fim dum processo que se prolongou por mais de três meses foi possível chegar a um compromisso entre as partes e à construção de um programa que desse resposta a todas as dúvidas levantadas nas reuniões de trabalho, nas assembleias com todos os moradores/as e fosse garante de todos os bens materiais e imateriais e, acima de tudo, protegesse os moradores/as de qualquer tipo de risco.

contentor cedido pela Câmara Municipal do Porto. Foram importantes as reuniões de preparação com os moradores/as, tendo em vista a mudança para a habitação temporária (“casa reabilitada”), na qual o espaço era muito reduzido, confinado a um quarto, cozinha e banhos, o que não permitia albergar os seus móveis antigos, por vezes herdados e com grande valor afetivo e familiar. Esta foi sem dúvida alguma uma das fases mais críticas e complexas, porque implicou a saída da casa onde se nasceu e viveu durante décadas para uma outra, ainda que temporária, de dimensões muito reduzidas.

No plano de realojamento foi decidido em reunião entre os elementos da equipa do LAHB, dos moradores e dos representantes políticos que, após as obras de reabilitação/renovação das casas na Bela Vista, cada um dos moradores regressasse às suas casas de origem. Esse era aliás o seu desejo. Desde o início da operação os moradores/as, de forma geral, não queriam trocar de casa nem de lugar na ilha. No entanto, alguns poucos manifestaram vontade em trocar a sua casa (tipologia T3) por uma casa com apenas um quarto no piso do rés-do-chão. Foram identificados dois casos para desdobramento de agregados. Os dois casos de desdobramento pertencem à família que vive na casa 15 (T2). Assim, foi determinado em reunião propor o desdobramento para JC, homem solteiro, desempregado com 42 anos de idade e para MC, auxiliar num dos hospitais da cidade, mulher com 43 anos de idade. Em ambos os casos o ambiente familiar era muito tenso, sem espaço digno para habitar com privacidade e dignidade²¹.

Depois de terminadas as obras nesta primeira fase, os moradores/as puderam regressar definitivamente para as suas habitações reabilitadas. Aliás, como aconteceu com os moradores/as do corredor inferior, também os moradores do primeiro corredor tiveram de mudar temporariamente de habitação, passando deste modo para as casas temporárias do segundo corredor, no qual as casas já se encontravam reabilitadas.

Inicialmente foram integrados os velhos moradores/as na Bela Vista em habitações adequadas às suas necessidades de acordo com o programa estabelecido. Também foi discutido e elaborado um programa de realojamento para a inclusão de novos moradores/as. Esse programa apresentou cinco critérios a ser tidos em conta: (i) que a Associação de moradores/as tenha uma participação ativa na seleção dos novos inquilinos; (ii) que seja dada prioridade a antigos moradores/as que por qualquer motivo ou razão tenham saído da ‘ilha’ para outro bairro; (iii) que sejam implementadas ações de intervenção e acompanhamento sobre a preparação e formação dos moradores/as relativamente ao uso e manutenção da habitação, dos espaços comuns e espaços exteriores; (iv) que seja diversificado o acesso às novas casas, promovendo diversidade e coesão social; (v) que, para além da participação dos moradores/as, a gestão e (auto)organização da ilha seja feita pela Associação de moradores/as em todo o processo desde a preparação do realojamento, passando pela distribuição de fogos, até à gestão e conservação da ‘ilha’(cf. Rodrigues *et al.*, 2015a).

Perante a especulação imobiliária e a mercantilização da cidade é crucial a valorização dos processos de resistência expressos em reivindicações como estas presentes também entre moradores/as da Bela Vista: «Não queremos mudar de

²¹ O caso de JC era mais complexo e urgente, pois era do conhecimento de todos que o JC desde 2014 tinha vindo a viver em casas desocupadas da ‘ilha’, mas que nos últimos anos dormia num sofá velho depositado nas casas de banho do corredor de baixo na ‘ilha’ da Bela Vista. O motivo de ter deixado a casa dos pais tinha origem em conflitos recorrentes com os outros elementos do agregado. O JC tem problemas graves de saúde. O facto de o espaço do Laboratório estar aberto 24 horas dentro da ‘ilha’ da Bela Vista permitiu incluir e aproximar pessoas com as suas diferentes idiosincrasias no centro da operação e do processo de habitação básica participada.

bairro»; «Daqui ninguém nos tira». Só com uma real participação organizada e com apoios técnicos e políticos podem ser evitadas dinâmicas da degradação induzida e a deslocação para a periferia de moradores, que, tal como na Bela Vista, exigem viver com qualidade nos centros das cidades.

4. Conclusão

Neste texto foi constatado a política de alheamento e de abandono por parte do Estado e das Câmaras das 'ilhas' e dos bairros sociais, nomeadamente no Porto, sendo mesmo pela omissão cúmplices da estratégia agressiva dos interesses financeiros e imobiliários. Contrariando esta lógica, embora como caso excepcional, foi possível reabilitar e renovar com sucesso a 'ilha' da Bela Vista graças à combinação de vários fatores: conjugação da ação coletiva dos moradores/as e, em particular, da sua Associação, duma equipa de técnicos especialistas e investigadores/as e sobretudo o compromisso político duma candidatura à Câmara, quer viria a ser vencedora, embora tal se situasse mais no cumprimento de uma promessa específica e não como uma política habitacional generalizada a nível municipal por parte da Câmara e do seu Presidente.

Depois de expor as linhas das metodologias participativas, foi relatado a tentativa de um velho processo de reabilitação desenhado no pós-25 de Abril no quadro do SAAL, cujo fracasso levou a uma certa descrença e desmotivação entre os moradores/as. A resistência de moradores/as, apesar do inicial cepticismo de alguns, combinada com a persistência da Associação de moradores/as que, perante ameaças de despejo resultantes de políticas camarárias, acolheram a colaboração de técnicos e investigadores/as criaram algumas condições iniciais para comprometer o candidato e futuro Presidente da Câmara a cumprir a sua promessa eleitoral de reabilitação da 'ilha'. Foi assim feita a descrição e a análise do processo, tendo como protagonistas os moradores/as, a equipa do LAHB e os investigadores/as e, por fim, mas não menos importante, as figuras de vereadores, particularmente do Urbanismo e da Cultura, e o próprio Presidente da Câmara.

Ficou evidente que pensar a habitação na e para a cidade implica o reforço dos instrumentos de democracia participativa, isto é, não é possível pensar e projetar a cidade sem integrar tudo e todos no processo de realização e de implementação dos documentos estratégicos que definem o mapa, a imagem e a visão de futuro da cidade. No caso concreto da 'ilha', esta realidade permitiu a utilização dos métodos participativos e das técnicas etnográficas e antropológicas na construção das 'cartografias' da 'ilha' e do habitar, cujo processo de desenho e implementação do projeto de reabilitação conseguiu conjugar vários fatores internos e externos para o sucesso do mesmo.

Em síntese, perante as ameaças de despejo resultantes de políticas camarárias, os moradores/as conseguiram com a colaboração de técnicos e investigadores/as comprometer o poder político de forma a cumprir a promessa eleitoral de reabilitação da 'ilha'. A operação na "ilha" da Bela Vista (2013-2017) permitiu um conjunto de experiências que ultrapassam a simples produção de receitas arquitetónicas, na medida em que possibilitou o uso de metodologias interdisciplinares sobre as práticas participativas e colaborativas focadas numa vertente social.

Siglas:

ARU = Área de reabilitação urbana
COTEFIS = designação da empresa de construção
PREC = Período Revolucionário em curso
SAAL = Serviço Ambulatório de Apoio Local

5. Referências bibliográficas

- ALMEIDA, João Ferreira de e PINTO, José Madureira (1990), *A Investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença.
- ARENDRT, Hannah (2006), *Entre o Passado e o Futuro. Oito exercícios sobre o pensamento político*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- ARNSTEIN, Sherry R. (1969), "Ladder Of Citizen Participation". *In Journal of the American Planning Association*, 35 (4): 216–224.
- BARÉ, Jean-François (org) (1995), *Les applications de l'anthropologie. Un essai de réflexion collective depuis la France*. Paris: Éditions Karthala.
- BOURDIC, Loeiz e KAMIYA, Marco (2017), "O Quadro Técnico da Estratégia Tripartida". In F.M. Rodrigues, M.C.Silva, António C.Fontes, André C.Fontes, S. Mourão e L. Baptista (orgs), *Por uma estratégia de cidade sustentável. Expansão urbana planeada, Quadro Legal e Financiamento Autárquico*, Lisboa: Edições Afrontamento, pp. 69-166.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude e PASSERON, Jean-Claude (2002), *El oficio de sociólogo. Presupuestos epistemológicos*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- CANDAU, Joel (2006), *Antropología de la memoria*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- CARIA, Telmo H (org.) (2003), *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- CHAMBERS, Robert (2012), "Acción Práctica". In B. P. Galan (org), *Antropología y Desarrollo. Discurso, Prácticas y Actores*. Madrid: Los Libros de la Catarata, pp.155-186.
- COUTINHO, Xavier (1982), "Subsídios para o Estudo da Iconografia e Urbanismo da Cidade do Porto". *In Separata da Revista de História*, vol. IV: 7-23, Centro de História da Universidade do Porto.
- CRUZ, António (1975), "Uma Cidade em Evolução. O Porto nos primórdios de Setecentos". *In Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Série De História, vol. IV: 6-58.
- FATHY, Hassan (1980), *Construindo com o povo: arquitetura para os pobres*. Rio de Janeiro: Salamandra.
- GIDDENS, Anthony (1989), *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.

- GOFFMAN, Erving (1973), *La mise en scène de la vie quotidienne – La presentation de soi*. Paris: Minuit..
- GUBER, Rosana (2004), *El selvaje metropolitano. Reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo*. Barcelona: Editorial Paidós.
- HANNERZ, Ulf (2003), *Explorer la ville*. Paris: Minuit.
- HARVEY, David (2018), *Justicia, Naturaleza y la Geografía de la Diferencia*. Madrid: Editorial Traficantes de Sueños.
- HARVEY, David (1992), *Urbanismo Y Desigualdad Social*. Madrid: Siglo Veintiuno Editores.
- LEFEBVRE, Henri (1968), *Le droit a la ville*. Paris: Anthropos.
- LEFEBVRE, Henri [1975 (1966)], *Para Compreender o Pensamento de Karl Marx*. Lisboa: Edições 70.
- LEFEBVRE, Henri (1976), *Espacio y política. El derecho a la ciudad II*. Barcelona: Ediciones Peninsula.
- MARX, Karl e ENGELS [1976 (1846)], *A ideologia alemã*, Lisboa: Presença
- PINAUD, Manuel (2011), *Experiencias y metodologia de la investigación participativa*. Santiago do Chile, CEPAL/Nações Unidas.
- QUEIRÓS, João (2015), *No Centro, à Margem. Sociologia das intervenções urbanísticas e habitacionais do Estado no centro histórico do Porto*. Porto: Edições Afrontamento.
- RAHNEMA, Majid (2012), "Participación". In B.P. Galan (org), *Antropología y Desarrollo. Discurso, Prácticas y Actores*. Madrid: Los Libros de la Catarata, pp.187-207.
- RABINOW, Paul (1992), *Reflexiones sobre un Trabajo de Campo en Marruecos*. Madrid: Ediciones Jucar.
- REMY, Jean (1973), "La dichotomie prive/public dans l'usage courant: fonction et gènes". In *Recherches Sociologiques*, vol. IV, 1:10-38.
- RIBEIRO, Ana (2015), *Portas Abertas, Poemas*. Porto: Edições Afrontamento e Pelouro da Cultura da Câmara Municipal do Porto.
- RIBEIRO, Fernando Bessa (2017), *Uma Sociologia do Desenvolvimento*. Braga: Editora Húmus.
- RIBEIRO, Fernando Bessa (2010), *Entre Martelos e Lâminas. Dinâmicas Globais, Políticas de Produção e Fábricas de Caju em Moçambique*. Porto: Edições Afrontamento.
- RODRIGUES, Fernando Matos (2005), "A Cidade como processo de Conservação e de transformação urbana: o exemplo do Parque Oriental da Cidade do Porto/Campanhã".

In V. O. Jorge (coord). *Conservar para quê?* Porto / Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Centros de Estudos Arqueológicos da Universidade de Coimbra e do Porto, pp. 231-260.

RODRIGUES, Fernando Matos (2014), *Topologias*. Porto: Edições Afrontamento.

RODRIGUES, Fernando Matos (2015) (coord), *Cartografias do Habitar – Ilhas do Porto, 1993-2015*. Porto: ESAP AP.

RODRIGUES, Fernando Matos (2015a), *Ilha da Bela Vista. Topografias*. Porto: Edições Afrontamento /Laboratório de Habitação Básica e Social.

RODRIGUES, Fernando Matos; SILVA, Manuel Carlos (2015), *Cidade, Habitação e Participação. Processo SAAL Ilha da Bela Vista 1974/76*. Porto: Edições Afrontamento.

RODRIGUES, Fernando Matos; SILVA, Manuel Carlos; FONTES, António Cerejeira e FONTES, André Cerejeira (2015b). *Renovação da Ilha da Bela Vista. Operação 2014-2015. Memória Descritiva e Justificativa*. Porto: Laboratório de Habitação Básica, 102 páginas (policopiado).

RODRIGUES, Fernando Matos; SILVA, Manuel Carlos; FONTES, António Cerejeira e FONTES, André Cerejeira (2017), *A Cidade da Participação*. Porto: Edições Afrontamento.

RODRIGUES, Fernando Matos, FONTES, António J. Cerejeira e FONTES, André Cerejeira (2017a), “O Problema da Habitação nas Ilhas da Cidade do Porto”. In F.M. Rodrigues, M.C. Silva A.J.C. Fontes, André C. Fontes, S. Mourão e L. Baptista (2017) (orgs), *Por uma estratégia de cidade sustentável. Expansão urbana planeada, Quadro legal e Financiamento autárquico*. Porto: Edições Afrontamento.

RODRIGUES, Fernando Matos; FONTES, António Cerejeira (2018), “A Habitação na Cidade do Porto – Ilha da Bela Vista, modelo experimental de habitação básica participada”. In S. Gomes, V. Duarte, F.B. Ribeiro, L.Cunha, A.M.Brandão e A. R. Jorge (orgs), *Desigualdades Sociais e Políticas Públicas. Homenagem a Manuel Carlos Silva* (orgs). Braga: Edições Húmus, pp. 277-305.

SALAT, Serge (2017), “Uma nova abordagem à criação de valor urbano”. In F.M. Rodrigues. M.C.Silva, António C.Fontes, André C.Fontes, S.Mourão e L. Baptista (orgs), *Por uma estratégia de cidade sustentável. Expansão urbana planeada, Quadro Legal e Financiamento Autárquico*. Lisboa: Edições Afrontamento, pp. 31-69.

SIGNORELI, Amalia (1999), *Antropologia Urbana*. Barcelona: Anthropos Editorial.

SILVA, Manuel Carlos (1998), *Resistir e Adaptar-se. Constrangimentos e estratégias camponesas no Noroeste de Portugal*. Porto: Afrontamento.

SILVA, Manuel Carlos (2003), “Experiência e estratégia numa pesquisa em meio rural”. In T. Caria (org), *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 167-183.

SILVA, Manuel Carlos (2005), “Entre o infraestatal e o supraestatal: o Estado-Nação e a democracia em perda”. In M.C. Silva (org), *Nação e Estado. Entre o Global e o local*. Porto: Afrontamento, pp. 125-145.

SILVA, Manuel Carlos (2012), *Sócio-antropologia rural e urbana. Fragmentos da sociedade portuguesa (1960-2010)*. Porto: Edições Afrontamento.

SILVA, Manuel Carlos (2019), “Globalização, desenvolvimento desigual e democracia”. In Revista CEAM (*Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares*), vol. 5, 2: 9-30, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Universidade de Brasília.

SOJA, Edward (2010), *Seeking Spacial Justice*. Minneapolis: University Of Minnesota Press.

TARSI, Elena (2018), *Per una Città Giusta. Politiche e progetti di inclusione urbana in Portogallo*. Firenze: Didapress/Dipartimento di Architettura Università degli Studi di Firenze.

VILLASANTE, R.Tomás; MONTAÑÉS, Manuel; MARTI, Joel (coords) (2000), *La Investigación Social Participativa. Construyendo ciudadanía/1*. Madrid: Edición El Viejo Topo.

Autores:

Fernando Matos Rodrigues. Antropólogo, Investigador do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.Nova_UMinho) e Diretor do Laboratório de Habitação Básica (LAHB). Email: mat.rodrigues@sapo.pt

Manuel Carlos Silva. Sociólogo, Professor catedrático e Investigador do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.Nova_UMinho); atualmente, Professor Visitante no Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) da Universidade de Brasília. Email: mcsilva2008@gmail.com

António Cerejeira Fontes. Arquitecto e Engenheiro Civil, vogal do LAHB e Arquitecto do Projecto de Arquitectura Básica Ilha da Bela Vista, coordenador da Imago. Email: ajfontes@imago.com.pt

André Cerejeira Fontes. Arquitecto e Professor na Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, membro do LAHB

CASA ORLANDO: Uma Integração de Patrimônio com a Sustentabilidade

Eje/Eixo Temático 1

Daniel Silva Campos
Victória Ferreira Galvão

Centro Universitário de Varzea Grande - UNIVAG

Resumo:

Nesse presente artigo mostraremos a relação sobre a importância da presença da sustentabilidade integrada aos projetos de arquitetura e urbanismo patrimonial, sendo evidenciado a edificação Casa Orlando, localizada em Cuiabá, a qual pertence ao tombamento arquitetônico, urbanístico e paisagístico da cidade. Dessa forma, a visão apresentada, será a dos discentes da academia do Centro Universitário de Várzea Grande, que integrou os estudantes a localidade, notando as fragilidades das edificações existentes e o que poderia ser integrado para o sincretismo da proposta de sustentabilidade e preservação do patrimônio histórico, sendo uma forma de salvar a edificação com sua história e importância para o conjunto tombado. Por este fato, a proposta para a edificação seria a inclusão de uma atividade econômica, a hotelaria, para poder manter as manutenções esporádicas de uma construção histórica. A proposta de revitalização e requalificação da edificação que é um ponto de expressivo movimento. Dessa forma, as problemáticas foram tratadas com a maioria das complexidades, inserindo o aluno lidando com as restrições arquitetônicas regidas pelo IPHAN, para a possível execução do projeto proposto do setor hoteleiro, na modalidade hostel, que possibilitará uma experiência única na área central da cidade com inclusão da bioarquitetura, preservando os métodos construtivos para a longvidade da edificação oitocentista. Durante o processo da vivência teórica e projetual de vivência do grupo, relacionado ao melhor aproveitamento da edificação foram levantados os impactos sócio-culturais sobre as leis vigentes, o modo de conservação do edifício e a reflexão da realidade, devido a conservação do edifício específico e o incentivo da pesquisa ao patrimônio com a possibilidade de resultados muito mais amplos que se produzido de modo teórico.

Palavras-chave: **Casa Orlando, Sustentabilidade, Centro Histórico de Cuiabá, Requalificação.**

Resumen

En este artículo mostraremos la relación sobre la importancia de la presencia de la sustentabilidad integrada a los proyectos arquitectónicos y urbanismo patrimonial, destacando el edificio Casa Orlando, ubicado en Cuiabá, que pertenece al patrimonio arquitectónico, urbano y paisajístico de la ciudad. Así, la visión presentada será la de

los estudiantes de la academia del Centro Universitario de Várzea Grande, que integró a los estudiantes a la localidad, notando las debilidades de los edificios existentes y lo que podría integrarse para el sincretismo de la propuesta de sostenibilidad y preservación de la historia del patrimonio, siendo una forma de resguardar el edificio con su historia e importancia para el área protegida. Por ello, la propuesta del edificio sería la inclusión de una actividad económica, la hostelería, con el fin de mantener el mantenimiento esporádico de un edificio histórico. La propuesta de revitalización y recalificación del edificio, que es un punto de importante movimiento. Así, los problemas fueron tratados con las más complejidades, insertando al alumno lidiando con las restricciones arquitectónicas regidas por el IPHAN, para la posible ejecución del proyecto propuesto del sector hotelero, en la modalidad hostel, lo que permitirá una experiencia única en el centro. área de la ciudad con la inclusión de la bioarquitectura, conservando los métodos constructivos para la longevidad del edificio del siglo XIX. Durante el proceso de la experiencia teórica y proyectiva del grupo, relacionada con el mejor uso del edificio, se plantearon los impactos socioculturales sobre las leyes vigentes, la forma de conservación del edificio y el reflejo de la realidad, debido a la conservación del edificio específico y el incentivo a la investigación del patrimonio con la posibilidad de resultados mucho más amplios que si se produjeran de forma teórica.

Palabras-clave: **Casa Orlando, Sustentabilidad, Centro Histórico de Cuiabá, Recalificación.**

Introdução

Esse presente trabalho tem o intuito em agregar os conhecimentos de patrimônio, sustentabilidade e a preservação do patrimônio histórico-cultural, sendo uma forma de expressar a potencialidade de uma construção com os parâmetros de projeto que possam integrar os conhecimentos da sustentabilidade, preservação e requalificação de um casarão histórico.

Diante disso, temos o foco voltado para a edificação e como ela pode se revolucionar mantendo as origens culturais, colocando uma maneira de continuar as inter-relações sociais e que consiga elencar com sucesso os recursos do conforto térmico e luminotécnico, Para promover a longa vida útil por meio das tecnologias locais, possibilitando alterações futuras nas edificações.

Para isso Pereira (2018), retrata que para a sustentabilidade na revitalização do patrimônio histórico devem ser levados em consideração alguns parâmetros projetuais: a acessibilidade de pedestres; aproveitamento dos materiais da estrutura física, examinando a restauração dos materiais deteriorados; evitar a dependência em recursos artificiais procurando aproveitar água, sol e vento.

Diante disso, percebe-se as adaptações que as edificações históricas podem ter e expressar as suas potencialidades por estar em uma região importante da cidade de Cuiabá, ela traz as origens italianas com a arquitetura eclética brasileira, sendo seu exemplar único, dentro dos 400 imóveis tombados pelo IPHAN.

A Casa Orlando e sua importância histórica

O objeto de estudo dessa proposta é correspondente de uma arquitetura ítalo-cuiabana, sendo representante do movimento eclético o qual está presente nos imóveis mais expressivos do centro histórico mato-grossense. Nesse sentido, a Casa

Orlando, como é conhecida, evidenciada por um ponto comercial importante para o início do crescimento da cidade de Cuiabá.

Com isso, podemos perceber a que com a imigração de diferentes nacionalidades ao Brasil, é notada um aumento pulsante na Rua de Baixo, que com o passar dos anos recebeu o nome de Galdino Pimentel, em homenagem da província de Mato Grosso em 1723. Este espaço histórico já foi palco de famílias pioneiras no estado em busca de uma vida melhor, sendo uma delas a família italiana Orlando. Nos registros, operou vários tipos de comércio, com destaque para o primeiro banco da cidade, que foi variando conforme as necessidades comerciais da cidade, que funcionou por 105 anos, com o relatado no site Hipernotícias (2017):

“Foi nesse importante momento que grandes comerciantes árabes e europeus chegaram à cidade. Com isso, a Rua de Baixo logo se tornou uma via de comércio, onde, com o tempo, importantes famílias se destacaram na compra e venda de utensílios. (Cristiane Cerzósimo, historiadora do Departamento de História da UFMT).” (HIPERNOTÍCIAS, 2017)



Figura 1 - Pintura da Casa Orlando
Fonte: Moacir Freitas, 2018

O palacete é uma edificação que foi concebida com dois pavimentos, com a fachada em platibanda delineada com balaústras, cornijas, arcos plenos, os quais se destacam com a paisagem, sendo marcado com as colunas dóricas com capitel simples, com essa riqueza de detalhes em sua fachada, define as feições da arquitetura eclética.

Por ser uma importante obra representante da história e do legado de uma família italiana em Cuiabá, tendo foco a premissa da proposta acadêmica como uma forma de requalificar o local, destinando um uso ao casarão, agregando valor ao turismo local, a opção é de um hostel, que em seu conceito propicie a experiência única, diferente e atrativa.

Para nortear a construção do projeto, recorreremos a Teoria e Metodologia de Restauro, utilizando a preservação dos métodos construtivos e as características arquitetônicas do edifício, conforme cita o funcionário do IPHAN/RJ, Paulo Eduardo Vidal Leite Ribeiro (ARCHDAILY,2020):

“As intervenções devem seguir os preceitos da Teoria e Metodologia do Restauro e, portanto, os elementos que dão “valor” a uma determinada obra arquitetônica devem ser preservados. Todas as intervenções devem ter a marca do tempo e não se deve fazer um falso histórico. No entanto, o todo resultante deve ser harmônico. Quanto maior a qualidade da intervenção e mais reversível forem os elementos introduzidos para suportar novos usos e demandas de conforto, mais bem preservada em sua originalidade a obra será legada às gerações futuras[...]”
(RIBEIRO, 2020)

Trazendo isso para o cenário da sustentabilidade, para Oliveira (2010) ela está normalmente associada ao controle de crescimento das cidades, controle das emissões de poluentes, despoluição de rios, cursos d’água, aproveitamento de águas pluviais, controle de desmatamentos, isto é, preservação e uso consciente dos recursos naturais. Por isso, é necessário olhar para os espaços construídos e o modo

como são utilizados, pois retratam um modo de vida de uma época, histórias urbanas e sociais que se somam aos diferentes aspectos da identidade e da memória da cidade. E, as edificações e as construções históricas acumulam marcas das sociedades, das culturas, dos conflitos, fracassos e sucessos da cidade.

Para isso, a sustentabilidade desempenha um papel importante em trazer sensações de bem-estar e qualidade de vida, promove um novo pensar ao inserir em requalificação do patrimônio histórico, trazendo uma perspectiva diferente em integrar a biofilia como um instrumento aliado para aplicar a preservação patrimonial na área central.

Proposta da requalificação da Casa Orlando

Nesse contexto, a Casa Orlando construída no ano de 1873, a Casa Orlando está situada entre as ruas Galdino Pimentel e Campo Grande, nº 228, no Centro Histórico de Cuiabá/MT. A casa em estudo foi reconhecida e tombada como patrimônio histórico, conjuntamente com outros 400 imóveis do entorno, a nível federal, por meio do amparo legal da Constituição da República Federativa do Brasil, seguido da Emenda Constitucional nº1, de 17 de outubro de 1969 – artigo 180 e parágrafo único; Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 e Lei nº. 6.292, de 15 de dezembro de 1975, (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, 2002./ Prefeitura Municipal de Cuiabá, Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano – IPDU, Diretoria de Pesquisa e Informação – DPI, 2010).

Nesse período, estava ocorrendo o Estado Novo, caracterizado pelo estadismo de Getúlio Vargas, onde fistinguiu quais eram os conjuntos de bens móveis e imóveis do patrimônio histórico e artístico da história brasileira, com a constituição e mensurados por três pilares por assim descritos e únicos, quer sejam de cunho arqueológico, ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. Estes deverão ter o reconhecimento ao serem inscritos em um dos quartos Livros do Tombo, conforme se refere o Decreto-Lei Nº25, de 30 de Novembro de 1937, que os instaura. Serve como referência para o Tombamento, distintamente cada Livro fará o registro assim descritos (BRASIL, 1937):

DO TOMBAMENTO Art. 4º O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional possuirá quatro Livros do Tombo, nos quais serão inscritas as obras a que se refere o art. 1º desta lei, a saber: 1) no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, as coisas pertencentes às categorias de arte arqueológica, etnográfica, ameríndia e popular, e bem assim as mencionadas no § 2º do citado art. 1º. 2) no Livro do Tombo Histórico, as coisas de interesse histórico e as obras de arte histórica; 3) no Livro do Tombo das Belas Artes, as coisas de arte erudita, nacional ou estrangeira; 4) no Livro do Tombo das Artes Aplicadas, as obras que se incluírem na categoria das artes aplicadas, nacionais ou estrangeiras.

Ao olharmos esse documento, a sua importância se destaca pela forma como conduziremos essa proposta para que compreendamos a necessidade em a eficácia para que os interesses econômicos, sociais e em respeito ao legado da história do patrimônio, evocando o interesse em conhecer um pouco da vivência no centro da cidade, possuindo um retrato fidedigno do processo criativo, arquitetônico e os tipos construtivos, que serviram para evidenciá-la como referência entre outros monumentos ou obras que fizeram parte da história de um lugar, cultura e memória de um povo e/ou comunidade.

O estudo é demonstrativo, devido a existência das influências de outras nacionalidades na capital mato-grossense, sendo predominante a italiana, que no

período em que foi edificada, trouxe o estilo eclético europeu adaptado ao Brasil, mostrando o contexto da edificação e o que esse marco na arquitetura cuiabana, o site Portal do Mato Grosso relata que:

“Empresa fundada em 1873, tendo como endereço à antiga Rua 1º de Março, ou Rua de Baixo, e atual Rua Galdino Pimentel, esquina com Campo Grande, em Cuiabá. Foi uma empresa sólida e por dezenas de anos trabalhou com importação e exportação de borracha e transações bancárias, visto que em fins do século XIX e começo do XX, Cuiabá não dispunha de agências bancárias.”

“A Casa Orlando, nome que ficou perpetuado na história de Mato Grosso, está inserida em área de patrimônio histórico no centro da capital e tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional. Nos primeiros anos do séc. XXI, o imóvel que abriga a Casa Orlando está em precárias condições de conservação em seu pavimento superior, sendo que no térreo abriga instalações comerciais”. (PORTAL DO MATO GROSSO, s/d).



Figura 2 - Casa Orlando
Fonte: Dos autores - 2020



Figura 3 – Cidade de Cuiabá nos anos 50
Fonte: ADACSE-MT – 2018

Com intuito de favorecer e enaltecer a fachada e as áreas internas, foi proposto o uso das técnicas de conforto térmico, com o uso de espelho d’água que favorece a refrigeração natural e a arborização com frutíferas nativas, dispendo um ambiente agradável, presente em casarões antigos cuiabanos, remetendo o contato com a natureza, que foi notável na década de 50, a paisagem era composta de vegetação nativa ao redor da edificação, sendo um resgate dessas raízes originárias da época da fundação e de sua expansão, demonstrado na figura 3.

Proposta da integração da sustentabilidade com a Casa Orlando

Sustentabilidade é, “em termos ecológicos, tudo o que a Terra faz para que um ecossistema não decaia e se arruine. Isto implica que a Terra e os biomas tenham condições não apenas para conservar-se assim como são, mas também que possam prosperar, fortalecer-se e coevoluir” (BOFF, 2012).

Dessa maneira, a estrutura da Casa Orlando, teria um uso sustentável e comercial, aplicando a modalidade hoteleira de hostel, como uma forma mais atrativa a turistas interessados em ter uma experiência diferente na cidade, possuindo duas testadas sendo uma voltada para a Rua Galdino Pimentel e a outra para Av. Prainha,

que é uma via de expresso movimento no município.

Em respeito a história e aos tipos de comércio que funcionaram durante um período aproximado de 105 anos, que no cotidiano urbano, encontra-se fechada e sem uso, apenas se deteriorando com o tempo.

A proposta traz os seguintes benefícios: recepção, cafeteria, salão de jogos e sala de TV, cozinha compartilhada, quarto com cama conjugada e área



Figura 4 –Proposta de fachada para a Casa Orlando
Fonte: Dos autores – 2020.

de estar com pátio externo. É o jeito tradicional das residências cuiubanas, convivência e serviço. A maneira da área mantenha sempre todas as características arquitetônicas da propriedade durante a reforma.

Com o objetivo de valorizar a cultura, simbolismo e cultura regional do Estado de Mato Grosso, o ambiente interno é pensado com design contemporâneo, com o objetivo de realizar um design afetuoso, atraindo todos os públicos a pensarem nos diversos materiais embasados na cultura e textura cuiubana. A proposta é adotar um design minimalista e está a cargo do arquiteto minimalista Mies Van Der Rohe na busca da função da composição, mas menos é mais.

“Cada material tem as suas características específicas que temos de entender se o queremos usar. Por outras palavras, nenhum design é possível até que todos os materiais que você projeta sejam totalmente compreendidos” (MIES VAN DER ROHE, L. Data desconhecida, Domínio público)

De forma a integrar as paredes interiores do edifício, foram utilizados tijolos expostos (método de construção das paredes exteriores do edifício), tadelakt

e cimento queimado, materiais biossustentáveis que mantêm um toque contemporâneo, não apenas mistos de Tecnologia de Arquitetura. Interaja com mansões de design contemporâneo e sugestões de modelos de dormitório. Os quartos seguem uma abordagem mais limpa, prática e produtiva. Os tijolos aparentes nas paredes contrastam com os móveis de MDF.



Figura 5 –Proposta de interiores para Casa Orlando
Fonte: Dos autores – 2020

Os móveis de MDF são uma das formas mais naturais de integrar o edifício anterior com o atual. Adota um método simples e moderno para garantir a estadia dos turistas obtenham o máximo conforto, ilustrado na figura 5.

Para a experiência de bancadas em ambientes internos, banheiros e cozinhas, o uso do material Corian é utilizado tons terrosos por ser um material moderno e durável e de alta resistência, além de remeter aos vasos de barro, utilizá-los vasos de barro queimado e laqueado para uso interno e externo para fazer uma combinação, derivados das origens indígenas e ribeirinhas, que no passado eram costumeiramente usados para retirar água do rio ou bica com a intenção de trazer um contato direto com as fontes culturais indígenas fortemente presente na capital, expostos na figura 6.

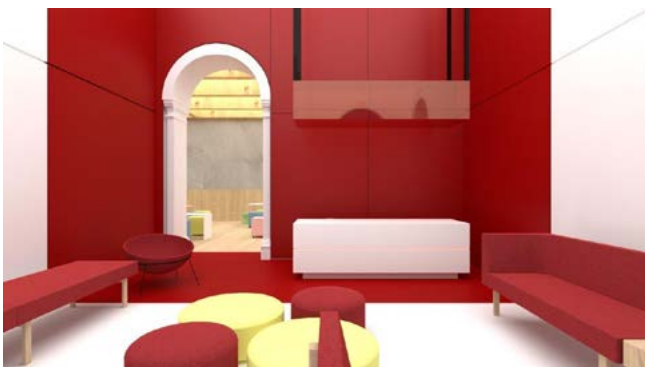


Figura 6 –Proposta de interiores para Casa Orlando
Fonte: Dos autores – 2020.

Conclusão

Ao propor um projeto audacioso de intervenção com a aplicação da sustentabilidade ao empreendimento histórico Casa Orlando, faz evidenciar sua harmônica e notável arquitetura, almejando pelo método da sustentabilidade aliado a preservação do patrimônio, que foi idealizado pelos autores, para esse prédio icônico, podemos ressaltar seu contexto histórico e sua representação para a cidade de Cuiabá, embora encontre-se em completo abandono atualmente, em outrora já fora um comércio pulsante, locada em um dos principais pontos turísticos da Cuiabá antiga, acompanhado pelos casarões no estilo colonial.

A família Orlando, do qual a casa herdou o sobrenome, de raízes italianas, fundaram a empresa, à época atuava no comércio de importação e exportação de borracha e outras variedades de comércio. Foi compreendido, em transformá-la em hostel, pois salvaguardaria sua importância histórico-cultural, sem desfazer seu estilo arquitetônico único, além de impulsionar o turismo local com o compartilhamento de novas experiências.

Diante disso, o projeto de intervenção aliado a sustentabilidade para a Casa Orlando, é um fruto de aprendizado adquirido nas dinâmicas existentes em intervenções de edificações localizadas em áreas de tombamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, agrupando os valores defendidos pelos teóricos do restauro e suas respectivas teorias.

Os parâmetros e diretrizes adotados por meio desses pensadores, foi viabilizaram o embasamento para definir a proposta quando ao partido arquitetônico e ao tipo de intervenção adotada para o objeto de estudo, cruzando por meio de levantamentos históricos e documentais, os quais relatam os dados da edificação arquitetônica e sua importância para o seu entorno.

Para isso, foi proposta a nova utilização do empreendimento que em conjunto uma repaginação completa em seus ambientes sem agredir ou deteriorar suas marcas originais e ser fidedigno aos métodos construtivos usados à época de sua construção, onde há de permanecer as marcas do tempo, exaltando suas naturezas arquitetônicas singulares, buscando manter viva no presente suas origens, sem cometer falso testemunho.

Por fim, tem a presente proposta de intervenção com a aplicação da sustentabilidade da Casa Orlando, espera-se que seja uma forma de integrar vivências do que a edificação já atuou no passado, com a sua respeitosa significância para a cultura local, trazendo para o conhecimento social e ajuntado com o curso de arquitetura e urbanismo, evidenciando o quanto somos ligados pelo passado, de forma como se fosse uma corda que tem seu início no centro histórico e se expande por toda a cidade, podendo dimensionar as modernidades existentes, no aspecto da contemporaneidade, que se sintonizam com as raízes autenticamente cuiabanas.

Referências bibliográficas

ALMANAQUE Cuiabá, **Família Orlando**, Cuiabá/MT, c.2015. Disponível em: <<https://www.almanaquecuiaba.com.br/cuiabanidade/familias-pioneiras>> Acessado em: 04 de abr. de 2021.

BARACHO, Anna Sophia Barbosa, **Patrimônio Sustentável: Reflexões sobre as melhores práticas anglo-saxônicas aplicadas a edificações culturais**, Belo Horizonte/MG, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/AMFE-9N6NDP>> Acessado em: 03 abr. 2021.

BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é – o que não é**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRANDI, Cesare, Tradução: KÜHL, Beatriz Mugayar. **Teoria da Restauração**, Editora Ateliê Editorial, 2008. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/342626288/Teoria-da-Restauracao-Cesare-Brandi-pdf>> Acessado em: 15 de abr. de 2021.

BRASIL, **Decreto-Lei Nº 25, de 30 de Novembro de 1937**, Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_de_1937.pdf> Acessado em: 16 de abr. de 2021.

EQUPE ARCHDAILY BRASIL, **Patrimônio arquitetônico moderno brasileiro: como intervir e preservar**, São Paulo/SP, 26 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/944302/patrimonio-arquitetonico-moderno-brasileiro-como-intervir-e-preservar>> Acessado em: 20 de abr. de 2021.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO NACIONAL, **SPHAN ed.43 pró-memória – Cuiabá Mais um Centro Histórico Preservado**, Rio de Janeiro/RJ, c. 1988. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/boletim_43.pdf> Acessado em: 21 de abr. de 2021.

OLIVEIRA, Carolina Fidalgo de. **Sustentabilidade nas cidades. Preservação dos Centros Históricos**. Arqtextos, São Paulo, ano 11, n. 125.06, Vitruvius, out. 2010. Disponível em: <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/11.125/3569>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

PEREIRA, Júlio César, **Sustentabilidade no patrimônio histórico nas edificações revitalizadas**, Rio de Janeiro/RJ, 2018. Disponível em: <<http://www.nppg.org.br/patorreb/files/artigos/80497.pdf>> Acessado em: 03 abr. 2021.

PORTAL MATO GROSSO, Orlando irmãos & Cia, Cuiabá/MT, 14 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://portalmatogrosso.com.br/orlando-irmaos-cia-casa/>> Acessado em: 14 de abr. de 2021

PREFEITURA DE CUIABÁ, **Patrimônio histórico de Cuiabá**, 2010. Disponível em: <https://www.cuiaba.mt.gov.br/upload/arquivo/patrimonio_historico_legislacao.pdf> Acessado em: 27 de abr. de 2021.

Autores:

Daniel Silva Campos. Arquiteto e Urbanista, mestrando em Arquitetura e Urbanismo do UNIVAG em associação com a PUC/Campinas, docente no curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Várzea Grande - UNIVAG. daniel.campos@univag.edu.br

Victória Ferreira Galvão. Discente do bacharelado em Arquitetura e Urbanismo do UNIVAG. seikiri32@gmail.com

PROJETOS CULTURAIS DO PERÍODO VARGAS PARA A AMÉRICA LATINA

Eje/Eixo Temático 1

Margarida Nepomuceno
PROLAM / USP

Resumo

Uma das últimas decisões dos países latino-americanos antes de ser instituída a OEA- Organização dos Países Americanos- em Bogotá, em 1948, foi a criação de uma universidade interamericana, no Panamá. O Brasil comprometeu-se com esse projeto, ao lado dos países signatários, colaborando com a elaboração de seu estatuto e participando das primeiras articulações para que a iniciativa desse certo, o que não ocorreu. O período que marcou a existência da União Pan-americanas (de 1889 a 1945), foi profícuo para a organização dos países das Américas, pois foram articulados os padrões iniciais, as primeiras convenções e acordos sobre vários aspectos, que regeram as inter-relações regionais durante muito tempo. O primeiro governo do presidente Getúlio Vargas, de 1930 a 1945, manteve representantes em todas as assembleias internacionais e soube beneficiar-se dos tratados culturais que o levaram a se aproximar dos países de idioma hispânico. Foi durante esse período, que Vargas impulsionou projetos culturais e sedimentou uma política de Estado nessa área, através de reformas ministeriais e da criação de uma Diplomacia Cultural, com programas de intercâmbio cultural na América Latina com a participação de intelectuais brasileiros. Mesmo no período do Estado Novo, quando se instaurou um regime autoritário no país (de 1937 a 1945). Durante o Estado Novo com a supressão das liberdades democráticas, Getúlio Vargas deu continuidade aos intercâmbios e aos projetos culturais de formação e de propaganda na América Latina. De certa forma ele queria demonstrar aos países vizinhos, que não havia incompatibilidade entre autoritarismo e um projeto de modernização e desenvolvimento para o país.

Palavras chave: **Vargas, Cultura, América Latina, Política cultural, Diplomacia.**

Resumen

Una de las últimas decisiones de los países latino-americanos antes de ser instituida la OEA- Organización de los Países Americanos- en Bogotá, en 1948, fue la creación de una universidad interamericana, en Panamá. Brasil se comprometió con ese proyecto, al lado de los países signatarios, colaborando con la elaboración de su estatuto y participando de las primeras articulaciones para que la iniciativa se

concretizase, lo que no ocurrió. El período que marcó la existencia de la Unión Panamericana (de 1989 a 1945), fue beneficioso para la organización de los países de las Américas, pues fueron articulados las normas iniciales, las primeras convenciones y acuerdos sobre varios aspectos, que dirigieron las inter-relaciones regionales durante mucho tiempo. El primer gobierno el presidente Getulio Vargas, de 1930 a 1945, mantuvo representantes en todas las asambleas internacionales y supo beneficiarse de los tratados culturales que lo llevaron a aproximarse de los países de idioma hispánico. Fue durante ese período, que Vargas impulsó proyectos culturales y sedimentó una política de Estado en esa área, a través de reformas ministeriales y de la creación de una Diplomacia Cultural, con programas de intercambio cultural en América Latina con la participación de intelectuales brasileños. También en el período del Estado Nuevo, cuando se instauró un régimen autoritario en el país (de 1937 a 1945). Durante el Estado Nuevo con la supresión das libertades democráticas, Getúlio Vargas dió continuidad a los intercambios y a los proyectos culturales de formación y de propaganda en América Latina. De cierta forma él quería demostrar a los países vecinos, que no había incompatibilidad entre autoritarismo y un proyecto de modernización y desarrollo para el país.

Palabras clave: **Vargas, Cultura, América Latina, Política cultural, Diplomacia.**

Introdução



Última Conferência Pan-americana e Fundação da OEA, 1948, Bogotá.
Acervo CPDOC

O Guia de Documentación Histórica y Diplomática sobre el Brasil en los Archivos del Uruguay, editado pelo historiador Aicardi e por diplomatas brasileiros, em 2005, além de outras publicações, tais como as de Luiz Alberto Musso (1967 e 1978), registram decisões dos governos, na área de cultura, desde o ano de

1850, quando o Brasil ainda era monarquia. Dessa época até a metade do século XX, esse fluxo só aumentou e em vários países, quase trinta, a maioria da América Latina, a Diplomacia Cultural do Brasil foi ativa com a implantação das primeiras Missões Culturais Brasileiras, a partir dos anos 40. A partir dos anos 60/70 surgiram sob nova denominação, os Centros de Ensino da Língua Portuguesa e dos Institutos Culturais, e atualmente, foram reduzidos à mínima sigla de CEBS- Centro de Estudos Brasileiros que muito pouco ou quase nada conservam do ativismo cultural do Brasil no passado, quando nomes consagrados da intelectualidade desempenhavam o papel de emissários da cultura brasileira. Estou falando de poetas como Cecilia Meireles, Thiago de Melo ou de escritores da monta de José Lins do Rego, Gilberto Freire, Sergio Buarque de Holanda, de educadores Dalton Boechat e Antonio Houaiss e muitos artistas como Portinari, Lívio Abramo, Di Cavalcanti, músicos como Heitor

Villa Lobos, Francisco Kurt Lange, dentre muitos outros. Os poucos CEBs que estão sobrevivendo à demolição dos últimos governos, especialmente do atual, priorizam suas atividades em torno da preparação dos exames do CELPE-Bras, de proficiência em língua portuguesa para a comunidade de estrangeiros.



Chegada de Candido Portinari, esposa e filho no Uruguai, em 1947

Estabeleço como marco temporal do presente trabalho o período Vargas, de 1930 a 1945, em cujo governo foi dado início a uma política externa que sistematizou os intercâmbios culturais e pedagógicos entre Brasil e demais países da América Latina. Desse período destaco duas experiências: a conferência de ministros da Educação de criação de uma Universidade Interamericana, no Panamá, em 1943, paradigmática para demonstrar um certo interesse entre os países de estabelecer um programa educativo conjunto, como também a circulação da Revista *Letras Brasileñas*, lançada durante o golpe do Estado Novo, em 1937, que foi um instrumento ente entre intelectuais, governistas e não governistas, com a América Latina, para propagandear a cultura política

vigente no país, no caso, a propalada “eficiência” e a “premência” do autoritarismo do Estado Novo (1937).

Universidade Interamericana, Panamá, 1943

O projeto de se criar uma universidade interamericana que reunisse os interesses culturais de todos os países da América, na época incluídos os EUA, surgiu na Conferência Pan-americana (1889-1948) de 1928, em Havana, quando representantes de vários países, inclusive Brasil, aprovaram em convenção a proposta de formação de um centro de formação pedagógica, como premissa fundamental para a união das culturas da região. Em 1943, na cidade do Panamá, capital da República do Panamá, reuniram-se os ministros de Educação dos países para dar os primeiros passos de criação dessa instituição e que, na realidade, seria criada em substituição à Universidade Nacional do Panamá, que já funcionava desde 1935¹. As instalações e estruturas básicas seriam incorporadas ao novo projeto com a inclusão dos aportes fornecidos pelos demais países participantes.

O Programa da *Primera Conferência de Ministros y Directores de Educación de las Repúblicas Americanas*, que inclui Estados Unidos da América, realizada em setembro de 1943, no Panamá, demonstra que as questões educativas – que perpassavam por quase todas as Conferências Pan-americanas e que até aquele momento restringiam-se somente aos intercâmbios universitários – voltam a mobilizar os países, dessa vez, em torno de uma proposta de integração mais sólida e mais complexa organicamente, que levasse em consideração as propostas de um verdadeiro intercâmbio cultural, discutido nas conferências anteriores bem como as situações particulares e necessidades diferenciadas dos países da Região.²

¹ A Universidade Nacional do Panamá foi constituída com a colaboração de professores espanhóis, digase, republicanos, exilados durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

² AHI-RJ. Conferência de Ministros e Directores de Educação das Repúblicas Americanas. Panamá, 1943. Maço 33.282.

Três grandes eixos temáticos sintetizavam o Programa da I Conferência de Ministros da Educação:³

a) O primeiro deles foi denominado Filosofia da Educação. Em torno desse eixo, discutiram-se os princípios e as bases que deveriam fundamentar a organização de sistemas educacionais conjuntos, entre países. Deveriam ser consideradas as estruturas econômicas e sociais das repúblicas do Continente; os ideais republicanos e democráticos dos países; os sistemas privativos de ensino; os fatores condicionantes do analfabetismo em cada localidade; a educação do adulto e do indígena; enfim, o programa deveria levar em conta as características históricas, linguísticas e culturais de cada nação que se dispusesse a participar da construção desse sistema educativo.

b) O segundo eixo apresentava propostas mais concretas à criação da Universidade Interamericana, já veiculadas em outras conferências. Fazia parte desse segundo eixo a definição dos Estatutos da Universidade Interamericana; de Intercâmbios de publicações educativas; da Fundação de uma Cidade Universitária Interamericana no Panamá; da transferência de Estudantes entre as Universidades da América; do ensino da História, Geografia, Literatura e das Artes dos povos da América; além de definir sobre a fundação de bibliotecas, escolas, museus e universidades de cada país, em benefício de professores e estudantes das Repúblicas Americanas. Portanto, havia um projeto de construção de um sistema de extensão universitária.

c) O terceiro grupo de discussão do encontro teria como fim a definição da “educação artística e coordenação dos sistemas educativos americanos”.⁴ Nesse eixo, o “folclore” tinha uma posição de destaque para a recuperação das artes e dos fazeres originais dos povos que seriam difundidos como valores culturais aos estudantes. A pesquisa musical autóctone receberia atenção especial. Deveria ser organizada através do Instituto Interamericano de Música Folclórica, e seu acervo, repassado aos estudantes através de práticas musicais. Os monumentos dos países e as relíquias arqueológicas deveriam ser conservados e restaurados sempre que necessários, com o fim de edificar o patrimônio histórico e cultural dos povos. Para os intercâmbios universitários, pensou-se em uma política de equiparação de títulos acadêmicos e a unificação de grades de disciplinas entre os programas de intercâmbio, e, para facilitar a comunicação e adaptação dos bolsistas em outros países, pensava-se em derrubar as barreiras da língua com cursos de idiomas específicos.

A Iª Conferência de Ministros e Diretores de Educação das Repúblicas Americanas realizada no Panamá, teve a importância de sintetizar um longo período de negociação entre as nações latino-americanas no campo da cultura. Muitas recomendações, acordos, convenções e resoluções aprovadas pelas delegações presentes eram, na verdade, sínteses já discutidas e aprovadas pelas conferências anteriores, como, por exemplo, a radiodifusão como veículo educativo e comunicacional da maior relevância a ser adotado pelos países. Só por esse motivo, o de ter sido a conferência da síntese cultural-pedagógica de um período de negociações de cerca de 60 anos, já justificaria um trabalho específico sobre o tema, considerando, inclusive, que essas resoluções inspiraram nessa área os trabalhos a serem desenvolvidos pela Organização dos Estados Americanos, fundada cinco anos após essa data. A OEA vai substituir a função até então exercida pela União Pan-americana, a partir de sua fundação, 1948, durante a 9ª Conferência Pan americana, em Bogotá.

3 AHI-RJ. Anexo I. Programa da I Conferência de Ministros e Diretores de Educação das Repúblicas Americanas, Panamá, 1943. Maço 33.282.

4 Idem.

O Brasil apresentou inúmeras propostas nessa reunião com o intuito de comprovar o seu interesse em estabelecer vínculos permanentes com países da América Latina, bem como pontuou algumas questões sobre as quais desejava ter papel ativo, como a elaboração do conteúdo programático de disciplinas relacionadas à cultura brasileira. Tais como:

- Valorização dos professores como “operários da cultura” e implantação de uma série de medidas, tais como salários, estabilidade, programa de aposentadoria e outras, para garantir condições adequadas ao exercício do Magistério, inclusive para as mulheres.
- Ensino da História da América em todos os países, considerando a origem comum entre eles desde a formação étnica, os processos de colonização e independência que, interpretados adequadamente, poderia garantir a união espiritual entre as nações.
- Revisão dos textos de História, no âmbito nacional de cada país, para construir uma nova História, com base na veracidade dos fatos. As delegações deliberaram sobre a realização de um concurso que mobilizasse historiadores e escritores que apresentariam trabalhos, ao final de três anos, a serem julgados por docentes e membros da Universidade Interamericana.⁵
- Criação de escolas por todo o continente com nomes de países da América e incentivo ao estudo da História desses países homenageados, para que fossem combatidos desconhecimentos e preconceitos;
- Proteção e difusão de todas as manifestações culturais e populares (folclóricas) com o intuito de resguardar a cultura dos povos originários e protegê-la contra “(...) *malsanas y destructores influências exóticas*”. Essas manifestações culturais ajudariam a educar os sentimentos de solidariedade e simpatia;
- Estudo dos quatro idiomas continentais (francês, português, inglês e espanhol) nas escolas dos países americanos, considerando que o idioma seria uma ferramenta importante de interação entre culturas. A Conferência resolve recomendar que os países, de acordo com suas possibilidades, introduzam na legislação relativa ao ensino secundário o ensino desses idiomas;
- Recomendação para que a alfabetização de adultos tivesse uma forte conotação de inclusão social, para usar um termo bem contemporâneo, pois ampliava em muito o simples ato de ensinar a ler e a escrever. Recomendava a Conferência que, para desenvolver a capacidade de aprendizado do analfabeto, ou do semianalfabeto, era importante desenvolver as suas habilidades como cidadão e a liderança com responsabilidades de trabalho, tolerância e moralidade. Campanhas de alfabetização eram recomendadas, como a criação de missões culturais, aldeias escolares, escolas ambulantes, enfim, que se criassem medidas drásticas para diminuir as diferenças regionais e culturais entre os cidadãos de um país;

⁵ Em anos anteriores, o Brasil já havia providenciado concurso entre historiadores que teriam a função de repensar a História do Brasil e das Américas tendo como orientação os parâmetros de não hostilização recomendados pelas Conferências. A circular do MRE nº 1.131, de 22 de junho de 1937, já convocava concurso para esse fim: “O instituto conferirá um prêmio de cinco contos de réis ao autor brasileiro da melhor história do Brasil, prêmio de igual quantia ao da melhor cartografia do Brasil, destinadas ao ensino secundário e escritas nos moldes estabelecidos no convênio firmado no Rio de Janeiro, a 10 de outubro de 1933, entre o Brasil e a República Argentina, para a revisão dos textos adotados para o ensino da história e da geografia, e nas normas aprovadas pela comissão brasileira constituída em virtude desse convênio. Conferirá igualmente um prêmio de cinco contos de réis ao autor americano da melhor história da América, nos moldes estabelecidos no convênio firmado, no Rio de Janeiro, entre o Brasil e a República Argentina, e no que para o mesmo fim foi assinado em Montevideú a 20 de dezembro daquele ano, pelos plenipotenciários de vários Estados da América”. Versão Oficial. AHI-Rio de Janeiro. Circular do MRE nº 1.131, de 22 de junho de 1937.

- Criação bibliotecas nacionais com troca de livros reiterando a importância dos livros, enquanto um marco diferencial de cultura, para nações que almejavam alcançar o seleto clube de países cultos e civilizados. Recomendou-se que cada país entregasse aos escritores especialistas a responsabilidade de pensar em antologias e coleções de livros, os mais representativos da nação, e fazê-los circular entre as bibliotecas de outros países da América e entre as populações, a custo baixo;
- Recomendação para que a União Pan-americana procedesse à publicação de livros que comporiam uma Biblioteca Escolar Americana e que incluísse biografias de homens e mulheres importantes das diferentes Repúblicas. Essas antologias nacionais teriam o objetivo de reafirmar a tradição histórica e cultural entre os povos e de mostrar traços em comum.⁶

De extrema importância para as relações culturais estabelecidas pelo Brasil com os países da América Latina são as recomendações para que as publicações nacionais circulassem livremente entre os países da América e que fossem adotadas políticas alfandegárias para a diminuição das taxas aduaneiras para facilitar essa circulação. Essa recomendação teve origem na V Conferência Pan-americana do Chile, em 1923, e teve como função ressaltar, enaltecer o valor de intercâmbio de publicações entre os países. Foram incorporadas também a essa recomendação (de número XXXIII) as decisões da Conferência de Consolidação da Paz, em 1936, que sugeriu unificar os sistemas de intercâmbios entre os países, e as decisões da VII Conferência de Montevideú, de 1933, que também sugeriu unificar os métodos de catalogação e compilação de dados das bibliotecas.

Os intercâmbios culturais entre professores e alunos de universidades dos países da América Latina foram uma das primeiras experiências nessa área cultural, e já revelavam resultados positivos, para todos os lados, segundo uma avaliação feita durante a Conferência; e o que se recomendava naquele instante era que, para aumentar a eficiência desses intercâmbios, deveriam os países traduzir seus principais autores nas quatro línguas do continente e fazer com que os livros circulassem pela América. A recomendação se estendeu também à produção e circulação de revistas culturais e científicas de artigos abrangendo todos os campos de conhecimento.

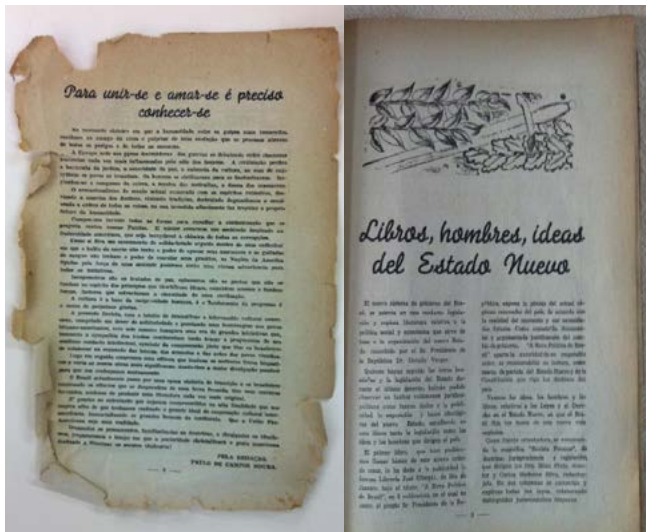
Além das publicações gráficas, recomendava-se igualmente a circulação de películas e discos, além de objetos artísticos como suportes de compreensão da cultura entre as Repúblicas. Outro item dizia respeito às facilidades que os governos deveriam implantar para que os intercâmbios entre professores, estudantes e técnicos das universidades pudessem ocorrer em maior quantidade. Uma delas seria administrar junto às empresas de transporte privado a prática de valores reduzidos e facilidades no pagamento de viagens entre intercambistas. Outra facilidade seria equiparar ou correlacionar os programas de ensino primário, secundário e universitário, a fim de que os intercâmbios oferecessem conteúdos compatíveis.

Boa parte das resoluções, recomendações e convenções da I Conferência de Ministros da Educação foram reafirmações de propostas avaliadas e aprovadas nas conferências anteriores. A União Pan-americana, responsável pela organização das conferências e pelos encaminhamentos resultantes da vontade das delegações, continuou a exercer seu papel até a fundação da Organização dos Estados Americanos,

⁶ A Revisão da História da América foi aprovada na VII Conferência de Montevideú, em 1933, e ratificada nessa Conferência de 1943. Entretanto, a indicação para essa revisão já havia sido discutida no Congresso Científico Pan-americano de Lima (1924), no Congresso de História Nacional de Montevideú (1928), no Congresso de História de Buenos Aires (1929), no Congresso Universitário de Montevideú (1921) e repassado por países que haviam feito a adoção de medidas e alteração no texto dessa convenção. Os dois primeiros países a ratificarem o acordo de revisão nos textos de História foram Brasil e Uruguai, durante o transcurso da VII Conferência Pan-americana, em 20 de dezembro de 1933. AHI-RJ. Maço 33. p. 19.

em 1948. Até essa data, as convenções aprovadas eram encaminhadas para ratificação nos países signatários e transformadas em procedimentos legais pelos governos, para execução.

Talvez por esse motivo, ou seja, a centralidade exercida pela União Pan americana, explique a razão de que não deu certo o projeto da Universidade Interamericana. Ao final da Guerra, a correlação dos países latino americanos foi alterada e a União Pan americana que organizava as conferências periódicas entre os países e que era, ao menos teoricamente, administrada por representantes dos países, deu lugar à OEA, organização dos Países Americanos, marcando o triunfo da hegemonia cultural e econômica dos Estados Unidos no mundo ocidental. Entretanto, houve outras razões que dificultaram a realização desse projeto. A criação da Universidade Nacional do Panamá, onde deveria ter sido implantada a Universidade Interamericana foi uma conquista dos setores chamados humanistas do país e recebeu apoio dos professores espanhóis exilados, recém chegados da Espanha (Guerra Civil Espanhola – 1936-1939). Sua fundação e os primeiros anos foram marcados por muitas mobilizações, de professores e alunos, para obter a autonomia da instituição em relação ao governo nacional. Por sua vez, em 1941, o presidente Arnulfo Madrid foi deposto por um golpe facilitado pelos EUA, por interesses no Canal do Panamá (EUA queriam com o confisco do Canal favorecer os países aliados e impedir o trânsito dos países do Eixo, na América Latina). É desse momento a criação de 134 bases militares dos EUA no Panamá cuja permissão, foi dada em acordo com o governo golpista que substituiu o presidente Madrid. Paralelo à situação política turbulenta, na Universidade Nacional do Panamá o 1º presidente da Instituição compromete-se a organizar o que deveria ser a universidade interamericana. Ela foi composta inicialmente por seis universidades e 54 professores entre panamenhos, espanhóis e latino americanos. A inauguração foi marcada para setembro de 1943 durante a reunião dos Ministros da Educação dos países, que deveriam assinar o convênio e os estatutos de funcionamento da universidade interamericana encaminhando a referida documentação aos órgãos competentes dos países para sua ratificação. Foi criado um *Consejo General Universitario*, composto pelo reitor (o presidente da Universidade do Panamá), representantes dos países signatários e representantes dos estudantes além de um corpo administrativo. Franklin Roosevelt, presidente dos EUA, não somente apoiou como também designou seu vice, Henry Wallace para organizar a universidade criando departamentos, cátedras, etc. Nesse clima de tensão e desconfiança o projeto seguiu, paralelo às greves de estudantes, desta vez deflagrada pela expulsão de um líder estudantil. Enquanto as questões políticas e de movimentação estudantis caminhavam para um acordo, a Universidade Interamericana foi aprovada pela Assembleia Nacional e formada uma comissão administrativa que facilitaria a participação de alunos e professores nas decisões administrativas. Nos anos seguintes, a comissão trabalhou junto aos países, sem entretanto obter a tranquilidade de trabalho diante de um movimento estudantil vigoroso que se articula em uma frente pela educação. Com o fim da Guerra Mundial, em 1945 e criação da OEA, o Panamá voltou a apresentar um projeto de restituição do antigo nome da universidade, retomando o sistema da antiga universidade. O entusiasmo inicial de criar um projeto com o conjunto dos países no campo da educação havia passado. A expectativa dos países latino americanos após a 2ª Guerra era entender o novo desenho da conjuntura política, as relações entre os perdedores e os vencedores da guerra, os blocos de interesses, as políticas de alianças entre os países e descobrir qual seria seu papel no cenário internacional. Em 1º de março de 1946, o Congresso Nacional Panamenho ratifica a nova constituição do país e com ela,



o compromisso de autonomizar o funcionamento da Universidade do Panamá, antigo sonho dos primeiros fundadores da instituição.

Revista Letras Brasileñas

Entre as muitas publicações editadas no período do presidente Getúlio Vargas (1930-1945; 1951-1954) por intelectuais ligados ao governo podemos citar em especial uma publicação, editada em 1936, que circulou no Brasil, em instituições europeias e na América Hispânica e que tinha como objetivos: difundir as realizações e o pensamento do novo governo, estabelecer conexões culturais com os países vizinhos e firmar uma posição de liderança do Brasil no cenário regional.

Chamava-se *Letras Brasileñas. Cuadernos de Divulgación en idioma español de Literatura, Artes y Ciencias del Brasil* e reuniu destacados intelectuais das artes, literatura, música, concedendo lugar de destaque aos principais ideólogos do governo Vargas, como Francisco Campos, Gastão Ferreira de Almeida, Oliveira Vianna, entre outros.

Tento mostrar nesse estudo, a circularidade das ideias do Estado Novo em países da América Latina, pelas palavras de intelectuais, criadores dos principais pilares da Nova Ordem bem como de escritores, poetas e jornalistas, que viam naquele periódico um espaço de trocas literárias com a América Latina. Além dos já citados, mencionaria os escritores Rubens do Amaral, Cecília Meireles, Menotti del Picchia, Luiz da Câmara Cascudo, Monteiro Lobato, Sergio Milliet, Adalgisa Nery, Murilo Mendes, Faustino do Nascimento, Paulo Eiró, Diná Silveira de Queirós, dentre dezenas de outros intelectuais. Pretendo também refletir sobre a estratégia do Governo Vargas de mostrar, via *Letras Brasileñas* que não havia incompatibilidade política alguma entre o projeto nacional-desenvolvimentista e a fundação de uma sociedade moderna, com o regime autoritário, de supressão de liberdades, instalado em 1937.



Edição 1941 de *Letras Brasileñas*.
Acervo USP.

Dirigida pelo jornalista e fotógrafo paulista Eulico Mascarenhas de Queirós, *Letras Brasileñas* começou a circular em 1936, com 10 mil exemplares distribuídos no Brasil, em países de língua hispânica e na Europa. Era editada pela “Toda a América- Sociedade Comercial Limitada”, em São Paulo. Deixou de circular por alguns meses e voltou em 1940, modificando seu título e ampliando sua área de cobertura para além da cultura, em pleno Estado Novo. Passou a denominar-se “*Letras Brasileñas. Revista Brasileira de Intercâmbio Cultural Pan-americano. Cadernos de Divulgação em Idioma Espanhol de Literatura, Ciências, Arte, Jurisprudência, Indústria e Comercio do Brasil*”. Os redatores para a língua espanhola eram P. Núnéz Arca, Luiz Armando Sánchez e Álvarez Alonso.

Muitos dos intelectuais citados não participaram mais com seus artigos, após 1937, uma vez que se posicionaram contra os



Relançamento da Revista
Letras Brasileñas, 1940

rumos do governo. Caso, por exemplo, de Cecília Meireles.

A Revista era editada em São Paulo, na Rua Líbero Badaró, 314, 3º andar e em seu primeiro editorial assinado por Paulo de Campos Moura, escrito em português, fica transparente a adesão do governo Vargas ao pan-americanismo e aos propósitos de reforçar os laços culturais e políticos com os países vizinhos. Com o título “Para unir-se e amar-se é preciso conhecer-se”, as palavras iniciais da Revista demonstram que o desencanto com a Europa, envolvida na 2ª Guerra, apontava para novas possibilidades de união entre os países sul americanos. Assim defende o editor de Letras:

“No momento sinistro em que a humanidade sofre os golpes mais tremendos, sentimos no âmago da alma o palpitar de uma evolução que se processa através de todos os perigos e todas as ameaças. A Europa arde nas piras destruidoras entre chamas cada vez mais inflamadas pelo ódio dos homens. Inexpressivos são os tratados de paz, efêmeros são os pactos que não se fundam no espírito dos princípios, que identificam ideais, coincidem anseios, e fundem forças, fatores que estruturam a eternidade de uma civilização. A cultura é a base da reciprocidade humana, é o fundamento do progresso, e a causa de glórias. A presente revista, com o intuito de intensificar o intercâmbio cultural americano, cumprindo um dever de solidariedade e prestando uma homenagem aos povos hispano-americanos, com esse número inaugura uma era de grandes iniciativas que, buscando a simpatia dos irmãos continentais tenta traçar o programa de um contínuo contato intelectual, símbolo da compreensão justa que têm os brasileiros de colaborar na expansão das letras, das ciências e das artes dos povos vizinhos. (...) O Brasil atualmente passa por uma época violenta de transição e os brasileiros respirando os eflúvios que se desprendem de uma terra fecunda, têm seus cérebros ferventes, ansiosos de produzir uma literatura cada vez mais original. É preciso, entretanto (sic), que sejamos compreendidos na alta fidelidade que nos inspira afim de que tenhamos realizado o grande ideal de cooperação cultural interamericana seja uma realidade”. (editorial Letras Brasileñas, nº1, 1936).

O editorial estabelecia um compromisso de criar uma editora para traduzir e publicar os livros de língua hispânica, ao menos os mais representativos, para que a cultura dos países vizinhos fosse conhecida.

Getúlio Vargas, em todos os vários momentos de seu governo, compôs com intelectuais que confluíam, senão totalmente ao menos parcialmente com seus interesses nas áreas da educação, cultura, política, economia, administração. Entretanto, aqueles que ocupavam os papéis substanciais de ideólogos do governo, desde os primeiros momentos da “Revolução de 30” e depois na nova ordem política do Estado Novo tinham lugar privilegiado na Revista.

Nas páginas de *Letras Brasileñas*, o que vemos, são os típicos intelectuais, a que se refere Edward Said, que são chamados para atestar práticas e validar verdades.

Na edição nº 1, de abril de 1940 a coluna “*Libros, hombres, ideas del Estado Nuevo*” com subtítulo descrito: *Suplemento Legislación Social y Privada del Nuevo Régimen Político del Brasil*, da página 3 a 5, indica os principais livros editados no Brasil que dão suporte jurídico e constitucional à mudança que ocorriam naquele momento. Uma delas: a “Revista Forense” publicação de doutrina, jurisprudência e legislação, escritas pelos brasileiros Bilac Pinto e Carlos Medeiros Silva com a colaboração de jornalistas de língua espanhola. Nessa coluna, o autor Nuñez Arca procura mostrar que a organização d nova fase do governo concebido pelo presidente

Vargas, se assentava “em uma moderna legislação e copiosa literatura relativa à política social e econômica”. Escreve o editor:

*“quem tem seguido as Letras Brasileiras e a Legislação do Estado durante os últimos anos pode observar em tantos volumes de livros jurídicos e políticos que foram dados à publicidade, a exposição dos eixos ideológicos do novo Estado, estudando nesses livros tanto a legislação quanto a ideia dos homens que dirigem o país.
(tradução livre).*

Para Nuñez o livro básico da nova ordem, escrito pelo próprio presidente da República e publicado pela Editora José Olímpio era o “A Nova Política do Brasil”, editado em 5 volumes, escrito pelo próprio presidente Vargas, que segundo o jornalista Nuñez, expunha a “gênese do atual regime renovador do país, de acordo com a realidade do momento e suas necessidades futuras”.(p3).

“Repositório da Legislação Brasileira”, título do livro organizado por A.Coelho Branco, Rio de Janeiro, era também publicação indicada pela Revista, pois continha os decretos impressos no Diário Oficial que deveriam ser interpretados como notas explicativas dos feitos do governo. O mesmo autor coordenava a publicação Legislação Trabalhista, ambos patrocinados pelo Ministério do Trabalho que continha todas as mudanças e regulamentações da atividade trabalhista.

As indicações do editor da revista não se resumiam a comentar obras e autores, mas também indicar acervos e livrarias que possuísem livros de sustentação da Nova Ordem. Livros que abarcassem todas as áreas da organização do Estado, especialmente “A Nova Constituição dos Estados Unidos do Brasil”, com comentários e fundamentações de Augusto Estelita Lins; “O Estado Novo”, do ministro da Justiça Francisco Campos que também escreveu “Estado Nacional” ou “Os problemas Brasileiros”, livro de João Pinheiro Filho prefaciado pelo General Góes Monteiro, e que sugere as diretrizes social, econômico-financeira e política das bases construtivas do Estado Novo. (Idem, p4).

“O Estado Nacional, sua estrutura e seu conteúdo ideológico”, escrito por Francisco Campos, primeiro ministro da Instrução Pública do governo revolucionário, é a síntese no novo espírito de Getúlio Vargas, segundo o editor de *Letras Brasileñas* encontrava-se à disposição dos cidadãos para “explicar ao mundo a nova modalidade política do Brasil, evitando confusões” (Idem. p5).

O escritor Oliveira Vianna, um dos autores reunidos na obra Problemas do Direito, da editora José Olímpio “um dos pilares ideológicos de Getúlio”, segundo menciona o editor Nuñez Arca, contribuiu na formação da literatura estado novista com a obra “Cooperativo” que abordava questões sobre o Direito Público, o Direito Cooperativo e o Direito Social, inclusive a legislação trabalhista, nova área do Direito incorporada à legislação brasileira.

Outros intelectuais tais como Temístocles Cavalcanti em O Mandado de Segurança; Instituições de Direito Administrativo e Gastão Ferreira de Almeida em Supremacia entre Estado e o Direito e A nova codificação Penal ou O Direito da Crise Universal eram consagrados articulistas da Revista.

O Estado Novo forjou seus próprios intelectuais juristas e eles se esmeraram em fundamentar, justificar ideologicamente a “redução de poder do Legislativo, eleição indireta para o cargo máximo da Nação, a adoção de uma só Justiça para atender causas diferenciadas”. Enfim, todas essas medidas centralizadoras tomadas por Getúlio foram cuidadosamente elaboradas na obra: “A Constituição de 1937” e escritas pelo jurisconsulto Araújo Castro. Outros escritores juristas, como Pontes de Miranda e Carlos Xavier também deram a sua contribuição na área jurídica.

O papel do DIP- Departamento Nacional de Imprensa e Propaganda do governo, é destacado pelo editor da revista pelo fato daquele ministério ser responsável pela edição de muitos dos livros e patrocinado a divulgação de publicações dentro e fora do país. Núñez Arca assim escreve:

*“La divulgación que nos proponemos de libros, ideas y hombres del Estado Nuevo, lucha con lo reducido de esta edición para hacerlo de una solo vez; dedicaremos en cada número, para que a los juristas hispánicos, interesados por la nueva legislación brasileña, les sirva de orientación, ofreciéndonos a ellos para enviarles cualquier obra de las indicadas”.*⁷

Em “*Exposición de los motivos del Nuevo Código*”, o ministro da Justiça, Francisco Campos defende, explica e justifica a ditadura implantada em 10 de novembro por Getúlio e aliados, insistindo na inauguração de um reino da justiça onde os privilégios serão tratados (e resolvidos) pela nova Legislação:

*“Este documento legislativo já era uma imposição da Lei Constitucional de 34 e continuou sendo em 37. Mas era, sobretudo, uma imposição de alcance e sentido mais profundo: de um lado, a nova ordem política reclamava um instrumento mais popular e mais eficaz para a distribuição da justiça; por outro lado, a própria ciência do processo, modernizada em inúmeros países pela legislação e pela doutrina, exigia que se atualizasse o confuso e arcaico sistema de normas, que, variando de Estado para Estado, regia a aplicação da Lei entre nós”.*⁸

E segue:

*“O regime instituído em 10 de novembro de 1937 consistiu na restauração de autoridade e do caráter popular do Estado. O Estado marcha para o povo, no sentido de garantir-lhe o gozo dos bens materiais e espirituais assegurados na Constituição, o Estado teve que reforçar sua autoridade a fim de intervir de maneira eficaz em todos os domínios que se revistam de caráter público”.*⁹

A Revista recebe colaborações de intelectuais dos países vizinhos bem como dos países de língua hispânica. Publicava em suas colunas notas, informações sobre congressos internacionais, lançamento de livros, troca de livros dentre países, cursos em universidades, divulgação de revistas culturais, concurso cultural pan-americano (RJ), peças teatrais, publicação de livros estrangeiros, etc. Dezenas de exemplares de revistas eram enviadas para a difusão de seus trabalhos: no número 4 de Letras Brasileñas enviam para a redação exemplares da Atenea (Chile); Revista da Faculdade de Ciencias Jurídicas e Sociales (Guatemala); Revista Bolivariana (Colombia); Claridad (Buenos Aires); Asistencia (México); Letras y encajes (Colombia); Correo (UPA-EUA); Universidad de los Andes (Venezuela); Revista de Medicina Veterinária (Bogotá); Estudio (Colombia); Revista de las Indias (Bogotá); Nuestra España (Habana); Horizontes (Equador), Revista Hispânica Moderna (Venezuela); Democracia (Filipinas); Cultura Nacional (Caracas).

7 P.Núñez Arca. In *Letras Brasileñas*, 1940, p5.

8 CAMPOS. In *Letras Brasileñas*. 1940.p.6.

9 CAMPOS. In *Letras Brasileñas*. 1940.p.7.

Reflexão final

Getúlio Vargas concebia a cultura como o braço ideológico da sua política de integração econômica e social¹⁰ entre as várias regiões do Brasil e entre o Brasil e as Américas. Em seu governo, como já exaustivamente comprovado pela literatura histórica brasileira, houve uma expansão das instituições públicas, em todas as áreas, especialmente na cultura com criação de uma estrutura de ensino com cursos básicos, técnicos e superiores, com a fundação de museus históricos, e um aumento vertiginoso da produção editorial. As diferentes áreas artísticas foram regulamentadas, o rádio passou a ser o grande elo nacional.

Em torno de um projeto político nacional, a cultura, controlada com mãos de ferro por homens como Capanema, Ministro da Educação e Saúde, e Lourival Fontes, diretor do DIP,- Departamento de Imprensa e Propaganda-, ajudaria a interligar todas as regiões do país e o país ao restante das Américas.

Nesse projeto uniram-se os membros da Diplomacia Brasileira, muitos deles também jornalistas e escritores, além de educadores de diferentes matizes ideológicos, artistas, arquitetos, pensadores, empresários e políticos, entre muitos considerados pelo governo como fundamentais para a estruturação de um novo Brasil.

Os intelectuais brasileiros foram determinantes para difundir a imagem de uma Nação moderna e em vias de um grande desenvolvimento e para defender projetos e programas culturais dentro e também fora do país. A eles coube a tarefa de intermediação e de tradutores da ideologia nacionalista do governo para as grandes massas populares, dentro do Brasil, e através das legações e embaixadas diplomáticas junto à opinião pública internacional.

Para realizar sua política externa na América Latina, o Brasil fez reformas ministeriais e elaborou uma política cultural inspirada na agenda das Conferências Pan-americanas, fortalecendo a articulação entre DIP, Mistérios da Educação (e Saúde) e das Relações Exteriores, sob a direção do Itamaraty. As relações culturais com países da região passam a fazer parte de um programa que constará da agenda das relações externas do governo Vargas para a América Latina, que compreende a criação de instituições culturais fora do Brasil, exposições de livros, circulação de publicações para a formação de bibliotecas e demais ações de cooperação cultural.

A Revista *Letras Brasileñas* bem como as demais ações culturais do Brasil na América Latina a partir dos anos 40 cumpriram o papel de exaltar a liderança de Getúlio, dentro e além das fronteiras brasileiras e de fortalecer, paralelamente os pressupostos do pan-americanismo. Mas, criou, por outro lado, um espaço de comunicação e interação e convivência entre a comunidade cultural do Brasil e de países da América Latina. Quando em 1944, Cecília Meireles foi ao Uruguai em uma das Missões Culturais Brasileiras, eles já conheciam seus escritos de longa data. Muito provavelmente de *Letras Brasileñas*.

Referências Bibliográficas

¹⁰ Em uma entrevista concedida em Petrópolis, em 1938, Getúlio reafirma seus propósitos de ampliar as fronteiras econômicas e integrar todos “os brasís”, regionais, localistas a um único sistema coerente em que a “circulação de riquezas (...) se faça livre e rapidamente”. Eliminar os privilégios, a história de opulência e as desigualdades regionais formando um só Brasil, forte economicamente e culturalmente. VARGAS. BIB Presidência da Rep. Petrópolis, 1938, p. 164.

AHI-Rio de Janeiro. P19, M29. A Revisão da História e Geografia no Uruguai transformou-se na Lei 9.477, de 29 de maio de 1935. p. 108.

AHI-Rio de Janeiro. Memorando de Graça Aranha para o Secretario do MRE sobre a 1ª Conferência de Ministros da Educação no Panamá. 16 de set. 1943.

MUSSO. Luis Alberto. Bibliografía Uruguaya sobre Brasil. Publicaciones del Instituto de Cultura Uruguayo-Brasileño. Montevidéo. ICUB, n. 17, 1967.

_____. *Legislación sobre Brasil (1825-1976)*. Montevidéo: ICUB-Instituto Cultural Uruguayo-Brasileño. 1978. 319 p. Resolução nº 1.486/976. 11 de novembro de 1976. p. 239.

_____. *Legislación sobre Brasil (1825-1976)*. Montevidéo: ICUB- Instituto Cultural Uruguayo-Brasileño. 1978. 319 p. Convênio Uruguay, Argentina, Brasil e Paraguai. 5 de fevereiro de 1923. p. 105.

Nepomuceno, M.M.C. As Missões Culturais do Brasil na América Latina. *A construção de um modelo de Diplomacia Cultural no Uruguai a partir de Getúlio Vargas (1930-1945)*. Tese Doutorado, 2015. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-13092016-142012/pt-br.php>

REYS, Abdiel Rodríguez. Orígenes e Evolución. Universidad do Panamá. 75 años. Edición conmemorativa. Orígenes y Evolución de la Universidad de Panamá (studylib.es).

REZENDE, José Amando Zema de. *A cooperação intelectual Internacional da Sociedade das Nações e o Brasil (1922-1938): dinâmicas de um processo*. Dissertação de Mestrado apresentada no PPG em História Social da UnB, 2010.

Autora:

Margarida Nepomuceno, jornalista, pesquisadora-colaboradora da EACH-PROLAM, Universidade de São Paulo. Mestre e Doutora pelo PROLAM/USP em Estudos Latino Americanos. Trabalha a importância da Cultura nos processos de Integração, entre Estados e sociedade civil. Participa dos grupos de pesquisa “Dimensões do Regime Vargas” e “Ñandé”. Autora do livro “Livio Abramo em Paraguay. Entretejiendo Culturas”, 2018. É pós graduanda na Universidade Federal do Rio de Janeiro, UERJ.

INTERVENÇÃO DE PATRIMÔNIO HISTÓRIO: Proposta de reabilitação da casa Orlando em Cuiabá, Mato Grosso

Eje/Eixo Temático 1

Amanda Botelho
Daniel Silva Campos
Emily Maira
Juliana Bankow
Livia Costa

Centro Universitário de Várzea Grande - UNIVAG

Resumo

O presente artigo tem como essência os estudos sobre a casa Orlando, edifício centenário de dois pavimentos localizado no centro histórico de Cuiabá. Construído em adobe, o casarão de arquitetura eclética é um marco histórico na área central da capital, representante da era após o incremento das relações com o resto do país e o fim da Guerra do Paraguai. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é aplicar o processo de reabilitação do casarão com o intuito de evidenciar soluções, métodos e técnicas projetuais dentro dos princípios do patrimônio histórico na recuperação da Casa Orlando, buscando ao mesmo tempo suprir a necessidade de espaços instrutivos para o desenvolvimento da arte na região central de Cuiabá. Para o início dos estudos foi abordado o resgate histórico da capital mato-grossense desde o seu surgimento, história do casarão de estudos e seus métodos construtivos, as legislações federais vigentes à região de estudos para posteriormente dar início à proposta projetual. Posteriormente, o projeto arquitetônico elaborado visa abranger a reabilitação do casarão que hoje encontra-se sem uso, partindo dos estudos das técnicas construtivas, a atual situação do edifício e o diagnóstico das patologias existentes. Trata-se de um plano micro que visa incentivar e propor melhorias à Casa Orlando e ao centro histórico de Cuiabá, propondo melhorias quanto ao estilo de vida da população e para o patrimônio edificado da cidade.

Palavras-Chaves: Casa Orlando, Arquitetura, Cuiabá, práticas de recuperação social e cidadã dos espaços da memória, Patrimônio Cultural.

Resumen

Este artículo tiene como esencia los estudios sobre la casa Orlando, un edificio centenario de dos pisos ubicado en el centro histórico de Cuiabá. Construida en adobe, la mansión de arquitectura eclética es un hito histórico en la zona central de la capital, representativo de la época tras el aumento de las relaciones con el resto del país y el final de la Guerra del Paraguay. En este contexto, el objetivo

de este trabajo es aplicar el proceso de rehabilitación de la mansión con el fin de evidenciar soluciones, métodos y técnicas proyectivas dentro de los principios del patrimonio histórico en la recuperación de Casa Orlando, buscando al mismo tiempo suplir la necesidad de espacios de instrucción para el desarrollo del arte en la región central de Cuiabá. Para el inicio de los estudios se abordó el rescate histórico de la capital de Mato Grosso desde su aparición, historia de la casa de estudios y sus métodos constructivos, las legislaciones federales vigentes en la región de estudios para posteriormente iniciar la propuesta de proyecto. Posteriormente, el proyecto arquitectónico elaborado pretende abarcar la rehabilitación de la mansión que hoy se encuentra sin uso, partiendo de los estudios de técnicas constructivas, la situación actual del edificio y el diagnóstico de patologías existentes. Es un micro plan que tiene como objetivo fomentar y proponer mejoras a Casa Orlando y al centro histórico de Cuiabá, proponiendo mejoras en términos del estilo de vida de la población y el patrimonio construido de la ciudad.

Palabras clave: Casa Orlando, Arquitectura, Cuiaba, prácticas de recuperación social y ciudadana de espacios de memoria, patrimonio cultural.

Introdução

Na busca pelo ouro, Pascoal Moreira Cabral e seus bandeirantes paulistas fundaram Cuiabá a 8 de abril de 1719, num primeiro arraial, São Gonçalo Velho, situado nas margens do rio Coxipó em sua confluência com o rio Cuiabá. Em 1º de janeiro de 1727, o arraial foi elevado à categoria de vila por ato do Capitão General de São Paulo, Dom Rodrigo César de Menezes. A presença do governante paulista nas Minas do Cuiabá ensejou uma verdadeira extorsão fiscal sobre os mineiros, numa obsessão institucional pela arrecadação dos quintos de ouro. Esse fato somado à gradual diminuição da produção das lavras auríferas, fizeram com que os bandeirantes pioneiros fossem buscar o seu ouro cada vez mais longe das autoridades cuiabanas.

Em 1734, estando já quase despovoada a Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, os irmãos Fernando e Artur Paes de Barros, atrás dos índios Parecis, descobriram veio aurífero, o qual resolveram denominar de Minas do Mato Grosso, situadas nas margens do rio Galera, no vale do Guaporé.

Os Anais de Vila Bela da Santíssima Trindade, escritos em 1754 pelo escrivão da Câmara dessa vila, Francisco Caetano Borges, citando o nome Mato Grosso, assim nos explicam:

Saiu da Vila do Cuiabá Fernando Paes de Barros com seu irmão Artur Paes, naturais de Sorocaba, e sendo o gentio Pareci naquele tempo o mais procurado, [...] cursaram mais ao Poente delas com o mesmo intento, arranchando-se em um ribeirão que deságua no rio da Galera, o qual corre do Nascente a buscar o rio Guaporé, e aquele nasce nas fraldas da Serra chamada hoje a Chapada de São Francisco Xavier do Mato Grosso, da parte Oriental, fazendo experiência de ouro, tiraram nele três quartos de uma oitava na era de 1734.

Dessa forma, ainda em 1754, vinte anos após descobertas as Minas do Mato Grosso, pela primeira vez o histórico dessas minas foi relatado num documento oficial, onde foi alocado o termo Mato Grosso, e identificado o local onde as mesmas se achavam.

Todavia, o histórico da Câmara de Vila Bela não menciona porque os irmãos Paes de Barros batizaram aquelas minas com o nome de Mato Grosso. José Gonçalves

da Fonseca, em seu trabalho escrito por volta de 1780, Notícia da Situação de Mato Grosso e Cuiabá, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1866, explica a denominação Mato Grosso.

[...] se determinaram atravessar a cordilheira das Gerais de oriente para poente; e como estas montanhas são escalvadas, logo que baixaram a planície da parte oposta aos campos dos Parecis (que só tem algumas ilhas de arbustos agrestes), toparam com matos virgens de arvoredo muito elevado e corpulento, que entrando a penetrá-lo, o foram apelidando Mato Grosso; e este é o nome que ainda hoje conserva todo aquele distrito. Caminharam sempre ao poente, e depois de vencerem sete léguas de espessura, toparam com o agregado de serras [...].

Pelo que desse registro se depreende, o nome Mato Grosso é originário de uma grande extensão de sete léguas de mato alto, espesso, quase impenetrável, localizado nas margens do rio Galera, percorrido pela primeira vez em 1734 pelos irmãos Paes de Barros.

Acostumados a andar pelos cerrados do chapadão dos Parecis, onde apenas havia algumas ilhas de arbustos agrestes, os irmãos aventureiros, impressionados com a altura e porte das árvores, o emaranhado da vegetação secundária que dificultava a penetração, com a exuberância da floresta, a denominaram de Mato Grosso. Perto desse mato fundaram as Minas de São Francisco Xavier e toda a região adjacente, pontilhada de arraiais de mineradores, ficou conhecida na história como as Minas do Mato Grosso. Após a constituição do Arraial, o Porto tornou-se centro de descarga e carga dos produtos que abasteciam a região. Além de ter sido o local onde foi estabelecida a maioria das lojas comerciais, tornando-se um local de extrema importância para o comércio do Arraial de Bom Jesus de Cuiabá.

Depois das descobertas do ouro na prainha, próximo da igreja do rosário, o Porto passou a receber muitos navios carregados de vinhos, seda, porcelanas e mantimentos para abastecer a cidade. Hoje a Avenida 15 de novembro, transformou-se em ponto comercial da cidade. No passado já foi residencial, aliás o bairro do Porto era o lugar onde a elite da cidade morava (TAVARES, 2005).

Uma de suas riquezas é o arsenal da marinha, instalado durante a Guerra do Paraguai, depois foi transferido para Ladário, hoje, Mato Grosso do Sul. O prédio que foi instalado pelo exército para arsenal de guerra, atualmente abriga instalações do centro cultural administrado pelo SESC. O prédio ao longo do tempo sofreu transformações, mas ainda mantém os traços da arquitetura original (TRIGUEIRO, 2005).

O bairro localiza-se na região Oeste de Cuiabá, sua configuração espacial inicia-se na rua Tenente Coronel Duarte até a avenida Senador Metelo seguindo pela avenida São Sebastião, retornando-se à avenida Miguel Sutil até as margens do rio Cuiabá.

Ali era o centro da capital, onde tudo acontecia. Ao longo dos anos o prédio passou a ser sede de outros diversos órgãos, como Departamento de Educação, Biblioteca Pública Estadual, Escola Barão de Melgaço e Secretaria de Turismo, foi inaugurado como museu pela primeira vez em 1978 até ser revitalizado e entregue à população em 2006, possui um acervo de aproximadamente 9.500 peças que estão distribuídas salas temática nas salas I e II está o Mato Grosso Colônia, nas salas III e IV (THOMPSON, 2008).

Retrata-se o Período Imperial, época em que se desencadeou a Rusga, movimento revolucionário que opôs brasileiros e portugueses; na sala V vê-se o Mato Grosso República, no Século XX e sua economia extrativista; a VI trata da Força

Expedicionária Brasileira (FEB), homenagem aos pracinhas que lutaram na II Guerra Mundial; na sala VII está o mobiliário do Palácio Alencastro, demolido no final dos anos 60, em mais uma intervenção para “modernizar a cidade” (IHGMT, 2008).

Nesse contexto, a Casa Orlando – localizada na área de tombamento do Centro Histórico de Cuiabá – foi projetada e construída originalmente para a venda de produtos importados, gerenciados pela descendência italiana da família Orlando.

“Três irmãos italianos erguem prédio arrojado e eclético”, o Diário mostra que os irmãos Francesco, Giuseppe e Vincenzo Orlando, chegaram a capital a fim de trabalhar no comércio e na exportação da borracha. Logo, os três instalaram-se no endereço que até hoje é conhecido como a Casa Orlando.

A empresa foi fundada em 1873, na antiga Rua 1º de Março ou Rua de Baixo, e hoje na Rua Galdino Pimentel, no entroncamento Cuiabá e Campo Grande. Foi uma empresa sólida que se dedicava há décadas ao negócio de importação e exportação de borracha e transações bancárias, pois no final do século 19 e início do século 20 Cuiabá não tinha agências bancárias (TAVARES, 2005).

Em 1959, os proprietários retornaram para a Itália, deixando o comércio sobre a gerência de Egídio Laraya e Giovanino Pecora. Naquele mesmo ano, o estabelecimento tinha como gerente o senhor Humberto Santa Lucia, que permaneceu no posto até 1978, quando a Casa Orlando foi extinta, encerrando suas atividades após 150 anos presente no comércio cuiabano (TAVARES, 2005). Antes de fechar, no imóvel funcionou uma loja de materiais esportivos por vários anos. “Após 37 anos no casarão, tive que desocupar em junho de 2015 e amargando prejuízos com a alegação que o prédio seria reformado, o que não foi feito até hoje”, comentou Armando Omais, dono da Olímpica Esportes.

Edificada em dois pavimentos num terreno de esquina, o casarão teve seu pavimento térreo concebido para abrigar o comércio da família”, revela a reportagem. “Há um certo arrojo, até então não percebido em construções mais antigas nas quais predominavam a mão-de-obra desqualificada dos escravos”, acrescenta (THOMPSON, 2008).

O Centro Histórico da capital mato-grossense conta com aproximadamente 400 imóveis tombados em conjunto (Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico da capital), sendo apenas um deles tombado também isoladamente. Neste último caso, trata-se da Igreja do Rosário e São Benedito (tombado em 1975). Esses bens, estão situados em uma área tombada, que compreende, basicamente as Ruas Pedro Celestino (antiga Rua de Cima), Ricardo Franco (do Meio) e a Galdino Pimentel/7 de Setembro (de Baixo) e imediações das Ruas 27 de dezembro, Cândido Mariano, Avenida Mato Grosso, entre outros. Imóveis nessa região só podem ser reformados com o projeto aprovado pelo Iphan, como é o caso da Casa Orlando.

O seu estilo arquitetônico lembra as construções europeias. O acesso à Casa Orlando era feito por várias entradas, pelas duas ruas, que tomou como espaço em sua edificação.

Na parte inferior, a fachada era formada por quinze portas, em forma de arcos, emolduradas com baixo relevo e divididas por colunas e capitéis romanos (Imagem 01). No andar superior, em conformidade às aberturas e pilares da parte inferior, estavam dispostas portas retangulares, também separadas, umas das outras, por colunas e capitéis gregos, contrastando os estilos e formatos na mesma construção.

As sacadas, em alvenaria maciça vazada, com parapeitos ornamentados, sobressaíam alternadamente. E, para completar, uma platibanda contornava toda a edificação, camuflando o telhado e compondo ornamentalmente a fachada. (GOMES, 2005, p. 58).



Imagem 01: Casa Orlando
Fonte: Paulisson Miura, 2018.

Nesses termos, conforme Conte e Freire, esse é um exemplo do estilo arquitetônico Eclético que começa a fazer parte da cidade de Cuiabá no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, tendo por característica principal a base neoclássica com o excesso decorativo nas edificações: Estilo muito combatido pelo movimento modernista que o precedeu, exatamente por esses excessos e por não refletir as novas técnicas construtivas existentes.

Em Cuiabá, muitas construções tradicionais coloniais tiveram suas fachadas neoclassicizadas ou ecléticas. (CONTE; FREIRE, 2005, p. 48). Exemplo do processo citado pelo autor, de eclética da arquitetura cuiabana é a Casa Barão de Melgaço⁷⁴, localizada na área do

entorno Setor Barão de Melgaço, construída em 1802.

Foi a residência do almirante Augusto Leverger por 43 anos, citado como um dos comandantes do Batalhão dos Voluntários da Pátria, mobilizados para a defesa da capital durante a Guerra do Paraguai, mesmo sem ter ocorrido os confrontos na cidade, o almirante receberia muitas homenagens como salienta Elizabeth Madureira de Siqueira⁷⁵ entre elas o título de nobreza Barão de Melgaço e assumido a presidência da Província por cinco vezes.

A chegada da família Orlando começou com a chegada de Francisco Orlando, que nasceu em Molitno, sul da Itália. bSenhor Orlando, casado com Cuiabana Balbina do Amarante, irmã do Coronel Manuel Corsino do Amarante. Ele e RafaelitoVerlangieri (RafaelitoVerlangieri), outro italiano em Salerno, co-fundaram a Verlangier&Orlando Commercial Company.

O prédio foi construído pelos irmãos italianos João e José Sardi. Em 1921, o proprietário da residência Casa Orlando voltou à Itália e confiou a empresa aos gerentes Egidi Laraya e Giovanino Pecora. Em 1959, o gerente era o Sr. Humberto Santa Lúcia, permaneceu no cargo até 1978até que a Casa Orlando tivesse 105 anos de destaque no comércio Cuiabano, seu cargo foi extinto e encerrado suas atividades (TRIGUEIRO, 2005).

Pode observar a tamanha importância desta família na cidade de Cuiabá, como o desenvolvimento do comércio e da logística, ou seja, a comercialização de produtos importados, enquanto a Casa Orlando atuou na capital há 105 anos como banco, padaria, papelaria e pequena loja de departamentos Central, sendo essa um marco do espírito empreendedor na região.

Desenvolvimento

O imóvel de estudo possui estilo arquitetônico eclético, compatível com outros imóveis construídos no mesmo século. A proposta é adotar a mesma metodologia arquitetônica do trabalho em estudo na proposta de reabilitação, buscando as mínimas modificações possíveis na implantação da Casa Orlando para a população, conforme preconiza as normativas do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) quanto às intervenções em imóveis históricos.

O projeto de referência busca preservar os mesmos ritmos de aberturas das fachadas e o método construtivo dos imóveis, propondo apenas poucas modificações

internas, como instalação de divisórias reversíveis, conforme a figura a seguir.

Conforme a Prefeitura Municipal de Cuiabá, o imóvel possui 25 metros de testada em ambas fachadas. O terreno de aproximadamente 725,07² têm 630,38m² de área construída, correspondendo a 86,94% de taxa de ocupação.

A alta taxa de área construída em lotes em Centros Históricos é um problema recorrente pelas edificações que nelas são edificadas, terem sido construídas antes da vigência de legislações de Uso e Ocupação do Solo, não sendo incomum encontrar imóveis sem nenhuma taxa de permeabilidade.

Os elementos destinados a substituir as partes destruídas ou em falta da edificação deverão se integrar harmonicamente ao conjunto, distinguindo-se do original, sempre levando em consideração os conhecimentos a respeito do patrimônio histórico, juntamente com o reconhecimento do valor histórico e arquitetônico e conhecimento dos antigos processos e materiais de construção.

De acordo com Martinez (2001) a diversidade de usos do centro histórico também é um fator de grande importância para a preservação das áreas de interesse histórico. Hugony (2008) afirma que o conceito de preservação dos centros históricos deveria ser único e aceito universalmente. No entanto, essa concepção não será possível, pois, em cada cidade existe uma legislação normativa específica, e no conflito dos distintos valores do patrimônio histórico construído, como valor cultural, turístico e econômico. A autora salienta que um dos fatores que pode ser universalmente aceito é componente de sustentabilidade que são facilmente identificados em qualquer solo urbano.

O período histórico que marcou o surgimento dessas políticas voltadas para a renovação urbana foi da II Guerra Mundial por meio da criação de novos modelos de planejamento e desenvolvimento urbano nas cidades destruídas pela guerra.

De acordo com Duarte (2005) a Renovação Urbana significa a substituição das formas urbanas atuais por outras mais modernas. Esse tipo de proposta pode ter ações que sejam pontuais ou mais abrangentes, atingindo uma determinada região e melhorando a sua malha urbana.

A Preservação Urbana ocorre entre as décadas de 1970 e 1990. Considerado um novo promoveu a mudança dos tipos dramáticos de renovação urbana, pois, existiu um sentimento de nostalgia sobre a preservação dos elementos históricos e significativos que representava uma cultura local. Esse novo conceito passou a ser aderido pela elite, intelectuais jornalistas e pela opinião pública. Esse período significou a valorização da memória cultural e o marco da defesa do Patrimônio.

Dessa forma, o espaço será utilizado como um meio de democratização da arte na periferia, através do Movimento Rota. Com o objetivo de incentivar o lado artístico de uma parcela da população, a qual, não possui condições monetárias para realizar atividades voltadas a área.

A utilização da Casa Orlando como um movimento artístico, deu-se devido ao espaço apresentar várias divisões, as quais, poderiam ser divididas em salas para atender diferentes movimentos artísticos.

Os espaços da Casa Orlando serão utilizados de acordo com a divisão de cada área artística, atendendo as seguintes artes: bordado; crochê; pintura; música; dança e grafite.

O Movimento Rota é um projeto sociocultural mato-grossense, fundado por André Gora, em 2015. André percebeu que a cidade não oferecia opções culturais que juntassem diferentes tipos de arte como grafitti, artes plásticas, fotografia e música, por esse motivo resolveu criar o movimento para que as pessoas pudessem ter mais opções e facilitar o acesso a arte em geral na capital. O Movimento frequentemente

realiza exposições artísticas nas praças de Cuiabá.

O projeto visa ensinar pessoas carentes, com atividades relacionadas ao âmbito artístico, com o objetivo de reduzir a criminalidade e fornecer outra forma de renda para essas pessoas. Atualmente, o movimento possui um local para desenvolver as suas atividades, todavia, o espaço é precário. Sendo assim, a casa Orlando seria um local ideal para possibilitar o desenvolvimento do projeto e auxiliar em seu crescimento.

Além disso, o movimento se destacou e conseqüentemente, passou a ser conhecido pelo poder público em âmbito municipal e estadual. Principalmente, após a iniciativa de produção do Choice Day e Street Store. Atualmente, o projeto realiza colaboração com a Secretária Municipal de Cultura, Esporte e Turismo, da Prefeitura Municipal de Cuiabá.

A distribuição dos ambientes aconteceu com objetivo de gerar funcionalidade a edificação, e principalmente, atender a proposta realizada. No térreo, encontra-se a área de exposição fechada, e na área externa, encontra-se a área de exposição aberta, nesses espaços os trabalhos realizados pelos alunos seriam expostos, e além disso, poderiam ser comercializados. A cafeteria, também localizada no térreo, com intuito de ser um ambiente de fácil acesso, para atender os alunos e visitantes da Casa Orlando. Fora isso, no térreo estão localizados a recepção, a administração, os espaços para funcionários e por fim, uma loja comercial, voltada para a rua Galdino Pimentel, para a venda de telas e artesanatos desenvolvidos pelos alunos do projeto.

Em relação aos ambientes do primeiro pavimento, todos com exceção do depósito foram destinados para espaços de aprendizagem, com a sala de pintura, sala de música, sala de dança e sala de grafite. A setorização das salas no primeiro ambiente, possibilita a interação entre todos as artes disponíveis no projeto, e também, proporciona uma área mais silenciosa, por ser um espaço sem grande movimentação de pessoas.

A elaboração do projeto, visou principalmente a alteração mínima de layout na edificação, dessa forma, foram realizadas pequenas alterações para atender de forma adequada o novo projeto. Entre elas, é de grande importância destacar a escada circular implantada no espaço para exposição fechada, além de contribuir esteticamente com o ambiente, a escada possibilita o acesso ao primeiro pavimento, sem a necessidade do aluno ou visitante deslocar-se para fora da edificação e utilizar a escada já existente, com acesso pela rua Galdino Pimentel.

Ainda no térreo, os espaços anteriormente utilizados como banheiro, escritório e cozinha, foram readequados com a implantação de novas vedações, pois a configuração existente não atenderia a criação de novos espaços propostos para funcionários, como a copa, a área de descanso, o Depósito de Materiais de Limpeza e depósito. Assim, como a área para funcionários, as paredes existentes no espaço, a qual,

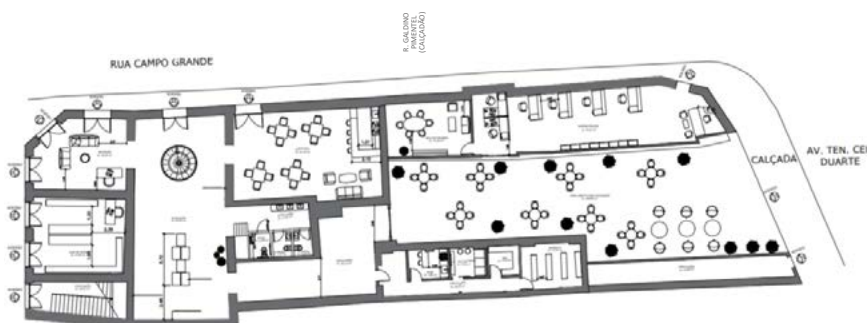


Imagem 02 - Planta Baixa Humanizada Térreo
Fonte: Próprios autores.

está localizada a administração também foram retiradas, com intuito de atender as necessidades do ambiente e gerar funcionalidade (Imagem 02).

Além disso, a passagem existente entre o espaço da cafeteria até a administração foi retirada, pois o acesso poderia prejudicar os funcionários da administração, que requerem mais concentração e silêncio. Na loja proposta no projeto, também existiam parede que não se adequavam a proposta do espaço, dessa forma, foram retiradas. O banheiro do térreo também passou por readequação para possibilitar acessibilidade.

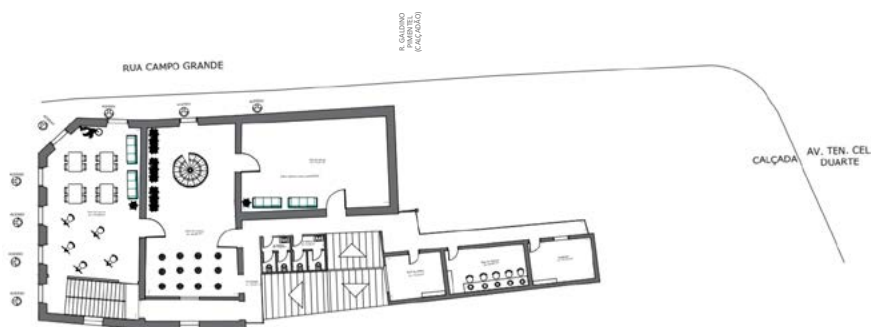


Imagem 03 – Planta Baixa Humanizada 1º Pavimento
Fonte – Próprios autores.

Por fim, foram realizadas aberturas na edificação, uma localizada no espaço para exposição fechada até a área de circulação, que posteriormente, possibilitaria o acesso a área de exposição aberta. Também foi realizada uma abertura de acesso ao espaço de funcionários (Imagem 03 e 04).

No primeiro pavimento ocorreu o fechamento de acesso a sala de pintura, tonando o local mais privado. Também, houve o fechamento de uma abertura localizada na sala de dança, pois o espaço apresentava duas aberturas, sendo necessário apenas uma para atender o fluxo de alunos.

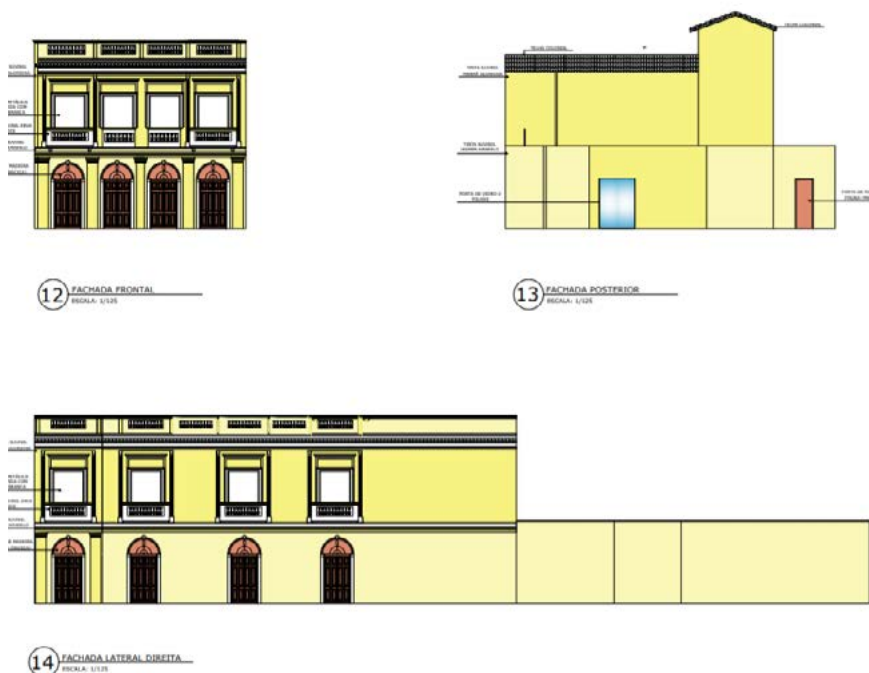


Imagem 04 – Fachadas.
Fonte – Próprios autores.



Imagem 05 – Área de Exposição Fechada
Fonte – Próprios autores.



Imagem 06 – Área de Exposição Fechada
Fonte – Próprios autores.



Imagem 07 – Cafeteria
Fonte – Próprios autores.



Imagem 08 – Área externa
Fonte – Próprios autores

Conclusões

A Casa Orlando é um edifício histórico que representa a cultura da sociedade cuiabana e para prolongar a sua durabilidade deve ser atribuído o direito de uso. Foi realizado um estudo com novas tecnologias para garantir a compatibilidade entre edifícios as necessidades atuais da sociedade e o conforto dos novos usuários. A intervenção realizada neste projeto de reabilitação do edifício fortaleceu a integração no ambiente construído existente, com novas propostas que foram feitas para reabilitar respeitando as características do imóvel. A preservação de edifícios históricos deve estar em conformidade com práticas da sociedade que garantem a permanência do patrimônio, mas também garantem a permanência do patrimônio proteja o meio ambiente para as gerações futuras.

Para elaboração do projeto arquitetônico de um Centro artístico que promova oportunidade a sociedade, foi necessário um estudo da região, o que evidenciou o déficit dessa tipologia de ensino. Compreendendo a necessidade de preservação e conservação do nosso patrimônio, visto a pensar nas futuras gerações.

Concluiu-se a necessidade da implantação do centro artístico. O objetivo de aplicar este espaço surgiu por acreditar que pessoas possam ter acesso com mais facilidade a arte em geral, levando pequenos hábitos e gestos para suas casas, repetindo na comunidade no bairro. Assim garantindo a melhoria da qualidade de vida da população, e tornando a geração do futuro com pensamento consciente em relação a conservação e preservação do patrimônio histórico.

Referências bibliográficas

TAVARES e VAZ. **Fotografia Jornalística e Mídia Imprensa: formas de apreensão.** Revista Famecos. Porto Alegre, nº27, quadrimestral, agosto/2005, p.125- 138.

THOMPSON, J. B. **A Mídia e a Modernidade.** 10ªed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2008.

TRIGUEIRO, O. M. **A espetacularização das Culturas Populares ou produtos folkmediáticos.** Comunicado apresentado no Seminário Nacional de Políticas Públicas para Culturas Populares, em fevereiro 2005, Brasília/DF, MinC.

VIANNA, H. **Tradição da mudança: a rede das festas populares brasileira.** Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Nº 32, 2005

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO. Nominata dos Sócios. Cuiabá, IHGMT, 1998. (Publicações Avulsas, 6).

Autores

Amanda Botelho. Acadêmica do curso de sétimo período de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Várzea Grande. amndabotelho@gmail.com

Daniel Silva Campos, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Várzea Grande. daniel.campos@univag.edu.br

Emily Maira, acadêmica do curso de oitavo período de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Várzea Grande. emilymaira21@gmail.com

Juliana Bankow, acadêmica do curso de oitavo período de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Várzea Grande. julianakarolinaboff_@hotmail.com

Livia Costa, acadêmica do curso de oitavo período de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Várzea Grande. livia.borges@hotmail.com

A EXPERIÊNCIA DO COLETIVO CHÁCARA DAS JABOTICABEIRAS Para Preservar a História, a Paisagem, os Valores Sociais e Ambientais de uma Parcela do Território da Vila Mariana em São Paulo

Eje/Eixo Temático 1

Maria Albertina Jorge Carvalho
Coletivo Chácara das Jaboticabeiras

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo apresentar a experiência do “Coletivo Chácara das Jaboticabeiras”. Tal experiência retrata a participação da sociedade civil organizada na luta para preservar a paisagem, os valores sociais, ambientais e a história impressa em uma parcela do território do distrito da Vila Mariana em São Paulo, SP, Brasil. Em 2019 o Coletivo formado por moradores, frequentadores e apoiadores da causa organizou-se para desenvolver a pesquisa, reunir a documentação necessária para comprovar o valor local e solicitar à prefeitura do município de São Paulo o Tombamento¹ da ambiência do conjunto urbano. Este conjunto urbano foi nomeado pelo Coletivo como “Chácara das Jaboticabeiras”. Os órgãos competentes reconheceram em setembro de 2019 o valor local e abriram a investigação para definir os parâmetros que garantam a preservação. Processo, todavia, inconcluso.

Palavras-chave: **Chácara das Jaboticabeiras, tombamento, patrimônio histórico, participação cidadã, córregos ocultos.**

Resumen:

Este trabajo tiene como objetivo presentar la experiencia del “Coletivo Chácara das Jaboticabeiras”. Tal experiencia retrata la participación de la sociedad civil organizada en la lucha por preservar el paisaje, los valores sociales y ambientales y la historia impresa en una parte del territorio del distrito de Vila Mariana en São Paulo, SP, Brasil. En 2019 se organizó el Colectivo formado por vecinos, frequentadores y simpatizantes de la causa para desarrollar la investigación, reunir la documentación necesaria para demostrar el valor local y solicitar al Intendencia de São Paulo que incline el ambiente del conjunto urbano. Este conjunto urbano fue nombrado por el Colectivo como “Chácara das Jaboticabeiras”. Los órganos competentes reconocieron en septiembre de 2019 el valor local y abrieron la investigación para definir los parámetros que garantizan la conservación. Sin embargo, el proceso está inconcluso.

1 Adotaremos a palavra “tombamento” como sujeito, utilizando-a com “T” maiúsculo ao longo do texto.

Palabras clave: **Chácara das Jaboticabeiras, patrimônio histórico, participação cidadana, arroyos ocultos.**

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar a experiência do “Coletivo Chácara das Jaboticabeiras”. Tal experiência retrata a participação da sociedade civil organizada na luta para preservar a paisagem, os valores sociais, ambientais e a história impressa em uma parcela do território do distrito da Vila Mariana em São Paulo, SP, Brasil.

Em 2018 um grupo de vizinhos percebeu que aquele núcleo, encravado em uma gruta, com nascentes, curso d’água, uma urbanização particular e quase centenária, estava ameaçado. A mudança morfológica na trama tradicional da Vila Mariana se intensificou no início dos anos 2000, o que levou a uma transformação da paisagem quase completa em muitas de suas ruas. A velocidade e intensidade dessa mudança se mostrou mais agressiva a partir de 2016, quando nova legislação foi aprovada pela Câmara Municipal de São Paulo. A proteção na versão anterior da Lei deixou de existir. O grupo reagiu, formou um “Coletivo”² de moradores e apoiadores, estudou a situação, contratou profissionais e entrou com pedido de Tombamento em 3 de maio de 2019 no Departamento de Patrimônio Histórico (DPH), órgão municipal competente.

A extensa documentação organizada pelo Coletivo e o aprofundamento da compreensão dos valores ali impressos motivou o engajamento de outros atores e moradores da cidade. Os técnicos do DPH e Conselheiros do CONPESP (Conselho de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo) reconheceram o valor da área e votaram a favor da Abertura de Processo de Tombamento (APT) em setembro de 2019 (Resolução 11/2019), etapa 1 do Tombamento.

Esta experiência vincula-se ao “Eixo 1 - Habitat, Cidadania e Participação”. Acreditamos, nos faz refletir a respeito do “habitat ampliado”, termo adotado na descrição deste eixo³.

A área em questão pode ser identificada como “miolo” do quadrilátero formado pelas Ruas Domingos de Moraes, Joaquim Távora, Humberto I e Avenida Conselheiro Rodrigues Alves. Quadrilátero que conta com a Estação Ana Rosa do Metrô em uma de suas esquinas com terminal de ônibus de pequeno porte e uso comercial intenso. O anel externo do quadrilátero volta-se à cidade, suas conexões e agitação; o miolo com três vias estreitas e irregulares, duas praças, duas pequenas vilas, compõem um ambiente especial. A imagem 1 apresenta a delimitação do perímetro de Tombamento solicitado em maio de 2019, a divisão em lotes, as nascentes internas aos lotes da Praça Arquimedes da Silva e o córrego Guariba, canalizado no meio da quadra que separa a Ruas Benito Juarez da Cel. Artur Godoi. O pedido de Tombamento encaminhado solicitou a preservação do conjunto urbano e da paisagem, valorizando a ambiência local.

² Termo adotado no início do século XXI no Brasil para identificar o agrupamento de pessoas que se mobilizam a favor de uma causa.

³ (...) “incorporando o acesso à moradia e à cidade, a articulação dos espaços públicos, semipúblicos e privados, e, estabelecendo-se uma relação cognitiva com os lugares de vida, que estruturam o sentido de pertencimento e identificação, possibilitando sua apreensão. Esta ideia de habitat ampliado se configura como um processo que contribui para a existência de uma vida coletiva e possibilita a construção de uma identidade comunitária e cidadã, objetivando incentivar experiências e práticas para a construção de cidades mais justas e humanas.” (2021, descrição Eixo 1. Recuperado de <https://tallertotal2021.wixsite.com/5encontro/eixos>, grifo nosso)

A forte convicção inicial da necessidade de preservar o local estava baseada na percepção do lugar; nas sensações que as pessoas sentiam ao estar ali. Também nas surpresas causadas aos visitantes ao ver uma São Paulo diversa do imaginário da sede agitada da grande metrópole. Ares de interior, silêncio que permite ouvir os pássaros e o barulhinho d'água correndo. Ao invés de correr, andar devagar. Encontrar vizinhos para conversar. Como dito por alguns, um oásis encravado em uma área de boa centralidade, intensa agitação e constante transformação. Sua preservação garantirá a expressão de um modo de urbanizar comum à vila Mariana nos meados do século XX, assim como do modo de viver das famílias ali presentes há gerações,



Imagem 1 - Delimitação do Perímetro solicitado, configurado como miolo do quadrilátero. Imagem elaborada a partir do Mapa Digital da Cidade, dados das quadras fiscais, atualização em campo, visualização de imagens aéreas (Google e Drone particular), consultas feitas no período de fevereiro de 2019. Imagem produzida por Maria Albertina Jorge Carvalho e Telma Borges de Santos para o relatório de pedido de tombamento protocolado em maio de 2019.



Imagem 2 - Vista aérea de grande parte do quadrilátero. Plano frontal, lotes e edificações de grande parte da Rua Domingos de Moraes. No último plano a linha de edifícios altos da Rua Humberto I. O miolo a ser preservado fica evidente, como conjunto harmonioso de edificações baixas mesclando telhados vermelhos e coas das árvores das ruas e quintais. Fonte: Google Earth, acesso em 07/03/2019.

que entrelaçaram suas vidas e constantemente tem agregado novos partícipes. Enquadra-se como patrimônio não monumental.

A solicitação de Tombamento se estruturou em três eixos de relevância: o valor histórico; a importância social dadas as relações afetivas e de pertencimento construídas com o tempo e a importância ambiental. Trabalhou-se em seis linhas de argumentação:

(1) A relevância das relações sociais e afetivas presente na população residente e frequentadora do miolo em questão. Só a garantia de preservação do ambiente urbano que lhe dá sustentação poderá manter vínculos. O pertencer e compartilhar identidade.

(2) A relevância da paisagem característica do modo de morar em lotes, sobradinhos, árvores e vegetação de quintais e jardins entrelaçados e sobre as edificações. Tal modo de morar que promove “vivência de vizinhança”, pode ser identificado como a “vila mariana tradicional”, consolidada em meados do século XX. Esta se vê ameaçada de desaparecer como registro para as próximas gerações.

(3) Garantir a permanência do traçado original dos loteamentos inseridos no perímetro demarcado; o “Villa Jaboticabeiras”, de Prestes Maia e Bayman e o projetado pelo escritório Paulo Taufik Camasmie, documentados na década de 1920.

(4) A fragilidade ambiental, no que tange às condições topográficas, hidrográficas, geológicas, de vegetação e fauna.

(5) A insuficiência da infraestrutura local para suportar uma mudança de tipologia que leve a um adensamento populacional e construtivo maior, seja por seu sistema de circulação, de drenagem ou coleta de esgoto.

(6) A ameaça iminente impulsionada pela legislação urbanística que desconsiderou estudos detalhados para identificar as áreas de exceção não visíveis na macro escala.

Solicitou-se a criação de restrições, elaboração de planos e incentivos:

- Restrição às mudanças na configuração dos logradouros públicos (vias, praças e canteiros); ao remembramento de lotes; à altura das edificações; à mudança do tipo de pavimentação; à diminuição das áreas vegetadas e agressão às características naturais.
- Elaboração de Plano de Manejo e Monitoramento da flora, fauna, águas e da grota. Visa minimizar conflitos hoje existentes, com propostas de melhorias e restrição ao agravamento, além de garantir manutenção do que for admitido como satisfatório.
- Elaboração de Plano de melhorias e recuperação dos logradouros públicos com o intuito de aproximá-lo aos aspectos originais e mantê-los com boa qualidade de conservação.

As características e qualidades das construções existentes não foram objeto de análise e solicitação para Tombamento. Embora, não se descarte que poderão, no futuro, ser identificados como casos de interesse à preservação.

O desenvolvimento do texto abordará os seguintes tópicos:

- características históricas, morfológicas, sociais, ambientais e de legislação
- o histórico da formação do grupo, etapas do processo e metodologia de trabalho
- a estrutura municipal que rege o Tombamento no município de São Paulo
- a Chácara das Jaboticabeiras em debate no CONPESP – anotações preliminares



3



4



5



6



7

Imagem 3 – Edificação ocupada à época pelo Café Quinto Pecado, referência na vizinhança. Foto do acervo do Coletivo Chácara das Jaboticabeiras publicada em Post do coletivo no Instagram em 28/04/2019.

Imagem 4 – Calçadas estreitas, tranquilidade e hábito de andar a pé no ir e vir para escola, comércio e vizinhos. Foto do acervo do Coletivo Chácara das Jaboticabeiras. Publicada em Post do Coletivo no Instagram 2019.

Imagem 5 – Foto do Evento Caminhada Cultural na Chácara das Jaboticabeiras promovido pelo Coletivo Chácara das Jaboticabeiras. Praça Damásio, 28/04/2019. Foto Eli K. Hayassaka.

Imagem 6 – Frequentador do Café Quinto Pecado. Foto do acervo do Coletivo Chácara das Jaboticabeiras.

Imagem 7 – Atividade com crianças no Evento “Jornada do Patrimônio 2019”. Organizada pelo Coletivo em associação ao evento anual programado pelo DPH para difusão do patrimônio da cidade. A municipalidade estimula a ação dos agentes locais. O Coletivo organizou exposição das características históricas e ambientais, espalhadas pela Rua Fabrício Vampré e Pça Arquimedes da Silva. Associou aos painéis caminhadas, falas, brincadeiras e música. Foto M. Albertina J. Carvalho, agosto, 2019.

Características históricas, morfológicas, sociais, ambientais e de legislação

Apesar da fundação do município de São Paulo datar de 1554, a ocupação efetiva do território da Vila Mariana se desenvolveu a partir das primeiras décadas do século XX e se consolidou na década de 1960 com construções residenciais de pequeno e médio porte, ainda que contasse com empresas, indústrias e imóveis institucionais. Caracterizava-se como bairro de classe média e, como quase toda São Paulo, com a presença de imigrantes.

Na década de 1970 a região foi impactada por mudanças no sistema de circulação e transporte. Foi executado o alargamento de vias e demolições vinculadas à instalação de três estações de metrô, entre ela a Ana Rosa. Destaca-se o redesenho do eixo da Av. Vergueiro e Rua Domingos de Moraes, vias estruturais na cidade.

Etapa mais recente de transformação vem se sobrepondo à morfologia urbana consolidada. Ganhou especial velocidade e força a partir da aprovação do PDE 2014 e da e LPUOS 2016. Nesta etapa, a transformação não se dá por mudanças das vias ou espaço público, que permanecem os mesmos, mas pela substituição das edificações e lotes de pequeno porte pela construção de grandes empreendimentos que promovem a verticalização do bairro. A mudança na paisagem e ambiência é clara aos visitantes e moradores. A Chácara das Jaboticabeiras passou a ser alvo dessa mudança.

Para entender a relevância histórica e de ambiência a ser preservada, buscamos identificar o processo de ocupação específica do território da “Chácara das Jaboticabeiras” (CJ)⁴.

Segundo pesquisa feita por Pedro Campos Masarolo (1971), relatada em “história dos bairros – Vila Mariana”, antes do início do século XX as informações eram raras, soltas e sem referência clara. Nas Atas da Câmara Municipal de São Paulo as menções a respeito do local aparecem após 1887, sem detalhes, focadas no objetivo de tratar do Matadouro Municipal instalado no Bairro em 1886 (p.12). O autor indica que os primeiros moradores da região parecem ter se instalado por volta de 1820, estabelecidos onde hoje está a caixa d’água. As referências identificadas em documentos são menções por estar no “caminho do carro”, visto fazer parte do percurso para Santo Amaro e a Estrada do Vergueiro (descida da serra), entre outras ligações. A ocupação foi se dando a partir de pontos de parada, sem plano formal estabelecido. (Masarolo, 1971, p.52).

4 Adotaremos a sigla CJ para identificar “Chácara das Jaboticabeiras”.

A falta de documentos que retratassem os primórdios da ocupação fez com que o autor se valesse da estratégia de ouvir antigos moradores. Moradores ontem e hoje são patrimônio da memória local. Esse é um valor intrínseco à CJ, que mescla moradores antigos e novos. Cinquenta anos se passaram desde que Masarolo nos presenteou com seu estudo. Assim sendo, os mapas históricos oficiais tem sido o registro físico do que havia no território. Base importante para nosso estudo foi a Planta Geral da Cidade de São Paulo de 1905, elaborada por engenheiros da Comissão Geológica e utilizada pelas repartições públicas.

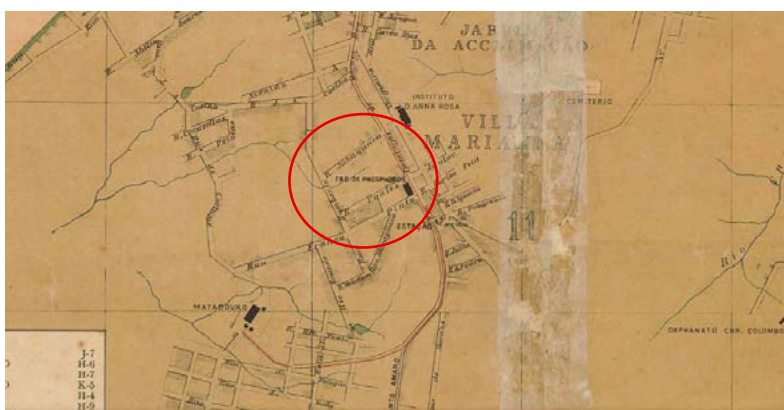


Imagem 8 – Recorte da Planta Geral da Cidade de São Paulo de 1905 para identificar o registro da área de estudo, fonte Geosampa, acesso em fev. 2019.

LEGENDA	
DELEGADOS	DISTRICTOS DE PAZ
Primeira Norte da S.	1 Norte da S.
Segunda Sul da S.	2 Sul da S.
terceira N. Epitaphica	3 Defumado
quarta Epitaphica	4 Boa
quinta Epitaphica	5 Conselheiro
* BOMBEIROS	6 Santa Epitaphica
Estação Central	7 Trêfles
Estação de São	8 São João
Estação de São	9 Ponta
Estação de São	10 N. São João
Estação de São	11 Vila Mariana

fábrica de fósforos e o Instituto D. Anna Rosa. O matadouro e a rede de transporte por bonde e trem foram os elementos que impulsionaram a ocupação da região. No geral, o mapa demonstra o afastamento das ruas e construções da proximidade das nascentes e cursos d'água.

As edificações de destaque e as de menor porte deste período não foram preservadas. Em nada o cenário atual desta porção do território junto à Rua Domingos de Moraes relembra a primeira década do século XX, a não ser uma parte do traçado das vias. Consideramos a paisagem e morfologia deste período como desaparecidas.



Imagem 9 – Foto da Estação Vila Mariana, autor desconhecido. Tronco SP-3888, inaugurado em 13.12.1885. Cia. Carris de Ferro de Santo Amaro (1885-1900) e Light and Power (1900-c.1905). Data da construção do prédio 1886, data da demolição 1905. Fonte: Estações Ferroviárias do Brasil (2021). Recuperado de www.estacoesferroviarias.com.br/v/vlmariana.htm. Página elaborada por Ralph Mennucci Giesbrecht, atualizada em 28.01.2021, acessada em 16 de abril de 2021.

A partir da década de 1920 são lançados os projetos para urbanizar o miolo do quadrilátero estudado. A pesquisa possibilitou a localização de dois loteamentos planejados que integram cerca de dois terços da área. Um deles é o loteamento identificado como Villa Jaboticabeiras; demarcado com 35 lotes, possui algumas particularidades: (1) traçado sinuoso, (2) conformação de Praça como rotatória, (3) calçadas largas com canteiros ajardinados, aproximando-se do modelo de via "Boulevard". Vê-se presença de características do conceito de "bairro Jardim". O projeto técnico apresenta

informações das instalações, topografia e tavelgue com indicação do curso d'água. Demarca o perímetro da gleba vizinha com diretrizes à proposta de viário e uma segunda praça. Os lotes são amplos, de formato e dimensões variadas, larguras que variam de 10 a 14 metros e profundidade média de 45 metros. À época, a divulgação da venda dos lotes destacou a localização e qualidade do projeto, considerando-a “a rua mais moderna e de melhor traçado na Villa Mariana” e a comparava à Av. Conselheiro Nebias⁵ em Santos. O Documento de 1925, assinado por Artur Saboya e Leven Vanpré identifica os engenheiros Francisco Prestes Maia e Bayma.

As características do projeto original foram preservadas, apesar de mudanças pontuais. Está mantido o cenário diferenciado e imponente imaginado pelos engenheiros. Trata-se do registro da primeira ocupação urbana do território. A vegetação presente é marcante, acentuada na paisagem pelas condições da topografia

local (ladeira íngreme) e o baixo impacto das edificações. Uma parte das edificações originais foram mantidas.

Arthur Saboya e Francisco Prestes Maia são dois engenheiros urbanistas de suma importância na história urbanística da cidade de São Paulo. O primeiro teve carreira dedicada à administração pública, sendo seu nome marcado pelo Código de Obras do município de São Paulo de 1929, adotado como referência para o Estado. Sua relevância para a área de estudo deve-se ao fato de ter sido proprietário

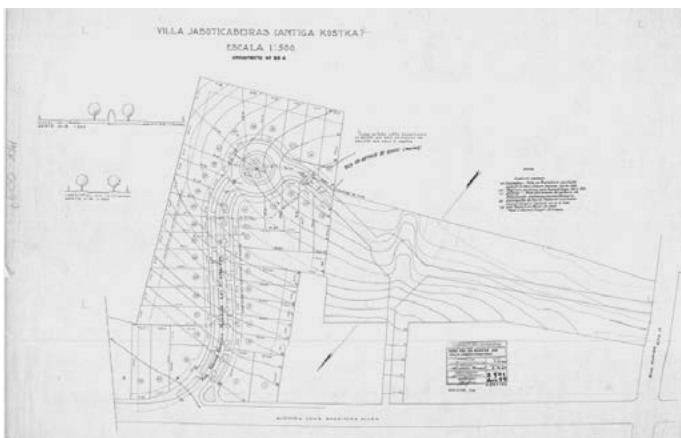


Imagem 10 – Loteamento Villa Jaboticabeiras, projeto técnico com carimbo e assinaturas da prefeitura São Paulo. Fonte: arquivos digitais AVM.



Imagem 11 – Anúncio em jornal para venda dos lotes da Villa das Jaboticabeiras reunida com lotes da Villa Kostka. Fonte: arquivos digitais AVM.

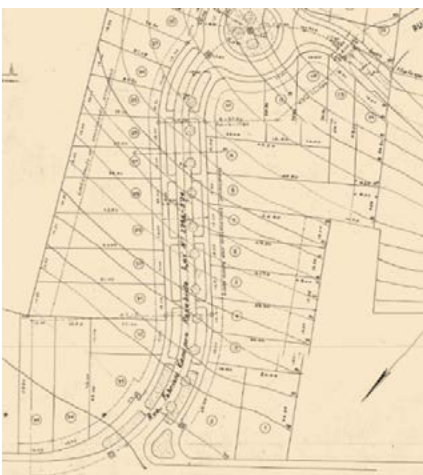


Imagem 12 – Ampliação da imagem 10. Destaque aos canteiros da Rua Dr. Fabrício Vampré e aos dois quadrados que recortam os lotes de esquina; podem ser a intenção de marcar a entrada da via, recurso utilizado na Ponte das Bandeiras por Prestes Maia (Simone, 2008).

de uma gleba, ter projetado e construído uma das duas vilas de casas com acesso pela Rua Cel. Artur Godoi. O segundo, Prestes Maia, realizou com o eng. Bayma o projeto de 1925 (escritório particular em sociedade). Sua família adquiriu um lote na área. No ano seguinte, 1926, Prestes Maia assumiu cargo na administração municipal como chefe de Secretaria de Viação e Obras da capital paulista, gestão de José Pires do Rio (1926-1930). Em 1930 lançou a público seu “Plano de Avenidas”, linha mestra do rumo urbanístico assumido até recentemente e referência marcante em estudos a qualquer época. Entrou para a carreira política e tornou-se prefeito em dois períodos (1938-1945 e 1961-1965). (Carpintéro, 2013)

As diretrizes apontadas no loteamento para a gleba vizinha se concretizaram, sendo o desenvolvimento elaborado pelo escritório de Paulo Taufik Camasmie. Nota-se a demarcação das edificações existentes, informações orientativas às permissões para construções e curso d'água. A situação nos dias de hoje reproduz a configuração da planta, exceto quanto a largura dos lotes, subdivididos na Rua Benito Juarez; além do fato do córrego

⁵ <https://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos036.htm> , acesso em 26 de março de 2021. Referências históricas e imagens da Rua Conselheiro Nébias em Santos.

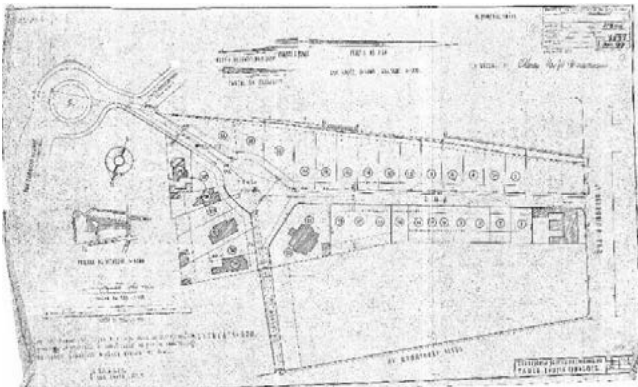


Imagem 13 – Loteamento de Paulo Taufik Camasmie.
Fonte: arquivos digitais AVM.

Lei n. 3.427, de 19 de Novembro de 1929
CODIGO DE OBRAS ARTHUR SABOYA

J. Pires do Rio, Prefeito do Município de S. Paulo:
Faço saber que a Camara, em sessão de 31 de agosto ultimo, decretou e em promulga o seguinte lei:

PARTE PRIMEIRA
Das construções particulares

INTRODUÇÃO

Art. 1.º — A Municipalidade adota, para incorporar ás suas posturas, a Lei Estadual n. 1.056, de 29 de dezembro de 1917, na parte referente á construção e reconstrução de predios urbanos.

Art. 2.º — Para todos os efeitos da presente lei, as seguintes palavras ficam assim definidas:

1 — ALTURA — Altura de um edificio é o comprimento da vertical, a meio da fachada, entre o nivel da guia e:

Imagem 14 – Visão parcial da abertura
do Código de Obras Arthur Saboya,
de 1929, versão pdf.

ter sido canalizado. Como referência à obra do eng. Paulo Taufik Camasmie destacamos a realização da construção da Catedral Ortodoxa da cidade de São Paulo na década de 1940, cujo projeto⁶ baseou-se na Basílica de Santa Sophia em Istambul.

No Mapa de 1930 (imagem 15) observa-se número significativo de lotes desocupados, porém, é no território da CJ que o vazio urbano é mais evidente. A Rua Cel. Artur Godoi foi mapeada com algumas construções já executadas e a Benito Juarez como projetada. Apesar da riqueza de detalhes, identificando construções existentes à época e topografia, vê-se que a hidrografia não demarcou o córrego Guariba.



Imagem 15 – Recorte da Planta
Geral da Cidade de São Paulo de
1930, Sara Brasil, fonte Geosampa,
acesso em 15 de fev. 2019.

Em 1954-58⁷ (imagem 16) a ocupação local apresenta-se consolidada em termos de parcelamento do solo e quase completamente no que diz respeito às construções. Já não há vazios urbanos. Há evidente semelhança entre a realidade de 1954 e a situação em 2019 no território da CJ, diferentemente do que ocorre com o entorno imediato, transformado.

Ao analisar as tipologias de lotes no quadrilátero, observa-se, desde a formação, que se optou por lotes de maior dimensão na face externa do quadrilátero, aquela que faz a comunicação com a cidade. À parte interna couberam lotes menores com variações. Os lotes da “Villa Jaboticabeiras” são amplos voltados à via “Boulevard” e à Praça, dirigidos à classe de maior poder aquisitivo; já aqueles próximos ao córrego são menores, destinados à classe de menor renda, boa parte adquiridos por funcionários públicos, com linhas de financiamento voltadas a eles. Há outros ainda menores, internos às duas Vilas com acesso pela Rua Cel. Artur Godoi; via que se organizou com lotes de tamanho médio. Podemos entender que na década de 1950, no mesmo quadrilátero, haviam várias classes de renda, um mix social. Podemos entender também, na leitura desta ocupação, que o quadrilátero teve seu critério de desenho urbano como aquele adotado às “vilas operárias”, isto é, lotes maiores voltados para a rua externa (coroamento externo do quadrilátero) e os menores para a parte interna, com vias e acessos



Imagem 16 – Recorte da Foto aérea
da Cidade de São Paulo de 1954
com destaque do quadrilátero
estudado. www.geoportal.com.br/memoriapaulista/.

6 Projetada em 1942 pelos arquitetos Francisca Galvão Bueno e Igor Sresnewsky.

7 Por ocasião do quarto centenário de aniversário da cidade, em 1954, elaborou-se levantamento aéreo da cidade, data indicada no site utilizado como fonte. Porém, a data da legenda da imagem é 1958. Assim, optamos pela identificação 1954-58.

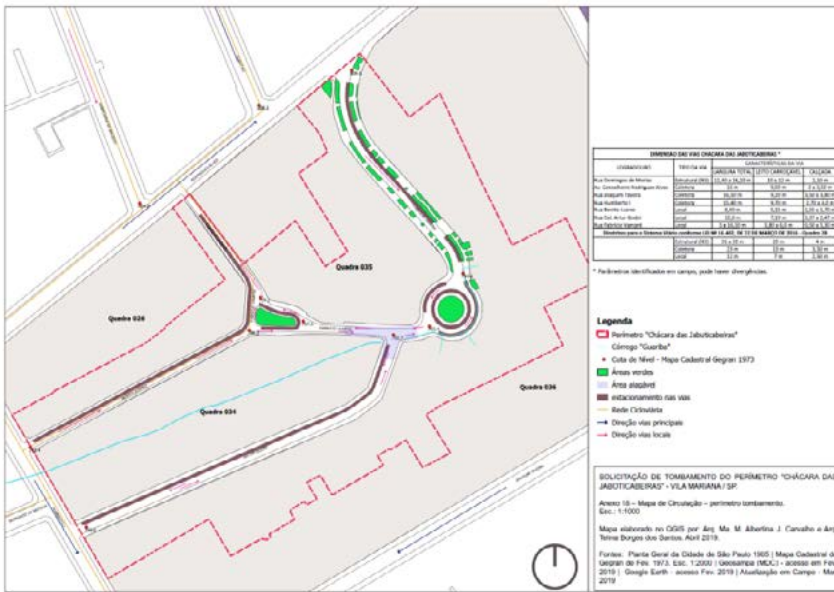


Imagem 17—Mapa de Circulação, anexo do Pedido de Tombamento, protocolado em 3 de maio de 2019.

mais restritos (Bonduki, 1998). As três vias internas cumprem papel de via destinada ao tráfego local; sua conformação e dimensionamento não convidam ao tráfego de passagem e, apesar da turbulência do anel externo, reservam uma tranquilidade e intimidade contrastante. Por serem construídas em uma depressão da encosta, formou-se um quarteirão de grande proporção em “L” que delimita as faces das Ruas Domingos de Moraes e Joaquim Távora. Não há comunicação entre este lado externo e o interno (faixa de servidão, passagem de pedestres ou escadaria).



Imagem 18 – Rua Fabrício Vampré, trecho Boulevard, projeto de Prestes Maia. Leito carroçável 6 metros, calçadas 5,50 metros de cada lado. Foto M. Albertina J. Carvalho, maio 2019.

Esta desconexão favorece a vida íntima do lugar. As três vias são estreitas com passagem para apenas uma faixa de rolamento. A imagem 17 apresenta as características desse viário. Com exceção à parte de Boulevard da Rua Dr. Fabrício Vampré, todas as calçadas são estreitas, em parte intransitáveis. A calma permite caminhar pela rua. Quanto ao leito carroçável, o mais largo é o da Rua Cel. Artur Godoi, com 7,19 metros de largura, única com duas mãos e uma faixa de estacionamento. A Rua Benito Juarez possui 5,15 metros e a Rua Dr. Fabrício Vampré 6,00 metros no trecho do Boulevard e 3,80 metros na viela. Esta viela é única saída para a Av. Conselheiro Rodrigues Alves, via que permite as principais ligações com a cidade (imagem 19).



Imagem 19 – Rua Fabrício Vampré, trecho viela. Foto Jurema Alves de Oliveira, fevereiro de 2019.

O porte das construções acompanhou o lote. Originalmente eram voltadas ao uso residencial, predominantemente unifamiliar. Entre os aspectos comuns observa-se: exploraram a possibilidade de jardins e quintais, eventualmente geminando uma das faces da edificação (lotes pequenos geminados dos dois lados); adaptaram a edificação à topografia do terreno, construindo em patamares para minimizar a movimentação de terra e, como terceira característica, os telhados com duas ou mais águas com telha cerâmica. Do alto, vemos a mescla do verde da vegetação com o vermelho dos telhados (imagem 22). Estas características foram comuns ao modo de morar do paulistano até a década de 1970, em praticamente todos os bairros residenciais, o que minimizou o impacto ambiental sobre o território ocupado, isto é, mantinha-se parte dos terrenos permeáveis com baixo impacto na movimentação de terra (sem subsolo e muro de arrimo alto). O paralelepípedo também auxilia na permeabilidade. Elementos construtivos e ornamentos de fachadas utilizados na CJ foram variados. Demonstram vontade de expor qualidade estética ao serem vistas da rua e de marcar



Imagem 20 – Rua Cel. Artur Godoi. Alunos da Escola da Estadual caminham em direção ao Lgo Ana Rosa. Foto Jurema A. de Oliveira, fevereiro de 2019.



Imagem 21 – Construções se acomodaram ao desnível do terreno. Esta é um dos exemplos que tem o vale do córrego Guariba ao fundo. Materiais construtivos e ornamentos marcam um período da construção paulistana e valorizam o ambiente. Foto José Maurício Soares de Medeiros, 28 de abril 2019.



Imagem 22 – Vista a partir do fundo de um lote da Rua Domingos de Moraes em direção à Rua Humberto I, 2020. Autor Giuliano Cossolim, presidente da AVM em 2019.

a individualidade. A manutenção de muitos destes elementos trazem, ainda hoje, um dos valores da ambiência: a visibilidade das fachadas conjugadas a jardins e a variedade de elementos decorativos, portas e janelas. Mesmo as casas construídas em série, parte da Rua Benito Juarez, adquiriram com o tempo a personalidade do proprietário. Essa morfologia de ruas estreitas e sinuosas, jardins, construções variadas com detalhes, pequenas praças, criaram o ambiente aconchegante e atraente que atrai o caminhar da população ao redor.

Tais características aliadas a boa localização na cidade, fez com que parte das casas originais sejam ainda ocupadas por descendentes das famílias. Os laços com o local e a relação de vizinhança em diferentes fases da vida há gerações propiciaram vínculos fortes entre as pessoas e estas pessoas com o lugar. Diferentes gerações convivem, há variedade de classes sociais e um percentual também significativo de novos moradores. Como vimos em Massarolo (1971), aqui, ainda há oportunidade de captar a trajetória local contada por seus moradores. Pessoas que nasceram ou chegaram muito crianças, brincaram nas ruas e praças, hoje compartilham outra etapa da vida com vizinhos. Os recém chegados são atraídos pela atmosfera e desfrutam do convívio. O desenho urbano das vias e proximidade entre as casas, aliado ao comércio e serviço ao redor, convidam para sair a pé e facilitar os encontros casuais. Festas e eventos também fizeram parte da história local dos moradores por décadas, para alguns, há quatro gerações.

Alguns lotes sofreram modificação em período recente. Concentram-se ao redor da Praça Arquimedes da Silva quatro edifícios residenciais. Durante a análise do pedido de Tombamento houve a liberação de um edifício adicional; este será o de maior impacto na área: serão vinte e cinco pavimentos e dois subsolos na ladeira histórica de Prestes Maia.

Quanto às características ambientais, destacamos aspectos relacionados à topografia, hidrografia, fauna e flora. Trata-se de “uma grota” com águas que brotam em diferentes pontos e um talvegue que recebe essas águas formando um córrego. Como vimos, tanto as encostas como o vale foram urbanizados e o loteamento se sobrepôs a essas características naturais, provável razão da ocupação mais lenta que as imediações. O córrego canalizado, entre a década de 1950 e 1960, mostra vestígios de sua presença todos os dias. Bombas dos edifícios que substituíram algumas casas despejam as águas das nascentes na sarjeta; burburinho da água constante em direção às bocas de lobo. Os paralelepípedos molhados na praça Arquimedes da Silva são uma marca local, assim como enchentes eventuais. Ao observar a topografia vê-se



Imagem 23 – Visualização da topografia e hidrografia do quadrilátero. O mapa utiliza a base do MDC disponibilizada no site Geosampa, março 2019. Acrescenta o percurso do córrego canalizado dentro do perímetro por seu trajeto demarcado no mapa de 1905. Perímetro de tombamento tracejado na cor vinho. Mapa topográfico e hidrográfico produzido por Maria Albertina Jorge Carvalho e Telma Borges dos Santos, março 2019.

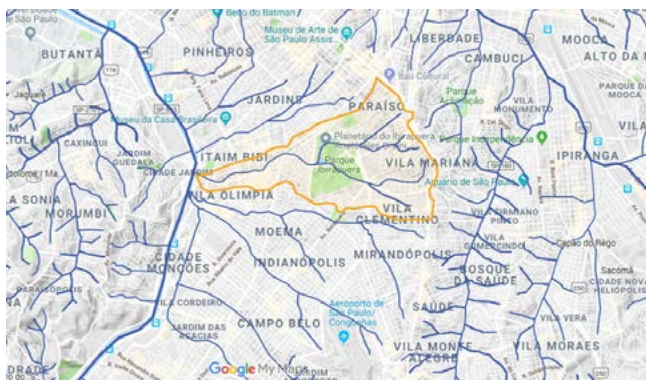


Imagem 24, destaca a configuração da Bacia do Sapateiro, de suas nascentes ao desague no Rio Pinheiros. O traçado dos Rios foi elaborado pelo Rios & Ruas para a Exposição Rios DesCobertos no Sesc Vila Mariana, de 29 de set. a 18 de dez. de 2016. Documento formado por slides de apresentação do Rios & Ruas. O círculo vermelho foi sobreposto ao slide original para identificar a posição do perímetro proposto.

quão abrupta são as encostas que demarcam o ponto da Praça. O desnível, em certo ponto, chega próximo a 18 metros, isto é, o equivalente a seis andares. A cota mais baixa de todo perímetro é o cruzamento da Rua Cel. Artur Godoi com Rua Fabrício Vampré. Diferentemente da acomodação das edificações da primeira ocupação, os edifícios de grande porte são extremamente agressivos a esse ambiente. Os da Praça Arquimedes da Silva variam de 9 a 15 pavimentos, enclausuraram três nascentes nos subsolos com parede diafragma. A situação é vulnerável tanto ambientalmente como aos condomínios que gerenciam as águas.

Na pesquisa verificou-se que o desaparecimento do curso d'água em outros mapas oficiais se mantinha na plataforma Geosampa⁸. Desta maneira, o Coletivo e a AVM assumiram a responsabilidade de coletar informações, elaborar laudo e encaminhar documentação com vista a restabelecer o registro. Assim, seriam identificadas as Áreas de Proteção Permanente (APP)⁹. A comprovação foi reconhecida pela prefeitura e o córrego reincorporado à cartografia oficial do Geosampa. Indicamos o nome Guariba, presente nos relatos e notas rascunhadas em documentos. O córrego Guariba faz parte da Bacia do Sapateiro e desagua no Rio Pinheiros. Este é um dos casos de “rios ocultos na cidade”, expressão utilizada em trabalhos de Bartalini (2009 e 2013) e pelo grupo “Rios & Ruas” de Luiz de Campos e Jose Bueno (Copic, 2017). Para todos nós, grupo envolvido com o estudo e a luta para buscar a preservação do patrimônio local, as águas estão descobertas (não ocultas) e fazem parte do imaginário e afetos. Embora enterradas, não estão obscuras. Há desejo e empenho para que novos eventos e identificações possibilitem a descoberta destas águas por muitos outros (Coletivo Chácara das Jaboticabeiras, 2019b).

As tubulações do córrego Guariba recebem as águas das nascentes e da drenagem de toda grota (inclui fundo dos lotes externos). As condições geográficas determinam a rede de infraestrutura, como a do esgoto local, já sobrecarregada. Há vulnerabilidade.

Aliada à questão topográfica e hidrográfica, há um valor agregado que diz respeito à flora e fauna local. O nicho ambiental da grota com presença constante de água, árvores (parte delas frutíferas), jardins variados, flores e hortas, favorece a presença constante de pássaros e insetos. É entendida por alguns estudiosos como

⁸ Site da prefeitura do município de São Paulo que disponibiliza dados e base cartográfica oficial aberta a consultas públicas. Tornou-se, nos últimos anos, a principal base de dados para pesquisas e projetos.

⁹ Proteção ambiental prevista no Código Florestal, Lei Federal 12.651, de 25 de maio de 2012.



Imagem 25 - as águas bombeadas pelos prédios correm 24 horas. Esq. Rua Cel. Artur Godoi com Rua Dr. Fabrício Vampré. Ao fundo, placa de empreendimento previsto. Foto M. Albertina J. Carvalho, 26/04/2019.



Imagem 26 - Inundação na mesma área alguns dias depois. Foto Ana Catarina. Acervo Coletivo Chácara das Jaboticabeiras.

área de estudo e visitação. Ornitólogos montaram página específica da CJ no eBird (2021), plataforma mundial utilizada por ornitólogos e fotógrafos especializados em pássaros. A página registrou em abril de 2021 trinta espécies catalogadas.

Quanto a legislação urbanística incidente na área, cabe abordar que, de maneira geral, a macro escala utilizada em sua elaboração não considerou particularidades locais. Em 2014 foi aprovado novo PDE e a partir de suas diretrizes a LPUOS 2016. Um dos objetivos do PDE foi promover o melhor aproveitamento do solo nas proximidades do sistema estrutural de transporte coletivo. Entre nove estratégias indicadas para melhorar este aproveitamento está o aumento da densidade construtiva, demográfica, habitacional e de atividades urbanas (PDE 2014, Artigo 23). Este aspecto foi abraçado pelo mercado imobiliário e utilizado nas comunicações, de tal forma, que pode fazer parecer que nada existe além disso. A zona urbana identificada com esse viés é a ZEU (Zona Eixo de Estruturação e Transformação Urbana). A totalidade da área da CJ está demarcada como ZEU. Esta Zona conta com incentivos diversos: libera recuo frontal, gabarito e permite que parte da construção não seja computada como área construída (vinculada ao tipo de uso); assim, amplia o limite de construção de quatro vezes a área do terreno para ir além. No território da CJ, o empreendimento liberado para construção nova em 2019 chega a oito vezes a área do terreno. A legislação anterior restringia empreendimentos de grande porte pela classificação da via e sua largura, critério abandonado. O distrito da Vila Mariana foi imensamente marcado por essa mudança na lei por estar ligado aos eixos de deslocamento, como vimos. Há muito pontos do PDE 2014 que destacam o necessário cuidado em compatibilizar e preservar. Destacamos o Inciso II do Artigo 23 visto acima: “II - compatibilizar o adensamento com o respeito às características ambientais, geológicogeotécnicas e os bens e áreas de valor histórico, cultural, paisagístico e religioso”. (grifo nosso)

A discrepância entre capacidade de infraestrutura da CJ e os empreendimentos de grande porte, a ameaça de ver a história local varrida, o assédio cotidiano das incorporadoras, aguçaram a mobilização local. Este foi o indutor de formação do Coletivo Chácara das Jaboticabeiras, cujo percurso procuro relatar a seguir.

Histórico do coletivo

Em 2018 um grupo de moradores da Rua Benito Juarez passou a se reunir para conversar a respeito da insistência de incorporadoras em fazer contato das mais diferentes formas a proprietários do local. O vínculo de décadas destas famílias e a percepção do valor da ambiência ali presente fez com que percebessem de imediato a necessidade de se organizar. Sabiam que as propostas das incorporadoras iriam transformar por completo a essência do local. Ao sentir a ameaça, reagiram a ela.

A luta pela preservação da área tinha precedentes. Durante o desenvolvimento do PDE 2014, o DPH havia destacado essa área, identificando-a como Área de Urbanização Especial (AUE). Entretanto, esta e outras áreas indicadas

pelo departamento e encaminhadas à secretaria responsável pelo PDE não foram debatidas a ponto de ser absorvidas na versão levada às Audiências públicas, votada e aprovada na Câmara Municipal. Outro precedente são os estudos da Associação de Moradores da Vila Mariana (AVM), que, mesmo antes da formação oficial (2018) já atuava. Assim, participaram das audiências públicas do PDE e de outros debates destacando este micro território.

A AVM ao perceber a aglutinação do grupo se aproximou. Este vínculo inicial foi essencial para o crescimento do movimento e sua organização¹⁰. Logo na primeira etapa, o jornal do Bairro, “Pedaço da Vila” (2018) publicou uma entrevista com o grupo de moradores, que apresentaram valores locais e sua disposição para lutar. Moradores das ruas vizinhas, ligados à mesma história de formação, foram se agregando ao grupo.

A AVM elaborou levantamento preliminar para buscar bases concretas de conhecimento da área. Destacam-se: o mapeamento inicial do uso do solo, a localização dos dois documentos do arruamento da década de 1920 e a percepção das nascentes que formam o córrego Guariba. Ao final de 2018 o grupo buscava saída concreta para garantir a preservação. Muitas eram as dúvidas. Nesse momento fui convidada¹¹ para uma reunião onde tomaria ciência da situação, faria uma apresentação de dados técnicos e ponderaria a respeito das condições da LPUOS e da legislação de Tombamento. Desmistificar a palavra “tombamento”, tão ameaçadora no imaginário da sociedade brasileira, foi uma das consequências da reunião. Ao término, o grupo tinha clareza que o caminho certo a seguir era reunir os dados necessários e protocolar um pedido de Tombamento da área. Iniciava-se ali a segunda etapa. Os presentes à reunião reportaram aos demais o que viram, ouviram e debateram; organizaram um grupo de financiadores para arcar com as despesas da contratação profissional, voltada a aprofundar a pesquisa, formular o pedido de Tombamento e assumir a responsabilidade profissional.

Fui contratada em fevereiro de 2019 e organizei, como metodologia, o trabalho participativo, isto é, a equipe de trabalho para levantamento e debate seria formada pelos próprios moradores engajados na ideia de tombar. A partir da organização dos conteúdos por tema, se delineou a formação de um Grupo de Trabalho (GT) no qual a própria vocação ou disponibilidade levou um ou outro a se afinar com determinado assunto. O grupo heterogêneo da comunidade local e AVM contava com duas arquitetas¹², advogados, pessoas ligadas à área de artes e comunicação (imagem 27). Não apenas a profissão facilitou encaminhamentos, mas também a vocação pessoal, como ligação com as questões do verde ou a facilidade em agregar pessoas e organizar eventos.

Reuniões específicas e contatos dinâmicos diários aconteceram em número não computável, com um volume grande de troca de informações. Alguns dos moradores atuaram em campo, levantando dados, mapeando informações, conversando com vizinhos. Duas ou três reuniões todas as semanas viabilizavam harmonizar os andamentos com a realidade do grupo e continuar seguindo o planejamento e escopo traçado para o relatório a ser feito. A partir dos dados, pude fazer a reflexão técnica que era levada às reuniões de debate junto ao GT. Em seguida, pude elaborar os textos para cada capítulo do relatório de pedido de Tombamento. Alguns debates contaram com arquitetos convidados com experiência em estudos do território ou relacionada ao tema¹³.

10 Esta parceria permaneceu em todas as etapas. A AVM marcou presença em reuniões, tomadas de decisão e encaminhamentos.

11 Eu, autora do texto, fui convidada na condição de arquiteta para auxiliar com esclarecimentos.

12 Eliana M. Barcelos Menezes (AVM) e Jurema Alves de Oliveira (moradora).

13 Luiz de Pinedo Quinto Jr., Luiza Naomi Iwakami, Mirthes Ivany Soares Baffi e Wladimir Bartalini.

1. Ana Catarina Parisi Pinheiro
2. Ana Cristina Lemos Petta
3. Auajide Rosa de O. Teixeira dos Santos
4. Andrea Telenta Grossi Fernandes
5. Andrey Borges de Mendonça
6. Antonia Elvira Tonus
7. Aude Beatrice de Montalembert Kater
8. Celita Penteado Affonso Silva
9. Cintia Ema Padovan
10. Cylena Souto Pini
11. Cynthia Penteado Affonso
12. Eliana Maria Barcelos Menezes
13. Flavio Massao Matunaga
14. Georgia Gobatti
15. Giovana Amoroso Pastore
16. Gislene Aparecida Gambini
17. José Felício Atalla (Zeca)
18. José Luís Rodriguez Vasquez
19. José Maurício Soares de Medeiros
20. Julia Kater Milani
21. Juliana Cairrolli Fornari
22. Jurema Alves de Oliveira
23. Luis Fernando Rodrigues de Aleamar
24. Maria Albertina Jorge Carvalho
25. Mana Helena Serrano
26. Maria Inês do Amaral Alvares
27. Nelson Naccache Badra Junior
28. Ney Luiz Picado Alvares
29. Paulo Teixeira dos Santos
30. Regina Gomes Sodré
31. Renato Shibukawa
32. Roberto Sambi Colotto
33. Telma Mary Kaneko
34. Vanessa Cristiane Gomes Possatto

Imagem 27 – Grupo de integrantes que assinaram o pedido de Tombamento em 3 de maio de 2019 e esteve na linha de frente para viabilizar o trabalho. Das 34 assinaturas, 21 são moradores locais.



Imagem 28, 29 e 30 – Exemplos de reunião técnica e eventos para arrecadar recursos. Fotos Mauricio Medeiros e M. Albertina J. Carvalho, 2019.



Imagem 31 e 32 – Um dos eventos culturais: caminhada de reconhecimento do patrimônio dentro do perímetro da Chácara das Jaboticabeiras com o guia cultural da cidade, arquiteto Roberto Sambi Colotto. A Imagem 31 posiciona-se em frente à casa projetada por Vilanova Artigas, bem tombado em 2018, localizado à Rua Cel. Artur Godoi. Fotos Mauricio Medeiros, 27/4/2019.

Podemos considerar que a 2ª etapa durou até 03 de maio de 2019, quando foi protocolado o pedido de Tombamento no DPH, gerando um processo administrativo que passaria a ser avaliado pelos técnicos do Núcleo de Identificação e Tombamento (NIT). A meta de protocolar o pedido em três meses foi cumprida, mas o conteúdo completo, mais amplo que o previsto, foi complementado nas semanas seguintes, anexando-o ao processo.

Com o protocolo do pedido à vista, passamos ao 3º momento. Mesclado à complementação dos estudos, o GT intensificou a divulgação das informações com ações locais e nas redes

sociais. O planejamento das ações foi debatido em grupo. Refletir a respeito da organização dos conteúdos, linguagem de divulgação, meios a utilizar e equipe disponível. Para colocar em prática o desejado, considerou-se tempo, técnica, recursos humanos e financeiros. Organizou-se abaixo assinado presencial e virtual, caminhada cultural com guia profissional da cidade, exposição ao ar livre com totens que reproduziam temas abordados no relatório (evento ligado à Jornada do Patrimônio 2019), eventos de música, piquenique, bingo com obras de arte doadas por artistas parceiros, *flyers* distribuídos em região ampla do bairro e itens de artesanato para simbolizar a causa. Compartilhar o que sabíamos e buscar apoio ao reconhecimento do patrimônio passou a ser o propósito das ações. Essa fase nos preparava para o debate do tema no CONPESP.

A repercussão da movimentação local, aliada a cobertura da imprensa a respeito dos temas tratados no CONPESP, fez com que a área da CJ fosse matéria na imprensa, tanto a impressa como a digital e televisiva que visitou a área, entrevistou moradores e técnicos.

A estrutura municipal que rege o Tombamento no município de São Paulo

O CONPRESP foi criado em 1985, Lei 10.032/85¹⁴, como um órgão colegiado da Secretaria Municipal de Cultura (SMC). Este Conselho é o responsável pelas decisões a respeito do patrimônio já protegido (intervenções e ações que envolvam bens tombados) e analisa novos pedidos de Tombamento, caso da CJ. A análise dos Conselheiros é subsidiada pela investigação e parecer do DPH. Em geral, dois conselheiros são indicados para elaborarem seus pareceres em contribuição ao debate que se estabelece em reunião. Ao final da análise realiza-se uma votação. As reuniões ocorrem a cada 15 dias, são abertas ao público e tem pauta, sempre extensa, definida pelo presidente do Conselho e corpo técnico que o auxilia. É composto por titulares e suplentes dos nove órgãos que o compõem¹⁵. Esta estrutura permite relativa independência do prefeito no cargo e da câmara municipal, apesar da predominância de representantes das secretarias municipais.

Até o momento, o pedido feito pelo Coletivo se restringe ao reconhecimento do bem como patrimônio municipal. Cabe lembrar que no Brasil existem órgãos de patrimônio no âmbito estadual e federal. São respectivamente o CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo) e IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura ou seu substituto¹⁶.

O procedimento no CONPRESP para avaliar pedidos de Tombamento passa por duas etapas. Na primeira, o DPH recebe o pedido feito pela sociedade (é aberto processo administrativo), analisa o material, aprofunda a pesquisa nos pontos que considerar necessário e formula seu parecer com indicação dos valores ali identificados. Em sua conclusão recomenda a APT ou não. O CONPRESP avalia os pareceres com acesso a todo conteúdo arquivado. Quando a votação é positiva fica definido o “tombamento provisório” da área, iniciando-se a segunda etapa. Ao DPH, cabe aprofundar a pesquisa e formular os parâmetros de Tombamento que passariam a regular as intervenções futuras no bem tombado; elaboram uma minuta. Em seguida, o tema retoma ao CONPRESP, que analisa a minuta, debate cada tópico, propõe alterações, quando considera adequado, e ao final de uma ou mais reuniões delibera. O caso da CJ encontra-se na Etapa 2.

A Chácara das Jaboticabeiras em debate no CONPRESP – anotações preliminares

Quando foi definida na pauta a análise do processo administrativo da CJ pelo CONPRESP houve grande expectativa quanto à votação. O público das reuniões tem permissão de fala mediante inscrição para destacar dados em defesa ou em oposição. Após o protocolo de pedido de Tombamento, houve a articulação de grupo contrário vinculado às incorporadoras que desejam atuar no território. A decisão do CONPRESP não foi deliberada em reunião única, exigindo de todos que se mantivessem organizados para estarem presentes, pedirem a palavra quando necessário e divulgassem o passo a passo dos encaminhamentos. O deferimento pela Abertura do Processo de Tombamento (APT) da CJ ocorreu em 2/09/2019, Resolução 11/2019.

¹⁴ Em 1986 alterações significativas foram definidas pela Lei 10.236 de 16 de dezembro.

¹⁵ São eles: SMC, DPH, CMSP (Câmara Municipal de São Paulo), CREA (Conselho Regional de Engenharia e Agronomia), IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil), OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), SMDU (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano), SEL (Secretaria Municipal de Licenciamento) e SMJ (Secretaria Municipal de Justiça). Em 2021, a gestão do prefeito Bruno Covas instaurou reforma administrativa. Esta criou a SMUL - Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento que consiste na incorporação da antiga SMDU pela SEL. No entanto, não há mudança na estrutura do CONPRESP. Mantem-se as duas cadeiras no Conselho.

¹⁶ Na gestão do presidente Jair Bolsonaro, iniciada em janeiro de 2019, a reforma administrativa eliminou o Ministério da Cultura, deslocando as competências para o Ministério do Turismo.

Confirma os valores ali encontrados:

“Considerando que a Denominada Chácara das Jabuticabeiras situada no bairro da Vila Mariana constitui importante elemento urbano de valor histórico, com vias internas estabelecidas entre 1924 e 1928 e inalteradas até a atualidade, apresentando valor afetivo e referencial para a população; Considerando as características físicas locais, da Grota natural ocupada pelo arruamento ARR0099, projeto do Eng. Paulo Taufik Camasmie, que observa as nascentes e drenagem das águas pluviais, determinando um modelo de planejamento urbano com atributos especiais na cidade de São Paulo; Considerando que a “Chácara das Jabuticabeiras” contêm características singulares do ponto de vista da morfologia urbana, paisagística, cultural e simbólico, sendo um conjunto urbano dotado de identidade e memória, e características homogêneas quanto aos elementos urbanísticos, que constituem documentos representativos do processo de urbanização de determinada época” (Resolução 11/2019, p.1)

O artigo 2º determina a obrigatoriedade das intervenções em imóveis e logradouros passarem por análise do DPH/CONPRESP, sendo passível de aprovação as reformas, demolições e novas construções, desde que sejam mantidas a altura máxima e permeabilidade existentes.

A APT 11/2019 foi um grande passo e uma vitória, mas a tensão permaneceu devido a determinação de prazo exíguo para que o corpo técnico do DPH elaborasse a 2ª etapa e, eventualmente, reavaliasse a extensão do perímetro. Para o corpo técnico do DPH, o perímetro estava justificado, condizente com a documentação histórica e ambiental. Este foi um ponto de embate travado entre conselheiros. O aprendizado trazido com o acompanhamento dessa primeira etapa da aprovação, que incluiu a aprovação de Alvará para construção nova (citado anteriormente) após pedido de vista de um dos conselheiros a menos de uma semana da votação da final da APT, indicou a necessidade do Coletivo de contratar advogado especializado na área de proteção ao patrimônio.

Em setembro e outubro, o DPH trabalhou na reflexão e construção da regulamentação do Tombamento de conjunto que visa preservar a CJ como AUE. O acompanhamento externo desta elaboração é bastante limitado, procura proteger, dar liberdade e isenção aos técnicos. Solicitação de construtoras foram anexadas ao processo na busca de aprovação das intenções neste meio tempo.

O tema voltou a estar na pauta em novembro de 2019, em duas sessões de reunião. A proposta apresentada e justificada publicamente foi intensamente debatida pelos conselheiros e o público manifestou-se a favor e contra. A visão contrária se baseia na afirmação de que a ZEU, demarcada pelo PDE 2014, não se submete ao valor histórico e ambiental. Vimos, porém, que a argumentação contraria o Plano (Inciso II, Artigo 23).

Na etapa 2, a proposta do DPH manteve o perímetro original, no entanto, subdividiu-o em três áreas cujas diferenças principais são: a variação do tamanho máximo de lote permitido e a altura da edificação (imagem 33). Ao final da segunda reunião, o CONPRESP solicitou ao DPH reestudo a partir dos pontos debatidos e das ponderações elaboradas pelo conselheiro da SEL. O Coletivo, diante de tal situação, encaminhou documentação solicitando que o CONPRESP pedisse parecer da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (SVMA). Pontuamos, ainda, tópicos não abordados que consideramos relevantes para a regulamentação do Tombamento. Entre eles, a solicitação de que a “área 1” fosse mais restritiva.

Aqueles contrários mantiveram a pressão para tentar reverter o Tombamento provisório, diminuir o perímetro ou suavizar as restrições. No nosso entender, algumas das solicitações ali expostas tornariam o Tombamento sem efeito para manutenção

satisfatória do conjunto e ambiência. Esse embate fechou o ano de 2019. Em 2020 o CONPRESP retomou o tema na reunião de 17 de fevereiro para encaminhamentos gerais. Nos meses subsequentes, iniciou-se nova gestão do Conselho com troca da presidência e maioria dos conselheiros. A pandemia do Covid 19 causou interrupção por breve período, sendo a retomada das reuniões viabilizadas pelo modo digital.

O Coletivo, da mesma forma, passou a não se reunir presencialmente. A vida de todos foi afetada e adaptada às condições impostas pela pandemia. A força do movimento continua possível pela articulação nos grupos de conversa via celular, reuniões com temas específicos pelo meio digital e a atividade constante nas redes sociais, plataformas facebook e Instagram. O objetivo nas redes tem sido informar. Tratamos dos valores ali presentes, a relação destes com uma cidade diversa, que

tem história a contar e preservar, valores humanos e ambientais a respeitar e cultivar. A linguagem é técnica, embora adaptada para facilitar a leitura do público geral. Vemos que ali podemos reunir conteúdos e vocabulário que a sociedade civil pode usufruir a qualquer momento, seja quando o assunto é específico à CJ ou à Vila Mariana ou a qualquer outro lugar. Neste início de 2021, não há previsão de quando o tema voltará à pauta no CONPRESP. O Coletivo se mantém atento para estar preparado na defesa do Tombamento.

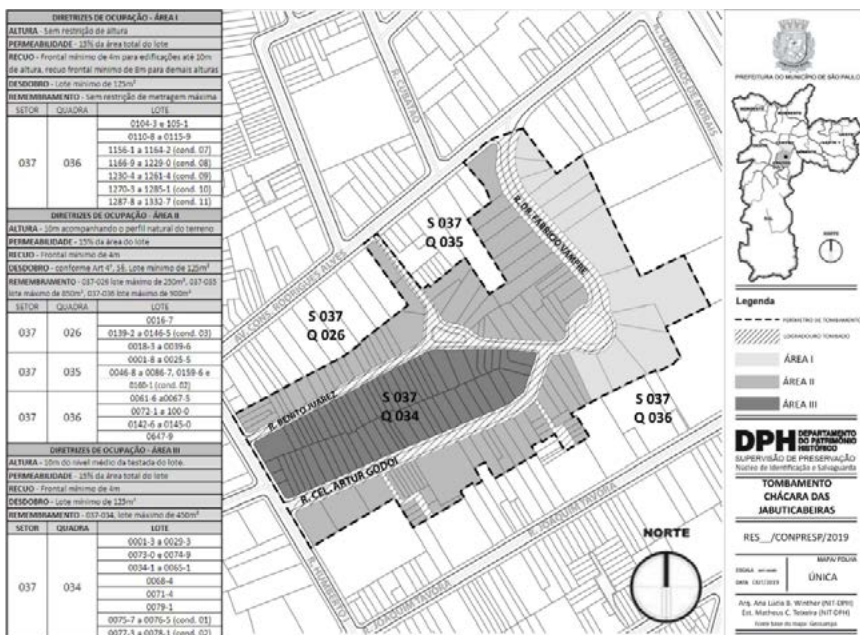


Imagem 33 - Mapa que acompanha a minuta de Tombamento da Chácara das Jaboticabeiras debatida em novembro de 2019 pelo CONPRESP.

Conclusões

A interação trazida pelo trabalho participativo elevou a qualidade e quantidade do material obtido. São ganhos que o envolvimento sensível com o lugar e seus moradores pode trazer, visto que amplia a compreensão dos valores locais que a leitura técnica e distante não consegue atingir: ver pelo olhar de quem vive o lugar permite atingir detalhes e nuances. É dar voz, como o fez Masarolo (1971). Há, ainda, os benefícios da aproximação do cidadão comum à linguagem técnica, apropriação importante para estar confortável nos debates, assim como a aproximação à história local, que em parte foi "ReDescoberta". História desvendada aos poucos, a cada novo documento obtido.

Um segundo aspecto a refletir diz respeito a necessária estrutura profissional a ser contemplada em lutas similares. Este orienta o ritmo dos trabalhos e auxilia nas mais diferentes tomadas de decisão que um movimento e processo como esse vive. Facilita o entendimento dos trâmites processuais. Ao mesmo tempo, pode demandar um perfil de profissional que se adapte e se envolva com a causa, isto é, que vá além do trabalho profissional tradicional, no estrito senso. No caso pessoal, além de representar o Coletivo passei a ser parte deste.

O percurso intenso em 2019 ampliou a todos a percepção do ser cidadão: conhecimento, repertório, responsabilidades, direitos, vínculo, relacionamento social. Foram muitos os desafios e, em determinados momentos, teve-se a noção de que, independentemente do resultado positivo quanto ao “Tombamento”, o que se acumulou pelo caminho validava todo investimento coletivo. No percurso, vivenciamos a percepção do termo “habitat ampliado”, adotado na descrição do “Eixo 1 - Habitat, Cidadania e Participação”.

Tais desdobramentos são, talvez, mais impactantes ao considerar o contexto cultural em que se insere, uma sociedade com baixo valor preservacionista que, como Toledo (1983) relata, nega o passado para afirmar um novo modelo. Esta vertente segue com força nas primeiras décadas do século XXI e a visão de “habitat ampliado” é, todavia, exceção. O Coletivo permanece ativo e na confiança que esta experiência, assim como outras na cidade, possa ser referência para preservação e para construção de uma identidade comunitária e cidadã no futuro.

Lista de Siglas

APP	Áreas de Proteção Permanente
APT	Abertura de Processo de Tombamento
AUE	Área de Urbanização Especial
AVM	Associação de Moradores da Vila Mariana
CJ	Chácara das Jaboticabeiras
CMSP	Câmara Municipal de São Paulo
CONDEPHAAT	Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo
CONPRESP	Conselho de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo
CREA	Conselho Regional de Engenharia e Agronomia
DPH	Departamento de Patrimônio Histórico
GT	Grupo de Trabalho
IAB	Instituto dos Arquitetos do Brasil
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LPUOS 2016	Lei de Parcelamento Uso e Ocupação do Solo do município de São Paulo de 2016, Lei 16.402
NIT	Núcleo de identificação e Tombamento
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PDE 2014	Plano Diretor Estratégico do município de São Paulo de 2014, Lei 16.050
SEL	Secretaria Municipal de Licenciamento
SMC	Secretaria Municipal de Cultura
SMDU	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano
SMJ	Secretaria Municipal de Justiça
SVMA	Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente
ZEU	Zona Eixo de Estruturação e Transformação Urbana

Referências bibliográficas

Angiolillo, Francesca. (2019, 19 agosto). Vizinhança reivindica tombamento de parte da Vila Mariana, em SP. *Folha de São Paulo*. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/08/vizinhanca-reivindica-tombamento-de-parte-da-vila-mariana-em-sp.shtml>

Bartalini, Vladimir. (2009, março). Os córregos ocultos e a rede de espaços públicos urbanos. *Vitruvius, Arqitextos*, 160-01. Recuperado de <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arqitextos/09.106/64>

Bartalini, Vladimir. (2013, setembro). Palcos e Bastidores: ainda sobre córregos ocultos. *Vitruvius Arqitextos* 160.00. Recuperado de <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqitextos/14.160/4869>

Baptista, José Loureiro dos Santos. (1954). *Luta de uma vocação: memórias*. São Paulo, SP: Saraiva.

Bonduki, Nabil. (1998). *Origens da habitação social no Brasil*. São Paulo, SP: Estação Liberdade/FAPESP.

Carpintéro, Marisa Varanda Teixeira. (2013, julho). Arte, técnica e política na trajetória de Francisco Prestes Maia. *Urbana: Revista Eletrônica Do Centro Interdisciplinar De Estudos Sobre a Cidade*, 5, n.2, 20-46. doi: <https://doi.org/10.20396/urbana.v5i2.8635074>

Copic, Déborah, (2017, julho). Rios e Ruas. *Em Sintonia*. Recuperado de <http://emsintonia.com.br/materias/rios-e-ruas/>.

Delfim, Denise. (2018, novembro). Vila da Resistência. *Jornal Pedaco da Vila*, p.4.

eBird. (2021,30, abril). São Paulo-Chácara das Jaboticabeiras. Recuperado de <https://ebird.org/hotspot/L9649143>

Masarolo, Pedro Domingos. (1971). *O bairro de Vila Mariana*. (Série História Bairros de São Paulo, v.VIII). São Paulo: Secret. de Educação e Cultura Prefeitura de São Paulo.

Simone, Sergio Antonio de. (2008, julho). A Ponte das Bandeiras: Os projetos de retificação e canalização para o rio Tietê promovem uma reviravolta na cidade. *Vitruvius, Arqitextos*, 098.01. Recuperado de <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqitextos/09.098/124>

Toledo, Benedito Lima. (1983). *Três Cidades em um Século*. São Paulo: Duas Cidades.

Estações Ferroviárias do Brasil (2021). Recuperado de www.estacoesferroviarias.com.br/v/vlmariana.htm.

Xavier, Karime. (2019, 14 agosto). Chácara das Jaboticabeiras. *Folha de São Paulo*. Recuperado de <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1641878285324781-chacara-das-jaboticabeiras#foto-1641883527249831>

Iconografia e Legislação

Governo Federal. Código Florestal Brasileiro. Lei Federal 12.651, de 25 de maio de 2012. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm.

São Paulo (cidade). (1905). *Planta Geral da Cidade De São Paulo*. Comissão de Geografia e Geologia. Escala 1:20.000.

São Paulo (cidade). (1930). Sara Brasil S.A. *Mappa Topographico do Município de São Paulo*, folha 65, escala 1:5000.

São Paulo (cidade). (1952). VASP Aerofotogrametria S. A. e Serviços Fotogramétricos Cruzeiro do Sul S.A. Foto aérea setor Vila Mariana.

São Paulo (cidade). (2015). Prefeitura do Município de São Paulo – PMSP. Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo, lei municipal 16.050, de 31 de julho de 2014; texto da lei ilustrado. São Paulo: PMSP.

São Paulo (cidade). (2016). Prefeitura do Município de São Paulo – PMSP. Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo do Município de São Paulo, lei municipal 16.402, de 22 de março de 2016; zoneamento ilustrado. São Paulo: PMSP.

São Paulo (cidade). (2019). Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Conselho de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo. Resolução no. 11, CONPESP.

Redes sociais e vídeos da Chácara das Jaboticabeiras

instagram @chacaradasjaboticabeiras

facebook @chacaradasjaboticabeiras

Coletivo Chácara das Jaboticabeiras. (2019a). *Sobrevoando a Chácara das Jaboticabeiras*. Recuperado de https://www.instagram.com/tv/Bz5ygBcHwOm/?utm_source=ig_web_copy_link.

Coletivo Chácara das Jaboticabeiras. (2019b). *Vida que nasce, corre e transborda*. Recuperado de https://www.instagram.com/tv/BzzWMqeHyj7/?utm_source=ig_web_copy_link

Coletivo Chácara das Jaboticabeiras. (2019c). *Quem vai cuidar disso agora?*. Recuperado de https://www.instagram.com/tv/Bzbts6Znhaw/?utm_source=ig_web_copy_link

Autora

Maria Albertina Jorge Carvalho. Mestre pela EESC–USP em 2004; especialização em Desenho e Gestão no Território Municipal pela PUC de Campinas em 1998; graduação em arquitetura e urbanismo pela FAU-USP em 1989. Atuação profissional contínua desde 1985 desenvolvendo e coordenando projetos de arquitetura e urbanismo; professora em cursos de arquitetura no Estado São Paulo de 1995 a 2018. arqbeta@gmail.com

VISÕES DE UM BAIRRO PLANEJADO: Estudo do bairro do Marco em Belém/ Pará/Brasil.

Eje/Eixo Temático 1

Adriano Lima de Menezes
Stélio Saldanha Santa Rosa
FAU / ITEC / UFPA - Universidade Federal do Pará

Resumo

Este artigo tem como objetivo efetuar um estudo de caráter urbano do bairro do Marco da Légua, em Belém do Pará. Se parte da preocupação quanto à importância do bairro dentro do processo evolutivo histórico e expansionista da cidade. Projetado no final do século XIX e início do século XX pelo intendente municipal Antônio Lemos e figura central de uma política de urbanização de Belém no final do século XIX, o bairro do Marco da Légua era um dos pontos altos de sua administração, dentro de uma ótica elitista da *Belle Époque* para se tornar um dos bairros mais elegantes de Belém. O Marco da Légua atravessou um longo processo de transformação do seu espaço, evidenciado pelo crescimento populacional e a verticalização recente. Pelo fato de ser situado entre a periferia e o centro, era o local ideal para a expansão da cidade. A economia local gerada pela exportação da borracha amazônica e as ideologias européias de modernidade ditaram a criação do Marco da Légua. O traçado urbano priorizou, em primeiro plano, uma forte hierarquia entre as vias novas e a maioria das antigas da cidade, com ruas largas e arborizadas, criando assim uma vasta rede de artérias que cortavam indistintamente o território da nova metrópole. Ainda hoje, o Marco da Légua, ou simplesmente “Marco”, como o povo costuma chamar, sobreviveu com estas características urbanas. O espaço que outrora era exclusivamente residencial foi ocupado pela variação de uso, como o crescimento de bares e estabelecimentos comerciais, próximo das grandes vias que cortam o bairro.

Palavras-chave: **Intendência, Urbanização, Saneamento, Arborização, Eletricidade.**

Resumen

Este artículo tiene como objetivo efectuar un estudio de carácter urbano del barrio del Marco da Légua, en Belém do Pará. Se parte de la preocupación en cuanto a la importancia del barrio dentro del proceso evolutivo histórico y expansionista de la ciudad. Proyectado en el final del siglo XIX e inicio del siglo XX por el intendente

municipal Antônio Lemos, y figura central de una política de urbanización de Belém al final del siglo XIX, el barrio del Marco da Légua era uno de los puntos altos de su administración, dentro de una óptica elitista de la *Belle Époque*, para tornarse uno de los barrios más elegantes de Belém. Marco da Légua atravesó un largo proceso de transformación de su espacio, evidenciado por el crecimiento poblacional y la verticalización reciente. Por el hecho de estar situado entre la periferia y el centro, era el local ideal para la expansión de la ciudad. La economía local generada por la exportación del caucho amazónico y las ideologías europeas de modernidad dictaron la creación de Marco da Légua. El trazado urbano priorizo, en primer plano, una fuerte jerarquía entre las vías nuevas y la mayoría de las antiguas de la ciudad, con calles anchas y arborizadas, creando una vasta red de arterias que cortaban indistintamente el territorio de la nueva metrópoli. Todavía hoy, Marco da Légua, o simplemente “Marco”, como el pueblo costumbre llamarlo, sobrevivió con estas características urbanas. El espacio que antes era exclusivamente residencial fue ocupado por la variación de uso, como el crecimiento de bares y establecimientos comerciales, próximo de las grandes vías que cortan el barrio.

Palavras-chave: **Intendência, Urbanização, Saneamento, Arborização, Eletricidade.**

Introdução

Aborda-se o bairro do Marco com importância no desenvolvimento urbano da cidade de Belém, capital do Estado do Pará, no Brasil, América do Sul (Fig.01-02).

O também chamado “Marco da Légua” que delimita a “Primeira Légua Patrimonial” que em 29 de março de 1628, através da Câmara Municipal, toma posse de sua primeira légua patrimonial (légua de terra acima de 6 km de extensão do centro histórico) concedida por Carta de Doação e Sesmaria pelo Rei de Portugal, por intermédio do governador e capitão-geral do Estado do Maranhão e Grão Pará, Francisco Coelho de Carvalho, com planejamento, dimensionamentos e denominações das vias pelo intendente Antônio José de Lemos (Fig.03), nascido em 17 de dezembro de 1843, em São Luiz no Maranhão, autodidata, que governou período (1897-1911) correspondendo cinco gestões da intendência no município pelo Partido Republicano, foi também o redator principal do jornal.

A Província de Pará apesar de ter o liceu (correspondendo hoje ao ensino médio), teve como adversário político o Dr. Lauro Sodré (Fig.04), que era do mesmo partido de Lemos, que após seu desligamento funda o jornal Folha do Norte para melhor combater aquele que era o inimigo ferrenho em sua campanha e é expulso da cidade, estorvando assim, o seu projeto de urbanização, na plenitude e refino da Belle Époque, no desenvolvimento econômico conhecido como Ciclo da Borracha, na produção e da economia do látex na Amazônia brasileira e que teve a grande influência europeia, principalmente tendo como modelo da cidade de Paris na França reformada pelo famoso urbanista Hausmann, no transporte, no sistema viário, na expansão e modernização daquela urbe provinciana, a Belém de outrora.



Fig.01-Mapa histórico ilustrado da América do Sul com a localização do Brasil. Fonte: Codem/PMB.



Fig.02-Mapa de localização da cidade de Belém no Estado do Pará. Fonte: Codem/PMB



Fig.03-04. O Intendente José Antônio de Lemos e o Dr.Lauro Sodré. Fonte: Codem/PMB

Lemos que após expulso, retorna a capital paraense, como restos mortais em 16 de dezembro de 1973 no governo do então prefeito militar Nélio Dacier Lobato. Teve como significativos trabalhos em sua gestão próspera, como em 1901: Inauguração da Usina de Cremação de Lixo (22 de junho), o Mercado de Ferro de peixes no Ver-O-Peso (1º de dezembro). Em 1903; o Bosque Municipal Rodrigues Alves (27 de setembro). Em 1904: o Quartel de Bombeiros (24 de fevereiro), a Praça Batista Campos (14 de fevereiro), o Mercado de São Brás (12 de março). Em 1906; a reinauguração do Mercado Municipal Francisco Bolonha de carnes (17 de dezembro). Ainda a arborização da cidade principalmente com o plantio das mangueiras, o calçamento

publico, o Orfanato em Santa Izabel, o Matadouro Público do Pinheiro (atual agência distrital de Icoaraci), a reforma do Horto Municipal, a Praça D. Pedro II, da Praça da República (antigo Largo da Pólvora e cemitério), a instalação da Rede Geral dos Esgotos, a implantação dos bondes elétricos, a iluminação pública da cidade e a urbanização do bairro do Marco.

A idealização do bairro parte de uma preocupação quanto à importância do bairro dentro do processo evolutivo histórico e expansionista da cidade (Fig.05-07) desde a fundação da cidade, em 12 de janeiro de 1616, em plena época do Renascimento.

Projetado no final do século XIX e início do século XX por Antônio José de Lemos. intendente municipal e figura central de uma política de urbanização de Belém, dentro de uma ótica elitista da *Belle Époque* para se tornar um dos bairros mais elegantes de Belém, o Marco da Léguas era um dos pontos altos de sua administração e atravessou um longo processo de transformação do seu espaço, evidenciado pelo crescimento populacional e as verticalizações recentes.

Pelo fato de ser situado entre a periferia e o centro, era o local ideal para a expansão da cidade (Fig.07). A economia local gerada pela exportação da borracha amazônica e as ideologias europeias de modernidade ditaram a criação do Marco da Léguas, um bairro onde a elite teria como desfrutar de toda modernidade e conforto que poderiam ser oferecidos.



Fig.05-Mapa de localização do Forte do Presépio (Forte do Castelo) onde se iniciou a cidade de Belém no Estado do Pará. Fonte: Codem/PMB



Fig.06- Antiga vista frontal da cidade de Belém do/Pará.Fonte: Codem/PMB



Fig.07-Vista do Porto de Belém do Pará em 1839. Em destaque o prédio da Alfândega, a igreja das Mercês (à esquerda), uma caravela portuguesa(ao centro). O prédio da Intendência e o igarapé do Piry (a futura doca do Ver-O-Peso), a igreja de São Raimundo Nonato, a igreja da Sé e o Forte do Presépio (à direita).

Fonte: Alunorte/autor.

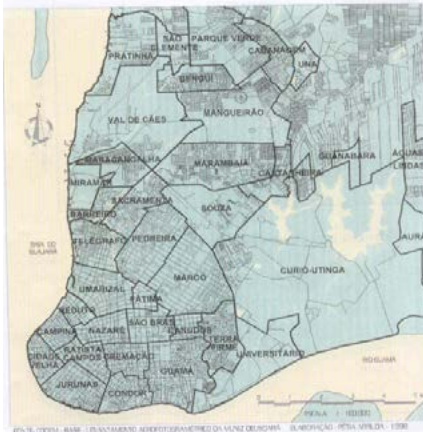


Fig.08-Mapa dos bairros da Região Metropolitana de Belém.
Fonte: Codem/PMB

O traçado urbano priorizou, em primeiro plano, uma forte hierarquia entre as vias novas e a maioria das antigas da cidade, com ruas largas, bem arborizadas, criando assim uma vasta rede de artérias que cortavam indistintamente o território da nova metrópole. Ainda hoje, o Marco da Léguas, ou simplesmente “Marco” (Fig.08-09), como o povo costuma chamar, sobreviveu com estas características urbanas. O espaço que outrora era exclusivamente residencial foi sendo ocupado pela variação de uso, como o crescimento de bares e estabelecimentos comerciais de pequeno e grande porte, próximo das grandes vias que cortam o novo bairro.

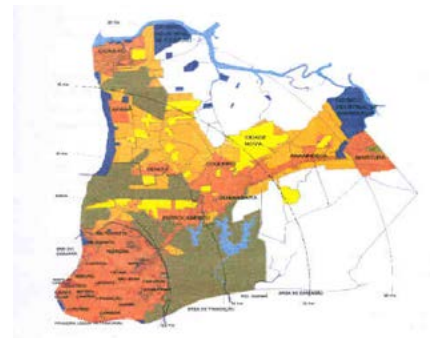


Fig.09-Mapa de localização da Primeira Léguas Patrimonial com raio limite no bairro do Marco, na cidade de Belém, Estado do Pará.
Fonte: Codem/PMB

Desenvolvimento

“Conforme a Lei no. 7.806 de 30 de julho de 1996”; ‘o bairro é limitado por área que inicia na interferência da Travessa Curuzu com a Avenida Visconde de Inhaúma seguindo até à Avenida Dr. Freitas, dobrando à direita até a Avenida João Paulo II, sendo denominada Avenida Perimetral até à Passagem Monte Alegre, dobrando à direita, até encontrar o Canal do Tucunduba. Segue à esquerda alcançando a Rua Jabatiteua, vira à direita e segue à esquerda alcançando a Avenida Ceará até a Avenida Almirante Barroso até a Travessa das Mercês, seguindo à esquerda até a Avenida José Bonifácio, virando à direita intercedendo com a Travessa Antônio Baena, seguindo pela Avenida Duque de Caxias, acompanhando à direita até a Travessa Curuzu e vai encontrar o fechamento do polígono’. Conforme limites definidos pela Prefeitura Municipal de Belém.

A evolução da cidade se dá quando surge o primeiro núcleo urbano que teve início após a fundação da cidade, em 12 de janeiro de 1616, quando Capitão Francisco Caldeira Castelo Branco e seus homens decidiram erguer uma fortificação às margens da Baía do Guajará, cujo nome escolhido foi Forte do Presépio.

O Portal da Amazônia, Santa Maria de Belém do Grão-Pará, passou a ser o ponto obrigatório de passagem aos que demandavam ao interior da região. A primeira rua aberta no meio da mata, partindo do Forte do Presépio, foi a Rua do Norte, atualmente Rua Siqueira Mendes (Fig.10-11), que acompanhava a margem do Rio Guamá, terminando em um sítio onde atualmente se encontra a Igreja do Carmo.

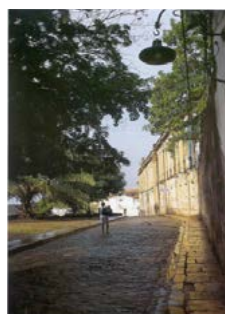


Fig.10 - 11 -Rua Siqueira Mendes, Ladeira do Castelo (antiga Rua do Norte), primeira rua da cidade de Belém. Observar (ao fundo de uma) a igreja de Nossa Senhora do Carmo e (ao fundo da outra) a lateral da igreja da Sé. Fonte: Codem/PMB

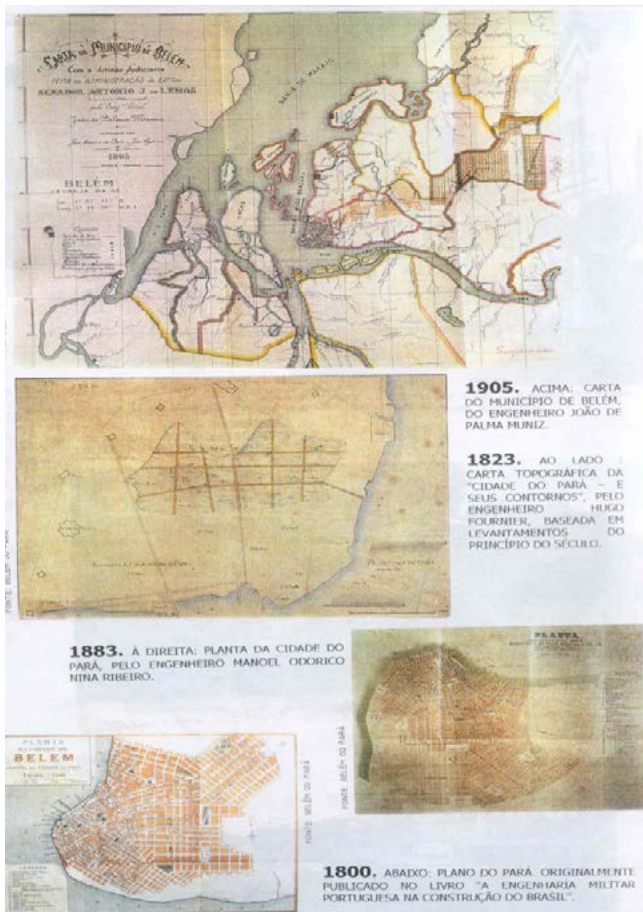


Fig.12-Cartografia histórica da cidade de Belém do Pará de (1800-1823-1883-1905) Fonte: Codem/PMB

Novas ruas foram sendo abertas e o contorno do atual bairro da Cidade Velha foi se originando em crescimento com novas edições de cartografias da cidade (Fig.12).

Em 1627, com a construção do Convento de Santo Antônio, pelos frades da mesma ordem, teve início a “ocupação urbana” do bairro da Campina.

A ligação terrestre entre o Forte do Castelo e o novo convento partia do Igarapé do Piry (atual eixo das avenidas Portugal e Dezesesseis de Novembro), que era atravessado por uma rústica ponte de madeira, onde a cidade findava pelo lado norte e continuava a dominar a floresta secular.

Em 1703, foi demarcada a Primeira Léguas Patrimonial da cidade de Belém do Grão-Pará, cedida por intermédio da Carta de Sesmaria, em 1628, pelo Capitão-General Francisco Coelho de Carvalho. Com a Carta de Doação e Sesmaria de uma légua teve início o patrimônio municipal. Em 1788, a população de Belém já englobava 10.620 habitantes, entre homens livres e escravos. E os mais abastados viviam nas cercanias da cidade, em suas “rocinhas” (espécies de residências de veraneio). A esta altura, o raio de expansão urbana já alcançara os atuais bairros de Nazaré e Umarizal, através da Estrada de Nazaré, partindo do Largo da Pólvora (atual Praça da Republica). Entre 1835/1837, o movimento da “Cabanagem”

(movimento histórico de revolta popular) deixou a cidade de Belém praticamente em ruínas: desde os tempos de Lobo de Souza, Presidente da Província morto pelos cabanos, que ela era castigada por tiros de canhões legalistas e diversos combates internos.

Durante a administração de Jerônimo Francisco Coelho, que governou a Província pós-cabanagem, a cidade se reergueu de forma lenta, apesar de muitas obras terem sido feitas. Em seu governo, foi apresentado um plano urbano para Belém, que consistia em canalizar os igarapés da capital, aproveitando-os como vias navegáveis. Infelizmente, o plano foi deixado de lado por falta de recursos.

A economia paraense, em meados do século XIX e início do século XX, apresentou um grande surto de produção e exportação do látex amazônico, determinado pelas exigências do mercado internacional.

A Europa vivia a febre da industrialização o que impulsionou as profundas transformações no cenário urbano.

O processo de urbanização de Belém do Pará, nesta época, não estava somente associado à intensificação da vida industrial, como aconteceu nas cidades da Europa e dos Estados Unidos, mas também foram motivados pelas funções; comercial, financeira, política e cultural que acompanharam toda a fase áurea da borracha. Devemos considerar que a preocupação com o ordenamento do espaço público se intensificou com o fluxo de nordestinos que se dirigiu à Amazônia, contribuindo para uma alteração de natureza demográfica na capital da Província (SARGES, 2002: 135).

O desenvolvimento urbano de Belém, neste período, sempre esteve associado também à imagem de uma pessoa que bem caracterizou o Estado (em nível municipal), simbolizando a administração que intensificou a renovação estética e urbana da cidade: Antônio José de Lemos. Durante sua administração municipal, que duraram exatos 13 anos (1898/1911), esteve à frente de um grande desafio: alterar a fisionomia de Belém e deixá-la aos moldes das cidades europeias, colocando a capital paraense entre as três melhores cidades do Brasil em termos de modernidade.

A remodelação da cidade tornou-se um projeto das elites locais que a propunha em nome do progresso e do interesse coletivo. Essa proposta urbana, em decorrência da movimentação do Porto de Belém, exigiu abertura e calçamento de ruas, tornando o bairro comercial altamente valorizado. Assim, procedeu-se à abertura de novas vias mais largas e, principalmente, à expansão dos limites da cidade com a criação de novos bairros, como Pedreira e o Marco da Léguas, este último foco central desta pesquisa, onde ficava o fim da Primeira Léguas Patrimonial.

Em novembro de 1898, Antônio José de Lemos assumiu a Intendência de Belém e, com sua política urbanística, uma de suas primeiras medidas foi a reorganização dos serviços da cidade. Antes disso, o espaço urbano da capital era caótico; ruas sem pavimentação, praças mal cuidadas e sem iluminação adequada, e as águas pluviais formavam lagoas no meio da rua, o que dificultava o trânsito de veículos e pessoas.

As atitudes de Antônio Lemos, durante o período de sua Intendência (1898-1911), já refletia que a cidade precisava entrar nas concepções de “ordem”, “progresso” e “civilização”, parâmetros importantes para consolidar o novo regime que se instaurava no País.

É preciso lembrar que a concepção de civilização de Lemos está diretamente associada a um conjunto de valores do mundo europeu; tais valores informariam a sua atuação à frente da administração municipal contra o “atraso” em que Belém se encontrava. A primeira medida tomada para disciplinar o povo foi a criação de novas Leis e Códigos de Posturas Municipais, que iriam exercer o papel regulador dos aspectos mais diversos do espaço urbano, desde a higienização dos estabelecimentos públicos, habitações coletivas, hotéis, mercados e até controle de alimentos que eram vendidos à população. O abastecimento de água para as casas e os prédios comerciais era feito por meio de barris e distribuídos pelos aguadeiros em carroças puxadas por animais.

A cidade desfrutava de uma situação econômica favorável em razão de a exportação da borracha atingir altos níveis, mas os habitantes não contavam com ótimos serviços básicos de educação, saúde e transporte. As famílias enriquecidas com o “ouro verde” começaram a construir suas novas residências e mandavam seus filhos estudarem na Europa.

O eixo fundamental para que Lemos implantasse o progresso na cidade de Belém, como qualquer outra cidade brasileira, guiava pela política de higienização do espaço público. A estratégia saneadora implementada pela nova administração iniciou-se com a organização do serviço sanitário. A cidade foi dividida em distritos sanitários e os médicos incumbidos, dentre outras coisas, de vacinação e revacinação do povo.

O intendente foi buscar no urbanismo do Barão de Hausmann, responsável pela reforma urbana de Paris em meados do século XIX, o novo modelo de plano para a cidade de Belém, sendo estes seus principais objetivos: facilitar a circulação, multiplicando as ligações entre os diferentes pontos da cidade; assegurar a valorização dos monumentos, colocando-os no eixo de uma perspectiva que desse à cidade uma imagem de cidade moderna, totalmente diferente da antiga Belém, que era

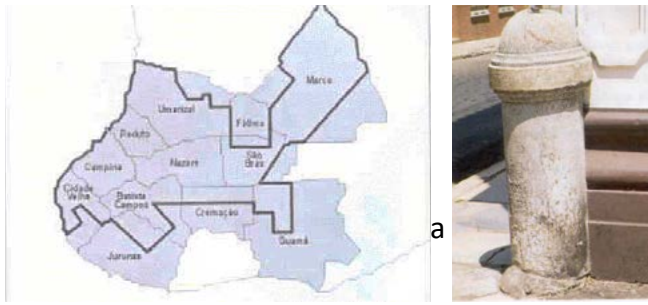


Fig.13-14-Marco esculpido em pedra após 300 anos (1928) que anteriormente era executado de madeira (1628) representava o símbolo fálico da tradição portuguesa o que indicava o primogênito da família (à esquerda). Ao lado (à direita) o Mapa da cidade de Belém com o bairro do Marco em destaque na parte superior. Fonte: Codem/PMB

caracterizada como velha e insalubre.

Seguindo a concepção das cidades europeias, Lemos construiu duas grandes avenidas para que fizessem ligações com o litoral: Avenida Quinze de Agosto (atual Avenida Presidente Vargas), antes um beco insalubre que se prolongava do Porto até Praça da República, e o *Boulevard* da República, uma cópia fiel dos boulevards parisienses, sendo motivo de orgulho e admiração para visitantes estrangeiros.

A idealização do bairro do Marco da Légua (Fig.13-14) pela administração lemistá foi uma estratégia de expansão da zona urbana para desafogar o centro de Belém. Este foi um dos pontos altos de sua política urbanística, que

começou em 1902, com a elaboração do novo plano da cidade, em substituição ao elaborado pelo engenheiro Manoel Teodorico Nina Ribeiro no quadriênio de 1883/1886.

O Marco da Légua no Plano Urbano de 1905, para o intendente, era muito evidente que a expansão da cidade deveria seguir para aquele ponto. Ele afirmava que, como Belém estava apertada entre o litoral, de um lado, e os terrenos alagados da parte oriental, entre os limites urbanos e o Rio Guamá, a cidade só tinha como desafogo o Marco da Légua, cujo sítio alto e seco, dotado de terreno arenoso e em declive, com um perfeito sistema de drenagem natural. No que é bem evidente em sua afirmativa: *“Estou convencido [de] que o sadio arrebalde será, no futuro, um dos bairros mais bonitos e elegantes de Belém.”* (Antônio Lemos, sobre o bairro do Marco da Légua em seu relatório da intendência em 1902).

Mas se engana quem pensa que foi somente na administração de Antônio Lemos que as avenidas e travessas que compõem o bairro foram abertas e melhoradas. Em sessão na Câmara Municipal de 13 de setembro de 1893, foi aprovada a autorização para o intendente de Belém à época, Arthur Índio do Brasil, abrir as atuais ruas que compõem o bairro do Marco.

No evento, foram os vogais de; Virgílio de Mendonça, Fortunato Alves de Souza Júnior, José M.C. de Macedo, José Antônio Nunes, Virgílio Sampaio e Sabino Henrique da Luz que propuseram a autorização. Em novembro de 1893, o arruamento estava pronto e dizia a lei que os prédios deveriam ficar isolados uns dos outros, numa distância de quatro metros e meio em cada lado, observadas as exigências de apresentação e prévia aprovação das plantas. Entre as obras de vulto da época se destaca a implantação da Estrada de Ferro de Bragança, tendo como um nome de grande importância na engenharia local, a do engenheiro paraense Henrique Américo Santa Rosa, que com seus 25 anos, juntamente com Paulo Bolonha de Loureiro, pai de Francisco Bolonha, fundam o Clube Republicano do Pará, chegando a ser o secretário Estadual de Obras Públicas e primeiro diretor da primeira Escola de Engenharia do Estado do Pará.

Antônio Lemos, tomando como padrão o urbanismo que o Barão de Hausmann executou em Paris, desenvolveu o Plano de Urbanização de Belém, que foi publicado em 1905, o qual definiu a área da cidade dentro do espaço da Primeira Légua Patrimonial, mostrando a cidade dividida em bairros, com suas respectivas funções: comerciais, residenciais, industriais e de serviços.

Para a elaboração da nova planta da cidade, o intendente, além de convocar

José Sydrin, contava com uma equipe de profissionais de grande gabarito, dentre eles Manoel Odorico Nina Ribeiro, o engenheiro Francisco Bolonha, João de Palma Muniz, Filinto Santoro, João Coelho, Lúcio de Freitas do Amaral e Frederico Martin. Estes desenvolveram um plano a fim de ordenar o espaço da cidade e definir os objetivos para cada área a ser inserida.

Era um plano que afastava da área central para a periferia, a população trabalhadora de baixa renda.

“O urbanismo de Antônio Lemos, assim como o de Haussmann, induzia a formação, em uma parte da cidade, de um espaço destinado à burguesia” (LOBATO, 2002: 28).

Além de projetar o bairro do Marco da Légua, com avenidas de 44 metros e travessas com 22 metros de largura, Antônio Lemos deu início primeiramente ao serviço de nivelamento da Avenida Tito Franco (Estrada de Ferro Belém-Bragança), desde o Largo de São Brás até o Bosque Rodrigues Alves. Como alternativa de evitar que o novo bairro acabasse como o centro da cidade, repleto de becos e vielas, tratou logo de abrir as ruas, travessas e praças.



Fig.15- Bosque Rodrigues Alves com o monumento em homenagem ao I Congresso dos Intendentes executado nas administrações de Antônio Lemos e Augusto Montenegro. Fonte: Codem/PMB.

No plano urbano de 1905, Lemos havia idealizado não somente para o Marco, mas também para o bairro vizinho da Pedreira, duas grandes praças, maiores até mesmo que a Praça da República, que infelizmente, após sua saída da Intendência em 1911, não chegaram a ser executadas. Apenas o Bosque Rodrigues Alves (Fig.15) permaneceu como área de lazer do bairro do Marco. Desde 1897, na administração lealista, começa a abertura de vias no bairro com nomes em homenagem aos heróis e fatos da Guerra do Paraguai, como; Travessa Perebeui, Travessa Curuzu, Travessa Humaitá, Travessa Lomas Valentinas, Travessa Angustura, Travessa Vileta, Travessa Timbó, Travessa do Chaco, Travessa Mauriti, Travessa Barão do Triunfo, Avenida Almirante Barroso, Avenida Duque de Caxias, Avenida 25 de Setembro, Avenida Visconde de Inhaúma.

Em 9 de setembro de 1899, Lemos assinou contrato com Antônio de Pontes Tavares, através do qual foram considerados obrigatórios não somente a abertura das grandes vias, desde o bairro de São Brás até o *Boulevard* da Avenida Dr. Freitas, à direita e à esquerda da Avenida Tito Franco (atual Avenida Almirante Barroso), mas também todos os procedimentos de destocamento, desobstrução, roçadura, queimação e nivelamento da área.

Vale lembrar que, na época, o Marco da Légua era rodeado de mata virgem, e esse serviço só teve conclusão no ano de 1900.

Outras providências de grande importância foram sendo realizadas pela Intendência Municipal, como a denominação da Estrada de Ferro de São Brás até o fim da Primeira Légua de Avenida Tito Franco, nome de um renomado professor e político paraense que falecera em 1899 (depois denominada até hoje de Avenida Almirante Barroso); a atribuição do nome *Boulevard* Doutor Freitas para o antigo *Boulevard* da Câmara, limite extremo do primitivo patrimônio municipal; a nomeação de uma turma de operários para o serviço permanente de conservação das ruas,

travessas e avenidas, pois somente a avenida principal constava naquele contrato.

O espaço urbano belenense até a década de 1960 já estava dividido em três grandes setores: zona norte, zona leste e zona sul. O motivo da “tri divisão”, no que se refere ao espaço, teve origem na porção situada em torno do centro da cidade e sua periferia. Assim sendo, foram considerados bairros da zona norte todos aqueles localizados ao norte do eixo da Avenida Nazaré – Avenida Independência (atual Avenida Governador Magalhães Barata), cuja presença determinou a constituição do grupo de bairros da zona leste e atuou como divisor para identificar os bairros da zona sul.

O bairro do Marco, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 1960, apresentava uma população de, aproximadamente, 41 mil habitantes e se localiza, em sua maior parte, sobre o topo muito aplainado do mais alto nível de Belém (15 metros), onde já havia uma maior artificialidade da organização de seu espaço urbano, que teve como eixo orientador a antiga Avenida Tito Franco, atual Avenida Almirante Barroso. Ainda hoje, o bairro preserva as suas características originais quanto à estrutura, pois é residencial de classe média e alta, nas ruas e travessas mais próximas ao grande eixo, que lhe deu origem, e popular nas partes mais afastadas do mesmo.

Durante a administração municipal do Coronel Nélio Lobato, em 1972, as principais avenidas do bairro do Marco passaram por uma urbanização que trouxe melhorias significativas. As travessas receberam drenagem, pavimentação e iluminação adequada onde antes não havia.

A Avenida Primeira de Dezembro, atual João Paulo II, foi duplicada e adicionou-se um canteiro central arborizado com mangueiras. A segunda grande intervenção urbana no Marco aconteceu em 1993/1994 durante a gestão municipal do Prefeito Hélio da Mota Gueiros, quando houve uma atenção voltada para as “baixadas” (terrenos sujeitos à inundação, abaixo da cota quatro), coma recuperação dos canais, por meio de limpeza e drenagem, além de melhorias no calçamento e pavimentação das principais avenidas do bairro.

Em 2001, tiveram início às obras de macrodrenagem das bacias de Belém, em especial a do Una, que trouxeram benefícios para diversos bairros da capital, mas até hoje não foram concluídas em sua totalidade. A falta de saneamento em áreas próximas aos canais, que a população de baixa renda começou a ocupar a partir da década de 1960, sempre trouxe desafios para as gestões municipais e governamentais.

A urbanização e o desenvolvimento delinearão a configuração atual do bairro do Marco nos últimos anos. Antes, as edificações apenas se concentravam próximas à Avenida Almirante Barroso; hoje, elas adentraram o bairro e se multiplicaram cada vez mais. Os condomínios verticais de cinco pavimentos, que começaram a ser erguidos no bairro em meados dos anos 1960,

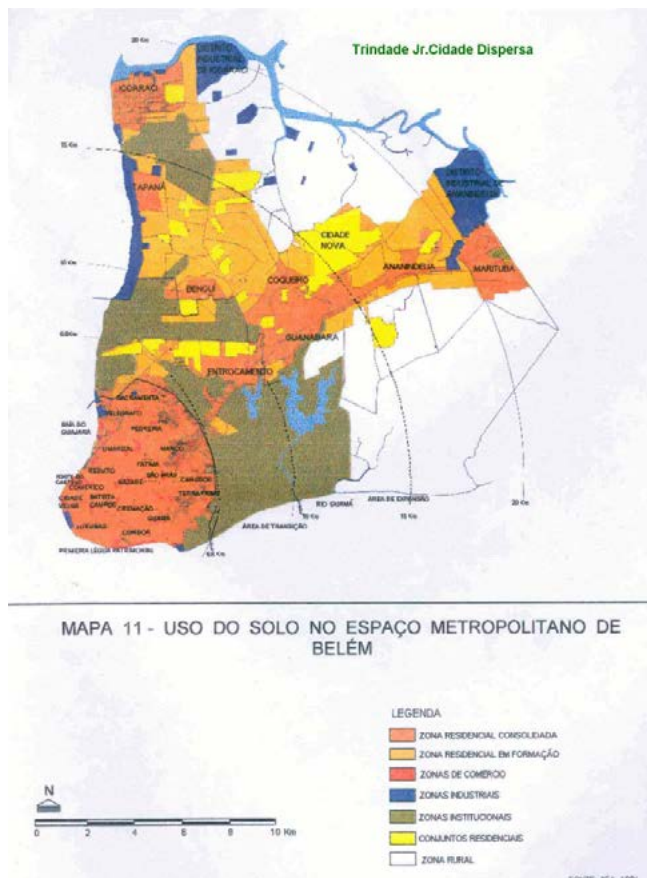


Fig.16- Mapa temático da Região Metropolitana de Belém com o domínio do uso residencial na Primeira Léguas patrimonial. Fonte: Codem/PMB

perderam espaço para os espigões de mais de 20 pavimentos que a cada dia vão tomando conta da paisagem urbana da área.

O processo de produção do espaço de Belém deu-se sempre a partir das áreas mais altas e mais valorizadas, para depois se dirigirem às áreas mais baixas. A verticalização sempre seguiu esta lógica, muito frequente em diversas capitais brasileiras. Um fator importante neste processo foi a concentração de equipamentos urbanos na Primeira Léguas Patrimonial (Fig.16).

Quanto ao uso do solo urbano, se estimulou a uma crescente verticalização do bairro, aliada às intervenções urbanas recentes, também contribuiu como polo atrativo de comércio e serviços bastante variados: supermercados, vestuários, eletroeletrônicos, veículos, alimentação, bancos, rede hoteleira, educação e saúde, dentre outros. O uso do solo do bairro do Marco mostrava um espaço totalmente residencial, e a realidade evidenciou que este mesmo espaço vem dando lugar às atividades de uso misto, ou seja, o aproveitamento do mesmo lote para uso residencial e comercial ou somente comercial.

A infraestrutura do bairro do Marco se apresenta organizada e bem distribuída com as intervenções de alta densidade imobiliária em razão de seus lotes se localizarem nas cotas mais elevadas no cenário urbano.

Com relação à rede viária, as principais avenidas se interligam com o centro, tendo a Avenida Almirante Barroso como corredor principal, hoje saturado, em face do grande número de veículos que se deslocam, vindos de outros municípios que integram a Região Metropolitana de Belém. Não se pode esquecer que as vias de tráfego, que hoje são parcialmente responsáveis pelo congestionamento e pela deterioração dos centros urbanos, são as mesmas que viabilizaram antes sua dinâmica, sua animação e suas personalidades urbanas. Para solucionar esse grave problema, diversas intervenções nas principais avenidas do bairro do Marco foram colocadas em prática para melhorar a acessibilidade não somente ao centro, como na interligação com os demais bairros.

Conclusões

Este artigo se concentrou como objetivo principal, efetuar um estudo genérico urbano do bairro do Marco da Léguas na cidade de Belém do Pará, levantando questões fundamentais no processo de desenvolvimento do mesmo.

A idealização parte de uma premissa quanto à importância daquele bairro dentro do processo evolutivo histórico e expansionista da cidade, projetado no final do século XIX e início do século XX pelo intendente municipal Antônio Lemos, dentro de uma ótica elitista da *Belle Époque* para se tornar um dos bairros mais elegantes de Belém, para isso o Marco da Léguas atravessou um longo processo de transformação do seu espaço, evidenciado pelo crescimento populacional e a verticalização recente.

O Marco foi idealizado por Antônio Lemos, intendente municipal da capital e figura central de uma política de urbanização de Belém no final do século XIX, o bairro do Marco da Léguas era um dos pontos altos de sua administração pública. Pelo fato de este ser situado entre a periferia e o centro, o que constituía o local ideal para a expansão da cidade. A economia local gerada pela exportação da borracha amazônica e as ideologias europeia de modernidade ditaram a criação do Marco da Léguas, um bairro onde a elite teria como desfrutar de toda modernidade e conforto que poderiam ser oferecidos pelas grandes cidades europeias.

O traçado urbano priorizou, em primeiro plano, uma forte hierarquia entre as vias novas e a maioria das antigas da cidade, com ruas largas, bem arborizadas,

criando assim uma vasta rede de artérias que cortavam indistintamente o território da nova metrópole. Ainda hoje, o Marco da Légua, ou simplesmente “Marco”, como o povo costuma chamar, sobreviveu com estas características urbanas. O seu espaço que outrora era exclusivamente residencial foi sendo ocupado pela variação de uso, como o crescimento de bares e estabelecimentos comerciais de pequeno e grande porte, próximo das grandes vias que cortam o bairro.

No presente trabalho se observou a possibilidade de compreender a evolução urbana de um bairro que sobreviveu com as características de seu espaço os quais foram implantadas no início do século XX, numa época em que a modernidade de Belém, influenciada pela economia da borracha e pela administração de um gestor municipal que promoveu um grande desenvolvimento urbano. O bairro enfrenta, atualmente, dificuldades decorrentes dos processos de ocupação e crescimento urbano, desde problemas ambientais em consequência de ocupação indevida, crises em torno do solo urbano envolvendo diferentes classes sociais, conflitos relativos à convivência de usos, e até a proliferação de ocupações irregulares. As transformações recentes do bairro do Marco da Légua estão gerando espaços nos quais os diferentes grupos sociais encontram-se muitas vezes próximos, mas estão separados pelo poder das posses.

Referências Bibliográficas

COIMBRA, Janete Marília Gentil. *A verticalização nos limites da produção do espaço: parâmetros comparativos entre Barcelona e Belém*. Belém: UFPA, 2007.

CRUZ, Ernesto. *Ruas de Belém*. Belém: Cejup, 1992.

LOBATO, Célio de Queiroz. *O plano urbano de Antônio Lemos – A planta de Belém de 1905*. Belém: Cesupa, 2005.

PENTEADO, Antônio Rocha. *Belém – estudo da geografia urbana*. Belém: UFPA, 1968. Vols. I e II.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM. Mensagem à Câmara Municipal de Belém. Belém: PMB, 1972.

INTENDÊNCIA MUNICIPAL. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15/11/1902 pelo Exmo. Sr. Intendente Antônio José de Lemos. Belém. Belém: PMB, 1902.

ROCQUE, Carlos. *História geral de Belém e do Grão-Pará*. Belém: Distribel, 2001.

_____. *Antônio Lemos e sua época*. História política do Pará. Belém: Cejup, 1998.

RODRIGUES, Ferdinando de Moura. *Desenho urbano – cabeça, campo e prancheta*. São Paulo: Projeto, 1986.

SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do velho intendente*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

VALENTE, José Duarte. A história nas ruas de Belém: Marco e Pedreira. Belém: Cejup, 1993.

MAGNO, Cintia. *Bairros Históricos*. JORNAL DIÁRIO DO PARÁ, Belém, 07 fev.2021. Belém 405 anos, Bairro do Marco, fascículo 9, p.3-14.

Autores

Adriano Lima de Menezes. Arquiteto e urbanista formado pela Universidade da Amazônia – Unama; especialista em Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, pela Universidade Federal do Pará – UFPA, FAU/ITEC em 2010.

Stélio Saldanha Santa Rosa. Arquiteto e urbanista; mestre em Arquitetura, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – PROARQ/UFRJ; professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Tecnologia da Universidade Federal do Pará – FAU/ITEC/UFPA; professor do curso de Especialização em Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente da UFPA. Foi arquiteto atuante no Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado do Pará (CREA-PA) e na área de projeto arquitetônico. É arquiteto filiado no Conselho de Arquitetura e Urbanismo-CAU. steliosantarosa@yahoo.com.br

EJE 2

EDUCACIÓN UNIVERSITÁRIA Y COMPROMISO
CON LOS PROBLEMAS SOCIALES, POLÍTICOS,
ECONÓMICOS Y CULTURALES DE LA REGIÓN.

EIXO 2

A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA E O COMPROMISSO
COM OS PROBLEMAS SOCIAIS, POLÍTICOS,
ECONÔMICOS E CULTURAIS DA REGIÃO.

UNIVERSIDAD, POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCATIVAS Y EL DERECHO A LA EDUCACIÓN DE LOS JÓVENES: Aportes para (re)pensar estas interacciones

Eje/Eixo Temático 2

Alejandra Castro, Facultad de Filosofía y Humanidades, UNC
Silvia Oliva, Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño (FAUD), UNC
Andrea Martino, Facultad de Filosofía y Humanidades, UNC
Luisina Zanuttini, Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño (FAUD), UNC
Federico de la Fuente, Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño (FAUD), UNC
Analía Van Cauteren, Facultad de Filosofía y Humanidades, UNC
Belén Franco, Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño (FAUD), UNC
Florencia Serra, Facultad de Humanidades y Artes, UNR, CONICET
Sofía Álvarez, Facultad de Filosofía y Humanidades, UNC

Resumen

Este trabajo se enmarca en el Eje temático 2: La Formación Universitaria y el Compromiso con los Problemas Sociales, Políticos, Económicos y Culturales de la Región. En particular nos interesa abordar el tema: la Universidad y las Políticas Públicas. En nuestras investigaciones venimos indagando y estudiando sobre la educación secundaria desde dos escalas de análisis complementarias: la que aborda las políticas públicas educativas, y la escala organizativo-institucional, que se detiene en las escuelas secundarias de gestión estatal de la ciudad de Córdoba. Para ello, nos proponemos un abordaje interdisciplinario, desde la interacción entre diseñadorxs industriales, pedagogs y arquitectxs, tanto en la construcción del problema, el enfoque analítico como en las posibles intervenciones. Nos interesa conocer los procesos de escolarización de los jóvenes en las escuelas secundarias públicas, indagar qué condiciones políticas, institucionales y pedagógicas se están construyendo tanto desde el Ministerios de Educación como en las propias escuelas para garantizar el ejercicio del derecho a la educación. Desde nuestra formación, las dimensiones espacial y temporal son consideradas en profundidad para investigar sobre los procesos de escolarización.

Palabras claves: **derecho a la educación, escuela secundaria, tiempos escolares, espacios escolares, escolarización de lxs jóvenes.**

Resumo

Este trabalho se enquadra no Eixo temático 2: A Formação Universitária e o Compromisso com os Problemas Sociais, Políticos, Econômicos e Culturais da Região. Em particular nos interessa abordar o tema: a Universidade e as Políticas Públicas. Em nossas investigações viemos indagando e estudando sobre a educação

secundaria desde duas escalas de análise complementarias: a que aborda as políticas públicas educativas, e a escala organizativo-institucional, que se detém nas escolas secundarias de gestão estadual da cidade de Córdoba. Para isto, nos propomos uma abordagem interdisciplinar, desde a interação entre designxrs industriais, pedagogxs e arquitexs, tanto na construção do problema, o enfoque analítico como nas possíveis intervenções. Interessa-nos conhecer os processos de escolarização dos jovens nas escolas secundarias públicas, indagar que condições políticas, institucionais e pedagógicas se estão construindo tanto desde o Ministério de Educação como nas próprias escolas para garantir o exercício do direito á educação Desde nossa formação , as dimensões espacial e temporal são consideradas em profundidade para investigar sobre os processos de escolarização.

Palavras chaves: **direito à educação, escola secundaria, tempos escolares, espaços escolares, escolarização dxs jovens.**

Introducción

En el proyecto de investigación “El derecho a la escolarización secundaria. Aportes para la (de)construcción de las condiciones de escolarización y el formato escolar”¹ nos proponemos estudiar los procesos de escolarización que se están desplegando, desde la sanción de la ley de Educación Nacional N° 26.206 del año 2006, que establece la obligatoriedad de toda la escuela secundaria para los jóvenes. Con la sanción de esta ley nacional y la Ley de Educación de la Provincia de Córdoba N° 9870 en 2010, se reconoce a la educación como un derecho social e individual y como un bien no transable y garantizado por el Estado.

En relación a esto, en nuestro proyecto nos interesa conocer cuáles decisiones y acciones se están pensando y ejecutando para garantizar este derecho a la escuela secundaria, detectar cuáles medidas colaboran, favorecen y/o dificultan en esa dirección, tanto a nivel de las políticas ministeriales como a nivel de las instituciones escolares. Dar cuenta de estos procesos implica considerar la complejidad que se pone en juego en la implementación de políticas públicas educativas y en la construcción social de la escolaridad secundaria obligatoria. Concebimos que los procesos que se despliegan para garantizar el derecho a la educación de la escuela secundaria son variados y de diferente índole; en esta investigación proponemos estudiar de forma relacional lo planteado en las normativas, las políticas de inclusión educativa y los aspectos vinculados a las formas de organización de la escuela secundaria, en particular en su forma de organizar el espacio y el tiempo.

La hipótesis central que se sustenta y que nos ha posibilitado una lectura compleja de los procesos educativos, es que el estudio de las reformas educativas y de los cambios inducidos desde el Estado, requieren un análisis simultáneo de las regulaciones oficiales que se despliegan para el sistema en su conjunto, y de los procesos de traducción, resignificación y asignación de sentidos que los sujetos en el seno de singulares condiciones organizativas e institucionales, producen sobre estas regulaciones.

¹ Es un Proyecto CONSOLIDAR financiado por la Secretaria de Ciencia y Tecnología (SeCyT) de la Universidad Nacional de Córdoba, con una duración de 4 años 2018-2021. Este proyecto forma parte del Programa de investigación “Educación y espacialidad. Interacción entre pedagogía, arquitectura y políticas en la construcción de espacios educativos” integrado por docentes e investigadores de la Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño y de la Facultad de Filosofía y Humanidades, ambas de la Universidad Nacional de Córdoba.

Estructura y desarrollo del trabajo: la construcción del vínculo entre la Universidad, las políticas públicas educativas y las escuelas secundarias

El modo en que venimos pensando la articulación entre la universidad, las políticas públicas educativas y las escuelas secundarias lo planteamos en una primera aproximación en el proyecto de investigación “El derecho a la escolarización secundaria. Aportes para la (de)construcción de las condiciones de escolarización y el formato escolar”. Allí, esbozamos posibles articulaciones en los diferentes ejes o líneas de investigación en que organizamos la indagación.

El Proyecto de investigación está organizado en tres líneas interrelacionadas. Cada una de ellas aglutina y delimita, para profundizar, una parte o dimensión de la temática. A continuación, las mencionamos y exponemos las principales preguntas que interesan y vertebran cada una:

Línea 1. Estudio de las políticas de inclusión educativa. Derecho a la educación y obligatoriedad de la escuela secundaria. Esta línea recupera y profundiza en las investigaciones desarrolladas por este equipo años anteriores en los que se sostiene que la idea de inclusión –puesta en juego fundamentalmente a partir de 2003 en la política educativa Argentina- sustituye en las normativas y en los lineamientos políticos los conceptos de focalización, compensación y equidad educativa presentes en la década de los 90.

Las preguntas que orientan esta línea de trabajo son:

- ¿Qué sentidos se despliegan en los textos jurídicos vigentes y en la documentación ministerial respecto a la inclusión educativa?
- ¿Cómo se está pensando desde las políticas educativas la extensión de la obligatoriedad de la escuela secundaria?
- ¿A través de qué estrategias la política educativa propone garantizar el derecho a la educación secundaria de la población?
- ¿Qué tensiones, dificultades se observan en el ejercicio de este derecho?

Línea 2. Estudio de la escuela secundaria actual: formatos escolares y construcción de condiciones de escolaridad para garantizar el derecho a la educación secundaria obligatoria. En esta línea se abordará el análisis del formato escolar moderno y sus transformaciones. Durante mucho tiempo imperó, y aún subsiste la concepción que el abandono o la no incorporación de los jóvenes a la escuela secundaria era consecuencia de dificultades propias del alumno, ya sea por su pertenencia a determinados sectores sociales y culturales y/o dificultades individuales. Poco se interpelaba al sistema educativo, a la política educativa y a la propia escuela como partícipes en esa situación. Es en tiempos más recientes con la preocupación por la inclusión de la población a la escuela secundaria, que se ha comenzado a interrogar a la escuela y a preguntarse por su responsabilidad en la exclusión escolar. Flavia Terigi sostiene que “Mientras el nivel secundario incorporaba sólo a las capas medias de la población, su propuesta pedagógica, su formato organizacional y su currículum se recortaban como legítimos. Si muchos estudiantes no lograban transitar el nivel, ello no se analizaba como problema del nivel, puesto que se aceptaba que la escuela media no era “para todos”. (Terigi, 2008: 65).

Hoy, en el marco de la obligatoriedad de la escuela secundaria para todos, el formato escolar² se pone en la mira para su revisión. Sin desconocer que la escuela secundaria fue posibilitando paulatinamente, especialmente a partir de 1950, el ingreso de las capas medias de la población y se fue diversificando en su oferta – diferentes orientaciones y formaciones específicas- no logra alterar sustantivamente ese mandato seleccionador posibilitando el ingreso, la permanencia y egreso especialmente de los sectores populares. A partir de la sanción de las leyes enunciadas en la línea 1 del proyecto se han generado una serie de revisiones e innovaciones en torno al formato escolar tradicional que posibilitan pensar variaciones de las formas de lo escolar en el marco de las políticas de inclusión educativa.

Las preguntas que orientan esta línea de estudio son:

- ¿Cómo se piensa la escuela secundaria que posibilite el ejercicio del derecho a la educación? ¿qué supuestos sobre la escuela y el formato escolar subyacen en las regulaciones vigentes (estudiadas en la línea 1)?
- ¿Qué formas escolares y variaciones del formato escolar se pueden identificar actualmente y qué propuestas realizan con relación al formato escolar tradicional de la escuela secundaria?

Línea 3. Estudio de los tiempos y los espacios en educación. La dimensión espacio-tiempo en la escuela secundaria, posibilidades, límites y experiencias. En esta tercera y última línea de trabajo nos proponemos indagar acerca de dos importantes componentes del formato escolar: el espacio y el tiempo. La dimensión espacial y temporal son claves en la configuración y organización del dispositivo escolar y proponemos estudiarlas en el marco de la ampliación del derecho a la educación secundaria. El desafío particular en esta línea es el trabajo transdisciplinar en el abordaje y construcción del objeto de estudio. En este sentido, trabajaremos con aportes de las ciencias sociales –la geografía, la sociología entre otras-, la pedagogía, la psicología, la arquitectura y el diseño industrial como perspectivas que nos posibilitan enriquecer las preguntas de estas dos dimensiones y analizar la realidad educativa en su complejidad.

Entendemos que tanto el espacio como el tiempo escolar son construcciones históricas, culturales y contextuales y que influyen decididamente en los procesos de escolarización y subjetivación, a pesar de que muchas veces se las concibe como “naturales”. Además, sostenemos una perspectiva en su estudio que implica considerar no solo su dimensión material o física sino también los usos, sentidos y significados construidos por los sujetos en las instituciones educativas. Entendemos que la concepción espacio-funcional de los escenarios educativos es determinante del tipo de relaciones, vínculos, actividades que admiten o no, y también de los sentidos que de ellos se derivan, ya sea como construcción cultural o como prácticas institucionalizadas.

Espacios principalmente definidos por edificios (en la escala arquitectónica), cuyo uso no puede ser finalmente ejercido sin la presencia de equipos y muebles (en la escala del equipamiento) que los complementen, y que de alguna manera actúan reproduciendo un modelo de orden que responde a una determinada concepción de educación, y a unos determinados valores socioculturales.

² Según Miriam Southwell el formato escolar es lo que han tenido en común el abanico diverso de orientaciones en la escuela secundaria. El formato lo entiende como “el saber escolar organizado en ramos, su enseñanza simultánea, el currículum graduado, una secuencia fija, el ciclo escolar, el currículum generalista y enciclopédico, el agrupamiento en base a la edad, el aula/sección como unidad espacial, la distribución de tiempos y espacios, los rituales patrióticos”. (Southwell, 2011:65).

Las preguntas que orientan esta línea son:

- ¿Cómo se está pensando la inclusión educativa y el derecho a la educación secundaria de las y los jóvenes en clave espacial y temporal en las instituciones educativas?
- ¿Qué usos, apropiaciones e innovaciones se producen en relación al tiempo y el espacio escolar por parte de los sujetos en las instituciones escolares?
- ¿Cuál es el rol que asume el equipamiento y la configuración física y simbólica del espacio educativo en relación a la obligatoriedad de la escuela secundaria?
- ¿Cuál es el lugar de los espacios y de los tiempos en la construcción de una educación inclusiva?

Nuestro trabajo de campo incluye escuelas secundarias públicas, en las que hemos realizado observaciones, registros y entrevistas a diferentes actores escolares (directivos, profesores, coordinadores de curso, estudiantes). Estas instancias apuntan a conocer las condiciones materiales, institucionales y pedagógicas que posibilitan ir construyendo condiciones para garantizar el derecho a la escolarización de los jóvenes.

A nivel de **las políticas públicas educativas**, hemos realizado un rastreo y análisis de documentación oficial, normativa y otros textos que hacen a los programas y proyectos que van materializando la implementación de las políticas educativas. También se ha entrevistado a una funcionaria de alto rango del Ministerio de Educación de la provincia de Córdoba (se trata del cargo de Secretaria de Educación de la Provincia de Córdoba) para conocer desde los propios actores con responsabilidad en las decisiones ministeriales, cómo se está pensando y gestionado la construcción del derecho a la educación secundaria. Recuperamos algunas de sus expresiones y enunciados que nos posibilitan conocer cómo se está pensando desde las autoridades políticas estos procesos de escolarización.

Una primera cuestión que venimos registrando en la escala de las políticas educativas y que aparece en el discurso de la funcionaria tiene que ver con una concepción integral del cumplimiento del derecho a la educación a nivel de todo el sistema educativo. Es decir, el nivel primario es obligatorio desde hace más de un siglo y sus tasas de escolarización han llegado casi a su universalización, mientras que el nivel inicial viene ganando terreno en obligatoriedad desde la década de los noventa. La sanción jurídica de la obligatoriedad extendida a toda la escuela secundaria se logra recién en la primera década del siglo XXI. Estas diferencias interniveles que expresan procesos históricos distintos en relación a los logros en el cumplimiento de derechos educativos, pueden significar cierta fragmentación en el acceso al derecho a la educación, pero también, se reconoce cierta vectorización desde el reconocimiento de las interrelaciones y necesarias articulaciones entre los niveles que conforman el sistema educativo, tomado el recorrido de todos los niveles como una gran unidad pedagógica.

Al respecto la funcionaria señalaba que *"...me parece importante poder hablar de la educación general y básica y obligatoria tomando los diferentes niveles que hacen al sistema"* (funcionaria del Ministerio de Educación, 22/12/2019).

Otra cuestión que nos parece interesante recuperar de esta entrevista es el reconocimiento de la escuela secundaria y el cumplimiento de la obligatoriedad en este nivel como un desafío actual que obliga a repensar su organización pedagógica e institucional -originalmente pensada para otro tipo de función social- en pos de avanzar y profundizar la inclusión, la permanencia y el egreso con aprendizajes significativos de todos los estudiantes:

*“Y en la secundaria está nuestro mayor desafío. Cuando asumimos, teníamos el diagnóstico de cómo era la situación de la escuela secundaria, donde particularmente aparecía el inicio del fracaso con repitencias reiteradas en el 2do año de la escuela secundaria... sobre todo de 14 y 15 años eran los chicos que abandonaban la escuela y quedaban fuera del sistema, por eso en el 2010 se crea el PIT, como programa de Inclusión y terminalidad, con una apuesta fuerte a entender otros modos, porque tenían que regresar al mismo sistema que los había dejado fuera, aunque los chicos digan, y se hagan cargo de su propio fracaso, y dicen lo que pasa es que “yo no estudiaba”, y yo les preguntaba por qué se fueron de la escuela y ellos decían “yo me portaba mal”, pero la escuela no aparece con ninguna responsabilidad, nada”
(funcionaria del Ministerio de Educación 22/12/2019).*

En esta reflexión lo que aparece también es una posición crítica hacia el propio sistema escolar, se plantea la necesidad de repensar qué del propio sistema, de la propia escuela ha sido causa de la exclusión de algunos estudiantes. En relación a este último aspecto hemos planteado que “el siglo XXI es testigo de un cambio de paradigma en los modos de abordar las políticas educativas, ya que son las propias variables del sistema educativo las que se ven interpeladas ante los desafíos de la inclusión y la igualdad. La mirada sobre las trayectorias escolares y educativas vienen visibilizando cuáles son los puntos críticos y los obstáculos que ciertas condiciones pedagógico-institucionales y formas de organización generan en aquellos sectores más vulnerables. Se reconoce así que el fracaso escolar no es una producción exclusivamente individual y familiar, sino que es asumido como responsabilidad colectiva y como tema prioritario en las agendas de gobierno tanto a nivel nacional como jurisdiccional” (Castro, Martino, Van Cauteren y López, 2020: 26).

En las escuelas hemos observado fundamentalmente el uso de los espacios y tiempos, como dos de los componentes centrales del dispositivo escolar. Tanto el espacio como el tiempo escolar son construcciones históricas, culturales y contextuales que influyen en los procesos de escolarización y de subjetivación, y muchas veces son presentados como naturales. Es nuestro propósito advertir sobre los sentidos, contenidos y efectos que las regulaciones sobre el tiempo y el espacio producen, a la vez que nos interesa indagar acerca de las apropiaciones que los actores hacen de éstos y las innovaciones que pueden inscribirse allí.

Nos preguntamos ¿cómo se construye el sentido de pertenencia en cuanto a los tiempos, los espacios y las experiencias formativas de los estudiantes?, ¿cómo acontecen las relaciones entre proyección y apropiación de lo espacial y temporal?, ¿cómo son las relaciones que se establecen con el espacio escolar en escuelas cuyos edificios no fueron pensados inicialmente como tales?, ¿cómo se vinculan los sujetos con edificios declarados patrimonio cultural?

Situarnos en una perspectiva epistemológica que concibe los tiempos y espacios escolares como construcciones sociales, culturales y contextuales, es decir, históricas, y a la vez en plural, supone alejarse no solo de las versiones “naturalistas” de estas variables que conforman el dispositivo escolar moderno, sino también de aquellas concepciones que los definen solamente como “telón de fondo” o como atributos objetivos, medibles y palpables de una determinada realidad. Es cierto que vivimos el tiempo como el aire que respiramos, casi sin darnos cuenta; y es cierto también, que habitamos los espacios con la experiencia de una evidencia que los naturaliza e invisibiliza. Sin embargo, y a pesar de ello, los espacios y los tiempos escolares son vividos, apropiados, experimentados, simbolizados. Suponen e involucran, mediatizan y traducen representaciones y relaciones sociales, expresan luchas, conflictos y pujas de poder, son productores de ciertas visualidades espaciales y de ciertas temporalizaciones. Las interacciones, los encuentros (sean del tipo que

sean) y los desencuentros no acontecen en un vacío, sino que ocurren, se dan e inscriben en lugares, sitios, momentos y duraciones, y viceversa.

La pandemia, y el efecto que sobre las instalaciones materiales y las jornadas escolares, produjeron las políticas estatales de cuidado social implementadas por el gobierno desde mediados de marzo del 2020, se constituyó para nuestra investigación en un analizador privilegiado de cómo el tiempo y el espacio escolar se vieron estructuralmente conmovidos en sus regulaciones, organización y usos cotidianos, poniendo al desnudo su carácter de constructo histórico y fuerte reguladores de los procesos de escolarización. Sin la materialidad de las aulas, los patios y el mobiliario escolar y sin la grilla horaria y la jornada escolar marcando duraciones y permanencias, como equipo de investigación fuimos explorando cómo los procesos de escolarización y lo escolar en sí, se “producían” o quedaban jaqueados, en otros espacios-tiempos, regulados por otras lógicas y coacciones. Allí, en el cotidiano de los espacios domésticos y familiares, en el encierro de un dormitorio o de un escritorio improvisado con tablas, una silla, o la mitad de la mesa de cocina, en el que ubicar un celular, una tablet o un cuaderno, comenzamos a estudiar el dinamismo y las tensiones de cómo la efectivización del derecho social a la educación insistía y resistía, o quedaba fragilizado en la producción y reproducción simbólica y subjetiva de la escuela.

Estar en la clase de matemática a las 8.15 de la mañana, establecido por la grilla horaria semanal, en un espacio cerrado por cuatro paredes denominado aula al interior de un edificio dejó de ser parte de la cotidianeidad escolar. Geografía a las diez de la noche, lengua por la tarde mientras se toma la leche, o el envío de un mensaje por WhatsApp como una forma de “levantar la mano” para hacer una pregunta comenzaron a formar parte de la nueva realidad escolar del 2020; algunas clases comenzaron a tener la duración de un celular compartido por cuatro, o de unos datos móviles disponibles, en otros casos, las explicaciones de un docente se escuchaban a través de una pantalla que abría al mundo privado de un dormitorio o a la charla de vecinos en la vereda. Desde estas nuevas espacialidades y temporalidades, esa institución que conocimos como escuela pre-covid, comenzó a ser resignificada e interrogada sustantiva y sustancialmente en su identidad institucional (bajo la pregunta ¿es esto una escuela?) hasta llegar a debates relativos a las ganancias o pérdidas de un año lectivo. La escolarización como proceso dinámico y como construcción social e histórica está en el corazón de dichos debates. La concreción de derechos educativos ineludiblemente queda atada a las formas en que concibamos un modo de ser escuela y sus procesos de escolarización.

Como investigadores, nuestras propias preguntas y búsquedas se vieron interpeladas por estas cuestiones, lo cual supuso revisar nuestras implicaciones y supuestos acerca de lo escolar tratando de producir las necesarias distancias teóricas y las suficientes reflexividades para tratar de comprender las novedades, transformaciones y permanencias de lo escolar en tiempos de pandemia. A la vez, la vivencia compartida del encierro, desde nuestros lugares de docentes en la universidad, académicos, investigadores, nos acercaba a una experiencia común con los docentes de todo el sistema educativo en las múltiples e inéditas formas que se fueron gestando para seguir produciendo encuentros y vínculos educativos bajo otros entornos y formatos.

Algunas reflexiones para seguir pensando

A continuación, compartimos algunas reflexiones que no pretenden cerrar sino más bien abrir a otras interrogaciones e ideas:

- En esta experiencia interdisciplinaria en investigación que venimos realizando, nos preocupan las formas de articulación entre estos conocimientos y los espacios de formación profesional y académica de las diferentes carreras universitarias de las que formamos parte. Nuestra preocupación, como docentes universitarios, es cómo incrementar el dialogo entre los saberes producidos en la investigación y los desarrollados y propuestas en nuestros programas de diferentes asignaturas académicas.

Por un lado, el desafío es el trabajo con los diferentes actores sociales, en nuestro caso la comunidad educativa en las escuelas secundarias, y el dialogo de los saberes allí producidos con los saberes y conocimientos disciplinares y de nuestras asignaturas y planes de estudios. Como docentes e investigadores de la universidad pública nuestras preguntas giran en torno a la formación profesional y académica. Entonces, ¿cuáles herramientas ofrecer en la formación de profesionales y de investigadores para pensar críticamente la construcción de escuelas, el uso de los espacios y los tiempos en las escuelas existentes, los sentidos y resignificaciones producidas por los sujetos en relación con los espacios y tiempos, las (des) articulaciones entre propuestas educativas y pedagógicas y los tiempos, espacios y edificios donde se despliegan los procesos de escolarización.

- Otra cuestión a reflexionar es el trabajo interdisciplinario o transdisciplinario y la necesidad de seguir explorando en este camino y profundizar en esta dirección. Estamos convencidos que la posibilidad de la producción de conocimientos relevantes para atender los problemas educativos necesita de una relación dialógica con otros actores sociales y sus saberes. Se trata de un proceso de construcción de conocimiento que se va produciendo en la conversación, en los cruces entre campos de conocimiento. Como plantea Silvia Serra (2018) construir ese “entre” disciplinas implica salirse de la zona de confort, de aquellos conocimientos en los que nos sentimos seguros y cómodos para abrir la posibilidad a lo extranjero, que implica abrirse a otros conocimientos y nos interpela en nuestras certezas y posiciones disciplinares. El diálogo desde esta perspectiva hace entrar en crisis los discursos aislados y problematiza los discursos con pretensiones totalizantes.

Como lo hemos sostenido en otros escritos, es una invitación a pensar los procesos de escolarización y el derecho a la educación secundaria como un territorio común y que necesita de diferentes puntos de vista para su abordaje. Por ello, proponemos el estudio de los tiempos y los espacios en las escuelas desde la cooperación y la concurrencia de miradas, perspectivas y voces. En este punto interesa plantear dos cuestiones vinculadas a este territorio en común. Por un lado, la necesidad de incluir en este diálogo a los docentes, directivos, estudiantes y otros miembros de la comunidad educativa para pensar los espacios para la enseñanza y el aprendizaje.

¿Cómo son los mejores tiempos y espacios para la educación?, ¿qué vinculaciones se producen entre espacios y tiempos escolares y derecho a la educación?

Por otro lado, no se trata de una construcción en cooperación sin conflictos y disputas, por el contrario, se construye sobre un campo de tensiones y pujas, vinculadas a las diferentes ideologías, posiciones, trayectorias, campos disciplinares y profesionales.

Es importante estar convencidos de la igualdad de las diferentes voces, lo que no significa que todos saben y opinan sobre las mismas cosas, o que no se registran especificidades en los aportes, sino que reconocemos que todas esas voces son igualmente necesarias, en el sentido de igualmente importantes, a la hora de considerar las diversas aristas en la construcción de nuestro objeto de estudio, los espacios escolares, los espacios educativos.

No desconocemos el peso y el poder acumulado por ciertos discursos académicos o ciertos actores por sobre otros. No negamos esas configuraciones de poder existentes que nos preexisten, no obstante, apostamos a construir este diálogo con las voces de los actores que durante tanto tiempo han estado invisibles y ausentes, ya sea por no ser reconocidas y escuchadas o por no manifestar sus posiciones y aportes (Castro, Oliva y Serra, 2020).

- La pandemia nos encontró investigando y preguntándonos sobre la escolarización desde nuestros y nuestras pluri lugares, saberes y compromisos. Desde allí, desde estas diversidades, hemos buscado articulaciones y encuentros que nos permitieran como equipo de investigación nombrar y comenzar a simbolizar esta experiencia mundial, tramitar incertidumbres y sostener solidaridades y cuidados, a la vez que mantener un posicionamiento ético y político de acompañamiento, mirada y escucha atentas y criteriosas a las escuelas, sus actores y sus procesos.

Referencias Bibliográficas

- Castro, A., Oliva, S. y Serra, F. (2020) La oportunidad del encuentro: algunas reflexiones en torno a la (co)construcción de conocimientos en la investigación sobre espacialidad en la escuela. En Castro A. y Oliva S. (comp.) Espacialidad y Educación. Reflexiones y experiencias desde la Investigación. Facultad de Filosofía y Humanidades, Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño, UNC. 2020. ISBN 978-987-86-4099-0. <https://rdu.unc.edu.ar/handle/11086/15800>

- Castro A., Martino A., Van Cauteren A. y López V. (2020) Políticas educativas y procesos de escolarización en la escuela secundaria: reflexiones en los albores del Siglo XXI en Argentina. En Castro A. y Oliva S. (comp.) Espacialidad y Educación. Reflexiones y experiencias desde la Investigación. Facultad de Filosofía y Humanidades, Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño, UNC. 2020. ISBN 978-987-86-4099-0. <https://rdu.unc.edu.ar/handle/11086/15800>

- Serra, M. S. (2018) "Pedagogía + arquitectura: reflexiones acerca del cruce de disciplinas" Ponencia en el 1er Taller sobre espacios y arquitecturas en la escuela. Departamento de Investigaciones Educativas del CINVESTAV- Unidad Coapa México, 7 y 8 de junio de 2018.

- Southwell M. (2011) "La educación secundaria en Argentina. Notas sobre la historia de un formato" en Tiamonti, G. (comp.) Variaciones sobre la forma escolar. Límites y posibilidades de la escuela media. Ed. Flacso- Homo Sapiens. Rosario.

- Terigi, F. (2008) Los cambios en el formato de la escuela secundaria argentina: por qué son necesarios, por qué son tan difíciles: En: Revista Propuesta Educativa Nº 29. FLACSO. Buenos Aires.

Autores

Alejandra Castro: Doctora en Ciencias de la Educación, Magister en Políticas y Estrategias, Licenciada y profesora en Ciencias de la Educación. Directora del proyecto de investigación “El derecho a la escolarización secundaria. Aportes para la (de)construcción de las condiciones de escolarización y el formato escolar”. Profesora Titular de Organización y Administración Educacional, Escuela de Ciencias de la Educación, Facultad de Filosofía y Humanidades, UNC. alecastrosanuy@gmail.com

Silvia Oliva: Diseñadora Industrial. Especialista en Enseñanza Universitaria de la Arquitectura y el Diseño FAUD UNC. Doctoranda en Estudios Sociales de América Latina de la Facultad de Ciencias Sociales - Co-directora de la Carrera de Especialización en Enseñanza Universitaria de la Arquitectura y el Diseño FAUD UNC. Investigadora categoría III en SECyT UNC. Profesora Titular de la Cátedra Diseño Industrial II B FAUD-UNC. Profesora Adjunta de la Cátedra Historia II del Dis. Ind. FAUD-UNC. Desarrolla actividad profesional independiente. silviaolivadi@gmail.com

Andrea Martino: Profesora y Licenciada en Ciencias de la Educación. Especialista en la Enseñanza de las Ciencias Sociales FFyH - UNC. Doctoranda en Doctorado en Ciencias de la Educación FFyH - UNC. Docente asistente en Análisis Institucional de la Educación y Organización y Administración Educación en la ECE FFyH, - UNC. Docente capacitadora en ICIEC-UEPC. Autora de módulos en propuestas formativas en Instituto Superior de Estudios Pedagógicos, Pcia. de Córdoba. andreagmartino@gmail.com

Luisina Zanuttini: Diseñadora Industrial. Especialista en Enseñanza Universitaria de la Arquitectura y el Diseño FAUD – UNC. Diplomada superior en Enseñanza de las Ciencias Sociales y la Historia de la FLACSO. Doctoranda en Estudios Sociales de América Latina Facultad de Ciencias Sociales CEA - UNC. Profesora Titular de Historia del Diseño Industrial UNVM. Profesora Titular de Historia del Diseño Industrial 1 y 2 FAPyD – UNR. Profesora Asistente de Historia del Diseño Industrial II y de Legislación y práctica profesional FAUD – UNC. luisinazanuttini@gmail.com

Federico de la Fuente: Diseñador Industrial FAUD - UNC. Maestrando en Maestría Diseño de Procesos Innovativos UCC. Profesor Adjunto en Diseño Industrial II-B FAUD - UNC. Profesor Asistente en Morfología I, II, III, Carrera Diseño Industrial FAUD - UNC. Profesor a Cargo Génesis de la Forma II, Carrera Diseño Industrial CRESSF - ICBA - UNVM. Investigador categoría IV. Desarrollo de actividad profesional independiente. federicod21@gmail.com

Analía Van Cauteren: Profesora y Licenciada en Ciencias de la Educación, Doctoranda en Ciencias de la Educación FFyH – UNC. Profesora asistente en Pedagogía, Escuela de Ciencias de la Educación, FFyH y profesora asociada en el Ciclo de Complementación - Profesorado Universitario - UPC. Directora general del Colegio Costa Azul en Villa Carlos Paz. Investigadora categorizada en el programa de incentivos y miembro de proyectos de investigación de la SECyT. anavancauteren@gmail.com

María Belén Franco: Diseñadora Industrial FAUD - UNC. Magister en Docencia Universitaria FRC - UTN. Doctoranda en Estudios Sociales de América Latina, en Socio Antropología de la Educación FCS - UNC. Profesora Adjunta en la cátedra de Legislación, y profesora asistente en las cátedras de Introducción al Diseño Industrial A y Diseño Industrial 2B FAUD - UNC. Investigadora, miembro de proyectos de investigación de la SECyT y la Red Dilemas de la SPU. belufranco@hotmail.com

María Florencia Serra: Profesora y Licenciada en Ciencias de la Educación FHyA - UNR. Especialista en Proyecto, Planificación y Gestión de Arquitectura para la Educación FADU – UNL. Doctoranda en Ciencias de la Educación FFyH - UNC. Docente en la cátedra de Pedagogía (Ciclo de Formación Docente, Escuela de Ciencias de la Educación – FhyA - UNR). Becaria Doctoral de CONICET (IRICE CONICET UNR). mfserra12@gmail.com

Sofía Álvarez: Profesora en Ciencias de la Educación y estudiante de Licenciatura, FFyH - UNC. Ayudante alumna en Organización y Administración Educacional y Seminario-Taller “El espacio educativo-cultural: territorios, fronteras, imaginarios. Lecturas críticas sobre espacialidad y procesos de subjetivación” en la Escuela de Ciencias de la Educación, FFyH – UNC. csafia.alvarez@gmail.com

O DIREITO À CIDADE E AS PRÁTICAS DE ENSINO NA FAU MACKENZIE SÃO PAULO – BRASIL

Eje/Eixo Temático 2

Débora Sanches
Viviane Manzione Rubio
Volia Regina Kato
Angélica Tanus Benatti Alvim

Facultad de Arquitectura e Urbanismo da
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo:

Este artigo apresenta a experiência de ensino da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU- Mackenzie), à luz do direito à cidade de Lefebvre (2001) e Harvey (2014), no contexto dos processos contemporâneos da urbanização brasileira. Em recente reforma curricular, a FAU-Mackenzie implanta o componente curricular Estúdio de Urbanismo IV: Sociedade e Cidade, articulando Urbanismo e Estudos Socioeconômicos e introduz a problemática dos assentamentos precários no Brasil. Por meio de debates estimulam-se os estudantes na elaboração de projetos de qualificação de assentamentos precários e para a moradia digna.

Palavras-chave: **Direito à cidade, Ensino, Arquitetura, Urbanismo, Sociedade e Cidade**

Resumen:

Este artículo presenta la experiencia docente de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Presbiteriana Mackenzie (FAU-Mackenzie), a la luz del derecho a la ciudad de Lefebvre (2001) y Harvey (2014), en el contexto de los procesos contemporáneos de Urbanización brasileña. En una reciente reforma curricular, FAU-Mackenzie implementa el componente curricular Studio de Urbanismo IV: Sociedade e Cidade, articulando Urbanismo y Estudios Socioeconómicos e introduce el problema de los asentamientos precarios en Brasil. A través de debates, se anima a los estudiantes a desarrollar proyectos para la calificación de asentamientos precarios y para una vivienda digna.

Palabras clave: **Derecho a la ciudad, Educación, Arquitectura, Urbanismo, Sociedad y Ciudad**

Introdução

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-Mackenzie), em recente reforma curricular, incluiu uma experiência de ensino inovadora, ao propor a integração entre as disciplinas de urbanismo e estudos socioeconômicos no âmbito de estúdios projetuais. No âmbito do componente da 4ª etapa, o conteúdo passou a privilegiar o debate sobre assentamentos precários e o papel do arquiteto e urbanista na promoção da moradia digna e de um habitat mais inclusivo, debate este norteado pelo conceito do direito à cidade, difundido por Lefevre (2001) e Harvey (2014).

Entende-se que práticas didático-pedagógicas, que aproximem os alunos das lógicas socioespaciais destes territórios e seus moradores, desenvolvem uma reflexão no sentido da redução do crescimento das desigualdades e na elaboração de propostas de intervenções urbanísticas.

Tal prática pedagógica tem como suporte a Constituição Federal de 1988, e os marcos legais da política urbana que dela decorrem e se ampliam a partir dos anos 2000.

A Constituição brasileira de 1988, conhecida como Constituição Cidadã, representa a conquista dos movimentos populares e de políticos, que participaram do Fórum pela Reforma urbana dos anos de 1960, reavivado ao final de 20 anos de ditadura, em meio a uma profunda crise socioeconômica, onde a cidade a frente do debate necessitava de grandes transformações na gestão e no desenho urbano. A partir de então, instrumentos urbanísticos e de regularização fundiária, regulamentados pela Lei 10.257 de 2001, o Estatuto da Cidade, permitiram a elaboração de orçamentos e planos diretores municipais participativos.

Abrem-se, portanto, oportunidades de consolidação de processos de regularização urbanística e fundiária em inúmeros municípios, transformando as experiências locais em políticas públicas para a qualificação das cidades em diversos eixos, aproximando profissionais arquitetos, cumprindo sua função social em ações nos assentamentos precários para a melhoria das condições de habitabilidade.

Neste contexto, a Lei Federal Nº 11.888/2008 assegurou o direito às famílias de baixa renda à assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação, como parte integrante do direito à moradia previsto na Constituição.

Acende-se, portanto, aos profissionais arquitetos, campo de trabalho na transformação das cidades e da vida dos moradores. Aos acadêmicos, no âmbito das escolas de arquitetura e urbanismo, além de novas possibilidades de formação, aliam-projetos de pesquisa e de extensão multidisciplinares¹.

Neste contexto, o Estúdio de Urbanismo IV: Sociedade e Cidade, articula Urbanismo e Estudos Socioeconômicos, introduzindo, a discussão sobre habitação no Brasil contemporâneo e a problemática dos assentamentos precários à luz do direito à cidade

1. O Direito à Cidade no Brasil

O mais importante teórico, que defendeu na década de 1960, a necessidade de um olhar equitativo para o usufruto da cidade por sua população, é Lefebvre

¹ As práticas de ensino apresentadas neste artigo relativas a componente curricular Estúdio de Urbanismo IV: Sociedade e Cidade, ampliam as reflexões do Grupo de Pesquisa da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie, Urbanismo Contemporâneo, Redes, Sistemas e Processos, que ora investiga os projetos de urbanização de "Assentamentos Precários em Áreas Vulneráveis na Região Metropolitana de São Paulo: as Dimensões da Sustentabilidade", e tem financiamento pelo Mackpesquisa

(2001). Este autor entende que a cidade como fenômeno urbano apresenta uma complexidade que obriga os agentes, seja qual for o campo de atuação, a reconsiderar os modos e as estratégias, pois considera que as mudanças no território acontecem e refletem nas relações sociais em velocidades distintas.

Na contemporaneidade, o conceito de direito à cidade de Lefebvre (2001) segue resignificado e reforçado por Harvey (2014), acrescido do direito à moradia adequada provida de bens e serviços públicos, bem como à participação nas decisões relacionadas ao desenvolvimento socioeconômico e urbano das cidades (RUBIO, 2017).

Rubio (2017) comenta que o processo de urbanização brasileiro, a partir do século XX, ocorreu de modo acelerado e desequilibrado, produzindo a combinação entre desenvolvimento territorial informal e a segregação socioespacial à impactos ambientais e à violência urbana em grandes dimensões.

Villaça (2001) argumenta que as transformações nas cidades no Brasil podem ser agrupadas em três períodos distintos: de 1875 a 1930 - planos para embelezamento e higienização das cidades; de 1930 e 1990 - planejamento urbano buscando a melhoria das condições de vida dos habitantes e solução dos problemas urbano e, o terceiro de 1990 até os dias atuais - as cidades brasileiras sofrem com os reflexos do crescimento e planejamento desordenados.

Durante os anos 1980 o aumento da pobreza e da precariedade dos vínculos empregatícios, reforçou o acesso informal à moradia e contribuiu tanto para o aumento da densidade, quanto do número de favelas na cidade (GONÇALVES, 2006 In RUBIO, 2017).

Em contrapartida, esta década marca a mudança na visão da sociedade frente a ocupação precária do território urbano, e o ressurgimento da manifestação dos movimentos populares, que basearam suas reivindicações nas diretrizes do Movimento pela Reforma Urbana² no Brasil, que preconizava a luta pelo direito coletivo à cidade, culminando com a promulgação da Constituição Federal, em 1988.

Em 2001 a Lei Federal Nº 10.257, o Estatuto da Cidade, ampliou as possibilidades³ de atuação no território, inclusive o reconhecimento dos assentamentos precários como parte da cidade. Esta lei é um avanço nas políticas públicas, pois instituiu e regulamentou instrumentos de ordenação urbana e de gestão democrática, para garantia do equilíbrio da ocupação do território pelos cidadãos sem distinção, o direito coletivo à cidade, defendido por Lefebvre (2001) e por Harvey (2014).

Neste contexto, houve reconhecimento internacional por meio da ONU, no Fórum Urbano Global do UN-Habitat de 2002, da importância da iniciativa precursora do Brasil na regulamentação dos direitos sociais no urbano. (KATO; ZIONI, 2012).

Com a criação do Ministério das Cidades em 2003, as questões urbanas passam a figurar como prioridades das políticas públicas de desenvolvimento nacionais. As ações de melhoria das condições de habitabilidade nos assentamentos precários oficializaram endereços e capacitaram a população para a organização comunitária e a geração de trabalho e renda.

² Fernandes (2008) comenta que o grupo formado pelo Fórum pela Reforma Urbana continuou trabalhando nas associações de moradores e nas comunidades eclesiais de base e reavivado ao final de 20 anos de ditadura e impulsionado pelas reivindicações do Movimento pela Reforma Agrária se estendeu para as cidades por meio dos debates realizados pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) (UZZO e SALES, 2009).

³ Assentamentos precários é um conceito definido pelo MCidades em 2007 e considera a precariedade das condições físicas, jurídicas e ambientais, das ocupações instaladas informalmente na cidade. A precariedade manifesta-se na ausência ou insuficiência de infraestrutura sanitária e de serviços públicos, na deterioração das redes de serviços e espaços públicos, na implantação da moradia em lugares sujeitos a desabamentos, inundações ou sob viadutos. (MAGALHÃES, 2003). O termo aglomerado subnormal, consolidado em 1987, é utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para identificar territórios ocupados precariamente no Brasil.

Diversos autores⁴ apontam para a melhoria dos indicadores sociais nos assentamentos precários, mostrando uma aproximação entre das condições de vida dos moradores da cidade formal, considerando que melhora estaria relacionada inclusive a implementação de políticas públicas sociais e de educação, no sentido da diminuição dos índices de pobreza, como o Programa Bolsa Família e o Programa Universidade para todos (PROUNI) (RUBIO, 2017).

A população, portanto, segue capacitada à participação plena nas discussões sobre orçamentos, planos diretores municipais, e em ações destinadas a cidade como um todo, podendo formar e ingressar em movimentos de luta por moradia, por serviços públicos e pelo direito à cidade equilibrada e justa, passando de espectador à agente.

Os Programas federais de Aceleração do Crescimento (PAC) e o Minha casa Minha Vida (PMCMV) lançados em 2007 e 2009, possibilitaram a inclusão da população de baixa renda na agenda dos municípios e no processo de participação na elaboração e na implantação dos projetos junto a profissionais arquitetos e urbanistas.

Mas apesar das ações para a erradicação da precariedade, esta segue crescendo, nas cidades, em dimensões e níveis cada vez mais ampliados. A descontinuidade paulatina das políticas públicas, observada nos últimos cinco anos, bem como a interrupção ou distorção do processo participativo nas discussões sobre e nas cidades brasileiras, são identificados como principais motivos.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em uma pesquisa realizada em 2016, identificou a presença de 3.905 aglomerados subnormais no Brasil na década de 2000 e um total de 6.329, em 2010 (IBGE, 2010), distribuídos pelas quatro regiões do país, apontando, deste modo, para um aumento de 60% em 10 anos.

Os modelos de urbanização aplicados, bem como a precarização de parte do território, têm reflexos negativos em todo o conjunto da cidade, seja no que diz respeito ao desequilíbrio na distribuição de serviços e bens públicos, seja gerando espaços muito especializados em detrimento de outros que apresentam inúmeras carências.

Para o UN-Habitat o desafio continua sendo a persistência da pobreza no mundo, excluindo cidadãos dos benefícios da urbanização, da justiça e da igualdade de oportunidades.

Diante deste panorama e, dada urgência da retomada da implementação de políticas públicas includentes com a construção de cidades justas, onde a qualidade de vida da população seja a prioridade, é necessária a formação de um contingente cada vez maior de profissionais preparados para o enfrentamento desta realidade com propostas inclusivas e participativas.

Neste sentido os cursos de graduação e pós-graduação da FAU/UPM vem aplicando metodologias que tratam da precariedade da ocupação nas cidades brasileiras como objeto de estudo, pesquisa, projeto, produzindo conhecimento e construindo consciência crítica com os alunos, reconhecendo a população como agente direto da transformação e na conquista do direito à cidade.

4 Dentre eles Meirelles e Athayde (2014) e Valladares (2009)

2. Práticas de Ensino na FAU Mackenzie e a Atuação no Território das Cidades do Estúdio Urbanismo IV - Sociedade e Cidade.

O projeto pedagógico implantado em 2018 na FAU/UPM, remodelou conteúdos e práticas no âmbito da formação acadêmica dos futuros arquitetos e teve como base, dois pressupostos: a integração de conhecimentos provenientes de campos disciplinares afetos à arquitetura e o urbanismo e a incorporação das questões complexas da realidade urbana contemporânea ao currículo, adequando sua missão social no sentido de contribuir para a criação de práticas urbanas inovadoras ao lado de outros agentes coletivos.

Com esta perspectiva, situações não especificamente novas de precariedade e vulnerabilidade urbana na sociedade brasileira emergem como temas de destaque na componente curricular do quarto semestre do curso - Estúdio Urbanismo IV - Sociedade e Cidade - reunindo as disciplinas Estudos Socioeconômicos e Urbanismo. Propõe-se como conteúdo convergente a compreensão das especificidades das áreas precárias à luz dos processos de transformação histórica e morfológica da cidade de São Paulo e das configurações atuais de segregação e desigualdade social espacial como suporte para o desenvolvimento de proposições urbanísticas.

Esta junção implicou no trabalho coletivo de professores com competências diversas, provenientes destes campos disciplinares e proposições de práticas pedagógicas fundamentadas no envolvimento significativo dos alunos no conteúdo programático. Desenvolvido em três módulos, o processo de trabalho articula textos conceituais a aproximações sucessivas às situações de vulnerabilidade e precariedade urbana e social das áreas estudadas. Palestras e discussões coletivas com especialistas e lideranças sociais permeiam o processo que tem como conclusão a elaboração de proposição urbanística. (Figura 1)

Os aportes conceituais têm como ponto de partida a noção de direito à cidade, nos moldes propostos por Lefebvre (2001), ou seja, como expressão de insatisfação e clamor das classes trabalhadoras urbanas e da juventude, deslocados dos processos políticos e institucionais de decisão sobre a produção da cidade e colocados à reboque das dinâmicas econômicas hegemônicas, com base na valorização da terra urbana concebida como mercadoria.



Figura 1: Registro das dinâmicas realizadas, palestras, atividades em sala de aula e visitas a campo.
Fonte: Acervo do componente EU4

A ampliação da concepção de direito na dimensão coletiva, a relativização da junção entre posse e propriedade embutida na mercadoria terra urbana e a dimensão da cidade como espaço da vida cotidiana são cotejadas à luz das situações reais de precariedade habitacional e urbana vivenciadas por amplos e crescentes contingentes populacionais na cidade de São Paulo.

As tipologias de precariedade envolvem loteamentos, favelas, cortiços e ocupações de imóveis subutilizados no centro da cidade, além de moradores sem teto que se deslocam pelas praças e ruas.

A eles se agregam recentemente um contingente de migrantes e/ou refugiados evidenciando um panorama de acirramento dos processos de desigualdade social, fragmentação e complexidade urbana.

Os desdobramentos do direito à cidade no âmbito mundial e suas expressões singulares em São Paulo são vistos a partir de autores referenciais como Harvey (2014) e outros pesquisadores brasileiros nos temas envolvidos⁵.

Discussões conceituais baseadas em leituras de textos selecionados são articuladas simultaneamente com incursões nos territórios vulneráveis, envolvendo práticas e ferramentas didáticas específicas.

Nas leituras, propõe-se ainda a elaboração de **Mapas Conceituais** como meio de compreensão analítica e de argumentação dos temas nos debates coletivos em sala de aula, (Figura 2).

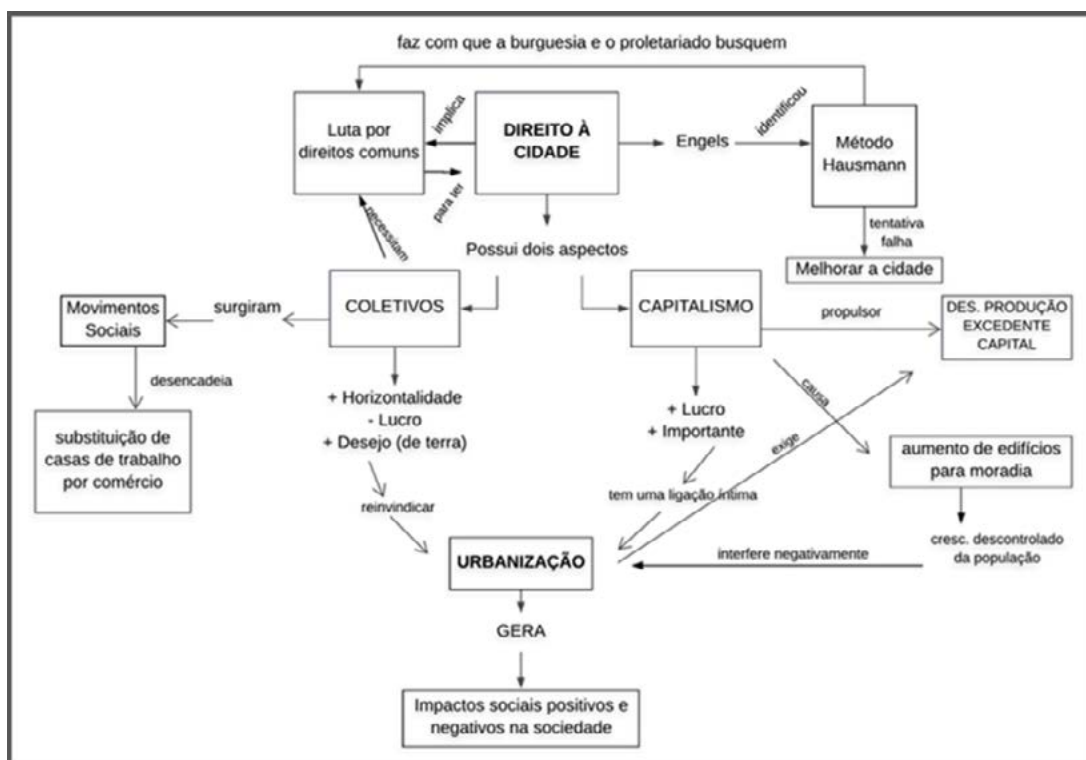


Figura 2: Mapa Conceitual a partir da leitura do livro *Cidades Rebeldes* de Harvey (2014). Fonte: Acervo do componente EU4

⁵ Destacam-se em especial as contribuições realizadas por pesquisadores como KOHARA, PASTERNAK, VÉRAS, dentre outros, reunidas por KOWARICK e FRÚGOLI Jr. (2016) e que explicitam as condições históricas e conformações espaciais atuais das precariedades habitacionais em São Paulo

Como fundamento utiliza-se a teoria da assimilação e retenção significativas desenvolvidas por David Paul Ausubel, que considera os nexos mentais entre conhecimentos prévios e novos e a importância de instrumentos que favoreçam estas correlações, tal como esclarece Moreira (2012):

Como recurso para mostrar que novos conhecimentos estão relacionados com conhecimentos prévios, organizadores devem ser sempre utilizados no ensino, pois o aluno muitas vezes não percebe essa relacionalidade e pensa que os novos materiais de aprendizagem não têm muito a ver com seus conhecimentos prévios. Organizadores prévios devem ajudar o aprendiz a perceber que novos conhecimentos estão relacionados a ideias apresentadas anteriormente, a subsunções que existem em sua estrutura cognitiva prévia.

Da mesma forma, os primeiros contatos com o território visam estabelecer impactos significativos sobre as estruturas mentais dos alunos, carregadas de informações prévias, imagens e valores em grande parte influenciadas pela mídia e outros difusores. Neste caso, a ferramenta didática é a elaboração de **Cartaz Perceptivo**, por meio do qual os alunos expressam suas impressões e interpretações imagéticas decorrentes das aproximações diretas, corporais e, portanto, sensoriais nas áreas de vulnerabilidade.

É uma ferramenta didática de grande alcance para a elaboração de significados ao aprendizado em curso e que se baseia no reconhecimento da potência da sensível. Rolnik (2016) refere-se à experiência corporal como uma maneira de:

(...) apreender a alteridade em sua condição de campo de formas vivas que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações. (...) Com ela, o outro é uma presença que se integra a nossa textura sensível, tornando-se, assim, parte de nós mesmos.

Os cartazes expostos e apresentados em classe, desencadeiam debates onde se apresentam as correlações de conhecimentos dados pelas leituras teóricas e se confrontam as vivências pessoais de cotidiano na cidade. (Figura 3)



Figura 3: Cartazes perceptivos. Fonte: Acervo do componente EU4

A esta aproximação sensível do território são agregadas informações espaciais e estatísticas da área, quanto às estruturas morfológicas, dos usos, das dinâmicas sociais e culturais formais e informais, por meio de pesquisa e estudo dirigido,

transpostas para bases cartográficas. Assim, um conjunto de informações se articula com os conhecimentos anteriores e permitem fundamentar concepções projetuais que são desenvolvidas no módulo seguinte denominado Leitura Urbana (Figura 4).

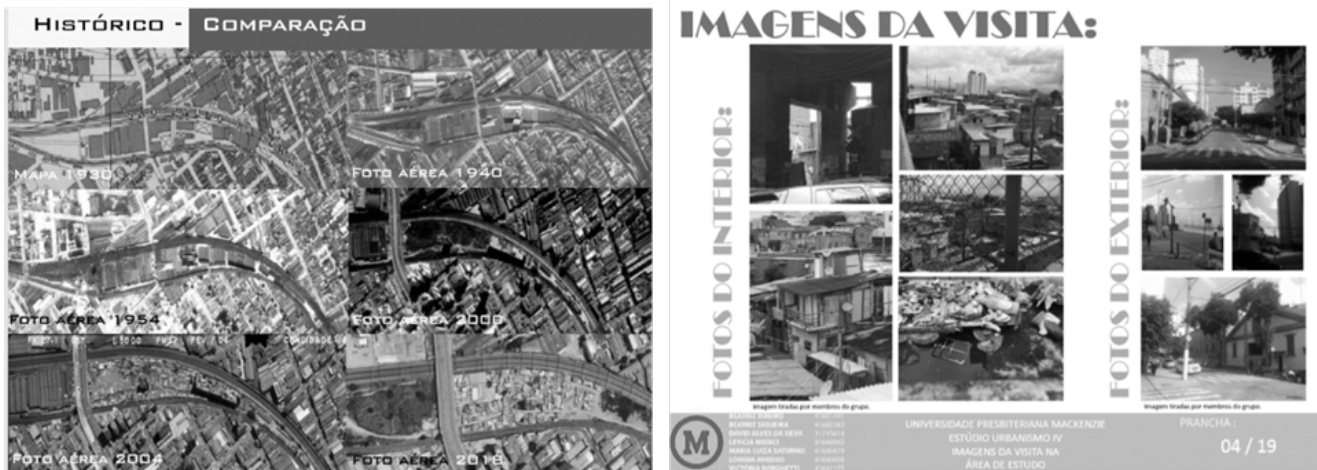


Figura 4: Exercício de Leitura Urbana. Fonte: Acervo do componente EU4

Além destas práticas de aprendizagem, outras ações complementares são realizadas como: visitas programadas a áreas precárias mais periféricas, ampliando o escopo de percepção territorial dos problemas de precariedade urbana em São Paulo e a vinda de palestrantes, urbanistas, pesquisadores, lideranças comunitárias, em eventos abertos na faculdade, bem como relatos de experiências profissionais e de pesquisa sobre temas e territórios de interesse direto (Figuras 5).

Os projetos urbanos como conteúdo previsto no módulo final, são propostos em duas pranchas sínteses expressivas de um processo de trabalho. São expostos e discutidos a partir de uma dinâmica de troca de posições, onde uma equipe de alunos interpreta a proposta projetual de outra equipe, pressupondo uma incorporação de disposição participativa na aprendizagem e, um exercício final de relação de alteridade. (Figura 7)



Figura 5: Palestra de Jeroen Stevens com a moradora da ocupação da ocupação 9 de julho e da Assessoria Técnica Ambiente Arquitetura. Fonte: Acervo do componente EU4

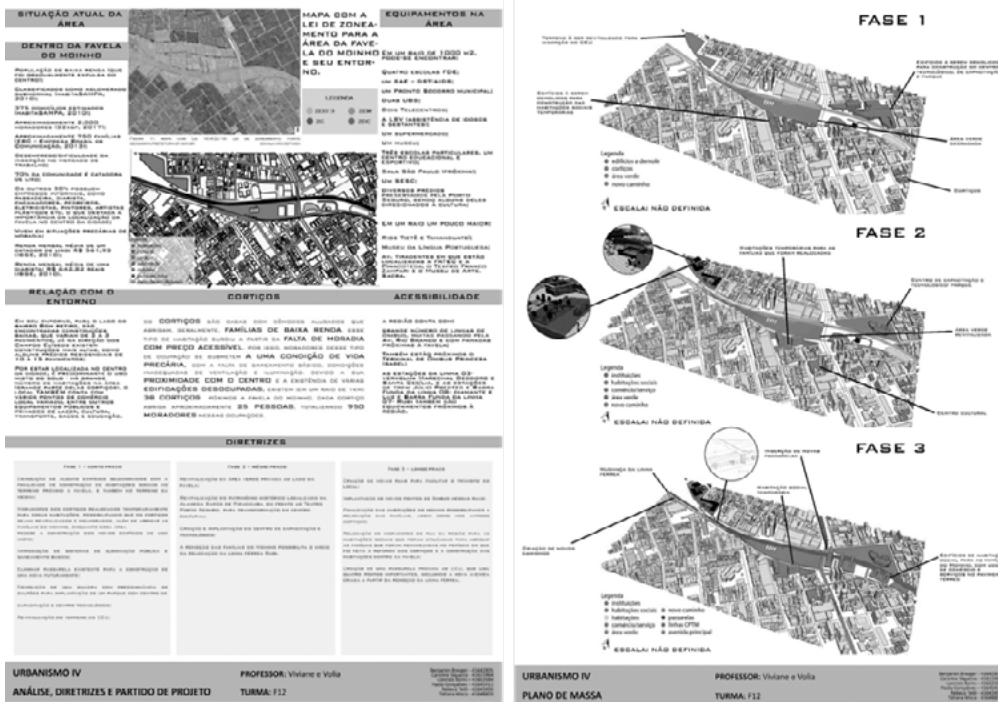


Figura 6: Master Plan Favela do Moinho.
Fonte: Acervo do componente EU4

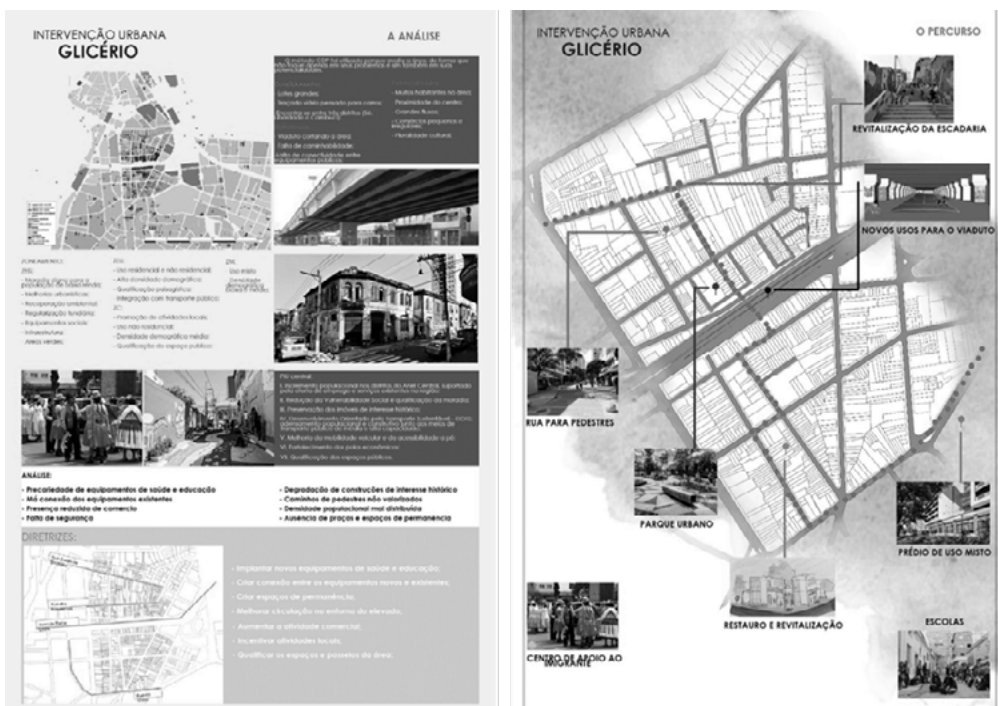


Figura 7: Master Plan Glicério.
Fonte: Acervo do componente EU4

O balanço dos resultados nas dinâmicas finais contém amplas discussões técnicas e valorativas sobre as propostas urbanísticas elaboradas pelos alunos e são sobretudo carregados de muitos relatos pessoais sobre as experiências positivas de aprendizagem e visualização de possibilidades profissionais no sentido de atuar sobre iniquidades urbanas e sociais. Além disso, estas atividades da componente curricular promovem o interesse dos alunos na participação nos grupos de extensão e pesquisa da FAU-Mackenzie.

3. A integração Ensino, Extensão e Pesquisa nas Cidades Brasileiras

A Extensão Universitária nas Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil compreende um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político, moderado pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Assim, as ações de extensão são bem-sucedidas quando estão conectadas a formação dos estudantes da graduação, gerando conhecimento vinculado à pesquisa.

Esta indissociabilidade é necessária para a articulação da IES com a sociedade e estabelecer a tríade pedagógica “aluno/professor/comunidade”, tornando o estudante protagonista do processo de sua “formação cidadã”, o qual permite reconhecer-se como agente da garantia de direitos, deveres e transformação social. (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2018). Além disso, se torna suporte nas metodologias participativas, baseadas na investigação/ação com a participação no diálogo dos diferentes atores sociais da cidade.

Ressalta-se que são fundamentos do educador brasileiro Freire (1997), a “educação problematizadora” que articula o contexto e as histórias de vida na formação dos estudantes, estimulando a consciência crítica da realidade e a postura ativa no processo ensino/aprendizagem com a estratégia ação/reflexão/ação.

Desta forma, a atuação na área de Arquitetura e Urbanismo chamada de “processo participativo” tem sido proporcionado, como uma forma de encarar a dimensão social e política dos projetos de interesse coletivo, onde a escuta dos futuros usuários e suas demandas tem a intenção de garantir a melhor apropriação dos espaços urbanos e coletivos da cidade (SANCHES, 2015).

Projetos de Arquitetura e Urbanismo realizados na forma participativa relacionam-se com a conquista coletiva de direitos, especialmente, a cidadania e a ligação afetiva com o lugar. Pronsato (2005) destaca a importância da correlação entre arquiteto/usuário, professor/aluno na forma coletiva da construção de conhecimentos, assim como, dos espaços analisados e construídos. A consciência do outro e o diálogo são instrumentos da atitude interativa no ensino.

De tal modo, o método de Freire (1997), a partir das relações interativas, que saem do espaço formal da sala de aula e vai para o espaço informal “na cidade que se alonga como educativa”, articula a prática pedagógica dinâmica e participativa, compreendendo com a forma de atuar do arquiteto e urbanista na sociedade, uma vez que, se entrelaçam na procura de construir um projeto inclusivo, receptivo, enxergando o homem como um ser de relação “não apenas no mundo, mas com o mundo” (PRONSATO, 2005).

Imbuídos desse propósito os professores da FAU-Mackenzie vem desenvolvendo um processo de construção de conhecimento, unindo alunos de graduação e pós-graduação em cursos de extensão com destaque ao projeto: Assessoria Técnica e Extensão Universitária: direito à cidade a ser desenvolvido ainda no ano de 2019.

A proposta deste curso tem apoio nas atividades do “Fórum Regional de Assessoria Técnica em Habitação Social e Extensão Universitária: Atuação Integrada no Espaço Urbano”, projeto contemplado na seleção do edital de chamamento público nº 002/2018, processo administrativo nº 021/2018, aberto pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo – regional São Paulo (CAU/SP), que foi idealizado por um grupo de alunos, professores e profissionais formado pelo coletivo de Entidades Estudantis das Faculdades de Arquitetura e Urbanismo da Região Metropolitana de São Paulo (Entre:FAUs); o Instituto dos Arquitetos do Brasil, Departamento de São Paulo (IAB/SP) e o Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos (CGGDH).

A relevância social do projeto de extensão se baseia na importância de aproximar os estudantes da elaboração de processos participativos em comunidades carentes, como as experiências de Assessorias Técnicas e Projetos de Extensão Universitária na área de atuação da Arquitetura e Urbanismo. A aprendizagem se fortalece com a reciprocidade na relação entre arquiteto/usuário, professor/aluno na forma coletiva da construção de conhecimentos.

Conclusões

As questões contextuais sobre o alcance do direito à cidade no Brasil aqui apresentados apontam para um quadro paradoxal pelo fato de termos sido pioneiros na regulação de instrumentos jurídico-políticos sobre a função social da propriedade urbana e, ainda nos defrontamos com um quadro de práticas modestas na direção de cidades mais justas e inclusivas.

É uma situação que desafia a universidade e, sobretudo os cursos de arquitetura e urbanismo, como atores decisivos em jogo nestes processos. Cabe a ela aprofundar a reflexão sobre as interfaces entre ensino, pesquisa e ações na sociedade, incorporando experimentações interdisciplinares e participativas que rompam com as fronteiras rígidas de saberes disciplinares e se coloquem na perspectiva do direito à cidade. Como assinala KATO (2017):

No caso dos estudos urbanos, os atravessamentos do campo para a produção de atividades extensionistas e de assistência técnica significam especialmente produzir investigação sobre os processos vigentes de produção da cidade, seus elos com os mecanismos de desigualdade socioespacial, seus problemas e suas demandas e, ao mesmo tempo traduzir as percepções e desejos sociais provenientes do viver, na dimensão do cotidiano em outras possibilidades de intervenção. É neste movimento de mão dupla que se pode visualizar o quanto a pesquisa tem potencial para criar ações extensionistas e o quanto a aproximação com os processos empíricos e com os movimentos sociais em torno da habitação e da qualidade de vida se revertem em conhecimento aplicado ao ensino da arquitetura e do urbanismo, gestando outras indagações de pesquisa.

As experiências aqui descritas no âmbito da formação profissional em arquitetura e urbanismo podem ser assumidas como práticas bem-sucedidas a serem compartilhadas e postas ao diálogo uma vez que abrem caminhos efetivos de responsabilidade pelos destinos das cidades.

Referências Bibliográficas

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. (2018). Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira. Brasília, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO.

FERNANDES, Edésio. (2008). Política urbana na Constituição Federal de 1988 e além: Implementando a agenda da reforma urbana no Brasil. In: Revista do Senado do Brasil - Volume IV - Constituição de 1988: O Brasil 20 anos depois. Estado e Economia em Vinte Anos de Mudanças. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/outras-publicacoes/volume-iv-constituicao-de-1988-o-brasil-20-anos-depois.-estado-e-economia-em-vinte-anos-de-mudancas/politica-urbana-agricola-e-fundiaria-politica-urbana-na-constituicao-federal-de-1988-e-alem-implementando-a-agenda-da-reforma-urbana-no-brasil/view>

FREIRE, Paulo. (1997). Política e Educação. São Paulo: ed. Cortez.

GONÇALVES, Rafael Soares. (2006). A política, O direito e as favelas do Rio de Janeiro: Um breve olhar histórico. Journal des Anthropologues (nº104/105). Disponível em: <http://www.soma.org.br/arquivos/FavelasDoRioPoliticaDireitoOlarHistorico.pdf>

HARVEY, David. (2014). Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2010). CENSO 2010.

KATO, Volia R. Costa; ZIONI, Silvana. (2012). Fóruns Urbanos Mundiais do UN-HABITAT: tensões e impasses de uma ordem histórica em transição. In: ANTONUCCI, Denise. (Org.) Urbanização na virada do milênio: enfoques e perspectivas do programa UN-HABITAT.

KATO, Volia R. Costa; ANTONUCCI, Denise, FAJER, Daniela. (2017). Pesquisa urbana, extensão universitária e desejos sociais: reflexões sobre duas experiências em São Paulo. In: Anais do I Seminário Internacional: A Dimensão Social Da Formação Profissional: após 47 anos do “Taller Total” na FAU– UNC, 1970-1975, V.1.nº 2. São Paulo, 2017, p 612 a 619.

KOWARICK, Lúcio, FRÚGOLI JR., Heitor (orgs.). (2016) Pluralidade urbana em São Paulo: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos. São Paulo: Fapesp/Editora 34.
LEFEBVRE, Henri. (2001). O Direito à Cidade. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro. Versão do original em francês, 1968.

MAGALHÃES, Sérgio Ferraz (2003). Sobre a democratização da cidade. In: SCHICHI, Maria Cristina e BENFATTI, Denise. (org.), MACHADO, Denise Pinheiro (Col.) Urbanismo: Dossiê São Paulo – Rio de Janeiro. Campinas, Rio de Janeiro: Ócullum Ensaio, PROURB/UFRJ. p. 113-136.

MEIRELLES, Renato e ATHAYDE, Celso. (2014). Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira. São Paulo: Editora Gente.

MINISTÉRIO DAS CIDADES. (2007). Assentamentos Precários no Brasil Urbano. Brasília: Secretaria Nacional de Habitação / MCidades / Centro de Estudos da Metrópole – CEBRAP. Disponível em: www.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/v1/mc/assets/pdfs/assentamentos_web.pdf

MOREIRA, Marco Antônio. (2012). O que é afinal, aprendizagem significativa? In: Currículum, La Laguna, Espanha.

PRONSATO, Sylvia Adriana Dobry. (2005). Arquitetura e Paisagem: projeto participativo e criação coletiva. São Paulo: Annablume; Fapesp; Fupam.

ROLNIK, Suely. (2016). Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. 2a. edição, Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS.

RUBIO, Viviane Manzione. (2017). PROGRAMA DE URBANIZAÇÃO E OS DESAFIOS PARA INTEGRAÇÃO DA FAVELA À CIDADE. Avanços e descompassos de uma política pública em Osasco – SP (2005-2016). Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

SANCHES, Débora. (2015). Processo participativo como instrumento de moradia digna: uma avaliação dos projetos da área central de São Paulo (1990 – 2012). Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

UZZO, Karina e SALES, Nelson. (2009). A trajetória da Reforma Urbana no Brasil. In: Diálogos, propostas, histórias para uma cidadania mundial. Santiago: Habitat International Coalition. Disponível em: <http://base.d-p-h.info/pt/fiches/dph/fiche-dph-8583.html>

VALLADARES, Lícia do Prado (2009). A invenção da favela: Do mito de origem à favela com. 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora FGV

VILLAÇA, Flávio. (2001). Espaço Intra-urbano no Brasil. 2ª edição. São Paulo: Studio Nobel / FAPESP.

Autoras:

Débora Sanches Mestre em Habitação pelo IPT de São Paulo (2008). Doutora em Arquitetura e Urbanismo (2015) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, com período sanduíche (Capes do Programa PSDE no Laboratório Nacional de Engenharia Civil LNEC Portugal. jan-jul 2014). Professora na FAU na Universidade Presbiteriana Mackenzie. debora.sanches@mackenzie.br

Viviane Manzione Rubio. Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) (2011/2017) com período de estudos em Lisboa (2016). Coordenadora Adjunta (2019) e Professora do Curso de Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UPM (2013). viviane.rubio@mackenzie.br

Volia Regina Kato. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1971), mestrado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (1983) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2012). Professor adjunto na FAU da Universidade Presbiteriana Mackenzie. voliaregina.kato@mackenzie.br

Angélica Tanus Benatti Alvim. Mestre e Doutora em Arquitetura e Urbanismo (Universidade de São Paulo - FAU / USP, 1996; 2003). Professora Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie onde desde 2016 exerce o cargo de Diretora. É docente do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo (desde 1991) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (desde 2005). Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq nível 2. angelica.alvim@mackenzie.br

A 100 AÑOS DE REPENSAR LA PRÁCTICA SOCIAL DEL DISEÑO: Talleres Artísticos y Técnicos Superiores (VKHUTEMAS-VKHUTEIN) (1920)

Eje/Eixo Temático 2

Celso Valdez Vargas
Selene Laguna Galindo
Genaro Hernández Camacho
David Castillo Núñez

Brigada Académica Interdisciplinar (BAI)/
Departamento de Investigación y Conocimiento del Diseño
Universidad Autónoma Metropolitana

Resumen

Este texto relata la formación, desarrollo y trascendencia de los Talleres Artísticos Técnicos y Superiores VKHUTEMAS surgidos en el contexto posterior a la revolución de octubre de 1917 en Rusia, los cuales expresaron las distintas concepciones y prácticas durante el ascenso de una sociedad nueva. Los VKHUTEMAS se formaron sobre la base de instituciones existentes previamente: el primer Taller de Arte Libre en lo que era la antigua Escuela Central de Arte e Industria Imperial Stroganov y el segundo Taller en lo que era la Escuela de Pintura, Escultura y Arquitectura de Moscú. Los VKHUTEMAS fueron caracterizados por la posibilidad de establecer una modernidad con base en los satisfactores sociales, enmarcados en un proyecto soviético más grande de industrialización, reorganizando todas las áreas de la vida sobre una base científica, desde las prácticas artísticas hasta las prácticas laborales. Además, introdujo un modelo de educación donde la capacitación y la experimentación se complementaron. Buscaron crear bases científicas objetivas de la educación artística para lograr una alta profesionalidad; desarrollados en un lugar para la vida colectiva, el trabajo y la creatividad. Con la muerte de Lenin en 1924 iniciaron una serie de transformaciones repercutiendo a los Talleres, primero con el cambio de designio a VKHUTEIN en 1927, posteriormente disgregados y modificados. A pesar de ello, tuvo un impacto significativo en la construcción de la cultura moderna.

Palabras clave: **Vanguardias soviéticas, Vkhutemas, Vkhutein, Talleres de Artísticos y Técnicos.**

Resumo

Este texto relata a formação, desenvolvimento e transcendência dos Ateliers Artísticos Técnicos e Superiores VKHUTEMAS surgidos no contexto posterior à revolução de outubro de 1917 em Rússia, os quais expressaram as diversas concepções e práticas durante a ascensão duma sociedade nova. Os VKHUTEMAS formaram-se sobre a base de instituições existentes previamente: o primeiro Ateliê

de Arte Livre no que era a antiga Escola Central de Arte e Industria Imperial Stroganov e o segundo Ateliê no que era a Escola de Pintura, Escultura e Arquitetura de Moscú. Os VKHUTEMAS foram caracterizados pela possibilidade de establecer una modernidade com base nos satisfatórios sociais, no contexto de um projeto soviético mais grande de industrialização, reorganizando todas as áreas da vida, desde as práticas artísticas até as práticas laborais, sobre uma base científica. Além de mais, se introduze um modelo de educação onde a capacitação e a experimentação, se complementaram. Buscaram-se criar bases científicas objetivas da educação artística para lograr um alto profesionalismo; desenvolvidos em um lugar para a vida coletiva, o trabalho e a criatividade. Com a morte de Lênin em 1924 iniciaram-se una serie de transformações repercutindo nos Ateliers, primeiro com o cambio de desígnio a VKHUTEIN em 1927, posteriormente desagregados e modificados. Contudo, teve um impacto significativo na construção da cultura moderna.

Palavras chave: **Vanguardas soviéticas, Vkhutemas, Vkhutein, Ateliers Artísticos y Técnicos.**

Introducción.

En el año 2020 se cumplieron 100 años de la fundación de una de las instituciones educativas más trascendentes en la formación artística y de diseño de la modernidad del siglo XX: los Talleres Artísticos y Técnicos Superiores (VKHUTEMAS). Su importancia radica no solo en ser una expresión de la transformación llevada a cabo en la Unión Soviética después de la Revolución de Octubre de 1917, si no a la manera significativa en la que esa institución contribuyó a orientar los caminos de tránsito de la modernidad soviética en los campos educativos. Al generar nuevas concepciones pedagógicas para la enseñanza del arte y el diseño, de la arquitectura con su producción de nuevos tipos arquitectónicos para atender las ingentes necesidades del pueblo soviético, en sus reflexiones, propuestas y realizaciones para la construcción de una nueva ciudad, más acorde con los requerimientos de la nueva sociedad que se estaba formando.

Y aquí podríamos continuar con un largo etcétera, es por ello que nuestro colectivo de trabajo, la Brigada Académica Interdisciplinaria (BAI) adscrita al Departamento de Investigación y Conocimiento de la División de Ciencias y Artes para el Diseño de la Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Azcapotzalco, considera relevante, mediante este texto, la realización de un modesto homenaje al esfuerzo y compromiso del conjunto de mujeres y hombres que, creyendo en la transformación de la vida, se embarcaron en el proyecto de formar nuevos ciudadanos y especialistas para la nueva sociedad.

Para nosotros es preciso recordarlos, mantener viva su memoria, porque en tanto no los olvidemos, seguirán vivos y nos seguirán nutriendo con sus trabajos, sus errores y sus grandes aciertos, pero sobre todo de la pasión



Imagen 1. VkhUTEMAS (1920-1927). Recuperada de
HOBOCTИ (2020): <https://www.newsmarhi.ru/vhutemas/>

con la que desplegaron su vida en algo en lo que ellos creyeron. Y también, porque hoy frente a los nebulosos panoramas que enfrentamos, alimentan nuestra creencia en la posibilidad de construir mundos distintos en los que el lucro y la ganancia no sean los motores de la relación humana. Por ello, compartir con otros compañeros el conocimiento que hemos adquirido de esos esfuerzos realizados por nuestros compañeros soviéticos, es fundamental.

Génesis

Los profundos cambios que trajo consigo la Revolución de Octubre de 1917 influyeron sobre los distintos ámbitos de la vida social y personal de la naciente República Soviética, y la educación no estuvo al margen de las transformaciones. De tal forma que en 1918, en plena Guerra Civil, se llevó a cabo una reforma educativa radical con la intención de llevar la educación a las amplias masas de la población; esto implicó también las escuelas de arte, arquitectura y diseño. (Bokob, 2017).

En la segunda oleada de reformas a la educación, el surgimiento de una institución como los *TALLERES ARTÍSTICOS Y TÉCNICOS SUPERIORES (VKHUTEMAS)* fue fundamental en la enseñanza del diseño y las artes. Tuvo su origen en dos cuestiones de carácter general: la insatisfacción que en los campos del diseño y la producción artística imperaba en esa coyuntura específica, y por otro lado, la propia voluntad del recién formado Estado Soviético de reformulación de las instituciones encargadas de la educación para el desmontaje de la cultura que había producido el régimen zarista.

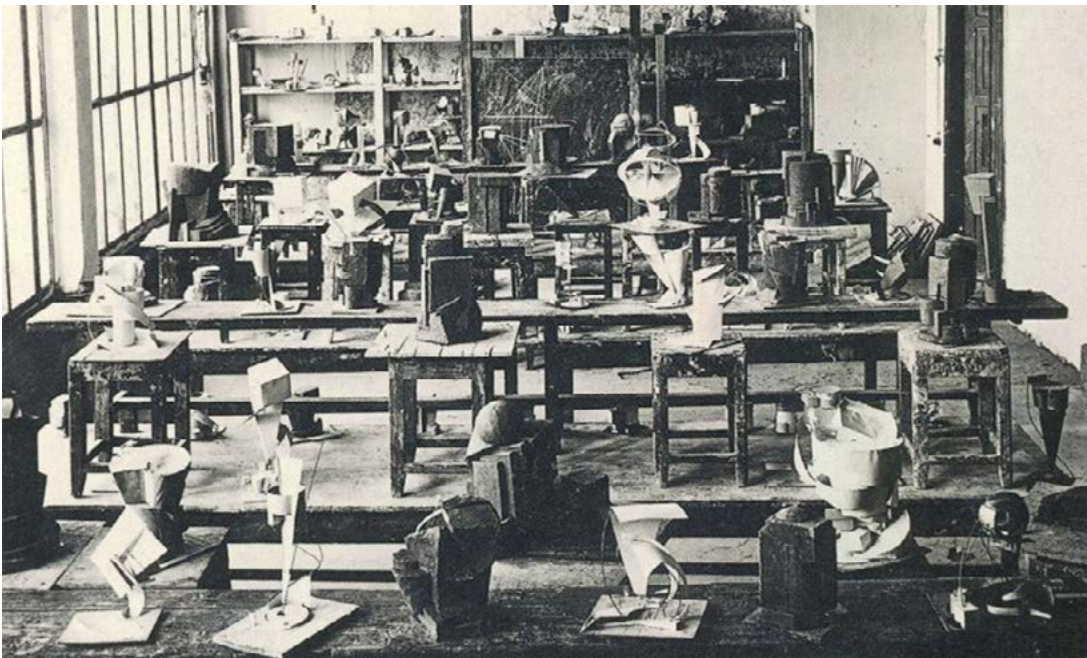


Imagen
2. Talleres
Vkhutemas.
Recuperada de:
The Architectural
Review, Pyzik
(2015).

Este conjunto de preocupaciones se manifestaban ya en abril de 1918 cuando grupos de estudiantes de artes se reunieron en la “Conferencia de Estudiantes de Arte”, en Moscú, procedentes de la Escuela de Pintura, Escultura y Arquitectura de Moscú, y en Petrogrado de la Academia de las Artes Imperiales de Petrogrado, para manifestar su inconformidad con las formas de la enseñanza artística imperantes hasta ese momento., a decir de Adaskina por la “...la falta de programas claros y



Imagen 3. Página de la revista “Arquitectura Moderna” (No. 2, 1926) con la publicación de proyectos de estudiantes de la facultad de metalurgia de VKHUTEMAS. Recuperada de НОВОСТИ (2020): <https://www.newsmarhi.ru/vhutemas/>

principios comunes de instrucción...” (Adaskina, 2012) y también es posible señalar que otra de las demandas levantadas por esos grupos estudiantiles era poder elegir a sus profesores.

Un componente más de estos procesos transformadores fue la intención del estado de modificar las formas de enseñanza en los distintos niveles. En 1918, por una iniciativa del Departamento de Arte (IZO), dependiente del Comisariado para la Instrucción del Pueblo (Narkompros), se crea un Programa del Arte que planteaba dar una definición básica a la función del arte en la sociedad socialista, reorganizar las instituciones artísticas, elevar la artesanía a la categoría de arte, etc. El programa, intentaba cubrir una necesidad de establecer talleres estatales libres en reemplazo de las academias (con una marcada doctrina clasicista y rutinaria). (Khlebnikov, 1971).

Como resultado de ello, y con la cobertura del Comisariado Popular de Educación, en 1918 se formaron los Talleres Artísticos Libres del Estado (SHHM), en los cuales los estudiantes llevaron a cabo la organización para elegir a los líderes de los talleres. Agregándose a este cambio fundamental una apertura no vista antes con la posibilidad de ingreso libre a partir de los 16 años, incluso sin competencias ni educación demostradas, así como una orientación no solo artística sino también industrial.

Aunque el movimiento tuvo sus orígenes en Moscú y Petrogrado, en el lapso de 1918 y 1919, los Talleres Artísticos y Técnicos Superiores (Vkhutemas) se formaron además de en esos lugares, también en localidades como Vitebsk, Vorónezh, Kazán, Ekaterimburgo, Samara, Sarátov, Yaroslavl, y su número aumentó posteriormente.

En Moscú se formaron sobre la base de instituciones existentes previamente, así el primer Taller de Arte Libre se estableció en lo que era la antigua Escuela Central de Arte e Industria Imperial Stroganov (MGKHPA), de larga tradición académica. (Kondratenko, 2017) Este estuvo constituido por las ramas de pintura, escultura y arquitectura, además de talleres decorativos (Decorativo y arquitectónico, Textil -tejido, estampado, tapices de alfombras y bordados artísticos-, Metal -estampado, montaje, galvanoplastia, esmalte, grabado, filigrana, etc.-. Impresión -litografía, grabado, grabado-, Teatral y decorativo -diseño, vestuario-, Decorativos y pictóricos -frescos, decoración de paredes, letreros- y Cerámica -porcelana, cerámica, vidrio-) y Talleres auxiliares (Moldeo, Horneado de pintura, Estación de prueba de pintura, Laboratorio químico).

Los responsables de los talleres fueron, del de **Artistas**: - S. Malyutin, F. Malyavin, N. Ulyanov, B. Grigoriev, I. Fedorov, F. Fedorovsky, K. Korovin, P. Kuznetsov, V. Rozhdestvensky, A. Kuprin, A. Konchalovsky, A. Lentulov, A. Grishchenko, A. Shevchenko, K. Malevich, O. Rozanova, N. Udaltsova, I. Klyun, A. Morgunov, V. Tatlin,

G. Yakulov y otros; del de **Escultores**: N. Andreev, B. Bromirsky, A. Babichev, V. Vagagin y del de **Arquitectos**: L. Vesnin, S. Chernyshev y F. Shekhtel.

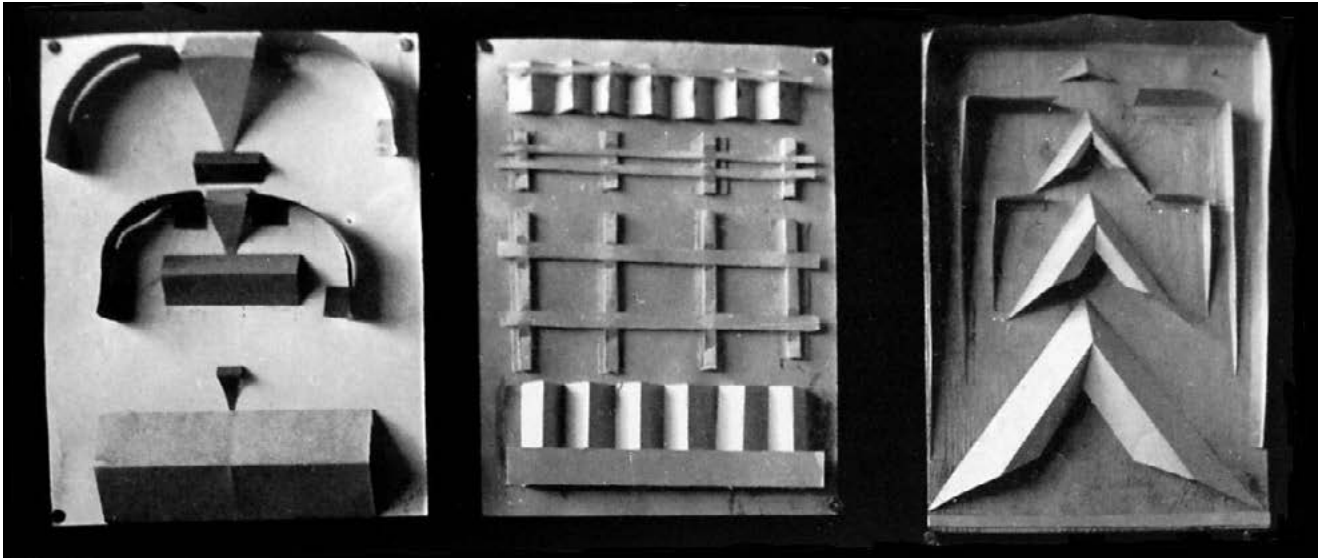


Imagen 4. Trabajos de la Disciplina propedéutica «Espacio» 1-3 - Superficie frontal. Serie rítmica, limitada verticalmente. Recuperada de HОBОCТИ (2020): <https://www.newsmarhi.ru/vhutemas/>

Y el segundo taller en lo que era la Escuela de Pintura, Escultura y Arquitectura de Moscú (MUZHVZ). Contando con las especialidades de Pintura, Escultura y Arquitectura, además de otros talleres como grabado fotografía entre otros. (Kondratenko, 2017).

Los responsables de los talleres, eran elegidos por los estudiantes y aprobados por la Junta del Comisariado del Pueblo para la Educación. Fueron, para el Departamento de Pintura: A. Arkhipov, V. Kandinsky, K. Korovin, P. Kuznetsov, K. Malevich, S. Malyutin, I. Mashkov, A. Morgunov, V. Rozhdestvensky, V. Tatlin y R. Falk; para el Departamento de Escultura: A. Arkhipenko, S. Volnukhin. A. Golubkina, S. Konenkov y A. Matveev y para el Departamento de Arquitectura: I. Zholtovsky, I. Rytsky y A. Schusev.

En tanto que, en Petrogrado, ocuparon La Escuela Superior de Arte de la Academia Imperial de las Artes de San Petersburgo, que se transformó en 1918 en la Escuela Estatal de Arte Pedagógico-Talleres Estatales de Arte y Capacitación Libres de Petrogrado.

En el propio campo de la producción artística se llevaban a cabo distintas búsquedas con la intención de transformar las concepciones artísticas, los métodos e incluso en algunas de las más extremas, las reflexiones del papel desempeñado por el arte y el artista en la construcción de la nueva sociedad que empezaba emerger.

Recordemos que la búsqueda de las vanguardias artísticas antecede a la Revolución de Octubre y que ya desde 1913 Mijaíl Lariónov lanzaba el Manifiesto del Rayonismo, como un intento de integración de las vertientes del futurismo, el cubismo y el orfismo, resaltando la presencia de la luz como una cuarta dimensión en la composición, descomponiendo los objetos en abstractos diagramas de haces de rayos y liberándolos de la realidad física convirtiéndolos en radiación pura, tal

como puede verse en los trabajos del mismo Larionov y en los de su esposa Natalia Goncharova.

En 1915 se da a la luz el Manifiesto del Suprematismo, firmado por Kazimir Malévich, Larionov y Vladímir Mayakovski en el que proponían la “...liberación de la determinación sensorial, es decir de la experiencia objetiva...” respecto a las artes plásticas en la perspectiva de alejamiento de la representación figurativa. (Málevich, 2015).

Al mismo tiempo, pero por otro lado, Vladímir Tatlin plantea el constructivismo y Aleksander Ródchenko el no-objetivismo, que tienen en común el abandono de todo referente objetual y la construcción de una nueva realidad a partir de la condición básica del material. Tatlin, influenciado por los collages de Pablo Picasso y Braque, realiza sus primeras obras constructivistas: los contrarrelieves, (murales abstractos contruidos con madera, perfiles de metal, alambre, etc.) que anticiparían la propuesta del Monumento a la Tercera Internacional, de 1919.

Y junto con ello, y tal vez aún más extremo, llegó a ser el planteo de algunos de los artistas de las filas del constructivismo como Tatlin, Ródchenko e incluso algunos, como El Lissitzky considerado más cercano a las posiciones del suprematismo, que se atreven a proclamar la muerte del arte en las versiones hasta ese entonces conocidas, en consonancia con algunas formulaciones del campo de la crítica, y a plantear que el nuevo arte debe ser uno de los sectores del trabajo manual y la producción económica, proponiéndose entonces como productivistas. De allí que Tatlin señalaba que el artista plástico debía participar en la producción de artículos utilitarios. Este posicionamiento, por supuesto, habría de abrir una brecha significativa en las filas tanto de los suprematistas como de los constructivistas. (Michelli, 1979: 228).

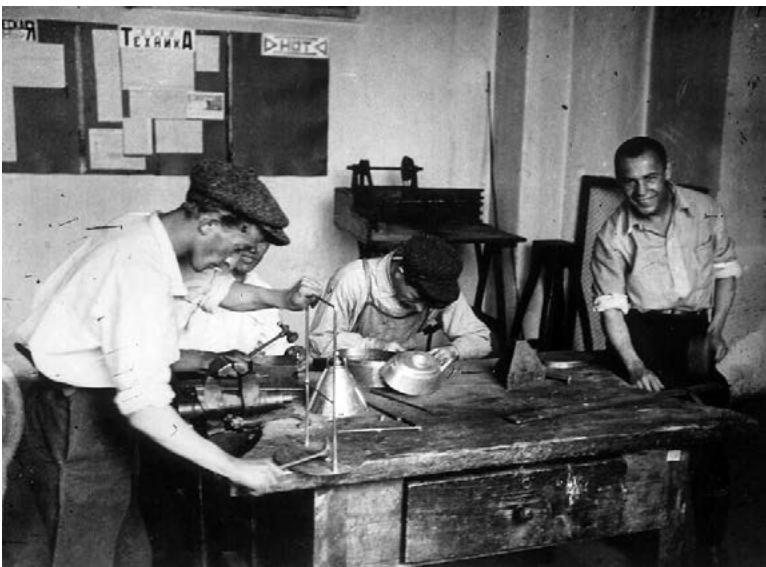


Imagen 5. Alumnos de la facultad de metalurgia en el taller de montaje de VKHUTEMAS en la calle Rozhdestvenka. De izquierda a derecha: P. Zhigunov, I. Morozov, V. Pavlov, Z. Bykov. 1924. Foto: A.M. Rodchenko. Recuperada de HOBOCTИ (2020): <https://www.newsmarhi.ru/vhutemas/>

Lo que resulta indudable era ese estado de exaltación y de búsqueda de lo nuevo, de la irrupción de la modernidad en los distintos campos de la producción del entorno. Así, en la arquitectura se podría encontrar también esa efervescencia, al menos en términos de los planteos, como ya señalaba Malevich desde 1918:

Espero con impaciencia que un edificio que nace sea realmente de nuestra época, vivo y luminoso.

En cambio, en la realidad todo ocurre, paradójicamente, al contrario: cuando hemos conseguido enterrar el cadáver en la caja, se nos apremia para que desenterremos otro que ocupe su lugar, no sin antes haberlo apuntalado con cemento armado y haber colocado unas cuantas vigas en forma de T en los puntos más podridos. (Malevich, 1918).

De igual forma, entre los círculos de artistas y arquitectos, dedicados a la enseñanza, permeaba la crítica a las concepciones atributivas de la libertad absoluta individual en los procesos creativos,

de la que se desprenderían dos líneas básicas: la superación de las formas subjetivas de explicación de los fenómenos creativos y por ende un apuntamiento a la búsqueda de la objetividad; lo que se traduciría en una segunda línea, que fue la base de la pedagogía artística establecida en los métodos de estudio analítico de la forma de arte, cuyo origen procede de los experimentos creativos de los artistas de las vanguardias. (Adaskina, 2012).

Los iniciales núcleos de forja de las concepciones teóricas de las vanguardias fueron el punto de partida para la extensión y experimentación que pudo realizarse en las instancias educativas como el VKHUTEMAS y posteriormente a la muerte de Lenin de 1924, en 1927 designados VKHUTEIN, espacios en los que fue posible el trabajo de los principales teóricos de las vanguardias. También, fue un espacio adecuado para la formación de agrupamientos o núcleos de trabajo que llevaron a la práctica sus principios teóricos; de tal forma que tanto los racionalistas formaron los OBVMAS dentro del VKHUTEMAS, luego organizaciones como la Asociación de Nuevos Arquitectos (ASNOVA) y después la Asociación de Arquitectos Urbanistas (ARU). Los constructivistas formaron la Asociación de Arquitectos Contemporáneos (OSA), constituyendo un entramado cada vez más amplio, pese a las condiciones adversas en las que llegaron a moverse al contrastarse con las líneas oficiales de la política educativa y artística del Estado Soviético.

Uno de esos espacios que permitieron el desarrollo y la confrontación de las vanguardias arquitectónicas lo fue el VKHUTEMAS y después VKHUTEIN, pues allí desplegaron su labor formativa distintos miembros de las vanguardias artísticas y arquitectónicas. A partir de la experimentación y el trabajo realizado allí, se fueron configurando las líneas del racionalismo de Ladovsky y el constructivismo temprano de Alexander Vesnin. Esos fueron espacios que la izquierda artística y arquitectónica ocupó para su desarrollo.

La confrontación entre la diversidad de líneas, se dio además del campo profesional, en las discusiones en los medios de la época, así, como en las instituciones de carácter profesional y también educativas, desde la formación del Narkompros en 1918 y con la creación del IZO, espacio en el que se colocaron distintos miembros de las vanguardias. Simplemente recordemos que el propio Lunacharsky procedía de una línea poco ortodoxa dentro de la cultura soviética pre y pos revolucionaria: el Proletkult, corriente que alimentó a las vanguardias y tuvo un peso significativo en la cultura del país, hasta que las contradicciones con el estado soviético culminaron con su desaparición.

Las líneas principales de la vanguardia arquitectónica se condensaron en dos ejes:

- a).- el Racionalismo.
- b).- el Constructivismo.

Entre tantos vaivenes, la elaboración continuaba en ese espacio, con ello, los líderes de las vanguardias persistían con sus preparaciones, tanto del racionalismo por parte de Ladovsky y sus seguidores, como por Vesnin como cabeza inicial del constructivismo arquitectónico.

Desarrollo

Como se menciona anteriormente, este tema es muy importante por su centésimo aniversario, por 100 años de una búsqueda que por las condiciones actuales aún sigue vigente. Las compañeras y compañeros que nos dedicamos a construir dentro de entornos determinados con la finalidad de disminuir la pobreza encontramos múltiples semejanzas.

Por el momento es pertinente detenernos en el desarrollo del VKHUTEMAS, es decir en los talleres técnicos y de arte superiores en cuanto a una de las consecuencias de la revolución bolchevique liderada por Lenin en 1917 para quitar al régimen Zarista imperial y crear la República Socialista Federativa Soviética de Rusia. Entonces Lenin a sus 23 años aproximadamente conoce el marxismo y 24 años después encabeza la revolución rusa.

El mandato para la educación de masas se enmarcaba en un proyecto soviético más grande de industrialización, reorganizando todas las áreas de la vida,

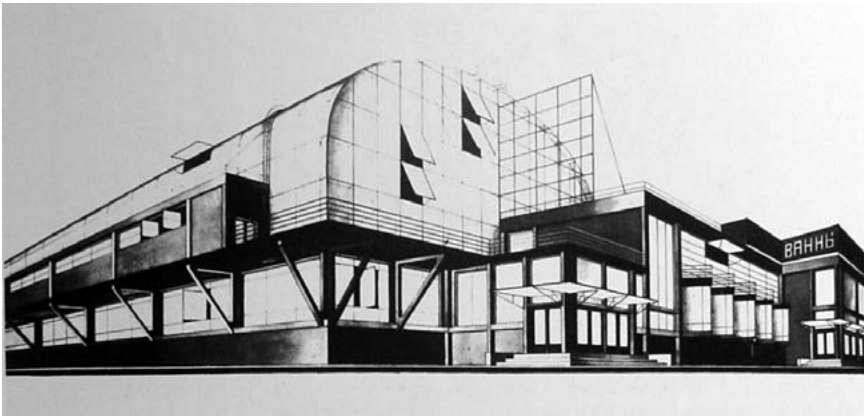


Imagen 6. Casa Comunal Tipo. M. Barkhin, 1927. Recuperada de: HOBOCTИ (2020): <https://www.newsmarhi.ru/vhutemas/>

desde las prácticas artísticas hasta las prácticas laborales, sobre una base científica. Tanto una institución de enseñanza vibrante como un laboratorio de diseño masivo, VKHUTEMAS fue un escenario donde la capacitación y la experimentación se llevaron a cabo lado a lado. Además, introdujo un modelo de educación completamente diferente: un lugar para la vida colectiva, el trabajo y la creatividad.

VKHUTEMAS funcionaba más como una comuna que como una escuela. Su entusiasta comunidad de jóvenes superó conjuntamente la agitación que dejó la Guerra Civil, las condiciones de vida deficientes y la escasez de las necesidades más básicas para producir un trabajo notable. Cientos de estudiantes facilitaron el proceso de formulación de cómo se puede pensar, producir y experimentar el arte moderno en la arquitectura y el diseño. Las numerosas iteraciones de los ejercicios de diseño, generalmente en forma de modelos de estudio tridimensionales realizados en arcilla o papel de desecho, dieron como resultado un rico depósito de formas protomodernas, que se analizaron metódicamente y se documentaron fotográficamente a lo largo de varios años. La retroalimentación continua entre el proceso educativo, la investigación y las pruebas realizadas en varios gabinetes y laboratorios científicos en VKHUTEMAS aseguraron la innovación continua del diseño y provocó un salto enorme en el desarrollo de la teoría y la práctica del espacio y la forma modernos.

Resulta entonces que el VKHUTEMAS, consistió en una de las maneras para modificar las relaciones producción, la cual fue fundada en Moscú en el otoño de 1920 por la fusión del Primer y Segundo Taller Artísticos del Estado Libre. Ubicado en dos edificios pertenecientes a colegios: en la calle Rozhdestvenka (ahora el complejo de edificios de MARCHI) y en la calle Myasnitskaya (ahora el edificio del RAZHVZ Ilya Glazunov).

La universidad integral de arquitectura y arte de fama mundial de la era de

vanguardia VKHUTEMAS, junto con la escuela alemana Bauhaus, formaron las bases de la arquitectura y el diseño mundial del siglo XX. La creación de VKHUTEMAS fue el resultado de la Segunda reforma de la educación artística, que fue llevada a cabo por el Comisariado del Pueblo en julio de 1920. De acuerdo con el Decreto del Consejo de Comisarios del Pueblo del 18/12/1920, VKHUTEMAS tenía como objetivo “preparar a artistas de la más alta calificación para la industria”. Los especialistas en todas las áreas y tipos de entre los que se encuentran: arte, arquitectura, diseño, pintores, escultores, artistas gráficos, artistas de teatro, ceramistas, trabajadores textiles, diseñadores de muebles, equipamiento interior de edificios residenciales y públicos estudiaron en el VKHUTEMAS.

VKHUTEMAS comenzó sus actividades en el otoño de 1920. En un inicio consistía en facultades de arte (pintura, escultura, arquitectura) y producción (impresión, textil, cerámica, carpintería y metalurgia). En las facultades de producción, se estaba capacitando a un nuevo tipo de artistas, creando el entorno temático que rodea a la persona, por lo que se diseñaron artículos para el hogar, como herramientas, interiores residenciales y públicos, entre otras.

La idea principal de los métodos innovadores de VKHUTEMAS en el campo de la educación arquitectónica y artística fue liberar la pedagogía de los dogmas y esquemas arraigados de la escuela académica. Existen diversas fuentes; mientras que unas indican que el VKHUTEMAS no negó la experiencia y no trató de deshacerse de la herencia de los clásicos; otras mencionan diversas confrontaciones. Por lo que educadores innovadores como Rodchenko, Popova, Klutskis, Ladovsky, Korolev, entre otros ofrecieron sus técnicas avanzadas como más acordes con el tiempo y el nuevo papel del arquitecto en la sociedad y en el entorno artístico.

Durante los primeros dos años, todos los estudiantes de VKHUTEMAS adquirieron una cultura artística común en el Departamento Principal. Aquí se familiarizaron con los principales tipos de artes

espaciales, con sus características comunes y unificadoras y con cualidades específicas especiales. En los cuales, los estudiantes aprendieron los elementos básicos y los medios de la conformación artística como: color, espacio, superficie, volumen; así como además los métodos y el lenguaje de la creatividad compositiva: proporciones, ritmo, dinámica, contrastes y patrones de percepción visual del entorno. Aquí se sentaron las bases universales para todas las especialidades de arte y de ese modo socavaron fundamentalmente su división previa en «producción superior» y «producción inferior».

VKHUTEMAS heredó la pedagogía individual de los talleres gratuitos. Durante la eliminación de los talleres individuales, casi cada facultad formó su propio sistema pedagógico especial, por regla general. Por supuesto que durante el transcurrir se asociaron algunas disciplinas, por ejemplo la escuela de Favorsky en la facultad de impresión y gráfica. En la Facultad de Arquitectura, donde hasta 1926 había dos



Imagen 7. Boceto de Várvara Stepanova para tejidos de los años 20. Ilustración: A.N. Lavrentyev “Varvara Stepanova”. Fondo “Vanguardia Rusa”. Recuperada de Mobile Design Museum (2013): <http://mobiledesignmuseum.ru/avangard/>

departamentos: arquitectura clásica y las últimas búsquedas, correspondiente a la pedagogía académica de I. Zholtovsky y, por otro lado, la pedagogía, desarrollada bajo la influencia predominante del método de enseñanza psicoanalítica creado y desarrollado por N. Ladovsky quien se basaba en el estudio de elementos compositivos, de su análisis teórico, formal y funcional, para explorar las posibilidades de su reinterpretación para las eventuales nuevas aplicaciones tridimensionales.

VKHUTEMAS buscó crear bases científicas objetivas de la educación artística para lograr una alta profesionalidad. Esto encontró expresión en el contenido general de la educación y sobre todo en la enseñanza de disciplinas artísticas propiamente dichas. Se sabe que el curso semianual propedéutico de la Bauhaus se dedicó solo al entrenamiento plástico general y fue dirigido por sus artistas, primero I. Itten, luego J. Albers y L. Mogoli-Nagy. La rama principal de dos años de VKHUTEMAS era un organismo mucho más complejo. También se impartió educación plástica general y se sentaron las bases de la erudición general, la educación “básica”. Fue construido integralmente, en la unión de tres tipos de disciplinas: arte, ciencia, tecnología y humanidades. La educación artística teórica y práctica, por así decirlo, recibió apoyo en educación general y ciencias especiales. La tendencia más importante en la pedagogía de VKHUTEMAS fue el deseo de objetivar la educación artística misma. La quintaesencia de estas tendencias son los cursos de plástico del Departamento Principal.

Vkhutemas (1920 - 1927) - Vkhutein (1927 - 1930)													
Rabfa (facultad obrera)													
Curso Básico													
Disciplinas artísticas				Disciplinas científicas									
Gráfica	Color	Volúmen	Espacio	De carácter General	De carácter Profesional								
Facultades de Especialización													
Producción Industrial		Gráfica		Pintura	Escultura	Arquitectura							
Facultad de Trabajo de los Metales (Metfak)	Facultad para el Trabajo de la Madera	Facultad de Cerámica (Porcelana, vidrio, cerámica)	Facultad de producción Textil (tejido, estampado)	Arte Litográfica	Grabado sobre Metal (fotomecánica y aguafuerte)	Arte de libros	Pintura de caballete	Pintura monumental	Escenografía	Dos secciones organizadas como tratamientos artísticos: Escultura, monumental y pedagógica	Laboratorios Académicos	Laboratorios Experimentales	Laboratorios de Nuevas Investigaciones

Tabla 1. Esquema de la enseñanza en VKHUTEMAS, Reelaboración de tabla a partir de Colón (2002) en: *Las vanguardias artísticas y la enseñanza en la Rusia de los años 20.*

Las etapas de desarrollo de la escuela están asociadas con los nombres de tres rectores:

- 1.- E. Ravdel (desde 1920);
- 2.- V. Tabor (desde 1923) y
- 3.- P. Novitsky (desde 1926).

Un evento importante para VKHUTEMAS fue la participación en la Exposición Mundial en París en el verano de 1925, que demostró los mejores trabajos de los estudiantes de Archfak, Derfak y Metfak, y VKHUTEMAS recibió el Gran Premio por el innovador curso presentado en disciplinas propedéuticas.

Otro evento relevante fue la Exposición Internacional de SA en VKHUTEMAS en agosto de 1927 (organizada por el Rector Novitsky). En septiembre de 1927, VKHUTEMAS pasó a llamarse VKHUTEIN (Instituto Superior Artístico y Técnico). Como resultado de esta reestructuración, se intensificó la orientación de la universidad hacia la capacitación de especialistas para la industria de la madera y el metal, la producción de cerámica y textiles, y la impresión.

En la facultad de pintura, los principales problemas de la universidad (como fueron la lucha por métodos de enseñanza objetivos, la creación de obras maestras o el arte para el destinatario de masas y otros) se convirtieron en una lucha a favor o en contra del arte de caballete. La objetividad del método desde 1922 hasta 1923 orientó a la facultad el Departamento Principal. El curso de Teoría de la Composición, impartido por Favorsky al mismo tiempo para todos los departamentos de la facultad, jugó un importante papel unificador. Estudiantes-pintores preparados para comunicarse con la audiencia masiva a través del diseño teatral, el arte monumental, el trabajo de propaganda. La última especialización se realizó más vívidamente en la última etapa de la evolución de la universidad, en VKHUTEIN, dirigida por Novitsky, y encarnada en las actividades del grupo de octubre.

Trascendencia del VKHUTEMAS

En esta última sección queremos presentar de manera breve algunas ideas de lo que nos parece, son algunos de los aportes más significativos del VKHUTEMAS-VKHUTEIN, y tal como hemos expresado en otras ocasiones, se trata apenas de aproximaciones a líneas en proceso de exploración iniciadas desde la Brigada Académica Interdisciplinaria.

1. En VKHUTEMAS se concretaba una aspiración del Estado Soviético: ¿Cómo construir la cultura de la Revolución mediante los impulsos creativos para objetivar las transformaciones? Esto entre otra cosa significaba la construcción de las nuevas formas para el socialismo y para las prácticas sociales derivadas de la Revolución, pensar en las nuevas necesidades y reorientar hacia ellas la producción de los objetos de diseño incluidos los espacios construidos.

En ese sentido llama la atención, el énfasis a la superación de las visiones dogmáticas y ortodoxas sobre el academicismo en la producción artística pero también en la formación académica, situación que alentó las nuevas búsquedas de las mentes más brillantes en los campos del arte, el diseño (en formación) y la arquitectura.

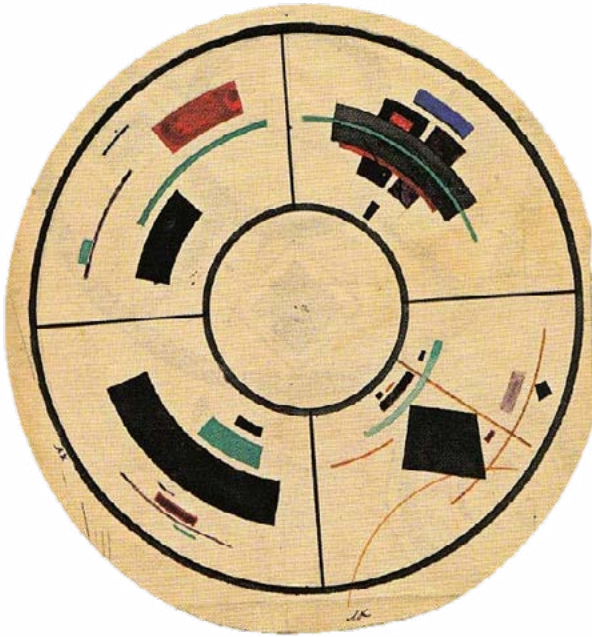


Imagen 8 L. Khidekel, dibujo para porcelana, 1923, en Selim Khan-Magomedov; Suprematismo y arquitectura. Recuperada de Mobile Design Museum (2013): <http://mobiledesignmuseum.ru/avangard/>

Por otro lado, es muy importante la estrecha relación de VKHUTEMAS con la política del Estado. VKHUTEMAS no es una escuela marginal de experimentaciones formales, es producto de una reforma a la educación destinada a orientar a las instituciones artísticas en la solución a las nuevas necesidades populares. Situación que, para el VKHUTEMAS-VKHUTEIN, estuvo acompañada de ventajas y desventajas.

La ventaja de tener todo el apoyo del Estado a través de Lunacharsky (Comisario del Pueblo) en la concreción de los diferentes talleres y facultades, tanto de arte como de producción, proveyendo de infraestructura, recursos materiales y humanos necesarios. VKHUTEMAS tuvo un peso tan importante para el Estado soviético que es reconocida por un decreto de Lenin fechado el 18 de diciembre de 1920, donde se les define: “Los Talleres Artísticos y Técnicos del Estado Superior de Moscú son una institución educativa especialmente industrial-artística con el objetivo de preparar artistas y maestros altamente calificados para la industria, así como instructores y gerentes de educación vocacional.”

(Instituto de Arquitectura de Moscú, 2020).

La desventaja de esa misma importancia implicó estar sujeta al escrutinio de las políticas del Estado y con ello de la opinión pública, debates abiertos sobre su eficacia, y pertinencia. Finalmente, a tan sólo 10 años de su fundación, con el ascenso de Stalin, ese lazo tan estrecho le costó su permanencia, siendo ya VKHUTEIN, fue disuelto en 1930.

2. VKHUTEMAS fue la concreción de un cambio radical en la enseñanza de las artes. La emergencia de las nuevas y experimentales líneas creativas formularon durante 10 años de efervescencia múltiples líneas teórico pedagógicas ligadas, en muchos casos a los “líderes académicos” que tenían una participación orgánica en las vanguardias artísticas.

Esto implicó una interminable búsqueda creativa para objetivar la enseñanza de las artes y la arquitectura y abrió discusiones fundamentales en cada una de las facultades y talleres de VKHUTEMAS, discusiones que aún no están agotadas en el campo de la producción artística y que sin duda orientaron la búsqueda de alternativas en los distintos ámbitos de la modernidad.

De manera general podemos enunciar los principios de VKHUTEMAS-VKHUTEIN:

- A. La revisión Crítica de la teoría del arte aplicado y de la ornamentación a partir de las condiciones contemporáneas de la producción en serie.
- B. Elaboración de la forma del objeto a partir de varios condicionamientos: sociales, técnicos y funcionales.
- C. Posición no conformista frente al mundo de los objetos, liberación de cualquier presión de las formas tradicionales de los objetos para abrir el camino hacia la invención en el dominio de la forma (Bojko, 1972).



Imagen 9 Silla y mesa del proyecto de diploma "Equipo convertible plegable para auditorios, salas de reuniones, comedores, salas de club". Alumno: Peter Galaktionov. Jefe: Alexander Rodchenko. Dermefak (departamento de metalurgia), VKHUTEIN. 1929. Archivo de Alexander Rodchenko y Varvara Stepanova. Recuperada de: [HOBOSHI \(2020\): https://www.newsmarhi.ru/vhutemas/](https://www.newsmarhi.ru/vhutemas/)

3. Uno de los grandes aportes del VKHUTEMAS es el método objetivo para la enseñanza y para el desarrollo del trabajo artístico.

Los estudiantes exigían el reemplazo de los métodos de enseñanza subjetivos por los objetivos, situación en la que coincidieron con muchos maestros que tenían el deseo de desarrollar algunos métodos de formación "objetivos", para justificar científicamente sus experimentos creativos y elaborar criterios para evaluar su propio trabajo artístico.

"La tendencia a objetivar y unificar los métodos de enseñanza del arte coincidió en esos años con las búsquedas experimentales y metodológicas de varios artistas, arquitectos y escultores." (Khan, 1990: 8). Es así que VKHUTEMAS buscó crear las bases objetivas de la educación artística. Esta búsqueda para identificar los elementos primarios de la expresividad

artística, decantó en algunos que fueron comunes a varios tipos de arte: estructura de la composición, la naturaleza de su uso, definición de la percepción de la imagen artística. (Ídem)

El grupo de trabajo de análisis objetivo, donde se formaron enfoques comunes para el desarrollo de un «método objetivo» de análisis de obras de arte, en VKHUTEMAS correspondió a formas organizacionales de interacción entre maestros de disciplinas propedéuticas en el proceso de creación del Departamento Principal. Las disciplinas propedéuticas: «Espacio» (N. Ladovsky, N. Dokuchaev, V. Krinsky - todos los miembros del grupo de trabajo de arquitectos de INKHUK), «Gráficos» (A. Rodchenko - un miembro del grupo de constructivistas) y «Color» (L. Popova y A. Vesnin - miembros del grupo antisexualista) (Ibíd., 10)

4. VKHUTEMAS cambia la forma de pensar la arquitectura y las artes. VKHUTEMAS fue un campo fértil de experimentación de las vanguardias soviéticas.

Todo objeto era el resultado de una búsqueda organizada, dirigida a un fin utilitario, de las cualidades estéticas, físicas y funcionales de los materiales implicados, cuya forma emergería en el proceso de esa búsqueda." (Mosquera, 1983, 230)

Un cambio en el arte, orientado al estudio y la resolución de problemas prácticos concretos, con directrices particulares en las facultades y talleres:

- **Curso básico/departamento principal:** Base de la innovación pedagógica mediante combinación de disciplinas científicas y artísticas.
- **Facultad de arte:** Una educación multidisciplinaria que combinara la formación de las bellas artes y la escuela de artesanías.
- **Facultad industrial:** Preparar artistas de nuevo tipo capaces de producir objetos de la vida cotidiana, se empeñó en crear productos de viabilidad económica y socialmente funcionales, se enfatizaron los artículos domésticos y de uso industrial. Este impulso por la economía que resultó en una tendencia de diseños funcionales minimizando lujos. La brecha entre los talleres y la producción en fábrica nunca se cerró, pero promovieron la estética de la fábrica

- **Departamento de metal y carpintería** (Rodchenko, constructivista). Combinar el arte y la tecnología de manera efectiva, los estudiantes recibieron pasantías en las fábricas.
- **Departamento Textil** (Várbara Stepanova, constructivista). Desarrollo de una línea utilitaria, pero con interés en la moda, estética contemporánea de la vida cotidiana, tal cual se observa en la calle.
- **Facultad de Arquitectura.** Es muy relevante el papel de la arquitectura en la concreción de las nuevas prácticas que conlleva construir espacialmente la nueva cultura: “la facultad de arquitectura de Vkhutemas llegó rápidamente al puesto líder creativo”

En la Facultad de Arquitectura se formaron tres centros con posiciones definidas, de 1920 a 1923: talleres académicos (presidente del comité de asignaturas I. Zholtovsky, maestros A. Schusev, E. Norvert, V. Kokorin, I. Rylsky, L. Vesnin, etc.), Talleres Unidos de Izquierda OBMAS (N. Ladovsky, B. Krinsky, N. Dokuchaev) y un taller independiente de “arquitectura experimental” (I. Golosov y K. Melnikov). (Khan, 1990, 24). Zholtovsky defendería la formación clásica, académica, Ladovski consideraba que el espacio era el principal “material” de la arquitectura, subordinando la solución del volumen a las tareas de organización del espacio. Mientras que I. Golosov daba mayor peso a la materia de conformación de elementos volumétricos a la gran forma arquitectónica.

A partir de 1924 se formó una tendencia innovadora: el constructivismo. Los defensores del constructivismo y el arte de producción exigieron que las tareas formales se reemplazaran por la elaboración de temas específicos con un programa real. Esto dio origen al taller de A. Vesnin.

A partir de 1925, superado el academicismo, la lucha de la izquierda y los talleres académicos fueron reemplazados en la facultad por una competencia creativa de las dos tendencias arquitectónicas innovadoras: el racionalismo y el constructivismo. Ladovsky y A. Vesnin, que también encabezaron las organizaciones creativas de estos movimientos, ASNOVA y la OSA. (Ibíd., 23).

Estas nuevas orientaciones para la construcción de la nueva cultura, además de no ser homogéneas, enfrentaron las contradicciones que supone una condición histórica dada, una Revolución, “el utopismo estético ante una descarnada realidad, entre sus posiciones avanzadas y el conservadurismo estético de las masas, entre su lenguaje nuevo y las exigencias de la comunicación social, en resumen, las contradicciones entre el arte y la revolución” (Sánchez, 1983).

5. VKHUTEMAS trajo la posibilidad de creación y conexión de redes significativas de producción artística que tuvieron lugar en la Rusia postrevolucionaria. Al interior de la propia estructura de VKHUTEMAS estas redes se



Imagen 10 Club de trabajadores de Rusakov
(1927-1928), en Moscú, de Konstantin Melnikov.
Recuperada de Cooke et al (1990).

concretaron con la participación de profesores en más de un taller o facultad, así como de las redes creadas por las corrientes de vanguardia al exterior de VKHUTEMAS.

En este sentido es posible observar la relación con ASNOVA (Asociación de Nuevos Arquitectos) (Racionalistas) cuyo participante orgánico, Nikolai Ladovsky enseñaba la disciplina "Espacio", era integrante del Departamento Principal de VKHUTEMAS. Quien también dirigió el Taller de Izquierda Unida (OBVMAS) que formaba parte de la facultad de Arquitectura.

Otra relación que se generó fue con la corriente constructivista a través de la OSA (Asociación de Arquitectos Contemporáneos). Vesnin, miembro de esta corriente formaba parte de VKHUTEMAS, además de que mantuvo también relación con el Instituto de ingenieros civiles de Moscú pues Víctor Vesnin, su hermano estaba en la dirección.

Dada esta articulación, la OSA organiza en 1927 la Primera Exposición Universal de Arquitectura Moderna. Que se convierte en todo un evento en VKHUTEMAS y posiciona, dentro de la escuela, a la corriente constructivista. Además de las redes de trabajo y su vínculo con las vanguardias, el VKHUTEMAS -VKHUTEIN, tuvo reconocimiento fuera de la Unión soviética.

En 1925 VKHUTEMAS participó en la Exposición Universal en París, ahí mostró los mejores trabajos de los estudiantes de Archfak, Derfak y Metfak, y VKHUTEMAS recibió el Gran Premio por el innovador curso presentado en disciplinas propedéuticas, que como hemos mencionado, consistía en la enseñanza de las disciplinas: espacial, volumétrica, gráfica y en color. En esta misma exposición es galardonado el pabellón de la URSS diseñado por Melnikov, integrante de la planta docente de VKHUTEMAS.

Particularmente el estudio de los hermanos Vesnin (Alexander y Leonid, en VKHUTEMAS y Víctor en el MVTU), arduos promotores del constructivismo, atrajeron la visita de Le Corbusier y aunque no existe mucho detalle hay registros de estos intercambios.

Por otra parte, existieron acercamientos entre VKHUTEMAS y la BAUHAUS, existieron intercambios entre alumnos de ambas escuelas y de profesores de la BAUHAUS que colaboraron en alguna disciplina o facultad del VKHUTEMAS, tal es el caso de Hinnerk Sheper que colabora en la disciplina del "color".

6. VKHUTEMAS construye las bases de la cultura moderna bajo los principios de la colectividad y la comunalidad. Los especialistas en todas las áreas y tipos de arte, arquitectura y diseño estudiaron en VKHUTEMAS: pintores, escultores y artistas gráficos, arquitectos y artistas de teatro, ceramistas, trabajadores textiles, diseñadores de muebles y equipamiento interior de edificios residenciales y públicos.

Reflexionar sobre la transformación de la vida que supuso la Revolución rusa, es en gran medida una reflexión sobre los cambios necesarios de las formas de

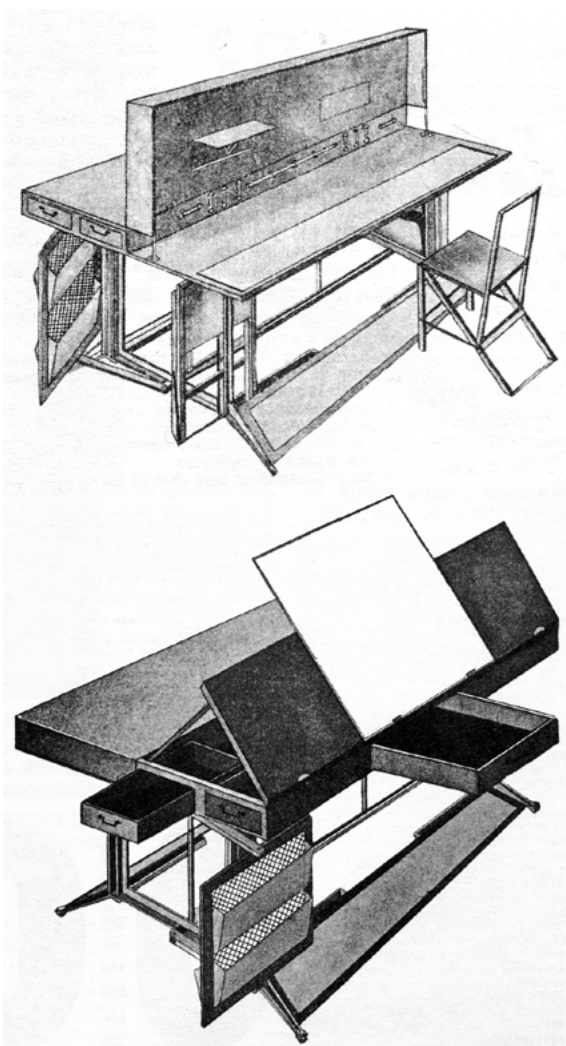


Imagen 11 y 12. Morozov (1926). Diseño de mesa plegable, diseñada para escribir, dibujar y cenar. Realizada en la Facultad de trabajo de los metales.

vida propias del capitalismo a unas socialmente más responsables. La transformación de la vida implica pensar en el papel de los objetos, y en qué medida éstos, pueden coadyuvar a los procesos de transformación.

Por ejemplo, la arquitectura se asumió como el arte de la era de la dictadura proletaria, que debía recuperar, ese carácter colectivo. Así, en el libro VKHUTEMAS Arquitectura se lee: “La tipología de los estilos artísticos atestigua en la historia del arte, las más creativas y orgánicas fueron las épocas de los estilos sintéticos monumentales, y constructivos. Eran las épocas de la construcción social amplia basada en la regla de los intereses colectivos y la restricción del interés personal” (Arquitectura, 1927: IV).

7. Finalmente queremos decir que, a pesar de los sesgos de la historia occidental en los campos de diseño, VKHUTEMAS -VKHUTEIN es uno de los pilares de la producción de la cultura material en la modernidad en las artes, el diseño y la arquitectura.

Conclusiones

VKHUTEMAS fue un ejemplo de apropiación de la institución de educación del Estado, como una de las consecuencias de la revolución de octubre en Rusia. Trajo la posibilidad de creación y conexión de redes significativas de producción artística que tuvieron lugar en la Rusia postrevolucionaria. Construyó las bases de la cultura moderna bajo los principios de la colectividad y la comunalidad. En 2020 se conmemoró el centenario de la fundación del VKHUTEMAS. Una institución que intentó concretar las aspiraciones de la vida socialista, ligando el arte y la producción para la generación de objetos en la vida cotidiana, tuvo un impacto significativo en la construcción de la cultura moderna, con un impacto mayor al de la BAUHAUS, pero menos reconocido, e incluso la historia occidental la ha omitido en los libros de historia del diseño.

A cien años queremos decir que la historia de la modernidad está en deuda con el VKHUTEMAS.

Referencias Bibliográficas

Adaskina, N. L. (2012) *Вхутемас–Вхутеин. Moscú. 1920-1930*. ENCICLOPEDIA DE LA VANGUARDIA RUSA. Recuperada de: <http://rusavangard.ru/online/history/vkhutemas-vkhutein/> ARQUITECTURA (1927). Obras de la Facultad de Arquitectura Vkhutemas. 1920-1927. Moscú: Edición de Vkhutemasa 1927.

Bojko, Szymon, and Robert Strybel (1972) *New graphic design in revolutionary Russia*. New York: Praeger.

Bokov, Anna (2017) *Institutionalizing the Avant-Garde: Vkhutemas 1920–1930*. Recuperada de: <https://walkerart.org/magazine/institutionalizing-the-avant-garde-vkhutemas-1920-1930>.

Colón Llamas, Luis Carlos (2002) *Las vanguardias artísticas y la enseñanza en la Rusia de los años 20*, Universidad de Valladolid, Valladolid: Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, Universidad de Valladolid.

Cooke Catherine, et al. (1990) Architectural Drawings of the Russian Avant-Garde, en: The Museum of Modern Art. Láminas del Museo Estatal de Investigación de Arquitectura A. V. Shchusev; Moscú.

HOBOCTИ (2020) *Московского архитектурного института ВХУТЕМАС*. Disponible en: <https://www.newsmarhi.ru/vhutemas/>

Instituto de Arquitectura de Moscú (2020) *VKHUTEMAS. HISTORIA*. Recuperada de: <https://www.vkhutemas.ru>

Kondratenko, Viktoriya. (2017) *VKHUTEMAS y su papel en el diseño posrevolucionario soviético*. Recuperada de: [VKHUTEMASYSuPapelEnElDisenoPosrevolucionarioSoviet-7491235.pdf](https://www.vkhutemas.ru/VKHUTEMASYSuPapelEnElDisenoPosrevolucionarioSoviet-7491235.pdf)

Khan-Magomedov, Selim Omarovich, (1990), *Vhutemas: Moscou 1920 – 1930*. Paris: Editions du Regard.

Khlebnikov, Leonid Mikhailovich (1971) La lucha de los realistas y futuristas en Vkhutemas. Recuperada de: <http://lunacharsky.newgod.su/lib/lenin-i-lunacharskij/borba-realistov-i-futuristov-vo-vhutemase-novye-materialy/>

Lalueta, Inés (2014) *Architecture designs 1920 – 1930*, en Metalocus, Berlín, Alemania metalocus. Recuperada de: <https://www.metalocus.es/es/noticias/vkhutemas-el-laboratorio-ruso-de-la-modernidad>

Lodder, C., & Baraville, G. (1994). *El constructivismo ruso*. Madrid: Ediciones del Serval.

Micheli, M. (1979). *Las vanguardias artísticas del siglo XX*. Madrid: Editorial Alianza.

Málevich, Kazimir (1915). *Manifiesto Suprematista*, México: UNAM. Recuperada de: http://blogs.fad.unam.mx/asignatura/raquel_garcia/wp-content/uploads/2015/03/Manifiesto-Suprematista-Casimir-Malevich.pdf

Malevich, Kazimir (1918) *La arquitectura como afrenta al cemento armado* ARTE DE LA COMUNA. № 1, 7 de diciembre 1918, pp. 2-3. («*Arkhitektura kak vyzov zhelezobetonu*» *ISKUSSTVO KOMMUNY*, №. 1, 7 dekabrya 1918, stranitsy 2-3.).

Mobile Design Museum (2013) *Avangard*. Recuperada de: <http://mobiledesignmuseum.ru/en/avangard/>

Morozov (1926) *Arquitectura moderna*, número 2, p. 39.

Mosquera, Gerardo (1983) *El diseño se definió en octubre*. La Habana: Editorial Arte y Literatura

Pyzik, Agata (2015) *Vkhutemas: The 'Soviet Bauhaus'*. Recuperada de: <https://www.architectural-review.com/essays/exhibitions/vkhutemas-the-soviet-bauhaus>

Sánchez Vázquez (1983) en Prólogo de *El diseño se definió en octubre*. La Habana: Editorial Arte y Literatura.

Autores:

Celso Valdez Vargas. Arquitecto por la UNAM. Profesor Investigador. Departamento de Investigación y Conocimiento del Diseño. UAM-A. valdez.celso@gmail.com

Selene Laguna Galindo. Maestra en Diseño. Profesora Investigadora. Departamento de Investigación y Conocimiento del Diseño. UAM-A. slg@azc.uam.mx

Genaro Hernández Camacho. Doctor en Ciencias en Arquitectura y Urbanismo. Profesor Investigador. Departamento de Investigación y Conocimiento del Diseño. UAM-A. ghc@azc.uam.mx

David Castillo Núñez. Diseñador Industrial, Abogado e Ingeniero en Electrónica. Coordinador de la BAI. davidcastillonu@hotmail.com

Brigada Académica Interdisciplinaria (BAI): brigadainterdisciplinaria@gmail.com

ESTRATÉGIAS PARTICIPATIVAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Eje/Eixo Temático 2

Michaela Iwanow

Débora Sanches

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo:

Este artigo reflete o questionamento do papel do(a) arquiteto(a) urbanista enquanto responsável pela constituição da cidade na qual se vive, da arquitetura que se produz e para quem se produz. Considerou-se a participação e inclusão do saber local como mínimo múltiplo comum para produção de arquiteturas socialmente engajadas, nas quais o design e a construção convergem com a organização da comunidade. O estudo está dividido em duas partes. A primeira trata de análises teóricas que tem como base a escala micro da participação para a construção de cidades. A segunda parte apresenta o estudo da comunidade do Real Parque, seus movimentos de participação e conflitos em relação ao território. Esta última etapa foi realizada através do acompanhamento das reuniões da rede local de urbanismo e registros desses conflitos durante o ano de 2018. Vale destacar o processo de pesquisa realizada no âmbito do TFG (trabalho final de graduação) na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, foi possível (des) construir e (re)construir a ideia de participação, compreendendo a complexidade que cada questão comunitária envolve, considerando o momento de movimentação pós-urbanização que ocorre de forma orgânica na comunidade estudada. Assim, pretendeu-se explorar a possibilidade da ação comunitária como agente protagonista para transformações urbanas.

Palavras-chave: **Participação, Autonomia, Emancipação, Urbanização, Construção Social**

Resumen:

Este artículo refleja el cuestionamiento del papel del urbanista como responsable de la constitución de la ciudad en la que se vive, de la arquitectura que se produce y para quien se produce. La participación e inclusión del conocimiento local fue considerada como el mínimo común múltiplo para la producción de arquitecturas socialmente comprometidas, en las que el diseño y la construcción convergen con la organización de la comunidad. El estudio se divide en dos partes. La primera trata de análisis teóricos que se basan en la microescala de participación para la construcción de ciudades. La segunda parte presenta el estudio de la comunidad de

Real Parque, sus movimientos de participación y conflictos en relación al territorio. Esta última etapa se llevó a cabo mediante el seguimiento de las reuniones de la red urbanística local y los registros de estos conflictos durante 2018. Cabe destacar el proceso de investigación realizado en el marco del TFG (trabajo final de grado) en la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Presbiteriana Mackenzie, fue posible (des) construir y (re) construir la idea de participación, comprendiendo la complejidad que implica cada tema de la comunidad, considerando el momento del movimiento de post-urbanización que ocurre orgánicamente en la comunidad estudiada. Así, se pretendía explorar la posibilidad de la acción de la comunidad como agente protagonista de las transformaciones urbanas.

Palabras clave: **Participación, Autonomía, Emancipación, Urbanización, Construcción social**

Introdução

Para o presente estudo considerou-se a participação e inclusão do saber local como mínimo múltiplo comum para produção de arquiteturas socialmente engajadas, nas quais o design e a construção convergem com a organização da comunidade. Sendo importante a compreensão de que a arquitetura por si, dentro de sua linguagem técnica, não reúne um público amplo e não gera ferramentas de transformação.

A participação social na arquitetura e urbanismo inclui um vasto universo, com tipos diferentes de escalas e velocidades, muitas vezes não são legítimos. É possível abrir espaço para a participação através de conselhos gestores por exemplo, em editais, audiências públicas, oficinas, ou demais instancias de participação institucionalizadas a partir das exigências da Constituição Federal de 1988 e Estatuto da Cidade de 2001, porém as participações muitas vezes, não são efetivas.

No âmbito da produção de Habitação de Interesse Social, as Assessorias Técnicas, buscam um modelo participativo e de autogestão, explorando assim meios que facilitam a linguagem de projeto, além do mutirão autogerido. O processo participativo busca formas simples e inclusivas de comunicar e produzir, garantindo que a própria produção seja uma ferramenta de transformação, uma vez que gera sustentabilidade do projeto, integração da comunidade e relação de pertencimento.

A assessoria técnica, diferentemente do escritório convencional tem como método de trabalho, o apoio técnico com equipe interdisciplinar no processo como um todo, começando pela luta pelo direito à cidade e à moradia digna, passando pela elaboração do projeto de forma participativa até o acompanhamento no pós-uso, em muitos casos. Desta forma, a apropriação dos moradores é incorporada ao longo de todo o processo (SANCHES, 2015, p. 144).

A discussão que permeia este trabalho tem como base a escala micro da participação, onde ela se inicia a partir de insurgências comuns em relação a construção da cidade, visando a construção de um território autônomo, com estudo mais aproximado na comunidade do Real Parque na cidade de São Paulo.

O artigo estrutura-se em duas partes, na primeira, baseada nos estudos de Friedman (2009), reflete-se sobre uma arquitetura e postura do arquiteto, tratando do que poderia vir a ser uma arquitetura que tenha como base a autonomia do habitante e que permita pensar adaptações do comportamento da sociedade considerando o estado de pobreza do mundo atual, essencial para orientar o olhar de estudantes

durante o processo. Em seguida apresenta-se as práticas participativas com estudos de Pronsato (2005) sobre a emancipação que gera e que é gerada pela participação autêntica.

A segunda parte é dedicada ao Real Parque. A aproximação com o território deu-se entre 2011 e 2016, quando uma das autoras realizava trabalho voluntário no Centro Comunitário o Visconde e Ludovico Pavoni. Com os estudos para a pesquisa relatada neste artigo, em 2018, o retorno na convivência em ambos os centros, a partir de aulas de artes semanais no Centro Comunitário Ludovico Pavoni, com objetivo de escutar e poder compreender mais de perto a vida quotidiana. Essa pequena imersão teve duração de 2 meses. A partir de então buscou-se ouvir e compreender, fosse através de metodologias participativas de compreensão do local, em atividade realizada com as crianças do Visconde e frequentando as reuniões comunitárias da Rede Real Panorâma, coletivo que visa discutir e lutar pelas questões referentes ao urbanismo na comunidade.

Ao longo do processo de pesquisa e durante o período de acompanhamento no Real Parque foi possível desconstruir e reconstruir a ideia de participação, compreendendo a complexidade que cada questão comunitária envolve.

1. Arquitetura de Sobrevivência na Visão de Yona Friedman

Friedman (2009) retrata a teoria da Arquitetura de Sobrevivência, auxilia na compreensão de como pensar e agir para permitir a produção de uma arquitetura e urbanismo acessíveis e inclusivos a partir da autonomia da própria comunidade. Questiona-se: A quem pertence o direito de decidir em matéria de arquitetura e como assegurar esse direito? Como fazê-lo em um mundo frente uma crescente pobreza? Como sobreviver em tal mundo? O que é o mundo de pobreza e como agir frente a estas perspectivas? Parte-se da contraproposta no modo de pensar e produzir arquitetura, aceitando que, através do sistema econômico vigente e do modo que utilizamos os recursos, deterioráveis e não renováveis, a condição de pobreza tende-se a aumentar de forma massiva e progressiva. Trata-se de encontrar na micropolítica, seja a maneira de comunicar, construir ou gerar renda, as soluções para uma desilusão das consequências impostas pela macropolítica e as formas de constituição de cidades conduzidas pelo capitalismo. “A arquitetura clássica transforma as coisas para adequá-las ao uso humano, enquanto a arquitetura de sobrevivência se dedica a modificar o modo no qual o homem se serve das coisas” (FRIEDMAN, 2009, p.13).

Refletir sobre uma dita arquitetura de sobrevivência é repensar a atitude cidadã e o papel do arquiteto em relação à cidade, uma vez que a crise mundial já é vigente e em uma situação atual onde o neoliberalismo ganha cada vez mais espaço. O empobrecimento e a atenuação de desigualdades não é um fenômeno isolado e é impossível atuar frente a um planejamento urbano mundial e aplica-la, assim como a criação de um mecanismo que garanta a comunicação deste plano a todos. Enxergar e valorizar a autonomia e as soluções locais, que partem do olhar dos próprios habitantes, de seus saberes e das mudanças que partem de suas mãos é uma postura para uma arquitetura e urbanismo legítimo e que visa promover qualidade.

Apesar do termo “Arquitetura de sobrevivência” parecer distante e utópico, ele aborda processos de toda relação de apropriação do espaço. No caso de grandes cidades brasileiras, é possível de observar a partir dos efeitos de inúmeras ações sobre o meio urbano como é de fato ocupado o espaço após intervenções (ou de sua falta). É sobre colocar os habitantes como agentes principais e protagonistas e reconhecer que o contato deles com os espaços planejados (ou a serem planejados) é

um direcionamento de olhar necessário, pois essa apropriação define o que é cidade. Santos (1985) traz uma abordagem semelhante, ao direcionar o olhar para o que é real e para o que naturalmente ocorre a partir das práticas sociais locais:

Em geral os resultados reais da atividade do cientista, do planejador, do administrador, do técnico, do político sobre as cidades começam quando toda esta gente sai de cena. Quando os seus projetos deixam de ser mapas, memórias, orçamentos, leis, decretos ou planos financeiros e se transformam em uma linguagem física decodificável no dia-a-dia. Infelizmente, é neste momento crítico de início e de estréia que os trabalhos urbanísticos são dados por terminados. Na verdade, estão é começando passando das abstrações estáticas às práticas sociais contaminadoras e cambiantes que caracterizam o que é urbano (SANTOS, 1985, p.7).

Para a compreensão da necessidade de pensar o porquê de uma arquitetura de sobrevivência e onde ela já é posta em prática, Friedmann (2009) discorre sobre a desigualdade, a distribuição e a acumulação de direitos no mundo atual. Indaga-se então: como e a quem distribuir essa quantidade de recursos ou bens? O autor explica que a princípio, uma distribuição igualitária funcionaria bem, considerando as condições de reservas de bens inacabáveis, mas não o são. Hoje se trata da sobrevivência que deve ser garantida apesar da diminuição das reservas, ou da sobrevivência que deve se tornar igualitária, uma vez que a diminuição dos recursos e a crescente tendência a desigualdade social conduzem à crise. “Um direito resguarda sempre, de um modo ou de outro, coisas materiais: um direito é um direito de dispor de certas coisas e a acumulação de coisas é, por tanto, ao mesmo tempo uma acumulação de direitos” (FRIEDMAN, 2009, p. 12).

O autor faz relação da condição de pobreza, onde existe a necessidade do básico, onde a condição de sobrevivência é questionada, e a necessidade de emancipação econômica com as novas realidades criadas a partir das práticas espaciais em sua subversão, na dimensão do espaço imediato e disponível. Essas práticas, por menores que sejam, partem da autonomia e autogestão e geram transformação.

Arquitetura de sobrevivência é, ao mesmo tempo, uma técnica, uma filosofia e talvez um estilo, cuja qualidade principal é ser popular porque não é outro senão a criação de qualquer homem - para quem representa o próprio instrumento da sobrevivência de alguém (FRIEDMAN, 2009, p. 79).

É importante ressaltar que sempre houve uma arquitetura de sobrevivência, assim como, sempre houve autoconstrução e auto planejamento. Mas hoje vivemos em um sistema socioeconômico fundado na especialização do saber e esses conceitos têm a intenção de resgatar esse papel de essência, de instrumento, esquecido no modo produção atual de arquitetura formal, que se tornou disciplina.

1.1. Linguagem

Ao tratar de uma autonomia para constituir o próprio espaço, reflete-se sobre o papel do arquiteto. Supondo que o arquiteto fosse único agente que detém as técnicas necessárias para leitura do espaço e práxis da construção, estaria esse espaço gerado de acordo com a realidade do habitante? Seria ele legítimo? Como poderia se dar uma participação dentro do processo projetual? Friedman (2009) ressalta que hoje em dia quando se fala em processos participativos, na verdade são processos de consultoria no qual o arquiteto já faz o habitante dizer que coisa deseja. Acrescenta que há um problema de comunicação e que o habitante não consegue se exprimir.

Esse direcionamento é já feito pois o arquiteto aprende a projetar para um padrão de habitante, um habitante médio, e não o habitante específico daquela situação ou comunidade específica.

Dessa forma, o autor apropria ao arquiteto a tarefa de facilitar ao habitante um método de planejar o espaço que ele serve, com a capacidade de diferenciar e defender seus interesses pessoais sem causar danos ao próximo, compreendendo também, as consequências de suas decisões. Seria o arquiteto como coordenador de projetos individuais, preservando os interesses comuns, sendo cauteloso com uma homogeneidade estética geral. “Fundamental para a sobrevivência é, portanto, tornar-se autônomo, o que, restringindo o campo a um discurso estritamente arquitetônico, significa praticar o auto planejamento” (FRIEDMAN, 2009, p. 25).

Se o primeiro passo de produzir uma arquitetura de sobrevivência é uma comunicação emancipadora, o passo seguinte seria estabelecer métodos construtivos que garantam a liberdade e individualidade de cada habitante. É observado que é mais frequente encontrar ambientes repletos de significados que foram constituídos ao fruto de técnicas simples que habitantes de pequenas cidades antigas, por exemplo, dispunham naquele momento e que eram passíveis de serem postas em prática por qualquer habitante.

Assim, relaciona as condições impostas pelo ambiente existente com a realização do auto planejamento, garantindo uma certa simplicidade dos meios técnicos de construção garantem as regras práticas e de estética que permitem uma grande diversidade. Para permitir a livre apropriação dos espaços seria necessário constituir o básico de uma estrutura, como se fosse uma extensão do próprio solo, pensando a fundação e as estruturas vazias como os elementos técnicos insubstituíveis e essenciais do objeto arquitetônico. Dentro dessa estrutura vazia seria o espaço adequado para cada habitante desenvolver seu próprio auto planejamento, associando o elemento rígido e insubstituível a preenchimentos móveis, o que ele define com o conceito de **Arquitetura Móvel**. “liberar-se do especialista e se liberar, até certo ponto, da técnica (reduzindo a técnica a um princípio de infraestrutura) para reestabelecer a comunicação é necessário que o habitante em questão possua ferramentas para exprimir e explicar seus próprios desejos” (FRIEDMAN, 2009, p. 84).

Faz-se necessária uma linguagem que permita a transcrição de uma realidade e a aplicação de novas propostas, e a principal característica dessa linguagem, é que deve ser extremamente simples e acessível. O autor ilustra através de manuais como poderia ser realizada essa comunicação, conforme a figura 1. Estes manuais foram realizados para uma mostra intitulada “Uma utopia realizável” 1975, que foi exposta no Rio de Janeiro, em São Paulo e Brasília, disseminando um manifesto contra o “ato arquitetônico” tão ditatorial no Brasil (um entre tantos outros).

Dentro exemplos contemporâneos no Brasil de utilização de linguagem acessível destacam-se as assessorias técnicas, como a Usina, que valorizam o diálogo com o habitante. Na questão da habitação social, facilitando a compreensão em relação a dimensão tanto de cada componente da residência como das formas de habitar. No caso das assessorias técnicas esse diálogo é de extrema importância para compreender os variados tipos de família que irão compor o espaço e quais são as necessidades de cada realidade, a fim de chegar em um projeto que represente suas condições. Um exemplo de práticas que visam a emancipação e a autonomia para que os habitantes possam pensar e constituir, em rede, sua própria casa é o coletivo “Arquitetura na Periferia”. Um que atua desde 2013 em Belo Horizonte, a partir de um processo pedagógico, que articula informação e técnica para mulheres, de forma que gerenciem suas próprias obras.

a impossibilidade de comunicação não permite o técnico de projetar

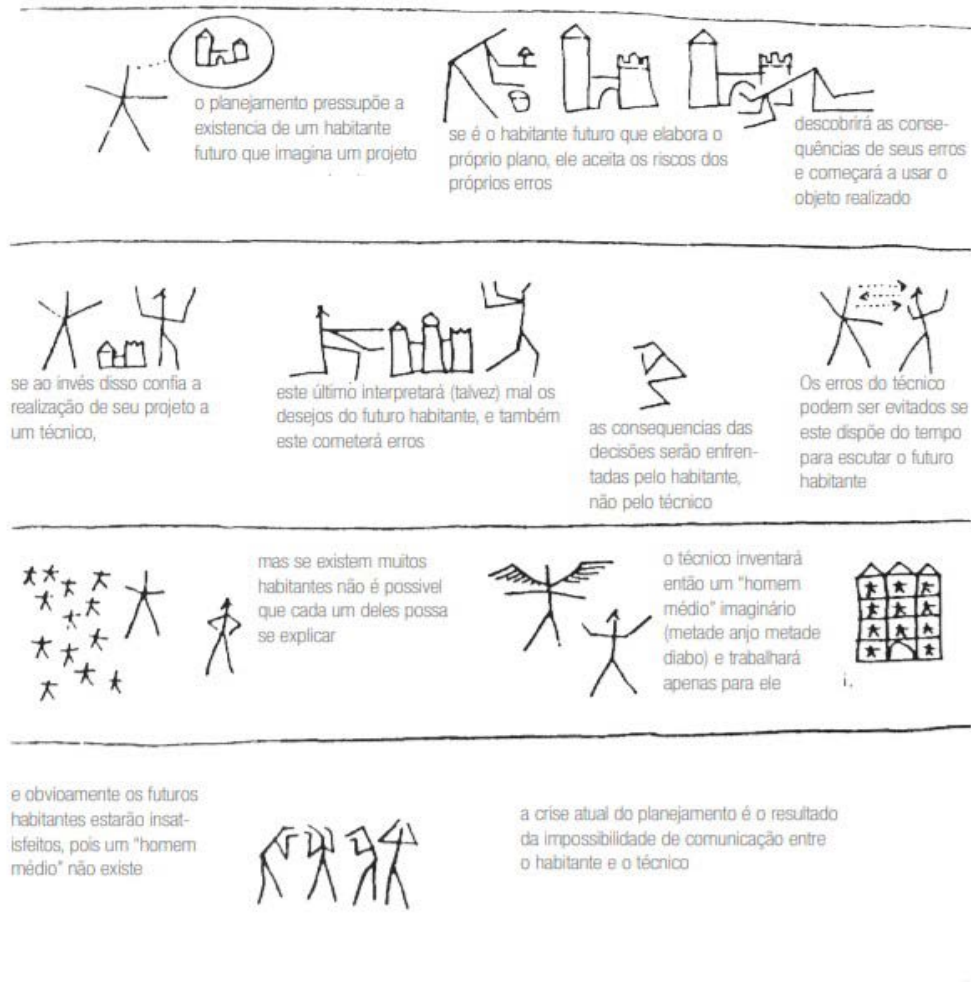


Fig.6 - Ilustração Linguagem
Fonte: FRIEDMAN, Yona 2009

Fig. 1 – Ilustração Linguagem.
Fonte: FRIEDMAN (2009).

1.2. O Processo Participativo

A partir da experiência de perceber o quão delicado pode ser um processo participativo em arquitetura e urbanismo de concepção do espaço se a fala do usuário não puder ser expressa genuinamente ou o que ele visa conquistar, vale situar a relação entre um processo real e um processo formal, evidenciando que dependendo de como as forças de poder são exercidas, nem todo processo participativo se mantém legítimo. “o direito a cidade é, portanto, muito mais do que um direito individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos profundos desejos” (Harvey, 2014, p.28).

Conforme Mendonça (2018), de forma institucionalizada, a participação efetiva foi consolidada no país através da Constituição Federal de 1988 marcando a conquista de diversos direitos com a redemocratização do país, mas no âmbito

urbano instrumentos urbanísticos efetivam-se apenas em 2001 com o Estatuto da Cidade.

Ao termo participação foram, no entanto, agregados outros que passaram a lhe conferir conotações próprias. Por exemplo, o termo “participação passiva”, que é muito recorrente nos textos que se referem à participação institucionalizada pelos poderes públicos, quando o cidadão é convocado apenas para ouvir e ser informado sobre procedimentos que já serão implantados. Já a participação ativa vai além de ouvir ou meramente estar presente em alguma atividade, e para que aconteça, o indivíduo tem que se fazer ouvir. E são esses canais de “se fazer ouvir” um dos grandes desafios encontrados pelo cidadão na atualidade (MENDONÇA 2018).

Os estudos sobre comunicação de Friedman (2009), vão de encontro com as afirmações de Mendonça (2018), colocando o arquiteto como responsável por garantir que a fala dos cidadãos esteja expressada legitimamente em qualquer decisão tomada. Gohn (2003, p.18), define a Participação Cidadã como:

(...) lastreada num conceito amplo de cidadania, que não se restringe ao direito ao voto, mas ao direito à vida do ser humano como um todo. Por detrás dele há um outro conceito, de cultura cidadã, fundado em valores éticos universais, impessoais. A Participação-Cidadã funda-se também numa concepção democrática radical que objetiva fortalecer a sociedade civil no sentido de construir ou apontar caminhos para uma nova realidade social, sem desigualdades nem exclusões de qualquer natureza. Busca-se igualdade, mas reconhece-se a diversidade cultural. Há um novo projeto emancipatório e civilizatório por detrás dessa concepção que tem como horizonte a construção de uma sociedade democrática e sem injustiças sociais (GOHN, 2003, p.18).

Pronsato (2005), afirma que participar não é uma tarefa inovadora a priori, já que, ao iniciar-se um processo participativo, seguem-se regras pré-estabelecidas. Porém, a médio ou longo prazo, esse processo poderá converter-se, passando a ter um caráter transformador.

(...) existem dois tipos de participação: a formal e a real. A primeira tem caráter legalista, luta por reformas, mas não por transformações, reafirmando o status quo, já que não pretende mudar suas causas. A concepção da participação formal é reformista, sendo o processo visto linearmente e por etapas acumulativas. Já a participação real levaria a médio e longo prazo à superação da estrutura social, dando origem ao novo. Neste tipo de participação são reveladas as contradições sociais, econômico-políticas, como também, segundo a autora, explicita-se, no processo, a impossibilidade de superar essas contradições pelo espontaneísmo, surgindo assim, a consciência da necessidade de organização para a transformação dos processos emergentes (PRONSATO 2009. Pg 122 Apud. GOHN, M. G. M., 1987: 520, v. 02).

Para compor esse caráter transformador é necessário que haja uma quebra de paradigmas dentro da própria participação. Deve-se levar em conta que é um tema que pode ser delineado por muitos caminhos, em muitos casos é usada apenas para cumprir critérios de Lei através da pseudoparticipação ou da participação indireta. Observam-se gestões públicas que não fizeram essa ruptura, e continuam detentoras do poder “absoluto”, conduzindo de forma assistencialista e autoritária seus representados (MENDONÇA 2018).

2. Real Parque

A pesquisa em campo realizada baseia-se em revelar as instâncias de participação, os desejos e atividades, comunidade localizada no bairro do Real Parque, um dos cinco bairros que compõe o distrito do Morumbi, na Subprefeitura do Butantã, em São Paulo. Considerada uma área de risco, passou por um processo de urbanização recente, concluído em 2016, que deixou vazios urbanos. A pesquisa foi feita a partir de uma vivência no local, que se ancora no referencial teórico sobre participação social e o questionamento dos delineamentos de projeto e produção de arquitetura. Metodologicamente parte da vivência nos centros comunitários, participação em reuniões comunitárias, ações de urbanismo tático e estratégias de ocupação de terreno, recolhendo relatos e percepções a partir dos encontros. A falta de um acompanhamento (antes, durante e depois) junto ao processo de urbanização acarretou diversas questões que se refletem diretamente no espaço urbano hoje em dia. A falta de pertencimento ao local gera uma relação para que o espaço público seja considerado um espaço de ninguém, e não de todos; a contínua vulnerabilidade social, que se persevera tanto pelo isolamento do bairro e a dependência de equipamentos insuficientes ou não acessíveis e a negligência do poder público com os acordos firmados, dentre as outras inúmeras barreiras sociais. No espaço urbano se refletem pontos viciados de lixo, ocupação de espaços pelo tráfico, grandes espaços residuais ou abandonados (que reforçam a ideia de negligência), a falta de espaços acessíveis de encontro, a seguir na figura 2 apresenta a situação da favela antes do projeto de urbanização em 2010 e na figura 3 em processo de urbanização.



Fig. 2: Real Parque (Antes da Urbanização em 2010)
Fonte: SEHAB



Fig. 3: Real Parque em 2014
(Urbanização em processo em 2014).
Fonte: SEHAB

A Rede Real Panorâma, formada por diferentes agentes das comunidades Real Parque e Jardim Panorâma, visa discutir as questões comunitárias em relação ao urbanismo do bairro. Em março de 2018, nas reuniões com a comunidade os principais pontos a serem discutidos foram: Estabelecer pautas para reuniões com SPTrans; Propostas de lojas comunitárias nos boxes dos condomínios; Placas de sinalização para os terrenos destinados à construção da creche e UBS; Horta comunitária, conforme a figura 4. Foi um início de retomada de questões referentes ao urbanismo, uma vez que o prefeito Bruno Covas acabava de assumir a gestão da prefeitura do município de São Paulo, se tratando de um momento importante para que a comunidade

levasse novamente tudo que estava em pauta e que não tinha sido resolvido. As pautas a serem discutidas com a SPTrans se tratavam de novas linhas de ônibus, frente a clara desconexão com a cidade e a falta de oferta de transporte público do bairro. Em relação aos boxes, são um reflexo da falta de adaptação da moradia e vivência de uma cidade informal para uma cidade formal. Inúmeros boxes que deveriam ser destinados ao comércio encontravam-se vazios, especialmente em frente à rua Paulo Bourroul, pois os moradores encontravam dificuldades em arcar com as despesas de energia, água e aluguel.



Fig. 4: Reunião sobre a Instalação de Horta Comunitária.
Fonte: Autoria Própria (2018).

Além disso, a maior parte dos comércios que estão ativados são os de bebida alcoólica, que abrem apenas a noite e servem de suporte aos bailes que ocorrem na rua. O comércio de bebida alcoólica é vetado pela prefeitura para os boxes construídos na urbanização, mas não há controle. Uma proposta para reverter a inatividade dos módulos vazios seria de transforma-los em lojas colaborativas, onde um grupo de pessoas, dividindo o espaço, poderia arcar com as contas de uma melhor forma. Outra ideia seria que alguma unidade deles pudesse funcionar como uma mini cooperativa, organizada por alguns catadores

da comunidade, com o espaço para juntar os resíduos (principalmente entulho) e gerar renda, através da confecção de objetos reciclados a partir do mesmo. Por fim, a questão de maior relevância para a Rede e para a comunidade do Real Parque é a construção de uma UBS Integral, que estava prevista pela Operação Urbana Consorciada Faria Lima, mas não foi entregue. A Operação, aprovada em 2004, é um instrumento de política urbana gerido de forma consorciada entre o Poder Público e a Sociedade Civil e está contida na Macroárea de Estruturação Metropolitana, definida pelo Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo.

A construção da UBS se daria no espaço residual deixado pelo canteiro de obras, o único espaço público grande com solo permeável. Apesar do grande acúmulo de lixo, a proposta de Rede seria fazer um mutirão de limpeza, para retirar o entulho e deixar o terreno acessível para a implantação de uma horta comunitária. Dessa forma o terreno permaneceria ocupado com uma função comunitária, evitando a construção de mais casas no local ou a ocupação pelo tráfico, o que dificultaria a viabilização da UBS.

Conforme Prado (2016) a maior parte da comunidade é migrante do Estado de Pernambuco, onde há grande prática de agricultura familiar, além dos próprios indígenas Pankararus, que expressam vontade de retomar a prática no Real Parque. A horta urbana é um instrumento de ocupação que traz a formação e o cuidado como forma de gerar um novo relacionamento não só com o espaço, mas entre os vizinhos também. Para esse ser um processo legítimo é necessário a participação de diversos grupos que compõe o Real Parque, e isso acontece de forma gradual, à medida que as pessoas vão tomando responsabilidade pela transformação.

Tomada a decisão, em reunião comunitária, de que lá seria um local apropriado para a horta, foram reunidos diversos grupos de interesse para a visita do local. O terreno foi analisado e classificado como apropriado para a execução da horta, conforme as figuras 5 e 6. Apesar disso, a representação da prefeitura, que chegou após a reunião, vetou a decisão tomada em conjunto, pois já estava em andamento um processo para a provação da construção de uma quadra naquele mesmo local. A comunidade se mostrou contra essa decisão, pois, apesar ser de interesse a construção de uma quadra poliesportiva, e isso ter sido determinado em reuniões participativas em 2017, o modo que a quadra seria construída não atenderia aos interesses comunitários. Ainda, a quadra proposta



Fig. 5 – Vista Terreno residual.
Fonte: Mayumi Toma (2018)



Fig. 6 – Vista Terreno residual.
Fonte: Mayumi Toma (2018)

pela prefeitura não seria coberta e, estando em frente a um dos pontos do tráfico e sem o amparo de nenhum outro equipamento, provavelmente seria ocupada.

Esse medo foi exposto em reunião para a prefeitura, mas alegando que barrar esse processo seria um retrocesso, a comunidade teve que pensar em outra estratégia. A prefeitura utilizou-se da fala de as decisões não poderiam ser retomadas uma vez que foram a partir de reuniões “participativas”. A decisão final foi claramente tomada sem levar em consideração os reais desejos da comunidade.

Além disso, a construção da quadra representaria uma perda da única porção de solo permeável significativa da área, que, uma vez limpa, poderia ser usada para a realização do Toré, ritual indígena Pankararu figura 7. O ritual deve ser feito em contato direto com o solo, mas hoje a comunidade Pankararu é restrita a quadra que o Projeto Casulo, ONG que atua com mediação de conflitos e projetos socioculturais no bairro, divide com a EMEI Pero Neto. Após a ocupação do edifício onde haveria uma sala destinada aos indígenas, os Pankararus tiveram que transferir suas atividades para um dos boxes localizados no Conjunto Habitacional Real Parque. O boxe é extremamente pequeno e inviabiliza inúmeras

atividades. A vestimenta utilizada pelos indígenas cobre a maior parte do corpo, foi feita para ser utilizada ao ar livre. A cultura é desrespeitada e não tem local de expressão. Frente ao impasse com a prefeitura foi discutida a possibilidade de fazer a horta na porção íngreme do terreno, nos patamares de com concreto jateado. Pela localização, proporções e condições do terreno, a ocupação dos patamares seria um passo a ser dado com a comunidade em um momento de maior engajamento.

Assim, surgiu a ideia de realizar um primeiro protótipo de horta que formaria a população interessada, que poderia ser replicado dentro dos condomínios e unir a comunidade em prol de um objetivo maior. O protótipo da horta foi pensado em um ponto interessante e importante para a comunidade, ao lado do mirante. O mirante é um espaço residual deixado pela urbanização inacabada. Em baixo resta um grande

vazio, que se tornou ponto viciado de lixo e animais, como ratos e gatos. O processo todo de daria como uma estratégia de ocupação, fortalecimento de laços e emancipação. Essa horta pequena seria o começo de uma rede de hortas para capacitar e estimular a população a construir a horta no resíduo do canteiro de obras, deixado pela urbanização.

Além disso, um dos objetivos da Rede é que ao instalar a horta na porção íngreme do terreno seja possível de produzir o suficiente para gerar renda e estimular



Fig. 7: Ritual Toré dos Pankararus na quadra da EMEI Pero Neto.
Fonte: Projeto Casulo (2016)

uma economia criativa. Iniciar com as hortas pequenas afim de ocupar esse espaço e reivindicar o direito ao terreno. O processo todo se daria como uma estratégia de ocupação, fortalecimento de laços e emancipação. O protótipo foi realizado no dia 14 de setembro de 2018 e contou com a participação de moradores, crianças e voluntários da ONG Atados, conforme a figura 8.

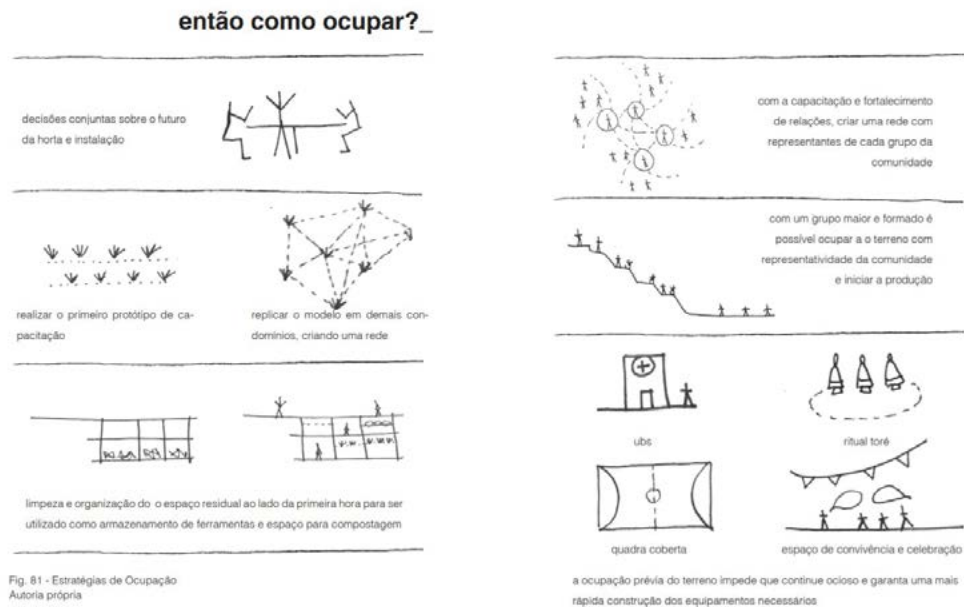
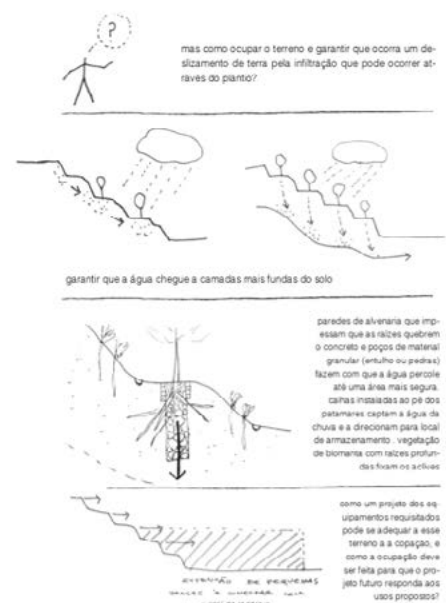


Fig. 8: Estratégias de Ocupação.
 Fonte: Autoria Própria (2018)

_da ocupação



_ao projeto

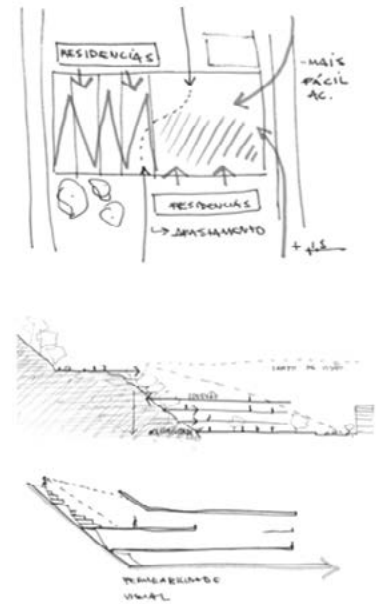


Fig. 9: Estratégias de Ocupação
Fonte: Autoria Própria (2018)

Mesmo considerando a produção de alimentos e a implantação da horta na porção íngreme do terreno, é necessário um projeto de recuperação de toda área, uma vez que no concreto já se encontram falhas por onde ocorrem infiltração, que pode desestabilizar a terra e causar um deslizamento. Pensar a ocupação de forma que pudesse ser realizada pelos próprios habitantes com uma tecnologia simples e acessível retoma os princípios colocados por Yona Friedmann ao pensar uma estrutura adaptável e apropriável. No caso do Real Parque essa estrutura viria a ser o modo de recuperação do terreno, também como forma de insurgência comum do

espaço urbano ao reivindicar os direitos aos equipamentos básicos de educação e saúde. Um desejo da comunidade é que essa área se torne um parque, com pomar, com árvores e que fosse acessível. Nunca nada foi plantado pelo medo de, ao plantar, ocorrer tais infiltrações e pelo receio de que qualquer plantio de árvore pudesse barrar alguma construção futura. A ação deveria ser cautelosa para não ser usada como desculpa contra a os próprios moradores por parte da prefeitura, assim como é a relação com as ocupações e com o tráfico, demonstradas nas figuras 9 e 10.



Fig. 10: Projeção de consolidação da horta comunitária
Fonte: Autoria Própria (2018)

Conclusões

Este artigo relata a pesquisa realizada na produção do projeto de TFG na graduação em arquitetura e urbanismo que pretendeu explorar a possibilidade da ação comunitária como agente protagonista para transformações urbanas. A análise de Yona Friedmann relaciona com os demais conceitos demonstrados nesta experiência que introduzem o olhar para a busca de compreensão e acompanhamento da comunidade no real parque.

Admite-se encarar os desafios e propostas com uma visão tendencialmente positiva do delineamento das estratégias de ocupação, pretendendo demonstrar maneiras de criar futuros possíveis que hoje são pouco explorados. Acredita-se que esses aspectos de movimento comunitário recebam menos atenção do que seu potencial representa.

Para avaliar todo alcance e limite de processos participativos desta escala seria necessário tomar outras frentes de trabalho, contando com a interdisciplinaridade e mais tempo de observação e atuação, dando espaço para a legítima formação de rede. Mas no que conseguiu-se levar foi possível identificar, na indignação e abandono, uma luta que inicia com o fim da urbanização e o começo de uma nova vizinhança, com muitos laços a serem estreitados.

Também, dentro do acompanhamento foi possível perceber a importância de cada agente transformador, de cada representação presente em reuniões e em ações, são quem pode perceber e responder às questões vigentes. De acordo com a pesquisa a configuração do centro comunitário e UBS, se feitas dentro de processos participativos projetuais, representariam e fariam parte da comunidade. Compreendeu-se, também ao longo da pesquisa, que um projeto participativo requer enorme comprometimento e responsabilidade que não cabiam na escala deste trabalho. Propor um mutirão para a construção do mesmo, por exemplo, como é feito hoje através das Assessorias Técnicas ou como indica Yona Friedmann, implica a participação legítima nas tomadas de decisões projetuais.

Para além, percebeu-se que a frustração com uma participação não legítima, como ocorreu com os processos de aprovação da Operação Urbana Faria Lima com o abandono da UBS e posteriormente, com a manipulação de uma informação distorcida perante a quadra poliesportiva, gera um afastamento e descrença dentro da complexidade que é pensar junto. É importante ressaltar que não foi intencionada a romantização da participação em tais casos de negligência, mas identificar que, os processos estratégicos vigentes, por mais que pequenos, representam uma retomada de ações, um contra movimento em relação a tudo que ocorreu.

Por fim, buscou-se, dentro de uma inquietação, visualizar como a atuação do(a) arquiteto(a) pode refletir no território além da questão técnica. Tomar como ponto de partida as ações que sempre ocorreram em territórios informais, as relações de poder, o ambiente, as lutas vigentes e o afeto. Esses são pontos referências de início, meio e continuação de projeto.

As ações no âmbito da Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social (ATHIS) com profissionais de diferentes áreas vem se consolidando nos últimos anos, com a sistematização do conhecimento sobre a precariedade habitacional e urbana, com atuação de arquitetos, sociólogos, advogados, psicólogos, assistente social entre outros, em conjunto com a população. A Lei de Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social nº 11.888/2008, garante as famílias com renda de até três salários-mínimos, em áreas urbanas e rurais, recebam assistência técnica pública e gratuita, prestada por profissionais habilitados para a elaboração de projetos, acompanhamento e execução de obras necessárias para a edificação, reforma,

ampliação ou regularização fundiária de suas moradias.

A Assistência Técnica apresenta-se como uma forma diferenciada de atuação profissional frente à precariedade habitacional, pois envolve necessariamente a participação direta das comunidades locais no processo de formulação, implementação e realização da obra.

Referencias bibliográficas

FERREIRA, Lara Isa. Arquitetos Militantes em Urbanização de Favelas. 2017. 232 p. - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 6. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2017.

FRANÇA, Vanessa Abdo. Da Aldeia a Favela: Estudo da Identidade de Índios Pankararu no Real Parque. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

FRIEDMAN, Yona. L' Architettura di Sopravvivenza. Una filosofia della povertà. 2 Ed. – Turin, Itália: Bollati Boringhieri, 2009.

HARVEY, David. Justice, nature and the geography of difference. Blackwell Publishers, 1996.

HEIDEGGER, Martin. Bâtir habiter penser. In: Essays et Conférences, Paris: Gallimard, 1958.

HOGAN, Daniel Joseph; MARANDOLA JR., Eduardo. Socio-demographic vulnerability to environmental hazards of the metropolis. Source, US, v.11, p.42-48, 2008.

HUNDERTWASSER, Friedensreich. Manifesto do mofo contra o racionalismo em arquitetura. Tradução Flávio Coddou. Óculum, Campinas, n. 5/6, jan./dez. 1994, p. 88-89.

LIMA, Mayumi Souza. A Cidade e a Criança. São Paulo: Nobel, 1989 – Coleção Cidade Aberta.

PRADO, Tiago Alexandre Silva Zenaro do. Reurbanização da favela do Real Parque em São Paulo: uma análise sobre possibilidades e impactos da reestruturação urbana para a localidade. São Paulo – 2017. Nº fls. 122 f.: il. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, 2017.

MARICATO, Erminia. Brasil, cidades: Alternativas para a crise urbana. 7 Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MENDONÇA, Breno Viana. A participação cidadã e seus desafios na produção da paisagem. 2018 - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo, 2018.

MIRANDOLA, Fabricio Araujo. Zoneamento de risco geológico na área da favela Real Parque, São Paulo. Monografia (Trabalho de Formatura). 120p. Graduação em Geologia, Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, 2003.

MOREIRA, Felipe. Heliópolis e as estratégias de enfrentamento da cidade real. 2017. 100 f.-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MOSER, Caroline. Community Participation in Urban Projects in the Third World. Progress and Planning, v. 3, n.2, 1989, p. 81-85.

NAKAMURA, Pedro Kiyoshi Camargo. O social verticaliza a cidade. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. FAU, USP, 2016.

PADILHA, Bruno da Graça Leite. Organização comunitária em rede: Um Estudo de Integração e Fortalecimento Associativo da Favela do Real Parque. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC-SP, 2006.

_____. Povos Indígenas de Pernambuco – Identidade, Diversidade e Conflito. 1. ed. Recife: Editora da UFPE, 2007. v.1. 243p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&id=milsAAAAYAAJ&dq=renato+athias&focus=searchwithinvolume&q=real+parque>. Acesso em: 15 de set. 2018.

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO/DIAGONAL URBANA/SEHAB. Relatório síntese de caracterização. 2008.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Gestão Urbana – São Paulo tem um plano. Disponível em: <http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/entenda-a-lei/> Acesso em: 27 de ago. 2018.

_____. Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo. Disponível em: www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/.../plano_diretor/index.php. Acesso em: 20 de ago. 2018.

. PROJETO CASULO. Perfil dos jovens das comunidades do Real Parque e Jardim Panorama. Disponível em: http://www.projetocasulo.org.br/download/Pesquisa_Jovens_Real_e_Panorama-ppt_Modo_de_Compatibilidade.pdf. Acesso em: 8 de nov. 2018

PRONSATO, Sylvia Dobry. Arquitetura e paisagem: projeto participativo e criação coletiva. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

REZENDE, Heloisa Diniz de. Forma. Reforma. Desforma: o novo formato da política pública para favelas. Dissertação de Mestrado, FAU/USP. São Paulo, 2015.

SANCHES, Débora. Processo participativo como instrumento de moradia digna: uma avaliação dos projetos da área central de São Paulo - 1990 a 2012 - 463 f. 2v. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiterana Mackenzie, São Paulo, 2015.

SANDLER, Daniela. Minnesota University - Entrevista concedida a Jeff Anderson. São Paulo, 2018.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; VOGEL, Arno. Quando a rua vira casa: apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3ª ed. São Paulo: Projeto FINEP/IBAM, 1985. 156p.

SCARLATO, Francisco Capuano. O espaço industrial brasileiro. In: ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. Geografia do Brasil. São Paulo, Edusp, 2005.

SEHAB – SECRETARIA MUNICIPAL DE HABITAÇÃO/FAU USP. Projeto Real Parque – São Paulo. 2009. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/arquivos/disciplinas/au/aup0278/2013.2/Real%20Parque%20FAU.pdf>. Acesso em: 3 de mai. 2018.

SPTRANS – SÃO PAULO TRANSPORTES. Itinerários de ônibus. Disponível em: <http://www.sptrans.com.br/itinerarios/>. Acesso em: 3 de mai. 2018.

Autoras:

Michaela Iwanow. Arquiteta Urbanista pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2018), com período sanduíche no Politécnico de Milão, Itália (2016 – 2017). Trabalhou de 2019 a 2020 no Estúdio Cruz e no Travessa, com projetos emergenciais de habitação e participação comunitária. Atualmente, compõe a equipe do Comunità, organização sem fins lucrativos de apoio a associações de base comunitária. iwanowmichaela@gmail.com

Débora Sanches. Arquiteta e Urbanista pela PUCCAMP, Campinas (1994). Mestre em Habitação pelo IPT de São Paulo (2008). Doutora em Arquitetura e Urbanismo (2015) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, com período sanduíche (Capes do Programa PSDE no Laboratório Nacional de Engenharia Civil LNEC Portugal. Jan – jul 2014). Atualmente professora de Arquitetura e Urbanismo na graduação na Universidade Presbiteriana. Eleita Conselheira Titular do Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (2021-2023). debora.sanches@mackenzie.br

LA INVESTIGACIÓN: Un Vínculo entre la Docencia y la Extensión

Eje/Eixo Temático 2

Luz Alejandra Moreno
Valeria Mabel Márquez
Lourdes Castellanos
Hilda Mariela Kanan

Facultad de Arquitectura y Urbanismo. Tucumán,
Argentina.

Resumen

Con el presente trabajo se pretende establecer el vínculo indispensable entre investigación, docencia y extensión universitaria, con la incorporación de estudiantes de grado de la Facultad de Arquitectura en la realización de prototipos constructivos estructurales con materiales sustentables. Indagar el camino de los residuos, reutilizarlos y realizar una propuesta para sanear la falta de viviendas dignas en sectores periféricos, es decir readecuarlos al medio, mediante un mecanismo biocultural, con la ayuda de la técnica y la morfología arquitectónica. Todo unido a un proceso donde las funciones se integran en el trabajo en el territorio, con actores sociales y estudiantes, orientado a sectores vulnerables.

Palabras claves: **extensión, ecológico, reciclable, morfología, estructura**

Resumo

O presente trabalho visa estabelecer o elo essencial entre a pesquisa, o ensino e a extensão universitária, com a incorporação dos alunos de graduação da Faculdade de Arquitetura na realização de protótipos estruturais construtivos com materiais sustentáveis. Investigar a trajetória dos resíduos, reaproveitá-los e fazer uma proposta para sanar a carência de moradias dignas em setores periféricos, ou seja, reajustá-los ao meio ambiente, através de um mecanismo biocultural, com auxílio de técnica e morfologia arquitetônica. Tudo relacionado a um processo onde as funções são integradas ao trabalho no território, com atores sociais e alunos, orientado para setores vulneráveis.

Palavras chaves: **extensão, ecológico, reciclável, morfologia, estrutura**

Introducción

La investigación en arquitectura se realiza en un campo de conocimiento, no es una disciplina científica, por lo que no posee un corpus definido, y además existen muchas maneras de precisar la arquitectura, como arte y técnica, generalmente se la caracteriza con un carácter científico, técnico-tecnológico y artístico.

Podemos decir entonces que la investigación a realizarse en arquitectura no obligadamente tiene que ser como investigación científica, es decir como la aportación de un nuevo saber verdadero, certificado por paradigmas epistemológicos de tal campo, sino que puede vincularse con otras formas de investigación como ser artística o proyectual. Resulta valioso considerar al proyecto más como un dispositivo cognitivo que operativo, es decir tenemos que investigar al proyecto y con el proyecto.

Entonces cuáles serían los sujetos beneficiados por el conocimiento provisto por una investigación. Esta pregunta se vincula con el destino o finalidad de lo que se va a investigar, para identificar destinatarios o usuarios (él para quién, del para qué) y esa finalidad puede ser lo que pretende la investigación científica: la ampliación general o específica del saber, pero además puede orientarse hacia otros destinos y destinatarios.

El estilo denominado proyectual reconoce a las investigaciones cuyo propósito de producción del conocimiento se produce trabajando con o a través de la actuación proyectual, usando el concepto de proyecto como un procedimiento estratégico con un resultado o producto que provoque o genere un nuevo conocimiento.

Nos remitimos nuevamente a decir que investigación proyectual es un trabajo investigativo que incluye no investigar sobre el proyecto sino con él, es decir que el proyecto como aparato cognitivo cambia de producto u objeto de la investigación a forma de investigación cuya herramienta estaría caracterizada por la utilización del potencial cognitivo de estados hipotéticos de una situación de habitabilidad futura, una anticipación simulada de futuros posibles, un ver antes.

En nuestro caso como docentes, nuestras preguntas en la investigación didáctica, serían el por qué y para quién podemos producir saberes para contribuir con conocimientos que actúen como renovadores de la enseñanza del diseño y también el ¿cómo? poder extender ese conocimiento a la comunidad, el ¿para quién? sería entonces la comunidad y el docente- alumno?

Sabemos que la pedagogía responde a la pregunta “¿cómo educar?” la didáctica la hace con la cuestión “¿cómo enseñar?”.

Nuestro objetivo pretende que el alumno se encuentre con las potencialidades que tiene, logre redescubrirlas y desarrollarlas en toda su capacidad, por lo que resulta importante orientarlo en el proceso cognitivo, hacia una percepción entrenada para una interpretación de la complejidad en el diseño.

Es necesario que interactúen en lo proyectual de manera capacitada, el pensamiento lógico o digital (con su capacidad analítica y fraccionadora que le ayuda a resolver aspectos técnicos específicos) con el analógico de la producción artística, (muy importante en arquitectura).

Para Piaget “solo la acción genera conocimiento”, es decir pensar haciendo, realizar actividades que propicien el desarrollo del pensamiento analógico y a su talento de percepción global, para que se vea liberado su universo cognoscitivo.

En la identidad social y popular, el ambiente es más que el hábitat (entendido como la parte antrópica que se relaciona con la biótica-abiótica), el ambiente se define por una maximización de interrelaciones entre sus partes, componentes o procesos etc., instituyen nuevas instancias de *continuum del mundo material* y

simbólico que podrían requerir también de capacidades cognitivas y técnicas de formas de proyectos integrados o de proposiciones que emerjan desde el campo de un supuesto diseño total o integral.

Nuestra Facultad de Arquitectura y Urbanismo FAU-UNT tiene como parte importante de su curriculum la extensión: se pretende lograr a través de una vinculación eficaz y concreta con el medio social y cultural una retroalimentación de los contenidos académicos. La práctica profesional asistida, constituye un requisito, para lograr la inserción y el contacto con las realidades regionales.

Se pretende mostrar en este trabajo una propuesta de un proyecto de extensión que se encuentra en trámite el cual pretende ser una nueva estrategia metodológica en el aula-taller a cielo abierto; en este caso orientado a las técnicas realización de elementos de reciclado y posterior prototipo de viviendas; para que de esta manera posteriormente los estudiantes colaboren en la transmisión de las actividades de extensión de la FAU con el medio, convirtiéndose en un instrumento de ayuda a la arquitectura sustentable, donde hay que tener presente una visión praxeológica, que facilita la participación activa, en la práctica de la arquitectura.

Se pretende crear un ámbito en el cual se desarrolle una enriquecedora transmisión de saberes, para que interactúe lo conceptual con las relaciones humanas, ayudando a sus integrantes a participar de la gestión produciendo el desarrollo del pensamiento crítico.

Entonces podemos referirnos a una meta cognición que es la habilidad para analizar de parte de sus protagonistas las diversas estrategias: el aprender a aprender; por lo que se quiere producir acciones colaborativas en un ámbito intelectual y de praxis convirtiéndose de este modo en una creación cultural. Es decir que la formación se vincula con la comunidad en la que se encuentra la institución educativa.

La etología ayuda a favorecer el fenómeno de la interacción entre las formas de nuestro entorno y nosotros, para ella cualquier mecanismo fenoménico tiene siempre una razón de ser, algo que le da origen, algo que se transforma, una meta en esa transformación y un modo de llevarla a cabo.

Desarrollo:

En nuestra provincia existen zonas barriales con condiciones habitacionales de alta vulnerabilidad, la propuesta consiste en un proyecto de laboratorio de construcción, capacitación y producción familiar en cooperativa, para el mejoramiento del hábitat en grupos sociales de riesgo.

Objetivos generales:

- Mejorar del medio ambiente, establecer una relación entre la calidad de los objetos a construir y el medio natural que los soporta, con la utilización de materiales ecológicos.
- Buscar que el espacio hecho por el hombre sobre un espacio natural cuente con una dimensión física, económica, histórica y cultural.
- Promover la posibilidad de que estas propuestas se hagan extensivas a otros lugares de la periferia de la ciudad como del interior de la provincia.
- Estudiar procesos compositivos mediante ejercicios morfológicos, desde la configuración de la forma arquitectónica y sus cualidades técnicas constructivos.
- Desarrollar talleres de constante revisión y retroalimentación, capaces de sugerir

caminos a seguir a través de la experimentación, donde los participantes ejerciten en los distintos niveles de complejidad la capacidad de realizar elementos reciclables que ayuden a la creación de viviendas sustentables.

- Formular recomendaciones técnicas para el diseño y la materialización de terminaciones y protecciones de muros.

Es un proyecto de una propuesta de extensión en curso, la pandemia paralizó todo lo presencial, pero planeamos transferir el aula a otro ámbito, en busca de un contexto de aprendizaje en vivo en el territorio, que prospere en relación con las necesidades de la comunidad y tomaremos las medidas necesarias para poder realizar una primera etapa por *streaming* a través de la radio de la Universidad Nacional de Tucumán y nuestro programa de radio de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo, "Ciudad Abierta".

Nuestras propuestas pedagógicas pensadas como prácticas para el proyecto de extensión pensamos llevarlas a cabo al terminar la pandemia en una segunda etapa, éstas intentan no solo brindar conocimiento teórico práctico, sino además la manera de interrelacionarlos, para desarrollar la creatividad, en lo utilitario.

La interpretación de la funcionalidad y de lo formal va a ayudar a explorar el margen existente entre la innovación y la aceptación social de las alternativas de diseño e invita a realizar un proceso comunicativo superador al feed back (el cual es solo lineal mientras que el proceso es circular que implica la devolución del receptor al emisor) donde todos aprendemos más allá de solo lo técnico.

La finalidad consiste en desarrollar sistemas con propiedades tanto económicas como ecológicas beneficiosas para el medio ambiente con la incorporación de materiales que presenten propiedades de los cuales la naturaleza los puede renovar aceleradamente y que además poseen buenas características físicas y son perdurables en el tiempo.

La sustentabilidad implica el uso circular de los recursos naturales en contraposición al marcado uso lineal que hace nuestra sociedad por el consumo irracional de la energía y la producción en cantidades inmensurables de materiales de desechos.

Por eso resulta necesario recurrir a una arquitectura ecológica y aunarlo a un proceso de aprendizaje, en la cual ya se introduzca al estudiantado a un compromiso con la sociedad, mediante la elaboración de diseños ecológicos para la construcción de viviendas sostenibles.

Por lo que revalidar los procesos de construcción, para la calidad del ambiente arquitectónico, en nuestro caso es pretender utilizar la arquitectura sustentable unida a la técnica y a la morfología con sus operaciones combinatorias y transformativas lo cual compromete diseñar al objeto llámese prototipo en sus mutaciones en cada nivel específico, con su materialización en elementos provenientes de desechos de ingenios y virutas de aserrín, así como también con otros materiales ecológicos como el bambú.

En esta oportunidad se pone el énfasis en el reciclado de la ceniza de ingenios azucareros y a la viruta del aserrín de madera.

La consigna desarrollada, propone trabajar a partir de la manipulación de los materiales, el explorar sus condiciones, mediante el reemplazo de una parte del cemento tipo portland en la mezcla de morteros tradicionales por una proporción de cenizas de origen vegetal.

Es de este modo que se obtienen una serie de morteros, al variar la dosificación cemento-ceniza, los ensayos de resistencia a la compresión en el laboratorio arrojan resultados que lo hacen apto para uso en la construcción de

bloques y/o mampuestos para cerramientos no portantes y para material de unión en mamposterías, colaborando también a la economía de la obra.

Recordemos que mampostería, es erigir muros o paramentos, para diversos fines, mediante la colocación manual de los elementos que lo componen, llamados mampuestos, que en nuestro caso serán del tamaño del ladrillo tradicional común pero realizados con los materiales ecológicos.

Esta experiencia teórico práctica propone incorporar a los estudiantes de grado de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Nacional de Tucumán en la investigación con la realización de un prototipo estructural y constructivo como componente de investigación técnico pedagógico que involucra no solo los aspectos constructivos para el diseño de viviendas sino que también comprende lo sensitivo y perceptivo, ya que se estudia su inserción en lugares periféricos para que también se constituyan en un aporte al sentido de identidad de su comunidad.

Con la ayuda de criterios conceptuales y procedimientos generativos formales se puede realizar una sinergia entre los distintos componentes de los mampuestos y la estructura incluyendo los solados para uso exterior e interior.

Investigar y analizar los puntos de encuentro, (las transiciones entre los materiales sustentables y elementos constructivos de la edificación); donde se analizan combinaciones y vínculos entre materiales, ya que son decisivos en el diseño, así como también sus comportamientos físicos e hidrotérmicos y su eficiencia energética, porque todo influye en la obtención de una buena calidad de ejecución.

Resulta necesario que en el desarrollo del proceso investigativo se tengan en cuenta los aspectos físicos, tecnológicos, económicos y su compatibilidad con las normativas vigentes así como además la planificación para poder realizar una posterior gestión con los distintos entes gubernamentales y ong.

En cuanto a lo que refiere a los prototipos de viviendas se procura que su morfología resulte de un proceso de creación que comprometa una visión de la forma no solo en lo superficial sino también en los materiales que la constituyen. Con estos ejercicios se procura que el alumno acreciente sus posibilidades creativas que unidas a las tareas extensión universitaria pueda intensificar sus horizontes interpretativos.

Porque la extensión crítica implica:

- Un proceso creativo transformador, donde todos aprenden y enseñan.
- Un intercambio horizontal de saberes, entre lo académico y lo popular. Construye conocimiento con el otro, pues tenemos que saber cómo piensa.
- Un proceso de comunicación de dialogo social.
- Cambio en la posición de los actores sociales, donde hoy, ocupan el centro de los proyectos.

La extensión tiene que robustecerse como un macro concepto que identifique a la universidad pública con la cual la formación se fortalece porque se constata la teoría del aula en un ambiente real.

En la extensión el aprendizaje se comparte y es producto de la experiencia y conocimientos de docentes - alumnos y de los aprendices porque el aporte de cada uno es importante, diferente e irremplazable. Podríamos decir entonces que el aprender ya no es una simple transmisión de saberes sino que es un proceso de acción, reflexión, acción, es la construcción de la escucha.

La extensión se convierte en un proceso de transformación y aprendizaje a la intemperie para estudiantes, profesores y participantes de la comunidad, donde lo científico técnico acompañado con la extensión se convierte en un dialogo de

saberes con la población para facilitar nuevos aprendizajes significativos y generar transformaciones permanentes en la sociedad.

Conclusión:

La incorporación de esta nueva metodología didáctica, sirve también como apoyo para la formación de los estudiantes motivándolos y dándoles una mirada de compromiso social, convirtiendo de este modo al aula común en un aula territorio.

Entendemos que la experiencia extensionista logra varios propósitos entre los que encontramos la interrelación de transferencias de conocimientos entre los diversos actores, ya que se internalizan los alcances de la experiencia fenomenológica y sensorial y se convierten en aprendizajes significativos. La extensión provoca salir de una simple transmisión de conceptos teóricos superando de este modo el comportamiento estático y al mero relato de experiencias.

La transformación de la forma, (sus comportamientos y diferentes alternativas) con la estructura y los materiales ecológicos (bambú) y mampuestos elaborados con residuos de ingenios implementados en un escenario social nos lleva a seguir el camino en la experimentación de la fisonomía arquitectónica considerando siempre la gran influencia en la ecología y en la economía que tiene la construcción.

Es decir proponer la confección de viviendas que prevengan el gasto energético y posibiliten que los sectores con déficit de infraestructura cuenten con soluciones viables en lo referente al cuidado del medio ambiente y así se transformen de este modo en concientizadores de la comunidad a la que pertenecen.

Los estudiantes tiene que aspirar a un autodesarrollo, con la ayuda de estrategias metodológicas insertadas en el aula territorio no olvidando que es de una gran responsabilidad social, colaborar en restaurar el equilibrio entre el medio ambiente y lo edificado dentro de una generación formal estética.

Por ello se busca con la colaboración de la extensión universitaria de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Nacional de Tucumán la integración entre docencia e investigación, apelando a un modelo específico de universidad, que reconozca las dimensiones académicas dialógicas y transformadoras y que permita ver de manera crítica su formación, construyendo el pensamiento crítico, desde una universidad democrática que aporte al crecimiento cultural y a la transformación social y económica a través del dialogo transdisciplinar y multidireccional. Para lograr de este modo propiciar procesos de aprendizaje en un aula territorio en la cual los estudiantes internalizan que también se aprende enseñando.

El sentido del "*deber ser*" de la extensión se construye con el alumnado diálogos de vivir de saberes porque es la construcción de la escucha en un proceso de acción reflexión y acción, y el trabajar juntos con la población, sirve para abrir nuevos espacios significativos y se devela la mirada de la universidad en el rol de su ser social. Observamos entonces el carácter ético político del aprendizaje que modifica el acto educativo, porque pone el aula a la intemperie, a cielo abierto.

Se establece de este modo la posibilidad de un dialogo más abierto en el acto educativo en contextos con los no docentes, docentes, graduados y comunidad, quienes como protagonistas se constituyen en agentes transformadores dentro de un trabajo concreto bajo una condición de realidad, lo que consolida la integración de saberes por lo que adquiere un carácter formativo ligado al ser y al estar.

Para poder superar los límites del mero asistencialismo, que implica una relación meramente vertical, se debe profundizar en una extensión más comprometida socialmente que implique un aprendizaje curriculizado y una acción

solidaria en la comunidad de carácter horizontal que incluya necesariamente también a la investigación. De este modo se puede fortalecer los espacios de convergencia y articulación de una nueva forma de ocupar el territorio mediante una vía de transformación pedagógica para docentes, estudiantes y demás actores intervinientes en la experiencia extensionista.

Referencias Bibliográficas:

Barqui, Nelson, (2005). *Sistemas, técnicas y modos constructivos no tradicionales*, Córdoba, Argentina, editorial Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño de Córdoba, UNC.

Bernal, J. (1993) *Estructuras- introducción*, Resistencia Chaco, impreso por el autor Resistencia Chaco.

Ching, F. (1999) *Forma, espacio y orden*, Barcelona, España, editorial GG Barcelona, (3ªed.).

Cuenya, B., Nováis, p., Vainer c. (2012). *Grandes proyectos urbanos miradas*, Tucumán, Argentina, editorial café de las ciudades.

Embarq, Adriana (2014) *Manual del proceso participativo para el diseño de espacios públicos*, México, editorial Embarq.

Márquez, Fabio, (2014) *Diseño participativo de espacios verdes públicos*, Cuadernos del centro de estudios de diseño y comunicación nº30. Argentina, editorial up.

Naselli, César, (2013) *El rol de la innovación creadora*, Argentina, editorial Universidad Católica de Córdoba.

Panseri (1961) *Estática gráfica y resistencia de materiales*, Buenos Aires Argentina, editorial Construcciones sudamericanas.

Piaget, J. (1968) *Psicología de la Inteligencia*. Buenos Aires, Argentina, editora Proteo.

Poppens, Ronald, (2005) *Vivir con la guadua, manual de autoconstrucción*, Quito, Ecuador, editorial Universidad Católica de Santiago de Guayaquil.

Raffo, (1962) *Estática gráfica y resistencia de materiales*, Bs. As Argentina, editorial Alsina.

Ras, Héctor Federico, *Instrucciones metodológicas para la enseñanza de las morfologías*, (2001). Santa Fe Argentina, editorial Universidad Nacional del Litoral Argentina.

Sears f.-Zemansky, (1971) *Física*, Madrid España, editorial Aguilar.

Tomassino, Humberto (2006) *Extensión reflexiones para la intervención en el medio urbano y rural*, Montevideo Uruguay, editorial Departamento de Publicaciones Facultad de Agronomía.

Vargas, Juliao, Germán Carlos (2013) *Una pedagogía praxeologica*, Bogotá Colombia, editorial Uniminuto.

Wong, Wucius(1999), *Elementos del diseño bi y tri dimensional*, Argentina, editorial GG, Barcelona.

Autores:

Luz Alejandra Moreno. Arquitecta Especialista. Docente JTP Cátedra de Morfología 1 Turno Tarde. Investigadora CIUNT (Consejo de Investigaciones de la Universidad Nacional de Tucumán) Categoría IV. arqluciernaga@hotmail.com

Valeria Mabel Márquez. Arquitecta. Profesora Adjunta Cátedra de Morfología 1 Turno Tarde. Investigadora CIUNT (Consejo de Investigaciones de la Universidad Nacional de Tucumán) Categoría IV- valerix4@gmail.com

Lourdes Castellanos. Arquitecta Especialista. Profesora Adjunta Cátedra de Estructuras 1. Investigadora CIUNT (Consejo de Investigaciones de la Universidad Nacional de Tucumán) Categoría III. lcastellanos@hotmail.com

Hilda Mariela Kanan. Arquitecta Especialista. Docente JTP Cátedra de Estructuras 1. Investigadora CIUNT (Consejo de Investigaciones de la Universidad Nacional de Tucumán). mkanan@hotmail.com

O CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNILA E A INTEGRAÇÃO SOLIDÁRIA DE NUESTRA AMÉRICA

Eje/Eixo Temático 2

Andréia Moassab
UNILA

Resumo

Este texto versa sobre ensino de arquitetura¹, com base na implantação do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA, no Brasil, centrado nas seguintes questões: qual o projeto para a arquitetura deste século? Como fomentar a integração solidária dos povos latino-americanos por meio da arquitetura? O curso da UNILA mostra caminhos e possibilidades possíveis, a partir da América Latina e sua gama de desafios, para arejar o campo disciplinar e seu ensino. Todavia, a hegemonia das racionalidades dominantes impõe enormes resistências. Ao propor-se a desnaturalizar a perspectiva dominante na área, sob a luz das teorias decoloniais, dos estudos feministas e do racismo ambiental, e a compreender as particularidades do espaço construído e habitado latino-americano, o curso põe em foco a importância do ensino para fomentar a garantia permanente dos direitos humanos, em especial aqueles diretamente vinculados ao território e à moradia. Ao formar os primeiros egressos e egressas, desde finais de 2016, é possível vislumbrar os resultados do seu plano político-pedagógico inovador. Os trabalhos de conclusão de curso já apontam rumos inovadores e instigantes no *ethos* da área, sobretudo no que tange à gênero, raça, espacialidades e desigualdades territoriais. O impacto da vinda para a UNILA nos interesses acadêmicos dos e das docentes também será destacado.

Palavras-chave: **ensino de arquitetura e urbanismo, América Latina, UNILA, pensamento decolonial**

Resumen

Este texto trata de la enseñanza de la arquitectura, a partir de la implementación del curso de arquitectura y urbanismo de la Universidad Federal de Integración Latinoamericana – UNILA, en Brasil, centrado en las siguientes preguntas: ¿cuál es el proyecto de arquitectura para este siglo? ¿Cómo impulsar la integración solidaria de los pueblos latinoamericanos a través de la arquitectura? El curso de UNILA muestra posibles caminos y posibilidades, desde América Latina y su abanico de desafíos,

1 Este texto é uma atualização e ampliação do capítulo “O projeto pedagógico do CAU UNILA, a América Latina e o século XXI”, integrante do livro *Por um ensino insurgente em Arquitetura e Urbanismo*, publicado em 2020, pela EDUNILA, disponível para download gratuito em <https://portal.unila.edu.br/editora>.

para renovar el campo disciplinar y su docencia. Sin embargo, la hegemonía de las racionalidades dominantes impone enormes resistencias. Al proponer desnaturalizar la perspectiva dominante en el campo disciplinar, a la luz de las teorías descoloniales, de los estudios feministas y del racismo ambiental, y comprender las particularidades del espacio construido y habitado latinoamericano, el curso se enfoca en la importancia de la enseñanza para promover la permanente garantía de los derechos humanos, especialmente aquellos directamente vinculados al territorio y la vivienda. Con la formación de los primeros egresados y egresadas, desde finales de 2016, es posible vislumbrar los resultados de su innovador plan político-pedagógico. Las tesis de grado ya señalan direcciones innovadoras y estimulantes en el *ethos* del campo disciplinar, especialmente en lo que respecta a género, raza, espacialidad y desigualdades territoriales. También se destaca el impacto que los y las docentes perciben al llegar a UNILA en sus intereses académicos.

Palabras clave: enseñanza de la arquitectura y el urbanismo, América Latina, UNILA, pensamiento decolonial

Em busca da integração solidária

O curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – CAU UNILA teve início em 2012, com a chegada de seus primeiros alunos, alunas e docentes. Naquela ocasião, todavia, ainda não existia um projeto político-pedagógico de curso, apenas os nomes de algumas disciplinas oriundas do curso na Universidade Federal do Paraná, instituição tutora da implantação da UNILA. Ao longo daquele ano, as aulas específicas foram ministradas por professor e professora visitantes. Os e as estudantes cursaram também o Ciclo Comum de Estudos – CCE².

Em 2013, com a posse de docentes efetivas para o curso, foi iniciada a pesquisa para o desenvolvimento do seu projeto político-pedagógico – PPC³. Buscarei, neste texto, portanto, realçar as questões balizadoras do PPC deste curso singular, implantado na fronteira trinacional entre Brasil, Paraguai e Argentina, na cidade de Foz do Iguaçu. Vale esclarecer, primeiramente, que a UNILA resulta de um projeto do governo brasileiro para a integração regional, oriundo de um reconhecimento da “urgência de promover, por intermédio do conhecimento e da cultura, a cooperação e o intercâmbio solidários com os demais países da América Latina”⁴, cuja origem remonta a debates ocorridos no âmbito do Mercosul. Em janeiro de 2010, o congresso nacional aprova por unanimidade o projeto de lei que dá origem à UNILA⁵, que abre seus primeiros cursos em agosto daquele ano, com a pretensão de ser referência

² Unidade curricular obrigatória a todos e todas discentes da UNILA que inclui ensino de línguas, filosofia e fundamentos da América Latina, ministrada do 1º ao 3º semestres, com uma carga horária total de 570 horas/aula (BORGES, 2013). Absorvido como parte integrante e basilar do CAU UNILA, é no CCE que são disponibilizadas as primeiras ferramentas críticas ao alunado, a serem aprofundadas especificamente nos semestres avançados do curso de Arquitetura e Urbanismo. Retomaremos este tema adiante no texto

³ O PPC foi coordenado pela autora e co-coordenado por Renata Machado, docente efetiva do curso, e por Hélio Lima, professor visitante, contando ainda com a assessoria e colaboração de parceiros e parceiras das demais áreas e cursos da UNILA e de outras instituições. Ainda, de forma inédita, contou com a colaboração estudantil, por meio de quatro integrantes da primeira turma do curso, sendo dois brasileiros, um uruguaio e uma colombiana. A pesquisa subsidiária ao PPC foi realizada por este Núcleo de Apoio e Desenvolvimento do PPC CAU UNILA, formado por docentes e estudantes, ao longo de 2013.

⁴ Na atual proposta pedagógica da UNILA não constam estes trechos. Eles vigoraram no site www.unila.edu.br por muitos anos, até a sua recente renovação. Não pudemos ainda avaliar o quanto as alterações no texto da proposta pedagógica indicam mudanças de rumo na instituição.

⁵ A lei federal n. 12.189/10 dispõe sobre a criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA e dá outras providências.

para induzir caminhos que conduzam ao respeito mútuo, ao aprofundamento da democracia e à cultura da paz no continente^{6 7}.

Tendo por base a missão da UNILA, como universidade voltada para a integração regional, o curso de Arquitetura e Urbanismo, por meio do seu projeto político-pedagógico, se propõe a ser um curso que compreenda o contexto regional latino-americano, a partir de uma abordagem da arquitetura e urbanismo como ação política. Por conseguinte, o profissional egresso e egressa da UNILA deverá pautar-se pelo profundo entendimento da função social do arquiteto ou arquiteta e urbanista⁸. Deste modo, são indiscerníveis do seu projeto político-pedagógico reflexões sobre o ensino, a prática e a crítica da arquitetura e do urbanismo no mundo atual, com especial atenção para a América Latina.

Sustentado na Arquitetura “como sujeito social”⁹, conforme a ementa inicial do curso, publicada na sua criação, o seu projeto coaduna, igualmente, com os anseios da Universidade, conforme expostos pelo ex-reitor *pro-tempore*, Héglio Trindade (2010-2013) ao afirmar que ela deve ser

a expressão de uma sociedade democrática e pluricultural, inspirada nos ideais de liberdade, de respeito pela diferença e de solidariedade, mas que se constitua numa instância de consciência crítica em que a coletividade encontre seu espaço para repensar suas formas de vida e suas organizações sociais, econômicas e políticas.
(TRINDADE apud VIEIRA-ROCHA, 2011)

Nesse contexto, o CAU UNILA tinha (e tem) um papel estratégico na consolidação da Universidade e da cooperação regional, pois que “projetar o espaço humano, da casa às cidades”¹⁰ exige uma profunda compreensão de seu espaço-tempo. A tríade indissociável ensino-pesquisa-extensão¹¹, relacionada aos múltiplos saberes de estudantes, professores e professoras, de diversas partes do continente, reunidos na UNILA, tem o potencial de direcionar CAU para as necessidades latino-americanas.

Com vistas a melhor cumprir esta importante missão, foi realizada uma pesquisa de apoio à elaboração do PPC cujos principais objetivos diziam respeito a (1) compreender as principais exigências diretamente relacionadas à profissão, concernentes à melhoria da qualidade do espaço construído e habitado na América Latina e (2) levantar o estado da arte do ensino da arquitetura no Brasil.

6 Ver nota n.5

7 Optamos por designar a América Latina como “continente” por entender que os fatores históricos, políticos e culturais acabam sobrepujando a ideia de uma característica meramente geográfica na definição dos continentes. No caso da América Latina, são designados como seus países todos os que passaram por processo de colonização de nações latino-europeias. Desde a Terra do Fogo, no Chile – extremo sul da América do Sul –, passando por América Central, Caribe e chegando à América do Norte, a grande maioria dos países é de origem colonial latina. Ao Norte, considera-se o México como última grande fronteira latino-americana, mas não se pode ignorar a conquista ou cessão de terras pertencentes à Espanha e até mesmo ao México pelo ou para os Estados Unidos, tampouco se pode esquecer as colônias francesas na Louisiana e em grande parte do Canadá, o país mais boreal das Américas (ver TORRES, 2001; CASTRO, 1994). O território das Américas, no geral, também chamado *Abya Yala*, ou “Terra Viva”, em franca tentativa de unificação da ideia de continente por parte dos povos originários (PORTO-GONÇALVES, 2015), corresponde hoje em sua maioria à América Latina. Ainda, pensadores latino-americanistas e anti-imperialistas designam este vasto território como *Nuestra América*, no caso do cubano José Martí, ou *Pátria Grande*, como cunhado pelo argentino Manuel Ugarte

8 No Brasil a formação é regulamentada pela Resolução MEC/CNE/CES n. 002 de 2010, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo. A formação é obrigatoriamente em arquitetura e urbanismo, motivo pelo qual, inclusive, é um curso de alta carga horária, normalmente em período integral e com no mínimo cinco anos de duração.

9 Esta citação refere-se à *Ementa do Curso de Arquitetura e Urbanismo* que estava disponível no site da instituição (www.unila.edu.br). Porém, com a aprovação do PPC, em finais de 2014, a ementa foi retirada do ar.

10 Ver nota anterior.

11 O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão está previsto no Art. 207 da Constituição Brasileira.

No que tange aos procedimentos, dados das Nações Unidas, em específico da UN-Habitat (ONU, 2005), e o plano de governo *Brasil 2022* (BRASIL, 2010) foram importantes indicativos das carências e metas para o país e continente a médio e longo prazos. Por sua vez, os trabalhos da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo – ABEA foram fundamentais para a compreensão dos debates históricos (ABEA, 1978) e recentes sobre ensino. Do mesmo modo, foram relevantes teses de doutorado dedicadas ao tema (RONCONI, 2002; NARUTO, 2006; PRONSATO, 2008), entre as quais merecem destaque as reflexões de Reginaldo Ronconi (2002), docente da FAU USP, sobre a importância do canteiro experimental na formação profissional. No caso da educação superior brasileira, bons trabalhos foram publicados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP nas últimas décadas. Em específico, o INEP publicou um compêndio sobre a trajetória da formação em arquitetura e urbanismo no Brasil, resultado de um trabalho com a participação de diversos e diversas especialistas (INEP, 2010).

Ao mesmo tempo, devido à missão da UNILA e sua inserção na região da tríplice fronteira, foram mapeadas todas as escolas de arquitetura na sua região de inserção¹². O levantamento quali-quantitativo teve por base informações disponíveis na internet, divulgadas pelos órgãos responsáveis pela educação superior em cada país, conselhos profissionais e finalmente, as páginas das universidades. Foram identificados quais eram e onde estavam localizados os cursos de arquitetura (e urbanismo, quando é o caso), a carga horária total, o perfil, a inserção nacional e a gratuidade (ou não), sobretudo por entender a relevância deste debate no Brasil (RISTOFF e SEVEGNANI, 2006; INEP, 2010; MARAGNO, 2012) para a inserção da classe trabalhadora no ensino superior. Ressaltamos que, desde os anos de 1990, foi significativa a ampliação do número de escolas de arquitetura e urbanismo no país, com um aumento ainda maior a partir de 2003, devido a incentivos do governo brasileiro, via REUNI¹³ (IPEA, 2010).

Em linhas gerais, identificamos que o ensino superior tem colaborado para formar um perfil profissional voltado majoritariamente para o mercado privado da construção civil, mesmo quando atento aos novos desafios da área. Dados do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil – CAUBR (2013) demonstram haver uma falta de profissionais para responder a uma parcela significativa do mercado de trabalho, em particular, os setores público e comunitário. Na medida em que a UNILA é uma instituição pública, entendemos que o seu curso deve formar profissionais aptos e aptas a atender tais setores, incentivando e valorizando uma atuação profissional pública e comunitária.

Referente ao método, em diálogo com a perspectiva crítica fundante da Universidade, desenhamos o PPC com base no pensamento decolonial, nos estudos feministas e na ecologia política, principalmente, no racismo ambiental, por julgá-los adequados ao contexto latino-americano, com vistas à autonomia e à emancipação dos povos, notadamente, das mulheres, das pessoas negras e indígenas e dos países dependentes, na geopolítica do capital. O pensamento decolonial, oriundo de teorias críticas consolidadas desde os anos de 1970, coloca em evidência a colonização epistêmica do sul pelo norte. Junto aos estudos feministas e ao racismo ambiental,

¹² Consideramos Paraguai, Uruguai e Argentina, estados do sul do Brasil e ainda, Mato Grosso do Sul.

¹³ O Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI integrou a política de interiorização do ensino superior da gestão Lula (2003-2010), cuja implantação ocorreu de modo precarizado. Em adição, desde 2016, quando os primeiros alunos e alunas do CAU UNILA concluíram o curso, o país está imerso em grave crise, com o risco de desmonte dos serviços públicos, incluindo a educação, que vem sofrendo cortes brutais e sistemáticos nos últimos anos, comprometendo particularmente as novas universidades/campi, como é o caso da UNILA.

tal perspectiva epistêmica coloca em xeque o capitalismo moderno-colonial, que tem produzido espacialidades e cidades a partir do homem burguês, branco, heterossexual e urbano¹⁴.

Embora o pensamento decolonial esteja em evidência na América Latina e nos EUA há mais de duas décadas, no Brasil, ele desponta nos últimos anos e apenas muito recentemente a arquitetura tem se apropriado destes debates, que constituem significativos aportes para compreender os sistemas de produção de sentidos e valor hegemônicos que historicamente excluem ou invisibilizam uma parte significativa da produção arquitetônica subalterna. O PPC do CAU UNILA, portanto, toma uma posição clara com relação a ampliar o espectro da educação na área, procurando formar profissionais críticos e críticas, imbuídos e imbuídas a colaborar para a melhoria da qualidade do espaço construído e habitado na América Latina.

Direito ao território, à cidade, à moradia: as ênfases vocacionais do CAU UNILA

Diante deste contexto geohistórico e político, complexo e instigante, outro aspecto significativo a ser levado em conta é a integração solidária da região, vocação central da UNILA. Deste modo, seu curso de Arquitetura e Urbanismo deve proporcionar uma formação generalista conforme as recomendações da UIA/UNESCO (2011) e seguir, identicamente, os preceitos nacionais e próprios da universidade. Por este motivo, foi considerado essencial proporcionar ao alunado, sem prejuízo da formação generalista, ênfases vocacionais relacionadas a direitos humanos e sociais, nas diversas escalas da atuação profissional: **território, cidade e moradia**.

O **território**, particularmente, o território latino-americano vivido e praticado nos múltiplos contextos rurais e urbanos é, neste sentido, um dos temas chaves a permear todo projeto político-pedagógico do curso, tanto em seu conjunto político-cultural quanto nas suas diversidades e contradições. O processo de interiorização das universidades no Brasil e estudantes oriundos de distintas condições geobiofísicas, fizeram emergir, na UNILA, uma lacuna na produção de conhecimento, que exclui ou subalterniza o contexto rural e das pequenas cidades ruralizadas. O deslocamento territorial, portanto, vem acompanhado de um “deslocamento” epistêmico.

Quer dizer, o instrumental teórico-metodológico desenvolvido a partir da grande cidade industrial não dá conta – e é inadequado – para analisar a realidade das cerca de 285 milhões de pessoas na América Latina que moram em cidades pequenas ou ruralizadas, ainda que estejam, na América Latina, as maiores metrópoles do mundo, como São Paulo e Cidade do México. A histórica localização dos centros de pesquisa nas grandes cidades, somada ao modelo civilizatório do capitalismo-moderno-colonial, tem sido definidora da produção científica sobre o território, paisagens e cidades, praticamente desconsiderando outras complexidades e formas de organização espacial, como já apontou, em arquitetura, a argentina Marina Waisman (2013 [1990]). Complementarmente, no que tange ao **território**, tem sido historicamente negado aos povos originários seus direitos por todo o continente, fato que o curso busca problematizar e mostrar a importância do arquiteto e da arquiteta para auxiliar na reversão deste cenário. O **direito ao território**, é uma das lutas mais importantes do século XXI, convergente às lutas pelos direitos da natureza, como bem apontam as cosmologias e movimentos sociais indígenas e do campo, desde os

¹⁴ O pensamento decolonial e o pós-colonial originam-se a partir dos estudos culturais ingleses, sendo o primeiro mais característico do contexto latino-americano e o outro, do continente africano. Apesar de dialogarem entre si, apresentam diferentes abordagens sobre a questão colonial/colonização em especial. Os principais autores e autoras decoloniais são: Anibal Quijano, Boaventura de Sousa Santos, Catherine Walsh, Enrique Dussel, Maria Lugones, Rita Segato, Walter Mignolo. Eles e elas estabelecem forte diálogo com grandes pensadores da América Latina, como Simon Bolívar, José Mariátegui e José Martí.

Zapatistas, no México, aos Mapuche, no sul do continente

Com relação às **idades**, dada a especificidade da região de implantação do curso, bem como a relevância do fato urbano em diversas escalas na América Latina, foi priorizada em seu PPC, a complexidade das cidades de médio e pequeno porte¹⁵, muitas vezes obliteradas da literatura especializada, sobretudo nos últimos anos, quando o debate se pautou, notadamente, pelas megacidades. No Brasil, 75% dos municípios têm menos de 20 mil habitantes (PNUD, 2003) e cerca de 250 municípios têm entre 100 e 500 mil habitantes (IBGE, 2011), incluindo nesta faixa, Foz do Iguaçu. Tem termos populacionais, são mais de 144 milhões de brasileiros e brasileiras nestes municípios (ibidem). No restante da América Latina, a metade da população vive em cidades com menos de 100 mil habitantes (CARPENTIERI, 2012), demonstrando a necessidade de tornar esta realidade mais presente no debate sobre as cidades contemporâneas. Em simultâneo, o contexto de urbanidade fronteiriça propicia rico e instigante universo de pesquisa para o curso. O **direito à cidade**, indiscernível do **direito à mobilidade urbana**, constitui tema central em diversas disciplinas.

Concomitantemente, a **habitação** é crucial para alinhar os desígnios de implantação do CAU UNILA, posto que esta é uma das questões mais relevantes no continente diretamente relacionada ao exercício profissional do arquiteto e arquiteta e urbanista. A habitação como direito humano fundamental é internacionalmente assegurado pelo artigo XXV da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948). No ano 2000, as Nações Unidas designaram uma *Relatoria Especial para o Direito à Moradia Adequada*, cuja responsabilidade já teve um arquiteto e uma arquiteta à frente, nas quatro gestões desde a sua criação¹⁶. Alguns anos mais tarde, a Carta Mundial pelo Direito à Cidade (FSM, 2005), amplia o direito à moradia, integrando-o ao direito à cidade. Redigida em consenso por um conjunto de organizações da sociedade atuantes com as questões urbanas, ao alargar o entendimento do direito à moradia, a Carta busca evitar a perpetuação dos modelos de políticas isoladas de habitação. Para a efetivação ampla e duradoura deste direito, a moradia adequada deve ser uma noção política e cultural de cidadania, sendo necessário formar profissionais aptos e aptas a trabalhar em conjunto com poder público e sociedade, como agente a serviço do atendimento de tais direitos, o que foi amplamente absorvido no PPC do curso.

Note-se que, apesar de fundamental, a habitação tem sido bastante negligenciada enquanto direito humano. Ademais, o estado de pobreza e de precariedade habitacional na América Latina está conectado à dominação colonial e à forte concentração da terra e regimes escravocratas, relacionados à gênese e manutenção do capitalismo, que tem nas elites locais, seus principais atores, submetidos ao capital internacional. Década após década, com a crescente urbanização do continente, a produção do espaço urbano tem obedecido a um padrão similar de segregação socioespacial, centralizando investimentos públicos em áreas privilegiadas, quando boa parte da população – não-branca, sobretudo, mora em condições precárias.

Da perspectiva da integração regional, as ênfases vocacionais do CAU - **território, cidade e habitação** – são subsidiárias da integração solidária do continente, preparando profissionais para uma produção do espaço construído e da habitação com qualidade em contextos de limitação econômica e/ou de recursos materiais, o

15 As pequenas cidades são aquelas com menos de 100 mil habitantes; as cidades médias, têm entre 100 e 500 mil habitantes, conforme critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

16 O seu primeiro relator foi o arquiteto indiano Miloon Khotari (2000-2008), seguido da arquiteta e urbanista brasileira Raquel Rolnik (2008-2014) e da advogada canadense Leilani Farha (2014-2020). Atualmente, a relatoria está sob a responsabilidade do também advogado, Balakrishnan Rajagopal.

que vem guiando o ensino, a pesquisa e a extensão do curso.

Por fim, não menos importante, a localização da Universidade numa fronteira transnacional reveste-se de razões claramente de natureza geopolítica e constitui-se um desafio e oportunidade para colocar em prática a proposta desenhada para o curso, ao mesmo tempo em que, da zona de fronteira, emergem as contradições da formação urbana na América Latina. Além disso, a escala mediana das cidades da região favorece uma maior aproximação universidade-comunidade-administração pública, tanto no que respeita projetos de extensão quanto realização de estágios profissionais e absorção de egressos e egressas nos quadros dos governos locais.

O contexto e os desafios de ensino numa escola singular

Nos países imediatamente fronteiriços à UNILA, a despeito de um número relativamente elevado de escolas de arquitetura e urbanismo, há fortes assimetrias na sua distribuição geográfica, com uma concentração de 75% destes cursos na Argentina. Ainda, a metade destas escolas é privada, voltada às exigências do mercado imobiliário e da construção civil. Em conjunto com um sistema de valoração que mede o sucesso profissional pela produção autoral “destinada invariavelmente a estratos sociais de alta renda” (WHITAKER, 2011), este cenário de escolas perfiladas pelo mercado acaba por definir, em grande medida, uma formação pouco voltada a demandas sociais, à semelhança da formação do restante da América Latina e Caribe. Ao contrário, muitas das escolas mais antigas e consolidadas respondem bem a padrões de referência estabelecidos a partir de critérios mercadológicos, em detrimento de outros critérios de avaliação, como por exemplo, a reflexão crítica; a produção acadêmica e científica; a contribuição dos egressos e egressas para melhoria da qualidade de vida e do ambiente construído; o emprego, pesquisa e desenvolvimento de técnicas construtivas de baixo impacto e custo; ou a relação curso-sociedade.

No que diz respeito à região nacional de inserção da UNILA, em 2013 os dados da ABEA pontavam que menos de 20% dos cursos eram gratuitos, cenário que se repete no país todo (ABEA, 2013). Outra questão relevante no Brasil é a má distribuição geográfica dos cursos, a qual não obedece a critérios estratégicos com vistas ao desenvolvimento nacional ou ao atendimento de carências locais de profissionais. Longe disso, a criação de escolas tem sido pautada pela possibilidade de “comercialização” do curso, estando localizadas nos estados com população de maior renda (RONCONI, 2002). Isto significa uma importante e estratégica inserção da UNILA, como único curso numa instituição pública e gratuita na região.¹⁷

Em adição, cerca de 70% dos municípios brasileiros não têm arquitetos ou arquitetas residentes, tampouco nos quadros administrativos municipais (PINHEIRO, 2012). No Paraná, onde se localiza a UNILA, faltam profissionais da área para gerir o espaço construído em mais da metade das cidades do estado (NAVOLAR, 2013). O mapeamento realizado pelo CAUBR (2013) na última década mostrou que a maior parte dos arquitetos e arquitetas reside nos grandes centros urbanos, onde também está a maior concentração de escolas de arquitetura (ABEA, 2013). Por sua vez, nas grandes cidades boa parte das construções é irregular, evidenciando haver grande contingente populacional sem acesso a uma moradia de qualidade e segura.

Se por um lado há uma saturação do mercado com “[o] arquiteto projetista autônomo que atendia somente as camadas elevadas da população, típico do século

17 O curso público e gratuito mais próximo está a mais de 350 quilômetros.

XX” (MARAGNO, 2012: 03), por outro lado faltam profissionais “a contribuir na solução dos problemas espaciais das aglomerações urbanas nas diferentes escalas e características” (ibidem). Dito de outra forma, existe um mercado de trabalho a ser suprido por profissionais da área, relativo às administrações públicas e comunidades, em particular nas pequenas e médias cidades, distantes dos grandes centros. Neste sentido, embora existam cursos em número razoável na região, a implantação do curso da UNILA justifica-se por ser gratuito, vocacionado a preparar profissionais para um mercado de trabalho plural, composto pelo setor privado e, cada vez mais, pelos setores público e comunitário.

A atuação nestes setores implica no desenvolvimento de habilidades pouco contempladas, em geral, nos cursos de arquitetura e urbanismo, tais como técnicas e metodologias para a participação popular; desenvolvimento de material pedagógico ou de uma linguagem técnica simplificada para amplo entendimento nos debates comunitários; criatividade na escolha de materiais e técnicas construtivas que atendam as possibilidades econômicas e saberes locais; maior dialogia e reorganização dos canteiros de obra que nem sempre são formados por mão-de-obra experiente ou especializada; capacidade de gerir e propor políticas públicas para municípios com enormes fragilidades administrativas, ou então habilidade em elaborar projetos (não arquitetônicos) para acessar verbas públicas ou de financiamentos nacionais e internacionais; capacidade de mediação de conflitos, comuns em projetos que envolvem uma ampla gama de atores sociais, desde comunidade até ministérios, e assim por diante. Portanto, há, hoje em dia, uma miríade de novas necessidades de instrumentação profissional voltadas para um público que merece ser contemplado pelo direito à arquitetura tanto quanto o tradicional mercado imobiliário e da construção civil. É com vistas nestas novas demandas que foi elaborado o PPC do CAU UNILA.

O canteiro experimental como baluarte da formação ética no ensino profissional

Nos últimos anos, tem havido uma reflexão acerca do sistema de valorização da produção arquitetônica, dominado por projetos autorais de grande porte, que seduzem futuros e futuras profissionais na direção oposta das amplas necessidades infraestruturais, espaciais e sociais dos países latino-americanos (ARANTES, 2010; RONCONI, 2002; WHITAKER, 2011). Soma-se a isto que as bases atuais do ensino da arquitetura e urbanismo, no mundo todo, foram em grande parte consolidadas ao longo do último século sob a égide do modernismo e sua forte vocação para a produção industrial inspiradas no modelo bauhausiano. Na origem, a arquitetura moderna teve junto ao poder público e sindicatos suas maiores encomendas. Contudo, após a II Guerra Mundial, como afirma Anatole Kopp (1990), o modernismo seria muito mais “um estilo e não uma causa”, em profunda consonância com os projetos autorais, que são potencializados na era digital-financeira no limiar do século XXI (ARANTES, 2010).

Outra característica marcante herdada do modernismo diluído de seu debate social inicial é a excessiva preocupação formal, acompanhada de uma centralização do projeto arquitetônico na prática profissional em detrimento da experimentação construtiva - o canteiro de obras - (RONCONI, 2002) e da reflexão crítica. Esta prática é naturalizada nos cursos, cujo resultado é uma “miragem para o exercício profissional” (ibidem: 38), na qual o alunado, do alto de seu mirante,

*só avista a grande obra: grandes museus, grandes parques, grandes projetos (...)
isola-se um museu aqui, um parque ali, mas uma vasta extensão do território das
cidades permanece abandonada, demanda tão prioritária, mas que não consegue
despertar o interesse dos arquitetos (ibidem).*

Longe do canteiro de obras, a formação do arquiteto e da arquiteta passa a prescindir da prática social inerente à arquitetura (ibidem). O corpo estudantil tem um contato teórico com problemas sociais, mas não sua vivência e experimentação. Na mesma direção, a excessiva valorização do projeto arquitetônico colabora para afastar o arquiteto ou arquiteta e urbanista do pensamento crítico, da sua capacidade de refletir sobre o que faz e mais, de compreender a arquitetura e o urbanismo como atos políticos.

Esta separação – imersa em hierarquia, entre o trabalho manual e o intelectual, que cindiu a prática profissional do canteiro de obras desde o renascimento (FERRO, 1979), com forte ápice no século XX, precisa ser revista. O apartamento entre o fazer e o saber demarcou um novo percurso profissional para arquitetura em todo o sistema-mundo moderno-colonial. Na Europa, a cisão significou sempre a possibilidade de manter o controle produtivo do capital sobre a massa assalariada da construção (ou classe operária da construção), e sempre que necessário, de renovar este controle frente à mobilização e resistência desta classe, promovendo o apagamento ou a substituição de saberes por novos, promovidos pelo desenvolvimento científico-tecnológico (CUNHA, 2020). Na América Latina, tal separação sempre existiu, na medida em que as construções civis da colônia tinham por base o trabalho escravo.

Nesse sentido, Ronconi (2002) adiciona que o canteiro experimental, nas escolas, pode ter a função de combater a cisão existente no fazer arquitetônico entre o momento da concepção projetiva e da realização da obra, apresentando ao aluno e à aluna uma experiência plena de aprendizagem, onde é possível ter uma melhor dimensão sobre o saber-fazer (a técnica), articulado a outros saberes que englobam questões políticas e econômicas (RONCONI, 2002; CUNHA, 2020).

Consequentemente, trazer o saber-fazer para o centro do ensino, por meio do canteiro experimental, permite debater com o alunado as dimensões éticas do trabalho profissional e, principalmente, as implicações do desenho sobre as condições de trabalho de todos os envolvidos na construção civil, ainda extremamente precárias em todo continente. Desse modo, procura-se frear a crença reproduzida na área de que não é um problema do arquiteto ou da arquiteta a precariedade, falta de segurança e mortes nos canteiros de obra, como se o traço feito no papel não implicasse em trabalho humano, por um lado, e em ato político, por outro lado. A atividade projetiva, portanto, é práxis ou deveria ser; e o canteiro experimental um dos *loci* preferenciais para este debate na formação profissional.

No caso da América Latina, o apagamento de saberes construtivos ancestrais foi muito mais amplo e violento em relação aos povos originários. Este legado histórico nos coloca uma questão ética fundamental: a necessidade urgente de profunda revisão deste epistemicídio e reexame da prática e política da profissão, que deve começar no processo de formação, isto é, nas escolas de arquitetura. O curso numa universidade tão singular quanto a UNILA fundamenta suas bases no objetivo de contribuir para alterar este quadro, por meio de uma arquitetura política e uma política de arquitetura amplamente voltada para as questões latino-americanas de qualificação do seu espaço construído, ampliando o acesso das populações ao direito à arquitetura, revalorizando o saber-fazer e a ética. Isto significa guiar o seu projeto político-pedagógico com o objetivo de formar profissionais preparados

e preparadas para responder às especificidades locais a partir de racionalidades locais, valorizando técnicas e materiais de fácil acesso e incluindo a importância dos processos participativos nos projetos arquitetônicos e urbanísticos.

As especificidades curriculares para a integração de *Nuestra America*

Esta complexa e difícil tarefa do CAU UNILA, de formar um ou uma profissional generalista, em atendimento às normas de ensino no Brasil e, ao mesmo tempo, alinhar-se à missão integradora da UNILA e a sua inserção regional de uma cidade mediana localizada na fronteira, sem perder de vista questões atuais sobre a prática profissional no século XXI, requer uma atenção geohistoricamente situada. Tal empreitada demanda, ademais, desenvolver a capacidade crítica do alunado de arquitetura e urbanismo, a partir de um corpo docente de igual modo multidisciplinar, interdisciplinar e crítico.

O desafio seguinte, no CAU UNILA, foi adequar a matriz curricular, de modo a fornecer ferramentas aos alunos e alunas que possibilitem desconstruir as racionalidades hegemônicas, as quais se traduzem, por exemplo, na cultura unívoca do concreto armado, marginalizando outras técnicas e tecnologias construtivas. Ou ainda, a rever a supervalorização do trabalho autoral, aos moldes modernistas, voltados, sobretudo, para grandes obras e para os estratos sociais de renda elevada. Entretanto, apontar para outra formação não é tarefa fácil, visto que a própria academia e a literatura especializada estão focadas em estudar, debater e analisar a arquitetura autoral. Isto compreende, num primeiro momento, um acolhimento do desafio pelo corpo docente do CAU UNILA, para poder iluminar uma face menos vistosa e festejada da arquitetura e do urbanismo, mas cuja importância é fundamental (WHITAKER, 2011).

Desta feita, sem perder de vista o diálogo com o que há de mais recente na área, o CAU UNILA, entende que o seu egresso e egressa devem se capacitar para lidar com as complexidades e problemas que assolam a América Latina, organizando o curso, destarte, em quatro eixos de instrumentação: (1) Estudos Latino-Americanos, (2) Crítica; (3) Técnica; (4) Leitura e Representação, e nos Ateliers Integrados. Os ateliers integrados são disciplinas voltadas para a atividade projetiva nas distintas escalas espaciais (arquitetura, cidades e paisagem), que acontecem de modo convergente. Em termos de conteúdo, os ateliers integram teoria-prática-experimentação, mesmo quando tutelados por distintos professores e professoras, a garantir que o conteúdo seja pertinente e transversal. Diferente dos ateliers, as disciplinas que compõem os eixos gozam de independência, embora estejam previstas interrelações temáticas entre os eixos e destes com os ateliers.

No **eixo de instrumentação em estudos latino-americanos** estão incluídas as disciplinas do Ciclo Comum de Estudos: “Fundamentos da América Latina”, “Introdução ao Pensamento Científico”, “Ética e Ciência”, “Língua Adicional Estrangeira” (português ou espanhol). Durante os três primeiros semestres na UNILA os e as estudantes são expostos a um convívio multicultural com alunos, alunas e docentes dos diversos institutos da universidade e a uma perspectiva crítica e multidisciplinar sobre diversos temas de interesse no continente. Esta base de conhecimento crítico adiciona às habilidades usuais do arquiteto ou arquiteta e urbanista, a capacidade de refletir sobre a sua função social no contexto específico do Brasil e da América Latina, constituindo-se instrumental característico da formação do egresso e da egressa do CAU UNILA.

Por sua vez, fazem parte do **eixo de instrumentação crítica**, as disciplinas “Estado, Industrialização e Sociedade”; “América: Colonização, Invasão e Resistência”; “Poéticas Visuais”; “Arquitetura, Cidades e Sociedade”; “Arquitetura e Cidades na América Latina”; “Crítica e História da Arquitetura e da Cidade”; “Estética e Filosofia da Arquitetura”; “História da Casa e da Habitação”; “Arquiteturas Latino-Americanas”; “Cidades Latino-Americanas”; “Práticas Participativas em Arquitetura e Urbanismo”; “Políticas Públicas de Habitação”; “Políticas de Preservação e Cartas Patrimoniais”; e “Deontologia da Arquitetura e Urbanismo”. Sob a mesma ótica fundante da UNILA, este eixo reúne as disciplinas de embasamento crítico-reflexiva diretamente relacionadas à arquitetura e ao urbanismo, as quais visam a instrumentalizar o alunado para um entendimento da arquitetura como sujeito social e político.

É nesta direção que durante quatro semestres concebe-se, por exemplo, a disciplina de “Crítica e História da Arquitetura e da Cidade”, menos pautada pela usual perspectiva cronológica-linear eurocêntrica e mais pela diversidade da produção arquitetônica e do espaço construído de cada período e lugar dos povos. Busca-se, deste modo, evitar uma leitura estetizante da arquitetura. Há um cuidado especial com a inclusão de uma gama de saberes construtivos, como é o caso das arquiteturas ameríndia, africana, quilombola. Atenta-se, ainda, para uma análise sobre a clivagem de gênero e raça na historiografia da arquitetura, a qual exclui das publicações determinadas produções e profissionais, em favor de uma supervalorização da produção arquitetônica masculina, branca e produzida no norte global (ou sob as suas diretivas).

Já o **eixo de instrumentação técnica** acolhe e organiza as disciplinas de capacitação técnico-profissional, voltadas para o aprendizado de instrumentos e técnicas e a sua aplicação para a arquitetura e urbanismo: “Topografia”; “Laboratório de Topografia”; “Geoprocessamento”; “Conforto Ambiental”; “Ergonomia do Espaço Construído e Habitado”; “Sistemas Estruturais”; “Instalações Prediais” e “Canteiro Experimental” – disciplina teórico-prática, ministrada em laboratório próprio, que aborda, ao longo de quatro semestres, sistemas e métodos construtivos; materiais e técnicas construtivas; técnicas retrospectivas e custos e decisões projetuais. Ressalta-se que na matriz curricular do CAU UNILA foram excluídas as disciplinas de “física” e “cálculo”, ministradas nos moldes tradicionais, passando a integrar a ementa de outras disciplinas no formato “física ou matemática aplicada à arquitetura”, em “Conforto Ambiental” (térmico, lumínico e acústico), “Sistemas Estruturais” e em um dos semestres do Atelier Integrado. Tal decisão pedagógica tem por objetivo melhor relacionar o programa da física e da matemática a interesses diretamente aplicados na arquitetura e urbanismo, evitando o que a ABEA constatou como “procedimentos didáticos inaceitáveis” (MEC, 1995: 06) que levavam a um excessivo número de reprovação na disciplina.

O quarto e último eixo do CAU UNILA é dedicado à **instrumentação em práticas de leitura e representação**. A partir de uma compreensão da arquitetura e das cidades como texto crítico, este eixo visa a preparar o futuro profissional a compreender que o desenho e as representações projetuais inserem-se em contextos histórico-político-culturais e colocam a arquitetura como prática profissional significativa na delimitação das identidades dos povos. Resulta que os sistemas de representação em arquitetura e urbanismo são sistemas semióticos fundamentais tanto para a leitura das realidades quanto para uma intervenção consciente, esperada do egresso e egressa do CAU UNILA. Compõem este eixo as disciplinas: “Desenho Projetivo”; “Meios de Expressão e Representação”; “Expressão e Representação em Mídias Digitais”; “Comunicação Visual Aplicada à Arquitetura e Urbanismo”; e, “Cartografia”.

Em complementação às disciplinas obrigatórias organizadas nos eixos de instrumentação, o alunado deve cursar um mínimo de créditos em **disciplinas optativas**, ofertadas pelo próprio CAU UNILA ou pelos demais cursos da Universidade, de maneira que a sua formação compreenda também uma trajetória individual eleita por cada pessoa, conforme seus interesses e perfil. No CAU UNILA são ofertadas dois tipos de disciplinas optativas: aquelas de ementa flexível, cujo conteúdo se modifica a cada oferta, conforme pesquisas e interesses do corpo docente, e aquelas de ementa fixa. As disciplinas de ementa flexível são “Seminários de Estudos Especiais”; “Tópicos Especiais em Linguagens Artísticas”; “Tópicos Especiais em Arquiteturas Latino-Americanas”; “Tópicos Especiais em Cidades Latino-Americanas”. As disciplinas optativas de ementa fixa, ofertadas pelo CAU UNILA são: “Expressão Gráfica em Projetos Arquitetônicos”; “Expressão Gráfica em Projetos Urbanos e Paisagísticos”; “Representação Técnica em Arquitetura”; “Metodologias de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo”; “Mídias Digitais Aplicadas à Arquitetura e Urbanismo”; “Arquiteturas Indígenas”; “Arquiteturas Afrobrasileiras”; “Arquiteturas e Cidades Africanas”; “Arquitetura, Cidade, Relações Étnicas e de Gênero”; e “Atelier Integrado de Projeto de Habitação de Interesse Social”¹⁸.

Diante de uma matriz curricular que abarca diversas matizes da formação profissional, a separação dos eixos é um critério mais de ordem organizacional e menos disciplinar. O ensino da teoria e da prática é uma realidade exercida nos quatro eixos pedagógicos, no atelier integrado e nos canteiros experimentais. Cada qual opera esta articulação a partir de suas especificidades e temáticas. Em paralelo às disciplinas, foi constituído, entre outros laboratórios, o LaMAU – Laboratório Modelo de Arquitetura e Urbanismo, laboratório a funcionar como uma espécie de “escritório público” de arquitetura e urbanismo, para prestar serviços profissionais à comunidade local, permitindo uma aprendizagem-ação-experimentação, na qual o alunado se aproxima da prática profissional, orientado por docentes do curso, podendo, inclusive, realizar seus estágios obrigatórios junto ao LaMAU.

Finalmente, no Brasil, é obrigatória a realização de estágio profissional, o que desempenha um papel central na formação do alunado. No caso do CAU UNILA, quase toda a carga horária de um semestre letivo é dedicada ao estágio, com o intuito de incentivar a sua realização nos seus países/cidades de origem dos e das estudantes. Desta feita, espera-se que a prática laboral consolide o ensino acadêmico voltado para a integração regional. Em paralelo, nos seminários de estágios e na disciplina “Deontologia da Arquitetura e Urbanismo”, é oportuno que os e as estudantes partilhem com o corpo discente e docente a sua experiência laboral, a partir de uma perspectiva crítica-analítica, alimentando e atualizando o CAU UNILA das mais diversas especificidades do exercício profissional na América Latina¹⁹.

¹⁸ O quadro docente incompleto do curso tem impedido a oferta regular das disciplinas optativas. Não há perspectiva de curto prazo para reversão dessa situação, sobretudo em função da aprovação, em 2016, da Emenda Constitucional n. 95, que entre outras restrições, impede a realização de concursos públicos por vinte anos no país. Como os e as docentes das universidades públicas ingressam por concursos, é lamentável, a situação atual dos serviços públicos em geral e, em particular, da educação pública no Brasil.

¹⁹ Vale ressaltar que aspectos de natureza institucional e diplomática atravessam o projeto de vocação internacional da UNILA, motivo pelo qual integra a gestão da universidade, a pró-reitoria de Relações Institucionais e Internacionais. Com relação à realização dos estágios curriculares em outros países, conforme preconizado nos PPCs de vários cursos, a instituição tem estudado meios concretos de viabilizá-los, já que muitos entraves legais precisam ser adequadamente contornados. Devido à natureza da UNILA, questões instigantes deste projeto de internacionalização ultrapassam os objetivos deste texto, mas certamente merecem atenção contínua da comunidade acadêmica.

As sementes estão lançadas

Tendo já formado duas turmas, almejamos que os desígnios do projeto político-pedagógico do curso tenham resultado, de fato, em desenvolver competências para o exercício profissional em consonância com as especificidades e problemáticas próprias dos distintos contextos latino-americanos. Espera-se que as práticas profissionais experimentadas e vivenciadas empiricamente ao longo do curso, onde o projeto da habitação e da cidade, compreendido na sua dimensão geopolítica, tratado de forma indissociável às suas dimensões sociais, culturais, históricas, econômicas, espaciais e ambientais, estejam assentes no alunado. O empenho em fomentar a integração solidária dos povos latino-americanos por meio da arquitetura e urbanismo, no que respeita, particularmente, aos direitos ao território, à cidade e à moradia, é uma meta bastante audaciosa, as quais buscamos mesurar, num primeiro momento, pela análise dos trabalhos de conclusão de curso – TCCs e por uma entrevista ao corpo docente²⁰.

De um modo geral, os TCCs, cujo tema é de livre escolha dos e das estudantes, têm apresentados temáticas ou abordagens contra-hegemônicas, absolutamente vinculadas à realidade da diversidade do corpo discente do curso. Na tabela abaixo constam os títulos dos TCCs já disponíveis no repositório institucional da UNILA²¹:

CAU UNILA: Trabalhos de Conclusão de Curso – dezembro de 2016 a maio de 2021			
Aluno/a	país	orientação	TCC
Alejandra Pintos	PY	M. Britto*	Proyecto de complejo cultural: espacio para la enseñanza y presentación de artes escénicas y culturales
Alejandro Noguera	PY	M. Vitorino E. Elias	Parámetros de preservación del área histórica de San Ignacio Guazú/PY
Allan Moreira	BR	M. Vitorino E. Vettorazzi	Altare, equilíbrio sagrado
Ana Letícia Yegros	PY	J. Ramme	La recualificación del sistema viário en ciudades intermediarias: estudio de caso Curuguaty/PY
Angelica Santamaria	CO	C. Angileli A. André**	Las nieves re-tomada: plan de rehabilitación urbana y de vivienda Eje Calle 19, Bogotá, Colombia
Bastián Guerra	CH	G. Cunha S. Montilla*	Creación de módulos estructurales antisísmicos para viviendas populares en Chile
Bruna Probst	BR	L. Freitas C. Angileli	Ferramenta projetual de apoio à readequação do espaço habitado em conjuntos habitacionais populares horizontais a partir da coordenação modular: caso do Jardim Almada, Foz do Iguaçu, Paraná
Bryan González	EQ	L. Freitas	Arquitectura en área de movimientos sísmicos: estudio y propuesta para implantación de viviendas con materiales sismoresistentes en la provincia de Manabí, Ecuador
Daniella Campos	BR	M. Vitorino E. Vettorazzi	Conservatório musical na tríplice fronteira
Darwin Camacho	PE	E. Vettorazzi	Complejo educacional a través de una propuesta de proyecto de residencia estudiantil y escuela técnica en San José de Lourdes, Perú
David Sausa	BO	C. Veríssimo L. Name	Ensayo proyectivo de vivienda para la reducción de riesgos y adaptación a las inundaciones en la ciudad de Rurrenabaque, Bolivia
Denise Winckler	BR	J. Frigo L. Freitas	O bambu como tecnologia construtiva para espaços públicos livres, destinados à feiras e exposições em Foz do Iguaçu, Paraná

20 Em breve pretendo acompanhar as atividades profissionais dos egressos e egressas, a ser apresentado numa próxima oportunidade.

21 Até o momento, são 51 egressos e egressas do curso. Analisamos todos os seus TCCs, sendo que a maior parte deles está disponível no repositório institucional (<https://dspace.unila.edu.br>). Quando não estavam disponíveis, fiz uma busca caso a caso, junto aos e às discentes e docentes.

Diana Canales	PE	M. Britto*	Mejoramiento térmico de viviendas unifamiliares en la zona altoandina de Perú
Diana Roa	CO	S. Montilla*	Hospital Infantil Frontera, Brasil-Paraguay
Diego Fariña	PY	G. Cunha A. Furtado	Aproveitamento energético do esgoto sanitário doméstico, num modelo de habitação de interesse social, em Ciudad del Este, Paraguay
Diego Lobo	BR	P. Zandonade M. Vitorino	Papo & Yo e a representação da favela no videogame
Edinson Jhoan Guerrero	PE	E. Vettorazzi	Conforto ambiental y recalificación de los espacios abiertos y cerrados en asentamientos humanos de Piura, Perú
Elisa Oviedo	PY	E. Elias	Organización físico-territorial e identidad urbana: el diseño urbano en Villa Hayes, Paraguay
Favio Irigoyen	PY	P. Zandonade	Planificación urbana para ciudades de pequeño porte en el Paraguay: la ciudad de Belén Concepción, Paraguay
Fernando Kawaji	BR	C. Veríssimo E. Vettorazzi	Tubos de papelão como material construtivo para uma arquitetura acessível, ecológica e social: projeto de abrigos móveis para a população em situação de rua
Gabriele Corrêa	BR	E. Elias	Em busca do patrimônio histórico arquitetônico de Foz do Iguaçu
Gilmar Almeida	BR	L. Name A. André**	Centralidades e imagens de fronteira: a relação de Foz do Iguaçu com seu contexto local
Gustavo Laruta	BO	E. Elias	La Arquitectura como una identidad cultural: en el caso de la ciudad de Bolivia, La Paz
Henry Paul Sanchez	EQ	G. Cunha	El buen vivir en mi hogar: evaluación post-ocupación y propuestas prototipo en el programa de vivienda "barrio nuevo Santa Lucía", Salcedo, Cotopaxi, Ecuador
Íris Takashima	BR	L. Freitas	A casa adaptável: o uso da construção em light steel framing como ferramenta para a edificação e ampliação de casas
Jéssica Seolin	BR	G. Landin*	A bicicleta como meio de transporte: um estudo sobre o Plano de Mobilidade Urbana de Foz do Iguaçu
Joara Pimentel	BR	C. Angileli	Moradia digna é mais que um teto e quatro paredes: o papel da localidade da habilitação social no processo de constituição do direito à cidade
Lidia Tellez	PY	L. Name C. Veríssimo	Justicia ambiental y zonas de sacrificio: directrices para el planeamiento físico-territorial de la ciudad de Villa Hayes, Paraguay
Lucca Grzeczeczen	BR	A. Moassab	CAUs, saberes e territórios: espaço[s] de interação para os novos cursos de arquitetura com as comunidades do interior
Maicon Rugeri	BR	A. Moassab	Casa branca, terra roxa: modernidade, espaço rural, arquitetura e suas relações de gênero
Marcelo Frare	BR	J. Frigo	Habilitação social e integração: o caso da Vila Portes como proposta de interculturalidade na tríplice fronteira
M. Soledad Cáceres	PY	J. Rammé	Áreas libres y de recreación urbana: el espacio público de recreación em Villa Hayes, Paraguay
Mariela Peña	PE	C. Veríssimo G. Cunha	Paisajismos del sur: alternativas paisajísticas para los espacios libres de las Barriadas de Lima
Mateus Buosi	BR	L. Freitas	A residência no cerrado brasileiro a colcha de retalhos cultural e simbólica da casa do sertão aplicada à contemporaneidade
Mateus Spíndula	BR	L. Name A. Moassab	Ligadonas na tomada do cool da madrugada: drag queens e a violência de gênero em sanitários de bares e casas noturnas de Foz do Iguaçu
Mercedes Ibañez	PE	T. Bastos A. Moassab	La colonialidad del poder, el Sumak Kawsay y la asesoría técnica para el mejoramiento habitacional en viviendas de adobe: el caso San Miguel de el Faique, Huancabamba, Piura, Perú
Mijael Pavel (in memoriam)	PE	C. Veríssimo J. Obando**	Los cambios urbanísticos de Lima entre los años 1900-1960 por la influencia de la industrialización y las políticas públicas

Nicolás Pereyra	UY	P. Zandonade C. Angileli	Al margen del Paraná: análisis urbano de la región de Foz de Iguazú (BR), Ciudad del Este (PY) y Presidente Franco (PY)
Nicole Garay	CH	E. Elias	El cuerpo humano como modelo universal de proyección y construcción del espacio
Nicolý Durães	BR	M. Britto* M. Vitorino	Um Teatro Municipal para Foz do Iguaçu, Paraná: um incentivo à música e à cultura
Nidia Zarza	PY	C. Verissimo L. Name	La vivienda paraguaya en base a la perspectiva del Ñande Rekó: el caso del asentamiento La Candelaria, Dr. Cecilio Báez
Noelia Paniagua	PY	P. Zandonade	Rehabilitación de centros urbanos y derecho a la ciudad: habitación social para comunidad Maka en el microcentro de Ciudad del Este, Paraguay
Oswaldo Freitez	VEN	L. Name K. Queiroz	Diseñar desde lo subalterno: lenguaje y representación gráfica en arquitectura
Pedro Martins	BR	M. Vitorino	Centro de Pesquisa Modular Autossuficiente em Marte
Pedro Muñoz	PE	C. Angileli E. Elias	Encuentro para la transformación: potencialidades de un espacio comunitario en la periferia de Lima, Perú
Rogelio Noriega	PE	P. Zandonade E. Vettorazzi	Arquitectura para usuarios acometidos por las enfermedades neurocognitivas características de la tercera edad en Arequipa, Perú
Ruben Ayala	PY	M. Vitorino	Parámetros constructivos para equipamiento urbano: el uso de material constructivo alternativo en equipamientos de uso público en Fuerte Olimpo, Paraguay
Ruth Cañete	PY	L. Name A. Moassab	Kuña Paraguai roga: una perspectiva feminista para el albergue de la Universidad Nacional del Este, Paraguay
Sergio Roca	VEN	T. Bastos L. Name	Territórios comunales: insurgencias y desafíos del estado comunal a partir de la experiencia en la comuna Batalla de Santa Inés de Maturín, Venezuela
Vanessa Quijones	CO	C. Verissimo	Mobiliário urbano paisagístico para las ciudades de América Latina sob uma perspectiva de Diseños del Sur: estudio de caso barrio El Salado Comuna 13 de Medellín, Colombia
Yuri Yang	BR	C. Verissimo S. Montilla* P. Zandonade	Abrigo emergencial: solução modular expansível para assistência humanitária

Fonte: elaboração própria, a partir do repositório da UNILA, 2021.

*Professor/a substituto/a

**Professor/a de outro curso da UNILA

Vale destacar que o pensamento originário latino-americano do *Sumak Kawsay*, *Buen Vivir* e *Ñande Reko* e as teorias feministas abarcam mais de 20% das propostas de estudo, resultando em alguns dos melhores trabalhos analisados. Este é o caso das propostas projetivas, de Mercedes Ibañez, Paul Sanchez e Nidia Zarza, em “La colonialidad del poder, el Sumak Kawsay y la asesoría técnica para el mejoramiento habitacional en viviendas de adobe”; “El Buen Vivir en mi hogar”; e “La vivienda paraguaya en base a la perspectiva del Ñande Rekó”, respectivamente. Tais trabalhos trazem igualmente a questão racial – implícita no acolhimento das epistemologias ameríndias, como estes citados, ou em projetos para comunidades indígenas, como foi o caso de “Rehabilitación de centros urbanos y derecho a la ciudad: habitación social para comunidad Maka en el microcentro de Ciudad del Este, Paraguay”, de Noelia Paniagua. Em direção semelhante e tangencial, pelo menos outros 14% dos trabalhos, têm como primordial as relações entre arquitetura, cidade e identidade.

Devemos somar a estes, alguns TCCs bom base nas teorias feministas, estabelecendo relações complexas – projetivas e não só – entre as questões de gênero, espaço rural, evasão escolar ou violência espacial, como em “Casa branca, terra roxa: modernidade, espaço rural, arquitetura e suas relações de gênero”;

“Kuña paraguai roga: una perspectiva feminista para el albergue de La Universidad Nacional del Este-PY”; e “Ligadonas na tomada do cool da madrugada: Drag Queens e a violência de gênero em sanitários de bares e casas noturnas de Foz do Iguaçu”, de Maicon Rugeri, Ruth Cañate e Mateus Spíndola, respectivamente. A escolha do alunado por enfrentar debates desta natureza mostram que mesmo sendo temas isolados enquanto disciplinas, não o são enquanto questão, já que gênero e raça aparecem permanentemente no curso, seja pelo esforço de docentes afeitos/as às temáticas, seja por conta do seu PPC ou ainda, devido a tais questões serem bastante presentes na própria universidade, no movimento estudantil e nas disciplinas do Ciclo Comum de Estudos. Com isso, o curso permanece atualizado em relações a temas relevantes para a sociedade, conseguindo absorvê-los e traduzi-los para o âmbito da arquitetura e do urbanismo.

A habitação, cerne do PPC, é um tema com forte protagonismo nos trabalhos de conclusão de curso, constituindo 43% deles. Vale ressaltar que dos TCCs projetivos que não tratam de habitação, todos propõem equipamentos de uso público. Outros 35% optaram por se debruçar sobre planejamento urbano, mormente conectado ao direito à cidade. Ainda, 29% do alunado desenvolvem estudos de técnicas e tecnologias alternativas ao hegemônico concreto armado e, a preocupação ambiental é protagonista em 14% dos trabalhos. Destaque-se que nos limitamos a analisar a temática central nos trabalhos, sendo que muitas dessas questões são transversais e integram o escopo total dos trabalhos. Nesse exame panorâmico dos TCCs, é possível afirmar haver uma grande diversidade temática, embora sempre com trabalhos que respondem aos interesses públicos ou coletivos e menos questões exclusivamente mercadológicas, reflexo, entre outros, do projeto político-pedagógico proposto.

Com relação ao tamanho das cidades, interessa observar que cerca de 30% das escolhas estudantis foi voltada para as pequenas cidades (com menos de 100 mil habitantes) e mais da metade para as cidades médias (entre 100 e 500 mil habitantes), configurando de fato uma interiorização e difusão territorial da prática e pensamento arquitetônico dos egressos e egressas do curso. No que tange aos grandes centros urbanos, há uma gama de cidades de distintos países do continente como Lima, Arequipa, La Paz, Manabí ou Bogotá, colaborando para um imaginário ampliado e múltiplo sobre a realidade urbana latino-americana.

Por fim, mais de 40% dos trabalhos guardam relação com projetos de extensão ou pesquisa de docentes, alimentando a construção de saberes local ou mesmo atuando diretamente nas comunidades atendidas por projetos de extensão, como os bairros periféricos de Foz do Iguaçu ou a aldeia Itamarã, comunidade indígena da região.

Um outro aspecto relevante com relação à formação do alunado é o convívio com a diversidade, fundamental para o aprendizado. Compõem o ambiente acadêmico do curso pessoas vindas de 15 países distintos²²: Brasil, Paraguai, Peru, Bolívia, Equador, Colômbia, Venezuela, Chile, Haiti, Argentina, Uruguai, Honduras, El Salvador, Cuba e Gana, na África, obrigando o corpo docente a constantes estudos e atualizações, no sentido de dialogar com os diferentes contextos de origem e realidades em sala de aula. Igualmente relevante é o perfil do corpo docente, com ampla experiência internacional e em diversas regiões do Brasil²³, como é o caso

²² Na UNILA, dados de 2020 mostram que estão presentes 32 nacionalidades, sendo 21 de países latino-americanos.

²³ Embora seja uma meta da UNILA que metade do corpo docente seja estrangeira, os altos custos para realizar as provas presenciais dos concursos não têm facilitado a candidatura de docentes residentes em outros países. No CAU, os e as docentes vêm de distintas regiões do Brasil e há uma professora portuguesa no quadro de docentes permanentes.

do interior da Paraíba, Piauí, Bahia, Amazônia e estados do Sul e Sudeste. Algumas docentes residiram e trabalharam em outros países, como Japão, Malásia, Portugal e Cabo Verde. Todos e todas passaram por um processo seletivo via concurso público, cujos pontos de prova traduziam a perspectiva singular do curso, levando a que praticamente a totalidade do corpo docente seja assaz afinada com o marco teórico do curso.

Numa pesquisa conduzida por mim, em 2017, junto ao corpo docente permanente, ficou evidente que o projeto político-pedagógico do curso foi um dos principais motivadores da sua vinda para Foz do Iguaçu. Este fato *de per se*, faz com que praticamente todos professores e professoras do curso tenham projetos de médio e longo prazo para as suas carreiras, a partir da UNILA. Mais de 90% dos e das docentes afirmaram em entrevista que a vinda para a UNILA foi extremamente impactante para os seus interesses de pesquisa, ensino e extensão. A perspectiva inovadora e a adaptação ao curso e à instituição podem ser conferidas em seus projetos de pesquisa, ensino e extensão.

É fato que muito dos desafios do curso registrados no seu ambicioso projeto político-pedagógico dependerão tanto de seu corpo docente, ainda em estruturação, como da permanência da diversidade de seu corpo discente. Por enquanto, estes desígnios basilares têm a missão fundamental de continuar atraindo um perfil docente aberto à experimentação, à inovação, à valorização dos múltiplos modos de habitar e de técnicas construtivas, ao debate sobre/a partir/com *Nuestra America*.

Temos vindo a contribuir, a partir da educação e, ainda que modestamente, para construir historicamente condições que façam valer os desígnios de José Mariátegui para um conhecimento autóctone latino-americano, em diálogo com a contribuição que os processos revolucionários no século XX já aportaram e tomando em conta as implicações de gênero-sexualidade-raça-classe naquilo que entendemos ser uma tarefa imprescindível da arquitetura e do urbanismo.

Desafortunadamente, no cenário de crise política que assola o Brasil na atualidade, com severos ataques à educação pública e aos serviços públicos de modo geral, as previsões não são das mais animadoras. Sem o corpo docente completo do curso, com uma drástica redução do orçamento de auxílio estudantil e das universidades, não apenas o curso, mas a própria UNILA corre o risco de ser profundamente alterada. Se o CAU UNILA será capaz de sustentar este projeto singular e atravessar este período de crise, só o tempo dirá.

Referências

- ABEA. *Sobre a História do Ensino de Arquitetura no Brasil*. São Paulo: ABEA, 1978.
- ABEA. *Cursos de Arquitetura e Urbanismo no Brasil. Atualizado Março 2013*. Online. Disponível: www.abea-arq.org.br. Acesso: 03/05/2013.
- ARANTES, Pedro F. *Valor, Forma e Renda na Arquitetura Contemporânea*. ARS, 2010, Ano 7, v.8, n. 16. p.85-108.
- BORGES, F. (coord). *Projeto Pedagógico Ciclo Comum de Estudos*. Foz do Iguaçu: UNILA, 2013. Não Publicado.
- BRASIL. *Brasil 2022*. Brasília: Presidência da República, 2010.

BRASIL. *País Ganha Quatro Novas Universidades Federais* Portal Brasil. Brasília: Portal Brasil, 2013. Disponível: www.brasil.gov.br. Acesso: 10/07/13.

CARPENTIERI, Y. *Ciudades grandes, medianas y pequeñas de América Latina*. Portal Educ.ar. Disponível: www.educ.ar. Acesso: 31/07/12.

CASTRO, Therezinha. *Nossa América: geopolítica comparada*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1994.

CAUBR. *Censo dos Arquitetos e Urbanistas do Brasil*. Brasília: CAUBR. Disponível: www.caubr.org.br. Acesso: 29/09/13.

CUNHA, G. Ensino de arquitetura e trabalho livre. MOASSAB, A. e NAME, L. *Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo*. Foz do Iguaçu: Edunila, 2020. pp. 305-326.

FERRO, S. *O Canteiro e o Desenho*. São Paulo: Projeto, 1979.

FSM. *Carta Mundial pelo Direito à Cidade*. Porto Alegre: V FSM. Disponível: www.confex.org.br. Acesso: 10/07/13.

IBGE. *Estimativas da População Residente nos Municípios Brasileiros com data de Referência em 1º de Julho de 2019*. Disponível: www.ibge.gov.br. Acesso: 31/07/2012.

IMEA. *A UNILA em Construção. Um projeto universitário para a América Latina*. Foz do Iguaçu: IMEA, 2009.

INEP. *Trajetória e Estado da Arte da Formação em Engenharia, Arquitetura e Agronomia*. Brasília: INEP/CONFEX, 2010.

IPEA. *A Interiorização do Ensino Superior. Desafios do Desenvolvimento*, ano 7, ed. 58, 2010. p. 42-49.

KOPP, A. *Quando o Moderno Não Era um Estilo e Sim uma Causa*. São Paulo: Nobel, 1990.

MARAGNO, G. *Questões sobre a Qualificação e o Ensino de Arquitetura e Urbanismo no Brasil*. XXXI ENSEA. São Paulo: ABEA, 2012.

MEC. *Perfis da Área & Padrões de Qualidade*. Brasília: MEC, 1995.

NARUTO, M. *Repensar a Formação do Arquiteto*. Universidade de São Paulo, 2006. TD.

NAVOLAR, J. *Por um ambiente melhor* [entrevista]. *Geração Sustentável*, ano 7, ed 33, 2013. p. 16-20.

ONU. *Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948*. Disponível: www.onu.org.br. Acesso: 10/07/13.

ONU. *Press Briefing by Special Rapporteur Right to Adequate Housing, 2005*. Disponível: www.un.org Acesso: 13/09/12.

PINHEIRO, H. *Presidente do CAUBR Abre Roda de Palestras no Seminário Internacional*. Disponível: www.cau.org.br. Acesso: 29/09/13. Publicado: 10/12/12.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. Abya Yala. *Enciclopédia Latino-Americana*. São Paulo: Boitempo, 2015. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>.

PRONSATO, Sylvia A. Dobry. *Para quem e com Quem: Ensino de Arquitetura e Urbanismo*. Universidade de São Paulo, 2008. TD.

RISTOFF, D. e SEVEGNANI, P. *Universidade e Compromisso Social*. Brasília: INEP, 2006.

RONCONI, Reginaldo. *Inserção do Canteiro Experimental nas Faculdades de Arquitetura e Urbanismo*. Universidade de São Paulo, 2002. TD.

TORRES, Sonia. *Nosotros in USA: literatura, etnografia e geografias de resistências*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

UIA/UNESCO. *Carta para Formação dos Arquitetos*. Edição revisada 2011. Aprovada pela Assembleia Geral da UIA. Tokyo, 2011.

VIEIRA-ROCHA, Eliane-Terezinha. *Metodologia Adotada para a Construção do Projeto Universitário da UNILA*. Revista Iberoamericana de Educación Superior, vol. II, n.5, 2011. Disponível em <http://ries.universia.net> acessado em 05/09/12.

WAISMAN, Marina. *O Interior da História*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

WHITAKER, João Sette. *Perspectivas e desafios para o jovem arquiteto no Brasil. Arqitextos Vitruvius*, ano 12, 2011.

Autora

Andréia Moassab. Arquiteta e urbanista, mestre e doutora em comunicação e semiótica. Foi a primeira docente e a responsável pela elaboração do projeto político-pedagógico do curso de arquitetura e urbanismo da UNILA. É organizadora, com Leo Name, do livro “Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo”, publicado em 2020. É coordenadora do MALOCA - grupo de estudos multidisciplinares em arquiteturas e urbanismos do sul. andrea.moassab@unila.edu.br

LA TEORÍA Y LA PRAXIS Hermenéutica y Heurística como Vehículos entre los Campos Metodológicos y Epistemológicos de la disciplina Arquitectura

Eje/Eixo Temático 2

Sergio D. Huaier

Facultad de Arquitectura y Urbanismo, Universidad
Nacional de Tucumán

Resumen:

Entre los campos del pensamiento y de la acción se constituye y conforma el universo de lo construido. Esa vinculación, según Tschumi (2015), donde tanto uno como otro se necesitan mutuamente, se configura al intentar encontrar sentido a lo actuado y a la vez en como usar lo pensado para su aplicación práctica. Es decir buscar valor en las actuaciones y también consistencia en el pensamiento previo a la acción.

Esta relación, que pretendemos explorar en lo concerniente a la disciplina arquitectura, se nutre y desarrolla en los campos metodológicos y epistemológicos, (Huaier, S. 2017) configurando además el intercambio bidireccional entre los mismos mediante el auxilio de la hermenéutica y de la heurística. Sobre estos términos y su implicancia e interdependencia pretende este ensayo profundizar, para intentar de esa manera una comprensión de cierto fenómeno actual en el campo de la arquitectura local.

Palabras Claves: **Arquitectura, Teoría, Praxis, Hermenéutica y heurística, Pensamiento y actuación**

Resumo:

Entre os campos do pensamento e da ação, o universo do construído se constitui e se conforma. Esse vínculo, segundo Tschumi (2015), em que precisam um do outro, se configura na tentativa de encontrar sentido no que foi feito e ao mesmo tempo em como usar o que é pensado para sua aplicação prática. Em outras palavras, buscar valor nas ações e também consistência no pensamento antes da ação.

Essa relação, que pretendemos explorar no que se refere à disciplina de arquitetura, é nutrida e desenvolvida nos campos metodológico e epistemológico, (Huaier, S. 2017) configurando também o intercâmbio bidireccional entre eles por meio da hermenêutica e da heurística. Este ensaio pretende aprofundar esses termos e suas implicações e interdependências, para assim tentar compreender um determinado fenômeno atual no campo da arquitetura local.

Palavras Chave: **Arquitetura, Teoria, Praxis ; Hermenêutica e heurística, Pensando e agindo**

Introducción:

El término hermenéutica (del griego ἑρμηνευτική τέχνη, explicar, interpretar) (Real Academia Española, 2001) representa según el concepto más filosófico una teoría de la verdad, es decir cuando alguna cosa se vuelve comprensible o entendible. Dicho de otra manera busca el significado detrás de la palabra, tratando de interpretar en lugar de describir los hechos.

La hermenéutica es así entendida como una especie de llave maestra con el que el devenir histórico ha logrado cargarse de sentidos y significados valiosos. Su uso es frecuente en casi todas las disciplinas, por el sentido del término que se ocupa del arte de explicar textos o escritos, obras artísticas, hacer descripciones e interpretaciones entre otras características que rodean al concepto.

El otro término que nos ocupa heurística (del griego εὐρίσκειν, hallar, inventar) (Real Academia Española, 2001) se refiere a la disciplina, el arte o la ciencia del descubrimiento. Es decir intenta ser un conjunto de reglas metodológicas no necesariamente forzosas, positivas y negativas, que sugieren o establecen cómo proceder y qué problemas evitar a la hora de generar soluciones y elaborar hipótesis. Como metodología científica, la heurística es aplicable a cualquier ciencia e incluye la elaboración de medios auxiliares, principios, reglas, estrategias y programas que faciliten la búsqueda de vías de solución a problemas.

También podemos aseverar, como lo enuncia Beuchot (1999) que la heurística ayuda a recorrer o atravesar bien el camino metodológico, mientras que la hermenéutica debe desarrollar la capacidad de descubrir el significado implícito y de captar lo universal en lo particular.

Sobre la relación:

Si realizamos un análisis de como estos términos y las acciones que ellos implican se relacionan comprobamos que la utilización de los mismos esta fuertemente vinculada y que para un adecuado tránsito entre teoría y práctica, tanto

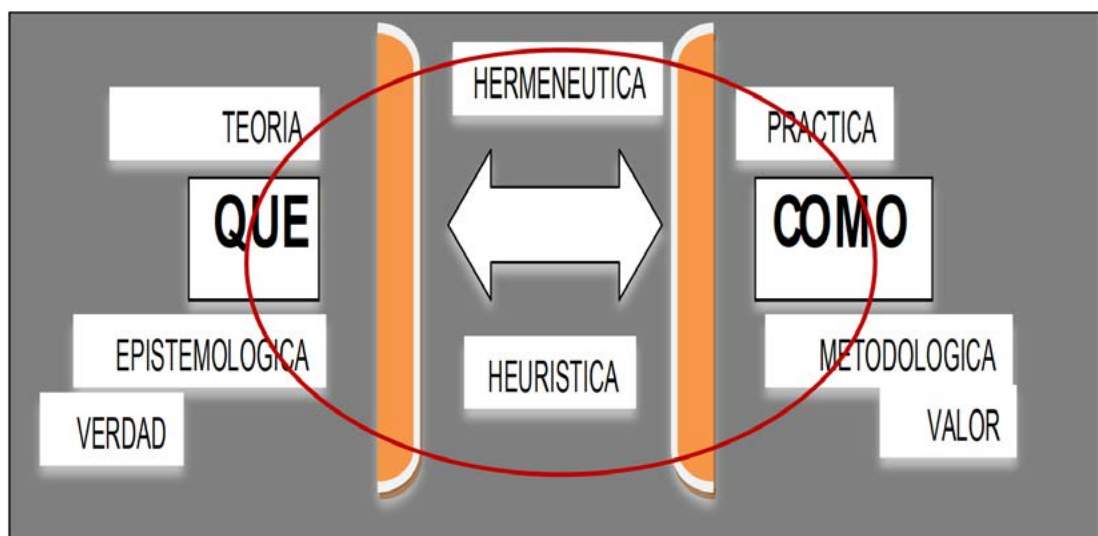


Figura 01: Epistemología y metodología de la investigación en arquitectura.
Fuente: R. Fernández

en un sentido como en otro, debemos acudir a ellos. Estos actuarían como el vehículo o herramienta que lo facilita.

Es decir que en el campo del estudio científico tanto como en el de la disciplina arquitectónica ese tránsito, desde el conocimiento epistemológico hacia la aplicación de lo pensado requiere valerse de la heurística como una herramienta facilitadora y esclarecedora. Así también como para encontrar sentido y valor a lo realizado en el ámbito de la praxis e inferir nuevas teorías es menester acudir a procesos hermenéuticos.

Sobre la teoría en el medio local:

Considerando el campo disciplinar de nuestra profesión y en lo referente a las teorías impartidas por nuestras escuelas, observamos el primer obstáculo al desarrollo creativo o heurístico de las mismas.

En nuestro medio la enseñanza de la arquitectura esta orientada a la aplicación de los conocimientos adquiridos, o sea una formación de tipo profesionalista. Esto se demuestra al observar los contenidos de los programas y asignaturas y las horas cátedras involucradas, donde las materias teórico/reflexivas se encuentran en franca desventaja con respecto a las técnicas/ejecutivas. Tal vez avalado por la consideración del común de la gente hacia el profesional arquitecto donde (según encuestas de opinión) se pondera más sus capacidades técnicas por sobre los valores concepto/proyectuales.

Es decir que los objetivos son más que el saber específico de algún campo conceptual, la preparación adecuada para el dominio de determinada incumbencia profesional. Esto, si bien necesario, limita el traslado teórico de conceptos inherentes al campo disciplinar específico, como lo enuncia Fernández (2011, a): “[...] los conocimientos adquiridos nunca alcanzan un estatuto autónomo o ligado a un saber específico de la arquitectura, sino que están definidos y organizados para formar asociada a destreza una capacidad específica o inherente a un fin pragmático.”

Es así que el principio epistemológico que impregna toda teoría normativa tendiente a enseñar para *saber*, se trastoca por el de enseñar para *hacer*.

Se percibe una, a veces absoluta, desconexión entre los campos del saber y del hacer, entre lo disciplinar y lo profesional, entre lo teórico-didáctico y lo técnico-profesional.

Por otra parte se agrega a esta mencionada dificultad la ausencia o inconsistencia de un bagaje teórico que, sin desconocer lo global o hegemónico imperante en el corpus del conocimiento disciplinar, aborde la problemática o las particularidades del medio socio-cultural local.

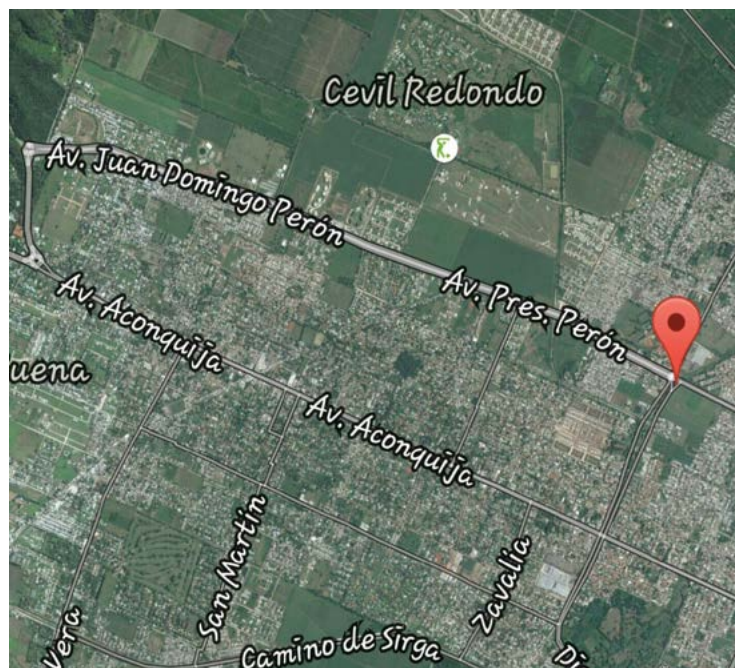
Estas dificultades mencionadas parecerían (según la producción última observada en el medio local, que más adelante abordaremos) atentar contra la heurística necesaria para una correcta transición entre lo pensado y lo actuado. Al decir de Heidegger (1989) el accionar imperante sería *ge-stell* (dis-poner) en lugar de *ge-schit* (des-cubrir). Cuando lo verdaderamente innovador en arquitectura es esto último, ya superadas ciertas etapas anteriores donde lo primero era lo fundante para una correcta *poiesis* de lo construido.

Sobre la praxis en el medio local:

En el campo estricto de la práctica local, retomando la relación entre teoría y praxis, o planteado de otra manera el flujo entre el saber-hacer que podríamos

traducir como teorías dominantes y practicas emblemizadas por estas. Se observa también cierta flaqueza, o falta de identidad en el aporte hermenéutico que dicha practica debería reincorporar al campo teórico propio como una suerte de *feedback* que materialice la relación antes mencionada.

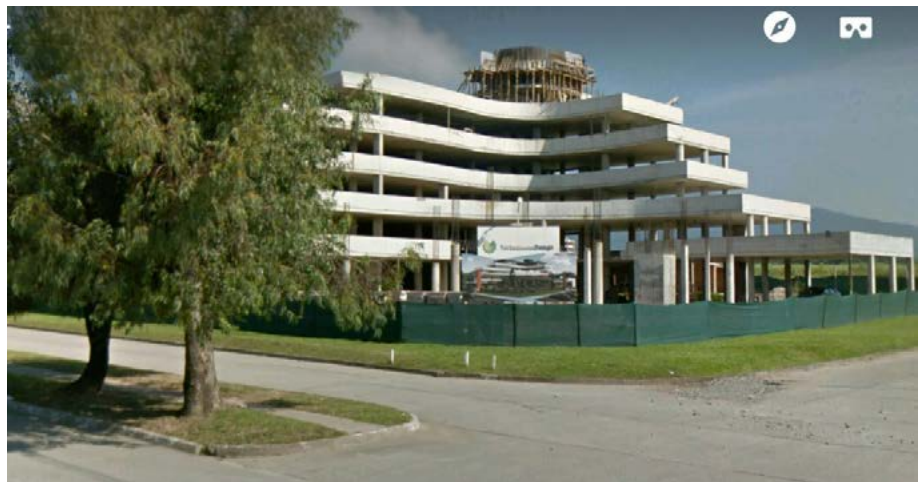
Estas deducciones y otras se desprenden de la observación de lo ejecutado últimamente en nuestro medio, en particular de cierta arteria de actual urbanización en una ciudad de muy rápida y reciente densificación, colindante con la capital y que forma parte de su conglomerado urbano (Yerba Buena). Dicho sector podríamos considerarlo como de un *urbanismo privatizado* al observar que el estado ausente ha dado lugar a una autonomía de proyectos por parte de desarrolladores inmobiliarios.



Figuras 02-03: Ciudad de Yerba Buena, Tucumán, y su arteria norte Av. Perón.
Fuente: Google Maps (2020)



Figuras 04-05: Diferentes emprendimientos sobre la arteria Av Perón , surgidos en la última década . Fuente: Google Maps (2020)



Figuras 06-07: Idem anterior

Algunas de estas intervenciones aparentan un corrimiento de la cualidad intrínseca del edificio hacia la imagen, un incremento de intencionalidad a favor de la pura apariencia.

Esta manera de hacer arquitectura atendería contra los conceptos que la teoría trata de volcar para dar sentido al hacer, que en el mismo conjuguen los criterios de pertinencia y diferenciación, al decir de Fernández: “[...] *mantener el espíritu de búsqueda de identidad (algo que pueda verificarse como articulado a un ahí multisubjetivo y cultural) y de diferencia (algo que asuma la voluntad crítica de distinguirse de otras identidades) [...]*”

Esta postura que consideramos correcta al tratar de valorar y fortalecer lo regional como critica a lo global, no implica refugiarse en actitudes folklorizantes ni tampoco un desconocimiento de las tendencias actuales globales, sino mas bien intentar reconstruir la propia identidad sin caer en el error común del no-lugar que también implicaría el no-gente concreta.

Consideramos que el *hacer ciudad* debería tener un rol mas activo y regulatorio por parte del estado para conformar conjuntos urbanos de calidad e identidad, que rescaten las peculiaridades del sitio sin desconocer la globalidad multicultural imperante hoy en el mundo.

Conclusiones:

Esa condición mencionada al principio propia de nuestra academia en lo pertinente a la formación, que obliga a un cierto alejamiento de lo disciplinar a favor de lo profesional (necesaria al ser nuestro título habilitante) juega un papel dominante y preponderante en la curricula de la carrera.

¿Cómo podríamos reforzar los procesos heurísticos si dicha curricula está cargada de materias técnicas-profesionales mas que teoricas-didacticas?, ¿como podríamos retroalimentar conceptualmente la curricula mediante procedimientos hermenéuticos correctos si nuestra practica está más orientada a la reproducción subalterna de flujos globales que a una creación con sesgo propio?

Lo dicho anteriormente no significa la defensa a ultranza de arquitecturas regionalistas asociadas a cierta condición de lugar o paisaje (cuasi-folklore), ni tampoco la oposición total a arquitecturas globales ortodoxas (tributarias de tecnología sofisticada). Por el contrario se trata de restablecer el equilibrio entre ambas, para generar dentro del cumulo de arquitectura contemporánea un sesgo local que proporcione identidad, lo que llevaría a fomentar la creatividad y la consistencia de los procesos heurísticos y hermenéuticos que vigorizan la relación entre teoría y praxis.

Referencias Bibliográficas

ALVA MARTINEZ, Ernesto: (1997) “ La enseñanza de la arquitectura”, Conferencia en el marco de: *Encuentro en La Plata: enseñar arquitectura – construir la ciudad* (1997), La Plata

BEUCHOT, Mauricio: (1999) *Heurística y hermenéutica*, México D.F. Ed. UNAM

Boscarino, E.B. (2016). *La incidencia del taller de proyecto en la construcción del perfil del arquitecto, egresado de la Fau Unt*. Tucumán: Tesis de Maestría, Universidad Nacional de Tucumán.

Cirvini, S. A. (2004). *La constitución disciplinar de la arquitectura en la Argentina moderna (1901-1948)*. Tucumán: Tesis de doctorado, Universidad Nacional de Tucumán.

Coucill, L. S. (2013). *Tensions between theory and practice in sustainable architectural design*. Tesis doctoral. Birmingham: School of Architecture, Birmingham Institute of Art and Design, Birmingham City University.

FERNANDEZ, Roberto: (2011, a) "Guía del proyecto contemporáneo", Artículo correspondiente al *Seminario de actualización docente Fau – Unt* (2011), Tucumán

FERNANDEZ, Roberto: (2011, b) "El proyecto en el flujo global-local", Artículo correspondiente al *Seminario de actualización docente Fau – Unt* (2011), Tucumán

FERNANDEZ, Roberto: (2007) *Lógicas del proyecto*, Buenos Aires: Editorial Concentra

Guevara Álvarez, O. E. (2013). *Análisis del proceso enseñanza aprendizaje de la Disciplina Proyecto Arquitectónico en la carrera de Arquitectura, en el contexto del aula*. Tesis doctoral. Barcelona: Facultad de Ciencias de la Educación, Departamento de Pedagogía Aplicada, Universidad Autónoma de Barcelona.

HEIDEGGER, Martin: (1989) "La autoafirmación de la universidad alemana. El rectorado, 1933-34", R.Rodríguez: *Entrevista del Spiegel*, Tecnos, 1989, Madrid

HUAIER, Sergio: (2017) "El perfil del arquitecto: entre el conocimiento disciplinar y el saber profesional", Revista: *Legado de Arquitectura y Diseño. Volumen 13 Numero 24 (julio/diciembre 2018)*. ISSN 2448-749x Editora: Universidad Autónoma del Estado de México, Toluca, México.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (2001) *Diccionario de la lengua española* (22º ed.) Consultado en <http://www.rae.es/rae.html>

TSCHUMI, Bernard: (2015) *The Urgencies of Architectural Theory*, Nueva York: Ed. James Graham, GSAPP Books

Autor

Sergio Huaier. Prof. Aso. Teoría de la Arq. en la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de Tucumán. Arquitecto con más de treinta años de trayectoria académica y profesional, participando en diversos cargos docentes y numerosos proyectos de investigación. Participante además de estancias académicas en México donde realizó publicaciones en revistas indexadas. Cuenta con una profusa actuación profesional con más de treinta mil metros cuadrados construidos en obras de mediana escala, así como también diversas publicaciones en medios especializados locales y artículos de libro. sergiohuaier@yahoo.com shuaier@herrera.unt.edu.ar

O EXERCÍCIO DE PENSAR O LUGAR DO PROJETO EM DIÁLOGO, CONFLITO E PROPOSIÇÃO

Eje/Eixo Temático 2

Antonio Aparecido Fabiano Junior
Lizete Maria Rubano

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo:

A experiência da busca por construções de hipóteses que visam pensar e repensar o lugar do projeto como instrumento de direito à vida, feitas a partir da prática indissociável de pesquisa, ensino e extensão, direciona a discussão e produção do exercício a ser apresentado, cuja questão central é a luta do alargamento democrático da condição urbana contemporânea. É esta condição que imprime aproximação teórica, cartográfica, analítica e crítica à prática pedagógica, por meio de áreas em transformação no âmbito da cidade de São Paulo, visando promover reflexão projetual acerca da centralidade do uso do seu espaço público como garantia de direitos na e para a cidade. A partir desta premissa, coloca-se como desafio o desencadeamento de pesquisa investigativa de projeto, na escala do desenho urbano e de agenciamentos de espaços e edifícios públicos, a serem informadas e constituídas pelos processos de realização e uso do espaço da cidade a partir do recorte territorial proposto. Os projetos desenvolvidos em Ateliê de Projeto 7: Cidade e Teoria são motivados por diálogo direto com agentes sociais que atuam na disputa pelo território, pautados por referencial prático-teórico, tendo como tema a amplitude da vida pública, a partir das características do lugar, das microdinâmicas e das estruturas físicas urbanas, de maneira a motivar ações na cidade que sejam possibilidades outras em oposição ao mundo que, cada vez mais, se constrói de forma desigual.

Palavras-chave: **condição urbana contemporânea, disputa pela cidade, agentes de resistência, investigação pelo projeto, projeto como ação extensionista**

Resumen:

La experiencia de buscar por construcciones de hipótesis que visan pensar y repensar el lugar del proyecto como instrumento de derecho a la vida, hechas a partir de la práctica indisoluble de investigación, enseñanza y extensión, direcciona la discusión y producción del ejercicio a ser presentado, cuya cuestión central es la lucha de la ampliación democrática de la condición urbana contemporánea. Es esta condición que imprime aproximación teórica, cartográfica, analítica y crítica a la práctica pedagógica, por medio de áreas en transformación en el ámbito de la ciudad

de San Pablo, visando promover reflexión proyectual acerca de la centralidad del uso de su espacio público como garantía de derechos en la y para la ciudad. A partir de esta premisa, se plantea como desafío el desencadenamiento de la investigación de proyecto, en la escala del diseño urbano y de agenciamientos de espacios y edificios públicos, que ser informadas y constituidas por los procesos de realización y uso del espacio de la ciudad a partir del recorte territorial propuesto. Los proyectos desarrollados en Taller de Proyecto 7: Ciudad y Teoría son motivados por diálogo directo con agentes sociales que actúan en la disputa por el territorio, pautados por referencial práctico-teórico, teniendo como tema la amplitud de la vida pública, a partir de las características del lugar, de las micro dinámicas y de las estructuras físicas urbanas, de manera a motivar acciones en la ciudad que sean otras posibilidades en oposición al mundo que, cada vez más, se construye de forma desigual.

Palabras-clave: **condición urbana contemporánea, disputa por la ciudad, agentes de resistencia, investigación por lo proyecto, proyecto como acción extensionista**

Introdução

O Brasil é o maior país em dimensão territorial da América do Sul – 47,3% do território sul-americano – perfazendo uma área de 8.515.767,049 km². O censo de 2010 relatou população total de 190.7555.799, com estimativa para 2019, do Diário Oficial da União, de 210.147.125 pessoas morando em seu território. Muita terra e muita gente distribuídos à revelia da Constituição do país, de forma cada vez mais desigual. Desigualdade decorrente de processos historicamente também desiguais, regidos pelo poder público e pela ação de agentes privados pois sabe-se que, na história do Brasil urbano, a propriedade da terra e seu caráter patrimonialista tiveram papel fundamental para instaurar a desigualdade social (SCHWARTZ, 2019), constituindo a seletiva ação da própria distribuição de direitos condicionada apenas para a propriedade e seus proprietários.

As cidades brasileiras –o recorte nas cidades vai ao encontro dos dados da PNAD de 2015 que indica que a maior parte da população brasileira, 84,72%, vive em áreas urbanas – têm se caracterizado, ao contrário da perspectiva de desejada universalização do acesso aos equipamentos, infraestrutura, saneamento, mobilidade, habitação, espaços e vida públicos, por diferenças gritantes, amplamente analisadas em pesquisas acadêmicas e denunciadas por entidades da sociedade civil.

Em momentos atuais, diante de uma pandemia mundial causada pela COVID-19, onde a aposta era a da necessidade de construção de pactos sociais comuns, capazes de responder a uma demanda de enfrentamento de mundo em escala e necessidade global, vimos, após dois anos, não uma formulação de projeto cujo denominador é a luta para reduzir desigualdades visando uma melhora de condição de vida para todos, mas as duas pontas da desigualdade se distanciar, cada uma para um lado oposto, onde tanto o aumento dos bilionários do mundo quanto a quantidade de gente que passa fome são dados de vida de e sobre um mesmo momento. Em números temos 660 novas pessoas que entraram no ranking global (a revista Forbes estima que no mundo tenha um novo bilionário a cada 17 horas e declarou que, a soma integral das fortunas apuradas é de aproximadamente R\$ 1,3 bilhão, montante que representa cerca de 18% do Produto Interno Bruto (PI) do Brasil em 2019). No Brasil 20 novos nomes entraram para a lista, totalizando 65 grandes fortunas (BBC, 2021) ao mesmo tempo que 117 milhões não se alimentam

como deveriam, ou seja, mais da metade da população do país (REDE BRASIL ATUAL, 2021).

Tais relações desiguais encontradas no contexto urbano, constituem-se por um processo histórico de concentração na distribuição e mercantilização do espaço e dos direitos sociais. Consta-se que essa situação de desigualdade não se apresenta como fato excepcional, mas padrão típico vivenciado na experiência cotidiana. A violência da desigualdade urbana é elemento de articulação da própria configuração da metrópole, enquanto norma que delimita e norteia a lógica da morfologia urbana regida pelo capital e, em situação atual, encontramos não o seu enfrentamento, mas seu pleno alargamento como política de Estado, promovendo violações de direitos e políticas de morte como elemento estrutural no capitalismo neoliberal de hoje (MBEMBE, 2018).

A disputa pela construção de espaços com generosidade coletiva, visando desejada universalização do acesso aos equipamentos, habitação e vida pública, coabita com a lógica urbana capitalista. Há, evidentemente, a necessidade urgente da formulação de práticas políticas-projetuais conformando redes de projetos de abrangência pública, numa criação de ode ao pensamento que dialogue com a ação efetiva, capazes de dissolver os muros que separam atividades isoladas, no encontro de atos de resistência por meio de micropolíticas (ROLNIK, 2018), na medida que reconhece estes movimentos como hipótese factível, através do resgate da diversidade como lugar de existência, na incansável reparação das desigualdades sociais.

Tais práticas partem da proposição de instrumentos concretos para discutir o direito ao espaço habitado, capazes de transformar a cidade em espaço de experiência política, valorando a produção de conhecimento para a sociedade, por meio do balizamento do debate social como ferramenta de discussão, produção e atuação do cidadão na busca pela cidadania de todos.

Dentro desta lógica, o Ateliê de Projeto se estrutura pelo reconhecimento da construção do exercício de elaboração crítica de um arcabouço prático-teórico, a partir de ações experimentais artístico-socioespaciais de coletivos culturais teatrais da cidade de São Paulo, que partem das vivências urbanas para identificação e proposição de estudos artísticos como chamamento e ode à construção de uma paisagem do comum, constituindo uma rede de (re)formulações de outra ordem, não proveniente da mercantilização cultural, mas da necessidade de produção do fazer coletivo, buscando outras vias políticas e práticas sociais, e do desejo de, quem sabe, dissolver a ideia de posicionamento autoral – que aparece na consciência moral em questões entre certo e errado –, em direção a autonomia, capaz de considerar fatores relevantes, dentro de um pensamento comum, para decidir qual deve ser o melhor caminho da ação que visa a abrangência coletiva da vida.

Na busca por um método acadêmico de colaboração participativa e efetiva, a atividade proposta tensiona o campo do ensino da arquitetura como prática capaz de dar subsídios às necessidades humanas urgentes, suprimindo a falta de direitos mínimos de vivência urbana, como ferramenta para barrar a barbárie social, na busca por um lugar de construção coletiva, enxergando o projeto como estratégia de luta enquanto linguagem para a formulação deste processo. Para tanto, acredita no reconhecimento de agentes da resistência, insurgentes, em processo efetivo de criação de projeto e luta comuns. Neste sentido, propõe-se uma perspectiva emancipatória de projeto, que vá ao encontro da criação de uma mudança de imaginário por meio de tomada de consciência, a partir do (re)conhecimento pela própria constituição do direito à cidade (LEFEBVRE, 1981).

O que segue é a construção de hipóteses projetuais investigativas acompanhada de aporte teórico e análise crítica, tendo como referência questões, textos e autores contemporâneos além da compreensão do funcionamento infraestrutural da cidade – redes de abastecimento, drenagem, mobilidade entre outros –, com perspectiva de implemento da qualidade urbana.

Destaca-se a necessidade da formulação de práticas políticas-projetuais conformando redes de projetos de abrangência pública, numa criação de ode ao pensamento que dialogue com a ação efetiva. O projeto é, assim, visto como instrumento de formulação de uma outra ideia de paisagem para a vida, que busca reflexão crítica e propositiva sobre a complexidade do(s) território(s) da cidade (maneira de uso, experiência, apropriação e forma urbana) por meio de fundamentação de questões percebidas empiricamente e amparadas teoricamente, a partir da identificação proveniente da área de estudo e do recorte temático proposto das ações artístico-culturais, para a discussão sobre os desafios sociais e territoriais contemporâneos da metrópole.

Desenvolvimento

A construção do sentido – ou de um outro sentido – do projeto urbano e de arquitetura passa pelo entendimento de seu papel para além das lógicas hegemônicas a que tem servido historicamente. A escolha do caminho da arquitetura como instrumento de direção a relações de solidariedade, justiça social e compromisso cívico vai ao encontro do acolhimento de experiências outras, valorizando a diversidade cultural e social, encorajando a mistura de gêneros, vivências de mundo no vislumbre da superação da segregação e enclaves, promovendo o fortalecimento das comunidades. Entre sentidos, toma-se partido a utopia e o *topos*, indo ao encontro do lugar das ideias e do *locus* dos dados vivenciados, entre a imanência e a subjacência, na luta e resistência para a construção de um novo horizonte.

Como prática pedagógica, procura-se a apresentação de experiências que propõe contestação e luta, no momento em que amplifica e entende as contradições social e econômica a partir de sujeitos que sofrem violências cotidianas constantes. Na medida em que se reconhece na arquitetura parte intrínseca e indissociável da cidade, aposta-se em seu ato como instrumento privilegiado de discussão capaz de constituir uma possível hipótese factível de dar forma ao mundo para todo mundo.

O curso estrutura-se no tripé direito à cidade/ agentes da resistência/ sentidos do projeto, como pressupostos na busca por intencionalidade coletiva, por meio do território, da ação artístico-cultural e dos agentes da resistência. Para tanto, propõe-se aqui apresentar objetos (1), objetivos (2), metodologia (3) e resultados em construção e outros caminhos de uma experiência didática (4) realizada em Ateliê de Projeto em Arquitetura e Urbanismo, ministrado no sétimo semestre, fundamentado a partir de premissas estabelecidas pelos professores deste componente curricular.

1. Objetos de discussão

O Ateliê de Projeto tem como perspectiva o enfrentamento teórico e projetual de área central na cidade de São Paulo que coloca, possibilita e estimula investigação especulativa acerca do espaço público, na escala do desenho urbano e das arquiteturas públicas, que buscam motivação e circunstâncias de um movimento de mudança, de forma experimental, a partir de práticas e experiências em ato, na constituição da possibilidade de vida comum.

O exercício propõe a aproximação à área urbana de estudo visando uma ação projetual geradora de dinâmicas, destacando não somente o aspecto crítico e propositivo, mas o papel emancipatório que o projeto pode e deve ter. A área de trabalho selecionada para o atual momento (primeiro semestre de 2021), que varia conforme os semestres – Bixiga (SP) – apresenta, no mesmo território, diferentes características de processo formativo e estruturas morfológicas, formais, de uso e apropriação e, portanto, deve ser analisada e interpretada pelos alunos levando em consideração seus processos urbanos – históricos, sociais, econômicos e formais – múltiplos sob os quais estão submetidas (de transformação, de disputa, de exceção em relação aos marcos regulatórios, de densidade histórica consolidada etc).

Questões contemporâneas da Teoria da Arquitetura, enquanto reflexão sobre a prática projetual, são motivadoras de uma análise crítica dos projetos de desenho urbano propostos e/ou construídos. São, também, suporte às proposições projetuais arquitetônicas especulativas, tema central do Ateliê. A aproximação à área e às múltiplas temáticas a serem desenvolvidas a partir do recorte das ações artístico-culturais como estopins de discussões radicais de anúncio e desenvolvimento das questões, vem acompanhada por textos e discussões teóricas que contribuem à conformação de questões que mobilizam uma ação projetual. Dessa maneira, são trabalhos de referência textos de Hannah Arendt em “Ação e a busca da felicidade”, Jacques Rancière em “A partilha do sensível: estética e política”, Wim Wenders em “Como as fronteiras lhe constroem” e Igor Guatelli em “Contaminações Constitutivas do espaço urbano: cultura urbana por intermédio da intertextualidade e do entre”, cujos assuntos chave são a ação como prática de busca da liberdade, o posicionamento político como eixo condutor de atuações projetuais, a discussão dos transbordamentos dos limites como estratégia propositiva e os agenciamentos de vida como condutores dos desenvolvimentos espaciais.

A visão sistêmica das redes, que estruturam o funcionamento da cidade do ponto de vista infraestrutural, compõe a perspectiva de uma associação entre eficiência e qualidade urbana.

2. Os objetivos buscados

O tema da condição urbana contemporânea imprime ao Ateliê de Projeto uma necessária aproximação teórica e cartográfica, analítica e crítica, com estudo empírico, de referência à investigação, onde o exercício se apoia no debate crítico sobre as condições das intervenções urbanas nas últimas décadas na cidade de São Paulo e nas condicionantes necessárias à sua urbanidade (com aporte teórico e técnico).

O Ateliê visa o incentivo ao debate e ao trabalho coletivo, tendo como base o compromisso com agentes do território (movimentos de moradia, coletivos artísticos e de lutas sociais), na medida em que se soma outras lutas a uma *práxis* significativa, como ação e reflexão de dar significado às coisas do mundo. Tais relações promoveram, em um primeiro momento, importante imersão que contou com todos os componentes curriculares que os alunos cursam no mesmo semestre (além do Ateliê de Projeto, o Estúdio de Urbanismo 7: Sociedade e Cidade, Estúdio de Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo 6, Ateliê de Arquitetura de Interiores e Mecânica dos Solos aplicada a Arquitetura e Urbanismo).

Nesta semana inaugural de estudo do semestre, foram organizadas falas e debates com Carmen Silva, liderança do MSTC (Movimento dos Sem Teto no Centro); Wellington Souza do Projeto Negros do Bixiga, Osvaldo Faustino, um dos fundadores

da Escola de Samba Vai-Vai e Marilia Gallmeister, arquiteta do Grupo de Teatro Oficina Uzona Usyna, além de trecho de documentários e palestras acerca do Fórum Social Mundial – Assembléia Autônoma #somosBIXIGA.

Os estímulos advindos das diferentes realidades urbanas, o conhecimento técnico e a capacidade propositiva de cunho especulativo e investigativo têm como referência a articulação de parceria academia-comunidade, como espaço de pensamento e suporte ao desenvolvimento do projeto atrelado à ideia de realidade concreta e noção de pertencimento de mundo. Tal possibilidade vai ao encontro da construção de uma contra-forma que dialogue com a ação efetiva, através da criação de instrumentos concretos para discutir o direito ao espaço habitado, capaz de transformar a cidade em espaço de experiência política.

O exercício, a partir deste primeiro contato com os problemas e lutas reais do território, propõe o desencadeamento de hipóteses de projeto, na escala do desenho urbano e dos espaços e edifícios públicos, desenvolvidos em grupo (5 a 6 alunos em um primeiro momento e duplas e trios para seu desenvolvimento continuado), a serem informadas e constituídas pelos processos de realização e uso do espaço da cidade, sua apropriação, suas estruturas físicas e suas dinâmicas urbanas, a serem identificadas a partir do recorte territorial proposto por cada grupo de alunos. Os projetos a serem desenvolvidos serão motivados pelos agentes sociais que atuam na disputa pelo território e devem estar pautados por um referencial teórico, informados pela condição da cidade real, com vistas à cidade desejada, tendo como tema central a vida pública, as características do lugar, as microdinâmicas e as estruturas físicas urbanas (quadras, ruas, barreiras, tipologias etc.), de maneira a motivar ações na cidade que sejam possibilidades outras, para além da legislação urbanística e das violações de direito à vida promovidas pelo capital. Os alunos devem trabalhar conceitualmente, extraíndo sua motivação da complexidade da cidade, de suas estruturas sociais, físicas e vivências, para propor novas ambiências na busca pela qualificação das estruturas existentes reconhecendo, inclusive, as de infraestrutura urbana.

O pensar arquitetônico e seu fazer projetual são entendidos, por meio técnico do seu campo de conhecimento, como três hipóteses na busca por uma reinvenção política do projeto, através de práticas e experiências aplicadas no cotidiano do pensar e repensar espacial como possível ação de reparação que age como ponte de diálogo e prática social, para redefinir o que é cidade nas dimensões cultural, política e econômica; como processos de pertencimento a partir da conscientização da população em relação aos seus direitos como cidadãos e como instrumentos de resistência na hipótese da constituição de um movimento de mudança, de forma experimental, não somente como sujeitos, mas a partir de práticas e experiências em ato, na constituição da possibilidade de uma vida coletiva.

Para tanto, são estimulados (i) referencial teórico na problematização do tema; (ii) a conformação de um repertório de projeto, em especial do desenho urbano e projeto de arquitetura urbana; (iii) a capacidade de compreender, analisar e propor as diferentes escalas (da arquitetura e da cidade); (iv) a leitura crítica da(s) área(s); (v) a aproximação aos agentes que operam na área e (vi) o rigor técnico dos enfrentamentos projetuais, considerando-se as condicionantes de infraestrutura urbana como mais uma referência à qualidade dos espaços públicos.

3. A metodologia como Ação de Construção

Três fundamentos orientadores, como pressupostos da metodologia, são empregados:

1. A relação direta e articulação de parceria academia-comunidade via movimentos sociais (foram elencados três assuntos de interesse – luta por moradia, coletivos artístico-culturais e organizações que lutam por uma outra estruturação do trabalho –. Com isso, abre-se a possibilidade de pensar a Universidade como polo produtor de conhecimento que se abre para novos saberes – populares e eruditos – participativos de outros agentes, no entendimento da não dicotomia entre *práxis* e teoria, em direção a relações de solidariedade, justiça social e compromisso cívico;

2. O entendimento de que a investigação, a partir do contato e construção direta com os sujeitos atuantes na área, faz parte da proposição prática de projeto, uma vez que eles levantam hipóteses de investigação e, portanto, de atuação;

3. O compromisso de retorno efetivo à comunidade, a partir da construção da pergunta: o que os nossos campos de conhecimento, por meio do balizamento do debate social, do entendimento da Arquitetura e Urbanismo como ferramentas de discussão, produção e atuação dos cidadãos na busca pela cidadania de todos, traz de conhecimento para o outro?

O Ateliê de Projeto é dado em dois dias (segundas e quartas) com cinco aulas cada dia, totalizando dez aulas por semana. Às segundas, temos uma aula de Infraestrutura Urbana, um módulo de Integração e três aulas de orientação ao Projeto a ser proposto; às quartas, temos uma aula de Teoria da Arquitetura, o módulo de Integração e novamente três de orientação ao Projeto.

As aulas de Infraestrutura Urbana são pautadas em conteúdos expositivos e discussão acerca dos sistemas urbanos (abastecimento de água, drenagem, esgotos sanitários, transporte público e mobilidade ativa, resíduos sólidos, redes de energia, rede de espaços públicos) como parte intrínseca do entendimento da desigualdade socioespacial e seu consequente desenho de paisagem que constituem as cidades brasileiras.

Os temas das aulas são:

1. São Paulo: a infraestrutura como elemento sistêmico determinante da urbanização e a matriz fluvial;

2. Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e a infraestrutura: os desafios de formuladores de políticas. Exemplos para o Abastecimento de Água em São Paulo;

3. Melhoria das Condições Ambientais e da Qualidade de Vida nas Cidades: Sistemas de Drenagem Urbana. Programa Córrego Limpo, Novo Rio Pinheiros, Projeto Onda Limpa e outros;

4. Sistemas de Esgotos Sanitários;

5. Inovações nos sistemas ambientais urbanos: infraestruturas verdes e azuis; soluções baseadas na natureza;

6. Sistemas de Resíduos Sólidos. Conceitos de Economia Circular;

7. Sistemas de Mobilidade Urbana.

Nos encontros de Teoria são promovidos discussões e análises de projetos de arquitetura à luz dos conceitos dos textos correlatos. As duplas são: 1. experiência projetual do grupo Fórum Mundaréu da Luz e Teatro Oficina (Lina Bo Bardi e Edson Elito) e conceitos de Hannah Arendt; 2. projetos do coletivo artístico PI, O Clube, Teatro do Incêndio e Francis Alys associados aos escritos de Rancière; 3. o trabalho de TFG Casas da Água de Thais Freitas, que reverberou em ações no território Vila Bela

ZL-SP a partir de Wim Wenders; 4. projetos Academia Garrido (arq. Igor Guatelli) e Passarela Roterdã (ZUS) e conceitos de Igor Guatelli.

As aulas de Projeto são formadas por um professor orientador para cada 15 alunos que têm como o horizonte a produção de leituras do lugar, conceituações, intenções propositivas e seu desenvolvimento espacial e técnico. Cada docente subdivide seus alunos em três grupos (com cinco alunos cada) para a produção de projetos de desenho urbano para, na sequência, os alunos desenvolverem, em duplas ou trios, projetos de arquitetura amparados pelas matrizes urbanas propostas por eles coletivamente. Ao longo do semestre são promovidas discussões coletivas com orientações de duplas ou trios de professores para os trabalhos.

No sétimo semestre, os alunos também têm urbanismo estruturado no Estúdio Urbanismo: Sociedade e Cidade, tendo como objeto a mesma área do Ateliê de Projeto, cujo enfoque é o adensamento a partir de outros modos de morar, ao longo do Eixo de Estruturação de Transformação Urbana (junto às estações do Metrô Brás, Bresser Mooca e Belém). A estruturação teórica dos dois componentes curriculares também é pensada de forma única, articulando-se os conceitos provenientes dos textos a serem discutidos pelos dois trabalhos. O Estúdio de Teoria e História entra com aulas teóricas urbanas que dão base para o desenvolvimento de todas as atividades.

São propostas três entregas ao longo do semestre (duas entregas intermediárias e uma final) para apresentações e discussões coletivas. As avaliações consideram a clareza e pertinência na interpretação dos conceitos sugeridos pelo Ateliê de Projeto somados aos conceitos e critérios adotados pela equipe em sua intervenção projetual/propositiva para a relação área-temática, além da capacidade de confronto investigativo das situações reais x desejadas na escala da cidade, do desenho urbano e da arquitetura urbana.

4. Resultados em construção e outros caminhos de uma experiência didática

Ao longo dos últimos anos, foi eleita aproximação às áreas de projeto por agentes que estão presentes na construção de experiências públicas e democráticas no território, com atuação específica no recorte definido para o exercício, como instrumento primeiro e norteador da metodologia de pensar e repensar a ideia de projeto e sua construção de conhecimento.

A maneira como têm sido feitas as aproximações aos territórios urbanos e às possíveis questões a serem enfrentadas pelos grupos de trabalho dos estudantes, é construída estimulando-os a perceber, destacar e refletir acerca de aspectos desses territórios que não estão necessariamente processados e devidamente mapeados. Nesse sentido, foram criadas aproximações *a priori* a partir de grupos ligados à luta por moradia e à produção artístico-cultural, que reconhecem e interagem com a dimensão social e material do bairro em que instalam suas sedes e atuações de maneira intensa e potente.

As práticas de interface desses coletivos com os bairros são feitas de maneira a reconhecer a realidade urbana vivida, onde os sujeitos se apresentam como “narradores de si mesmos”, tendo o território como referência simbólica e a matriz do evento cultural como instrumento de vínculo com o lugar.

A existência desses agentes – e de suas atuações – coloca a cultura como possível ferramenta de reversão de desigualdades historicamente constituídas na busca por garantia de direitos, como acesso, possibilidade de reflexão e pensamento crítico a partir da conscientização coletiva e como ampliação das possibilidades de

pensar e construir elementos comuns de cidade, sociedade e vida coletiva, através da valoração de minorias de direito e de reconhecimento. Reconhecer esses coletivos, significa incorporar as experiências reais do território, com sua potência e força. Como primeira atividade de Oficina Coletiva, os trabalhos tensionaram intenções propositivas para, a partir delas, desenvolverem espacialidades correlatas. Ao longo do desenvolvimento dos trabalhos, os alunos se aproximam, conforme seus recortes de interesse, em tantos outros agentes de vida do território.

No final de cada semestre é marcado retorno das atividades desenvolvidas para os agentes que, inicialmente, estiveram conosco. O arcabouço de estudos e propostas é disponibilizado para que possam virar possíveis instrumentos de atuação política dos coletivos.

Conclusões

Método e construção empírica: exercita-se o experimento de metodologia onde coabitam e se realizam teoria e lutas cotidianas. Nossas proposições e pensamentos dialogam com a ideia de realidade concreta e com a noção de pertencimento de mundo. Temos, portanto, o lugar de pensar no futuro do futuro. A Universidade se apresenta como ferramenta, não só de formação e reflexão, mas como instrumento que busca contribuir com o debate crítico e a formulação de pensamentos políticos-projetuais, numa criação de ode ao pensamento que se comunique com a ação efetiva através da criação de elementos concretos, para discutir o direito ao espaço habitado, capaz de transformar a cidade em espaço de experiência a ser vivida.

Como designo, pensar e repensar a noção de projeto como eixo condutor da Arquitetura e do Urbanismo, vai ao encontro da criação de uma mudança de imaginário ao alcance de um devir, com potência e proposição necessárias para que a própria lógica de futuro ajude a pensar a ideia do que é a nossa prática cotidiana. Discutir sobre o sentido da Arquitetura e do Urbanismo por meio do fazer projetual é uma possibilidade para nos posicionarmos a partir da construção da pergunta, já colocada anteriormente e aqui retomada: o que os nossos campos de conhecimento, por meio do balizamento do debate social, do entendimento da Arquitetura e do Urbanismo como ferramentas de discussão, produção e atuação dos cidadãos na busca pela cidadania, traz de conhecimento para o outro?

Nossa procura, nessa experiência de ensino e aprendizagem entre outras importantes demandas, é a de buscar, criticamente, possibilidades ao projeto frente às novas tarefas de forma outra, utilizando a condição urbana e social encontrada como matrizes de pensamento e proposição.

A partir destes agentes, algumas questões podem ser levantadas como estruturadoras de uma hipótese (ou de hipóteses) ao projeto urbano e de arquitetura pública. Por aqui caminhamos na tentativa de construir outros debates que coloquem em pauta o projeto necessário, pela potência e clara intencionalidade de ação emancipatória que ele pode e deve ter.

Referencias bibliográficas

ARENDRT, Hannah. **Ação e a busca da felicidade. Ensaios Contemporâneos.** Vol. 3. São Paulo: Bazar do Tempo, 2018.

BBC. **Lista de bilionários da Forbes ganha 20 brasileiros e tem crescimento recorde na pandemia.** 2021. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56660692>
Acesso em: 20 abril 2021.

GUATELLI, Igor. **Contaminações construtivas do espaço urbano: cultura urbana por intermédio da intertextualidade e do entre**. São Paulo: Revista da Pós FAUUSP, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1981.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. N1 edições. 2018.

PNAD. **IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2015. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html>. Acesso em: 10 fevereiro 2021.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: ed.34, 2005.

REDE BRASIL ATUAL. **Número de pessoas com fome vai a 19 milhões, e insegurança alimentar dispara no Brasil**. 2021. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2021/04/pessoas-com-fome-19-milhoes-inseguranca-alimentar-dispara-no-brasil/>. Acesso em: 20 abril 2021.

ROLNIK, Suely. **Esfemas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WENDERS, Wim. **Como as fronteiras lhe constroem** in MACHADO, Cassiano Elek (org). *Pensar a cultura*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial. Série Fronteiras do Pensamento, 2013.

Autores

Antonio Aparecido Fabiano Junior. Formado pela PUC-Campinas (2001), mestre pela FAUUSP (2010) e doutorando pela mesma Universidade. Atualmente é professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie onde atua no NDE, EMAU Mosaico e atividades extensionistas. Premiado nacional-internacional com projetos de arquitetura e orientação de trabalhos acadêmicos.
antoniofabianojr@gmail.com

Lizete Maria Rubano. Formada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1981), mestre e doutora pela FAUUSP (1992, 2001). Atualmente é professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie onde atua no NDE, com pesquisa em Habitação Coletiva e Cidade. Coordena o EMAU Mosaico e o Br Cidades SP. lmrubano@gmail.com

PENSAR-NOS DESDE EL HACER Reflexiones desde una propuesta académica que nace de la extensión.

Eje/Eixo Temático 2

Equipo docente Taller de Diseño de Cooperativo
Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño
Universidad Nacional de Córdoba

Resumen

En el presente trabajo pretendemos convidar reflexiones surgidas en torno al “hacer” arquitectónico, especialmente aquel ligado a la academia, el que ocurre en los talleres universitarios, en la FAUD. Estos planteos surgen ligados a una práctica extensionista que pretende acercar a los estudiantes las herramientas y conocimientos para trabajar en el territorio, enmarcado en el formato de una materia electiva. Para eso, se vale de una metodología flexible, procura no clausurar a priori la programación curricular y desenvolver los procesos de aprendizaje-diseño a partir de problemáticas situadas.

Entendiendo, además, que el concebir el proyecto como una herramienta para la transformación social, implica en primer lugar considerarlo como una herramienta para transformar nuestras prácticas disciplinares, académicas, desde la extensión.

Y en ese revisar nuestro hacer, indisciplina nos, animarnos a un andar un tanto errante. Para re-hacernos. Con otros.

Palabras clave: **hacer, transdisciplina, problema situado, extensión, diseño participativo.**

Resumo

No presente trabalho pretendemos convidar reflexiones surgidas em torno ao “fazer” arquitetônico, especialmente aquele ligado à academia, o que ocorre nos ateliers universitários, na FAUD-UNC. Estas colocações surgem relacionados à uma prática extensionista que pretende trazer mais perto aos estudantes as ferramentas e conhecimentos para trabalhar no território, no marco do formato de uma disciplina eletiva. Para isto, usa-se uma metodologia flexível, que procura não enclausurar à priori a programação curricular e desenvolver os processos de aprendizagem - desenho a partir de problemáticas situadas.

Entendendo, além de mais, que conceber o projeto como uma ferramenta para a transformação social, implica em primeiro lugar o considerar como uma ferramenta para transformar nossas práticas disciplinares, acadêmicas, desde a extensão.

E nesse revisar nosso fazer, indisciplina-nos, animar-nos à um caminhar um

tanto errante. Para re-fazernos. Com outros.

Palavras chave: **fazer, transdisciplina, problema situado, extensão, desenho participativo.**

Hacer-Nos

Según Jean Paul Sartre “Somos lo que hacemos con lo que hicieron de nosotros”, podríamos partir por preguntarnos como ex estudiantes de la FAUD, y como profesionales de la arquitectura, qué hicieron de nosotrxs, qué formación tuvimos, o en cambio, tomarlo como un desafío: qué futuros arquitectxs queremos contribuir a “hacer”. La experiencia del Taller de Diseño Cooperativo¹ transita parte de esa reflexión, es el desafío de construir un espacio académico que exceda los límites de la facultad y se construya con el otro, con los otros. Es un proceso que se va redefiniendo, reconfigurando, construyendo a través de la práctica, a través del HACER concibiéndolo como constitutivo, entendiendo que necesitamos del otro para aprender, para afirmarnos y diferenciarnos, en la búsqueda de constituir nuestras identidades necesitamos del desafío que supone la diferencia, la construcción está en el vínculo con otros.

Es inevitable interrogarnos sobre cómo se forma en nuestras facultades, qué rol cumple hoy la universidad en nuestras sociedades, y cuál es nuestro rol como arquitectxs y qué arquitectura queremos hacer.

Nuestras facultades se encuentran cada vez más alejadas de la problemática de nuestras sociedades latinoamericanas, en la búsqueda de ¿complejidad? No ¿Innovación? no ¿originalidad? responden a problemas que poco tienen que ver con lo que nos pasa en nuestra cotidianeidad, por lo que nos atraviesa en nuestro día a día sino más bien a intereses del mercado. Como parte de la Universidad Pública estamos convencidxs de que tenemos la responsabilidad y el compromiso de resolver los problemas concretos que hoy atraviesan nuestras complejas realidades, porque entendemos además, a la arquitectura como servicio, como **herramienta para transformar nuestras realidades.**

Esta distancia entre los problemas reales de la sociedad y sobre los que ensayamos y problematizamos en la academia, también se verifica a la hora de encarar los procesos de diseño. Plantear usuarios universales, inespecíficos, contextos vacíos que invisibilizan las problemáticas que se dan en el territorio como si no existieran, acentúan esa brecha entre el arquitectx y la realidad.

La Reforma Universitaria del 18 reivindicaba la función extensionista de la universidad, la idea de función social de la universidad; buscamos retomar estos valores entendiendo el conocimiento como una construcción social, en donde es necesario consolidar espacios de diálogo con los distintos actores, por ello pensamos al TDCOOP como un taller de formación-acción en extensión universitaria, para encontrar herramientas que nos permitan intervenir en los procesos colectivos, e involucrarnos en las prácticas cotidianas de las comunidades.

En ese sentido, durante el transcurso de los años desde que inició el taller, en el 2016, se ha ido conformando un equipo de trabajo de extensión universitaria, que se desenvuelve en especial en Barrio Alberdi, en donde la continuidad a lo largo de

¹ El Taller de Diseño Cooperativo TDCOOP Forma parte del Taller 36 de arquitectura y ciudad, el cual es un colectivo conformado además por las Cátedras de Arquitectura 3 A, Arquitectura 6 C y el programa radial Arquitectos al Aire, y tiene como ejes de actividad además de la académica, la extensión, la investigación y la comunicación

los años ha permitido una dinámica de cooperación mutua y sinergia entre la academia y el barrio.



fig.1 Línea de tiempo del TDCOOP

A través de esas experiencias, el TDCOOP intenta deconstruir la forma de trabajo de los talleres de diseño tradicionales-hegemónicos que se dan en nuestras facultades, buscando construir el conocimiento a partir de la experiencia, una experiencia signada por el diseño participativo, donde el proceso se vuelve parte fundamental, como así también lo colectivo, lo cooperativo y el compromiso asumido con la realidad.

Esta forma de trabajo, en donde el barrio y los procesos sociales, políticos, culturales etc, procesos complejos que se van dando, constituyen la materia prima para el trabajo en el taller, y determinan que cada año se constituya un nuevo problema a afrontar que surgirá de esta construcción colectiva con los actores sociales que se trabaja. Así, se vuelve necesario establecer una dinámica de taller flexible que se adapte a esta particularidad, en donde lo constante no será el objeto de diseño, o el problema a resolver sino un modo de hacer adaptativo a diferentes situaciones y actores

Citando a Boaventura de Sousa Santos "Así, el trabajo que llevo a cabo con los movimientos sociales, sobre todo en América Latina, es un trabajo de retaguardia, de facilitación, de acompañamiento a los movimientos sociales, es decir, la teoría no está instigando a la práctica, sino que aprende con la práctica; busca profundizar algunos elementos de la práctica..." (Santos, 2009).

Las reflexiones que siguen a continuación retoman estas cuestiones, para establecer esta relación dialéctica entre práctica y teoría, incorporando la experiencia académica que realizamos en el TDCOOP, para poder extraer los elementos claves que lo constituyen como propuesta académica alternativa a partir del "hacer".

Hacer-Cómo

Para repensar los posibles roles de diseñadores y arquitectxs en la sociedad, y a partir de ello, proponer nuevas formas de "hacer", primero es necesario interpelar el modelo hegemónico que prevalece en la academia (y en la profesión). Este modelo resulta, la mayoría de las veces, de carácter individualista, donde se enaltece la figura del arquitectx, como autor, y el objeto diseñado queda reducido a su mero aspecto formal, o como obra de arte. Tiende a concentrar la toma de decisiones en el arquitectx, privando del derecho a decidir a habitantes, constructores, y otros (comunidad al fin), sobre su propio hábitat, al mismo tiempo que reduce (y hasta excluye) el aporte de otras disciplinas y saberes. Es que el modelo de diseñador

que se enseña en las facultades está al servicio de los intereses del mercado, un diseñador “ingenuo”, poco politizado, incapaz de problematizar y generar críticas al sistema dominante, destinado a producir arte-objetos para unos pocos, y contribuir al sistema de explotación capitalista del extractivismo urbano: “Ese extractivismo provoca especulación inmobiliaria que expulsa, desplaza población, aglutina riqueza, se apropia de lo público, provoca daños ambientales generalizados y produce una degradación institucional y social” (CISCSA, 2018).

A partir de esto, desde el TDCOOP, nos proponemos hacer-cómo a través del diseño participativo², para generar un espacio de aprendizaje, construcción y deconstrucción de nuestro rol como profesionales y como académicos, reconociendo que somos partícipes de procesos territoriales más amplios, que incluyen un entramado complejo de actores y otras disciplinas.

En el marco de estas búsquedas, el TDCOOP viene desarrollando una metodología y herramientas de participación que se encuentran en construcción constante a partir del ensayo en experiencias prácticas, en un proceso de construcción, puesta en práctica, crítica, reconstrucción.

Estas herramientas y metodología están dirigidas a generar un proceso de diseño cooperativo, pensado para ser dinámico, flexible, abierto, de carácter participativo y colectivo. Esto supone la construcción colectiva del conocimiento desarrollado de manera intersectorial y trans-disciplinaria buscando generar una relación horizontal entre el equipo de trabajo académico-extensionista, los vecinos y las instituciones, donde todos asumen una participación activa. En este proceso de co-construcción del conocimiento las diferentes partes asuman el compromiso aportando sus diferentes saberes.

A modo didáctico hemos organizado el proceso en 4 momentos: *diagnóstico/ estrategia/ diseño/ gestión*. Éstos no se desarrollan de una manera estrictamente lineal, sino que las etapas se interrelacionan constantemente en procesos de retroalimentación. A priori, esta división no difiere de lo que podría ser un proceso de diseño tradicional, sino que la característica del diseño participativo está en el modo en que se desarrollan estas etapas y las herramientas que marcan el grado de participación de otros actores dentro del proceso, permitiendo la democratización de la toma de decisiones.

Diagnóstico

Es el momento de acercamiento al territorio con la intención de interpretarlo, reconocerlo y comprenderlo de una manera más amplia que exceda lo físico espacial.

Este momento nos tiene que permitir reconocer el estado de situación, los problemas, conflictos, con los que nos encontramos, como así también los deseos necesidades, los recursos/el potencial materiales y humanos con los que contamos. Detectar qué actores intervienen y con cuáles vamos a trabajar.

Es importante hacer partícipes a los vecinos del proceso, ya que son quienes experimentan la cotidianeidad, conflictos, y aspiraciones sobre el territorio que habitan. Para ello confeccionamos herramientas que les permitan expresarse con soltura a través de mapeos y esquemas simples. También el uso de la palabra, a través de encuestas y generando espacios de diálogo y encuentro.

² El diseño participativo apunta a “dejar de concebir la arquitectura como si fuera una obra de arte acabada en sí misma, para entenderla como un proceso continuo y complejo producto de la interacción de múltiples actores” (Palero, 2018). Como tal es una manera de construcción colectiva del hábitat que busca hacer partícipes activos y conscientes a todos los actores involucrados en un proceso inclusivo, dinámico y horizontal.

Estrategia

En este momento se pasa a la construcción colectiva del problema. Se complejizan algunas de las herramientas y procesos elaborados en la etapa de diagnóstico.

Se definen los objetivos y tácticas que vamos a realizar para poder llevar a cabo el proyecto. Definimos las intenciones, metas, acciones, que constantemente serán reformulados dentro de la dinámica de los procesos.

Interpretamos el mapa de actores sociales presentes en el territorio para poder elaborar estrategias de participación conjunta.

Establecemos la cronología de acciones conjuntas, que articule la agenda barrial de las organizaciones con la agenda académica, entendiendo que estos proyectos son pequeños segmentos dentro de los procesos territoriales.

Y por otro lado, se construyen colectivamente las premisas del proyecto, donde podemos empezar a ver ideogramas, prefiguraciones, ideas de partido, etc.

Proyecto

Esta es la etapa de DISEÑO y planificación, en donde nos metemos de lleno con el proyecto arquitectónico, o urbano en sí mismo. En esta etapa también en donde hacemos el trabajo más técnico, propio del arquitectx. Desarrollamos modelos y legajos técnicos.

La comunidad, como siempre es partícipe del proceso, toma decisiones claves del proyecto a través talleres participativos, donde se dan los cruces de saberes, debates, discusiones, etc.

Esta es también la etapa de validación con la comunidad, en la que se dan críticas al proyecto o proyectos que se van presentando, afinando detalles y pensando estrategias de comunicación y construcción.

Gestión

Es el momento de concreción y comunicación del proyecto. La mesa de gestión será la encargada de la toma de decisiones. Esta mesa de gestión es fundamental para la coordinación de los distintos actores, y la gestión y planificación del proyecto, la articulación con los actores intervinientes, la división de tareas y de roles, la gestión de recursos y etc., el proyecto dependerá del funcionamiento de esta mesa, en donde el rol *activo* de la comunidad es fundamental.

Cabe aclarar que todo este proceso se construye en conjunto con la comunidad a quien está dirigido, así como otros actores que pueden o no participar del proyecto. De esta manera las decisiones se toman en colectivo, donde cada parte asume el compromiso aportando saberes propios y únicos. A su vez es dinámico e impredecible, por lo que está sujeto a cambios en el territorio y debe ser capaz de adaptarse a diversas circunstancias.

Durante el cursado de la materia todo este proceso se comprime en un cuatrimestre, donde los estudiantes interactúan con las problemáticas reales de la comunidad, se realizan talleres participativos, encuentros con lxs vecinxs, y asesores de otras disciplinas. Debido al corto tiempo este nunca es un proceso terminado, sino que es uno de apertura, donde los estudiantes se llevan la experiencia de diseñar con un usuario real, se enfrentan con la realidad y a un compromiso que va más allá del que tienen con la currícula académica. Por su parte, para la comunidad, este es un proceso de construcción y complejización del problema, que finalmente se ve reflejado en una serie de insumos gráficos desarrollados en los talleres y encuentros. Estos

insumos (mapeos, planos, imaginarios, ideas de proyecto, entre otros) entregados a la comunidad funcionan como herramientas de disputa con otros poderes, y como base para seguir discutiendo y completando los proyectos.

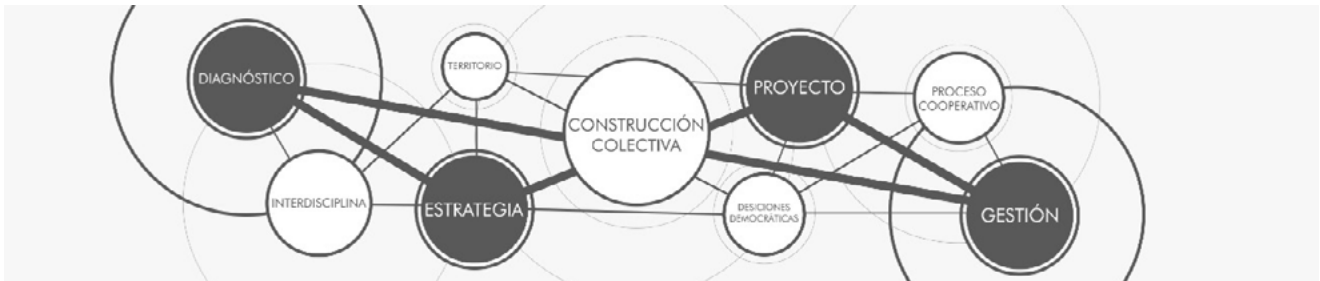


fig.2 Esquema de la metodología de diseño cooperativo

Hacer-Con

Un espacio académico que surge desde la práctica extensionista, comprendida como un hacer-se en el territorio, ha atravesado inevitablemente, una crisis en su disciplina. Ha debido revisar las reglas que regían su conducta, porque no siempre le eran adecuadas. Se ha in-disciplinado primero. Y luego, trans-disciplinado para poder hacer CON otros.

La noción transdisciplina³ que compartimos refiere “a la construcción de saberes de manera colaborativa y a partir de diversos tipos y formas de conocimiento, con la participación de personas de dentro y de fuera de la academia (...). En los proyectos transdisciplinarios lo que interesa no es únicamente producir nuevo conocimiento, sino también escuchar distintas voces para de manera conjunta identificar los problemas que están afectando a las comunidades (...). Una de las dimensiones de la transdisciplinariedad es la colaboración intersectorial, donde las cuestiones organizativas y prácticas están estrechamente enlazadas con la producción colectiva de conocimientos.” (Alatorre et al., 2016).

El término intersectorial, es vital para un diseño cooperativo, donde se pretende integrar diversos sectores sociales, académicos, gubernamentales en pos de revisar problemas multicausales, desde una lógica de relaciones de colaboración no jerárquicas. Por esto es que, en cada proceso proyectual afrontado, procuramos una co-construcción del conocimiento donde confluyen saberes diversos involucrando en este proceso de enseñanza/aprendizaje actores sociales, referentes de otras disciplinas académicas, estudiantes y docentes.

Dicho esto, intentaremos acercar cómo se producen estos procesos en el taller, y cómo generamos algunas instancias propiciatorias, a partir de la experiencia transitada en el año 2020.

Durante el año 2020, por razones sanitarias de público conocimiento, nos encontramos ante la necesidad de repensar el programa académico y los procesos participativos en los modos a los que estábamos habituados para lograr ajustarlo a una edición virtual. Esto generó grandes dificultades pero también algunas potencialidades que queremos rescatar: una continua búsqueda y aprendizajes de nuevas herramientas durante el cursado, que nos permitieron sostener y generar nuevos espacios de debate y de producción colaborativa, y “presencias” (de modo

3 Otrxs autorxs emplean la noción “transgnoseología” en un sentido similar, entendiendo la gnoseología como un campo superior a la epistemología (donde quedarían contenidas las “disciplinas” académicas concebidas desde el enfoque hegemónico), comprendiendo otro tipo de saberes.

virtual, claro) en los talleres, de compañeros y protagonistas, desde territorios más lejanos.

Nos interesa también destacar que, por primera vez desde el comienzo de este espacio curricular, nos encontramos con un taller integrado en cantidades equiparadas por estudiantes de arquitectura y de diseño industrial (las dos carreras que se dictan en nuestra casa de estudios). Conformar un taller con estudiantes y coordinadores de ambas especialidades estuvo en la génesis de la propuesta, y año tras año se fueron generando diferentes cruces hasta consolidarse como una materia electiva para ambas carreras. He aquí un logro que habilita el diálogo entre enfoques cercanos pero con diferencias, y complementarios.

Retomando lo anterior, es en este contexto inédito que comenzamos el cursado de la materia, donde abordamos 3 procesos diferentes en simultáneo: uno con una trayectoria conocida, muy consolidada y cercana en B° Alberdi (1), con vínculos territoriales afianzados; y dos nuevos proyectos con nuevos actores y problemáticas por conocer (2 y 3). Dividimos, para ello, el taller en 3 equipos de coordinadores y estudiantes. El proceso de aprendizaje-diseño estuvo vinculado a (1) propuestas para la recuperación de la ex Cervecería Córdoba, que sobre la marcha mutó hacia el diseño del Mercado Popular de Alberdi; (2) propuestas de reorganización del espacio para el Club Cibi B° Ituzaingó; y (3) propuestas para la ampliación del programa del Museo Arqueológico Argentino Ambato.

En función de las lógicas propias de cada espacio se sumaron a participar de los equipos, coordinadores invitados que acompañaron el proceso desde sus saberes. Así incorporamos a los procesos de diseño cooperativo, referentes y amigos con saberes y recorridos en experiencias relacionadas al Diseño Industrial, Bioconstrucción, Arquitectura (de Costa Rica), Huertas comunitarias, Trabajo Social. El carácter intersectorial se refuerza con los aportes de los participantes de la Comisión del Club, de algunos integrantes de la Asociación Amigos del Museo Ambato y los miembros de la Red Pueblo Alberdi.

El curso del taller se organizó en función de las cuatro etapas metodológicas antes descritas. Realizamos cuatro talleres participativos on-line (para abordar Diagnóstico, Estrategia, Diseño, Gestión) donde confluyeron estudiantes, asesores (coordinadores invitados), equipo docente y actores sociales de cada proyecto. Talleres que generaron grandes tareas de coordinación y creatividad para llevarlos a cabo de manera virtual, eso sí. Y que tomaron también improntas diferentes en cada proyecto, que se definieron desde la iniciativa de los estudiantes a cargo de generar los contenidos y las herramientas participativas necesarias para cada taller. A partir de los disparadores compartidos en estos talleres, lxs estudiantes elaboraron y reelaboraron contenidos y ensayos proyectuales.

Estos talleres se complementaron con instancias participativas más acotadas, por ejemplo, de cada equipo "a solas" con sus respectivos coordinadores-asesores. Diremos que, aun cuando gran parte de la experiencia se realizó hacia adentro de estos 3 equipos, las instancias de construcción y debate del taller completo resultaron enriquecedoras y permitieron complementar lo aprendido.

La incorporación obligada de la instancia "virtual" en el cursado, nos permitió también acercar a los estudiantes a profesionales que construyen procesos participativos como los que estábamos transitando tanto de nuestra realidad local, como de diferentes países hermanos, y así pudimos generar dos instancias de charla-debate con experiencias participativas como parte del proceso académico, que incorporaron al proceso de enseñanza-aprendizaje del año lectivo 2020 miradas del hacer participativo en diferentes contextos enriqueciendo aún más la integralidad del proceso.

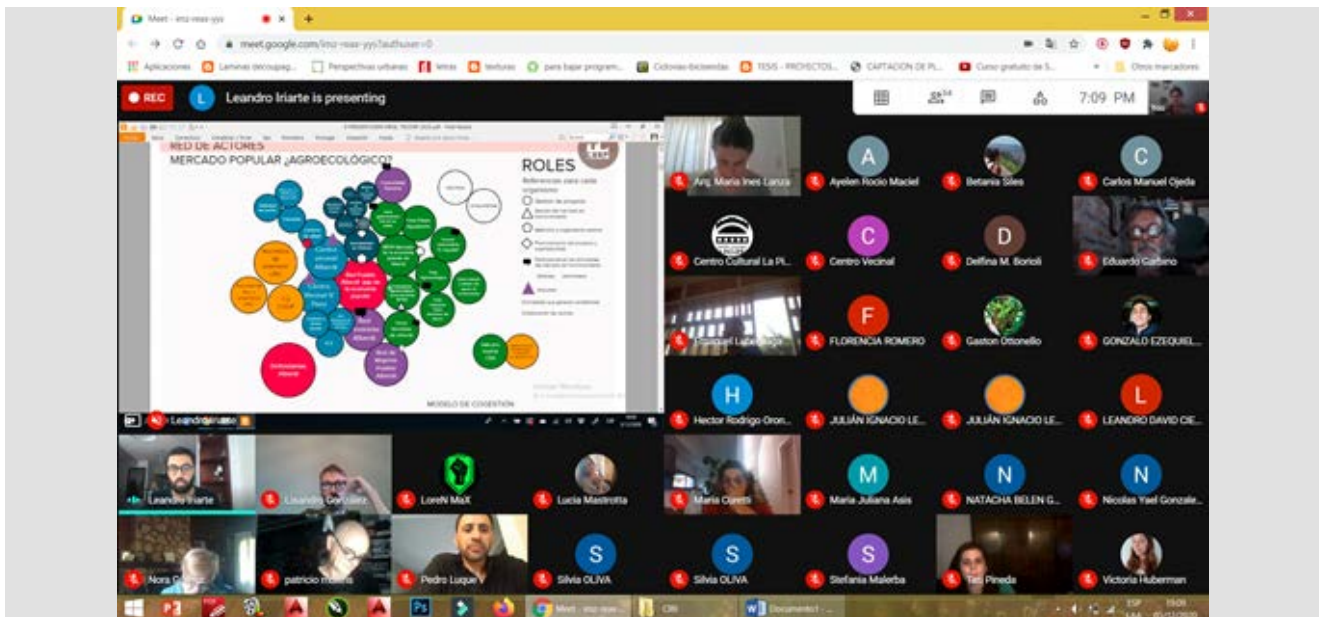


fig.3 Taller virtual participativo de estrategia

Hacer-Qué

Entendemos que realizar un proceso participativo en el trayecto académico de un cuatrimestre –acotado, breve, con ciertas limitaciones de tiempos y espacios– se sostiene por la continuidad que el equipo docente mantiene en sus vínculos con actores y territorio, y en el trabajo conjunto, a lo largo de todo el año lectivo, y a lo largo de varios años lectivos⁴. Al mismo tiempo, y a riesgo de remarcar una obviedad, estos actores, este territorio, están en constante movimiento, sostienen sus luchas y resistencias desde hace mucho más tiempo, ven surgir nuevas problemáticas y nuevas posibilidades: por lo cual cada ejercicio académico cuatrimestral se inserta en una determinada coyuntura, a la que debemos adaptarnos. Es por esto que el programa del taller requiere no ser definido estrictamente *a priori*, y valerse de esa metodología flexible que hablamos, de ese HACER-CÓMO que permite un andar orgánico, incluso un tanto errante, se va construyendo en el hacer, en la práctica misma.

Por otro lado, un espacio que emerge desde la práctica extensionista, es necesariamente un espacio “curioso” ante el territorio. Interesado por comprenderlo y por interpelarlo. La problemática o “tema-problema”, a partir del cual se tracciona el proceso de diseño se *sitúa* en un entorno concreto y cercano: rostros, historias, saberes, prácticas, conflictos, posibilidades materiales (y más) también, concretos y cercanos⁵. Existe en esta perspectiva de lo *situado*, una decisión política que tiene que ver con el interés por rastrear lo que no puede leerse a simple vista, lo que está por detrás (de las prácticas académicas-arquitectónicas en este caso), lo muchas veces silenciado. La aproximación al diseño cooperativo pretende entonces ser un acercamiento a “un proceso social de aprendizaje colaborativo realizado por grupos de personas que se unen para cambiar las prácticas a través de las cuales interactúan en un mundo social compartido”. (Vasilachis de Gialdino, 2013)

⁴ El Trabajo en Alberdi, tiene como antecedentes previos antes de la formación del TDCOOP las experiencias realizadas por el Taller 36 y la cátedra de Arquitectura C, que fueron las bases de los vínculos con el barrio

⁵ Buzaglo resalta la importancia de poder reconocer “bienes disponibles”, tangibles e intangibles, materiales, culturales, sociales, políticos, económicos, ambientales, experiencias, saberes, oficios.

Nuestro territorio de acción, como mencionamos, viene siendo barrio Alberdi desde el 2016, pero en particular, las experiencias del 2019 y el 2020, en la definición del tema problema a desarrollar en el trabajo de extensión y en el Taller, son ejemplos claros de cómo, la coyuntura barrial y el proceso social por el que atraviesa, nos interpela para construir ese hacer-qué a partir del cual se desarrollará el proceso de diseño participativo.

La edición 2019 nos encontró con vínculos afianzados con el Centro Vecinal de Alberdi, logrados a partir de experiencias anteriores. El comienzo de ese año trajo novedades en cuanto a lo organizacional en el barrio: se había terminado de consolidar la Red Pueblo Alberdi, un espacio intersectorial de encuentro, discusión, trabajo y gestión colectiva⁶. La Red esbozó un proyecto de planificación territorial bajo el nombre de “Habitando el Espacio Público” el cual pretende hacer sinérgicos los esfuerzos vecinales, las acciones de diferentes instituciones (público-privadas), organizaciones y actores sociales del sector, y el trabajo de campo de diferentes unidades académicas en el sector, para disputar el derecho a decidir y proponer sobre la ciudad, sobre la vida común, otorgándole un protagonismo especial al espacio público. El taller del TDCOOP ese año se orientó, entonces, a partir de la propuesta de recuperación de distintos espacios públicos pensada por la Red, seleccionando, en conjunto, 4 de ellos (lo que consideramos acorde a la cantidad de estudiantes). Para el trabajo en



fig.4 Puesta en común del trabajo de la comisión de la Plaza San Jerónimo



fig.5 Exposición del trabajo de lxs estudiantes en el encuentro de la Red Pueblo Alberdi

taller y en territorio, se organizaron a partir de ello 4 comisiones de estudiantes, con la presencia de dos docentes-adscriptos, que funcionaron como nexo articulador entre los estudiantes y los actores-instituciones del territorio, abocadas cada una a un espacio público definido por la agenda barrial. Los 4 frentes de trabajo se establecieron en: 1) Pasaje Aguaducho, 2) Plaza del cementerio San Jerónimo, 3) Isla de los patos, 4) Villa Páez. Cada uno de estos procesos tomó una impronta propia, definida por los actores involucrados y su interés y disponibilidad para la participación en cada caso, y las problemáticas y posibilidades particulares.

Con el inicio del año 2020 el escenario en Alberdi cambió por completo debido a dos eventos claves: el primero, de carácter mundial, la pandemia; y el segundo, el ingreso de la Municipalidad como actor clave interesado en intervenir y participar de los procesos en conjunto con la Red. Ambos solicitaron diferentes conflictos y situaciones a resolver.

La situación sanitaria y las medidas de confinamiento estricto profundizaron, en el sector, problemas estructurales de falta de empleo, habitacionales, económicos, entre otros (como en tantos otros sectores del país y del

⁶ La designación “Pueblo Alberdi” hace referencia a un territorio amplio que excede al actual barrio Alberdi, involucrando otros barrios y sectores aledaños, en consonancia con el “barrio-pueblo” de las primeras expansiones de la ciudad. La Red Pueblo Alberdi está integrada por los Centros Vecinales de Alberdi y Villa Páez, junto a organizaciones sociales, instituciones barriales y universitarias de la UNC. El Taller de Diseño Cooperativo participa de esta organización

mundo). Por otro lado, el interés del Estado municipal por participar de modo más presente y decisivo, en los procesos de transformación territorial promovidos por la Red Pueblo Alberdi, trajo consigo dos consecuencias: la posibilidad de negociar/dialogar de modo directo con el Estado – lo cual habilita recursos económicos, humanos e institucionales de mayor escala– y, al mismo tiempo, intereses e intenciones propias que pasan a formar parte del complejo entramado de actores, de relaciones y disputas.

Al mismo tiempo, la Red de Pueblo Alberdi, entre finales de 2019 y comienzos de 2020 había conformado un equipo de trabajo dedicado a la recuperación de la ex Cervecería Córdoba, un espacio símbolo de la lucha barrial y con fuertes connotaciones identitarias para Alberdi, como un eje clave en su proyecto Habitando el Espacio Público, que hoy se encuentra judicializado, lo cual abre una posibilidad para su recuperación para el barrio. La preparación de la currícula nos encuentra en sintonía con este proceso particular.

Uno de los Ejes más contundentes en los que se venía discutiendo el tema de la Cervecería era el de la Economía Popular, debido a la potencialidad de los viejos galpones de recuperar su perfil productivo para el sector. Además una de las problemáticas que más se profundizaron con la pandemia fue la falta de empleo y los problemas económicos de las familias, por lo que se activaron en el barrio ferias de la economía popular, y redes de contención económicas, siempre con la solidaridad que caracteriza al barrio. Por esto al llevar la problemática de la Cervecería al taller se hizo foco en el carácter productivo de la misma.

Este primer taller participativo virtual de Diagnóstico se realizó en Agosto y fue una experiencia muy enriquecedora gracias a la preparación y planificación, y la riqueza de actores, en que participaron referentes del centro vecinal, y ex trabajadores de la Cervecería y tuvo como eje a la ex cervecería. Pero como mencionamos, la incorporación de la Municipal en el territorio como actor clave, puso el punto de internar en un nuevo horizonte de trabajo en relación al Eje de la Economía Popular, El Mercado Popular de Alberdi, ya que la Municipalidad propuso reutilizar el ex Registro Civil, ubicado en la calle Colón para la apertura de un Mercado, recuperando el uso que supo tener el edificio, también de gran valor patrimonial, direccionando la agenda de la red Alberdi hacia ese espacio público y con ello nuestro nuevo tema-problema. Esto determinó que si bien las primeras instancias de acercamiento hacia la problemática de los estudiantes había estado dirigido hacia la cervecería, la flexibilidad del proceso, y la forma en la forma en que se trabajó diagnóstico participativo realizado y la lectura de problemáticas del barrio, permitió que eso se realizara de forma natural entendiendo que es parte de los procesos de la Red del que veníamos siendo parte.

El acompañamiento a la Red Pueblo Alberdi en ese proceso particular consistió en el diseño participativo del espacio, junto a los actores involucrados en la generación de este nuevo Mercado. Lo realizado en el año, por lxs estudiantes, fue recopilado y procesado en una carpeta síntesis que se entregó a la Red como insumo para seguir construyendo en colectivo la problemática del Mercado que se continúa desarrollando.

Si bien el trabajo de los estudiantes terminó, nuestra labor como equipo de extensión continúa hasta hoy acompañando a la red en proyecto del Mercado y retomando también proyecto de recuperación de ex Cervecería, el cual se retomó luego de que la Municipalidad, a partir de la lucha de la red y las negociaciones por ponerla en agenda, decidiera dar lugar a la posible recuperación de ciertos sectores del predio como espacio público.

Reflexiones para Seguir Pensando-Nos

Pensar la experiencia del TDCOOP desde el hacer, en constante construcción, es un desafío, en donde la reflexión y el pensamiento crítico son fundamentales para poder realizar una práctica consciente y comprometida. La construcción tiene que ser dialéctica entre práctica y teoría, cada una se retroalimenta de la otra necesariamente.

La promoción de un *hacer situado* responde también a una mirada que reconoce el poder legitimador de la institución Universidad para la sociedad, y que lo aprovecha y pone a disposición de los sectores de la comunidad que no siempre son escuchados, visibilizados, acompañando sus disputas.

Quizás las limitaciones de una materia electiva cuatrimestral son muchas. Tal vez no logramos grandes transformaciones en el territorio, junto con lxs vecinxs, como quisiéramos. Ni mucho menos en el mundo académico-universitario. Pero sí creemos que nuestros mundos, los de docentes, estudiantes- y porque no los de vecinxs y otros actores participantes- se transforman en estos procesos de construcción de conocimiento colectivos, de reflexión y acción. Los talleres se abren, se vuelven porosos. Las miradas sobre la arquitectura y las maneras de hacer y saber también.

¿Por qué estos espacios “sociales/participativos-comprometidos” siempre están desdibujados dentro de la currícula en la academia? Es necesario seguir fortaleciendo estos espacios. Si bien dentro de la currícula académica el TDCOOP es un espacio alternativo, una asignatura electiva, lo entendemos también como un espacio de disputa, de resistencia dentro de la academia entendiendo que como decía el subcomandante Marcos “las grandes transformaciones no empiezan arriba ni con los hechos monumentales y épicos, sino con movimientos pequeños en su forma y que aparecen como irrelevantes para la política y el analista de arriba”.

Bibliografía

-ALATORRE, G., MERÇON, J., ROSELL, J., BUENO, I., AYALA, B. y LOBATO, A. (2016) Para construir lo común entre los diferentes. Guía para la colaboración intersectorial hacia la sustentabilidad. México: Códice Servicios Editoriales.

-BAUMAN, Zygmunt (2006) Refugiarse en la caja de Pandora o miedo y seguridad en la ciudad, en Vida Líquida. Buenos Aires: PAIDOS.

-BUZAGLO, Alejandra (2018) Gestión colaborativa y co-producción en arquitecturas contemporáneas. Memoriales en el espacio público de Rosario como laboratorio (2006- 2016). Tesis Doctoral. Doctorado en Arquitectura - Facultad de Arquitectura Planeamiento y Diseño - Universidad Nacional de Rosario.

- CISCsa Ciudades Feministas (2018) Extractivismo Urbano. Ciudades en disputa. Recuperado de: <https://www.ciscsa.org.ar/post/2018/05/31/extractivismo-urbano-ciudades-en-disputa>

- PALERO, J. Santiago (2018) Arquitectura participativa, un estudio de tres autores: Turner, Habraken, y Alexander. Tesis doctoral. Doctorado en Arquitectura - Facultad de Arquitectura Urbanismo y Diseño - Universidad Nacional de Córdoba.

-SANTOS, Boaventura de Sousa (2009) Una epistemología del sur: la reivindicación del conocimiento y la emancipación social. México: Siglo XXI-CLACSO.

-VASILACHIS DE GIALDINO, Irene (2013) Prólogo a la edición en castellano en DENZIN, N. y LINCOLN, I. (2013) Investigación Cualitativa: Metodologías, Estrategias, Perspectivas, Propósitos. España: Gedisa.

-ZIBECHI, Raúl (2009) Territorios en resistencia. Cartografía Política de las periferias urbanas latinoamericanas. Buenos Aires: La Vaca Editora.

Autores:

Taller de Diseño Cooperativo. Equipo Docente integrado por (prof. a cargo) Patricio Mullins, (prof. asistente) Lisandro González, (adscriptxs) Beatriz Pineda Caracciolo, Josefina Centeno, Leandro Iriarte, María Inés Lanza, Stefania Malerba, Emanuel Luberrriaga, (ayudante alumno) Nicolás González. Espacio académico que funciona como materia electiva del 5º nivel de la Carrera Arquitectura desde 2016, y de la carrera de Diseño Industrial desde 2020, en la FAUD-UNC.

El TDCoop propone un proceso de enseñanza-aprendizaje que transita en contextos complejos de la realidad Latinoamericana, ensayando estrategias didácticas que se nutren de la articulación interdisciplinar e intersectorial. Con el objetivo de “aprender a hacer, aprender a aprender, aprender a ser” se propone una reflexión crítica desde un proceso de diseño colectivo y planificación solidaria del hábitat. tdcoopfaud@gmail.com

UM OLHAR SOBRE O PAPEL DA EXTENSÃO: Universidade e Movimentos Sociais na Luta pelo Direito à Cidade

Eje/Eixo Temático 2

Danielle de Melo Rocha

Fabiano Rocha Diniz

Departamento de Arquitetura e Urbanismo / DAU

Centro de Artes e Comunicação, Universidade

Federal de Pernambuco / UFPE

Resumo

Baseadas na tríade de ensino, pesquisa e extensão, as universidades brasileiras buscam atuar de modo proativo para a conquista de direitos sociais urbanos, apoiando a luta de segmentos sociais excluídos pelo acesso à terra, à moradia digna e ao habitat de qualidade. O artigo tem por objetivo caracterizar e analisar como a Comunidade Interdisciplinar de Ação, Pesquisa e Aprendizagem, da Universidade Federal de Pernambuco, em sua ação extensionista, contribui para o protagonismo dos movimentos sociais na produção do espaço urbano. Toma-se como referência o caso da colaboração com o Movimento de Lutas nos Bairros, Vilas e Favelas, por sua relevância em termos de duração e resultados. Extraem-se lições do intercâmbio Universidade/Movimento Popular, na análise do contexto em que se deram as atividades de extensão para a concepção, construção, gestão, avaliação de resultados e replanejamento do conjunto habitacional Dom Hélder Câmara, na Iputinga, Recife. Na análise, busca-se resposta a duas questões-chaves: A extensão universitária tem impacto na conquista de direitos urbanos? Ela favorece a inclusão e a sustentabilidade do processo de produção da cidade? Os resultados apontam que a ação da Universidade reforça vínculos de mutualidade e cooperação dos membros do movimento e seus beneficiários, introduzindo aspectos favoráveis ao desenvolvimento de inovação na luta por direitos urbanos.

Palavras chave: **Extensão universitária, CIAPA, MLB, Direito à cidade, Recife, Conjunto Dom Hélder, Movimentos sociais.**

Resumen

Fundadas en la tríada de enseñanza, investigación y extensión, las universidades brasileñas intentan actuar de forma proactiva para la conquista de derechos sociales urbanos, apoyando la lucha de segmentos sociales excluidos por el acceso a tierra, vivienda digna y hábitat de calidad. El artículo tiene como objetivo caracterizar y analizar cómo la Comunidad Interdisciplinaria de Acción, Investigación y Aprendizaje de la Universidad Federal de Pernambuco, en su acción de extensión, contribuye al papel de los movimientos sociales en la producción del espacio urbano. Se toma como

referencia el caso de la colaboración con el Movimiento de Luchas en Barrios, Villas y Favelas, por su relevancia en cuanto a duración y resultados. Se extraen lecciones del intercambio Universidad/ Movimiento Popular, en el análisis del contexto en el que se llevaron a cabo las actividades de extensión para la concepción, construcción, gestión, evaluación de resultados y replanificación del conjunto habitacional Dom Hélder Câmara, en Iputinga, Recife. El análisis busca dar respuesta a dos preguntas clave: ¿Tiene la extensión universitaria un impacto en el logro de los derechos urbanos? ¿Ella favorece a la inclusión y sostenibilidad del proceso productivo de la ciudad? Los resultados muestran que la acción de la Universidad refuerza los lazos de reciprocidad y cooperación entre los integrantes del movimiento y sus beneficiarios, introduciendo aspectos favorables al desarrollo de la innovación en la lucha por los derechos urbanos.

Palabras clave: **Extensión universitaria, CIAPA, MLB, Derecho a la ciudad, Recife, Conjunto Dom Hélder, Movimientos sociales.**

Introdução

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Lei nº 9.394/1996) estabelece que as universidades brasileiras devem guiar-se pelo tripé ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 2018). Esta última é mencionada pela primeira vez no Decreto-Lei nº 252/1967, que tratava da reestruturação das Universidades Federais orientando que, em sua “missão educativa”, as universidades deveriam “estender à comunidade, sob a forma de cursos e serviços, as atividades de ensino e pesquisa que lhe são inerentes” (BRASIL, 1967, art. 10).

Em sua última atualização, a LDB traz, no inciso VII do artigo 43, do Capítulo IV que trata da Educação Superior (BRASIL, op.cit., 2018) a recomendação de que as universidades promovam a extensão “aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica” desenvolvidas nessas instituições. Presente ainda no artigo 207 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), a efetividade da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão segue sendo um desafio.

A extensão universitária representa um importante canal de comunicação entre universidade e sociedade por favorecer o contato de docentes e discentes com o universo social em que estão inscritos e por oferecer a vários segmentos sociais a oportunidade de valerem-se das capacidades das instituições de ensino superior para se capacitarem e melhor responderem às suas necessidades. Eis, assim, delimitada a dimensão do desafio citado: como pautar a condução de distintas ações de produção, difusão e aplicação de saberes de modo a que elas se conectem intimamente entre si?

No campo disciplinar da Arquitetura e Urbanismo, que tem as questões de ordem socioespacial como alvo, a formação acadêmica, a investigação científica e a prestação de serviços deveriam, por princípio, respeitar o preceito pregado por Merlin e ter como objetivo a “promoção de uma certa equidade territorial” (2007, p.19). Entendida esta como a busca por um equilíbrio na dotação e distribuição das benesses da urbanidade entre todos os ocupantes de um dado território, num país como o Brasil, no qual o nível de desigualdade de renda e condições de moradia é gritante, esse princípio pode pautar a busca, senão pela igualdade plena, ao menos pelo atendimento às necessidades dos diversos territórios que conformam as cidades.

As transformações nessa direção devem se dar paulatina mas contínuas, assim

como se deu a formação dos centros urbanos em questão. Os resultados esperados podem ser vislumbrados em médio e longo prazo, mas tendem a obedecer a outro princípio: o da sustentabilidade, que também tem como pano de fundo a noção da equidade, entre as condições de vida dos cidadãos das atuais e futuras gerações. Isso será alcançado se garantidas no mesmo nível de hoje as condições socioambientais, econômicas e democráticas correspondentes a um habitat urbano de qualidade.

O Recife, capital do estado de Pernambuco, é uma ilustração das cidades brasileiras contemporâneas, tendo se estabelecido com forte participação dos assentamentos ditos espontâneos, consolidados pela porção mais pobre da população, sem planejamento prévio nem dotação adequada de infraestruturas, serviços ou equipamentos urbanos básicos. Este modo predominante de urbanização repercute em desequilíbrios socioespaciais que se expressam em condições de precariedade e risco dos assentamentos e em acidentes (alagamentos e deslizamentos de terras).

Situada no Nordeste do Brasil, região com fragilidades socioeconômicas históricas, a Região Metropolitana do Recife (RMR) apresenta um Índice de Vulnerabilidade Social (IVS, que sintetiza as dimensões trabalho e renda, infraestrutura urbana e capital humano) de 0,331, pior que a média de outras regiões metropolitanas (RM) brasileiras, como a de Fortaleza (0,275) e a de Salvador (0,274). Quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM, que abrange as dimensões longevidade, educação e renda), o da RMR (de 0,748) equivale-se aos das de Fortaleza (0,747) e Salvador (0,748) (PERNAMBUCO, 2019).

O Recife tem uma superfície de 218,84km² e concentra 17,3% e 40,4%, respectivamente, da população de Pernambuco e da RMR, da qual é sede, sendo uma das dez cidades mais populosas do Brasil, com uma população de 1.637.834 habitantes (2018), e uma densidade demográfica de 7.484,06hab./km² (PERNAMBUCO, op. cit., 2019). A organização socioespacial da RMR é fruto de condicionantes físicos e sociais caracterizados por um elevado nível de pobreza: 3/4 da população economicamente ativa recebem menos do que um salário mínimo (R\$ 1.045,00, cerca de US\$ 200,00, em 2020); quase 40% das famílias vivem abaixo da linha da pobreza, com uma renda per capita inferior a R\$ 247,45 (IBGE, 2010).

Em 2014, cerca de 825 mil recifense abrigavam-se em assentamentos pobres e precários, mais de 53% da sua população total (SANEAR, 2014), com 33% do território ocupados por assentamentos pobres. Desde a década de 1980, esta realidade inspira o planejamento urbano local, que passa a respeitar o papel determinante das ocupações de caráter informal e precário na formação da cidade. A concepção das Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), e a implantação do Plano de regularização das ZEIS (PREZEIS) delimitam parte do percurso de resistência de uma “cidade rebelde” (cf. HARVEY, 2014).

Mas a evolução dos padrões de uso e ocupação do solo denuncia: a cidade formal ainda é privilegiada pelas ações públicas, persistem as desigualdades entre os territórios formais e informais, o modelo de uma cidade compacta e verticalizada prevalece nos ditames dos parâmetros urbanos. As áreas pobres em geral, hoje identificadas como Comunidades de Interesse Social (CIS, cf. SANEAR, op. cit., 2014), continuam sob a pressão do mercado imobiliário. No processo de revisão do Plano Diretor do Recife (em curso), a intenção de se extinguir ZEIS por parte de setores vinculados à construção civil e à incorporação imobiliária revela o desprezo à cidade informal. Evidencia-se o apelo da noção de que somente se pode produzir uma cidade segura e confortável a partir das iniciativas formais, encampadas por um segmento nitidamente minoritário da sociedade segundo o ponto de vista dos padrões de qualidade julgados por ele ideais.

Sobressai a constatação de que a alteração nas condições de fruição de um habitat de qualidade não pode estar desvinculada da participação ativa dos cidadãos-cidadãos que participam majoritariamente da produção da cidade. Estes, inseridos no estrato social de mais baixa renda, têm que lutar pelo reconhecimento desse papel na arena das disputas pelo direito à cidade (LEFEBVRE, 2001; HARVEY, 2014). O fortalecimento dessa luta e a efetividade no alcance de direitos urbanos necessita de apoio, visando ao protagonismo real desses atores-produtores da cidade. Paradoxalmente os moradores dos assentamentos pobres do Recife exercitam seu direito à cidade no ato de conceber e construir a cidade, de modo não-planejado e precário, único meio de sua inserção sócio-espacial, ainda que marginal e contra-hegemônica, no território urbano.

Diante da incitação do apoio à inclusão desses assentamentos à cidade, multiplicam-se iniciativas de assistência (científica, técnica, política) à produção social do habitat urbano *lato sensu*. O Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco (DAU-UFPE) toma parte ativa nesse processo histórico nos campos de atividade universitária citados, amparando o segmento popular na condução da gestão do PREZEIS em particular, e na luta por moradia digna nas cidades em geral. Desde 2009, a Comunidade Interdisciplinar de Ação, Pesquisa e Aprendizagem (CIAPA), grupo de pesquisa e extensão vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da UFPE (MDU), compõe a *Red Universitaria Latinoamericana de Cátedras de Vivienda (Red ULACAV)*. Esta, constituída em 1994, agrega pesquisadores latino-americanos cujos trabalhos interdisciplinares abordam a produção social do habitat por meio das atividades de docência, investigação e extensão vinculadas às disciplinas de graduação e pós-graduação e aos grupos acadêmicos.

Em sua prática, a CIAPA busca atuar conforme o ideal pregado por Merlin (2007). A relação de apoio a uma organização comunitária em especial, o Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), que peleja pelo acesso à terra e à moradia urbanas, esclarece a natureza, alcance e dinâmica das ações da CIAPA em prol da produção social do habitat.

Neste artigo, estuda-se o caso de parceria entre MLB e CIAPA-UFPE no processo de concepção, construção, ocupação e pós-ocupação do Conjunto Habitacional Dom Hélder Câmara, no Recife, buscando-se sintetizar sua trajetória e refletir sobre o lugar e o papel desse grupo acadêmico em sua relação com os movimentos sociais organizados. Dentre as análises, importa conhecer os limites da promoção de uma aprendizagem interdisciplinar compartilhada e sua incidência sobre a realidade social e as políticas públicas inclusivas para estabelecer uma sociedade mais humanizada e solidária. Questiona-se o potencial das atividades extensionistas da UFPE na afirmação das ações em prol do direito à cidade como direito a um habitat urbano de qualidade, e ao respeito à participação e ao protagonismo das camadas populares na sua produção. A análise coteja os princípios extensionistas com a concepção do *modus operandi* da CIAPA, os resultados obtidos e os entraves enfrentados em sua atuação. Evidencia-se esta atuação como uma prática “*eminentemente plural*” capaz de fazer frente à complexidade de atores, conflitos e escalas própria às questões urbanas (MERLIN, 2007, p. 26-27).

A natureza interdisciplinar da CIAPA, suas atividades e seus inúmeros membros e colaboradores, é um meio coerente de abarcar as múltiplas facetas das questões urbanas. Dentre estas, destacam-se dois eixos que vinculam a experiência pedagógica, para a qual a extensão contribui: a promoção de melhorias do habitat nos territórios de precariedade e risco; e a sustentabilidade (política, social, econômica, ambiental

e cultural) dos assentamentos e comunidades atendidos. Duas interrogações-chaves orientam a discussão: Em que medida a estruturação e o funcionamento da CIAPA repercutem em avanços na conquista de direitos urbanos como reflexos da inclusividade e da sustentabilidade do processo de produção social do habitat? Que lições trazem as experiências na cooperação Universidade-Movimento Social nesse processo?

1. Um Percurso Singular de Extensão Universitária

No início da década de 2000, a reforma do ensino superior entra na pauta das instituições de ensino federais (IES), trazendo consigo um impulso às atividades extensionistas. Em 2001, a Universidade Federal de Pernambuco criou o programa “UFPE para todos”, com o objetivo de associar as atividades de ensino, pesquisa e extensão às demandas da sociedade, de modo a apoiar municípios ou comunidades no enfrentamento dos problemas sociais. Esse seria o instrumento inicial para a formalização das primeiras disciplinas de extensão nessa IES, sendo o DAU-UFPE um dos primeiros departamentos a se engajar nesse contexto de quebra de paradigmas, tendo como projeto inicial o denominado “Habitação Popular”. Concebido pelo professor Luís De La Mora, ele visava associar a aprendizagem dos estudantes com a prática de projetos e reformas em conjuntos habitacionais de famílias com alto nível de pobreza do Recife, a fim de estimular o processo de articulação da formação acadêmica com os projetos de pesquisa e extensão social dentro dos cursos de graduação e pós-graduação do departamento (DE LA MORA *et al*, 2015).

Em 2003, o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) se voltou ao tema “A construção do sistema universitário brasileiro frente aos desafios para a universidade do século XXI”, que apresentava dentre esses desafios a responsabilidade das universidades no enfrentamento da desigualdade social e da degradação ambiental. Em 2004, a UFPE foi uma das cinco primeiras universidades a aderir ao Programa “Conexões de saberes – diálogos entre a universidade e as comunidades populares”, criado para aprofundar a comunicação entre a universidade e a sociedade por meio da atuação de alunos oriundos de bairros populares que recebiam bolsas de estudo para realizarem pesquisas, cursos de capacitação e serviços sociais em suas comunidades de origem.

Experiências precursoras, de impacto transformador positivo, favoreceriam o reconhecimento do papel da extensão universitária e seriam institucionalizadas em nível nacional pelas políticas públicas de educação superior. Na década seguinte, foi instituída a Política Nacional de Extensão Universitária (2012) e promulgada a Lei nº 13.005/2014, que aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024) contendo as estratégias a serem adotadas para a elevação da taxa bruta de matrícula na educação superior. Entre estas se recomendava assegurar o mínimo de 10% do total de créditos curriculares nos cursos de graduação para realizar programas e projetos de extensão universitária para atender, sobretudo, às áreas de grande pertinência social.

As experiências do “UFPE para todos” e do projeto “Habitação Popular”, encerrado em 2007, oportunizariam um marco nas atividades extensionistas do DAU e da UFPE: a criação da Comunidade Interdisciplinar de Ação, Pesquisa e Aprendizagem pelo professor Luis De La Mora, em 2009. Ator relevante nas conquistas de direitos urbanos, no ensino dos cursos de graduação e pós-graduação do DAU-UFPE, De La Mora destacava-se no ambiente acadêmico por sua atuação no apoio aos movimentos populares, aos quais se juntava muitas vezes na qualidade de ativista. A razão de ser

da CIAPA era respaldada pela existência de uma demanda social concreta, condição sine qua non para intervenção extensionista por ele estabelecida: a experiência do projeto Habitação Popular, envolvendo famílias participantes do MLB, estabeleceu vínculos de confiança mútua e de cooperação em torno dos mesmos objetivos.

Como delimitado pelo seu fundador, podem ser enquadradas como ações de extensão da CIAPA tanto aquelas de natureza institucional quanto as desenvolvidas individualmente pelos seus membros, podendo tratar-se de: a) Eventos de divulgação técnica e científica – seminários, oficinas abertas, conferências; b) Participação em processos de criação ou funcionamento de mecanismos de formulação e gestão de políticas, programas e projetos habitacionais ou urbanos que contribuam para a inclusão social; e/ou c) Formação de membros da sociedade civil e organismos governamentais para sensibilizá-los ou capacitá-los para implementar projetos incluídos.

Mas outras características somam-se a essa gama de ações, delineando a CIAPA como um caso singular. Sua atuação se dá predominantemente em articulação interdisciplinar com outros departamentos e parceiros da sociedade civil organizada. O fortalecimento dos processos coletivos participativos de luta pelo direito à cidade e à moradia é respaldado, tendo-se como base a ótica de que a disputa por esses direitos se estabelece em uma construção dialética: reconhece-se que os embates para sua concretização devem se dar em uma arena político-institucional, onde os conflitos emergem da correlação de forças desigual travestida pelo falso discurso da racionalidade tecnocrática que privilegia a dicotomia entre o saber técnico o saber popular.

2. Fundamentos Para A Atuação: Direito À Cidade, Inclusividade E Sustentabilidade Como Campo De Aprendizagem

2.1. Em busca da inclusividade: o empoderamento social através da formação e prática

Frente ao quadro de exclusão socioespacial do país e da RMR, a universidade pública é instada a assumir uma postura proativa em relação aos problemas sociais. Embora a CIAPA considere como ações relevantes a assistência direta, a oferta de serviços à população e a reflexão crítica de conhecimentos em eventos científicos, julga-se que o real poder de transformação da atividade extensionista necessita um componente suplementar: a produção conjunta do saber-fazer. Associando esta ao respeito às singularidades e vivências das comunidades e o apoio às ações políticas de organização e mobilização social, pode-se contribuir de modo mais significativo na conscientização, formação e busca das garantias e do exercício dos direitos constitucionais.

No que diz respeito à extensão universitária, no campo da arquitetura e do urbanismo em que a CIAPA atua, vale lembrar que na cidade, onde conflitos e tensões urbanas manifestam-se, as classes populares e os movimentos sociais reivindicam e lutam por melhorias nas condições de sua reprodução cotidiana. Os conflitos urbanos provêm da produção desigual do espaço urbano e das contradições existentes na cidade próprias do sistema capitalista.

Na busca do ideal de cidades justas, humanas e democráticas a universidade pública em suas ações de extensões de fortalecimento às instâncias participativas e movimentos sociais deve se posicionar contra as desigualdades socioespaciais, agindo como mediadora desses conflitos, instrumentalizando as lideranças comunitárias e

pondo à disposição das causas populares o respaldo do saber técnico-acadêmico. Entretanto, cabe ponderar que há limites no alcance das ações de professores e alunos, engajados em um grupo acadêmico como a CIAPA. Para Lefebvre (1991, p. 117) o direito à cidade “só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada”. O autor sustenta que os reais interessados devem protagonizar a conquista do direito à cidade, pois a atuação do Estado ou do Mercado na produção urbana, mesmo quando visam a políticas inclusivas dos espaços sociais excluídos, não consegue alcançar um processo efetivo de democracia urbana (ROCHA, 2017).

Por sua vez, Harvey (2012) argumenta que o direito à cidade não se restringe ao direito dos cidadãos terem acesso aos recursos e oportunidades que a cidade pode oferecer, mas antes de tudo ao direito coletivo de transformar as cidades, no exercício conjunto de remodelação dos processos de urbanização. Para o autor, o direito à cidade deve satisfazer as necessidades humanas além daquelas relacionadas ao consumo, considerando que o aumento do consumo no espaço urbano encarece a vida na cidade e distancia a população de baixa renda do processo produtivo.

Respaldados nestas referências conceituais, tem-se a convicção de que o suporte da CIAPA às necessidades da comunidade deve encontrar resposta na medida em que este é reivindicado pelos próprios atores sociais envolvidos no processo. Partindo-se do pressuposto de que o ato de participar implica em decidir, pode-se considerar que a participação é entendida como prática de cidadania relacionada à tomada de decisões políticas, fruto da parceria entre a sociedade civil, o Estado e os diversos atores (BORDENAVE, 1983).

2.2. Produção social do habitat e defesa do direito à cidade

A participação social nos processos de produção de moradia como forma legítima de luta pelo direito à cidade e à moradia é uma práxis identificada também em exemplos de produção social do habitat. Como uma síntese dialética entre as modalidades de produção exclusivamente do Estado e/ou do mercado, ou exclusivamente espontânea, a produção social do habitat ancora-se no protagonismo dos moradores e da articulação interinstitucional. Agrega à ação ativa das famílias e comunidades a vontade política do Poder Público de agir ou não de forma articulada, constituindo-se em uma modalidade de produção habitacional reconhecida por gestores políticos democráticos.

Sua operacionalidade pode ser verificada em exemplos nos quais, por meio da ação integrada entre a sociedade (lideranças de movimentos sociais; representantes dos beneficiários) e o Estado ou seus representantes (bancos estatais; empresas estaduais de habitação; prefeituras e autarquias municipais; empresas concessionárias de energia elétrica, água e saneamento básico), em que se identificam processos de co-gestão na produção do habitat *lato sensu*, envolvendo todas as condições necessárias à reprodução da vida urbana: infraestruturas, equipamentos sociais, serviços públicos, segurança fundiária etc. Implica, pois, em produzir “com” e não “para”, sob a égide da concepção *freiriana* de que trabalhar “para” o povo significa reproduzir a dependência e a subordinação, enquanto trabalhar “com” o povo constrói cidadania. Tal tipo de produção do habitat favorece um alto nível de participação e o exercício de uma postura crítica, pois respeita o poder de decisão de grupos excluídos, as características socioculturais e ambientais locais e as restrições urbanísticas, legais, tecnológicas e financeiras do sistema de gestão urbana (DE LA MORA, 2010).

Nesses últimos aspectos, é válido questionar a natureza do padrão predominante da construção do espaço urbano em uma cidade desigual como

o Recife e seu vínculo com o embate por direitos urbanos. Como explorado por Diniz *et al* (2019), sejam elas denominadas invasões, assentamentos irregulares ou aglomerados subnormais e, mais recentemente, núcleos urbanos informais (*cf.* Lei nº 13.465/2017) e CIS, os assentamentos humanos pobres e precários são sempre vistos como áreas “à margem” daquela compreendida como a cidade “formal”, quase que como corpos estranhos no tecido das cidades. Essa “formalidade” é entendida como a garantia às já mencionadas condições para a consolidação de um habitat urbano de qualidade.

Dentre as variadas denominações empregadas para designar os assentamentos pobres e precários, destaca-se aquela que os classifica como ocupações espontâneas. O emprego desse termo parece inadequado, vista a natureza desigual e injusta do processo de produção social do espaço urbano das cidades brasileiras. Sem querer simplificar um fenômeno tão complexo, as favelas como expressão territorial da sociedade local – para além das imagens estereotipadas construídas pelas narrativas dominantes que as aprisionam em falsos estigmas identitários –, concretamente, trazem em si uma forte carga de negação de direitos, de opressão e de exclusão. Num arranjo social tão desigual e iníquo, ninguém ocupa espontaneamente tais áreas, sob risco de acidentes, sem acesso a infraestruturas e serviços urbanos básicos. Seus ocupantes são “constrangidos” a ocupá-las, na ausência de outra opção.

Visto sob esta perspectiva, o Recife ilustra o caso brasileiro e não pode ser considerada uma cidade formal, posto que desde o berço e durante sua consolidação há uma conjugação e uma predominância de todos os elementos associados à informalidade. Cientes de que o grau de vulnerabilidade socioespacial compreende o nível de organização e distribuição das estruturas urbanas, as ações de ordenamento territorial e a participação democrática dos interessados nesse processo, pode-se afirmar que essa é uma “cidade constrangida”, fruto de lacunas no planejamento e gestão territorial local que cedem protagonismo à produção social de um habitat precário.

2.3. Sustentabilidade: o combate à precariedade e risco socioambiental

As áreas ocupadas pela população mais pobre no Recife combinam precariedade social e alto grau de exposição a riscos ambientais, o que contribui para que a cidade integre a categoria de hotspot global, classificada em 16º lugar entre as cidades mais vulneráveis do mundo frente às mudanças climáticas (UN-IPCC, 2007). Essa vulnerabilidade se traduz também em indicadores de desigualdade socioambiental relacionadas ao profundo desequilíbrio do acesso de seus habitantes às condições essenciais de qualidade do habitat urbano. Nessas bases, a pretensão de alcance da sustentabilidade do ecossistema urbano se torna improvável.

A noção vinculada a tal sustentabilidade traz consigo essa lógica sistêmica a ela associada. Ao tratar das condições da sustentabilidade das cidades, Pincetl (2005) destaca o ideal que guia os princípios que definem sua forma e densidade: a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. O crescimento das cidades, de suas populações e de suas demandas de consumo provocam mudanças que impactam a “saúde dos ecossistemas ecológicos” constituintes do quadro físico dessas cidades (PINCETL, 2005, p. 209). É preciso conhecer bem a cidade, concebê-la e controlá-la, para melhorar paulatinamente seus aspectos formais e operacionais, preservando a qualidade de vida de seus habitantes. Sendo predominantes na configuração desse quadro, os assentamentos precários que conformam a cidade constrangida devem ser alvos preferenciais dessa inquietação.

Brodach e Goffi (2005) postulam que o desenvolvimento sustentável das

ciudades depende da capacidade de se equilibrar as relações entre o sistema urbano e os ambientes humano e natural. Os novos preceitos indicam que, frente às alterações aceleradas no ambiente urbano e seus impactos, a construção de condições de sustentabilidade urbana não prescindem da perspectiva de resiliência dos sistemas urbanos. Compreendida como a capacidade das sociedades e estruturas urbanas de reagir e recuperar-se de acidentes e desastres, as boas práticas em curso em outros países (ROBERTS *et al.*, 2018) demonstram que não há como introduzir de outro modo os meios e as práticas que favoreçam a sustentabilidade urbana no Recife. Isso obrigaria às ações de planejamento e gestão cotejar elementos de ordem física e social que incidem sobre as relações de produção do habitat. Esses fatores estão ambos atrelados à natureza antrópica das transformações sobre o ambiente dito natural. Ao fim, são as ações humanas e as inter-relações entre elas que determinam em que medida a resiliência e a sustentabilidade podem se estabelecer: acidentes e desastres não podem jamais ser classificados como “naturais”, pois que o gatilho para eles sempre será a ação do homem.

Desse modo, a cidade resiliente seria aquela em que esses elementos se conjugariam de modo a permitir por ordem: resistir, reagir e se recuperar dos impactos e perdas (materiais e humanas). Por outro lado, a cidade sustentável se constituiria em um ecossistema equilibrado cujos aspectos estruturais (os elementos físicos e suas inter-relações) responderiam à altura da evolução das necessidades funcionais (atividades, fluxos, processos de decisão), suas crises e transformações.

Abordar plenamente esses conceitos-preceitos no trato da inclusão dos assentamentos precários à cidade, condiciona as ações extensionistas a abrir um leque mais amplo de investigação e soluções. Esse condicionante é difícil de ser atendido, quando se tem como alvo da sua atuação localidades com carências extremas e uma população com escassos meios materiais e financeiros para arcar com o montante de recursos necessários à transformação de seu habitat. A mobilização de agentes públicos se apresenta como uma necessidade.

3. Colaboração Entre Ciapa E Mbl: Pistas Para Avaliação De Ações Extensionistas

3.1. Estruturação da CIAPA: perspectivas e potenciais

Para explorar analiticamente a experiência extensionista da CIAPA em sua colaboração com o MBL, é preciso ter em mente o modo como foi desenhada sua estrutura de funcionamento, para a qual contribuiu fortemente a experiência de seu criador. A postura defendida por De La Mora era a de respeito e respaldo ao protagonismo dos atores ou grupos sociais. O cabedal de saberes e fazeres acumulados por eles em seu cotidiano é o que fundamenta a ação universitária, postura afinada com o saber popular de que “é melhor ensinar a pescar, que dar o peixe”.

A intervenção dos membros da equipe – e de seus parceiros ocasionais, em busca da visão interdisciplinar – se inscreve no âmbito da facilitação das ações populares: no repasse de conhecimentos específicos (urbanísticos, jurídico-legais, políticos, técnicos) para uso em prol dos movimentos; na orientação de procedimentos, meios de articulação e encaminhamento de processos de negociação com outros atores-agentes sociais; no levantamento de saberes e fazeres comunitários potencialmente úteis para as ações; na coleta de dados, produção, análise e sistematização de informação, para fundamentar demandas, decisões e intervenções; na mediação dos momentos necessários para a tomada de decisão coletiva.

Merece ser destacado que a denominação do núcleo acadêmico, “Comunidade

Interdisciplinar de Ação, Pesquisa e Aprendizagem”, traz em si aspectos chaves de delimitação de sua natureza. Primeiramente, como se apresenta na Imagem 1, trata-se de um grupo acadêmico que se propõe a atuar nos três campos de atividade da universidade: a) no ensino, na perspectiva ampla da aprendizagem, de múltiplas vias, não limitada ao repasse unilateral de saberes por parte do docente e sem questionamento dos discentes; b) na pesquisa, como processo de produção e renovação constante dos conhecimentos, condição para a inovação de todas as atividades; c) na extensão, associada à ação, em que se cumpre a função social das IES públicas de prestar serviços à sociedade, envolvendo em ambientes de colaboração docentes, pesquisadores, discentes, profissionais de distintas áreas, membros de associações e movimentos sociais, gestores públicos. Note-se que a atuação extensionista recebe destaque, sendo a primeira a ser delimitada.

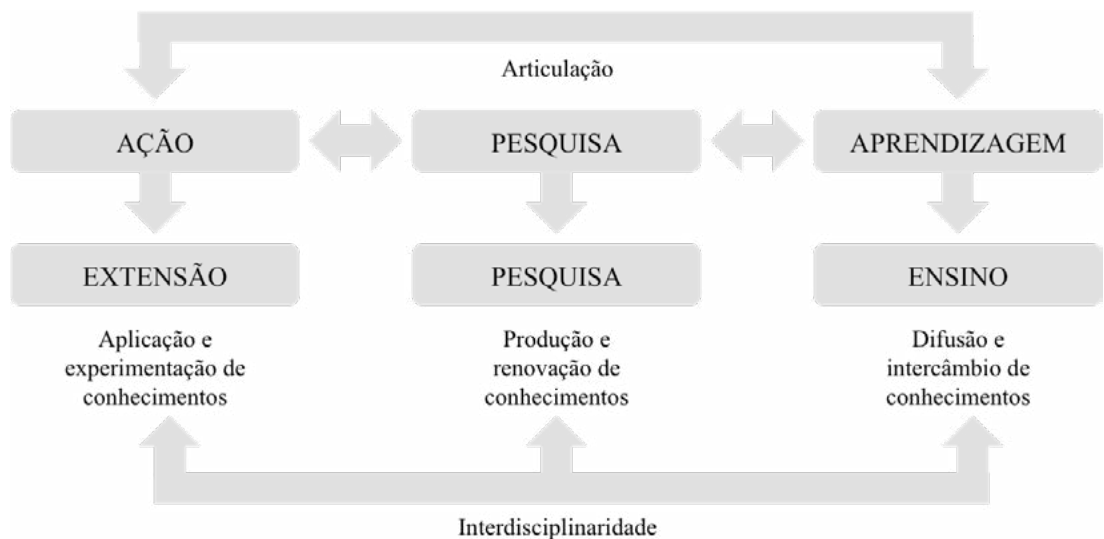


Imagem 1: Esquema de estruturação da CIAPA.
Fonte: Autores, 2020.

Em seguida, pelo fato de reconhecer a complexidade das problemáticas para as quais busca respostas, e adotar a interdisciplinaridade em todos esses eixos de atividade, de modo coerente: a) na mobilização de profissionais e cientistas de formação distinta e complementar; b) na oferta de espaços de formação para graduandos, profissionais e pós-graduandos oriundos de múltiplos campos de conhecimento e que se interessam pela temática da produção social do habitat; c) na mobilização de saberes e meios técnico-científicos necessários ao enfrentamento das questões específicas de cada comunidade, entidade ou associação atendida.

Na medida em que estabelece e é posta em prática, além das adaptações e ajustes se constata como se desenvolvem as atividades da CIAPA. Ter-se por guia a democratização e o compartilhamento dos conhecimentos acadêmicos para fomentar soluções para problemáticas sociais no território das cidades, obriga sua compreensão como um campo de aprendizagem. Na disciplina de produção social do habitat (MDU), a aprendizagem é vista como uma via de mão-dupla, em que o fluxo de contribuições entre a instituição de ensino e a sociedade é constante, garantindo uma troca de saberes e experiências entre todos os envolvidos por meio de processos participativos. Ao mesmo tempo em que a universidade contribui com a sociedade,

os membros da comunidade universitária que participam dos projetos extensionistas têm a oportunidade de ampliar seus conhecimentos teórico-conceituais e empíricos, confrontando quadros em que as questões socioespaciais são palpáveis e vivenciadas.

O alcance de uma formação universitária ideal parte do princípio de que a prática acadêmica se guie pelo tripé educacional, sem diferenças ou sobreposições hierárquicas de poder e de maneira indissociável dentro do programa acadêmico. Quando a universidade busca atender às demandas da sociedade, ela enriquece o processo acadêmico, possibilitando que a mesma assuma plenamente seu papel social.

3.2. Um caso de colaboração: o Conjunto Habitacional Dom Hélder Câmara

Na década de 1970, a luta pelo direito à cidade fomentou o surgimento de movimentos sociais urbanos de abrangência nacional sob a bandeira da Reforma Urbana. O Movimento de Lutas nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), fundado nacionalmente em 1993 e estabelecido na Região Metropolitana do Recife desde 1999, vem-se juntar a outros afiliados à Central dos Movimentos Populares (CMP) no debate e encaminhamento de soluções para a questão da moradia: o respeito à função social da propriedade, o controle da especulação imobiliária, a regularização urbanística e fundiária dos assentamentos e a participação popular na gestão de políticas urbanas.

Auto-definido como “um movimento formado por milhares de famílias sem-teto de todo o país”, o MLB acredita que “a reforma urbana é um meio, um instrumento” e “faz parte da luta maior da classe trabalhadora para construir uma sociedade diferente, com igualdade, dignidade e direitos para todos: a sociedade socialista” (<https://www.mlbbrazil.org>). Suas lideranças consideram a moradia como o principal motor da luta pela reforma urbana, definindo como estratégia de conquista da moradia a organização e a realização das ocupações, por seu caráter educativo para a luta organizada e trabalho coletivo.

O MLB confronta a ordem estabelecida da propriedade privada capitalista e assume a ocupação como um “ato de rebeldia” para a conquista do direito à moradia. Como explicitado no Caderno de Formação Política, dentre as propostas do MLB para a Reforma Urbana, afirma-se que

A verdade é que não existe “atalho” para conquistar a reforma urbana e o direito à cidade. Quem não tem onde morar tem o direito de ocupar. Toda ocupação de imóvel sem uso, seja público ou privado, é legítima. Ao MLB cabe a tarefa de organizar essa luta, pois enquanto morar dignamente for um privilégio, ocupar é uma obrigação dos movimentos de moradia! (MLB, 2019, p. 21).

O contato para cooperação entre a CIAPA e o MLB deu-se no quadro da construção do Conjunto Habitacional Dom Hélder Câmara, frente à demanda por moradia das famílias que pagavam aluguel ou moravam em regime de coabitação, sobretudo no bairro da Iputinga (Recife). Em 2003, algumas famílias ocuparam (sem o apoio de nenhum movimento) um terreno público municipal vazio, sendo retiradas pela polícia. Solicitaram o apoio político e organizativo do MLB, ocuparam o mesmo terreno mas foram mais uma vez expulsas pela polícia. Na terceira tentativa, a ocupação organizada pelo MLB com 60 famílias deu-se em um terreno de 2,73ha nas proximidade do primeiro, em área alagável, pertencente à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (EBCT).

Apesar dos conflitos violentos com o poder público municipal nas duas primeiras tentativas, e após muita gestão política do movimento na esfera local e

nacional, o MLB conseguiu o apoio do então prefeito da cidade, João Paulo Lima e Silva do Partido dos Trabalhadores (PT), legenda comprometida com os movimentos sociais. A prefeitura interveio e viabilizou, junto à EBCT, a destinação da área para a municipalidade para abrigar 200 moradias (DE LA MORA *et al*, 2015).

Tendo conquistado o terreno, as famílias assumiram, elas próprias, a responsabilidade da construção do conjunto habitacional, com apoio da prefeitura que preparou o terreno (aterro e macrodrenagem). O financiamento dos projetos e da construção das casas foi viabilizado, com o prazo de 20 anos sem juros, pelo Programa de Crédito Solidário, no bojo do advento do Ministério das Cidades (em 2003) e da implementação das políticas urbana e de habitação de interesse social, por meio de programas de urbanização de favelas e de financiamento habitacional destinados às federações nacionais de habitação, tendo a Caixa Econômica Federal (CEF) como interveniente. O MLB constituiu a Associação Nordestina de Habitação

Popular (ANHP) para viabilizar a representação das famílias por meio de personalidade jurídica que assumisse o contrato com a CEF.

O MLB solicitou apoio da UFPE para a elaboração do Projeto de Financiamento e o Trabalho Técnico-Social do Mutirão auto-gerido do Conjunto Habitacional Dom Hélder Câmara (2006-2010). Coordenada pelo professor Luís De La Mora a ação envolveu graduandos de vários cursos do programa Conexão dos Saberes, realizando dentre outras ações: a formalização da contratação dos créditos entre cada família e a CEF; elaboração de projetos urbanístico e arquitetônicos; organização participativa do regulamento do processo de autoconstrução coletiva; realização de oficinas de capacitação e atividades de socialização, para estimular o trabalho solidário de autoconstrução coletiva e despertar o sentimento de pertencimento; elaboração da Convenção do Condomínio do Conjunto (DE LA MORA *et al*, 2015).

A riqueza dessa experiência deve-se a sua interdisciplinaridade e diversidade de atividades. Os diferentes atores envolvidos estiveram engajados para construir a efetivação do direito à cidade, bem como a permanência dos moradores no local. Do ponto de vista metodológico, o processo participativo em todas as etapas dava consistência às bases teóricas que norteavam à extensão. A participação direta dos graduandos de Arquitetura e Urbanismo na criação de um projeto concreto para responder às problemáticas reais foi uma inovação pedagógica para o contexto da época.

O processo de autogestão, na concepção da produção social do habitat, permitiu a escolha pelas famílias do modelo de casa considerado



Imagem 2: As casas originais do conjunto, em fase final de construção (2009)
Fonte: DE LA MORA *et al*, 2015, p. 209.



Imagem 3: As casas verticalizadas, sete anos depois de construídas (2016)
Fonte: ROCHA, 2016.

mais adequado: casa geminada térrea a ser construída por meio de mutirões assistidos. Os envolvidos nesse processo não precisavam ser futuros moradores, poderiam ser amigos familiares e outros, auxiliados nas primeiras horas de trabalho por profissionais mais experientes, em oficinas que tinham como intenção fomentar o trabalho coletivo e alertar para medidas de segurança e técnicas construtivas.

As casas ficaram prontas em dezembro de 2008, sem que a prefeitura tivesse concluído as obras de esgotamento sanitário, pavimentação e iluminação pública, etapa concluída em 2010. As ações extensionistas dos alunos no âmbito do Programa Conexão dos Saberes tiveram continuidade mesmo depois que as famílias ocuparam suas casas, com os treinamentos profissionais e apoio ao desenvolvimento de atividades produtivas, apoio educacional e orientações para os cuidados com os espaços coletivos e operação de serviços comunitários, além de orientação nutricional e de saúde.

Entretanto os conflitos inerentes à vida comunitária emergiram mesmo antes da entrega das casas, quando se constatou o distanciamento das famílias do conjunto

com a comunidade do entorno, resultando na construção de uma guarita para vigilância permanente por 24h e de um muro de altura superior a três metros. Passados alguns anos, muitas casas apresentam os terraços gradeados, ao mesmo tempo em que se aprofundou o esvaziando dos espaços coletivos. As Imagens 2 e 3 revelam a descaracterização das casas originais. A verticalização construtiva buscou atender ao crescimento do núcleo familiar ou à obtenção de uma renda complementar, mas suprimiram áreas destinadas à circulação no projeto e ao conforto térmico (ROCHA *et al*, 2019).

Em 2013, mais uma vez, a UFPE foi chamada para apoiar o fortalecimento das relações condominiais, já que os moradores enfrentavam problemas ocasionados por um nível de manutenção insuficiente para garantir a qualidade das infraestruturas e espaços públicos. Dessa vez, a reaproximação com as famílias do Conjunto deu-se por meio da CIAPA. Diferentes mestrandos e doutorandos, da disciplina produção social habitat, da pós-graduação em desenvolvimento urbano (MDU), realizaram por seis semestres consecutivos a análise da pós-ocupação para readequação-repactuação da Convenção de Condomínio desenvolvendo e executando o Projeto de Extensão de Assistência Técnica para Assegurar a qualidade do habitat socialmente produzido (2013-2015).

Dez anos após a conclusão das obras, pode-se observar alterações nas casas originais, restando poucas que permaneceram sem acréscimos (Imagem 4). A quebra dos valores comunitários presentes durante a execução das



Imagem 4: Casas após passarem por diversos processos de modificação.
Fonte: ROCHA *et al*, 2019.



Imagem 5: A bandeira do MLB empunhada pelos moradores.
Fonte: Autores, 2019.

obras reflete-se nas transformações físicas que provavelmente seria minorada se tivessem sido executados, como previsto no plano urbanístico, os equipamentos comunitários que favoreceriam o fortalecimento dos vínculos sociais: o Centro Comunitário, a creche e um campo de uso múltiplo, destinado a prática de esportes.

Embora o muro do conjunto, onde antes figurava a frase “Quem luta conquista” que representava o orgulho do sonho alcançado, reste agora pintado de branco, o MLB ainda parece ser uma referência importante para os moradores, como foi constatado na visita realizada durante o XXV Encontro da Rede ULACAV, organizado na UFPE pela CIAPA em 2019: os moradores exibiram orgulhosos a bandeira do movimento na foto com os participantes do evento (Imagem 5).

Conclusão

Das lições do estudo apresentado, extraem-se indícios para as reflexões desenvolvidas neste artigo, acerca do papel e do lugar da universidade em meio às ações de extensão universitária, na sua relação com os movimentos sociais e na promoção de aprendizagem e capacidades que fortaleçam a luta destes pelo direito à cidade. Cotejadas com os referenciais teórico-conceituais e empíricos delineados, as respostas às questões lançadas tendem a ser respondidas pelo viés da incidência das atividades extensionistas da Comunidade Interdisciplinar de Ação, Pesquisa e Aprendizagem na transformação social e espacial de grupos organizados em movimentos sociais pela moradia urbana.

No leque de questões tratadas na experiência do caso de estudo, os aspectos associados ao apoio da CIAPA à conquista de direitos urbanos pelos membros do MLB esclarecem o alcance de conquistas no campo da inclusão socioespacial dos agentes e atores sociais alvos da intervenção, bem como no caráter sustentável – ou não – das soluções implantadas. Desse contraponto se revelam inovações, emergem aprendizados, notam-se empecilhos e barreiras à ação extensionista.

Um aspecto inicial a ser tratado diz respeito à pretensão de se promover uma aprendizagem interdisciplinar compartilhada, que por sua vez alimente as ações de transformação da realidade em bases colaborativas e que, por fim, forneça conteúdo para a investigação científica e a produção de novos conhecimentos. Do percurso histórico de formação e atuação, além da estrutura concebida para organizar suas atividades, a CIAPA traz contribuições que atraem a atenção para sua singularidade. No escopo das análises desenvolvidas ao longo do texto, percebe-se que a extensão universitária se coloca em posição central. De certo modo, essa atividade oferece oportunidades concretas tanto no campo do ensino-aprendizagem, quanto no de pesquisa-investigação.

Essa afirmação se sustenta na evidência trazidas pelo estudo de certos aspectos das atividades extensionistas e suas repercussões sobre a aprendizagem e a pesquisa. Sobressaem características próprias das experiências da CIAPA em relação ao segmento da comunidade acadêmica envolvido: a) o processo dialógico de ensino-aprendizagem torna-o mais atrativo e dinâmico para professores e alunos, pois estes conseguem perceber mais claramente o propósito do aprendizado; b) o estímulo e a inspiração para temas de pesquisa ancoram-se numa fonte rica e atualizada de dados primários, oriunda de uma realidade com que todos estão em contato direto; c) os temas de monografias de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado abordam de modo mais direto as reais necessidades sociais, e seus resultados podem contribuir para apontar alternativas ao enfrentamento dos problemas e desafios analisados; d) a participação de discentes, docentes e dos grupos alvos de suas

atividades em congressos, seminários e oficinas favorecem a troca de experiências e a reflexão crítica das vivências extensionistas, estimulando a produção coletiva e a difusão do conhecimento.

Se no ambiente interno à UFPE as atividades da CIAPA provocam impactos considerados positivos – por favorecerem uma pro-atividade –, reconhecem-se aspectos externos que contribuem para ações no molde do propugnado por ela. De início, podem-se identificar qualidades intrínsecas ao parceiro MLB: a) o movimento possui um campo de militância bastante delimitado, a luta pela moradia nas cidades brasileiras, claramente inserido no contexto das demandas pelos direitos urbanos; b) o seu nível de organização é muito elevado, com uma penetração espacial ampla – nacional, regional e estadual –, uma estrutura de organização com lideranças ativas e um alto nível de mobilização de suas bases. O grau de envolvimento e comprometimento com o processo participativo para o estabelecimento do conjunto Dom Hélder Câmara, por parte das 200 famílias atendidas, é outro indicativo a ser considerado para o sucesso da ação. A pressão sobre o poder público municipal e federal para atendimento de suas demandas foi determinante, assim como a predisposição ao diálogo e à negociação junto a esses.

Em relação aos agentes públicos citados, inseridos na esfera sócio-política extra-UFPE, a participação de agentes do setor público – no caso estudado, a PCR e órgãos da administração pública federal como a EBCT e a CEF – foi determinante para tornar concretos os meios necessários para o acesso à terra, a elaboração de parte dos projetos e a implantação dos sistemas urbanos que atendem os moradores do conjunto. Pode-se argumentar que o provimento da moradia e das condições de vida urbana é uma obrigação constitucional do Estado. Mas há que se levar em consideração que, diante das evidentes limitações orçamentárias para tanto, tanto a pressão popular, por um lado, quanto a disposição e sensibilidade do Estado em atendê-la, por outro lado, conjugam-se poucas vezes de modo a favorecer as conquistas sociais.

Esse gênero de articulação, alcançada de modo satisfatório no caso estudado, apresenta-se como um dos mais importantes empecilhos para a concretização de ações dessa natureza. Ainda que se conheçam exemplos de resultados de lutas populares pela moradia que se materializaram na forma de assentamentos urbanos reconhecidos pelo poder público e protegidos por instrumentos legais como as ZEIS e o PREZEIS, admite-se que em raras ocasiões o habitat produzido desse modo possui as condições necessárias para oferecer um nível de qualidade desejável. O inventário que levou a identificação das CIS no Recife, através do mapeamento das áreas críticas da cidade em relação às condições de infraestrutura urbana, renda familiar e moradia, ampara essa afirmação e revela a dimensão da precariedade do habitat social urbano do Recife: 50 mil famílias moram nas 480 CIS, ocupando 4.460ha do território municipal (SANEAR, *op. cit.*, 2014).

Como se conclui do conteúdo apresentado anteriormente, o projeto do conjunto habitacional trouxe características inovadoras. Como afirma Silva (2012), o modelo de financiamento que viabilizou o empreendimento – através do programa Crédito Solidário – foi o primeiro projeto desse tipo aprovado no Brasil. Outros grupos organizados tentaram, mas ao contrário do MLB não conseguiram se habilitar, por não atender os requisitos estabelecidos pela CEF, sobretudo a apresentação de um projeto técnico social com proposta detalhada de organização comunitária, condicionante a execução do projeto técnico construtivo.

Um dos principais diferenciais do projeto era a localização do terreno adquirido para a construção: a maior parte das famílias cadastradas já residia na Iputinga ou em bairros próximos (Cordeiro, Torrões, Prado, San Martin). A permanência dessas

famílias em uma área com certa centralidade na região que ocupa da cidade traz vantagens. À época (década de 2000) os conjuntos habitacionais ainda eram construídos em áreas periféricas, de baixo valor imobiliário e distantes de onde as famílias originalmente residiam e trabalhavam. Eles careciam de infraestruturas, equipamentos urbanos e serviços públicos. A conquista do terreno não foi fácil, tendo resultado das articulações e alianças construídas no processo, além do quadro político-administrativo favorável.

Após sua conclusão, já na fase de uma espécie de análise pós-ocupação, as visitas técnicas e os encontros de planejamento participativo realizados com os moradores do conjunto habitacional, pode-se avaliar objetivamente o alcance das ações extensionistas na transformação da qualidade do habitat urbano naquele pedaço do bairro da Iputinga. Do ponto de vista da inclusão socioespacial, as mudanças são evidentes. O Conjunto Dom Helder Câmara oferece às famílias redes de infraestrutura suficientes, além de moradias seguras e saneadas e sobretudo o acesso a tais condições deram-se or meio de um sistema solidário de financiamento.

A inclusão também é política, desde que o grupo tomou parte ativa do processo de negociação, planejamento e gestão das intervenções, bem como segue tomando a frente da manutenção das áreas comuns, com contribuições condominiais. Como um todo, esses resultados demonstram um impacto positivo sobre os condicionantes de inclusividade e sustentabilidade do grupo social atendido.

Outra inovação marcante se nota no domínio da organização e operação da CIAPA nesse gênero de ação. Como ilustra a Imagem 6, estruturando-se como uma disciplina do programa de pós-graduação do DAU-UFPE, o tema da Produção Social do Habitat é abordado de modo amplo. No tocante aos participantes, são acolhidos tanto discentes de graduação, como pós-graduandos, técnicos e profissionais – de ONGs, do setor público e privado –, lideranças e membros de movimentos e organizações sociais.

Quanto à aprendizagem, ela sempre é pautada pelo enfrentamento de questões reais, oriundas preferencialmente de demandas sociais específicas—o MLB segue apresentando-as sendo apoiado—, tendo-se um programa pedagógico que oferece as bases teórico-conceituais e empíricas necessárias, mas valorizando o *feedback* que o contato com casos concretos aportam como enriquecimento do ensino. Por fim, os casos tratados alimentam a pesquisa, vinculando a ação extensionista universitária a uma crítica, meio de avaliar e reorientar os referenciais teórico-metodológicos, os procedimentos etc.

A imagem procura expressar a lógica que preside a atuação da CIAPA. Em torno de um ambiente cooperativo, no qual se inscrevem docentes, discentes, profissionais, técnicos, membros dos movimentos sociais e outros agentes e atores sociais, estabelece-se o tripé ensino-pesquisa-extensão da universidade. As relações entre essas distintas esferas de ação – de produção, difusão e aplicação de saberes acadêmicos – dão-se de modo cíclico



Imagem 6: O ciclo de atuação da CIAPA
– Extensão como eixo propulsor.
Fonte: Autores, 2020.

ou mutuamente alimentado. Esse desenho operacional responde objetivamente ao desafio ao que se faz referência na introdução: há sim, meios de conectar profunda e intimamente essas ações.

Mais que isso, apesar do esquema apresentado não ser capaz de ilustrar isso, no caso da relação CIAPA-MLB o ciclo de mutualidade é impulsionado pelas atividades de caráter extensionistas. São estas que provocam as reflexões tanto em termos de investigação como de aprendizagem. Realizadas de modo cooperativo e inseridas em um contexto socioespacial real, elas estimulam os participantes a praticarem o intercâmbio de saberes e fazeres e geram condições favoráveis ao desenvolvimento de inovação – por adaptação e/ou criatividade – e à sua experimentação. O ciclo gira continuamente, retroalimentado pelas críticas e avaliações, internas e externas à CIAPA.

Dez anos após sua criação, a CIAPA vivencia, como de resto toda a comunidade acadêmica e a sociedade, um momento de incertezas. Questionam-se a legitimidade e a importância das universidades públicas; aprofundam-se as restrições orçamentárias e reduzem-se os direitos sociais; os movimentos sociais são criminalizados e suas lideranças perseguidas; desmontam-se as estruturas e instâncias de participação democrática e de controle social; acirra-se a polarização ideológica e proliferam discursos de ódio e intolerância; as políticas urbanas e ambientais retrocedem, com drástica redução de recursos para a promoção da moradia social.

Nesse contexto negativo, a análise das experiências de cooperação com o MLB lembra a âncora filosófica e política que lastreia a CIAPA: o apoio à produção social do habitat, a defesa e facilitação do alcance de direitos sociais urbanos para os segmentos sociais excluídos, a prática acadêmica como meio de formar não apenas profissionais, mas cidadãos. As experiências extensionistas de longo prazo e a aproximação com movimentos sociais interessa tanto aqueles que as promovem quanto aos que delas se beneficiam. Porém, o compartilhamento de saberes entre docentes, estudantes, lideranças e moradores, na graduação e pós-graduação, entre diversos campos disciplinares, só pode ser potencializado na medida em que Estado e sociedade reconhecem o papel social da universidade pública e valorizam suas ações de extensão universitária.

As ações extensionistas de transformação dos espaços urbanos e de conquista de direitos urbanos precisam seguir. Seus impactos (positivos e negativos), ao serem investigados, monitorados e avaliados de forma participativa, com todos os atores envolvidos, tende a dar-lhes visibilidade e reconhecimento, além de estimular seu contínuo aperfeiçoamento. Respeitado o preceito de se estimular a autonomia e a multiplicação de experiências diversificadas por parte dos movimentos e grupos sociais que lutam pelo direito à cidade.

Se em tempos de fragmentação dos processos democráticos, a resistência se torna ainda mais necessária, a análise desenvolvida aqui aponta a uma tendência animadora: a CIAPA ocupa um lugar importante no quadro das ações em torno da promoção da equidade socioespacial no Recife. O grito de guerra do MLB deve reverberar nas ações que se voltam ao cumprimento do papel social da universidade pública, em prol da justiça social e da responsabilidade cidadã para tornar nossa sociedade mais humana e solidária.

Referências Bibliográficas

Brasil (2012). Política Nacional de Extensão Universitária

Brasil. Lei nº 13.005/2014, Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024)

Bordenave, J.E.D. (1983) O que é Participação? São Paulo: Ed. Brasiliense, 6 ed.

De La Mora, L. Lapa, T. A.; Fontes, A. L. V. (2015) Producción social del conocimiento en el contexto de la producción social del habitat en la Universidad Federal de Pernambuco (Brasil). In: Anais do XIV Encontro de la Red ULACAV. Buenos Aires: Red ULACAV.

Brodach, A.; Goffi, M. La politique de la ville: une trajectoire de développement urbain durable? In: Développement durable et territoire. Dossier 4: La ville et l'enjeu du développement durable. Évora: OpenEditions Book. Disponível em: <https://journals.openedition.org/developpementdurable/1493> Acesso em: 14/02/2020.

De La Mora, L. (2010) Produção Social do Habitat: estratégia dos excluídos para a conquista do direito à cidade e à moradia. In: Novos Padrões de Acumulação Urbana na Produção do Habitat. Olhares Cruzados Brasil-França. Editora Universitária, UFPE, 2010.

De La Mora, L., Lapa, T. A., Vasconcelos, A. L (2008). Producción Social del Conocimiento en el contexto de la Producción Social del Habitat en la UFPE. Recife, Observatório das Favelas.

Diniz, F. R.; Rocha, D. M.; Vasconcelos, R. F. A. (2019) Fortalecimento institucional do PREZEIS: a Extensão Universitária como veículo de uma reinvenção da luta pelo Direito à Cidade. In: Anais do XXV Encontro da Red ULACAV. Recife: CIAPA-UFPE e Red ULACAV.

Ferreira, R.F.C.F. (2014) Autogestão e Habitação: entre a utopia e o mercado. Tese de doutorado em Planejamento Urbano e Regional. UFRJ, Rio de Janeiro.

Harvey, D. (2014) Cidades rebeldes: do Direito à Cidade à Revolução Urbana. São Paulo: M. Fontes.

Harvey, D. (2012) O Direito à Cidade. In: Revista Lutas Sociais. São Paulo: PUC-SP, nº 29, jul./dez., pp 73-89.

Lefebvre, H. (1991) O Direito à Cidade. São Paulo: Centauro.

Merlin, P. (2007) L'aménagement du territoire en France. Paris: La documentation Française.

MLB (2019) Caderno de Formação Política. As propostas do MLB para a Reforma Urbana. 2ª Ed. Disponível em www.mlbbrazil.org, acesso em 19/04/2020. Pernambuco (2020).

Diagnóstico Consolidado PDUI. Disponível em <https://pdui-rmr.pe.gov.br/biblioteca>, acesso em 19/04/2020.

Pincetl, S. (2005) La durabilité urbaine et la nature en ville: le besoin d'interdisciplinarité. In: Mathieu, N.; Guermond, Y. (ed.). La ville durable, du politique au scientifique. Paris: Cemagref, Cirad, Ifremer, INRA, p. 209-220.

Roberts, D.; Gore, C. e Bulkeley, H. (ed.) (2018). Climate change in cities: innovations in multi-level governance. The urban book series. Nova Iorque: Springer.

Rocha, D. M.; Pessoa, L.O; Pimenta N. F.(2019) A extensão universitária como campo de aprendizagem no curso de arquitetura e urbanismo e sua contribuição para a produção social do habitat. O caso do Conjunto Dom Helder Câmara, Recife. In: Anais do XXV Encontro da Red ULACAV. Recife: CIAPA-UFPE e Red ULACAV.

Rocha, D. M. (2017) Revisitando o PREZEIS: um instrumento de luta e resistência no embate entre o planejamento estratégico e o direito à cidade. In: Anais do Encontro Nacional da Rede do Observatório das Metrôpoles "Regimes Urbanos e Governança Metropolitana". Natal: UFRN.

SANEAR (2014) Atlas das infraestruturas públicas em Comunidades de Interesse Social do Recife.. Recife: Autarquia de Saneamento do Recife,

Silva, F. M., Avendaño, A. C. A., Carvalho, M. B. (2007) O Programa Nacional Conexões de Saberes e a busca por uma universidade pública, de qualidade e popular.

Silva, C. F. (2012) O Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) e a política de autogestão: análise de uma experiência no bairro da Iputinga, Recife-PE. Dissertação de Geografia. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Autores

Danielle de Melo Rocha. Arquiteta-urbanista. Mestra em Geografia pela UFPE, e doutora em Geografia e Urbanismo pela Université Paris 3, Sorbonne Nouvelle. Desenvolveu pesquisa de Pós-doutorado, financiada pela FACEPE/CNPq, entre 2012 e 2014. Desde 2015 é professora adjunta de Planejamento Urbano e Regional do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPE. Coordena, desde 2018, o grupo de pesquisa e extensão do CNPq, Comunidade Interdisciplinar de Ação, Pesquisa e Aprendizagem (CIAPA/UFPE), por meio do qual representa a UFPE no Conselho da Cidade (Concidade Recife) e no Fórum do PREZEIS, sendo membro do Conselho Diretivo da Red ULACAV e da Comissão de Direitos Humanos da UFPE. Também é pesquisadora do grupo de pesquisa do CNPq e da UFPE Observatório PE, vinculado à rede nacional INCT/Observatório das Metrôpoles. fabiano.diniz@ufpe.br

Fabiano Rocha Diniz. Arquiteto-urbanista. Mestre em Desenvolvimento Urbano pela UFPE. Doutor em Geografia, e Urbanismo pela Université Paris 3, Sorbonne Nouvelle. Foi professor assistente do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFRN e, desde 2013, é professor adjunto de Desenho Urbano do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPE. É membro dos grupos de pesquisa Observatório PE, vinculado à rede nacional INCT/Observatório das Metrôpoles e da Comunidade Interdisciplinar de Ação, Pesquisa e Aprendizagem (CIAPA/UFPE). Coordena pesquisa financiada pelo CNPq, intitulada "Medusa: Módulo Experimental de Desenho Urbano Sensível às Águas", e colabora na coordenação de dois Projetos de Pesquisa e Extensão de longo prazo: o RX – Intercâmbio Recife e Holanda, com foco na conservação urbana integrada na interface natureza-águas e cidade-patrimônio; e o Projeto de Regularização Fundiária de Assentamentos Precários da Região Metropolitana do Recife. danielle.melorochoa@ufpe.br

CELEBRAR EL PASADO PARA CONSTRUIR EL FUTURO: A 49 años de Arquitectura-Autogobierno

Eje/Eixo Temático 2

**María de Lourdes García
Paola Flores**

Laboratório Hábitat Social: participación y genero
UNAM

Resumen:

A partir de dos experiencias: Arquitectura-autogobierno desarrollada de 1972 a 1992 y el Laboratorio Hábitat Social: participación y género (LAHAS) de 2010 a la fecha, se busca conocer la forma en la que impacta una propuesta de cambio curricular en la vida académica de la universidad. El estudio abarca las transformaciones que surgen en las prácticas de enseñanza, la manera en que la comunidad estudiantil se relacionan con el objeto específico de conocimiento y en qué medida han afectado las relaciones institucionales entre los actores y grupos de actores dentro de este proceso.

El estudio toma en cuenta tres dimensiones: el contexto, la institución donde se generaron y articularon las prácticas innovadoras y el trabajo realizado por las personas que participaron. De manera transversal, se integra un cuarto eje guiado por las relaciones de poder, entendiendo el poder como una compleja trama que permea los tres niveles.

Palabras clave: **Arquitectura, autogobierno, relaciones institucionales, vivienda popular, extensión universitaria.**

Resumo

A partir de duas experiências: Arquitetura - autogoverno desenvolvido de 1972 a 1992 e o Laboratório de Habitat Social: participação e gênero (LAHAS) de 2010 até hoje, procuramos conhecer a forma como uma proposta de mudança curricular tem impacto sobre a vida acadêmica da universidade. O estudo abrange as transformações que surgem nas práticas diárias das pessoas envolvidas, as formas como elas se relacionam com o objeto específico do conhecimento e em que medida afetaram as relações institucionais entre os atores e grupos de atores dentro e fora deles.

O estudo leva em conta três dimensões: o contexto, a instituição onde as práticas inovadoras foram geradas e articuladas, e o trabalho realizado pelo povo. De forma transversal, um quarto eixo é integrado, guiado pelas relações de poder, entendendo o poder como uma trama complexa que permeia os três níveis.

Palabras clave: **Arquitectura, autogobierno, relaciones institucionales, vivienda popular, extensión universitaria.**

Antecedentes

El Autogobierno fue un movimiento surgido en abril de 1972 en la entonces Escuela Nacional de Arquitectura (ENA) de la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Varios factores propiciaron la ruptura en la ENA, por un lado, los problemas en la estructura académica y administrativa, el autoritarismo y la obsolescencia de planes y programas de estudio y por otro, los propios del ámbito profesional de la arquitectura, (Arias, 2012).

Al ser una universidad pública, los estudiantes provenían de diferentes sectores: obreros, pequeños comerciantes o de empleados, que no tenían la plataforma económica y social de los estudiantes de décadas anteriores. Lo anterior limitaba el ejercicio profesional como se tenía concebido, enfocado en otorgar servicios a clientes privados. Lo que esperaban esas generaciones era trabajar en despachos de arquitectos de renombre o ser empleados en alguna dependencia gubernamental.

Esta situación estaba inmersa en un proceso de radicalización política que se presentaba a escala internacional, hechos como la muerte del *Che* Guevara en 1967 y el emblemático Mayo Francés del 68, fomentaron movilizaciones populares urbanas. Muchas de las manifestaciones protestaban ante la ausencia de democracia, lo que provocó la respuesta represiva por parte de las autoridades gubernamentales.

Por otro lado, la emergencia y apertura de espacios de discusión, sumaron fracturas y divisiones internas en las diversas estructuras partidarias de izquierda que vivieron profundos procesos de debate ideológico y que repercutieron en la universidad.

El contexto

En la ENA desde 1966, un grupo de estudiantes empezó a cuestionar el sistema de enseñanza, dando como resultado la incorporación de tres profesores, dos de la Facultad de Economía y uno de Filosofía, con el objetivo de romper el monopolio de los arquitectos-empresarios-profesores (Macías, 2010). Para 1972

la ENA¹ se divide en dos: los grupos de estudiantes, profesores, profesoras y trabajadores que buscaban un cambio en la enseñanza-aprendizaje de la arquitectura y otro grupo que se encontraban conformes con la estructura académica vigente hasta ese momento. En 1976, el Consejo Universitario determina que ambas partes presenten un Plan de Estudios en acorde a su modelo pedagógico. Algunos de los integrantes del Colegio de Profesores que apoyaban el cambio, intercambiaron reflexiones con argentinos que llegaron exiliados a México y que habían participado en la experiencia del Taller Total que se desarrolló en los años 70 en la Facultad de Arquitectura de la Universidad Nacional de Córdoba, y retomaron su Plan de Estudios para adecuarlo a las condiciones específicas de la ENA.



Fig.1. Comité de Lucha de Arquitectura.
Fuente: Archivo del Instituto de
Investigaciones sobre la Universidad
y la Educación de la UNAM

1. El Colegio de profesores de Teoría e Historia, eran profesores jóvenes que apoyaban el movimiento iniciado por los estudiantes y que en ese momento fueron parte de la vanguardia, que negoció el cambio.

Este hecho, no demeritó el valor de la lucha que se tuvo que dar para, primero que se reconociera el Plan de Estudios 1976 y después para consérvalo hasta 1992 y en 1994 integrarse en una sola opción. Los principios que se reivindicaron aún subsisten en muchas de las personas que participaron; esa concepción autogobiernista no solo incidió en la universidad, se extendió a la sociedad generando junto con otros actores leyes, políticas públicas y programas sobre vivienda, espacio público y ciudad.

Entre los cambios más representativos, sobresale una mayor integración de los conocimientos impartidos en las áreas, que confluían en el taller síntesis o Taller Integral. Esta idea revolucionaria representó avances notables en el campo del llamado “Taller Integral de Arquitectura” que siempre ha sido el eje de la carrera. Se planteaba que los y las docentes de todos los campos de forma colectiva con las y los estudiantes, participaran en el proceso completo del curso: la programación, el análisis, la búsqueda de partido, el desarrollo del proyecto y la evaluación.

El plan de estudios 1976 insertaba la carrera de Arquitectura en la estructura funcional a través de la interacción de tres subsistemas articulados:

ciclos, áreas de conocimiento y campos. La carrera estaba estructurada en tres ciclos (básico, medio y superior) y en cuatro áreas (Diseño, Tecnología, Teoría y Extensión Universitaria). Esta organización académica se ha mantenido de 1976 a la fecha, con algunas modificaciones realizadas al integrarse las dos visiones² en la enseñanza-aprendizaje de Arquitectura, ya entonces nombrada Facultad. En este sentido, se elaboró un solo Plan de Estudios en 1994 con las siguientes áreas de conocimiento³: Diseño, Tecnología, Teoría, Diseño Urbano-ambiental y Extensión Universitaria. Este plan tuvo un carácter conciliador, que retomaba ambos planes, pero no tenía la intención de innovar o actualizar, sino más bien integrar las dos opciones en una sola, bajo el control de un director.



Fig.2. Fotografía tomada por estudiantes integrantes del Comité de Lucha de Arquitectura.
Fuente: Archivo del Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación de la UNAM

El trabajo académico

Entre las ideas sustantivas que moldearon el pensamiento arquitectónico de aquella época y consecuentemente fundamentaron la práctica de Arquitectura-autogobierno, pueden reconocerse dos conceptos: la concepción social de la Arquitectura y la noción de Hábitat. También aparecen recurrentemente otros dos términos, más de orden epistemológico, asociados a la manera de producir el conocimiento arquitectónico: la interdisciplinariedad y relacionada a esta última, la construcción colectiva del conocimiento. Es importante destacarlo porque son los ejes que posteriormente serían el fundamento del Laboratorio Hábitat Social: participación y género (LAHAS).

² La ENA se dividió en dos opciones: lo que denominábamos como “dirección” que era el sistema tradicional de enseñanza y el del Autogobierno, que era la visión progresista.

³ Se denominaron áreas de conocimiento, pero ya no tenían el sentido de integralidad, interrelación, interdisciplina y complejidad del Plan de Estudios 1976. Su enfoque actual es solo agrupar conocimientos similares que son cursos, materias que se suman, pero no se integran

Fue un profundo cambio de enfoque en la función de los arquitectos, la misión de la universidad y la formación de los profesionales. Se trató de una función social de la Arquitectura creadora de espacios habitables, de habitabilidad, que derivó también en una universidad diferente, comprometida con los problemas sociales, políticos, económicos y culturales de su entorno y su época. Cuyos objetivos estaban orientados a suscitar el estudio y la investigación, convirtiéndose en una institución fundamental para la promoción del desarrollo local, regional y nacional. Asimismo, implicó una transformación sustancial en el modo de pensar la formación profesional de los arquitectos. El propósito explícito de superar la lógica disciplinar entendida como compartimentos estancos, sin ninguna conexión, llevaba implícita la exigencia de haber logrado primero el manejo analítico imprescindible de la especificidad disciplinar de tal modo de avanzar en el abordaje de las problemáticas planteadas para cada año académico por la ENA.

El Taller Integral, era la parte más importante, y se ideó como un lugar para producir conocimientos y enseñar a producirlos. Era una instancia no jerárquica, que incorporaba a sus integrantes, asesores y estudiantes, diferenciados en roles, en una estructura de equipos de trabajo, como partes dinámicas de un todo, en la que cada miembro era activo en una autogestión constructiva de conocimiento. Con esto se buscaba superar las fallas observadas en las formas tradicionales y pretendía lograr la integración de la teoría y práctica a través de una instancia que ligara al estudiante con su futuro campo de acción: las organizaciones urbanas o de solicitantes de vivienda, principalmente.

La Universidad cambió la vida personal de sus estudiantes y docentes. La Facultad era el espacio de referencia, donde se pasaba la mayor parte del tiempo. Se vivía intensamente entre el adentro y el afuera; mientras se trabajaba en el taller, la atención estaba también puesta en la calle, en el sentido literal del término. Lo que pasaba en el mundo los involucraba permanentemente, se sentían protagonistas de la construcción de una sociedad mejor. Estudiar no significaba sólo incorporar conocimientos específicos de una disciplina, significaba preguntarse acerca del mundo, interesarse por otras problemáticas, querer saber, comprender y fundamentalmente, creer en la potencia de transformación del hacer profesional como respuesta a las necesidades de nuestro país. Era imposible escindir el debate académico del político, y éste constituía genuinamente el campo disciplinar. El Taller Integral era el espacio de construcción del conocimiento entre estudiantes, docentes y usuarios.

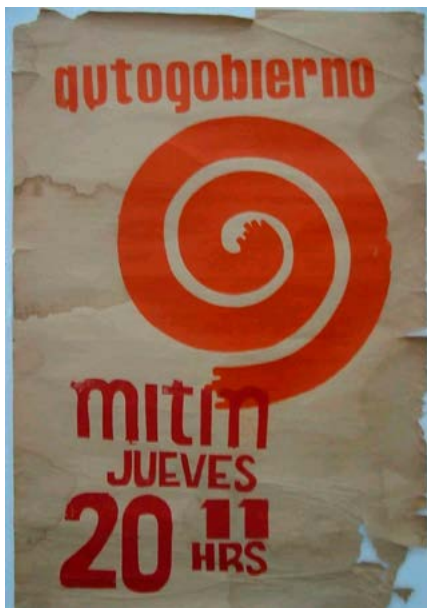
Así el proceso del Autogobierno fue el resultado de una compleja interacción entre la herencia del movimiento estudiantil de 1968, la política educativa del gobierno y la acción de diversos actores sociales: maestros, estudiantes, trabajadores y autoridades que a través de sus prácticas cotidianas definieron tanto su teoría y práctica arquitectónica como la enseñanza e institucionalización de la misma en determinado sentido.



Fig.3. Fotografía tomada por estudiantes integrantes del Comité de Lucha de Arquitectura.
Fuente: Archivo del Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación de la UNAM

El perfil de arquitectos y arquitectas al servicio de las clases populares fue una constante lucha que exigió una precisión del proyecto académico. En esta tarea los movimientos sociales urbanos han venido siendo interlocutor y base permanente de esta Arquitectura popular. El trabajo académico del Autogobierno se centró en la búsqueda de la racionalización del proceso de diseño a través de los enfoques populares, la enseñanza dialogal, y la búsqueda de la democracia.

Es así que se establecieron democráticamente por la comunidad del Autogobierno seis objetivos, que fueron proclamados en asamblea plenaria el 11 de abril de 1972 y los cuales se mencionan a continuación:



- La totalización de conocimientos

Se refiere a la integración de los impactos y repercusiones sociales, económicas y políticas en la adquisición y comprensión de conocimientos por parte de las y los estudiantes, así como en el desarrollo de prácticas que motiven la transformación de la sociedad.

- El diálogo crítico.

Se refiere al diálogo constante dentro del proceso educativo, en el cual se analice, se reflexione y critique. De esta manera se pretende que la participación activa de docentes y estudiantes, no solo como un sistema de emisor y receptor.

- El conocimiento de la realidad nacional

La conciencia del conocimiento y comprensión de la realidad nacional de cada época, da la posibilidad a la y el estudiante la construcción de propuestas para interferirla y transformarla, no serán simples espectadores, sino que seres activos, críticos y transformadores.

- La vinculación al pueblo

Se pretende que los conocimientos deban ser enfocados a la solución de necesidades de la población obrera, campesina, colonos y pueblo en general, en el camino re desarrollar la educación con y junto al pueblo.

- Praxis

Se refiere a la capacidad de demostrar si nuestros conocimientos son correctos, mediante la asimilación crítica de los resultados objetivos de nuestra práctica social. Se busca que la teoría, se pueda comprobar y estar enriquecida con la práctica.

- Autogestión

Ser capaz de gobernar las propias vidas, de elegir las tareas propias dentro de esta sociedad y que nuestros destinos no dependan de otros o de las circunstancias. La autogestión, es la forma viva y crítica del pensamiento militante y activo, es la conciencia de lo que significa estudiar, conocer y actuar dentro de una perspectiva de cambio de las estructuras sociales.

Estas ideas-fuerza provenían del campo disciplinar y se expresaron claramente en la nueva propuesta formativa tanto en el diseño como en la instrumentación de la misma. Esto significaba dejar el aula y realizar trabajos de campo ir a las colonias, a los pueblos, trabajar la propuesta proyectual con los usuarios e irse

Figs. 4 y 5. Fotografías tomadas por estudiantes integrantes del Comité de Lucha de Arquitectura.
 Fuente: Archivo del Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación de la UNAM

actualizando constantemente acorde con los cambios sociales y sus dinámicas; apelando a que los tiempos académicos no coinciden con los tiempos reales.

En este sentido, el Autogobierno pretendió formar arquitectos y arquitectas en función de las necesidades reales de nuestra sociedad. Tarea que implicaba el conocimiento de esas necesidades, pero también un compromiso activo en la transformación de las mismas. En última instancia se proponía el reemplazo de una práctica y enseñanza fundadas en un eje estético técnico, por una estructura orientada por el eje científico social. Científico, en tanto entraña el conocimiento real de nuestros problemas referidos al quehacer específico del arquitecto. Social, pues no es posible separarse el conocimiento de la solución efectiva, profunda y radical que deba darse a esos requerimientos.

Esto trajo como consecuencia que los denominados temas reales fueran vistos por los arquitectos tradicionales y las autoridades como acciones que promovían o servían de apoyo a grupos opositores al gobierno en turno, en ese momento eran vistos como un peligro.



Fig. 6. Fotografía tomada por estudiantes integrantes del Comité de Lucha de Arquitectura.
Fuente: Archivo del Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación de la UNAM

Fueron pocos los profesores que verdaderamente se involucraban en los temas reales, la mayoría de las veces eran impulsados y retomados por estudiantes asesorados por los profesores (desde el aula), lo que provocó que esta práctica de gran potencial se banalizara. Sin embargo, fue en el área de conocimiento denominada Extensión Universitaria, en donde los estudiantes de las primeras generaciones del Autogobierno, formaron parte de la planta docente y pudieron desplegar y reivindicar los principios de su plan de estudios.

La Extensión Universitaria consolidada en 1994 como área de conocimiento del Plan de Estudios y cuyos cursos se declaran obligatorios para todos los estudiantes de la facultad, desarrolló dos grandes líneas: la primera una hiper politización que llevó a que varios de los

profesores se convirtieran en dirigentes obreros, campesinos o del movimiento urbano popular y una segunda línea, que la reduce a una suerte de asistencialismo en donde se buscaba “ayudar” a los pobres. Una de las limitantes fue que aunque maestros y maestras recibían un salario por tres horas, éste no cubría el trabajo que implicaba asistir a las comunidades los fines de semana (que son los horarios donde las personas que demandaban un servicio podían dedicar). Por esta razón es que los profesores preferían dar cursos en otras áreas con reconocimiento académico.

El área de Extensión Universitaria se formó por docentes de reciente ingreso, ayudantes de profesores o pasantes, que veían su estancia como un escalón para acceder después a otras áreas. Pocos demostraron conocimiento disciplinar, práctica profesional y compromiso ético-político con el trabajo con las comunidades.

A partir de 1994 se inicia una fundamentación del área de Extensión Universitaria que se logra en la actualización del Plan de Estudios de la Licenciatura en Arquitectura de 2017, en donde se define como su conocimiento específico la producción social del hábitat y la vivienda popular, integrando el método del diseño participativo, como una forma de trabajo profesional y enfatizando un enfoque de Derechos, específicamente a la vivienda y a la ciudad.

Las implicaciones de las relaciones de poder

Burton Clark (1991), señala que no es posible discutir acerca del trabajo académico y de las creencias sin incluir los aspectos relacionados a la autoridad. El autor se pregunta sobre quien gobierna, como se articulan los intereses de los académicos y el modo en que se distribuye y legitima el poder en las instituciones de educación superior. No puede entenderse la vida de una institución sin acercarse a sus estructuras y mecanismos de poder, pero el poder no se encuentra concentrado en la cúpula de la pirámide jerárquica, sino que es un fenómeno de complejo entramado. Para comprenderlo es necesario identificar como los distintos actores y grupos de actores (asesores, estudiantes, autoridades, etc.) fueron enredando el complejo juego de las relaciones de poder dentro de la Facultad de Arquitectura, como fueron ampliando sus márgenes de libertad, que estrategias fueron poniendo en práctica y de que recursos se valieron para ello.

Los distintos grupos compuestos por los diferentes actores, se fueron configurando de manera dinámica y se presentan a continuación:

- Quienes llevaron adelante el proyecto produciendo las definiciones básicas del cambio.
- Quienes acompañaron y apoyaron al plan de Arquitectura-autogobierno.
- Quienes rechazaron los cambios y bloquearon su implementación.

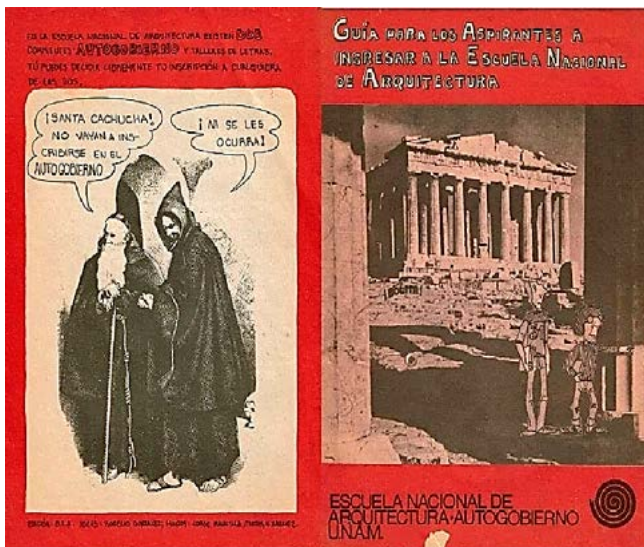


Fig. 7. Fotografía tomada por estudiantes integrantes del Comité de Lucha de Arquitectura.

Fuente: Archivo del Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación de la UNAM

Todos ellos, portando intereses diversos, a veces contradictorios, que se manifestaron permanentemente en la interacción. Desplegando recursos materiales y simbólicos y definiendo estrategias para aumentar sus cuotas de poder y sus posibilidades de influir en las decisiones.

Dentro de estas relaciones de poder en la Facultad de Arquitectura, se constató que las actividades realizadas por las docentes, investigadoras y trabajadoras, no se consideraban importantes; nuestra invisibilidad era igual tanto si se pertenecía al Autogobierno como a la parte tradicional.

Lo anterior puede ejemplificarse hasta nuestros días: no ha sido nombrada ninguna directora, los talleres llevan el nombre de arquitectos, los puestos de decisión dentro de la jerarquía institucional han sido una extensión de lo que nos corresponde de acuerdo al estereotipo de la feminidad: Servicio Social y Extensión Universitaria.

Es por tal motivo que se vio necesaria una reflexión teórica sobre la noción de inclusión y exclusión social, a la luz de las críticas feministas al universalismo ético, la teoría feminista de la interseccionalidad, el concepto de colonialidad de género desarrollado por el feminismo decolonial y los aportes de Nancy Fraser e Iris Marion Young sobre justicia social y justicia espacial de Edward Soja. El propósito fue generar insumos conceptuales para concebir políticas públicas y proyectos urbano-arquitectónicos que respondieran satisfactoriamente a escenarios sociales en donde emerge una diversidad de personas y grupos que demandan reconocimiento.

A partir de este debate, se expone un modelo conceptual que plantea reparar en tres elementos que se tornan de interés al estudiar la normatividad que orienta la definición de problemas y soluciones: el referente normativo o los principios morales que guían la política, programa o proyecto urbano-arquitectónico; la visión de sociedad y noción de cambio social que subyace al discurso político; y la concepción de sujeto supuesta.

El Laboratorio Hábitat Social: participación y género

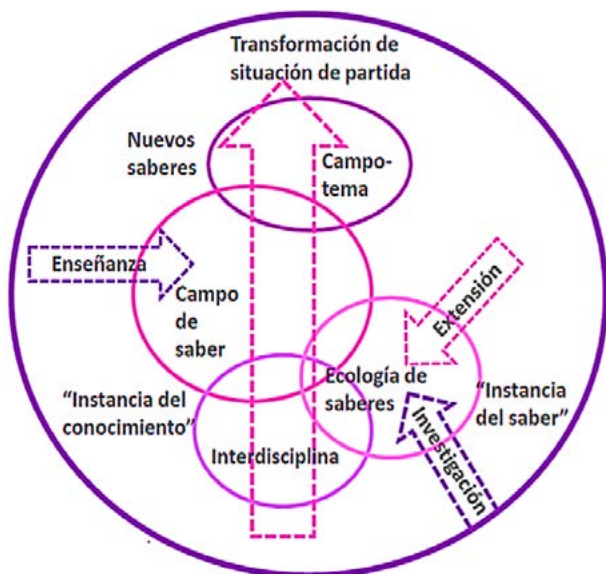
A partir de la experiencia al participar en el Autogobierno, en 2008 se presentó un proyecto denominado Laboratorio Hábitat Social: participación y género (LAHAS) al Programa de Cooperación Interuniversitaria e Investigación Científica con Iberoamérica y el cual fue financiado por la Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo (AECID), la Universidad de Barcelona y la Facultad de Arquitectura de la UNAM.

Se decidió nombrarlo así porque la idea de laboratorio tiene la virtud de expresar la espiral que sucede entre el conocimiento y la acción. En los programas o proyectos urbano/arquitectónicos que demandan las organizaciones territoriales y en donde decidimos intervenir, no se orientan hacia un modelo único de cambio social, sino que hicieron y hacen cada una sus propios experimentos locales en continua referencia (más o menos explícita, según sea el caso) de sus carencias y oportunidades.

El LAHAS intenta propiciar espacios de debate y construcción de conocimiento colectivo con el propósito de generar nuevas lógicas y perspectivas en concordancia con las reales aspiraciones de los grupos sociales involucrados, apelando a la creatividad y participación efectiva de todos los actores de las diferentes problemáticas.

En el ámbito universitario se busca que sirva de canal de interacción con una realidad urbana y arquitectónica que nos es muchas veces desconocida o negada: la ciudad invisible, la ciudad autogenerada, la autoproducción de vivienda y equipamiento. Y en donde la generación de conocimiento sea mediante un proceso de debate reflexivo entre los diferentes participantes de un territorio con el fin de lograr una transformación social.

El paraguas⁴ que nos permite asegurar esta visión son los Derechos Económicos, Sociales, Culturales y Ambientales (DESCA), condiciones que tiene toda persona, sin distinción de edad, sexo, raza, nacionalidad, clase social o forma de pensar. Estas condiciones son necesarias para que la persona se desarrolle plenamente en todos los campos de su vida, sin interferencias de las autoridades de gobierno, ni de otros ciudadanos,



⁴ El paraguas es una metáfora de Protección. El paraguas no discrimina, y todas las personas sin discriminación de raza, edad, género o país, están seguras debajo de él. La parte exterior del paraguas es el escudo y representa nuestras esperanzas, sueños y aspiraciones. La parte interior del paraguas representa nuestras preocupaciones y miedos

y nos permiten vivir en igualdad, libertad y dignidad con otras personas. Por ello son condiciones personales que se pueden exigir por todas y todos, y que se adquieren desde el momento mismo de nacer. Apelando a la idea de que el reconocimiento pleno de derechos y obligaciones es fundamento de toda sociedad democrática y fuente de ciudadanía.

El LAHAS se conforma de ejes transversales⁵: identidad cultural, equidad de género⁶ y medio ambiente. Desplegadas en tres estrategias para su desarrollo:

- Consultorías, asesorías y proyectos
- Formación
- Investigación



*Sala de Usos Múltiples
para productores de
Nopal. San Mateo, Alcaldía.
Milpa Alta*



*Biblioteca Comunitaria, en col.
Miravalle Alcaldía Iztapalapa CDMX*

*Figs. 8 y 9. Fotografías tomadas
por estudiantes que realizaban
su Servicio Social en el LAHAS.
Fuente: Archivo LAHAS*

El concepto de Hábitat se manifiesta a partir de una alta complejidad, se dejan atrás los enfoques tradicionales, fragmentarios y lineales, que resultan ineficientes e inadecuados para enfrentar los problemas de hoy día. Por lo que para superar ese hecho se integran tres pilares que fundamentan el trabajo del Laboratorio: complejidad, integralidad e interdisciplina.

Tipos de proyecto

- Proyecto

- relevamiento de espacios para construir plazas o áreas verdes,
- equipamientos comunitarios
- Plan de desarrollo local de San Miguel Teotongo, Iztapalapa, con perspectiva de género.

- Proyecto y construcción

- equipamiento recreativo

- Gestión de financiamiento

- presentación de un barrio para solicitar mejoras

⁵ Los temas, líneas, áreas o ejes transversales son enfoques educativos que responden a problemáticas relevantes interrelacionadas que han constituido el núcleo de preocupación tradicional de los movimientos sociales y que han sido recogidos por colectivos de renovación pedagógica para su definición curricular. La transversalidad hace un cuestionamiento al conjunto de la tradición y de la actividad educativa y su discusión y puesta en marcha requiere otros presupuestos. Sin embargo, existen posibilidades reales de iniciar procesos de reflexión crítica que nos permitan transformar nuestra práctica docente. Así la transversalidad significa un cambio de orientación, de mirada, de presupuestos metodológicos y de finalidades educativas

⁶ Un concepto donde se hace referencia al género es considerarlo como un sistema global que abarca prácticas, símbolos o representaciones, normas jurídicas, valores morales, productos culturales individuales y sociales, roles, estructuras económicas, de poder y de la sociedad civil que las culturas elaboran a partir de las diferencias sexuales. Y la equidad es que hombres y mujeres tenemos los mismos derechos y obligaciones y ambos debemos tener las mismas oportunidades de acceder a ello

Por último, mencionaremos que como integrantes del LAHAS nos interesa no solo realizar los proyectos urbano-arquitectónicos, sino fundamentalmente incidir en las Leyes, Políticas y Programas, esto último lo hemos logrado trabajando articulados a las organizaciones urbanas, notoriamente la participación en el Programa Comunitario de Mejoramiento Barrial.

El trabajo del Laboratorio ha obtenido varios reconocimientos entre los que destacan la distinción como buena práctica en participación ciudadana del Observatorio Internacional de la Democracia Participativa en 2009, el premio Deutsche Bank Urban Age, en 2010 por La Asamblea Comunitaria de Miravalle a partir del Programa Comunitario de Mejoramiento Barrial, el Premio Mundial del Hábitat en 2011 que otorga la Organización de las Naciones Unidas, en colaboración con la Building and Social Housing Foundation.

Referencias Bibliográficas

Arias, V. (2021). Arquitectura Autogobierno 40 años. Archipiélago, Revista Cultural de Nuestra América. Vol. 20, Núm. 76, 58-59.

Becher, T. (2001). *Tribus y territorios académicos. La indagación intelectual y las culturas de las disciplinas*. Barcelona: Editorial Gedisa,

Clark, B. (1991). *El Sistema de Educación Superior. Una visión comparativa de la organización académica*. México: Editorial Nueva Imagen.

Macías, A. (2010). Autogestión. La reforma pendiente. *Odiseo, revista electrónica de pedagogía*, Año 8, Núm.15, 1-23.

Pérez, G. (1976). El autogobierno: breve cronología e interpretación. Origen y desarrollo del Autogobierno. *Revista del Autogobierno*, Núm. 2.

Plan de Estudios (1976) Escuela Nacional de Arquitectura-Autogobierno UNAM. México.

Reygadas, R. (1988). *Universidad, Autogestión y Modernidad. Estudio Comparado de la Formación de Arquitectos (1968-1983)*. México: CESU-UNAM.

Togneri, J. (1971). Facultad de Arquitectura de la Plata: una experiencia. *Los libros: Para una crítica política de la cultura*, Año 3. Núm. 23, 24-26. Argentina.

Autoras

María de Lourdes García. Coordinadora del Laboratorio Hábitat Social: Participación y Género (LAHAS), ha realizado proyectos urbano-arquitectónicos con los pobladores a través de la planeación, diseño, construcción y evaluación colaborativa. Participante activa del proyecto Autogobierno-Arquitectura de la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), ha sido asesora de múltiples organizaciones sociales en pro de la mejora de las condiciones de vida. lahasunam@gmail.com

Paola Flores. Doctoranda en Sociología por la Universidad Autónoma Metropolitana, Azcapotzalco (UAM-A). Su línea de investigación abarca los procesos participativos en la producción de ciudad, la autogestión, espacio público, feminismo y subjetividad. Educadora popular, colabora como investigadora en el Laboratorio Hábitat Social: Participación y Género (LAHAS). lahasunam@gmail.com

MARABÁ: UM LABORATÓRIO URBANÍSTICO

Eje/Eixo Temático 2

Camila Azevedo
José Lima
Universidade Federal do Pará

Resumo:

A configuração espacial de Marabá se mostra um verdadeiro laboratório urbanístico ao ter em sua composição três eixos com características urbanas distintas que ao mesmo tempo em que se conectam enquanto compõem a cidade, se afastam enquanto produção do espaço. O presente trabalho procura caracterizar esses eixos, na medida em que também explora a atuação dos agentes envolvidos na produção espacial e o desenvolvimento de Marabá. A importância da pesquisa se dá enquanto análise de como está ocorrendo a produção espacial de uma cidade que está inserida dentro da Amazônia Oriental.

Palavras-chave: **Marabá, Espaço urbano, Agentes sociais, Configuração espacial, Produção espacial.**

Resumen

La configuración espacial de Marabá se muestra como un verdadero laboratorio urbanístico al tener en su composición tres ejes con características urbanas diferentes que, así como se conectan mientras componen la ciudad, se alejan como producción del espacio. Este trabajo busca caracteriza esos ejes, en la medida que también explora la actuación de los agentes involucrados en la producción espacial y en el desarrollo de Marabá. La importancia de la investigación radica en el análisis de cómo está ocurriendo la producción espacial de una ciudad que esta inserida dentro de la Amazonia Oriental.

Palabras-clave: **Marabá, Espacio urbano, Agentes sociales, Configuración espacial, Producción espacial.**

Introdução

O município de Marabá e sua sede, aqui tratada como Cidade de Marabá completou em 2021 108 anos de emancipação política e administrativa, tem sua história marcada pela economia que iniciou através do extrativismo vegetal, mas

hoje é comandada por várias atividades diferentes, além da continuidade da extração de produtos florestais, está na rota do escoamento do minério de ferro da Serra Carajás. Por muito tempo, teve o seu espaço organizado por oligarquias regionais. Esse panorama muda a partir da década de 60 (Almeida, 2009), quando o Governo começa a intervir no espaço e na economia da cidade, provocando mudanças na sua configuração espacial e inserindo novos agentes sociais na região.

O presente artigo teve origem em um trabalho acadêmico sobre a relação entre a escala socioeconômica e a caracterização intraurbana da cidade de Marabá. Ao se identificar o rico laboratório urbanístico presente na cidade, surgiram dois temas sobre o assunto, qual o presente artigo tem como objetivo: identificar os agentes sociais envolvidos na produção do espaço urbano de Marabá e a uma breve caracterização dos seus núcleos.

A pesquisa busca contribuir na compreensão de como se desenvolveu e está se dando a construção de uma cidade localizada dentro do contexto da Amazônia Oriental. Possuindo suas particularidades, Marabá foi impactada como o local de atração de trabalhadores pelas propagandas do governo militar, na década de 60, de “integrar, para não entregar”, se referindo a Amazônia, assim como o slogan de “terra sem homens, para homens sem terra” (Oliveira, Pena, & Silva, 2015), e também foi suscetível à financeirização da Amazônia, que ignorava os povos já existentes na região, como indígenas, ribeirinhos e outras sociedades locais (Becker, 2015).

O artigo se estrutura com a apresentação do desenvolvimento da cidade desde sua gênese, no intuito de proporcionar ao leitor uma compreensão de sua trajetória, identificando a atividade econômica, o agente social de maior impacto e a produção espacial em cada período da história da cidade; posteriormente é feita a caracterização dos núcleos da cidade, no intuito de compreender seus núcleos urbanísticos e como eles se apresentam atualmente; e por fim, é tratada a situação construindo a cidade atualmente, na intenção de identificar os agentes sociais envolvidos dentro da sua produção espacial atual.

Desenvolvimento de Marabá: a Economia, Criação dos Núcleos e os Agentes Sociais Envolvidos

O desenvolvimento de Marabá é aqui tratado conforme sua narrativa histórica, para que seja identificada a atividade econômica principal, a produção espacial decorrente focando na origem dos seus núcleos urbanos e os agentes produtores do espaço urbano envolvidos em cada período. Para melhor compreensão foram divididas fases de acordo com o período econômico da cidade e o surgimento de seus núcleos, os períodos foram assim divididos: 1893 à 1920; 1920 à 1960; 1960 à 1990; e 1990 aos dias atuais, conforme pode ser observado na Tabela 1.

A região onde hoje é a cidade, era habitada por parte do conjunto de povos indígenas chamados Timbiras (Melatti, 1999, seção Timbiras) e permaneceu inexplorada por outros povos até quase o final do século XIX. O local começou a ser explorado em 1895 por imigrantes, vindos do que hoje é o estado do Tocantins, que se instalaram na região durante a predominância da borracha como principal atividade econômica da então província do Grão Pará (Almeida, 2009; Silva, 2006). O local escolhido para acampamento foi onde hoje está localizada a Velha Marabá ou Marabá Pioneira. Ao se instalarem, foram a procura de local adequado para a criação de gado, mas acabaram encontrando a árvore conhecida como seringueira, de onde se extrai o látex, material usado para a produção da borracha (Silva, 2006).

Tabela 1: Recortes de tempo do desenvolvimento de Marabá e a respectiva atividade econômica, mudança no espaço urbano e agente social envolvido

PERÍODO	ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL	CRIAÇÃO OU CONSOLIDAÇÃO DO NÚCLEO	AGENTE SOCIAL
1895 - 1920	Ciclo da Borracha	Velha Marabá ou Marabá Pioneira	Imigrantes em busca de trabalho ou novo local para moradia
1920 - 1960	Ciclo da Castanha, exploração de diamantes, minerais não metálicos e pecuária	Cidade Nova	Proprietários, fundiários e comerciantes
1960 - 1990	Extração do Ouro na Serra Pelada e indústrias, destaque para siderúrgicas	Criação da Nova Marabá e Morada Nova, consolidação da Cidade Nova e São Félix.	Governo federal, proprietários dos meios de produção e após década de 80, governo municipal
1990 - 2021	Indústrias de vários tipos, destaque para as siderúrgicas e madeireira. Fabricação de telhas e tijolos e produtos extrativos: pesca, lavoura e pecuária	Expansão dos núcleos urbanos	Governo municipal, proprietários dos meios de produção, promotores imobiliários e grupos sociais excluídos

Obs. As atividades econômicas e os agentes sociais apresentados tratam dos principais ou proeminentes de cada período, não devendo ser interpretados como únicos neste recorte temporal. Fonte: Cardoso & Lima (2009). Elaborado por Camila Azevedo.

Os primeiros comerciantes e os novos imigrantes se instalam e se tornam ou já eram seringueiros, e logo entram para o sistema de aviamento¹. De acordo com Silva (2006), as pessoas e famílias que chegavam na região vinham pelo rio e se estabeleciam. Assim, a Marabá Pioneira foi se desenvolvendo. Nesta época, os migrantes já identificavam que ocorriam cheias na região (Velho, 1972).

O fim do ciclo da borracha ocorreu em meados de 1919 e este foi um ano fatal para a atividade econômica que liderava a economia da cidade. Desta forma, algumas famílias que tinham se instalado voltam a se mover e começam a despovoar a cidade, muitas vezes voltando ao seu local de origem e ocorre um retorno ao ciclo da Castanha, que já era explorada mesmo antes do caucho, mas havia sido deixada de lado durante o ciclo da borracha (Cardoso & Lima, 2009). O povoamento do outro lado do rio Itacaiúnas, que hoje é a Cidade Nova, começou a ocorrer desde a percepção das cheias na Velha Marabá, que forçavam os moradores a saírem do lugar, seja temporariamente ou permanentemente, contudo ele ocorre de modo “arrastado”.

No período entre 1920 à 1940, segundo Velho (1972), Marabá passa por um processo de involução por conta do fim do ciclo da borracha e só começa a retornar aos poucos a partir da década de 40. Durante o período entre 1920 à 1960, Cardoso e Lima (2009) explicam que a exploração de gomas, diamantes e minerais não metálicos são acrescentados à economia da região, assim como a pecuária. Desta forma, acentua-se a “concentração da terra ligada à produção da castanha e à pecuária” (Cardoso & Lima, 2009, p. 173).

Por um longo tempo, os agentes sociais mais decisivos para as transformações da cidade foram os grupos de imigrantes que ali chegavam: enquanto uns faziam estadia permanente, outros o faziam de modo intermitente. Dentro desses grupos de imigrantes que se fixaram, se tem os papéis de agentes, os de proprietários do meio de produção e os proprietários fundiários.

Aqueles que eram responsáveis pela extração e comercialização tanto do caucho quanto da castanha, acabavam por ser os proprietários dos meios de

¹ Sistema em que o trabalhador recebe alimentação, moradia e ferramenta de trabalho como forma de pagamento ao iniciar determinado trabalho. Como estes itens eram dados como forma de pagamento do trabalho executado, ocorria de difícilmente existir saldo positivo para o trabalhador retirar em espécie, o que gerava um acúmulo de dívidas e, portanto, perpetuação do vínculo de trabalho (Cardoso & Lima, 2009).

produção, através da posse dos instrumentos para o extrativismo na região – assim como também os responsáveis pelo aviamento, formando uma camada social importante na localidade. Em 1935 tais comerciantes eram de origem nacional ou sírio-libanesa, e os mesmos também comandavam os transportes na região (Silva, 2006). Ainda segundo o autor, por muito tempo Marabá passou por um sistema de oligarquia latifundiária e mercantil. Desta forma,

a intensa dinâmica econômica da área rural permitiu a formação de uma elite urbana na cidade de Marabá, constituída pelos detentores dos meios de produção na região (como os donos de terras e os líderes da prática de aviamento, empresários da navegação e comerciantes) (...). (Cardoso & Lima, 2009, p. 174).

A produção do espaço começa a passar por grandes modificações a partir da década de 60 e 70 (Ferreira, Lima, & Silva, 2020), quando o Estado começa a agir na região amazônica, através de uma série de programas voltados para a Amazônia Oriental. Entre os projetos que impactaram e modificaram a região, principalmente o sudeste do estado do Pará, está o Projeto Grande Carajás, que após a descoberta de ferro em Carajás e a implantação de tal projeto pela então Companhia Estatal Vale do Rio Doce, Marabá, segundo Almeida (2009), deveria prover serviços e mão de obra para dar suporte à exploração da mina.

Para facilitar o escoamento e transporte dos produtos explorados em Carajás e também visando a integração da região norte às demais partes do país, foram então criadas estradas, como a rodovia transamazônica ou Br- 230, a PA-150 e a PA-70, que liga a cidade à rodovia Belém-Brasília, assim como também foi criada a Estrada de Ferro Carajás. A implantação dessa infraestrutura rodoviária também facilitou o fluxo migratório para a região e o escoamento de produtos locais.

Tais projetos tiveram como efeito um grande crescimento demográfico na região e na década de 70, Almeida (2009) explica que a área onde hoje fica a Cidade Nova era o local de maior expansão da cidade. A mesma esteve nas mãos de fazendeiros por muito tempo, mas só se expande e recebe infraestrutura a partir deste período, principalmente com a chegada da Transamazônica. Nesse período, o aeroporto da cidade é transferido para a região e ela começa a ganhar um caráter urbano (Cardoso & Lima, 2009).

Estes programas e projetos direcionados a região amazônica tinham entre suas motivações a intenção de ligá-la às demais localidades do país. É também nesse período que a região é vista como “espaço vazio”, quando ocorre a financeirização das terras amazônicas e é ignorada a presença de indígenas e outras sociedades locais que vivem no território ao serem instalados projetos e programas propostos pelo governo (Becker, 2015). Os projetos e programas também não consideravam e nem inseriam as populações extrativistas, pois viam tanto o modo de vida do local como suas atividades como “atraso” (Ferreira et al., 2020), e visaram estabelecer dentro deste espaço um modo de gerir a economia diferente de como ocorria na região, antes da década de 60 (Cardoso & Lima, 2006). A infraestrutura urbana feita na cidade durante período da década de 70, foi feita como forma de apoio à exploração dos recursos naturais e de modo dissociado das intervenções urbanísticas feitas na cidade, da própria urbanização e expansão urbana (Cardoso & Lima, 2009). Essas transformações acarretaram em marabá o mesmo que nas novas cidades do período, que seria a perda da identificação dos seus habitantes com sua localidade, perda de “envolvimento afetivo” (Cardoso & Lima, 2006, p. 68). Sobre as políticas nacionais implantadas na década:

A preocupação com as cidades na Amazônia resumia-se a uma tímida vinculação à perspectiva do urbano como um pólo dentro do processo de regionalização baseado nas teorias em voga na época (MENDES, 1974). O espaço intra-urbano não era olhado como dimensão de desenvolvimento local. Talvez pela fragilidade das estruturas governamentais locais, as prefeituras não eram atuantes como instância administrativa e, enquanto detentora de poder político, resumia-se a executora de programas pouco representativos para a maioria da população. (Cardoso & Lima, 2006, p.4)

O Estado neste período também realizou intervenções no próprio espaço urbano, pois segundo Almeida (2009, p. 176), “desapropriou terras para instalar o Batalhão de Infantaria da Selva, para expandir o aeroporto municipal e para construir a Nova Marabá”. Entre a década de 70 e 80, foi criado o projeto do núcleo da Nova Marabá, através da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) (Cardoso & Lima, 2009). Ainda de acordo com Ferreira, Lima e Silva (2020), no desenvolvimento desse projeto urbanístico não houve consulta nem participação popular. O projeto foi objeto de concurso, que após aprovado recebeu certas alterações e foi escolhido o terreno onde hoje fica a Nova Marabá por conta do aclave natural, no intuito de prevenir as cheias e criar um escoamento (Cardoso & Lima, 2009). Desta forma, é aqui que os mesmos autores apontam: a infraestrutura focou na instalação de estradas e fontes de energia, enquanto o plano urbanístico proposto – que possui características espaciais diferentes do núcleo da Marabá Pioneira, foi interrompido e não teve suporte adequado para o seu desenvolvimento, acabando por ter uma ocupação espontânea que não seguia os moldes do pré-projeto.

A partir da década de 70, indústrias siderúrgicas, dentre outras, começam a se instalar na região. Os núcleos Morada Nova e São Félix também se desenvolvem, embora não tanto quanto o núcleo da Nova Marabá e um terceiro núcleo planejado denominado Cidade Nova. As cheias continuam atingindo a cidade enquanto a região se desenvolve e adquire um padrão igual a de outras cidades brasileiras de desigualdade social. Marabá também se desenvolve adquirindo uma segregação espacial e social, tendo uma certa desconexão entre seus núcleos, mas enfrentando problemas semelhantes entre eles.

Ao ser criada e instalada a Cidade Nova e Nova Marabá, novos grupos sociais foram ocupando essas regiões, enquanto os originários ainda ficarem em boa parte na Velha Marabá. Tourinho (1991 como citado em Cardoso & Lima, 2009, p. 174), explica sobre a composição da nova elite que se forma, ao dizer que começou o “surgimento de uma burguesia urbana composta de funcionários públicos e trabalhadores, sem vínculo com o trabalho no campo e as transformações ocorridas nos limites políticos do município”. É também interessante perceber que, mesmo durante a sua história, nenhum projeto foi proposto para a Velha Marabá, no intuito de amenizar ou solucionar de alguma forma as cheias que ocorrem na região, assim como nenhum com participação social.

Tais ações e a desapropriação de terras, feitas pelo Estado, assim como a criação de um novo núcleo através da SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia), também abalou as relações de poder existentes na região, se referindo a “tradicional oligarquia da castanha que detinha o controle das terras e imóveis na cidade” (Almeida, 2009, p.176). Tal oligarquia apresentou resistência em relação a instalação deste novo núcleo, pois a criação desta nova área diminuiria sua influência e poder sobre a região. De acordo com Almeida (2009), os incentivos estavam voltados para a pecuária e aos projetos de mineração, ignorando e considerando “atraso” as atividades extrativistas e o modo de vida ribeirinho da região.

A mudança dos atores sociais se estabelece aqui, quando o governo instala

projetos e programas que transformam o espaço urbano e a partir disso insere novos agentes político-econômicos que alteram a utilização econômica da terra e seus recursos. Essa mudança de agentes continua gerando reverberações na cidade, onde ainda ocorre uma mercantilização exacerbada da terra e passa por uma especulação imobiliária de partes dos seus núcleos, situações que influenciam a produção espacial até os dias de hoje.

Núcleos da Cidade e Suas Configurações Espaciais

O laboratório urbanístico sugerido no texto refere-se à possibilidade de explorar a configuração dos núcleos urbanos de Marabá a partir dos seguintes temas: distribuição de usos do solo, tipologias de ocupação, traçado urbano, hierarquia das vias e áreas de expansão. O objetivo de identificar tais características é compreender como é o espaço urbano da cidade e como ele vem sendo produzido e ocupado. Devido às condições impostas pela pandemia do corona vírus, a pesquisa se limitou por executar a identificação através das ferramentas do Google Maps, Google Earth e consulta a Revisão do Plano Diretor Participativo de Marabá, disposto pela lei Nº 17.846 em 2018.

- ***Principais Usos do solo e Tipologia de Ocupação.***

O uso do solo, aqui sendo especificado segundo as atividades exercidas nos distritos de Marabá, são classificados pelo Plano Diretor Participativo de 2018 como zonas residenciais mistas. O que varia entre um núcleo e outro são as tipologias de ocupação de cada núcleo e a presença mais marcante do comércio em dois deles.

Os padrões de ocupação aqui explicitados, seguem a identificação na Amazônia por Cardoso e Lima (2006) em dois padrões de ocupação do território na Amazônia: um determinado pelo acesso aos rios e outro relacionado às rodovias. Tais padrões surgiram antes e depois dos projetos do governo citados, a partir da década de 60. Os autores ainda explicam que essas tipologias se relacionam à escala e importância política das cidades.

Contudo, tais padrões se referem a cidades em sua completude, o mesmo é sugerido aqui quanto a criação de núcleos urbanos. Os núcleos de Marabá possuem um padrão de ocupação inicial que por vezes muda no decorrer do seu desenvolvimento, principalmente com a instalação da infraestrutura implantada pelo governo na década de 1970.

A Velha Marabá é marcada predominantemente por uso residencial e pequenos comércios locais. As construções possuem predominantemente até dois andares. Edificações de gabarito maior, com três ou quatro andares, podem ser vistas de modo espaçado e isolado nas vias de cunho comercial.

É possível observar ruas mais estreitas conforme se aproxima do ponto de encontro entre os rios Itacaiúnas e Tocantins, assim como também aumenta o uso residencial. O núcleo possui algumas vias de comércio, sendo a Av. Antônio Maia e Av. Mal. Deodoro, a rua da orla, as principais. Outras vias comerciais menores são parte da Av. Getúlio Vargas, onde está localizada a feira do distrito, parte da R. Sete de junho e parte da Tv. Santa Teresinha, que são próximas às principais. A R. Cinco de Abril e R. Norberto de Melo também tem uma parte comercial no trecho ao redor da praça Duque de Caxias. A Orla tem em essência restaurantes e bares, tendo uma concentração de atividades de entretenimento e passa por uma especulação imobiliária, por conta da sua vista e acesso pro rio (Cardoso & Lima, 2009).

Esta, sendo a parte mais antiga da cidade, tem uma caracterização de ocupação

de vila ribeirinha, a partir do momento que o assentamento começa nesta área por conta da proximidade com os rios e o utiliza como principal meio de acesso por muito tempo, até a chegada das rodovias. Também está associado a atividade extrativista, que dominou a economia da região por praticamente 65 anos, tempo que o núcleo era o único da cidade.

A Nova Marabá é cortada pela rodovia Transamazônica. Em tal rodovia estão alguns dos comércios mais importantes do distrito e de porte nacional, como supermercados Mix Mateus, Líder e o um Shopping Center (Pátio Marabá). Outros comércios de porte médio e pequeno são vistos nas avenidas coletoras e locais.

Aqui o gabarito dos edifícios é mais alto, já começam a aparecer com certa frequência prédios de 3 e 4 andares. Alguns de 10 ou mesmo 20 andares, residenciais e comerciais, marcam de modo espaçado a vista do distrito. A tipologia de ocupação seria de cidade, neste caso núcleo, planejado pelo Governo. É um exemplo de projeto de cidade que visava a localização de novas territorialidades (Cardoso & Lima, 2006).

A Cidade Nova, apesar de ter surgido antes da década de 60, só desenvolveu aspectos urbanos e recebeu infraestrutura no mesmo período de implantação que a Nova Marabá. A localidade pertencia em grande parte a fazendeiros e após receber a mudança do aeroporto e a rodovia transamazônica, ganhou o caráter residencial misto. Segue o mesmo padrão de uso que a Nova Marabá, tendo comércios de grande porte na referida rodovia, junto com alguns comércios locais. A via de comércio principal no interior do núcleo é a Av. Nagib Mutran, que também dá acesso à praça São Francisco.

A área de concentração de comércio no núcleo começa a partir da Av. Nagib Mutran, e se estende para as duas ruas laterais, R. Afro Sampaio e R. Sérvulo Brito, indo da Rodovia Transamazônica até a Av. Itacaiúnas. O início de ocupação deste distrito tem características de vila ribeirinha, semelhante à Marabá pioneira, pelo seu assentamento começar um pouco depois desta. Porém, como dito, ela só se desenvolve com a chegada da rodovia transamazônica. Aqui, este núcleo tem em origem uma característica de Vila ribeirinha, não tão desenvolvida quanto a Velha Marabá, e passa para um desenvolvimento devido a acessibilidade rodoviária.

São Félix apresenta um distrito menor que a Cidade Nova e Nova Marabá, mas também mantém uso residencial misto. Não foi identificado comércio de grande porte neste núcleo, sendo identificado mais comércios locais. A via de comércio principal é a rodovia PA - 150. Os estabelecimentos comerciais deste núcleo dão suporte a rodovia, como borracharias, oficinas de mecânica, pequenos hotéis etc, mas também ao centro urbano como lanchonetes, mercearias de pequeno porte e outros. O povoamento deste núcleo deu suporte ao garimpo de diamantes e exploração de gomas, entre 1935 e 1950 (Velho, 1972; Moraes, 2009). Contudo só recebe infraestrutura a partir de 1970 com o porto das balsas e com a construção da ponte mista (Cardoso & Lima, 2009). O porto das balsas ligava São Félix ao outro lado do Tocantins, que hoje é a Nova Marabá. A referida ponte mista seria a ponte sobre o Tocantins que é tanto rodovia, quanto ferrovia, compondo a PA-150 e a Ferrovia de Carajás. O surgimento de São Félix tem então relação com a atividade extrativista, principalmente do diamante e da castanha.

Morada Nova segue o padrão de São Félix, residencial misto, com principal rua de comércio a rodovia PA -150. Alguns comércios locais estão presentes dentro do núcleo, em ruas próximas à rodovia.

A região surgiu e se desenvolveu com a infraestrutura viária implantada pelo governo a partir da década de 70 (Moraes, 2009) e com a instalação de madeiras, serrarias e atividade pecuária.

- **Malha viária urbana**

Os núcleos de Marabá apresentam malhas viárias diferentes em cada um, principalmente os que estão mais próximos, sendo a Velha Marabá, Nova Marabá e Cidade Nova. Na Velha Marabá, a malha viária tem uma característica radial, que converge para o ponto de encontro dos rios Itacaiúnas e Tocantins. A Av. Getúlio Vargas, é a única via que corta o núcleo inteiro de modo a dar acesso tanto ao rio Itacaiúnas quanto ao Tocantins. Na Nova Marabá, o traçado urbano deste distrito seguiu o Plano de Expansão Urbana de Marabá (PEUM) proposto pela SUDAM e possui sua inspiração na ideia de uma estrutura vegetal, “onde os troncos seriam os ‘eixos viários periféricos’, os galhos o ‘sistema viário principal de penetração’ e as ‘folhas’ as comunidades localizadas” (Almeida, 2009, p. 179). Sendo desta forma um traçado urbano com aspecto sinuoso.

A Cidade Nova possui predominantemente uma malha viária regular em grelha, conhecida como trama xadrez, que é definida tomando como partida a transamazônica até próximo o limite natural imposto pelo rio Itacaiúnas. Já o núcleo São Félix também possui uma malha retangular, com quarteirões quadrados e vias ortogonais, formando 90°. Percebem-se em alguns pontos algumas falhas, ou formato sinuoso, conforme se afastam da PA-150 e do centro do núcleo.

Partes do traçado viário urbano de Morada Nova, que são as feitas pelo governo, sendo o Residencial Tiradentes e o Jardim do Éden, seguem uma malha retangular, regular. As outras partes têm um aspecto mais irregular, definido a partir da rodovia, mas com quarteirões em sua maioria retangulares. Na Figura 1 são apresentadas as malhas urbanas de cada núcleo de Marabá.

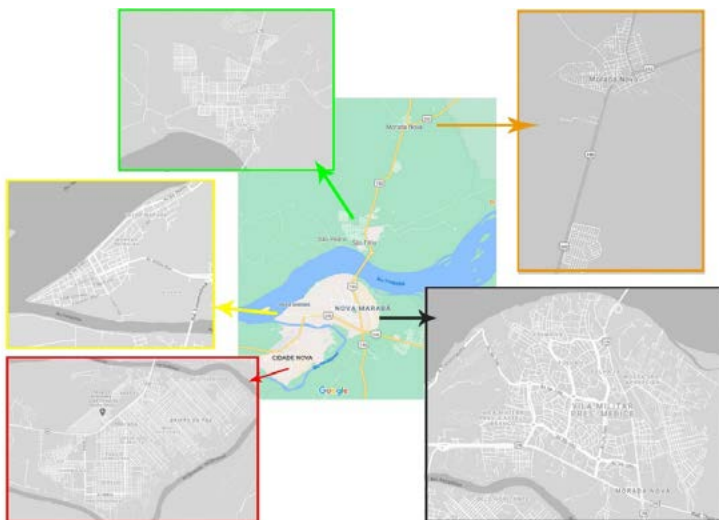


Figura 1. Traçados urbanos dos núcleos de Marabá
Obs. Adaptado do Google Maps por Camila Azevedo.

Quem Está Construindo a Cidade de Marabá?

Ao tratar sobre os agentes que estão atuando no espaço urbano de Marabá, utiliza-se a divisão que Corrêa (1995) trata em seu livro O Espaço Urbano, onde haveria cinco agentes sociais: o Estado, os promotores imobiliários, os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários e os grupos sociais excluídos. Atualmente, se tratando aqui nos últimos 15 anos, o Estado continua atuando na cidade, mas com perceptível mudança na ideologia de suas ações, em comparação

ao período de 1960 à 1988, devido a Constituição de 1988 e suas definições a respeito do direito à cidade. Conforme Corrêa (1995), é possível inferir que ele possui diversos papéis, seja o de proprietário fundiário, o de promotor imobiliário ou como definidor do uso e ocupação do solo na produção do espaço urbano.

Enquanto promotor imobiliário, o Estado atuou através do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), na realização de quatro projetos: Loteamento Residencial Tiradentes, Residencial Jardim do Éden, Residencial Vale do Tocantins e o Residencial Magalhães. Tais projetos previam, de acordo com planilha de empreendimentos

do programa disponível no site da CAIXA, 1.410, 968, 1.090 e 1.500 habitações, respectivamente. De acordo com a mesma planilha, houve ainda um quinto projeto, Frutão e Cinturão Verde I e II, mas não foi possível identificar nem a localização, nem o andamento do mesmo. Todos foram voltados para a Faixa 1, que segundo site do governo, seria para atender beneficiários de renda bruta familiar de zero a 1.800,00R\$.

Todos os projetos foram feitos entre ou nos núcleos Morada Nova e São Félix. De acordo com Souza e Leite (2017), que fizeram um estudo voltado aos residenciais Tiradentes e Jardim do Éden, 45% dos moradores do primeiro residencial eram dos núcleos Morada Nova e São Félix, os outros 55% eram dos outros núcleos, zona rural ou mesmo outros municípios. Já no segundo residencial, 51% dos moradores eram dos núcleos Morada Nova e São Félix, os outros 49% novamente eram de outros núcleos, zona rural ou outros municípios.

Na criação destes projetos, o Estado atuou tanto como proprietário fundiário, nos casos onde desapropriou terras para tais residenciais, quanto promotor imobiliário através do PMCMV. Contudo, é possível perceber que tais projetos não só atuaram

no déficit habitacional do próprio município, como também incorporaram novos habitantes de outros municípios ou das zonas rurais, enquanto haviam moradores em ocupações irregulares que poderiam ser beneficiados, antes de moradores de outros municípios.

Além disso, também aumentou a carência de acesso aos serviços e equipamentos públicos, visto que tais projetos ou estão no limite dos núcleos, longe dos seus centros, ou longe dos próprios núcleos. Neste quesito, o Residencial Tiradentes é o mais afetado, seja pela falta de transporte ou a própria falta de acesso à cidade, pois fica entre os núcleos Morada Nova e São Félix.

Além de alocar famílias que criaram moradias em local de vulnerabilidade para os projetos já citados, o Estado também age facilitando crédito para pessoas de renda maior conseguirem moradia no setor imobiliário privado. Desta forma, Souza e Leite (2017, p. 66) analisam que essa política habitacional feita pelo Estado possui “duas faces distintas: em uma delas, o poder público financia e produz diretamente a habitação”, como no caso do PMCMV, em outra o “poder público procede a um conjunto de medidas, como a flexibilização e ampliação de crédito, para favorecer a produção pelo setor privado, estimulando o mercado imobiliário”.

Enquanto regulador do uso e ocupação do solo, o município criou pela primeira vez em 2008 o primeiro Plano Diretor Participativo da cidade, que já teve a sua primeira revisão realizada e publicada em 2018. Em tal documento, o mesmo

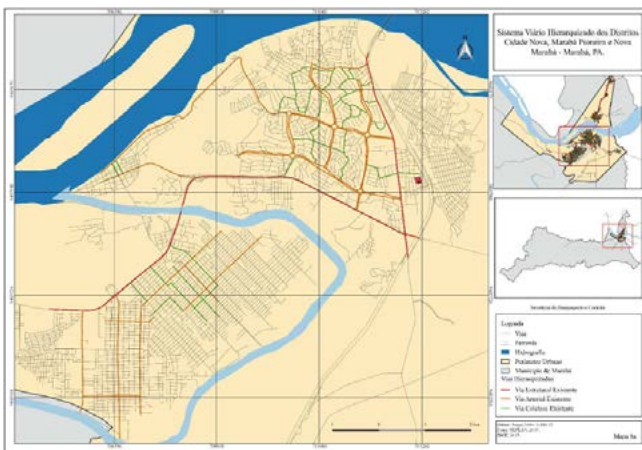


Figura 2. Sistema Viário Hierarquizado dos Distritos Cidade Nova, Marabá Pioneira e Nova Marabá
Obs. Fonte: Revisão do Plano Diretor Participativo de Marabá (2018, p. 129)

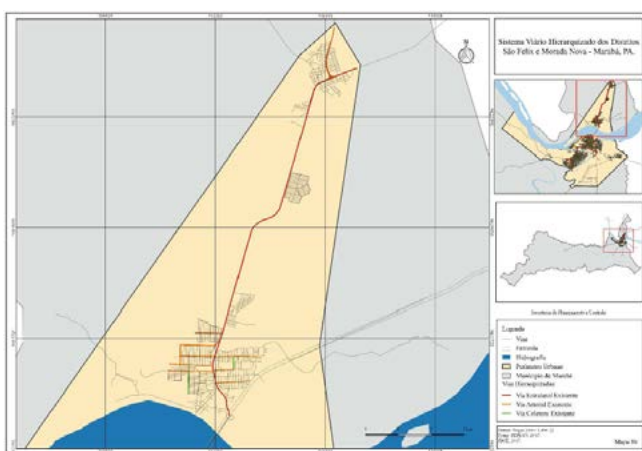


Figura 3. Sistema Viário Hierarquizado dos Distritos São Félix e Morada Nova
Obs. Fonte: Revisão do Plano Diretor Participativo de Marabá (2018, p. 130)

apresenta caracterização dos seus núcleos, rurais e urbanos, assim como defini sobre o uso do solo e da outras provisões.

O governo tem atuado também na orientação de ocupação do espaço urbano ao desapropriar terras, tal ação tem vários motivos, desde a instalação de algum serviço público ou para a normalização de invasões em áreas privadas, para fornecer às pessoas nessa situação o direito a terra e moradia. Neste último caso, pode depender da negociação do Estado com o agente dono da área ocupada e será retratado um caso específico desta situação mais à frente. Ele também foi definidor de uso do espaço ao escolher as áreas onde foram criados os conjuntos habitacionais do PMCMV.

Destaca-se no exame do Plano Diretor em vigor em Marabá, a relação entre as indicações viárias e a instalação de empreendimentos imobiliários estatais e privados de acordo com o que é indicado como áreas de expansão urbana. O plano hierarquiza o sistema viário dos Distritos Cidade Nova, Marabá Pioneira, Nova Marabá, São Félix e Morada Nova. As Figuras 2 e 3 mostram o mapa definido pelo Plano Diretor de 2018.



Figura 4. Vias de conexão entre os núcleos urbanos de Marabá
Obs. Adaptado do Google Maps por Camila Azevedo.

Morada Nova é o menor núcleo, apresentando uma via estrutural e uma arterial. São Félix apresenta uma via estrutural, oito arteriais e duas coletoras. Já a Marabá Pioneira não apresenta nenhuma via estrutural, apenas três arteriais, que conectam esse núcleo à Nova Marabá e Cidade Nova, e duas coletoras. Nova Marabá possui duas vias estruturais, 6 arteriais e mais de dez coletoras, que são difíceis de definir devido a sua malha irregular. Cidade Nova possui uma via estrutural, oito arteriais e nove coletoras. As vias que fazem a conexão entre os núcleos, podem ser vistas na Figura 4.

A PA-150 é a conexão entre os núcleos Morada Nova, São Félix e Nova Marabá. A R. Transmangueira que se transforma na Av. Vp-Três conecta a Marabá Pioneira à Nova Marabá. Já a Av. Antônio Maia e a Rodovia Transamazônica conectam a Marabá Pioneira, Nova Marabá e Cidade Nova. O plano diretor participativo de Marabá, aprovado como lei em 2018, também define as áreas de expansão, tais estão apresentadas na Figura 5.

O plano prevê zonas de expansão para os núcleos Cidade Nova e Nova Marabá. Pela Figura 5, é possível averiguar que os núcleos de São Félix, Morada Nova e Cidade Nova possuem bastante área de crescimento, passíveis de ocupação, ainda dentro dos seus limites já definidos.

Além de tais papéis, o Estado também atua na provisão de infraestrutura e equipamentos públicos. Acrescentando ao tema, uma notícia publicada no site da Prefeitura de Marabá em fevereiro de 2019, traz à tona um pouco sobre a problemática entre a expansão e a provisão de infraestrutura pública. Tal matéria trata sobre a atuação do estado através da Secretaria de Viação e Obras Públicas (SEVOP) nas áreas de expansão que ainda não possuem infraestrutura.

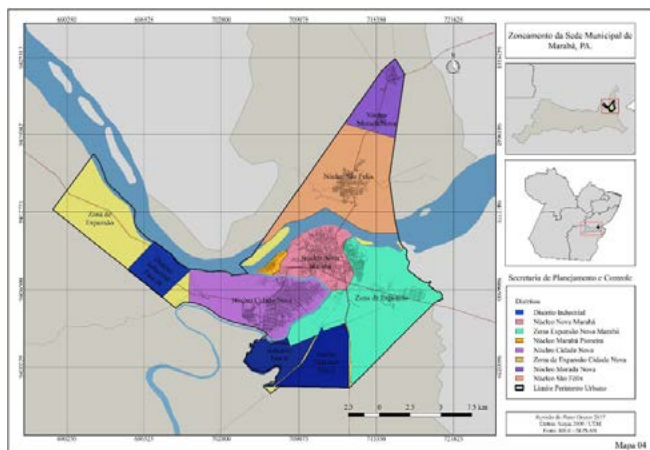


Figura 5, Zoneamento da Sede Municipal de Marabá, PA
Obs. Fonte: Revisão do Plano Diretor Participativo de Marabá (2018, p. 124)

Nesta notícia, no relato do professor doutor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Marcus Vinícius Souza se faz importante destacar, que “o crescimento do município é de certa forma desordenado porque nos últimos anos, sobretudo, depois de 2009, com novo perímetro urbano e especulação da vinda de empreendimentos, houve várias áreas de expansão na cidade em todas as direções.” (Coelho, 2019, nd). O que é possível conferir através da identificação das áreas de expansão dos núcleos. O professor Souza ainda trata da dificuldade de atender as demandas da expansão desordenada que acontece ao mesmo tempo em lados opostos da cidade.

Promotores imobiliários têm atuado, principalmente, dentro da expansão da área urbana. Tal atuação se dá devido às grandes transformações no espaço urbano de Marabá e ao aumento populacional, desde a década de 70, onde criou-se uma expectativa de novos investimentos para a cidade. É possível citar vários empreendimentos imobiliários já instalados ou em instalação na região. No Tabela 2 mostra o nome, a localização, a fase e a empresa responsável pela venda ou construção de alguns dos empreendimentos identificados nas áreas de expansão da cidade.

Tabela 2: Empreendimentos privados na expansão urbana de Marabá

EMPREENHIMENTO	LOCALIZAÇÃO	FASE (EM 2021)	EMPRESA
Castanheira Residence	Expansão da Cidade Nova	Pronto para construir	Tua Terra
Condomínio Mirante do Vale	São Félix	Pronto para construir	Construtora Mirante Empreendimentos Imobiliários
Residencial Paris	Expansão Nova Marabá	Pronto para construir	Grupo Água Santa Construtora
Condomínio Residencial Ipiranga Ecoville	Expansão Nova Marabá	Pronto para construir	Ipiranga Ecoville
Condomínio Itacaiúnas	Expansão Nova Marabá	Pronto para morar	Total Ville Maraba
Residencial Delta Park	Expansão Nova Marabá	Pronto para construir	Tua Terra
Condomínio Tocantins	Expansão Nova Marabá	Pronto para morar	Total Ville Maraba
Residencial Cidade Jardim	Expansão Nova Marabá	Pronto para construir	Buriti Empreendimentos

Obs. As empresas identificadas tratam da responsável pela venda ou construção dos empreendimentos. Elaboração: Camila Azevedo.

Tais empreendimentos, em sua maioria, prometem asfaltamento e meio-fio, iluminação pública, rede de água e coleta de esgoto, energia elétrica e galerias de drenagem. Alguns também oferecem áreas de lazer, áreas verdes, piscina e as vezes até lago. Itens que devem ser fornecidos na cidade, mas nem sempre o são em quantidade ou qualidade ideal. Vendem a infraestrutura e o terreno, assim como a própria ideia de bairro planejado. Pela Tabela 2, verifica-se que a maior parte vende o terreno, enquanto uma minoria tem vendido o apartamento, e nesses casos são condomínios de até quatro andares.

Esses empreendimentos não são novidade e já possuem precedentes em todo país, aqui não se faz diferente. Tais projetos se direcionam a classes financeiras que podem arcar com os custos da compra, propondo um bairro planejado usualmente informando que lá haveria uma melhor qualidade de vida, mas nem sempre isso é promovido na prática, assim como por vezes não estão tão opostos nesses termos dos conjuntos habitacionais propostos pelo governo. Acabam sendo

(...) bairros exclusivos, isolados, segmentados, e sem nenhum dos aspectos que

garantiriam riqueza e qualidade da vida urbana: diversidade de usos, comércios, níveis de renda, volumetrias, a alternância de quarteirões construídos com praças ou equipamentos acessíveis a todos, ruas públicas bem servidas pelo transporte de massa. Aspectos que trazem grande qualidade, mas que infelizmente estão sumindo das nossas cidades.

Exemplos disso são justamente os bairros nobres, exclusivamente residenciais, por onde não se anda à noite sem certa preocupação: sequência de muros, cercas e guaritas, e ausência de comércios, pessoas e, portanto, de vida urbana, intimidam e afugentam o transeunte. (Ferreira, 2012, p. 18).

É verificável o distanciamento dos empreendimentos dos centros dos núcleos, que gera uma dependência ao uso de automóveis ao mesmo tempo que gera um problema de transporte e acesso. Por estarem localizados em áreas de expansão, é possível que com o desenvolvimento da cidade os residenciais estejam “mais abraçados” pela cidade, contudo por enquanto isso ainda não é realidade. Cabe ainda neste ponto o seguinte comentário sobre a criação de tais projetos,

(...) esse raciocínio esconde uma visão dicotômica da cidade, como se cada lado – o rico e o pobre – existisse por si só, independentemente do outro, quando na verdade ambos interagem e se autoalimentam, numa dinâmica de codependência, para o bem ou para o mal. Por isso, mesmo nas áreas mais privilegiadas, aquilo que vem sendo apresentado como modelo de sucesso urbano infelizmente está longe de sê-lo. (Ferreira, 2012, p. 13).

O raciocínio que ele se refere é justamente ao de bairros planejados promoverem uma melhor qualidade de vida do que nas outras áreas da cidade. Há também a existência de outros residenciais de estrutura menor, onde o próprio dono do terreno investe na construção de edificações térreas ou até de 3 andares, mas neste caso normalmente o intuito é alugar, ao invés de vender. Os mesmos estão em essência localizados dentro dos núcleos nas partes mais consolidadas do espaço urbano e consomem consideravelmente menos espaço do que os empreendimentos citados. Com exceção do empreendimento Condomínio Green Village, que fica localizado na Cidade Nova de frente ao rio Itacaiúnas, que levanta o questionamento sobre a retirada e privação do acesso ao rio.

Souza (2015, citado em Carvalho & Souza, 2018, p. 120), explica que em Marabá é evidente a “mercantilização exacerbada da cidade e da terra urbana, sobretudo, na última década através da criação de diversos condomínios e loteamentos”, se referindo às ações firmadas pela lógica estatal e de mercado no espaço urbano da cidade. E o que está sendo possível conferir nesta análise, vista os empreendimentos e projetos habitacionais já citados.

Os proprietários dos meios de produção são identificados nas indústrias, como as siderúrgicas, madeireiras, entre outras; também estão presentes supermercados e um shopping de amplitude nacional; e os comércios locais. Os de maior porte, de caráter comercial, estão localizados próximos à rodovia Transamazônica que corta a cidade. Já os mercados locais, assim como açougues, mercadinhos e outros comércios são vistos por dentro dos núcleos, longe das rodovias e consomem menos espaço, por vezes sendo o primeiro andar de uma residência.

Se tratando das indústrias, existem três distritos industriais em Marabá, que podem ser vistos na Figura 5. Eles ficam próximos a área de expansão da Cidade Nova e Nova Marabá.

Dentre dos agentes identificados como grupos sociais excluídos, se faz presente as pessoas que moram em invasões cuja localização depois de um tempo acaba ou virando um novo bairro ou sendo feito a retirada das pessoas do local.

Em Marabá, cabe a exemplificação do bairro que hoje é chamado de nossa senhora aparecida, localizado depois da rodovia PA-150. Tal bairro começou como invasão e é exemplo de expropriação de terras privadas pelo governo em favor das pessoas que ali ocuparam. O local, que antes era a fazenda Bandeira, começou a ser ocupado em 2005/2006, segundo Carvalho e Souza (2018).

Ainda segundo os mesmos autores, que realizaram uma pesquisa de campo no bairro, cerca de 24% são oriundos da zona rural da cidade ou de outros municípios. Entre as razões para a realizar a mudança para o local, estão: oportunidade de ter casa própria e/ou deixar de pagar aluguel; ida para Marabá em busca de melhores condições de vida; busca de emprego ou melhoria na renda; pelo fato do aluguel ser mais barato neste bairro do que em outros; pelo bairro ter melhores qualidades que o anterior onde residiam; o afetivo, por já ter familiares que moravam lá, entre outros.

Ainda houve, 8,04% dos entrevistados, o caso de “famílias que tinham casas em outros bairros, mas, que viram na supervalorização imobiliária, uma oportunidade para vender a casa e adquirir outra (...)” no bairro nossa senhora aparecida, justamente por serem mais baratos e dando a possibilidade de faturarem algum dinheiro com isso (Carvalho e Souza, 2018, p. 122). Aqui é possível perceber o impacto da especulação imobiliária e da mercantilização da cidade, que acaba por “empurrar” famílias de menor poder aquisitivo para assentamentos informais, algo que Carvalho e Souza (2018) também tratam.

O bairro ainda não havia sido totalmente legalizado até o momento deste trabalho, pois a indenização aos donos da fazenda ainda não havia sido feita integralmente, o que dificulta a regularização fundiária e a titulação dos imóveis. A produção do espaço no local se deu através da autoconstrução, com casas de alvenaria ou madeira. Em relação a infraestrutura, após alguns anos de sua implantação, houve o asfaltamento de parte do bairro e a instalação de energia elétrica.

O bairro se encontra próximo à rodovia PA-150 e a estrada de ferro, fazendo parte do núcleo Nova Marabá. Carece ainda tanto de equipamentos públicos quanto de infraestrutura, o que faz com que os moradores do local precisem se deslocar aos outros bairros para diversos serviços, como saúde, escolas e acesso ao trabalho (Carvalho e Souza, 2018).

A mesma situação do bairro Nossa Senhora Aparecida também é vista em outras áreas de ocupação na cidade. Os grupos sociais excluídos transformam o espaço urbano quando, além de outras formas, se instalam em áreas que quando são desapropriadas em seus benefícios podem virar novos pontos de interesse na cidade. Novamente citando a reportagem postada no site da prefeitura de Marabá em 2019, nela é reportada a existência de 17 grandes ocupações, a maioria em áreas privadas, como “(...) Nossa Senhora Aparecida, Araguaia, bairros da Paz, Vale do Itacaiúnas, Filadélfia, São Miguel da Conquista, São Félix II e III, Francolândia, entre outras.” (Coelho, 2019, nd). Na mesma notícia, o secretário de desenvolvimento urbano na época, Mancipor Oliveira Lopes, explica que ali o que se pode fazer é “a composição em mesa de negociação, para que o lote possa ser transferido para o morador” (Coelho, 2019, nd), em referência a demanda de infraestrutura urbana.

Os proprietários fundiários aqui se fazem muito presentes devido Marabá ser uma cidade que passou por um processo de expansão na década de 70 e ainda se expande, possuindo espaço para tal feito. Muitos proprietários, pequenos ou grandes, acabaram sendo expulsos ou forçados a vender seus terrenos, principalmente com as já citadas intervenções e desapropriações de terra do governo, feitos para a construção das rodovias, estrada de ferro, o núcleo Nova Marabá, a Batalhão de

Infantaria da Selva e a expansão do aeroporto municipal. Mas também pela chegada de novos empreendimentos.

Atualmente, ainda existem grandes fazendas nas áreas de expansão da cidade, e é possível citar a fazenda Bandeira que foi desapropriada pelo governo como exemplo atual. Nas áreas identificadas como expansão dos núcleos no plano diretor participativo de Marabá, estão presentes ainda proprietários que estão no aguardo da especulação imobiliária, do crescimento do núcleo e vinda de empreendimentos para transformar o espaço rural em urbano. Mas não só nos limites da cidade, como também no seu centro, ainda existem áreas e terrenos cujos proprietários aguardam a especulação imobiliária ou boas ofertas para a venda dos mesmos.

Considerações finais

O desenvolvimento de Marabá até a década de 60 ocorreu sob influência de oligarquias locais e principalmente por atividades extrativistas. A forma de atuação do governo federal a partir desse período e até quase o final da década de 90 provocou grandes mudanças na configuração urbana da cidade, alterando também as relações de poder na região e inserindo novos agentes sociais. Tais ações orientaram o espaço e o levaram ao que é hoje, onde há múltiplos agentes envolvidos dentro da produção do espaço urbano e múltiplos distritos com certas características urbanas diferentes.

A cidade de Marabá é marcada por intervenções que não tiveram como ponto de partida os seus habitantes e seu modo de vida, pelo contrário, foram muitas vezes ignorados. Nos últimos 30 anos, a presença do governo municipal passa a ser mais presente e começa a dar atenção a cidade e sua territorialidade, porém não sem ser passível de críticas quanto a seu modo de atuação.

Embora o governo federal ainda atue no município através de programas assistenciais como o PMCMV ou com a liberação de crédito para financiamento de habitação, é importante ressaltar que os projetos do governo para pessoas de baixa renda citados, direcionam a uma separação na orientação de ocupação do espaço entre as diferenças de renda, dos conjuntos habitacionais e empreendimentos privados, agindo de forma a projetar segregações espaciais.

Percebe-se, portanto, conflitos entre os agentes sociais que atuam na localidade, pois, conforme a cidade recebe novas indústrias, ocorre uma mercantilização e especulação imobiliária dos bairros melhor localizados ou das áreas de expansão, onde se instalam novos empreendimentos imobiliários. Este conjunto atrai novos habitantes ao mesmo tempo em que “empurra” moradores existentes, que já necessitavam de melhorias urbanas, acesso à cidade e habitação digna, para bairros e regiões mais precárias. Os novos habitantes que podem arcar com habitação digna em regiões melhores avaliadas assim o fazem, enquanto aqueles que não podem pagar ocupam áreas mais baratas, por vezes áreas privadas desabitadas, junto com os moradores existentes que se mudaram devido a especulação imobiliária. O Estado atua definindo onde serão localizados os novos conjuntos habitacionais e quando negocia a compra de uma área ocupada com outros agentes, em favor do grupo social excluído que fez a ocupação, ou quando realiza a expulsão deste grupo da área.

Conclui-se que a cidade de Marabá tem um histórico de ações de uma governabilidade estatal projetada a não atender – ou que não o faz no todo, as demandas da região, seus moradores e seus modos de vida. A localidade atualmente possui uma mescla de habitantes que exercem atividades diferentes, tendo ribeirinhos e pessoas que vivem do extrativismo, funcionários públicos, comunidade universitária,

os servidores e operários das indústrias, entre outros. É preciso que existam projetos junto ao Estado, voltados para a realidade local e estimulem, conforme Cardoso & Lima (2006, p.68), o “envolvimento afetivo de seus habitantes” e uma “identidade local”.

Portanto, espera-se por este artigo poder dar fomento a temática a própria questão social além da academia, na prática do arquiteto e urbanista frente às políticas públicas voltadas para a região ou às demais esferas e agentes envolvidos no processo de atendimento de demandas sociais se tratando da produção do espaço e sua organização.

O modo de uso do solo, a tipologia de ocupação, a malha viária, a hierarquia das vias e as áreas de expansão dos núcleos mostram as particularidades de cada distrito de Marabá, que por descreverem a configuração do espaço são temas importantes para serem observados na compreensão de sua produção. Ademais, podem servir como parte da base para projetos de urbanismo tático e intervenções urbanísticas que busquem aprimorar o espaço urbano para soluções de problemas locais e estímulo para a apropriação do espaço pela sociedade local.

Referências bibliográficas

Almeida, J. J. (2009). A cidade de Marabá sob o impacto dos projetos governamentais (1970-2000). *Fronteiras: Revista de História*. 11 (20), 167-188. <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/347> Acesso: 10/04/2021

Becker, B. K. (2015). *As Amazônias de Bertha K. Becker: Ensaio sobre geografia e sociedade na região amazônica*. Garamond.

CAIXA. (n.d.) Minha casa minha vida – habitação urbana. <https://www.caixa.gov.br/voce/habitacao/minha-casa-minha-vida/urbana/Paginas/default.aspx> Acesso: 07/04/2021

Cardoso, A. C. D., & Lima, J. J. F. (2006). Tipologias e padrões de ocupação urbana na Amazônia Oriental: para que e para quem?. In Cardoso, A. C. D. (Org.) *O urbano e o rural na Amazônia* (55-110). EdUFPA.

Cardoso, A. C. D., & Lima, J. J. F. (2009). A influência do governo federal sobre cidades na Amazônia: Os casos de Marabá e Medicilândia. *Novos Cadernos NAEA*. 12 (1), 161-192. <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/issue/view/23/showToc>. Acesso: 06/04/2021

Carvalho, M. R. S., & Souza, M. V. M. (2018). A produção do espaço urbano em Marabá – PA e sua relação com as ocupações urbanas: O caso do bairro Nossa Senhora Aparecida. *Revista Caminhos de Geografia*. 19 (66), 116 -132. <http://dx.doi.org/10.14393/RCG196608> Acesso: 10/04/2021

Coelho, E. (2019, fevereiro 27). *Gestão: Expansão desordenada dificulta desenvolvimento social e de infraestrutura*. Prefeitura de Marabá. <https://maraba.pa.gov.br/gestao-expansao-desordenada-dificulta-desenvolvimento-social-e-de-infraestrutura/#:~:text=Atualmente%20em%20Marab%C3%A1%20existem%2017,III%2C%20Franco%20ndia%2C%20entre%20outras> Acesso: 10/04/2021

Corrêa, R. L. (1989). *O espaço urbano*. Editora Ática S.A.

Ferreira, J. S. W. (Org.). (2012). *Produzir casas ou construir cidades? Desafios para um novo Brasil urbano*. Editora FUPAM.

Ferreira, S. B. F., Lima, A. T. O., & Silva, M. L. N. (2020). Breves reflexões sobre desenvolvimento urbano, ocupações e a pandemia de COVID-19 em Marabá (PA). *Ambiente: Gestão e Desenvolvimento*. 1 (1), 55-80. <https://doi.org/10.24979/ambiente.v1i1> Acesso: 05/04/2021

Lei Nº 17.846 2018. http://www.governotransparente.com.br/transparencia/documentos/4466490/download/29/Plano_Diretor_Participativo_%2017.846_Mar%C3%A7o_2018.pdf Acesso: 03/04/2021

Mellati, J. C. (1999, Dezembro). Timbira. Povos Indígenas no Brasil. Obtido em Abril 14, 2021, de <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Timbira> Acesso: 10/04/2021

Moraes, L. C. J. (2009). *Abastecimento de água na cidade Marabá-Pará* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará]. Repositório Institucional da Universidade Federal do Pará. http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/9852/1/Dissertacao_AbastecimentoAguaCidade.pdf Acesso: 02/04/2021

Oliveira, F. A., Pena, H. A., & Silva, F. L. (2015). A dinâmica da ocupação da Amazônia brasileira: Do interesse político e econômico aos conflitos socioambientais. *Revista Caribeña de Ciencias Sociales*. 1-22. <https://www.eumed.net/rev/caribe/index.html> Acesso: 10/04/2021

Silva, I. S. (2006). *Migração e cultura no sudeste do Pará: Marabá (1968-1988)*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás]. Centro de Recursos Computacionais da Universidade Federal de Goiás. https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/Idelma_Santiago_da_Silva.pdf Acesso: 09/04/2021

Souza, M. V. M., & Leite, M. R. L. (2017). Impactos do programa minha casa minha vida em Marabá (PA): Desigualdades socioespaciais nos conjuntos habitacionais Jardim do Éden e Tiradentes. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*. 4 (12), 65-83. <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.v4n12p65-83> Acesso: 11/04/2021

Velho, O. G. (1972). *Frentes de expansão e estrutura agrária: Estudo do processo de penetração numa área da Transamazônica*. Zahar Editores.

Autores

Camila Azevedo. Graduada de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Para. camila.silva.azevedo@itec.ufpa.br

Jose Lima. Doutor em Arquitetura pela Oxford Brookes University. Professor da Universidade Federal do Pará. jjlima@ufpa.br

LA INICIACIÓN CIENTÍFICA COMO CAMINO PARA LA INCURSIÓN EN EL CONOCIMIENTO CIENTÍFICO Y TECNOLÓGICO

Eje/Eixo Temático 2

Miriam Chugar

Universidad Católica Boliviana "San Pablo"

Resumen

El presente trabajo caracteriza el programa de Iniciación Científica como proceso de construcción del conocimiento científico y tecnológico aplicado en la asignatura "ARQ 329 Investigación" de la Carrera de Arquitectura de la Universidad Católica Boliviana, Unidad Académica Santa Cruz, con el objetivo de despertar la vocación científica en los estudiantes de pregrado, para formar recursos humanos con conocimientos en ciencia y tecnología, capaces de actualizar, descubrir o generar conocimientos nuevos en Arquitectura y Urbanismo. La práctica se fundamenta en el Aprendizaje Basado en Proyectos, con el fin de desarrollar los saberes actitudinales y potenciar la autonomía, la creatividad, la innovación y la comunicación de los estudiantes. Concluimos que, la práctica de IC desde su inclusión en la Carrera ha ido despertando la vocación científica de forma gradual en los estudiantes de pregrado, motivándoles a participar como miembros de la "Sociedad de Investigación Científica Estudiantil de Arquitectura" (SICEA) o en proyectos de grupos de investigación. Consecuentemente promoviendo a la participación en eventos científicos a nivel regional, nacional e internacional.

Palabras clave: **Iniciación científica, conocimiento, metodología, investigación.**

Resumo

O presente trabalho caracteriza o programa de Iniciação Científica como um processo de construção de conhecimento científico e tecnológico aplicado na disciplina "Pesquisa ARQ 329" da Carreira de Arquitetura da Universidade Católica Boliviana, Unidade Acadêmica de Santa Cruz, com o objetivo de despertar a vocação científica nos estudantes de graduação, para formar recursos humanos com conhecimentos em ciência e tecnologia, capazes de atualizar, descobrir ou gerar novos conhecimentos em Arquitetura e Urbanismo. A prática se fundamenta no Aprendizagem Baseada em Projetos, com o objetivo de desenvolver conhecimentos atitudinais e potenciar a autonomia, criatividade, inovação e comunicação dos estudantes. Concluímos que a prática de IC desde a sua inserção na carreira tem despertado gradativamente a vocação científica nos estudantes de graduação, motivando-os a participarem como

membros da “Sociedade de Pesquisa Estudantil de Arquitetura” (SICEA) ou em projetos de grupos de pesquisa. Consequentemente promovendo a participação em eventos científicos a nível regional, nacional e internacional.

Palavras-chave: Iniciação científica, conhecimento, metodologia, pesquisa.

Introducción

La Universidad Católica Boliviana “San Pablo” en el Modelo Académico (2011), en su Capítulo 6, Función Sustantiva: Investigación e Innovación, establece que “la investigación es uno de los pilares fundamentales de la actividad académica en la UCB y, junto con la enseñanza y otras formas de servicio social, constituye su misión cultural entre los hombres y ayuda a la Iglesia a dar respuestas nuevas a problemas y exigencias del contexto” (p.68).

En ese contexto la UCB ha definido políticas, directrices y líneas de investigación para orientar la actividad de pesquisa a nivel nacional, las cuales se encuentran especificadas en el ‘Plan Estratégico Institucional (PEI) 2014-2020’. Con referencia a las líneas de investigación, la directriz D.33, indica “definir las líneas de investigación de la UCB, priorizando los intereses de la Iglesia y de la Universidad, considerando las capacidades instaladas y los requerimientos de la sociedad boliviana y potenciando el incentivo de tesis de grado y de postgrado”. Asimismo, en la directriz D.3.4 expresa “desarrollar proyectos de investigación interdisciplinaria que se ejecuten en interacción con organismos públicos y privados, nacionales e internacionales”.

En concordancia con tales directrices, fueron definidas las siguientes líneas de investigación: Familia y comunidad; Ética y moral; Desarrollo humano integral: Derechos Humanos, salud y educación; Ciencia, tecnología e innovación; Crecimiento equitativo, desarrollo inclusivo, emprendimiento y productividad; Medio ambiente, recursos naturales y energías; Cultura y patrimonio e Institucionalidad, relaciones internacionales y soberanía.

La Carrera de Arquitectura (CA) de la Unidad Académica Santa Cruz, asume las políticas, y directrices estratégicas de la institución, adoptando tres líneas de investigación: ciencia, tecnología e innovación; medio ambiente, recursos naturales y energías; y, cultura y patrimonio. Aspectos que en la praxis de la profesión han sido descuidados o han sufrido poca consideración en el actual proceso de construcción de las ciudades y el hábitat en general. Asimismo, la CA, destaca que uno de los principios para la formación del arquitecto, es la relación indisoluble entre –enseñanza, investigación e interacción social– para que esa indisolubilidad sea practicada de forma continua, no solo dentro las salas de aula, sino también en actividades extra curriculares, se ha implementado en el programa académico la Iniciación Científica.

La IC, fue adoptado a partir de la experiencia personal ejercida de 2005 a 2012, en el Programa de Posgraduación en Arquitectura de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Rio de Janeiro (PROARQ/FAU/UFRJ), donde participe orientando proyectos de IC del Laboratorio de Vivienda (LabHab), en calidad de investigadora. Posteriormente de 2015 a 2016 como profesora visitante del Curso de Arquitectura de la Universidad de la Integración Latinoamericana (UNILA), fueron desarrollados trabajos de IC con estudiantes de pregrado.

Así, desde el primer semestre de 2017 se desarrolla la IC en la asignatura ‘ARQ 329 Investigación’, con el objetivo de “despertar la vocación científica en los estudiantes de pregrado, para formar recursos humanos con conocimientos en ciencia y tecnología, capaces de actualizar, descubrir o generar conocimientos nuevos en

Arquitectura y Urbanismo” (Chugar, 2018). Para alcanzar ese objetivo, es necesario seguir los siguientes objetivos específicos:

- Estimular al desarrollo del pensamiento crítico/reflexivo y de creatividad, resultado de las condiciones creadas por la confrontación directa con los problemas de investigación;
- Facilitar la fundamentación teórica referencial para la comprensión del proceso de iniciación científica;
- Proporcionar los instrumentos teórico-metodológicos para el desarrollo de proyectos de investigación;
- Facilitar la comprensión de la escritura académica y las normas para la elaboración de informes con rigor científico, ética y responsabilidad;
- Impulsar a participar en eventos científicos a nivel regional, nacional e internacional
- Motivar para que la práctica de investigación e innovación sea parte del universo del estudiante;
- Implementar la formación en el campo ético.

Como expresa Paulo Sérgio Lacerda Beirão (2014) “un entrenamiento ético responsable y consistente durante la Iniciación Científica es una de las mayores contribuciones para la formación de los futuros profesionales con conocimiento científico”¹.

La iniciación científica

La Iniciación Científica (IC) es un programa académico orientado a formar recursos humanos con capacidades para ejercer las primeras prácticas de investigación basado en el método científico. Por tanto, es el primer paso para que los estudiantes de pregrado puedan incursionar en el conocimiento científico y tecnológico con ética y responsabilidad. Como expresa Paulo Sérgio Lacerda Beirão (2014) “un entrenamiento ético responsable y consistente durante la Iniciación Científica es una de las mayores contribuciones para la formación de los futuros profesionales con conocimiento científico”.

Este programa fue desarrollado en universidades brasileñas desde 1951, impulsando al desenvolvimiento de los cursos de posgraduación. En las palabras de Glaucius Oliva, presidente del Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (CNPq), “la iniciación científica tuvo importantes contribuciones para el desarrollo nacional, formado grandes científicos brasileños a lo largo de la historia, por tanto, es responsable por la consolidación de la ciencia en el Brasil” (Oliveira, 2014).

Soporte teórico metodológico

La dimensión investigativa, desarrollada por María M. Villegas y Fredy E. Gonzales (2005) reconocen que, “si la investigación es el eje del proceso de enseñanza, las competencias que desenvuelven los estudiantes serán mayores, porque la búsqueda sistemática del conocimiento constituye un componente indispensable para el desarrollo personal, profesional y social” (p.124).

Estos beneficios determinan una metodología acorde al desenvolvimiento de los estudiantes; permiten que la organización de contenidos se conduzca en torno al

¹ Prof. Dr. Paulo Sérgio Lacerda Beirão. Pro-rector de Investigación del “Centro de Pesquisas René Rachou – Fiocruz”, Rio de Janeiro, Brasil.

tratamiento de problemas; admitiendo el desarrollo de capacidades para enfrentar el mundo globalizado; direcciona para que la didáctica pedagógica se centre en los estudiantes y en el contexto educativo como objeto de saber y de producir conocimiento; se adaptan a los enfoques de aprender haciendo que sostiene la escuela constructivista; se adecua a la concepción de la educación como un hecho complejo, dinámico y en constante evolución; potencia la autonomía, la creatividad, la innovación y la comunicación dentro y fuera del aula; entiende la evaluación como un proceso de reflexión investigativa de los procesos de educación (p.125).

El Aprendizaje Basado en Proyectos, (ABP o PBL, por sus siglas en inglés *Project-based learning*), se aplica en el proceso de desarrollo de la práctica de IC, con el fin de desarrollar los saberes actitudinales y potenciar la autonomía, la creatividad, la innovación, la comunicación, el trabajo en equipo y colaborativo, y la proactividad. Conforme expresa María S. Ramírez (2012) “el aprendizaje basado en proyectos consiste en enfocar actividades individuales y en equipo, relacionadas con el aprender a aprender juntos; resolver problemas educativos reales, poniendo en práctica los conocimientos recién adquiridos y el buscar solucionar o desarrollar proyectos en forma integrada” (p.26).

El ABP tiene como finalidad estimular el “Aprendizaje Colaborativo” por medio del trabajo por grupos de estudiantes. Después de haber recibido instrucciones del docente cada grupo de estudiantes, intercambian la información para trabajar en una determinada tarea. La clase se convierte en un foro abierto al diálogo entre estudiante-estudiantes y estudiantes-docente, los estudiantes tienen un rol activo, dentro de su equipo, aprenden a recibir apoyo de sus compañeros de clase y también a colaborar mutuamente, enriqueciendo sus procesos cognitivos con las diversas ideas del grupo. (Chugar, 2019).

De acuerdo con Chugar (2019), Ramírez (2012), Basabe (2007), y Brooks-Young (2005), las competencias y habilidades en base al modelo de aprendizaje por proyectos deben tener las siguientes características en común:

- » **Centrados en el estudiante y dirigidos por el estudiante:** Por tanto, el proyecto debe contar con una estructura pertinente que permita que el aprendizaje sea un proceso constructivo, donde los factores académicos, sociales y contextuales tienen influencia en su adquisición.
- » **Un inicio, un desarrollo y un final claramente definidos:** Antes de implementar la propuesta con los estudiantes, se debe tener definida la estructura del proyecto con todos sus componentes previo a la ejecución del mismo.
- » **Contenido significativo para los estudiantes, directamente observable en su entorno:** El proyecto debe estar diseñado para permitir el logro de los diversos objetivos a través de diferentes estructuras de conocimiento que permiten establecer movilidad y conexión entre la nueva información y el conocimiento previo de los estudiantes.
- » **Problemas del mundo real:** El aprendizaje se obtiene de manera significativa cuando se logra ubicar lo aprendido en situaciones reales, donde la motivación despierta el interés y lleva a realizar tareas de investigación para resolver y decidir sobre las posibles soluciones.
- » **Investigación de primera mano:** Los estudiantes son los que realizan la investigación y la búsqueda de información, el docente solo orienta cuando éstos lo consideren necesario. Para la revisión bibliográfica, se debe optar por la información obtenida de fuentes primarias y confiables.

La metodología propuesta permite la autonomía del estudiante, por tanto, puede ser aplicada en otras asignaturas de las mismas características, ya sean prácticas o teóricas.

“Entre tanto, la participación del docente es importante como agente de esta transformación, en el que deja de ser un replicador del formato tradicional para actuar de manera cooperativa, con orientaciones directas a los estudiantes, gestionando los procesos de conocimiento y desempeño de cada uno” (Castro, 2018, p.98).

Estructura del programa de Iniciación Científica

La experiencia de IC se estructura en tres elementos de competencia: fundamentación teórica (conocimientos previos), planificación de la actividad y Experimentación (ejecución del proyecto de IC). El tiempo estipulado para la actividad es de 12 semanas (24 aulas).

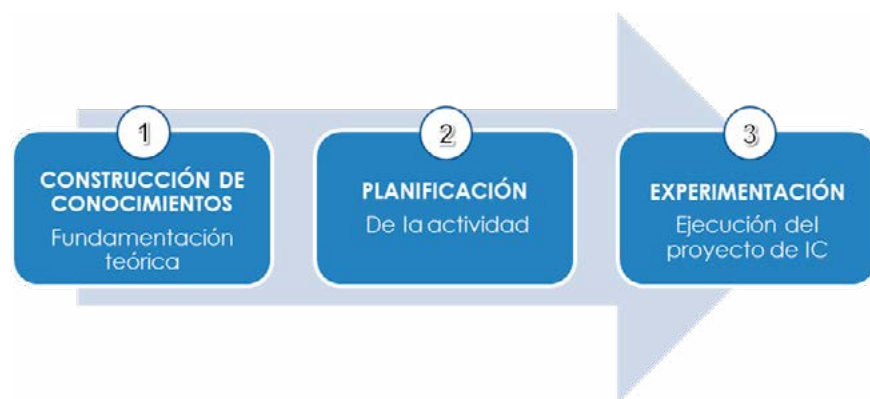


Gráfico 01: Estructura del programa de IC
Fuente: Elaborado por el autor

1. Fundamentación teórica

- 1.1. En esta fase la primera tarea tiene como objetivo generar empatía con la asignatura, a partir de la muestra de videos de motivación y reflexión y, lecturas programadas de artículos relacionados con temas actuales. Después de cada muestra de video o lectura, los temas son debatidos en foros o mesas redonda, posteriormente cada estudiante sintetiza el tema en una ficha reseña de tipo crítico-reflexiva o elabora un glosario con las palabras claves. La actividad tiene como finalidad promover la lectura, asimismo, desenvolver capacidades de comprensión, interpretación, análisis, síntesis y redacción, aplicando normas de escritura académica.
- 1.2. La segunda tarea tiene como objetivo proporcionar los componentes del proyecto de IC, como soporte para el proceso de ejecución. La actividad se desarrolla por grupos conformado por tres o cuatro estudiantes, consiste en la indagación de los componentes de investigación, los cuales son presentados de forma oral con apoyo de recursos visuales (*Power Point, Prezi* o *VD*), a la conclusión de cada exposición los temas son debatidos en foros o mesa redonda, en el cual



Figura 01: Aula de fundamentación teórica - UNA, Paraguay
Fuente: Fotos del autor, 2017

interactúan estudiante-estudiante y estudiante-docente, seguidamente el docente complementa la información que no fue mencionada. La actividad tiene como finalidad desenvolver capacidades para la búsqueda y selección de bibliografía primaria para la elaboración de referenciales teóricos; selección de métodos, técnicas y herramientas para el levantamiento de datos *in situ*; sistematizar los datos recolectados; y analizar los resultados; asimismo se imparten las normas de redacción científica para elaborar los informes para la presentación de resultados en eventos científicos.

1.3. La tercera tarea consiste en identificar el objetivo de la investigación, la metodología aplicada (método, técnicas y herramientas) y las principales conclusiones de artículos científicos. El docente selecciona artículos con temas de interés, posteriormente los distribuye a cada grupo para realizar la tarea, los cuales son presentados de forma oral en la clase. La actividad tiene como objetivo familiarizar a los estudiantes con la estructura general y los componentes de artículos científicos.

2. Planificación de la actividad

Previamente se establecen los lineamientos de la actividad para que todos los estudiantes tengan conocimiento de los objetivos del proyecto de IC.

- Elección del tema: los estudiantes junto con el docente proceden a la selección del tema de investigación, el cual debe responder a las problemáticas actuales de la ciudad y el hábitat en general.
- Directrices para la ejecución del proyecto: el docente expone los componentes del proceso de ejecución del proyecto y del producto final que consiste en: Ensayo, Poster y/o VD.



Figura 02: Planificación de la actividad - UNA, Paraguay
Fuente: Fotos del autor, 2017

- Metodología de evaluación: se expone la metodología de evaluación del proceso de proyecto y el producto final, los valores asignados en cada fase de acuerdo al desempeño individual como el trabajo en equipo.
- Conformación de grupos: se conforman los grupos de trabajo con tres o cuatro componentes, en función al número de estudiantes inscritos en la asignatura.
- Diseño del cronograma: El docente junto con los estudiantes elaboran el cronograma general de actividades con fechas establecida para las orientaciones por grupos y la entrega final de los productos.

3. Desarrollo del proyecto de IC

El proyecto comprende: la revisión del estado del arte; la elección del caso de estudio y el objeto de estudio; la recopilación de la información documental y de campo; la sistematización de la información recopilada y la elaboración del reporte o informe final en formato ensayo y poster.



Gráfico 02: Estructura del proceso de proyecto
Fuente: Elaborado por el autor

Fase 01: Conocer el estado del arte

- Con el tema definido se procede a la revisión bibliográfica sobre el tema elegido, para conocer el estado del arte. La revisión bibliográfica consiste en la lectura de los principales artículos y libros referidos al tema, con la finalidad de conocer el estado actual del problema.
- Después de conocer el estado del arte, cada grupo define el objeto de estudio.
- Seguidamente se elige el estudio de caso.
- Finalmente, cada grupo elabora el cronograma de actividades con las tareas a realizar y el tiempo estipulado para cada actividad.

Fase 02: Recopilación de información

- 2.1. **Investigación documental:** Los estudiantes con la orientación del docente, proceden a la selección de la bibliografía primaria, siguiendo el proceso metodológico expuesto en cinco pasos: Primero se realiza la selección de la base de datos en sitios web confiables (Google académico, repositorio de universidades, *Scopus*, *Scielo*, OMS, etc.). Segundo se procede a la búsqueda de datos utilizando las palabras claves. Tercero se aplica los criterios de exclusión a partir del título y el resumen. Cuarto, se realiza la lectura del índice y parte del texto aplicando los criterios de selección. Quinto, se procede a la selección de los documentos para la lectura completa de la bibliografía incluyendo su revisión (análisis y síntesis de evidencias), y por último se extrae la información relevante relativa al problema de investigación en fichas impresas o digitales. La lectura ira consolidando una base teórica preliminar.
- 2.2. **Investigación de campo:** En esta fase se realizan las primeras visitas de reconocimiento al sitio elegido para entender el contexto; seguidamente se procede con la selección de los métodos, técnicas y herramientas. Una vez preparado el material se efectúa las visitas al lugar junto al docente con el fin de validar la técnicas y herramientas elegidas para la recopilación de información, si existe alguna dificultad para aplicar se recomienda realizar los ajustes

necesarios. Posteriormente se procede al levantamiento de datos *in situ*, para registrar las observaciones en un cuaderno de campo, fichas, mapas, fotografías, cuestionarios, etc.

Las visitas se repiten en diferentes horarios y días de la semana, para registrar los diversos acontecimientos y consolidar los hallazgos. Una vez recopilada la información suficiente, se procede a la sistematización y análisis de datos. Esta etapa requiere de mucho tiempo, por tanto, exige del investigador paciencia, perseverancia y esfuerzo personal.

Fase 03: Sistematización de datos

En esta fase los estudiantes organizan y clasifican por categorías los datos y hechos recopilados. Antes de desarrollar la actividad se procede a la selección de recursos que va a disponer el grupo para la sistematización de datos, que pueden ser digitales o físicos, como mapas conceptuales, diagramas, gráficos, fichas de presentación, mapas, diseños, etc. La sistematización de información permite comprender y explicar los contextos, fundamentos, la lógica y los aspectos problemáticos que presenta la experiencia, estimulando a los estudiantes a darse cuenta de los posibles cambios que se produjeron, cómo y por qué ocurrieron. Al registrar los datos en un cuadro de recurrencias, abre la posibilidad de categorizarlos en los registros realizados.

Fase 04: Análisis y discusión de resultados

El análisis y discusión de resultados es la parte final y conclusiva, donde se exponen todos los hallazgos de la investigación. La actividad consiste en procesar la información sistematizada en la fase anterior, por tanto, es preciso que cada grupo de investigadores escoja la forma más adecuada para mostrar sus resultados, resaltando la información útil. La orientación y el apoyo del docente será fundamental en la toma de decisiones para alcanzar resultados satisfactorios, por ejemplo, un cuadro cuando se quiera mostrar datos comparativos o cifras estadísticas; un gráfico cuando quiera resaltar las diferencias entre los grupos comparados, plantas y fotografías del estudio de caso, o hasta fotografías de la ejecución del trabajo, como evidencias. Toda la información debidamente analizada y contrastada se presenta de forma ordenada y comprensible, finalizando con la descripción de las conclusiones y/o consideraciones finales si la investigación amerita.

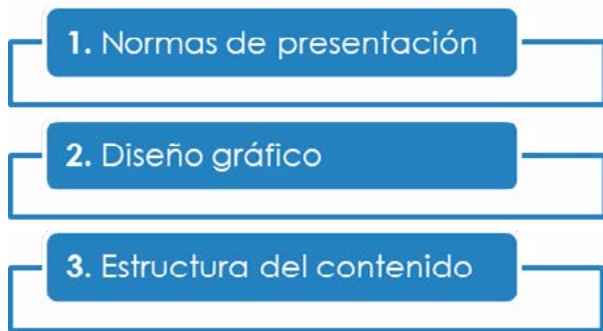
Fase 05: Elaboración del informe final

El reporte o informe final es el resultado del proceso de investigación, por tanto, cabe a los componentes de cada grupo organizar y seleccionar la información de forma precisa. Se puede presentar de forma escrita en formato artículo o poster, y oral con apoyo de recursos visuales (*Power Point, Prezi, VD o Poster*).

El póster es un documento gráfico, que sirve para presentar un proyecto, una experiencia o los resultados de una investigación, por tanto, debe ser asertivo y claro, para captar la atención del observador.

En la presente experiencia, el poster se constituye en un medio para desarrollar la competencia de comunicación y difusión de proyectos de IC en eventos científicos. Como elemento de comunicación y difusión exige una serie de requisitos para que

cumpla con su cometido fundamental, desde su presentación visual (ordenado y legible), pasando por los elementos estructurales, la lógica de presentación, la exposición de ideas, la calidad de las fuentes mencionadas y la combinación e interpretación de los datos. Es así que, para su ejecución fue elaborado un dossier que oriente el proceso de desarrollo, el cual se encuentra estructurado en tres partes:



5.1. **Normas de presentación:** Comprende el formato y estilo de texto.

5.2. **Diseño gráfico:** Es el conjunto de recursos visuales y creativos utilizados para comunicar de forma adecuada y, comprende:

- La selección de elementos visuales pertinentes al tema para el fondo del espacio bidimensional;
- La organización y disposición de elementos en el espacio bidimensional, de acuerdo con la estructura predeterminada: en una rejilla, alineados en líneas o columnas para una lectura ordenada y una conexión visual;
- La distribución y organización de la información gráfica y textual en el espacio bidimensional, con criterios de jerarquización de acuerdo a su importancia para facilitar la lectura;
- La presentación estética agradable con equilibrio visual (aplicación adecuada de la textura, el color, tipo y tamaño de letra, etc.).

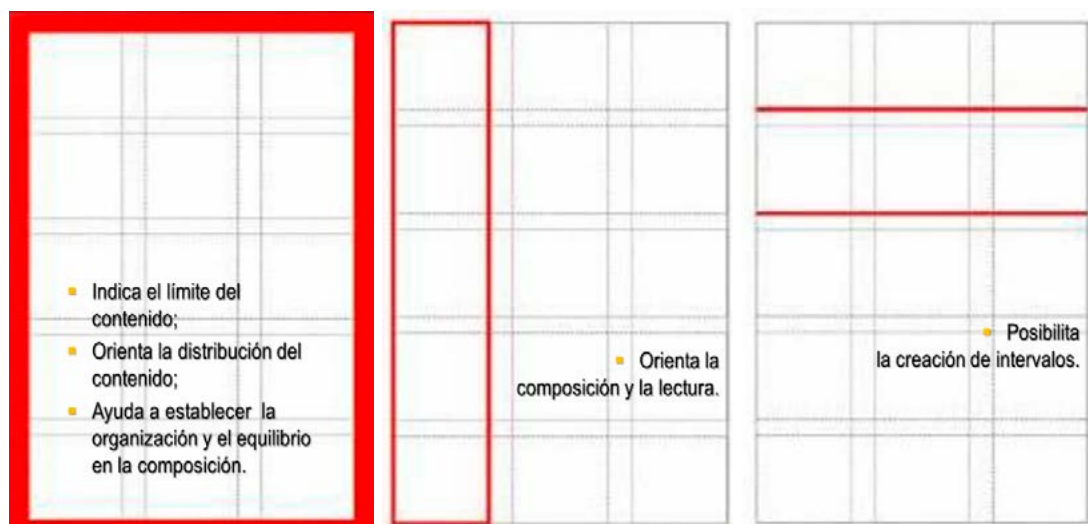


Figura 03: Rejilla bidimensional
Fuente: Diseño del autor, 2016

Estructura del contenido:

» *Título: (Superior /centralizado)*

Expresa el resumen de la investigación, compuesto básicamente por tres elementos: Que se va hacer, sobre qué y donde.

» *Estructura del cuerpo de la investigación*

INTRODUCCIÓN: Explica brevemente el objetivo de la investigación, la metodología utilizada, los antecedentes generales y/o específicos.

CONTENIDO: Detalla la información principal. El análisis de datos sistematizados, y los resultados obtenidos.
CONCLUSIONES y/o CONSIDERACIONES FINALES: Pone en consideración los resultados más destacados.
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS De acuerdo con la norma APA (Mínimo tres referencias de autores mencionados en el documento).

» **Datos Institucionales**
 Presenta los datos institucionales y personales de acuerdo con las exigencias de cada evento científico.



Figura 04: Reporte en formato poster de IC
 Fuente: Asignatura ARQ 239

La figura 04 muestra los resultados de la actividad de IC desarrollado por estudiantes de la asignatura "ARQ 329 Investigación". Se puede observar que el reporte o informe final en formato poster, responden a los requisitos de presentación.

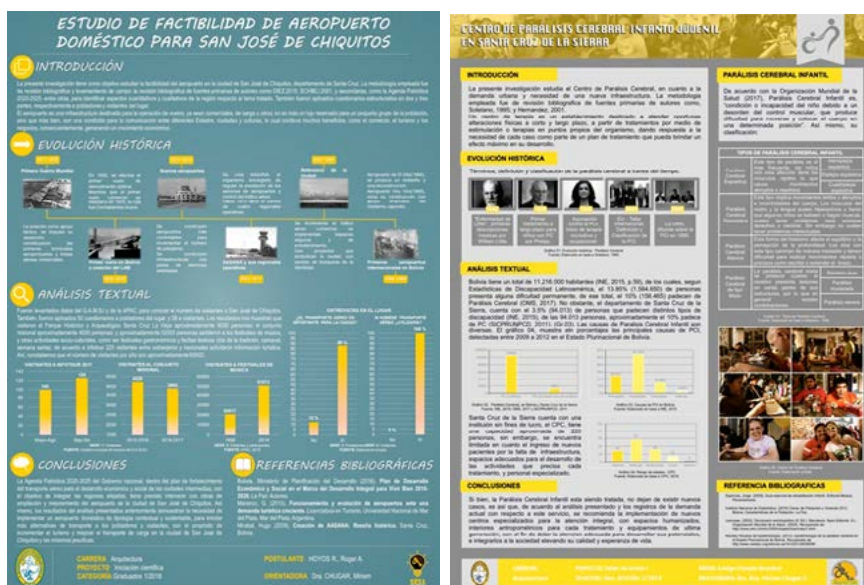


Figura 05: Reporte en formato poster de investigación
 Referencias: Taller de Grado 1 (TG1)

La figura 05 presenta los resultados de la investigación que forma parte de la monografía de conclusión de grado, desarrollado por estudiantes de noveno semestre.



Estudiantes de la CA/UCB-SC



Estudiantes del taller de IC

Figura 06: Presentación oral en evento científico (CICAU, 2019)

Fuente: Fotos del autor, 2019

La figura 06 presenta la participación de estudiantes en eventos científicos a nivel internacional.

Conclusiones

La situación actual exige la formación de profesionales con conocimientos en ciencia y tecnología, por tanto, estimular a los jóvenes estudiantes, al hábito de la investigación en todas las áreas de conocimiento es fundamental. Así, la experiencia de IC, adoptada en la Carrera de Arquitectura es el ámbito donde se ejerce la práctica de iniciación a la investigación con rigor científico, ética y responsabilidad. Concluimos afirmando que, la práctica de IC desde su inclusión en la Carrera ha ido despertando la vocación científica de forma gradual en los estudiantes de pregrado, motivándoles a participar como miembros de la “Sociedad de Investigación Científica Estudiantil de Arquitectura” (SICEA) o en proyectos de grupos de investigación. Consecuentemente promoviendo a la participación en eventos científicos a nivel regional, nacional e internacional.

Los eventos más destacados en el cual participaron estudiantes con proyectos de IC fueron: el Seminario Nacional en Teoría e Historia de la Arquitectura “100 Años de Arquitectura en América Latina” SENTHAR, 2020; la 3º Jornada Nacional de Iniciación Científica de la Carrera de Arquitectura (JICA, 2020); la 2º JICA, 2019, Santa Cruz, Bolivia; el IV Congreso de Iniciación Científica de Arquitectura y Urbanismo (CICAU, 2019), realizado en Concepción, Chile; la 1º JICA, 2018, Santa Cruz, Bolivia; el 1º Encuentro Internacional del Grupo de Estudios Multidisciplinarios en Urbanismo y Arquitectura (MALOCA, 2017), Foz de Iguazú, Paraná, Brasil; y el II Congreso de Iniciación Científica de Arquitectura y Urbanismo (CICAU, 2017), realizado en Asunción del Paraguay.

Asimismo, la IC fue la promotora para el desarrollo de la primera tesis de grado en 2017, a la fecha ya suman tres tesis de grado, igualmente, la monografía de proyecto de grado presenta mejoras sustanciales en el contenido de la investigación y formato de presentación. Cabe mencionar que, la experiencia también fue impartida en dos eventos científicos internacionales, desarrollados en la categoría “Taller de Iniciación Científica: complementación en la formación”.

Por otro lado, la metodología de Aprendizaje Basado en Proyectos aplicada en el desarrollo de la actividad fue importante, porque fue reforzando el propósito de la práctica. Los estudiantes se involucran totalmente en todo el proceso de desarrollo de la actividad, con responsabilidad y compromiso, para cumplir de forma satisfactoria el cronograma de actividades en las fechas marcadas. Así, los estudiantes dejan de ser pasivos para tornarse protagonista del proceso de aprendizaje, con capacidad de liderar equipos de trabajo para la toma de decisiones bajo presión comprometidos a trabajar en las diferentes actividades que exige la investigación, ya sea en la selección de referenciales teóricos, la recopilación de información de campo, o las entrevistas,

con rigor científico, ética y responsabilidad. Las conexiones que se realizan durante el desarrollo del proyecto, corroboran de forma interdisciplinaria para establecer la metodología propuesta como, herramienta que prepara a los estudiantes para los desafíos del mercado profesional.

Referencias bibliográficas

Basabe, F. E. (2007). *Educación Integral: en el nivel superior*. México: Trillas.

Brooks-Young, S. (2005). *Aprendizaje basado en proyectos: La tecnología lo hace realista*. Profesor católico de hoy, Revista ProQuest Education Journals database.

Castro, Eduardo unos de Lima (2018). *Aprendizagem Baseada em Problemas com Foco no Mercado de Trabalho e na Interdisciplinaridade*. En: *Anais completos do II Seminário Internacional A DIMENSAO SOCIAL DA FORMACAO PROFISSIONAL e I Fórum Integrado da Zona de Amortecimento do Parque Estadual da Serra da Cantareira, V.2. n.2*. São Paulo. Recuperado de <https://dsfpbrasil.wixsite.com/dsfp-2018/anais> acceso: 02/05/2021

Chugar, Aideé (2019). *Estrategias de enseñanza y aprendizaje significativo en base a proyectos de desarrollo de competencias profesionales* (Tesis de maestría), Escuela Militar de Ingeniería EMI, Cochabamba, Bolivia.

Chugar, Miriam (2018). *La iniciación científica: complementación en la formación*. Revista Arquitectura 2018.

Ramírez, M. S. (2012). *Modelos y estrategias de enseñanza para ambientes innovadores* (presenciales y a distancia). México: ITESM.

Universidad Católica Boliviana (2011). *Modelo Académico*. Universidad Católica Boliviana "San Pablo". La Paz: UCB.

Villegas, M. M y González, F. (2005). *La construcción del conocimiento por parte de estudiantes de educación superior. Un caso de futuros docentes*. En: *Perfiles educativos*, v. XXVII, n.109-110. pp. 117-139.

Autora

Miriam Chugar. Es arquitecta, magíster y doctora en Ciencias de la Arquitectura por la Universidad Federal de Rio de Janeiro (UFRJ) y, Posdoctora en Paisaje, Patrimonio y Territorio (Lab2pt) por el Instituto de investigaciones de la Universidad de Minho, Guimarães, Portugal. Actualmente es docente de pregrado y postgrado, e investigadora de la Carrera de Arquitectura de la Universidad Católica Boliviana "San Pablo" (UCB-SCZ) y del Grupo de Estudios Multidisciplinarios en Arquitectura y Urbanismo del Sur, (MALOCA) de Brasil. ichugar@ucb.edu.bo

RELAÇÕES DE PODER NOS AMBIENTES DE APRENDIZADO: Contrapontos Entre o Virtual e o Presencial

Eje/Eixo Temático 2

Lucimeire Pessoa
Helena Ayoub Silva

FAU USP - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade de São Paulo

Resumo

Este artigo pretende contribuir com a discussão sobre as relações de poder – horizontais e verticais – em diferentes ambientes de aprendizado, em cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo, no contexto atual e visando o futuro próximo. Entende ambiente de aprendizado como cada um dos variados locais de encontro que possibilitem as relações de ensino-aprendizagem entre professores e alunos, incluindo as formas virtual ou presencial, formal ou informal. Discute comparativamente os elementos destes ambientes, destacando a sala de aula física e a ‘sala de aula’ online, ressaltando suas possibilidades emancipadoras ou coercitivas. Analisa brevemente alguns aspectos históricos que reforçaram, durante séculos, a autoridade do professor nos ambientes de aprendizado tradicionais, o surgimento dos ambientes democráticos e seus pressupostos. Conclui ampliando e reforçando os questionamentos que motivaram a discussão proposta pelo artigo. Alerta para que não se continuem reproduzindo práticas de ensino embrutecedoras e alienantes. E reforça a horizontalidade como norteadora das relações de poder entre mestres e aprendizes, no sentido da construção da autonomia dos alunos.

Palavras-chave: **ambiente virtual de aprendizado, ensino em AU, relações de poder no ensino, EaD em AU.**

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo contribuir a la discusión sobre las relaciones de poder - horizontales y verticales - en diferentes ambientes de aprendizaje, en los cursos de grado en Arquitectura y Urbanismo, en el contexto actual y apuntando al futuro cercano. Comprende el concepto ambiente de aprendizaje como cada uno de los diversos lugares de reunión que permiten las relaciones de enseñanza-aprendizaje entre profesores y estudiantes, incluyendo formas virtuales o presenciales, formales o informales. Se trata discutir los elementos de estos ambientes, enfatizando el aula física y el ‘aula’ online, destacando sus posibilidades emancipadoras o coercitivas. Analiza brevemente algunos aspectos históricos que han reforzado, durante siglos, la autoridad del maestro en los ambientes de aprendizaje tradicionales, el surgimiento de ambientes democráticos y sus suposiciones. Amplia y refuerza las cuestiones que

motivaron el debate propuesto por el artículo. Advierte que no siguen reproduciendo prácticas docentes groseras y alienantes. Además, refuerza la horizontalidad como guía de relaciones de poder entre maestros y aprendices, en el sentido de ayudar la autonomía de los estudiantes.

Palabras clave: ambiente de aprendizaje virtual, Enseñanza en AU, relaciones de poder en la enseñanza, educación superior democrática, EaD en la UA.

1. Mudanças no ensino de Arquitetura e Urbanismo: o virtual

No Brasil, em finais de março de 2020, a pandemia de covid-19 impediu o uso normal dos espaços físicos das faculdades de Arquitetura e Urbanismo – AU – e promoveu o ensino intermediado por mídias eletrônicas, em caráter emergencial. As tecnologias de comunicação pré-existentes, como o computador, os dispositivos móveis e a rede mundial de computadores (internet) possibilitaram que as aulas tradicionais – presenciais – migrassem rapidamente para ambientes virtuais de aprendizado. O distanciamento necessário dos corpos, para evitar a contaminação pelo vírus, acelerou e tornou irreversíveis as mudanças nos ambientes de aprendizado de AU.

Excetuadas algumas diferenças adaptativas ou resistências políticas, a maioria dos cursos de AU brasileiros, de escolas públicas e particulares, tiveram que lidar com a intermediação destas ‘novas’ ferramentas eletrônicas de comunicação no seu cotidiano de ensino em situação de pandemia. Este contexto catalisou a discussão sobre a inclusão das plataformas virtuais como integrantes definitivas dos ambientes de aprendizado nesta graduação (muito provavelmente em todas), no presente e no futuro próximo.

Apesar de manifestações contrárias ao uso destas mídias, de um lado pelos alunos, por causa da dificuldade de acesso de alguns de seus membros, de outro pelos professores, que, dentre outras coisas, não se sentiam confortáveis com o uso da tecnologia; num curto período, a maior parte destes obstáculos iniciais, foram superados: algumas faculdades disponibilizaram dispositivos para os alunos (celulares, *chips*, computadores) e os professores passaram a utilizar as plataformas digitais (contando ou não com treinamentos). Esta nova realidade, em que se comprovou a adaptação rápida ao uso das tecnologias midiáticas, trouxe consigo uma infinidade de possibilidades e ampliações de seus usos, para aulas futuras, remotas ou não.

A motivação para (re) pensar as interfaces e situações materiais dos ambientes de aprendizado foi a comparação entre a atuação ‘virtual’ no ano de 2020, com a experiência anterior de atuação (presencial) como docentes das autoras deste artigo. A adaptação abrupta e compulsória das aulas presenciais para os ambientes online foi acompanhada tanto por descobertas, quanto por desconfortos que impulsionaram o debate aqui colocado.

O ambiente da aula, que antes era um único e bem delimitado espaço físico compartilhado, passou a ser o ambiente virtual, impalpável, replicado em diferentes telas: de computadores, telefones celulares e tablets. A favor da continuidade do semestre utilizando as plataformas online estavam os problemas que poderiam ser causados com atrasos muito expressivos nos cursos, principalmente nas escolas particulares, que dependem financeiramente do orçamento advindo das mensalidades dos estudantes. Outras dificuldades se colocaram contra a adoção de modelos de ensino possivelmente melhores, mas que fossem muito diferentes do vigente em relação a carga horária dedicada ao ensino ou aos estudos. A quantidade

de alunos por turma, muito superior ao adequado para obedecer às indicações de distanciamento social em ambientes fechados (sugeridas pelas agências de saúde) impossibilitou a divisão das turmas e o consequente aumento da carga horária dos professores. Além destas questões legais, a sobrecarga de trabalho para os professores e a falta de disponibilidade de estudar em outros horários dos estudantes foram levadas em consideração.

Por conta destas questões, preferiu-se adotar os mesmos horários das aulas presenciais para as aulas que se tornaram remotas. Contudo, mesmo que num primeiro momento a continuidade em estado de emergência tenha sido bastante mimética em relação às aulas presenciais, por conta do curto período dedicado ao (re)planejamento do semestre, ficou claro para quem participou deste processo como professor(a) ou como aluno(a) que se tratava de algo que precisaria ser aprimorado no futuro.

Notar que não se tratava de Plataformas de Ensino à Distância – EaD, já comumente utilizadas em várias disciplinas dos cursos de AU. Estas plataformas são projetadas para funcionar realmente à distância, tanto no espaço, quanto no tempo. Possuem um conjunto de materiais didáticos especialmente preparados para este tipo de abordagem virtual¹. Pretendem fomentar o autodidatismo dos alunos, através de um leque variado de estratégias didáticas: videoaulas, textos curtos seguidos de exercícios objetivos e interativos que apontam os acertos e erros com um único clique, fóruns² em que os alunos podem interagir entre si e com o professor. Além disso, devem contar com horários fixos para plantões de dúvidas com o(a) professor(a) da disciplina, que acompanha o desenvolvimento dos alunos remotamente, através de várias ferramentas, inclusive da leitura das postagens nos *chats*.

Este tipo de ensino ainda é incipiente no Brasil, algumas instituições de ensino, como a Univesp – Universidade Virtual do Estado de São Paulo – se preocupam bastante com a qualidade do ensino que veiculam e intermediam. Contudo, desde meados da segunda década do século XXI que instituições privadas de ensino vislumbraram no ensino virtual uma oportunidade financeira, ao passo que a maioria das suas ações neste campo vincula-se à diminuição de gastos com pessoal³, como afirmam Wilderom & Arantes (2020):

Assim é que, a partir de 2015, as matrículas em cursos 100% em EAD cresceram 40%, chegando, em 2018, a quase 1 milhão de estudantes, enquanto a modalidade presencial perdeu 9% de matrículas no mesmo período, com tendência de queda (Semesp 2019 com dados do Censo do INEP). Os negócios no setor de ensino online se aqueceram e grandes grupos educacionais anunciam novas áreas dedicadas a tecnologias de educação, recebendo novos aportes de fundos de investimento, reforçando os laços entre o digital e o financeiro e seu caráter especulativo e fictício. (WILDEROM & ARANTES, 2020)

Neste contexto, é urgente avançar na definição de parâmetros efetivos que regulem o ensino à distância no Brasil, como por exemplo, exigir que o

1 Como uma das autoras deste artigo foi responsável pela produção de material didático para EAD, podemos afirmar que os conteúdos são muito simplificados e demandam pouca análise dos temas abordados pelos alunos, acabando por substituir, na maioria dos casos, a leitura dos livros dos autores consagrados na área.

2 Os fóruns ou chats foram criados à semelhança das salas de bate-papo para propiciar comunicação à distância, em tempo real, entre vários alunos(as) de uma disciplina em EaD, conectados em horário determinado.

3 A Universidade Nove de Julho substituiu totalmente os professores das disciplinas em EaD do curso de AU por tutores (pessoal menos qualificado e com menor salário), em 2018. Em anos anteriores, a proporção entre professores e alunos diminuiu dramaticamente nas turmas em EaD deste curso. Um dos maiores grupos educacionais do Brasil, a Laureate, substituiu os professores por inteligência artificial, sem informar aos alunos. Disponível em <https://apublica.org/2020/05/apos-uso-de-robos-laureate-agora-demite-professores-de-ead/?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br> acesso em 07 fev 2020.

acompanhamento das atividades dos alunos em EaD seja feito por um professor qualificado, graduado na mesma profissão e membro do corpo docente que dá aulas presenciais, para efetivar a ponte sobre os conhecimentos adquiridos pelos alunos. Notar que o MEC (Ministério da Educação) brasileiro já havia publicado a Portaria 2.117 em 6 de dezembro de 2019 (antes da Pandemia) autorizando 40% de aulas em EaD em cursos de graduação 'ditos' presenciais. Apesar de não ser o foco principal da discussão aqui colocada, é importante que se denuncie o grande potencial de perda de qualidade dos cursos de AU que adotarem esta quantidade excessiva de disciplinas em plataformas virtuais.

É um fato que o aumento significativo do uso das tecnologias móveis, mais especificamente os celulares, em todas as camadas sociais reflete a incorporação dessa nova cultura de comunicação e interação ubíqua na sociedade brasileira. Dados da 31ª Pesquisa Anual do Uso de TI de junho de 2020 – FGVcia/EAESP FGV⁴ – indicavam que havia em uso no Brasil mais de um smartphone (celular inteligente) por habitante – 234 milhões de *smartphones* – e 190 milhões de computadores, incluindo *desktops*, *notebooks* e *tablets*, correspondendo a 9 computadores para cada 10 pessoas (MEIRELLES, portal.fgv.br). Por outro lado, o Labcidade⁵ – da FAU USP – alerta que existe uma percepção distorcida de que o acesso às amplas possibilidades de ensino remoto é algo disseminado atualmente, pois a maioria das pessoas só tem acesso à internet pelos telefones celulares. Ainda mais se pensarmos nas necessidades específicas demandadas pelos cursos de AU, com enorme quantidade de fluxo de dados, que necessitam de velocidade de internet e telas grandes.

De qualquer forma, em um futuro próximo, não se pode desconsiderar a infinidade de usos possíveis das tecnologias de comunicação e interação à distância para a Educação; provocando mudanças irreversíveis em seu funcionamento. Para que estas mudanças tragam mais benefícios que perda de qualidade, é urgente e necessário que o meio acadêmico se debruce sobre as variadas interferências e formas de atuação destas ferramentas nos ambientes de aprendizado virtuais (síncronos ou assíncronos) e presenciais.

No futuro imediato, muito provavelmente se mesclará o ambiente tradicional presencial com o ambiente virtual, com grande potencial rumo à sedimentação de relações de poder mais horizontais. Para que isso ocorra, é necessário que os(as) professores(as) de todas as instituições de ensino se voltem para a essência de suas práticas pedagógicas e observem seus papéis e funções, reforçando ou reformulando o caráter democrático dos Projetos Político Pedagógicos de seus cursos. Desta forma, **o objetivo deste artigo é discutir as novas possíveis relações de poder nos ambientes de aprendizado virtuais, comparando-as com as dos ambientes tradicionais presenciais.**

2. Ambientes de aprendizado: presenciais e virtuais

Antes de discutir especificamente as relações de poder, é necessário conceituar 'ambiente de aprendizado'. Definiu-se, neste artigo, ambiente de aprendizado como todos os 'locais' que abriguem possibilidades de aprendizagem para os alunos, como salas de aula presenciais e plataformas *online*, ateliês/estúdios, laboratórios e canteiros experimentais, incluindo também as visitas em campo, com presença física ou virtual de professor. Poderiam ser elencados outros locais de aprendizagem

4 Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas.

5 Ver o vídeo "A Cidade é Nossa com Raquel Rolnik #6: E quem não pode trabalhar de casa?", disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mn4COHZ_4vM>, acesso em 26/03/2021.

nas universidades, onde alunos possam aprender com seus pares e professores, em encontros casuais, como lanchonetes, corredores, espaços expositivos, grêmios entre outros. Contudo, o escopo deste artigo se debruça nas relações de poder professor-aluno, durante atividades didáticas formais – presenciais ou virtuais – ressaltando alguns contrapontos importantes nestes ambientes.

O primeiro deles, a sala de aula, é o ambiente de aprendizado mais comum e disseminado nas escolas, em todos os níveis, desde o ensino infantil, fundamental, médio, de graduação e pós-graduação. É a célula básica da escola, onde todos sabem como devem se comportar. Há uma tradição secular sobre este espaço e nele nos conformamos desde a infância. A escola é ao mesmo tempo local de dominação e formatação do cidadão para convívio em sociedade e local de agregação, formação do pensamento crítico e autonomia intelectual. Rancière (2017) afirma que a escola é o local onde se reconhece e reforça a autoridade vertical:

Quem pretende conciliar ordem e progresso encontra naturalmente seu modelo em uma instituição que simboliza sua união: a instituição pedagógica, lugar – material e simbólico – onde o exercício da autoridade e a submissão dos sujeitos não têm outro objetivo além da progressão destes sujeitos, até o limite de suas capacidades [...] (RANCIÈRE, 2017, p. 10).

O problema não está na instituição de ensino ou nas tecnologias que intermediam a comunicação para a aprendizagem, mas no uso que se podem fazer destas. Isto depende, em grande medida, dos valores dos indivíduos que atuam nestes locais, os quais delineiam e desenham seus objetivos, mas também pode haver equívocos e descompassos entre o que se deseja e o que se (re)cria. Por isso, é importante ter uma compreensão mais aprofundada dos processos humanos envolvidos nas interações pedagógicas. Nas relações de poder no campo da educação, dois elementos opostos sempre estão em jogo: alienação e autonomia, ou como denominado por Jacques Rancière, embrutecimento e emancipação (grifo nosso):

Instruir pode, portanto, significar duas coisas absolutamente opostas: confirmar uma incapacidade pelo próprio ato que pretende reduzi-la ou, inversamente, forçar uma capacidade que se ignora ou se denega a se reconhecer e a desenvolver todas as consequências desse reconhecimento. O primeiro ato chama-se embrutecimento e o segundo, emancipação. (RANCIÈRE, 2017, pp. 11, 12)

Para compreender a diversidade dos ambientes virtuais de aprendizado e suas potencialidades, é importante termos uma visão geral do que existe atualmente neste campo. Desde a década passada, ampliou-se a discussão sobre a participação das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC's – no ensino, segundo a Prof^a. Dr^a. Vani Moreira Kenski⁶, pode-se dividir as modalidades deste ensino em oito categorias:

- presencial: uso de aplicativos em sala de aula.
- *b-learning*: *blended*, combinação de ensino presencial com ensino à distância.
- *c-learning*: *cloud*, espaços virtuais abertos para a colaboração e ação.
- *e-learning*: *EaD*, alunos e professores separados com atividades separadas no tempo e espaço.

6 Palestra "Cultura Digital e Formação de Professores para o Ensino Superior" proferida no II Seminário de Pedagogia Universitária pela Prof^a. Dr^a. Vani Moreira Kenski, realizado no auditório da FEA USP, em 17/08/2017, disponibilizada pela disciplina DPG 5004, cursada no primeiro semestre de 2020.

- *m-learning: mobile*, uso dos dispositivos móveis em um processo contínuo e flexível.
- *p-learning: pervasive*, autoformação, *Massive Online Open Courses – MOOC's*.
- *t-learning: transformative*, uso de diversos recursos digitais em espaços presenciais.
- *u-learning: ubíqua*, em qualquer local, acesso à informação e interação por meio de diferentes canais, concomitantemente.

Este breve panorama demonstra que há muitas nuances possíveis que devem substituir a defesa equivocada e acrítica por uma ou outra modalidade de ensino: virtual ou presencial. Importante sempre se ter consciência dos objetivos didáticos a serem alcançados com cada modo de ensino, os limites de sua abrangência e os fatores de várias naturezas que podem interferir positivamente ou não no alcance destes objetivos.

A sala de aula se destaca como ícone dos ambientes tradicionais de ensino presencial. Nela o local do(a) professor(a) é bem determinado, de frente para as cadeiras (e mesas) onde se sentam os alunos(as). O professor, ou professora, fica próximo(a) à lousa, da tela de projeção de imagens ou outros mobiliários de comunicação de informações e ideias. Para que todos enxerguem o que está sendo transmitido ou discutido, deve existir uma convergência dos ângulos visuais em direção a este foco de atenção, situando-o, muitas vezes, em um plano mais alto em relação ao posicionamento dos alunos. Este ambiente, organizado desta forma, reforça duas situações:

- O tratamento dos alunos como um conjunto de iguais: apesar de se sentarem em posições diferentes na sala de aula, não há hierarquia entre estas posições. Estão todos um pouco mais 'abaixo' do professor, que possui uma clara posição hierárquica superior, em termos físicos (no tablado - se existir -, em pé, à frente)⁷.
- Um fluxo de comunicação unidirecional e com tendência vertical: o(a) professor(a) detém o comando, é responsável pela organização da aula. Mesmo quando se utiliza de didáticas participativas, é ele(a) quem sugere o leiaute do mobiliário que julga mais pertinente à atividade desenvolvida.

A comunicação entre os alunos, há pouco menos de dez anos, quando o celular ainda não havia se popularizado, era condicionada à dinâmica de aula proposta pelo(a) professor(a) e na maioria dos casos, desmotivada. Com a popularização do celular e das redes sociais, a comunicação entre os alunos de graduação foi muito facilitada. Desta forma, surge um outro fluxo de comunicação horizontal, invisível ao professor, que estabeleceu conexão entre os alunos e entre estes e situações externas. Além disso, a fácil consulta à internet e seus conteúdos passou tanto a competir, como a auxiliar a obtenção e análise dos conteúdos das aulas.

Neste (não tão) novo contexto, a rede de informações que se estabelece no corpo discente já havia tirado poder do professor, que já não se configurava como a fonte absoluta do conhecimento, naquele dado momento, em aula. Contudo, o esquema tradicional da sala de aula, anteriormente descrito, ainda vigora com energia e, a utilização benéfica das redes de comunicação ainda está bastante subordinada à vontade do(a) professor(a), pelos menos em termos formais.

No primeiro semestre de 2020, com a necessidade de se migrar de súbito da sala de aula presencial para a sala de aula online, obedecendo Planos de Ensino

⁷ O professor pode sugerir outras formas de organizar as posições das cadeiras na sala de aula, em círculo ou pequenos grupos, dependendo da metodologia e didática adotadas, mesclando-se ao corpo discente.

que foram pensados para os esquemas presenciais, houve uma ruptura importante da hierarquia professor-aluno, antes reforçada pela sala de aula física tradicional. A intermediação das plataformas digitais ‘desmonta’ esta organização hierárquica de duas maneiras:

- Alunos e professores apresentam-se em posições iguais: todos estão sentados, em suas residências, em frente a alguma tela, seja de computador ou de celular. O que se enxerga é igual para todos, salvo detalhes de organização das telas. Não há mais uma posição física hierárquica para o professor, o poder dado a este advém somente da sua função, não há um reforço ambiental de dominação.
- Fluxo de comunicação horizontalizado e irradiado: apesar do fluxo de informações e conteúdos ainda ser predominantemente advindo do(a) professor(a), com a presença do chat aberto, na maioria das plataformas de ensino utilizadas naquele momento (chamadas de vídeo conjuntas para reuniões⁸), explicitaram-se as conversas de todos que desejavam se pronunciar abertamente, irradiando-se os fluxos de comunicação. Além disso, ficaram totalmente disponíveis as comunicações por outros meios (redes sociais, como o *whatsapp* e o *facebook*, por exemplo) entre os(as) alunos(as), totalmente fora de controle do professor.

Apesar de repleto de novos desafios, o bom professor e a boa professora devem se sentir motivados com este ‘novo’ contexto, em que a autoridade não vem a priori por causa unicamente da sua função de professor e sim é conquistada. Freire (2006) ilumina esta ideia:

Creio que uma das qualidades essenciais que a autoridade docente democrática deve revelar em suas relações com as liberdades dos alunos é a segurança em si mesma. É a segurança que se expressa na firmeza com que atua, com que decide, com que respeita as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita rever-se. (FREIRE, 2006, p. 91)

É importante frisar que apenas as práticas democráticas por si, não são motivo infalível de sucesso no processo educacional. Atualmente e quiçá num futuro próximo, a única coisa que pode assegurar a participação das(os) alunas(os) no processo educativo e o comprometimento com a sua aprendizagem é a qualidade da aula. Deve-se entender que a qualidade da(o) docente não está relacionada só com o domínio do conhecimento, mas com a sua capacidade de incitar a ‘curiosidade epistemológica’ na(o) aluna(o):

É por isso, repito, que ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. (FREIRE, 2006, p. 118)

O início desta ‘curiosidade epistemológica’ é o processo comunicativo entre os corpos docente e discente e faz-se pelo contágio presencial, que no caso é de motivação, relacionada diretamente à emoção. O processo comunicativo em uma aula presencial sempre é em duas direções, mesmo que as alunas e alunos não falem com palavras, eles expressam sua atenção com seus corpos; assim como as professoras e professores ‘colorem’ suas ideias, seus discursos e suas falas com seus gestos individuais.

⁸ As aulas virtuais tomaram emprestado o formato existente de alguns aplicativos públicos já existentes, como o zoom, o google *meet*, ou utilizaram aplicativos disponibilizados pelas plataformas de ensino particulares dos cursos, como a *sala de aula online*.

Imbernón (2012, pp. 64 a 77) discute o processo comunicativo inerente ao ensino⁹, elencando os principais componentes que auxiliam os(as) professores(as) a ativá-lo, reorganizados abaixo:

- Componente didático: preparação da aula, organização das atividades, uso de linguagem adequada, incentivo ao debate de ideias (saber como perguntar, como responder), avaliação transparente e com critérios.
- Componente vivencial: experiência profissional e de vida.
- Componente cultural: utilização de exemplos concretos/contexto, conexões com o repertório dos alunos e de suas experiências e conhecimentos pré-existentes.
- Componente emocional: acolhimento dos(as) alunos(as) com bom senso – mostrar-se aberta(o) a ouvir, não ter excesso de autocrítica, ter empatia pelos alunos (postura, olhar, perguntas, participação geral), gostar do que faz e do que ensina.
- Componente corporal: movimentação do professor(a), tom de voz, olhar nos olhos de todos os alunos (como um ‘farol’).

Cada um desses componentes, artificialmente separados para reforçar seus aspectos essenciais, expressam os modos de interação que o(a) professor(a) pode utilizar para o processo comunicativo fluir com qualidade. Na verdade, todos estes componentes podem comparecer ao mesmo tempo, pois estão totalmente imbricados: dar aula sentado em sua cadeira distante dos alunos pode ser lido como um ‘distanciamento’, uma falta de interesse, por outro lado, andar um pouco pela sala de aula e olhar nos olhos dos alunos incita a sua participação, pois demonstra interesse por eles. Do mesmo modo, tanto a experiência do(a) professor(a) (componente vivencial), como a dos alunos (componente cultural), podem servir para provocar o interesse real (a curiosidade epistemológica) pelos assuntos. O componente emocional¹⁰, um dos mais complexos, auxilia todos os anteriores a fluírem de maneira natural, como o corporal, por exemplo. Este componente rege, por exemplo, o grau de empatia em ambos os sentidos, do(a) professor(a) pelas(os) alunos(as) e dos(as) alunos(as) pelo(a) professor(a).

Apesar de muitas dessas atitudes serem compreendidas quase como ‘naturais’ e, por muitos, tidas como óbvias, são demasiadas vezes esquecidas no cotidiano de ensino. Por isso, todo(a) professor(a) deve (re)pensar suas práticas docentes, detalhadamente, detendo-se em todos estes componentes listados acima, para averiguar onde estão as lacunas que podem afetar o processo comunicativo com os(as) alunos e, conseqüentemente, a qualidade do ensino em AU.

3. Universidade e relações de poder

A importância de explicitar os fundamentos políticos que norteiam os alicerces pedagógicos de uma Universidade é porque estes incidem diretamente em decisões didáticas. Ao optar por uma educação democrática, deve-se estar em consonância com os componentes que auxiliam uma boa comunicação pedagógica. No cenário futuro, em que as plataformas virtuais terão participação irreversível no ensino de AU, optar por práticas autoritárias parece ser uma escolha fadada ao fracasso. O

⁹ Neste caso se refere ao ensino presencial, mas alguns componentes do processo comunicativo podem ser aplicados ao ensino virtual, como a opção de se mostrar seu rosto nos encontros virtuais.

¹⁰ Como todo processo que lida com pessoas, o ensino carrega em si a complexidade psicológica dos seres envolvidos. Todo professor deve cuidar de sua saúde psíquica, que faz parte de suas ferramentas de trabalho.

acesso universal à comunicação e à informação sedimentaram e estabeleceram as práticas democráticas e participativas como as possíveis no mundo digital.

Para John Dewey, a democracia é uma verdade fundamental e indiscutível e adquire peso de dogma fundador de sua filosofia (AMARAL, 2007, p. 81). É sobre ela que se assentam os ideais de transformação do mundo:

A democracia é uma forma pessoal de vida, controlada não apenas pela fé na natureza humana em geral, mas também pela fé na capacidade que os seres humanos possuem de julgar e agir inteligentemente, quando condições apropriadas lhes são fornecidas. (AMARAL, p. 81, Cf. JOHN DEWEY, "Democracy and Educational Administration", in Problems of Men, pp. 57-59)

A confiança de que o humano comum é um ser dotado de inteligência é um pressuposto fundamental da democracia, pois é a partir deste parâmetro que se compreende como justa a participação igualitária nas decisões da vida social. Por isso a educação deve ser orientada no sentido de

[...] proporcionar ao ser humano, ainda imaturo, a incorporação dos padrões próprios ao homem maduro, qual seja, o homem formado à luz dos princípios democráticos, os únicos válidos para esse mundo, produto de sua própria criação. (AMARAL, 2007, p. 29)

Desta maneira, neste novo contexto descrito no item 1 deste artigo, configurou-se uma grande oportunidade de ressaltar a importância da 'igualdade das inteligências', conceito discutido por Jacques Rancière no livro "O Mestre Ignorante", por meio do qual pretendeu anular a percepção de diferença de inteligências entre humanos ou entre mestres e aprendizes, rumo a uma sociedade fundamentalmente democrática. Com este objetivo, Rancière resgatou a história de um pedagogo do início do século XIX, Joseph Jacotot, que percebeu, através de uma curiosa experiência didática, que o processo de aprendizagem se situa apenas no aprendiz e que o papel fundamental do mestre é tão somente motivar sua vontade de aprender por si mesmo. Rancière entende que a escola reflete e reforça a desigualdade representada na sociedade de classes:

A sociedade se representa, assim, como uma vasta escola que tem seus selvagens a civilizar e seus alunos em dificuldade a recuperar. [...] a Escola e a sociedade infinitamente se simbolizam uma à outra, reproduzindo assim indefinidamente o pressuposto desigualitário, em sua própria denegação. (RANCIÈRE, 2017, pp.14, 15)

Para compreender o duplo papel da instituição escolar, leia-se Universidade, tanto de emancipação, quanto de dominação ideológica dos sujeitos, cabe uma breve incursão histórica, para repensar seus fundamentos. A ideia de Universidade como reunião de pessoas à busca de aprimorar conhecimentos sobre diversos assuntos é muito antiga, a escola de escribas Sumérios, que ensinava escrita cuneiforme e matemática, data de 3.500 a.C. Afirma-se que a universidade de Karueein (ou Al Quarawiyya) fundada em Fez, no Marrocos, no ano de 859 d.C. foi a mais antiga universidade do mundo (UNESCO, 2021). Percebe-se que há muito tempo, o ser humano é preocupado em guardar, disseminar e desenvolver seus conhecimentos.

As instituições mais semelhantes ao que se entende como uma Universidade atualmente têm suas origens no século XII e início do século XIII, com a criação das universidades ocidentais de Bolonha e Paris, respectivamente (RÜEGG, 1996, p.11). De forma bastante sucinta, pode-se dizer que o renascimento urbano, iniciado no

século XII – como condição cultural – acompanhado do fortalecimento político do Estado e da Igreja – como condições sociais – além da difusão da ciência greco-árabe, registrada nas obras de Aristóteles e nos estudos do direito romano, geraram as condições para o surgimento das universidades medievais (JANOTTI 1992, pp. 21-26, apud RASHDALL, 1936). Durante a Idade Média, a formação de instituições como a Igreja e a Universidade representavam a corporificação de um ideal específico de vida, dentro de uma sociedade bastante rígida e estratificada, espelhada nas relações de ensino essencialmente verticais.

No Renascimento houve uma revalorização da liberdade de pensar e agir, contrapondo-se ao rígido controle exercido pela Igreja ao longo da Idade Média. Neste sentido, filósofos como Montaigne, defendiam uma educação que oferecesse mais liberdade ao educando e que lhe propiciasse um melhor preparo para a vida, ou seja, que lhe fosse útil, em detrimento da educação religiosa praticada até então, baseada no temor a Deus e nos dogmas cristãos. Apesar disso, nesta época, a instituição escolar ainda se fundava em relações autoritárias, em defesa do sistema social vigente.

Somente no final do século XIX e início do século XX, elabora-se um pensamento mais radical rumo à mudança da estrutura hierárquica escolar. Neste tempo gestam-se muitas ideias totalmente revolucionárias, como as de Gramsci¹¹, por exemplo, que defendia a escola democrática não como a que oferece instrução para o operário manual se tornar qualificado, mas aquela que possibilita que todos os cidadãos possam se tornar governantes.

Desta forma começam a se pôr em movimento muitas tentativas de transformação da escola. Pensadores, como Harold Rugg, Martin Heidegger, Celestin Freinet, dentre outros, atuaram para fundamentar suas teorias sobre a educação baseada na experiência. São respostas para a inadequação e o descontentamento com a estrutura hierárquica tradicional da escola: processo lento e que ainda está em curso atualmente.

Aqui no Brasil, Anísio Teixeira, um dos adeptos das ideias da Escola Progressiva, cujos fundamentos partem das ideias de John Dewey, dentre outros, compreende que o ser humano, motivado por processos de experiência e julgamento advindos da ‘nova’ mentalidade científica, está sempre reconstruindo o ambiente material em que vive, assim como desejando reconstruir o ambiente social e moral. Numa perspectiva de constantes mudanças, ressalta o papel da Escola Progressiva em dois aspectos principais: o primeiro o de garantir o desenvolvimento da autonomia crítica nos alunos e o segundo o de os preparar para as mudanças imprevisíveis do mundo (TEIXEIRA, 1971, p. 28). Em suas palavras (grifo nosso):

O fato da ciência trouxe consigo uma nova mentalidade. Primeiro, determinou que a nova ordem de coisas de estável e permanente passasse a dinâmica. Tudo está a mudar e a se transformar. Não há alvo fixo. A experimentação científica é um método de progresso literalmente ilimitado. [...] o homem passou a tudo ver em função dessa mobilidade. [...] Ele ganhou o hábito de mudar, de transformar-se [...] essa mudança, esse ‘progresso’ o homem moderno os sente: ele é que os faz. Ele constrói e reconstrói o seu ambiente. E cada vez é mais poderoso, nesse armar e desarmar de toda uma civilização. [...] A ordem social e a ordem moral, essas eram eternas e obedeciam a ‘verdade eternas’ que não sofriam os choques e contrachocos da ciência experimental. [...] Com a nova civilização material, feita e governada por ele, começou a velha ordem social e moral a se abalar. Muda a família. Muda a comunidade. Mudam os hábitos do homem e seus costumes. [...]

¹¹ 1891-1937) Filósofo marxista, jornalista, crítico literário e membro-fundador do Partido Comunista Italiano.

precisamos preparar o homem para indagar e resolver por si os seus problemas; temos que construir a nossa escola, não como preparação para um futuro conhecido, mas para um futuro rigorosamente imprevisível. (TEIXEIRA, 1971, pp. 29,30)

De forma mais abrupta, a estrutura rígida e hierárquica da escola é questionada no maio francês de 1968, quando os estudantes protestam contra a via unidirecional e vertical de poder e reivindicam participação direta nas estruturas universitárias. Contudo, em pleno século XXI, os modelos de ensino ainda contêm muitos resquícios desta estrutura hierárquica vertical arraigada em tantos séculos de história da educação. Num momento de profundas transformações tecnológicas na área da comunicação, percebe-se grandes discrepâncias entre o *modus operandi* das universidades e a maneira como os alunos em geral percebem e se apropriam do conhecimento.

De muitas maneiras, o poder do professor está muito enraizado e subjaz no ambiente de ensino. No ambiente presencial mais convencional de uma sala de aula, o professor quem conduz o que vai acontecer. Muitas vezes não abre espaço para participação dos alunos na aula e quando abre, este não é um espaço confortável e nem igualitário. Os alunos são impingidos a ocupar um lugar próprio de inferioridade perante a figura autoritária do professor, que decide sobre as formas de ensinar, os métodos a aplicar e as avaliações a serem conduzidas. Claro que este panorama tem mudado bastante durante o século XX, mesmo assim, muitos professores continuam a reproduzir atitudes autoritárias, e antidemocráticas herdadas de seus mestres predecessores.

4. Contrapontos dos novos ambientes de aprendizado

Se de um lado o ambiente virtual de aprendizado pode conter uma grande potencialidade democrática, por outro, por ser um ambiente controlado, também é bastante restritivo. Há na sala de aula *on-line* uma exposição muito maior, este ambiente é muito mais 'aberto': os gestores das instituições de ensino podem frequentar as salas de aula *on-line* de maneira invisível. Desta forma, a liberdade de expressão dos professores fica restrita pela obrigação de se ter um discurso coerente, ou pelo menos que não entre em choque, com o Projeto Político Pedagógico – PPP – da instituição onde trabalham¹².

Numa instituição que tenha um PPP democrático, a participação dos estudantes na aula é vista com 'bons olhos', já que nesta visão importa a construção conjunta dos saberes e do conhecimento. A plataforma de ensino pode ter conteúdos disponíveis para serem acessados em outro momento, mas não pode substituir o ensino, em sua totalidade, preservando o aspecto dialógico necessário às relações de ensino-aprendizagem.

O(A) profissional em formação deverá entender que tem responsabilidade sobre a sociedade e não somente sobre a sua vida individual, ou seja, não se deve deixar de lado a formação cidadã, em detrimento da formação profissional. Neste contexto de pandemia mundial, há um grande risco de que o afastamento dos colegas, dos grupos de convívio e até da própria cidade, acirrem as atitudes individualistas. No 'nosso mundo líquido' capitalista, pautado pelas incertas e frágeis relações de mercado, como descrito por Bauman (2001), a formação fica excessivamente atrelada à atuação individual no mercado profissional, (grifo nosso):

¹² Além disso, os expedientes didáticos de homogeneidade, como as avaliações comuns a todas as turmas, restringem as especificidades de ensino-aprendizagem de cada professor, em cada turma. A liberdade de gerir a aula sempre esteve relacionada ao máximo aproveitamento do potencial do(a) professor(a) e de seus(as) alunos(as).

Não se compra apenas comida, sapatos, automóveis ou itens de mobiliário. A busca ávida e sem fim por novos exemplos aperfeiçoados e por receitas de vida é também uma variedade do comprar [...] ‘Vamos às compras’ pelas habilidades necessárias a nosso sustento e pelos meios de convencer nossos possíveis empregadores de que as temos [...] (BAUMAN, p. 87)

Um bom professor consegue em sua aula presencial “ler” as “mensagens corporais” dos estudantes em sala com grande possibilidade acerto. Há um clima que se gera, de atenção, de tensão, de enfado etc. que faz parte da eloquência da aula. O aluno alimenta o professor com o “brilho dos seus olhos” e vice-versa. As relações entre os corpos são as mais fundamentais e inequívocas. bell hooks (2020, p.231) ressalta que os professores são incentivados durante a sua formação a agir como se não tivessem corpo, mas:

Antes de palavras serem ditas em sala de aula, nós nos encontramos como corpos. Lemos uns aos outros pelo olhar. Como professores, somos o ponto focal do olhar coletivo antes de palavras serem ditas. Nossos estudantes olham para nós e imaginam o que nosso corpo tem a dizer sobre quem somos e como vivemos no mundo (hooks, 2020, p. 231).

Não é somente na docência que podem se estabelecer relações horizontais, na verdade, o fator fundamental que imprime o grau de horizontalidade das relações humanas está majoritariamente incutido nos fundamentos éticos do professor, enquanto indivíduo. Contudo, envolver os alunos com a aprendizagem, a ponto de conferir-lhes o maior grau possível de autonomia, dentro de um dado contexto, parece ser tarefa intransferível da(o) professor(a).

Mesmo assim, as ‘antigas’ relações verticais não são a *priori* malélicas ao aprendizado, pelo contrário, a história do ensino comprova que o professor ‘explicador’ sempre foi muito útil para formar as novas gerações. No entanto, deve-se compreender que o que está em questão é bem mais profundo que o acúmulo de informações pelo aluno ou mesmo a sedimentação do conhecimento, por este. Trata-se de não utilizar seu poder de tal forma a aniquilar a potência do(a) estudante, para que esta(e) possa desenvolver seu próprio pensamento crítico e ser sujeito de sua existência e atuação no mundo.

5. Conclusões

No início de 2020, de maneira imprevista, acelerou-se vertiginosamente o uso da comunicação à distância nos ‘novos’ ambientes de aprendizado virtuais, capazes de estabelecer facilmente práticas pedagógicas horizontais, reforçadas por suas características intrínsecas. Ao mesmo tempo, nestes mesmos ambientes, também se assiste, há alguns anos, o processo inverso – a alienação dos sujeitos. Isto se dá em algumas modalidades de EaD, em que se incentiva a transmissão vertical e direta de conteúdos, sem possibilidade de conter diálogos críticos.

O ensino intermediado pelas mídias eletrônicas reforça a responsabilidade e o esforço dos alunos para a gestão de seu aprendizado, mas também pode ser facilitador da alienação social. Resistir às sedutoras plataformas de ensino simplificadas é responsabilidade de todos os envolvidos com a educação, incluindo os estudantes, que precisam se conscientizar da concretude de sua formação. A disseminação irresponsável de práticas de ensino em EaD é um campo perigoso rumo à queda de qualidade de ensino em AU e deve ser discutida e regulamentada com mais atenção.

E se, além da distância física, o ensino for ‘congelado’ por uma distância no

tempo, em aulas gravadas, descontextualizadas, impessoais e assíncronas? O ensino em EaD será capaz de formar cidadãos?

O processo comunicativo entre os corpos docente e discente deve deflagrar a 'curiosidade epistemológica' em busca da construção coletiva do conhecimento e a aquisição de habilidades e competências rumo às práxis progressistas.

O 'contágio' presencial também é de emoção e se dá não apenas no momento da aula, num sentido unidirecional professor-aluno, mas por toda a 'aura' especial de convivência entre pares possibilitada pelos ambientes universitários físicos.

A comunicação autêntica e transformadora é um desafio para as interfaces sem corpo e com poucos rostos das mídias eletrônicas. Como motivar a vontade de aprender e descobrir, a curiosidade epistemológica dos alunos, com um aprendizado em que prevalece a distância?

Ainda se fazem necessários processos formativos da emoção dos estudantes de arquitetura (assim como de outras carreiras), única capaz de comovê-los e fazê-los aptos a atuações profissionais conscientes e humanizadas em suas áreas de ação. Até que ponto ambientes virtuais de aprendizado intermediarão com sucesso este complexo processo?

Existe um campo dos afetos, que conduzem a práticas mais humanizadas e éticas, ainda muito presente nas relações de ensino atuais, mesmo que mediadas por telas, por causa da memória recente destas mesmas relações, quando presenciais. Neste sentido, foi a partir da memória recente e da observação dos contrapontos entre os diferentes ambientes de aprendizado que se discutiram as relações de poder nos ambientes de aprendizado.

E se estas reminiscências forem apagadas ou desvirtuadas com o passar do tempo? Como as relações humanas intermediadas por máquinas impactarão os ambientes de aprendizado? De que modos os seres humanos se adaptarão, num futuro possível, de interação íntima com as máquinas e longínqua com os humanos?

Quais as deformações estéticas possibilitadas pela sedimentação de repertório arquitetônico em imagens vinculadas pelas telas, sem uma apreciação real da Arquitetura com os cinco sentidos humanos?

Como estudar as cidades e seus espaços de convívio em isolamento social?

Como se dará, num futuro próximo, o processo de formação holística dos estudantes se as plataformas virtuais se sobrepuserem ou substituírem o ensino presencial?

Mesmo neste cenário repleto de dúvidas e incertezas, não se pode perder de vista a essência da prática educativa progressista: fomentar uma educação rumo à autonomia do sujeito, que conduz em última instância, à democracia como fundamento social, em quaisquer ambientes de aprendizado, virtuais, presenciais, síncronos ou assíncronos.

Não foi intenção deste artigo trazer respostas para este processo irreversível posto em curso, ao contrário, sobrepuseram-se os questionamentos. Tal como o lançamento de uma nave no espaço sideral, o atual momento da educação precisa de um plano de viagem.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco. **Dewey: filosofia e experiência democrática**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DOMENICI, Thiago. **Após uso de robôs, Laureate agora demite professores de EaD.** Publica Agência de Jornalismo Investigativo. 13 maio 2020. Disponível em https://apublica.org/2020/05/apos-uso-de-robos-laureate-agora-demite-professores-de-ead/?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br Acesso em 07 de fev. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** Rio de Janeiro: Record, 2013.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática.** São Paulo: Elefante, 2020.

IMBERNÓN, Francisco. **Inovar o ensino e a aprendizagem na Universidade.** São Paulo: Cortez, 2012.

JANOTTI, Aldo. **Origens da Universidade: a singularidade do caso português.** São Paulo: EDUSP, 1992.

KENSKI, Vani Moreira. **Palestra Cultura Digital e Formação de Professores para o Ensino Superior.** São Paulo: II Seminário de Pedagogia Universitária, 17 ago 2017.

MEIRELLES, Fernando de Souza. **Pesquisa Anual do Uso de TI** Acesso em 27/01/2021. Disponível em < <https://eaesp.fgv.br/producao-intelectual/pesquisa-anual-uso-ti> > acesso em 25 de março 2021.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios.** São Paulo: Cortez, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ROLNIK, Raquel. Vídeo: **A Cidade é Nossa com Raquel Rolnik #6: E quem não pode trabalhar de casa?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mn4C0HZ_4vM>, acesso em 26 de março 2021.

RUEGG, Walter. coord. **Uma história da Universidade na Europa.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena Introdução à Filosofia da Educação: a Escola Progressiva ou A transformação da escola.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971. 6ªed. UNESCO. Medina of Fez. Disponível em < <http://whc.unesco.org/en/list/170/> > Acesso em 3 de dez. 2020.

WILDEROM, M & ARANTES, P.F. **Arquiteturas da distância: o que a pandemia pode revelar sobre o ensino de Arquitetura e Urbanismo.** Revista Archdaily, 3 ago 2020. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/944738/arquiteturas-da-distancia-o-que-a-pandemia-pode-revelar-sobre-o-ensino-de-arquitetura-e-urbanismo>> Acesso em 26 de março 2021.

Autoras

Lucimeire Pessoa. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU USP, em 2001, com intensa participação no Laboratório de Habitação do Grêmio – labhabGFAU (atividade de extensão). Mestre em Tecnologia no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, em 2005. Professora universitária de 2008 a 2020, na Universidade Nove de Julho. Doutoranda em Projeto de Arquitetura no Programa de Pós-graduação da FAU USP, desde 2019. lupessoa@usp.br

Helena Ayoub Silva. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU USP, em 1979, mestrado (1999) e doutorado (2005) pela mesma instituição. Professora universitária desde 1983, atuando na FAU USP, Departamento de Projeto, Grupo de Disciplinas Projeto de Edificações, a partir de 1989 na graduação e, 2008 na pós-graduação. lena.ayoub@usp.br

DINÁMICAS Y SOPORTES PARA EL PROCESO DE DISEÑO PARTICIPATIVO y MULTIESCALAR Experiencias del TLPS en el B° 23 de Diciembre, Cuartel V, Moreno; Herramientas y Procedimientos: Métodos de Nuestras Prácticas

Eje/Eixo Temático 2

Mariana Guido
Fabián Leguizamon
Andrea Cabrera
Gabriela Bandieri

Universidad de Buenos Aires, Facultad de
Arquitectura, Diseño y Urbanismo

Resumen

En el año 2019, en el marco de la tarea de formación del Taller Libre de Proyecto Social (TLPS), que sostiene a la necesidad como el origen y motor de toda práctica proyectual y al conocimiento de la realidad concreta para el desarrollo de nuestra tarea disciplinar; trabajamos con los vecinos del Barrio 23 de Diciembre de Cuartel V, Moreno, realizando una práctica de trabajo participativo y multiescalar junto a la organización Madre Tierra. Abordamos a escala familiar propuestas de mejoramiento habitacional. Realizamos diagnóstico y propuestas de instalación y mejoramiento para viviendas particulares a partir de equipos conformados por estudiantes, docentes y las familias, implementando las dinámicas de consultorios de hábitat. Y en una segunda instancia desarrollamos el pre-proyecto de un centro comunitario, con metodologías, dinámicas y soportes particulares que permitieron llevar adelante jornadas de trabajo participativo, que nuclearon al conjunto de los actores involucrados. Las diferentes herramientas utilizadas en el proceso participativo de trabajo fueron evolucionando desde lo particular a lo colectivo, ajustándose a los diferentes grados de concreción que tomó el proyecto.

Estas experiencias nos posibilitan reflexionar y sistematizar los desafíos que presenta el desarrollo de las dinámicas que exigen los procesos de diseño participativo en su multiescalaridad desde una perspectiva integradora de las profesiones proyectuales y los procesos de lucha en los sectores populares, por el mejoramiento habitacional.

Palabras clave: **Proceso, Participación, Multiescalaridad, Multisectorialidad, Situidos.**

Resumo

Em 2019, no âmbito da tarefa formativa da Oficina de Projetos Sociais Gratuita (TLPS), que apoia a necessidade como origem e motor de toda a prática projetual e conhecimento da realidade concreta para o desenvolvimento da nossa disciplina de tarefas; Trabalhamos com os residentes do Bairro 23 de Diciembre de Cuartel V, Moreno, realizando uma prática de trabalho participativa e multiescala com a organização Madre Tierra. Atendemos propostas de melhorias habitacionais em escala familiar. Realizamos diagnósticos e propostas de instalação e melhoria de habitações particulares com base em equipas compostas por alunos, professores e familiares, implementando a dinâmica de clínicas de habitat. E numa segunda instância desenvolvemos o pré-projeto de um centro comunitário, com metodologias, dinâmicas e apoios particulares que nos permitiram realizar sessões de trabalho participativas, que reuniram todos os atores envolvidos. As diferentes ferramentas utilizadas no processo de trabalho participativo evoluíram do particular para o coletivo, ajustando-se aos diferentes graus de concretude que o projeto assumiu.

Essas experiências nos permitem refletir e sistematizar os desafios colocados pelo desenvolvimento das dinâmicas exigidas pelos processos de design participativo em sua multiescalaridade a partir de uma perspectiva integradora das profissões de projeto e dos processos de luta dos setores populares, pela melhoria habitacional.

Palavras-chave: **Proceso, Participação, Multiescala, Multissetorialidade, Localizada.**

Introducción

Situados. Contexto de trabajo

» *Las condiciones de la vivienda y la habitabilidad en el Partido de Moreno*

Crecimiento Poblacional

El municipio de Moreno se encuentra ubicado al oeste de la ciudad de Buenos Aires, en el denominado segundo cordón del conurbano bonaerense y cuenta, de acuerdo al último Censo Nacional de población realizado en el año 2010 por el INDEC, con 452.505 habitantes.

Si tomamos como referencia el año 2001, cabe destacar en el caso de Moreno, el rápido crecimiento de la población ocurrido entre los censos 1991 y 2001, con una variación del 32,2 %, comparados con los municipios de Morón y CABA, en donde la población decreció.

El crecimiento en la cantidad de habitantes puede obedecer a distintas causas, como por ejemplo la tendencia de los nuevos pobladores a ocupar espacios en la periferia de los grandes centros urbanos; donde los costos de alquiler, el valor de la tierra y los gastos de edificación son menores, dada la menor densidad de población y las distancias que separan a los suburbios de los centros de generación de empleo. Otra de las razones que explica el incremento de la población de Moreno es la alta tasa de crecimiento natural -es decir, el crecimiento que resulta de la diferencia anual entre defunciones y nacimientos- puesto que es la más alta de los tres municipios. En efecto, en Moreno nacen más niños que en Morón y en la Ciudad de Buenos Aires. Las mujeres madres que residen en el municipio de Moreno tienen, en promedio, más hijos que las madres de los otros distritos analizados.

Vivienda, salud y condiciones de vida

Es muy importante tener en cuenta que los conceptos de salud, vivienda y condiciones de vida son conceptos asociados, que se determinan unos a otros, y que por lo tanto la resolución de los mismos deberían realizarse en forma conjunta.

En el Municipio de Moreno, una proporción importante de los habitantes (más del 44%) reside en lo que se define como “viviendas inconvenientes”. Nuevamente Morón y la Ciudad de Buenos Aires -distritos conectados con Moreno mediante el ferrocarril y el “Acceso Oeste”- presentan indicadores muy por debajo de la cifra expuesta, 8,6% y 5% respectivamente.

En la medición fueron consideradas como “Viviendas Inconvenientes” las casas tipo B, y las categorías rancho, casilla, pieza/s en inquilinato, pieza/s en hotel o pensión, local no construido para habitación y vivienda móvil. Pero la “inconveniencia” de una vivienda también se puede representar por la deficiencia de sus servicios sanitarios. Esta deficiencia está estrechamente ligada con las problemáticas de salud y condiciones de vida de sus habitantes y es un rasgo característico de las viviendas del barrio 23 de diciembre en el que trabajaremos.

La provisión del agua es un factor relevante y determinante de la salud de una población. La obtención de agua por medio de una cañería no supone, necesariamente, que sea potable. Muchas viviendas obtienen agua de la napa por medio de pozos y bombas eléctricas, o por medio de camiones cisterna.

En efecto, el agua de red es la única que asegura condiciones sanitarias mínimas que reducen el riesgo potencial de contagio de enfermedades.

El tratamiento eficiente de las aguas residuales constituye un factor fundamental para la prevención de la salud.

En este sentido, la existencia de desagües cloacales determina estrechamente la salud de una población, mientras que las zanjas abiertas y pozos ciegos (con o sin cámara séptica) implican un nivel de riesgo para la salud de un barrio y de las familias que los habitan.



Figura 1: Plano de Barrio 23 de diciembre – Cuartel V, Moreno
Fuente: Taller Libre de Proyecto Social

El Barrio 23 de diciembre

Está situado en Cuartel V, una de las zonas más postergadas del partido de Moreno, GBA. Fue el 23 de diciembre de 2011 la fecha de la toma de las tierras que dio origen al asentamiento, de allí el nombre del mismo.

En la actualidad se trata de un tejido compuesto por 55 manzanas dentro de una trama circulatoria ortogonal, con una población de 1300 familias.

El barrio sufrió dos intentos de desalojo que fueron enfrentados por los vecinos, que lograron posteriormente la prohibición de su erradicación y desarraigo.

Desde su origen, los vecinos trazaron las calles y los lotes, para asegurar condiciones de habitabilidad, circulación, transporte y la posibilidad de su regularización dominial.

A medida que el proceso de consolidación del barrio fue avanzando, los propios vecinos organizados realizaron los planos y registraron a lo largo del tiempo las sucesivas modificaciones de los loteos, identificando las manzanas y las familias de cada lote, hasta conseguir su incorporación en el catastro oficial del municipio. Este hecho permitió a los propios habitantes ir adquiriendo un conocimiento profundo de la trama social del barrio y fortalecer la organización.

En la actualidad, el Barrio 23 de diciembre cuenta con un importante grado de organización, a partir representantes delegados por manzanas, que se vinculan directamente con los vecinos, lo que permite la articulación constante, la circulación rápida de la información y un nexo directo y representativo de todos los vecinos del barrio.

Esta organización ha permitido un trabajo colectivo a lo largo de los ocho años que permitió el desarrollo del barrio, con sucesivas conquistas en materia de derechos a un hábitat digno para los habitantes.

Actores

» Madre Tierra

Es una organización territorial formada en el año 1985, que trabaja principalmente en el sector oeste del AMBA, donde cuenta con proyectos ejecutados en 10 municipios. Trabaja por el acceso al Hábitat y la vivienda popular, por la justa distribución de la riqueza y la creación de la ciudad para todos. El trabajo territorial sostenido por la organización Madre Tierra a lo largo de los años permitió y sigue permitiendo el mejoramiento del hábitat popular. Esto implica, el desarrollo de proyectos, ampliaciones, modificaciones, acompañamiento a las familias y seguimiento de los proyectos.

» Organización Vecinal

El barrio se encuentra organizado en 54 manzanas. Cada manzana cuenta con un referente, que constituyen una red. Esta organización es la que permitió y permite al barrio un trabajo sostenido de mejoramiento.

Las asambleas y actividades de relevancia para la organización vecinal se desarrollan en la casa de Amelia Mendoza, vecina de la manzana 36. Esta vivienda sirvió de lugar de reunión para las actividades encaradas por el TLPS. Cabe destacar que la mayor cantidad de vecines involucradas en la organización barrial son mujeres. Muchas de ellas se desarrollan como Promotoras Barriales, por lo cual cuentan con un conocimiento muy profundo de los vecines y sus condiciones habitacionales en el propio barrio y los barrios aledaños.

Desarrollo

Desafío del trabajo de acompañamiento interdisciplinario y multiescalar

» *La necesidad de la participación para el abordaje*

Abordar estos entornos auto producidos, requiere comprender que su producción ha requerido la participación activa y protagónica en la gestión, decisión y/o acción de sus habitantes por iniciativa colectiva, o familiar; decisiones y criterios que requirieron de prácticas de carácter integral apoyadas en saberes populares sistematizados por la experiencia sin asistencia técnica profesional; con recursos que provienen de esfuerzos de trabajos informales y temporarios; y sus componentes físico espaciales se desarrollaron en procesos temporales y evolutivos de diferente escala temporal.

La valoración de este proceso requiere ampliar la concepción del proyecto, entendiéndolo como expresa Beatriz Galán. (2011), *“la acción a través de la cual los colectivos sociales asumen la superación de obstáculos en diversos grados y construyen horizontes, mundos posibles. Al hacerlo, anticipan un horizonte remoto que orienta sus acciones, a fin de construir una nueva realidad más justa, más equitativa y más significativa”*.

Pero bajo el capitalismo, como afirma Harvey (2007), *“sólo un sector minoritario de la población, aquellos que toman las decisiones, tienen acceso a procesos [reconocidos por las lógicas proyectuales y las políticas públicas] en los que se practique el diseño y la imaginación, negándoseles a la mayoría el juego pleno de la creatividad humana constituyéndose así en una situación profundamente alienante”*

El asumir que la humanidad, aprendiendo de sus aciertos y errores, ha construido su sitio de habitación desde mucho tiempo antes de que existieran la Arquitectura, la Ingeniería y el Urbanismo, como conocimientos sistematizados y las políticas públicas de vivienda y hábitat, ha sostenido la propuesta de intervención de Pelli (1995), para el proyecto y construcción de nuevos barrios populares del involucramiento de la población en la decisión y construcción de su hábitat, mediante la organización comunitaria en diversas modalidades.

Se requiere, como afirma Pelli, la *“participación activa de los habitantes en el control de las decisiones mayores, y libertad para que puedan hacer su propia contribución al diseño, a la construcción y a la gestión de su solución habitacional en mesas (reales o virtuales) de concertación con todos los actores involucrados”*. (Pelli, 2007)

Primera Etapa - Mejoramiento de viviendas

En una primera instancia, a partir de un proyecto de instalación de biodigestores impulsado por la ONG Madre Tierra, trabajamos a escala familiar en las propuestas de mejoramiento habitacional. Se desarrolló el diagnóstico y propuestas de instalación y mejoramiento para viviendas particulares a partir de equipos de estudiantes, docentes y las familias, implementando las dinámicas de consultorios de hábitat.

» *Sobre los consultorios*

Se trata de una metodología de abordaje participativa que le otorga al sujeto de necesidad un rol activo en el proceso proyectual, promoviendo un cambio en el rol del profesional, el pasaje del arquitecto autor al arquitecto actor dentro de un proceso multiactoral.

“La arquitectura es para mí, un servicio. La casa es de él y yo ayudo a vivir. La estética, la distribución, los materiales, en fin, todo lo que manejamos los arquitectos debe estar, a mi juicio, dirigido hacia ese fin principal” (Livingston, 1995)

Este método pone el acento en la formulación de la demanda clara y correcta que requiere una actitud de escucha profunda por parte del profesional y nuevos métodos y herramientas para un trabajo interdisciplinario y participativo que integre los saberes de todos los actores en el proceso proyectual y de materialización del proyecto.

Una de los principales objetivos de los proyectos participativos es lograr que las propuestas tengan sentido y significado relevante para los vecinos

El proceso de diseño es participativo, cuando logra un rol activo de los vecinos a partir de mecanismos de generación de consenso, que favorezcan la organización popular, y el conocimiento crítico de la realidad.

» *Herramientas de trabajo participativo:*

- Entrevistas. Encuentro en el que se apunta a dialogar particularmente con cada vecino.
- Exposiciones. Permiten visibilizar, socializar y evaluar los avances de los trabajos.
- Difusión, comunicación. Información periódica de lo realizado que posibilita el seguimiento del proceso por la mayoría de los vecinos y que permite que sumen al proceso en cualquier momento.
- Talleres, jornadas de trabajo. Espacios de debate en el cual se piensa con otros. Intercambio de conocimientos que produce la multiplicación de los recursos propios y ajenos.

Se constituyeron equipos estudiantiles-docentes, que siguieron el proceso de proyecto junto a una familia trabajando conjuntamente en todas las etapas:

Durante los meses de Mayo, Junio y Julio se desarrollaron los consultorios junto a estas 5 familias. Estos 5 casos formaban parte de un grupo de 15 casos, los cuales fueron considerados de prioridad dentro de los 50 casos que trabajarán junto a la ONG Madre Tierra en el mejoramiento de sus viviendas.



Figura 2: Equipo de estudiantes trabajando con vecinos en su vivienda
Fuente: Taller Libre de Proyecto Social

Manzana 42 - lote 25 (Delia y Basilo)
Manzana 35 - lote 11 (Sabina)
Manzana 30 - lote 5 (Jessica)
Manzana 23 - lotes 10 (Adela) y 13 (Francisca e Ismael)

- Primera visita al barrio.

Se realizó una recorrida y reconocimiento del mismo. con un mapeo que nos permitió reconocer y registrar lugares relevantes para los vecinos por su historia o por el rol comunitario que cumplen. Se ubicaron en el mismo las viviendas de las familias consultantes.

- Primera Entrevista

Las primeras entrevistas a las familias consultantes y el relevamiento socio- ambiental. Se realizaron en el lugar que sirvió de sede al TLPS durante todo el año, el patio de las casa de Amelia. Esta reunión se

hizo de manera conjunta, con el objetivo de contar con un primer aproximación a las los integrantes de las familias de los 5 casos y sus historias.

- Segunda Entrevista - El proyecto de quienes consultan.

Visita de cada equipo a la vivienda. Cada equipo trabajó individualmente con la familia asignada en la rectificación de datos recabados y relevamiento técnico y fotográfico de la vivienda y su contexto inmediato y en la escucha de necesidades y deseos expresados por la familia en relación a la vivienda. (Figura 2)

- Debate y puesta en común de los casos analizados.

El equipo docente estudiantil trabajo en la elaboración de variantes de solución orientados por los datos relevados y las expectativas de las familias. Si bien el foco estaba puesto en la resolución del sistema de digestores, la propuesta realizada era integral, planteando posibles etapas de realización.

- Jornada de Trabajo - Presentación de las alternativas

Puesta en común, debate y escucha de las opiniones de les vecines. Se presentaron propuestas alternativas, para los 5 casos: plantas, cortes y vistas en 1:100, con maquetas de estudio de la vivienda y su contexto. La maqueta es una pieza fundamental en el diálogo y trabajo. Su carácter figurativo, la hace fácilmente comprensible y permite la interacción e intervención de la familia.

- Ajustes de los 5 casos y elaboración de documentación técnica

Se trabajó sintetizando las observaciones y opiniones de la puesta en común, para realizar los ajustes en las propuestas.

- Exposición - Devolución y verificación de los ajustes.

Puesta en común de la documentación técnica de los casos a resolver. Cada familia recibió la documentación técnica elaborada

Segunda Etapa - Un Centro Comunitario para el barrio

Luego, a partir de una necesidad primaria planteada por los vecines, se abordó una segunda instancia en la cual se desarrolló el pre-proyecto de un centro comunitario. Esta tarea demandó el desarrollo de dinámicas y soportes particulares para entablar jornadas de trabajo participativo, que nuclearan al conjunto vecines, Madre Tierra y el equipo de estudiantes y docentes del Taller, tanto en la definición de la necesidad y la elaboración del programa para su resolución como para el desarrollo de propuestas.

» Primera visita al Barrio 23 de diciembre / Definición de la necesidad

Durante la primera visita al barrio el grupo de nuevos estudiantes del Taller Libre de Proyecto Social se presentó ante les vecines presentes y Madre Tierra. Les vecines y Madre Tierra contaron la historia del barrio, de su conformación y su presente, lo que derivó en la exposición de la necesidad de construcción de un Centro Comunitario.

Se expresaron las primeras ideas sobre qué tipo de Centro Comunitario se imaginaban y se analizó en qué terreno podría estar emplazado. Para esto se utilizó un plano del barrio generado por les vecines, donde están indicadas las manzanas y los lotes.

También se habló sobre las formas de comunicación y organización que manejan dentro del barrio, con la idea de trabajar sobre la difusión y comunicación de lo trabajado dentro del barrio.

En esta misma reunión se propuso entre todos una pieza gráfica (flyer) para convocar a los vecinos a la Primera Jornada Participativa para trabajar en la creación del Centro Comunitario. Se eligió qué palabras utilizar, la imagen principal, los colores, si en esa instancia ya se ponía o no un nombre al Centro, y por qué medios se iba a difundir. El soporte sobre el que diseñamos fue un papel afiche en el que se fueron volcando todas las ideas que surgían y otro en el que se pasó en limpio el flyer final.

La jornada finalizó visitando el posible terreno donde se emplazaría el Centro Comunitario y tomando una foto con los vecinos presentes, que luego se utilizó en el flyer.

» *Visita al Centro Comunitario Milenio (Barrio Milenio) / ¿Qué es un centro comunitario? ¿Cómo funciona?*

Previo a la Primera Jornada Participativa, el grupo de estudiantes y docentes, acompañados por una representante de Madre Tierra, asistimos al Barrio Milenio, cercano al 23 de diciembre y en el que también tiene presencia la Organización. Allí pudimos visitar el Centro Comunitario y fuimos recibidos por las vecinas que lo llevan adelante, quienes nos contaron cómo se conformó el Centro, las actividades que se desarrollan en él, las formas de organización que manejan. Esta visita fue pensada a partir de darnos cuenta que nos faltaba información sobre cuáles son las características de un Centro Comunitario y su actividad diaria una vez construido.

» *Primera Jornada Participativa / Empezamos a pensar el Centro Comunitario*

Volvimos a presentarnos con los vecinos, ya que había muchos que no estaban en nuestra primera visita al barrio. Conjuntamente con las representantes de Madre Tierra explicamos de qué se trataba la Jornada y qué se buscaba con ella.

Nos dividimos en tres grupos de vecinos, estudiantes y docentes. Cada grupo formó una ronda en distintos espacios.

Se usaron papeles afiches para volcar en ellos las ideas que iban surgiendo sobre el Centro Comunitario. Para abrir el diálogo, se partió de preguntas que se formularon desde estudiantes/docentes hacia los vecinos, por ejemplo: ¿qué

actividades quieren que funcionen en el centro comunitario? ¿cómo imaginan los espacios? ¿Qué nombre sugieren para el centro?

Cada grupo trabajó durante una hora hablando sobre las necesidades que consideraban más importantes cubrir con el Centro, las actividades que se imaginaban que podían desarrollarse, elementos de la identidad (nombre, imágenes disparadoras), los espacios y el equipamiento que consideraban necesarios para su desarrollo, y también sobre lo que no querían que sucediera en el Centro Comunitario.

Luego se hizo una puesta en común, donde cada grupo, representado por uno o dos vecinos, expuso lo trabajado. (Figura 3)



Figura 3: Puesta en común. Primera Jornada Participativa.
Fuente: Taller Libre de Proyecto Social

» *Sistematización de la información obtenida de la Primera Jornada Participativa / El programa de necesidades*

El equipo docente estudiantil analizó y sistematizó lo expuesto por los vecinos en la 1ª jornada participativa, así se avanzó en la definición del programa de necesidades del Centro Comunitario.

Las datos que obtuvimos fueron que el 35% consideró como necesidad principal un Centro de salud; en segundo lugar, con 15% cada uno, se consideró una guardería, un espacio para talleres/reuniones y otro para trámites; por último, con 10% cada uno, se pensó en áreas de deportes y cultura, radio y cine.

En base a estos datos y a toda la información obtenida en la Primera Jornada, se diseñó la Segunda Jornada Participativa.

» *Segunda Jornada Participativa / Diseño participativo, pensar los espacios, sus características, sus relaciones.*



Figura 4: Dispositivos para la Segunda Jornada Participativa
Fuente: Taller Libre de Proyecto Social

En la Segunda Jornada Participativa formamos dos grupos de vecinos, estudiantes y docentes. En cada uno estaba disponible un afiche que contenía la información básica del terreno donde se construiría el Centro (dimensiones del terreno, calles que lo bordean).

Para trabajar en el diseño de los espacios que formarían el Centro, llevamos módulos de 5x5 cm de distintos colores. De esta manera, sumando varios módulos se podía formar un espacio, el color indicaba su función (por ejemplo, rojo para cocina) y sus dimensiones y disposición eran fácilmente modificables mientras se diseñaba. Además, disponíamos de íconos impresos que sumaban información sobre qué actividades se desarrollarían en cada espacio, el equipamiento necesario, y materiales de construcción.

De esta manera, cada vecino podía intervenir en el diseño, agregando/quitando módulos o trasladándolos en el plano y sumándole los íconos que consideraba necesarios. (Fig 4). Tal como se hizo en la Primera Jornada Participativa, el trabajo realizado por cada grupo fue presentado por vecinos en una puesta en común.

» *Sistematización de la información obtenida de la Segunda Jornada Participativa y diseño del Pre-proyecto*

Para comenzar a proponer y elaborar el Pre-Proyecto del Centro Comunitario, estudiantes y docentes trabajamos analizando los pro y contra de cada propuesta surgida en la Segunda Jornada Participativa, se estudiaron diferentes alternativas y se llegó a una propuesta que incluía las fortalezas de cada uno de las realizadas por los vecinos.

» *Tercera Jornada Participativa / presentación de la propuesta*

Se presentó a los vecinos y Madre Tierra una primera propuesta de Centro Comunitario.

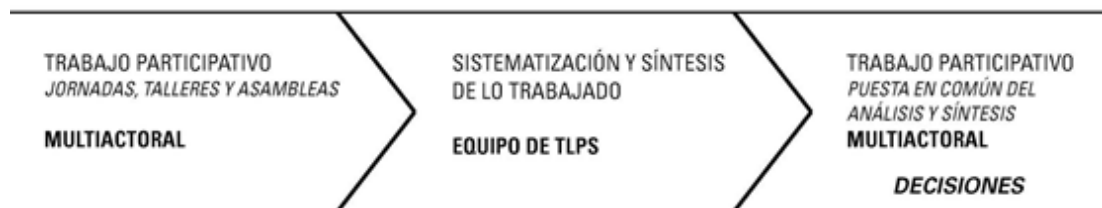
Les fue entregada una carpeta con la información que pudimos sistematizar de las necesidades, ideas y deseos sobre el Centro Comunitario, que se fueron



Figura 5: Presentación del Pre-Proyecto de Centro Comunitario
Fuente: Taller Libre de Proyecto Social

compartiendo en las jornadas, que daban cuenta del trabajo compartido, acompañada por una investigación del barrio, de su organización, de su historia de lucha, de los actores que forman parte. Además un resumen de cada Jornada Participativa.

Por último, el Pre-proyecto fue presentado con planos y una maqueta, acompañados de una propuesta de identidad gráfica (paleta de colores, señalética, cartelera, banners, mural) (Figura 5) Luego de la presentación, escuchamos las devoluciones tanto de los vecinos como de los representantes de Madre Tierra, respondimos algunas dudas, anotamos los comentarios. Terminamos la Tercera Jornada visitando nuevamente con los vecinos el terreno del futuro Centro Comunitario. Cerrando allí la primera etapa de trabajo.



Conclusiones

La secuencia entre trabajo participativo y trabajo de análisis y síntesis de lo elaborado en los anteriores, es la que posibilita el salto cualitativo que existe en la posterior puesta en común de lo sintetizado. Esta secuencia no siempre es lineal y de crecimiento, y hay que tener flexibilidad para los posibles retrocesos que se presenten en el proceso.

Las diferentes herramientas utilizadas en el proceso participativo de trabajo fueron evolucionando desde lo particular a lo colectivo, ajustándose a los diferentes grados de concreción que tomó el proyecto.

Estas experiencias nos posibilitan enriquecer la reflexión que desarrolla el TLPS hace 20 años y sistematizar los avances en el desarrollo de dinámicas y soportes que exigen los procesos de diseño participativo en su multiescalaridad desde una perspectiva integradora de las profesiones proyectuales a los procesos de lucha en los sectores populares por el mejoramiento habitacional.

Referencias Bibliográficas

Libros:

ACIJ (2007). Indicadores socio-económicos del municipio de Moreno.

Cravino, M. Wagner, R, Varela, O. Notas sobre la política habitacional en el área metropolitana Buenos Aires en los 90. Buenos Aires, ICO-UNGS, Mimeo.

Livingston R. (1995). El Método. Argentina. De La Urraca.

Merklen, Denis (1997). Organización comunitaria y práctica política. Las ocupaciones de tierras en el conurbano de Buenos Aires. Venezuela: Nueva Sociedad Nº 149, mayo-junio.

Pelli, V. (2006). Habitar, participar, pertenecer. Acceder a la vivienda, incluirse en la sociedad: Argentina. Nobuko.

Pedro, B; Bandieri, G; Contreras, M;Wexler, L. Romero Orue, A, Sucari, A, Daniele, A (2015). De las aulas a las calles. Del papel a la realidad. De la investigación a la acción. Cuaderno Nº1 TLPS: Buenos Aires. Ed. TLPS.

Quiroga, A.(2005) La Crisis social y su impacto en la subjetividad. Buenos Aires: Ed. Cinco.

Rodríguez, M (2009). Autogestión, políticas de hábitat y transformación social. Buenos Aires. Ed. Espacio.

Harvey, D (2007). Espacios del capital. España. Ed Akal

Capítulos de libros:

Di Paula, Jorge. 2008. La habitación como necesidad, el hábitat como satisfactor. 12 mitos a demoler para avanzar en la inserción de la problemática habitacional en la universidad y una propuesta. En ULACAV 2008, Inserción de las problemáticas habitacionales de áreas urbanas latinoamericanas en la formación docente (FADU: Buenos Aires)

Pedro, B., Bandieri, G.. Contreras, M.(2016) Proyectar con la comunidad en la producción social del hábitat, articulando saberes disciplinares con saberes populares. CABA. Ed. Ministerio Público de la Defensa.

Quiroga, A. de Pampliega (2001). Ponencia en el Taller de trabajo en comunidad. Santa Clara, Cuba. Universidad de Santa Clara.

Artículos de revistas:

Pelli, V.(2003). La necesidad como basamento técnico y político de la gestión habitacional. Rev. Área Nº11.

Pelli, V. (2010). La gestión de la producción social del hábitat. Hábitat y sociedad. Pags. 39-59.

Artículo de revistas electrónicas:

Galán, B (2011). Reconstruyendo el entramado de una sociedad creativa. Estrategias para la transformación de diseñadores en contextos de complejidad. Cuaderno N°67. 73-100. https://fido.palermo.edu/servicios_dyc/publicacionesdc/cuadernos/detalle_articulo.php?id_libro=659&id_articulo=13879 acceso: 14 de abril de 2021.

Pelli, V. (1995). El mejoramiento habitacional de los asentamientos espontáneos. Cuaderno Urbano, 1995 - revistas.unne.edu.ar. <https://revistas.unne.edu.ar/index.php/crn/article/view/2054/1794> acceso: 10 de abril de 2021.

Autores

Mariana Guido. Arquitecta UBA, Facultad de Arquitectura Diseño y Urbanismo. Diplomada en Diseño Participativo Sustentable del Hábitat, UNAM. Actividad Docente: (2012-actualidad) Taller Libre de Proyecto Social - FADU-UBA – Jefa de Trabajos Prácticos. Tecnologías de alta complejidad- Universidad de Belgrano- Docente. Arquitecta consultora en Ministerio de Desarrollo Social de la Nación, Programas de Integración Socio Urbana. Mariana.guido@fadu.uba.ar

Fabián Leguizamón. Diseñador Industrial UBA, Facultad de Arquitectura Diseño y Urbanismo. Actividad Docente: (2017-actualidad) Taller Libre de Proyecto Social - FADU-UBA – Docente. fabian.leguizamón@fadu.uba.ar

Andrea Cabrera. Diseñadora de Imagen y Sonido UBA, Facultad de Arquitectura Diseño y Urbanismo. Actividad Docente: (2013-2016) Seminario Interdisciplinario para la Urgencia Social - FADU-UBA – Docente. (2015-actualidad) Taller Libre de Proyecto Social - FADU-UBA – Docente. andrea.emilia.cabrera@gmail.com

Gabriela Bandieri. Arquitecta UBA, Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo, Especialista en "Hábitat y Pobreza Urbana en América Latina" UBA- FADU (2012). Actividad Docente: (2006 – actualidad) Taller Libre de Proyecto Social- FADU – UBA - Profesora Adjunta. (1988 – actualidad) ICP I Y II. CBC – UBA / Cátedra: Arq. Egozcue. Ayudante de 1º / Cat Pedro JTP. (2006-2010) Seminario de Formación para el trabajo con la Comunidad. JTP.(2006 -2008) Directora de Programas de Extensión. Secretaria de Extensión- FADU – UBA. gabrielaparq@gmail.com

A TRAJETÓRIA RECENTE DOS CURSOS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL: Privatização da educação, reconversão docente e desvalorização da força de trabalho.

Eje/Eixo Temático 2

Maria Ribeiro Calil
Cláudio Rezende Ribeiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O artigo propõe o debate acerca da formação profissional em arquitetura e urbanismo a partir da articulação de críticas fundamentadas nos campos da educação e de arquitetura e urbanismo. A argumentação parte da análise da trajetória de expansão do ensino superior no Brasil, demonstrando seu caráter privatizante. Em seguida, traça-se um paralelo entre a constituição dos atuais cursos de arquitetura e urbanismo e a precarização do ensino e do trabalho. Nesse cenário destaca-se a evolução dos cursos privados e o crescimento da mercantilização educacional via EaD, intensificada no momento de pandemia de Covid-19. As referidas análises indicam as consequências dessa formação privatizada tanto para o campo de arquitetura e urbanismo, como para a profissão de docente, expondo seu caráter de reconversão. Por fim, a fim de demonstrar a maneira como o capital se apropria da formação organizada pelo setor privado, debate-se a respeito da desvalorização da força de trabalho, a partir de levantamentos quantitativos de dados relacionados à formação destes profissionais e à mudança no perfil de pessoas empregadas no campo de arquitetura e urbanismo. As relações entre o capital educador e o capital urbanizador, trabalhadas neste artigo, percorrem camadas complexas. Diante disso, pretendemos com esse debate, contribuir, sem esgotar o tema, para o entendimento das determinações fundamentais que devem ser superadas no intuito de produzir cidades mais democráticas e menos desiguais.

Palavras-chave: **Urbanismo, educação, privatização, formação profissional.**

Resumen

El artículo propone debatir sobre la formación profesional en arquitectura y urbanismo a partir de la articulación de críticas basadas en las áreas de educación y arquitectura y urbanismo. La argumentación parte del análisis de la trayectoria de expansión de la educación superior en Brasil, demostrando su carácter privatizador. Luego, se traza un paralelo entre la constitución de los actuales cursos de arquitectura y urbanismo y la precariedad de la docencia y del trabajo. En este escenario, destaca la evolución de los cursos privados y el crecimiento de la mercantilización educativa mediante la educación a distancia, intensificada con la pandemia Covid-19. Estos análisis señalan las consecuencias de la formación privatizada tanto para el campo de

arquitectura y urbanismo, como para la profesión docente, exponiendo su carácter de reconversión. Por fin, para demostrar la forma en que el capital se apropia de la formación organizada por el sector privado, discutimos sobre la devaluación de la población activa, basado en encuestas cuantitativas de datos sobre la formación de estos profesionales y el cambio de perfil de las personas ocupadas en el área de arquitectura y urbanismo. Las relaciones entre capital educativo y capital urbanizador, trabajadas en este artículo, cruzan capas complejas. Frente a esto, pretendemos con este debate, contribuir a la comprensión de las determinaciones fundamentales que deben superarse para producir ciudades más democráticas y menos desiguales.

Palabras clave: **Urbanismo, educación, privatización, formación profesional.**

Introdução

O presente artigo contribui com o debate a respeito da formação de profissionais de arquitetura e urbanismo referenciado pelo campo da educação¹. Tomando como ponto de partida a mercantilização do ensino superior de forma geral, e algumas de suas consequências para a expropriação do saber docente, o texto apresenta um paralelo com a constituição dos atuais cursos de arquitetura e urbanismo com algumas das consequências relacionadas à precarização do trabalho deste profissional. Acreditamos que a reivindicação de crítica à cidade contemporânea passa, também, pela forma como se constrói um ensino de arquitetura e urbanismo que seja capaz de construir saberes críticos que questionem a atuação deste campo na formação desigual dos espaços urbanos.

Entendemos que o ensino de arquitetura e urbanismo no Brasil das últimas décadas suscita um debate político referenciado em argumentos que articulam as suas recentes transformações com as do campo específico da educação. Deste modo, objetivamos estabelecer conexões teóricas entre os campos da educação e da arquitetura e urbanismo, com o intuito de produzir questionamentos a respeito da precarização do ensino superior na área. A intenção de realizar reflexões teóricas que nos aproximem do campo da educação, direciona o estudo a estruturar-se a partir de argumentos relacionados ao referido campo e como este se associa à lógica mercadológica e do capital em um país de capitalismo dependente.

A argumentação desenvolvida constrói-se a partir da abordagem do processo histórico da formação de tais profissionais no país. Esta se dá a partir da associação de referenciais teóricos que aproximem esses dois campos, a partir de temas tais como: os desafios da luta pelo direito à cidade e à educação em nível superior - pública, gratuita e universal - diante da dominação capitalista nessa esfera; o avanço da lógica de mercado a partir da constituição da educação e do espaço enquanto mercadorias; e a piora das condições de ensino e de trabalho de tais profissionais.

Longe de esgotar o tema, pretendemos apresentar uma articulação de críticas a fim de contribuir com o debate existente na academia e nas esferas de reivindicação de um ensino socialmente referenciado. A interseção dos dois campos em questão surge a partir da acentuação de desigualdades e dos retrocessos de direitos sociais conquistados, inclusive o desmonte das universidades públicas e de seu espaço. Salientamos ainda a importância de defender a manutenção da instituição pública, posto que vivenciamos uma influência de ação do capital empresarial na esfera do

¹ Trata-se de um aprofundamento de questões tratadas pelos autores no artigo "Educação e(m) Urbanismo sob a lógica do capital" (CALIL, RIBEIRO, 2021).

ensino superior, aqui denominado “capital educador”², mercantilizando a educação, assim como mercantiliza o espaço e a terra.

A educação superior pública sob a lógica do capital educador

Para iniciar o debate proposto para este artigo, no intuito de interpretar criticamente a realidade atual do ensino superior público no Brasil, faz-se necessário identificar suas respectivas transformações e entender como esse processo vem acontecendo historicamente. Estas análises não podem ser feitas se não associadas às políticas de ataque à educação pública e sua crescente financeirização que têm como principal objetivo garantir a continuidade da reprodução da face dependente do modelo capitalista. Diante disso, este artigo fundamenta-se em reflexões teóricas que dialogam, ainda que de forma incipiente, com o campo da educação, no que diz respeito à educação superior pública, objetivando a problematização de como esta se relaciona à lógica de reprodução do sistema capitalista.

Destacamos, de início, a importância de qualificar aqui a educação no sentido de formação humana, uma vez que conflitos sociais e de classe também estão presentes nessa esfera. Nos pautamos na concepção de Mészáros (2015) de que esta não deve visar a qualificação do indivíduo para o mercado, sim para a vida, devendo ser praticada contínua e permanentemente.

Todavia, na sociedade capitalista, cada vez mais, a formação profissional em variados cursos orienta-se às demandas de mercado e aos interesses do grande capital. O mesmo ocorre em termos da pesquisa, que vêm sendo condicionadas à projeção de mercadorias, deixando de lado os reais interesses da sociedade que se insere. Mészáros (2015) pontua que a educação tornou-se peça do processo de acumulação de capital e de estabelecimento de um consenso que viabiliza a reprodução do sistema de classes. O referido autor afirma que em lugar de instrumento de emancipação humana, esta tornou-se, dentro dos marcos do capitalismo, mecanismo de perpetuação e reprodução desse sistema.

Uma vez reconhecida a educação superior como direito social universal, consideramos aqui a universidade pública como locus de produção de reflexão, onde o conhecimento deva ser elaborado e socializado de forma autônoma, ecoando as reivindicações latino-americanas da Reforma Universitária de Córdoba, ocorrida em 1918³.

Nos referenciamos em Fontes (2019), ao considerar que a mercantilização de esferas da vida caracteriza-se como obstáculo à democratização de direitos e está longe de se restringir a uma dimensão apenas econômica. A referida autora destaca que tal mercantilização precisa ser pensada como expropriação, uma vez que configura a retirada de “coisas” que antes faziam parte do ser humano, como condição de existência, e passa a permitir a apropriação desses bens por setores que vão explorá-lo a fim de obterem lucro; ficando a cargo do Estado o papel de garantidor desse mercado.

Destaca, ainda, que o que deve ser contraposto é a (re)produção das desigualdades, que passa pelo mercado e é garantida pelo Estado. Desta forma, o caráter público das instituições é colocado em xeque e passa a atuar apenas como gestor dos serviços ofertados à população, reafirmando seu caráter classista e produtor do grande capital.

² Esta categoria tem sido trabalhada pela professora e pesquisadora Olinda Evangelista, do PPGE-UFSC.

³ Marco da luta latinoamericana por uma universidade pública autônoma e socialmente referenciada, existe uma vasta bibliografia a respeito da Reforma Universitária de Córdoba a exemplo de Tünnermann (2008).

As iniciativas de mercantilização da educação superior configuram-se, principalmente, a partir da consideração da educação como mercadoria, ou seja, da comercialização dos serviços e produtos educacionais que ocorre de modo cada vez mais intenso ao ser operado pelas grandes corporações educacionais-financeiras. Outra forma de privatização pode ocorrer nas IES públicas, tendo seus conteúdos de ensino e pesquisa determinados e engendrados pela lógica e interesses do mercado. Verifica-se que a ação do capital educador, também impacta no âmbito das pesquisas e da produção de ciência e tecnologia, que vêm sendo condicionadas à projeção de mercadorias encomendadas pelo mercado, deixando de lado os interesses socialmente referenciados.

Essas iniciativas vêm ocorrendo desde a implantação da “Reforma Universitária” operada pelo projeto de poder da ditadura empresarial-militar, a partir de 1968. A mercantilização é um projeto que atravessa um conjunto de governos, onde o Estado se alia ao capital por meio de alterações normativas que têm como fim o benefício dos grandes grupos de investidores.

Nos anos 1960 as IES privadas ultrapassaram, em quantidade, pela primeira vez, as IES públicas no Brasil. Desde então, nota-se um crescimento exponencial dessas, e, sobretudo, do número de matrículas. Como demonstrado por Seki (2020), tal expansão foi possibilitada uma vez que a ditadura empresarial militar articulou-se com o empresariado de ensino ligado às IES privadas.

Todavia, com o sequente processo de redemocratização do país, não houve uma contenção no avanço das IES privadas, tampouco uma expansão efetiva das públicas. Um processo ainda mais intenso de ampliação dessas instituições se deu a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional⁴ (LDB), de 1996, que passou a regulamentar a operação de tais instituições para terem fins lucrativos, assumindo de vez o caráter mercantil nesse setor.

Desde então as ações de financiamento estudantil pelo capital educador vêm ocorrendo de diferentes formas. Destacamos aqui as iniciativas por parte do poder público de ampliar o acesso ao ensino superior⁵, no início dos anos 2000. Embora tenham atingido tal objetivo, corroboraram não com a ampliação de direitos, mas sim das relações de consumo a partir do pagamento da mercadoria educação. Destacamos o papel predominante dos programas FIES e ProUni em beneficiar a concentração dos capitais no setor educacional, desde meados dos anos 2000, através de isenções tributárias e benefícios fiscais.

Evidenciamos ainda o papel do Reuni⁶, programa esse voltado à ampliação do acesso ao ensino, no âmbito das IES públicas, através da expansão da oferta de vagas, contudo desacompanhado de recursos destinados à garantia da qualidade da formação. Esse cenário revela que tais medidas voltaram-se aos interesses do capital, fortalecendo seu potencial educador, sobretudo no que diz respeito a uma privatização interna das IES públicas e à precarização das atividades de ensino, pesquisa e extensão nas universidades. Embora tais iniciativas de ampliação do acesso ao ensino superior visassem a inserção de grupos sociais nas instituições de ensino superior, elas ainda se constituem como espaços de privilégio.

Seki e Cruz (2019) apontam que as reformas normativas legais e infralegais concederam, ainda, maior autonomia aos cursos de educação à distância, possibilitando o reordenamento dos tipos de IES, assim como modificações nas

4 Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

5 Iniciativas tais como: Reuni, Prouni, ações afirmativas, ampliação de bolsas de graduação e pós-graduação, investimentos em assistência estudantil, dentre outras.

6 Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - Decreto 6.096, de 24 de abril de 2007.

avaliações realizadas. A partir de 2007 tem-se a entrada de capitais estrangeiros via fundos de investimentos no ensino superior privado. Tal fato desencadeia, conjuntamente, a expansão do Ensino à Distância. Isso configura um maior interesse ao capital que comercializa a educação, uma vez que pode ofertar tal mercadoria em massa investindo menos recursos.

O atual momento no ensino superior é marcado pelo aprofundamento dos ataques às instituições por meio de alterações normativas; pela mercantilização das mesmas e consequente centralização dos grandes grupos - oligopolização; e concentração de capitais nos grandes fundos de acumulação privados.

Enquanto isso, no âmbito das IES públicas, as condições de autonomia das mesmas encontram-se cada vez mais restritas em decorrência de medidas de austeridade fiscal guiadas pelo ideal privatista neoliberal. Medidas estas que, a partir de seu viés autoritário, acarretam um retrocesso da conquista de direitos sociais, intensificam a desigualdade e contribuem para o desmonte das instituições públicas. As dinâmicas em curso, consistem, basicamente, na desresponsabilização do Estado pelo financiamento das instituições de ensino públicas, a partir da captação de recursos do mercado.



Gráfico 1 - IES brasileiras.
Fonte: elaborado pelos autores. Base de dados:
INEP – Censo da Educação Superior, 2019.

Essa trajetória se confirma a partir dos dados trazidos pelo censo da educação superior do INEP de 2019. O censo aponta que no período entre 2009 e 2019, as matrículas nas instituições de ensino superior aumentaram 43,7%. No mesmo período, houve um aumento no número de matrículas de graduação de 47,3% na rede privada e de 36,5% na rede pública⁷. De acordo com os dados expostos pelo referido censo, em 2019, a rede de educação superior brasileira encontrava-se hegemônica pelo setor privado, do total de 2.608 IES, 88,4% (2.306) referia-se às IES privadas, e 11,6% (302) às IES públicas, como exposto no Gráfico 1.

No que concerne às matrículas de graduação, as empresas de ensino privadas detêm, hoje, 75,8% (6.523.678) do total, já a rede pública participa, portanto, com 24,2% (2.080.146) (Gráfico 2).

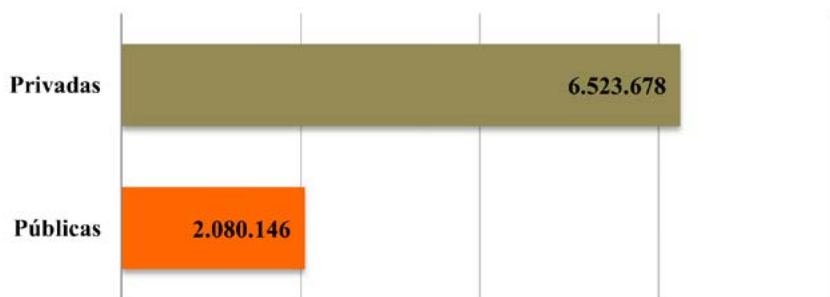


Gráfico 2 - Matrículas de graduação nas IES brasileiras.
Fonte: elaborado pelos autores. Base de dados: INEP
– Censo da Educação Superior, 2019.

Destacamos ainda que o elevado número de matrículas das IES privadas vem acompanhado de um progresso, cada vez mais intenso, do Ensino à Distância. Em 2019, o número de ingressos em cursos de graduação na modalidade de Ensino à Distância já correspondia a 43,8% do total. Entre 2009 e 2019, o número de ingressos nos cursos à distância aumentou 378,9%. (INEP, 2019).

⁷ Em 2009: 4.430.157 matrículas em IES privadas e 1.523.864 em IES públicas; em 2019: 6.523.678 matrículas em IES privadas e 2.080.146 em IES públicas.

A partir da assimetria distributiva dos efeitos da conjuntura anteriormente exposta, a parcela mais pobre da população é afetada mais direta e negativamente. Fato que no Brasil significa uma grande parcela populacional, em função das condições de desigualdade social que estão dadas.

O acesso à educação no país também reflete esses níveis de desigualdade e sempre foi tido como privilégio de uma parcela elitizada de nossa sociedade. Os indicadores educacionais do IBGE (2019) expõem a desigualdade social por cor ou raça também nesse âmbito. Os dados revelam que, embora tenha havido melhora, a população de cor ou raça preta ou parda, ainda possui desvantagens em relação à branca, no que tange ao acesso à educação, sobretudo no ensino superior. O estudo assinala uma taxa de ingresso inferior da população preta ou parda (35,4%) comparada à da população branca (53,2%), nesse nível de ensino.

A partir das considerações gerais acerca da realidade da educação superior brasileira, trataremos no item seguinte a reverberação de tais acontecimentos no caso específico dos cursos de graduação em arquitetura e urbanismo.

Realidade contemporânea do ensino superior de Arquitetura e Urbanismo no Brasil

No intuito de relacionar o caso específico dos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo à dinâmica do capital anteriormente debatida, realizamos aqui uma abordagem histórica desses e como o ensino neste campo vem se transformando ao longo do tempo.

Baratto (2016) destaca que o ensino da Arquitetura no país teve suas origens em 1816, com a criação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, onde era valorizado sobretudo o lado artístico da profissão. As formas do saber e do fazer arquitetônico também se modificaram, acompanhando os avanços tecnológicos e as mudanças relativas à organização espacial da sociedade. O referido autor ainda ressalta a dificuldade de integrar a cadeira de urbanismo nos cursos.

A Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais foi fundada em de 1930, sendo primeira escola da América do Sul independente das Escolas Politécnicas de Belas Artes e Filosofia⁸. Os primeiros cursos dedicados exclusivamente ao ensino da Arquitetura surgiram no Rio de Janeiro, em 1945, na Faculdade Nacional de Arquitetura⁹; em São Paulo, no Curso de Arquitetura do Mackenzie, em 1947 e na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em 1948¹⁰; no Rio Grande do Sul a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1952¹¹; em Pernambuco em 1958, com a criação da Faculdade de Arquitetura do Recife¹²; e na Bahia, em 1959, quando a Faculdade de Arquitetura separou-se da Escola de Belas Artes¹³. Em 1968 o Urbanismo foi incorporado ao curso de Arquitetura da Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro, tornando-se Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O aumento da oferta de cursos acompanhou a expansão das IES privadas, tratadas no item anterior, sobretudo a partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996. Esse crescimento exponencial é retratado no Gráfico 3.

8 Fonte: <https://sites.urg.ufmg.br/ea/sobre-a-ea/historia/>. Acesso em: março/2021.

9 O curso da atual FAU-UFRJ tem origem na Academia Imperial (antiga Academia de Artes e Ofícios), que em 1826 começou a oferecer o ensino regular de Arquitetura, como um dos cursos da Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios. Fonte: <http://www.fau.ufrj.br/historia-e-patrimonio/>. Acesso em: maio/2021.

10 Fonte: Ministério da Educação. E-mec. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: março/2021.

11 Fonte: <https://www.ufrgs.br/arquitetura/apresentacao/>. Acesso em: março/2021.

12 Fonte: <https://www.caupe.gov.br/ufpe-celebra-70-anos-de-fundacao/>. Acesso em: março/2021.

13 Fonte: <https://arquitetura.ufba.br/pt-br/historico>. Acesso em: março/2021.

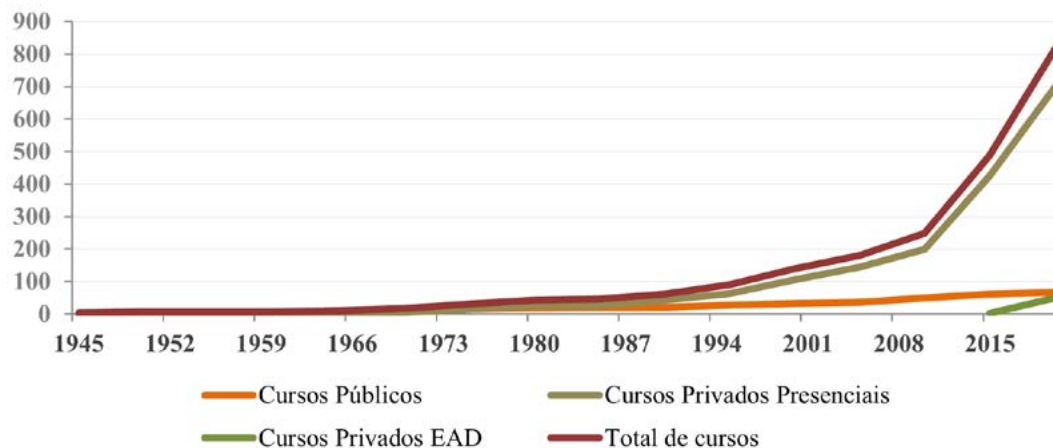


Gráfico 3 - Evolução dos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Fonte: E-mec acesso em: março/2021. Elaborado pelos autores.

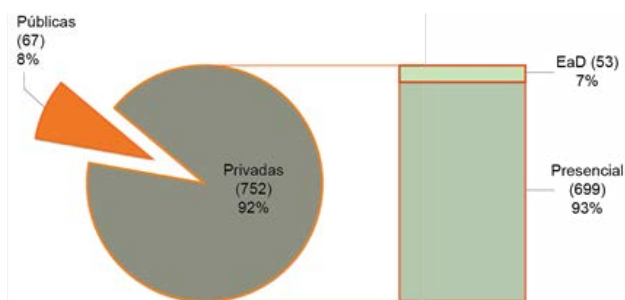


Gráfico 4 - Cursos de Arquitetura e Urbanismo em atividade.
Fonte: E-mec acesso em: março/2021.
Elaborado pelos autores.

Na década de 1980 o número de cursos públicos e privados de Arquitetura e Urbanismo era o mesmo; vinte anos depois, em 2000, os públicos passaram a ser 1/3 do número dos privados. Em 2021, dos 819 cursos de arquitetura e urbanismo que encontram-se em atividade e atendem às regulamentações do MEC¹⁴, a proporção dos cursos públicos é de menos de 10%, conforme apresentado no Gráfico 4. Como apontam Wilderon e Arantes (2020), a redução da porcentagem de cursos públicos frente aos privados indica que estes foram deixando de influenciar a qualidade do restante das escolas e

do perfil do profissional a ser formado.

Destacamos ainda o aumento do número dos cursos à distância, desde 2015¹⁵, que configuram mais um relevante fator de precarização do ensino com vistas ao aumento de lucro dos setores privados que comercializam a educação. Este tema será debatido adiante, mas já podemos perceber que hoje o número de cursos EaD já está muito próximo do total de cursos presenciais públicos.

A partir do entendimento de que as dinâmicas das IES privadas organizam-se totalmente a partir dos interesses do capital educador, como exposto anteriormente, nos deteremos nessa parte do estudo a análises relativas aos cursos públicos de Arquitetura e Urbanismo. Reconhecemos a relevância da abordagem de tais instituições, uma vez que discutimos a respeito de questões políticas e sociais.

No tocante aos 67 cursos públicos de arquitetura e urbanismo em atividade, neste momento, nota-se que a distribuição espacial dos cursos públicos reflete

¹⁴ Fonte: <<http://emec.mec.gov.br>>. Acesso em: março, 2021.

¹⁵ Primeiros cursos de arquitetura e urbanismo na modalidade de Ensino à Distância: Centro Universitário Braz Cubas, em Mogi das Cruzes/SP, criado em Dezembro/2015 e iniciado em Agosto/2020; Universidade do Vale do Rio Verde (UNINCOR), em Três Corações/MG, criado em Dezembro/2015 e iniciado em Março/2016. Em sequência foram aprovados muitos cursos das grandes empresas do ensino superior, como: Anhanguera e Pitágoras.

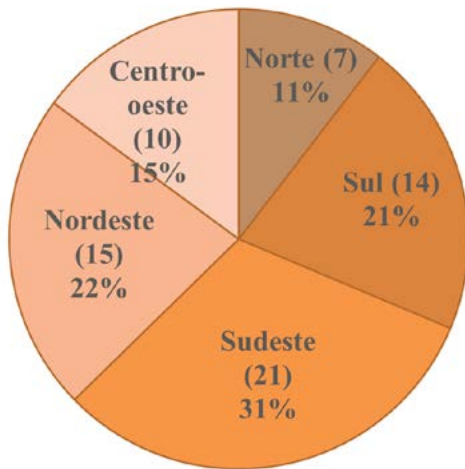


Gráfico 5 - Localização dos cursos públicos de arquitetura e urbanismo em atividade.
Fonte: E-mec. Acesso em: março/2021.
Elaborado pelos autores.

o panorama distributivo desigual da rede que inclui também os cursos privados, marcado por uma maior concentração de cursos nos estados da região sudeste (31%), e menor na região norte (11%), representadas no Gráfico 5.

Vamos de acordo com as colocações de Pina, Ribeiro e Halfen (2020), no que diz respeito a contribuição que o campo da arquitetura e urbanismo pode exercer na produção do espaço, de forma democrática e justa; assim como campo da educação pode contribuir na construção de um horizonte pedagógico calcado nesses mesmo princípios. A partir do entendimento que esta tarefa pode ser concretizada como função social prioritária das IES públicas de forma geral e, no caso da produção do espaço, dos cursos de Arquitetura e Urbanismo que estão nelas inseridas (PINA; RIBEIRO; HALFEN, 2020). Acreditamos que o papel público dos cursos de arquitetura e urbanismo deve ser realizado na construção de

saberes críticos à reprodução hegemônica e desigual das cidades contemporâneas.

É preciso lutarmos contra as dinâmicas de ataque às instituições de ensino superior públicas. A reforma universitária destaca a necessidade de lutarmos por uma instituição autônoma e socialmente comprometida, ampliando o seu campo de atuação para populações que historicamente foram alijadas deste direito, exigindo, por assim dizer, uma função social da universidade.

Entendendo que a educação não deve legitimar interesses hegemônicos das classes dominantes, nos pautamos em Mészáros (2015), que enfatiza que se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente é necessário rompermos com a lógica do sistema capitalista. “O conceito “para além do capital”, desenvolvido pelo autor, é inerentemente concreto. Ele tem em vista a realização de uma ordem social metabólica que sustente concretamente a si própria, sem nenhuma referência autojustificativa para os males do capitalismo” (MÉSZÁROS, 2015, p.62).

O referido autor alerta ainda que é pela universalização da educação que poderá se processar a superação da sociedade capitalista. Uma vez que o universalismo que nos é apresentado é industrial capitalista, visamos reivindicar uma universalização do ensino superior pautada nos referenciais desse autor, a fim de garantir que estas demandas sejam compatíveis com as demandas da classe trabalhadora. Mas, para romper com esta lógica, é necessário perceber como ela atua em determinados setores, como no campo do ensino e na atuação profissional de arquitetura e urbanismo.

Levantamos esses pontos para debate na tentativa de fortalecer essa perspectiva crítica e com vistas a reafirmar nosso compromisso em favor de um projeto de educação emancipatório e de uma universidade pública multifuncional, em diálogo com outras lutas sociais que incidem sobre os determinantes do capitalismo dependente, assim como proposto por Florestan Fernandes (2020).

A pandemia de Covid-19 e a expansão do EaD

Com vistas a situar a complexidade contemporânea relacionada ao tema do estudo, tem-se que diante do contexto atual de pandemia da COVID-19 – onde o tempo é acelerado, os espaços mais comprimidos, os conflitos explicitados e as relações de dependência mais visíveis - fica em evidência o quão necessária é a luta pela manutenção de uma universidade pública autônoma e em prol de que suas atividades estejam voltadas aos interesses sociais locais e em refutação à colonização dos saberes. Como aponta Leher apud Fernandes (2020), as universidades não podem deixar de tecer críticas ao capitalismo existente e ao desmonte do que é público.

Diante das iniciativas do governo Bolsonaro de tentativa de aprofundamento do projeto de desmonte das universidades públicas, e ainda acometido por uma pandemia que ajuda a corroborar seus argumentos pautados na lógica hegemônica neoliberal, referenciamos Leher (apud Fernandes, 2020, p.23), onde “nada pode ser mais elucidativo da relevância estratégica da universidade pública do que os enfrentamentos dos profissionais de saúde e dos cientistas contra as invencionices presidenciais perigosamente negacionistas”.

Laval (2019) alerta-nos, ainda, sobre a orientação do atual governo que ameaça acelerar ainda mais a dominação capitalista sobre as universidades, sobretudo a partir da modalidade de Ensino à Distância. No mesmo sentido que o referido autor, consideramos que tais análises não podem se restringir à esfera econômica de mercantilização da educação em geral, mas estender-se à lógica social de “mercadorização” da educação pública, que está associada à luta generalizada das classes sociais dentro desse mercado educacional e universitário.

Cabe ainda destacar a oportunidade que também o mercado enxergou com a chegada da pandemia. Tem-se como exemplo a tentativa de normalização da modalidade de “Ensino Remoto” ou “Ensino à Distância”, sobretudo a partir de sua expansão para o ensino básico, que já era um projeto pré-pandemia que foi potencializado pela mesma, configurando mais um relevante fator de precarização

do ensino com vistas ao aumento de lucro dos setores privados. Essa modalidade de ensino reproduz e intensifica problemas nunca antes resolvidos, tais como a desigualdade de acesso ao ensino superior, como aponta Ribeiro (2020).

Como citado anteriormente, o primeiro curso de Arquitetura e Urbanismo na modalidade “Ensino à Distância” foi aprovado em 2015. Em pouco mais de 5 anos, segundo o Ministério da Educação, já são 58 cursos em atividade – aumento de 2.900%- como demonstrado no Gráfico 6.

É notado que o caráter mercadológico da educação superior se faz ainda mais presente nessa modalidade de

ensino, assim como as condições desiguais de acesso também são mantidas; indo na direção contrária do proposto pelo MEC, de levar o ensino superior a regiões que não tinham acesso ao mesmo quando na modalidade presencial, como justificativa de defesa ao EaD.

Os aspectos relacionados ao espaço e a educação interessantes ao debate



Gráfico 6 - Avanço dos cursos de Arquitetura e Urbanismo – modalidade de Ensino à Distância.

Fonte: E-mec acesso em: maio/2021. Elaborado pelos autores.

deste trabalho convergem na desigualdade de acesso a ambos. Como levantado por Ribeiro (2020), a desigualdade de acesso aos cursos na modalidade EaD reflete a distribuição desigual de acesso a infraestruturas urbanas, neste caso, o acesso à internet. Com isso, como aponta o autor, as regiões administrativas que concentram as matrículas de EaD repetem, de modo semelhante, o cenário desigual das matrículas em cursos presenciais.

O debate sobre o tema vem ganhando destaque diante do contexto atual. O CAU/BR¹⁶, no tocante ao ensino de arquitetura e urbanismo à distância, se opõe de modo claro e inequívoco. Ainda que aprovando, temporariamente, o ensino à distância como medida emergencial diante do contexto de pandemia do Covid-19 e necessidade de isolamento social, o conselho mantém seu posicionamento contra o EaD e pondera que continuará cumprindo sua obrigação, defendendo este posicionamento até que haja decisão final da Justiça sobre o tema.

*Diante da atual emergência de saúde pública ocasionada pela pandemia provocada pela COVID-19, a Comissão de Ensino e Formação (CEF) do CAU/BR entende que o acompanhamento remoto do ensino é uma ferramenta disponível para a situação excepcional de crise, devendo ser tratada como emergencial e temporária. Não obstante, sustenta seu posicionamento anterior, defendendo incondicionalmente a graduação presencial, **uma vez que um dos princípios que embasam a Arquitetura, Urbanismo e o Paisagismo é a condição geográfica e espacial, ao mesmo tempo que o convívio é fundamental para a vivência e o questionamento do próprio espaço, sendo que a distância não pode proporcionar a experiência da relação professor/aluno.** (CAU/BR, 2020, grifo nosso).*

O CEAU¹⁷, responsável por tratar das questões do ensino e exercício profissional, tem apoiado iniciativas do CAU/BR como, por exemplo, as relacionadas ao disciplinamento do EaD em Arquitetura e Urbanismo, e o apoio às universidades públicas.

A expansão e acomodação do Ensino à Distância, em todas as suas formas, abriga uma consequência formativa com um duplo e perverso desdobramento: a expropriação dos saberes docentes e, como consequência, o aligeiramento e precarização da formação profissional resultante desta categoria de ensino. Estes dois problemas possuem um desenvolvimento em comum a partir da forma capitalista do desenvolvimento técnico da comunicação digital ancorada na telemática. As consequências técnico-políticas desta metamorfose do ensino que está em curso, acarretam uma série de novos obstáculos para a construção de uma educação emancipatória.

Em primeiro lugar, é importante compreender algumas determinações que impactam na tarefa do ensino-aprendizagem a partir da expropriação dos saberes docentes. Evangelista (2016) apresenta uma trajetória complexa na qual a docência, ao ser reconvertida para garantir formação para o mercado, será também absorvida pela própria lógica do trabalho alienado. O fim deste processo de desumanização será a possibilidade de tornar a docência “eadeizada”. Os desdobramentos deste processo são variados e profundos, mas para fins do estudo em tela, é imperioso evidenciar dois aspectos: a perda da primazia pedagógica na construção das relações de ensino e aprendizagem e a simplificação padronizada do trabalho como condição necessária para a expansão mercantil financeira da educação.

¹⁶ Ensino a distância: Nota de Esclarecimento do CAU/BR. Disponível em: < caubr.gov.br/ensino-a-distancia-nota-de-esclarecimento-do-cau-br/>. Acesso em março/2021.

¹⁷ Colegiado Permanente das Entidades dos Arquitetos e Urbanistas (CEAU), conforme o Art. 45 do Regulamento Provisório (Resolução nº 01 de 15/12/2011), é integrado por cinco entidades que lutaram pela criação do CAU – IAB, FNA, AsBEA, ABEA e ABAP – e também pela FeNEA (Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo), que integra como membro honorário, com direito a voz mas sem direito a voto.

Em relação ao primeiro aspecto, é importante destacar que o Ensino à Distância representa uma transformação no campo educação em diálogo com a necessidade de expansão e democratização do ensino, mas que se tornará, concretamente, capturado pelo debate tecnológico. A democratização não ocorre, tendo em vista que os cursos EaD não alcançam, de fato, espaços onde a educação presencial já atuava, mantendo desigualdades, mas o desenvolvimento tecnológico aprofundará possibilidades de relações remotas que converterão o saber docente.

Esta reconversão aproximará a docência de práticas aparentemente complexas que conjugam diferentes saberes técnicos: produção audiovisual, edição de imagens, atuação, e, inclusive, neuromarketing. O resultado desta complexidade, capaz de produzir cursos inteiros “assíncronos” que se organizam, cada vez mais, como aplicativos capazes de fornecer conhecimento just-in-time, retiram a centralidade pedagógica da construção educadora. Desta maneira, cada vez mais ganha força uma renovação da educação bancária (em sua versão financeiro-digital) que impõe a educação como uma transferência de saberes, de conteúdos, eliminando a complexidade da pedagogia crítica e dialógica fundada na construção coletiva de saberes.

Docentes, portanto, tornam-se cada vez mais agentes do espetáculo, e perdem a possibilidade de desenvolver a criatividade pedagógica, a experimentação, isto é, são expropriados de seu saber fundamental, tornando-se operadores de tecnologias de representação digital que, inclusive, impõem o ritmo de alteração das formas de ensino segundo as atualizações de software disponíveis.

O segundo aspecto diz respeito a uma outra conexão oriunda do desenvolvimento da tecnologia de comunicação digital: a pasteurização da mercadoria educacional. Um trabalho simplificado, organizado cada vez mais segundo a operação de programas de software que pouco dialogam com a criatividade e complexidade pedagógica acaba por produzir um produto simplificado, padronizado e intercambiável.

A expansão mercantil financeira da educação depende desta transformação para ser realizada. Em primeiro lugar, é preciso garantir a produção em grande escala de uma mercadoria que estará submetida à velocidade e voracidade do mercado financeiro. A simplificação e aceleração da produção de conteúdos digitais, – o substitutos das aulas – ,viabiliza esta produção em série, renovável e transformável mas, sobretudo, homogeneizadora e reprodutora de uma visão social de mundo aproximada da ideologia dominante.

Por fim, essa mudança possibilita o barateamento dos custos relativos à força de trabalho pelos grandes conglomerados de educação privada na medida em que alteram de forma substancial a relação quantitativa entre docentes (reconvertidos) e estudantes (consumidores), expandindo a capacidade de extração de mais-valor seja pelo aumento da produtividade do trabalhador, seja pela intensificação de sua jornada de trabalho, cada vez mais pressionada pela precarização das condições laborais e de reprodução social da categoria.

A reconversão da docência será replicada na expropriação dos saberes do profissional de arquitetura e urbanismo que, ao ser formado pela educação do capital, também sofrerá das consequências laborais deste processo e, sobretudo, não terá acesso a uma formação crítica, estabelecendo a ponte entre o capital educador e o capital urbanizador. A seguir vamos abordar um fenômeno que tende a se agudizar com a expansão de cursos EaD de arquitetura e urbanismo e que diz respeito ao lugar da formação de jovens arquitetos, mas sobretudo de arquitetas e urbanistas no país.

Perfil profissional e a desvalorização da força de trabalho

No intuito de compreender a relação da localização geográfica dos cursos com a atuação profissional das/os arquitetas/os e urbanistas atuantes no mercado, levantamos que a maioria das/os arquitetas/os e urbanistas atuam profissionalmente na região sudeste, sobretudo em São Paulo (cerca de 1/3 do total), Rio de Janeiro e Minas Gerais. O levantamento indica que mais da metade das empresas dessa área concentram-se em apenas quatro estados: São Paulo (27%), Rio de Janeiro (10%), Rio Grande do Sul (10%) e Paraná (10%) (CAU/BR, 2020).

O IBGE (2020) aponta que a participação de estudantes na rede privada está geograficamente associada a áreas onde concentram-se populações com rendimentos mais elevados, trazendo como exemplo o estado de São Paulo. O

instituto aponta que o estado é a Unidade da Federação com o segundo¹⁸ maior rendimento médio, e ocupa o primeiro lugar em participação da rede privada, 82,8%. Esses resultados refletem a maior capacidade dos moradores dessas Unidades da Federação de arcarem com os custos do ensino privado.

Atuam hoje no país cerca de 202.000 arquitetas/os e urbanistas, como indicado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/BR, 2020). Em menos de uma década, desde a criação do Conselho e do primeiro levantamento realizado pelo mesmo em 2012, este número praticamente dobrou (Gráfico 7). As pesquisas feitas pelo Conselho apontam que anualmente, em média, 13.000 arquitetas/os e urbanistas ingressam no mercado de trabalho brasileiro, acarretando assim uma mudança cada vez mais marcante no perfil das/dos profissionais.

A pesquisa realizada pelo CAU/BR em parceria com o Instituto Datafolha, em 2019, aponta que os/as profissionais da área hoje atuantes no país estão representados por um perfil cada vez mais jovem. Estes dados encontram-se demonstrados no Gráfico 8,

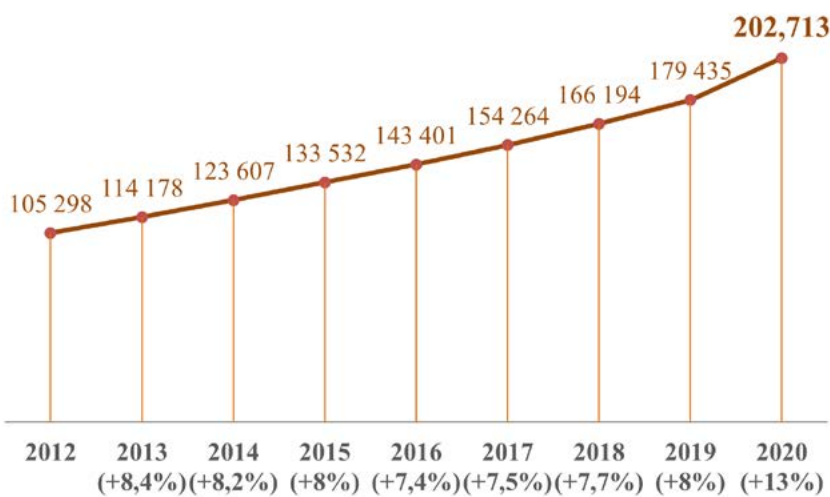


Gráfico 7 – Evolução da/os arquitetas/os e urbanistas atuantes no Brasil
 Fonte: CAU/BR, 2020. Elaborado pelos autores.

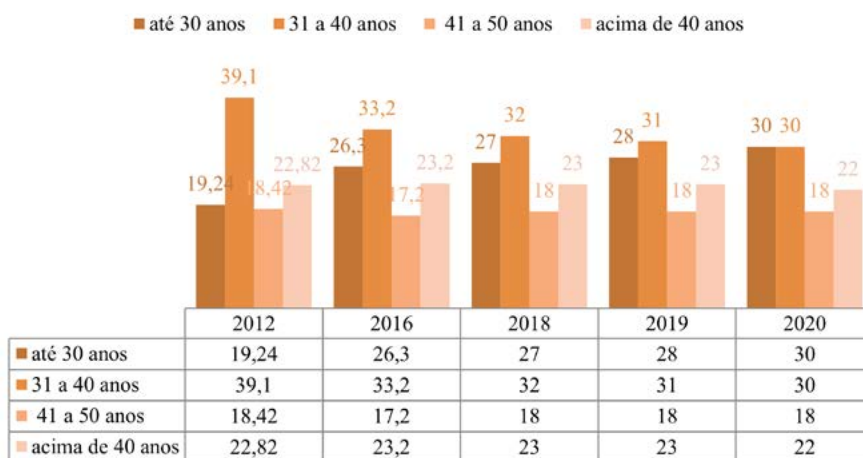


Gráfico 8 – Evolução das/os arquiteta/os e urbanistas atuantes no Brasil por faixa etária.
 Dados: CAU/BR. Elaborado pelos autores.

18 O Distrito Federal ocupa a primeira posição referente ao quesito rendimento médio (IBGE, 2020).

Faixa etária	Proporção
Até 30 anos	30%
31 a 40 anos	30%
41 a 50 anos	18%
51 a 60 anos	12%
Mais de 61 anos	10%

Tabela 1 - Arquitetas/os e Urbanistas atuantes no Brasil em 2020 por faixa etária.
 Fonte: CAU/BR, 2020. Elaborado pelos autores.

a partir das informações fornecidas pelo referido Conselho.

Sendo esse perfil profissional hoje caracterizado por maioria jovem (60%), abaixo dos 40 anos, como exposto na Tabela 1.

No tocante a gênero, o percentual de mulheres atuantes no Brasil é cada vez maior, como indicado no Gráfico 9. Tem-se hoje uma maioria feminina (64%), segundo representado no Gráfico 10.

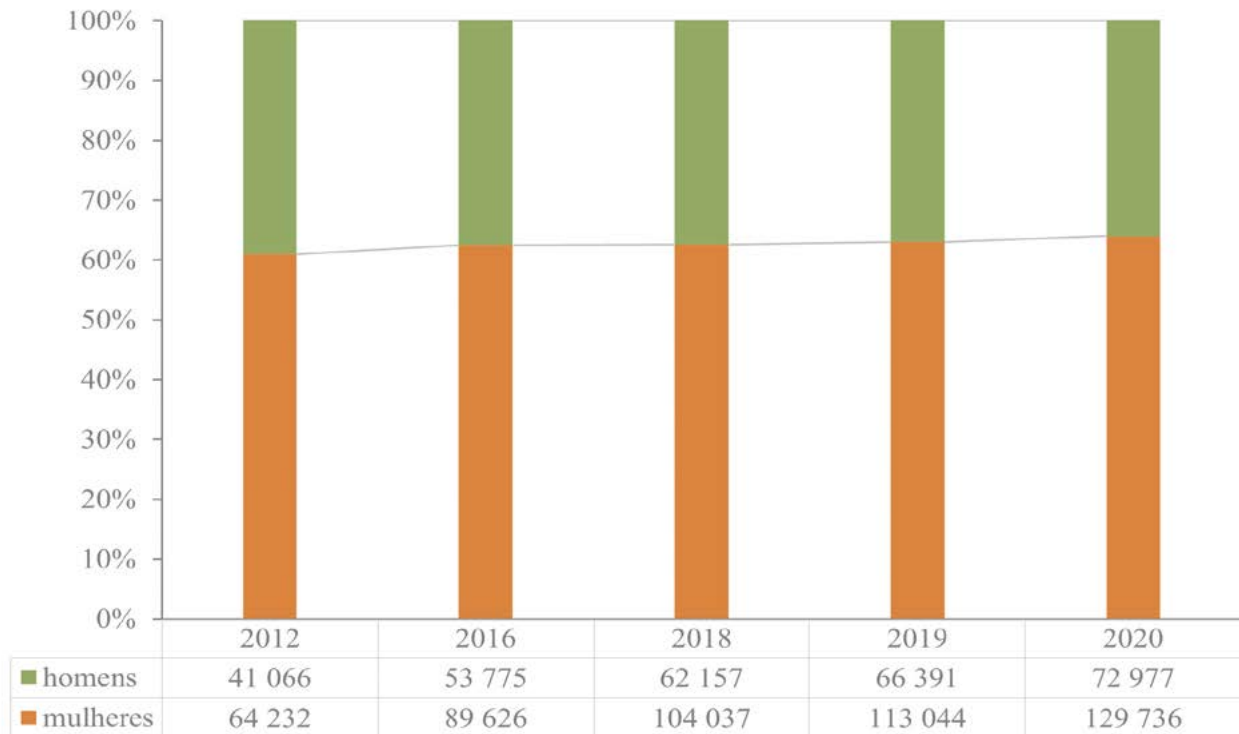


Gráfico 9 – Evolução das/os arquitetas/os e urbanistas atuantes no Brasil por gênero.
 Fonte: CAU/BR, 2020. Elaborado pelos autores.

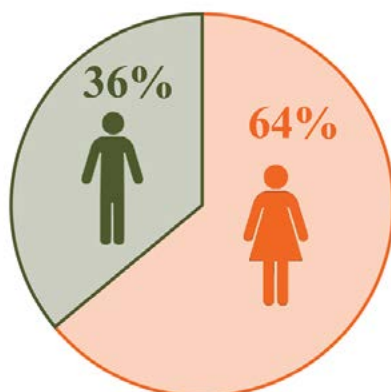


Gráfico 10 - Arquitetas/os e urbanistas atuantes no Brasil em 2020 por gênero.
 Fonte: CAU/BR, 2020.
 Elaborado pelos autores.

O levantamento de tais dados tornam-se relevantes diante da necessidade de darmos continuidade ao debate a partir da abordagem acerca do perfil de profissionais que estão se formando, mais jovens e de maioria feminina e, também, a partir do aumento da inserção de pessoas não brancas neste campo profissional.

Dados fornecidos pelo 1º Diagnóstico de Gênero na Arquitetura e Urbanismo, desenvolvido pelo CAU/BR em 2019-2020, apontam as desigualdades de gênero e raça que incidem neste campo. O estudo indica uma diferença média salarial de quase R\$1.700,00 entre homens e mulheres¹⁹, e pondera que quanto maior a faixa salarial, maior a superioridade dos percentuais masculinos em relação aos femininos.

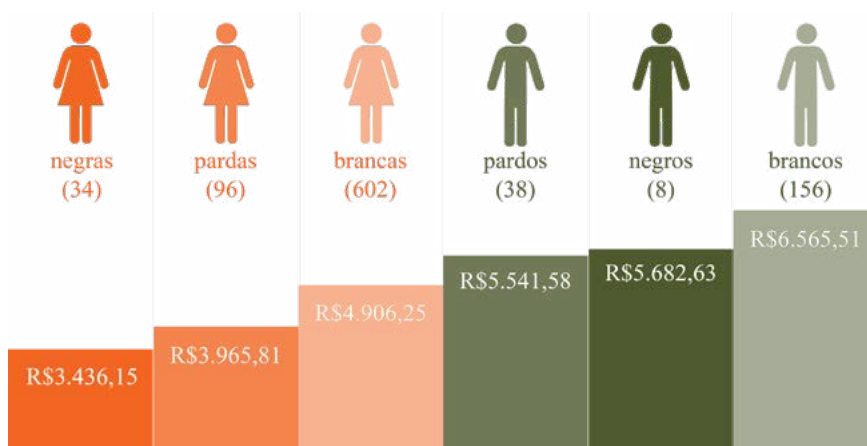


Gráfico 11 - Desigualdade salarial entre arquitetas/os e urbanistas atuantes no Brasil - 2020.
Fonte: CAU/BR, 2020. Elaborado pelos autores.

Aplicando o recorte racial às análises, o estudo indica que os homens brancos são os mais bem remunerados, e recebem quase o dobro que as mulheres negras, grupo com os menores rendimentos (Gráfico 11).

O aumento significativo de mão de obra jovem tendo acesso ao mercado de trabalho nos últimos anos também marca esse fenômeno. Profissionais jovens recebem menores salários. Ao analisar os rendimentos por tempo de atuação, o estudo aponta que as mulheres têm menores

rendimentos do que os homens ao longo de quase toda a carreira.

Este processo precisa ser entendido como uma tendência contemporânea da mercantilização da produção do espaço. Ao contrário do que se pode sugerir, a maior inserção de mulheres e a inclusão de pessoas não brancas no campo profissional estão longe de representar uma vitória do processo de democratização do ensino através da expansão da formação universitária privada. O fenômeno aproxima-se mais de uma conquista do capital educador que conseguiu expandir o número de profissionais de maneira espetacular, aumentando o exército industrial de reserva para o setor da construção civil (capital urbanizador) que também poderá lançar mão do barateamento da força de trabalho oriundo das expressões de desigualdade orientadas por gênero e raça. Trata-se de uma forma contemporânea da realização da lei geral da acumulação do capital, segundo Marx:

Quanto maiores forem a riqueza social, o capital em funcionamento, o volume e o vigor de seu crescimento e, portanto, também a grandeza absoluta do proletariado e a força produtiva de seu trabalho, tanto maior será o exército industrial de reserva. A força de trabalho disponível se desenvolve pelas mesmas causas que a força expansiva do capital. A grandeza proporcional do exército industrial de reserva acompanha, pois, o aumento das potências da riqueza. Mas quanto maior for esse exército de reserva em relação ao exército ativo de trabalhadores, tanto maior será a massa da superpopulação consolidada, cuja miséria está na razão inversa do martírio de seu trabalho. Por fim, quanto maior forem as camadas lazentas da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior será o pauperismo oficial. Essa é a lei geral, absoluta, da acumulação capitalista (MARX, 2013, p. 719-20).

19 O rendimento médio dos homens equivale a R\$6.092,59 e das mulheres a R\$4.425,83.

Portanto, longe de significar uma ampliação da possibilidade emancipatória da classe trabalhadora, trata-se de uma captura por parte do capital (educador e urbanizador) da reivindicação de expansão da oferta de ensino superior. A ampliação e intensificação do capital impõem mudanças na educação em todos os setores, inclusive nela mesma, e as consequências formativas desta nova forma de educação se impõem nas categorias por ela formadas. O aumento de oferta de matrículas, como vimos, ocorreu de forma prevaiente no setor privado, que não guarda compromisso com a formação crítica ancorada no tripé ensino-pesquisa-extensão e é, cada vez mais, orientada pela expansão do Ensino à Distância com todas as características de simplificação laboral ancoradas na expropriação de saberes conforme já foi discutido.

As consequências da expansão do Ensino à Distância, portanto, encontram ecos mais profundos do que se imagina. A manutenção da tendência de rebaixamento salarial ancorada na forma de empregabilidade mercantil contemporânea converte o aumento da formação de mulheres e pessoas não brancas em uma expansão da precarização na medida em que são formadas segundo os ditames mercantis contemporâneos. Isto significa que um ensino rebaixado e aligeirado, que transmite conteúdos em consonância com a visão social de mundo hegemônica, não reivindicam, por exemplo, formas mais estáveis e seguras de empregabilidade. Estas poderiam ser orientadas pela lógica da oferta de serviço público de arquitetura e urbanismo, condição necessária para a manutenção e melhoria das cidades contemporâneas e, ao mesmo tempo, capaz de elevar o patamar das condições de trabalho e salário da categoria por desviar da lógica social competitiva dependente (e selvagem) do setor privado.

Considerações Finais

Este breve estudo se propôs a tecer algumas relações entre o campo da educação e o campo da arquitetura e urbanismo a fim de evidenciar relações possíveis entre a privatização da educação superior e a mercantilização da cidade, pensada aqui sob o viés de sua produção. Esta contribuição parte do entendimento de que é necessário ampliar as investigações a respeito do campo formativo profissional e suas consequências na produção do espaço urbano, na direção de um entrecruzamento das premissas da reforma urbana e da reforma universitária a fim de reforçar a disputa pelo direito à cidade (CALIL, RIBEIRO, 2021).

A abordagem partiu da trajetória da expansão do ensino superior no Brasil, demonstrando seu caráter privatizante apoiado em dados públicos e análises de especialistas do campo educacional, possibilitando o entendimento, inclusive, da forma contemporânea da mercantilização educacional via EaD. A partir deste entendimento, foram traçadas algumas consequências desta privatização intensiva, digital e espetacular para a profissão docente, expondo seu caráter de reconversão, conforme indica Evangelista (2016).

Por fim, foram exploradas as consequências desta formação privatizada para o campo específico da arquitetura e urbanismo, compreendendo, em primeiro lugar, as condições de avanço da mercantilização profissional através da privatização da educação superior, traçando a evolução dos cursos privados e indicando a tendência de crescimento, inclusive, da forma EaD de ensino. Em seguida, foi apresentado um levantamento quantitativo da formação de profissionais e a mudança no perfil de pessoas empregadas no campo da arquitetura e urbanismo, a fim de demonstrar, segundo a lei geral da acumulação capitalista descrita por Marx, a maneira como o capital se apropria da formação organizada pelo setor privado. De forma geral,

estão dadas as condições de piora das relações de trabalho, incluindo o achatamento salarial, possibilitadas pela forma massificada e acrítica de formação que conforma um exército industrial de reserva que tem a característica de oferecer possibilidades, pelo capital de exploração das desigualdades de gênero e raça para garantir o aumento da acumulação.

As relações entre o capital educador e o capital urbanizador percorrem diversas camadas complexas e este artigo contribui, sem esgotar o tema, para o entendimento de determinações fundamentais que devem ser superadas no intuito de produzir cidades mais democráticas e menos desiguais.

Referências bibliográficas

BARATTO, Rômulo. *200 anos de ensino de arquitetura no Brasil*. Archdaily. Online. Acesso em: mai 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/793358/200-anos-de-ensino-de-arquitetura-no-brasil>

CALIL, Maria Ribeiro; RIBEIRO, Cláudio Rezende. Educação e(m) Urbanismo sob a lógica do capital. *PIXO-Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, v. 5, n. 16, 2021.

CAU/BR. *Censo dos Arquitetos e Urbanistas do Brasil*. 2015.

CAU/BR. *Relatório Gestão 2018-2020* (e memória dos 10 anos do CAU). 2020.

CAU/BR. *1o Diagnóstico Gênero na Arquitetura e Urbanismo*. 2020.

EVANGELISTA, Olinda. Faces da tragédia docente no Brasil. *XI Seminario Internacional de la Red Estrado -Movimientos Pedagógicos y Trabajo Docente en tiempos de estandarización*, 2016.

FERNANDES, Florestan. *Reforma ou Revolução?* São Paulo: Expressão Popular, 2020.

FONTES, Virgínia. *Democracia é uma tensão permanente de igualdade e liberdade*. Escola Politécnica Joaquim Venâncio. Acesso em: mai 2021. Online. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/democracia-e-uma-tensao-permanente-de-igualdade-e-liberdade>

IBGE. *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil*. 2019.

IBGE. *Extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas e chega ao maior nível em 7 anos*. 06 nov. 2019. Acessado em: mai 2021. Online. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882>.

IBGE. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira : 2020* / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro : IBGE, 2020.

INEP. *Censo da Educação Superior*. Notas estatísticas 2019. 2019.

LAVAL, Christian. *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. Boitempo Editorial, 2019.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*, livro 1. São Paulo: Boitempo. 2013

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2015.

PINA, Alice Matos; RIBEIRO, Cláudio Rezende; HALFEN, Vitor. A reprodução da cidade conservadora: relações entre ensino e mercado nos cursos de Arquitetura e Urbanismo. In: MOASSAB, Andréia; NAME, Leo. (orgs.) *Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo*. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020.

RIBEIRO, Cláudio. *Das nuvens que brotam do chão, ou a farsa da distância. Universidade à esquerda*. 30 dez. 2020. Acesso em: mai 2021. Online. Disponível em: <https://universidadeaesquerda.com.br/coluna/das-nuvens-que-brotam-do-chao-ou-a-farsa-da-distancia/>.

SEKI, Allan Kenji. *Determinações do capital financeiro no Ensino Superior: fundo público, regulamentações e formação de oligopólios no Brasil (1990-2018)*. 2020. Tese de Doutorado.

SEKI, Allan Kenji; CRUZ, Amália Catharina Santos. O Projeto Educativo para o Ensino Superior no Brasil e o aprofundamento dos ataques às Instituições Públicas de Ensino Superior. In: TRICHES, Jocemara; LOTTERMANN, Josimar; CERNY, Rosely Zen. *Os Rumos da Educação e as (Contra) Reformas: os Problemas Educacionais do Brasil Atual*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC 2019, p. 30-43.

TÜNNERMANN, Carlos. *Noventa años de la Reforma Universitaria de Córdoba (1918-2008)*. Buenos Aires: CLACSO, 2008.

WILDERON, Mariana; ARANTES, Pedro Fiori. *Arquiteturas da distância: o que a pandemia pode revelar sobre o ensino de Arquitetura e Urbanismo*. Archdaily. 3 ago 2020. Acessado em 3 ago 2020. Online. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/944738/arquiteturas-da-distancia-o-que-a-pandemia-pode-revelar-sobre-o-ensino-de-arquitetura-e-urbanismo>

Autores

Maria Ribeiro Cali é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PROURB) da FAU-UFRJ. É pesquisadora do Laboratório de Direito e Urbanismo - (LADU-PROURB-UFRJ) e do Coletivo de estudos sobre Urbanismo e Periferia (PERIFAU). maria.calil@fau.ufrj.br

Cláudio Rezende Ribeiro é professor do Departamento de Urbanismo e Meio Ambiente (DPUR) e do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PROURB) da FAU-UFRJ. É pesquisador do Laboratório de Direito e Urbanismo - (LADU-PROURB-UFRJ), do Coletivo de estudos sobre Urbanismo e Periferia (PERIFAU) e do Grupo de Pesquisa em Arquiteturas e Urbanismos do Sul - MALOCA-UNILA. claudioribeiro@fau.ufrj.br

PROCESOS EDUCATIVOS Y PRÁCTICAS DE ENSEÑANZA - Aprendizaje para acompañar desde saberes disciplinares: Procesos Participativos, Interdisciplinarios, Progresivos e Intersectoriales en la Producción Social del Hábitat

Eje/Eixo Temático 2

Beatriz Pedro
Universidad de Buenos Aires

Resumen

Buscamos aportar al debate sobre la Formación Universitaria y el Compromiso con los Problemas Sociales, Políticos, Económicos y Culturales de la Región. Compartimos **la sistematización del enfoque conceptual y metodológico para un proceso de actuaciones proyectuales integrales y participativas en la producción social del hábitat** que sustenta la propuesta pedagógica del Taller Libre de Proyecto Social, cátedra libre de la Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo de la Universidad de Buenos Aires (desde ahora TLPS), que hemos denominado **enfoque social del diseño y el proyecto**. Fundamentamos los requerimientos y herramientas **del proyectar compartido con la comunidad**, respuestas y formas de articulación profesional-comunidad, a partir del reconocimiento de su derecho a proyectar y re-proyectar su hábitat, de su protagonismo para y en la elaboración de propuestas y proyectos poniendo en prioridad sus necesidades. El enfoque propone **la integración de modelos y acciones de investigación, enseñanza y transferencia flexibles y disruptivas** para la formación para el desarrollo de proyectos-procesos que asumiendo la integralidad del entorno y sus problemáticas socio-urbanas y territoriales, **se dispongan a la actuación proyectual con metodologías participativas**, articulándose con el accionar consciente, organizado y protagónico de movimientos y organizaciones sociales, donde la participación se constituye en un modo de trabajo general que guía las soluciones, abonando la cogestión y la coautoría con los actores sociales.

Palabras clave: **procesos participativos, interdisciplinarios, progresivos, intersectoriales**

Resumo

Procuramos contribuir para o debate sobre a Formação Universitária e o Compromisso com os Problemas Sociais, Políticos, Económicos e Culturais da Região. Partilhamos **a sistematização da abordagem conceptual e metodológica para um processo de acções projectuais integrales e participativas na produção social do**

habitat que sustenta a proposta pedagógica da Oficina Projecto Social Livre, cadeira livre da Faculdade de Arquitectura, Design e Urbanismo de la Universidad de Buenos Aires (doravante TLPS), que chamamos de **abordagem social do design e do projeto**. Baseamos os requisitos e ferramentas **do projeto compartilhado com a comunidade**, respostas e formas de articulação profissional-comunidade, a partir do reconhecimento de seu direito de projetar e reprojetar seu habitat, seu protagonismo para e na elaboração de propostas e projetos colocando suas necessidades em prioridade. A abordagem propõe **a integração de modelos de pesquisa, ensino e transferência** flexíveis e disruptivos e ações de formação para o desenvolvimento de processos-projeto que, assumindo a integralidade do meio ambiente e seus problemas sócio-urbanos e territoriais, **estejam disponíveis para ação projetual com ação participativa, metodologias**, articulando-se com a ação consciente, organizada e dirigente dos movimientos e organizações sociais, onde a participação constitui uma forma geral de trabalho que orienta as soluções, custeando a cogestão e a coautoria com os atores sociais.

Palavras-chave: **procesos participativos, interdisciplinares, progresivos, intersectoriais**

Introducción: Posicionamiento por otra formación.

En el 50 aniversario del Taller Total buscamos aportar al debate sobre la Formación Universitaria y el Compromiso con los Problemas Sociales, Políticos, Económicos y Culturales de la Región, en particular la forma en que se abordan las problemáticas sociales del hábitat en la formación de “los profesionales del proyecto”. Compartimos **la sistematización del enfoque conceptual y metodológico para un proceso de actuaciones proyectuales integrales y participativas en la producción social del hábitat** que sustenta la propuesta pedagógica del Taller Libre de Proyecto Social, cátedra libre de la Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo de la Universidad de Buenos Aires (desde ahora TLPS), que hemos denominado **enfoque social del diseño y el proyecto**.¹

Fundamentamos los requerimientos y herramientas **del proyectar compartido con la comunidad**, respuestas y formas de articulación profesional-comunidad, a partir del reconocimiento de su derecho a proyectar y re-proyectar su hábitat, de su protagonismo para y en la elaboración de propuestas y proyectos poniendo en prioridad sus necesidades.

El enfoque propone **la integración de modelos y acciones de investigación, enseñanza y transferencia** flexibles y disruptivas para la formación para el desarrollo de proyectos-procesos que asumiendo la integralidad del entorno y sus problemáticas socio-urbanas y territoriales, **se dispongan a la actuación proyectual con metodologías participativas**, articulándose con el accionar consciente, organizado y protagónico de movimientos y organizaciones sociales, donde la participación se constituye en un modo de trabajo general que guía las soluciones, abonando la cogestión y la coautoría con los actores sociales.

Las lógicas del proyecto para la actuación en este ámbito de realidad requiere la conformación de **una nueva cultura proyectual** que, propiciando el conocimiento profundo de la sociedad en que se habita, se disponga a poner el énfasis en el

¹ Disponible en: <http://www.tlps.com.ar/seminario-teorico-practico/bibliografia/> Proyecto y producción social del hábitat. Articulando saberes populares con conocimientos científicos y disciplinares. Consulta. 20-05-2021

proceso social (producción social de vivienda y el hábitat), más que en el producto (producción de vivienda social), incorporándose en relación de pares a equipos interdisciplinarios, para **proyectar un proceso temporal y participativo**, junto con un sujeto con nombre y apellido, que autogestiona o cogestiona el mejoramiento de su hábitat residencial.

Estos enfoques de abordaje interpelan a los modos y lógicas de proyectar, cuestionando los parámetros actuales de la formación y sus criterios de valoración y validación proyectual poniendo en foco la necesidad de modificar la cultura proyectual tradicional y la necesidad de construir una nueva estructura de formación disciplinar planteando una migración del proyecto objeto acontextual y asocial al proyecto-proceso, situado y comprometido con la perspectiva de los sujetos de la necesidad.

La experiencia formativa que llevamos adelante propone un espacio de formación en situaciones reales, interdisciplinarias y multisectoriales con participación co-autoral con la población, proponiendo conceptos, métodos y herramientas para proyectos-procesos integrales. Esto requiere una nueva relación entre profesionales y comunidad, de “encuentro de saberes y necesidades” (TLPS) que **supera en el accionar con las limitaciones** en el conocimiento de las necesidades (habitacionales) y la determinación de las prioridades, tanto de los habitantes como de los especialistas, lo que fundamenta la fertilidad de su articulación.

A su vez es necesario que la producción social del hábitat esté acompañada por **la producción social de la cultura y las formas culturales en las cuales se reconoce, se auto-percibe y se desarrolla esa producción**. Lo que requiere un cuestionamiento de respuestas hegemónicas y elaboración de programas propios, de la mano de la construcción de formas propias de difundir, propagandizar y materializar esos programas.

Expondremos los avances teóricos y prácticos **del enfoque social del diseño y el proyecto que sostenemos**.

Desarrollo: Reflexiones en contexto.

La escisión entre valoraciones y validaciones hegemónicas de los actuales proyectos y prácticas proyectuales están lejos de aportar a solucionar problemas urbanos que siguen pendientes, en particular los de las poblaciones que viven en condiciones de gran vulnerabilidad.

Vivimos en un contexto internacional, agravado y evidenciado con la emergencia sanitaria desde 2020, en el cual las problemáticas de vivienda y hábitat aparecen como uno de los *principales asuntos sociales pendientes de resolución*, expresión de la desigual lucha de los pueblos del mundo por tener o mantener un lugar donde vivir y trabajar, ante la ofensiva anti-popular de las últimas décadas que han avasallado logros, conquistas y derechos ganados con años de reclamos y movilización popular.

El derecho a la vivienda adecuada, *“a disponer de un lugar donde poder abrigarse si se desea, con espacio, seguridad, iluminación y ventilación adecuadas, infraestructura básica y una situación adecuada en relación con el trabajo y los servicios básicos, todo ello a un costo razonable”*, y la obligación de garantizar ese derecho a todos *“sean cuales fueren sus ingresos o su acceso a recursos económicos”*, como establecen las Naciones Unidas, son hoy algunos de los derechos más violados en el mundo.

La construcción del hábitat en manos de bancos, grandes empresas constructoras, desarrolladores urbanos, ha modelado el entorno urbano y el territorio

al son de sus intereses y necesidades; sus efectos se recogen en la vida de miles en las ciudades, endeudados, desalojados, viviendo en carpas, en las calles y, hay miles de jóvenes y sus familias sin posibilidades de acceder a la vivienda.

» Sintonía académica y profesional con la producción desigual y excluyente del hábitat socio urbano

El enfoque dominante de la formación y de los procedimientos, a veces explícito y a veces larvado, que organizan reflexiones y herramientas de intervención, desde enfoques técnico-estéticos, a-sociales, a-contextuales y a-históricos, requieren ser revisados; sirven de sostén, en las ideas y valoraciones, a propuestas y proyectos que impactan al territorio con su intervención, con dimensiones de descripción y análisis unilaterales y limitadas.

Formulaciones teóricas intensamente maceradas en las subjetividades, a través de los sistemas de información, propaganda y educación que extraen su enorme potencia de ser las proposiciones de sectores de las clases dominantes (locales o mundiales). Empalmado con la teoría de la globalización y su proposición de que se abría un nuevo momento en la historia de la humanidad, estos cambios en la producción del mundo físico impactan en los estilos de vida, de comunicación, de consumo.

En el plano ideológico, se alienta una creciente indiferencia por las causas sociales, que lleva a no necesitar conocer ni comprender estos procesos ni los mecanismos que los motorizan, ni hacerse cargo de sus consecuencias (contaminación, residuos, pobreza, exclusión).

Se desarrollan y valoran propuestas que permiten independizarse del contexto, ignorando el conjunto, la totalidad, trabajando con enclaves mono-funcionales cada vez más aislados y autónomos. Esto forma una mirada preparada para **“descubrir áreas de oportunidad”** en las grandes extensiones “de tierra vacante”, sea en la escala territorial (tierras públicas de todo tipo de uso anterior o extensiones de tierra rural que se valoriza por la construcción de las autopistas) en las que se desarrollan proyectos enclaves de barrios cerrados, parques industriales, hipermercados; o en la escala urbana y barrial (hipermercados, torres cerradas, shoppings, museos). Y requiere la valorización del automóvil individual, del cual depende la accesibilidad a estas propuestas.²

En todos ellos la arquitectura fue y es mercantilizada en forma extrema, articulándose con la estrategia comercial de una arquitectura del espectáculo y la simulación, adoptando los parámetros de provisionalidad y obsolescencia simbólica de los productos de consumo. Zonas de la ciudad y sus edificios devienen en objetos comunicacionales y sus programas quedan definidos por criterios y especificaciones del marketing sobre la arquitectura.

La formulación ideológico-académica de estos contenidos estudia la ciudad como partes sin contextualizarlas en los procesos generales; justifica la organización del territorio alrededor de la obtención de beneficio en manchas diferenciales y con provisión inequitativa de infraestructuras y equipamiento (proyecto urbano) que mejorando las relaciones espaciales permita una reproducción óptima del capital en cualquiera de sus formas de inversión en el territorio.

² En nuestro país casos emblemáticos fueron la implosión del Albergue Warnes para construir un shopping en la Ciudad de Buenos Aires (1992), la construcción de un hipermercado y otro shopping en el ex -mercado de lanares en el Partido de Avellaneda (1994), y la venta de las tierras del área ferro-portuaria para desarrollar un barrio de élite en el principal puerto del país. (1994)

Estos cambios de programas y escalas de inversión y proyecto impactan en el ejercicio profesional, con nuevos modos de toma de decisiones de proyecto, con nuevas figuras profesionales (desarrolladores) y se establecen nuevos modos de especificaciones del proyecto vinculados a cadenas comerciales globales que “imponen” sus criterios de identidad corporativa; son demandas de un cliente que construye no para sí mismo sino para vender ese producto.

Manifestando el creciente escepticismo por la transformación positiva del mundo, la “arquitectura” se retira de los aspectos comprometidos del ordenamiento del territorio, la vivienda masiva y el espacio público, los problemas urbanos y el crecimiento de los suburbios; concentrándose en el estrecho y concentrado marco de los grandes encargos corporativos y las residencias privadas acomodadas. Los grandes estudios adoptan una visión ensimismada y auto-referenciada en sus propias obras.

» **Lo social en la formación disciplinar**

La integración en la formación disciplinar de diseñadores, arquitectos y urbanistas con la temática social requiere tener como referencia y punto de partida la realidad del hábitat con la que se enfrentan nuestras disciplinas. Esta realidad forma parte de las condiciones de vida de nuestro pueblo y en ella se expresan materialmente los intereses contradictorios de la estructura económica y social.³

La dinámica poblacional, su distribución en el territorio y el desarrollo urbano se ordenan, modifican y construyen en complejos procesos sociales, económicos, culturales y políticos (de variadas escalas), en constante reconfiguración, en los que participan sectores desiguales que compiten por la apropiación y la determinación concreta que asumen los contenidos de los usos de la ciudad y el territorio con lógicas diferentes, según sus objetivos, necesidades y prioridades.

Consideramos que es necesario comprender esos procesos macro que vive la sociedad en sus diferentes escalas, para poder entender el tipo y carácter de las formas de habitar como consecuencia de los diferentes y desiguales procesos de producción que se realizan desde el Estado, desde el mercado y desde los sectores populares.

En nuestro país, el sostenido aumento —intensificado en la última década— de la población urbana en condiciones de emergencia habitacional y ambiental en los viejos y nuevos espacios del hábitat popular⁴ tiene entre sus causas principales los procesos socio territoriales de expulsión de población del campo y las formas excluyentes de urbanización del AMBA, que han convertido al territorio nacional en un “plano inclinado” que empuja y aglomera a la población en las ciudades, por lo que se desarrolla un proceso de densificación y consolidación de situaciones con carencias espaciales y ambientales críticas en villas miserias, asentamientos, y zonas empobrecidas y relegadas de los centros urbanos.

Los datos muestran que el acceso al suelo urbano para los sectores populares se ha tornado cada vez más dificultoso, pues las villas y asentamientos se constituyen en un lugar posible para habitar la ciudad y esa situación⁵ se desarrolla dentro de procesos de “gentrificación urbana”, producto de la dinámica de reconfiguración

3 Existe hoy en la Argentina un déficit de más de 3 millones de soluciones habitacionales, que afecta a más de 10 millones de personas.

4 CRAVINO, M. C., “Magnitud y crecimiento de las villas y asentamientos en el área metropolitana de Buenos Aires en los últimos 25 años”, Actas 14 Encuentro Red ULACAV, Buenos Aires, Argentina, 2008.

5 CRAVINO, M.C., *Construyendo barrios* (Comp.), Ediciones Ciccus, 2012, p.181.

urbana, tanto por procesos largos de mercantilización del hábitat y el habitar como por procesos rápidos de desalojos.⁶

La formación y la práctica profesional dominantes que abordan disciplinas proyectuales están mayoritariamente disociadas de esta realidad. Los planes de estudio y las orientaciones generales les dan la espalda a las necesidades insatisfechas y a los problemas urbanos estructurales, al restringir y canalizarla formación hacia la demanda de un mercado orientado, según los parámetros del negocio inmobiliario y aun de la especulación territorial y edilicia urbana, donde el Estado actúa, a través de regulaciones y políticas, tendiendo a posibilitar la lógica de la ganancia en la producción del hábitat.⁷

La falta de respuesta al programa de necesidades de las masas de trabajadores que padecen las mencionadas carencias en materia de tierra y vivienda da impulso a que tomen en sus manos (organizados o por iniciativas familiares o grupales), aunque en condiciones desiguales, la autoproducción y gestión de su hábitat, construyendo espacios habitables, componentes urbanos y viviendas, guiados por el objetivo de satisfacer sus necesidades y derechos.

El Arq. Fermín Estrella (2003),⁸ desde la propuesta de vivienda y urbanismo social, caracteriza como “*pueblos emergentes con necesidades de derechos*” a las poblaciones que habitan y producen su hábitat en las múltiples formas que tiene el ambiente popular.

Conceptualizamos este proceso siguiendo los lineamientos que compartimos con otros pensadores y colectivos profesionales y académicos, y que se enmarca en lo que se denomina teóricamente *Producción Social de la Vivienda y el Hábitat*,⁹ de ahora en más PSH.

Llamamos PSH en sentido amplio a las complejas y heterogéneas prácticas populares que impactan fuertemente en nuestro medio, villas y asentamientos, edificios ocupados, conjuntos habitacionales de distinta escala degradados, barrios populares autoconstruidos, etc. Se expresa en ellos la vida y el esfuerzo de sus habitantes atravesados por décadas de pobreza estructural, informalidad e inestabilidad laboral, desocupación, migración, etcétera.

Este sector mayoritario de *productores de vivienda y ciudad* constituye un nudo fundamental de la problemática contemporánea de vivienda y hábitat.

Revisar la formación y las valoraciones

Del estudio crítico de las consecuencias de estas orientaciones, podemos destacar los principales obstáculos académicos y sectoriales de la formación impartida.

Se desarrolla una idea de “profesional global”, que subestima y desprecia la necesidad de respuestas propias a las problemáticas nacionales; que desconoce y no

6 En la CABA hay dos casos emblemáticos del procedimiento de desalojo violento: la ocupación del Parque Indoamericano — (diciembre de-2010) por miles de familias inquilinas de villas y asentamientos— fue desalojada violentamente en menos de una semana con engaños y muertos; y el barrio Papa Francisco, tierra destinada a la reurbanización de la Villa 20, desalojado luego de casi seis meses en que se abandonó a la suerte a las 700 familias, lo que facilitó una zona liberada para justificar el desalojo ante la opinión pública.

7 De ese modo, se puede advertir un fenomenal desarrollo de edificios en altura y de barrios cerrados residenciales —con la consiguiente apropiación de tierras urbanas y rurales— en selectas zonas de la Ciudad de Buenos Aires, el conurbano bonaerense y los principales núcleos urbanos del interior del país.

8 Disponible en: www.ferminestrella.com.ar, Vivienda y Urbanismo Social.

9 ORTIZ, E. “Esencialmente el concepto de producción social del hábitat nos clarifica la comprensión de la existencia de un sistema de producción diferente del modelo dominante, que ha demostrado resultados concretos y sostenibles para los sectores tradicionalmente excluidos del modelo capitalista, donde el suelo y la vivienda se consideran mercancía y no un medio para el adecuado desarrollo de la vida”. Mimeo seminario del Movimiento de ocupantes e inquilinos de la CABA. 2007

se hace cargo de la complejidad del hecho territorial-urbano, la complejidad de los procesos sociales y la complejidad de los procesos ambientales.

Hemos elaborado un conjunto de pares que orientan estos enfoques unilateralizando y antagonizando uno de los aspectos como método de posicionamiento. En el cuadro indicamos en cada par de conceptos, en negritas el aspecto unilateralizado de la concepción formativa hegemónica, que se acentúan en la elaboración de propuestas de proyecto.

// Concepciones sobre **las problemáticas, los sujetos y la sociedad**: complejidad / **unilateralidad**; complejo / **simplificado**; integral / **unidimensional**; colectivas / **individuales**; sujetos de la necesidad / **sujetos del negocio**/ protagonista / **espectador**.

// Concepciones **sobre el proyecto**: relaciones espaciales y sociales - **técnico** – **estético** / contexto urbano- **obra aislada** / proyecto - **proyecto de negocio** / innovación apropiada - **innovación per se** / proyecto proceso - **proyecto producto** / tecnología apropiada - tecnología **universal**.

Caracteriza el entorno material en el que se desarrolla la vida de nuestra sociedad, sin hacerse cargo de la totalidad, interpretando y valorando lo “construido”, clasifica las “pre-existencias” como integradas por arquitectura de proposición y arquitectura de producción. Esas clasificaciones y valoraciones, ambas llevadas adelante en el contexto de la producción mercantil de la ciudad y en contextos de encargos de inversión y escala diferentes, incluyen:

La arquitectura de proposición: arquitectura como práctica elitista que se valora a sí misma como modelo a seguir, y desarrolla la historia de obras excepcionales y modélicas y sus autores. Son obras realizadas en circunstancias extra-ordinarias por la excepcionalidad de los condicionantes de obra, de proyecto y de autor. Caracterizadas como realizadas con enfoques cultivados, eruditos, preciosistas, innovadores.

Obras ejemplares, que serán referencia disciplinar, que se proponen sacudir el estado de cosas imperante, porque aportan la reformulación de modelos, tipos, técnicas, procedimientos, programas y partidos. Proponen nuevos desafíos, investigan nuevos materiales o soluciones, renuevan las formas. Se corresponde con los edificios institucionales y corporativos, algunos conjuntos de vivienda, parques temáticos, aeropuertos, centros comerciales, o sea los nuevos programas desarrollados por el proceso socio-urbano descripto. Arquitectura de la abundancia.

La arquitectura de producción: arquitectura de satisfacción de los encargos comunes, caracterizados como construcción. Es la que se desarrolla en circunstancias ordinarias, (propiedad horizontal, arquitectura comercial e industrial), con el objetivo de dar respuesta a necesidades y propósitos “*prácticos*”, ajustando al máximo las soluciones conocidas con normas, técnicas, economías y procedimientos disponibles. La llevan adelante las pequeñas y medianas empresas constructoras, las empresas inmobiliarias, las instituciones estatales. Arquitectura de la escasez.

Esta caracterización deja fuera a casi el 70% de lo construido, justamente el hábitat construido y autoconstruido por aquellos sectores sociales que en su extremo, primero habitan y después construyen, producción mayoritaria en América Latina.

Para su comprensión se requiere poner en cuestión los parámetros que sustentan, en la clasificación anterior, una desvalorización de la producción **con solo el conocimiento y la ideación popular y la posibilidad de conocer e integrar a los usuarios en los procesos de proyecto**.

La experiencia del Taller Libre de Proyecto Social. Propuesta de integración de prácticas universitarias y encuentro de necesidades.10

La realidad de los planes de estudio de las carreras de arquitectura, refleja estas carencias y negaciones de la concepción disciplinar tradicional. Las problemáticas socio-urbanas, su reconocimiento y conocimiento, sus protagonistas y sus necesidades, las condiciones del hábitat y el habitar de las grandes mayorías que habitan y luego construyen y sus derechos han tenido en la formación espacios de reducido impacto para su estudio y abordaje. De esta realidad surge nuestra experiencia.

Con la profunda crisis y rebelión popular de 2001-2002, irrumpieron a la luz pública abruptamente las postergaciones, carencias y demandas populares. Las tremendas consecuencias sociales de la crisis impactaron en docentes y estudiantes de la Facultad de Arquitectura y Diseño en el ámbito de la Universidad de Buenos Aires, en la que se dictan seis carreras proyectuales. Asimismo, motivaron múltiples iniciativas y acciones sociales, barriales y productivas, para ir al encuentro de los sectores populares, de sus luchas y de sus organizaciones sociales.

El TLPS es una experiencia académica emergente de ese proceso, en el ámbito de la Universidad de Buenos Aires, en la Facultad de Arquitectura y Diseño más grande de América Latina en la que se dictan seis carreras proyectuales, que se propuso *trabajar críticamente sobre la formación práctica y teórica de los futuros arquitectos y diseñadores, y sistematizar en la formación un enfoque social del diseño y el proyecto para otros modos de ejercicio profesional, integrando formación, investigación y extensión.*

Extensión.

En las universidades públicas de la Argentina desde la Reforma Universitaria de 1918, el concepto de Extensión Universitaria forma parte hasta el presente de sus estatutos y en su momento implicó combatir la apropiación elitista del conocimiento. Sin embargo, la significación y sentido de este concepto y de las prácticas derivadas de él, han tenido y tienen diferentes características: períodos en que se entendía por difusión cultural y democratización del conocimiento; otros como venta de “servicios” educativos o profesionales a empresas o al estado, o las diversas formas de colaboración en la atención de necesidades y demandas de grupos “vulnerables”.

Esas distintas acepciones se corresponden con las políticas dominantes en cada momento: desde la década de 1990, por ejemplo, cuando se impusieron las políticas neoliberales basadas en la reducción del estado, la profundización del proceso de desindustrialización iniciado con la dictadura militar de 1976-1983, la política de privatización y desnacionalización de las empresas e instituciones estatales, y la drástica reducción del presupuesto de la educación universitaria alentando su privatización y la llamada “generación de recursos propios”, la Extensión se entendió como una articulación, en diverso grado, de venta de servicios a empresas, asistencia al estado y atención de grupos “vulnerables” focalizados. Y es aún una práctica periférica.

Investigación.

El concepto y las prácticas de investigación comparten este estado de cosas en el que están en pugna los mismos intereses que la sostienen como práctica en

sí misma puesta al servicio de intereses sintonizados con estos mismos enfoques y búsquedas comprometidas con transformaciones sociales. Es aun también una práctica limitada y de grupos reducidos.

Formación

La organización de la estructura curricular de la carrera es emergente de los debates y propuestas de la década del 60 y 70, aportando importantes avances organizando la formación abordando de inicio la práctica proyectual y alrededor de ella desarrollando los aspectos específicos de la formación disciplinar. El proceso pedagógico más avanzado se desarrolló en la Universidad de Córdoba durante los años 70 al 75, y se llamó Taller Total. Su propuesta organizaba la formación alrededor de Talleres de Proyecto que involucraban todos los aspectos de la formación, articulándolos en horizontal y vertical, y por Proyecto entendían las problemáticas sociales a abordar la intervención desde la escala arquitectónica a la urbana. Estas experiencias fueron clausuradas con la Dictadura del 76-83 y desechas durante décadas.

Recogiendo estas experiencias e integrando estas prácticas universitarias propusimos, construimos y desarrollamos un Taller Libre que llamamos de *Proyecto Social que desarrolle su práctica formativa abordando problemáticas socio-habitacionales en situaciones reales*.

Lleva veinte años de trabajo formativo con intervenciones proyectuales en el territorio con el objeto de aportar en un trabajo conjunto a procesos populares en curso. Durante más de una década, ha desarrollado más de 50 proyectos que involucraron a cientos de estudiantes y graduados de todo el territorio argentino.¹¹

Se basa en la idea de orientar el diseño y la arquitectura y la actividad profesional hacia la atención y solución de las necesidades populares, en el camino de la transformación de las condiciones sociales, para aportar en la búsqueda de soluciones desde el campo específico y, en esa tarea, transformar las propias condiciones socio profesional. Asimismo, desarrolla iniciativas que construyen nuevos espacios en la universidad y en la comunidad articulando acciones y saberes profesionales con la acción popular colectiva.

Desde entonces, se han producido cambios en diversos espacios académicos y profesionales que también buscaron sintonizar desde diversas perspectivas con los procesos que conmovieron y conmueven a la sociedad y comparten la disposición de implicarse en la tarea de abordar derechos y necesidades populares.

Enfoque social del diseño y el proyecto

En este campo de tarea, se requiere una revalorización del papel social del “usuario”, reconocer el lugar donde está inserta la persona, su medio, su historia, su

11 Aunque con distintos formatos organizativos (juntas vecinales, asambleas, cooperativas de producción, empresas recuperadas, organizaciones sociales, etcétera), todas las organizaciones, junto con quienes se llevaron a cabo distintos proyectos, comparten el hecho de haber tomado en sus manos el proceso de cambio de su realidad, al abordar problemáticas laborales, productivas, sanitarias, ambientales o habitacionales. Entre otros, se han realizado proyectos de identidad visual, de comunicación sobre soportes gráficos y audiovisuales, diseño de producto y asistencia a la producción, talleres y capacitación para la Cooperativa Renacer, ex Aurora (Ushuaia); Cooperativa 18 de Diciembre y Brukman Confecciones (CABA); Cooperativa Barrio Almafuerte, Villa Palito (San Justo); Cooperativa Mujeres Artesanas de la Villa 31 (CABA); Asociación Civil Mercado Bien Público Bonpland (CABA); Cooperativa Textil de la Federación de Cooperativas René Salamanca (Laferrère); Cooperativa Textil Lucha y Trabajo (CABA). Se han abordado problemáticas ligadas a la vivienda, el equipamiento, la infraestructura y el espacio público en barrios del AMBA y de la CABA: barrio Carlos Mujica (Retiro), barrio Acuba (Lanús), Villa 21 (Soldati), La Loma (Vte. López), barrio 14 de Noviembre (Alte. Brown), barrios La Juanita y María Elena (Laferrère), René Salamanca (González Catán), villa 20, barrio Papa Francisco, Barrio 14-11/ Localidad de Claypole/ barrio 14 /2 / Barrios las lilas (Almirante Brown); localidad cuartel V /Moreno); Proyecto de radicación Barrio en Guernica / solo por nombrar algunos.

situación actual, y revalorizar su papel en la producción social del hábitat.

Abordar estos entornos auto producidos implica comprender que su producción ha requerido la participación activa y protagónica en la gestión, decisión o acción de sus habitantes por iniciativa colectiva o familiar; decisiones y criterios que necesitaron de prácticas de carácter integral, apoyadas en saberes populares sistematizados por la experiencia sin asistencia técnica profesional; con recursos que provienen de esfuerzos de trabajos informales y temporarios; y sus componentes físico-espaciales se desarrollaron en procesos temporales y evolutivos de diferente escala temporal.

La valoración de este proceso requiere ampliar la concepción del proyecto, entendiéndolo como “la acción a través de la cual los colectivos sociales asumen la superación de obstáculos en diversos grados y construyen horizontes, mundos posibles. Al hacerlo, anticipan un horizonte remoto que orienta sus acciones, a fin de construir una nueva realidad más justa, más equitativa y más significativa” (Galán, 2011).

Pero bajo el capitalismo, como afirma Harvey (2007), “solo un sector minoritario de la población, aquellos que toman las decisiones, tiene acceso a procesos [reconocidos por las lógicas proyectuales y las políticas públicas] en los que se practique el diseño y la imaginación, negándosele a la mayoría el juego pleno de la creatividad humana constituyéndose así en una situación profundamente alienante”.

Asumir que la humanidad, aprendiendo de sus aciertos y errores, ha construido su sitio de habitación desde mucho tiempo antes de que existieran la arquitectura, la ingeniería y el urbanismo, como conocimientos sistematizados y las políticas públicas de vivienda y hábitat, ha sostenido la propuesta de intervención de Pelli (1995)¹² para el proyecto y construcción de nuevos barrios populares, del involucramiento de la población en la decisión y construcción de su hábitat, mediante la organización comunitaria en diversas modalidades.

Según Pelli, se requiere la “participación activa de los habitantes en el control de las decisiones mayores, y libertad para que puedan hacer su propia contribución al diseño, a la construcción y a la gestión de su solución habitacional en mesas (reales o virtuales) de concertación con todos los actores involucrados”.

Esto es aún más pertinente en el caso de la (re)urbanización de villas y asentamientos con el objetivo de su “integración socio urbana”, que propone intervenciones físicas que impactan sobre un cuerpo material y social existente por respetar.

» Formación para acompañar desde los saberes disciplinares procesos participativos, interdisciplinarios, progresivos e intersectoriales.

Estos enfoques de abordaje interpelan a los modos y lógicas de proyectar, a las políticas, a los modos burocráticos de gestión, a las normativas y legislaciones; y requieren de profesionales capaces de encarar problemáticas sociales en contextos complejos, capaces de trabajar con otros desde una relación de pares complementarios con roles diferentes, de valorar y respetar los saberes populares y su capacidad de elaboración de propuestas.¹³

La valoración de la acción de la comunidad se centra en los fundamentos conceptuales (Max Neef, 1986) del desarrollo a escala humana y la posibilidad de despliegue del sujeto en su participación, creación, libertad, identidad, protección,

¹² PELLI, V., *Habitar, participar, pertenecer. Acceder a la vivienda, incluirse en la sociedad*, Nobuko, 2006.

¹³ PEDRO, B. “Tesis: Proyectar con la comunidad. De la Autoría a la coautoría. Del Proyecto al Proyecto Social. Doctorado en Arquitectura”, FADU-UBA. inédito, 2015

entendimiento y subsistencia.

Esto enfatiza la necesidad de trabajar desde una mirada integral las problemáticas del hábitat, desde una concepción interdisciplinaria, disponiéndose al reconocimiento y articulación con movimientos y organizaciones sociales, donde la participación se constituye en un modo de trabajo general que guía las soluciones, abonando la co-gestión y la coautoría con los actores sociales.

Esto pone en foco la necesidad de modificar la cultura profesional tradicional tanto en los aspectos de ampliación interdisciplinaria como en las conceptualizaciones y metodologías del proyecto y del proyectar. Planteando una migración del proyecto objeto a-contextual y asocial al proyecto-proceso, situado y comprometido con la perspectiva de los sujetos de la necesidad (Quiroga, 2004).

Las lógicas del proyecto para la intervención en este ámbito de la realidad requieren la conformación de una nueva cultura proyectual que, propiciando el conocimiento profundo de la sociedad en que se habita, se disponga a poner el énfasis en el proceso social (producción social de vivienda y el hábitat), más que en el producto (producción de vivienda social) incorporándose en relación de pares a equipos interdisciplinarios.

Requiere, además de la valoración de los saberes populares, una nueva valoración de los conocimientos proyectuales, que, según Galán: "Cuentan entre sus competencias la capacidad de leer los contextos, desarrollando una sensibilidad específica, de aprovechar oportunidades y de enfrentar perturbaciones. (...) Las virtudes que lo califican son su comprensión de los aspectos simbólicos implicados en las prácticas productivas, sus impactos humanos y sociales, su visión sistémica de la tecnología y la posibilidad de actuar en una dinámica productiva, y la utilización de recursos para facilitar procesos cognitivos".¹⁴ Los conocimientos disciplinares y profesionales del proyecto son complementados por las ciencias humanas para poder diseñar un proceso temporal y participativo, junto con un sujeto con nombre y apellido, que autogestiona o co-gestiona el mejoramiento de su hábitat residencial.

Esto requiere una nueva relación entre profesionales y comunidad, de "encuentro de saberes y necesidades" (Pedro, TLPS) que supera en el accionar conjunto las limitaciones en el conocimiento de las necesidades (habitacionales) y la determinación de las prioridades, tanto de los habitantes como de los especialistas, lo que fundamenta la fertilidad de su articulación.

Víctor Pelli plantea el arquitecto-actor en reemplazo del arquitecto-autor para referirse a la profesión como parte de la interacción con otras disciplinas y con las familias usuarias.

Un proceso de gestión del proceso progresivo de mejoramiento con asistencia técnica interdisciplinaria requiere un proyectista como actor que articule diversos recursos de sus saberes con la población involucrada y con el de otros actores públicos y privados. Se trata de una escala de interfase entre el edificio y el territorio o la ciudad, donde se requieren roles de proyectistas y de planificadores. Partiendo de las necesidades y requerimientos "internos" de mejoramiento, se tienen en cuenta las solicitudes "externas" del entorno. El resultado final será la elaboración de una propuesta de proceso, en la cual el producto es una consecuencia del proceso co-gestado y co-gestionado, junto con la población involucrada.

La definición de necesidades y satisfactores (organizacionales y materiales) para llevar adelante este emprendimiento plantea la realización de un diagnóstico participativo desde las necesidades "internas" del sector autoproducido; de los

¹⁴ GALÁN, Beatriz. Diseño, Proyecto y desarrollo. Miradas del periodo 2007-2010 en Argentina y Latinoamérica. Ed. Wolkowicz. 2011.

criterios de reconfiguración de lo construido (espacial, de habitabilidad, de estructuras, cerramientos e infraestructura); del proceso de autoconstrucción; de los criterios de asignación de las viviendas reconfiguradas y producidas.

Los requerimientos para la elaboración de ese proceso son sintéticamente:

- el reconocimiento de las formas organizativas existentes
- el conocimiento de la dinámica de tejidos sociales compuestos de familias extensas y con múltiples tramas relacionales que son la base de una producción familiar intergeneracional (Di Paula, 2010) y colaborativa
- la comprensión de la forma de los entornos físico-espacial autoconstruidos como la articulación de recursos formales, materiales y socioculturales relacionados con el sujeto que los habita y su percepción, significación e identificación
- la elaboración de metodologías que aporten a procesos de toma de decisiones y producción participativos adecuados para diagnosticar, planificar y evaluar las acciones transformadoras de la realidad
- la elaboración de proyectos-procesos que elaboren un programa de soluciones progresivas y evolutivas

Siguiendo a (Di Paula, 2010) , los desafíos de este complejo proceso de intervención reclaman comprender un entorno social como producto espacio-temporal en procesos socio urbanos complejos que involucran problemáticas ambientales; comprender su producción tecnológica en sentido amplio; comprender un complejo programa de necesidades de diferentes escalas; involucrarse y aportar a sostener un proceso participativo.

A su vez es necesario que la producción social del hábitat esté acompañada por la **producción social de la cultura y las formas culturales en las cuales se reconoce, se auto-percibe y se desarrolla esa producción**. Lo que requiere un cuestionamiento de respuestas hegemónicas y elaboración de programas propios, de la mano de la construcción de formas propias de difundir, propagandizar y materializar esos programas.

» Una propuesta de formación experimentada para un plan integral.¹⁵

La formación necesita incorporar el desarrollo y las metodologías participativas (Robirosa, M. 1992) con protagonismo popular en las decisiones,¹⁶ para estos procesos de proyecto.¹⁷

Consideramos necesario practicar la participación para la elaboración conjunta de diagnósticos, propuestas de resolución y proyectos co-pensados en la Producción

¹⁵ Esta metodología de trabajo se apoya en los fundamentos conceptuales de “arquitectos de la comunidad” elaborados por el Arq. Rodolfo Livingston; metodología adoptada y desarrollada para el trabajo barrial con organizaciones sociales que sostiene las propuestas de los Encuentros de Arquitectura Comunitaria, tanto nacionales como latinoamericanos, desarrollados desde 2010. En ellos se ha sistematizado la enorme experiencia de esta articulación desarrollada en los últimos 15 años para proponer una nueva modalidad de “servicio de arquitectura y hábitat”.

¹⁶ JACUBOVICH, A. desarrolla una crítica muy aguda sobre las metodologías de “participación simulada” y explícita nuevas concepciones para una participación protagónica y articulada, en la que sintetiza su experiencia en ciudad Roca Negra, en Lanús. Disponible en: http://www.cafedelasciudades.com.ar/arquitectura_117.htm, “Construyendo ciudad junto al colectivo organizado”.

¹⁷ Sobre concepciones de metodología de participación, abordamos estas experiencias en forma crítica, ya que, como sostiene Javier Encina, el término participación viene siendo utilizado para diferentes propósitos, así como por diferentes actores y agentes sociales: como parte de lo discursivo y que no llega a plasmarse en prácticas; como excusa para iniciar cualquier tipo de cambio; como argumento indispensable para asegurar la eficacia de cualquier acción o como forma de control social. Generando una sustitución del contenido de la participación, para convertirse en un discurso que expresa, que es para el pueblo, pero sin el pueblo.

Social del Hábitat, aunque esta sea desprolija, inconstante, inacabada, impredecible, e implique conflictos y desorden, ya que favorece el desarrollo de las potencialidades humanas y la apropiación del conocimiento, de lo propuesto y de su realización.¹⁸

El abordaje de las diferentes problemáticas—sostenemos desde el TLPS¹⁹ necesita de una etapa de acuerdo con la comunidad respecto de las necesidades y sus satisfactores, que da origen a un trabajo conjunto y a la conformación de un equipo específico, y que permite la definición de tareas concretas en línea con los objetivos e intereses de las partes, para funcionar como articulación de los lineamientos proyectuales y vinculares de los participantes.

La tarea tiene una función estructurante y es bueno aclarar que, entre la primera prefiguración del proyecto y el acuerdo específico de las tareas por asumir y su alcance, pueden mediar cambios y reajustes que impactarán inevitablemente tanto en los objetivos y resultados esperados y, por ende, en el cronograma inicial como en la pertinencia de saberes disciplinares específicos o en el grado de complejidad del proyecto, lo que puede requerir también un ajuste en la composición del equipo. Esto exige abordar los proyectos con flexibilidad.

El desarrollo de la experiencia de realizar prácticas formativas organizando y sosteniendo mesas de trabajo multisectoriales, “consultorios de hábitat” en barrios, villas y asentamientos²⁰ para el abordaje de proyectos de diferente escala, familiar, grupos de familias, manzanas, sectores barriales nos permitió poner en práctica y conceptualizar metodologías de trabajo que permiten el desarrollo de estos proyectos de procesos co-autorales.²¹

Conclusiones: búsqueda y esfuerzos compartidos.

“He constatado que la gente se organiza, enfrenta, resuelve sus problemas y, con el calor de su afecto, funde todas las buenas ideas y las vuelca en el molde de sus necesidades.” Fermín Estrella.

La afirmación que antecede vale tanto para los pobladores como para estudiantes y docentes que junto con miles de profesionales buscamos practicar nuestra profesión con otro sentido. Nuevas respuestas y nuevas formas de articulación para un proceso participativo, interdisciplinario, progresivo e intersectorial.

Como hemos expuesto, “los conocimientos disciplinares y profesionales del

¹⁸ ESTRELLA, F., *Vivienda productiva, urbanismo social, generación de empleo*. “La comunidad es el motor fundamental en la solución de sus propios problemas, y los programas de vivienda social en todos sus aspectos deben organizarse no para, sino con la participación activa y democrática de las familias involucradas.” Para esto la tipificación y simplificación de las diferentes tareas pone a la tecnología, al diseño y al diseñador al servicio de los usuarios y no a estos al servicio de los diseñadores y de la tecnología. El objetivo del Diseño Participativo es facilitar la toma de decisiones y reducir con ello la posibilidad de errores. Para incorporar activamente al usuario al mecanismo de decisiones de diseño urbano, funcional, constructivo, de los espacios verdes productivos y las decisiones ambientales, nos valemos de consignas y tareas con el objetivo de consensuar las discusiones o adaptaciones de proyectos elaborados por el grupo de usuarios y el profesional como facilitador. Y hacer frente a los cambios en la etapa de proyecto, de obra, de uso y de ampliación. Los profesionales facilitadores deben ayudar a solucionar cada necesidad familiar **personalizando los diseños** sin encarecer su costo.

¹⁹ Disponible en: <http://www.tlps.com.ar/seminario-teorico-practico/bibliografia/> Cuaderno de Formación del TLPS. Nº1. Pag.13 Consulta 04-2017

²⁰ Se han abordado problemáticas ligadas a la vivienda, el equipamiento, la infraestructura y el espacio público en barrios del AMBA y de la CABA: barrio Carlos Mujica (Retiro), barrio Acuba (Lanús), Villa 21 (Soldati), La Loma (Vte. López), barrio 14 de Noviembre (Alte. Brown), barrios La Juanita y María Elena (Laferrère), René Salamanca (González Catán), barrio Papa Francisco (Lugano), Barrio Guernica(Guernica); Claypole (Alte Brown)

²¹ Para otros ejemplos de importante significación se puede consultar la ponencia: “En nuestro país, la importante experiencia realizada en el contexto de los Programas de Mejoramiento de Barrios; emergencia habitacional y de urbanización de villas y asentamientos”. Otro ejemplo destacado: “Consolidación urbana participativa de Jnane Aztout”, Larache, Marruecos. Llevada adelante por equipos académicos liderados por el Arq. Esteban de Manuel Jerez, de la Universidad de Sevilla.

proyecto complementado por las ciencias humanas pueden diseñar **un proceso temporal y participativo** junto a un sujeto con nombre y apellido, que autogestiona o cogestiona el mejoramiento de su hábitat residencial; con una nueva relación entre profesionales y comunidad, de “encuentro de saberes y necesidades”. (Pedro, TLPS) que supere en el accionar conjunto, las limitaciones en el conocimiento de las necesidades (habitacionales) y la determinación de las prioridades tanto de los habitantes, como de los especialistas, fundamentando la fertilidad de su articulación”.

El resultado será **la elaboración de una propuesta de proceso** en el cual el producto es una consecuencia del proceso co-gestado y co-gestionado junto con la población involucrada.

Desde nuestra concepción y experiencia, y en el marco de respeto por viejos y nuevos derechos, ocultados y denegados, apostamos a la formación en situaciones reales abordando la articulación disciplinar y profesional con las organizaciones que los propios pobladores se dan, para construir, elaborar y desarrollar nuevos modos de servicio profesional de arquitectura y hábitat y a otras políticas, que sea capaz de aportar al desarrollo de **Programas- proceso de Actuaciones Proyectuales Integrales que** permitan un avance significativo en las necesidades de las familias para dar respuesta a una lucha de décadas, aun en este difícil contexto de ciudades desiguales y excluyentes.

Referencias bibliográficas

ALBERICH, Tomás. *Perspectivas de la investigación social. La investigación social participativa*, Colección Construyendo Ciudadanía, El Viejo Topo, Barcelona, 2000.

BARRETO, Miguel Ángel y LENTINI, Mercedes, con varios autores, *Hacia una política integral del hábitat. Aportes para un observatorio de política habitacional en la Argentina*, Ed. Café de las Ciudades, Colección Hábitat, 2015.

BELLARDI, Marta y DE PAULA, Aldo, *Villas miseria: origen, erradicación y respuestas populares*. Centro Editor de América Latina, Biblioteca Política N° 159, Buenos Aires, 1986.

BOURDIEU, Pierre, *Espacio social y génesis de las “clases”*, em Bourdieu, 1984, (1990):281/310 (Versión original em *Actes de La recherche en sciences sociales*, N° 52-53, París, junio de 1984.)

BOURDIEU, Pierre, “Efectos de lugar”, en P. Bourdieu, (2000), *La miseria del mundo*, FCE, Argentina, pp. 119-124.

CLICHEVSKY, Nora, “Regularización dominial” ¿solución para el hábitat “popular” en un contexto de desarrollo sustentable?, en: Cuenya, Beatriz; Falú, Ana, *Reestructuración del Estado y política de vivienda en la Argentina*, Ediciones CBC, Buenos Aires, 1997.

CLICHEVSKY, Nora, “Pobreza y acceso al suelo urbano. Algunos interrogantes sobre las políticas de regularización dominial en América Latina”, 2000, disponible en: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/5780/S0311860_es.pdf consulta: nov. 2020

CRAVINO, María Cristina, *Las organizaciones villeras en la Capital Federal entre 1989-1996, entre la autonomía y el clientelismo*, 1999.

CRAVINO, María Cristina, *Las villas de la ciudad. Mercado e informalidad urbana*, UNGS, 2006.

CRAVINO, María Cristina, *Vivir en la Villa. Relatos, trayectorias y estrategias habitacionales*, ICO-UNGS, Buenos Aires, 2008.

CRAVINO, María Cristina, "Magnitud y crecimiento de las villas y asentamientos en el área metropolitana de Buenos Aires en los últimos 25 años", Actas 14 Encuentro Red Ulacav, Buenos Aires, Argentina, 2008.

DIEZ, Fernando, *Crisis de autenticidad. Cambios en los modos de producción de la arquitectura argentina*, Ed. Summa Libros, 2008.

DI PAULA, Jorge, *La habitación como necesidad, el hábitat como satisfactor. 12 mitos a demoler para avanzar en la inserción de la problemática habitacional en la universidad y una propuesta*, en Ulacav, 2008, Inserción de las problemáticas habitacionales de áreas urbanas latinoamericanas en la formación docente, FADU, Buenos Aires, 2008.

DI PAULA, Jorge. *La habitación como necesidad. El hábitat como satisfactor*. Ponencia RED ULACAV, 2010

EQUIPO DE PASTORAL VILLERA, *La verdad sobre la erradicación de las villas de emergencia en el ámbito de la Capital Federal*, Mimeo, 1980.

ESTRELLA, Fermín, *Vivienda y Urbanismo Social*, disponible en: www.ferminestrella.com.ar

FREIRE, Paulo, *Pedagogía de la autonomía*, Siglo XXI, 1997.

HARVEY, David, *Urbanismo y desigualdad social*, Ed. Siglo XXI, México [Varias ediciones en castellano a partir de 1976].

LEFEBVRE, Henry, *El derecho a la ciudad*, Península, Barcelona, 1969.

NEEF, Max y ELIZALDE, Antonio, *Desarrollo a escala humana*, Icaria, Barcelona, 1993.

NEUHAUS, Susana, *Discurso hegemónico: vaciamiento de la subjetividad. Crisis, descomposición y recomposición de los vínculos*, Ed. Herramienta, Argentina, 2006.

NÚÑEZ, Ana, *Los unos y los otros en la lucha por la apropiación del espacio*, 2002.

ORTIZ FLORES, Enrique, *La producción social del hábitat. Mimeo seminario del Movimiento de ocupantes e inquilinos de la CABA*. Buenos Aires, 2007

OSZLAK, Oscar, *Merecer la ciudad. Los pobres y el derecho al espacio urbano*, Humanitas-Cedes, 1991.

PAMPLIEGA DE QUIROGA, Ana, *Crisis social y su impacto en la subjetividad*, Ediciones Cinco, Buenos Aires, 2001.

PEDRO, Beatriz, *Barrio María Elena. 23 años de experiencia territorial. De la exclusión a la reconstrucción del tejido social de resistencia y potencialidad contra hegemónica*, Ed. Herramienta, Argentina, 2006.

PEDRO, Beatriz, *Universidad y práctica social. Reconstruir una práctica y un saber para la transformación. Trabajos y experiencias del Taller Libre de Proyecto Social*, Ed. Herramienta, Argentina, 2010.

PEDRO, Beatriz, "Buenos Aires, una ciudad desigual y excluyente en emergencia habitacional". Rev. La Marea, Nº36, 2011.

PEDRO, Beatriz, "Abordaje popular de las necesidades de tierra, hábitat y vivienda en el área metropolitana de Buenos Aires, en contextos sociales de urbanización expulsiva y excluyente", Ponencia, Coloquio Injaviu, 2011, Colombia.

PEDRO, Beatriz y otros. *Proyecto y producción social del Hábitat*. Ed. De autor. 2018, CABA, Argentina.

PELLI, Víctor, *Habitar, participar, pertenecer. Acceder a la vivienda, incluirse en la sociedad*, Nobuko, 2006.

PELLI, Víctor, "La necesidad como basamento técnico y político de la gestión habitacional", Rev. Área, Nº 11, agosto de 2003.

RIOFRIO, Gustavo, "El hábitat de los sectores populares urbanos: las visiones de los pobladores", en *De marginales a informales*, Desco, Lima, 1990.

ROBIROSA, Mario, *Observaciones sobre organización y estrategias de los sectores populares en vistas a una participación efectiva en proyectos y programas urbanos de desarrollo social y vivienda*. 1992

RODRÍGUEZ, María Carla, *Ocupaciones de edificios y políticas locales del hábitat en la ciudad de Buenos Aires*, Ed. El cielo por asalto, Buenos Aires, Argentina, 2005.

RODRÍGUEZ, María Carla, *Autogestión, políticas de hábitat y transformación social*, Ed. Espacio, 2009.

RODRÍGUEZ, María Carla, "Desigualdad en el acceso al espacio. Territorio, pobreza y concreción de derechos: una relación estratégica", Rev. Encrucijadas, Nº 51, UBA, 2011.

SVAMPA, Maristella y PEREYRA, Sebastián, *Entre la ruta y el barrio. La experiencia de las organizaciones piqueteras*, Ed. Biblos, Buenos Aires, 2003.

SVAMPA, Maristella, *Cambio de época. Movimientos sociales y poder político*, Co Ed. Siglo XXI y Clacso, Buenos Aires, 2009.

TORRES, Horacio, *Cambios socio territoriales en Buenos Aires durante la década del 90*, EURE, Vol.27, N°80. Buenos Aires, 2001.

TURNER, John, *Vivienda. Todo el poder a los usuarios*, Ed. H. Blume, Madrid, 1977.

Autora

Beatriz Pedro. Arquitecta FADU UBA (1981) Magister en desarrollo sustentable UNLA (2006) doctorando FADU UBA (2016). Profesora Titular. Imparte Conocimiento Proyectual, (1985 a la actualidad) Estructuras 1, 2 y 3; (1985 a la actualidad)Taller Libre de Proyecto Social de la Facultad de Arquitectura,(2002 a la actualidad) Diseño y Urbanismo de la Universidad de Buenos Aires. Investigadora UBACYT. (1994 a la actualidad) Ex- Secretaria de Extensión FADU_UBA.(2006/2010) Secretaria General de La RED Universitaria Latinoamericana de Cátedras de Vivienda y Hábitat.(2017/ actualidad). arqbeatrizp@gmail.com

PROJETO PARTICIPATIVO NOVA KANTUTA: Aliança entre Extensão Universitária e População Local para Requalificação da Praça Kantuta

Eje/Eixo Temático 2

Ana Carolina de Paula Bezerra
Ana Carolina G. Liess
Katarina Andreosi A. B. Arantes
Taymara Ingrid Leonardi

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de São Paulo - Campus São Paulo

Alexander Soyei Yamaguti
URB Educacional

Resumo

O artigo em pauta visa expor o trabalho realizado pela extensão universitária ÁTICO em conjunto com a comunidade local, a partir da apresentação do *Projeto Nova Kantuta* para a Praça Kantuta, localizada no bairro do Canindé em São Paulo e situada em frente a uma das entradas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus São Paulo. A praça atualmente sofre com o descaso governamental e com a falta de manutenção; logo, concebido de modo participativo, o projeto surgiu então com a finalidade de requalificar esse espaço público segundo a demanda da comunidade local, a fim de promover sua revitalização e conseqüentemente sua maior apropriação, além de consolidar a memória da presença de povos imigrantes no bairro - principalmente bolivianos - e celebrar sua cultura por meio da introdução de elementos culturais oriundos da cultura andino-amazônica - como as simbologias da *Chakana* e do *Portal do Sol* que foram incorporadas ao projeto arquitetônico da praça. Além disso, o grupo ÁTICO também pretende, ainda em parceria com os representantes da sociedade civil do bairro, articular a criação de um programa de zeladoria cujo objetivo será reinserir no mercado de trabalho as pessoas em situação de rua observadas no local. Dessa forma, percebe-se o protagonismo da universidade e da sociedade civil como promotores de mudanças sociais no contexto micro, à despeito da falta de investimentos governamentais e do sucateamento da universidade pública como um todo.

Palavras-chave: **Assessoria técnica, projeto participativo, espaço público, Praça Kantuta, cultura andino-amazônica.**

Resumen

El artículo tiene el objetivo de exponer el trabajo realizado por la extensión universitaria ÁTICO en conjunto con la comunidad local, a partir de la presentación del

Proyecto Nova Kantuta para la Plaza Kantuta, localizada en el barrio de Canindé en San Pablo y situada en frente a una de las entradas del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de San Pablo - Campus São Paulo. La plaza actualmente sufre con la negligencia del gobierno y con la falta de manutención; concebido de modo participativo, el proyecto surgió entonces con la finalidad de recalificar ese espacio público según la demanda de la comunidad local, con el fin de promover su revitalización y consecuentemente su mayor apropiación, además de consolidar la memoria de la presencia de pueblos inmigrantes en el barrio - principalmente bolivianos - y celebrar su cultura por medio de la introducción de elementos culturales originarios de la cultura andino-amazónica - como las simbologías de la *Chakana* y del *Portal del Sol* que fueron incorporadas al proyecto arquitectónico de la plaza. Además de esto, el grupo ÁTICO también pretende, todavía en conjunto con los representantes de la sociedad civil del barrio, articular la creación de un programa cuyo objetivo será re insertar en el mercado de trabajo a las personas en situación de calle observadas en el local. De esta forma, se percibe el protagonismo de la universidad y de la sociedad civil como promotores de mudanzas sociales en el micro contexto, a pesar de la falta de inversiones gubernamentales y del descuido de la universidad pública como un todo.

Palabras-clave: **Asesoría técnica, proyecto participativo, espacio público, Plaza Kantuta, cultura andino-amazónica.**

Introdução

A Assessoria Técnica de Interesse à Comunidades Organizadas (ÁTICO) é um grupo de extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP-SPO) que atende à demandas sociais tanto da comunidade local quanto de comunidades mais afastadas, realizando principalmente projetos de educação e de arquitetura que visam a melhoria da qualidade de vida dos assistidos, utilizando-se fundamentalmente da metodologia de projeto participativo.

A articulação da ÁTICO como Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU) e sua consolidação como referência de projeto de assessoria técnica surge a partir da lógica da universalização do ensino proporcionada pela ideia de ensino progressista, que não só ampliou como também facilitou o acesso popular à cursos de ensino superior de qualidade por meio da instituição de políticas de cotas, de auxílios permanência, de bolsas de estudo, entre outras, promovidas por planos de governo. O curso de arquitetura e urbanismo do IFSP-SPO, criado em 2014, foi considerado pelo ENADE 2019 (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) o melhor curso de arquitetura e urbanismo do Brasil, atingindo a maior pontuação do exame (nota 5)¹, o que evidencia o grande potencial de impacto na sociedade - com pesquisas, projetos de inovação, de assistência, etc - que a universidade possui em detrimento do cenário nacional de sucateamento e corte de verbas que esta vem vivenciando como um todo na conjuntura política vigente.

Nesse contexto, a direção atual do curso de arquitetura e urbanismo do IFSP-SPO julga fundamental que o conhecimento adquirido pelos graduandos no ambiente acadêmico da universidade retorne à comunidade na forma de assistência, tornando a comunidade parte ativa no desenvolvimento dos projetos - sendo assim, o projeto que será abordado no presente trabalho é o Projeto Nova Kantuta, que de 2018 até

1 Disponível em: < <http://enade.inep.gov.br/enade/#/relatorioES> >. Acesso em 21 abr. 2021.

o momento presente foi objeto de estudo da ÁTICO sob a égide do IFSP a fim de promover sua requalificação espacial por meio da elaboração de um projeto executivo completo para a reforma da praça.

Desenvolvimento

Kantuta: a praça, a comunidade e o projeto

A praça Kantuta localiza-se no bairro do Canindé, no município de São Paulo-SP em frente ao Instituto Federal - Campus São Paulo, bairro marcado pela atividade fabril e comercial, bem como pela forte presença de povos imigrantes desde a sua concepção. (PACCA, 2010)

Com uma importância identitária para a região do Pari/Canindé e para fora dele, a Praça Kantuta é utilizada como área de convívio público para diversas nacionalidades - principalmente a brasileira e a boliviana -, além de configurar um espaço primordial para o desenvolvimento da economia local e para a promoção de eventos multiculturais. Um exemplo desses eventos é a emblemática Feira da Kantuta, que ocorre aos domingos, contendo comidas, venda de artesanatos e atividades típicas da cultura boliviana - como apresentações de música e danças -, atraindo muitos turistas e moradores da região que encontram na feira a base de sua renda mensal.

Apesar do seu uso semanal para a feira, a praça encontra-se em estado de degradação e não dispõe da infraestrutura necessária para atender à demanda dos eventos e para o uso diário, dificultando que a mesma cumpra sua função social e recreativa. Percebe-se também uma grande problemática social na praça através da população em situação de rua que vive em condições precárias no local, assim como usuários de drogas. Tendo em vista a situação degradante da praça devido ao abandono da gestão pública, a população civil do Território Pari/Canindé no ano de 2018 contactou a ÁTICO - grupo cuja maioria dos participantes são graduandos de diversos períodos do curso de arquitetura e urbanismo do IFSP-SPO - a fim de elaborar um projeto de requalificação para a praça para que esta atendesse às demandas da feira e também dispusesse de infraestrutura para condicionar seu uso recreativo durante a semana, gerando maior apropriação desse espaço.

A metodologia participativa no Projeto Nova Kantuta

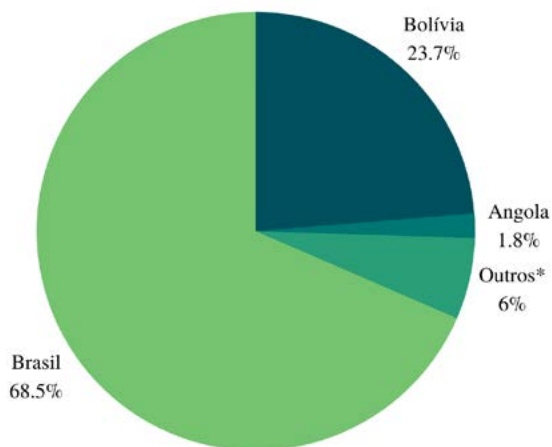
A concepção e desenvolvimento do projeto de requalificação da Praça Kantuta ocorreu durante o ano de 2018 por meio de dinâmicas e metodologias participativas com o público alvo de modo a alcançar um produto final que atendesse às reais necessidades e demandas da população e trouxesse, através de seu uso, uma sensação de pertencimento com o local. Além disso, o projeto faz-se necessário pois tem a finalidade de aprimorar a experiência dos atuais usuários, difundir aspectos culturais da pluralidade de seus frequentadores e valorizar o potencial turístico da praça, atraindo um público maior e expandindo seus usos e apropriações.



Figura 1. Equipe responsável pela aplicação dos questionários durante a Feira Kantuta. Fonte: Autoral, 2018.



Figura 2. Apresentação inicial do projeto à população durante o evento de mutirão de limpeza da praça. Fonte: Autoral, 2018.



*Paraguai, Peru, Guiné, Síria, Egito, Venezuela, Colômbia, Portugal e Congo

Figura 3. Gráfico dos países de origem dos imigrantes presentes na praça Kantuta. Dados obtidos a partir dos questionários aplicados pela ÁTICO em 2018. Fonte: Autoral, 2021.

A aliança estabelecida entre a ÁTICO e a população civil do território Pari/Canindé possibilitou que a concepção do projeto ocorresse de maneira participativa por meio de reuniões com a comunidade para a elaboração do programa de necessidades, de discussão de *briefing*, de maquetes interativas e de aplicações de questionários² a fim de compreender os usos, as características e as solicitações essenciais do público alvo feitas através de levantamento de dados que buscou elencar os tipos de equipamentos e de mobiliários urbanos que melhor atendessem à demanda dos usuários da praça. Os resultados obtidos com esse processo possibilitaram a apresentação de um estudo preliminar à população durante um evento de mutirão de limpeza da praça organizado naquele mesmo ano. A partir de sugestões coletadas durante o mutirão, a equipe de docentes e discentes da ÁTICO deu continuidade ao desenvolvimento do projeto executivo da Nova Kantuta, incorporando suas sugestões e mantendo a comunicação com a comunidade externa.

Através dessa característica participativa do projeto foi possível mapear as nacionalidades presentes no local evidenciando seu caráter multicultural: foi notada a presença de imigrantes oriundos da Angola, Paraguai, Peru, Guiné, Síria, Egito, Venezuela, Colômbia, Portugal e Congo, porém a grande maioria dos entrevistados são brasileiros, seguido por bolivianos, como é possível observar na figura 3. Com base nessa coletânea de dados, portanto, pautou-se a discussão acerca da inserção dos elementos culturais andino-amazônicos em 2020: foi percebida a importância e a relevância da incorporação desses elementos culturais como forma de valorizar e enfatizar a pluralidade das culturas presentes na praça, além de potencializar e ampliar seus usos e atrair pessoas para um espaço na cidade que se apresenta como democrático e inclusivo.

Dessa forma, o projeto de requalificação da praça mostra-se significativo pela sua importância como espaço urbano de promoção de encontro, de lazer e de integração cultural e social. Os relatos de insatisfação da população local no que concerne à falta de segurança, de iluminação, de banheiros, à limpeza precária e às problemáticas sociais locais acerca das pessoas em situação de rua que frequentam a praça,³ foram de extrema relevância para a construção de um projeto arquitetônico

² Questionários aplicados pela ÁTICO, em 2018, a fim de investigar o posicionamento da comunidade em relação à praça. Foram obtidas 438 respostas que revelam uma maior frequência dos visitantes aos fins de semana, principalmente durante a feira aos domingos

³ Informações obtidas por meio dos questionários aplicados pela ÁTICO, em 2018.

pela ÁTICO que atendesse às preferências e necessidades desta comunidade, dando voz às opiniões dos moradores do bairro e dinamizando o processo participativo.

No ponto das problemáticas sociais da praça, a atividade da ÁTICO abrange não só a atuação técnica na concepção do projeto de revitalização, mas também busca uma solução efetiva para que não haja a expulsão das pessoas em situação de rua. O intuito é a incorporação dos mesmos na vivência da praça, por meio de um trabalho de assistência social integrada ao projeto arquitetônico e à rede de articulação do Território Pari/Canindé, conferindo a todos os usuários do local, um espaço agradável de lazer e convivência. É notório afirmar que a problemática de pessoas em situação de rua no município de São Paulo é recorrente e só conta com soluções que ignoram o problema tentando apenas expulsá-los da região.

O novo projeto arquitetônico da Praça Kantuta

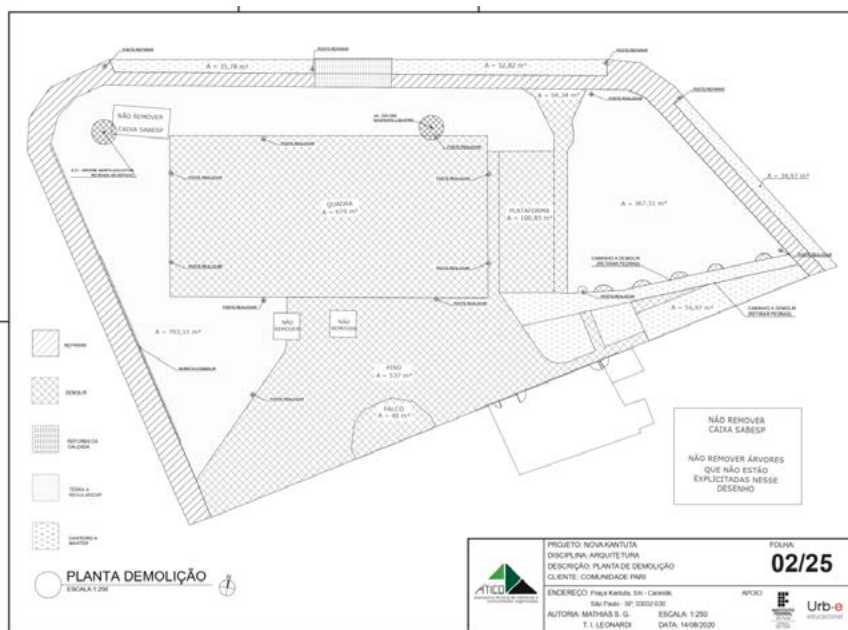


Figura 4. Planta de demolição da praça Kantuta. Fonte: Autoral, 2020.

A proposta de requalificação da praça Kantuta se inicia com o reposicionamento da quadra poliesportiva, que se encontra atualmente no eixo leste-oeste, causando desconforto aos usuários nos diversos períodos do dia, para o eixo norte-sul. Também é proposto no projeto a demolição ou o reforço dos calçamentos, além de reparos e jardins a se manter, como pode ser observado na figura 4.

Com a nova setorização, a praça contemplará vários usos e ocupação total do terreno garantindo que diversas atividades possam ocorrer simultaneamente e ocasionando a manutenção permanente do fluxo de usuários na praça, fazendo com que esta não permaneça vazia.

Como podemos ver na figura 5, à oeste da praça está presente a arquibancada da quadra que também desempenha a função de palco e o palco de apoio - essa área foi projetada a fim de atender à demanda de realização de danças e apresentações culturais que ocorrem nos dias de feira.

Logo abaixo, no setor sul da praça está presente o playground infantil, com uma posição estrategicamente escolhida para que os canteiros lindeiros de vegetação arbustiva criassem um espaço seguro, impedindo o acesso das crianças à rua.

Já na zona leste, do outro lado da quadra, há equipamentos de exercícios, mesas de jogos e um bicicletário, espaço pensado para atender a população idosa e também aos trabalhadores da UBS que por vezes podem utilizar os bancos e mesas em seus períodos de pausa do trabalho.

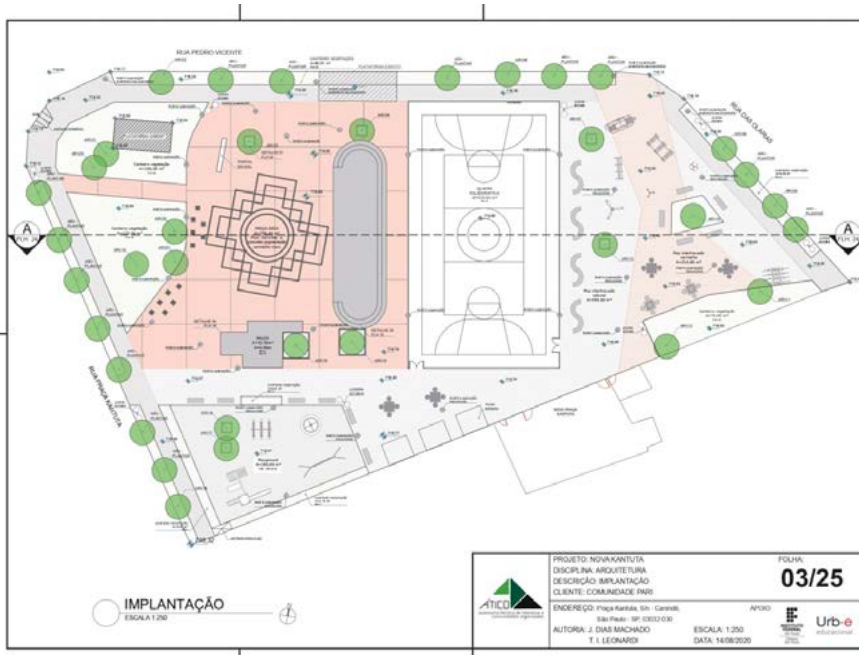


Figura 5. Planta de implantação da praça Kantuta. Fonte: Autorial, 2020.

O paisagismo da praça foi todo planejado de modo a aproveitar alguns canteiros pré existentes na praça além de contar com a criação de novos, adicionando também novas espécies de árvores a fim de aumentar o índice de arborização do local e áreas de sombras. Todas as espécies utilizadas, tanto as árvores, como as arbustivas e as gramíneas dos canteiros são de fácil manutenção e visam trazer cor e vivacidade ao espaço, como podemos observar na figura 6, a planta de paisagismo que indica os locais e as espécies a serem plantadas.

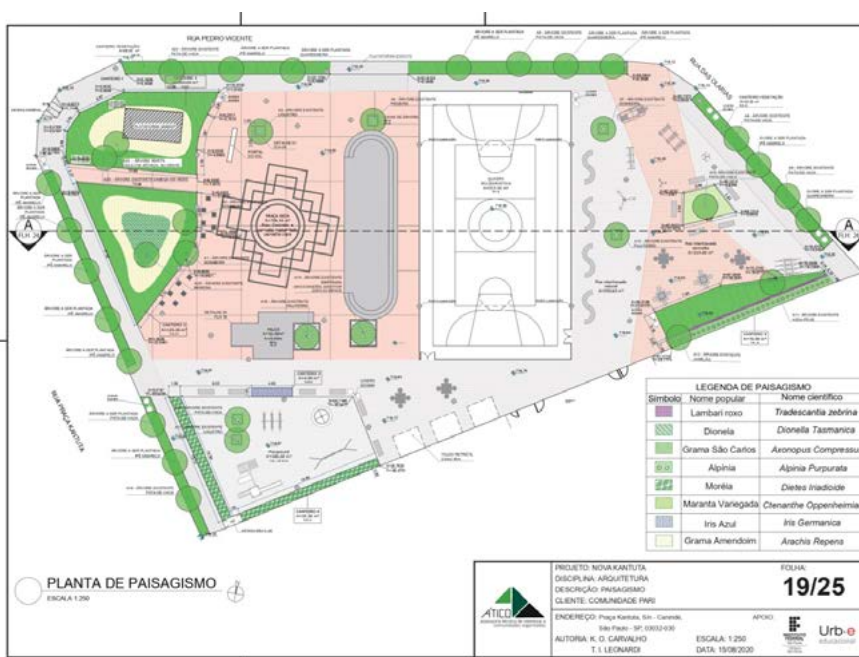


Figura 6. Planta de paisagismo da praça Kantuta. Fonte: Autorial, 2020.

Por fim, no que se refere aos materiais utilizados para o projeto os pisos escolhidos foram blocos de concreto intertravados no interior da praça e placas de concreto moldadas in loco para a área de dança e as calçadas, sendo que na área de dança será um concreto pigmentado com o desenho da chakana, além de contar com bancos e mesas em concreto e equipamentos de exercício em metal. Toda a materialidade foi escolhida considerando a maior durabilidade e pouca manutenção, em conjunto com a participação da comunidade na escolha por meio de formulários aplicados.

Importância do projeto para o local e para a comunidade migrante

Tendo em vista a intersecção cultural existente em São Paulo, sendo evidenciada e permeada pela Praça Kantuta, é de suma necessidade a inclusão desses aspectos no projeto de revitalização da mesma. Por consequência, a pesquisa para o projeto baseou-se na compreensão, na análise e na absorção pela praça dos elementos andino-amazônicos, que abrangem os pontos primordiais dessas culturas. A inserção de determinados elementos acarretará um maior reconhecimento identitário e a criação de um sentimento de pertencimento por parte da população migrante, uma vez que mesmo fazendo parte da sociedade brasileira, os mesmos permanecem excluídos pelo país em que se encontram, sendo essa exclusão consequência direta de um processo histórico:

“Ao contrário do que vulgarmente se pensa, a independência política das colônias europeias não significou o fim do colonialismo, e sim apenas a substituição de um tipo de colonialismo por outros (colonialismo interno, neocolonialismo, imperialismo, racismo, xenofobia, etc.).” (SANTOS, 2019, p. 27)

Dessa forma, essa evolução do colonialismo afeta intensamente os países andino-amazônicos - isto é Brasil, Bolívia, Venezuela, Peru, Guiana, Colômbia, além do Equador -, e estes estarão representados na praça por meio dos elementos estudados da sua cultura como um todo, a fim de disseminar saberes que foram apagados ou tornaram-se desvalidos pela lógica eurocêntrica.

“Trata-se dos povos indígenas das Américas, da África e da Oceania. Foram estes os povos mais invisibilizados ou tornados descartáveis pelo pensamento político eurocêntrico, [...]. Essa experiência riquíssima perder-se-á se não for entendida e valorizada por meio de uma mudança cultural capaz de sustentar uma política de conhecimento adequada. Para o mundo, tratar-se-á tanto de uma perda intelectual como de uma perda política. Equivalerá a trivializar ou invisibilizar lutas sociais que, doutra perspectiva, seriam importantes, não permitindo que essas mesmas lutas contribuam para a expansão e o aprofundamento do horizonte global de emancipação social, ou seja, a própria ideia de que um outro mundo é possível.” (SANTOS, 2019, p. 28 e 29)

A partir dessas colocações, a atualização do projeto da praça surge com o intuito de valorizar a cultura andina-amazônica dentro do Brasil, assim como é enaltecido na Bolívia. Tal objetivo debruça-se em buscar o reconhecimento brasileiro da sua ancestralidade e impedir o desaparecimento de conhecimentos relevantes que são importantes para diversas nações.

A incorporação de tais elementos, portanto, foi elaborada visando o respeito à diversidade cultural e às crenças dos povos referidos, uma vez que os componentes são valorosos para o povo andino até hoje, pertencendo à formação deles como pessoas e de suas próprias crenças. Logo, foi através de diversas buscas e debates que

a introdução dos elementos ocorreu - pois, embora haja a necessidade de propagação dessa cultura andina rica e presente no seu povo, é indispensável o entendimento da mesma e a inserção correta dos elementos e informações a respeito dela.

Além disso, o potencial turístico desse espaço público deverá ser intensificado e, conseqüentemente, refletirá de modo positivo na economia do local, uma vez que a praça é fonte de renda de muitos moradores do Pari, otimizando sua infraestrutura e configurando um ambiente mais convidativo aos frequentadores.

Partindo desse princípio, foram dissecados, em primeira instância, dois símbolos culturais andinos que nortearam todo o processo criativo e artístico da praça em 2020: a Cruz Andina e o Portal do Sol.

A Cruz Andina (Chakana): Definição, forma e importância

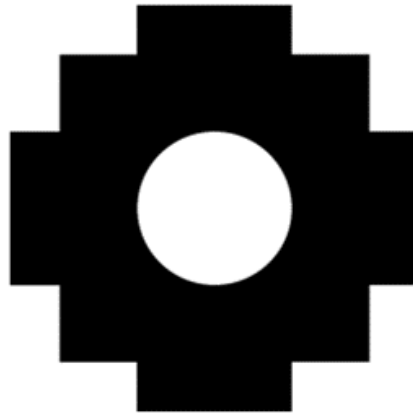
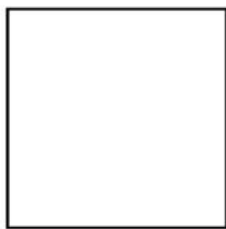


Figura 7 . Simbologia escalonada da cruz andina. Fonte: Bazán, 2020.

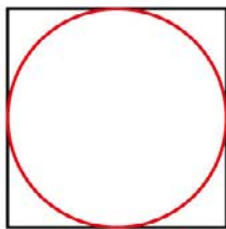
A cruz inca, denominada Chakana, é um símbolo milenar dotado de profundo significado elaborado por meio da observação direta dos astros (Bazán, 2020, p.40) que está frequentemente presente em diversas manifestações artísticas, culturais e religiosas no altiplano andino - pode ser encontrada em artefatos, desenhos, tecidos, cerâmicas etc -, como pontua Bazán em sua dissertação *Evidências e reflexões sobre uma possível ligação histórico-cultural entre os povos andinos pré-colombianos e a cultura kadiwéu do Brasil por meio da simbologia chakana nas diversas expressões artísticas*, em cuja autora expõe diversos artefatos e manifestações artísticas que carregaram a simbologia andina da cruz ao longo da história. A palavra “chakana” advém da antiga língua quéchua⁴, denotando “escada” - o que é uma informação relevante para a compreensão de sua geometria e também de seu significado.

Essencialmente, a forma da Chakana dá-se em cruz, como o nome sugere, com quatro pontas grossas de modo a assemelhar-se à uma espécie de escada - “chakana”, em quéchua - com degraus. Esses degraus não se limitam às quatro pontas da cruz, mas surgem também entre elas, originando um aspecto escalonado que confere simetria ao símbolo. O círculo enquadrado também é um aspecto importante para a constituição da cruz, uma vez que toda a cruz pode ser perfeitamente delimitada em um círculo, evidenciando o caráter científico que permeia a criação do símbolo,

⁴ Instrumento para poner atravesado, sea de palo u otro material, generalmente para trancar, cosa que sirve de travesaño. Escalera o serie de travesaños en dos paralelas transportables, usada para facilitar la subida o bajada al tiempo de hacer construcciones. (LIRA, 2008, p. 103).



Quadrado



Quadrado e
Círculo



desvendando o enigma matemático de se criar um círculo com a mesma área de um quadrado. (BAZÁN, 2020)

Sabendo disso, a Chakana surge e se perpetua ao longo da história desses povos andinos como um símbolo de conexão - que liga como uma espécie de ponte, por meio das escadas, o sagrado ao mundano; o céu à terra, o divino ao humano, entre outros -, surgindo como um elemento que promove harmonia e ordem no qual está incorporado uma farta cosmovisão que engloba aspectos históricos, culturais e religiosos milenares, bem como revela um modo de se compreender o mundo - portanto, “a Chakana revela na sua essência uma “ponte” ou “caminho” à sociedade ideal” (BAZÁN, 2020). Além disso, pode-se também inferir superficialmente a alusão aos pontos cardeais, as quatro estações do ano, aos quatro elementos constituintes do universo, entre outros.

Figura 8. Proporção
áurea aplicada
à Chakana.
Fonte: Bazán, 2020.

O Portal do Sol, Tiahuanaco: Breve história, sua arquitetura e significado

O Portal do Sol é um monumento localizado no altiplano boliviano, dentro do sítio arqueológico pré-colombiano de Tiahuanaco, cuja civilização centrava-se na região do lago Titicaca. O complexo reúne as ruínas dessa antiga civilização que foi a mais expressiva precursora do Império Inca, com remanescentes de cerâmicas decoradas, monumentos e blocos megalíticos, considerado ainda como patrimônio cultural mundial na lista da UNESCO. As ruínas datam do período compreendido entre 1000 d.C e 1300 d.C - momento de expansão da civilização tiahuanaca, que se principiou com conquistas e unificações sociais e políticas, culminando em desorganização e decadência ao fim do período citado. (MASON, 1961. Adaptado por Hernán, 2017)

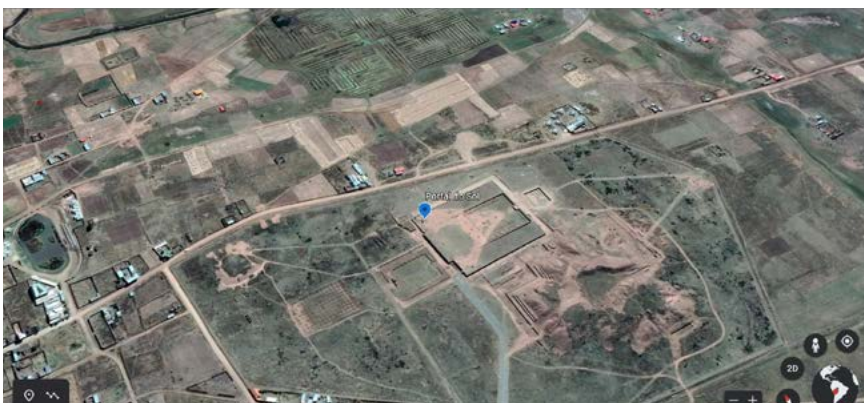
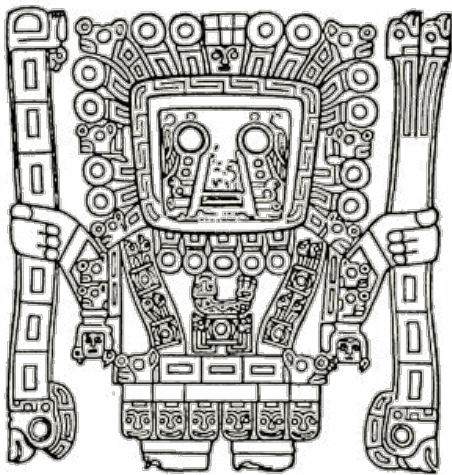


Figura 9. Mapa atual da região
de Tiahuanaco, na Bolívia, La Paz,
com ênfase na localização do Portal
do Sol. Fonte: Google Earth.



Figura 10. Portal do Sol, em Tiawanaco, Bolívia, La Paz. Fonte: <https://aminoapps.com/c/wiccaebruxaria/page/blog/misterios-em-torno-de-tiawanaco-uma-das-mais-antigas-civilizacoes-do-mundo/N4x6BokSMurdz3W5mEX0VI2QWJKabrW4Y>.



Dentre as ruínas do complexo, destaca-se em relevância o Portal do Sol: o monumento é uma escultura de pedra de andesito maciça - isto é, constituído de um bloco só -, com 2,88 m de altura e 3,83 m de largura, pesando aproximadamente 10 toneladas, que acredita-se ter desempenhado uma função religiosa na civilização pré-colombiana. Em sua face frontal, observa-se 48 figuras esculpidas em baixo-relevo de homens alados e homens derrotados, rodeando uma figura principal compreendida como a divindade suprema, o deus Huiracocha - importantíssimo para a religião do Império Inca que se desenvolverá posteriormente. O Portal ergue-se então como parte de um templo coberto - da pirâmide ou do templo de Kalasasaya possivelmente⁵.

Já na região inferior às inscrições de baixo relevo, marcam-se com precisão 105 movimentos solares - o que diversos pesquisadores teorizam caracterizar um calendário

Figura 11. Divindade Huiracocha. Fonte: https://www.diccionariodesimbolos.com/ciudades_tiawanaco.htm e https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g298442-d7104407-i135904278-Great_Trip_Titikaka-Puno_Puno_Region.html.

⁵ Disponível em: <https://boliviaesturismo.com/pt/puerta-del-sol-ingavi-la-paz-boliviaesturismo/>. Acesso em 21 de abril de 2021.

que outrora marcou as datas dos ciclos agrícolas⁶. Como o nome sugere, o Portal do Sol aloca-se de modo a considerar a posição solar - além disso, algumas figuras misteriosas presentes no portal possivelmente são ideogramas ou até hieróglifos. (HERNÁN, 2017)

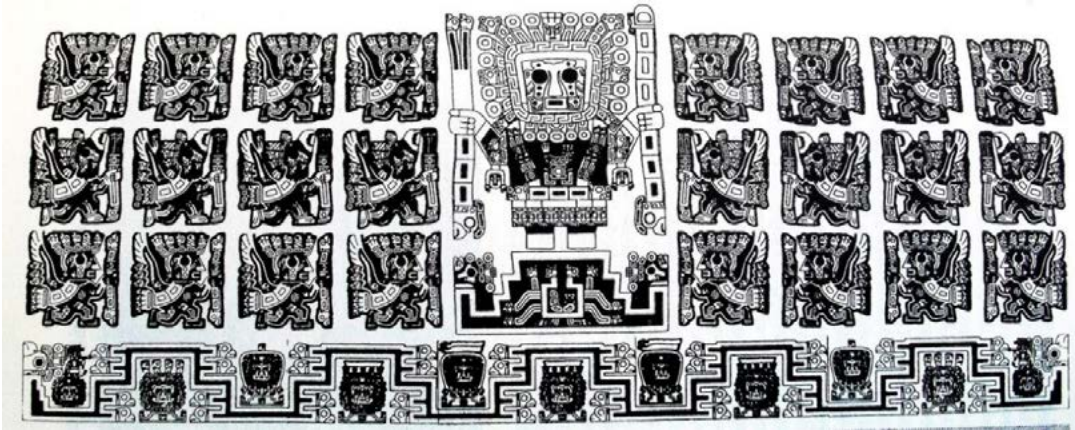


Figura 12. Ilustração das inscrições em baixo relevo no Portal do Sol. Fonte: [http://puri-
aprendiendovida.blogspot.com/2012/01/los-misteriosos-simbolos-de-la-puerta.html](http://puri-
aprendiendovida.blogspot.com/2012/01/los-misteriosos-simbolos-de-la-puerta.html).

A inserção dos elementos simbólicos no Projeto Nova Kantuta

Dado o exposto de tais simbologias e suas respectivas relevâncias dentro da cultura andino-amazônica, na atualização elaborada em 2020 para o intitulado *Projeto Nova Kantuta*, propôs-se a inserção desses elementos culturais na própria arquitetura da praça, a fim de promover uma maior aproximação e identificação da comunidade imigrante abundante na região do Pari/Canindé com o local - principalmente a boliviana, parcela expressiva constituinte da população do bairro, uma vez que é possível constatar que a escassez de espaços culturais como museus, casas de cultura ou centros culturais que façam alusão à nacionalidade boliviana na cidade de São Paulo fortalece a percepção da Praça Kantuta como referência identitária para essa comunidade. Além disso, o projeto visa também a valorização do potencial turístico da praça, que se estabelecerá mais solidamente como um atrativo destino cultural.

É importante frisar que a absorção desses elementos na praça deu-se de forma a evitar a descaracterização de tais importantes simbologias - o que justifica as alterações de certa forma sutis feitas pelo grupo nestas. Logo, não consideramos a incorporação desses elementos uma reprodução, tampouco uma cópia; deve-se compreendê-la como uma releitura.

Dentro desse espectro, foi-se extraído um desenho inspirado no estudo da modulação geométrica da Chakana (Cruz Andina) original. O desenho acentuou os “degraus” escalonados na cruz incaica original, brincando com as formas geométricas fundamentais, sobrepondo quadrados e retângulos que delimitam a parte central da cruz - que assemelha-se ao sol, conversando com o outro elemento incorporado à praça, a Portal do Sol. O desenho foi planejado para aloca-se na região da praça seca da praça, formando um desenho de piso como é mostrado no modelo 3D ao lado.

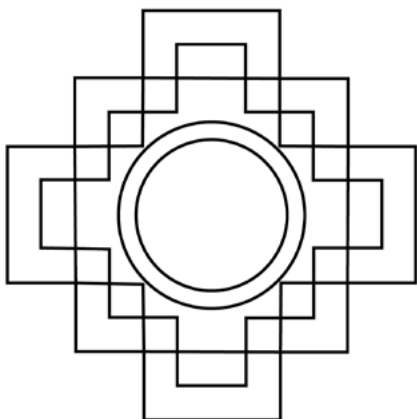


Figura 13. Desenho autoral inspirado na Chakana, para o desenho de piso do projeto da Praça Kantuta. Fonte: Autoral, 2020.

6 Disponível em: <https://boliviaesturismo.com/pt/puerta-del-sol-ingavi-la-paz-boliviaesturismo/>. Acesso em 21 abr. 2021.

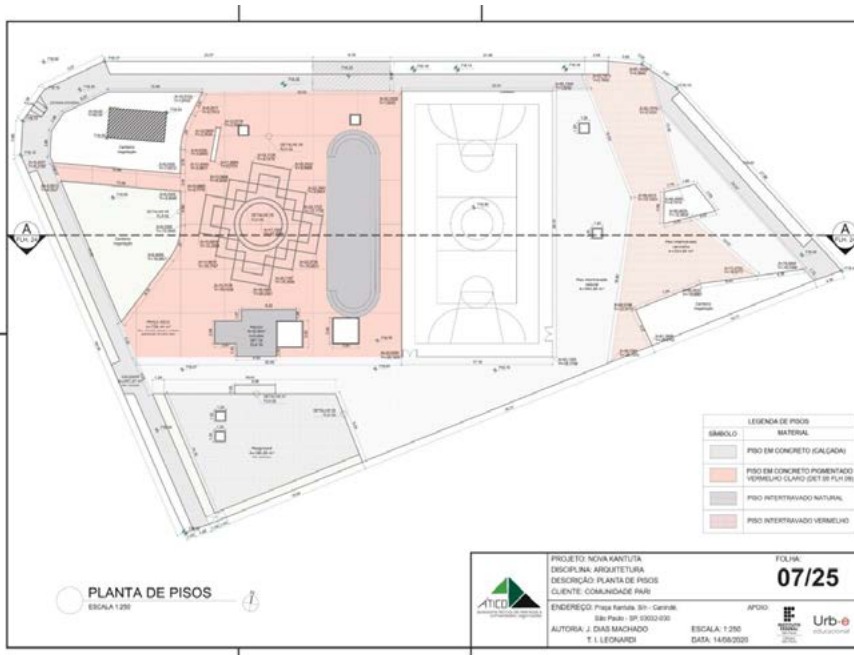


Figura 14. Ampliação da planta de pisos da praça com localização da Chakana. Fonte: Autoral, 2020.



Figura 15. Maquete eletrônica com a locação do desenho de piso na praça. Fonte: Autoral, 2020.

Já o Portal do Sol, monumento emblemático oriundo das ruínas do sítio de Tiahuanaco, será incorporado no projeto da praça por meio do desenvolvimento de um monumento com suas dimensões originais, configurando o ponto focal da praça. Seu posicionamento foi idealizado segundo a orientação solar, tal como o original, o que explica seu eixo ligeiramente rotacionado. Quanto às inscrições e símbolos contidos no portal original, intenciona-se que estes sejam integrados no portal da praça por meio da ação conjunta com a comunidade local: pretende-se que um artista plástico de ascendência boliviana aliado à comunidade realize as inscrições no portal de modo a retratar a história da praça, do bairro e da comunidade imigrante da região, através de figuras esculpidas em baixo relevo, a fim de ressignificar o portal como um marco na praça - assim como o Portal do Sol original possui os símbolos que remetem à história do local em que está situado. Logo, para a escolha dos elementos que integrarão o portal na caracterização da história da região, serão realizadas oficinas e dinâmicas promovidas pela ÁTIKO, considerando a metodologia adotada de projeto participativo, para a identificação das relações, das histórias e da apropriação que os usuários desenvolveram com a praça.



Figura 16. Maquete eletrônica com a releitura do Portal do Sol na praça. Fonte: Autoral, 2020.

Outros elementos a serem considerados no projeto da praça

Além desses elementos, a ÁTICO realizou trabalhos de pesquisa acerca de outros símbolos culturais que remetem à cultura andina-amazônica a serem inseridos no projeto - como a figura do Puma Pumku, do Templo Kalasasaya (ambos estruturas de Tiahuanaco), da Whipala, entre outros -, dentro do espectro de valorização da identidade cultural do imigrante. Atualmente, está sendo desenvolvida pela ÁTICO a ideia de adicionar ao projeto uma “amarelinha” com a desenvoltura da constelação Cruzeiro do Sul, voltada para atividades recreativas infantis.

Em conjunto com o Portal virtual da Bolívia Cultural⁷ - um portal de notícias referentes à comunidade boliviana no Brasil - e à mentoria de seu fundador (Antônio Andrade Vargas), foi proposta também a feitura de um mural expositivo que contenha tais elementos importantes dessa cultura, idealizado por artistas alinhados com tal temática de resistência cultural dos povos andinos no território Pari/Canindé - e no Brasil, por extensão. Além disso, discute-se também a inserção da imagem, representada por uma pequena escultura, de Nossa Senhora de Copacabana em um nicho próprio na praça. A Virgem de Copacabana - cujo nome é uma homenagem à cidade de Copacabana, na Bolívia - mostra-se uma importante figura cultural religiosa do sincretismo boliviano, sendo considerada a padroeira da Bolívia - inclusive com uma data e festa própria comemorada na própria feira da Praça Kantuta (SILVA, 2005). A exposição de sua imagem na praça, principalmente aos domingos nos dias da feira, seria mais um elemento de contribuição para a formação identitária do local e de aproximação cultural da comunidade brasileira com a boliviana. Curiosamente, a Santa apresenta uma conexão histórica com o Brasil: foi ela que deu origem ao nome da Praia de Copacabana no Rio de Janeiro⁸.

Conclusões

A relação dialógica entre as ações universitárias (ÁTICO) e a sociedade em seu entorno (população civil do território Pari/Canindé) possibilitou a criação de um projeto participativo de revitalização da Praça Kantuta, tendo papel imprescindível na questão social e cultural da região, característica que é destacada com o projeto. Além da temática projetual, existe também a necessidade diplomática e social, uma vez que a Praça Kantuta estende-se para fora do âmbito apenas físico espacial,

7 Disponível em: <<https://www.boliviacultural.com.br/>>. Acesso em 21 abr. 2021.

8 Disponível em: <<https://copacabana.com/historia-de-copacabana>>. Acesso em 21 abr. 2021.

envolvendo uma massa maior de pessoas e problemáticas descritas ao longo deste artigo.

Portanto, na busca de aprimorar a comunicação entre a ÁTICO e toda a população impactada pela praça, além de tentar atender a todos que se interessam pela renovação do espaço, será criado o Comitê Nova Kantuta com representantes das sociedade civil organizada - sendo eles: Associação de Comerciantes da Kantuta, IFSP, PMSP (através de uma composição intersecretarial por conta da abrangência do tema - cultura, esporte, lazer, economia, direitos humanos), URB.Educacional, Bolívia Cultural, Consulados dos países Andino-Amazônicos e empresas privadas.

A partir do Comitê Nova Kantuta integrado ao trabalho de assistência social, seria organizado um programa de zeladoria da praça com a finalidade de qualificação e reintegração social da população em situação de rua do local, assim como dos usuários de drogas. A ideia é que seja um programa de geração de emprego e renda, qualificando essa população marginalizada, mantendo a segurança, a preservação e a manutenção da infraestrutura da praça por quem a usa diariamente e dando oportunidade de reintegração a quem também faz parte da história da Kantuta. Com base na definição de zeladoria, deve-se desenvolver o calendário de atividades anuais, a fim de incentivar a frequente utilização da praça e a valorização da cultural andino-amazônica ao longo do ano, por meio da criação de eventos, tanto em datas comemorativas como fora delas.

Como é possível notar, a importância desse projeto alcança diversas pessoas, culturas e regiões - baseado nisso, a perspectiva da ÁTICO em relação ao futuro do projeto Nova Kantuta a curto prazo segue sendo a inserção definitiva de outros elementos andino-amazônicos que já se encontram em discussão. Ademais, no presente momento, há um empenho pelo grupo em obter maiores informações sobre a cultura que rodeia todo o ideal da praça e opiniões da população acerca da proposta projetual, já que, devido ao período atípico vivido mundialmente (isto é, a pandemia do coronavírus), houve o afastamento temporário no ano de 2020 entre a assessoria e as pessoas - visto que muitas delas não possuem acesso à internet. Após a finalização do projeto de forma participativa com a incorporação dos novos elementos culturais, a execução efetiva do projeto da Praça Nova Kantuta revela-se como a principal expectativa da ÁTICO a longo prazo. Dessa forma, são objetivadas consequências positivas que englobam desde a criação de um ponto turístico e de um marco cultural no local, até uma significativa melhora econômica para os feirantes da Kantuta e aumento da qualidade vital das pessoas em situação de rua que encontram-se na praça.

Referências bibliográficas

Bazán, P. (2020). *Evidências e reflexões sobre uma possível ligação histórico-cultural entre os povos andinos pré-colombianos e a cultura Kadiwéu do Brasil por meio da simbologia Chakana nas diversas expressões artísticas*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), São Paulo, SP, Brasil.

Bolívia e Turismo. (2019). *Puerta del Sol - Paz*. Recuperado em 26 abril, 2021, de <https://boliviaesturismo.com/pt/puerta-del-sol-ingavi-la-paz-boliviaesturismo/>.

Copacabana. (sf). *Historia de Copacabana, Rio de Janeiro, Brasil*. Recuperado em 26 abril, 2021, de <https://copacabana.com/historia-de-copacabana>.

Hernán, M. M. J. (2017). *Tiahuanaco en el legado cultural y arqueológico andino*. Monografía, Universidade Central Do Equador (UCE), Quito, Equador.

Lira, Jorge; Huamán, Mario M. Diccionario quéchua. Lima: Universidad Ricardo Palma: Editorial Universitária, 2008.

Pacca, P. E. A. C. (2010). *A estagnação urbana como parte da metrópole paulistana do século XXI-o caso do Pari* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).

Santos, B. de S. (2019). *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Silva, S. A. D. (2005). A migração dos símbolos: diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. *São Paulo em Perspectiva*, 19(3), 77-83.

Autores

Ana Carolina de Paula Bezerra. Graduanda em arquitetura e urbanismo no Instituto Federal de São Paulo, escritório modelo ÁTICO. carolina.paula@aluno.ifsp.edu.br

Ana Carolina G. Liess. Graduanda em arquitetura e urbanismo no Instituto Federal de São Paulo, escritório modelo ÁTICO. ana.liess@aluno.ifsp.edu.br

Katarina Andreosi A. B. Arantes. Graduanda em arquitetura e urbanismo no Instituto Federal de São Paulo, escritório modelo ÁTICO. katarina.andreosi@aluno.ifsp.edu.br

Taymara Ingrid Leonardi. Graduanda em arquitetura e urbanismo no Instituto Federal de São Paulo, escritório modelo ÁTICO. leonardi.t@aluno.ifsp.edu.br

Alexander Soyey Yamaguti. Professor, arquiteto e urbanista, mestre em arquitetura pela FAUUSP, coordenador da URB.Educacional. asybrasil@gmail.com

PARANAPIACABA: OLHARES DE UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

Eje/Eixo Temático 2

Elaine M. Albuquerque
Enrico Spaggiari
Mariana Hangai
Rodrigo V. Chiquetto
Yuri Bassichetto Tambucci
Universidade de São Paulo

Resumo

O presente artigo tem por objetivo pensar a relação entre Arquitetura e Antropologia a partir de uma experiência metodológica realizada na Vila Ferroviária de Paranapiacaba, em Santo André, ABC paulista. O trabalho envolveu pesquisadores e estudantes de ambos os campos de conhecimento e foi levado a efeito por meio de uma expedição etnográfica com a finalidade de identificar mais aspectos da paisagem cotidiana reveladas a partir da imersão do arquiteto no campo de investigação e interação com seus vivenciadores. A proposta desta atividade visava criar e fortalecer diálogos entre os estudos da paisagem e do planejamento urbano aliada a outra forma de produção de conhecimento: a Antropologia, através da abordagem etnográfica. Para tanto, a escolha metodológica não foi arbitrária, pois havia uma intenção de que essa imersão fosse procedida de maneira menos intuitiva, mantendo sempre o foco, critério e rigor da produção de informações e processos analíticos. Entre muitos descompassos e algumas “pistas”, foi possível perceber, a partir da expedição etnográfica, a formação de um ciclo de mal-entendidos e desconfianças que são percebidos pelos atores envolvidos, mas enfrentam muitas barreiras quando se buscam soluções e negociações. Com a expedição etnográfica e a disposição em compreender e descrever as várias perspectivas, ao menos se apontam caminhos para um entendimento mais completo e atento às complexidades de Paranapiacaba.

Palavras-chave: **Paranapiacaba, Paisagem, Antropologia, Processo metodológico, etnografia.**

Resumen

El presente artículo tiene por objetivo pensar la relación entre Arquitectura y Antropología a partir de una experiencia metodológica realizada en la Vila Ferroviaria de Paranapiacaba, en Santo André, ABC paulista. El trabajo involucró investigadores y estudiantes de ambos campos de conocimiento y se llevó a cabo por medio de una expedición etnográfica con la finalidad de identificar mas aspectos del

paisaje cotidiano reveladas a partir de la inmersión del arquitecto en el campo de investigación e interacción con sus vivenciadores. La propuesta de esta actividad visaba crear y fortalecer diálogos entre los estudios del paisaje y del planeamiento urbano aliada a otra forma de producción de conocimiento: la Antropología, a través del enfoque etnográfico. Por tanto, la elección metodológica no fue arbitraria, pues había una intención de que esta inmersión fuese procedida de manera menos intuitiva, manteniendo siempre el enfoque, criterio y rigor de la producción de informaciones y procesos analíticos. Entre muchos desajustes y algunas “pistas”, fue posible percibir, a partir de la expedición etnográfica, la formación de un ciclo de mal-entendidos y desconfianzas que son percibidos por los actores involucrados, pero que enfrentan muchas barreras cuando se buscan soluciones y negociaciones. Con la expedición etnográfica y la disposición para comprender y describir las varias perspectivas, se apuntan caminos para un entendimiento más completo y atento a las complejidades de Paranapiacaba.

Palavras-chave: Paranapiacaba, Paisaje, Antropología, Proceso metodológico, etnografía.

1. Introdução

A busca por qualidade de vida nas cidades do século XXI envolve importantes desafios para o planejamento urbano e requer da atuação profissional a ampliação de olhar que, além de envolver múltiplos temas como os relacionados à sustentabilidade ambiental, preservação do patrimônio cultural e memória, deve ainda ser amparada por elementos que somente podem ser apreendidos na escala do lugar. Somam-se a essa constatação os efeitos decorrentes do processo de redemocratização no Brasil, em que foram se consolidando, ainda que paulatinamente, espaços para recepcionar o pleito da população em temas diversos que lhe diz respeito (conselhos setoriais, manifestações populares, audiências públicas...) e isso inclui seu envolvimento na elaboração de propostas de qualificação urbana.

Essa nova configuração pede um novo arquiteto, capaz de saber ouvir e dialogar com grupos sociais distintos e acomodar essas demandas e desejos, em projetos que respondam a esses anseios. Nesse sentido, é notável o esforço de muitos profissionais em desenvolverem projetos coletivos envolvendo a população nas etapas de proposição e implementação de propostas. Há, entretanto, situações em que esses mecanismos e estruturas de participação são insuficientes e a parceria não acontece. As dificuldades de diálogo (ou falta dele) entre os técnicos desenvolvedores de projetos, planejamentos e políticas urbanas com a população atingida são as principais razões de enviesamento de diagnóstico que tendem a deformar os partidos projetuais que, como consequência, resultam em intervenções incompatíveis à dinâmica dos lugares.

Neste caso, fica clara a necessidade de um reposicionamento do arquiteto, para evitar que seu entendimento técnico-teórico, forjado a distância, seja tomado como suficiente para compreender a realidade do lugar. Este reposicionamento demanda esforço que diz respeito a algo muito intrínseco à formação do arquiteto, pois mesmo que esta profissão tenha eminentemente uma função social, com poucas exceções (a exemplo da Universidade Nacional de Córdoba), sequer a questão da participação da sociedade nos desígnios que dizem respeito aos espaços cotidianos se consolidou como prioridade nos conteúdos programáticos das faculdades de arquitetura e urbanismo (MOASSAB e NAME, 2020; FERREIRA & FLÓRIO, 2015, SANTANA, 2013).

Essa defasagem está estreitamente ligada ao modo como se faz a escuta, pois se cada lugar tem uma singularidade e complexidade que se manifesta de modo mais explícito para quem o vivencia, a interpretação de uma realidade não pode ser adequadamente apreendida pelo exclusivo olhar do especialista, baseado em planejamentos concebidos a partir de enfoques universalistas, distanciado do cotidiano das pessoas.

Por sua vez, a capacidade de reconhecer e projetar a partir das particularidades que se mostram na paisagem, seu universo de significados e valores se dá por meio de uma visão de cidadania, baseada na empatia. É, portanto, uma capacidade que só se desenvolve por estímulo e prática, consolidando-se à medida que o profissional é exposto à experiência “com a cidade e na cidade” (ANGILELI, 2012), pois é somente no contato com as pessoas em seus lugares de vida que se descobre mais do que formas e estruturas físicas, como também as dinâmicas, os conflitos, as práticas e o modo como eles se relacionam. E nesse processo o pesquisador transforma e é transformado.

O reconhecimento do protagonismo dos habitantes da cidade e o interesse pela instância do mundo vivido é um modo de fazer arquitetura que encontra alinhamento no campo da antropologia. Nessa fusão de conhecimentos encontra-se uma complementaridade de fazeres mútuos, pois se a arquitetura pode transformar as constatações capturadas pelo olhar antropológico em insumos para suas proposições, a antropologia pode qualificar as intervenções urbanísticas que se firmam nesse tipo de diagnóstico; nas palavras de Tim Ingold *“a antropologia se empenha em observar e descrever a vida tal qual como a encontramos, mas não em mudá-la, ao passo que a arte e a arquitetura têm a liberdade de propor formas nunca antes encontradas...”* (INGOLD, 2017:11)

Dentro desses propósitos, o presente artigo tem por objetivo pensar a relação entre Arquitetura e Antropologia a partir de uma experiência metodológica realizada na Vila Ferroviária de Paranapiacaba — em Santo André, ABC paulista. O trabalho envolveu pesquisadores e estudantes do campo do Urbanismo e da Antropologia. Este trabalho foi levado a efeito por meio de uma expedição etnográfica que compôs parte dos trabalhos de campo que serviram de insumos para a tese de doutorado *Desvelando a Paisagem Ferroviária de Paranapiacaba*, desenvolvida pela arquiteta Elaine Moraes de Albuquerque e defendida em 2017 na FAUUSP.¹

A proposta desta atividade visava criar e fortalecer diálogos com uma outra forma de produção de conhecimento — a etnografia, ferramenta concebida pelos antropólogos, no campo do paisagismo e planejamento urbano —, com a finalidade de identificar mais aspectos da paisagem cotidiana reveladas a partir da imersão do arquiteto no campo de investigação e interação com seus vivenciadores. A escolha metodológica não foi arbitrária, pois havia uma intenção de que essa imersão fosse procedida de maneira menos intuitiva, mantendo sempre o foco, critério e rigor da produção de informações e processos analíticos.

Da parte dos antropólogos havia um propósito de validar novos e antigos procedimentos metodológicos em outros contextos, além de testar a possibilidade de replicar algumas das categorias, clássicas e contemporâneas, acionadas pela Antropologia Urbana em contextos de atuação de profissionais advindos das ciências sociais aplicadas.

¹ Além desta, foram realizadas outras pesquisas no campo da Arquitetura e Urbanismo a partir dessa interface com a etnografia, entre as quais destacamos o TFG Vila de Paranapiacaba como patrimônio afetivo: um projeto com metodologia participativa (COCCI, 2019), a dissertação *Novos olhares: uma leitura da cidade por suas crianças* (VICENTE, 2018) e a tese *Habitar a paisagem: o reconhecimento da experiência estética como direito à cidade* (WEHMANN, 2019).

2. Vila de Paranapiacaba



Fig. 1 – Vista para a Serra do Mar e em direção ao Mar. Foto: Israel Mário Lopes, 2017

A posição geográfica privilegiada da Vila de Paranapiacaba, entre o Planalto Paulista e a Serra do Mar, propicia uma paisagem singular da Mata Atlântica com uma vista panorâmica que chega ao Oceano. Sua exuberância é o ponto central para atração de diversos visitantes e tem sido a justificativa da permanência de muitos moradores, a despeito das dificuldades pertinentes a um lugar afastado do núcleo urbano.

Localizada no ABC paulista, à sudeste da Região Metropolitana de São Paulo–RMSP, e à distância de 65 quilômetros da capital, Paranapiacaba pertence a uma área destinada à proteção dos mananciais e importantes fragmentos naturais que fazem parte da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde de São Paulo – UNESCO, sendo assim, uma região de poucas pressões urbanas que decorrem da baixa densidade demográfica e da aplicação de restrições ambientais e urbanísticas específicas (PSA, 2008).

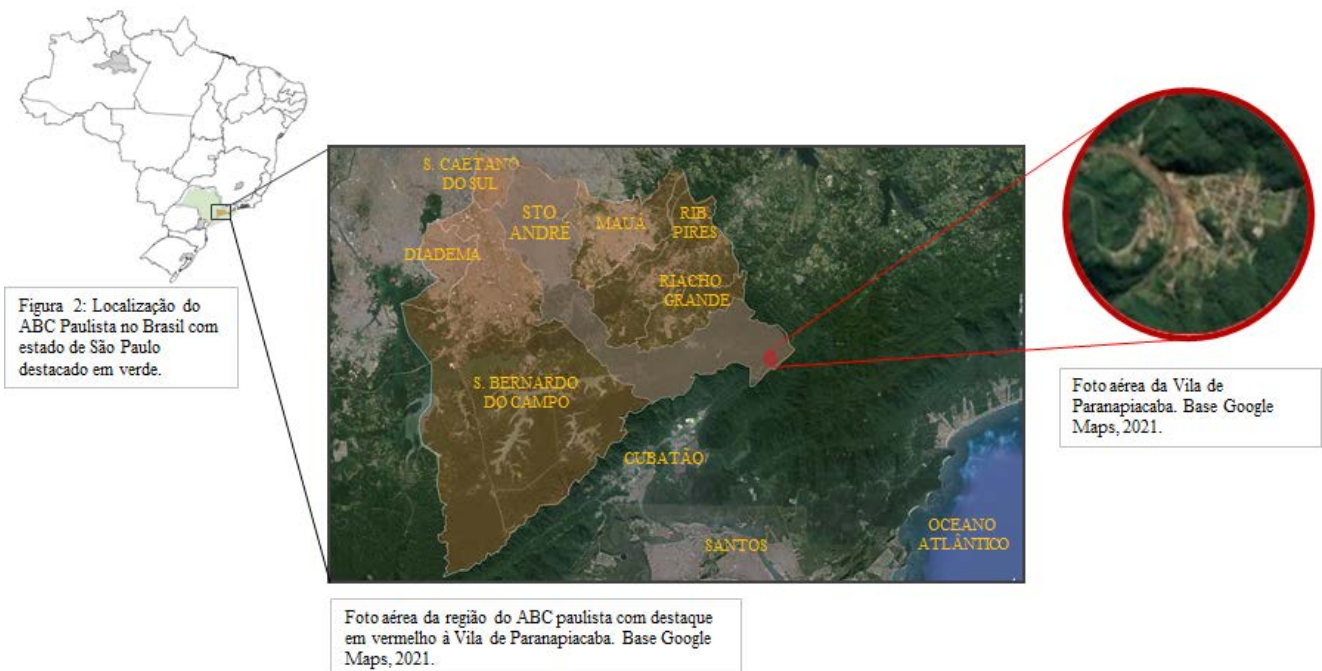


Figura 2: Localização do ABC Paulista no Brasil com estado de São Paulo destacado em verde.

Foto aérea da Vila de Paranapiacaba. Base Google Maps, 2021.

Foto aérea da região do ABC paulista com destaque em vermelho à Vila de Paranapiacaba. Base Google Maps, 2021.

Fig. 2 – Localização de Paranapiacaba no Brasil, São Paulo e no ABC paulista. Albuquerque, 2021.

A história da Vila está atrelada à São Paulo Railway (SPR), primeira linha ferroviária do estado de São Paulo, e por sua estrutura arquitetônica ao estilo de vila operária inglesa, empreendimento desenvolvido com tecnologia avançada para a época. Até hoje esses elementos significam um acervo tecnológico ferroviário de grande importância para o patrimônio brasileiro; valor oficialmente reconhecido por tombamento nos três níveis governamentais².

Apesar de ser amplamente conhecida pela tríade natureza-patrimônio-cultura, Paranapiacaba é também um território complexo e repleto de contradições. As políticas públicas que se ocupam da gestão ambiental-paisagística e patrimonial da Vila têm encontrado dificuldades na adesão dos moradores ao processo que balizaria a configuração e gestão do território nesses novos tempos.

A percepção dessas tensões e controvérsias se agrava ao considerarmos a dificuldade de inclusão de segmentos sociais de baixa renda que sobrevivem como que apartados de uma lógica turística que se detém ao valor de beleza e excepcionalidade, caracterizado pela exuberante paisagem e ao acervo ferroviário e arquitetônico da chamada 'Vila Histórica'.³

As contradições existentes entre 'exuberância e precariedade' reveladas na Paisagem de Paranapiacaba, por si só, justificariam a necessidade de um olhar mais atento para a

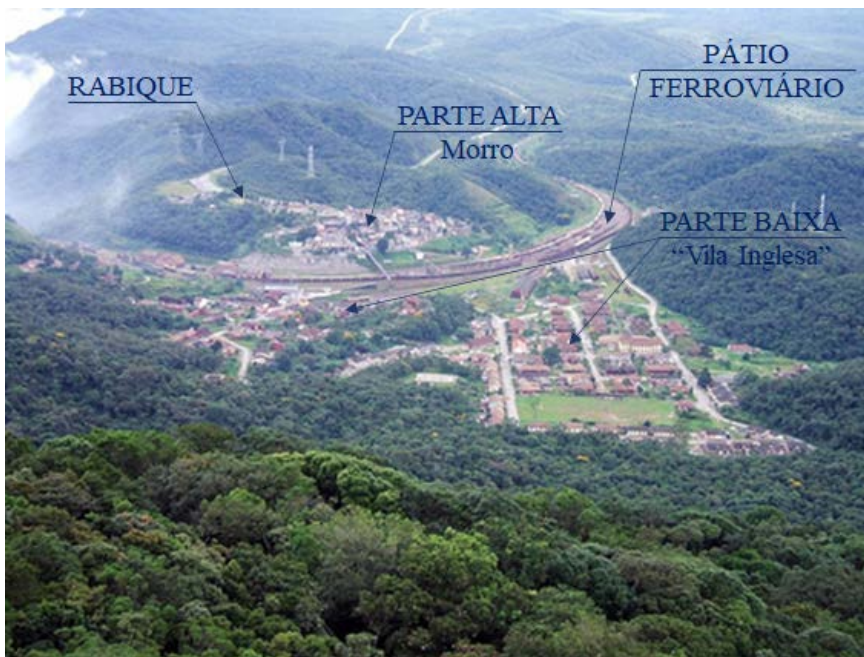


Fig. 3 – Setores da Vila de Paranapiacaba. Foto: FAUUSP/PSA, 2006 com alterações de ALBUQUERQUE, 2021.

2 No âmbito estadual, a Vila e seu entorno foram tombados pelo CONDEPHAAT em 1987, tendo em vista resguardar o patrimônio histórico, arquitetônico e cultural, por ser a única vila ferroviária, em estilo britânico, conservada no Brasil, e o patrimônio ambiental, devido aos remanescentes da Mata Atlântica. O IPHAN - nível federal - iniciou o processo de tombamento em 1985 e finalizou em 2002, tendo como motivação o valor histórico do conjunto. O tombamento pelo Município se deu pelo CONDEPHAAPASA, cujo processo, iniciado em 1996, foi finalizado em 2003, após um longo debate sobre a situação fundiária da Vila. A área de tombamento estabelecida no âmbito municipal é maior que as definidas pelo CONDEPHAAT e IPHAN, pois abarca toda a área urbana da Vila (Parte Alta, Vila Velha, Vila Martin Smith), o meio ambiente natural de seu entorno, incluindo o Parque Natural Municipal Nascentes de Paranapiacaba, a Linha Férrea que se alonga até a divisa com Rio Grande da Serra com seus complementos (as ruínas das pontes da Serra Velha e da Máquina Fixa do 4º Patamar) bem como sua área de entorno.

3 A Vila de Paranapiacaba é segregada pela linha Ferroviária (SPR), hoje sob concessão da empresa MRS que mantém suas atividades restringidas ao transporte de cargas. Ainda que apenas a porção referente à "Vila Inglesa" receba maior destaque, a Vila de Paranapiacaba é, conforme estabelece a Lei municipal 9.018/07, dividida em três porções, além da área de Ferrovia: Parte Alta, que os moradores denominam "Morro", originada da ocupação de famílias de comerciantes que edificaram seus lares e estabelecimentos para apoiar o assentamento urbano vizinho, implantado no início do século XIX pela Cia Inglesa - SPR - para acolher os funcionários com suas famílias: a Parte Baixa. Essa parte - composta pela Vila Velha e pela Vila Martin Smith - é também chamada, sobretudo pelos "forasteiros", de Vila Histórica ou Vila Inglesa. Os espaços destinados à moradia de comerciantes e de trabalhadores da ferrovia eram muito bem delimitados e, à medida que esses trabalhadores se aposentavam, deveriam entregar os imóveis para a administradora da área - a SPR. Então, aqueles que queriam permanecer no lugar adquiriram imóveis no Morro, onde a propriedade era privada. Mais recentemente, há cerca de 40 anos, conformou-se na área contígua ao Morro uma ocupação chamada Rabique com cerca de 30 domicílios - essa ocupação é considerada irregular pela Prefeitura, porque se formou espontaneamente. Mesmo com a presença marcante das demais partes da Vila, a parte que mais recebe visibilidade e tem tratamento distinto é a Vila Histórica, ainda mais por ser atualmente propriedade pública municipal, além de estar no perímetro de tombamento do IPHAN, recebendo assim, recursos públicos para obras de restauração.

sensibilidade do lugar. Por isso, a paisagem no espaço cotidiano da Vila, enquanto suporte dos modos de vida das pessoas e da relação delas com seu meio, foi tomada como objeto de investigação, sendo que a escolha de metodologias adequadas para melhor compreendê-la ocupou parte importante do trabalho.

3. Expedição etnográfica

Mais do que uma ciência que procura compreender os outros e as suas diferentes formas de dar sentido e viver o mundo, a Antropologia tem como objeto de estudo a alteridade, as relações de estranhamento e familiaridade, e os movimentos de busca por um entendimento entre pesquisador e pesquisado. A metodologia que por excelência ampara essa disciplina é a etnografia, que tem como características a observação sistemática e a permanência intensiva em campo, construindo assim uma perspectiva *de perto e de dentro*,

[...] a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se vêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. Esta estratégia supõe um investimento em ambos os pólos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise (MAGNANI, 2002, p. 132).

Abordagem que preza pela interlocução com os diferentes atores sociais que compõem um cenário de análise, a etnografia possibilita entrar em contato com o universo dos pesquisados — seus hábitos, valores, práticas, regras, o universo simbólico — e compartilhar seu horizonte. O olhar etnográfico permite, então, transitar entre uma diversidade de estruturas de significado, modelos de pensamento e expressões de linguagem. Esse encontro possibilita ainda colocar em contato e comparar as teorias do pesquisador e do pesquisado, podendo assim produzir novos modelos de entendimento ou, ao menos, novas pistas sobre os contextos estudados (MAGNANI, 2002, p.135).

Entretanto, ao contrário de uma etnografia clássica, em que o pesquisador tradicionalmente passa longos períodos em determinado contexto cultural, a experiência em Paranapiacaba exigiu a utilização de uma estratégia metodológica classificada como *expedição etnográfica*. Se os enfoques habituais das pesquisas antropológicas, no âmbito propriamente acadêmico, seguem o modelo clássico das pesquisas individuais, com uma jornada solitária, de longa duração, acompanhando o dia a dia na aldeia de um povo longínquo —, a *expedição etnográfica* coloca vários pesquisadores em campo ao mesmo tempo, imersos na dinâmica do ambiente urbano, realizando observações sobre diferentes práticas e compartilhando olhares e relatos num período mais curto de tempo.

Algumas propostas de aplicação do método para distintas unidades de análise, principalmente a partir da “Expedição Etnográfica”, têm sido acionadas pelo LabNAU/FFLCH (Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP) ao longo das últimas duas décadas. Apesar de serem antecedentes com propósitos,

expectativas e enfoques diferentes,⁴ tais “expedições”, inclusive a desta pesquisa, têm em comum uma estratégia que procura reproduzir um dos preceitos clássicos da prática etnográfica, a “observação participante” (MALINOWSKI, 1984[1921]), ao mesmo tempo em que propõe novas abordagens antropológicas, articulando “prática etnográfica” e “experiência etnográfica” (MAGNANI, 2009).⁵

Para realizar essa abordagem, fez-se necessário seguir alguns protocolos de preparação da etnografia. Foram realizados dois encontros em setembro e outubro de 2016 que reuniram pesquisadores do LABPARC/FAU (Lab. Paisagem, Arte e Cultura), sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Catharina Lima, e pesquisadores do LabNAU/FFLCH. Nestes encontros, realizou-se um workshop metodológico cujo principal objetivo era estimular uma reflexão sobre a realização de uma “expedição etnográfica” voltada para os estudos da Paisagem e Ambiente em Paranapiacaba, pois, como dito, essa estratégia metodológica se diferencia das etnografias clássicas realizadas individualmente por etnógrafos em lugares diferentes e distantes de seus contextos de origem. Tendo em vista que a pesquisa seria realizada por pesquisadoras e pesquisadores de áreas diferentes, o workshop foi fundamental para refinar a proposta de uma prática etnográfica coletiva e compartilhada, amparada por teorias, conceitos e hipóteses em comum. Embora a maior parte dos pesquisadores não tivesse experiência com o método proposto, vale ressaltar que o caráter multidisciplinar da equipe (Antropologia, Arquitetura e Urbanismo) contribuiu de forma decisiva para a riqueza da coleta de dados etnográficos.

Ao longo do treinamento, fez-se um detalhamento das etapas da pesquisa e dos procedimentos do trabalho: preparação do campo, aproximação e contato com interlocutores, formas de observar (treinamento do olhar), posição do etnógrafo em campo, instrumentos de trabalho (caderno de campo, imagens), redação do relato etnográfico e produção analítica (relatório final.). Tais procedimentos iniciais foram fundamentais para os pesquisadores compreenderem as singularidades do contexto específico visitado e estabelecer estratégias metodológicas.

A expedição etnográfica foi composta por treze pesquisadores, sendo quatro antropólogos e nove arquitetos,⁶ e estendeu-se por quatro dias, entre 06 e 09 de outubro de 2016. Um trabalho de campo intensivo, marcado por encontros para

4 O primeiro foi a “Expedição São Paulo: refazendo os antigos caminhos de São Paulo, 1985”, caminhada de uma semana realizada com diversos especialistas – arquitetos, historiadores, cientistas sociais, ambientalistas –, dentre os quais José Guilherme Magnani, seguindo os mesmos trajetos dos viajantes do século XIX para confrontar, conforme a proposta de seu organizador, o arquiteto Julio Abe Wakahara, as descrições daquele “vazio oitocentista” com a trama urbana da mesma cidade 100 anos depois. Esta experiência foi replicada e ampliada com um grupo maior de especialistas por ocasião dos 450 anos da cidade de São Paulo: “Uma viagem por dentro da metrópole”, coordenada por José Guilherme Magnani, em janeiro de 2005. Divididos em duas equipes, os pesquisadores percorreram a cidade da zona sul à norte, da região leste à oeste, visitando instituições, observando equipamentos públicos e privados, entrevistando lideranças, conversando com moradores e registrando a paisagem urbana. Nenhuma das duas, contudo, foi pensada segundo o modelo clássico da pesquisa antropológica, mas certamente podem ser consideradas como “experimentos de inspiração etnográfica”. Já o projeto “Cidades médias da calha do rio Solimões”, realizada pelo NAU em parceria com o NEPECAB/UFAM (Núcleo De Estudos e Pesquisas Das Cidades Da Amazônia Brasileira), na Amazônia, em diferentes períodos entre os anos 2013 e 2015 orientou uma pesquisa de mais longa duração, mas também com caráter experimental, porquanto combinou métodos da geografia com o da etnografia. Em 2015, realizou o projeto “Cultura e lazer: as práticas de lazer e físico esportivas dos frequentadores do SESC em São Paulo”, no qual uma equipe de 10 pesquisadores acompanhava, durante uma semana, as atividades e eventos de uma unidade do SESC (e de nove ao todo ao longo de um ano de pesquisa). Outros exemplos são as incursões etnográficas coletivas na “Virada Cultural”, no centro da capital paulistana, em 2014 e 2015 e, mais remotamente, a pesquisa “Santana de Parnaíba, Memória e Cotidiano” em 1984, solicitada pelo CONDEPHAAT – desenvolvidas no âmbito do LabNAU/USP.

5 Como aponta Magnani (2009), a “prática etnográfica” e a “experiência etnográfica” são dependentes uma da outra; se primeira é programada e contínua, a segunda, descontinua e imprevista, induz à “prática” (2009, p.136).

6 Colaboraram com esta expedição os seguintes pesquisadores: Prof.^a Dr.^a Catharina Lima (LABPARC/FAU) e Prof. Dr. José Guilherme Magnani (LabNAU/FFLCH); Elaine Moraes de Albuquerque; Enrico Spaggiari; Greta Comolatti; Hulda Wehmann; Maria Isabel Magalhães; Mariana Hangai; Paula Martins Vicente; Rafaela Izeli; Rodrigo Chiquetto; Tatiana Reis; Yuri Bassichetto Tambucci.

solucionar dúvidas sobre o teor da pesquisa, atualizar informações de agendamento e demais informações pertinentes ao trabalho de campo da equipe, inclusive reavaliando antigos e novos procedimentos a partir das primeiras experiências em Paranapiacaba. Além disso, ao fim do dia no alojamento da Vila⁷ no qual estava hospedada, a equipe já colocava em debate algumas “pistas explicativas” sobre questões e situações levantadas nas observações.

Pesquisadoras e pesquisadores percorreram diferentes setores de Paranapiacaba, realizando observações e interlocuções com diferentes atores sociais locais sob o princípio básico da observação participante, provocando uma intersecção de conhecimentos entre os “de dentro” e os “de fora”, isto é, entre pesquisadores, moradores, frequentadores e turistas. Uma experiência antropológica que permitiu, para além dos famosos eventos e festas aos finais de semana, entrar em contato com dimensões mais profundas do cotidiano da vila de Paranapiacaba: experiências de vida dos moradores; conhecimento de histórias locais, relacionadas ao histórico da vila; a visita a locais pouco explorados por turistas. A permanência de quatro dias consecutivos permitiu que a equipe convivesse com comerciantes, artistas, frequentadores, empreendedores e agentes públicos, favorecendo o aparecimento de olhares distintos. A observação dessa gama de atores sociais permitiu o acesso a um conjunto de categorizações nativas, acionadas cotidianamente para fazer referência ao que é feito, vivenciado e praticado em Paranapiacaba. Dimensão que uma observação distanciada, “de longe e de fora” (MAGNANI, 2002), não conseguiria apreender.



Fig. 4 – Treinamento e preparação do campo, realizados nas instalações da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/ USP. Foto: Albuquerque, 2016.

Após os quatro dias de campo, munidos de suas anotações dos cadernos de campo, pesquisadoras e pesquisadores dedicaram-se à escrita dos relatos de campo, produzidos seguindo um formato combinado previamente, para conservar a riqueza das descrições etnográficas, sem perder suas potencialidades em eventuais articulações. A multiplicação de olhares não se restringiu ao momento do trabalho de campo, pois o compartilhamento de olhares da equipe — etnógrafos e paisagistas — e o confronto dos pontos de vista em relação às situações presenciadas também foram preservados na etapa da produção textual. Os resultados dos trabalhos de observação, registrados em relatos de campo, foram compartilhados por toda a equipe de pesquisa para esboçar um vocabulário comum a ser aplicado nos relatos, não no sentido de padronizar seus elementos descritivos, mas como estratégia para facilitar a conexão entre os textos de diferentes pesquisadores, ampliando as potencialidades de uma prática etnográfica realizada em um período relativamente curto de permanência em Paranapiacaba.

7 O Centro de Visitantes (a ala do alojamento) foi cedido para acolher os pesquisadores participantes dessa atividade pela antiga SGRNPPA (Secretaria de Gestão de Recursos Naturais de Paranapiacaba/ Prefeitura de Santo André), responsável pela gestão local da Vila.



Fig. 5 – Expedição etnográfica, trecho a caminho do Rabique. Foto: Paula Vicente (2016).

O conjunto de relatos mostrou como as vivências cotidianas podem reproduzir significados diferentes, que se conectam e perfazem a totalidade das observações realizadas em campo, possibilitando uma ampliação do entendimento sobre a Vila.

Uma pluralidade de perspectivas que se apresenta tanto pelas situações presenciadas e observadas, seus detalhes e circunstâncias, bem como posições diferenciadas ocupadas por aqueles e aquelas que estão para observar e registrar vivências e práticas cotidianas. Aspectos que forneceram elementos, durante a preparação deste artigo, para a sistematização e análise das informações e narrativas recolhidas durante a Expedição Etnográfica. Por isso a preocupação metodológica em sistematizar essas definições recolhidas em campo.

É a partir destes múltiplos olhares em um período curto de permanência em cada equipamento e no entorno, mas articulados em uma rede textual de relatos e em um conjunto de categorias de classificação a partir deles, que o método etnográfico amplia o horizonte de análise e interpretação para resultados progressivamente mais abrangentes, que podem ser articulados com mais unidades de sentido recolhidas em contextos diferentes. Assim, a partir de uma perspectiva *de perto e de dentro*, atenta às sutilezas dos cenários, atores e regras locais, a expedição etnográfica permitiu identificar algumas “pistas” interessantes para compreender a experiência de vida dos moradores da Paranapiacaba em sua relação com a cidade. As “pistas” advindas dessa experiência acabaram por corroborar os achados analíticos das entrevistas; entre eles, as diferentes temporalidades, as diversas formas de habitar o lugar e o sentimento recorrente de invasão.

4. Impasses entre o vivido e o concebido

Como já visto, a Vila de Paranapiacaba, inaugurada em meados do Século XIX, por conta da estação ferroviária instalada no local, é um importante polo turístico da região do ABC paulista e do Estado de São Paulo. A vila é tombada nos níveis municipal, estadual e federal, e conta com incursões de vários coletivos de visitantes aos finais de semana e em diferentes épocas do ano. São grupos de ciclistas, motoqueiros, trilheiros, góticos, bruxas, noivas, memorialistas — somente para citar alguns. É considerada, por muitos, uma “vila mágica”, tendo como uma de suas principais atrações sua própria paisagem, que mistura intensas brumas com casas do século XIX e com trens que ainda passam por ali.

No entanto, é comum, por parte daqueles que buscam a realização de

ações junto aos moradores de Paranapiacaba, o relato de que a população da vila pouco se envolve em tais projetos (tanto de cunho privado quanto público). Há um entendimento de que os habitantes não se interessariam por qualquer ação relacionada a questões locais, criando barreiras para a sua interlocução com estes agentes e dificultando qualquer ação mais propositiva.

Tais entendimentos precisam ser levados a sério, contudo, nesse cenário parecia faltar às narrativas dos próprios moradores: como entendem sua relação com turistas e com instituições públicas e privadas e como, a partir de suas próprias divisões internas estabelecem uma relação com o território. Com o objetivo de alcançar essas importantes perspectivas, foi realizada, em outubro de 2016, uma expedição etnográfica. As pistas explicativas que foram encontradas podem aprofundar as nuances das relações estabelecidas.

Já nos primeiros contatos dos pesquisadores com Paranapiacaba a oposição entre a “parte alta” e a “parte baixa” da Vila apareceu como uma das questões centrais na dinâmica e cotidiano dos moradores, assim como para as intervenções do poder público. Tal divisão baseia-se nos aspectos geográficos, na ocupação e na arquitetura das construções, mas também aparece na forma como os próprios moradores entendem sua relação com o território e, mais especificamente, com suas casas.

Há uma encosta íngreme, ocupada historicamente por portugueses católicos e marcada hoje por casas de propriedade de seus moradores. No vale, vários trilhos de trem separam o “morro” do outro lado, com a “vila”. Entre ambos os lados, uma passarela permite a passagem de pedestres, bicicletas e motocicletas. De onde estamos, é possível observar na Vila duas ruas principais, oblíquas entre si, que levam dos trilhos e da ponte em direção à Serra. Entre elas há uma área de vegetação espessa com uma casa grande no centro. A terra se eleva de forma cada vez mais acentuada, até que, onde já não há mais construções (ali fica um parque de conservação ambiental), forma uma cadeia de montanhas — a Serra do Mar. A serra apresenta alguns sulcos, que imagino serem cursos d’água e abrigam traços de nuvens. O tempo aberto mais tarde se fecharia com uma neblina espessa vinda do Oeste. (Relato de Campo, Yuri, 6 de outubro de 2016)

Na “parte alta” da Vila as construções eram dispostas uma ao lado da outra, de maneira geminada, com predomínio de sobrados na rua em frente ao vale com vista para a ferrovia – Rua William Speers – abrigando atividades comerciais na parte térrea (mercado, padaria, restaurante, lanchonete, café) e moradia no andar superior. As construções que não eram assobradadas aparentavam ter apenas o uso residencial. As fachadas coloridas contrastavam com as casas pintadas de marrom da parte baixa, as construções arruinadas e suas ruas vazias durante o período da semana, que traziam uma sensação de abandono.

Na percepção de alguns moradores e agentes do poder público que atuam na região, essa divisão também é reforçada pelos processos de gestão pública muito lastreados em uma visão do que seria a preservação da Vila enquanto bem cultural e da forma como a aplicação das regras advindas dessa proteção implicam na vida dos moradores locais. Apesar de, a partir de 2001, os imóveis da “parte baixa” terem passado a ser de propriedade do poder público municipal, por conta de seu valor arquitetônico que é historicamente associado à presença dos ingleses, o tombamento mais recente, que é no âmbito municipal (2003), abrange não apenas esta porção da Vila, mas todo o seu entorno, considerando todo o conjunto de paisagem. Entretanto essa “supervalorização” para a parte baixa como “a Vila Histórica” como a única a ser protegida é geradora de importantes conflitos. Segundo uma de nossas

interlocutoras, que era funcionária da prefeitura, os moradores da parte baixa se sentem valorizados e importantes ao mesmo tempo que sentem uma separação em relação ao seu espaço de moradia, já que as casas “pertencem à prefeitura” e que eles são proibidos até mesmo de mexer no jardim sem pedir autorização. Por sua vez, os moradores do Morro (parte alta) e do Rabique se sentem menosprezados pela assimetria de investimentos e cuidados do poder público em relação ao seu espaço de moradia. É importante dizer que esses conflitos ficam muito evidenciados naquela paisagem que se retroalimenta de uma espécie de ressentimento provocado por uma barreira física que demarca a segregação do território por meio da linha ferroviária.

Ao longo do trabalho de campo foram coletadas muitas narrativas acerca dos impactos que a legislação patrimonial e ambiental produz na vida dos moradores e nas relações da comunidade. Uma comerciante e moradora da parte baixa relatou que aqueles que vivem naquele território “*têm medo de perder suas moradias*”, por conta de a prefeitura ser a proprietária desses imóveis, cobrar aluguéis abaixo do valor de mercado e também pelas restrições impostas pela legislação. Sobre os impactos da legislação no cotidiano dos moradores, ela compartilhou uma situação que vivenciou com seu filho, que construiu com um amigo uma casa na árvore, e por conta disso foram denunciados para a Prefeitura por um vizinho que pensou que era de caçador. A prefeitura providenciou o desmonte da construção e iniciou uma busca nas matas pelo possível caçador. A operação só foi suspensa quando ela procurou um funcionário da prefeitura e explicou que se tratava de uma brincadeira de criança.

Outra questão amplamente tratada pelos moradores, independente da região em que vivem na vila, são as limitações impostas pela legislação para a realização de obras, reparos ou intervenção nas casas, ainda que de caráter emergencial, de prevenção ou de manutenção, sem alterações na configuração dos imóveis. Tais processos não podem ser realizados sem autorização dos órgãos de tombamento, que, segundo moradores, não demonstram interesse em resolver a questão. Muitos queixam-se que não há nenhuma legislação listando o que eles podem ou não fazer nos imóveis. Uma moradora da Parte Alta relatou que teve que realizar uma obra em sua residência para reconstruir um muro que havia caído e que, por esse motivo, teve que pagar uma multa caríssima por ter realizado a intervenção em um bem tombado, ainda que o muro atual tenha sido construído no mesmo local e com as mesmas dimensões do original que havia caído. De acordo com ela, esse tipo de situação era recorrente na vila e tais restrições do tombamento faziam com que a vila apresentasse um aspecto deteriorado e muitas vezes colocasse a vida dos moradores em risco. Nesse sentido, um caso emblemático que nos foi descrito era de um idoso que vivia em uma construção de madeira bastante deteriorada, com risco de desmoronamento. Apesar da situação ter sido relatada para a Prefeitura de Santo André, solicitando autorização para intervenção, nenhuma ação foi tomada para solucionar a situação.

Até mesmo os moradores da região do Rabique, ocupação espontânea e irregular nas margens da ferrovia, relatam as tensões com a fiscalização ambiental presentes no cotidiano da comunidade. Uma moradora narrou que construiu aos fundos de sua casa um barracão que era identificado com uma placa escrito “igreja”. Ela logo ponderou que seria prudente retirar a placa por conta da prefeitura, pois ali não seria permitido aquele tipo de espaço. Segundo ela, mesmo a região sendo de ocupação irregular, ela também estava sujeita a fiscalização e que por conta disso não podia trocar as madeiras “já inchadas” que constituíam as paredes do barracão. Também foi multada por haver construído paredes no que chamou área de serviço “*Eu tinha de fazer, porque agora eu tenho um banheiro dentro de casa. Eu quero ter um*

bebê, uma filha. Como é que eu ia ter um bebê com um banheiro fora de casa, nesse frio?”. Devido a multa, procurou orientação junto a um vereador, que lhe indicou um arquiteto que ficaria responsável pela obra. Pagou *“muito dinheiro, uns 800 reais.”* A placa do arquiteto estava afixada à parede da obra, ainda por finalizar. Na conversa ainda se queixou da falta de clareza na comunicação das regras patrimoniais: *“Se eles ao menos dissessem o que era o certo e o errado, a gente não fazia errado. Ninguém quer fazer o errado. Mas eles não dizem”*.

As relações daqueles que vivem e habitam a vila são, portanto, permeadas pelas regras que são estabelecidas a partir do processo de tombamento de Paranapiacaba. Se por um lado legislação ambiental e patrimonial parece desconsiderar que Paranapiacaba é um ambiente de vida urbana e, portanto, local de diferentes formas de apropriação e uso dos espaços; por outro, a população parece não ter tido acesso às informações suficientes que justificam os motivos pelos quais não se pode ocupar áreas de mananciais ou modificar as fachadas das edificações sujeitas às regulações lá existentes. Há, portanto, um aparente descompasso e falta de diálogo entre o poder público e a população, entre o vivido e o concebido. O regramento ambiental e patrimonial restritivo, estabelecidos nas últimas décadas, somado à política habitacional implantada ali – sobretudo a forma como se reflete no contrato de permissão de uso de imóveis pertencentes à prefeitura – além da decadência das atividades econômicas cíclicas desenvolvidas, interferem no modo de vida das pessoas e em sua relação com o espaço que as circunda. O afeto parece estar na irregularidade, nas atividades que se apresentam como transgressão às normas estabelecidas.

O olhar *de perto e de dentro* mostrou como tais impossibilidades de realizar os reparos, de ocupar as residências da forma que desejam, ou mesmo — como ocorre na parte baixa — o fato de não serem proprietários de suas casas, traz à tona sentimentos de não pertencimento desses moradores para com a vila e com a comunidade que lá se estabelece. Nesse sentido, pode-se observar que as relações entre aqueles que vivem na Vila muitas vezes são marcadas por acusações e desconfianças. Há casos, inclusive, de denúncias entre vizinhos. Uma moradora da Parte Alta relatou ser comum esse tipo de prática quando se inicia qualquer intervenção ou obra nas edificações. Segundo ela, a comunidade, ao invés de se unir para enfrentar as questões e cobrar posicionamentos e ações dos órgãos públicos responsáveis pelo tombamento da Vila, é desarticulada e não pensa em resolver os problemas que são comuns a todos.

5. Os de dentro e os de fora

Outra oposição que se manifesta, desta vez a partir da comparação de Paranapiacaba nos dias úteis e aos finais de semana, aponta para a distância entre os moradores da vila e os visitantes eventuais. Percebeu-se que há bastante ressentimento nas narrativas daqueles que vivem na vila em relação às ações do poder público, em especial da prefeitura, já que esta estaria preocupada apenas com o turismo em Paranapiacaba e não no bem-estar da população residente. De fato, se durante os finais de semana e os festivais a vila era intensamente ocupada e movimentada, nos dias de semana o que se via ali era a pouca circulação de pessoas, o que fazia parecer que aquele era um território desértico - algo que ficava ainda mais intenso nos dias em que as brumas desciam ao território. Nos dias de semana, frequentemente se observava a seguinte paisagem:

(...) a cidade parecia deserta, como se fosse feriado, com as casas fechadas, quase nenhum movimento na rua e uma neblina e garoa que se alternavam. (Relato de Campo, Yuri, 07 de outubro de 2016)



Fig. 6 – Proximidade do Mercado em dia de Festival de Inverno de 2019. Foto: Ricardo Trida/PSA



Fig. 7 – Proximidade do Mercado em dia de semana, 2021. Foto: Beto Garavello/PSA

Já no final de semana em que a expedição ocorreu, observou-se um cenário, em todos os sentidos, diverso daquele anterior. Ocorreram, nas ruas de Paranapiacaba, muitos eventos que agregaram atores variados, interessados em diferentes aspectos daquele ambiente.

Um território da Vila chamou especial atenção: tratava-se de um terreno amplo ocupado por algumas casas em ruínas e uma grande, velha e enferrujada locomotiva de trem. Durante as tardes do final de semana, pôde-se ver por ali tanto um grupo de góticos perambulando pelas ruínas, quanto crianças e seus familiares que se divertiam escalando a locomotiva. Um conjunto grande de pessoas vinculadas a um evento ciclístico que ali ocorria devido à paisagem local, marcada por grandes montanhas frequentemente visitadas por praticantes de mountain bike, se aglomerava para observar a chegada dos ciclistas, ouvindo música eletrônica e o anúncio dos vencedores por um locutor em alto volume. Pôde-se observar, também, um casal de noivos que utilizava o cenário — principalmente a já citada locomotiva velha e enferrujada — para a realização das fotografias de seu book de casamento.

Tanto no período diurno quanto — principalmente — à noite, a vila foi visitada por um grande grupo de rapazes e moças vestidos de preto — os já citados góticos — interessados na experiência de circular por uma cidade fria e coberta de brumas. Esse grupo de pessoas caminhava pelas construções antigas, consumia nos restaurantes e lanchonetes e era considerado “diferente” pelos locais.

Adentrando a cidade passava-se por conjuntos musicais que tocavam ao ar livre, brinquedos de crianças instalados nas ruas, barraquinhas de comidas e bebidas, restaurantes, pousadas e até por um pipoqueiro distribuindo sacos de pipoca de graça. Conversamos também com vendedores de objetos “místicos” — chamados de “antiguidades” — que não somente faziam da cidade um ponto de venda e faturamento, como também realizavam, ali, encontros importantes como a “Convenção Nacional das Bruxas”, que durante alguns dias do mês de maio “alugava a cidade” e levava a Paranapiacaba cerca de 3000 indivíduos, entre bruxas, feiticeiros e pajés. O motivo para que aquele local atraísse tanta gente mística? O clima local, as brumas.

No campo de futebol da Vila encontramos o grupo dos “Abutres”. Era formado por homens de meia idade que vestiam seus coletes de couro e ostentavam suas tatuagens. Os “Abutres” estavam acompanhados por suas namoradas ou esposas e locomoviam-se em grandes triciclos. Ali, naquele local, estavam estacionados, realizando uma espécie de ação social, distribuindo brinquedos e hot-dogs para as crianças da região.

Foi possível observar, nos tantos diálogos realizados na expedição etnográfica, que essa diferença de ocupação da Vila durante a semana e aos fins de semana era representativa de dois modos distintos de se habitar o local. Se os visitantes, turistas ou “de fora” apreciavam aquela paisagem, fosse para desfrutar das atividades na mata, fosse para perambular pelas ruínas imersas nas brumas; aqueles que ali viviam experimentavam uma relação menos amistosa com o território, reclamando de não poderem, como já descrito, manejar a as ruas e as casas, tendo que depender

demasiadamente da deliberação do Estado que, na visão dos locais, pouco se importava com os moradores de Paranapiacaba. Um relato de campo expressa de forma sintética os sentimentos que moviam aqueles que viviam no território:

Ela contou sobre atividades culturais (como baile e festas) que aconteciam para os moradores, já não acontecem mais, depois que a Prefeitura passou a tomar conta: "a vida era melhor antes da Prefeitura, eles não ajudam só atrapalham. Não se pode mexer em nada(...) Além de não poderem usar mais o Clube do Lyra, a Prefeitura depredou o campo de futebol para uso do Festival de Inverno. Isso pra dizer apenas algumas das várias restrições que os moradores sofrem". Perguntamos se a prefeitura permaneceria restringindo mesmo se os moradores pedissem claramente para usar os equipamentos e ela respondeu: "Se for do interesse deles, pode. Se não for, não pode". (Relato de Campo, Elaine, 07 de outubro de 2016)

Para os moradores de Paranapiacaba, aqueles que vinham de fora se apresentavam como figuras ambíguas, uma vez que eram, ao mesmo tempo, necessários para movimentar a economia local, mas corresponsáveis pelas dificuldades de se viver em um território tão regulamentado pelas regras de conservação de patrimônio, além de pouco cuidado pelo poder público (*"eles não estão nem aí!", "agora tudo na Vila é para os turistas"*), foram algumas frases que ouvimos de diferentes pessoas). Para os visitantes, por outro lado, muitos dos moradores da Vila eram privilegiados por poderem viver naquelas residências pagando um aluguel baixíssimo. Chegamos até a ouvir que os paranapiacabanos não estavam interessados em trabalhar em conjunto com os "de fora" pois somente queriam *"beber e usar drogas"*.

Em meio às divisões e conflitos que se podiam observar em Paranapiacaba, um elemento natural da paisagem parecia dirigir simbolicamente as relações entre os diferentes atores e o território. As tão citadas brumas, névoa espessa que caracteriza a paisagem local, fruto do frio e umidade, se apresentavam como um importante agente na criação de um ethos próprio dos habitantes da cidade, um *"modo de ser"* marcado pela introversão e enclausuramento.

Entre moradores existia a percepção de que a localidade se encontrava "em declínio", termo ouvido tanto por um jovem que não via muitas opções de lazer para ele e seus amigos, quanto por moradores mais velhos que comparavam a vila com as lembranças de outros tempos. Para eles, a memória de uma época de pujança econômica ("o tempo da ferrovia") contrastava diretamente com o momento atual.

Por outro lado, grande parte do turismo e da atividade econômica local se alimenta justamente dos aspectos que simbolizam esse *ethos* do abandono. As ruínas de casas e trens são cenário de ensaios fotográficos; as brumas são propícias para histórias de assombração e interessados nelas; grupos de bruxas fazem eventos sociais e rituais no local; góticos enxergam esse ambiente como apropriado para seus interesses estéticos.

Uma das moradoras explicou ao ser perguntada sobre a neblina: *"A neblina ultimamente está mais fraca e menos frequente, que antigamente, mas ainda é a atração do lugar"*. De certa forma, os conflitos internos e externos que se estabelecem a partir de Paranapiacaba parecem apontar para um problema sem saída: as disputas e dificuldades para estabelecer o pertencimento dos moradores com os espaços que formam a vila reverberam em um interesse turístico constante por uma cidade "fantasma". Ou seja: é justamente pelo fato de a Vila estar em ruínas, ou em estado de degradação arquitetônica, por conta das restritas leis de preservação patrimonial, que ela acaba atraindo tanta gente interessada nessa estética o que, por sua vez, é o que viabiliza financeiramente a vida daqueles que vivem ali.

6. Considerações finais

Entre muitos descompassos e algumas “pistas”, foi possível perceber, a partir da expedição etnográfica, a formação de um ciclo de mal-entendidos e desconfianças que são percebidos pelos atores envolvidos, mas enfrentam muitas barreiras quando buscam soluções e negociações. Entre perspectivas diferentes sobre o que é Paranapiacaba e o que o território deve ser, a vida cotidiana segue ainda que sob a névoa espessa. Com a expedição etnográfica e a disposição em compreender e descrever as várias perspectivas, ao menos se apontam caminhos para um entendimento mais completo e atento às complexidades de Paranapiacaba.

O diálogo entre o poder público e moradores precisa ser ajustado. Não se está defendendo a flexibilização da proteção do patrimônio cultural, ao contrário, indica-se a necessidade de apurar as discussões e buscar o estreitamento das relações entre a população atingida e os responsáveis pela gestão e intervenção no território, tendo em vista a aplicação de regras que efetivamente resulte em compatibilizar a preservação do bem com a dinâmica da vida cotidiana, considerando que os afetos entre os moradores e o lugar são mútuos e geradores de sentimentos que mobilizam ações.

A expedição etnográfica evidenciou que a gestão do bem não pode se restringir ao comando “pode ou não pode”, e nem pode ser plenamente executada somente com a atuação do poder público. É preciso trazer o ponto de vista da população envolvida para o debate, pois na prática, são elas as reais detentoras do conhecimento local e por meio de quem a preservação se fará permanente. Entretanto, essa “liga” na gestão, essa colaboração, só acontece com o estabelecimento de um pacto viável e que faça sentido não somente aos responsáveis pela gestão, mas aos que desenvolvem seus modos de vida no lugar.

Os conflitos aflorados nos relatos mostraram que a gestão pela proteção ambiental e do patrimônio cultural precisa ser mais ampla que a lógica tecnicista e setorializada e deve considerar em suas ações outros temas que compõem a vida cotidiana: questões relacionadas aos modos de habitar, as expectativas, sonhos, sentimento de aceitação e pertencimento da população, pois em torno disso é que se move a dinâmica do lugar.

Além disso, a gestão do patrimônio deve considerar que o modo de viver das pessoas, as edificações, a forma de organização do território e suas características naturais colaboram para dar a forma do lugar. Por isso, o olhar etnográfico colaborou para capturar pistas que pudessem indicar camadas que não se evidenciam diante de um olhar apressado e de fora, mas apontam para possibilidade e intervenções mais próximas às que a realidade pede.

7. Referências Bibliográficas

ANGILELI, Cecília Maria de Moraes Machado. Chão. 2012. Tese (Doutorado em Paisagem e Ambiente) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.16.2012.tde-30082012-092124.

COCCI, Julia Celli. **Vila de Paranapiacaba como patrimônio afetivo: um projeto com metodologia participativa.** 2019. Trabalho Final de Graduação – Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2019.

FERREIRA, Cláudio Lima; FLÓRIO, Wilson. **A formação de um arquiteto social e ético: dilemas das universidades brasileiras.** In: Rev. Avaliação. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/XZVD7rMxKQvSrSyJrf5gCpJ/?lang=pt>. Acesso: 29.maio.2021.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição.** Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2002, vol.17, n.49, pp.11–29. ISSN 1806–9053.

MOASSAB, Andréia; NAME, Leo. **Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo.** Andréia Moassab (Org.); Leo Name (Org.). Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020 Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/editora/livros/e-books/porumensinosite.pdf>. Acesso: 29. maio.2021.

PSA, **Sumário de dados de Paranapiacaba e Pq. Andreense.** Santo André. Prefeitura de Santo André, 2008.

SANTANA, Andrea Vieira de. **Formação do urbanista para a participação comunitária.** Dissertação (mestrado em Urbanismo), Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia. 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/elain/Downloads/disserta%C3%A7%C3%A3o%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/elain/Downloads/disserta%C3%A7%C3%A3o%20(1).pdf). Acesso: 29. maio.2021.

VICENTE, Paula Martins. **Novos olhares: uma leitura da cidade por suas crianças.** 2018. Dissertação (Mestrado em Paisagem e Ambiente) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/D.16.2019.tde-10012019-095231.

WEHMANN, Hulda Erna. **Habitar a paisagem: o reconhecimento da experiência estética como direito à cidade.** 2019. Tese (Doutorado em Paisagem e Ambiente) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.16.2019.tde-05092019-153843.

Autores

Elaine M. Albuquerque. Arquiteta e urbanista, Doutora pela Faculdade de Arquitetura da USP e pesquisadora do LABPARC/FAUUSP. elainedm@alumni.usp.br a3-arq@uol.com.br

Enrico Spaggiari. Mestre e doutor em Antropologia Social pela USP e pesquisador associado do LabNAU/USP.

Mariana Hangai. Cientista social formada pela USP e pesquisadora associada do LabNAU/USP.

Rodrigo V. chiquetto. Mestre em antropologia social, doutorando em educação pela USP e pesquisador associado do LabNAU/USP

Yuri Bassichetto Tambucci. Mestre em Antropologia Social pela USP e pesquisador associado do LabNAU/USP.

DE LA NECESIDAD A LA ORGANIZACIÓN. Procesos colectivos de elaboración y apropiación de herramientas y metodologías participativas

Eje/Eixo Temático 2

Camila Alvarez
Gabriela Bandieri
Noelia Bronstein
Gabriela Cuesta
Lorena Fernandez
Beatriz Pedro
Andrea Sucari

Taller Libre de Proyecto Social - FADU UBA

Resumen

El presente trabajo se propone reflexionar sobre las distintas herramientas, instrumentos y métodos elaborados a lo largo del trabajo territorial del TLPS, donde el punto de partida es la necesidad de conocer, para luego transformar, desde un abordaje multidisciplinar y colectivo. Desarrollamos como estrategia territorial, la visibilización, comprensión y determinación de variables a considerar en las intervenciones de mejoramiento integral del hábitat.

El trabajo en territorio fue realizado con familias del barrio, organizaciones sociales, estudiantes y docentes del TLPS a lo largo de los años 2018-2019, en los Barrios 14 de Febrero y Las Lilas, situados en la localidad de Longchamps, partido de Almirante Brown, provincia de Buenos Aires.

A partir del año 2018 la organización social Frente de Organizaciones en Lucha nos convoca, con motivo del décimo aniversario del surgimiento del barrio. Esto nos permitió construir un vínculo habilitante y consensuar un acuerdo de trabajo con el objetivo en primer lugar, de conocer el territorio, sus habitantes y sus problemáticas; en segundo lugar, trabajar de manera conjunta en la recuperación, sistematización y divulgación de experiencias que aporten a la construcción colectiva de la memoria e identidad del barrio y abordar de manera participativa la comprensión del valor del hábitat autoconstruido aportando a los procesos de construcción conjunta, que respondan a las necesidades y al mejoramiento integral del barrio.

Palabras clave: **Herramientas, Diseño Participativo, Organización, Memoria e identidad.**

Resumo

Este artigo pretende refletir sobre ás diferentes herramientas, instrumentos e métodos desenvolvidos ao longo do trabalho territorial do TLPS, onde o ponto de partida é a necesidad de conocer, para depois transformar, a partir de una abordagem multidisciplinar e colectiva. Desenvolvemos como estratégia territorial, a visibilidade, comprensión e determinación das variáveis a serem consideradas nas intervenções de melhoria integral do habitat.

O trabalho no território foi realizado com famílias do bairro, organizações sociais, alunos e profesores do TLPS ao longo dos anos 2018-2019, nos bairros 14 de Febrero e Las Lilas, localizados no município de Longchamps, distrito de Almirante, província de Buenos Aires.

A partir de 2018, a organização social "Frente de Organizaciones en Lucha" nos convoca, por ocasião do décimo aniversário do surgimento do bairro. Isso nos permitiu construir um vínculo capacitador e chegar a um acordo de trabalho com o primeiro objetivo de conhecer o território, seus habitantes e seus problemas; segundo, trabalhar em conjunto na recuperação, sistematização e disseminação de experiências que contribuam para a construção colectiva da memória e identidade do bairro e abordar de forma participativa a comprensión do valor do habitat auto-construído, contribuindo para a processos de construção conjunta, que respondam às necessidades e melhoria integral do bairro.

Palavras chave: **Ferramentas, Desenho Participativo, Organização, Memória e identidade.**

INTRODUCCIÓN | Enfoque del Taller Libre de Proyecto Social ¿Desde dónde?

El TLPS es una cátedra libre, integrada por docentes y estudiantes de todas las carreras de la FADU, que desarrolla actividades de investigación y formación para el ejercicio profesional en el hábitat, comprometido con los intereses y necesidades populares. Aborda la complejidad del habitar integralmente, en situaciones reales, con síntesis conceptual interdisciplinaria, ampliando el rol profesional, disponibilidad a nuevos usos de recursos, herramientas, programas y acciones sobre una base de derechos.

Desarrolla una modalidad de enseñanza que articula formación - investigación - extensión, en espacios de trabajo entre estudiantes, docentes y organizaciones populares; a partir de acuerdos de acompañamiento de procesos sociales con comitentes y problemáticas reales, de los sectores afectados por la crisis estructural y política de nuestra sociedad.

Promoviendo la reflexión y profundización de enseñanzas basadas en la necesidad de un profundo cambio en la formación que promueva un compromiso social efectivo, despertar interés en la comunidad universitaria por el estudio y comprensión de los temas del hábitat y en particular del habitar social de las mayorías; por el estudio y comprensión de las problemáticas del hábitat social urbano y metropolitano.

Se propone incrementar la capacidad profesional y académica de los docentes, estudiantes y profesionales universitarios para interpretar y generar respuestas integrales y apropiadas a los problemas del habitar social, jerarquizar este campo disciplinar y laboral como un campo de alta complejidad y nivel profesional y promover el conocimiento, la articulación y el intercambio de producción teórica, metodológica y técnica interdisciplinaria.

DESARROLLO | Barrio 14 de febrero | *Historia de lucha y organización*

01. Introducción y Localización: Acercamiento al Barrio. Problemáticas y Necesidades Detectadas.

El Barrio 14 de Febrero y el Barrio Las Lilas se encuentran situados en la localidad de Longchamps, partido de Almirante Brown, provincia de Buenos Aires (2do cordón del conurbano). Conformándose como un asentamiento urbano de 20 manzanas producto de un proceso de toma de tierras, del que fueron parte distintas organizaciones sociales y, en un principio, un grupo de vecinos. La primera ocupación de los terrenos que hoy conforman el barrio fue precisamente un 14 de Febrero del año 2009; luego en el año 2014 hubo una segunda ocupación de tierras sobre la calle Luis Berutti, toma que sufrió una violenta represión y desalojos por parte de la policía. Las construcciones que se pueden ver hoy en día sobre esa calle son las que pudieron resistir a la violencia policial. A 11 años de la toma de tierras, el barrio se ha consolidado y mantiene en firme crecimiento su organización, a partir de la lucha conjunta se consiguió el loteo de los diferentes terrenos y el respeto por el espacio público y recreativo, el primer censo barrial, la instalación del servicio eléctrico, el ingreso del servicio de recolección de residuos, entre otros. (Figura 1)



Figura 1:
Localización
Longchamps
| Barrio 14
de febrero.

Fuente:
Compilado
Imágenes
Google maps
con intervención
digital del sector.

El barrio presenta problemáticas como la falta de servicios básicos, infraestructura urbana, (asfalto, veredas, iluminación, redes sanitarias, etc). Presenta problemas de accesibilidad y conectividad (periferia urbana, con ausencia de transporte entre los diferentes barrios, difícil acceso a las escuelas y a los centros de salud).

Predomina la informalidad en la regularización dominial, ya que no poseen la titularidad de la tierra. Resulta prioritaria la consolidación de espacios de niñez, espacios productivos, espacios verdes públicos.

La conformación del Barrio 14 de Febrero comienza en el marco de una segunda oleada de tomas: el primer intento de ocupación se produce el 14 de Febrero de 2009, liderado por la Organización Piuquén. Al no poder concretar la toma, el día 16 de febrero, Piuquén convoca al FOL para que se sume, y es entonces cuando se logra la (re)toma de esa tierra. (Figura 2)

Entre las organizaciones participantes y los vecinos se acuerdan las condiciones de resistencia y avance necesarias: hacer un barrio de progreso (el imaginario social de progreso no es la villa, como si la villa no se pudiera urbanizar, necesidad de diferenciarse de ese estigma), tener criterios de loteo, calles, manzanas y espacio público, se acordó que no se iban a dividir los lotes hasta que se “gane la toma” ya que si es algo de todos, todos luchan por igual, en cambio si se lotea desde el principio, se corre el riesgo de que se reparta antes de tiempo, (“inmobiliarias furtivas”) lo que debilita la lucha colectiva y se transforma en lucha individual.



Figura 2: Inicios del Barrio, Toma de Tierra año 2009

Fuente: Recopilación de fotos tomadas por los vecinos del Barrio 14 de Febrero.

¿Cómo llevar adelante este tipo de procesos y permanecer en el tiempo?

Para poder resistir y permanecer en los nuevos terrenos, se formó una comisión con formato de asamblea, mediante la cual se armaron los acuerdos y se consensuaron los pasos a seguir.

La organización tiene un rol importantísimo en estos contextos, toma en sus manos la resolución de sus problemáticas, en negociación con las instituciones estatales de distinta escala y exigiendo su cumplimiento.

Se organizó una estructura de supervivencia en el territorio sostenida por las mujeres que salieron a enfrentar a la policía, a realizar las ollas populares, a cuidar a los niños y a sostener la toma en todo momento. Se implementó también un sistema de turnos y toma de asistencia, para constatar quienes se quedaban en los lotes, también armaron un sistema de escritura provisoria, con número de manzana y de lote para controlar la distribución de los lotes y generar una garantía a las familias.

En el año 2014 hubo una segunda ocupación de tierras sobre la calle Luis Berutti, sobre terrenos que inicialmente iban a ser parte del barrio, esta segunda

toma sufrió una violenta represión y desalojos, las construcciones que se pueden ver hoy en día sobre esa calle son las que pudieron resistir a la violencia policial.

A pesar de todo lo conseguido en estos años, la permanencia, la consolidación obtenida, y la sostenida organización, el Barrio 14 de Febrero sigue en lucha para mejorar de manera integral las condiciones materiales y simbólicas del hábitat.

02. MARCO SOCIO URBANO / CONTEXTO / HISTORIA

Luego de un periodo de gran crisis debido a la última y más violenta dictadura cívico-militar (1976-1983), la persecución y el terror sembrado en la población por parte del gobierno de facto, y la sumatoria de acciones como la ley de alquileres, la caída del salario y la crisis económica, y la sanción de leyes como el “Plan integral de erradicación de villas”, ordenanza n° 33.652, sancionada en el año 1977 por Cacciatore, intendente de facto de Buenos Aires; que llevó adelante la expulsión de las villas de la ciudad, y como consecuencia la migración y exilio internos, se fueron consolidando organizaciones como las comunidades eclesíásticas de base y la organización de los curas villeros. A principios de los años ‘80, y posteriormente a la Guerra de Malvinas se dio la primera oleada de tomas de tierras en el Sur del gran Buenos Aires, Quilmes y Varela, Almirante Brown (Barrio 2 de abril en Calzada, Alte. Brown). y se extendió al Partido de La Matanza.

En cuanto a la conformación urbana de los barrios fueron en general planificados, y se reprodujo en muchos casos el esquema de organización fabril, sindical, utilizando la figura de delegados por manzana. Existía, un imaginario de separarse de la idea de villa de emergencia, (que data de mucho antes de los años ‘80) y su estigmatización, “no hacemos villa” se argumentaba con la idea de progreso.

Partimos de entender los procesos de tomas de tierras como procesos cíclicos, donde una nueva masa de gente que necesita vivienda, producto del crecimiento de las familias, la aparición de las nuevas generaciones, el aumento del hacinamiento y las sostenidas condiciones de pobreza estructural.

Actualmente a estas condiciones se suma la llegada de los habitantes que, en los procesos de reurbanización de la ciudad de Buenos Aires, de gentrificación de los barrios, mercantilizados son expulsados hacia las periferias. Entre 2007 y 2009, debido a estos nuevos procesos de desalojo, a la crisis económica mundial del 2008, que en nuestro país afectó mucho al sector del campo y sus tierras comienza una segunda gran oleada de tomas colectivas de tierras.

03. ABORDAJE INTEGRAL | INTERDISCIPLINARIO | MULTIACTORAL «De las aulas a la calle, del papel a la realidad, de la reflexión a la acción»

I. Antecedentes

El TLPS trabajó previamente en el año 2016 en el Barrio 14 de Febrero con consultorios de arquitectura y experiencias de diagnóstico participativo con los vecinos del barrio.

En el 2019, convocados por vecinos del barrio y la organización FOL, con la necesidad de un trabajo en conjunto ante el 10º aniversario del barrio. Partiendo de esta convocatoria, elaboramos los siguientes objetivos, que estructuraron las acciones concretas en el desarrollo de herramientas participativas y de valoración de la historia de lucha y consolidación llevada a cabo por el barrio.

II. Objetivos de los estudiantes

- Analizar, estudiar y comprender la integración ideológica, histórica, social y disciplinar. La conexión entre ellos y el contexto.
- Integrarse al trabajo docentes del TLPS y las organizaciones sociales en condición de pares, en una acción positiva, articulada en función de la complementariedad y la construcción conjunta del conocimiento, que enriquezca a todos los participantes del proyecto.
- Participar de una experiencia situada, que aporte a la elaboración del pensamiento crítico de su formación y de la sociedad toda, que les permita elaborar conclusiones y proyectos creativos desde una visión más amplia e integradora.

III. Objetivos del trabajo en territorio

- Conocer la problemática socio-habitacional, de conectividad y comunicacional del AMBA.
- Conocer y comprender el proceso de producción social del hábitat llevado adelante en el barrio, con la particularidad de una Toma de Tierras, con una dinámica de asentamiento.
- Conocer la Historia del Barrio a partir de testimonios e imágenes de quienes protagonizaron y protagonizan su construcción. Y reconocer/elaborar, herramientas gráficas y audiovisuales, la importancia de relatos como parte de la Identidad y de una historia dinámica que fortalece.²
- Conocer, relevar y registrar las reales necesidades y condiciones de vida del Barrio para la realización del programa de necesidades y el proyecto de resolución.
- Incorporar herramientas necesarias para el trabajo participativo.

04. PROYECTO PROCESO | *Construcción de herramientas para aportar a la Lucha, la Memoria y fomentar la Integración del Barrio 14 de febrero y Barrio Las Lilas.*

En 2018, comenzamos con el trabajo de Reconstrucción de Memoria del Territorio, con el objetivo de generar herramientas para aportar en la construcción y consolidación de la identidad del barrio 14 de febrero de cara al décimo aniversario desde la toma que lo originó en 2009, y de fortalecer la unión en la defensa de los derechos adquiridos, y la integración de los dos barrios, continuamos y profundizamos el trabajo realizado con las siguientes actividades:

I. Entrevistar a vecinos y vecinas que fueron y son parte de la construcción del barrio. Conocer el barrio desde las voces y experiencias de quienes lo habitan.

- » Generar herramientas y piezas que a través de la recuperación histórica den cuenta del proceso complejo de transformación del territorio (Figura 3) (Figura 4).
- » Pensar y proponer proyectos para la señalización de las calles como instrumento de identificación y apropiación de la historia de lucha del barrio. (Figura 5)
- » Sistematización de experiencias de toma de tierra de los vecinos del barrio. Creación de herramientas para difusión.

II. Relevamiento y Planificación de Espacios Públicos.

- » Relevamiento y Mapeo Colectivo que identifiquen las problemáticas del territorio, planes a futuro, proyectos para el barrio para su mejoramiento.

- » Generar herramientas para la detección, sistematización, difusión y planificación de estos datos.
- » Generar herramientas de lucha y defensa del territorio a través de la investigación acerca de leyes, derechos universales y normativas que amparen los reclamos vecinales.

III. Proponer Jornadas Participativas

- » En los Barrios 14 de febrero y Las Lilas para aportar a la apropiación y construcción colectiva de los vecinos de su historia y sus proyectos futuros.
- » Co-pensar lo colectivo, lo comunitario como camino para detectar las necesidades e identificar y luchar por los derechos que aparecen como vulnerados.

IV. Fomentar la integración del trabajo con la Universidad como herramienta de transformación social/barrial.

- » Pensar el rol de la Universidad en el barrio en conjunto con los vecinos que también asisten a distintas instituciones educativas, dentro y fuera del barrio.

05. ENFOQUE, METODOLOGÍAS Y HERRAMIENTAS

La elaboración de las herramientas parte de una mirada y metodología pedagógica particular, de cómo el taller se posiciona en el trabajo en territorio. Partiendo del enfoque integral y los objetivos descritos anteriormente, vinculados a demandas y necesidades reales de la comunidad y en relación a la lucha y organización de los vecinos, es que se desarrollan metodologías de trabajo, en donde se pone foco en el proyecto proceso por sobre el producto final.

A continuación, expondremos algunas de las herramientas e instrumentos en constante construcción de trabajo colectivo, que nos permitieron abordar las necesidades populares. A partir del anclaje y la verificación en el territorio.



Figura 3: Jornada de Mapeo colectivo. Herramienta como instrumento de identificación y apropiación de la historia de lucha del barrio.

Fuente: registro fotográfico de jornada de mapeo colectivo, realizada por equipo de docentes y estudiantes del TLPS.

Enfoque y Método:

- » Trabajo interdisciplinario y en conjunto con los vecinos y vecinas.
- » Conocer para transformar | Investigación histórica | Desnaturalizar la mirada | Observación participante
- » Bitácoras individuales y colectivas de registro y reflexión diaria.
- » Herramientas Gráficas y Audiovisuales de Registro, Visualización, difusión y convocatoria:
- » Mapeos infográficos colectivos | Línea de tiempo colectiva y participativa Afiches, flyers | Boletín Informativo | Entrevistas | Relevamientos espaciales

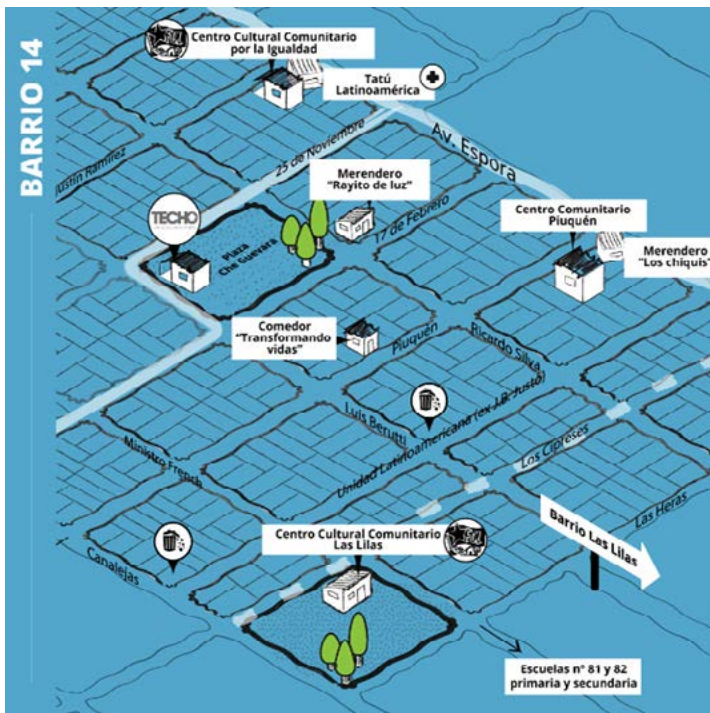


Figura 5b: Plano del barrio. Apropiación y utilización de la herramienta para difusión de centros comunitarios de referencia en contexto COVID 19. Fuente: reutilización de mapeo por la sala de Salud del Barrio: Propuesta TATÚ en contexto actual de pandemia | COVID19.

CONCLUSIONES | REFLEXIONES FINALES:

A partir de estos primeros pasos en la sistematización de las herramientas proyectadas por el equipo estudiantil docente del TLPS para el trabajo territorial, compartimos algunas reflexiones que surgieron de estos procesos compartidos y construidos colectivamente. Junto con aquellas reflexiones que nos permiten repensar y repensarnos en un proceso de formación con prácticas pedagógicas y tareas de investigación en territorios concretos y junto a los habitantes.

» Es la práctica territorial la que permite la apropiación de las herramientas. La necesidad surge del territorio, y las respuestas cobran sentido cuando son legitimadas por él. Cuando son co-construidas colectivamente y de manera participativa, surgiendo del conocer y siendo entendidas como procesos dinámicos y abiertos, y no como piezas estáticas.

Reafirmar la necesidad de construir un enfoque, con metodologías y herramientas apropiadas en permanente construcción en trabajo colectivo, para abordar las necesidades populares.

» La importancia del intercambio, la reflexión y la verificación con un abordaje transdisciplinar y multiactorial. Donde las herramientas y sistemas de comunicación cobran sentido cuando son elaboradas colectivamente, con el conocimiento de realidades concretas, y la incorporación de todas las voces en el proceso.

» La importancia del conocimiento de la realidad para aportar a un abordaje integral, las necesidades del barrio: Salud y Hábitat.

» Vemos necesario indagar en estas experiencias y fortalecer dispositivos que posibiliten en los estudiantes el desarrollo del sentido crítico como premisa necesaria del saber universitario: el cuestionamiento de lo dado, la re significación del lugar de

su disciplina, y la urgencia de una acción transformadora. Y que, en su vinculación y aporte a procesos de construcción de prácticas y discursos contra-hegemónicos, quiebren o cuestionen las barreras que fragmentan la sociedad actual, en particular el vínculo universidad comunidad. Entendemos esta búsqueda como un desafío del proceso de enseñanza-aprendizaje que, tal vez, tenga su inicio en el espacio de este taller, como uno de sus objetivos más profundos. Sin por ello dejar de tener en cuenta la complejidad de este proceso que imponen que docentes y estudiantes, nos desestructuremos y volvamos a estructurarnos reconociendo los obstáculos de nuestra formación y afrontando la reelaboración de nuestros aprendizajes, para asumir el compromiso de la tarea con una actitud reflexiva, afrontando el desafío de un nuevo rol. (Figura 6)



Figura 6: Cierre de Jornada Participativa en el Barrio Las Lilas. Vecines, organizaciones sociales, estudiantes y docentes del TLPS.
Fuente: Fotografía digital por estudiante del Taller Libre de Proyecto Social

Referencias bibliográficas

Barreto, M.A y Lentini, Mercedes con varios autores. (2015) **Hacia una política integral del hábitat. Aportes para un observatorio de política habitacional en Argentina.** Ed. Café de las ciudades. Colección Hábitat.

Cuaderno de formación N°1. TLPS (2015) Editorial: de Autor. Disponible en: <http://www.tlps.com.ar/> Acceso 19 de abril 2021

Estrella, Fermín. **Vivienda y Urbanismo Social.** Disponible en: www.ferminestrella.com.ar. acceso, 21 abril 2021

Freire, Paulo. 1997. **Pedagogía de la autonomía.** Editorial: Siglo XX1.

Martha Arébalo, Guillermo Bazoberry, Claudia Blanco, Selma Díaz, Raúl Fernández Wagner, Florian, Ramiro García Quispe, Gustavo González, Graciela Landaeta, Daniel Manrique, Jaime Miyashiro Tsukazan, Benjamín Nahoum, Joakim Olsson, Enrique Ortiz Flores, Leonardo Pessina, Ana Sugranyes, Cristina Vila. (2011). **El Camino posible | Producción Social del Hábitat en América Latina** Editorial: TRILCE, Montevideo Uruguay.

Núñez, Ana E. (2002). **Los unos y los otros en la lucha por la apropiación del espacio.** en: 2º Congreso virtual de Antropología y arqueología. Disponible en: https://equiponaya.com.ar/congreso2000/ponencias/Ana_Nunez.htm acceso, 20 abril 2021

Pedro, Beatriz y equipo de investigación. Proyecto UBACYT- **(2018) Proyecto y producción social del hábitat articulando saberes populares con conocimientos científicos y disciplinares.** Ed. de autor.
Disponible en: <https://es.slideshare.net/tallerlibredeproyectosocial/proyecto-y-produccion-social-del-habitat-articulando-saberes-populares-con-conocimientos-cientificos-y-disciplinares-ubacyt-2018> acceso 18 de abril 2021

Pedro, Bandieri, Contreras (2016). Proyectar con la comunidad. Enfoque desde los derechos, articulando saberes populares con conocimientos científicos y disciplinares en la producción social del hábitat. Pag 284. **Revista Institucional de la Defensa Pública de la CABA.** Año 6- N°10- 09-2016.

Riofrio, Gustavo. (1990). El hábitat de los sectores populares urbanos: las visiones de los pobladores. En: **De marginales a informales.** Editorial: DESCO. Lima.

Risler, Julia y Ares, Pablo. (2013) **Manual de Mapeo Colectivo: recursos cartográficos críticos para procesos territoriales de creación colaborativa.** Iconoclasistas. Buenos Aires. Editorial: Tinta Limón.

Robirosa, Mario C. (1992) Observaciones sobre organización y estrategias de los sectores populares en vistas a una participación efectiva en proyectos y programas urbanos de desarrollo social y vivienda. (traducción del inglés), **Regional Development Dialogue (United Nations Centre for Regional Development, Nagoya, Japón),** Vol. 13, nº 4, 1992, pags. 234-242

Tedeschi, Sebastián. (2003). **Por una política de vivienda respetuosa de los derechos constitucionales y de los derechos humanos.** Editorial: CELS, Buenos Aires.

TLPS. **Cátedra libre interdisciplinaria de la FADU-UBA,** fundada en el año 2002 y reconocida por el Consejo Directivo en el 2006. Disponible en: <http://www.tlps.com.ar/> Acceso 19 de abril 2021

Autoras

Alvarez, Camila. Diseñadora de Imagen y Sonido UBA, Facultad de Arquitectura Diseño y Urbanismo. Tecnicatura Superior en Pedagogía y Educación Social, ISTLyR. Actividad Docente: (2015-actualidad) Taller Libre de Proyecto Social - FADU-UBA.

Bandieri, Gabriela. Arquitecta UBA, Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo, Especialista en "Hábitat y Pobreza Urbana en América Latina" UBA- FADU (2012). Actividad Docente: (2006 – actualidad) Taller Libre de Proyecto Social- FADU – UBA - Profesora Adjunta. (1988 – actualidad) ICP I Y II. CBC – UBA / Cátedra: Arq. Egozcue. Ayudante de 1º / Cat Pedro JTP. (2006-2010) Seminario de Formación para el trabajo con la Comunidad. JTP.(2006 -2008) Directora de Programas de Extensión. Secretaría de Extensión- FADU – UBA.

Bronstein, Noelia. Arquitecta UBA, Facultad de Arquitectura Diseño y Urbanismo. Maestranda en Políticas Sociales Urbanas UNTREF. Actividad Docente: (2018-actualidad) Taller Libre de Proyecto Social - FADU-UBA – Coordinadora técnica regional en Ministerio de Desarrollo Social de la Nación, Secretaría de Integración Socio Urbana. Taller Libre de Proyecto Social – FADU-UBA. noeliabronstein@gmail.com

Cuesta, Gabriela. Diseñadora Gráfica UBA, Facultad de Arquitectura Diseño y Urbanismo. Técnica Superior en Pedagogía y Educación Social, Instituto Superior de Tiempo Libre y Recreación. Actividad Docente: (2010-actualidad) Taller Libre de Proyecto Social- FADU – UBA. Ayudante 2º. (2005-2013). Estudio Lenguaje Publicidad, Diseñadora Gráfica Senior.(2009-actualidad) Diseñadora Gráfica Independiente. (2017-2018) Centro de Primera Infancia CAIPLI Sur, Asociación Civil Camino a la Educación, Auxiliar Pedagógica. Operadora Social en Programa Adolescencias-Dirección General de Niñez y Adolescencia, Ministerio de Desarrollo Social SSPSOC (GCBA). gabytacuesta@gmail.com

Fernandez, Lorena Arquitecta UBA, Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo. Actividad docente: (2015-2018) Taller Libre Proyecto Social- FADU UBA. (2020-actualidad) Miembro de la Cooperativa de Construcción Natural Tribu de la Tierra- Mar del Plata.

Pedro, Beatriz Arquitecta UBA, Facultad de Arquitectura Diseño y Urbanismo. Actividad Docente: (2011 – actualidad) Taller Libre de Proyecto Social- FADU – UBA.(2011– 2014) Ayudante 2º. (2014– actualidad) Jefa de trabajos prácticos. (2015- Actualidad) ICP I Y II. CBC – UBA / Cátedra: Arq. Pedro- Ayudante de 1º. (2009 –2015) Estudio Livingston - Proyectista, colaboradora y asistente. (2015 – actualidad) KHÔRA – Estudio de Arquitectura. Socia Fundadora.

Sucari, Andrea. Facultad de Arquitectura Diseño y Urbanismo. (1981) Magister en desarrollo sustentable UNLA (2006) . Doctorando FADU UBA (2016). Actividad Docente: (1985- actualidad) ICP I Y II. CBC – UBA: Profesora Titular. (1985- actualidad) Estructuras 1, 2 y 3 Profesora Titular. (2002 -actualidad) Taller Libre de Proyecto Social de la Facultad de Arquitectura. Profesora Titular, (1994 - actualidad) Investigadora UBACYT. (2006-2010)Ex- Secretaria de Extensión FADU_UBA. (2017 - actualidad) Secretaría General de La RED Universitaria Latinoamericana de Cátedras de Vivienda y Hábitat. andresucari@hotmail.com

ARQUITETURA DA CIDADE E SUSTENTABILIDADE: Perspectivas curriculares da formação de arquitetos e urbanistas em Campos dos Goytacazes/RJ

Eje/Eixo Temático 2

Raiza de Oliveira Machado
Cássia Maria de Assis Rangel Melo
Sergio Rafael Cortes de Oliveira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
Fluminense (IFF)

Resumo

A busca por práticas sustentáveis somada à crescente população vivendo nas cidades traz a necessidade de mudanças e novas perspectivas da construção civil. Arquitetos e urbanistas têm importante papel nesse contexto, o que impõe aos cursos de Arquitetura e Urbanismo a necessidade de refletir sobre a formação de profissionais comprometidos com o ambiente. Com a finalidade de conhecer como a temática da sustentabilidade em sua relação com a cidade é tratada pelo referido curso em Campos dos Goytacazes/RJ, realizou-se este trabalho. Para tal, além de uma fundamentação teórica, apresenta-se uma pesquisa documental a partir da análise dos currículos dos três cursos de Arquitetura e Urbanismo ofertados no referido município, procurando-se sinalizações da temática a partir de termos-chave e de indicadores de relações para o alcance de arquitetura e urbanismo sustentáveis. De forma geral, foram percebidas abordagens da sustentabilidade, tema que merece ser ainda mais explorado, incluindo a preocupação com as questões urbanas, para a formação de profissionais conscientes, sobretudo em relação às suas responsabilidades técnicas e sociais.

Palavras-chave: **Arquitetura e Urbanismo. Sustentabilidade. Cidades. Ensino. Formação profissional.**

Resumen

La búsqueda de prácticas sostenibles, a la que se suma el aumento de la población que vive en las ciudades, trae consigo la necesidad de cambios y nuevas perspectivas respecto a la construcción civil. Los arquitectos y planificadores urbanos tienen un papel importante en este contexto, lo que impone a las carreras de Arquitectura y Urbanismo la necesidad de reflexionar sobre la formación de profesionales comprometidos con el medio ambiente. Con el objetivo de comprender cómo se trata el tema de la sostenibilidad en su relación con el entorno construido de la ciudad en las carreras de Arquitectura y Urbanismo en el municipio de Campos dos Goytacazes, estado de Río de Janeiro, Brasil, se realizó este trabajo. Para ello, además

de una base teórica, se presenta una investigación documental a partir del análisis de los planes de estudio de las tres carreras de Arquitectura y Urbanismo que se imparten en ese municipio, buscando indicios de la temática desde los términos clave e indicadores de relaciones para el logro de la arquitectura y urbanismo sostenibles. Por lo general, se percibieron enfoques de sostenibilidad, tema que merece ser explorado más a fondo, incluyendo la preocupación por las cuestiones urbanas, para la formación de profesionales conscientes, principalmente, en lo que se refiere a sus responsabilidades técnicas y sociales.

Palabras clave: **Arquitectura y Urbanismo. Sostenibilidad. Ciudades. Enseñanza. Formación profesional.**

1. Introdução

O desenvolvimento e o aumento da concentração de pessoas nas cidades tornam o mundo cada vez mais urbano. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 55% da população mundial vive em áreas urbanas e a estimativa é que em 2050 essa porcentagem chegue a 70% (ONU, 2019). No Brasil, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2015, 84,72% da população brasileira vive nas cidades (IBGE, 2021).

A urbanização e o meio ambiente têm uma relação direta. De acordo com Jatobá (2011, p. 141), “A urbanização, por implicar a concentração de pessoas e atividades produtivas sobre um espaço restrito, gera, necessariamente, impactos degradadores do meio ambiente com efeitos sinérgicos e persistentes”. Segundo Leff (2001), o crescimento demográfico descontrolado é questão ineludível sob o enfoque da sustentabilidade.

Os problemas ambientais urbanos, como poluição e as mudanças climáticas, relacionadas também à emissão de CO₂ na atmosfera, ao elevado consumo de energia e à alta produção de resíduos, afetam diretamente a qualidade de vida das pessoas e os recursos naturais disponíveis, levando ao aumento da demanda por materiais que agridam menos o meio ambiente. A busca por soluções menos danosas, como o uso de materiais alternativos e energias ditas verdes ganham espaço, visto que os materiais industrializados estão diretamente ligados aos problemas ambientais supracitados.

A questão ambiental tem sido pauta de importantes debates internacionais desde 1972, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo. Apesar de o termo “desenvolvimento sustentável” ser massivamente utilizado na atualidade, ele foi conceituado pela primeira vez pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas, no Relatório Brundtland, em 1987, como: “desenvolvimento que satisfaz as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades” (Brundtland, 1987, p. 45).

Segundo o Relatório Brundtland, para alcançar um desenvolvimento sustentável, a sociedade necessita das três dimensões da sustentabilidade: justiça social, eficiência econômica e equilíbrio ambiental (Brundtland, 1987). No entanto, conforme aponta Dourado (2015), essas dimensões da sustentabilidade podem apresentar variações quando analisadas por diferentes autores, quando aplicadas em áreas de conhecimento diferentes, e também quando abordadas em temas mais específicos, podendo, inclusive, apresentar desmembramento mais detalhados dentro de uma mesma dimensão como, por exemplo, a dimensão política como

um desdobramento da dimensão social. Sachs (1993), por exemplo, considerou cinco dimensões da sustentabilidade, sendo: social, econômica, ecológica, espacial e cultural; enfatizando que é necessário ter uma visão holística da sociedade em relação à sustentabilidade, e não somente focar na gestão dos recursos naturais.

A preocupação com a sustentabilidade nas cidades aparece como um dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável - ODS (ONU, 2018), definidos pela ONU na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, no Rio de Janeiro em 2012. As cidades e comunidades sustentáveis figuram como o 11º objetivo, com a finalidade de tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

Considerando que a atuação profissional é um reflexo do percurso trilhado nas formações acadêmicas, os cursos de Arquitetura e Urbanismo têm importante responsabilidade quanto à abordagem dos conhecimentos e práticas sobre a sustentabilidade no âmbito arquitetônico e, em maior escala, no ambiente construído da cidade. De acordo com Vasconcelos, Pirró e Nudel (2006), o ensino adequado da sustentabilidade nas escolas de Arquitetura e Urbanismo é de fundamental importância para a modificação do perfil das edificações e das cidades, visto que os arquitetos e urbanistas exercem papel essencial na definição das diretrizes das construções no país.

Nesse contexto, surge a importância significativa da preocupação com a sustentabilidade pelos profissionais de Arquitetura e Urbanismo, diante de seu compromisso social enquanto exercício da cidadania e, diante de seu papel fundamental na consolidação e modificação do ambiente construído, incluindo o espaço urbano da cidade, desde a gestão até a escolha dos materiais empregados. As demandas atuais formativas alicerçadas na formação crítica, cidadã e, também, com competência técnica, principalmente quando inseridos em cargos de gestão pública e órgãos governamentais, convergem para a constituição de sujeitos responsáveis por tomadas de decisões que amenizem os impactos causados pelo próprio homem ao meio ambiente.

Diante do exposto, questiona-se sobre o modo em que os conceitos e práticas comprometidos com o alcance de soluções sustentáveis, preocupadas com a sociedade e o meio ambiente, estão sendo tratados nos processos formativos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo da cidade de Campos dos Goytacazes, município do interior do estado do Rio de Janeiro (RJ). Parte-se da hipótese de uma abordagem pouco explorada da sustentabilidade nos currículos das instituições pesquisadas, que pode ir além no que diz respeito ao quesito da inserção de teorias e práticas sobre o tema, seja na oferta de componentes exclusivos ou com interlocuções em outros componentes curriculares. Assim, tem-se por objetivo geral, conhecer como a temática da sustentabilidade, com recorte especial sobre sua relação com o espaço urbano, é contemplada nos cursos de Arquitetura e Urbanismo de Campos dos Goytacazes/RJ, diante da reconhecida importância sobre a necessidade de seu exercício constante na atuação do arquiteto e urbanista.

Para a formação do arcabouço teórico deste trabalho, foram consultados apontamentos de outras produções acadêmicas. Para a realização da pesquisa documental, além da leitura das legislações acadêmica e profissional, foram consultados os Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) de Arquitetura e Urbanismo ofertados em Campos dos Goytacazes/RJ, incluindo as matrizes curriculares e as ementas das disciplinas. Esses cursos são oferecidos pelas instituições: Centro Universitário Fluminense (UNIFLU), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) e Institutos Superiores de Ensino do Censa (ISECENSA).

O município de Campos dos Goytacazes foi escolhido por sua importância para a formação universitária no estado do Rio de Janeiro e por abrigar o curso de Pós-graduação *lato-sensu* em Arquitetura da Cidade: suas demandas e tecnologias, da qual resulta este trabalho.

De forma geral, através dos resultados obtidos, pôde-se perceber quantidades razoáveis de disciplinas que abordam a sustentabilidade em um viés voltado para o contexto das cidades, podendo a difusão desses conhecimentos ser ainda mais densa e consagrada dentro dos documentos curriculares e, principalmente, no que se anseia, que é a efetivação nas práticas dos currículos dos cursos.

2. Desenvolvimento

2.1. Fundamentação teórica

2.1.1. Sustentabilidade em Arquitetura e Urbanismo

No conceito de “desenvolvimento sustentável”, apoiam-se as ideias de sustentabilidade arquitetônica e de sustentabilidade urbana (desenvolvimento urbano sustentável), não sendo algo novo. O conceito de “Arquitetura Sustentável”, com especial recorte para o contexto ambiental, foi abordado por vários autores. De acordo com Corbella e Yannas (2003), “Arquitetura Sustentável” pode ser entendida como:

[...] a continuidade mais natural da Bioclimática, considerando também a integração do edifício à totalidade do meio ambiente, de forma a torná-lo parte de um conjunto maior. É a arquitetura que quer criar prédios objetivando o aumento da qualidade de vida do ser humano no ambiente construído e no seu entorno, integrando as características da vida e do clima locais, consumindo a menor quantidade de energia compatível com o conforto ambiental, para legar um mundo menos poluído para as próximas gerações. (CORBELLA; YANNAS, 2003, p. 17)

Segundo Gonçalves e Duarte (2006), para alcançar uma “Arquitetura Sustentável” no ambiente da cidade, as metas são:

(a) preservação e liberação de áreas naturais pelos efeitos e vantagens da compactidade urbana; (b) proximidade, diversidade e uso misto (socialização do espaço público); (c) maior eficiência energética (e menor poluição) pelo sistema de transporte; (d) microclimas urbanos mais favoráveis ao uso do espaço público e ao desempenho ambiental das construções; (e) edifícios ambientalmente conscientes; (f) consumo consciente dos recursos em geral; e (g) reuso e reciclagem (diminuição do impacto ambiental proveniente da geração de resíduos em geral). (GONÇALVES; DUARTE, 2006, p. 63)

Segundo Ching e Shapiro (2017), há diversos objetivos que motivam o desenvolvimento de projetos de “Arquitetura Sustentável”, dentre os quais estão aqueles que pretendem evitar a degradação ambiental (diminuição da poluição do ar, da água e do solo; proteção das fontes de água potável; redução da poluição luminosa; redução do impacto das inundações etc.), mas também há os que contemplam a melhoria de condições de conforto e saúde das pessoas (qualidade do ar e da água das edificações; conforto térmico; redução da poluição sonora; e melhoria do estado de ânimo das pessoas), os que têm metas de natureza econômica (redução de custos de energia; aumento da produtividade etc.), de natureza política (evitar o esgotamento de combustíveis não renováveis; redução de sobrecarga nas redes de energia elétrica etc.) e, também, objetivos de caráter social (promoção de acessibilidade; proteção

de reservas florestais; preservação de edificações históricas; oferta de moradias de baixo custo etc.).

A partir da ideia de que a sustentabilidade é transformada conforme as relações científicas e tecnológicas de cada época, Silva e Romero (2010) sustentam que o urbanismo sustentável “é um conceito em constante ajuste e adequação às necessidades humanas, resultante de experimentos, vivências, pesquisas e interações dos fenômenos socioculturais, econômicos, ambientais, tecnológicos” (SILVA; ROMERO, 2010, n.p.). Eles defendem que a sustentabilidade não deve ser confundida com um estilo de vida alternativo ou modismo, mas “como uma condição sine qua non à sobrevivência e permanência da vida na Terra. [...] o urbanismo sustentável deverá propor novas formas de apropriação do espaço, condizentes com as necessidades emergenciais [...]” (SILVA; ROMERO, 2010, n.p.). O urbanismo sustentável preza pela atenção à diversidade de usos e funções em um tecido urbano denso e compacto, preservando as condicionantes geográficas e ambientais, nos aspectos local ou regional, e as escalas de apropriação do espaço.

O termo “cidades sustentáveis” é mencionado no art. 2º do Estatuto da Cidade (BRASIL, 2001), em que o direito a cidades sustentáveis é elencado como uma das diretrizes da política urbana, que tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade urbana. Esse direito a cidades sustentáveis configura-se como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infraestrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações. De acordo com Bremer (2004), para que uma cidade seja considerada sustentável é preciso que ela siga uma trajetória de desenvolvimento em que seu progresso no presente não ocorra às custas dos recursos das gerações futuras; que seu desenvolvimento presente não tenha como legado a falta de planejamento, a degradação ambiental, a dívida ecológica etc.; e que seus problemas presentes não sejam exportados para o futuro.

2.1.2. Materiais alternativos para Arquitetura e Urbanismo

Segundo a Câmara Brasileira da Indústria da Construção - CBIC (CBIC, 2017), a Indústria da Construção Civil é apontada como o setor que mais consome recursos naturais e utiliza energia de forma intensiva desde a fase de extração até o processo final, gerando grandes impactos ambientais. Além disso, há também inúmeros impactos causados pela geração de resíduos durante a fabricação dos materiais de construção convencionais.

Apesar de os materiais convencionais possibilitarem diversos usos, com grandes obras e construções fantásticas, algumas de suas características precisam ser analisadas. Os materiais industrializados, como o cimento Portland e o aço, estão presentes em praticamente todas as obras de construção civil em qualquer parte do mundo. No entanto, Davidovits (2013) aponta que a produção de 1 tonelada de clínquer, necessário para a produção de cimento, gera 0,95 toneladas de dióxido de carbono (CO₂), o que faz esse material ser altamente poluente. Esse cenário leva à necessidade de repensar esses materiais e como eles estão sendo utilizados.

Materiais alternativos (ou não convencionais) são materiais confeccionados utilizando recursos do meio, podendo ser provenientes do meio natural, da reutilização de produtos recicláveis ou de objetos que possuíam outra função antes de ser tornar parte de uma construção (BROSLER, 2011). Esses materiais podem ser utilizados como pozolanas em concretos, como agregados e até como enchimento. Como exemplo de materiais alternativos têm-se: cimentos reforçados com fibras vegetais, construções com terra, bambu etc. A denominação “não convencionais”

provém do fato de estes materiais ainda não serem regidos por normas técnicas já bem estabelecidas (BARBOSA, 2005).

Segundo Barbosa (2005), materiais de construção não convencionais são ecologicamente corretos porque:

- tratam-se de materiais tradicionais disponíveis na natureza, muitos dos quais renováveis, e como no caso do aproveitamento dos resíduos, contribuem para livrar o ambiente de seu incômodo; - envolvem muito menor energia que os industrializados; - em geral são não poluentes; - muitos incorporam-se novamente à Natureza sem maiores danos; - podem ser obtidos em processos não centralizados; - podem gerar tecnologias apropriadas; - podem levar a um menor custo construtivo; - podem fazer uso intensivo de mão de obra; - podem ajudar na redução do problema da casa nos países em desenvolvimento. (BARBOSA, 2005, p. 18)

Pesquisas relacionadas aos materiais alternativos começaram a partir da década de 1980; entretanto, ainda hoje o uso desses materiais não é difundido. A dificuldade da implementação desses materiais está ligada principalmente ao monopólio dos materiais convencionais no mercado. E, também, a ausência de normas técnicas para orientar seus usos acaba por limitar sua utilização, conferindo desconfiança a esses materiais pelo desconhecimento de algumas das suas propriedades. De acordo com Barbosa (2005), a ausência de abordagem desses materiais nos cursos de Engenharia e Arquitetura (com poucas exceções) é outro motivo para a pouca aplicabilidade dos materiais não convencionais na construção civil, levando os profissionais a saírem das universidades sem apropriação do assunto.

Barbosa (2005) aponta ainda que a falta de incentivo por parte dos órgãos governamentais contribui para a pouca aplicação dos materiais não convencionais. Maia et al. (2020) afirmam que programas de incentivo à casa própria como o “Minha Casa Minha Vida” do governo federal, entre outros projetos de incentivo ao crédito privado, são bem mais fáceis de serem aprovados quando são utilizados materiais convencionais. Segundo Oliveira (2009, p. 16), “a sensibilização dos profissionais e usuários é necessária para a divulgação dos conhecimentos sobre os impactos e componentes e trazer melhorias na produção da arquitetura sustentável”. Segundo a autora, para que a divulgação desses conhecimentos ocorra é preciso reunir conhecimentos; porém, a inexistência atual de um banco de dados e regras sobre o tema causa grande desordem de informação.

Krüger (2000) afirma que as relações entre projeto arquitetônico e produção de materiais ou componentes que servirão de elementos constitutivos arquitetônicos estão intimamente ligados. Para o autor, a arquitetura dependerá, para seu próprio desenvolvimento, dos recursos energéticos e do desenvolvimento tecnológico, pois há uma dependência entre a produção urbana arquitetônica e o sistema produtivo de uma sociedade. Em termos de aplicabilidade nos espaços urbanos, o investimento e o desenvolvimento de materiais alternativos aparecem como uma das medidas para o alcance do desenvolvimento sustentável nas cidades.

2.1.3. Legislação profissional e ensino da sustentabilidade em Arquitetura e Urbanismo

O modelo curricular da Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA), instalada no Rio de Janeiro na década de 1940, voltado tanto para as disciplinas técnicas de Engenharia quanto para disciplinas de estudo das artes, serviu de referência na composição dos currículos que surgiram posteriormente, sendo seguido até os currículos mínimos de 1962 e 1969, contemplando disciplinas das áreas de artes,

teorias de Arquitetura e de Urbanismo, estruturas, materiais e técnicas de construção, higiene da habitação e saneamento das cidades, matemática e física (ABEA, 1977). Em 1994, já com as Diretrizes Curriculares, as disciplinas de higiene deram lugar às de Conforto Ambiental (BRASIL, 1994).

A Lei Federal nº 12.378, de 31 de dezembro de 2010 (BRASIL, 2010a), que regulamenta o exercício de Arquitetura e Urbanismo com a criação do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR), traz as atribuições do arquiteto e urbanista e lista campos de atuação do setor. Em relação aos conceitos de sustentabilidade, um dos campos de atuação corresponde ao “Meio ambiente, estudo e avaliação dos impactos ambientais, licenciamento ambiental, utilização racional dos recursos disponíveis e desenvolvimento sustentável” (BRASIL, 2010a, n.p.).

A Lei nº 12.378 (BRASIL, 2010a) aborda em seu 3º parágrafo que os campos de atuação profissional para o exercício de Arquitetura e Urbanismo são definidos a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais que dispõem sobre a formação do profissional arquiteto e urbanista. Segundo as diretrizes, a proposta pedagógica da formação do profissional deve contemplar “[...] a conservação e a valorização do patrimônio construído, a proteção do equilíbrio do ambiente natural e a utilização racional dos recursos disponíveis” (BRASIL, 2010b, p. 1).

As Diretrizes Curriculares estabelecem ainda que as ações pedagógicas visem ao desenvolvimento de condutas e atitudes com responsabilidade técnica e social com os seguintes princípios:

I - a qualidade de vida dos habitantes dos assentamentos humanos e a qualidade material do ambiente construído e sua durabilidade; II - o uso da tecnologia em respeito às necessidades sociais, culturais, estéticas e econômicas das comunidades; III - o equilíbrio ecológico e o desenvolvimento sustentável do ambiente natural e construído; IV - a valorização e a preservação da arquitetura, do urbanismo e da paisagem como patrimônio e responsabilidade coletiva. (BRASIL, 2010b, p. 2)

Observa-se que, o desenvolvimento sustentável, além de explicitamente mencionado, aparece intrinsecamente em suas dimensões (social, econômica e ambiental) nos princípios supracitados, bem como, na proposta pedagógica da formação do profissional ao mencionar a proteção do equilíbrio do ambiente natural. A utilização de recursos também é citada, enfatizando sua importância e a necessidade de utilizá-los de forma racional.

Em relação à abordagem da sustentabilidade no ensino, Leite (2011) apontou que as escolas de Arquitetura estavam tímidas para envolver com profundidade este tema, deixando para os cursos de capacitação em certificações, em vez de trabalharem seus conteúdos durante a graduação. Dourado e Amorim (2013) citam que o ensino da sustentabilidade nos cursos de Arquitetura ocorre de forma e enfoque diferentes em cada currículo e que em alguns cursos o tema é abordado em disciplinas específicas e em outros, é trabalhado em disciplinas de outras áreas, acompanhado de outras temáticas. De acordo com Dourado (2015), analisando o perfil da sustentabilidade nas escolas brasileiras de Arquitetura, observa-se uma característica presente das disciplinas de Conforto Ambiental terem assumido por muito tempo a quase totalidade dos conteúdos relacionados à sustentabilidade enquanto as demais disciplinas se mantiveram indiferentes à temática da sustentabilidade.

É importante analisar também a consonância dos conteúdos teóricos com os práticos. As Diretrizes Curriculares estabelecidas para o ensino de Arquitetura e Urbanismo (BRASIL, 2010b) ressaltam a importância da integração entre disciplinas e entre a teoria e a prática. Pavesi e Freitas (2008) identificaram uma tendência nas

instituições de Arquitetura e Urbanismo de que o ensino sobre a sustentabilidade aconteça de forma mais prática e ao longo de todo o curso, e não em disciplinas teóricas isoladas em períodos específicos do curso.

Segundo Ching e Shapiro (2017), os projetos de edificações precisam estar comprometidos com as práticas sustentáveis, desde o planejamento ao desmonte, o que também coloca as disciplinas de projeto, espinha dorsal da formação do arquiteto e urbanismo, nesta pauta sobre a sustentabilidade. De acordo com os mesmos autores, a estética não fica comprometida quando práticas sustentáveis são adotadas:

[...] Edificações ecológicas ou sustentáveis podem desafiar as noções tradicionais de beleza, mas oferecem a possibilidade de reavaliarmos nossas noções a respeito do que é considerado atraente, de reexaminarmos como definimos a beleza nas edificações e de explorarmos a estética em novas formas arquitetônicas. (CHING; SHAPIRO, 2017, p. 5)

Em relação ao ensino de materiais não convencionais, Barbosa (2005) aponta que apesar de todos os cursos de Engenharia e Arquitetura possuírem a cadeira de Materiais de Construção em suas matrizes curriculares, poucos cursos fazem referências aos materiais alternativos como terra crua e bambu, dando enfoque exclusivamente aos produtos industrializados como cimento, concreto, aço, alumínio e cerâmicas.

De acordo com Vasconcelos, Pirró e Nudel (2006), o ensino de Arquitetura tem um papel fundamental na formação das novas gerações, com profissionais conscientes e capacitados para enfrentar as crises ambientais. Embora as produções acadêmicas sobre materiais alternativos tenham ganhado expressividade, pouco se vê sobre a temática voltada para o espaço urbano. O ensino acerca desse tema para Arquitetura ainda é pouco explorado, seja pela organização ou estruturação dos cursos e/ou disciplinas, pela falta de interesse ou pela falta de profissionais capacitados para lecionar disciplinas relacionadas ao mesmo. O ensino da sustentabilidade, incluindo o uso de materiais alternativos, apresenta respaldos para a efetivação prática nos currículos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, dadas as disposições que regulamentam a formação de arquitetos e urbanistas no Brasil.

2.2. Método

2.2.1. Universo de análise

O município de Campos dos Goytacazes/RJ é referência na área universitária na região, abrigando importantes instituições de ensino, incluindo o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF), instituição pública que oferta o curso de Arquitetura e Urbanismo, onde também está inserido o curso de Pós-graduação lato-sensu em Arquitetura da Cidade: suas demandas e tecnologias, da qual resulta este trabalho. Além dessa instituição, o curso de Arquitetura e Urbanismo é ofertado por outras duas instituições de ensino, privadas: Centro Universitário Fluminense (UNIFLU) e Institutos Superiores de Ensino do Censa (ISECENSA).

O curso de bacharelado em Arquitetura em Urbanismo do UNIFLU foi implantado em 2005, sendo o primeiro na região norte e noroeste do estado do Rio de Janeiro. Com duração de 10 semestres letivos, contempla o cumprimento de 51 disciplinas, dentre as quais duas são eletivas e uma é de fundamentos e Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (UNIFLU, 2016). Segundo informa o site da instituição, o curso tem como propósito central “formar profissionais com perfil generalista com olhar

nos preceitos do “Projeto e das Tecnologias” face ao cenário local e regional que ora se encontra instalado [...]”. Além disso, o profissional formado neste curso “está apto a oferecer respostas às necessidades da sociedade e dos indivíduos, contemplando os aspectos sociais, culturais, ambientais, técnicos e estéticos” (UNIFLU, 2021).

O curso de bacharelado em Arquitetura e Urbanismo do ISECENSA foi instituído no ano de 2006. Com duração de 10 semestres, contempla o cumprimento de 69 disciplinas, sendo uma optativa, quatro de estágio supervisionado, duas de monografia, uma de trabalho final e uma de atividades complementares (ISECENSA, s.d.). Conforme o site da instituição, o curso tem como objetivos gerais assegurar uma formação pautada nos princípios estabelecidos pela União Internacional dos Arquitetos - UIA e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, “os quais privilegiam os ambientes sustentáveis, naturais e construídos, os patrimônios culturais da humanidade e a segurança, saúde e qualidade de vida das presentes e futuras gerações” (ISECENSA, 2021).

O curso de Arquitetura e Urbanismo do IFF teve início em 2006. Possui duração de 10 semestres letivos, contemplando o cumprimento de 81 disciplinas (sem as optativas), incluindo duas de seminário e duas de Trabalho Final de Graduação - TFG (IFF, 2010). O site da instituição apresenta como objetivo do curso a formação do aluno para a solução de problemas usando tecnologias, ratificando a pretensão tecnológica do instituto e do curso. Além disso, aponta o perfil profissional preocupado, inclusive, com o equilíbrio ecológico e o desenvolvimento sustentável do ambiente construído (IFF, 2021). O IFF aprovou a reformulação do PPC de Arquitetura e Urbanismo em março de 2020, sofrendo alterações em sua matriz curricular. Entretanto, para esta pesquisa, foram utilizados os documentos anteriores a essa reformulação, tendo em vista que o curso ainda não passou pelo processo completo de transição das matrizes.

2.2.2. Percurso metodológico

Para entender como a sustentabilidade é manifestada nos currículos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo em Campos dos Goytacazes/RJ, fez-se análises das matrizes curriculares e das ementas das disciplinas das três instituições que oferecem o curso no município. Reitera-se aqui, que as análises foram estabelecidas a partir das pretensões declaradas nos documentos dos cursos, não se estendendo ao conhecimento do que realmente se efetiva nas práticas curriculares, o que requer a realização de outros procedimentos metodológicos para tal.

Inicialmente, para cada instituição, fez-se uma seleção das disciplinas que possuíam termos-chave (buscadores) como “sustentabilidade” e “sustentável” nos títulos, nas ementas e nas bibliografias. Para tentar abranger a amplitude da sustentabilidade na abordagem em Arquitetura e Urbanismo, também foram buscados termos-chave como “materiais alternativos” e “materiais não convencionais” nos títulos, nas ementas e nas bibliografias. Para não restringir as análises apenas em relação à presença dos referidos buscadores nas descrições das disciplinas, que não dariam conta de contemplar a abrangência do tema, buscou-se perceber se em cada uma das descrições havia indicativos da abordagem da temática. Para tal, perseguiu-se os objetivos que motivam o desenvolvimento de projetos de “Arquitetura Sustentável” propostos por Gonçalves e Duarte (2006) relacionados às cidades e, também, propostos por Ching e Shapiro (2017).

As disciplinas selecionadas por apresentarem alguma afinidade com o tema da sustentabilidade foram classificadas quanto à importância dada ao tema (inclusivas ou exclusivas) e quanto à abordagem do tema em relação ao tratamento urbano (não abordam ou abordam). As disciplinas que sinalizaram a abordagem do tema

com preocupação sobre as cidades foram verificadas quanto à condição de oferta pelo curso (optativas/eletivas ou obrigatórias). O Quadro 1 sintetiza e apresenta as definições de cada uma das classificações.

Por fim, buscou-se estabelecer um critério de qualificação das disciplinas usando classes, estabelecidas de acordo com as associações das classificações propostas (importância dada ao tema, abordagem do tema em relação à cidade e a condição de oferta da disciplina). Assim, para as disciplinas que apresentaram enfoque com relação às questões urbanas, estabeleceu-se uma divisão em quatro diferentes classes qualificadoras (C1, C2, C3 e C4), que reúnem as categorizações encontradas, conforme apresentado no Quadro 2.

Classificação	Definição
Quanto à importância dada ao tema	
Inclusivas	Disciplinas que abordam o tema e outros assuntos.
Exclusivas	Disciplinas que abordam apenas o tema.
Quanto à abordagem do tema com relação à questão urbana	
Não abordam o tema e as cidades	Disciplinas que mencionam o tema, mas não o abordam em relação ao espaço urbano.
Abordam o tema em relação às cidades	Disciplinas que mencionam o tema e o abordam em relação ao espaço urbano.
Quanto à condição de oferta da disciplina	
Optativas/eletivas	Disciplinas não obrigatórias, sendo da escolha do discente cursá-la ou não.
Obrigatórias	Disciplinas necessárias para a integralização do curso.

Quadro 1. Definições das classificações propostas
 Fonte: Autoria própria, 2021.

CLASSES	Quanto à importância do tema	Quanto à abordagem do tema em relação às questões urbanas	Quanto à condição de oferta da disciplina
C1	Inclusivas	Abordam	Optativas/eletivas
C2	Exclusivas	Abordam	Optativas/eletivas
C3	Inclusivas	Abordam	Obrigatórias
C4	Exclusivas	Abordam	Obrigatórias

Quadro 2. Classes qualificadoras das disciplinas que apresentam convergências às questões urbanas
 Fonte: Autoria própria, 2021.

As classes de menor valor correspondem às disciplinas que apresentam convergências às questões urbanas, porém, em condições mais desfavoráveis quanto à condição de oferta pelo curso (optativas/eletivas), enquanto as classes de maior valor correspondem às disciplinas que apresentam convergências às questões urbanas em condições mais favoráveis quanto à condição de oferta pelo curso (obrigatoriedade de integralização). A condição de obrigatoriedade de oferta foi admitida como uma condição mais favorável em virtude da garantia de que os discentes cursarão o componente, apesar de se ter o entendimento que, diante das realidades das instituições sobre a improvável possibilidade de ofertar regularmente variadas disciplinas optativas/eletivas, as que são ofertadas acabam assumindo um caráter “obrigatório”.

Como este trabalho não tem interesse em comparar ou estimular comparativos entre as instituições e em respeito às singularidades de constituição curricular de cada curso, alicerçadas também pelas características e políticas das instituições, escolheu-se preservar os nomes das mesmas na apresentação e discussão dos resultados, denominando-as por uma nomenclatura genérica como Instituição A, B e C, aleatoriamente em ordem definida pelos autores.

2.3. Resultados e discussões

A Tabela 1 apresenta os quantitativos de disciplinas alocados em suas respectivas classificações para cada uma das instituições analisadas.

Instituição A						
Quanto à importância do tema		Quanto à abordagem do tema em relação às questões urbanas		Quanto à condição de oferta da disciplina		Totais
Inclusivas	24	Não abordam	2	-		Disciplinas com afinidade à sustentabilidade: 27
		Abordam	22	Optativas/eletivas	3	
				Obrigatórias	19	
Exclusivas	3	Não abordam	-	-		
		Abordam	3	Optativas/eletivas	1	
				Obrigatórias	2	
Instituição B						
Quanto à importância do tema		Quanto à abordagem do tema em relação às questões urbanas		Quanto à condição de oferta da disciplina		Totais
Inclusivas	12	Não abordam	-	-		Disciplinas com afinidade à sustentabilidade: 13
		Abordam	12	Optativas/eletivas	-	
				Obrigatórias	12	
Exclusivas	1	Não abordam	-	-		
		Abordam	1	Optativas/eletivas	-	
				Obrigatórias	1	
Instituição C						
Quanto à importância do tema		Quanto à abordagem do tema em relação às questões urbanas		Quanto à condição de oferta da disciplina		Totais
Inclusivas	21	Não abordam	7	-		Disciplinas com afinidade à sustentabilidade: 22
		Abordam	14	Optativas/eletivas	1	
				Obrigatórias	13	
Exclusivas	1	Não abordam	-	-		
		Abordam	1	Optativas/eletivas	-	
				Obrigatórias	1	

Tabela 1. Classificações e quantitativos de disciplinas por instituição
 Fonte: Autoria própria, 2021.

Na Instituição A, 27 disciplinas apresentaram alguma afinidade com o tema da sustentabilidade. Deste total, 24 disciplinas tratam o tema de forma inclusiva e apenas três disciplinas tratam o tema de forma exclusiva. Das 24 disciplinas que tratam o tema de forma inclusiva, duas não têm convergência com as questões urbanas, por isso, estão descartadas do restante da análise, enquanto 22 disciplinas apresentam preocupação com as cidades, dentre as quais três são optativas/eletivas e 19 são obrigatórias. As três disciplinas que tratam com exclusividade o tema da sustentabilidade apresentam confluências para as cidades, sendo duas obrigatórias e outra optativa/eletiva. Assim, das 27 disciplinas, 25 delas tratam a temática em uma perspectiva das cidades e duas não tratam, são elas: “Arquitetura de Interiores I” e “Instalações Prediais III”. Essas duas disciplinas que abordam a sustentabilidade, mas não se voltam explicitamente para as questões urbanas, totalizam 120 h-a.

Na Instituição B, 13 disciplinas apresentaram afinidade com o tema da sustentabilidade, dentre as quais, apenas uma delas faz tratamento exclusivo sobre o tema, sendo de caráter obrigatório e convergindo para as questões urbanas. As outras 12 disciplinas, que são de caráter inclusivo, também apresentam confluências para a cidade e são obrigatórias. Assim, todas as 13 disciplinas identificadas pela abordagem da sustentabilidade, voltam-se, também, para aplicações nas questões urbanas.

Na Instituição C, foram encontradas 22 disciplinas com afinidade à temática da sustentabilidade. Destas, apenas uma delas trata o tema de forma exclusiva, sendo de caráter obrigatório e contemplando preocupação com a questão urbana. Das outras 21 disciplinas, sete não apresentaram confluências para a cidade, não interessando para o restante da análise. Dentre as 14 disciplinas que mostraram preocupação com as questões urbanas, apenas uma é optativa/eletiva. Assim, 15 disciplinas apresentaram confluências para o tratamento do tema em relação à cidade. As sete disciplinas que não tratam a temática em uma perspectiva urbana são: “Arquitetura de Interiores”, “Conforto Ambiental I”, “Conforto Ambiental II”, “Instalações Prediais Especiais”, “Meio Ambiente e Segurança do Trabalho”, “Tecnologia da Construção I” e “Tecnologia da Construção II”. Essas disciplinas que abordam a sustentabilidade, mas não apresentam vieses para as questões urbanas, totalizam 340 h-a. Apesar de não terem apresentado sinalização manifestada de forma escrita sobre a questão das cidades, reitera-se a preocupação vasta dessas disciplinas no que diz respeito à sustentabilidade.

O Quadro 3 apresenta os títulos, a carga horária (CH: em horas-aula; h-a) e a classe qualificadora conforme o Quadro 2, das 53 disciplinas selecionadas por apresentarem afinidade com a temática da sustentabilidade e que sinalizaram alguma preocupação com as cidades, sendo 25 delas da Instituição A, 13 da Instituição B e 15 da Instituição C.

Quadro 3. Informações das disciplinas que abordam a sustentabilidade e as cidades

Instituição A			
Disciplinas	CH	Período	Classe
Conforto Ambiental I	40	3º	C3
Conforto Ambiental II	80	4º	C3
Conforto Ambiental III	60	5º	C3
Conforto Ambiental IV	60	6º	C3
Conservação e Uso Eficiente de Energia	40	5º(*)	C1
Estudos Sociais, Econômicos e Ambientais	60	1º	C3

Gestão Ambiental	40	2º(*)	C2
Legislação Urbana, Ética e Prática profissional	40	8º	C3
Materiais Alternativos aplicados à Arquitetura	40	5º	C4
Materiais de Construção I	80	3º	C3
Paisagismo III	60	6º	C3
Planejamento Urbano e Regional	60	6º	C3
Preservação e Patrimônio Histórico Cultural	60	5º	C3
Projeto de Arquitetura I	100	3º	C3
Projeto de Arquitetura II	100	4º	C3
Projeto de Arquitetura III	100	5º	C3
Projeto de Arquitetura IV	100	6º	C3
Projeto Urbanístico I	60	7º	C3
Projeto Urbanístico II	40	8º	C3
Projeto Urbanístico III	60	9º	C3
Projeto e Bens Patrimoniais	60	6º	C3
Técnicas de Restauro do Patrimônio Histórico Cultural	60	6º	C3
Tópicos em Transporte e Mobilidade Urbana	60	2º(*)	C1
Tópicos em Urbanismo	60	2º(*)	C1
Urbanismo e Meio Ambiente	40	2º	C4
<p>(*) Disciplinas optativas cujos períodos indicados são os mínimos relacionados à ausência ou presença de pré-requisito para cursá-las.</p> <p>Total de disciplinas que abordam sustentabilidade e cidade: 25 Total de horas-aula das disciplinas que abordam sustentabilidade e cidade: 1.560 h-a Total de horas-aula necessário para integralização do curso: 5.120 h-a Percentual de h-a das disciplinas que abordam sustentabilidade e cidade: 30,47%</p>			
Instituição B			
Disciplinas	CH	Período	Classe
Controle Ambiental Acústico	40	7º	C3
Controle Ambiental Lumínico	40	6º	C3
Controle Ambiental Térmico	40	5º	C3
Estudos Ambientais	40	5º	C4
Estudos Sociais Econômicos	40	10º	C3
Ética e Legislação Profissional	40	10º	C3
História, Teoria e Crítica do Paisagismo	60	4º	C3
Patrimônio e Projeto I	60	7º	C3
Patrimônio e Projeto II	60	8º	C3
Projeto de Urbanismo I	80	4º	C3
Projeto Integrado AUP I	100	7º	C3
Projeto Integrado II	100	8º	C3
Sociologia Urbana	40	6º	C3
<p>Total de disciplinas que abordam sustentabilidade e cidade: 13 Total de horas-aula das disciplinas que abordam sustentabilidade e cidade: 740 h-a Total de horas-aula necessário para integralização do curso: 4.480 h-a Percentual de h-a das disciplinas que abordam sustentabilidade e cidade: 16,52%</p>			

Instituição C			
Disciplinas	CH	Período	Classe
Acessibilidade e Mobilidade Urbana	60	5º/9º	C1
Estudos sociais, Econômicos e Ambientais	40	1º	C3
Legislação Aplicada à Arquitetura e Urbanismo	40	8º	C3
Planejamento Urbano e Regional I	60	7º	C3
Preservação e Técnicas Retrospectivas	40	6º	C3
Projeto de Paisagismo I	60	5º	C4
Projeto II	140	4º	C3
Projeto III	140	5º	C3
Projeto IV	140	6º	C3
Projeto Urbano I	40	2º	C3
Projeto Urbano II	60	4º	C3
Projeto V	160	7º	C3
Projeto VI	160	8º	C3
Projeto VII	160	9º	C3
Tecnologia do Restauro	60	7º	C3
Total de disciplinas que abordam sustentabilidade e cidade: 15 Total de horas-aula das disciplinas que abordam sustentabilidade e cidade: 1.360 h-a Total de horas-aula necessário para integralização do curso: 4.320 h-a Percentual de h-a das disciplinas que abordam sustentabilidade e cidade: 31,48%			

Quadro 3. Informações das disciplinas que abordam a sustentabilidade e as cidades
 Fonte: Autoria própria, 2021.

Percebe-se pelo Quadro 3 que, conforme também observado por Dourado (2015), as disciplinas que abordam a sustentabilidade estão ligadas às áreas de conforto ambiental e conservação de recursos naturais e energia, complementando-se aqui com as disciplinas de teorias sobre urbanismo, paisagismo, patrimônio, projetos arquitetônicos e urbanísticos, gestão e legislação, além de acessibilidade, mobilidade urbana e sistemas de transportes. Apesar de todas as instituições apresentarem disciplinas sobre materiais de construção, elas estão em carência nos resultados, em virtude de seus vieses, com menções superficiais aos materiais alternativos e não convencionais, como já citado por Barbosa (2005), no tocante aos cursos de Arquitetura e Urbanismo. Contudo, percebe-se que, de modo geral, as disciplinas selecionadas nas três instituições, contemplam de forma abrangente e satisfatória os objetivos propostos para o alcance da “Arquitetura Sustentável”, sugeridos por Gonçalves e Duarte (2006), relativos às condições urbanas para uso do espaço, preocupação com o transporte e com a seleção de insumos e, também, por Ching e Shapiro (2017), no que se refere à diminuição da degradação do meio ambiente e à melhoria das condições de conforto e saúde das pessoas, além de aspectos de natureza econômica, política e social.

Sobre as disciplinas de projetos, além do âmbito urbanístico, foram também encontradas disciplinas com enfoque arquitetônico. É importante formar profissionais que projetem edificações levando em consideração o bom desempenho com um longo período de vida útil dessas construções, de forma que apresentem baixo consumo energético e de recursos, propiciando um nível elevado de conforto e condições saudáveis aos usuários. De acordo com Ching e Shapiro (2017), a preocupação com

a sustentabilidade acarreta uma série de restrições aos projetos, mas gera produtos com qualidade mais elevada, edificações salubres e não dispendiosas.

Na Tabela 2 estão sintetizados os quantitativos de disciplinas que tangenciam a abordagem sobre as cidades, enquadradas em cada uma das classes qualificadoras, para cada uma das instituições analisadas, incluindo os totais das cargas horárias em horas-aula (h-a).

Classes	Quantidade de disciplinas e totais em horas-aula					
	Instituição A		Instituição B		Instituição C	
	Total de disciplinas	Total de h-a	Total de disciplinas	Total de h-a	Total de disciplinas	Total de h-a
C1	3	160 h-a	-	-	1	60 h-a
C2	1	40 h-a	-	-	-	-
C3	19	1.280 h-a	12	700 h-a	13	1.240 h-a
C4	2	80 h-a	1	40 h-a	1	60 h-a
Total	25	1.560 h-a (*) 30,47%	13	740 h-a (*) 16,52%	15	1.360 h-a (*) 31,48%

(*) A maior parte dessa carga horária é de disciplinas de tratamento não exclusivo sobre o tema; todavia, diante da impossibilidade de estimar com exatidão as cargas horárias destinadas à abordagem da sustentabilidade em relação à cidade, levou-se em conta as cargas totais das disciplinas, ainda que as estimativas possam estar superdimensionadas.

Tabela 2. Quantitativos de disciplinas que apresentam convergências com as cidades e totais de horas-aula por classes qualificadoras e por instituição
Fonte: Autoria própria, 2021.

Na Tabela 3 estão apresentados os quantitativos de disciplinas obrigatórias que tratam das questões urbanas distribuídos pelos períodos de oferta para cada uma das instituições. A escolha pela consideração apenas das disciplinas obrigatórias se deu pela certeza quanto ao período de oferta no curso.

Períodos	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	Total
Instituição A	1	1	3	2	4	6	1	2	1	-	21
Instituição B	-	-	-	2	2	2	3	2	-	2	13
Instituição C	1	1	-	2	2	2	3	2	1	-	14

Tabela 3: Quantitativos de disciplinas obrigatórias que apresentam convergências com as cidades, distribuídos por período de oferta para cada instituição
Fonte: Autoria própria, 2021.

Nota-se que, a Instituição A, que apresentou o maior número de disciplinas que tratam a sustentabilidade (25; 1.560 h-a no total; 30,47% do total da carga a ser integralizada pelo discente), tem disciplinas nas quatro diferentes classes, estando a maioria em classes de maiores valores (21 obrigatórias). Nela, a maioria das disciplinas está concentrada na classe C3 (19 no total, com 1.280 h-a), de abordagem da sustentabilidade de forma não exclusiva, mas são disciplinas de integralização obrigatória. As disciplinas que tratam a sustentabilidade de forma exclusiva são em pequena quantidade, apenas três, que constam nas classes C2 e C4, totalizando

apenas 120 h-a, são elas: “Gestão Ambiental”, “Materiais Alternativos aplicados à Arquitetura” e “Urbanismo e Meio Ambiente”. As disciplinas “Conservação e Uso Eficiente de Energia”, “Tópicos em Transporte e Mobilidade Urbana” e “Tópicos em Urbanismo” são optativas e inserem o tema de forma não exclusiva, situando-se na classe C1, totalizando apenas 160 h-a, apesar de terem abordagem bastante relevante.

A Instituição B apresentou 13 disciplinas discutindo a temática da sustentabilidade e com preocupação com as cidades (total de 740 h-a; 16,52% do total da carga a ser integralizada pelo discente). Essas 13 disciplinas estão ocupando as classes C3 e C4, de condição de obrigatoriedade, sendo 12 na classe C3 (totalizando 700 h-a), não tratando o tema da sustentabilidade de forma exclusiva e apenas uma delas na classe C4, abordando exclusivamente o tema. Esta disciplina é “Estudos Ambientais”, que tem apenas 40 h-a.

Já a Instituição C apresentou o maior percentual de horas-aula das disciplinas que convergem para a sustentabilidade e as cidades em relação ao total de horas-aula do curso, 31,48% (15 disciplinas, 1.360 h-a no total). Se as outras sete disciplinas que versam sobre a sustentabilidade, mas não sinalizaram convergências mais explícitas para as questões urbanas fossem consideradas aqui, esses totais cresceriam para 22 disciplinas, 1.700 h-a, 39,35% da carga de integralização do curso. Pela Tabela 3, a única classe não percebida para esta Instituição foi a C2, de tratamento do tema com exclusividade e de oferta optativa/eletiva. A maioria das disciplinas (13, total de 1.240 h-a) encontra-se na classe C3, que não trata apenas a temática da sustentabilidade, mas é de caráter obrigatório. A disciplina “Acessibilidade e Mobilidade Urbana”, de 60 h-a, está situada na classe C1, tratando o tema de maneira inclusiva, mas, apesar de conter uma abordagem interessante, é optativa/eletiva. E, a disciplina “Projeto de Paisagem I”, de 60 h-a, é a única situada na classe C4, de tratamento exclusivo sobre o tema e de caráter obrigatório.

De forma geral, percebe-se escassez na oferta de disciplinas obrigatórias e de abordagem integral sobre a temática da sustentabilidade nas três instituições, face aos baixos quantitativos de disciplinas na classe C4. Todavia, as três instituições apresentam maior concentração de disciplinas na classe C3, que indica a obrigatoriedade de integralização, mas tratam o tema junto com outros assuntos. Poucas disciplinas estão nas classes C1 e C2, com a maioria concentrando-se nas outras classes, o que indica a prevalência da obrigatoriedade dos componentes curriculares que abordam a sustentabilidade e as cidades para a integralização dos cursos. Pela Tabela 3, nota-se que esses componentes curriculares aparecem, basicamente, ao longo de todos os períodos das matrizes curriculares, em maiores concentrações a partir do 4º período nas três instituições analisadas, o que pode indicar que o discente tem uma aproximação com a temática ao longo de quase todo o seu percurso formativo nas instituições, conforme defendido por Pavesi e Freitas (2008), não sendo possível inferir acerca de como as abordagens se estabelecem nas práticas curriculares, se isoladas ou integradas.

3. Conclusões

Partindo-se do questionamento sobre o modo em que a abordagem de conceitos e práticas sobre a sustentabilidade é aguçada dentro das manifestações curriculares de cursos de Arquitetura e Urbanismo na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ e da hipótese de uma abordagem pouco explorada em relação a essa temática, desenvolveu-se esta pesquisa, objetivando-se conhecer como o tema é

contemplado nos referidos cursos, entendendo sua importância para a formação profissional consciente, crítica e cidadã de arquitetos e urbanistas.

Para a fundamentação teórica, foram encontradas algumas literaturas acadêmicas acerca do tema que, junto às Diretrizes Curriculares sobre a formação profissional em Arquitetura e Urbanismo, e também, junto à legislação que regulamenta o exercício profissional, sustentam o apontamento pelo tratamento da temática da sustentabilidade para a profissão do arquiteto e urbanista. Pela pesquisa nos PPCs dos cursos, usando a estratégia de busca explícita de termos-chave como “sustentabilidade”, “sustentáveis”, “materiais alternativos” e “materiais não convencionais” nas matrizes curriculares e ementas das disciplinas e também, fazendo o refinamento pela análise de possíveis interlocuções das disciplinas com os objetivos da “Arquitetura Sustentável” defendidos por Gonçalves e Duarte (2006) e por Ching e Shapiro (2017), pôde-se concluir que todos os cursos de Arquitetura e Urbanismo pesquisados apresentam disciplinas nos diversos eixos formativos (teoria, projeto e tecnologia), que abordam de alguma forma a sustentabilidade no contexto urbano.

Todavia, no âmbito geral sobre a abordagem da sustentabilidade, e em consonância ao que se estabeleceu na hipótese da pesquisa, reitera-se a importância de uma maior exploração do tema, que esteja explícita nos documentos curriculares, pela oferta de disciplinas com condições mais satisfatórias de abordagem da temática, prezando-se pela exclusividade de tratamento do tema, pela integração de conteúdos com atenção ao tema, pela manutenção da obrigatoriedade de cursar a disciplina, nos aspectos arquitetônicos e urbanísticos sustentáveis. Isso não representa necessariamente um aumento no número de disciplinas nos currículos, mas reflexões sobre as práticas, de modo que sejam colaborativas entre docentes e discentes, e que permitam agir pedagogicamente sobre o que já existe. Que o tratamento da temática esteja configurado em uma trilha clara no percurso formativo da área, para que os sujeitos estejam cada vez mais conscientes de seus compromissos para com a sociedade e o meio ambiente.

Destaca-se aqui, mais uma vez, que as análises foram realizadas apenas sobre os documentos curriculares dos cursos. Portanto, as inferências são baseadas apenas no que foi lido pela consulta nos documentos, que são bastante diferentes de uma instituição para outra, inclusive em qualidade e quantitativo de informação. Também não há nenhuma referência sobre a efetivação das práticas desses currículos nas rotinas diárias dos cursos, o que poderia revelar maiores fragilidades ou indicar práticas mais significativas, para além do que se vê manifestado nos registros escritos. Assim, sugere-se como continuidade desta pesquisa, a realização de levantamento de campo junto aos sujeitos diretamente envolvidos nos processos formativos institucionais (coordenadores, professores e alunos), para inferir sobre como se estabelece a prática, de modo a tecer comparativos com o que está manifestado nos documentos curriculares.

Diante das realidades atuais das cidades, cada vez mais poluídas e com problemas urbanos diversos, gerados principalmente pelo homem, que agravam as condições ambientais e o bem-estar das pessoas, defende-se a formação de arquitetos e urbanistas comprometidos com o enfrentamento dessas questões. É preciso que os profissionais estejam empenhados na construção de ambientes que contribuam para a melhoria da qualidade de vida e que sejam benéficos para a saúde das gerações atual e futuras - práticas de responsabilidade social e demandas cada vez mais exigidas pelo mercado profissional.

Referências bibliográficas

ABEA. Associação Brasileira das Escolas de Arquitetura. **Subsídios para a reformulação do ensino de Arquitetura**. São Paulo: Comissão de Especialistas no Ensino de Arquitetura e Urbanismo - CEAU, 1977.

BARBOSA, N. P. Considerações sobre materiais de construção convencionais e não convencionais. **Publicação do Laboratório de Ensaios de Materiais e Estruturas do Centro de Tecnologia da UFPB**, João Pessoa, 22 p., 2005. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAX70AA/materiais-construcao-nao-convencionais>. Acesso em: 21 mar. 2021.

BRASIL. Lei no 10.257, de 10 de julho de 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília: Congresso Nacional. Brasília, DF, 10 jun. 2001.

BRASIL. Lei nº 12.378, de 31 de dezembro de 2010. Regulamenta o exercício da Arquitetura e Urbanismo no Brasil, cria o CAU – Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil; e dá outras providências. Brasília, DF, 2010a.

BRASIL. Portaria nº 1.770, de 21 de dezembro de 1994. Fixa as Diretrizes Curriculares e o conteúdo Mínimo do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Brasília, DF, 1994.

BRASIL. Resolução nº 2, de 17 de junho de 2010. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, alterando dispositivos da Resolução CNE/CES nº 6/2006. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Ministério da Educação. Brasília, DF, 2010b.

BREMER, U. F. **Por nossas cidades sustentáveis**. In: 5º CNP / 61ª SOEAA, Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia - CONFEA. Maranhão, 12 p., 2004. Disponível em: http://www.redbcm.com.br/arquivos/cidadescriativas/por_nossas_cidades_sustentaveis.pdf. Acesso em: 09 mar. 2021.

BROSLER, T. M. **Materiais não convencionais na construção civil**: presente, passado e futuro no processo de conhecimento dos assentados de Mogi Mirim – SP. 2011. Dissertação (Mestrado em Engenharia Agrícola) - Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 181 p., 2011. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/256869/1/Brosler_TaisaMarotta_M.pdf. Acesso em: 03 mar. 2021.

BRUNDTLAND, G. H. **Our common future**: The World Commission on Environment and Development. Oxford: Oxford University, 1987.

CBIC. CÂMARA BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO. **Construção sustentável: a mudança em curso**. Brasília: 2017, 104 p. Disponível em: <https://www.cbic.org.br/sustentabilidade/wpcontent/uploads/sites/22/2017/10/Caderno-Setorial-CBIC-CNI-Sustentabilidade.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2021.

CHING, F. D. K., SHAPIRO, I. M. **Edificações Sustentáveis Ilustradas**; tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2017.

CORBELLA, O. D.; YANNAS, S. **Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos: conforto ambiental.** Rio de Janeiro: Revan, 2003.

DAVIDOVITS, J. **Geopolymer cement: a review.** France: Géopolymère Institute, 2013.

DOURADO, B. M. **Sobre o ensino da sustentabilidade ambiental nos cursos de Arquitetura e Urbanismo: Avaliação e subsídios.** 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 2015. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18252/1/2015_BrendaMilhomemDourado.pdf. Acesso em: 16 mar. 2021.

DOURADO, B. M.; AMORIM, C. N. D. **O ensino da sustentabilidade em cursos de Arquitetura e Urbanismo no Brasil.** In: XII Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído - ENCAC. Brasília: 2013.

GONÇALVES, J. C. S.; DUARTE, D. S. **Arquitetura Sustentável: uma integração entre ambiente, projeto e tecnologia em experiências de pesquisa, prática e ensino. Ambiente construído,** Porto Alegre, v. 6, n. 4, p. 51-81, out./dez. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/ambienteconstruido/article/view/3720/2071>. Acesso em: 23 fev. 2021.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População rural e urbana,** Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18313-populacao-rural-e-urbana.html>. Acesso em: 10 mar. 2021.

IFF. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo.** 2010.

IFF. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. **Superior de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo.** Disponível em: <http://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/campos-centro/cursos/bacharelado/arquitetura-e-urbanismo-1/curso-de-arquitetura-e-urbanismo>. Acesso em: 21 mar. 2021.

ISECENSA. Institutos Superiores de Ensino do Censa. **Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo.** s.d.

ISECENSA. Institutos Superiores de Ensino do Censa. **O curso.** Disponível em: <https://www.isecensa.edu.br/graduacoes/arquitetura-e-urbanismo/o-curso>. Acesso em: 21 mar. 2021.

JATOBÁ, S. U. S. **Urbanização, meio ambiente e vulnerabilidade social. Boletim Regional, Urbano e Ambiental,** 141 p., 05 jun. 2011. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5567/1/BRU_n05_urbanizacao.pdf. Acesso em: 13 mar. 2021.

KRÜGER, E. L. **Tecnologias apropriadas e habitação social no Brasil. Revista Educação e Tecnologia,** Curitiba, v. 4, n. 4, p. 17-24, 2000. Disponível em: <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/2008/1420>. Acesso em: 21 mar. 2021.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder;** tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2001.

LEITE, C. Ensino de arquitetura: O Brasil perdeu o rumo? **Revista aU**, Ed. 203, março de 2011. Disponível em: www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/203/conversas-latino-americanas-charlas-latinoamericanas-ensino-de-arquitetura-o-brasil-208856-1.asp. Acesso em: 03 mar. 2021.

MAIA, Y. W. A.; SOUZA JÚNIOR, A.; ARAÚJO, H. A. O.; BARROS, J. P. B; DANTAS FILHO, M. D. **Materiais não convencionais na construção civil.** In: V CONAPESC. 2020, Paraíba. Anais [...]. Campina Grande: Editora Realize, 2020. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/73173>. Acesso em: 26 mar. 2021.

OLIVEIRA, C. N. **O paradigma da sustentabilidade na seleção de materiais e componentes para edificações.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 198 p., 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92291/266269.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 fev. 2021.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.** 2018. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 26 fev. 2021.

ONU. Organização das Nações Unidas. ONU prevê que cidades abriguem 70% da população mundial até 2050. **ONU News**, 19 de Fevereiro de 2019. Clima e Meio ambiente. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/02/1660701>. Acesso em: 10 mar. 2021.

PAVESI, A.; FREITAS, D. A problemática socioambiental na formação do arquiteto: perspectivas e desafios apontados por um estudo do currículo de um curso de Arquitetura e Urbanismo. **Revista de pesquisa em Arquitetura e Urbanismo – Risco 7**. São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44727>. Acesso em: 19 fev. 2021.

SACHS, I. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente.** São Paulo: Ed. Nobel, 1993.

SILVA, G. J. A.; ROMERO, M. A. B. Urbanismo sustentável no Brasil e a construção de cidades para o novo milênio. **Perspectivas**, São Paulo, p. 1-11, 2010. Disponível em: http://www.usp.br/nutau/sem_nutau_2010/perspectivas/romero_marta.pdf. Acesso em: 30 mar. 2021.

UNIFLU. Centro Universitário Fluminense. **Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo.** 2016.

UNIFLU. Centro Universitário Fluminense. **Arquitetura.** Disponível em: <http://www.uniflu.edu.br/arquitetura.php#:~:text=O%20curso%20de%20Arquitetura%20e,voltada%20para%20os%20aspectos%20que>. Acesso em: 21 mar. 2021.

VASCONCELOS, R. L.; PIRRÓ, L.; NUDEL, M. A importância da inserção dos conceitos de sustentabilidade no currículo das escolas de arquitetura no Brasil para a formação das novas gerações de arquitetos. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 11 p., 2006, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 2006. p. 3885-3893.

Autores

Raiza de Oliveira Machado. Especialista em Arquitetura da Cidade: suas demandas e tecnologias pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF). raizaomachado@gmail.com

Cássia Maria de Assis Rangel Melo. Doutora em Engenharia Civil pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Professora da Pós-graduação lato sensu em Arquitetura da Cidade: suas demandas e tecnologias do IFF.

Sergio Rafael Cortes de Oliveira. Doutor em Engenharia Civil pela UENF. Professor da Pós-graduação lato sensu em Arquitetura da Cidade: suas demandas e tecnologias e do Mestrado Profissional em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias do IFF.

ARQUITECTURA Y URBANISMO Y SU ENSEÑANZA, DEBATE Y PARTICIPACIÓN Argentina, México y Brasil: de los años 1970 a la Actualidad.

Eje/Eixo Temático 2

Beatriz Pedro

FADU-UBA

Maria de Lourdes Garcia Vázquez

FA-UNAM

Nora Lanfri

FFyH-UNC

Sylvia Adriana Dobry

MALOCA, UNILA y LABPARQ - FAU-USP

Resumen

En las décadas de 1960-70 se abrió un fecundo campo de debates, intercambios e inter influencias en el área de Arquitectura y Urbanismo y su enseñanza, en América Latina y en otras regiones. Participaron, entre otras, experiencias consideradas pioneras de Argentina, México y Brasil: Taller Total, (FAU-UNC, Córdoba, Argentina); Autogobierno (FA UNAM, México) y en Brasil: FAU SJC, São José dos Campos; Reforma de la FAU USP y la experiencia de la FAU UnB. Estas experiencias fueron orientadas por la idea de interdisciplinaridad y por premisas tales como: la arquitectura es un área de carácter prioritariamente social; su enseñanza debe partir del análisis de la sociedad y sus necesidades, en una gestión democrática y participativa. Hoy estas premisas persisten como anhelos, cuyas huellas pueden encontrarse en algunos casos aislados, en los planes de estudios de carreras de Arquitectura y Urbanismo en los tres países. Este trabajo analiza particularmente: el Taller Libre de Proyecto Social (UBA, Argentina); el Laboratorio Hábitat Social: participación y género LAHAS (UNAM, México) y los Escritorios Modelos y Extensión de Facultades de Arquitectura y Urbanismo en universidades de Brasil, a la luz de las premisas mencionadas.

Palavras-Chave: Arquitectura y Urbanismo, Enseñanza de la Arquitectura y Urbanismo, gestión democrática participativa, América Latina.

Resumo

Nas décadas de 1960-70 existiu um fértil campo de debates, intercâmbios e inter influências na área de Arquitetura e Urbanismo e seu ensino, em América Latina e no mundo. Participaram, entre outras, experiências, consideradas pioneiras, de Argentina, México e Brasil: Taller Total (Ateliê Total- FAU-UNC, Córdoba, Argentina); Autogoverno (FA UNAM, México) e em Brasil: FAU SJC, São José dos Campos; Reforma da FAU USP e a experiência da FAU UnB, entre outras. Realizadas

a partir da ideia de interdisciplinaridade e das premissas: arquitetura é uma área de caráter prioritariamente social; seu ensino deve partir da análise da sociedade e suas necessidades, numa gestão democrática e participativa. Hoje estas premissas continuam como anseios, se encontrando só em alguns casos isolados nos currículos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo nos países citados, e que serão analisados, entre outros: Ateliê Livre de Projeto Social, (UBA, Argentina), Laboratório Hábitat Social: participação e gênero LAHAS, (UNAM, México) e Escritórios Modelos e Extensão de Faculdades de Arquitetura e Urbanismo. (Brasil).

Palavras-chave: Arquitetura e Urbanismo, Ensino da Arquitetura e Urbanismo, gestão democrática e participativa, América Latina.

Introducción

Entre los años '60 y '70, la enseñanza de Arquitectura y Urbanismo fue puesta a debate. Se desarrolló un fértil campo de discusión sobre su función social, el perfil del egresado de las carreras, en América Latina y el mundo. Participaron de este debate experiencias consideradas pioneras, tales como el Taller Total, FAU-UNC, (Córdoba, Argentina, 1970-75.); el Autogobierno, FA-UNAM, (México, 1972- 1992), el Sistema Modular, FA-UAM, (Xochimilco, México, 1974 hasta la actualidad). En Brasil destacamos la experiencia de la FAU-SJC, (São José dos Campos, 1970-75), las Reformas da FAU-USP, (1962 y 1968) y la experiencia de la FAU-UnB (1968-1976.)

Numerosas universidades buscaron opciones pedagógicas superadoras de las anquilosadas y verticalistas estructuras universitarias. Inscriptas en un clima de agitación social, efervescencia cultural y expectativas políticas de mudanzas estructurales y con el propósito de remover situaciones cristalizadas en la tradición universitaria en diversas áreas del conocimiento, se fueron configurando en varios países diversos proyectos pedagógicos universitarios. Se construyó un fructífero campo de intercambios, interinfluencias y debates, posibilitados por eventos académico-profesionales,¹ publicaciones, viajes, como también los exilios, contribuyendo a la circulación de ideas. Paulo Freire, por ejemplo, se exiló en Chile, donde escribió su famosa obra "Pedagogía del oprimido" en 1968, que fue impresa por la Dirección de Publicaciones de la FAU-UNC durante la vigencia del Taller Total.

Entre otros, Paulo Bastos y Sylvio Sawaya, en los años 1970, divulgaron el Taller Total en Brasil. Miguel Pereira, que desempeñó la dirección de la FAU-UnB entre 1968 y 1976, durante un viaje a Córdoba, en 1971, tuvo contacto con el Taller Total, y junto con estudiantes y profesores, desarrolló esa idea en la UnB.

Con México se constituyeron relaciones de interinfluencia con el Autogobierno, en la UNAM, iniciado en 1972 y con el Sistema Modular en la UAM de Xochimilco, iniciado en 1974. Varios referentes del Taller Total se exilaron en México, entre ellos, Elsa Tania Larrauri, que desde 1975, a partir de su experiencia en el Taller Total., participó activamente en el Sistema Modular en la UAM/ Xochimilco. Un auditorio de esta universidad recibió su nombre. También Maria Saleme de Burnichon, quien coordinó el Equipo de Pedagogía del Taller Total, y Martha Casarini, pedagoga que participó en este equipo, se exilaron en México.

¹ Los debates en torno a la Arquitectura y Urbanismo y su enseñanza, así como los referidos al rol del arquitecto se recuperaron en las discusiones planteadas en las reuniones de la Conferencia Latinoamericana de Escuelas y Facultades de Arquitectura, C.L.E.F.A. (Chile, 1959; México, 1961; Argentina, 1964; Colombia, 1970) y en las reuniones realizadas por la Unión Internacional de Arquitectos, U.I.A. (IV Congreso Mundial de la U.I.A., La Habana, Cuba en 1963; VIII Congreso Mundial de la U.I.A., París, Francia, 1967). (LAMFRI, 2007)

Consideradas precursoras, las premisas que orientaron estas propuestas de enseñanza participaron del debate latinoamericano y mundial sobre la enseñanza de Arquitectura y Urbanismo. En contextos autoritario y en una atmosfera mundial marcada por la guerra fría, había interés en invisibilizar estas experiencias y que aparecieran como aisladas en la consciencia de sus integrantes, por lo que, en la actualidad, es importante exponer sus vínculos y su vigencia. Cada caso, con sus particularidades, desarrolló la busca de un hábitat ampliado o una relación cognitiva con los espacios. Se destaca que, en los países de América Latina, la formación de espacios se da en un desarrollo que obedece a un proceso desigual y combinado, donde conviven modos avanzados y arcaicos de producción. Esto se revela en Arquitectura y Urbanismo y en el paisaje, coexistiendo las formas de producción de la población más vulnerable – conocida como ejército de reserva– sin calificación técnica, con las de elevado nivel de tecnología.

El debate latinoamericano y mundial en los años 1960-1970 estaba impregnado por la idea de que hábitat no es sólo poseer una casa, sino también pertenecer a un lugar, o sea, la noción de hábitat ampliado. La influencia del *Team X* en gran parte de los profesores y estudiantes se manifestaba, entre otras ideas, en el consenso en relación con la afirmación de Van Eick de que la obra solamente se realiza con las personas. Para este arquitecto, la separación entre escala urbana y escala del edificio era arbitraria, lo que se expresa en sus palabras: “Un árbol es una hoja y una hoja es un árbol – la casa es una ciudad y la ciudad es una casa – la ciudad no es ciudad a menos que sea también una gran casa – la casa no es casa si no es también una pequeña ciudad.” (VAN EYCK, 1966). En esos años la escuela de la Bauhaus aparecía también como una fuerte influencia y una referencia emblemática en las escuelas de Arquitectura y Urbanismo. En el contexto de la República de Weimar, la Bauhaus sobrepasaba las barreras de la enseñanza abstracta, entendiendo el aprendizaje no solamente como información, sino también como formación – en que reflexión y acción son partes de un todo, – con la idea de que el artista crece y se desarrolla en interacción con otros, – incluyendo procesos de interdisciplinaridad, talleres integrados e inter-niveles, así como la teoría unida a la práctica².



Fig. 1. 1968- Mayo Francés,
Disponibile en: [https://
virtualia.blogs.sapo.pt/16286.
html](https://virtualia.blogs.sapo.pt/16286.html) Acceso, 11/04/2021.

Debate y Contracultura en el contexto latinoamericano

Una referencia emblemática para el debate de la enseñanza fue el año 1968. En los años 1960 la lucha contra la represión política, explotación y desigualdad contribuyeron para gestar una fuerza creativa, combativa y plena de esperanzas. La juventud se convertía en dominante de las economías – internacionalizada por medio de la televisión, radio, universidades y turismo internacional (HOBBSAWM, 1998, p. 327) – y estableció un programa, en el cual se definía el ser revolucionario al expresar su visión de mundo, cuestionar la realidad, promover la ciencia y el arte, luchar con armas oponiendo a la violencia criminal la violencia justa. (VOLPI, 2001, p.101-102). El Mayo Francés de 1968, con su consigna de ‘prohibido prohibir’ simbolizó la lucha contra el autoritarismo y por la transformación de la sociedad (TARAZONA, 2006, p.180).

² La República de Weimar, primera democracia parlamentaria de Alemania, duró catorce años, finalizando con la ascensión del nazismo al poder. Fueron años de efervescencia, con ideas nuevas en todos los dominios. Pero la Bauhaus y la corriente arquitectónica que representa no consiguieron resolver la cuestión estructural de la sociedad: quien produce y para quien se produce. Para más detalles, ver Dobry-Pronsato, Sylvia A., 2005, p.73 a 109 y 2008, p. 136 a 168.



Fig.2. Brasil-1968.
Disponible en: <https://movimentorevista.com.br/2018/06/1968-um-velho-mundo-que-ficou-para-tras/> Acceso 05/04/2021

Estudiantes en Brasil realizaron manifestaciones en diversas ciudades protestando contra la política educacional³ y el gobierno, después del golpe militar de 1964.

Luego del golpe militar de 1966, en Argentina, las protestas estudiantiles tomaron una dimensión masiva y, en el medio de la represión, las universidades fueron cerradas, perdiendo autonomía. En 1968, en Córdoba, estudiantes de arquitectura lucharon para participar del concurso propuesto por la UIA con el tema “vivienda de interés social” y en mayo de 1969 hace eclosión el *Cordobazo*⁴, con características de insurrección popular contra la dictadura militar, con fuerte participación estudiantil.



Figs. 3 y 4. El Cordobazo ,1969.
Disponibles em: <https://ciencianarua.net/cordobazo-a-revolta-que-sacudiu-a-argentina-ha-50-anos/> Acceso 05/04/2021



Fig.5. Manifestación del 1º de agosto de 1968 en la Ciudad de México, encabezada por el rector de la UNAM, Javier Barros Sierra. Disponible en: <https://www.esquerda.net/artigo/mexico-o-inicio-do-movimento-estudiantil-de-1968/56398> Acceso 10 /04/2021.

En octubre de 1968 en México, la Plaza de Tlatelolco fue campo de batalla por horas, expresando la tensión entre el movimiento estudiantil y el gobierno, con el giro a la derecha del PRI (Partido Revolucionario Institucional). El conflicto dejó un saldo de cien heridos, 39 muertos, casi 500 detenidos y la represión a modo de ‘caza a las brujas’ a los intelectuales y políticos que apoyaron ese movimiento por una reforma universitaria democrática en un país donde el conservadurismo de sus dirigentes se había aliado al capital hegemónico norteamericano. (TARAZONA, 2006, p. 180).

³ El acuerdo MEC- USAID expresa la intromisión de Estados Unidos. En Río de Janeiro una marcha de protesta reunió 100 mil personas. En São Paulo, manifestaciones estudiantiles transformaron la avenida María Antonia en campo de batalla y el edificio de la Facultad de Filosofía de la USP fue ocupado en diversas oportunidades.

⁴ La dictadura en Argentina, luego del golpe militar de 1966, llevó a cabo una política de congelamientos salariales, prohibición de paros y persecución de dirigentes sindicales. El día 29 de mayo de 1969, después de un mes de intensas movilizaciones populares en todo el país, los tres mayores sindicatos, Córdoba, promovieron un paro general de 36 horas, que resultó en el “Cordobazo”, una insurrección obrera e popular, a partir de la cual se forjó la unidad obrero-estudiantil.

FAU-UNC: TALLER TOTAL, Córdoba, Argentina.

Como ya mencionamos, los golpes militares impactaron fuertemente en las universidades públicas. Los acontecimientos conocidos como 'la noche de los bastones largos' vividos el 29 de julio de 1966, en medio de una violenta intervención en la Universidad de Buenos Aires para desalojar a autoridades, profesores, investigadores y estudiantes que actuaban en defensa de la autonomía universitaria, culminó con despidos y renuncias en universidades de todo el país, con efectos devastadores para el desarrollo científico del país. En Córdoba, Argentina, el golpe militar de 1966 cerró la FAU-UNC, entre otras facultades, y dejó los estudiantes 'huérfanos', sin muchos de sus profesores⁵, la mayoría pertenecientes a las cátedras de Composición Arquitectónica, que defendían una práctica del área comprometida con la realidad. Esos años fueron preparativos del Taller Total. Según Federico⁶,

[...] la historia de la FAU UNC se divide en varias etapas: a. Antes del 66, época progresista y de alta excelencia académica. b. De 1966 a 1970, (inicio del Taller Total) caracterizado por el golpe militar de Onganía, c. De 1970 hasta la muerte de Perón (julio del 74), como la etapa del Taller Total por excelencia. (FEDERICO, Arquímedes, entrevista concedida a ELKIN; 2000, p.129).

Entre 1970 y 1975 se desarrolló el Taller Total, en un contexto político-social ejerció fuerte impacto en su gestación, implementación, re-diseño y cancelación. Los profesores y estudiantes se organizaron para la construcción de una propuesta curricular innovadora con enfoque interdisciplinario, en una gestión democrática y participativa del conocimiento. Se cuestionó la vigencia del modelo anterior y se destacó que, para entender y elaborar propuestas en el área de arquitectura y urbanismo⁷ resulta imprescindible la inserción en la realidad social. En este sentido, el Taller Total fue considerado un cambio sin precedentes, sin antecedentes en su tipo, una propuesta político-educativa estrechamente articulada a proyectos sociales sostenidos por diversos grupos que lo impulsaron y lo determinaron.

Se modificó el plan de estudios en una propuesta que "insertó la carrera de arquitectura en la estructura funcional del Taller Total, componiéndola a través de la interacción dinámica de tres subsistemas articulados: Ciclos, Áreas, y Campos de conocimiento". Se previó la incorporación de toda la población estudiantil de la FAU (aproximadamente 1400 alumnos) y de 50 docentes en 1970, organizados en doce Equipos de Trabajo de alrededor de 120 alumnos de diferentes niveles, manteniendo la proporcionalidad de alumnos y docentes. Cada uno de éstos, a su vez, se subdividió operativamente en Comisiones de Trabajo por nivel e internivel, integradas por docentes de todas las Áreas de Conocimiento y por alumnos del segundo al sexto nivel de la carrera, que actuarían según los requerimientos de las sucesivas etapas y en los cuales los alumnos visualizarían el proceso completo con distintos grados de profundización. (FAU, 1970:3, en LAMFRI, N. 2007)



Fig.6. Toma de la FAU-UNC y asamblea estudiantil, 08/05/74.
Fotografía: CDA – FFyH – UNC.

⁵ Durante el golpe militar de Onganía, 66 profesores fueron despedidos en la FAU-UNC (Córdoba) por haber participado en una huelga en respuesta a la represión instalada en la universidad, de la cual fue parte el asesinato del estudiante Santiago Pampillón. Según la revista *Primera Plana*, hasta agosto de 1966, 14% del cuerpo docente de la Universidad de Buenos Aires optó por renunciar, entre ellos, 234 de Arquitectura. Equipos completos de investigación se exiliaron en otros países, por ejemplo, Estados Unidos, para donde emigraron 6.543 profesores universitarios argentinos entre 1950 e 1966. (MARTINEZ, Silvia A., 2000, p. 80-81).

⁶ Arquitecto participante del Taller Total e profesor de la FAU UNC,

⁷ En Argentina, este debate fue protagonizado en muchas facultades de Arquitectura, (mayoritariamente en las públicas) en Buenos Aires, La Plata, Resistencia, Rosario, Tucumán, siendo el Taller Total la experiencia considerada más avanzada e integradora.

La complejidad de los diferentes problemas de enseñanza abordados hacía pensar en la necesidad de inter-comunicaciones con saberes de otras disciplinas, entre ellas, las Ciencias Sociales y la Pedagogía. Se planteó que el docente de arquitectura, al asumir la enseñanza, precisaba de otros saberes no incluidos en su formación de grado y que difícilmente se acercaba a lo específico de esta otra área de conocimiento. La presencia del Equipo de Pedagogía fue altamente relevante tanto en la estructuración de la propuesta como en el apoyo cotidiano para el desarrollo de los distintos talleres, en especial en la contribución y asesoramiento a la formación docente como proceso continuo. Esto requirió, entre otras actividades, la realización de evaluaciones con base en criterios y procedimientos científicos –inter-relacionando práctica y teoría –para posibilitar la madurez, el rediseño del proyecto pedagógico y la revisión de la relación entre la enseñanza y el aprendizaje.

La Extensión Universitaria fue constitutiva de la propuesta del Taller Total. Se realizaron experiencias extensionistas que dieron la oportunidad a estudiantes y docentes de entrar en diálogo con los saberes populares y acompañar el desarrollo de iniciativas tales como la Cooperativa el Huanquero, de colectores y recicladores de residuos urbanos de los barrios San Vicente y Müller, de la ciudad de Córdoba. En este, denominado Taller 6, participó, entre otros, la profesora y arquitecta Elsa Tania Larrauri, que se exilió en México, como ya se mencionó.

Desde el Taller 11 se trabajó conjuntamente con los vecinos de Colonia Lola, recorriendo los espacios que habitan, escuchando sus preocupaciones, anhelos y también los vecinos iban a la facultad a discutir las propuestas en el programa de diseño de la escuela. En conjunto, se analizaban las carencias de mayor urgencia que habían sido producidas por factores políticos-sociales y que dejaban a estas zonas marginales con una población vulnerable. La integración entre facultad y barrio pudo darse con el proyecto y construcción de la Escuela Libertad, que permitió asistir a clases a los niños del barrio Colonia Lola, que habían abandonado la escuela pública. (LASTRA, E., 2016, p.383). En este taller, el Arq. Osvaldo Bidinost como docente, marcó el proceso de enseñanza y aprendizaje, así como Miguel Angel Cuenca, Gallego Rojo, Erik R King, y otros.

En Villa de Soto, provincia de Córdoba, se rescata la experiencia de otro taller en el que

[...] Se trabaja interdisciplinariamente, el taller de Arquitectura junto con los compañeros de Cine, Medicina y otras disciplinas de la universidad respondiendo a las problemáticas social, cultural, económica y política del entorno. El trabajo se desarrolla mediante convenio con la Intendencia de Soto abordando la temática Salud, investigando la endemia del lugar: el mal de Chagas – Mazza proponiendo un hábitat adecuado a las necesidades físico- culturales y ambientales del usuario, incorporando el 'proyecto del hospital regional especializado. (TARTER, FARINA, VILCHES, BONINO, 2016, p. 326).

El Taller Total sufrió los embates de la derechización de la política⁸ en la provincia y, después, de la dictadura. El decano, Arq. Bontempo tuvo que exilarse en inicios de 1975⁹, debido a las persecuciones políticas sufridas. “El decano interventor que siguió, fue un capitán da aviación que de arquitectura no sabía nada, y ese capitán terminó la ‘limpieza’ con los docentes que faltaban y con los administrativos”¹⁰. En

⁸ Con la destitución del gobierno popular y democrático de Obregón Cano - Atilio López, por el “Navarrazo”, golpe de derecha peronista, (en febrero de 74), se inaugura el período en que bandas para-estadales y a continuación el propio Estado terrorista, sin instrumentos jurídico-legales, concretizaron el mayor horror de sangre conocido en Argentina

⁹ Luego de la muerte de Perón ,en contexto de la derechización del gobierno peronista.

¹⁰ Participante del Taller Total e entrevista concedida a LAMFRI, (2007:103)

marzo de 1976, ya con el golpe militar, con la Facultad bajo intervención, se consumó el cerramiento definitivo y oficial del Taller Total, con violencia física y represión de los participantes. En esa institución hubo 47 estudiantes y graduados asesinados y desaparecidos por el terrorismo de Estado, desde 1975 a 1983 (NOVILLO y otros, 2008).

Durante el proceso de recuperación democrática, a partir de 1983, se trató de borrar de la memoria colectiva esta experiencia, dejándola invisible y se retornó a la estructura tradicional fragmentada en disciplinas aisladas. Se consolidó un régimen de cogobierno desigual entre claustros priorizando a los profesores, y retornando al modelo y perfil del profesional alejado de la sociedad. Desde 2015, por iniciativa de graduados y estudiantes comenzaron a realizarse Encuentros reivindicando el Taller Total y la dimensión social de la profesión¹¹.

FA-UNAM (Facultad de Arquitectura-Universidad Nacional Autónoma de México): AUTOGOBIERNO-ARQUITECTURA

En la UNAM, entre 1972 y 1992, tuvo vigencia el proyecto académico-político llamado Arquitectura-Autogobierno, que mudó los valores del capital simbólico de la arquitectura preponderante hasta ese momento en México, instauró nuevas subjetividades académicas, redefiniendo la actuación de docentes, estudiantes y profesionales en una perspectiva no solamente disciplinar, sino también política y de apertura a la sociedad.

En la entonces Escuela Nacional de Arquitectura (ENA), desde 1966, un pequeño grupo de estudiantes cuestionaba el sistema de enseñanza autoritario, individualista y elitista. El movimiento estudiantil de 1968 dio un nuevo impulso a la disconformidad manifestada y en 1972, con apoyo de un grupo de profesores jóvenes agrupados en el Colegio de Profesores de Teoría e Historia de la Arquitectura, se propuso modificar el currículo cuestionado, no reconociendo el cargo de director ocupado por el arquitecto Ramón Torres Martínez. Por medio de esta lucha logran incorporar tres profesores de la Facultad de Economía y uno de Filosofía, para romper con el monopolio de los arquitectos – empresarios – profesores (HIJAR, 2008). El director fue sustituido por el arq. Rene Capdeville Licastro, quien en 1973 al instalarse el conflicto, también renuncia¹² y la ENA se divide en dos grupos: los que están de acuerdo con los cambios y los que deciden seguir con el modelo tradicional. Se realizan negociaciones con el rectorado de la UNAM¹³ para llegar a una solución del conflicto y se acuerda en que cada parte estaría presente en el Plan de Estudios. En 1976 es reconocida esa corriente como un proyecto piloto, que duró de 1972 hasta 2000, fecha en que las dos corrientes (la que estaba de acuerdo con las mudanzas y la que prefería la enseñanza tradicional) se integraron nuevamente en un único Plan de Estudios.

Arquitectas y arquitectos argentinos, chilenos y uruguayos llegan a México, entre los años 1970 y 80, perseguidos por las dictaduras de sus países. De los primeros, algunos habían participado en la experiencia del Taller Total. Al entrar en contacto con profesores y estudiantes del Autogobierno hubo un intercambio, y se adoptó un

11 Para más detalles, consultar: <https://tallertotal2021.wixsite.com/5encontro/taller-total>

12 El 7 de julio de 1973 presentó su renuncia al cargo de Director de la Escuela Nacional de Arquitectura, debido a la situación de conflicto entre diferentes grupos en pugna.

13 La Comisión considera que las modalidades de organización académica y administrativa que propone el Autogobierno son susceptibles de adecuarse a las normas y principios básicos de la legislación universitaria.

Plan de Estudios muy similar al del Taller Total¹⁴. Las principales coincidencias residen en que ambos proyectos postulan:

- Rever críticamente el papel del arquitecto y la concepción de la arquitectura que la determina, ministrar una enseñanza de acuerdo con los problemas sociales, democratizar la educación y las formas de gestión.
- Critica a la fragmentación del conocimiento en compartimentos estanques representados por las disciplinas y se opta por englobarlos en cuatro áreas de conocimiento: Diseño, Tecnología, Extensión Universitaria y Teoría, que incluye Ciencias Sociales.
- En ambas experiencias se proponen tres niveles de conocimiento.
- Trabajar con sindicatos, organizaciones urbanas y/o vecinales.

Se introducen cambios en la enseñanza a partir de 1976, orientados por una mayor integración de los conocimientos ofrecidos en las áreas, que convergían en un taller de síntesis denominado "Taller Integral". Esta idea innovadora representó progresos notables en el campo del "Taller de Arquitectura", eje de la carrera. Estudiantes y asesores de todos los campos de conocimiento participaban en el proceso completo del curso: programación, análisis, desarrollo del proyecto y su evaluación. De esa forma, el proceso del Autogobierno fue una compleja interacción entre la herencia del movimiento estudiantil de 1968, la política educativa del gobierno y la acción de distintos actores sociales: asesores, estudiantes, trabajadores y autoridades, quienes con sus prácticas cotidianas definieron tanto teoría y práctica arquitectónica como la enseñanza y su institucionalización en el sentido de participación activa¹⁵. Se buscaba un perfil de arquitecto al servicio de las clases populares, significando una lucha constante, también en la precisión del proyecto académico. Los movimientos sociales urbanos son interlocutores y base permanente de esta "arquitectura popular".

Los objetivos del Autogobierno fueron seis¹⁶: totalización de conocimientos, diálogo crítico, conocimiento de la realidad nacional, vinculación al pueblo, praxis y autogestión. Ideas que provenían del campo disciplinar y de posiciones políticas¹⁷ que se expresaron en la nueva propuesta formativa tanto en su diseño como en la instrumentación de esas ideas. Significaba dejar la sala de aula y realizar investigación de campo, ir a los barrios periféricos y pequeñas ciudades, trabajar la propuesta proyectual con los habitantes y actualizándose constantemente porque los cambios sociales son dinámicos.

El Autogobierno aspiraba formar un arquitecto en función de las necesidades reales de nuestra sociedad, lo que implicaba en el conocimiento científico de la misma y también un compromiso activo en su transformación.

Enseñanza Superior en Brasil: Políticas públicas

En los años 1960 y 1970 la privatización de la enseñanza contribuye para

¹⁴ Estas ideas eran también debatidas en los Congresos de Arquitectura e Urbanismo, lo que favorecía la circulación de estas ideas.

¹⁵ La actitud no era de recepción pasiva, sino de participación activa, de igual a igual, no de subordinación

¹⁶ Determinados democráticamente por la comunidad de autogobierno, que fueron proclamados en asamblea plenaria del 11 de abril de 1972.

¹⁷ Existía una mezcla de posiciones que iban desde ideas progresistas, anarquistas, trotskistas, maoístas, leninistas espartaquistas, etc.

entender el contexto¹⁸ en que se desarrollaron las experiencias analizadas, en especial la de la FAU-SJC. En esos años se acentúa el embate entre dos paradigmas: el proyecto de construcción de una universidad democrática, crítica de sí misma y de la sociedad versus la concepción de la universidad gran empresa, donde el saber es mercancía¹⁹. (SILVA Jr.; SGUISSARDI, 1999, p.19).

Arquitectura y Urbanismo y su enseñanza en Brasil

Después de 1968²⁰, la enseñanza superior visa consolidar el modelo social y económico sustentado por el gobierno. El desarrollo del país precisaba ampliar el acceso a la enseñanza del 3º grado y el régimen resolvió transformar la educación para obtener consenso y hegemonía; pero, priorizó la inversión en los sectores relacionados a la acumulación directa del capital y favoreciendo la ampliación de la privatización de la enseñanza. (SILVA Jr.; SGUISSARDI, 1999: 177-178).²¹

El Arq. Miguel Alves Pereira (2005, p.80-82), hizo referencia en el IV Seminario del Curso de Arquitectura de la Facultad de Bellas Artes, en 1983, a la experiencia de la FAU-San José de los Campos como una de las más importantes de la enseñanza en Brasil y rescató la experiencia del Taller Total en la FAU-UNC, en Argentina, cuyas ideas llegaron a Brasil y en la FAU-UnB, se desarrolló la idea del Taller Total, después de su reapertura en 1968.

La reflexión sobre la arquitectura y el urbanismo y su enseñanza, en los años 1960-70, formó parte de un debate político en América Latina y tuvo una dimensión intensa en San Pablo: *“Fue en la FAU SJC en que esas divergencias fueron más profundas y explicitadas”*. (FERNANDES, 2005, en entrevista concedida a DOBRY).

Las ideas de Francisco de Oliveira, que fue profesor de la FAU-SJC, contribuyeron para entender las relaciones entre contexto, arquitectura y enseñanza, y los debates presentes en las experiencias analizadas²², al remitirse a la crítica de la teoría desarrollista y también al concepto de que el subdesarrollo está incluido en la formación capitalista.²³

18 La actuación de la OEA en el período permite entender su relación con el proceso contradictorio de reforma del sistema de educación superior en Brasil. Los intereses de la OEA estaban expresos en la Carta de Punta del Este de 1961, que incluía dentro de la estructura de la Operación Pan-americana la Alianza para el Progreso, que estableció el Plano Decenal de Educación, conteniendo directrices educacionales para América Latina. (MACHADO A, SILVA, 2006:191)

19 SEGUNDO SILVA JR.; SGUISSARDI, (1999:19-20), las mudanzas en la enseñanza ocurren en el interior de un movimiento que abarca la economía y la reorganización del Estado inseridas en el contexto: del pasaje del régimen de acumulación fordista para el de flexible, que implica la mundialización del capital, desempleo, financiarización, etc.; de la disminución del Estado – presentada como privatización, tales como la de los sectores de salud y educación; del cambio de la idea del conocimiento como bien colectivo para el de bien privado, que deriva en la mercantilización de la educación y del saber; de la campaña de cualificación de lo privado, y el desprestigio de lo público; de la desconsideración de que la investigación científica no puede ser realizada sin recursos del Estado y que los intereses empresariales objetivan el lucro en última instancia.

20 En la época del Acto Institucional nº 5, promulgado en 13 /12/1968, durante el gobierno del general Costa e Silva, fue la expresión más evidente de la dictadura y se suspendieron las garantías constitucionales.

21 La economía necesitaba de mano de obra calificada para las exigencias de esa fase. Parte de esa política fue la creación del Banco Nacional de Habitación, que funcionó de 1966 a 1985 con base en el Fondo de Garantía por Tiempo de Servicio., correspondiendo a 8 % del salario. Tema tratado también por ARANTES, P. F., 2002, p. 98.

22 Luego de la segunda guerra mundial surgió la teoría desarrollista como matriz de una estrategia para re-articular la hegemonía del capital –liderada por Estados Unidos que quedaron en posición favorecida y el acuerdo de las elites latino americanas –fundamentada en la idea de que ella permitiría superar el atraso de los países en “vías de desarrollo”. (SEVCENKO, 2001, p. 250). En ese contexto, en los años 1950 las FAUs en el mundo se tornaron independientes, sea de las facultades de ingeniería, sea de las escuelas de Bellas Artes.

23 La interpretación a la que se asoció la industrialización en América Latina privilegia las relaciones externas de sus economías, transformando la teoría del subdesarrollo en teoría de la dependencia. (OLIVEIRA, 2006:49). Discrepando de las teorías que veían en el atraso de la agricultura un obstáculo a la industrialización y en la “expansión” de las ciudades a la condición de marginalidad, Oliveira dice que la mala distribución de renta es lo que dificulta la propia expansión capitalista.

En el momento en que Oliveira enunció esas ideas era profesor de sociología en la Facultad de Arquitectura de Santos – fuerte referencia para la FAU SJC – en la que eran también docentes los arquitectos Sergio Ferro y Rodrigo Lefèvre, que realizaban una investigación sobre vivienda. La investigación reveló que la mayoría de los habitantes de las “villas miseria” era propietarios de sus viviendas: que la construcción de la ‘propiedad’ era hecha por esfuerzos conjuntos, lo que evidenció el papel del ‘ejército de reserva’ de las ciudades, que era visto por la mayoría de los teóricos como lumpen o consumidor de excedentes. La paradoja de que los operarios y población de baja renta eran propietarios de sus viviendas, reduciendo el valor de su propia reproducción, fue explicada por el papel que los esfuerzos conjuntos y la autoconstrucción cumplen en la disminución del valor del trabajo. (OLIVEIRA, 2006, p.85 y 111). El proceso de industrialización en América Latina y sus relaciones con la formación del ‘ejército de reserva’ y el paisaje de las periferias de las ciudades, incluyendo la vivienda para las amplias masas, son cuestiones reveladas también en las formas no resueltas de acceso a la tierra. En los años 1960-70, estos temas fueron centro de debates, lo que expresa la idea de que arquitectura y urbanismo es una profesión de carácter social, y la necesidad de la busca de interdisciplinaridad, como premisas básicas.

FAU-USP, (Facultad de Arquitectura y Urbanismo - Universidad de São Pablo)

El director de la FAU-USP, Ingeniero Pedro M. do Amaral Cruz, en 1965, reinstituía la forma dominante en las asignaturas técnicas de la época, o sea, la aula expositiva, dejando de lado las conquistas del sistema de talleres²⁴. En este embate están representadas dos visiones de enseñanza, ya que el sistema de talleres, en contraposición al de clases expositivas, posibilita la participación más activa del alumno, relacionando el pensar y el hacer en el ejercicio didáctico de la acción de proyectar. Pero, restringido al departamento de proyecto, confunde la asignatura Proyecto con la acción proyectual, que por ser un trabajo de síntesis debería incluir todas las asignaturas.

Al intentar cortar toda posibilidad de enseñanza crítica, Cruz alejó la FAU-USP de las directrices de la Reforma de 1962, contra la opinión de profesores y alumnos; generó descontentamiento de tal orden que tuvo como resultado su destitución del cargo. Asumió Ariosto Mila, que inició la construcción del edificio de la FAU-USP proyectado por Vilanova Artigas y Cascaldi y organizó el Fórum de 1968, con contexto y contenido diferentes de los de 1962, cuando se creía que la arquitectura podría ser un instrumento transformador de la sociedad y que participaría de la construcción de la nación²⁵. A finales de 1968, con la publicación del AI-5, (Acto institucional n°5), el régimen se endureció, ya que hasta ese momento había concentrado su aparato represivo prioritariamente en el movimiento operario y político. El clima era de tensión política y muchos arquitectos pasaron a dudar del poder del proyecto como instrumento de transformación social.

²⁴ Este embate representa la lucha por el poder entre ingenieros y arquitectos en la FAU-USP, lo que se relaciona también con ‘reserva de mercado’. Para más detalles, ver ARANTES, P. F., 2002, p. 91.

²⁵ Idea también relacionada al hecho de que la tendencia modernista liderada por Le Corbusier fue hegemónica en Brasil, con su famosa frase ‘Arquitectura o Revolución’, dejando al margen otras tendencias modernistas. Diversos autores coinciden en afirmar que la discusión internacional a partir de 1956 dentro del CIAM, con la presencia de las ideas del Team X, estuvo ausente en la FAU-USP. Después de la Segunda Guerra Mundial, muchos arquitectos del Equipo May inmigraron para São Paulo, y contribuyeron realizando arquitectura de excelente cualidad, en especial en Higienópolis, permaneciendo ausente de la enseñanza de la FAU-USP, en anonimato y sin reconocimiento.

La mudanza de la FAU para la Ciudad Universitaria, reflejó el gran vacío político de aquel momento. Su edificio, proyectado en 1962, adquiriría un sentido diferente del imaginado originalmente: en vez del lugar donde sería proyectada la nueva sociedad, tornaba se un exilio (entre idílico y lúgubre) para los que quedaron. (ALBUQUERQUE, 2004, p. 111). Al realizarse el Fórum de 1968, este fue palco de discusiones entre posiciones diferentes. Este debate acontecía a nivel mundial y latinoamericano, como divisor de aguas que definía la estrategia seguida por cada grupo político frente a las burguesías nacionales, y a la necesidad o no de la 'etapa democrática burguesa' como camino para el socialismo. Esto se traducía, en el campo de la arquitectura, en la ilusión de que existiría una burguesía nacional interesada en el proceso de industrialización de la construcción.²⁶ Los grupos que disientían de esa caracterización investigaron sistemas de construcción a partir de técnicas populares, analizando su racionalización y aplicación en amplia escala, tales como los pre-fabricados *in situ*²⁷.

Las divergencias teóricas²⁸, según Ferro, reflejaban el debate de esos años: el confronto entre la busca prioritaria de desarrollo de las fuerzas productivas en Arquitectura contra la crítica de las relaciones de producción y de explotación. (FERRO, entrevista concedida a SANTOS, 1988, p. 272). Aunque con el reconocimiento profesional implícito en la construcción del nuevo edificio de la FAU-USP, uno de los autores del proyecto, el arquitecto y profesor Vilanova Artigas fue perseguido en 1969, como muchos otros profesores de la USP, jubilado compulsoriamente. (ARANTES, 2002, p. 94).

FAU- UnB, (Universidad de Brasilia)

En el año 1962²⁹ fueron logradas: las reformas en la FAU-USP, San Pablo, en la FAU-UFRGS, Rio Grande del Sur y la inauguración de la UnB (Universidad de Brasília), con la implantación de tres cursos troncos, siendo uno de ellos, el de Arquitectura y Urbanismo (PEREIRA, 2006, entrevista à DOBRY, S.). Por otro lado, para Fernandes,

[...] la mayoría de las FAUs vivía bajo la tutela de los cursos de ingeniería a partir de los cuales fueron creadas. La excepción del período fue Brasilia, donde el Curso de Arquitectura y Urbanismo pertenecía al Instituto Central de Artes (ICA)³⁰. Allí son puestas en práctica, por la primera vez en 1962, las propuestas del Taller Integrado que los debates de los arquitectos sugerían desde la segunda mitad de los años 50. (FERNANDES, 2006, entrevista concedida a DOBRY, S.)

La acción de la dictadura³¹ en la UnB fue violenta: invadida cinco veces con la prisión y tortura de profesores y estudiantes, que se exilaron en otros países para

²⁶ Perspectiva a la que estaban íntimamente relacionados Artigas y Paulo Bastos Pero este dijo (en entrevista a DOBRY, 2006), que era una ilusión que se constató con el tiempo y que en los años 1970 Artigas ya dudaba que pudiese realizarse.

²⁷ Se incluyeron en estas investigaciones Sérgio Ferro, Rodrigo Lefèvre, Flávio Império, Mayumi W. Souza Lima, Sérgio Souza Lima, Ermínia Maricato, Edgard Graeff, entre otros.

²⁸ Como expresión de esta división surgieron simultáneamente ds revistas de estudiantes de la FAU-USP en 1970: 'O Desenho' e a 'Ou....' La primera defendía la actividad profesional por sobre otras, reproduciendo en el primer número parte de una clase de Artigas de 1967: "Diseñar es hacer la historia como iniciativa humana". Ya la revista 'Ou...' se inspiraba en las clases de Sergio Ferro, de 1968 e 1969, que criticaba la división del trabajo en el obrador y la separación entre trabajo manual e intelectual (ARANTES, 2002, p. 94).

²⁹ En 1962 el MEC desarrollaba el Programa Nacional de Alfabetización, inspirado en el método de Paulo Freire. Las ideas de ese educador influenciaron fuertemente el Taller Total de Arquitectura y Urbanismo en Córdoba, Argentina, en los años 1970, y a Rodrigo Lefèvre, referencia en las nuevas propuestas de enseñanza en São Paulo.

³⁰ En el Instituto Central de Artes, asociado a la Facultad de Arquitectura y Urbanismo, ICA-FAU-UnB, participaban, entre otros, Mayumi W. e Sergio Souza Lima, Edgard Graeff y João da Gama Filgueiras Lima. Para más detalles, ver LIMA, Mayumi W. Souza,(1995, p.245).

³¹ La dictadura militar en Brasil se inicia el 31 de marzo de 1964 y finaliza en abril de 1985.

huir de las persecuciones. Darcy Ribeiro, entre otros, tuvo sus derechos políticos anulados³². En ese contexto, en 1965, más de doscientos profesores renunciaron, quedando el curso de arquitectura prácticamente sin docentes³³. Se contrataron profesores no aceptados por los alumnos, que en 1967 inician una huelga. En 1968, el rector Caio Benjamin, invitó a Niemeyer para reestructurar el curso de arquitectura, pero recusó la invitación y sugirió la asesoría del Instituto de los Arquitectos del Brasil-IAB, aceptado por los estudiantes.

Estallaron enfrentamientos entre la policía y los estudiantes en todo el país, creándose una de las mayores crisis del gobierno Costa e Silva. En el contexto de la vigencia del AI-5, la coordinación convocó el Seminario de Revisión y Consolidación de los Planes docentes y Apertura del Proyecto Cultural del, ICA-FAU, como parte del proceso de reflexión crítica que pretendía, entre otros temas, verificar a metodología de trabajo a ser adoptada para una propuesta cultural diferenciada. (PEREIRA, 2006, en entrevista a DOBRY).

Como ya mencionado, en un viaje a Córdoba, Argentina, en 1971, Pereira tubo contacto con el *Taller Total*,³⁴ y junto con estudiantes y profesores, lo desarrollaron en la UnB, en la medida de las posibilidades que el contexto de dictadura permitía. En ese período las resoluciones se tomaban de forma paritaria y, cada seis meses había reuniones para discutir el perfeccionamiento de la experiencia, cuyo tema era el Planalto Central y sus ciudades.³⁵ (PEREIRA, 2006, en entrevista concedida a DOBRY).

Entretanto, en 1977 los estudiantes de Brasilia se integraron a las manifestaciones nacionales, en la lucha por libertades democráticas. Su sueño era sofocado, pero exponía para el mundo la hipocresía y el control de las universidades por el régimen militar; en el año siguiente los profesores crearon la Asociación de Docentes de la Universidad de Brasilia.³⁶

FAU-SJC, (São José dos Campos, Estado de São Paulo)

Cronológicamente coincidente con el Taller Total en Córdoba, (Argentina), se desarrolló la FAU-SJC, (São José dos Campos, estado de São Paulo, Brasil), destacándose en especial, el trabajo interdisciplinar realizado en el primer año, en el cual el debate interno en la facultad tomaba la forma de una intersección entre las problemáticas en el interior del curso de graduación y el análisis de la comunidad en la cual se insería.

Debilitada la FAU-USP y cerrada la UnB, con el endurecimiento del régimen al fines de de 1968 y 1969, el clima pasó a ser atemorizante y desmobilizante. En ese contexto se inició el proceso de privatización de enseñanza superior, en el cual se incluye la creación de la FAU-SJC, que vigoró entre 1970 y 1976. Como dijo Mayumi

³² Anísio Teixeira fue destituido y nombrado Zeferino Vaz. Numerosos estudiantes fueron expulsos de la universidad y docentes despedidos.

³³ Entre los profesores que renunciaron, estaban José Filgueiras Lima, Jean Claude Bernardeth, Edgard Graeff, Mayumi S. Lima y el coordinador del Instituto de Comunicación y Artes, ICA, Alcides Áquila da Rocha, según BASTOS, Paulo, 2006 y PEREIRA, Miguel, 2006, (en entrevistas a DOBRY). Para el ex-profesor del ICA Luis H. Martins Pereira, "el sueño ya había acabado, existía una inviabilidad total. Quien estaba allá sentía que no había como resistir. Si nos quedásemos, sería en silencio, diluyendo la universidad, en una falsa posición de resistencia. El golpe acabó con la UnB". (Mayores detalles, ver DOBRY, S., 2008).

³⁴ Recibiendo el Libro Mostaza del arquitecto R. Veteri

³⁵ Un estudiante de arquitectura y urbanismo de la UnB, en entrevista a DOBRY, (2008), destacó que muchos de los profesores participaban del proyecto de los edificios del campus, y llevaban los alumnos a esas obras: era como si estudiaran en un obrador, lo que contribuía para el proceso de enseñanza-aprendizaje.

³⁶ La Asociación de docentes de la UnB (ADUnB) tendría después papel importante en el cuestionamiento de la gestión y estructura de la universidad.

W. Souza Lima³⁷, la ampliación del derecho a la educación fue impregnada por la falsa premisa que incidió sobre todo el sistema escolar, incluyendo las universidades: **“democratización = mala calidad y elitización = buena calidad”** (LIMA, 1995, p. 59 y 60). Entre las pocas excepciones, abortadas, está la FAU-SJC que fue un “laboratorio de enseñanza” (LACAZ, Guto, 2007, entrevista a DOBRY, S.), en el cual varios modelos expresaron la relación de fuerzas de cada momento, con un denominador común: el de desarrollar una enseñanza crítica inserida en la realidad y una gestión democrática y participativa.

En la FAU-SJC el proceso fue abalizado por los embates con la mantenedora, que a ejemplo de otras similares, poco sabía sobre enseñanza de arquitectura e intentó adecuar este curso a los modelos convencionales.

El ICA-FAU de la UnB fue una referencia importante en la creación del IPC - Instituto de Proyecto y Comunicación, experiencia inicial de esa facultad, en el contexto de la privatización de la enseñanza. El objetivo era que los alumnos entrasen en el universo cognitivo del arte, “descortinandolo”. Se pensó en el formato de un curso básico de dos años, en que los estudiantes harían las primeras experiencias, contactos, observar y crear dentro del arte. Los tres últimos años serían en el campo profesional, resultando en una formación con amplia base. Fue adoptado para el ciclo profesional el Taller Integrado con la participación simultánea de los profesores de Proyecto, de Histórica y de Tecnología en el horario del taller, desarrollándose un tema único. (BASTOS 2006, entrevista, en DOBRY, S.2008).

La práctica de interdisciplinariedad expresó las dificultades que deberían ser profundizadas en el campo de la teoría³⁸ y que en esos años eran discutidas también en otras facultades de arquitectura de América Latina y del mundo. En el Taller, la falta de un lenguaje común entre arquitectos, sociólogos, ingenieros, economistas e historiadores tornaba el contacto confuso, agravado por las divergencias frente a las varias posibilidades de abordaje del tema. (FERNANDES, y otros, 1976, p. 16). El Taller no consiguió ser ‘integrado’, porque prevaleció la dirección del Departamento de Proyecto, atribuyendo a los otros departamentos la tarea de responder a las preguntas que **surgirían del proceso de proyecto**. El conflicto estaba colocado: se repetía, quizá con más fuerza, el embate vivido en la FAU-USP, muchas veces con falta de diálogo. Entretanto, esas experiencias componen un campo fértil para la elaboración de propuestas, como parte de una polémica que permanece abierta.

Como alternativa a las críticas al taller en la FAU-SJC fueron creadas las Unidades Interdepartamentales de enseñanza e investigación, UDIs. Estas daban énfasis a la educación más allá de la actuación profesional, para desarrollar la capacidad de analizar críticamente e identificar soluciones para mudanzas deseadas y necesarias: pensar para proponer y no solamente saber hacer; superar los límites de un entrenamiento específico profesional ajeno a la realidad política social y económica. La diferencia principal de las UDIs se centraba en la participación equilibrada de los tres departamentos en todas las unidades. Lo que garantizaría la interdisciplinariedad en la graduación y en las actividades con la comunidad. El elemento unificador era el objeto de investigación, no el tema. (FERNANDES, y otros, 1976, p. 17). Pero el proceso de formación de las UDIs fue interrumpido:

³⁷ Mayumi Souza Lima participó como profesora en las: FAU-SJC, FAU-Santos, FAU-UnB, EESC-USP y fue una de las pocas arquitectas a entender la enseñanza de arquitectura y urbanismo inserida en el proceso general de la educación, asumiéndose como educadora, además de arquitecta, lo que todavía hoy es difícil de ser comprendido en las facultades de arquitectura y urb. Elaboró, como fruto de esas experiencias, un texto en el cual analiza los “mitos e imposibilidades reales en las universidades privadas y públicas”, presentado en el X Encuentro Nacional sobre Enseñanza de Arquitectura e V Congreso del Área. En 1973 y 1974 fue vice-directora de la FAU-SJC.

³⁸ El trabajo interdisciplinar requiere tiempo de elaboración debido a su complejidad.

En el final de 1974 la mantenedora interviene la facultad nombrando director el ingeniero electrónico Aroldo Borges Diniz del Instituto Tecnológico de la Aeronáutica. La mayor parte del cuerpo docente es despedida y substituida rápidamente, medida acompañada de un Regimiento inadecuado [...]. En el inicio de 1975 ese regimiento es aprobado por la Fundación y enviado inmediatamente al Ministerio de Educación y Cultura-. MEC. (FERNANDES, y otros, 1976, p. 21).

La movilización estudiantil consiguió derrotar la intervención. El MEC designó la Comisión de Enseñanza de Arquitectura y Urbanismo-CEAU³⁹ visando salvaguardar la FAU-SJC de una estructura superada. Al inicio de 1976 hubo una nueva intervención posteriormente a las fracasadas tentativas de vender la facultad. La Fundación Valeparaibana de Enseñanza, mantenedora de la FAU-SJC, después de seis años de experiencia, perfeccionó sus métodos: despidió profesores y funcionarios sin substituirlos, transfirió la facultad de su edificio retirando su espacio de actuación, promovió la transferencia de todos los alumnos y suspendió sus actividades con el consenso del MEC. (FERNANDES, y otros, 1976, p. 22).

Actualidad de las premisas del TT en Argentina, México y Brasil

A partir de 2015 fueron organizados: el “I Encuentro Internacional LA FORMACIÓN UNIVERSITARIA Y LA DIMENSIÓN SOCIAL DEL PROFESIONAL” - Taller Total - FAU-UNC, 1970 – 1975, en Córdoba, Argentina. En 2016, se realizó el segundo encuentro en la misma ciudad y, en 2017 y 2018, nuevos Seminarios fueron realizados en São Paulo⁴⁰, Brasil. En ellos fueron presentadas experiencias que retomaron la actualidad de los ejes de organización y premisas desarrolladas por los proyectos pedagógicos que hemos presentado.

Como se evidenció en cada caso, se desarrollaron en contextos complejos, con avances y retrocesos, inseridas en el proceso homogeneizador de la internacionalización de la enseñanza superior, impulsada por las políticas neoliberales. Hoy estas premisas están, en algunos casos, incorporadas al currículum de las carreras de Arquitectura y Urbanismo en los países citados. Presentaremos brevemente algunas experiencias: el Laboratorio Hábitat Social: participación y género, LAHAS, (UNAM, México), el Taller Libre de Proyecto Social, (FADU-UBA, Argentina), y Extensión universitaria en Facultades de Arquitectura y Urbanismo (Brasil).

LAHAS, Laboratorio Hábitat Social: Participación y Género, FA-UNAM, México

El LAHAS⁴¹ fue concebido con la idea de la espiral, que expresa el vínculo entre el conocimiento y la acción⁴². En este laboratorio la participación en la construcción y mejoramiento del hábitat donde actúa, no se orienta a un modelo único de mudanza social, sino a lo que cada una de las comunidades hacen a partir

³⁹ Nombrada por Portería Ministerial, se componía de un representante del Instituto de Arquitectos de Brasil- IAB, de representantes de cinco facultades (uno de facultad particular) y un representante del Servicio Federal de Habitación y Urbanismo- SERFHAU, para representar la demanda. Es un órgano de asesoramiento del Departamento de Asuntos Universitarios, financiado por ele. (Testimonio de Nestor Goulart Reis Filho, en revista *CJ Arquitectura* nº 4, 1974:15).

⁴⁰ Como continuidad de estos Encuentros se realizaron en San Pablo los I y II Seminarios Internacionales LA DIMENSIÓN SOCIAL DE LA FORMACIÓN PROFESIONAL. Para más detalles sobre los Encuentros ver: <https://tallertotal2021.wixsite.com/5encontro/eventos-relacionados>

⁴¹ Participan arquitectas/os, urbanistas, ingenieras/os y geógrafas/os. Fue presentado al Programa de Cooperación Inter-universitaria e Investigación Científica con Iberoamérica. A la AECID, la Universidad de Barcelona y la Facultade de Arquitectura de la UNAM, que aceptan financiarlo. Para más detalles ver: <http://lahas.org/>

⁴² También tratando de conservar el origen y el vínculo con el Autogobierno, cuyo logotipo era una espiral.

de sus propias experiencias locales en continua referencia de sus privaciones. El LAHAS intenta favorecer espacios de debate y construcción de conocimientos con a intención de generar nuevas lógicas y disposiciones en correspondencia con las aspiraciones reales de los grupos sociales envueltos requiriendo creatividad y participación efectiva de todos los actores de las diferentes problemáticas. Promueve la generación de conocimiento mediante procesos de debate reflexivo entre los múltiples participantes de un territorio, en situación de inclusión y equidad, con el fin de lograr una transformación social sustentable. Se pretende que el espacio universitario sirva de canal de interacción con una realidad urbana y arquitectónica que es muchas veces desconocida o invisible: la ciudad inacabada, autogenerada, la auto- producción de la vivienda y equipamiento, la producción social del hábitat.

Investiga procesos y metodologías de producción social del hábitat, relacionando teoría y acción en una praxis realizada con diversos grupos y equipos de: académicos, estudiantes, organizaciones culturales, comunitarias, en especial ciudadanas y ciudadanos unidos por el interés de ser protagonistas de la gestión política, social y cultural de su territorio y poder transmitir una forma de proyectar, de trabajar de forma colaborativa con usuarios/as. El desarrollo en todos los proyectos urbano-arquitectónicos incluye la perspectiva de género⁴³, porque el enfoque tiene como base funcionar de abajo para arriba y en la justicia social, por la que debería sustentarse,

[...]“por lo menos, en cuatro ejes de transformación estrechamente relacionados: igualdad (de género), diversidad, participación y sustentabilidad, o sea, en la voluntad de promover y consolidar una democracia realmente participativa y ambientalista”. (MONTANER y MUXI, 2011, p. 02).

Habitualmente las políticas públicas no responden a la **realidad** en las dimensiones administrativa y económica. Generalmente los modelos de ordenamiento territorial se inspiran en otros países y se importan de manera acrítica, dando como resultado políticas que se aplican en Europa y/o América y se espera que funcionen en México, donde la sociedad es dual y desigual, donde se encuentra el hombre más rico del mundo y más del 50% de la población se encuentra en nivel de pobreza y con los salarios más bajos de los países integrantes de la Organización para Cooperación y Desarrollo Económico, OCDE.

Los trabajos no se centran solamente en los proyectos urbano- arquitectónicos y al sistematizarlos y evaluarlos se intenta **incidir en las políticas, programas y leyes encargadas de satisfacer las demandas sociales** de vivienda, espacio público, mejoramiento de barrios y desarrollo urbano-ambiental. El LAHAS posee tres líneas de trabajo, con la misma jerarquía y se pretende que se insieran en todos los proyectos: **A).** Capacitación y Formación a profesionales de la arquitectura y urbanismo y disciplinas afines, organizaciones urbanas y funcionarios públicos. **B).** Asesoría Social y técnica a partir del diseño participativo en proyectos de viviendas y mejoramiento de barrios y Consultorías a órganos de gobiernos, en especial sobre temas con perspectiva de género. **C).** Investigación y Sistematización a través del método de Investigación-Acción.

⁴³ Las organizaciones urbanas están integradas en su mayoría por mujeres, que se comprometen en el diseño, la gestión, administración de los recursos, etc. Pero no son quienes deciden en los momentos importantes de un proyecto. Por esto se vió la necesidad de visibilizar y reconocer su trabajo.

TLPS/FADU-UBA, (Taller Libre de Proyecto Social, Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo, Universidad de Bs. As.)

El TLPS de la FADU-UBA desarrolla formación para todos los cursos de proyecto⁴⁴ de esta institución, como cátedra libre, disciplina optativa y especialización de pos-graduación, explicitando la referencia a los ejes de organización pedagógica participativa y democrática y a los contenidos colocados pelas experiencias latinoamericanas citadas anteriormente, en particular el Taller Total. Hace 20 años, frente a las demandas populares que colocó en evidencia la crisis argentina de 2001, se constituyó por iniciativa estudiantil y docente con el objetivo de abordar las problemáticas más urgentes, en particular la producción social del hábitat -PSH⁴⁵, (PEDRO, BANDIERI, CONTRERAS, 2016s, p, 284). Desarrolla un enfoque del proyecto y el de su proceso, **fundamentado en derechos**, como respuesta co-producida y transformadora. Construyendo nuevos espacios en la universidad y en la comunidad, se articulan acciones y saberes disciplinares con la acción popular colectiva.⁴⁶

Numerosas experiencias en hábitat popular se realizaron en forma integral, abordando problemáticas sociales en situaciones reales, articulando formación, investigación y extensión.⁴⁷ Fue posible sistematizar un enfoque **proyectual, integrador, multidimensional, en relación participativa, social y nacionalmente situado**, integrando saberes multidisciplinares en la formación, para otra actuación profesional. Se reflexiona críticamente sobre el perfil hegemónico del proyectar cuando se reduce a la simple producción de objetos, en sus aspectos estéticos, técnicos, morfológicos, el entorno al lote, valorizando solamente lo producido por el campo específico y justificando no tomar posición, sobre las desigualdades sociales y los conflictos ambientales. Esa visión reduce la historia del proyectar a la historia de los proyectistas, sus obras y lógicas, ignorando y no haciéndose cargo de los millones de años en que la humanidad abordó la transformación de la naturaleza para resolver sus necesidades, e ignora y no asume lo producido socialmente.

El “derecho a proyectar y re-proyectar” el mejoramiento de su hábitat en forma participativa pone en tensión las lógicas proyectuales disciplinares de diseñadores, arquitectos y urbanistas, entre otras profesiones que visiblemente inciden en el entorno material del hábitat humano, recolocando criterios y metodologías que sustentan las políticas públicas de abordaje e intervención. La afirmación de ese derecho, fundamenta las concepciones y prácticas del **Proyectar compartido con la comunidad**⁴⁸, al colocar en prioridad sus necesidades y el reconocimiento de su protagonismo para la elaboración de propuestas proyectuales. El Taller Libre de Proyecto Social de la FADU UBA integra desde 2005, la Red Universitaria

⁴⁴ Arquitectura, diseño gráfico, industrial, de imagen y sonido, vestimenta y paisaje.

⁴⁵ PSH, en sentido amplio, son las complejas y heterogéneas prácticas populares que impactan fuertemente en nuestro medio, villas miserias y asentamientos, edificios ocupados, conjuntos habitacionales de diferentes escalas e degradados, barrios populares auto construidos, etc. Se expresa en ellos la vida y el esfuerzo de sus habitantes que pasaron por décadas de pobreza estructural, informalidad y falta de estabilidad laboral, desocupación, migración, etc. Este sector mayoritario de **productores de vivienda y ciudad** constituye un nudo fundamental de la problemática contemporánea de vivienda y hábitat. La mayoría de las “nuevas viviendas populares”, con la gestión realizada por los propios usuarios, sin apoyo técnico y/o financiero, muchas veces irregularmente en los niveles jurídico y urbanístico y con problemáticas de emergencia ambiental están inseridas en tejidos sociales, organizacionales y vinculares que le dieron forma y que es necesario conocer y respetar.

⁴⁶ Se estudiaron en las comunidades del área metropolitana de B.A., experiencias que abordaban las problemáticas de hábitat e vivienda articuladas con las necesidades de trabajo, destacando la experiencia popular acumulada de formas organizativas, de autogestión y cooperación, de cuestionamiento a las respuestas hegemónicas y elaboración de programas propios.

⁴⁷ Para más detalles, ver www.tlps.com.ar

⁴⁸ La valorización de este proceso requiere ampliar la idea del proyecto, entendiéndolo como la acción por medio de la cual colectivos sociales asumen superar obstáculos en diversos grados y construyen horizontes posibles, que orienta sus acciones, con el fin de construir una realidad más justa, equitativa y significativa, (GALÁN, B. 2011)

Latino americana de Cátedras de Vivienda, REDE ULACAV⁴⁹ que nutrió su práctica de formación y extensión. La RED agrupa un significativo número de cátedras de la región, que hace más de veinte años contribuyen, con reflexión crítica, para diseñar estrategias para cambiar el enfoque de la formación y de la actuación profesional, un campo teórico y práctico, con la perspectiva de producción social del hábitat y del derecho a la ciudad.⁵⁰

Ejemplos en Brasil actual

En Argentina, Brasil y México, actualmente en la mayor parte de los casos, “lo que restó” de las experiencias de los años 70, cuyas premisas permanecen como aspiraciones, es la extensión universitaria, generalmente en casos aislados en los currículos de las facultades de Arquitectura y Urbanismo.

Pueden citarse entre las excepciones: Universidad de la República del Uruguay (UDELAR), PUCC-Chile, Universidad Nacional del Chile, en Colombia, la Universidad de los Andes y la Universidad Nacional de Colombia, sedes Bogotá y Medellín. En Brasil, el curso de Arquitectura y Urbanismo, que es parte del Instituto das Cidades (IC), de la UNIFESP.(ARANTES, P. y SANTOS Jr.W.Ribeiro 2020, p.67). El curso de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal da Integración Latino- Americana – CAU UNILA en Foz do Iguaçu, cuyo principio es atender a las demandas para la mejora de la cualidad del espacio construido y habitado en América Latina, considerando que en ella cerca de 32% de la población vive en barrios considerados marginales. (MOASSAB, A., 2020, p.36 - 38).

Se destaca que la Extensión Universitaria, relacionada a la enseñanza e investigación constituye una posibilidad importante de transponer los muros de la universidad al incluir saberes de sectores populares, entrelazando la teoría y la práctica. Lo que posibilita la contribución de la universidad para solucionar problemas sociales y conflictos socio ambientales en la lucha por derechos primordiales de las poblaciones excluidas de los procesos de planeamiento del territorio,

Hay numerosos ejemplos, realizados en facultades públicas y privadas que recogen esa rica herencia de las décadas 60 -70⁵¹. Entre otras, resumiremos a continuación, brevemente algunas.

Escritorio Modelo

Varias facultades en Brasil desarrollaron escritorios modelos, entre ellas, el del Centro Universitario – FIAM-FAAM⁵². Es el principal canal de Extensión Universitaria del curso y da oportunidad al alumno de experimentar la práctica profesional. Diversas actividades se generaron a partir de Convenios con instituciones públicas y de la sociedad. Se procuró profundizar la formación profesional con acciones dirigidas a los sectores más vulnerables de la sociedad, conectadas a la Enseñanza e Investigación. La realidad social y ambiental, la movilidad a pie y los espacios públicos, entre otros, son temas abordados. El problema habitacional, por ejemplo, incluye proyectos

49 Para más detalles, ver: <https://redulacav.org/>

50 El aporte de importantes referentes, entre otros, los arquitectos. Enrique Ortiz (México), Víctor Pelli (Argentina), Alberto de Paula (Uruguay), Fermin Estrella (Argentina) y Gustavo Romero (México) nutren reflexiones con su experiencia.

51 Muchas veces sin saber en forma consciente de esa génesis.

52 En 2021, el Escritorio completó 14 años de existencia. Siendo obligatorio, el estudiante desarrolla ochenta horas de trabajo. Aproximadamente trescientos alumnos realizan las actividades a cada semestre orientados por ocho profesores vinculados al área de investigación o con dedicación integral.

dirigidos a la población en situación de calle, a movimientos sociales que luchan por vivienda en el área central o al tratar con áreas periféricas en la zona norte de la ciudad que incluyen áreas de preservación. (Carvalho, M. A. J., 2017, p.708). Fue también objeto de reflexiones, debates y propuestas, el derecho al espacio público en las periferias, en especial para las zonas norte y oeste de San Pablo, junto a las organizaciones sociales de los territorios atendidos.

A partir de 2016, entre los objetivos del Escritorio Modelo, están:

- Ampliar la dimensión social de los trabajos de extensión [...]
- Reforzar la preparación del alumno para la vida profesional,[...]
- Diversificar los temas de actividades actuando en las áreas: proyecto de arquitectura y urbanismo, incluyendo paisajismo, historia y tecnología
- Incluir temas significativos de la agenda social y ambiental actual. (Carvalho, M. A. J., 2017, p. 713)

Pero, como ocurrió con las experiencias de los años 60-70, fue cerrado el programa de maestría de esta Institución, (al que pertenecían la mayoría de los profesores del Escritorio Modelo y que fueron despedidos), situación que se agravó más con los despidos masivos de profesores en las instituciones de enseñanza superior privadas, en tiempos de pandemia.⁵³

“Periférico, trabajos emergentes”, FAU-UnB (Universidad de Brasilia)

La asesoría técnica en arquitectura y urbanismo realizada por el Grupo de investigación y Extensión “Periférico, trabajos emergentes”, de la FAU -UnB⁵⁴, realiza temas y tipologías espaciales rurales y urbanas (Reforma Urbana y Reforma Agraria), desarrollados en el territorio del Distrito Federal y entorno. Este Grupo

[...] parte del principio de que las prácticas de interacción propuestas originalmente por la Pedagogía Freiriana también hacen parte del abordaje latino-americana de la adecuación sociotécnica - AST, como si los sujetos del conocimiento científico pudieran compartir sus códigos técnicos con los sujetos sociales organizados lo que da origen al concepto de “interacción pedagógica y socio técnica”. (Souza de Andrade, L. M,et al ,2019, p.197-198).

La pesquisa-acción, orienta los trabajos realizados, aplicando metodologías activas con una visión “transdisciplinaria” y “transescalar”, junto a comunidades de la periferia, movimientos populares, entidades ambientalistas y comunidades campesinas y de tradición afro descendiente, entre otras.

Conclusiones

En los años 1970, las propuestas de enseñanza analizadas no estaban desligadas de la situación política, económica, social y cultural de cada país donde se desarrollaron. Entretanto, lejos de ser un reflejo, el contexto no aparece sólo como referencia sino también opera en dialéctica permanente en la construcción de los procesos de enseñanza de la Arquitectura y el Urbanismo, siendo al mismo tiempo producto y proceso de las relaciones de fuerza existentes. Los planes de estudios permitieron construir una vivencia pedagógica interactiva e interdisciplinaria,

⁵³ Competirá posteriormente hacer una investigación sobre estas cuestiones relacionadas a la precarización de trabajo docente, lo que escapa al alcance de este texto.

⁵⁴ Para más detalles, ver: <https://www.perifericounb.com>

combinada con una práctica participativa del arquitecto urbanista. Las experiencias estudiadas son expresiones del debate sobre la Arquitectura, el Urbanismo y su enseñanza en América Latina y el mundo en los años 1960 y 1970. Incluía la lucha por la enseñanza crítica, como se señala en las recomendaciones de la V Conferencia Latinoamericana de Facultades de Arquitectura, CLEFA, al afirmar que la Universidad profesionalizante alienó su capacidad de generar conocimientos y cultura y que, para invertir este hecho, las carreras no se deberían organizar en torno a la profesiones, sino con una base en la construcción de conocimientos, para lo que se requiere autonomía académica, económica y administrativa.

Numerosos estudiantes y docentes consideran que la construcción del conocimiento se relaciona íntimamente con la responsabilidad social y asumen el papel de intelectual comprometido con la realidad sociopolítica. En los años 60 y 70 esas experiencias fueron posibles debido al ambiente político-intelectual de efervescencia, de participación de estudiantes y docentes, que el contexto represivo no consiguió silenciar. Se constituyeron en resistencia a las formas autoritarias de gobierno, donde la relación de fuerzas lo permitió. Fueron procesos de enseñanza que dieron respuestas creativas, enriquecedoras e innovadoras a las contradicciones constantes de la relación arquitectura y sociedad. Se identifican dos premisas básicas compartidas tanto por la Bauhaus en la República de Weimar, como por todos los casos analizados:

- La Arquitectura y el Urbanismo son profesiones principalmente sociales.
- Su enseñanza debe partir del análisis de la sociedad y sus necesidades, en una gestión democrática y participativa.

Son también procedimientos fuertes, la busca de metodologías de proyecto y la discusión de los nuevos perfiles de arquitectos, definidos por su posición en la producción de arquitectura y urbanismo.

Las experiencias de los años 70 como las actuales mencionadas, demostraron que es posible integrar la participación colectiva y la individual, cuando existen objetivos comunes y capacidad real de ejercer colectivamente influencia en las decisiones, estableciendo el proyecto participativo.

En algunas condiciones coyunturales, esas experiencias innovadoras, pueden concretizarse. Pero por el hecho de que las condiciones no son estructurales, el período de duración de esas experiencias, así como su grado de innovación, visión crítica y creatividad pueden variar debido a la relación de fuerzas existente en cada momento.

Las experiencias de los años 60-70, citadas en este texto, contribuyen para el debate actual de arquitectura y urbanismo y su enseñanza. Inspiran la busca de caminos para la construcción de una relación entre los movimientos populares de inserción social y la enseñanza de arquitectura y urbanismo objetivando discutir sus directrices. Estas propuestas curriculares contienen el esfuerzo de superación de la enseñanza fragmentada, de inter-relación e integración de los contenidos en una busca interdisciplinar. Está implícita en ellas una visión da acción proyectual como resultado da confluencia e inter-relación de todas las asignaturas que componen el currículo.

En la actualidad es importante recuperar un diálogo que permita construir, en la enseñanza de arquitectura y urbanismo, la interdisciplinaridad en torno de la acción proyectual. Cada caso, con sus características propias, incluye la busca de un hábitat ampliado que construye el sentido de pertenecimiento e identidad de los habitantes de un territorio.

Las formas de construir el conocimiento arquitectónico y urbanístico exigen la interdisciplinaridad. Reflexionar sobre las interrogaciones de: como, porque, para que, para quien, con quien y lo que enseñar y aprender son imprescindibles en la compleja realidad a ser atendida.

Referencias Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Roberto Portugal. *Uma escola de Arquitetura – FAU-USP, edifício e ensino*. São Paulo: FAU-USP, 2004.

ANDRADE, Liza Maria Souza de; LEMOS, Natália da Silva; LOUREIRO, Vania Raquel Teles; LENOIR, Juliette Anna Fanny. Extensão e Tecnociência Solidária: Periférico no DF e Entorno. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo* v.26, n.38, 1º sem. 2019. Disponible em: <https://www.perifericounb.com/artigos> Acceso: 03/05/2021

ARANTES, Pedro Fiori. *Arquitetura Nova*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

ARANTES Pedro Fiori y SANTOS Jr, Wilson Ribeiro dos. Desenho, canteiro e conflitos urbanos: o curso de Arquitetura e Urbanismo no Instituto das Cidades da Universidade Federal de São Paulo in MOASSAB, Andréia (Org.); NAME Leo (Org.). *Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo*/ Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020.

CARVALHO, Maria Albertina Jorge. Escritório Modelo de Arquitetura do Fiam-Faam: Princípios e a Produção Recente. In *Anais Completos do I Seminário Internacional A Dimensão Social da Formação Profissional - Após 47 anos do "Taller Total" na FAU – UNC, 1970- 1975/V1.nº2*. / DOBRY Sylvia A., OLIVEIRA, Liana Paula Perez de, BARROS Mariana Cicuto (org.). São Paulo, 2017. São Paulo. SP: 25 a 28 /10/2017.

CIAMPOLI, Juan H. "El Huanquero – Relato de una experiencia". In: TARTER Juan [et al.]; compilado por Federico, Arquímides; DOBRY, Sylvia A. *1º Encuentro Internacional La Formación Universitaria y la Dimensión Social del Profesional*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2º Ed. Revisada-2016.

DOBRY-PRONSATO, Sylvia Adriana. *Arquitetura e paisagem: projeto participativo e criação coletiva*. São Paulo: ed. Annablume, Fapesp, Fupam, 2005.

_____ *Para quem e com quem: ensino de arquitetura e urbanismo*. São Paulo, 2008. Tesis de doctorado. FAU-USP.

ELKIN, Benjamín. *Taller total, una experiencia educativa democrática en la Universidad Nacional de Córdoba*. Córdoba (Argentina): ed. Ferreyra, 2000.

FERNANDES, Ari y otros. *Prática-investigação: um processo de trabalho em São José dos Campos*. S/ Editora, 1976.

FONTAN, Juan Carlos; NOVILLO CORVALAN, Marcelo. *La facultad de Arquitectura y Urbanismo*. Argentina: Universidad Nacional de Córdoba, 1971.

GALÁN, B. *Diseño, Proyecto y Desarrollo*. Ed. Wolkowicz. 2011.

GARCÍA VÁZQUEZ, María de Lourdes. Facultad de Arquitectura de la UNAM: diálogo entre Facultad, Comunidad y Estado, para la Construcción de Prácticas Públicas y Políticas Democráticas. In BOUCINHAS, Caio, [et al.]; compilado por ABREU, Simone Rocha; LAMFRI, Nora Z.; DOBRY, Sylvia A. y URIBARREN, M. Sabina. *Libro del 2º Encuentro Internacional La Formación Universitaria y la Dimensión Social del Profesional : a 46 años del Taller Total en la UNC / 1a ed .Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2017.*

HOBBSAWM, Eric. Mayo de 1968, in *Gente poco corriente*. Barcelona: ed. Crítica, 1999.

HIJAR, Alberto. La hora de la Autogestión, artículo copigrafiado.2008.

LAMFRI, Nora Z. *Urdimmbres. El Taller Total: Un estudio de caso*. Córdoba, (Argentina): Centro de Estudios Avanzados.UNC (Dissertação de mestrado),2007.

LASTRA, Eduardo O. “Taller 11-Colonia Lola” In: TARTER Juan [et al.]; compilado por FEDERICO, Arquimides; DOBRY, Sylvia Adriana. *1º Encuentro Internacional La Formación Universitaria y la Dimensión Social del Profesional*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2º Ed. Rev. 2016.

LIMA, Mayumi Watanabe de Souza. *Arquitetura e educação*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

MARTINEZ, Silvia Alicia. *Memória de Professores: Experiências pedagógicas universitárias na Argentina (1968-1976)*. Rio de Janeiro:Puc-RJ,2000.

MOASSAB,Andreia. O projeto pedagógico do CAU UNILA, a América Latina e o século XXI.In MOASSAB, Andréia (Org.); NAME Leo (Org.). *Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo/ Foz do Iguazu: EDUNILA, 2020.*

MONTANER, Josep María y MUXI, Zaida *Arquitectura y política. Ensayos para mundos alternativos*. Editorial Gustavo Gili. 2011.

NOVILLO, Rodolfo. (org.) *Arquitectos que no fueron*. Estudiantes y egresados de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Nacional de Córdoba asesinados y desaparecidos por el terrorismo de Estado,1975-1983. Córdoba: Imprenta de la Municipalidad de Córdoba-Comisión de Homenaje, FAUDI –UNC, 2008.

OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista – O Ornitorrinco*. São Paulo: ed. Boitempo, 2006.

PELLI, Victor. *Habitar, participar, pertenecer. Acceder a la vivienda, incluirse en la sociedad*. Ed. Nobuko. 2006.

PEDRO, BANDIERI, CONTRERAS. “Proyectar con la comunidad. Enfoque desde los derechos, articulando saberes populares con conocimientos científicos y disciplinares en la producción social del hábitat”. Pp. 284. *Revista Institucional de la Defensa Pública de la CABA*. Año 6- Nª10. 2016.

_____. Proyecto y producción social del hábitat. Articulando saberes populares con conocimientos científicos y disciplinares. UBACYT 2016-17. www.tlps.com.ar. 2018.

PEREIRA, Miguel A. *Arquitetura: cultura, formação, prática e política profissional*. São Paulo, Pini, 2005.

REIS, Nestor G. Depoimento. *CJ Arquitetura*, revista de planejamento e construção, São Paulo, n.4, 1974.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo (org). *Maria Antonia: uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TARAZONA, Alvaro Acevedo. Conflito e reforma universitária em América Latina, in ARANGO, Diana Soto; JARDILINO, R. L., *Políticas Universitárias en Latino América*. São Paulo: Emblema, 2006.

VAN EICK, Aldo. Labyrinthine Clarity. *World Architecture*, n. 3, 1996.

VOLPI, Jorge. *La imaginación y el poder: una historia intelectual de 1968*. México: Era, 2001.

Autoras

Beatriz Pedro. Magister en Desarrollo Sustentable (UNLA). Doctoranda FADU-UBA. Arq. Prof. Titular: Conocimiento Proyectual, Estructuras 1, 2 y 3; Taller Libre de Proyecto Social de la Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo de la Universidad de Buenos Aires. (UBA). Investigadora UBACYT. Secretaria General de la RED Universitaria Latino americana de Cátedras de Vivienda y Hábitat. (ULACAV). arqbeatrizp@gmail.com

María de Lourdes García Vázquez. Pos-graduación: Facultad de Arquitectura – UNAM; Arquitecta. Coordinadora del Laboratorio Hábitat Social: Participación y Género; Integrante, entre otras, de: Red Latinoamericana Mujer y Hábitat de HIC - Coalición Internacional del Hábitat: HUB Gender-ONU-Mujeres y de la Red Universitaria Latinoamericana de Cátedras de Vivienda (ULACAV). lourdesgarcia19@gmail.com

Nora Zoila Lanfri. Docente Investigadora en la FFyH-UNC. Profesora en Ciencias de la Educación, Magister en Investigación Educativa (UNC, Córdoba, Argentina) nlamfri@ffyh.unc.edu.ar

Sylvia Adriana Dobry. Dra. FAU USP. Arq. y Urb. Fue docente del Taller Total (FAU UNC, Córdoba, Argentina) Investigadora: Grupo de Estudios MALOCA, UNILA, (Foz do Iguazu) y LABPARQ - FAU USP, (San Pablo, Brasil). sydobry@gmail.com

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O HABITAR COMO DIREITO HUMANO. O caso do Mercado de Flores da Vila Alpina e da Praça Alcides Franco de Lima. São Paulo. Brasil

Eje/Eixo Temático 2

Luís Felipe Xavier

Universidade São Caetano do Sul - USCS
Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo.

Resumo

A presente pesquisa objetiva tratar o Habitar nas cidades como Direito Humano, entendendo que o bem viver extrapola os limites do morar, como objeto de uma pesquisa, diagnóstico e proposição formulados como Extensão Universitária na Universidade São Marcos no ano de 2007 e 2008, em parceria com o Sebrae-SP, subprefeitura da Vila Prudente e os floristas impactados pelo projeto, com vistas a recuperar também os parâmetros educacionais, de lazer, esporte, educação, cultura, formação social, de geração de trabalho e renda, elaborados em uma intervenção de um espaço público e institucional – a Praça Alcides Franco de Lima e o Mercado de Flores da Vila Alpina. São Paulo. Brasil. A partir da análise da realidade concreta de floristas, que vendiam o seu produto de forma precária na Praça Alcides Franco de Lima, defronte ao Cemitério São Pedro, na Vila Alpina, foi possível apontar caminhos para a formulação de ações em projeto e políticas públicas que visem o BEM COMUM, na concepção de projeto do Mercado de Flores e da Praça Alcides Franco de Lima. A pesquisa aborda hipóteses de ações e de programas de Extensão Universitária a diferentes cursos; disciplinas de graduação e de pós-graduação; de residência em canteiro de obras; na construção, utilização e manutenção do equipamento, para superarmos este padrão de modernidade limitada onde os recursos materiais, minerais e empresas públicas, têm que ser encarados como Direito Humano, para garantir planos, serviços e políticas públicas.

Palavras-chave: **segregação, desigualdades, espaços públicos, Permacultura, direitos humanos.**

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo tratar el vivir en las ciudades como un Derecho Humano, entendiendo que el buen vivir va más allá de los límites del vivir, como objeto de una investigación, diagnóstico y propuesta formulada como Extensión Universitaria en la Universidad São Marcos en 2007 y 2008, en alianza con Sebrae-SP, subprefectura de Vila Prudente y los floristas impactados por el proyecto, con miras a recuperar también los parámetros educativos, de ocio, deporte, educación, cultura, formación social, empleo y generación de ingresos, elaborado en una intervención

de un espacio público e institucional - la Plaza Alcides Franco de Lima y el Mercado de las Flores en Vila Alpina. São Paulo. Brasil. A partir del análisis de la realidad concreta de los floristas, que vendían su producto de manera precaria en la plaza, frente al Cementerio São Pedro, fue posible señalar formas de formular acciones en proyectos y políticas públicas que apunten al BIEN COMÚN, en el diseño del Mercado de las Flores y Plaza Alcides Franco de Lima. La investigación acerca hipótesis de acciones y programas de Extensión Universitaria a diferentes cursos; cursos de pregrado y posgrado; de residencia en un sitio de construcción; en la construcción, uso y mantenimiento de equipos, para superar este patrón de modernidad limitada donde los recursos materiales, los minerales y las empresas públicas tienen que ser vistos como un Derecho Humano, para garantizar planes, servicios y políticas públicas.

Palabras clave: **segregación, desigualdades, espacios públicos, Permacultura, derechos humanos.**

Introdução

O trabalho aborda uma intervenção proposta de Extensão Universitária, que foi iniciada pelo Grupo¹ do Escritório Modelo da Universidade São Marcos, no segundo semestre de 2007 e primeiro semestre de 2008, que partiu de uma ação multidimensional e da discussão de uma equipe multidisciplinar, com o propósito de evitar uma reintegração de posse de Floristas - situados em uma Praça Alcides Franco de Lima. A ação foi elaborada a partir da discussão colegiada do grupo com: técnicos do Escritório Regional do Sebrae – Capital Leste (Patrícia Bega Arcaro e Joaquim Batista Xavier Filho), através do diagnóstico da situação e expectativa das floristas, que formulou um plano de negócios; servidores da Secretaria de Obras da Subprefeitura da Vila Prudente, que reportaram os problemas vivenciados na Praça e no Cemitério São Pedro; floristas que ocupavam o espaço da Praça Alcides Franco de Lima, que expuseram as dificuldades vivenciadas na comercialização de flores (baixa venda/ consumo e preconceito por parte dos transeuntes) bem como sua situação de insegurança jurídica (de ocupação em área institucional); alguns usuários da praça, presentes nas vistorias que a equipe foi no local; munícipes que estavam velando parentes e amigos no velório do Cemitério São Pedro, em duas ocasiões em que fizemos a visita com a equipe do SEBRAE-SP.

Desenvolvimento

Nas vistorias que fizemos no local e no diagnóstico – elaborado de forma coletiva, a partir da situação concreta ouvida e discutida com os envolvidos no processo, – observamos que a situação de vulnerabilidade social, econômica e jurídica das floristas (nas bancas existentes na praça) estava circunscrita em uma dimensão maior (territorial, urbana, econômica, social e ambiental), na medida em que quaisquer proposições que envolvessem a resolução da situação das floristas impactaria na situação da Praça Alcides Franco de Lima, situada defronte ao Cemitério São Pedro. Resolvemos ampliar o debate e discussão sobre as questões que

¹ Grupo do Escritório Modelo do Curso de Arquitetura e Urbanismo constituído por Luis Felipe Xavier (Prof. Orientador); Patrícia Grampa (aluna responsável pelo Escritório Modelo); Maria Alejandra Bruschi; Caroline Pereira; Alexandre Barbosa; João Augusto Silva David; Gabriele Galvani. O professor e arquiteto paisagista Leonardo Loyola ajudou a fazer uma leitura dos estratos arbóreos existentes no local. O trabalho foi trazido à Instituição, através do convênio conquistado pela Profª Helena Degreas, celebrado entre a Universidade São Marcos e a Prefeitura de São Paulo.

poderiam também ser tratadas na Praça Alcides Franco de Lima, para além da situação da ocupação das floristas.

Pautamos-nos (de início) em alguns problemas existentes relativos às **bancas de flores** (existentes e precárias), reportados por técnicos da Subprefeitura da Vila Prudente, floristas e pela Patrícia Bega Arcaro (do SEBRAE-SP), conforme segue:

- barracas na calçada impedindo passagem; barracas de vendas de flores construídas com restos de materiais; tamanhos diferenciados das bancas e materiais afugentam os clientes;
- localização das barracas impedem a visualização da praça e inibem seu uso; falta de lugar apropriado para disposição de resíduos;
- venda limitada de flores devido à precariedade do espaço; produtos de revenda de outras floriculturas devido ao espaço precário;
- sem ponto de água e esgoto para preparo/ manipulação de outros produtos e arranjos de flores; existência de somente um ponto de água para dez barracas; sem ponto de esgoto nas barracas;
- sem ponto de energia nas barraca – venda limitada ao período diurno; vendedores se valem dos sanitários do cemitério para as necessidades básicas;
- noção dos vendedores a respeito da insolação forte no período da tarde, caso a frente da barraca se inverta para o outro lado da rua;
- produtos limitados de venda das bancas, face ao inapropriada espaço de acondicionamento, manejo, exposição e de venda.

Ouvimos também os problemas reportados pelos técnicos da Subprefeitura da Vila Prudente na **Praça Alcides Franco de Lima**, conforme segue:

- barreira visual das bancas impedindo vista do bairro a quem da Av. Francisco Falconi olha; praça com caminhos definidos mas com mau estado de conservação – pouco uso;
- existência de moradores de rua situados abaixo da contenção de pedra marroada; desnível de 80 cm entre a calçada da Av. Francisco Falconi à praça;
- circulação transversal a praça irregular e com “caminhos” quebrados; extratos arbóreos e gramas em mau estado de conservação;
- iluminação deficiente; fluxo de veículos intenso no perímetro da praça; utilização privada da praça com colocação de cavalos por moradores;
- sem equipamentos para atividades de desportos e lazer; pouca variedade de árvores frutíferas;
- estacionamento de veículos no perímetro das ruas Caetano Pimentel do Vabo e Av. José da Nóbrega Botelho, de forma inapropriada, oferecendo risco de acidentes.

A partir da discussão dos contextos da praça e das bancas existentes, estabelecemos algumas diretrizes para pautar o partido de intervenção no local em 2007. De pronto identificamos que seria necessário pensar na importância que o local teria como referência no bairro como parte da memória na região, se fosse encarado de forma conjunta entre os entes federativos (município, Estado e União), moradores e usuários envolvidos no processo. Esta percepção se deu pela constatação da ausência de espaços institucionais e de áreas verdes no território de análise, considerando uma abrangência de 1000 m que, se bem trabalhados, poderiam resgatar o valor dos espaços públicos para todos os moradores e usuários do local e do entorno.

Procuramos estabelecer alguns pontos-chaves que valorizassem a intervenção como resposta aos anseios dos envolvidos – as floristas, os técnicos responsáveis pelo uso, manutenção e operação da praça e usuários que observamos e ouvimos no local. Os problemas relatados e identificados no local serviram como subsídio para a proposta, funcionando como um “diagnóstico médico” – base fundamental para adotarmos um projeto que se “encaixasse” no local e sanasse as “enfermidades” relatadas – construído e constituído de “baixo para cima” de forma colaborativa.

Fizemos um treinamento com o SEBRAE-SP (de gerenciamento de negócios) e entrevistamos as floristas (pela Universidade São Marcos). Conversamos com os técnicos da Subprefeitura da Vila Prudente (responsável por obras e pela manutenção dos espaços públicos) fizemos um diagnóstico sugerindo a execução de box padronizados de alvenaria, para que não houvesse competição entre eles, porque entendemos que a situação vulnerável que eles se encontravam seria melhor trabalhada se partíssemos de uma ação compartilhada e colaborativa – em forma de cooperativa.

A proposta inicial discutida entre a Subprefeitura da Vila Prudente, SEBRAE-SP, Universidade São Marcos (através do Escritório Modelo) e Floristas para as bancas e praça consistiu em:

- aproveitamento do recuo do cemitério à Av. Francisco Falconi para disposição das bancas; disposição de 10 bancas de flores (funcionamento de 24 h) entre os acessos principais do cemitério, com as “costas” viradas para o cemitério, e duas lanchonetes nas esquinas do acesso (estas não foram executadas, em comum acordo com as floristas e os técnicos da prefeitura, para não concorrer com a lanchonete do cemitério);
- disposição de um telefone público no acesso ao cemitério; proposta de novo Layout da praça contendo pista de Skate; colocação de Ilha central – no atual sarjetão da avenida – para parada de veículos nas bancas;
- manter visibilidade do cemitério através das **bancas**: manutenção de cerca da divisa e disposição dos produtos das bancas com concentração maior nas laterais; aproveitamento do espaço existente entre as árvores e divisa (aprox. 2.00 m) com incorporação das árvores na cobertura das **bancas**;
- extensão da cobertura ao alinhamento da continuação da rua, sobrepondo à calçada, para proteção das **bancas** da insolação do poente aumentando a área coberta para passagem e atendimento aos clientes; recuo do sarjetão ao meio-fio de 3.00 m para estacionamento (breve) de veículos, bem como espaço para carga e descarga de produtos para as **bancas**;
- sinalização para estacionamento com período máximo de 15 min. para as **bancas**; possibilidade de interligação dos pontos de esgoto das bancas - verificar interligação dos padrões (tipo e localização) de instalação elétrica para as **bancas**; existência de rede de eletrificação e iluminação pública sobre a área de intervenção das **bancas** - verificar com a empresa de eletrificação a solicitação da mudança dos postes (dois) e da rede;
- após a execução do novo alinhamento com proteção dos postes através da colocação das guias; verificar programa e espaço “conceitual” idealizado pelo SEBRAE para as **bancas** para venda e manipulação dos produtos (espaço necessário para manipulação, venda e estoque);
- pesquisar espaços e equipamentos multifuncionais para a **praça**; compatibilizar acesso às **bancas** com percurso de pedestres, ciclistas e veículos; levantar com os envolvidos “qual é a política de gestão de resíduos para a **praça** e o bairro?”;

- verificar como incorporar novos pontos de luz da **praça** à estrutura existente de iluminação pública.

A Subprefeitura da Vila Prudente (em 2007) estava com uma ação de Reintegração de Posse para executar junto às floristas, pela ocupação de parte da área da Praça Alcides Franco de Lima. Na vistoria ao local observamos que na frente ao Cemitério São Pedro, entre os acessos de entrada e saída do cemitério, havia uma área pública passível de ocupação por “cessão de direitos”, resolvendo a questão jurídica e fundiária das floristas, onde pudéssemos desenvolver um projeto. Conversamos com o subprefeito sobre a possibilidade de formalizar a ação de regularização da posse das floristas, dado o tempo de uso do local, alocando-as no terreno público do cemitério, entre os acessos do mesmo.

Do outro lado da Av. Francisco Falconi, defronte ao cemitério e na praça, onde estavam situados os “barracos” das floristas (onde ocorria a venda de flores), acumulava muito lixo e havia insuficiência de iluminação pública. As pessoas acabavam evitando passar pelo local, o que dificultava a comercialização dos produtos das floristas. Por trás dos “barracos” tem um desnível na praça de cerca de oitenta centímetros, que era muito ermo e com pouca iluminação, sujeito a problemas de toda ordem de violência e de segurança.

A proposta de projeto do Mercado de Flores neste local liberaria a vista da praça e permitiria abrir a vista às áreas verdes do cemitério. A separação entre as bancas poderiam funcionar como paredes divisórias para servir de suporte às prateleiras de exposição aos produtos, com uma faixa de iluminação zenital para: que as pessoas pudessem ver a cor natural das flores (e se sentirem atraídas pelos produtos); melhorar a iluminação; melhorar as condições de salubridade do local. Na divisa proposta do Mercado de Flores com cemitério optamos por fazer um vidro para não tirar vista da área verde do cemitério, melhorando a iluminação do local e as condições de ambiência para o manejo dos produtos pelas floristas. O espaço se tornou bem iluminado e ventilado - agradável tanto para pessoa que ia trabalhar não também para pessoa que fosse comprar os produtos.

Sobre a localização a situação pretendida (e executada) foi mais adequada e funcional para os usuários do cemitério (e transeuntes do local) bem como para as floristas, pois o Mercado de Flores ficou no percurso de acesso ao cemitério e localizado em uma avenida de grande movimentação – o que dá maior visibilidade ao local.



Foto 01: Vista do Mercado de Flores
Fonte: Acervo do autor (junho/2009)

Para aumentar a comercialização dos produtos das floristas e auxiliar no uso e manutenção do espaço, propusemos fazer uma área de parada (de embarque e desembarque), de carga e descarga de veículos para as floristas (com sinalização), situada entre os acessos do cemitério, na Av. Francisco Falconi. O pessoal do SEBRAE fez um trabalho bastante interessante de criação de uma marca comum para as floristas - um padrão que as identifica como uma cooperativa. Esta marca acabou potencializando a venda do produto deles, em relação ao tempo anterior, quando situados em barracos situados na praça.

As floristas ficaram orgulhosas na forma como elas passaram a ser recebidas pelos usuários do cemitério, dos transeuntes do local e seus clientes, notadamente pela mudança na infraestrutura e espaço que agora eles conseguem receber uma gama de produtos em quantidade e qualidade maiores. As floristas fizeram um treinamento no SEBRAE-SP e, posteriormente à implantação do projeto, elas conseguem atender a uma parcela de público maior e mais exigente - eles não só atendem agora aos públicos que saem do cemitério, mas também o público do bairro como um todo. Isso acabou impulsionando a geração de trabalho e renda deles para outras datas comemorativas do ano, que antes ficava restrita ao “Dia das Mães”. Parte do treinamento que as floristas receberam pelo SEBRAE-SP objetivou a melhora na qualidade dos produtos comercializados, com um arranjo diferenciado e um trabalho bastante intenso e gratificante.

Defronte à área do cemitério observamos um potencial paisagístico bastante grande e muito pouco aproveitado, principalmente quando observamos as famílias velando os seus parentes e/ou amigos no cemitério. Notamos que há pouca área livre disponível para as pessoas espaiarecerem um pouco e relaxarem face a um momento tão frágil de lidar com este momento de transição – que é a morte. Do outro lado da Av. Francisco Falconi a Praça Alcides Franco de Lima propicia uma vista muito bonita e muito pouco aproveitada.

Nas diretrizes elaboradas em 2007 propusemos qualificar a praça, com espaços que propiciavam o uso mais intenso e melhor direcionado para as pessoas que estavam na área do cemitério (que iam velar os seus); as que passavam pelo local; as que residiam no entorno e na região, que não têm opções de espaços públicos onde pudessem usufruir com atividades diversas. O espaço da praça tem acesso deficiente e não é muito demarcado, e pode ser caracterizado por apenas uma grande área gramada com um playground muito pequeno - sem potencial de uso.

O espaço da praça foi pensado para atenuar as angústias das pessoas que vão velar os seus no cemitério e para os moradores da região que não têm uma opção de espaço de uso público qualificado. Para o usuário do cemitério é possível criar um alento para lidar com a morte em um espaço que é pura celebração de vida – com atividades diversas de Educação, Esporte, Lazer, Cultura, Saúde e Formação Social. O programa visa dotar a área de espaços diversos que propiciem atividades ao ar livre ou cobertas e que abarquem a diversidade que encontramos na cidade – de idade, gênero, raça ou classe social. Espaços que permitem que mais de 750 pessoas o utilizem simultaneamente, no ensaio que fizemos de uso (de lotação) do espaço simultâneo que pode ocorrer diariamente, mudando a apropriação da praça em diferentes períodos, durante a semana e nos fins de semana.

Foram propostos os seguintes espaços na reforma da praça:

- auditório ao ar livre com pergolado em uma praça que chamamos de “contos e prosas”, que permite que sejam feitas apresentações e propicia uma excelente vista do pôr do sol;

- outro espaço denominado “praça das esculturas”, com paisagismo seco, que pode ser uma praça para exposição e onde pode ocorrer a oficina durante a semana com pessoas que moram no bairro ou no entorno bem como de outros lugares na cidade – o que favorece a troca entre intelectuais orgânicos²;
- sanitários voltados para a Av. Francisco Falconi e próximo das pistas de skate; rua interna, onde pode ocorrer uma feira-livre, tanto durante a semana quanto de fim de semana, impulsionado todas as atividades que já ocorrem no território e, principalmente, não ocorrem por ausência de espaços adequados;
- percurso para caminhadas no perímetro, onde as pessoas podem fazer caminhada no local, além de caminhos dois caminhos adicionais que “cruzam” a praça, interligando os usos;
- espaços de uso infantil combinado com outras faixas etárias, onde é possível levar as crianças para brincar com uso simultâneo de atividades para adultos e idosos; duas áreas de academias ao ar livre nas duas esquinas superiores, com o intuito de criar dois marcos referenciais e de encontro no local;
- uma “praça de alimentação” com mesas na cota em nível com o acesso ao cemitério, que pode servir para montagem de barracas de alimentação (em uma feira livre);
- duas quadras de piso permeável com mais duas áreas de tabela para basquete junto a mais uma área de futebol society (em grama);
- um jardim sensorial, para trabalhar com os sentidos visando atender uma parcela da sociedade que tem alguma necessidade especial e que comumente lhe é negada o ingresso espaços públicos;
- próximo de uma área de ponto de táxi há mesas onde os taxistas podem confraternizar (brincar e “bater um dominó”);
- há uma quadra de bocha, com cobertura proposta em Bambu; uma estrutura pavilionar que chamamos de “área de competição”, com medidas oficiais de área de competição, que podem ser usadas para outros fins (dança de roda, dança de salão, capoeira, atividades físicas);
- ao lado da área de competição tem mais um foco mais esportivo – com uma parede de escalada (onde é possível fazer escalada e ofertar cursos de cordeiro) e equipamentos de academia ao ar livre;
- próximo dessa área, nas cotas mais baixas da praça por motivo de diminuição do impacto acústico, há espaço para duas modalidades de skate - uma pista pensada e desenhada para um grupo da região;
- um relógio de sol; ao longo da entorno dessa praça, integrando todos os usos, foi proposta uma pista de caminhada, onde é possível estabelecer uma percurso de cerca de 750 m por toda a praça.

Toda a praça é dotada (na proposta) de rota acessível para o cadeirante e pessoas com mobilidade reduzida usufruírem dos usos, ainda que o contexto atual apresente declividades baixas e médias. Há vagas previstas de veículos (carros e motos) no entorno e diferentes áreas para vagas de bicicletas no entorno e um bicicletário próximo da área infantil. Há dois pontos de paradas de ônibus – na Av. Francisco Falconi (defronte ao cemitério) e na Av. José de Nóbrega Botelho – para facilitar o acesso ao local por transporte público. Foi prevista a redução da velocidade no fluxo de veículos em todo perímetro (vias) da praça, através de: faixa e

2 (GRAMSCI, 1999, p.189).

lombo-faixa no início e fim das ruas; plantando árvores no meio da rua que podem ter a irrigação ampliada através de um trabalho de drenagem em “espinha de peixe” na rua Caetano Pimentel do Vabo; pavimentação rústica, com material de demolição e semipermeável - material que gera ruído ao passar. Dessa forma trabalhamos com reaproveitamento de material aliando a um recurso sonoro, para reduzir a velocidade do veículo (intuitivamente) pois a velocidade dos veículos tende a diminuir através do aumento do nível de vibração gerado no trânsito do veículo. Ao reduzir a velocidade no percurso as pessoas tendem a olhar a VIDA que está acontecendo na praça, ressignificando o trajeto feito – geralmente de mobilidade pendular – que pode induzir a apropriação do local em uma das atividades que podem ocorrer na praça.

Conseguimos em tempo (antes do curso da Universidade São Marcos ser extinto) entregar e finalizar o projeto das **banças (Mercado de Flores)**³. O projeto da praça se restringiu ao plano de massas e diagnóstico do local, pois acabou o ano letivo e a turma envolvida no projeto saiu do Escritório Modelo. Parte do trabalho foi executado (Mercado de Flores), e a outra parte (da praça), aguarda uma reorientação pública pois ofertará ações a muitas famílias que carecem de local de entretenimento que extrapolam os limites do habitar.



Foto 02: Inauguração do Mercado de Flores
Fonte: Acervo do autor (09/abril/ 2009)

A partir do diagnóstico e do OUVIR (as necessidades dos envolvidos na ação) desenvolvemos o projeto da parte do Mercado de Flores e conversamos brevemente sobre algumas atividades que poderiam ser feitas na praça. Em 2016 resolvi retomar o projeto, dada a oportunidade de ver uma proposta de abrangência multidimensional que vise o BEM COMUM ficar parada. Retomando as anotações e lições apreendidas no processo de projeto, foi proposto o aumento do alcance da ação institucional para além da solução da insegurança jurídica das floristas, resolvida em projeto em 2007 e concluída em abril de 2009.

A continuidade do processo de projeto e de obra da Praça Alcides Franco de Lima (em 2016) se pautou em um espaço concebido nos princípios da Permacultura, Bioconstrução e Agricultura Sintrópica, construído com materiais reciclados, retrabalhados, reutilizáveis e materiais naturais (como madeira, terra e bambú), que pode servir de apoio a uma ação multidimensional de política pública cruzadas - de esporte, lazer, cultura, educação, geração de trabalho e renda, formação social, nutrição, saúde e segurança alimentar.

A ideia nessa praça é fazer uma intervenção de baixo impacto ambiental, com materiais de reaproveitamento de outras obras - com material de demolição e resíduos de construção. Isso auxilia a formulação da política urbana de gestão de resíduos de construção e contribui com a discussão sobre formas de reaproveitamento de materiais e a consequente redução da disposição de resíduos em aterros. Através de ações de Educação Ambiental na concepção, construção, uso e manutenção da praça é possível criar ações transversais que qualifiquem ações de políticas públicas que encarem os resíduos como DIREITO HUMANO, dando outro direcionamento às funções públicas de interesse comum – como a gestão dos resíduos urbanos.

³ Ver reportagem “De ambulantes a empresários” in ALVES, T. R.; CRIPPA, L.. De ambulantes a empresários. Revista Conexão - SEBRAE/SP ANO IV – NO 20 – junho/julho 2009. , p.32 - 33, 2009.



Figura 01: Implantação Praça Alcides Franco de Lima
Fonte: Acervo do autor (outubro/ 2016)

Observamos que as necessidades do habitar vão muito além da casa, do apartamento (da moradia) e perpassam questões mais abrangentes que transitam em várias dimensões da esfera pública e privada – social, urbana, econômica e ambiental. A constituição e formatação de espaços públicos onde possamos ter um convívio maior, reduz os conflitos bem como os índices de pobreza e de risco social, pois permite que as pessoas possam fazer várias atividades e reconhecer a diferença – o outro. O espaço público por excelência permite que pessoas possam trocar informações que as forjam enquanto seres dotados de empatia. O espaço concebido pode agregar conhecimento e formação social, além das opções de entretenimento, para oferecer uma outra expectativa para uso do tempo de vida útil das pessoas.

Todas as coberturas propostas são feitas com materiais naturais (como madeira e Bambu), em diferentes tecnologias e combinações. São de fácil apropriação pelas pessoas que o construirão facilitando o uso e manutenção, em caso de reposição.

Nas áreas de canteiro junto às sarjetas e guias existentes (nos jardins) no perímetro da praça foram propostos jardins de chuva. Em toda a área verde foi previsto o plantio com a técnica de agricultura sintrópica⁴ e plantio com plantas

⁴ Agricultura Sintrópica é o termo utilizado por Ernst Götsch de uma agricultura que concilia produção agrícola e recuperação de áreas degradadas

alimentícias não-convencionais⁵. Pretende-se, através do projeto paisagístico, aumentar o potencial de absorção de chuva e recarga no aquífero, retenção das águas pluviais e redução das ilhas de calor no local. Aproveitando o desnível criado entre as cotas da Av. Francisco Falconi e a rua interna proposta é possível trabalhar com o pessoal dos “hortelões urbanos”. Através no plantio, da poda e no manejo da área objetivamos que toda essa área verde seja concebida como um “canteiro vivo”, um espaço prático-pedagógico para fomento de cooperativas de paisagismo, como observamos no município de Santo André. Podemos criar espaços nestas áreas para o fomento de programas de Educação, Segurança Alimentar, Nutrição, aliados ao trabalho de paisagismo – no plantio, manejo e poda.

No primeiro semestre de 2019, trouxe as questões formuladas do processo de projeto da Praça Alcides Franco de Lima e do Mercado de Flores da Vila Alpina em uma disciplina de terceiro semestre na Universidade São Caetano do Sul, de Sistemas Estruturais – Madeira, para trabalhar com os educandos uma maior materialidade no Ensino, a partir da demanda concreta – de continuidade do processo de projeto.

A dinâmica da disciplina consistiu na visita dos educandos a algumas áreas que tinham enfoque paisagístico, pedagógico e de abrangência territorial (do município de Santo André) e, por último, na área da Praça Alcides Franco de Lima (em São Paulo). O objetivo era aumentar a compreensão de todo o contexto que poderíamos trabalhar no processo de aprendizagem e de projeto. Primeiro visitamos o Parque Escola em Santo André, onde a premissa foi trabalhar somente com material de demolição em um espaço voltado para a Educação e Formação Ambiental - que trata sobre as áreas verdes. Depois visitamos o CESA João Ramalho⁶, onde fizemos uma caminhada com os educandos, para eles perceberem a apropriação e uso do espaço público e o quanto que a proposição de projeto pode contribuir na reorientação da vida, no aproveitamento do tempo de vida útil e no convívio das pessoas que usufruem do espaço. Por último fomos à Praça Alcides Franco de Lima para eles conhecerem o trabalho concluído do Mercado de Flores. Na visita em fevereiro de 2019, observamos a praça em seu estágio atual para os educandos observarem os visuais, acessos, entorno e o potencial paisagístico que um espaço como esse poderia agregar - de cultura pública -, com outros valores, hábitos e apropriações do espaço público para os transeuntes no local.

Partimos do entendimento de que o acesso à um bem de USO COMUM, de caráter público, tem que ser valorizado e reafirmado como constituinte das funções básicas para que as pessoas se desenvolvam de forma plena. A Praça Alcides Franco de Lima é uma das poucas praças que observamos na cidade de São Paulo que não são cercadas e muradas. Se constituem, portanto, em patrimônios públicos de valor imensurável, como fragmentos de áreas verdes raros que encontramos, que podemos e devemos encarar como um DIREITO HUMANO.

O habitar nas cidades se estende muito além da Habitação (do morar). Espaços públicos favorecem a mistura de classe, pois podem ser constituídos para viabilizar um convívio com pessoas diferentes (o outro, que não é inimigo). A cultura pública é fortalecida na medida em que pessoas possam se reconhecer, ao objetivarmos espaços que favoreçam a troca de informações e experiências ímpares que forjam a personalidade e envolvam a todos em um processo de empatia.

⁵ O termo PANCs (Plantas Alimentícias Não Convencionais) foi definido por Valdely Ferreira Kinupp em 2008.

⁶ CESA João Ramalho – Centro e Educação de Santo André João Ramalho: área voltada para Educação, Esporte, Lazer e Cultura que ofertava atividades complementares e extracurriculares, fundamentados em sua concepção original, pelo educador Anísio Teixeira. Ver XAVIER, 2014.

Um trabalho de Extensão Universitária⁷, ou uma ação concreta que é trabalhada dentro de uma grade curricular de um curso de formação, como esse pode trazer uma materialidade maior ao Ensino na forma que partimos de uma demanda real e mudamos o protagonismo da ação – de “baixo para cima”, a partir da coleta de “detalhes significativos”⁸. Temos, dentro dos planos pedagógicos de curso, ações pré-estabelecidas entre as disciplinas e método de aprendizagem que são aplicados de forma gradual e linear na grade tradicional. Quando partimos de uma situação concreta, ao ouvir as pessoas diferentes e suas necessidades, aspirações desejos e vontades, mudamos a origem do pensar – a partir da apropriação do saber e do fazer. O processo de “ida ao local de vulnerabilidade”, onde a demanda se faz urgente, ouvir e observar os contextos, propicia uma maior apropriação dos problemas e das questões que podem ser trabalhadas em uma fundamentação teórica mais embasada e concreta (na realidade).

Partindo da situação concreta, através da ação proposta de projeto, é possível ampliar o enfoque de utilização da área como residência de vários cursos da Universidade para que a instituição cumpra sua função social e dê uma materialidade maior ao ensino - aos educandos e educadores envolvidos. Esta materialidade dada ao processo pedagógico permite consolidar as bases do conhecimento pela tríade Ensino-Pesquisa-Extensão, além de aumentar a apropriação dos problemas e questões transversais ao processo de forma transdisciplinar. Desta forma a apropriação de conhecimento pelos educandos e educadores e apropriação e troca das pessoas que vão ser beneficiadas pela ação de Extensão Universitária aumenta a possibilidade de fazermos um trabalho que seja pontuado e forjado em coisa real – mais concreta.

O Legado que fica para a cidade se dá na forma que o conhecimento é construído e constituído – a partir da fonte primária. Todas as questões trabalhadas bem como todos os problemas que tratamos no diagnóstico permitem que sejam formuladas as questões de conhecimento e projetos propositivos onde podemos vislumbrar uma cidade melhor apropriada.

Conclusões

Através desta ação de **ensino, pesquisa, extensão, projeto e de obra** propusemos resgatar o valor dos espaços públicos (praça, parque), serviços públicos (Educação, Esporte, Lazer, Cultura e Saúde), dos recursos minerais (água, meio natural, etc.) e o habitar (que se estende ao local da moradia) como Direito Humano - garantidos pela Constituição, e não aplicados pela cultura equivocada de drenagem dos recursos públicos ao sistema financeiro⁹, desfazimento do patrimônio público, redução do Estado e privatização dos espaços públicos que deveriam servir ao BEM COMUM, mas são expropriados a poucos.

Pretendemos, pois, contrapor a cultura de um processo de re-colonização e entrega do patrimônio público, recursos minerais e ambientais. Ao se desfazer dos patrimônios públicos reduzem-se os recursos que seriam alocados na produção de infraestrutura, de serviços públicos (como Educação, Saúde, Cultura, Esporte, Lazer, etc.) e de subsídios que agiriam na redução das desigualdades sociais, econômicas e territoriais.

7 Para o termo Extensão foram consideradas as “Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira”, do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior, PROCESSO Nº: 23001.000134/2017-72, PARECER CNE/CES Nº: 608/2018, aprovado em 03/10/2018.

8 CÂNDIDO, 2010, p.23.

9 Ver AVILA, 2018.

O espaço institucional proposto abarca as dimensões sociais, urbanas, econômicas e ambientais e permite qualificar a ação de intelectuais orgânicos bem como de serviços e de políticas públicas (cruzadas e complementares), visando alterar os indicadores sociais, urbanos, econômicos e ambientais - do local e do entorno. Ações, projetos e programas que fortaleçam as relações afetivas, sociais e de gestão compartilhada auxiliam no forjamento de relações interpessoais, formação de cidadania e envolvimento – através da empatia.

Quando esta sensibilização é construída e constituída de forma coletiva, a partir da situação de vulnerabilidade encontrada (social, urbana, econômica e ambiental), de forma que mudemos o protagonismo da ação – de baixo para cima – mudamos a forma de encarar os problemas bem como a constituição de soluções pré-concebidas. A partir de diferentes olhares e experiências - de forma interdisciplinar e transdisciplinar - podemos ter uma apropriação dos problemas de forma mais abrangente, de diferentes formas e interpretações, que auxilia na formulação conjunta das questões de conhecimento a serem trabalhadas para a mudança nas formas de apropriação do tempo de vida útil das pessoas que serão impactadas com a ação.

Observamos, através do relato de floristas e usuários do local, que após a implantação do Mercado de Flores (em Abril de 2019) houve a diminuição do preconceito (e rejeição à precariedade) para com as floristas, através da construção dos espaços propostos de venda constituídos a partir da necessidade e expectativa delas. Constatamos que ampliou a aceitação das floristas frente ao público, aumentando a venda de seus produtos e, conseqüentemente, a renda - que diminuiu a situação de vulnerabilidade econômica delas.

A celebração da vida que objetivamos na constituição deste espaço que a reforma da Praça Alcides Franco de Lima propicia se dá pelo entendimento de que a pobreza é multidimensional e o espaço público qualificado pode contribuir para a redução das desigualdades sócio territoriais. Ações e serviços encarados como DIREITO HUMANO, que visem o BEM COMUM, que não corromam o salário das pessoas de forma indireta¹⁰ (ao terem que pagar por um serviço que não é público – como Lazer, Esporte, Cultura e Educação), sobretudo àquelas que se encontram em situação de vulnerabilidade social, aumenta a apropriação qualificada de um tempo de vida útil dos usuários e um BEM VIVER, através da valorização do espaço público que permita ampliar o leque de ações e de políticas públicas e gratuitas.

Referencias Bibliográficas

ALVES, T. R.; CRIPPA, L. De ambulantes a empresários. Revista Conexão - SEBRAE/SP ANO IV – NO 20 – junho/julho 2009. p.32 - 33, 2009.

AVILA, Rodrigo. Mentiras e verdades sobre a dívida pública – parte 3. Texto atualizado em 22 de novembro de 2019. Disponível em < <https://www.cadtm.org/Brasil-Mentiras-e-verdades-sobre-a-divida-publica> > . Acesso em: 20 de fev. de 2020.

BATISTA Jr, Paulo Nogueira. O Consenso de Washington: a visão neoliberal dos problemas latino-americanos. 1994 in Batista Júnior, Paulo Nogueira. Paulo Nogueira Batista: pensando o Brasil : ensaios e palestras / Paulo Nogueira Batista Jr, organizador. - Brasília : Fundação Alexandre de Gusmão, 2009. 336 p.

10 DOWBOR, 2017, p.183

BRASIL. Presidência da República. Estatuto da Cidade - Lei n. 10.257, de 10 de julho de 2001. Brasília, DF, 2001.

CANDIDO, Antonio. Os Parceiros do Rio Bonito. S. Paulo: Duas Cidades, 1982, 6 4 ed.

DOWBOR, Ladislau, 1941- A era do capital improdutivo: Por que oito famílias têm mais riqueza do que a metade da população do mundo? / Ladislau Dowbor. - São Paulo : Autonomia Literária, 2017. 320 p.

DUSSEL, Enrique. *Cinco tesis sobre el populismo in El eterno retorno del populismo en América Latina y el Caribe.* -- 1a ed. -- Bogotá : Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2012.

FRANK, Andre Gunder. *Dependencia economica, estructura de clases y politica del subdesarrollo en Latinoamerica.* Revista Mexicana de Sociología, Vol. 32, No. 2, Memorias del IX Congreso Latinoamericano de Sociología, 3 (Mar. - Apr., 1970), pp. 229-282: Universidad Nacional Autónoma de México. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/3539038> > . Acesso em: 25 dez. de 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

GRAMSCI, Antonio. *Cuadernos de la cárcel 2: edición crítica del Instituto Gramsci a cargo de Valentino Gerratana.* Tomo 2. 2ªed. México: coedición Ediciones Era/Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 1999.

KINUPP, V.F. 2007. Plantas Alimentícias Não-Convencionais da Região Metropolitana de Porto Alegre. 2007. 562 p. Tese de Doutorado em Fitotecnia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS. Disponível em: < <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/12870> > . Acesso em: 10 de abr. de 2020.

OXFAM BRASIL. O país estagnado. Um retrato das desigualdades brasileiras. 2018. Disponível em: < https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/relatorio_desigualdade_2018_pais_estagnado_digital.pdf >. Acesso em: 28 de nov. de 2020.

PASSINI, Felipe dos Santos. A Agricultura Sintrópica de Ernst Götsch: história, fundamentos e seu nicho no universo da Agricultura Sustentável. Rio de Janeiro, 2017. 104p. Dissertação de mestrado - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Macaé, RJ. Disponível em: < http://ppgciac.macaue.ufrj.br/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/FELIPE_DOS_SANTOS_PASINI_ok.pdf >. Acesso em: 10 ago. de 2020.

TEIXEIRA, Anísio. A. Educação e a Crise Brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

XAVIER, L.F.. *El CESA Jardim Santo André: de la ciudad y para ella. Diseño en Síntesis: Reflexiones sobre la Cultura del Diseño,* v. No. 50-51, p. 10-23, 2014.

Autor

Luís Felipe Xavier. Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Paulista (1996). Mestre em Planejamento Urbano e Regional pela USP (2009). Professor dos Cursos de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da USCS; da Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Pós Graduação em Arquitetura, Cidade e Sustentabilidade do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo; professor do Curso de Pós Graduação em Design de Assentamentos Sustentáveis e Ecovilas na Universidade de Taubaté (UNITAU). É Sócio-Diretor da LFX-OBRA.

O DISCURSO ENTRE A DIDÁTICA E O ENSINO NO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO: A Experiência dos Movimentos Disciplinares Tradicionais e Não Convencionais na Introdução e Formação Acadêmica dos Estudantes nas Universidades Privadas

Eje/Eixo Temático 2

Ricardo Mingareli Del Valle

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Marcelo Hamilton Sbarra

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo:

Este trabalho busca refletir a concerne entre as didáticas do ensino superior e as práticas docentes utilizadas, metodológica e presencialmente no curso de arquitetura e urbanismo das universidades brasileiras; principalmente, no que se refere à relação aluno-professor e as estratégias de ensino adotadas para que as experiências profissionais sejam transmitidas e absorvidas. Neste ensejo, investigou-se o papel de três vertentes compositoras no processo didático acadêmico: primeiro, com o reconhecimento da sala de aula como local de aprendizagem, distinguindo recursos didáticos em relação às qualificações universitárias no Brasil, classificadas, anualmente, após resultados do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE); segundo, com os professores, traçando as dinâmicas utilizadas no exercício da docência e suas respectivas práticas com o ensino superior; e, terceiro, com os alunos, verificando o acesso dos vestibulandos ao processo de ingresso às universidades e a absorção do conteúdo programático durante o correr do curso. Para isto, foram exemplificadas e descritas algumas experiências didáticas resultantes do processo de docência no curso de graduação em arquitetura e urbanismo, por professores-pesquisadores, que identificaram a carência existente no processo didático tradicional de sala de aula e, aqui resolveram compartilhar.

Palavras-chaves: **Didática de Ensino, Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Ensino Tradicional, Partido Arquitetônico, Experiência docente.**

Resumen:

Este trabajo busca reflejar la preocupación entre la didáctica de la educación superior y las prácticas docentes en uso, metodológicamente y en persona, en el curso de arquitectura y urbanismo de las universidades brasileñas; principalmente, en

cuanto a la relación alumno-profesor y las estrategias de enseñanza adoptadas para que las experiencias profesionales se transmitan y se absorban. En esta oportunidad, se investigó el papel de tres vertientes compuestas en el proceso didáctico académico: primero, con el reconocimiento del salón de clases como lugar de aprendizaje, distinguiendo los recursos didácticos en relación a las titulaciones universitarias en Brasil, clasificados, anualmente, a partir de los resultados del Examen Nacional de Desempeño de Estudiantes (ENADE); segundo, con los profesores, destacando las dinámicas utilizadas en la enseñanza y sus respectivas prácticas con la educación superior; y, en tercer lugar, con los estudiantes, cheque el acceso de los candidatos a las pruebas de acceso al proceso de admisión a la universidad y la absorción del temario durante el correr del curso. Para ello, algunas experiencias didácticas resultantes del proceso de enseñanza en la carrera de arquitectura y urbanismo fueron ejemplificadas y descritas por profesores-investigadores, quienes identificaron la falta del proceso didáctico tradicional del aula y, aquí, decidieron compartir.

Palabras clave: **Didáctica de la enseñanza, Licenciada en Arquitectura y Urbanismo, Enseñanza tradicional, Roto Arquitectónico, Experiencia en la enseñanza.**

Introdução

Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. (FREIRE, 1970).

Há quem diga que o processo de formação do ensino superior nas universidades brasileiras é diferente dos processos de educação fundamental e médio ocorridos, prioritariamente nos períodos da infância e adolescência entre as escolas e colégios. Talvez, pela enfática diferença no foco da transmissão direta de uma determinada profissão no âmbito acadêmico entre as Instituições de Ensino Superior (IES), ou, simplesmente, porque os processos de formações sociais entre uma criança, um adolescente e um jovem/adulto são diferentes no contexto da aprendizagem; contudo, a capacidade cognitiva que relaciona os métodos de aprendizagem, não diferem (FREIRE, 1970). Esta diferenciação, está no que alguns psicólogos classificam por “aprendizagem e desenvolvimento” (PIAGET, 1970; VYGOTSKII, 1998; SOUZA FILHO, 2008).

Seria raro conseguir ensinar uma criança cálculos de engenharia e clínicas médicas, por exemplo; ao passo que, para um adulto alfabetizado, as didáticas de grau infantil se tornam superficiais e singelas. No entanto, não se pode negar, que apesar das especificidades de aprendizagem serem diferentes, a diagramação de ensino, quanto às escolas, é a mesma: professor, aluno e sala de aula.

Nesta direção, cabe-nos aqui lembrar da definição de “educação bancária” defendida por Paulo Freire (1970), que promovia o processo de absorção mental do conhecimento decorrente da interlocução narrativa estabelecida pelo educador (cheio de saber), aos alunos (que nada sabem); como um processo de transferência e doação de valores sobre um conteúdo narrado, aos conhecimentos que serão absorvidos por memorização mecânica. “Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (FREIRE, 1970). Contudo, a eficácia desta metodologia está ligada ao que Freire chama de “opressão”, da qual, refere-se a transmissão limitada da visão e conhecimento

do educador ao mundo, que doutrina os educandos à passividade inibidora de um amplo conhecimento. Por isto, o processo de aprendizagem se faz diferente em adultos, pois a bagagem social conquistada com suas experiências de vida, dispensa quaisquer “desvelamentos do mundo” e, impossibilita, uma doutrina induzida.

Disciplinas como a Arquitetura e Urbanismo (AU), foco deste texto, por exemplo, exigem técnicas de ensino próprias que permeiam a teoria e a prática da profissão e, condizem com processos de desenvolvimento do conhecimento específico para adultos. Nesta circunstância, como processo didático, poder-se-ia erroneamente destinar o ensino teórico às salas de aula e o ensino prático ao estágio profissional que é exigido aos alunos no processo de formação universitária ou aulas feitas diretamente em laboratórios específicos. Somente esta classificação divisória, não seria suficiente para interlocução das disciplinas proativas constantes do currículo da formação em AU, mesmo que tais alunos sejam adultos. A prática acadêmica não pode esperar pelo estágio profissional para que as experiências profissionais sejam vivenciadas pelos alunos; cabendo ao professor, fazer a didática da arquitetura transitar entre a teoria e as atividades diárias de debates acadêmicos em salas de aulas – que, em muitas instâncias se dissociam totalmente de uma realidade profissional existente.

De certa forma, esta troca de conhecimento na esfera universitária, que nada mais é que a corroboração na interlocução cognitiva entre a dinâmica tradicional de sala de aula, leva à uma reflexão sobre os aspectos em que as informações são transmitidas e recebidas durante o processo de aprendizagem técnico. Vale reforçar que estamos falando sobre o sistema presencial de sala de aula (espacialidade que abriga relações pessoais, reais e materiais) e, que toda abordagem tátil de experiências empíricas entre aluno e professor é anulada no formato de Educação a Distância (EaD). Por este motivo, não entraremos neste mérito. Neste foco, este texto expressa as experiências empíricas discentes e docentes realizadas entre a teoria e a prática em salas de aulas, capazes de proporcionar aos alunos uma vivência acadêmica mais completa da profissão, e aos professores, mesmo viciados em práticas docentes assertivas e dispostos a compartilharem seus conhecimentos prévios adquiridos numa propagação hierárquica do saber, a manterem-se num eterno estado de aprendizado.

01. A docência no Ensino Superior

Por abranger vários setores profissionais, as IES como um todo, devem estar preparadas para receber diversas especificidades didáticas do ensino superior. Posto isto, os processos didáticos existentes no âmbito acadêmico são os mais variados possíveis e diferem de acordo as demandas específicas de cada disciplina.

De um lado, a figura do aluno adulto se adapta às mais diversas maneiras pedagógicas para adquirir o conhecimento exigido em determinada disciplina do ensino superior, enquanto, do outro lado, os professores se flexibilizam entre suas didáticas de ensino para que o conhecimento seja alcançado.

Sobre o arranjo psíquico de “absorção de conhecimento” proporcionado através da interação aos processos de desenvolvimentos mentais e cognitivos citado anteriormente, podemos dizer que no ensino superior ocorre de diferente modo ao processo de aprendizagem infantil, pois, como visto, prescinde, por exemplo, de métodos como a “educação bancária”, que compõe apenas uma parte do conhecimento que, segundo Piaget (1970), quando somados, formam um esquema de desenvolvimento gradativo que vai se moldando e adquirindo qualidades conforme vínculo do sujeito com sua natureza; criando cognições, que se organizam em “um

processo de equilibrações sucessivas das estruturas cognitivas (esquemas). Estruturas estas que vão evoluindo com base na configuração da estrutura precedente” (SOUZA FILHO, 2008); ou então, conforme Vygotskii (1998), que defende aprendizado e desenvolvimento como coisas distintas que se relacionam pela organização dos processos de aprendizagens vivenciados pelo indivíduo desde a infância, capazes de ativar um específico desenvolvimento mental.

Embora, Souza Filho lembre da compreensão do processo cognitivo humano detalhado por Vygotskii, como “zona de desenvolvimento proximal”, que se relaciona bem mais ao processo de aprendizado na fase adulta, ao estabelecer níveis de desenvolvimento reais durante a interação da pessoa com o conhecimento. Neste caso, “não é o desenvolvimento que precede e torna possível a aprendizagem, mas é aprendizagem que antecede, possibilita e impulsiona o desenvolvimento” (SOUZA FILHO, 2008).

No ensino superior, a relação entre aprendizagem e conhecimento é estabelecida categoricamente através de experiências passadas vivenciadas pelo professor e, difundidas, posteriormente aos os alunos. Aqui, o conhecimento antecede o desenvolvimento e o aprendizado.

Diferente dos professores dos níveis fundamental e médio, do qual a maioria é formada por pedagogos ou demais profissionais das áreas que complementam o âmbito da pedagogia (como matemáticos, biólogos e educadores físicos); para o professor universitário, a formação pedagógica é considerada secundária à sua especialidade profissional. Isto porque, no Brasil, de acordo com a Lei n. 9.394 (BRASIL, 1996), as universidades são consideradas instituições pluridisciplinares de formações dos níveis superiores, pesquisas, extensões, domínios e cultivos dos saberes humanos; com pelo menos, um terço do corpo docente especializado nos cursos de pós-graduação stricto sensu – responsáveis pela formação de mestres e doutores com prioridades na pesquisa e não na formação didático-pedagógica. Uma planificação que provoca a ideia de que, para ensinar nas universidades, é preciso apenas o domínio específico disciplinar ou a experiência profissional voltada à determinada área. Fatos que consolidam a qualidade educacional do nível superior e, por consequência, constituem à mestres e doutores o caráter do docente (VOSGERAU, *et. al.*, 2017).

Querendo ou não, a condição do profissional-pesquisador à docência, interfere na didática aplicada na sala de aula universitária, pois, ao exercer-la, o professor-pesquisador poderá focar tanto em suas experiências científicas quanto profissionais, tendo a possibilidade de transformá-las em processos didáticos para aprendizagem.

A experiência na área de origem, a formação acadêmica e a produção científica se sobrepõem à formação didático-pedagógica do profissional – fato que explica que o perfil do pesquisador passa a se constituir no vetor da qualidade da educação superior e, portanto, da condição de docente (VISGERAU, et. al., 2017).

02. Abordagem Docente de Arquitetura

Como docentes de IES, algumas experiências em sala de aula nos chamaram atenção em relação as práticas de ensino e as dinâmicas pedagógicas em que trabalhamos. Certas experiências nos fazem reavaliarmos as condições operantes na interlocução do ensinamento que estamos acostumados, uma vez que, quando estancada, além de ultrapassada, a didática também pode se tornar um vício e ir na contramão ao desenvolvimento social da própria disciplina e dos alunos.

O que queremos enfatizar com a demonstração do formato em sala de aula e a dinâmica entre propagação/recepção de informações teóricas e práticas no curso de AU, é tanto a eficácia quanto a insuficiência do sistema tradicional de ensino acadêmico, que antecede o profissional e opera, em suma, fora dos aperfeiçoamentos digitais e tecnológicos presentes no mercado de trabalho, principalmente no que diz respeito a produção do projeto arquitetônico, como por exemplo, através das matérias de abordagens históricas que conceituam os estilos arquitetônicos e a produção vernacular da arquitetura, ou, na própria produção acadêmica do desenho técnico arquitetônico, como a Geometria Descritiva que, assertivamente, sempre esteve à mão do estudante de arquitetura e, agora, é substituída por ferramentas de praticidades digitais, como a Autodesk® e o Revit® que, mesmo atropelando os elementos conceituais básicos do desenho técnico, como o ponto, a reta, o plano e o volume; e, partindo diretamente para composição espacial arquitetônica, são ferramentas poucos exploradas entre as didáticas acadêmicas.

Estas posições nos fazem questionar sobre as didáticas de ensino da AU atualmente: se por um lado, o ensino superior de arquitetura, até duas décadas atrás, formava profissionais imersos na produção do projeto arquitetônico, antes embasados na prática do desenho técnico e teoria concepcional da arquitetura, hoje, a confusão na introdução parcial das ferramentas digitais no curso de arquitetura, induzem estudantes/novos profissionais à um formato disperso na conceitualização básica em se fazer a arquitetura. Uma questão didática que condiciona a produção arquitetônica acadêmica em paralelo ao desenvolvimento profissional, social e tecnológico da profissão.

A inquietação de quem está aprendendo costuma ser uma constante em sala de aula, assim como as dúvidas. Isso não quer dizer que a metodologia de ensino de tal professor é mais eficiente que outro. O que não podemos deixar de lado é que alunos vêm e vão, e que os ciclos discentes são passados tão rapidamente por um mesmo professor, que nem é percebido o perfil dos alunos se alterando ao longo dos anos. Fato que, quando damos conta, é preciso reestruturar as didáticas ultrapassadas e reorganizá-las a uma nova dinâmica de sala de aula, acompanhando a evolução social dos alunos; visto que, as gerações mudam, mas as características compositivas de sala de aula não, pois elas continuam, especialmente fixas num mundo que vive em constante movimento e aperfeiçoamento. Este fenômeno costuma ser mais frequente quando o mesmo docente é encarregado de diferentes disciplinas ao longo da vida acadêmica do discente – muito comum nas IES particulares hoje.

Sobre o acompanhamento docente nas transformações sociais discentes: no ponto de vista de um professor acadêmico, uma característica favorável em exercer a docência na atualidade, é poder exercer a pesquisa científica simultaneamente (prática bem comum entre os professores universitários no Brasil), o que corrobora o aperfeiçoamento constante no processo de aprendizagem, uma vez que, a produção científica estará, concomitantemente presente em sala de aula. Há de destacar uma grande variação de engajamento em relação à diferentes IES – as mais focadas no “mercado” tendem, no nosso ponto de vista, a não valorizarem atividades como Iniciações Científicas e Tutorias.

Por mais que, por distinção, se institui a incumbência do docente universitário em levar aos alunos o que foi aprendido e praticado em seu percurso profissional; e aos pesquisadores, a permissão em aperfeiçoar as técnicas utilizadas no desenvolvimento da profissão; a união destas duas vertentes ao professor universitário da atualidade esbarra em alguns fatores díspares: primeiro, com a conotação simbólica de didáticas arcaicas e retrógradas estancadas ao tempo; segundo, com o encontro ininterruptos

em relacionar as vivências sociais e as produções científicas ao alcance das didáticas docentes, afim de inovar, constantemente, as abordagens teóricas em sala de aula; e, terceiro, com a busca desesperada em incluir a tecnologia e o ensino híbrido (aulas online aliadas às aulas presenciais), cujo processos e didáticas ainda precisam de muito aperfeiçoamento no ensino brasileiro.

A necessidade em fundir vivências sociais, produções científicas e didáticas docentes, torna-se perceptível em disciplinas que envolvam, ao primeiro passo, assincronicamente, estas questões.

Diferente das disciplinas que operam rapidamente esta relação, os processos de aprendizagem da AU, ficaram por anos à mercê da constituição física dos objetos arquitetônicos para serem estudados e, por demandem um pouco mais de tempo para se materializarem, esta relação necessitou de outra abordagem didática para acontecer. Daí entra o papel fundamental do projeto, não só como forma programática de se praticar a arquitetura, como também, a própria didática arquitetônica, pois ele antecipa a discussão da concepção física edílica através da reprodução gráfica. Ou seja, técnicas, conceitos, estilos e métodos construtivos, que são estabelecidos primeiramente por vivências sociais para depois serem diagramados nos objetos arquitetônicos, podem ser discutidos nas produções científicas e didáticas docentes através da prática projetual.

É claro que, a influência digital acelerou um pouco mais a relação entre a produção arquitetônica e científica. Questões de aperfeiçoamento das técnicas, métodos, conceitos e estilos que, mesmo projetadas só eram discutidas e comprovadas após a construção dos edifícios; com os avanços tecnológicos favoráveis à concepção projetual da arquitetura atualmente (por intermédio de *plugins*, aplicativos e *softwares* de experimentos digitais), tornou-se possível “testar”, antecipadamente, os edifícios – especialmente no tocante às normas de conforto e sistemas construtivos. Isto é, a ciência tornou-se estratégia da técnica compositiva na arquitetura – destaque-se aí, as muitas Normas Brasileiras (NBR's) relacionadas à AU, além de legislações de âmbito municipal, estadual e federal que corroboraram para este avanço tecnológico. O próprio conceito de *Building Information Modeling* (BIM) explorada como ferramenta de aperfeiçoamento digital nos últimos anos, surge envolvendo tecnologias e processos na produção, comunicação e análise projetual dos modelos arquitetônicos a serem construídos, integrando as fases do projeto no papel à otimização da construção física (ANDRADE; RUSCHEL, 2009). Em sala de aula, a relação entre vivências sociais, produções científicas e didáticas docentes, descarrega sobre o professor de AU, a responsabilidade em se inteirar às vigências práticas da arquitetura, que costura entre a contemporaneidade e a história; entre a produção científica e vivências sociais, entre técnicas e os métodos, e os conceitos e estilos. Isto faz com que os processos dinâmicos da docência sejam reestruturados de tempos em tempos; e, para que o professor “não fique para trás”, é preciso acompanhar o desenvolvimento social e o integra-lo à sala de aula.

Nesta reflexão, selecionamos duas experiências empíricas realizadas em salas de aula que nos fizeram aprofundar na abordagem didática do ensino atual da arquitetura, na recepção dos alunos ao conhecimento da disciplina e na utilização deste conhecimento na prática profissional, que demonstraremos a seguir:

03. Abordagem Acadêmica com Novos Alunos de Arquitetura

Em maio de 2019, por intermédio de IES Privada a qual fazíamos parte do corpo de docentes, fomos selecionados a palestrar sobre o curso de Arquitetura

e Urbanismo, na 21ª edição do Fórum Teenager de Universidades e Profissões, realizado por um colégio particular localizado na zona sul da cidade de São Paulo, com a finalidade de estreitar o relacionamento entre os futuros universitários e as instituições (públicas e privadas) do ensino superior. Durante o evento, os alunos candidatos ao vestibular, advindos em maior totalidade da rede particular do ensino médio, buscavam suas instituições de interesse que lhes direcionavam às áreas de aptidões e indicavam o curso adequado ao seu perfil.

Neste contexto, vale a pena ressaltar que “ingressar em uma universidade representa, para muitos jovens, um grande passo para inserção no mercado de trabalho, cada vez mais competitivo. Entretanto, observa-se que, para muitos estudantes, a formação superior não passa de um sonho” (ALVARENGA, SALES, et. al, 2012).

Há de se salientar que no Brasil, o desequilíbrio existente entre as IES públicas e privadas, precisa de muita transformação no que diz respeito ao conceito de universidade; visto que, os alunos da rede particular de ensino se encontram mais preparados à pleitearem as vagas disponíveis nas universidades públicas, conseguindo acesso com maior facilidade; enquanto, os alunos da rede pública, tentam, repetidamente, por várias vezes e anos, alcançar um desempenho de acesso equivalente as altas relações de candidatos por vagas destas universidades (Tabela 01).

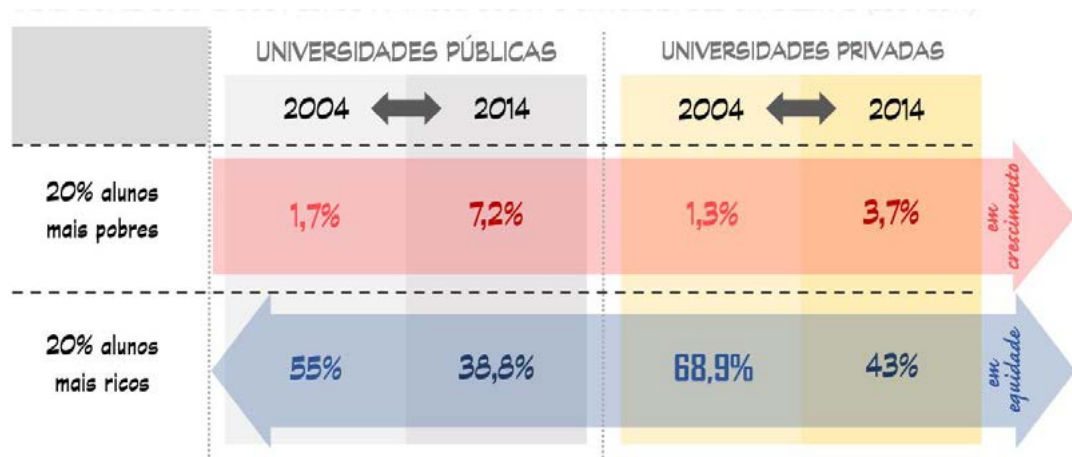


TABELA 01: Indicadores Sociais de Alunos Matriculados nas Universidades Brasileiras entre 2004-2014. Fonte: Autores, 2020. Base nos dados de IBGE (FERNANDES; TINOCO, 2014).

Devido a “falta de recursos financeiros para arcar com os custos do ensino privado, os estudantes de escola pública, que representam a maioria dos estudantes do ensino médio, passam a representar uma minoria no ensino superior” (ALVARENGA, SALES, et. al, 2012). Apesar de Fernandes e Tinoco (2014) apresentarem um aumento significativo dos jovens de baixa renda nas IES públicas e privadas a partir de 2004 através dos programas governamentais, como o Fies e ProUni, (que estimulam o aumento de vagas nas universidades públicas, cotas e créditos educativos); o ensino superior no Brasil ainda “não se encontra democratizado” (ALVARENGA, SALES, et. al, 2012) e as universidades privadas, vem sendo a alternativa mais cabível para os alunos da rede pública conquistarem os sonhos da formação superior.

Sem falar que, a aquisição de bolsas de estudos advindas destes programas governamentais, além de exigirem pontuações mínimas diferenciadas da média das

próprias universidades, também gera uma série de preconceitos em que os alunos participantes não sabem lidar. O ProUni por exemplo, exige assiduidade e aprovação em 75%, deixando em risco de cancelamento do benefício caso o aluno não atenda aos requisitos (PRAVALER, 2020). Esta taxa de corte não garante a qualidade do curso, pelo contrário, discrimina o aluno advindo da rede pública que não teve um preparo educacional adequado para acompanhar na íntegra o curso superior.

A grande preocupação [com programas como o Fies e ProUni] é o aumento de alunos por cota, porque o governo deixa de investir na educação básica, o aluno entra na universidade via cota e, talvez, não tenha condições de acompanhar os cursos. Pode acontecer uma reprovação grande, os professores baixarem o nível dos cursos para não reprovar, ou, como os alunos tiveram uma educação frágil, começam a fazer cursos de baixo valor agregado, terminam a faculdade para ganhar mil reais. (FERNANDES; TINOCO, 2014).

Neste ponto, vale a pena ressaltar que, além das diferenças econômicas entre os alunos do ensino superior acentuarem o desequilíbrio entre as IES existentes, a posição classificatória entre as universidades brasileiras indicada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e Ministério da Educação (MEC) através do ENADE, qualificam a idoneidade das universidades disponíveis.

Através dos indicadores de Qualidade da Educação Superior e do Índice Geral de Cursos (IGC) expedidos pelo Inep/MEC, é possível obter informações das melhores instituições de ensino superior do país. Em 2019, para curso de AU, este ranking foi liderado por universidades públicas nas primeiras cinco posições, aparecendo, somente, na sétima posição, a primeira universidade privada da categoria (FOLHA, 2019).

Graças a estes medidores, o conceito de qualidade acadêmica entre as universidades existentes no Brasil, qualifica, automaticamente, as IES públicas à uma posição de maior prestígio. Isso dado os investimentos exacerbado nas pesquisas científicas que essas universidades têm e que, refletem, direta e indiretamente no exame ENADE; enquanto, algumas IES privadas brigam por uma boa qualificação ao instituírem a pesquisa científica como método conceitual institucional, ao mesmo tempo em que outras IES privadas banalizam a qualidade do ensino superior com atitudes relapsas às pesquisas científicas ao priorizarem apenas a rentabilidade oportuna através do lucro proveniente dos programas governamentais e o alto angariamento de aluno no ato de matrícula, resultantes de um vestibular pouco seletivo e classificatório. Na visão comercial de muitas IES privadas, os alunos e professores são reconhecidos como clientes e colaboradores.

Como visto, por mais promissores que os programas governamentais de apoio ao ingresso no ensino superior sejam, o segredo não está em equilibrar o número de alunos da rede pública e particular entre as IES públicas e privadas, e sim, preparar, qualificadamente, a rede pública de ensino, para que todos os alunos, quando candidatos ao vestibular, estejam embasados para concorrerem às vagas adequadamente. Mas, como ainda não vivemos essa realidade, como podemos preparar o perfil do candidato da rede pública, a buscar qualidade de ensino ao ingressar nas universidades privadas?

Uma questão sobre as IES privadas de menor prestígio que banalizam o ensino superior que não podemos deixar de lado, é a parcela pouco expressiva de professores existentes nestas instituições que ainda brigam com o sistema comercial

instituído e reivindicam a prioridade na qualidade de ensino incluindo a produção científica nas didáticas docentes por conta própria. Tais professores – considerados muito questionadores – são, em sua grande maioria, rapidamente desligados das instituições por não terem um “perfil aderente” às IES comerciais. A questão deixa de ser se o aluno aprendeu o conteúdo proposto e passa a ser o cumprimento de metas, tanto de discentes quanto de docentes.

Tendo em mente tanto o perfil dos alunos vestibulandos, quanto o perfil institucional da IES privada que representávamos, para a ocasião do evento em questão, separamos o que havia de melhor na produção discente do curso de AU na época, para expormos como apelo aos possíveis candidatos ingressantes. Entre cartazes com desenhos técnicos, projetos, croquis, maquetes eletrônicas e físicas de projetos memoráveis da arquitetura, apresentamos, com satisfação, os trabalhos realizados por alunos que, um dia se encontraram na mesma posição destes vestibulandos.

Como experiência empírica de sala de aula, o sentimento era de que a arquitetura, mesmo longe dos edifícios construídos, sempre causa interesse e admiração e, como disciplina, uma curiosidade diferente das outras. Nos bastidores do evento, passear pelos corredores do colégio com as maquetes em mão em direção a sala de exposição, chamou atenção de muitos olhares curiosos que começaram a nos seguir atraídos pela afeição aos trabalhos produzidos pelos alunos. Por diversas vezes, ouvimos os vestibulandos questionando onde seria a palestra sobre o curso que faz maquetes?

Exemplificar o significado da profissão e as características intrínsecas do que realmente é a arquitetura para quem não entende nada do assunto, pode ser uma tarefa difícil sem uma didática adequada: primeiro, por conta da impossibilidade material para fazer com que o indivíduo enxergue o edifício que não está, fisicamente, diante de seus olhos; segundo, em traduzir a crítica profissional à realidade, inteligível, do indivíduo receptor. Zevi (1996) alerta a dificuldade dos profissionais da arquitetura, historiadores e críticos da arte em difundir, visualmente, o amor pela arquitetura; pois, diferente da pintura ou da escultura, é impossível transportar os edifícios para uma sala de exposição, o que dificulta muito a compreensão total dos objetos arquitetônicos. Contudo, para ensinar a percepção da arquitetura, o arquiteto propõe que é preciso adotar um método claro, que traduza, com compreensibilidade, a imprecisão dos termos registrados por diversos autores em atribuição à arquitetura. Nisto, percebemos que, o fato das maquetes físicas terem chamado atenção dos vestibulandos, está atribuído à estética edilícia, que em seus conhecimentos relacionam o significado da arquitetura à beleza monumental.

Apesar da exposição ter sido programada para um curto espaço de tempo, fomos capazes de decompor a fala rápida entre o merchandising institucional e a referência à significância da arquitetura. Para isto, adotamos uma didática de análise entre estética e a funcionalidade, a fim de interagir, com praticidade, o tema proposto com os possíveis candidatos ao vestibular.

Existem muitas definições sobre o que é arquitetura conforme a estética dos edifícios; porém, para esta atividade, consideramos a narração de alguns mestres da arquitetura que explanaram esta ideia com sutileza e objetividade: para Lemos (1979), a arquitetura pode ser qualquer intervenção no meio ambiente que crie novos espaços com determinadas intenções plásticas. Já para Zevi (1996), a identificação do que é e o que não é arquitetura, colocam em xeque a crítica arquitetônica por apreciações meramente estética; enquanto, para Ching (2002) e Rasmusen (1998), a arquitetura é concebida, projetada, realizada e construída, como arte funcional e relaciona as

condições existentes em graus de variações sociais, políticas e econômicas, que condizem com a utilidade edificada.

Diferente dos alunos graduandos do curso de arquitetura, até mesmo dos ingressantes que mesmo “crus” nos assuntos arquitetônicos já se encontram determinados à profissão, os alunos advindos do ensino médio – sem ideia do caminho profissional que irão seguir – não têm nenhuma noção do que é a arquitetura e de como acontece a vivência educacional e profissional desta área. Apesar de termos resumido o significado da arquitetura através da estética e da funcionalidade – atributos que condizem às vivências dos vestibulandos –, adotar esta fala no teor da docência, poderia gerar confusões na compreensão dos significados. Para tanto, tivemos que desfragmentar toda nossa didática docente destinada ao nível superior, e esquematizar o “beabá” de uma arquitetura sintética e legível para iniciantes. Mesmo assim, a recepção daqueles alunos às informações por nós transmitidas, eram espantosas ao linguajar referido.

Para um arquiteto, é bastante comum identificar imediatamente o desenho vertical de um objeto arquitetônico como a representação de um corte seccional demarcado previamente numa planta baixa. Para um aluno leigo ao linguajar técnico arquitetônico, este mesmo desenho representa apenas um prédio qualquer. Não existem referências à serem utilizadas como repertório. A vivência profissional é zero no âmbito arquitetônico de quem só experimenta a arquitetura como abrigo e teto e a entende, representada, apenas por desenhos figurativos de objetos existentes. O Ponto, a reta, o plano e até mesmo o volume, que se constituem como elementos conceituais no desenho arquitetônico. Mesmo quando não visíveis, ou inexistentes de fato, podem ser sentidos na imaginação (CHING, 2002), mas não fazem diferença para quem, neste momento, vai lê-los apenas como desenhos, sem distinção técnica.

Se adicionarmos a isto, que suas expectativas na área podem ser advindas de programas televisivos que tratam do tema Arquitetura limitada a fazer “reformas rápidas” em apartamentos de pessoas – em sua grande maioria – de classe média alta que, aumenta o estigma de que arquitetura é “coisa de rico”, transportar estes alunos ao linguajar técnico se torna uma tarefa ainda mais difícil.

Contudo, no meio de toda esta transposição de linguagens, nos questionamos qual seria a didática específica a ser realizada. Falar com alunos já inseridos no curso de arquitetura é uma tarefa fácil para o professor que já é incumbido em manejar a disciplina arquitetônica; porém, discutir parâmetros didáticos com alunos não inseridos no contexto pedagógico de nossas rotinas e salas de aulas, é uma tarefa um pouco mais complicada, mas que testifica nossa interferência como comunicadores educacionais da AU na recepção de novos ouvintes.

Num primeiro passo, adotamos um linguajar despojado, desprendido do vocabulário técnico, substituído por sinônimos mais apropriado ao público assistido, pertinente à faixa etária detectada e que transmitiam o mesmo significado. Nesta ocasião, o Corte Seccional foi chamado de Desenho Vertical. Garotos entre 16 e 18 anos se interessam mais por conversar que giram em torno de seus mundos; com isto, utilizar um linguajar técnico, além de causar desentendimento, atribuiria um desinteresse geral em toda a apresentação. O feeling didático estava justamente em reestruturar as práticas docentes rotineiras e reorganizá-las a uma nova dinâmica. O “elemento surpresa” desta apresentação levou a uma reinvenção didática no processo costumeiro.

O segundo passo foi levar a ambiência da prática didática do curso arquitetura para a rotina dos vestibulandos. Não é muito fácil discutir a importância do desenho e da representação gráfica artística para uma geração imersa na tecnologia das



FIGURA 01: Amostra A – Maquete Física.
Fonte: Wikimedia Commons/ Creative Commons (KUNST, 2009).



FIGURA 02: Amostra B – Maquete Eletrônica 3D.
Fonte: Pixabay/ Creative Commons (MARCO, 2015).

representações digitais. Para isto, adotamos uma didática comparativa entre representações arquitetônicas tradicionais e tecnológicas, como nas amostras hipotéticas a seguir: A (maquete física, Figura 01) e, B (maquete eletrônica 3D, Figura 02), demonstradas com a intenção de discutir não só o entendimento sobre a vivência acadêmica da arquitetura com aqueles alunos, mas também, sobre o que eles esperam e imaginam ser a praxe do curso pretendido.

Para sentir o impacto de absorção sobre a didática experimental adotada, foi pedido para que aos alunos ouvintes apontassem as relações e diferenças entre as duas maneiras de se experimentar e representar os objetos arquitetônicos e seus sentimentos ao contemplarem, agrupadas e isoladamente, as amostras A e B. As repostas foram as mais diversas possíveis: num primeiro instante, a preferência pela amostra B foi quase 100% unânime, dado ao fato da representação gráfica utilizada ser mais próxima às suas realidades (digitais), ou, devido às percepções das qualidades espaciais constituírem-se em respostas aos efeitos combinados da composição espacial, que por sua vez, pode ser condicionado pela cultura, experiências anteriores e inclinações pessoais (CHING, 2020); enquanto, sobre a amostra A, poucos sabiam de sua utilização como instrumento de representação compositiva dos projetos arquitetônicos, e os que tinham alguma noção, as relacionavam à comercialização de empreendimentos

imobiliários. A tarefa de transformação da didática docente à geração ingressante, foi mais que necessária neste instante; pois, foi preciso utilizar a visão com que estes alunos enxergam o âmbito acadêmico da arquitetura, para demonstrar, de fato e, a altura de seus entendimentos, como realmente é o ensino superior da disciplina. Conceitos e “qualidades espaciais de forma, proporção, escala, textura, luz e som dependem, em última análise, das propriedades da limitação de um espaço” (CHING, 2020), cuja abstração necessária a este entendimento técnico, são indiferentes neste momento, e só serão trabalhados com estes alunos, no correr do curso de AU, em matérias relacionadas à Geometria Descritiva, Maquetes, etc.

O terceiro e último passo da transformação didática para este evento, foi justamente a percepção, como docentes do nível superior, sobre a recepção e absorção destes alunos ouvintes ao material transmitido. Para isso, foi questionado, novamente, depois do que lhes foram apresentados, o que a arquitetura é e, o que ela representa para estes alunos. À esta questão, poderíamos esperar resposta semelhantes ou paralelas as colocações de Lemos (1981) quando declara que, apesar de todos ligarem a arquitetura à construção e até mesmo à beleza, nem todos sabem com precisão quais os vínculos destas expressões, mas todos relacionam a arquitetura como “a providência de uma construção bela”. Porém, entre as diversas respostas que recebemos, a que mais chamou atenção foi que, “a arquitetura é a mudança do mundo estando no mundo”.

A singela resposta à esta experiência, nos fez avaliar não só a didática que aplicamos em sala de aula, mas também, como o ensino a arquitetura tem repercutido nas vivências sociais e na expectativa sobre os novos arquitetos que estão se formando.

“Mudar” e “estar” no mundo, atribui aos arquitetos contemporâneos, os papéis de roteiristas nas composições dos objetos coadjuvantes das relações sociais existente. É esta, pelo menos, uma visão breve do significado da arquitetura para geração que hoje está iniciando seu contato acadêmico com a área. Ou, num outro parâmetro, é a visão que nós, profissionais, professores, cientistas, didáticos e acadêmicos, estamos transpassando sobre a relação do ensino com a prática da arquitetura e as relações sociais nos dias de hoje.

04. Abordagem Histórica na Produção da Arquitetura Contemporânea

Uma outra experiência da didática em AU que queremos aqui debater, foi quando, ao lecionar a Teoria das Arquiteturas Brasileiras na mesma IES, questionamos os alunos matriculados do 3º ao 9º semestre do curso¹, sobre a real importância em se aplicar os estudos estilísticos passados na produção da arquitetura contemporânea.

Abrir este tipo de discussão aos alunos durante uma disciplina histórica da arquitetura, confronta toda a teoria aprendida por eles até então, pois requer, em afincos, que coloquem a prova todo o repertório analisado por eles no correr do curso acadêmico, principalmente no que concerne a história da arquitetura, da concepção espacial e o fazer (projetar) na contemporaneidade, contrapondo, numa sequência relacional, aos fatos históricos arquitetônicos existentes que, como mostrado por Zevi (1996), envolvem os interesses humanos e mostram os múltiplos coeficientes informativos das atividades edilícias ao longo do tempo, conferindo ação e desenvoltura do homem no mundo.

A arquitetura corresponde a exigências da natureza tão diferentes que descrever adequadamente o seu desenvolvimento significa entender a própria história da civilização, dos numerosos fatores que a compõe e que, com a predominância ora de uma ora de outro mas sempre com a presença de todos, geram as diferentes concepções espaciais; é pois, história e apreciação dos valores artísticos, isto é, das personalidades criadoras que, com base nesta cultura espacial ou neste gosto arquitetônico, produziram obras-primas, cuja excelência não é objeto de demonstração, e cujo conteúdo figurativo, por assim dizer, está presente como elemento da cultura ou do gosto da idade seguinte. (ZEVI, 1996).

A estratégia didática de confronto ao conhecimento já adquirido, serviu para que, como docentes, pudéssemos além de medir o nível de conhecimento e repertório dos alunos, analisar as estratégias de resolução na concepção da teoria e prática de uma arquitetura contemporânea referenciada na arquitetura passada (história). Para isto, foi determinado como critério analítico ao questionamento sugerido, a compreensão da problemática da análise crítica do bem cultural arquitetônico, levantada por Lemos que, ao definir arquitetura como “toda e qualquer intervenção no meio ambiente [que cria] novos espaços, quase sempre com determinada intenção plástica, para atender as necessidades imediatas” (LEMONS, 1979); também abre precedente à análise de que as intenções estilísticas construtivas das arquiteturas – que as definem como bens culturais por plasticidade –, são resultantes físicas de intervenções programadas, previamente sugeridas e caracterizadas por aquilo que

¹ Nesta IES, alunos de diferentes períodos cursam matérias em conjunto – o que pode gerar mais alguns questionamentos a respeito da maturidade deles em discutir tais assuntos, principalmente se levarmos em consideração que, a bagagem acadêmica e o repertório teórico adquirido por aluno prestes a concluir o curso, não é igual ao dos alunos iniciantes.

na prática da arquitetura chamamos de “partido arquitetônico”².

Neste diálogo, enfatizamos que a composição dos estilos passados da arquitetura brasileira foram recriações de estilos transpassados da Europa que se caracterizaram em novas linguagens arquitetônicas, ou consequências, por transformarem a estilização advinda dos colonizadores com a utilização das técnicas e materiais construtivos existentes na terra colonizada. Neste entendimento, solicitamos que, em seus diálogos, os alunos levassem em consideração as consequências formais da estilização arquitetônica através das condicionantes e determinantes estabelecidas pelo partido arquitetônico. Para nossa surpresa, obtivemos respostas de todos os tipos, que as dividimos em três grupos:

1. O primeiro grupo, com os alunos que concordaram com a importância em questão, e defenderam que a produção arquitetônica vigente sempre encontrará base sólida nos estilos passados que, por suas vezes, firmaram o pensamento arquitetônico existente hoje.
2. O segundo grupo, com os alunos que negaram a importância em questão, protestando as diferenças intermitentes entre a produção arquitetônica passada e presente e, alegaram não haver ligações entre os períodos cronológicos arquitetônicos, pois a forma de se constituir arquitetura não seria mais a mesma que outrora, devido a discrepância conceitual que estrutura um pensamento ao outro, entre elas, a utilização de técnicas e materiais construtivos diferenciados.
3. O terceiro grupo, com os alunos que, em ambiguidade não concordaram e nem negaram, apenas justificaram, por suas insipiências arquitetônicas, que as necessidades constitutivas das arquiteturas em suas épocas, demandam características peculiares aos seus ocupantes e, protestaram ser esta uma das razões as quais um edifício antigo pode não atender necessidades presentes.

Mesmo com respostas tão controversas, pôde-se notar que o partido arquitetônico aparece enfaticamente como um denominador comum nas respostas apresentadas. Entre as recriações estilísticas, transformações das técnicas, materiais construtivos e funcionalidade espaciais citadas, que representam as principais determinantes ou condicionantes do partido arquitetônico mostrado por Lemos (1979), nota-se a preocupação destes jovens em formação arquitetônica, em atribuir suas análises à crítica justificada de um estilo arquitetônico promissor. Isto porque, como também argumentado por Lemos, a visão do mero arquiteto (inclusive os que estão em processo de formação) é limitada apenas à prática da profissão, e isoladamente, desenvolve uma análise não satisfatória à crítica do bem cultural arquitetônico, que exige a interdisciplinaridade para ser compreendida em sua totalidade.

Uma noção bem básica que adotamos como diálogo inicial ao estudo de estilos arquitetônico com estes alunos, é a razão para que a arquitetura é produzida e utilizada. Neste ensejo, apresentamos, em antemão, a visão de Reis Filho (1970), cujo estudo sobre o patrimônio cultural da arquitetura no Brasil, evidência tanto a importância da interdisciplinaridade na concepção do patrimônio artístico e histórico na realização de programas culturais, quanto as transformações arquitetônicas que

² Lemos (1979) define o partido arquitetônico como sendo “uma consequência formal derivada de uma série de condicionantes ou de determinantes” ou, “o resultado físico da intervenção sugerida”, que leva em consideração: a. As técnicas construtivas condizentes a intenções plásticas ou estilos arquitetônicos (relativas aos recursos humanos e materiais locais); b. O Clima; c. As condições físicas e topográficas no local de intervenção; d. Ao programa de necessidades e usualidades; e. Ao quadro econômico e situações financeiras conveniadas ao empreendimento construído; f. Ao seguimento das legislações regulamentadoras, normas sociais e regras de funcionalidade.

acompanhavam esta “culturalização” no aspecto de urbanidade e existência social. Para o arquiteto, “em cada época, a arquitetura é produzida e utilizada de um modo diverso, relacionando-se de uma forma característica com a estrutura urbana em que se instala” (REIS FILHO, 1970).

Porém, além de, interdisciplinarmente, relacionar a produção arquitetônica à produção cultural, uma didática importante que podemos assumir para enaltecer a importância nos estudos dos estilos arquitetônicos passados, é através da compreensão de um proposto partido arquitetônico que, como apontado por Lemos (1979), deve ser encarado por equipe de técnicos, planejadores, cientista sociais e especialistas críticos da arte que, por suas vezes, reuniram a discussão das tradições vernáculas com a identificação dos elementos de composições arquitetônicas que categorizam o quadro arquitetônico, filiações, influências, processos de materialização ou dinâmicas de recriação e que podem, assim, justificar, os partidos adotados para cada estilo de construção.

O fato é que, se pensarmos em estilos arquitetônicos por episódios isolados, cada um equiparar-se-á a um período temporal delimitado. Isso facilitaria categorizá-los a uma determinada substância social de demandas peculiares às suas progressões; e, assim, identificar a quem, a que e quando um determinado estilo arquitetônico corresponde. Porém, não faria sentido, dado que, o próprio processo de criação estilística se desenvolve linearmente e progressivamente, sendo necessários, substancialmente, a existência de um antes do outro. “Por isso, os estilos aqui chegados, serviram, muitas vezes desvinculados de toda sua razão de ser nestas plagas isoladas, de mote a novas possibilidades de composição artística. Serviram como sugestão de novos processos de criação e, por isso, chamamos também de recriação” (LEMOS, 1979).

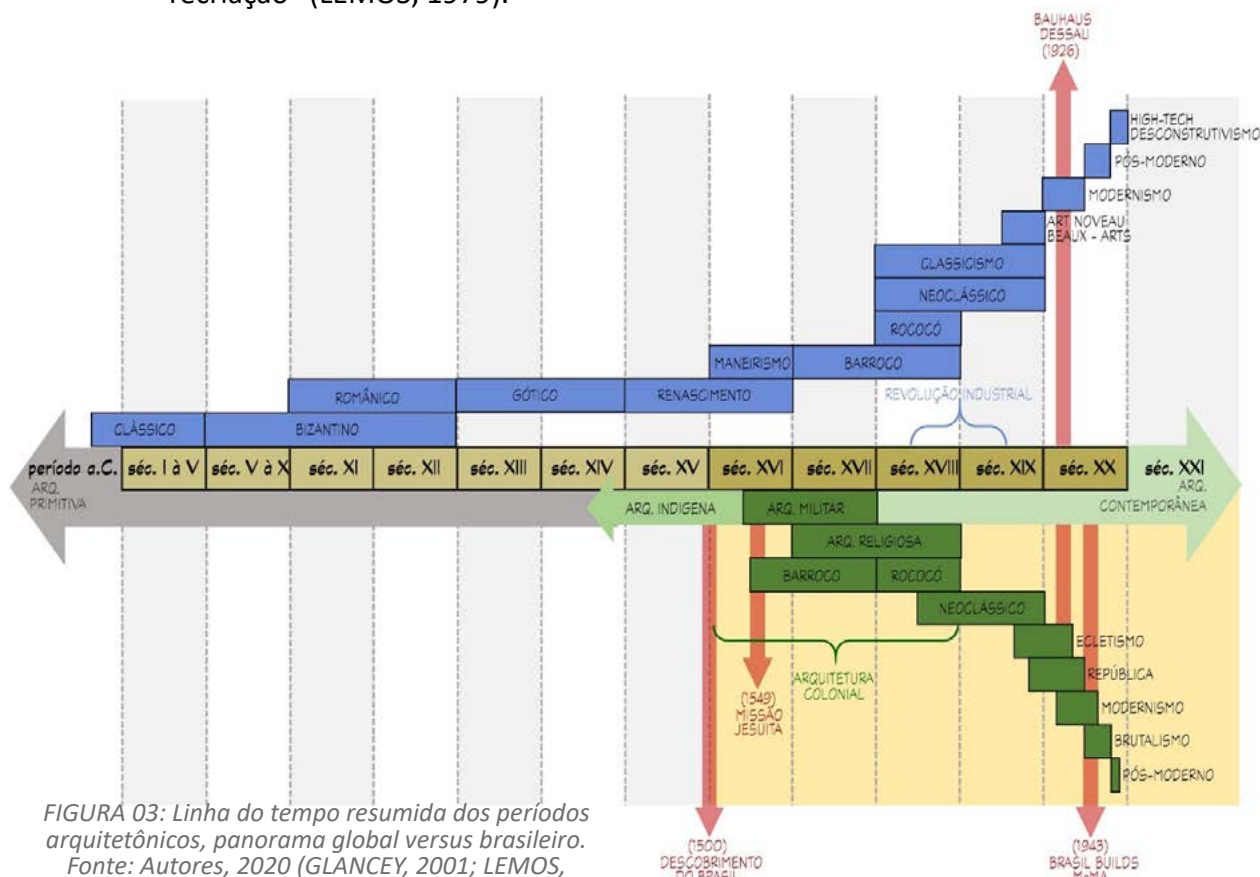


FIGURA 03: Linha do tempo resumida dos períodos arquitetônicos, panorama global versus brasileiro.
 Fonte: Autores, 2020 (GLANCEY, 2001; LEMOS, 1979; STASCHOWER, CALDEIRA 2017).

Para visualizar a progressão linear dos estilos arquitetônicos citada, elaboramos, cronologicamente, a ordem das aparições estilísticas no âmbito global (ocidental – europeu) em comparativo com a ordem das aparições estilísticas brasileiras (Figura 03), para que, por esta prática, pudéssemos distinguir, visivelmente, como os estilos arquitetônicos se encaixam no movimento social e operam, de forma isolada ou gradativa, ao desenvolvimento arquitetônico entre suas progressivas aparições.

Analisando a posição temporal dos estilos, percebe-se que, não somente é possível distinguir uma sequência entre eles, como também, um diálogo entre as composições estilísticas Brasileiras-Europeias; como por exemplo, entre o Barroco, Rococó e Neoclássico, que mesmo com diferenças de alguns anos (fato que se deve a lentidão nas transmissões de informações em suas épocas), os estilos, de certa forma, apresentam simultaneidade e comunicação entre eles e seus desenvolvimentos arquitetônicos, mesmo que, nestes períodos, o Brasil ainda encontrava-se colonizado.

Outra característica notada é a importância dada a determinados estilos no ensino da arquitetura contemporânea, cuja influência caracteriza uma ligação direta entre o estilo priorizado e a produção arquitetônica vigente; como o modernismo, que divide as reflexões da história da arquitetura entre o “clássico” – com os estilos que precederam a sua aparição –, prioriza a conjuntura de sua atuação como “verdade absoluta” em se fazer a arquitetura e, restringe o conhecimento e a discussão dos períodos arquitetônicos que procedem de sua instância estilística, como o Pós-moderno, o High-tech e até mesmo o próprio Contemporâneo que, por estarem apagados às determinantes de um partido arquitetônico dito por “incontestável”, não são abordados nas pautas didáticas de muitas IES. Sobre esta questão, muitos trabalhos já se aprofundaram com mais detalhes e clarezas e, outros, com certeza, irão se aprofundar. O que nos toca sobre este assunto, é como os alunos do curso de AU, podem enxergar a relação existente entre os estilos antepassados e a produção da arquitetura contemporânea.

Delinear o desenvolvimento desses estilos, suas cronologias e influências sociais, permitiu que os alunos compreendessem a importância de cada um deles diante de um processo evolutivo da arquitetura. Mesmo que a leitura de cada estilo faça sentindo de modo isolado, as características subsequentes entre eles – como por exemplo, a passagem entre o gótico, renascimento, maneirismo, barroco, rococó e até mesmo a Missão Jesuíta que embasou a Arquitetura Religiosa no Brasil – compõe um desenvolvimento linear, em que um estilo é caracterizado por consequência, ou influência, de seus antecessores.

Como processo didático à esta composição disciplinar, dividimos a sala de aula, que comportava um quadro discente significativo, em pequenos grupos de estudos e, para cada um deles, designamos um período estilístico arquitetônico brasileiro e a incumbência de diagramar as condicionantes que determinaram o partido arquitetônico do estilo. Para isto, foi preciso que cada grupo pesquisasse as características plásticas, temporalidades, sistemas construtivos, sítio topográficos, conteúdos programáticos, influências (principalmente dos estilos europeus e colonizadores portugueses), normas construtivas e investimentos. O resultado foi um grande debate que perdurou por todo o curso desta disciplina semestral e permitiu que os alunos entendessem não só a real importância em se aplicar os estudos estilísticos passados no curso de AU, como também, a necessidade na compreensão de cada um deles, isolada e subsequentemente, sendo indispensáveis seus entendimentos e inclusões, para a produção da arquitetura contemporânea.

Conclusões

Como visto, as mudanças no comportamento social contribuíram para que o perfil do aluno universitário se alterasse ao longo dos anos no Brasil. Não só a inserção tecnológica, que modificou as relações entre estudantes e profissionais com as produções acadêmicas e trabalhistas, como também, a criação de incentivos governamentais para melhor acesso dos alunos da rede pública de ensino ao nível superior; visto que, os alunos ingressavam (e ainda ingressam) nas universidades sem um preparo adequado para acompanhamento completo do ensino e acesso às tecnologias vigentes. Nisto, percebeu-se um desequilíbrio entre as didáticas costumeiras e tradicionais em salas de aulas frente as demandas sociais contemporâneas.

No que dizem respeito à relação aluno e professor do curso de AU, notou-se que esta modificação, além de corroborar com as principais causas de uma didática defasada, também necessita de novas artimanhas pedagógicas para se criar didáticas à altura do entendimento do aluno da atualidade.

Afastar os alunos das pranchetas e do relacionamento presencial de sala de aula, que os ligam com a produção pessoal da arquitetura e a troca de experiências afetivas com a produção acadêmica, ao mesmo tempo em que permite um acompanhamento à tecnologia, expulsa o relacionamento afetivo do aluno com o projeto arquitetônico. Como docentes, precisamos desenvolver estratégias cabíveis e pertinentes para modificar as didáticas ultrapassadas do curso ao processo de concepção, comunicação e recepção do ensino contemporâneo.

Por meio das experiências de docências citadas neste texto, pôde-se analisar o papel do estudante universitário de AU, tanto em seu processo de formação universitária, quanto profissional e cidadã. Concluindo que, não existe uma metodologia infalível de ensino a ser seguida, muito menos, métodos eficazes que ditam regras e organizações pragmáticas ao processo de docência. Para uma didática eficaz, é preciso que o professor da atualidade torne inteligível as maneiras como a profissão lecionada lida com relações sociais existentes hoje, afim de que, os alunos, que já vivem nesta interlocução fora do âmbito acadêmico (pois relacionam arquitetura ao seu modo de vida), compreendam as reais necessidades de seu ensinamento.

Modificar a postura didática de acordo com as relações sociais dos jovens de hoje e, relativizar a importância histórica dos conceitos embaixadores da arquitetura à constituição da prática profissional contemporânea, não fariam sentido se nós, como docentes da AU, não estivéssemos preocupados com a qualidade do ensino e a excelência dos profissionais formados por nossas IES, sejam elas públicas ou privadas. Independente de todas as divergências existentes entre as universidades brasileiras, como as que aqui foram citadas, a intenção deste texto foi enfatizar a veemência dos docentes de AU em praticar a profissão adequadamente, afim de que, por processos didáticos eficazes, sejam formados arquitetos competentes e capazes de passarem a diante aquilo que para nós, faz todo sentido.

Referências Bibliográficas

ALVARENGA, C.F., et al. (2012). *Desafios do ensino superior para estudantes de escola pública: um estudo na UFLA*. Rio de Janeiro: RPCA, v.6, n.1.

ANDRADE, M. L. V. X.; RUSCHEL, R. C. (2009). *Conceitos, cenário das pesquisas publicadas no Brasil e tendências*. [S.l.]: SBQP Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Recuperado de www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso 20/05/2021,

CHING, F. D. K. (1998). *Arquitetura, Forma, espaço e ordem*. São Paulo: Martins Fontes.

FERNANDES; L.; TINOCO, D. (2014). *Acesso de jovens de baixa renda a universidades públicas no país é 4 vezes maior que em 2004*. O Globo, Sociedade, Educação. Recuperado de <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/acesso-de-jovens-de-baixa-renda-universidades-publicas-no-pais-4-vezes-maior-que-em-2004-14851674>. Acesso 22/05/2021.

FOLHA DE SÃO PAULO. (2019). RUF2019, *Ranking de Cursos de graduação*. Recuperado de <https://ruf.folha.uol.com.br/2019/ranking-de-cursos/arquitetura-e-urbanismo/>

FÓRUM TEENAGER. (2019). Recuperado de <https://teenager.com.br/evento/forum-teenager-2019/>. Acesso 21/05/2021

FREIRE, P. (1970). *Pedagogia do Oprimido*. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GLANCEY, J. (2001). *A História da arquitetura*. São Paulo: Edições Loyola.

KUNT, G. (2009). *Maquete do Museu do Pão em Ilópolis*. Wikimedia Commons, Recuperado de https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Maquete_do_Museu_do_P%C3%A3o_-_Il%C3%B3polis_05.jpg. Acesso 18/05/2021

LE MOS, C. A. C. (1979). *Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos.

_____. (1981). *O que é arquitetura*. 2ed. São Paulo: Editora Brasiliense.

MARCO, P. (2020). *Edifícios de Escritório Pixabay, 2015*. Recuperado de <https://pixabay.com/pt/photos/edif%C3%ADcio-de-escrit%C3%B3rios-villa-1026494/>. Acesso 19/05/2021

PIAGET, J. (1970). *Psicologia e pedagogia*. Rio de Janeiro: Forense.

PRAVALER. (2020). *Prouni – Cinco situações que podem fazer você perder a bolsa ao longo do curso*. Recuperado de <https://www.pravaler.com.br/prouni-cinco-situacoes-que-podem-fazer-voce-perder-a-bolsa-ao-longo-do-curso/>. Acesso 20/05/2021

RASMUSSEN, S. E. (1998). *Arquitetura Vivenciada*. 2ed, tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes.

REIS FILHO, N. G. (1970). *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva.

SOUZA FILHO, M. L. (2008). *Relações entre aprendizagem e desenvolvimento em Piaget e em Vygotsky: dicotomia ou compatibilidade?* Ver. Diálogo Educ., Curitiba, v.8, n.23.

STASCHOWER, E. G.; CALDEIRA, J. R. C. (2017). *Arquitetura Brasileira*. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A.

VYGOTSKII, L. S. (1998). Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. VYGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. (Org.). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone.

VOSGERAU, D. S. R.; et al. (2017). *Produtivíssimo acadêmico e suas repercussões no desenvolvimento profissional de professores universitários*. Educ. Soc., Campinas, v.38, n.138.

ZEVI, B. (1996). *Saber ver a arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes.

Autores

Ricardo Mingareli Del Valle, é Professor na graduação em Arquitetura e Urbanismo, Arquiteto e Urbanista pela Universidade Bandeirante de São Paulo (2006), Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela USJT (2018) e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2022). Atualmente desenvolve a pesquisa entre Tipologias Simbólicas Específicas e Concepção do Projeto Arquitetônico e Organização Urbana. ricardo.delvalle@gmail.com

Marcelo Hamilton Sbarra, é Professor na graduação em Arquitetura e Urbanismo, Arquiteto e Urbanista pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004), Mestre (2007) e Doutor (2020) pelo Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Arquitetura e Urbanismo da FAU-UFRJ (PROARQ), na linha de Pesquisa Cultura, Paisagem e Ambiente Construído. marcelosbarra@gmail.com

RED UNIVERSITARIA LATINOAMERICANA DE CATEDRAS DE VIVIENDA. 27 años de articulación en red de experiencias formativas en la actuación profesional en la producción y la gestión social del hábitat.

Eje/Eixo Temático 2

Beatriz Pedro

Secretaria General de la RED ULACAV

Resumen:

En este texto se relaciona el Taller Total de la Facultad de Arquitectura de la Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, experiencia pionera en abordar la dimensión y el compromiso social de la profesión, con la experiencia de creación de la RED ULACAV, Red Universitaria Latinoamericana de Vivienda, y sus 27 años de crecimiento, desarrollo, fortalecimiento y extensión.

La ponencia se motiva en la preocupación y necesidad de fortalecer espacios de encuentro, debate y reflexión entre los arquitectos y los profesionales del hábitat en sus múltiples roles y compartir las iniciativas de cátedras en distintas Universidades de Latinoamérica, que trabajan el desafío de conocer, comprender y valorar la producción social del hábitat. Y en ella la necesaria formación para la actuación de arquitectos y profesionales, con una mirada transdisciplinar de las temáticas de hábitat y vivienda y metodologías de abordaje compartido, que como proceso creciente, que lleva más de 27 años, necesita ser fortalecido.

Los objetivos de la RED ULACAV tienen sintonía conceptual y metodológica con la experiencia del Taller Total, y con experiencias con los mismos objetivos llevadas adelante, entre otras, en Brasil y México. En muchas de sus cátedras hay o ha habido protagonistas de las iniciativas que se vivieron en la década del 60 y 70 en las Facultades de Arquitectura de Argentina, Brasil y México, constituyendo un espacio de recuperación, desarrollo y semillero para un nuevo momento en las Universidades latinoamericanas.

Palabras clave: **Red Ulacav, formación universitaria, producción social del hábitat, derecho a la ciudad.**

Resumo

Neste texto se relaciona o *Taller Total* (Ateliê Total) da Faculdade de Arquitetura da Universidade Nacional de Córdoba, Argentina, uma experiência pioneira em abordar a dimensão e o compromisso social da profissão, com a experiência de

creación da RED ULACAV, Red Universitaria Latino - Americana de Vivienda, e seus 27 anos de crecimiento, desenvolvimento, fortalecimiento e extensión.

O artigo se motiva na preocupação e necessidade de fortalecer os espaços de encontro, debate e reflexão entre arquitetos e profissionais do habitat em suas múltiplas funções, e de compartilhar as iniciativas de cátedras em diferentes Universidades latino-americanas que trabalham o desafio de conhecer, compreender e valorizando a produção social do habitat. E nela a formação necessária para uma nova ação dos arquitectos e profissionais que influenciam a sua construção, com uma visão transdisciplinar das temáticas do habitat e da habitação e metodologias de abordagem partilhada, que embora seja um processo crescente que leva mais de 27 anos, precisa ser fortalecida.

Os objetivos da RED ULACAV são conceituais e metodológicos em sintonia com a experiência do Taller Total (Ateliê Total), com experiências com os mesmos objetivos realizadas, entre outras, no Brasil e no México e em muitas de suas cadeiras foram ou foram protagonistas das iniciativas vividas em. década de 60 e 70 nas Faculdades de Arquitectura da Argentina, Brasil e México, constituindo um espaço de recuperação, desenvolvimento e sementeira para um novo momento nas Universidades latino-americanas.

Palabras-clave: **Rede ulacav, educación universitaria, producción social de habitat, derecho à cidade.**

Introducción

En esta ponencia, se analiza la relación entre el Taller Total de la Facultad de Arquitectura de La Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, experiencia pionera en abordar la dimensión y el compromiso social de la profesión, y la experiencia de creación de la RED ULACAV¹, Red Universitaria Latinoamericana de Vivienda, y sus 27 años de crecimiento, desarrollo, fortalecimiento y extensión.

Desde iniciativas de cátedras universitarias, se destaca la importancia y necesidad de fortalecer espacios de encuentro, debate y reflexión entre los arquitectos y los profesionales del hábitat en sus múltiples roles, compartir sus iniciativas en distintas Universidades de Latinoamérica, que trabajan el desafío de conocer, comprender y valorar la producción social del hábitat. Y en ella la necesaria formación para una nueva actuación de los arquitectos y los profesionales que inciden en su construcción, con una mirada transdisciplinar de las temáticas de hábitat y vivienda y metodologías de abordaje compartido, que si bien es un proceso creciente, que lleva más de 27 años, necesita ser fortalecido.

Llevar adelante esta iniciativa compartida, en el actual contexto de profundización del modelo neoliberal, busca fortalecer los esfuerzos que desde proyectos de extensión, investigación, cátedras de vivienda, organizaciones sociales, se han multiplicado en Latinoamérica, recogiendo experiencias pasadas para reformularlas en el presente y avanzar en el territorio. omer

Un objetivo clave es poner en debate los paradigmas tradicionales, alzando las experiencias y aprendizajes de muchas generaciones anteriores y esfuerzos actuales que se realizan en diversos puntos del continente, que permitan la construcción

¹ Esta ponencia e desarrolla sobre la base de artículos y reflexiones sintetizadas y expuestas en las exposiciones y ponencias realizadas por profesores de las distintas cátedras que la integran y que se pueden ver en las publicaciones que se encuentran en: www.redulacav.org Acceso, 20/05/2021

de respuestas a las problemáticas habitacionales y urbanas que sufren millones de personas y sirva a la producción de espacios habitables indispensables para la vida digna, para todos los sectores de la sociedad.

En los Profesores Eméritos de la RED, se expresa la experiencia de muchas generaciones que han volcado su compromiso con estos objetivos:

- Orlando Sepúlveda Mellado - FAU, UCHILE Chile
- Joreg Di Paula - FADU, UDELAR, Uruguay
- Mercedes Lentini – FCPS, UNCUIYO, Argentina
- Reneé Dunowicz – FADU, UBA, Argentina
- Alfredo Mndez – FAUD, UM. Argentina
- Víctor Saúl Pelli – FAU, UNNE, Argentina
- Aurelio Ferrero, FADU, UNC, Argentina
- Carlos Olgún – FAUD, UM, Argentina
- Luis De la Mora – CIAPA, UFP, Brasil

Los objetivos de la RED tienen sintonía conceptual y metodológica con la experiencia del Taller Total, con diferentes experiencias con los mismos objetivos llevadas adelante, entre otras, en Brasil y México. En muchas de sus cátedras hay o ha habido protagonistas de las iniciativas que se vivieron en la década del 60 y 70 en las Facultades de Arquitectura de Argentina, Brasil y México, constituyendo un espacio de recuperación, desarrollo y semillero para un nuevo momento en las Universidades latinoamericanas.

Los últimos encuentros: desarrollo y extensión.²

Este año 2021, el XXVII Encuentro se realizará en Cali Colombia, en la Facultad de Arquitectura de la Universidad del Valle.

En el 2020, se realizó en forma virtual el XXVI Encuentro de la RED, en la Facultad de Arquitectura de la Universidad Nacional del Nordeste, localizada en Resistencia, Chaco en el norte de Argentina, donde funciona la cátedra pionera en el desarrollo de los objetivos que se propuso la RED.

En el 2019, el 25 Encuentro se realizó en la Facultad de Arquitectura de la Universidad de Pernambuco en Recife, Brasil.

Y en el 2018, el XXIV Encuentro, se realizó en la Facultad de Arquitectura de la Universidad de la Plata, Argentina en conjunto con el IV Encuentro Latinoamericano de Arquitectura Comunitaria.

En el 2020, se realizó un pre- encuentro extraordinario motivado por la atención a las situaciones críticas del hábitat popular derivadas de la pandemia. Compartimos allí las reflexiones de los miembros de las cátedras sobre cómo dar continuidad a los objetivos, contenidos y metodologías de la formación en producción social del hábitat que integra formación, investigación y extensión, en este contexto de emergencia sanitaria.

2 Para más detalles, consultar: <https://redulacav.org/category/c80-encuentros/> Acceso, 20/05/2021.

Esta iniciativa contribuyó a fortalecer nuestros vínculos, junto con la importante participación inter-cátedras en clases, foros y mesas, que se llevaron adelante. En los mismos se fueron sumando nuevas cátedras, reincorporándose otras, y se fueron fortaleciendo nodos en México, Brasil y Colombia que sumados al nodo Argentino van vigorizando esta experiencia de red latinoamericana. Destacamos que con las cátedras que se integran, se incluyen jóvenes generaciones que suman nueva fuerza y energía a este proceso. Se destaca también la realización nuevamente del Encuentro de estudiantes que son el presente y el futuro.

También se ha fortalecido el vínculo con otras Redes, como HIC / ELAC / RED HABITAR ARGENTINA/ COLECTIVO DE HABITAT/ con los que se comparte el hacerse cargo de la realidad del hábitat popular de más de 100 millones de habitantes de América Latina o Indoamérica, que viven en forma precaria y vulnerable. Buscando transformar la realidad, en nuestro caso desde la formación universitaria en hábitat popular y en particular **para el conocimiento, comprensión y actuación** en ese ámbito que nos demanda con sus urgencias.

Un poco de historia³

La iniciativa surgió en 1994, en la ciudad de Santa Fe, Argentina, con la participación de los Arqs. Alfredo Méndez (Mendoza), Dardo Arbide (Buenos Aires) y Aurelio Ferrero (Córdoba).

Como detalla el Arq. Alfredo Méndez, Profesor emérito de la RED ULACAV⁴:

*“El Primer Encuentro de Cátedras de Vivienda (Mendoza, Argentina, Abril /1995) con dieciséis cátedras e institutos pertenecientes a diez universidades de Argentina, Chile y Uruguay, acordó como respuesta a las demandas de la sociedad en un tema de alto contenido humano como es el habitacional crear espacios de intercambio interdisciplinario entre docentes universitarios especializados con el fin de mejorar y enriquecer la calidad de la enseñanza y fortalecer la formación profesional de los estudiantes en vivienda social. En Tucumán, Argentina, Septiembre/1998, el IV Encuentro adoptó el nombre de **Red Universitaria Latinoamericana de Cátedras de Vivienda**, conservándose hasta el presente, con la sigla **Red ULACAV**”*

De su página recogemos esta síntesis sobre su creación y objetivos⁵:

“La Red está integrada por académicos latinoamericanos que abordan en forma permanente la producción social del hábitat de manera interdisciplinaria, a través de actividades de docencia, investigación y extensión, llevadas a cabo desde cátedras de grado (y posgrado), institutos y centros de investigación, secretarías y otras dependencias universitarias.

Se entiende a la vivienda y el hábitat urbano como el lugar que cobija espacialmente al ser humano y permite la estructuración física, psíquica y social de su entorno y ser personal. Sin embargo, se constata que grandes sectores de la sociedad mundial carecen de viviendas adecuadas, observándose el desarrollo creciente de graves conflictos derivados de la crisis habitacional, especialmente en los segmentos de mayor precariedad y vulnerabilidad.

3 Fuente: Publicación de la red. XXIV ENCUENTRO RED UNIVERSITARIA LATINOAMERICANA DE CÁTEDRAS DE VIVIENDA: la formación universitaria en la producción social del hábitat. La Plata, Argentina. <https://redulacav.org/c79-novedades/libro-la-formacion-universitaria-en-la-produccion-social-del-habitat/> Acceso, 21/05/2021

4 Miembro fundador, Cátedra de Vivienda Social. Facultad de Arquitectura de la Universidad de Mendoza. Mendoza. Argentina

5 <https://redulacav.org/historia/> acceso 18/05/2021

*Muchos académicos de **Latinoamérica** sostienen que el mejor aporte para superar efectivamente el problema, radica en capacitar al máximo en esta problemática a jóvenes generaciones que transitan por la universidad en su trayectoria hacia la adquisición de títulos profesionales (grado o posgrado). Por lo antedicho en el 1º encuentro de Mendoza (1995), se asumió el compromiso de impulsar en las universidades el estudio y preparación sobre estos temas y problemas.*

A tal fin, la Red ha resuelto orientar su acción hacia el tratamiento formativo, académico, además del aporte de soluciones frente a conflictos inherentes al hábitat residencial que afectan a la población latinoamericana. Muchos de estos problemas han adquirido nivel crítico por su carácter estructural y permanente; ello genera un compromiso ético para todo el ámbito académico en particular, con el deber de asumir y aportar soluciones.

Con la finalidad de fortalecer la docencia, la investigación y la extensión universitaria en el tema de la producción social del hábitat en Latinoamérica, la Red propone ciertas misiones:

- a) Optimizar la excelencia académica, promoviendo el intercambio de conocimientos, de información, de docentes, investigadores y estudiantes.*
- b) Promover el trabajo y perfeccionamiento conjunto de académicos afiliados a la Red pertenecientes a universidades de distintos países.*
- c) Transferir nuevos conocimientos y experiencias a entidades públicas y privadas para la gestión, formulación de políticas, programas y proyectos habitacionales.”*

La Red ULACAV promueve, también:

“a) Contribuir a conocer, comprender y revertir los efectos de los grandes cambios económicos y sociales ocurridos en las últimas décadas que deterioraron gravemente la situación socio-habitacional, impactando tanto en hábitat como calidad de vida de grandes grupos humanos.

b) Impulsar a organizaciones sociales desde el mutualismo, cooperativismo y vecinalismo desarrollen nuevas formas de producción social del hábitat residencial, propiciando la favorable acogida de la acción estatal y organizaciones de la sociedad civil.

c) Atender las nuevas exigencias de formación profesional planteadas por la producción social del hábitat con asistencia de organismos públicos, organizaciones sociales y de emprendedores individuales.

d) Contribuir a satisfacer la demanda de recursos humanos formados para enfrentar y/o desarrollar políticas habitacionales, elaborar planes, programas y confeccionar proyectos habitacionales en cada uno de nuestros países.

e) Ampliar la limitada inclusión actual del tema habitacional en la formación universitaria; el presente aislamiento y desvinculación generalizada de la acción académica en vivienda con el resto de la currícula, limita y restringe su efectividad y comprensión profunda de los estudiantes sobre la cabal dimensión que este problema ha alcanzado en el presente.”

Funciona como una agrupación voluntaria de académicos interesados desde sus cátedras universitarias en el intercambio de prácticas pedagógicas, resultados de investigaciones y experiencias de extensión al medio, siendo los **encuentros anuales** organizados por los distintos miembros con el apoyo de sus respectivas sedes universitarias

Su actual Comisión Directiva esta integrada por: Secretaria general: Arq. Beatriz Pedro (Buenos Aires, Argentina). Secretario Ejecutivo: Dr. Arq. Luis Vázquez Honorato (FA-UV, Xalapa, México) Consejo Directivo: Arq. Rubén Sepúlveda (FAU-UCHILE, Santiago, Chile); Dra. Danielle Rocha (CIAPA-UFPE, Pernambuco, Brasil; Dr. Arq. Martín Motta (FADU-UBA, Buenos Aires, Argentina); y Arq. Martín Zalazar (FAAU-UC, Mendoza, Argentina)⁶.

⁶ Se encuentra la información completa de todas sus comisiones directivas en <https://redulacav.org/>
Acceso 18/05/2021



Fig. 1: Fuente: <https://redulacav.org/c80-encuentros/xxvi-encuentro-de-la-red-universitaria-latinoamericana-de-catedras-de-vivienda-2020-resistencia-argentina/> acceso : 18/05/2021



Fig. 2: Fuente: <https://redulacav.org/c80-encuentros/xxv-encuentro-de-la-red-universitaria-latinoamericana-de-catedras-de-vivienda-2019-recife-brasil/> acceso: 18/05/2021

Se enumeran, a seguir, los encuentros y sus sedes para comprender su desarrollo.

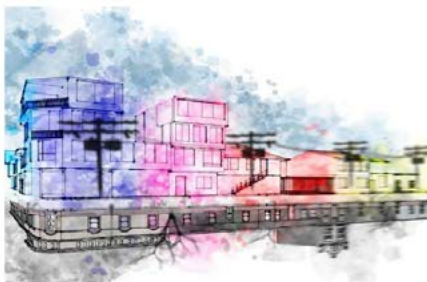
- I. Encuentro, Mendoza, Argentina, 1995;
- II. Encuentro, Montevideo, Uruguay, 1996;
- III. Encuentro, Santiago de Chile, 1997;
- IV. Encuentro, Tucumán, Argentina, 1998;
- V. Encuentro, Valparaíso, Chile, 1999;
- VI Encuentro, Córdoba, Argentina, 2000;
- VII. Encuentro, Resistencia, Argentina, 2001;
- VIII. Encuentro, Montevideo, Uruguay, 2002;
- IX Encuentro, Asunción, Paraguay, 2003;
- X Encuentro, Pelotas, Brasil, 2004;
- XI Encuentro, Rosario, Argentina, 2005;
- XII Encuentro, Mendoza, Argentina, 2006;
- XIII Encuentro, Valparaíso, Chile, 2007;
- XIV Encuentro, Buenos Aires, Argentina, 2008;
- XV Encuentro, Resistencia, Argentina, 2009;
- XVI Encuentro, Montevideo, Uruguay, 2010;
- XVII Encuentro, Córdoba, Argentina, 2011;
- XVIII Encuentro , Santa Fe, Argentina, 2012;
- XIX Encuentro Pelotas, Brasil, 2013;
- XX Encuentro, Mendoza, Argentina, 2014;
- XXI Encuentro, San Juan, 2015;
- XXII Encuentro, Xalapa, México, 2016;
- XXIII Encuentro, Buenos Aires, Argentina, 2017;
- XXIV Encuentro, La Plata, Argentina, 2018;
- XXV Encuentro, Recife, Brasil, 2019;
- XXVI Encuentro, Resistencia, Argentina, 2020;
- XXVII Encuentro, Cali, Colombia, noviembre de 2021.



REDULACAV
XXVII ENCUESTRO
DE LA
RED LATINOAMERICANA
DE CÁTEDRAS DE VIVIENDA
- RED ULACAV-

Cali, 24 al 27 de noviembre

Coordina Cátedra Jaques Aprile-Gnisset
Escuela de Arquitectura, Facultad de Artes Integradas. Universidad del Valle



REDULACAV
XXVII ENCONTRO
DA REDE
LATINOAMERICANA
DE CÁTEDRAS
DE HABITAÇÃO
- ULACAV

Cali, 24 al 27 de novembro 2021

Proposta: Cátedra Jaques Aprile-Gnisset,
Escuela de Arquitectura, Facultad de Artes Integradas. Universidad del Valle.

Figuras 3 y 4. Fuente: <https://redulacav.org/c80-encuentros/xxvii-encuentro-de-la-red-universitaria-latinoamericana-de-catedras-de-vivienda-2021-cali-colombia/> acceso: 18/05/2021

Interesa enfatizar, que como dijo el Arq. Rubén Sepúlveda, miembro de su actual Consejo Directivo,⁷

*“En 1995 cuando se crea esta Red Universitaria Latinoamericana, con la finalidad de incidir en los procesos formativos en los diversos espacios académicos en la Región, el contexto se caracterizaba por un número reducido de cátedras dedicadas a la temática de la vivienda social y la producción social del hábitat. En la actual realidad, son numerosas las cátedras de grado y programas de postgrado que abordan esta temática, cuando una mayoría de los países de Latinoamérica, dan señales de transitar hacia un modelo de desarrollo sustentado en el neoliberalismo, en que se ha incrementado la desigualdad social, económica y espacial, que **generan nuevas demandas de procesos formativos y metodológicos** que nos interpelan como Red a reflexionar, intercambiar experiencias y hacer sugerencias”. ... “nos obligan a generar nuevas formas metodológicas e instrumentos, que contribuyan a un hábitat residencial sustentable, entendido como un proceso complejo producto de la acción de diversos actores, con dimensiones sociales, culturales, políticas y*

⁷ Anales del XXV Encuentro de la Red ULACAV. <https://redulacav.org/c79-novedades/seminario-de-lanzamiento-dos-anais-do-xxv-encontro-da-rede-ulacav-seminario-de-lanzamiento-de-los-anales-del-xxv-encuentro-de-la-red-ulacav/> acceso 18/05/2021

económicas que requieren de un trabajo interdisciplinario por su complejidad, una acción multiactoral y una demanda de participación política activa de los ciudadanos, con adecuada información sobre sus derechos y deberes, basados desde un paradigma ciudadano que sin lugar a dudas generará una tensión con el paradigma dominante”.

El XXVI Encuentro, organizado por al Cátedra de Gestión y Desarrollo de la Vivienda Popular cuya titular es la arquitecta Marta Giro, fundadora y ex secretaria general de la red, (que participó del Taller Total) y fue convocado para repensar la **formación en hábitat popular en la agenda de las políticas universitarias**. La Arq. Beatriz H. Pedro (actual secretaria general de la RED) mencionó en su apertura la vigencia de los objetivos iniciales de la RED en el actual contexto:

“Necesitamos hacer una reflexión sobre que hemos logrado y que nuevos pasos tenemos que dar. Mucho ha pasado en estos años, coinciden con las décadas de fortalecimiento de las profundas desigualdades sociales, habitacionales, ambientales que tienen su germen en el capitalismo, (hoy se lo nombra como neoliberalismo) en el rol de “espacio a extraer” que se le asigna a nuestro pueblos y países y que tiene también en las universidades un campo de disputa. Ya que todas nuestras iniciativas de formación chocan con los muros culturales, institucionales y los criterios y valoraciones que han sintonizando con ese proceso y que necesitamos deconstruir, sostenidas con los objetivos de internacionalización de la educación superior sobre los que hay que reflexionar críticamente. La grave emergencia sanitaria, entrelazada con la crisis habitacional y ambiental, ha puesto en foco que las problemáticas habitacionales son uno de los principales asuntos sociales pendientes de resolución, y que la formación universitaria, no puede estar ajena y tiene que hacerse cargo de su aporte para cambiar esta situación.”.

Publicación y difusión de sus elaboraciones⁸.

La RED ha ido reuniendo a lo largo de 27 años, los esfuerzos, aportes, proyectos, conocimientos, reflexiones y experiencias de académicos de todos los países de Latinoamérica, constituyendo una reserva necesaria de sistematizar y difundir a las nuevas generaciones. Reúne no solo el trabajo académico en materias de hábitat popular, como el compromiso para colaborar en formar nuevas generaciones involucradas en la construcción de una sociedad más justa y solidaria, sino también, su rigurosidad metodológica, su mirada multiescalar e integral del hábitat residencial.

En todos sus encuentros se fueron reuniendo y publicando (en Cds) las ponencias y debates que se abordaron según ejes conceptuales que sus comisiones directivas propusieron a las cátedras. Es tarea pendiente reunirlos completos en los archivos de la web.

En el 2007 se publicaron los anales del Encuentro en Valparaíso. Chile.

En el 2012 en el Encuentro en Santa FE, Argentina, las cátedras integrantes presentaron paneles síntesis que exponían sus enfoques conceptuales sus estructuras pedagógicas y las características de su inserción universitaria, que se actualizó en el 2018 en el encuentro en La Plata, Argentina, integrando la publicación online que se presentó en Recife.

En el año 2016, en el XXI Encuentro en San Juan, Argentina se presentó en la primera publicación online una síntesis de debates y temáticas de los 20 años transcurridos, elaborada en coautoría: Formación Universitaria en Hábitat- 20 Años de Experiencia de la Red ULACAV.

8 Para mayores detalles, ver : www.redulacav.org acceso 18/05/2021

Y este año 2021, se presentó virtualmente la publicación que reúne las ponencias y actividades del Encuentro realizado en RECIFE, Brasil: Anales del XXV Encuentro de la Red ULACAV.

Breve enunciado de algunos temas conceptuales.

La Lic. Marcela Rodríguez⁹ (ex miembro de la Comisión Directiva, Facultad de Trabajo Social, Universidad Nacional de Córdoba) reflexiona sobre un conjunto de elementos metodológicos y conceptuales que son parte de nuestro posicionamiento y del marco político, interpretativo e epistémico que sostenemos:

“Aquellos soportes imprescindibles como pilares o cuestiones fundamentales desde donde basar y poner en acto los procesos de producción social del hábitat - PPSH. En primer lugar, interpelar sobre la necesidad de proponer la noción de actuación como categoría superadora de la ‘intervención’; seguidamente se requiere poder cualificar a qué tipo de ‘actuaciones’ estamos invocando como imprescindibles (estratégicas, transformativas y complejas en el pensar y sobre todo en el hacer). A la vez, que se debe explicitar cuáles son las nociones y supuestos que están implicadas en ella, en torno a cómo entender los escenarios, los sujetos y los objetos. Este modo de actuación en los procesos de PSH, y particularmente desde lo colectivo y por el carácter de las disputas en juego por y en el hábitat, requiere de particulares componentes de ser abordados como sus esenciales: la construcción de actores colectivos, la función social y ecológica de los bienes habitacionales, la gestión e incidencia en políticas públicas (no sólo las habitacionales) y el trabajo asociativo.”

Finalmente, la Lic. Marcela Rodríguez se refirió a algunas enseñanzas como aprendizajes y limitaciones de la formación universitaria en este campo surgidas en el trípode articulado: docencia, investigación y extensión.

Y el Arq. Gustavo Romero, (participante del Autogobierno, Facultad de Arquitectura de la Universidad Nacional de México) aporta sus décadas de elaboración respecto del diseño participativo a partir de la crítica de la influencia de los paradigmas del Movimiento Moderno que permean la formación proyectual, al referir:

“Frente a los problemas de la desigualdad, la opresión, la pobreza y el colonialismo – consecuencias del desarrollo industrial, capitalista y socialista — surgió una visión crítica sobre el hacer y el pensar de lo urbano arquitectónico, que ha venido luchando contra las ideas dominantes tanto socialmente, como en el gremio y la enseñanza.

Para plantearse el “repensar el hábitat”, es necesario el concepto la Construcción Social de lo Espacial Habitable (CSEH), derivada de la tesis de que todo ser humano tiene una percepción y un conocimiento de aquello que llamamos “la arquitectura edificatoria”. La premisa de que lo espacial habitable es una construcción social revela el carácter histórico de lo espacial. Todo ello a partir de procesos en los cuales varios actores sociales son requeridos para poder activar, desarrollar, participar y llevar a fin el objetivo de tener una espacialidad construida y habitada. (...) Se da entonces el surgimiento, en los años 60s del siglo pasado, de posturas teórico prácticas desde los saberes profesionales para poderse vincular a las demandas sociales de vivienda principalmente.

Esto es lo que se ha denominado la arquitectura y diseño participativos. El correcto abordaje de un problema arquitectónico sólo puede hacerse mediante el ejercicio del pensamiento crítico y complejo. La participación es un fenómeno epistémico-político que implica el derecho de las personas a intervenir decisivamente en la

9 Anales del XXV Encuentro de la Red ULACAV. <https://redulacav.org/c79-novedades/seminario-de-lanzamiento-dos-anais-do-xxv-encontro-da-rede-ulacav-seminario-de-lanzamiento-de-los-anales-del-xxv-encuentro-de-la-red-ulacav/> acceso 18/05/2021

configuración del entorno habitable –tanto de orden material como simbólico-cultural– que les compete. La arquitectura participativa, como la entendemos aquí, es una arquitectura profesional, que requiere una formación universitaria integral e inter, multi o mejor transdisciplinar.”

Una acción con perspectiva de futuro.

La RED ULACAV agrupa a un importante número de cátedras de la región, las cuales llevan más de 2 décadas (desde 1995) reflexionando y diseñando estrategias para cambiar el enfoque de la formación con una perspectiva de producción social del hábitat y del derecho a la ciudad, un campo teórico y práctico en crecimiento que articula formación, investigación y extensión.

Las problemáticas de vivienda y hábitat son uno de los principales asuntos sociales pendientes de resolución. En América latina y el caribe más de 100 millones de personas viven en asentamientos vulnerables urbanos. Lo principal de la formación universitaria en hábitat lleva décadas ignorando estas problemáticas, sintonizando con formas de hacer vivienda y ciudad, adoptando los valores del urbanismo extractivista.

¿Cómo es posible acercar la universidad a los gravísimos problemas de injusticia social, generando conocimientos y formando profesionales aptos para enfrentarlos?

La limitada inclusión actual en la formación universitaria solo son materias obligatorias de la curricular, las cátedras Gestión y desarrollo de la vivienda popular, FAU-UNNE y Hábitat digno, UNCuyo en Argentina, muestra la desvinculación generalizada de la acción académica en la producción social del hábitat con el resto de la curricula, lo que limita y restringe su efectividad y comprensión profunda sobre la cabal dimensión de este tema

Urge cambiar el enfoque y hacer obligatoria la formación en producción social del hábitat, que, valorando la vida de los pueblos, sus necesidades y decisiones, se disponga al proyectar integral, sustentable y con perspectiva de género, realizando diagnósticos con democracia participativa, creando en colectivo con las comunidades, para llevar adelante programas y políticas públicas apropiadas, necesarias para transformaciones de fondo. Miles de profesionales del hábitat estamos dispuestos. Si no lo hacemos nosotros, ¿quiénes la harán?, Si no lo hacemos ahora, ¿cuándo lo haremos?

Referencias bibliográficas.

MELO ROCHA DANIELLE de; ROCHA DINIZ, FABIANO; VASCONCELOS, RONALD; FERREIRA LIMA, BRUNO de ALBUQUERQUE; SANTOS CARDOSO, YASMIM; PEREIRA de LIMA, TALITA MARÍA. (Comité Editorial). Red ULACAV (Universitaria Latinoamericana de Cátedras de Vivienda) (2021). *Anais do XXV Encontro da Rede Universitária Latino-Americana de Cátedras de Moradia: 25 anos da Rede ULACAV. Reflexão sobre avanços e retrocessos para uma formação em habitat*. 1º ed compendiada. Recife: Editota da Universidade Federal de Pernambuco.

Disponibile en: <https://redulacav.org/c79-novedades/seminario-de-lancamento-dos-anais-do-xxv-encontro-da-rede-ulacav-seminario-de-lanzamiento-de-los-anales-del-xxv-encuentro-de-la-red-ulacav/> acceso 18/05/2021

ZALAZAR, MARTÍN; SEPÚLVEDA OCAMPO, RUBÉN; MANSUETO, CLARA y DE SÁRRAGA, RICARDO (Compiladores). Red ULACAV (Universitaria Latinoamericana de Cátedras de Vivienda) (2020). *La formación universitaria en la producción social del hábitat: XXIV Encuentro Red Universitaria Latinoamericana de Cátedras de Vivienda*. 1º ed compendiada. Resistencia: Editorial FAU-UNNE. Libro digital, PDF. ISBN 978-987-47567-0-1.

Disponible en: <https://redulacav.org/c79-novedades/libro-la-formacion-universitaria-en-la-produccion-social-del-habitat/> Acceso, 21/05/2021

COMISIONES DIRECTIVAS de la RED ULACAV: Disponible en: <https://redulacav.org/autoridades/> y <https://redulacav.org/> Acceso 18/05/2021

ENCUENTROS de la RED ULACAV: Disponible en: <https://redulacav.org/category/c80-encuentros/> Acceso, 20/05/2021.

HISTORIA de la RED ULACAV: Disponible en: <https://redulacav.org/historia> Acceso, 21/05/2021

RED ULACAV (RED UNIVERSITARIA LATINOAMERICANA de CÁTEDRAS de VIVIENDA). Disponible en: www.redulacav.org y <https://redulacav.org/> Acceso, 20/05/2021.

Autora

Beatriz Pedro. Arquitecta FADU UBA (1981) Magister en desarrollo sustentable UNLA (2006) doctorando FADU UBA (2016). Profesora Titular. Imparte Conocimiento Proyectual, (1985 a la actualidad) Estructuras 1, 2 y 3; (1985 a la actualidad) Taller Libre de Proyecto Social de la Facultad de Arquitectura,(2002 a la actualidad) Diseño y Urbanismo de la Universidad de Buenos Aires. Investigadora UBACYT. (1994 a la actualidad) Ex- Secretaria de Extensión FADU_UBA.(2006/2010) Secretaria General de La RED Universitaria Latinoamericana de Cátedras de Vivienda y Hábitat.(2017/ actualidad) arqbeatrizp@gmail.com

INTERDISCIPLINARIDADE E FORMAÇÃO PEDAGÓGICA: Literatura e Ciências Humanas

Eje/Eixo Temático 2

Eulina Pacheco Lutfi

Laboratório de Pesquisa e Ensino em Ciências
Humanas da FE-USP

Nidia Nacib Pontuschka, in memória

Resumo

Trata-se do trabalho interdisciplinar realizado em uma escola pública de São Paulo, para estudantes que trabalhavam durante o dia e frequentavam o período noturno. As professoras de História, Geografia e Português, preocupadas em fornecer a esses trabalhadores, ensino de boa qualidade, no estudo da América Latina, organizaram um programa interdisciplinar que teve como suporte o livro do escritor Manuel Scorza, *Bom dia para os Defuntos*, baseado em fatos reais de exploração de minas, de cobre, no Peru. Publicado pela Revista *Orientação* do Instituto de Geografia, USP, vem sendo usado como suporte aos alunos de Prática de Ensino, em universidades públicas do Brasil. Neste artigo apresentamos as partes de Geografia e Literatura.

Palavras chaves: **Interdisciplinaridade, América Latina, mineradoras, Literatura e Geografia**

Resumen

Trata-se del trabajo interdisciplinar realizado en una escuela pública de San Pablo, para estudiantes que trabajaban durante el día y frecuentaban el período nocturno. Las profesoras de Historia, Geografía y Portugués, preocupadas en proporcionar a esos trabajadores, enseñanza de buena calidad, en el estudio de América Latina, organizaron un programa interdisciplinar que tuvo como referencia el libro del escritor Manuel Scorza, *Bom dia para os Defuntos*, fundamentado en hechos reales de explotación de minas, de cobre, en el Perú. Publicado por la Revista *Orientação* del Instituto de Geografía, USP, viene siendo usado como soporte por los alumnos de Práctica de Enseñanza, en universidades públicas del Brasil. En este artículo presentamos las partes de Geografía y Literatura.

Palabras claves: **Interdisciplinaridad, América Latina, compañías mineras, Literatura y Geografía**

Os personagens são índios, principalmente os quéchuas e mestiços. São pastores de ovelhas, alpacas e lhamas; camponeses que viviam, em sua maioria, de economia de subsistência, especialmente batata, nas áreas rurais, a mais de quatro mil metros de altitude. Os brancos, descendentes de espanhóis, constituíam, em sua maioria, as autoridades. A implantação da mineradora americana, *Cerro de Pasco Corporation*, para explorar o cobre na região e ocupar terras para seu setor agrícola, contou com a conivência de governantes peruanos e desencadeou acontecimentos inusitados no ambiente e na vida dos desafortunados moradores.

Em certa ocasião, chegou um estranho visitante ruivo nesse altiplano, lugar despovoado, frio, escurecido pela neblina e no qual os vindos de fora sofrem o *Soroche*, mal das alturas. Todos o estranharam na chegada e ninguém compreendeu o fato de, alguns dias mais tarde, antes de partir, ele ter tomado uma bebedeira a gargalhar e a distribuir bebida para todo mundo. O que não sabiam era que assim se iniciavam as atividades da mineradora que, por meio de uma cerca, iria fechar morros, lagos, ruas e pastos, matando de fome homens e animais até finalmente incendiar Rancas e expulsar o que sobrou da população.

Esse processo não aconteceu sem lutas. Os comuneiros insistiram em defender seus direitos, ora junto às autoridades, ora em ações planejadas de revolta desafiadora ao imenso poder da *Companhia*. Hector Chacón liderou a luta. Não agiu sozinho. Contou com o velho Fortunato e com o carinho e a confiança dos que sofriam, desde sempre, pelos desmandos de governantes e fazendeiros. Quem os perseguia com brutalidades desumanas, sequestros de seus bens, encarceramentos e assassinatos era a LEI, o aparato jurídico, na pessoa do juiz Montenegro. A justiça existia para salvaguardar fazendeiros, latifundiários e a *Cerro de Pasco Corporation*. Os fatos, aparentemente frutos de imaginação, são o ponto de partida para Scorza compor, em um estilo de imagens surpreendentes, sua pentalogia.

A Literatura como expressão da vida no mundo: Arte e conjuntura histórico-social em *Bom dia para os defuntos*

“Um úmido entardecer soltou um terno preto [...] O terno desceu a praça para dar início aos sessenta minutos do seu imperturbável passeio.” (SCORZA. 1984. p. 5)

O livro consegue encantar e alertar a consciência dos leitores. Suas obras são compostas em prosa poética, plena de comparações, simbologias e metáforas. Considerado autor do Realismo Mágico da América Latina, possui independência em relação aos cânones desse grupo literário, ao utilizar elementos da literatura fantástica que se misturam a outras elaborações. Nessas, o animismo e as figurações predominam em descrições feitas por um personagem narrador onisciente que conta em terceira pessoa e possibilita ao leitor penetrar naquele mundo de sofrimentos atroz e de sublimes comportamentos humanos.

O céu rangia a ponto de desabar “ [...] “ O velho Fortunato estremeceu: o céu estava com a mesma cor de corvo que na manhã da fuga universal dos animais.[...] Chegaria a tempo? E mesmo que avisasse, como se defenderiam? Com porretes? Com fundas? [...] Corria, corria, corria. (SCORZA. 1984. p.11/12)

No texto podem-se reconhecer semelhanças às narrações que o povo faz de suas histórias venturosas ou amargas. O autor valoriza esse saber e diversos conhecimentos que ilustram a história, na construção dos diálogos, no vocabulário e

expressões. A sequência dos capítulos lembra a influência de *O Livro das Mil e Uma Noites* sobre a literatura ocidental. A história de Scorza, como aquela, anterior ao Século XII, se tece de fatos que se entremeiam em quebras de continuidades a formar um mosaico de suspenses, obrigando o leitor a buscar, ansioso, o fio aparentemente interrompido que perfaz a trama. Os títulos dos capítulos remetem-nos à oralidade dos contos populares: “*Sobre o caminho por onde viajava a lagarta*” ou “*Sobre a pirâmide de ovelhas que sem intenção de emular os egípcios, levantaram os ranquenhos*”

Os relatos são arquitetados pelo entrelaçamento das ações de quatro personagens principais: Hector Chacón, o Olho de Coruja; o juiz Montenegro, o velho Fortunato e a Cerca, um ser assombrado e vivo. Ao se perguntar quem são esses personagens, como são e o que fazem, recorre-se às descrições do narrador; ao que os próprios personagens dizem de si; como os outros personagens os vêem e como se mostram em diálogos diretos.

Hector Chacón, o Olho de Coruja, enxergava igualmente de dia ou de noite; seus olhos distinguiam tanto no escuro como no claro. A quantas armadilhas não poderia arrastar a Guarda Civil [...] Passados os anos, cumprida a segunda condenação, um homem magro, de olhos saltados, saiu da cadeia de Huánuco [...] Entrou na Praça de Armas lentamente [...] Hector Chacón, o Olho de Coruja, começou a rir-se [...] os moradores assomaram às portas. No posto, os guardas-civis arrecadaram os seus fuzis. Meninos e cachorros pararam de perseguir-se. As velhas se benzeram.
(SCORZA, 1984, p. 188 e 52)

Os limites entre verossímil e inverossímil assomam a toda hora no texto, como na referência à visão especial de Chacón. Pensa-se em algo irreal, entretanto, sabe-se que a cidade está situada a mais de 4.500 metros de altitude. A proporção de oxigênio no ar é menor em realção às cidades mais baixas e o clima permanece frio. No relevo montanhoso, a iluminação é mais intensa, quando o sol está próximo ao zênite; demora para clarear e escurece cedo. Às quatro horas da tarde já é noite. A rarefação do ar faz com que o calor se perca rapidamente e comece a cerração, diminuindo a visibilidade.

Assim, é possível que os habitantes desenvolvam a vista de modo a poder se adequar ao ambiente. O Soroche, que tanto mal causa aos visitantes, não lhes molesta.

O narrador descreve certos fatos, utilizando números, “*noventa e sete dias depois do anoitecer que rolou a moeda do doutor [...]*”. (SCORZA, 1984, p. 7), insinuando o verossímil que se desfaz, em seguida, pela dúvida entre o impossível-possível, como na mudança de cor na pele e cabelo dos habitantes que se explicará pela alteração do ar, provocada por ações da mineradora americana.

Cerro de Pasco é descrita como inóspita à vida e na qual viajantes sofrem ali de anoxia. Porém esse lugar que, em outros tempos, fora atraente devido à riqueza mineral do solo, transformou-se em leitões eternos dos que vieram de diversas partes do mundo, com o sonho de enriquecer. As minas de prata esgotaram-se em 1900 e Cerro de Pasco se despovoou.

Em uma tarde, passados alguns anos, chegou à cidade um norte-americano com um teodolito e recolhia amostras do solo. Dias depois, muito feliz, foi embora. O solo não estava morto e agora era redescoberto e seria explorado pela *Cerro de Pasco Corporation Inc. in Delaware*.

O que fez essa mineradora em pouco tempo?

Construiu estrada de ferro; transportou máquinas mitológicas; criou uma fundição a mil metros abaixo do solo; muniu a fundição de chaminé que asfixiava os pássaros

num raio de 50 km; contratou gente famélica da região para abrir galerias nas profundezas; ergueu um horrendo edifício de pedra de três andares; lucrou 500 milhões de dólares, pagando salário de 2 dólares; apregoou que fumaça não fazia mal e que mudança na cor da pele era atração turística; provocou a esperança em índios de se tornarem brancos; comprou as terras que havia envenenado e construiu a Divisão Pecuária que constituía metade das terras de Cerro de Pasco; e depois avançou para Rancas. (. (SCORZA, 1984, p. .92)

No livro, a história inicia-se pelo término dos acontecimentos. Como em romances policiais em que já se sabe quem é o criminoso e se quer conhecer os planos do assassino, aqui o personagem narrador nos relata as últimas horas de Fortunato para salvar Rancas do ataque final e sobre a fuga de animais que perderam. envenenados, seus abrigos. Uma fuga fantasmagórica em que eles deixam de temer seus predadores e voam ou correm juntos. Nessa atmosfera assombrosa, homens, mulheres e crianças, em pânico, rezam, ou fogem espavoridos, atropelados pelos ratos.

O velho Fortunato corria e corria para avisar os ranquinhos da tragédia que se aproximava, enquanto a cerca os enclausurava no *telhado do mundo*. “*Rancas era um solução*”. (SCORZA, 1984, p. 11)

O que teria concorrido para que tal sangrento massacre acontecesse?

Do Terno Preto que tinha uma moeda que tomava sol

O juiz Montenegro, o Terno Preto, não era representante da Lei, era a própria Lei. Dele dependia a vida e a morte dos habitantes. Caminhava, com toda segurança, sem ninguém por perto, pontualmente, entre seis e sete da tarde, pela Praça de Armas, despovoada e silenciosa, porque “*até os cachorros sabem que das seis às sete, ali não se late*”. Em um de seus passeios fez como se escorregasse, de seu terno preto, uma moeda de um sol que ali ficou por 97 dias, sem que ninguém a tocasse. O povo se apavorava, com medo de que alguém, movido por desejo ou necessidade, a tirasse de onde estava e desencadeasse a ira daquele homem temido até aos ossos que puniria toda a população.

A ideia de que moeda se destinava “*a provar a honradez da altiva província*” chegou a ser aceita, porém fatos posteriores vieram revelar que aquela *moeda que tomava sol* era como um ente vivo, posto em vigilância da obediência aos mandatários do lugar e de fora. O Terno Preto era o poder soberano e implacável que ocupava a mente em enumerar suas propriedades e seus rebanhos, estender seus domínios, perseguir, com cruéis castigos e injustas condenações, seus inimigos e os pobres pastores e camponeses que reivindicavam sua terra e seus animais, que sem que houvesse motivo, eram sequestrados. Proferia sentenças de condenação e tempos de prisão, conforme o interesse que tivesse de manter a pessoa presa e de acordo com seu humor. Para isso, era dono de duas cadeias, uma delas sem janela.

Montenegro, quando queria testar sua autoridade, servia-se de ocasiões festivas na cidade. Foi o que aconteceu em uma corrida de cavalos. Triunfante, seu cavalo, o mais garboso do povoado, conhecido também porque pastava em qualquer lugar, sem respeitar propriedade alheia, para surpresa absoluta do dono e espanto amedrontado de todos, perdeu a corrida. Porém, numa conversa particular com os organizadores, o dono do cavalo ganhador foi acusado injustamente de infringir os regulamentos. Declarou-se a vitória de Triunfante e a população suspirou aliviada.

Servia-se de autoridades complacentes e medrosas, coniventes com suas ordens. Alguns fatos ilustram o poder de fazendeiros e latifundiários, acobertados por

Montenegro. Um dos beneficiados por tal poder foi Dom Migdônio.

Por ordem das autoridades, foram recrutados à força, rapazes de sua fazenda. Dom Migdônio era conhecido por arbitrariedades jamais questionadas, em especial, pelas famílias que tinham que lhe entregar as filhas, assim que completassem 15 anos.

Os rapazes tiveram que se submeter ao recrutamento e, no período que o cumpriam, conheceram a Constituição e seus direitos. Também souberam sobre o Sindicato dos Camponeses. Na volta à fazenda, iniciaram cautelosamente a criação do Sindicato entre os peões da região. Assim que conseguiram se organizar, sentiram-se firmes para propor a Dom Migdônio que os peões da fazenda se sindicalizassem. Este os recebeu com muitas atenções e disposto a ouvi-los, marcou reunião em sua própria casa. Recebeu-os na sala, saudando-os com um copo de bebida. Foi o primeiro infarto coletivo que se deu na região, conforme declaração de Dom Migdônio e assinada pelo Juiz Montenegro.

Chacón, o conjurado

Chacón, o Olho de Coruja, acabava de sair mais uma vez da prisão, onde estivera, por conhecer os desmandos do juiz Montenegro e defender o direito à terra para si e aos que ali viviam. Era temido pelos inimigos por sua coragem. O receio que tomava conta de pessoas à sua chegada, em qualquer lugar, era porque poderia haver graves confrontos dele e seus companheiros contra capatazes e guardas-civis.

Planejava a morte do juiz e sabia que só ele seria capaz de perpetrar tal ato. Contava com seus amigos e com a população despossuída, para levar a cabo sua intenção e organizou uma reunião em que elaboraram o plano e planejaram a morte de dois, comprovadamente traidores do grupo.

No texto, as ações do Olho de Coruja criam suspense pelo terror das ameaças que envolvem seu nome, como na preparação para matar Montenegro, em uma audiência pública agendada. O desejo que o Olho de Coruja tem de acabar com as injustiças do juiz Montenegro vem de anos. Vem de sua infância.

Em certa ocasião, o Terno Preto dava voltas por terras consideradas propriedade sua e conquistadas por meios escusos. Um dos seus peões, que ficara surdo por dinamitar rochas, em obediência às ordens do juiz, brincava com uma bola de pano e não ouviu o tropel do cavalo. A bola foi se estatelar justamente na cara do Terno Preto que, estupefato e colérico, não tardou a ministrar o castigo: uma chicotada sangrou o rosto do infeliz que recebeu a ordem de cercar sozinho um pasto de 300m de extensão de cada lado, durante dia e noite, sem descanso e debaixo das intempéries geladas dos Andes. Uma segunda lambada foi na direção da primeira. *“-Hoje mesmo vá fechar a casa deste imbecil com um cadeado. Enquanto a cerca não ficar pronta, estes merdas dormirão ao relento. E se alguém se atrever a ajudá-los, me avise”.* (SCORZA, 1984, p 50)

Construir a cerca exigia muita força, pois as pedras para a argamassa se encontravam num rio, na baixada, bastante longe. Depois de cinco dias, sem poder contar com auxílio de adultos, seu filho, o menino Chacón, foi ajudá-lo nesse trabalho insano. O suplício durou 193 dias, para que esse homem esqualido pudesse mostrar o resultado ao carrasco.

E quando João, o Surdo, ensinava seu pequeno Chacón a pescar, *“foi a primeira vez que Hector Chacón sentiu sede da garganta de Montenegro.”* *Tinha nove anos.* (SCORZA, 1984, p. 52)

Anos mais tarde, ao sair da prisão, Olho de Coruja tratou de organizar as

pessoas, com a mesma expressão de força, coragem e “*um olhar capaz de descobrir sapos embaixo de pedras.*”, para cumprir sua determinação de matar o Terno Preto. Mas era procurado pelos capatazes do juiz e pelos guardas-civis. Nas terras dos camponeses e pastores, a palavra era que ali ninguém o conhecia, ninguém o via passar e o menino Remígio afirmava que Chacón havia virado vagalume. O Ladrão de Cavalos, que conversava com os animais, fora avisado por eles da chegada de Chacón e se prontificava a participar das ações com ajuda dos animais que lhes avisariam dos perigos. Chacón contava com ajuda das mulheres, pois muitas delas sofriam pela prisão e maus tratos a seus maridos. Sulpícia, corajosa e sagaz, teve seu marido morto na prisão. Contava ainda com Pis-Pis, conhecedor de ervas que prometia envenenar peões e guardas-civis, na ocasião do enfrentamento. E uma das autoridades irmanada à luta era um dos procuradores, o Rivera.

O Olho de Coruja tinha a possibilidade de enxergar no escuro e armar obstáculos aos perseguidores. Estava decidido a cumprir sua missão de acabar também com a perseguição que o juiz lhe fazia, através de seus capatazes que lhe tiravam as terras, roubavam seu gado e pisoteavam com os cavalos suas plantações.

A primeira tentativa deu-se, na ocasião de uma audiência à qual alguns comuneiros poderiam participar para levar suas reivindicações. O clima era de apreensão. No diálogo com um dos procuradores que seguiriam para a audiência, este lhe informou que o Inspetor lhe dissera:

- *Entre as cinco pessoas que irão comigo, não estará, de maneira nenhuma, Héctor Chacón. [...] A cara enevoada de Chacón não cedeu. [...] (Disse aos companheiros)*
- *Iremos de qualquer maneira [...] com porretes e fundas [...] - A terra - insistiu a voz aveludada de Chacón - pertence a todos. (SCORZA, 1984, p. 96)*

O plano falhou, porque um traidor avisou Montenegro e este fugiu para lugar inalcançável. A vida do Olho de Coruja tornou-se um enfrentamento constante aos desmandos de Montenegro. Dois episódios ilustram a determinação e força de Chacón. Um deles foi o caso dos roubos dos seus cavalos. Essa era uma prática de Montenegro para perseguir os comuneiros. Os animais eram sequestrados, sem motivo algum e eram levados ao curral do juiz. Ficavam ali, sem comer ou beber, esperando o dono vir resgatá-los. Para isso, era preciso pagar uma quantia absurda. Os animais ou morriam, ou saíam já quase imprestáveis ou ficavam, os melhores, para o Juiz e seus comparsas. Chacón perdeu seu melhor cavalo e teve que negociar com o capataz para a liberação dos outros.

Outro episódio foi o pisotear a plantação de batatas de Chacón. A cultura de batata era a única que sustentava os ranquinhos e exigia grande esforço na terra árida. Quando, depois de longo tempo de trabalho, o batatal de Chacón começou produzir, foi pisoteado por cavalos do juiz. Chacón enfrentou o Terno Preto. Foi até ele e recebeu como resposta que não era ele o dono dos cavalos e sim sua mulher. Que falasse com ela. Como era comum, os que desejavam falar com alguma autoridade tinham que esperar e esperar até ir embora sem serem atendidos. Chacón esperou.

- *Dona Pepita, os seus animais estão acabando com o meu batatal.*
- *Quem te disse que o batatal é teu, peão de merda?*
- *Eu plantei, senhora.*
- *E por que foste plantar ali, seu bunda?*
- *É uma terra abandonada. A comunidade me deu licença.*
- *[...] Nesta província não tem terra abandonada. Toda a terra é pastagem minha. (SCORZA, 1984, p.113).*

Chacón, com seus amigos, resolveu prender os cavalos do juiz, à noite, quando invadissem o batatal e o fizeram, mas ele e um dos amigos foram presos, por sete dias, acusados de roubar esses animais do Juiz. Ao sair da prisão, recebeu ordens de abandonar aquelas terras, em que outros lavradores também plantavam. Que todos saíssem. Porém resolveram resistir, pois, se saíssem, não teriam do que viver. Reunidos passaram a vigiar a plantação dia e noite, mesmo exaustos e sob o frio insuportável e iam colhendo as batatas até que receberam o aviso de que as que ainda estavam se produzindo seriam todas do juiz.

Chacón, revoltado e encolerizado, foi até a cidade e ameaçou matar quem entrasse no batatal. Conseguiu, com os outros plantadores, fazer a colheita.

Após alguns dias, foi acusado de ter roubado cavalos e, sem prova nenhuma, foi preso novamente. Ficou cinco anos encarcerado.

Desse modo o Juiz continuava exercendo o poder e o Olho de Coruja determinado a matá-lo. Em liberdade, mais uma vez, tentou organizar seus companheiros, entretanto era um homem perseguido por patrulhas de guardas-civis e tornou-se um fugitivo, vivendo pela cordilheira. *“Muitas vezes não como, [...] durmo onde o sono pega, [...] mas para matar esse homem, todos os sofrimentos valem.”* (SCORZA, 1984, p. 213).

Não conseguiu. Foi traído pela filha e preso para terminar seus dias num cárcere da Selva Amazônica. Cumpria a pena há 15 anos, quando foi publicado *Bom dia para os Defuntos*.

De como mansas ovelhas e porcos aguerridos entram na história para fazer rir e chorar e das corridas do velho Fortunato

Héctor Chacón era um líder que pensava em uma transformação abrangente e que se iniciaria com o aniquilamento do aparato jurídico, na pessoa do juiz Montenegro. Decisões de procuradores e prefeitos sobre licitude ou ilicitude de atos dos moradores não existiam, pois tudo ia diretamente para o juiz. Desse modo, Chacón estava determinado a reunir seus companheiros para matar Montenegro e era preciso tempo e circunstância favorável. Todavia, os descabros da *Cerro de Pasco Corporation* afetavam, com aterradora violência, o imediato da vida dos comuneiros e os da Vila de Cerro de Pasco. A Cerca os privava de água, pastos e plantações. A morte das mansas ovelhas, arquétipos de docilidade em sacrifícios, era a dor e o se acabar dia a dia da vida de seus donos. Urgia atacar a Cerca, monstro apressado que os mastigava. Não podiam esperar e nem contar com as autoridades, porque sabiam que *“Os come-restos do Peru conhecem sobejamente a ínfima importância dos seus negócios e sempre estão dispostos a esperar horas, dias, semanas, meses.”* (SCORZA, 1984, p.161)

Em ações revoltosas, contavam com Fortunato. Esse velho pobre, dono de 30 ovelhas, era a imagem contraditória de fraqueza e força no mesmo corpo e na mesma mente; era corajoso e cheio de ódio pelas injustiças. Era quem corria o tempo todo, para avisar, para alertar, para salvar e para estimular a luta.

Fortunato corria que corria . Na vermelha neblina de seu cansaço, Fortunato entreviu caras assustadas [...] A Cerca devorava a terra, mastigava lagoas, comia morros. [...] A Cerca entrou pela rua principal de Yuracancha e dividiu o povoado em dois: já não se podia mudar de calçada. (SCORZA, 1984,p.66)

Fortunato foi quem percebeu que nascia um monstro, a Cerca, e alertou as

autoridades, lembrando-lhes que na região nunca houvera cerca nem cadeados e que: *“Uma cerca é uma cerca. Uma cerca significa um dono.”* (SCORZA, 1984 p. 55)

Porém não foi ouvido. As autoridades eram indiferentes ao que ouviam, negando a existência dessa devoradora lagarta de arame. O negacionismo era e é um ato político daqueles a quem não interessa resolver os problemas por eles criados ou combinados.

Essa atitude das autoridades não o impediu de continuar sua luta. Reuniu homens e mulheres que arrebataram a Cerca da *Companhia*, para que o gado não morresse de fome. Era um enfrentamento diário, em que os capatazes, comandados pelo facínora e brutamontes Egoavil não deram tréguas, Porém, cada noite, conseguiam que as ovelhas se alimentassem, enquanto levavam surras ferozes. Saíam sangrando e voltavam no dia seguinte. Depois que Egoavil recebeu reforço de patrulhas, o enfrentamento foi se tornando muito duro, com muitos machucados. Um dia só restou Fortunato.

Egoavil submetia Fortunato a surras de o deixar meio morto. Divertia-se com a tortura que infringia ao velho. Espantosamente ele se recuperava e voltava a desafiar a *Companhia*. Apanhava, quase morria e voltava até que o carrasco começou a interiorizar a imagem massacrada da vítima e a ser atormentado por ela que lhe aparecia a qualquer hora e em sonhos. Chegou ao ponto de não aguentar mais e propor trégua a Fortunato.

Fortunato exasperava as autoridades e os capatazes pela força física, inconcebível em seu corpo maltratado de velho e por seus argumentos diretos e lúcidos.

Egoavil finalmente consentiu que Fortunato e seus companheiros pusessem as ovelhas, além da cerca, à noite. Aconteceu que na manhã seguinte apareceram todas degoladas.

Fortunato, *“ferveu num caldo de raiva de lobo”* e, carregando nos ombros uma ovelha morta, dirigiu-se ao procurador Rivera, em Rancas. No trajeto, entrou no campanário e tangeu o sino, acordando a população e a incentivando a tomar coragem. Propôs ao procurador, levar as centenas de ovelhas mortas à Prefeitura de Cerro de Pasco e o fez, em um cortejo macabro que aumentava, no caminho, a indignação de todos.

O povo, ao chegar, se inflamou ante a resposta do guarda que lhes avisou que o prefeito não estava. *“As autoridades jamais estão. Faz séculos que no Peru, ninguém está.”* (SCORZA, 1984, p.132)

Fortunato, decidido e sem medo, orientou a que depositassem as ovelhas mortas, na porta da Prefeitura. Construíram uma *“pirâmide de ovelhas ensanguentadas”* e só saíram do local, quando o prédio parecia que iria desabar. Deixaram lá as ovelhas, exalando seus odores moribundos.

Fortunato teve que responder pelo ato. Não teve medo do que lhe poderia acontecer. Foi desrespeitado pelo Prefeito que o ameaçava pô-lo na cadeia. Manteve-se firme e o Prefeito nervoso e amedrontado, devido sua pressão arterial que se alterava com a postura de Fortunato, concordou que, pelo menos, um caminhão levasse de volta os animais mortos.

Ações semelhantes a essa se repetiram contra as autoridades locais e da *Companhia* Cerro de Pasco. Difundiram a ideia de que a Cerca não existia, por isso não se podia fazer nada. *“Nunca se soube por que uma epidemia açoitou Cerro de Pasco. [...] ninguém via a Cerca [...] Na Cerro de Pasco Corporation também desconheciam a Cerca”.* (SCORZA, 1984, p.171)

Quando as autoridades locais também se viram prejudicadas pela *Companhia*,

foram até o Sr. Harry Troller, seu superintendente. Esse as recebeu, para dizer que não via cerca nenhuma, mas aproveitou e, mentindo, comunicou que a *Companhia* estava tendo prejuízo em relação ao serviço de eletricidade, do qual ela também tomava conta. Duplicaria o preço aos consumidores. Isso não seria possível, argumentaram os reclamantes, pois ninguém poderia pagar. Não pagaram e, dias depois, Cerro de Pasco mergulhou na escuridão. A cidade precisava ser iluminada dia e noite, porque eram pouquíssimas as horas de sol e de claridade. “*Mesmo assim, iluminada, as pessoas se perdem nas ruelas. Privada do mortiço consolo das lâmpadas elétricas, Cerro virou um túnel.*” (SCORZA, 1984 p.174)

Esse foi mais um castigo que obrigava o povo a obedecer e lhes impedia a circulação, impondo obstáculos para reuniões e conversas. Impunha a submissão.

Entretanto não era fácil conseguir que o povo se aquietasse. Incentivados pelo procurador Rivera, fizeram o que este lhes propunha: levar todos os porcos que conseguissem, para os prender na Praça. Fecharam-na com tábuas e arbustos, transformando-a em curral, apenas com direito à água. Sem entender as intenções de Rivera, mas confiando nele, sofriam com a gritaria dos porcos que a todos aturdiu. Finalmente, no domingo, os porcos foram levados para os pastos da *Companhia*.

Os capatazes atiravam nos porcos que rompiam a Cerca, enfurecidos pela fome e que infestavam as pastagens da *Cerro de Pasco Corporation*, destinadas a ovelhas de raça. Os ranquinhos respondiam e o tiroteio zuava.

Ali, as formosas e bem tratadas ovelhas, de alto valor comercial, não poderiam mais pastar; não poderiam comer pastos infectados por porcos. Perderam o valor, causando enorme prejuízo a *Cerro de Pasco Corporation* que foi obrigada a abandonar 1400 hectares de terra. Essas ações vitoriosas, graças ao destemor e sagacidade da população, causavam apreensão nos mandatários da *Companhia*. Chacón, Rivera e Fortunato eram espinhos na garganta dos poderosos, protegidos pelo Terno Preto.

Rancas era forte na insurreição. Planejaram destruí-la.

Da consciente e tenaz luta de homens e mulheres em Rancas

Fortunato continuava correndo até chegar e avisar que a guarda para o assalto vinha chegando para matar todo aquele povo assustado. Chacón estava na cadeia. Fortunato se comove com a fragilidade daquele povo, ante a brutalidade dos homens da *Companhia* e lembra de seus carneiros dóceis: *Algodão, Flor do campo, Peninha, Faceira, Brincalhão*. Assume a liderança para que se armem de paus e pedras. Frente ao alferes que dava dez minutos para que deixassem a cidade e invertia a verdadeira história dos fatos, lhes acusando de terem invadido as terras da *Cerro de Pasco*. Fortunato, destemido, lhe mostrava os desastres causados na vida daqueles pobres, verdadeiros donos da terra. Os minutos se escoavam um a um, enquanto a guarda iniciava o incêndio das choças, pondo mulheres, crianças, animais a correr apavorados e homens desvairados tentando resistir. Tufina, uma das corajosas mulheres, acertou um, com sua funda e recebeu uma rajada de balas.

Era uma fantasmagoria de balas, fogo, fugas atropeladas, mortes e o procurador Rivera que apelava para os sentimentos pátrios com a bandeira e cantava o hino. Sofria socos, ponta-pés, coronhadas e continuava cantando. Cortaram-lhe a mão para que soltasse a bandeira. Cantava enquanto morria.

Os dez minutos terminaram, Fortunato desabou sobre a terra. A saga do povo pacífico de Rancas, que nunca teve cerca nem cadeado, trabalhadores que sobreviviam nas terras inóspitas dos Altiplanos Peruanos, comove o leitor pelo heroísmo. Desde que compreenderam o que significava o poder imensurável da

Cerro de Pasco Corporation que lhes tirava a vida aos poucos e era o monstro invisível às coniventes autoridades locais e à Lei, o Juiz Montenegro, lutaram sem arrefecer. A intenção da *Companhia*, com seu poder e lucros crescentes, era que abandonassem suas terras. Seus capatazes espoliaram e mataram homens e animais para que isso acontecesse. Mas fugir para onde, quem *vive no telhado do mundo*?

Foram barbaramente expulsos e mortos e Rancas destruída. “Redoble por Rancas”

Scorza e literatura fantástica

Scorza foi caracterizado como autor pertencente à corrente literária sul-americana, denominada Realismo Mágico ou Realismo Maravilhoso, devido aos elementos da literatura fantástica, presentes em sua “*A Guerra Silenciosa*”, pentalogia iniciada com “*Bom dia para os Defuntos*”. Sobre literatura fantástica e realidade sul-americana, lembro o pronunciamento de Garcia Marques, ao receber o Prêmio Nobel:

Me atrevo a pensar que es esta realidad descomunal, y no sólo su expresión literaria, la que este año ha merecido la atención de la Academia Sueca de las Letras. Una realidad que no es del papel, sino que vive con nosotros y determina cada instante de nuestras incontables muertes cotidianas [... Poetas y mendigos, músicos y profetas [...] hemos tenido que pedirle muy poco a la imaginación, porque el desafío mayor para nosotros ha sido la insuficiencia de los recursos convencionales para hacer creíble nuestra vida. (MARQUES, Gabriel Garcia, 2003. p. 121).

Fantástica não é a literatura, mas a realidade inimaginável da conquista da América Latina e o enfurecido e incontrolável desejo de poder de conquistadores e governantes, em seus massacres à população.

Em Scorza, aparecem, de variados modos, aspectos do fantástico. Incluem-se saberes tradicionais do povo, premonições, profecias, diálogos entre animais e seres humanos, conhecimentos misteriosos sobre o poder de ervas, deformações fisionômicas, mortos que falam e especialmente sonhos e ironias. Os sonhos ajudam a prever ações vitoriosas dos comuneiros, bem como traições e lutas inglórias. O sonho de Chacón, o episódio da moeda no primeiro capítulo e a fuga dos animais, no segundo, prenunciam os acontecimentos ao leitor: poder injusto da justiça; consequências de fatos inusitados e mortais para seres humanos e animais; revolta e sede de justiça até o fim por parte da população.

Os contos de seres imaginários e sobrenaturais fazem parte da história humana, em suas mitologias pagãs e cristãs. Também o contar e ouvir histórias. O Livro das Mil e Uma Noites, que retoma contos da antiga Pérsia e que foi muito valorizado por escritores, a partir do século 18, é pleno de interferências de gênios do bem e do mal, animais monstruosos, adivinhações e feitiçarias.

“Disse Shahrazade:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que existiu um rei estrangeiro, o qual governava a terra de Hurasan, chamado Muhammad Bin Salik [...] que apreciava tertúlias, narrativas, poesias, crônicas, histórias, serões e relatos sobre os antigos. Quem quer que conhecesse uma história de cor ia lhe contar e por ela ganhava presentes. [...] Saibam que eu descendo dos reis do Iêmen e certo rei pediu minha mão ao meu pai que me deu em casamento a ele. Passamos a nos amar. No entanto fomos atacados por outro rei, que conquistou nosso país à força; vagamos errantes pelo mundo afora [...] Saí então para espairer [...] e um gênio me sequestrou, trazendo-me para esta ilha, onde [meu marido] foi morto por este demônio que me tomou do

gênio e me pôs nesta caixa, da qual constantemente me retirava para ficar com ele.
(JAROUCHE, Mamede. 2018. P. 14 e 85).

Após o Século XVII, Século das Luzes, em que se privilegiou a racionalidade, artistas e cientistas procuraram mostrar que o exercício da razão era insuficiente, para explicar todos os comportamentos e emoções humanas. A psicologia e as artes passaram a ter papel importante no tratamento de assuntos relacionados à mente humana e o gênero fantástico se efetivou na literatura. O medo do imprevisível, os mistérios, a angústia diante do desconhecido tornaram-se assuntos da literatura que lidava com fatos entre o limite do verossímil e inverossímil, envolvendo o leitor em dúvida quanto a realidade ou irrealdade dos fatos narrados.

Por aí se vê o embate entre inteligência lúcida e certos fatos desconcertantes capazes de partir o hábito bem comportado de nossa percepção. Mediante o processo de estranhamento diante desses fatos aparentemente inverossímeis, se revelam zonas obscuras de nosso ser, aproximando-nos do mundo do louco, da criança, do sonho, do mito e da poesia. (ARRIGUCCI. Davi. 1987. p.144.)

A Literatura Fantástica na América Latina é importante, não apenas pela beleza estética de seus textos, mas por revelar, através de linguagem criadora e original, o absurdo do mundo em que vivem homens sufocados por imensas brutalidades, numa batalha incessante por direito à vida. A incerteza, frente a possibilidade e impossibilidade de acontecimentos serem reais, provoca questionamentos no leitor que pode refletir, de modo mais profundo, sobre o sofrimento e lutas dos personagens.

Um dos trechos irônicos e intrigantes do livro Bom dia para os Defuntos é o das pessoas apresentarem mudança na cor da pele e do cabelo. O personagem narrador leva o leitor ao antagonismo entre ilusão e decepção ao introduzir o assunto, referindo-se à alegria de um contingente de miseráveis, pela perspectiva de trabalho na Cerro de Pasco. Porém, passados alguns meses, começaram a perceber o infortúnio em que tinham mergulhado. Notaram que a fumaça assassinava os pássaros e que eles próprios mudavam de cor.

Os mineiros começaram a mudar de cor, a fumaça propôs variantes : caras vermelhas, caras amarelas, caras verdes. E coisa melhor: se um cara azul se casava com uma amarela, nascia-lhes uma cara verde [...] houve muitos que se assustaram e voltaram aos seus povoados. [...] A Cerro de Pasco mandou colar um cartaz, em todas as esquinas: a fumaça não fazia mal. E quanto às cores, a transformação era uma atração turística. O Bispo de Huánco pregou um sermão dizendo que a cor era uma caução contra o adultério. (SCORZA, 1984, p.82)

Em meio à narrativa desconcertante da situação descrita, surge a dúvida sobre a possibilidade de conter alguma verdade. Na exploração do cobre, na qual entram elementos químicos poluentes, o ar pode tornar-se irrespirável. A anoxia exigirá maior esforço do pulmão, causando doença e até morte. É provável que a Cerro de Pasco, entre tantos desastres causados à população, tenha também provocado cianose, a falta de oxigenação por gases tóxicos, agravada em lugares altos e frios, tornando as pessoas azuladas.¹ Porém a informação científica não desfaz totalmente a dúvida sobre as consequências que teriam ocorrido. Esse imbricamento entre real e irreal é característica da literatura fantástica na obra de Scorza.

Os sonhos, presentes em narrativas de diferentes povos e que passaram a constituir o gênero fantástico, são importantes em Bom Dia para os Defuntos. Segundo Borges, os sonhos constituem o mais antigo dos gêneros literários. “Os sonhos são uma obra estética, talvez a expressão mais antiga: e podem adquirir

1 Ciano em grego significa azul

formas estranhamente dramáticas, já que somos o teatro, o espectador, os atores e o enredo.” (BORGES. Jorge L.1987. p. 67/68)

Sonhos como os de Fortunato, do Menino Remígio, de Abígeo e de Chacón envolvem o leitor em cenas fundantes do enredo. Num deles, Chacón tem uma visão de julgamento que seria feito a Montenegro, por homens e animais, na Praça de Armas. Julgamento coletivo seguido de expulsão do juiz. Esse é um sonho premonitório, pelo qual o narrador parece advertir de que Chacón não realizará sua missão de livrar Rancas desse homem.

Hécor Chacón sonhou que cavalgava por um caminho nevado, absurdamente coalhado de flores. O escândalo de uma cantiga solitária - cujos versos não compreendia- convocava os homens: dez, cem, duzentos, quinhentos, mil, quatro mil homens avançaram pelo mesmo caminho, cantando uma canção inaudita. [...] Os beaguins chamaram todos os homens e animais da província para julgarem o Dr. Montenegro. [...] Há quem não tenha sido insultado por este homem? [...] Há algum cachorro que não tenha recebido pontapé deste homem? [...] Ninguém perdoou o doutor. (SCORZA, 1984, p. 62/3.

A estranheza causada por esse trecho se deve a diferentes elementos como as flores em meio à neve, à hipérbole expressa pelos números absurdos, depoimento de animais, ironizando a posição do réu e os versos incompreensíveis da cantiga. O sonho de Chacón intriga, pois ele que tem, ao longo da história, a ideia irredutível de julgar e sentenciar o juiz, no sonho aparece como espectador e nem compreende o que era cantado por quem fazia a convocação ao julgamento.

Sonho e fogo são ambos consideráveis por mudanças provocadas na história humana. Segundo Adélia Meneses, sonho e fogo eram bens inestimáveis, só permitido aos deuses. Prometeu foi eternamente castigado por ter roubado o fogo dos deuses para entregá-lo, junto com o sonho, aos homens. Em grego a palavra *phantasia* significa imaginação e vem de *phaos*, luz. Imaginar e ver são associados e não se diz: tive um sonho, mas vi um sonho. (MENESES. Adélia. 2002. p. 20). Chacón via a cena sem interferir.

No sonho de Chacón, insinua-se uma atmosfera sobre possíveis situações e fatos inesperados que o impedirão de estar, em momentos fundamentais da luta, junto de seus companheiros, o que realmente irá acontecer no final.

O estilo de Scorza, nessa obra, tem muito de ironia em expressões, descrições, e capítulos inteiros, nos quais aparece desde o título, caso do número 13 “Sobre a incrível boa sorte do Dr. Montenegro”. Esse é um trecho que reafirma o poder desonesto do Juiz e o efeito de demonstração de sua autoridade. Entretanto os fatos são narrados como se o sorteio descrito fosse correto. A ironia se depreende das entrelinhas.

Tratava-se de rifa em prol da escola. Eram angariadas prendas e o Posto Agropecuário de Junin ofereceu doze carneiros de raça australiana. Coube ao acaso que o primeiro sorteado fosse um simples morador, igual aos outros. O que se ouviu em seguida foi a voz de Montenegro gritando: “Isso é falcatrua!” [...] “Gelaram-se os pés dos organizadores.”

O Juiz alegava ser o ganhador, parente dos organizadores, num povoado em que a maioria tem parentes que nem conhecem, como era o caso do pobre homem. E “Todos os fogos do inferno não absolveram do seu indelével pecado original: a pobreza.”

Depois de uma conversa particular entre os que promoviam a festa, o sorteio continuou com a estranha sorte do Juiz que ganhou todos os preciosos carneiros.

“É difícil que uma multidão se mantenha quieta, mas esse caso sucedeu em

Yanahuanca.”

A ironia em Scorza vê-se em frases de sutil humor a dar leveza à narração dos fatos absurdos. Ao criar a possibilidade para o leitor de sentir a dor daquele povo, através dos diálogos e cenas, parece desejar manter certo equilíbrio entre o horror e humor que desmistifica a palavra das autoridades, como nas frases:

“A municipalidade destina (terrenos) para prometidos, imaginários edificios públicos [...] uma escola ou um posto sanitário. [...] O Conselho Municipal e o povo assistem a solene colocação da ‘primeira pedra’ [...] Nunca se coloca a segunda. O mais modesto dos vilarejos conta com dezenas de ‘primeiras pedras’. [...] O Peru inteiro é uma primeira pedra.” (SCORZA, 1984, p.18)

Os mortos e os espíritos entre os vivos também compõem a literatura fantástica e provocam hesitações sobre sonho, alucinação, imaginação, estados de perturbação mental ou forte emoção de quem e quando os escuta. Em *Bom dia para os defuntos*, é o personagem narrador quem nos conta a conversa entre os mortos.

“Semanas depois, nos seus túmulos, sossegados os soluços, acostumados à escuridão úmida, Dom Afonso Rivera lhe contou o resto. Porque os enterraram tão perto um do outro que Fortunato escutou os suspiros de Dom Afonso e conseguiu abrir um buraco no barro com uma varinha [...] E que aconteceu depois? “(SCORZA, 1984, p. 223).

A conversa com mortos, em *Bom Dia para os Defuntos*, possibilita reflexão sobre a impunidade dos poderosos envolvidos na posse da terra. O Procurador Rivera acordara no túmulo e contou a Fortunado sua última resistência até receber uma rajada de balas. Tufina, a velhinha, relatou como resistiram com pedras, enquanto incendiavam Rancas e Dom Teodoro falou sobre as perseguições e prisões e o poder então ampliado dos fazendeiros que destelharam e fecharam a escola de Uchamarca, transformando-a em chiqueiro para porcos. E chegavam outros para serem enterrados.

Todo o processo de destruição de Rancas pela *Cerro de Pasco Corporation*, iniciado com a Cerca e terminado pela brutalidade utilizada na expulsão dos moradores, foi tão imensamente atroz que assemelha a um continuado delírio do narrador. Nesse contar, a conversa entre os mortos se coaduna com aquele inimaginável sofrimento. Quem saberia do que poderiam sentir em sua agonia? O que pensariam dos que continuavam o enfrentamento? O real induz à narrativa fantástica na tentativa de possibilitar ao leitor o envolvimento na emoção de acompanhar a luta resistente de pobres camponeses e lavradores, em defesa de sua terra e de sua vida, contra o imperial poder da companhia americana.

O fantástico em Scorza, através de uma personagem: Cerca, lagarta de arame

“Em Rancas nunca aconteceu nada. Isto é, nunca aconteceu nada até que chegou um trem.” (SCORZA, 1984, p. 20). Dele desceu quem daria vida a esse ser mitológico, irrefreável e super-potente que nasceria nos muros do cemitério para semear a morte.

Os comuneiros abismaram-se diante do monstro que cercava um morro pelado, monumento da natureza tido como morto, com suas terras imprestáveis para qualquer tipo de plantação e riram dos loucos que realizavam essa despropositada aventura.

Porém o dia seguinte os alertou de que alguma coisa estranha acontecia. A Cerca engolia outro morro e se alastrava como contágio de pandemia. A quem

pertencia esse animal apocalíptico e de extermínio? Ao governo? A algum demente? Ao demo? *“Depois de engolir 42 morros, 80 lombadas, 9 lagoas e 19 cursos d’água A Cerca leste rastejou ao encontro da Cerca oeste. A altiplanicie não era infinita; a Cerca sim.” (SCORZA, 1984, p. 159)*

A Cerca barrava o caminho dos pastores e os obrigava, com suas frágeis ovelhas, a uma imensa volta para retornarem a casa, exaustos. Ao atravessar povoados, proibia moradores de ir de um lado a outro da rua. Sem explicações, era um nebuloso pesadelo real que separava famílias, fechava pastagens e água. Trancava a vida. *“Antes de se dividir em duas, meditou uma hora na beira da estrada, depois começou a correr a caminho de Huánuco.” (SCORZA, 1984, p. 54).*

A análise dessa personagem é importante exemplo, em que o fantástico não é apenas elemento estético, mas pode levar à reflexão sobre o poder das representações, no mundo contemporâneo. A Cerca é uma poderosa representação, porque vai além de uma imagem e interfere na vida do povoado. Lefebvre, em seus trabalhos sobre representação, nos adverte que *“Inevitáveis e necessárias, as representações não são, em razão disso, verdadeiras por vocação, por essência. Nem falsas. A reflexão é que lhes confere verdade ou falsidade, relacionando-as às condições de existência daquilo que as produzem.” (LEFEBVRE, H.1980. p.46).*

Esse pensador auxilia-nos a compreender como a Cerca adquire tal poder em Rancas a ponto de ser considerada invisível, embora causasse estragos concretos. Para tanto, devemos considerar duas tríades, na obra de Lefebvre: Vivido-Percebido-Concebido e Representante-Representação-Representado. As representações dependem do que um representante faz com o que é representado. Para se inteirar da falsidade da representação, criada por esse representante, é preciso questionar as relações entre representante e representado. A Cerca, em sua concretude de arame, é representante do poder da *Cerro de Pasco*, o representado. Essa relação cria uma imagem de cerca como ser vivo, isto é, uma representação falsa daquele poder verdadeiro.

As representações fazem parte da vida, são uma dimensão do vivido e não se pode viver sem se representar. Nasce também das relações de forças na sociedade e podem possuir grande poder de dominação, quando não se analisa a relação entre representado e representante. No caso da Cerca que é o representado, seu representante não aparece. Em certo momento, ninguém sabe quem a mandou construir, quem ela representa. Esse distanciamento é tão grave, esmaecendo o mandante, que se cria até a representação de que ela não faz mal a ninguém e nem mesmo é visível.

Nunca se soube porque uma epidemia açoitou Cerro de Pasco. Um vírus desconhecido infeccionou os olhos dos habitantes. Um enfermo capaz de indicar, por exemplo, as manchas de uma ovelha a dez quilômetros, era incapaz de distinguir uma cerca a cem metros. (SCORZA, 1984, p. 170).

Devido à pandemia, ninguém via a Cerca. [...] A Municipalidade concordou com uma moção tranquilizadora: interpor os bons ofícios da Municipalidade entre as comunidades e a Cerro de Pasco Corporation. O Alcaide solicitou uma entrevista. O superintendente da Cerro, Mister Harry Troeller marcou.[...] Entraram na imponente “Casa de Pedra” às seis e saíram às seis e catorze: na Cerro de Pasco também desconheciam a Cerca. (SCORZA, 1984, p. 71).

Esse trecho inteiro, carregado de ironia e humor ácido, evidencia que o poder das representações ocorre porque elas dissimulam o real, simulando o que interessa a quem interessa. Pela simulação podem se multiplicar, umas engendrando outras, se não se percebe sua dimensão enganadora. Daí a importância de se desmistificar

as representações e, nesse processo, Lefebvre nos lembra outra tríade: Vivido-Percebido-Concebido e nos alerta para a capacidade de se perceber o que se vive e dar um passo a mais para a concepção do que significa o que se percebe. Scorza utiliza esse percurso, via Literatura Fantástica.

Alguns moradores de Rancas logo manifestaram lucidez: Fortunato e o Procurador Rivera perceberam a velocidade com que a “lagarta de arame engolia os pastos” e compreenderam a ação aniquiladora da *Companhia*. Porém não tardou muito para que a realidade absurda vivida pelos pastores e camponeses de Rancas não deixasse dúvidas sobre quem deveriam enfrentar, atacando a Cerca. E o fizeram com valentia, nas condições que possuíam. Ficaram as cicatrizes. *Bom dia para os Defuntos* é a homenagem que Manuel Scorza presta à população dessas paragens dos Altiplanos Andinos. Para muitos foi uma luta inglória desse povo contra o poder; para outros, um estímulo a dar continuidade à luta que se trava no dia a dia, nos diferentes países da América Latina.

No Brasil, o enfrentamento às ações devastadoras de empresas mineradoras estrangeiras fez parte da vida e da obra de um poeta: Carlos Drummond de Andrade

Carlos Drummond de Andrade e o enfrentamento às mineradoras

O Crítico Literário José Miguel Wisnik publicou um livro fundamental sobre a importância de Carlos Drummond de Andrade, nas denúncias dos enormes desastres causados pela exploração de minérios, no Estado de Minas Gerais, Brasil, por empresas mineradoras inglesas, americanas e brasileiras. E o fez, na maior parte de sua vida, através de textos em jornais, ofícios e poesias.

Drummond nasceu em Itabira do Mato Dentro, em 1902, Minas Gerais, e sua luta foi principalmente contra os estragos que a destruição do Pico do Cauê provocou na sua terra e na região.

Ao ler a análise de Wisnik, associamos os textos de Drummond a diversos episódios narrados por Scorza. A população da cidade de Itabira do Mato Dentro vivia sua vida simples, numa cidade, sem atrativos, ou como diz o poeta *Cidadezinha qualquer*, junto ao do Pico do Cauê, ocupada em manufatura de couro e fabricação de peças de ferro para a lavoura, sem saber que dormia sobre um material preciosíssimo para os grandes ricos do mundo.

Um dia, em 1903, apareceram por lá uns ingleses que tinham a atitude esquisita de explorar aquele solo, sem serventia nenhuma e, em seguida, quiseram comprar terras a preço de banana. Os ingênuos moradores, julgando fazer bons negócios para pagar dívidas, prontamente aquiesceram ao desejo dos estrangeiros e ficaram até contentes.

*Zico Tanajura está um pavão de orgulho
no dólmen de brim cáqui.
Vendeu sua terra sem plantão,
sem criação, aguada benfeitoria,
terra só de ferro e aridez [...]
Vendeu a Mr. Jones [...]
De alegria até vai fazer a barba no domingo.
(WISNIK, J.M., 2018,. p .84)*

Sete anos depois, empresas norte-americanas participaram de um congresso internacional de geologia, no qual geólogos e mineralogistas brasileiros apresentaram um mapa das jazidas de ferro de Minas Gerais. A partir daí, iniciou-se um projeto de

exploração, em que foram oferecidos monopólios e subsídios a capitais nacionais e internacionais, para a indústria do aço internacional. Nesse ano houve uma corrida de estrangeiros para compra de terras. A Constituição considerava que os proprietários do solo brasileiro podiam também ser estrangeiros.

Assim começaram as ações das mineradoras inglesas e americanas que, ao longo dos anos exploraram trabalhadores de forma desumana, interferiram na vida da pacata população, provocaram desastres ambientais e nunca retribuíram à cidade alguns dos assombrosos lucros que obtiveram.

*O inglês da mina é bom freguês [...]
Mais invisível, talvez
Mais inventado que real,
Mas come bem, bebendo bem. [...]
o inglês existe [...]
No nevoeiro do alto da serra
(ANDRADE, C. Drummond de., 2017)*

Seus agentes mantinham-se à parte do povo e, como em Rancas, da obra de Scorza, apareciam como se não existissem. Criavam-se representações do poder que parecia distante daquele imediato sofrimento material e espiritual de quem via seu morro indo embora.

*Chego à sacada e vejo a minha serra
A serra de meu pai e meu avô[...])
Esta manhã acordo e
não a encontro.
Britada em bilhões de lascas [...]
entupindo 150 vagões,
no trem monstro de 5 locomotivas [...]
foge minha serra, vai
deixando no meu corpo e na paisagem
miseró pó de ferro, e este não passa..
(WISNIK, 2018. p 84)*

Drummond morreu, sabendo que sua luta não tivera nenhum efeito sobre o poder do grande capital. Nos anos 1940, a antiga Companhia inglesa, por acordo do Brasil com os EUA, realizado por Getúlio Vargas, saiu do país. Os americanos interessados nas minas de ferro durante a Segunda Guerra, para a indústria bélica, financiaram a restauração de máquinas e equipamentos, e modernizaram a extração do minério. O Brasil se encarregou da extração, transporte e exportação. Ótimo negócio para os EUA e assim, em 1942 foi criada a Companhia Vale do Rio Doce. O Pico do Cauê desapareceu, ficando uma cratera no lugar dele e outros morros continuam sendo corroídos, proporcionando lucros fabulosos e se transformando em montanhas de rejeitos assassinos, por anos a fio. A Companhia foi privatizada em 1997 com o nome de Vale S/A e hoje, pela lama que atingiu as cidades de Mariana e Brumadinho, é responsável pela morte de mais de 300 pessoas, destruição de vários municípios, do Rio Doce e do Paraopeba, por pessoas sem trabalho, com a vida despedaçada. Mas os donos da grande Companhia continuam impunes.

*A treva mais estrita já pousara
sobre a estrada de Minas, pedregosa,
e a máquina do mundo, repelida,
se foi miudamente recompondo,
enquanto eu, avaliando o que perdera,*

seguia vagaroso, de mãos pensas. (ANDRADE, C. Drummond de ,1967. p38)

*Cada um de nós tem seu pedaço no Pico do Cauê.
Na cidade toda de ferro
as ferraduras batem como sinos.
Os meninos seguem para a escola.
Os homens olham para o chão.
Os ingleses compram a mina.*

*Só, na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota incomparável.
(ANDRADE, C. Drummond de, 1967. p38)*

Interdisciplinaridade: um novo paradigma epistemológico da ciência.

A Interdisciplinaridade, como prática pedagógica, abriu janelas importantes na integração de disciplinas escolares para a compreensão de relações entre fenômenos naturais e sociais.

A interdisciplinaridade se inscreve nas transformações das ciências em seu trajeto histórico. Durante o século XX, cientistas de diferentes áreas buscaram novos paradigmas para a ciência que melhor respondessem às necessidades do complexo mundo contemporâneo. Não foram apenas os questionamentos de Einstein sobre a física newtoniana. Vieram outros, pondo em suspeição os dualismos rígidos entre subjetividade/objetividade; coletivo/individual; sujeito/objeto; ciências naturais/ciências sociais, além da intemporalidade das verdades científicas, a irreversibilidade, e o tempo-espaço absolutos, princípios norteadores da ciência então vigente. A matemática, auxiliar primordial nas pesquisas científicas, através de medidas e cálculos na busca das regularidades, deixa de lado fatores importantes como intenções e contexto. Por exemplo, o estudo do número de mortos pela pandemia, em determinado espaço social, associado à gênero, idade e situação econômica é essencial instrumento de pesquisa, porém ficam de fora, as diferentes necessidades ou escolhas na exposição ao vírus, crença ou descrença na doença e condições do atendimento hospitalar, isto é, atitudes mentais e sentido das ações.

A construção de um novo paradigma epistemológico, pensado por cientistas, um deles Ilya Prigogine, preconiza a substituição da intemporalidade pelo processo histórico e o determinismo pela imprevisibilidade e instabilidade. Tais substituições contribuem para averiguar a incompletude do saber científico e a necessidade de se buscar os distintos conhecimentos que possam auxiliar na diminuição dessa incompletude. Os debates entre cientistas prosseguem, como entre o matemático René Thom e o químico Prigogine, *“mas ambos são contrários à fragmentação dos conhecimentos e consideram que as ciências humanas e as ciências exatas estão condenadas a prosperar ou perecer juntas.”* No Século XX, são valorizadas as ciências sociais e os conhecimentos humanísticos, bem como uma nova visão ao chamado saber popular e o senso comum. Todos devem contribuir para melhor compreensão dos fenômenos naturais e sociais, em suas junções, suas diferenciações, seus métodos específicos, para melhores respostas aos problemas da vida, na complexidade atual. Sobre esses pressupostos, desenvolveu-se o método da interdisciplinaridade.

Métodos específicos particulares a cada ciência parcelar é um ponto que tem gerado equívocos na utilização da interdisciplinaridade em Educação. A integração de educadores, no processo pedagógico, tem tido grande alcance na melhoria do aprendizado. Porém é preciso considerar que as disciplinas escolares têm cada uma seu próprio método de estudo. A proposta de trabalho interdisciplinar é a do diálogo que só pode existir com o aprofundamento desses estudos e métodos. Tal

aprofundamento é que indicará os limites desse saber no assunto estudado. Indo-se a fundo em um determinado conhecimento é que se chega à necessidade de outras explicações, superada com a contribuição de outros saberes.

No estudo da América Latina, relatado aqui, decidiu-se pela literatura, como fio condutor. Os conhecimentos de História, Geografia e Literatura foram imprescindíveis ao entendimento mais profundo da ficção criada por Scorza, para revelar ao mundo, as injustiças e sofrimentos existentes na América Latina. Porém isso não significou que todos os professores devessem adotar os métodos de análise literária para lidar com seu próprio saber. Os fatos ocorridos nos Altiplanos Peruanos serviram para estudos mais amplos sobre o continente. História e Geografia utilizaram seus métodos próprios, para ensinar aos alunos não apenas os assuntos, como também os métodos de pesquisa de cada disciplina, no processo de conhecimento desses assuntos.

A interdisciplinaridade, como método de conhecimento, possibilita a integração de saberes, através de suas características mais específicas e suas permeabilidades, possibilitando um conhecimento mais completo do estudo proposto e respondendo a princípios fundamentais da construção do novo paradigma epistemológico da ciência.

Bibliografia

ANDRADE, Carlos Drummond de. A Máquina do Mundo. Em "Obra Completa". RJ. Aguilar. 1967

_____ *A Montanha Pulverizada*, em Menino Antigo. Boitempo II. 1973.

_____ *Boitempo. Esquecer para Lembrar*. SP. Cia das Letras. 2017.

_____ *Claro Enigma*. Obra Completa. RJ, Aguilar. 1967

ARRIGUCCI, Davi. "Enigma e Comentário; ensaios sobre literatura e experiência". SP. Cia das Letras. 1987.

BORGES, J.L. "Sete Noites". SP. Max Limonad. 1987.

JAROUCHE, Mamede M. "Livro das Mil e Uma Noites". Trad. vol. 3. RJ. Biblioteca Azul. 2018.

LEFEBVRE, H. "La présence et l'absence". França. Casterman. 1980.

LUTFI, Eulina. SOCHACZEWSKI, Suzana. JAHNEL, Teresa. As representações e o Possível. Em MARTINS, J.S. "Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética". S.P. Ed. Hucitec, 1996.

MARQUES, Gabriel Garcia. Em "Discursos". Premios Nobel. Bogotá. Común Presencia Editores. 2003.

MENESES, Adélia B. As Portas do Sonho. SP. Ateliê Editorial. 2002.

PONTUSCHKA, Nídia/LUTFI, Eulina P. Estudando o Peru, através do livro Bom Dia Para os Defuntos. Rev.Orientação. N.6. USP. 1985.

SANTOS. B.SOUZA. *“Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência moderna.* Rev. Estudos Avançados. Vol. 2. n.2. março/agosto 1988.

SCORZA, Manuel. Bom Dia para os Defuntos. RJ. Civilização Brasileira. 1984.

SORMAN, Guy. Les vrais penseurs de notre temps. França. Ed. Fayard.1982.

WISNIK, José M. *“A Maquinação do Mundo”.* SP. Cia das Letras. 2018.

Autoras

EULINA PACHECO LUTFI. Professora de Português,(USP), mestra em Metodologia do Ensino,(UNICAMP) e doutora em Didática, (USP). Foi pesquisadora do INRP (Institut National de Recherche Pédagogique), Paris. Participou de grupo de professores de escola pública de São Paulo, coordenados pelo Prof. Paulo Freire, na década de 80. Integrou, no período 1995/2017, a equipe multidisciplinar do Laboratório de Pesquisa e Ensino em Ciências Humanas da FE-USP, atuando com grupos interdisciplinares, na formação de professores em diversos municípios brasileiros. epachecolutfi@gmail.com

NIDIA NACIB PONTUSCHKA, in memória. Professora de Geografia (USP), mestra e doutora: Geografia (USP). Professora da FE- USP. Fundou com a Professora Circe Bittencourt o Laboratório de Pesquisa e Ensino em Ciências Humanas da FE-USP. Coordenou, Convênios USP-Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo, em diversas gestões, inclusive na do Prof. Paulo Freire. Trabalhou com a formação de Professores das Prefeituras de São Paulo, Guarulhos, Santo André, Diadema Espírito Santo do Turvo e outras de diversas partes do Brasil.

ABRIL PRA COR: Pensar com as Cores no Ensino de Arquitetura e Design

Eje/Eixo Temático 2

Karine Queiroz

Universidade Federal da Integração Latino-americana
Maloca - Grupo de Estudos Multidisciplinares em
Urbanismo e Arquiteturas do Sul

Resumo

Aborda-se a experiência de ensino ABRIL PRA COR desenvolvida na disciplina de Comunicação Visual Aplicada à Arquitetura e Urbanismo, desde 2014, durante os meses de Abril, divididos nos “dias da Cor” (azul, amarelo, verde e assim por diante). ABRIL PRA COR, é uma atividade que ocorre nesse mês, propondo às turmas de Arquitetura e Urbanismo para pensar na cor na arquitetura que permita uma “abertura” às potencialidades do seu uso no ambiente construído e habitado. As atividades tiveram como problemática principal o desenvolvimento da criatividade, sensibilidade e percepção da cor. As equipes assumem a responsabilidade pelo “dia da cor”, como espaço para a organização de um seminário participativo, experiências perceptivas em sala, debatidas entre colegas de América Latina e integração da turma. A atividade focou no projeto de Design de Interiores, com o desafio de interagir a cor com dois elementos na representação da maquete: a *hamaca* (rede, *kyra* ou *hammock*), na categoria do mobiliário e os elementos vazados arquitetônicos (cobogós, brises ou *muixaribis*) utilizados pelas suas potencialidades de conforto térmico apropriadas para o clima tropical, entrada de luz e composição. A análise dos trabalhos demonstra como a atividade se reflete na proposta pedagógica do curso, apresentando metodologias interpretativas presentes no ensino da UNILA e que permite identificar seus potenciais críticos e enunciativos na atividade projetual.

Palavras-chave: **Desenho latino-americano, Ensino da cor, comunicação visual aplicada à Arquitetura e Urbanismo, América Latina, equilíbrio cromático no espaço interior.**

Resumen

Se analiza la experiencia de enseñanza ABRIL Para COLOR desarrollada en la disciplina de Comunicación Visual Aplicada a Arquitectura y Urbanismo, desde 2014, durante los meses de Abril, divididos en los “días del Color” (azul, amarillo, verde, etc.). “ABRIL Para Color”, consiste en una actividad que ocurre en este mes, propuesta a las clases de Arquitectura y Urbanismo para pensar el color en la arquitectura, que

permitiría una “abertura” a las potencialidades de su uso en el ambiente construido y habitado. Las actividades tuvieron como problemática principal el desarrollo de la creatividad, sensibilidad y percepción del color. Los equipos asumen la responsabilidad por el “día del color”, como espacio para la organización de un seminario participativo, con experiencias perceptivas en sala de clases, debatidas entre colegas de América Latina e integración de los estudiantes. La actividad enfocó en el proyecto de Diseño de Interiores, con el desafío de interactuar con el color, con dos elementos en la representación de la maqueta: la *hamaca* (red, “*kyra*” o “*hammock*”), en la categoría de mobiliario y los elementos arquitectónicos cribados (“*cobogós*”, brises o “*muixaribis*”) utilizados por sus potencialidades de confort térmico apropiados para el clima tropical, entrada de luz y composición. El análisis de los trabajos demuestra como la actividad se refleja en la propuesta pedagógica del curso, presentando metodologías interpretativas presentes en la enseñanza de la UNILA y que permite identificar sus potenciales críticos y enunciativos en la actividad proyectual.

Palavras-chave: **Diseño latino-americano, Enseñanza del color, comunicación visual aplicada a Arquitectura y Urbanismo, América Latina, equilibrio cromático en el espacio interior.**

1. Apresentação: O Brasil na pandemia, a tríplice fronteira e integração da América Latina

“The future is uncertain and the end is always near”

The Doors

“Tenho sangrado demais

Tenho chorado pra cachorro

Ano passado eu morri

Mas esse ano eu não morro”.

Emicida. AmarElo.

(Sample de música de Belchior . Sujeito de Sorte)

No atual contexto de colapso generalizado da América Latina ao coronavírus nenhum artigo acadêmico pode se esquivar de analisar os impactos da pandemia no continente latino-americano. No caso do Brasil, o ato de denunciar e testemunhar as situações de negligência, negativismo e omissão do cuidado com a população do país são verdadeiramente flagrantes.

Esse artigo foi redigido em Abril e Maio de 2021 que poderá ser necessário inventar um superlativo para tratar das quase 4 mil mortes diárias de brasileiros na crise atual do coronavírus. Esperamos fortemente que nunca mais se repitam os eventos desses meses onde o Brasil atingiu a soma de 450 mil mortes. De fato, apenas nos quatro meses de 2021 o Brasil já soma mais mortes por coronavírus do que o ano de 2020. Foi neste ano que o mundo foi surpreendido pela pandemia e nos deparamos com a obviedade de que iniciada a desflorestação acelerada e a extinção desenfreada de ecossistemas caminhávamos a passos velozes para esta situação.

No caso da tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, o cenário de crise sanitária na pandemia de coronavírus não foi diferente. São alarmantes as mortes por coronavírus, especialmente aquelas evitáveis. Também são parte dessa realidade de populações inteiras em regime de lockdown e os efeitos na economia, com inúmeras situações de desemprego, desalento e pobreza que são experienciados

nesse *carrefour ou encruzilhada* da América Latina.

Desde o início da pandemia, a tríplice fronteira que recebia milhões de turistas para visitar as Cataratas do Iguazu, lado brasileiro ou lado argentino, ou a movimentada cena de venda de bens de consumo da Ciudad Del Este foi submetida à uma situação de lockdown que levou ao fechamento de fronteiras e a proliferação de uma pandemia da fome. Essas situações de pandemia têm um impacto enorme afetando especialmente as populações mais vulneráveis às condições de fronteiras entre os três países.

As três cidades, Foz do Iguazu no Brasil, Puerto Iguazu na Argentina e Ciudad Del Este no Paraguai operam em uma lógica complexa de redes de interação dependente da circulação de pessoas, coisas, economias, culturas e identidades.

No caso da área metropolitana de Foz do Iguazu, no Brasil, onde está localizada a sede da UNILA, a fronteira entre Brasil e Paraguai, pela Ponte da Amizade, ficou fechada entre os meses de março e outubro de 2020. Do outro lado, na fronteira entre Brasil e Argentina, pela Ponte da Fraternidade, até o presente mês de Maio de 2021 continua fechada e sem previsão de reabertura.¹

Para quem viviam do comércio, feiras artesanais, feirinhas, camelos e toda a espécie de comércio de subsistência, serviços, setor de construção, o fechamento como medida de contenção da propagação do coronavírus foi muito impactante. Por outro lado, segundo pesquisa do Grupo Consumoteca as reformas e decorações tiveram uma rápida subida em 2020 e 2021, onde 55% das pessoas da classe A e 39% da C fizeram alguma mudança na decoração neste período². Se por um lado, a necessidade do cuidado com a casa ou mesmo as novas formas de utilização do espaço doméstico (agora integrando trabalho, estudo, descanso e lazer) abriram caminho para ampliar as discussões sobre como organizar o espaço, por outro lado, também é a situação de confinamento e as condições de moradia que atravessam e expõem as vidas das pessoas em maior situação de vulnerabilidade à crise sanitária do coronavírus e da pandemia da fome.

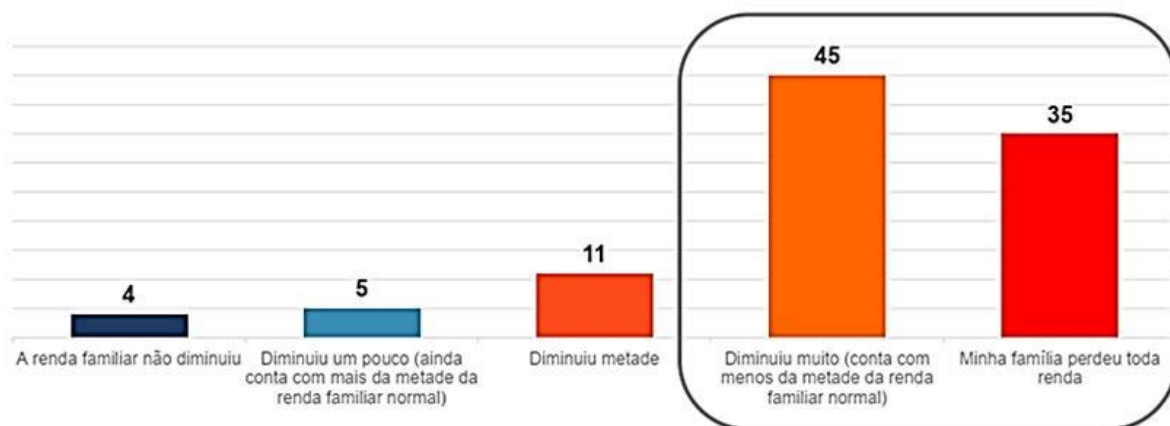


Gráfico 1- Observatório das desigualdades. Coronavírus e impacto na renda familiar. Fonte: Locomotiva & CUFA, 2020

1 A fronteira entre Brasil e Argentina somente mantém a passagem de caminhões pela Ponte da Fraternidade.

2 <https://extra.globo.com/economia/castelar/interesse-por-reforma-decoracao-de-casas-cresce-na-pandemia-rv1-1-24573510.html>



Imagem 1- Gripe Espanhola 1918.
Voluntárias Fazendo Máscaras,
Cruz Vermelha. Getty Images



Segundo uma série de pesquisas e documentos, tem associado às condições de moradia e especialmente a impossibilidade do distanciamento social como uma das principais características que explicam como a desigualdade social pode ser medida pela crise gerada pelo coronavírus³. Observe-se o gráfico apresentado por pesquisa na Central Única de Favelas que demonstra que 35% das famílias perderam totalmente a renda com a pandemia de coronavírus.

Um outro aspecto observável com a crise que se apresentou com o coronavírus foi toda uma cultura digital nova que se formou a partir do isolamento social. O mundo inteiro experienciou uma cultura de lives, streamings, comércio eletrônico e todo tipo de suporte à essa nova forma comunicacional que se criou.

Imagem 2 - Coronavírus 2020 .
Voluntários produzem máscaras
para hospitais sem estoque devido
a pandemia do coronavírus — Foto:
Arquivo Pessoal/Laísa Aguiar.
Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2020/03/22/hospitais-do-piaui-pedem-doacoes-de-material-para-producao-de-equipamentos-de-protecao.ghtml>

2. Uma Universidade para a integração latino-americana e o ensino de projeto em pandemia

*Todas las voces todas
Todas las manos todas
Toda la sangre puede, ser canción en el viento
Canta conmigo, canta, hermano americano
Libera tu esperanza con un grito en la voz
Canção de Mercedes Sosa*

Criada em 12 de janeiro de 2010, a UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-americana tem a missão de formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina. As atividades acadêmicas da Universidade tiveram início em 16 de agosto do mesmo ano. A UNILA tem atualmente 29 cursos de graduação distribuídos em 4 institutos. A comunidade internacional da UNILA é composta atualmente por 32 nacionalidades de toda a América Latina⁴.

O Curso de Arquitetura e Urbanismo CAU-UNILA está vinculado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território (ILATIT) e formando parte do Centro Interdisciplinar de Território, Arquitetura e Design (CITAD). A primeira turma iniciou no ano de 2012, sendo formado por 10 semestres.

³ Matéria da BBC sobre o caso de Manaus, que teve um surto descontrolado de coronavírus, pode ser explicado por desigualdade entre ricos e pobres. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54472139>

⁴ O processo seletivo para estudantes brasileiros ocorre uma vez por ano, sempre no início do ano, através do SiSU (com base nas notas do ENEM mais recente). A exceção é o curso de Música, que tem processo seletivo próprio (porém, também utiliza a nota do ENEM). Para os estudantes não brasileiros, a seleção ocorre também uma vez por ano, através do Processo Seletivo Internacional. <https://portal.unila.edu.br/graduacao>

No dia 15 de Março de 2020, pela portaria 27.962 a UNILA decreta a suspensão das atividades letivas e para todos nós a notícia de que vivíamos uma pandemia mundial se revela um desafio amedrontador. Fomos para casa, nos fechamos nesse espaço íntimo e dali passamos a falar e atuar com um novo léxico. Máscara, isolamento social, álcool gel, spray de álcool 70, quarentena, e claro, a nova palavra que estava em tudo, COVID-19 ou coronavírus ocupou novo mundo! Não tivemos Abril Pra Cor em 2020.

A UNILA teve em 2020 o semestre suspenso entre os meses de março e junho. O ano de 2020 teve no segundo semestre o regime excepcional não obrigatório de aulas entre agosto e novembro de 2020, sendo facultativa a manutenção das aulas tanto para docentes como para discentes⁵. No primeiro semestre de 2021 o curso está funcionando em regime EAD.

3. O ensino da cor em Arquitetura e Urbanismo

*Tenha fé no azul que está no frevo
que o Azul é a Cor da alegria.*

Trecho de música de Alceu Valença

A disciplina de Comunicação Visual Aplicada à Arquitetura e Urbanismo integra a matriz curricular do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNILA - CAU/UNILA no atendimento de um Projeto de Pedagógico de Curso de Arquitetura e Urbanismo que se caracteriza pela sua notável capacidade de buscar conter as aberturas necessárias para uma reflexão sobre a espacialidade no contexto latino-americano.

O ensino sobre o uso da cor no espaço interior como pretende mostrar esse artigo se dá na disciplina de Comunicação Visual e especificamente através da experiência dos seminários do Abril pra Cor, que se desenvolve como atividade de ensino com “Dias da cor”, nas cores Azul, Amarelo, Vermelho, Verde e Violeta, acontecendo como atividade projetiva desenvolvida em equipes de 6 discentes desde o segundo semestre de 2014 e nos meses de abril desde 2015. O fato de que a disciplina usualmente é oferecida nos primeiros semestres facilitou a adoção do nome Abril no título da atividade, buscando relacionar um duplo sentido de com o verbo “abrir”, neste caso, no pretérito perfeito.

No ano de 2021, em que comemoramos o centenário de Paulo Freire é sempre importante relembrar uma das suas máximas, “educação não transforma o mundo”, educação muda as pessoas. As pessoas é que transformam o mundo”.

Neste sentido, a proposta do Abril Pra Cor sempre conteve alguma esperança de ser um mês que possa permitir o crescimento dos futuros arquitetos e arquitetas latinoamericanas através da cor. Florescer em abril! Certamente bebendo um pouco do significado do mês de abril. Nos dois sentidos, tanto do mês de abril, como mês de florescimento do outono no hemisfério sul e ligado à Páscoa, às colheitas e abrir o caminho para novos recomeços, quanto à questão da aproximação com o fenômeno complexo da cor que dá a tônica da atividade.

No Latim *Aprilis*, *significa abrir*, numa referência à germinação das culturas. Outra hipótese sugere que Abril seja derivado de *Aprus*, o nome etrusco de Vénus, deusa do amor e da paixão. Outra versão é que se relaciona com Afrodite, nome

5 A autora ministrou a disciplina de Design Activism

grego da deusa Vênus, que teria nascido de uma espuma do mar que, em grego antigo, se dizia “abril”⁶.

Essa abertura para a cor é um aclame à percepção sensorial dxs alunxs às suas referências latino-americanas sem pretender, contudo, que isso seja essencialista à cor. Poder usar a cor com consciência e a certeza de que se constrói um saber-fazer da cor através da atividade coletiva e sensível.

4. Abril pra Cor, desde 2014 fazendo a América Latina se integrar pela cor



Imagem 3- Abril pra cor - Coletânea de fotos dos dias Amarelo, Vermelho, Azul, Verde, Violeta e Terra, 2014.

O “Abril pra cor” é uma atividade didático-pedagógica desenvolvida no Curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal da Integração Latino-americana que consiste em uma série de “Dias da Cor” formulados em formato de seminários em que equipes de discentes desenvolvem um trabalho em grupo para apresentar uma série de processos criativos, estudos e projetos de interiores através de uma cor como tema.

Como prática de ensino, o Abril pra Cor acontece na disciplina obrigatória do eixo de Meios e Representação do CAU-UNILA. A proposta didática é a de oportunizar uma atividade de projeto de design de interiores, além de toda uma experiência sensorial, festiva e integradora no dia da cor.

Os seminários do Abril Pra Cor acontecem quase sempre no mês de abril desde o ano de 2014 de maneira contínua, tendo sido interrompido no ano de 2020 devido ao cancelamento do semestre e retornando neste ano de 2021 tem sua primeira edição em Regime EAD.

Em formato de seminários em que os discentes se organizam, a equipe dispõe uma cor como tema (Azul, Amarelo, Vermelho, Verde e Violeta) a atividade desenvolve uma atividade de projeto de design de interiores, além de toda uma experiência sensorial no dia da cor. A atividade letiva se organiza em dois pilares: instrumentação e experimentação .

⁶ A disciplina de comunicação visual e a atividade do Abril Pra Cor neste ano de 2021 têm duas novidades, a primeira vez no regime EAD e a primeira vez com duas docentes, professoras Karine Queiroz, presente nos últimos anos e Stamatia Kolimboucha, a quem agradeço a interlocução e me regozijo com a partilha de ideias e pensamentos sobre o ensino

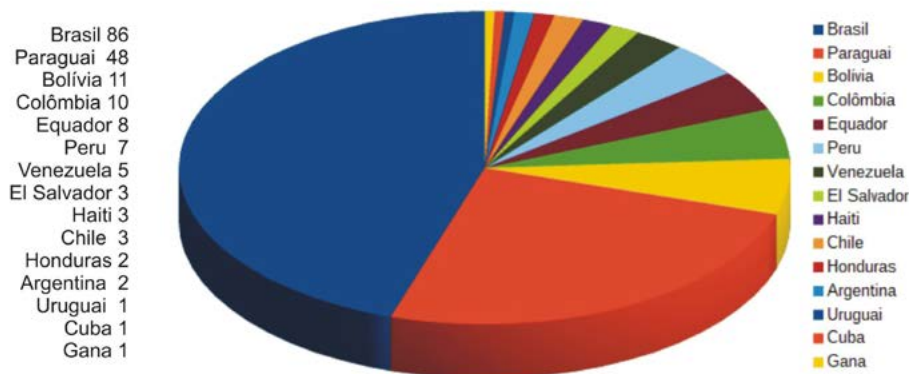


Gráfico 2. Distribuição dos alunos Abril Pra Cor por nacionalidade, entre os anos de 2014 a 2021 EAD, exceto 2020 ano que foi cancelado o semestre.

A diversidade de culturas e sujeitos presentes no espaço acadêmico da UNILA por si só já amplia as noções de bem viver e habitar. Ao observar a composição de 15 nacionalidades que já frequentaram a dinâmica do Abril Pra cor, nos permite perceber que esse ganho de contextos, diferenciação na percepção da cor e seus usos já traz uma transcendentalidade importante para o ensino de projeto.

Os seminários do Abril Pra Cor buscam desenvolver uma experimentação consciente com o uso da cor no espaço interior como busca para a criação de consciência projetiva autônoma no discente de arquitetura e urbanismo. Neste sentido, ao criar uma demanda projetiva que permite a improvisação em atividade coletiva pretende quebrar incertezas no uso da cor.

A proposta do Abril Pra Cor define como tema central do projeto coletivo a materialização de uma reflexão sobre o impacto da cor no projeto de uma reforma de casas da Vila C, bairro operário que foi criado na construção da Usina Itaipu. Como o curso de Arquitetura e Urbanismo - UNILA está organizado no espaço intitulado "Barrageiros", dentro da Usina, a proximidade com o bairro permite que os discentes se aproximem da dinâmica de materialização do uso da cor no projeto de arquitetura.

Com o objetivo de criar o entendimento dos usos da cor, a atividade letiva de cada grupo da cor precisa criar consciência das influências volumétricas conseguidas através da interação das cores. De fato, a experiência do trabalho Abril pra Cor não prescinde de uma crítica às abordagens modernistas da cor que, muitas vezes, tem sustentado relativa estigmatização ao uso de cores e ao desconhecimento técnico de como obter equilíbrio cromático, por contraste ou por analogia.⁷

Segundo Mônica Araújo, "O grande problema encontrado, que contribuiu para a continuidade de um estado anti-cor nos cursos de arquitetura, foi a não admissão da subjetividade da cor como característica para o seu uso". Para a autora, com o movimento purista e especialmente da ruptura de Le Corbusier entre arte e arquitetura:

"Deixa de existir a identidade lugar-usuário, onde a forma visível arquitetônica oculta as relações distanciadas que determinam a sua natureza. O Purismo conceitua a forma e o volume, precedendo a cor, transforma-a em acessório. Aqui inicia-se a ruptura. Podemos entender, tanto quanto o início de seu resgate, quando analisamos a formação também pictórica de Le Corbusier. Ele mesmo afirma que a pintura é que o levou para a arquitetura e motivou a separação de ambas". Araújo, 2007: 114.

⁷ BBC News. Como mito de estátuas gregas brancas alimentou a falsa ideia de superioridade europeia. Reportagem de 9 de maio de 2021. Reportagem Elisa Kriezis. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56723825>.

Figuras importantes como Le Corbusier , Adolf Loos e outros colaboraram com o ideal modernista da brancura como caráter universal da forma com superioridade à cor de modo que para esses autores a cor somente foi incorporada ao projeto arquitetônico com as cores primárias capturadas pelo movimento De Stijl, em figuras como Van Doesbourg e Van Erstern.

O Abril Pra Cor se baseia na leitura de que a atividade projetiva precisa compreender a não neutralidade da adoção de determinada cor no ambiente decorado e de que a harmonia cromática sempre captura a produção de sentidos, faz parte das dinâmicas adotadas em sala de aula.

A ruptura com o uso da cor na arquitetura deve muito ao movimento purista que teve como difusores, figuras como Le Corbusier e Ozenfant, quando escrevem “Depois do Cubismo” em 1918⁸. De fato, Le Corbusier somente vai retomar o debate da cor em 1937, portanto após os desdobramentos da Escola da Bauhaus (1919-1933) no ensino de projeto, referindo-se ao projeto do Pavillon des Temps Nouveaux .

Em caminho oposto, Victor Vasarely , pintor austriaco, defendia uma dimensão mais social e política nos estudos de aplicação de cor em projetos, principalmente em arte mas também em arquitetura, em que aponta o uso da cor pela sua dimensão sensorial, plástica e perceptiva. Nesse sentido, a forma e a cor não apontam relativo protagonismo entre as duas, conferindo à cor uma importância disruptiva e que poderia encontrar sua dimensão sensorial ocupando espaços na malha urbana da cidade, onde a cor se converte em um caminho para a produção de identidades na cidade.



Imagem 4 - Fotografia de maquete .
Equipe Azul, tema pub, 2018.

No caso do ensino de Arquitetura e Urbanismo na UNILA, o uso da cor na atividade projetiva encontra eco na questão apontada por Arturo Escobar (2016) da necessidade de ligação entre o desenho latino-americano e o desenvolvimento de autonomia.

Ancorado em uma percepção da América Latina de maneira autônoma e auto significativa, que se produz na interação entre diferentes identidades que formam o cosmopolitismo latino-americano presente na UNILA, as atividades do seminário buscam criar o espaço de envolvimento e improvisação pela cor.

5. Metodologia dos seminários do Abril Pra Cor

Existe uma história de que um aluno de Bach certa vez o perguntou sobre como é que conseguia pensar em tantas melodia, ao que Barch respondeu “minha maior dificuldade é evitar tropeçar nelas quando me levanto de manhã”. As forças interiores da criação musical e seus infinitos arranjos estavam ali, todo o momento dispersos na experiência vivida daquele músico apaixonado de modo que ao organizar a sua própria tempestade de ideias, sob a forma de uma melodia definitiva, ocorria uma libertação dessas melodias, que ao serem materializadas se “encarnavam” e o brilhantismo musical de Bach poderia se debruçar para um novo processo criativo.

Michelangelo também tinha uma interpretação para o seu processo criativo na forma escultórica e dizia que a forma estava contida na pedra de modo que o seu

⁸ O texto “Depois do Cubismo” publicado no jornal “L’Esprit Nouveau”, apresenta como base o diálogo entre Philebus de Platão, onde o filósofo aponta que a cor apresenta dificuldades de universalização.

trabalho consistia em libertá-la. Essa maneira intuitiva de descrever o processo criativo, como o fator de descortinar e libertar o que já estava contido na matéria e assim libertar o sujeito criativo para a improvisação e a sensibilidade.

A dinâmica em sala de aula é a seleção de dias letivos inteiramente dedicados a uma cor tema de modo que a equipe do “Dia da Cor”, organizando um seminário sobre a cor tema com estudos sobre equilíbrio cromático, usos da cor nas diferentes culturas e com especial interesse sobre os desdobramentos da cor-tema nas culturas latino-americanas. Através desses seminários nas várias edições do Abril Pra Cor que informações sobre a cor circularam no CAU-UNILA. O pigmento azul Maya nos afrescos de Bonpanamk , o pigmento vermelho da cochinilla dos Andes, o amarelo na Pedra do Sol dos Astecas, as cores da Wipala, o verde das esmeraldas na Colômbia ou os verdes- azulados nas vestes do ‘Señor de Sipán’ foram referências que se popularizaram através dos anos.

Neste sentido, a dinâmica metodológica do Abril Pra cor pretende organizar um processo criativo nas equipes de discentes em arquitetura de modo a proporcionar o aprendizado da cor através da atividade projeto. Neste sentido, os grupos de discentes são divididos em grupos da cor e com o tema do espaço decorado por sorteio (Tabela 1 - temas 1 e 3).

Abril para Cor		
1	2	3
Cores Azul Amarelo Vermelho Verde Violeta Terra	Design de Interiores Competentes obrigatórios do projeto: 1. Rede, hamaca ou kyra, como mobiliário obrigatório 2. Cobogó, Brises ou Muixaribs, como elementos vazados	Tipos de ambiente: A. Pequeno negócio integrado em cômodo no espaço doméstico (relação público) B. Co-working Comunitário C. Pub, Bar ou Restaurante D. República estudantil E. Espaço de convívio comunitário (biblioteca, oficinas de artes, academias Etc)

Tabela 1 - Mapa dos componentes do Abril Pra Cor que cada equipe deve propor (além da sala e apresentações dos seminários)

Como modo de criar uma aproximação com situações reais de projeto de design de interiores a atividade projetiva também organiza uma série de elementos obrigatórios que devem estar presentes nesse projeto de espaço decorado, a saber: inclusão de pelo menos uma rede (hamaca ou Kyra) como mobiliário obrigatório e a adoção de elementos arquitetônicos vazados (Cobogó, Muxarabi ou Brise).

Durante as edições entre 2014 e 2019, no modo presencial, as salas de aula foram decoradas com a cor tema , além da obrigatoriedade de que toda a turma estivesse trajada com a cor do dia da cor em questão. Abordar princípios que permitam o desenvolvimento de experiências sensoriais com a cor e proporcionar ao alunxs de arquitetura



Imagem 5- Sala decorada, dia violeta, Abril pra Cor, 2016.

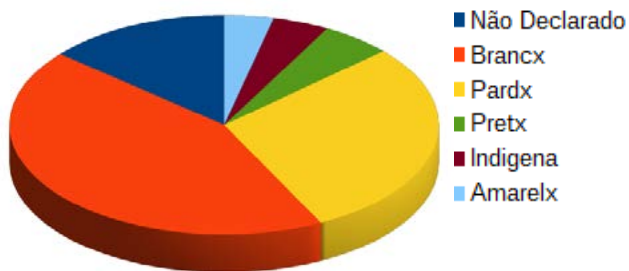


Gráfico 3 - Divisão dos discentes no Abril Pra Cor, pela autodeclaração de raça (Os discentes quando matriculados na UNILA são convidados a fazerem a autodeclaração racial.)

e urbanismo na UNILA as oportunidades de desenvolver uma memória corporal com o fenômeno da luz foram os princípios gerais que nortearam a atividade do Abril Pra Cor na sua primeira edição em 2014.

O fundamento consiste em organizar uma experiência da sala de aula inteiramente azul, amarela, vermelha e assim sucessivamente em cada uma das cores tinha como objetivo oportunizar as sensações, debates, percepções e vários aspectos de cada cor.

Neste sentido, a busca da atividade do Abril pra Cor consiste em afirmar a necessidade de que o aprendizado do “saber-fazer” que apresente

a possibilidade do ato de pensar as soluções apesar das condições de escassez de informações, questão que penso ser especialmente pertinente no ensino de projeto para a primeira geração propriamente adulta em um mundo digital.

A atividade criativa como a dimensão do sonho, do fluir de idéias, do “insight” e da experiência estética, tem vindo a ser transferida na modernidade da atividade projetiva para o ato de consumir⁹, como vem demonstrar a tese de Colin Campbell (1987). Desta forma, a atividade de definir o uso da cor tem perdido a sua dimensão experimental para uma ideia subjetiva que conecta a escolha da cor ao mero juízo de gosto. Nessa dimensão, a atividade didática abril pra Cor pretende revigorar compromissos projetivos da seleção da cor consoante a compreensão da luz como fenômeno eletromagnético e a cor como parte do espectro visível da luz que tem capacidade de interferir na nossa percepção do espaço (Modesto Farina, 1982), (Kandinsky, 1996), (Karlen, 2010).

A crítica de Boaventura de Sousa Santos às dicotomias da modernidade (imanência/transcendência, natureza/cultura e sujeito/sociedade) permite reconhecer como as formas distintas de criatividade, especialmente no caso do espaço interior como os modos de viver e usos da cor, são subalternizados, adquirindo um sentido de particularidade, o que impossibilita fornecer-se soluções que extrapolam um contexto específico.

Perante essa perspectiva, todas as formas de produção do espaço que não assumam a circulação monetária como centro da existência são consideradas como formas não contemporâneas e residuais de artefactualidade. O conceito do *desperdício das experiências* (Santos, 2001) revela-se importante para cartografar como a hegemonia da ciência e do bom gosto presente na arquitetura, no design de interiores e no design de produtos. Essa hegemonia gera critérios de rigor de conhecimento que ditam a irrelevância de outros conhecimentos. Neste contexto, a redefinição da centralidade das epistemologias do sul (Santos, 2009) é tema central nas atividades didáticas aqui desenvolvidas.

Nesse sentido, a atividade projetual que contribui para a transição de paradigmas compreende prioridades distintas da ação projetante que reúne o improvisado, o espanto, o ritual, e as formas de sociabilidade presentes como a dádiva, a feira e a festa, e as reflexões suscitadas *pelo* e *no* ato de “pensar com o corpo” ou pensar no processo de criação da espacialidade (Guizzo, 2019).

⁹ Faz-se o debate dessa questão de como a criatividade foi transferida para o ato de consumir em outros textos.

Este modo de compreender a realidade mediante a sua transformação, que tem sido historicamente desprestigiado inclusive na divisão entre as artes liberais e artes mecânicas (em latim: Artes Mechanicae) é aquele que potencialmente favorece a transformação dos paradigmas atuais para a produção de bens de consumo e das formas de habitar. A atividade criadora permite a uma subjetividade socialmente localizada compreender que a realidade transcende as nossas capacidades de conhecê-la¹⁰.

Esse mergulho nas cores permitiu que estudantes de toda América Latina da UNILA possam ter se encontrado com a cor nas várias edições do abril pra cor desde 2014. As atividades desenvolvidas em sala constavam de apresentações sobre pesquisa bibliográfica, estudos de composição e equilíbrio cromático e organização de um seminário sobre a cor tema¹¹.

6. O Espaço Interior Reencantado e o ensino da cor

Um trecho de Ruedi Baur permite demonstrar a angústia compartilhada por muitos arquitetos e designers, os quais temem que a metodologia de projeto possa ser uma amálgama que obscurece a história da poética através do mundo. O texto resultou da reflexão deste autor a partir de sua apresentação em uma conferência intitulada “História del Diseño en América Latina” que ocorreu cidade de Cholula, México:



Imagem 6 - “Dia Amarelo” de alunos e professora CAU-UNILA, Abril Pra Cor, 2016.

Estou sentado para falar de design em uma magnífica biblioteca desta capital indígena chamada de [cidade das] Mil igrejas. O lugar influi sobre o pensamento. Como não ler, nesta cidade, a extrema violência do choque histórico entre culturas visuais locais e o que se poderia chamar de “design oficial” ou “design global” dos invasores cristãos europeus? Os efeitos desta guerra dos signos resultam perceptíveis ainda hoje. O número totalmente exagerado de lugares religiosos cristãos, sua localização simbólica sobre antigas pirâmides indígenas ou, pelo contrário, a liberdade das interpretações da iconografia cristã feita pelos pintores indígenas, mostram a dimensão visual desta luta encarnada entre duas culturas. Como, neste contexto, não associar estes elementos históricos com os efeitos atuais da globalização? Como neste lugar não questionar-se pelo papel que pode ter o design na unificação cultural a serviço do mercado? A conferência sobre o “design público” que exponho nesta biblioteca aos meus colegas me incomoda muito. Como falar de minha atividade ou de design em geral neste lugar? Ao mesmo tempo, como não falar de design neste lugar? (Baur, 2008: 232)¹².

O texto busca analisar as relações entre o “design global” e o “design contextual”, e aprofunda o questionamento sobre a capacidade do design de credibilizar os processos de imposição cultural e, por conseguinte, de descredibilizar

10 De fato, essa dimensão do sonho e da experiência estética, tem vindo a ser transferida para o ato de consumir e assim justifica o minimalismo e a frugalidade discursiva dos objetos como modo de consumir mais.

11 Apresentação Grupo Azul no ano de 2015 <https://prezi.com/ralf6kuswct2/untitled-prezi/>

12 Sílvia Fernández e Gui Bonsiepe organizaram o livro “História do design na América Latina” com vários temas e explorando a história do design em diferentes países como Colômbia, Uruguai, Brasil e Argentina

aquilo que não siga as suas regras. O ponto de discussão do autor consiste em questionar se existe modo de desenvolver o design particular, aceito como tal, e apesar de suas diferenças. O autor destaca a problemática da definição do termo design, seus limites, e a conformação do termo a uma acepção determinada pelo Ocidente. O autor define o design como “transformações que surgem da vontade humana”, na perspectiva de criar uma definição mais alargada. Essa definição busca descortinar o sentido da vontade de transformação humana, e perceber que aquilo que designamos de “design global” poderá surgir de duas perspectivas de transformação: a primeira com interesse econômico, e a segunda com o simples propósito de substituir o velho pelo novo.



Imagem 7 - Projeto de Centro de Yoga, Dia Violeta, CAU-UNILA, Abril Pra Cor, 2021.

Compartilho das preocupações desse autor de que a transformação, que neste texto denomino *poiésis*, ou saber-fazer, no sentido de que a atividade de ensino de arquitetura e urbanismo na América-latina deve fornecer subsídios para que os discentes possam se interessar em construir novos sentidos para o habitar, o espaço decorado e o uso da cor no espaço interior.

Neste sentido, a proposta de ensino da disciplina de Comunicação Visual Aplicada à Arquitetura e Urbanismo, e de maneira mais direcionada para as atividades desenvolvidas na atividade do Abril Pra Cor, tem como dimensão epistemológica debater a hegemonia do Ocidente para definir o espaço interior e buscar desenvolver uma prática projetiva que possa se apresentar na dinâmica entre as categorias do ocidente e aquelas que permaneceram à margem desse processo histórico, contudo, que de alguma forma conseguiram chegar à nossa contemporaneidade como esferas relevantes do “ser latino americano”.

A dinâmica em sala de aula busca perguntar quais são as referências de espaço, noções de bem viver, sensações e estéticas que são proveniente desse presente como “veias abertas” ou “percepções abertas” da América Latina. Nesse sentido, um dos efeitos de respeitar a guerra simbólica de signos, juízos de gosto, de bem viver, utilidade, noções de valor e epistemologias produzidas pela colonialidade.

Dito de outra forma, aprender com a liberdade da cor no espaço decorado mesmo que contaminado pelas formas de rigor estético do ocidente e da modernidade,

permite claramente que o discente seja “embebido” por novas noções de gosto, harmonia e equilíbrio como materialização no futuro latino-americano.

Em suma, toda vez que um designer e arquiteto latino-americano se reconhece como mestiço, contaminado, fronteiro e dotado de um barroquismo somente possível por quem entende a luz e a cor nos trópicos, encontramos modos de credibilizar nesse futuro arquiteto, designer e urbanista, os modos de vida e sensibilidade latino-americana.

A cor, como lugar do autêntico, do sensível, permite mostrar que a tradição ocidental é tão imprescindível como insuficiente para dar a dimensão dos modos de habitar e de organizar o espaço interior.

Neste sentido, um ensino de arquitetura e design que subverte o protagonismo das teorias modernas e traz a dimensão do sensível e a corporidade do projetista como fundamento principal do ato de compreender a espacialidade e a sua transformação é o fundamento epistemológico de um ensino insurgente e a produção de autonomia como métrica para a didática na arquitetura e urbanismo.

Encorajar aos discentes nas equipes da cor-tema para descoberta e o desenvolvimento de suas próprias noções de gosto permite o desenvolvimento de linhas expressivas autônomas sobre forma, cor e demais fenômenos perceptivos.

Referências

ARAÚJO, Mônica de Queiroz Fernandes. **A Cor Incorporada Ao Ensino De Projeto**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

BAUR, Ruedi (2008), “Diseño global y diseño contextual”. In: FERNÁNDEZ, Silvia & BONSIPE, Gui, (coord), **Historia del diseño en América Latina y el Caribe: Industrialización y comunicación visual para la autonomía**. São Paulo: Editora Blüncher. pp 232-237.

CAMPBELL, Colin (1987), **The Romantic Ethic and the Spirit of Modern Consumerism**. Oxford: Basil Blackwell.

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño : La realización de lo comunal**. Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgard Blucher, 1982.

GUIZZO, Iazana. **Reativar territórios: O corpo e o afeto na questão do projeto participativo**. Belo Horizonte. Quintal, 2019.

INSTITUTO LOCOMOTIVA & CUFA. **“Pandemia na Favela: A Realidade de 14 milhões de Favelados no Combate ao Novo Coronavírus”** . Junho de 2020.

JAPPE, Anselm. et al. **Capitalismo em quarentena: Notas sobre a crise global**. São Paulo: Elefante, 2020.

LIDWELL, Willian et al. **Principi universali del design**. Modena: Logos, 2005.

KANDINSKY, Vasili. **Punto y linea sobre el plano: Contribución al análisis de los elementos pictóricos.** Buenos Aires: Paidós . 1996.

KARLEN, Mark. **Planejamento de espaços internos com exercícios.** Porto Alegre, Bookman, 2010.

MOASSAB, Andréia. **Por Uma Arquitetura Decolonial: O Curso da Unila e a Integração pela Habitação Social, Justiça Ambiental e Direitos Humanos** in: Anais do I Seminário Internacional . A DIMENSÃO SOCIAL DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL- Após 47 anos do “Taller Total” na FAU – UNC, 1970-1975. V.1.nº 2. São Paulo,2017.

Moassab, Andréia. Name, Leo (2020). **Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo.** Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020.

NACHMANOVITCH, Stephen. **Ser criativo: O poder da improvisação na vida e na arte.** São Paulo: Summus, 1993.

SANTOS, Boaventura S. **A crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência.** Porto: Afrontamento. 2001

SANTOS, Boaventura S. **Una Epistemología del Sur: La reinención del conocimiento y la emancipación social.** México: Siglo XXI, CLACSO. 2009.

SCHMIEKE, Marcus. **Vastu : Construção e decoração de interiores segundo o feng shui indiano.** São Paulo, Pensamento, 2006.

UIA/UNESCO. **Carta para Formação dos Arquitetos.** Edição revisada 2011. Aprovada pela Assembleia Geral da UIA. Tokyo, 2011.

UNILA. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo.** Foz do Iguaçu: UNILA, 2014.

Autora

Karine Queiroz. Professora Adjunta no Curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal da Integração Latino-americana. Doutora pela Universidade de Coimbra - Portugal, atualmente coordena o Lamau- Laboratório Modelo em Arquitetura e Urbanismo no CAU-UNILA e o projeto de pesquisa 10 Caminhos: Núcleos de design participativo em economia solidária. Estuda temas de design de interiores, comunicação visual, acessibilidade, participação, economia solidária e criatividade, sustentabilidade e economia criativa.

karine.queiroz@unila.edu.br

UNA EXPERIENCIA DE CURRICULARIZACIÓN DE LA EXTENSIÓN. Para la Formación Universitaria en Tiempos de Pandemia

Eje/Eixo Temático 2

Silvana Lorena Lagoria
María Pilar Martínez
Nora Lanfri

Universidad Nacional de Córdoba,
Facultad de Filosofía y Humanidades,
Escuela de Ciencias de la Educación

Resumen:

En este artículo analizaremos las tensiones y efectos producidos por la pandemia del Covid19 para la educación superior en general y para una experiencia de curricularización de la extensión universitaria en particular. Para esto último, nos centraremos en la experiencia de la Cátedra de Planeamiento de la Educación de la Escuela de Ciencias de la Educación de la Universidad Nacional de Córdoba (UNC) en el contexto de ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio según 297/2020-PEN Argentina). En primer lugar, y a modo de contextualización, analizaremos las tensiones en educación superior que surgen en la actual situación de pandemia y los desafíos para la concepción misma del planeamiento educativo.

En segundo lugar, expondremos fundamentos y concepciones en los que se sostiene la curricularización de la extensión en la cátedra de Planeamiento de la Educación. Se trata de una propuesta que procura trascender una concepción parcial y acotada de la extensión universitaria como función particular de la universidad, para pensarla como proceso político-social.

Esto nos permitirá presentar, luego, las redefiniciones operadas para sostener decisiones tomadas para la propuesta de enseñanza, orientadas por el carácter extensionista del ejercicio propuesto a los estudiantes y el posicionamiento sobre extensión como diálogo de saberes en el contexto de pandemia.

Al final, expresaremos una reflexión sobre lo expuesto previamente destacando aquellas cuestiones (o aprendizajes) que creemos nos orientarán en la siguientes etapas post pandémicas.

Palabras clave: **extensión universitaria, planeamiento de la educación, pandemia**

Resumo

Neste artigo analisaremos as tensões e efeitos produzidos pela pandemia do Covid19 para a educação superior em geral e para uma experiência de curricularização da extensão universitária em particular. Para isto último, nos centraremos na experiência da Cátedra de Planejamento da Educação da Escola de Ciências da

Educação da Universidade Nacional de Córdoba (UNC) no contexto de ASPO (Aislamiento Social Preventivo e Obligatorio segundo 297/2020- PEN, Argentina¹). Em primeiro lugar, e a modo de contextualização, analisaremos as tensões em educação superior que surgem na atual situação de pandemia os desafios para a concepção do planejamento educativo.

Em segundo lugar, exporemos fundamentos e concepções nos que se fundamentam a curricularização da extensão na cátedra de Planejamento da Educação. Trata se de uma proposta que procura transcender uma concepção parcial e definida da extensão universitária como função particular da universidade, para pensar-la como processo político-social.

Isto nos permitirá apresentar, logo, as redefinições operadas para definir decisões tomadas para a proposta de ensino, orientadas pelo caráter extensionista do exercício proposto aos estudantes e o posicionamento sobre extensão como diálogo de saberes no contexto de pandemia.

Ao final, expressaremos uma reflexão sobre o exposto previamente destacando aquelas questões (ou aprendizados) que acreditamos nos orientarão nas seguintes etapas pós- pandêmicas.

Palavras chave: **extensão universitária, planejamento da educação, pandemia**

Desandando lo construido

Escribir para este Encuentro nos implicó un desafío y un ejercicio exquisito de detenernos a objetivar y analizar nuestra labor en la formación universitaria atravesada por la dimensión social del profesional, en varios sentidos. El primero, tiene que ver con el propio trabajo de la escritura, que ya de por sí es siempre un ejercicio de reformulación, es decir, un esfuerzo por expresarnos con nuestras palabras, aun cuando dejemos entrar otras voces que tiene la implicancia y la importancia de que da cuenta de una mirada singular sobre las cosas, los proceso y las intenciones. En definitiva, expresa posicionamientos metodológicos, epistemológicos y políticos que se van revisando año a año a partir de la experiencia acumulada. Y, además, nos ayudan a reflexionar sobre la práctica profesional en la universidad desde una perspectiva autocrítica. Como bien dice Ricardo Forster (2004), “si algo jamás es inocente es la escritura, en ella y a través de ella se perfila el mundo que deseamos habitar”. (p. 4). Desandar nuestros pasos abre la posibilidad de preguntarnos, de repensar, de reflexionar y de experimentar desde la escritura plasmar las formas de la enseñanza, atravesadas por la dimensión social, que abordamos y llevamos adelante.

En segundo lugar nos implicó un fuerte trabajo con relación a las concepciones sostenidas por el Taller Total en que las políticas de democratización del acceso al conocimiento, sostenida en una concepción de la Educación Superior como derecho social, redefinen las funciones que las universidades deben cumplir para la efectivización de ese derecho. Y aquí aparece muy íntimamente vinculada nuestra tercera implicancia, que tiene que ver con nuestra decisión política, didáctica y metodológicas en el equipo de incorporar la problemática de extensión universitaria a la propuesta formativa del Planeamiento de la Educación.

Los motivos por los cuales incluimos esta problemática se relacionan con que nos interesa enfrentar las miradas unilaterales o fragmentadas para poder analizar la complejidad de procesos colectivos que merecen ser vistos en los significados

1 (Isolamento Social Preventivo e Obrigatório segundo 297/2020- PEN Argentina)

y las prácticas. Al respecto hay que ver cómo en cada contexto lo instituido es lo más sedimentado o lo más cosificado y que efectivamente tiene que ver con algo que desde lo instituyente se trata de modificar. Eduardo Remedi (2004) nos habla de encontrar los intersticios. En sus palabras, “por supuesto que lo instituido no es monolítico, lo instituido tiene quiebres, tiene huecos no definidos, tiene espacios que no están totalmente cerrados o aclarados y en esos huecos en esos espacios en esa situación en la que no termina de cerrarse lo instituido es que surge lo instituyente. Y surge sobre estos espacios o estos lugares no definidos que llamamos “intersticios” estos intersticios, estos lugares que no terminan de cerrarse, esos espacios que no terminan de tener un significado completo son los espacios que uno va a ocupar o va a intentar a trabajar para poder ayudar a los procesos instituyentes.” (p 2 y 3: 2004).

El equipo viene hace algunos años realizando cambios que amplían el enfoque y tratamiento del Planeamiento y que, entendemos, acerca a nuestros estudiantes al abordaje de proyectos situados. En esto nos detendremos y explayaremos en los próximos apartados, en la articulación entre universidad y comunidad, en la integración entre los saberes institucionales y los saberes colectivos.

La argamasa del planeamiento de la educación, entre incertidumbres y complejidades

La idea de “argamasa” nos remite a la integración de componentes que van a ser parte de una construcción situada con bases firmes. Esta mirada del planeamiento implica resignificar las prácticas que se van construyendo en diálogo con actores sociales en territorio. Supone atravesar las prácticas educativas (de enseñanza y de aprendizaje) con la complejidad que encierra construir una mirada que incluya la diversidad en el marco de un contexto de incertidumbre.

Pero ¿cómo sostener esta mirada en el contexto de pandemia? esta pregunta nos interpela permanentemente y demanda respuestas y decisiones inmediatas para sortear los desafíos del contexto actual.

La situación de emergencia a partir de la pandemia reestructura el conjunto de relaciones entre los actores de la escena nacional e internacional. Estado, sociedad y mercado, que constituyen el marco donde se comprende la educación en general y la educación superior en particular, se ven fuertemente conmocionados en sus funciones y roles.

El capitalismo neoliberal ha debilitado la capacidad del Estado de dar respuesta a la demanda social y, a la vez, ha quedado desacreditado porque el mercado, que era el instrumento regulador más racional y eficaz en la vida social, ha desaparecido frente a la pandemia. En ese contexto, el “Estado de excepción” debió responder a la ausencia del mercado desprovisto de los medios necesarios (recortes de políticas sociales, privatización de la salud y la educación, falta de infraestructura de inversión pública, etc). Entonces, la idea de que el mercado debe ser el regulador y el Estado debe estar ausente, hoy en día ha caducado. (De Sousa Santos, 2020; Macchiarola, 2020; Suasnábar, 2020)

Asimismo, se reconfigura el escenario de problemáticas y debates en la escena nacional e internacional. En el caso de la educación superior, sin dudas los principales estuvieron centrados en la democratización, en la educación como bien social y como un derecho de todos y en la expansión de la educación por la vía virtual y los riesgos de mercantilización que vienen asociados, problemáticas ya en debate pero que la pandemia ha acelerado vertiginosamente.

La crisis de la pandemia ha puesto en evidencia la exclusión, la invisibilización de las minorías, las desigualdades. El panorama para el planeamiento y la extensión

universitaria se avizora complejo al pensar intervenciones situadas en construcción colaborativa con otros, porque el marco de las certezas se ha desvanecido. En este contexto es válido preguntarse ¿cuáles de las tendencias actuales van a permanecer, ¿cuáles seguirán intensificándose?, ¿cuáles irán perdiendo fuerza?

El actual contexto de pandemia plantea el desafío de atender con urgencia estas nuevas problemáticas, en un contexto de incertidumbre y de virtualización forzada de la educación en todos sus ámbitos, donde no es posible planificar en un horizonte futuro mayor a 15 días. La posibilidad de pensar al planeamiento como instrumento político para la acción futura democratizadora y tender puentes entre el presente que se quiere cambiar y el futuro que se desea alcanzar (Andretich; 2008) resulta hoy una tarea apremiante y cargada de incertezas, la coyuntura pone a prueba la tarea de planificar acciones que anteriormente parecían posibles de ser controladas y previsibles.

Si el planeamiento tiene como objetivo apoyar el proceso de toma de decisiones, garantizar tanto su viabilidad como su consolidación y producir mejoras a partir de las transformaciones que produce (Aguerrondo; 1997) y, considerando que la intervención extensionista puede involucrar instituciones oficiales y actores comunitarios, la dimensión política cobra importancia ya que conlleva la impronta de una permanente reconceptualización que vaya de la mano con el agitado ritmo de la pandemia. El desafío de proyectar escenarios futuros en el contexto actual exige vigilancia epistemológica y previsión de imponderables, evitando el riesgo de profundizar las desigualdades en el contexto de escasez de recursos (brecha tecnológica y virtualización de los procesos educativos que llegó para quedarse).

También, la contingencia ofrece oportunidades que estamos en situación de poder aprovechar, por ejemplo, las innovaciones tecnológicas institucionales (capitalizar las nuevas formas de enseñanza y aprendizaje colaborativo por la vía virtual). Al mismo tiempo, en la acción extensionista es posible avizorar oportunidades en la tarea de reinventar el vínculo universidad y sociedad, basadas en nuevos compromisos y responsabilidades posibles, a la vez que se refuercen las capacidades de los actores institucionales reflexionando y analizando qué conocimientos y conductas son necesarias para actuar en esta coyuntura (Suasnábar; 2020).

En este sentido, en el ejercicio de curricularizar la extensión, no es tanto la necesidad de planificar lo que se debe someter a debate, sino que urge cuestionarnos el modo de construir escenarios futuros tal como acostumbrábamos en la “antigua normalidad”.

La extensión universitaria en el currículum de la cátedra de planeamiento: fundamentos y concepciones

La asignatura “Planeamiento de la Educación” se inscribe en el ciclo profesional de las carreras: Profesorado en Ciencias de la Educación (Licenciatura en Ciencias de la Educación, Licenciatura en Ciencias de la Educación – Ciclo, modalidad Articulación).

Con la intención de aportar a la formación de los futuros egresados de la escuela de Ciencias de la Educación, en el año 2014 (y hasta la actualidad) la cátedra de Planeamiento de la Educación incluyó en su propuesta la perspectiva extensionista.

Podríamos decir que el propósito fundamental de esta decisión se fundamentó en dos cuestiones principales. La primera es la importancia de incluir en el *currículum* de la materia a la extensión universitaria como parte de las funciones sustantivas de la universidad pública, expresada en un diálogo de saberes con actores socioeducativos en el territorio.

Y la segunda, es la importancia de su inclusión en la formación de estudiantes

universitarios para que puedan aprender desde la realidad social y enriquecer con ello los procesos de aprendizaje que se proponen desde la cátedra y sus futuras prácticas profesionales. La inclusión de la extensión al *currículum*, permitió complejizar la perspectiva y abordaje del Planeamiento.

La propuesta de la cátedra se concibe desde la perspectiva de Matus (1987) como un proceso político colectivo y como un instrumento de gobierno para la toma de decisiones, orientadas a producir transformaciones relevantes y viables que conduzcan a un escenario futuro posible y deseable.

Desde esta perspectiva, cobran importancia los actores que participan del proceso, con sus intereses y necesidades y desde el lugar que ocupan en una situación determinada, en el marco de instituciones históricas y en relación al contexto de escasez de recursos y de incertidumbre en que éstas se inscriben.

En concordancia con ello, concebimos a la extensión universitaria como un proceso político y social tendiente a brindar una mayor apertura y democratización a la universidad y una proyección social más amplia de su labor (Cedeño Ferrín, 2012). En ese sentido, la función extensionista de la universidad debe ser situada, teniendo en cuenta la territorialidad y el contexto de inserción y de creación de los proyectos, evitando el trasplante acrítico de modelos concebidos en otras instituciones.

La heterogeneidad y la diversidad cultural de los diferentes contextos y territorios se constituyen en la base de la democracia y los derechos de cada comunidad, porque la diversidad es un espacio donde se ponen en juego las diferencias no para eliminarlas sino para reconocerlas y aceptarlas. De allí la necesidad e importancia de la función extensionista de la universidad para el fortalecimiento y promoción de las expresiones de minorías y voces silenciadas, y de la integración e inclusión de sectores vulnerables y menos favorecidos socialmente.

La importancia de la función extensionista de la universidad ha sido ratificada en las diversas Cumbres de Rectores de Universidades Iberoamericanas desde 1990. Asimismo, en la Conferencia Regional de Educación Superior desarrollada (CRES 2008) en Cartagena de Indias, se manifestó que “La Educación Superior es un bien público social, un derecho humano y universal y un deber del Estado. Ésta es la convicción y la base para el papel estratégico que debe jugar en los procesos de desarrollo sustentable de los países de la región” (Gezmet, 2018: 19). Y en la reciente CRES 2018, realizada en Córdoba como parte de los homenajes por los 100 Años de la Reforma Universitaria de 1918, se ratificaron los principios allí declarados y la importancia de la función extensionista de la Universidad, junto con la Investigación científica y tecnológica, e innovación como motores del desarrollo humano, social y económico para América Latina y el Caribe.

Haciéndonos eco de ello es que integramos a la extensión universitaria en la propuesta curricular como un espacio de construcción de experiencias significativas que surjan de una interacción cooperativa, conjunta, solidaria y comprometida en diálogo con los sectores sociales, con el territorio, con las organizaciones e instituciones. En ese espacio, “el otro” es entendido como un protagonista en el proceso de co-construcción que supone el reconocimiento de las identidades culturales y saberes cotidianos, al mismo tiempo que un trabajo de desnaturalización de las miradas planteando la necesidad de la crítica y reflexión acerca del conocimiento del mundo y del lugar de los actores en esos procesos de conocimiento y transformación (Ávila, 2014). Unos y otros acceden a la posibilidad de problematizar su propia situación, construyendo un conocimiento cuyos efectos son transformadores para la comunidad que lo genera y contribuyendo, a partir del conocimiento y el pensamiento crítico, a la formulación de propuestas de mejora para todos.

Nos proponemos curricularizar la extensión desde el “diálogo de saberes” que se genera a partir de una interacción cooperativa y favorecer el enriquecimiento mutuo entre instituciones. Pretendemos que nuestros estudiantes participen de una construcción conjunta, solidaria y comprometida con las instituciones y organizaciones sociales intervinientes a partir de una producción situada que resulte transformadora de la realidad a intervenir para contribuir a la toma de conciencia, a la construcción de los nuevos conocimientos y a la apropiación de nuevos aprendizajes.

En definitiva, se trata de una intervención extensionista que incluya una perspectiva pedagógica a partir del análisis de procesos socioculturales que caracterizan la realidad que se desea intervenir, incluyendo el conocimiento y saberes de los sujetos, sus condiciones de existencia, sus deseos y demandas.

A partir de acciones extensionistas integrales entre la Universidad y el territorio se construye un conocimiento colectivo tendiente a la formación de una opinión pública con mayor capacidad crítica y de ciudadanos con mayor conciencia sobre sus derechos y capacidades.

Adaptación de la propuesta de la cátedra a las nuevas condiciones de cursado

El panorama incierto que enfrentamos con la pandemia nos llevó a pensar en qué readecuaciones serían necesarias para mantener el carácter extensionista del ejercicio que le proponemos a los alumnos, así como el posicionamiento sobre extensión como diálogo de saberes en un contexto inédito (ASPO).

¿Cómo elaborar una propuesta integral y democratizadora sorteando la amenaza que implica la brecha tecnológica y asegurando el derecho de todos de acceder a la educación superior? ¿Cómo asegurar el diálogo de saberes y la construcción cooperativa de conocimientos en el contexto de aislamiento y no presencialidad? Para responder estas preguntas, sin dudas fue necesario adoptar una actitud de flexibilidad y revisión permanente que se fue actualizando día a día con los avances de las decisiones contextuales (a nivel provincial, nacional y universitario) en torno a la pandemia. Esta actitud de flexibilidad fue también la que los estudiantes debieron considerar necesariamente en sus proyectos ya que, el cursado de la asignatura, se organiza en sesiones de trabajo teórico-práctico (4 hs. semanales) y un taller destinado a la realización grupal de un proyecto de intervención pedagógica enmarcado en la modalidad de práctica extensionista (2 hs. semanales).

Así, la propuesta de la cátedra se fue adecuando a las condiciones de virtualidad excepcional privilegiando el objetivo de acercar a los estudiantes las herramientas teóricas y metodológicas básicas imprescindibles para programar y organizar acciones educativas.

Para dar respuesta a la primera de nuestras inquietudes: “cómo elaborar una propuesta integral y democratizadora sorteando la amenaza que implica la brecha tecnológica y asegurando el derecho de todos de acceder a la educación superior” procedimos a ofrecer un encuentro sincrónico no obligatorio destinado a construir con los estudiantes las herramientas teóricas y metodológicas básicas imprescindibles para programar y organizar acciones educativas.

A ello se sumó un encuentro sincrónico semanal no obligatorio consistente en un Taller de elaboración de Proyectos donde se puso en práctica la planificación de propuestas extensionistas. Además, ofrecimos seguimiento y contacto permanente a través del aula virtual previendo particular atención para atender los casos de alumnos trabajadores, con familiares a cargo y/o con problemas de conectividad.

Respecto a nuestra segunda inquietud: “cómo asegurar el diálogo de saberes

y la construcción cooperativa de conocimientos en el contexto de aislamiento y no presencialidad” el desafío se potenció ya que, en el contexto de pandemia, la intervención se encuentra condicionada por la imposibilidad de realizar un trabajo en territorio, como era habitual en años anteriores. Pero optamos por una estrategia que posibilitó una experiencia significativa para los alumnos en relación con la práctica de la planificación educativa, acudiendo a la visita de instituciones y a proyectos extensionistas en marcha.

Dicha estrategia consistió específicamente en retomar el trabajo de campo institucional realizado en materias cursadas en años anteriores (2019), privilegiando aquellas con las que los estudiantes conservaban contactos para volver a entrevistar. Esto último les permitió revisar la situación actual de la dinámica educativa de la institución.

El contacto con las instituciones se realizó por medios virtuales, aprovechando la tecnología como una oportunidad. Se propuso una intervención contextualizada en los tiempos que corren y en el marco de las decisiones tomadas a nivel provincial y nacional que afectan el “antiguo normal funcionamiento” de las instituciones.

Respecto a la evaluación de los aprendizajes, se propusieron consignas para la apropiación crítica del marco teórico. Como segunda instancia evaluativa se consideró la elaboración del proyecto de intervención con carácter extensionista, fue un requisito para concluir la materia y quienes la promocionaran debieron obtener una nota mayor a 7 (siete) en la presentación del proyecto final. Hacia el final de la cursada, se dispuso acortar el cuatrimestre, lo que determinó que la segunda instancia evaluativa pasara a constituirse en la presentación de la instancia promocional.

Una mención especial merece el rediseño del aula virtual (recursos didácticos) y su puesta en valor en este contexto de virtualización. Nuestras decisiones al respecto se fundaron en cuestiones pedagógicas-didácticas y de accesibilidad, tanto de los materiales como de los espacios que se iban habilitando.

El aula virtual dispone principalmente de dos espacios bien diferenciados, por un lado, el destinado especialmente a la comunicación referida a los encuentros teóricos y, por otro lado, el espacio destinado al trabajo en las comisiones de Trabajos Prácticos. Además, cuenta con bloques de contenidos por unidad. Cada bloque tiene un esquema especial, teniendo en cuenta la organización visual (iconografía) espacios de diálogo e intercambios, materiales bibliográficos, actividades y los encuentros sincrónicos.

La cátedra cuenta actualmente con tres comisiones de Trabajos Prácticos y en el aula virtual, cada una de ellas dispone de un espacio propio de trabajo. Por cada comisión, las consignas de trabajo y presentación de la materia se ofrecieron también en PDF.

Para los encuentros sincrónicos de las comisiones de Trabajos Prácticos se optó por utilizar el BigBlueButton. Estas videollamadas no consumen datos (en el caso de telefonías celulares) y permiten la grabación y guardado automático. De este modo, las mismas quedaron disponibles para quienes no hayan podido asistir y para quienes quieran repasarlas.

A modo de cierre

Podemos concluir que, a nivel global, la situación de pandemia en el mundo generó no solo una situación sanitaria difícil, sino que arrasó en todos los países con las formas instituidas tradicionalmente en todos los niveles educativos. La pandemia obligó al aislamiento y con ello a profundizar una situación de enseñanza y aprendizaje de carácter individual fuera de las instituciones que pareciera profundizar el individualismo neoliberal.

Las tensiones puestas en juego en esta realidad nos llaman constantemente a la reflexión, principalmente en la definición y determinación, en términos de posicionamiento, que confluyen en el accionar en sí de la educación universitaria y en particular a la cátedra de Planeamiento de la Educación. Sostener este año la propuesta de formación desde las prácticas extensionista ha sido y es sin dudas todo un desafío, sobre todo generar un vínculo colectivo desde un carácter dinámico para trabajar con la realidad social.

Como es posible observar, el contexto de pandemia hizo cuestionarnos, deconstruirnos, repensar, resignificar viejas y nuevas prácticas para reinventarnos respecto a cuestiones puntuales que intervienen en la propuesta. La idea misma de “planeamiento” y la capacidad humana de imaginar un futuro probable; el modo de diseñar escenarios futuros y horizontes de finalidades en contextos de permanente incertidumbre; la función del Estado y su capacidad de garantizar el bien común y el papel del mercado en el escenario global; la concepción acerca de las posibilidades de curricularización de la extensión en el contexto de no presencialidad y aislamiento; la preocupación por garantizar una propuesta democrática e inclusiva para que la brecha tecnológica y la virtualidad forzosa no sean un impedimento para cursar, fueron los desafíos principales que enfrentamos como cátedra.

En cuanto a un metaanálisis de nuestro propio devenir en la planificación de la propuesta del año académico 2020, queremos destacar positivamente que la cátedra supo responder a la contingencia en un escenario de cambios, plagado de incertidumbre y complejidad, pudiendo responder de manera positiva y garantizar la continuidad pedagógica.

Frente a esta situación fue menester trabajar desde una perspectiva interdisciplinaria, aprovechando los saberes previos y trabajos de campo realizados por los estudiantes en otras cátedras. Prepararlos en el aula para hacer un planteamiento abierto y dinámico con la incorporación de la extensión dentro del curriculum para que nuestros estudiantes puedan contrastar la teoría con la realidad y aprehender de la realidad necesidades y demandas en búsqueda de nuevos aportes teóricos.

No podemos terminar sin mencionar que esta situación genera una revaloración de la comunidad toda sobre la función socializante de las instituciones, la necesidad del trabajo interdisciplinario y formar a nuestros estudiantes para enfrentar la incertidumbre y la tarea colectiva de debate e intercambio para el aprendizaje. La pandemia nos obliga a todos los comprometidos con la educación de aprovechar este tiempo para repensar la enseñanza para resignificarla en sus formas atendiendo a las nuevas necesidades de la compleja realidad mundial, regional y nacional, en el camino de una educación con perspectiva extensionista, innovadora, emancipadora, autodinámica, versátil y creativa que genere una formación abierta, solidaria y colectiva.

Bibliografía

AGUERRONDO, I. (1997) "El planeamiento educacional como instrumento de cambio", Ed. Troquel, Buenos Aires. Cap. 4

ANDRETICH, G. (2008): El planeamiento educativo como herramienta de democratización: una mirada desde lo epistemológico. Ciencia, Docencia y Tecnología, vol. XIX, núm. 37, noviembre, pp. 109-135 Universidad Nacional de Entre Ríos, Concepción del Uruguay, Argentina.

ÁVILA, S. (2014): Extensión y Educación Popular. *Compendio bibliográfico. Asignatura Extensión Universitaria*. Secretaría de Extensión Universitaria, UNC. Disponible en <http://www.unc.edu.ar/extension/fortalecimiento/formacion/asignatura-de-extensionuniversitaria/compendio-bibliografico.pdf> consultado el 01/08/2016

CEDEÑO FERRÍN, J. (2012): Tendencias del proceso de gestión de la Extensión Universitaria y su impacto cultural. *Humanidades Médicas*, 12(3), 499-514. Disponible en: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1727-81202012000300009&lng=es&tlng=es. (Último acceso: 9/8/2019)

DE SOUSA SANTOS, Boaventura (2020): *La cruel pedagogía del virus*. 1ra Ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO. Disponible en: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20200430083046/La-cruel-pedagogia-del-virus.pdf> (Último acceso: 30/5/2020).

FOSTER, Ricardo (2004): La artesanía de la sospecha: el ensayo en las ciencias sociales (artículo). En: *Sociedad*, no. 23 Universidad de Buenos Aires. Facultad de Ciencias Sociales. [consultado: 25/8/2021] Disponible en el Repositorio Digital Institucional de la Universidad de Buenos Aires: <http://www.sociales.uba.ar/wp-content/uploads/5-Forster-escritura-y-ciencias-sociales.pdf> (Último acceso: 9/8/2019)

GEZMET, S. (2018): Curricularización de la extensión universitaria. Algunas consideraciones. *Revista e+e - Córdoba*, V.5 n.5 - abril 2018 Disponible en: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/EEH/index> (Último acceso: 12/8/2019)

MACCHIAROLA, V. (2020). Planificación social y coronavirus. *Diario El Megáfono*. Disponible en: <https://elmegafono.net/9170/2020/04/17/> (Último acceso: 12/10/2020)

MATUS, C. (1987): *Política, Planificación y Gobierno*. Venezuela, Fundación ALTADIR. Instituto Latinoamericano y del Caribe de Planificación Económica y Social.

REMEDI, E. (2004). La intervención educativa. Conferencia magistral. Reunión Nacional de Coordinadores de la Licenciatura en Intervención Educativa. Universidad Pedagógica Nacional: México, D.F.

SUASNÁBAR, C. (2020): Un mapa de la universidad latinoamericana hoy. A dos años de la CRES 2018 y frente a los desafíos de la pandemia. PIRU. IEC CONADU. Disertación. Disponible en: <https://www.priu.com.ar/mapa-universidad-latinoamericana>

Autoras

Silvana Lorena Lagoria. Dra. en Estudios Sociales de América Latina (CEA-UNC) y Mgter. en Gestión para la Integración Regional (CEA; UNC). Lic. y Prof. en Ciencias de la Educación (UNC). Profesora Adjunta de la Cátedra Planeamiento de la Educación (FFyH - UNC). Universidad Nacional de Córdoba, Facultad de Filosofía y Humanidades, Escuela de Ciencias de la Educación, e-mail: silvana.lorena.lagoria@unc.edu.ar

María Pilar Martínez. Profesora en Ciencias de la Educación (FFyH;UNC). Doctoranda en Estudios Sociales de América Latina (CEA-UNC). Profesora Asistente de la Cátedra Planeamiento de la Educación, Escuela de Ciencias de la Educación (UNC). Asesora pedagógica en la FCE (UNC) y Tecnóloga Educativa del Instituto Superior de Estudios Pedagógicos. Universidad Nacional de Córdoba, , Facultad de Filosofía y Humanidades, Escuela de Ciencias de la Educación, e-mail: pmartinez@unc.edu.ar

Nora Lanfri. Mgter. en Investigación Educativa (CEA-UNC). Prof. en Ciencias de Ciencias de la Educación (FFyH-UNC) y Profesora para la Enseñanza Primaria (ICP). Prof. Adjunta a Cargo de la Cátedra Planeamiento de la Educación y de Política Educativa y Legislación Escolar. Directora de la Escuela de Ciencias de la Educación (FFyH-UNC). Universidad Nacional de Córdoba, , Facultad de Filosofía y Humanidades, Escuela de Ciencias de la Educación, e-mail: nlanfri@ffyh.unc.edu.ar

EJE 3

**EL ROL DEL ESTUDIANTE UNIVERSITARIO EN
SU PROCESO DE FORMACION PROFESIONAL Y
CIUDADANA.**

EIXO 3

**O PAPEL DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO EM
SEU PROCESSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL E
CIDADÃ.**

DEBATES TEMPRANOS DEL MOVIMIENTO ESTUDIANTIL DE ARQUITECTURA y su Circulación por Latinoamérica - 1956 a 1964

Eje/Eixo Temático 3

Maria Eugenia Durante

Centro Interdisciplinario de Estudios Complejos,
Facultad de Arquitectura y Urbanismo, Universidad
Nacional de la Plata

RESUMEN.

El presente trabajo se propone recorrer los primeros encuentros latinoamericanos de estudiantes, para rastrear el debate temprano en torno a la vinculación entre la formación universitaria y las problemáticas sociales del hábitat popular. Encuentros que reflejan los primeros espacios donde se consolida una crítica a la formación tradicional y se discuten propuestas para poder vincular la arquitectura con un horizonte político revolucionario que tomará fuerza en todo el continente. Se recorren las actas de los Congresos Panamericanos de Estudiantes de Arquitectura (CPEA) que comienzan en 1956, y, por otro lado, de las Conferencias Latinoamericanas de Escuelas y Facultades de Arquitectura (CLEFA) que encuentran a docentes y estudiantes desde 1959. Conocido es el antecedente de la CLEFA que se realiza en Córdoba en 1964, encuentro nombrado por varios de los protagonistas del Taller Total, sin embargo, pueden rastrearse discusiones previas entre los estudiantes de Latinoamérica donde va configurándose el debate en torno al compromiso social y político de la arquitectura, que esta ponencia busca indagar.

Palabras clave: **Circulación de ideas, Congresos de estudiantes, CLEFA, Arquitectura y política, Movimiento estudiantil.**

Resumo.

O presente trabalho se propõe a percorrer os primeiros encontros latino-americanos de estudantes, para traçar o debate inicial em torno da vinculação entre a educação universitária e os problemas sociais do habitat popular. Encontros que refletem os primeiros espaços onde se consolida uma crítica à formação tradicional e se discute propostas para vincular a arquitetura a um horizonte político revolucionário que se estenderá por todo o continente. São revisados os anais dos Congressos Pan-Americanos de Estudantes de Arquitetura (CPEA), iniciados em 1956, e, por outro lado, das Conferências Latino-Americanas de Escolas e Faculdades de Arquitetura (CLEFA) que atendem professores e alunos desde 1959. Conhece-se o antecedente

do CLEFA que se realizou em Córdoba em 1964, encontro nomeado por vários dos protagonistas do Taller Total, no entanto, podem-se rastrear discussões anteriores entre os estudantes da América Latina onde o debate em torno ao compromisso social e político da arquitetura, que este artigo procura investigar.

Palavras chave: **Circulação de ideias, Congressos estudantis, CLEFA, Arquitetura e política, Movimento estudantil.**

Introducción

Varies¹ protagonistas del Taller Total de Córdoba coinciden en señalar a la Conferencia Latinoamericana de Escuelas y Facultades de Arquitectura (CLEFA) de 1964, realizada en la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Nacional de Córdoba (FAU-UNC), como un encuentro importante donde se profundiza el debate entorno al vínculo entre la formación de arquitectura y el debate social y político. Sin embargo, se pueden rastrear encuentros previos donde estas discusiones se van configurando al calor de los sucesos políticos, sociales y culturales de la región, y donde se pueden identificar diversas formas de entender y abordar los problemas de la realidad social desde la arquitectura.

Este artículo aporta a los trabajos que han vuelto la mirada sobre el papel de los actores universitarios en la configuración de discursos y prácticas críticas de la arquitectura. Se busca dialogar con aquellas investigaciones que profundizaron sobre el Taller Total (Lamfri, 2007; Pedano, 2010; Malecki, 2016), pero también con otra serie de trabajos que rastrean estos debates en otras facultades del país, como Buenos Aires y La Plata (Bonavena, 2004; Carranza, 2010; Cravino, 2015 y 2018; Durante, 2020b) profundizando en el movimiento estudiantil.

Interesa sumar aportes que permiten ver los debates locales en relación a la escala regional, latinoamericana, a partir de ver la circulación de ideas. En el período que se estudia se desarrollan gran cantidad de congresos, seminarios, viajes de estudio, conferencias y otras instancias de intercambio, que fueron tejiendo diversas redes profesionales, de estudiantes y docentes en Latinoamérica. Diversos espacios de encuentro que permitieron tejer redes profesionales y de estudiantes en Latinoamérica.

Como afirma Novick, en términos de Haas, se fueron conformando “comunidades epistémicas” que articularon a los actores más allá de las fronteras, las cuales refieren a “ese grupo de personas o entidades que comparten una cierta percepción sobre determinados problemas públicos y tratan de impulsar un conjunto de análisis y propuestas para llevar adelante una política o un cambio normativo” (Haas cit. Novick, 2012).

Los estudios que se abocan a investigar la circulación de ideas se apoyan en el enfoque de la historia transnacional. Esta mirada propone que el análisis histórico supere las fronteras de las naciones, “La propuesta no es negar la importancia de la nación sino cuestionar la noción teleológica de la nación como el descubrimiento inevitable de la historia de la modernidad” (Weinstein, 2013:2). La mirada transnacional remite a un proceso de producción de conocimientos local que no es endógeno, no está aislado de los procesos de circulación de teorías, individuos y modelos de acción política. La recepción de ideas nunca es pasiva,

¹ La escritura del presente trabajo se hará eco de los debates en torno al lenguaje inclusivo, por lo tanto, se utilizará la “e” a título de expresión de las diversas identidades.

“en el proceso mismo de ‘nacionalización’ y adaptación se produce conocimiento. De allí que los diferentes textos focalicen su atención de modo insistente en esas figuras que viajan o migran, que leen en otros idiomas, que son capaces de traducir y de difundir ideas ‘de fuera’ en el ámbito local” (Neiburg y Plotkin, 2004:25).

Las fuentes de este trabajo resultan de las actas de los Congresos y las crónicas publicadas en revistas especializadas, entendiéndose como documentos que permiten visualizar debates situados, impregnados de contexto, donde confluyen diversas estrategias, perspectivas y trayectorias. Las actas dicen lo que quienes las redactan quieren decir o no, y a la vez implica dejar testimonios que permiten legitimar prácticas y discursos. En este sentido, resulta interesante reconocer cómo los congresos se fueron constituyendo en arenas de disputa de sentidos, como parte del proceso de construcción del discurso público del campo profesional y disciplinar, como espacio de construcción de legitimidades y consensos que permitían mantener la cohesión de los diferentes sectores que se encontraban allí.

Para este trabajo se recorren los primeros cinco encuentros de los Congresos Panamericanos de Estudiantes de Arquitectura (CPEA), que se desarrollan entre 1956 y 1964, y las primeras tres CLEFA que ocurren entre 1959 y 1964. Sobre los CPEA no se tiene registro de la realización de algún evento posterior a su V encuentro, en cambio las CLEFA continuaron su realización ininterrumpida hasta la actualidad. Esta ponencia es parte del trabajo desarrollado para la tesis doctoral (Durante, 2020a) donde se recorren otra serie de encuentros de arquitectura de la época como los Congresos Panamericanos de Arquitectura y los Congresos de la Unión Internacional de Arquitectos (UIA) realizados en Latinoamérica. Para este artículo se analizan los espacios de encuentro latinoamericanos de los estudiantes, dejando por fuera los Encuentros Internacionales de Estudiantes que se realizaron en paralelo a los Congresos de la UIA, que merecen una atención especial.

Desarrollo

1. Los Congresos Panamericanos de Estudiantes de Arquitectura

Los estudiantes de arquitectura comienzan a tener ámbitos particulares donde reunirse luego de un seminario realizado en Río de Janeiro, en 1954, donde se decidió convocar al Congreso Panamericano de Estudiantes de Arquitectura (CPEA). En aquel seminario “se tomó como acuerdo fundamental, el constituir en forma periódica, reuniones de todos los estudiantes de Arquitectura y Urbanismo de América, a fin de intercambiar experiencias e inquietudes y en miras al mayor acercamiento posible entre todas las Asociaciones de estudiantes” (Revista Punto, 1962). El primero de estos congresos se realizó en la misma ciudad de Río de Janeiro, dos años después, en 1956².

En septiembre de 1958 se realizó el II CPEA en Santiago de Chile, donde asistieron delegaciones de Uruguay, Ecuador, Brasil, Perú, Argentina, Chile y México.

En este segundo encuentro, participaron dos delegados de la Escuela Nacional de Arquitectura de la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), Javier

² En general es escasa la información sobre estos congresos, logrando reconstruir cierta información sobre los primeros cinco encuentros a través de revistas especializadas de diferentes países, centralmente de México y Venezuela. El hecho de ser encuentros de estudiantes hacía a una menor cobertura o a la dificultad de medios donde publicar lo que allí se debatía; de hecho, la revista Taller (de la FAU-UCV, Venezuela) era del Centro de Estudiantes mismo, la revista Punto del área de extensión de la misma FAU-UCV, y la revista Arquitectura México era dirigida, en esos años, por Mario Pani, quien apadrinaba a la Asociación Nacional de Estudiantes de Arquitectura.

Ibarra Herrera y Ramón Medina Lamadrid, representando a once escuelas que se nucleaban en la Asociación Nacional de Estudiantes de Arquitectura (ANEA) de México. Los delegados mexicanos llevaron la propuesta de crear la Agrupación Panamericana de Estudiantes de Arquitectura y Urbanismo (Arquitectura México, 1958b:258). En una nota previa al encuentro, firmada por Ibarra Herrera, la ANEA llama a formar la Agrupación Panamericana de Estudiantes de Arquitectura de carácter “exclusivamente cultural y apolítico”, cuyos objetivos fueran: promover el intercambio de docentes y estudiantes en conferencias, exposiciones, publicaciones, etc.; divulgar respecto de las corrientes arquitectónicas de cada país; generar un Anuario como herramienta de difusión; y realizar actividades deportivas y de recreación (Arquitectura México, 1958a:199).

El temario del segundo encuentro era:

- a. Proposiciones para la enseñanza de la Arquitectura;
- b. Integración de la arquitectura con las demás manifestaciones artísticas;
- c. Creación de una Organización Panamericana de Estudiantes de Arquitectura (Taller, 1964).

El debate respecto del último punto y la propuesta mexicana, decantó en la creación de la Oficina Panamericana Relacionadora de Estudiantes de Arquitectura (OPREA), cuyo objetivo principal era “promover el acercamiento estudiantil, la mutua colaboración entre las escuelas de arquitectura americanas y fundamentalmente lograr la continuidad de los Congresos Panamericanos” (Ídem). Los OPREA se conformaría en el país designado sede, un año previo al encuentro, para coordinar las actividades y la difusión. En la asamblea de cierre del II Congreso se designó a México como sede del III Congreso, a desarrollarse en 1960, y su tema central sería “Arte y Técnica”.

En junio de 1962 se llevó adelante el IV CEPA en Caracas, Venezuela³, en la FAU-UCV. El temario abordaba tres puntos: i. La actitud de los estudiantes de Arquitectura frente a la Planificación; ii. Enseñanza de la Planificación en las Facultades de Arquitectura de las Universidades de América; y iii. Papel del Arquitecto frente a la Planificación (Revista Punto, 1962). En este Congreso se llegó a ciertos acuerdos de carácter técnico-político de importancia:

- i. Que Latinoamérica debe buscar libremente su propio camino de integración económica y política para elevar el nivel de vida de su pueblo;
- ii. Que la reforma profunda de las estructuras sociales debe realizarse a través del planeamiento integral⁴;
- iii. Que ese planeamiento debe apoyarse en las comunidades de base (familia, comunidades de trabajo) y la Comuna debe transformarse en propulsor del esfuerzo creador;
- iv. Que debe impulsarse un auténtico cooperativismo;

³ El Congreso era el primer congreso estudiantil de una especialidad profesional que se realizaba en Venezuela y era auspiciado por la Industria de la Construcción, el Colegio de Ingenieros, la Sociedad Venezolana de Arquitectos, Pro Venezuela y la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Central de Venezuela (Revista Punto, 1962).

⁴ Entre las resoluciones del Congreso, definen a la planificación (usado como sinónimo de planeamiento) como “la acción coordinadora consistente en analizar, estudiar y sintetizar todos los recursos en orden al máximo desarrollo integral, armónico y dinámico que satisfaga las necesidades tanto materiales como espirituales de todos los miembros de una sociedad; que sus objetivos son poner al mundo al servicio del hombre, para lo cual es necesario crear una sociedad en donde la base sea el bien común, la solidaridad, justicia y dignidad de la persona humana, fomentando sus capacidades materiales y espirituales” (Taller, 1964). Y a la planificación integral como “la suma integral de técnicas de control social orientadas hacia la elevación orgánica de los niveles de vida” (Ídem).

- v. Que debe eliminarse el colonialismo y la penetración imperialista, donde la cooperación interamericana sea fundada solamente en la solidaridad (Taller, 1964).

Este último punto de crítica a las políticas de cooperación panamericana, caracterizadas dentro de las estrategias del imperialismo de los países centrales, será recurrente en las conclusiones, donde sostienen que “la existencia de países sujetos a la dominación o intervención imperialista o colonialista de carácter intra o extracontinental, impide la integración y el desarrollo de nuestros países para llegar a la solución de nuestros problemas comunes” (Ídem).

En las actas del IV CPEA se marca con fuerza la idea de profundos cambios necesarios de las estructuras sociales, políticas y económicas para alcanzar la paz y la justicia social. En los caminos a seguir, plantean como punto de partida que “la propiedad privada deberá ser socialmente controlada y la iniciativa privada, públicamente disciplinada” (Taller, 1964). Respecto de la vivienda, entienden que es un derecho básico y vital para todo ser humano y garantiza la estabilidad familiar.

Cuestionan la grave crisis de vivienda que sufren grandes sectores de la sociedad “dado el impacto que significa en la moral, en las condiciones biológicas, en la estabilidad y armonía de la familia, y en la paz social, debe ser encarada con urgencia dentro de una planificación integral para el logro de la elevación de los niveles de vida en las escalas local, regional, nacional y continental” (Ídem). Por último, respecto del papel del estudiante de arquitectura, sostienen que deben tener una participación activa proponiendo el estudio de las problemáticas socio-económicas dentro de las aulas, con el fin de que la Universidad retome el papel que le corresponde como guía espiritual de la sociedad y el arquitecte su papel en el desarrollo social, a partir de una formación integral y su capacidad creadora.

Estos CPEA irán de la mano de la participación de la OPREA en otros eventos internacionales que permitan difundir su tarea⁵. El V CPEA se realiza en septiembre de 1964 en Buenos Aires, el cual recibe una gran cobertura de la revista Taller, del Centro de Estudiantes de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo (FAU) de la Universidad Central de Venezuela (UCV). En el número dedicado a comentar lo que dejó el V encuentro, comienzan expresando:

“Hace diez años un grupo de estudiantes de arquitectura de diversas nacionalidades americanas se lanzó a conquistar una gran aspiración: reunir a sus colegas de toda América para mancomunar sus esfuerzos en torno a los ideales de renovación y toma de conciencia social que brotaban más o menos simultáneamente en las escuelas de arquitectura a lo largo del continente. Se creyó esta iniciativa romántica e inalcanzable (...). Una década después la perspectiva ha cambiado: la mayoría de las escuelas renuevan sus objetivos y planes de estudio, dando cabida a las inquietudes y renovación, nace la nueva concepción del arquitecto para la América de hoy con un despertar de conciencia sobre su responsabilidad en el cambio y su ubicación en la labor del planeamiento integral.

El diálogo, el intercambio de experiencias, la comunicación vital entre los estudiantes ha contribuido de manera directa a la configuración de la nueva conciencia común en marcha, de los estudiantes de Arquitectura de América, que sin duda muy pronto ha de dar sus frutos. A través de los Congresos Panamericanos, los jóvenes plantean en forma serena y profunda su aspiración de vivir en un mundo más justo y más humano, y asumen la responsabilidad de iniciar su construcción ya mismo,

⁵ Algunas notas dan cuenta de la participación de representantes de OPREA y de diversas Asociaciones de estudiantes nacionales en encuentros internacionales. Se nombra, por ejemplo, la participación de la ANEA (México) en el IV Congreso Social de Estudiantes de Arquitectura en Copenhague, realizado en 1957; o la de delegados de OPREA en la VIII Conferencia Internacional de Estudiantes de Arquitectura realizada en 1963, en Barcelona, España.

con los medios a su alcance y con el ímpetu creador que engendra un bien nunca suficientemente apreciado: la libertad. (...) Los Congresos Panamericanos de Estudiantes de Arquitectura pretenden ser agentes activos de este proceso histórico” (Taller, 1964).

Estos párrafos de la redacción de la revista muestran el entusiasmo que generaban los espacios de debate para los estudiantes, que se entendían protagonistas de un mundo en proceso de cambio, apostando por la construcción latinoamericana. Para la realización del encuentro en Buenos Aires, se designó en la Secretaría General de OPREA a Francisco P. Monaldi, delegado del Centro de Estudiantes de Arquitectura (CEA) de la Universidad de Buenos Aires (UBA). Quienes organizaron el encuentro afirmaban que el mismo tenía un especial significado para el estudiantado local, debido a que les obligaba a “cambiar la perspectiva en la visión de nuestro compromiso con la sociedad, comprender que nuestro destino nacional está íntimamente ligado al de todo el continente” (OPREA, 1964). A la vez, afirmaban que Buenos Aires despertaba interés de los demás países, lo que permitió una buena convocatoria, porque “Nuestra Facultad es considerada la mayor y más importante de América. Nuestras editoriales invaden el mercado con sus libros y publicaciones de bajo costo, acercándose a la exclusividad en el tema” (Ídem).

El temario del V Congreso planteaba dos temas principales:

- A. La vivienda en relación con el planeamiento integral (dividida en dos: i. en la región país y ii. en la Facultad);
- B. Experiencias en estructuración de facultades y planes de estudio.

En el tema A (en el grupo Facultad), se presentó una ponencia de la les delegades del CEA de la UBA, donde planteaban un diagnóstico de la situación del país desde una mirada crítica con lo hecho hasta entonces. Afirmaban que para lograr el desarrollo del país había dos caminos posibles: “a) Planificar el desarrollo sin cambios fundamentales de estructura; y b) Cambiar profundamente la estructura para planificar el desarrollo” (CEA-UBA, 1964a).

El primer camino era el que se había desarrollado hasta ese momento, apoyado, luego de la segunda guerra mundial, en los préstamos de organismos internacionales, los cuales habían demostrado su incapacidad para superar el subdesarrollo. El segundo camino apostaba por la nacionalización de los medios de producción, eliminación del latifundio, medidas de liberación nacional y control del pueblo en todas las decisiones. Un modelo que buscaba una economía diferente y, a la vez, una sociedad humanamente diferente, apuntando a construir un “hombre integral”⁶.

La delegación de Buenos Aires es crítica con la idea del Planeamiento Integral, entendiéndola como resultado de un proceso social, donde resulta instrumento técnico del mismo, y no la génesis de dichos procesos. “La concepción del planeamiento integral por sí solo como panacea de los males del subdesarrollo importa una actitud tecnócrata que pretende ocultar los verdaderos problemas de fondo a encarar previo a la tarea de la planificación, creando falsas ilusiones de progreso” (Ídem). Sostienen que el principal protagonista de los cambios es el pueblo organizado, iniciando el

⁶ “No nos equivoquemos; nuestro objetivo no es sólo eliminar las trabas que impiden el desarrollo económico de nuestra sociedad. Podemos llegar a eliminar esas trabas y a apropiarnos al Estado de los medios de producción y evidentemente tendremos una estructura distinta, pero no será totalmente distinta si no coloca en el centro al hombre integral. Podremos quizá construir una sociedad económicamente más próspera, pero nuestro objetivo es, además, una sociedad humanamente distinta. Y no es posible crearla si lo hacemos imbuidos de los mismos valores que el liberalismo” (CEA-UBA, 1964a).

proceso de cambios profundos con la toma de conciencia de las causas que provocan el subdesarrollo y la injusticia social. En este marco, el Planeamiento Integral por el que pregonan es incompatible con el liberalismo económico, donde la sociedad se base en la explotación del hombre por el hombre; contrario a ello, debe servir como herramienta para garantizar la justicia social⁷. Respecto del problema de la vivienda popular son taxativos en que la solución solo será posible con cambios del modelo de dependencia, con una política de liberación nacional y social. Aquellos esfuerzos que no vayan en este sentido, son entendidos como paliativos, y solo sirven para generar “deformaciones y especulaciones”. En este escenario, la acción del arquitecto puede darse en diversos niveles, tanto dentro del planeamiento como en el diseño urbano y de conjuntos arquitectónicos. Las acciones de diseño, en el marco de acciones de planeamiento, implican el desarrollo de “los nuevos programas, los nuevos contenidos y símbolos de la sociedad en proceso de liberación” (Ídem).

En otra ponencia orientada a la enseñanza, la misma delegación consideraba que “una real y total transformación de las estructuras universitarias no se puede lograr si no se logra previamente un cambio de estructura económico-social. (...) -pero- sin embargo, es imprescindible una reestructuración en la enseñanza, que sirva como solución al momento actual, teniendo en cuenta el proceso de cambio de nuestra sociedad” (CEA-UBA, 1964b). Afirman, para concluir, que la enseñanza de arquitectura debe despertar en el estudiante “una verdadera vocación de entrega al pueblo y de responsabilidad frente a él, mediante la toma de conciencia de la real situación popular” (Ídem), para lo que los planes de estudio deben estar orientados a trabajar sobre las reales necesidades sociales nacionales. La necesidad de incluir contenidos de sociología, industrialización, administración, interdisciplina, entre otros; fomentar la integración de contenidos y escalas; así como crear institutos que profundicen sobre los problemas sociales y una carrera docente acorde a lo planteado.

En el mismo tema A, presenta una ponencia el Centro de Estudiantes de Arquitectura (CEDA) de la Universidad de la República (UdelaR) de Uruguay. Esta delegación plantea un balance sobre las modificaciones de su plan de estudios de 1952. A doce años de su implementación, vuelven sobre su exposición de motivos, relatan los debates que se venían suscitando en su Facultad al respecto y los puntos que se señalan como los más conflictivos. Se destaca que desde aquella modificación se “haya propuesto para la Facultad una enseñanza basada en un profundo conocimiento crítico de la realidad” (CEDA, 1964), pero señalan dificultades con la inserción al medio de los graduados, que genera desocupación y estancamiento⁸. Para superar esta situación, sostienen que hay que implementar una actitud combativa, luchando por puestos de trabajo, en relación con entidades gremiales, universitarias y que se encauce junto a la lucha de los sectores populares, “ya que la nuestra es una misión de aporte técnico a la solución de los problemas políticos estructurales que motivan la situación” (Ídem).

Por otro lado, comentan sobre las actividades de extensión realizadas por el Instituto de Teoría y Urbanismo (ITU) y el Instituto de la Construcción de los Edificios (ICE), que va en sintonía con el espíritu del plan de 1952, de vincular la formación

⁷ “Por el contrario, un Planeamiento Integral socialmente entendido supone la estructuración de una nueva sociedad fundada en la justicia social, el bien común, la solidaridad entre sus miembros, el auténtico respeto a la dignidad humana, la libertad individual y colectiva cimentados en el progreso material y espiritual” (CEA-UBA, 1964a).

⁸ “Es un hecho de todos conocido la creciente desocupación que, salvo contadas excepciones, azota a los egresados universitarios y que palpa con particular claridad en el caso de los arquitectos. Esa situación ha provocado un sentido general de escepticismo y derrotismo que de ninguna manera podemos aceptar” (CEDA, 1964).

con las problemáticas del medio. El ITU e ICE impulsaron diversas acciones, tales como asesoramiento en planes urbanos, asesoramiento a instituciones públicas, formulación de programas de mejoras en poblaciones indigentes, desarrollo de cartillas para la construcción de viviendas, entre otras. Señalan que las mismas encuentran limitaciones por la estructura socio-económica del país, por la labor meramente administrativa y poco docente de los Institutos, y por “la necesidad de una mayor compenetración del estudiante y la Facultad con el medio, a través de una acción directa” (Ídem). En su ponencia, también retoman también algunas de las resoluciones del encuentro de estudiantes desarrollado durante el Congreso de la UIA, en Cuba, en 1963.

La delegación venezolana del Centro de Estudiantes de Arquitectura (CEA) de la FAU-UCV también presentó ponencia en el tema A, en la comisión abocada a la enseñanza. La presentación retoma el tono crítico como los trabajos anteriores, comenzando con una breve caracterización de la situación del país y llegando a la conclusión de que la enseñanza universitaria no puede atender a los requerimientos de toda la sociedad debido al régimen socio-económico de entonces. Ante esto, sostienen que es necesario verdaderas reformas en la universidad y el Estado, a la vez que la unión entre las luchas estudiantiles y populares contra el “principal explotador”, los Estados Unidos. Apoyándose en la tradición de lucha del movimiento estudiantil latinoamericano, de la reforma de principios de siglo XX, expresan que:

“es posible incorporar la Universidad a la transformación de esas estructuras políticas dependientes, creando una clara conciencia en todo el estudiantado de latinoamérica. De esta manera, las reivindicaciones universitarias, pedagógicas, etc., deben adquirir una perspectiva nueva y encuadrarse en la renovación total de la estructura social existente, ya que sólo con el logro de una independencia política y económica, podrá desarrollarse plenamente la educación y ponerla al servicio de nuestros pueblos.

(...) Para lograr las transformaciones imprescindibles, que lo conduzcan al cabal ejercicio de su profesión, es necesario que el arquitecto sea consciente conocedor de los procesos que se desarrollan en su país, e incorporarse conjuntamente con los campesinos y obreros a la lucha que garantice el cambio radical de las estructuras dominantes y le permita poner todos los recursos a la disposición de las mayorías. La Universidad juega un papel primordial en la creación de esa conciencia y por eso se hace necesario analizar su situación actual en Venezuela” (CEA-UCV, 1964a).

Respecto del lugar del arquitecte en los problemas nacionales, sostienen que la tarea central del profesional debe estar dirigida a atender los déficits de vivienda, a través del desarrollo y utilización de los sistemas de construcción prefabricados, la coordinación modular y la producción industrializada. Comprenden que “las contradicciones que existen, entre el arquitecto que debe estar al servicio de la mayoría y la estructura política social que se lo impide” (Ídem). Ante lo que afirmaban que, mientras no ocurra una verdadera revolución en el país, la universidad no podrá cambiar totalmente, pero que era tarea pensar las reformas posibles. Plantean que el camino a seguir es el cambio de las estructuras con un gobierno revolucionario, donde los estudiantes y docentes aporten participando de las acciones de presión o política directa. Finalizan la ponencia proponiendo algunas reformas a efectuar en la Facultad más ligadas a los métodos de enseñanza, como por ejemplo una mayor participación de estudiantes en los talleres, la integración de materias, formación (método) más que información (técnica), entre otras.

La ponencia de la delegación mexicana, por su parte, es breve, pero busca ser contundente con una serie de ideas que apuntan directamente a plantear cuáles son las reformas necesarias para vincular la formación a la realidad nacional. Como

objetivos principales señalan: intensificar la formación humanística y del arquitecte como creador intérprete de su momento histórico; permitir la intervención de los estudiantes en el armado de los programas; y la realización de un análisis profundo del problema, incluyendo la vivencia del mismo, como hecho fundamental. Varios de los otros puntos, apuntan a la integración de las materias de diseño y teóricas, así como reforzar la necesidad de que el motor central sea el taller, donde se estimule el pensamiento creativo y original.

En el punto B del encuentro, se presentaron otras tantas ponencias de diversas delegaciones. Los representantes del CEA de la FAU-UCV, presentan otra ponencia en la cual parten de un análisis crítico de la situación de la enseñanza universitaria, donde se invierten gran cantidad de recursos sin llegar a resolver el “déficit intelectual” que el país necesita. Los profesionales que se forman no rinden en beneficio de la sociedad, no comprenden su papel en el medio, y terminan, generalmente, “en una explotación comercial de los recursos que les ha dado su paso por la Universidad, diluyéndose por completo en la esterilidad de lo que se ha dado en llamar el ‘ejercicio liberal de la profesión’, que en el fondo no es otra cosa que la explotación de las necesidades del cliente y de las ‘oportunidades’ que pudieran presentárseles” (CEA-UCV, 1964b). Esta situación se oponía a lo que entendían era la misión de la Universidad: desarrollar la capacidad creadora e iniciativa para constituirse en reales impulsores en la sociedad, de movimientos para su transformación.

“Y aquí se dibuja en toda su dimensión el gran crimen que hoy se ejecuta en el cuerpo de las juventudes latinoamericanas; la forma como ha sido concebida nuestra Universidad lleva en forma ineluctable a la alineación progresiva del universitario, entregándolo a una técnica seca, mecanizada y de relativa actualidad, cuya aplicación repetida, unida al hecho de que es eso lo que sabe y nada más que eso, convierten al profesional en inservible a los pocos años de haberse recibido, generándose así los estériles conflictos generacionales de los que todos tenemos conocimiento triste. Porque los métodos de información, cuando no se establecen sobre una sólida base intelectual, conducen finalmente a la castración intelectual del individuo, llevando a cero su capacidad de creación, así como su capacidad de adecuación a nuevas situaciones, haciéndolo así inservible en cuanto es separada la técnica de la que es poseedor. La técnica en sí se basa en la capacidad de habituación (crearse hábitos) del individuo, llevando a cero la necesidad de tener conciencia de lo que ejecuta, pudiendo llegar a una mecanización esterilizadora incapacitándolo, en cierta forma, para pensar por sí mismo.

(...) La formación entonces podemos decir que adiestra, que tecnifica, sustituyendo la capacidad de pensamiento del ser humano por el mero uso del reflejo condicionado, lo que en definitiva castra intelectualmente al hombre, sumergiéndolo en la infertilidad que, en definitiva, tiene como consecuencia la inversión de sus valoraciones naturales, al sustituir su tendencia natural a la verdad por la grosera aspiración a elevar su nivel de vida material, estableciéndose esto como meta final de sus aspiraciones, lo cual no vacilamos en calificar como un crimen, a la vista de las exigencias presentes y de las posibilidades existentes.

Concluyendo en este aspecto de nuestra exposición, diremos que consideramos la capacitación técnica, el adiestramiento o como se quiera denominar, es un factor fundamental en lo referente al desarrollo de un país, pero de ninguna manera debe ser considerado su base, pues los extremos en este sentido conducen fatalmente a la deshumanización del hombre, convirtiéndolo en un autómatas insensible” (CEA-UCV, 1964b).

En este tema, la delegación mexicana vuelve a insistir, en su ponencia, sobre cómo la problemática habitacional de grandes sectores interpela a la formación arquitectónica. Expresan la importancia del estudiante en las posibilidades de transformar la realidad nacional, debido a su espíritu generoso, joven, desinteresado, su capacidad para hacer propios los problemas de los demás. Afirman que en las aulas

se han gestado los grandes movimientos libertadores, y que los estudiantes han sido una especie de termómetro de los intereses de la sociedad. Ante esto, sostienen que el estudiante de arquitectura debe “poner sus esfuerzos al servicio de su sociedad” (Delegación UNAM, 1964b). Señalan que uno de los problemas principales resulta el grave déficit habitacional, a lo que se preguntan

“¿Vamos a solucionar nosotros el problema de habitación? Es claro que no. Sabemos de antemano que la ayuda que en este sentido pueda prestar el estudiante de Arquitectura, con ser importante y meritoria y de indudable beneficio social, no va a terminar con la escasez que padecemos. Esto, no obstante, no debe conducirnos a sustraernos a la acción, sino únicamente a apreciar los límites de nuestra colaboración” (Ídem).

Señalan que las tareas que pueden realizar los estudiantes en los jacales o tugurios son: ayudar en el reacondicionamiento del barrio, realizar el proyecto de viviendas nuevas, y la capacitación “de todas las personas que pueden intervenir en las mismas obras y que carecen de los conocimientos indispensables para obtener de su esfuerzo todo rendimiento posible” (Ídem).

Para poder llevarlas adelante, exigen una formación humanista, que apunte a un cambio de mentalidad, y de oficios (carpintería, albañilería, etc.) que permita coordinar y colaborar en el proceso de construcción, “ensuciándose las manos”. Afirman que es fundamental trabajar en la unión del estudiante con el obrero y campesino, que no basta con construir la vivienda, porque “En la mayoría de los casos, los usuarios ni siquiera están preparados para usarla. Han carecido de preparación y de los medios económicos; y una casa necesita de los dos aspectos para que efectiva y realmente cumpla su función” (Ídem). En estas afirmaciones se vislumbra el aspecto educativo de la intervención en vivienda, y se delinea acciones particulares a las que los estudiantes de arquitectura pueden abocarse. Por último, sostienen que se debe promover el reconocimiento de las instituciones y organismos de la acción de la arquitectura sobre estos problemas, respaldados en las acciones concretas, “medio idóneo para que nuestros proyectos y esfuerzos no queden como meros escauceos románticos y utópicos por no levantarse sobre una base sólida” (Delegación UNAM, 1964b). Conseguir la legitimidad y los recursos sin que en ello “nuestros proyectos funcionales y plásticos, nuestra labor loable y social, pierden consistencia y objetividad” (Ídem). Expresan que una vez implementadas ciertas acciones:

“¿Podemos ya lavarnos las manos? Con un NO rotundo hemos contestado a esta pregunta, porque no pensamos que el habernos puesto en lo personal a ayudar, y con haber transmitido todos los conocimientos que poseemos, y con haber orientado a algunas personas se puede terminar aquí la labor del estudiante, porque sería tanto como desconocer el apoyo indispensable que hace falta para llevar a cabo esa labor. Nuestro trabajo no puede circunscribirse exclusivamente a mejorar unas cuantas casas y a erigir otras tantas; sería pretender tapar el sol con un dedo. El problema que tenemos enfrente alcanza, como ya lo anunciáramos, proporciones nacionales y estamos ciertos de que con ser positiva e impostergable nuestra labor, aislados y sin apoyo decidido, no vamos sino a poner un cabal grano de arena en un mar de problemas” (Delegación UNAM, 1964b, mayúsculas del original).

Luego de este V CPEA no se conoce la realización de otros, pero varios de los debates abiertos parecen continuar en las CLEFA. De hecho, la III de las Conferencias se realizó en Córdoba, a principios de octubre, una semana después del V Congreso de Buenos Aires. Por lo que, parte de las delegaciones latinoamericanas pudieron participar en ambos encuentros.

II. Las Conferencias Latinoamericanas de Escuelas y Facultades de Arquitectura

La Conferencia Latinoamericana de Escuelas y Facultades de Arquitectura (CLEFA) es impulsada a través de la Unión de Universidades de América Latina⁹, (UDUAL) a partir en 1959, resultando su primera sede la Universidad Católica de Chile (UCC). Venezuela, México, Chile y Argentina vuelven a aparecer como sede de los encuentros, al igual que en los CPEA, a los que se suman las sedes de Perú, Colombia y Ecuador.

La I Conferencia se realiza en la Facultad de Arquitectura de la UCC, en noviembre de 1959, y se propuso “La orientación básica de la formación de arquitectos en América Latina” como tema central, del que se desprendían preguntas como: ¿Qué debe ser un arquitecto? ¿Cuál es su relación con los otros especialistas? ¿Qué conocimientos y prácticas debe desarrollar una escuela de arquitectura? De la primera Conferencia, se encuentran una serie de reflexiones que realiza la arquitecta argentina Marina Waisman para la revista Nuestra Arquitectura¹⁰. Para Waisman, “estos congresos significan siempre una confrontación entre diversas posiciones, métodos, enfoques y personalidades, y que sus resultados positivos, más que resoluciones o declaraciones derivan de los contactos humanos que se establecen” (1960:37).

La II Conferencia se realiza en la ciudad de México, en octubre de 1961, y se propuso analizar los problemas de las escuelas de arquitectura de Latinoamérica. Interesa profundizar en la III Conferencia a partir de los debates y ponencias que allí se presentaron. La misma se realizó la semana siguiente a la V CPEA, 27 de septiembre al 4 de octubre de 1964, en la Facultad de Arquitectura y Urbanismo (FAU) de la Universidad Nacional de Córdoba (UNC), Argentina. Donde, a diferencia de CPEA, no era un congreso exclusivamente de estudiantes, sino que se dio una mayor participación de docentes y graduados. En sus actas publicadas por la UNC (1964) se expresa una síntesis de los debates de las comisiones de trabajo, discursos oficiales y ponencias presentadas.

El tema central buscó ir en sintonía con el temario que se proponían para el VIII Congreso¹¹ de la Unión Internacional de Arquitectos (UIA), que se realizaría al año siguiente en París¹². Titulándose “La formación del Arquitecto en sus tres etapas: antes, durante y después del ciclo universitario”, estas tres últimas palabras darían nombre a las tres comisiones de trabajo que se generaron.

La elección de Córdoba como sede, tenía su principal argumento en su decano, Luis A. Reborá, quien, habiendo participado de las dos primeras conferencias, se encargó de motorizar la propuesta. En su discurso oficial de apertura de la Conferencia

9 La UDUAL se crea en 1949, estableciendo como objetivo principal: “Promover el mejoramiento y afirmar y fomentar las relaciones de las universidades latinoamericanas entre sí y de estas con otras instituciones organismos como la UNESCO y la OEA” (Burbano López, 2011:149).

10 La nota se centra en hablar, desde las vivencias de Waisman en el encuentro, sobre la situación en las universidades chilenas, entorno a las relaciones humanas, comparándolas con la situación en Argentina.

11 En la introducción al temario de la VIII Congreso, se expresaba que “No es posible emprender el estudio de la formación de Arquitecto sin preguntarse previamente: ‘¿Qué es un Arquitecto?’ El Arquitecto es quien, luego de haber hecho el análisis de las necesidades expresadas o implicadas, hace la síntesis y las traduce en formas, subordinándolas a una idea directora cuya finalidad es la armonía. (...) Entre el poder que encarga las obras y la Sociedad que las ‘consume’, el Arquitecto se encuentra colocado en el centro de debates y de acciones continuos que van de la política a la técnica; pero a través de ello, sólo a él le compete la responsabilidad de mantenerse fiel al ideal de armonía y de finalidad humana. El Arquitecto es a la vez humanista, técnico, artista, hombre de acción. Poseerá, en primer término, los dones; el saber es cuestión de la selección y formación” (UIA cit. UNC, 1964: 133).

12 Esto tenía la intención de que la Conferencia “además de fines universitarios y sus alcances continentales, sea también preparatoria del mencionado Congreso. De esa manera, el block de los países latinoamericanos podrá concurrir en julio, con un análisis realizado y una posición adoptada, al menos en los aspectos que nos son comunes” (Reborá, 1964: 28).

se refiere a los desafíos que enfrentara el arquitecto en ese momento, situándose, principalmente, en el problema de la vivienda popular, sobre el que expresa:

“La historia de la arquitectura al igual que la historia de los hombres se desarrolló por las cumbres. Sacerdotes, reyes y guerreros en una, encuentran su eco en los templos, palacios y castillos de la otra. Entre tanto la vivienda y su destinatario el pueblo, ocupan muy pocas páginas en ambas historias hasta que, a comienzos de este siglo, como producto de un proceso que se inicia en el anterior y se mal denomina ‘revolución industrial’, vivienda y pueblo, mansa unas veces, tumultuosa las más, reclamando su rol protagónico en la historia de la humanidad. (...) La tapera, el tugurio, el conventillo, el bohío, las favelas, constituyen el desafío que esta sociedad está arrojado a diario al rostro de sus arquitectos; afrontarlo con decisión y valentía significará nuestra justificación como técnicos de esta era. La vivienda y sus prolongaciones deberá ser para nosotros arquitectos del siglo XX el acto de fe que significó la catedral para el hombre del medioevo. El sobrevive en ella. Sobrevivamos nosotros en las viviendas de pueblos felices” (Rebora, 1964:30).

Realiza una caracterización crítica sobre la situación de los países de la región, donde el modelo monoproductivo, de dependencia económica, de desocupación, son característicos del continente, por lo que el dilema de los arquitectos latinoamericanos es si “poner nuestra capacidad, nuestros conocimientos y nuestros esfuerzos al servicio de quienes lo fomentan y lo usufructúan o al servicio de quienes lo sufren y lo combaten” (Ídem). Interpela a los profesionales, y sostiene que será señalando los defectos, que se realice el primer paso en el camino por su superación. En este sentido, cita a Tomas Maldonado, quien había expresado en una conferencia: “Hasta cuando el arquitecto va a seguir siendo juez y verdugo de quienes sólo desean una vivienda para satisfacer sus necesidades y no para inmortalizar a su autor?” (Ídem, 29). A lo que Rebora expresa haberse sentido “profundamente tocados”, “era como si hubieran desnudado nuestro espíritu de arquitectos, que en función de un narcisismo injustificado y un individualismo inoperante se esfuerza en estar de pie en el presente, pero de espaldas al porvenir” (Ídem).

En la segunda comisión, “Durante”, se debatió en torno a la formación general e integral de los arquitectos en relación a los problemas de las realidades latinoamericanas. A su vez, esta comisión se dividió en cinco subcomisiones que buscaron abordar: 1. La misión del Arquitecto; 2. Formación General; 3. Formación Técnica; 4. Formación Plástica; 5. Temas generales.

En las resoluciones de la segunda subcomisión se sostiene la necesidad de estudiar, investigar y orientar la formación hacia los graves problemas culturales, sociales y económicos de los países latinoamericanos. En este sentido, la preparación del futuro arquitecto debe considerar: “a) ubicar al estudiante en la realidad histórica, económica y social del país y de su contexto americano mundial; b) proporcionar conocimientos en las disciplinas de economía y sociología del desarrollo, en vista sobre todo al trabajo interdisciplinario; c) Proponer ejercicios y desarrollos teóricos sobre temas que correspondan a la realidad del medio en aspectos que competen directamente al arquitecto, enfrentados desde el punto de vista cultural y socio-económico” (UNC, 1964:48).

En la subcomisión cuatro, se expresaba sobre la relación entre las capacidades plásticas y artísticas a desarrollar, sobre el peso de la forma, y el equilibrio respecto de la formación técnica y general. En el último punto de las resoluciones, no llegarían a un consenso mayoritario, por lo que se esgrimen dos versiones de este último punto, en las cuales se pueden divisar enfoques diferentes para entender la relación entre las realidades económicas y las capacidades a desarrollar. El dictamen de la mayoría, en ese punto, sostenía que:

“Dado que toda obra de arquitectura es un objeto que tiene una forma, es deber del arquitecto dar a ésta, la mayor calidad artística posible, con los recursos económicos que proporciona la situación del desarrollo de los países latinoamericanos. Contribuirá de tal modo a la satisfacción de las necesidades de la sociedad para la cual trabaja, en todos sus aspectos. Las dificultades de tipo económico constituirán un reto y un estímulo al arquitecto para lograr la calidad artística en la sobriedad de los recursos y de la forma. Se alentará en particular su formación plástica e imaginativa para que pueda cumplir con esta tarea” (Ibidem, 51).

Por otro lado, el dictamen por la minoría proponía otro enunciado para este mismo punto, el cual decía:

“Las Facultades que adhieren a estos conceptos, conscientes de las estrechas limitaciones que impone la escasez de recursos y la presión demográfica en América latina, procurarán desarrollar una formación plástica en la que aquellas situaciones sean consideradas como severos factores condicionantes de la arquitectura, como hecho formal. La capacidad imaginativa del alumno será estimulada para alcanzar el máximo valor expresivo de los materiales y procedimientos usados, cuya elección depende en muy alto grado de factores técnicos, y sobre todo, económicos. Lejos de establecer limitaciones prohibitivas este planteo representa un reto y un estímulo que podrían constituir, en lo plástico, uno de los fundamentos válidos para una arquitectura regional” (Ibidem, 52).

Como puede observarse, ambas expresiones disienten, fundamentalmente, respecto del uso de los recursos locales, del papel de los factores económicos y sociales, y la relación de estos con la calidad artística e imaginativa. La expresión por minoría parece enfatizar la relación de dependencia a los factores técnicos y económicos de las realidades latinoamericanas, condicionantes de las formas y la expresión plástica posible.

En la subcomisión uno, referida a la “Misión del arquitecto”, nuevamente hay dos documentos finales, uno votado por la mayoría y otro por minoría. En este caso, se conocen los autores de ambas propuestas, mientras que el de mayoría lo presentaron Hubert Hobbs¹³, de Córdoba, y San Carlos Latchinian¹⁴, de Uruguay; el de minoría, lo firmaba Sergio Larraín¹⁵, de Chile. Los documentos disienten en todo su contenido, y en ellos se pueden encontrar algunas expresiones comunes, pero que se plantean de diferente forma y extensión. El de mayoría realiza una extensa descripción de lo que considera el arquitecto, las condicionantes del medio y la arquitectura, los aspectos éticos, profesionales y especiales de la formación, los alcances y los procedimientos para su implementación. Mientras que el de minoría, esgrime que es el arquitecto y una serie de puntos que abordan la formación y el conocimiento del medio.

¹³ Según Sylvia A. Dobry Pronsato (2008), quien fuera alumna de la reconocida experiencia del Taller Total de Córdoba (1970-1974; ver capítulo 3), profesores como el arquitecto Hubert Hobbs tuvieron que ver con la construcción inicial de una perspectiva crítica dentro de la FAU-UNC, interpelando sobre la necesidad de vincular la universidad con los problemas de la sociedad. Hobbs renuncia luego del golpe de 1966, junto a otros profesores, y su carta de renuncia, es para Dobry uno de los documentos preparativos de la experiencia posterior del Taller Total (2008: 120).

¹⁴ San Carlos Larchinian fue profesor en la Facultad de Arquitectura de la UdelaR y participó activamente de los debates que signaron las modificaciones del Plan de 1952, así como de las críticas revisionistas que se realizaron en 1964, junto a Ricardo Saxlund, ambos integrantes del Partido Comunista (Mazzini y Méndez, 2011:142)

¹⁵ Sergio Larraín es un arquitecto chileno reconocido por la difusión de las ideas de Bauhaus y el movimiento moderno en su país desde los años veinte. Fue profesor de la universidad y participó de la modernización del plan de estudios de la Escuela de Arquitectura de la Universidad Católica de Chile, en 1949 (De los Reyes, 2013). Socio de Emilio Duhart, con quien realizaron una obra de reconocida trascendencia. Larraín fue una figura importante en las primeras CLEFA.

Desde la definición de qué es un arquitecte se pueden visualizar las divergencias. Para la resolución de mayoría es:

“el profesional que, orientado a la organización de espacios significativos, en los cuales ha de transcurrir la vida del hombre planteados en función de sus necesidades vitales, ha de poseer un serio dominio de su técnica, una certera concepción integradora y una desarrollada capacidad de creación, así como el más profundo conocimiento del medio y sus problemas. Una conciencia clara de los objetivos hacia los cuales debe tenderse para satisfacer las reales necesidades de la sociedad” (UNC, 1964:56).

Mientras que el de minoría, expresa que

“Arquitecto es quien hace obra de arquitectura, y llamamos obra de arquitectura a aquellas construcciones u organizaciones del espacio destinadas a que los actos del hombre se realicen con adecuación, comodidad y dignidad; y la obra será tanto más arquitectónica, cuando, además de cumplir con los requisitos funcionales del programa, con su adaptación al medio, social, al momento histórico, a las determinantes físicas y económicas y a los aspectos estructurales y constructivos, trascienda más allá de sus objetivos inmediatos” (UNC, 1964:60).

En el documento por minoría, expresan diversos elementos que debiera considerar la formación del arquitecte y los cambios necesarios para el contexto latinoamericano, donde “Aquí más que en ninguna otra parte el Arquitecto debe tener la solvencia humana y profesional para hacerse oír” (Ibídem, 61). Culmina afirmando que

“La participación del Arquitecto en la vida pública, no debe darse necesariamente dentro de la política. El mejor y más auténtico aporte que puede hacer a la sociedad en que vive, es el de actuar en la forma más plena como Arquitecto, sacrificando si es necesario sus ventajas personales al bien común y a la idoneidad de la obra” (Ídem).

En esta última afirmación, se cristaliza su mirada sobre la acción en política, en la vida pública y lo que considera el pleno ejercicio como arquitecte. Por su parte, el documento por mayoría, sigue a la definición de arquitecte, con afirmaciones que sostienen una posición distinta desde lo político. En el punto respecto de las condicionantes del medio, retoma algunas ideas de las conclusiones del Congreso de UIA realizado en La Habana en 1963. El documento expresaba que la arquitectura de los países subdesarrollados no podía transformarse sin un cambio radical de la estructura económico-político-social, debido a que

“La arquitectura de un país es reflejo de la interrelación de los factores económicos, políticos y sociales del proceso histórico mundial, que determinan las condiciones y el grado de desarrollo de país. En cada país, la arquitectura y el urbanismo son expresiones fieles de su economía y de su sociedad (...). En su doble aspecto material e ideológico, la arquitectura es expresión de la producción y producción de la expresión de cada país en cada etapa del proceso de desarrollo.” (Ibídem, 56).

Desde el punto de vista de la formación ética, afirman que la responsabilidad es el aspecto clave, la cual: a) debe ejercerse como humano total, no solo como arquitecte; b) que se ejerce desde las pequeñas acciones y relaciones cotidianas; c) como colectivo, el arquitecte debe estar al servicio de la comunidad y su preparación debe ser en íntimo contacto con la realidad circundante (Ibídem, 57). Respecto de la formación

profesional, sostienen que la misma debe basarse en: a) profundo conocimiento de la realidad; b) desarrollar un pensamiento que permita enfocar, conocer e interpretar la realidad por sí mismo y racionalmente; c) se realice una “clara y permanente toma de posición que le impulse a entroncarse activamente en el proceso social, procurando un cambio progresista de la sociedad que dé satisfacción a las necesidades de las grandes mayorías” (Ibídem, 58).

La “toma de posición” parece implicar un compromiso con el proceso social y político diferente al que expresaba el documento de minoría. A la vez, la caracterización que realizan de la arquitectura y la relación con el modelo socio-económico, vislumbra a una mayoría sensible a la coyuntura y cercana a las corrientes que apuntaban a una transformación profunda del sistema.

En la tercera comisión, denominada “Después”, también vuelven sobre las conclusiones del Congreso de UIA realizado Cuba, transcribiendo textual la declaración del encuentro. A esto, la comisión suma una serie de considerandos y recomendaciones que giran en torno a cómo incorporar los problemas de la realidad social y económica de América Latina a la formación y ejercicio del arquitecte. Propuestas que van desde la creación de nuevos cursos para graduados de especialización, desarrollo de investigación, la solicitud a los gobiernos, de parte de las escuelas, de cambios en el régimen impositivo y la política de vivienda, entre otras. En una de las recomendaciones se visualiza el enfoque crítico del documento y su posición respecto de modelo socio-económico que estaba en vigencia, al afirmar que las escuelas de arquitectura de Latinoamérica debían dirigirse

“a los poderes públicos peticionando la sanción de leyes que tiendan: a) a que la tierra constituya un bien en función social tanto en su uso urbano como rural; b) a impedir que la vivienda siga siendo una mercancía y el resultado de una acción especulativa; c) a que las plusvalías provenientes de la acción estatal o de la labor de la comunidad, sean absorbidas por los organismos oficiales a los efectos de ser restituidas a esa misma comunidad” (Ibídem, 76).

En las diferentes ponencias presentadas también se pueden ver los posicionamientos y enfoques respecto de los desafíos que se le planteaban a la formación en arquitectura de incremento de la conflictividad social en todo el continente. Por un lado, un grupo de facultades y escuelas¹⁶ que apuntaban a una formación general del “futuro arquitecto con vistas a su mejor ubicación dentro de su profesión, de la sociedad humana en que debe desenvolverse y de su mismo tiempo porque considera fundamental la unidad de su cultura en sus aspectos humanos y humanístico en el nivel universitario” (FAU-UM cit. UNC, 1964:176). Se refuerzan los aspectos artísticos y humanísticos de la formación, como base principal, sin menospreciar por ello a los conocimientos técnicos. Una mirada que impulsa la revalorización del arquitecte en la sociedad, haciendo valer su lugar posible como uno de los “líderes del desarrollo social”,

“El arquitecto debe reconquistar su posición de elemento social indispensable y fundamental, y debe hacerlo fortaleciendo –no abandonando- aquellos valores que son propios de la arquitectura desde que el hombre sentía la necesidad de decorar el interior de sus cavernas, y que seguirá siéndolo mientras la especie humana esté dotada de sensibilidad” (Escuela de Arquitectura-UCC cit. UNC, 1964:198).

Desde esta mirada, las incumbencias que relacionan el quehacer profesional con los problemas de la realidad social se abordan desde el planeamiento, como

¹⁶ En este caso se hace referencia a las ponencias de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de Mendoza, y a la Escuela de Arquitectura de la Universidad Católica de Chile, como algunos de los ejemplos, no siendo los únicos.

herramienta central; “Dado que incumbe al arquitecto una contribución importante para formar el entorno de una sociedad mejor, este debe conocer las disciplinas del planeamiento a fin de poder colaborar en su realización y ejercer su función específica de especialista en diseño urbano” (FAU-UM cit. UNC, 1964:182).

Por otro lado, delegaciones como la de Uruguay presenta elementos para considerar otro enfoque en la discusión sobre el papel del arquitecto en los problemas de la realidad social. Primeramente, señalan la preeminencia de los conocimientos técnicos sobre los artísticos, “la arquitectura, es fundamentalmente, una técnica que implica necesariamente otras técnicas y ciencias. Al mismo tiempo tiene contenidos artísticos que expresan en mayor o menor grado el carácter y nivel alcanzado por la sociedad” (FAU-UDELAR cit. UNC, 1964: 223). También difieren en el papel del arquitecto ante aquel momento de Latinoamérica, donde entienden que el técnico debe poseer:

“a) Profundo conocimiento de cada realidad nacional y de su proceso de transformación, enmarcado en el conjunto de cambios que se están produciendo en América Latina y en el mundo y que apuntan hacia una superación progresista de las estructuras actuales, así como una clara conciencia de las necesidades sociales que deberán ser satisfechas.

b) Profundo conocimiento de su técnica como medio para determinar una acción más eficaz y de mayor seriedad y seguridad en sus enfoques. Técnica que, considerando las peculiaridades de nuestro medio, debe enriquecerse continuamente en base a la investigación, a la práctica y al estudio del desarrollo social, científico y técnico general, con particular atención al que se da en países de estructuras sociales más avanzadas.

c) Conocimiento de los aspectos fundamentales de las técnicas que participan en el análisis, en la programación y la ejecución de la obra arquitectónica, especialmente en sus niveles superiores, en los cuales aquellas adquieren particular trascendencia.

d) Conciencia militante que le impulse a entroncarse activamente en el proceso social, procurando el cambio progresista de la sociedad, que dé satisfacción de las grandes mayorías” (UNC, 1964:224).

Estos diversos dictámenes de las comisiones volvieron a ser discutidos en la plenaria final. Un ejemplo son los informes de la comisión uno, que trabajaba en torno a la “Misión del Arquitecto”, tanto el de minoría y el de mayoría fueron rechazados por Enrico Tedeschi¹⁷, para quien no correspondían con el temario y debían ser descartados. A pesar de ello, en el voto de los participantes de la sesión final ganó el documento de la mayoría, y ambos fueron publicados.

En la misma sesión de cierre, se discutió sobre la escasa participación de estudiantes de diferentes países en el Congreso y la falta de representatividad de algunas delegaciones, no sólo para el debate sino también a la hora de votar por las resoluciones finales.

En este punto del debate, interviene, nuevamente, Enrico Tedeschi para apoyar la moción que establecía un voto por delegación y no por persona. Expresó que las posiciones que triunfaron en aquella Conferencia resultaron recomendaciones difíciles de aplicar y que, al contrario de ello,

“ las Conferencias deben tener un carácter más definido y con temas específicos, para evitar discusiones de tono político (...) –y- deben ser el resultado de una labor de conjunto en que los asistentes no se sientan separados por nada, mientras no se hable de más que de arquitectura” (Tedeschi cit. UNC, 1964:91).

¹⁷ Enrico Tedeschi (1910-1978) arquitecto argentino, con una reconocida trayectoria, donde destaca su papel central en la creación de la Facultad de Arquitectura de la Universidad de Mendoza, primera facultad privada de arquitectura del país, fundada en 1961.

A estas expresiones de Tedeschi, responde el arquitecto Francisco García Vázquez¹⁸, quien manifiesta su conformidad con los debates de la Conferencia y sobre todo que aquellos de contenidos socio-económicos se relacionan directamente con la arquitectura. Por último, respecto de la participación estudiantil, afirma que “a la voz del estudiantado, los profesores y ciudadanos de América le debemos mucho” (García Vázquez cit. UNC, 1964:91).

A pesar de estas disidencias y por iniciativa previa, e impulsado por Reborá, todos los informes de las comisiones serían publicados en el libro de la UNC, al margen de las decisiones de la plenaria final. Una decisión interesante que permitió dejar rastro de las divergencias y las diferentes posiciones que se expresaban en aquellos años.

Reflexiones finales

Los debates que se dan en la III CLEFA son la antesala de posiciones que se distanciaron con más fuerza hacia los años setenta. El debate se radicaliza para los años setenta, cuando vastos sectores estudiantiles se vinculan a los movimientos políticos de la izquierda latinoamericana, lo que genera discursos y prácticas que se comprometen con el proceso revolucionario.

Con el advenimiento de los diversos golpes militares, persecución y detención de militantes, la circulación de los mismos por el continente va aumentando, a partir de diversas redes de solidaridad. Esta situación termina de distanciar a quienes, por un lado, comprometían su práctica profesional a la causa revolucionaria, y quienes, por otro lado, seguían sosteniendo que la política era algo diferente al ejercicio profesional, al saber técnico.

Esto se refleja en algunos de los encuentros de aquella década. En la VII CLEFA que se realiza en marzo de 1975, en Quito, Ecuador, se visualiza la potencia y radicalización de los discursos críticos, donde coinciden movimientos con comprobada trayectoria, que habían llevado a la práctica la vinculación de la militancia política revolucionaria con las búsquedas de nuevas prácticas arquitectónicas. Además de condensar y sistematizar varios años de desarrollo teórico-práctico del enfoque crítico de la arquitectura latinoamericana, aquel encuentro profundiza sus discursos de solidaridad con los compañeros perseguidos por las dictaduras políticas que multiplicaban en el continente. Estos caminos de resistencia y encuentro de múltiples protagonistas en suelo ecuatoriano y mexicano¹⁹, requiere de un trabajo, que desborda los alcances de esta ponencia.

Los encuentros que se recorren para este trabajo muestran un movimiento estudiantil que radicaliza sus debates en los primeros años de la década del sesenta, lo cual parece resalta la hipótesis de repercusión de la revolución cubana de 1959, pero a la vez identificar una maduración en las ideas que da cuenta de un debate que se configura desde varios años antes al suceso cubano, en diferentes países, con sus matices y particularidades. La discusión que proponían las delegaciones del V Congreso, por un lado, refleja la fuerte participación de los estudiantes provenientes de Venezuela, Uruguay, México y Argentina. Y, por otro lado, las coincidencias y complementariedad de las diferentes ponencias, las cuales confluyen en la necesidad de un cambio de las estructuras sociales y económicas para poder realizar profundas transformaciones en la formación y el quehacer profesional.

¹⁸ Francisco García Vázquez (1921-1990) arquitecto argentino y profesor de la FAU-UBA, su figura y trayectoria se retoman en la parte 2, abocada a Argentina.

¹⁹ En 1978 se realiza en México un nuevo encuentro de la UIA que encuentra vastas expresiones de solidaridad y rechazo a las dictaduras militares del cono sur.

En el período que se estudia algo parecía indiscutible: el problema de la vivienda popular era incumbencia profesional de los arquitectes y no se podía evitar su abordaje, más aún ante la realidad latinoamericana, donde el Estado era una de las grandes proveedoras de fuentes de empleo para los profesionales.

El debate, en aquellos años, se bifurca entre quienes adhieren a la idea de mantener los postulados de “atender las necesidades sociales”, recuperando la dimensión moral del profesional en la sociedad, y quienes apuntan a poner sus conocimientos y prácticas “al servicio de la lucha revolucionaria”, recuperando la dimensión política de su acción.

Mientras que, para el primer grupo, el conocimiento es neutro, apolítico y permite atender a toda la sociedad, sin contradicciones; para el segundo, el conocimiento estaba al servicio de los sectores dominantes, por lo que, en el marco de lucha de clases, como profesionales, debían posicionarse.

El primer grupo acusa al segundo de mezclar la política con las discusiones profesionales, de diluir el debate de lo específico, de evitar hablar de arquitectura; sin embargo, el segundo grupo aborda la arquitectura desde otra mirada, la circunscribe a las relaciones de producción.

Ciertas herramientas disciplinares también cobran sentidos diferentes, mientras que para unos el desarrollo profesional, de las ciudades y la arquitectura, es un fin en sí mismo, para los segundos todo ello es un medio para lograr otros fines, que rebasan al sector profesional. Dos grupos que se constituyen como polos de una misma discusión, entre los cuales se desarrollaron otras múltiples posiciones y enfoques. Trasciende los fines de este trabajo identificar y reconstruir con precisión quiénes y desde qué trayectorias configuraban ambos discursos, quedando como aspectos a profundizar en otros estudios.

Referencias bibliográficas

Arquitectura México (1958a). “Convocatoria de la ANEA”, *Arquitectura México*, (63), 199-200, septiembre. México.

Arquitectura México (1958b). “El II Congreso Panamericano de Estudiantes de Arquitectura y Urbanismo”, *Arquitectura México*, (64), 258, diciembre. México.

Bonavena, P. (2004). “Dos intentos para construir ‘doble poder’: El cuerpo de delegados en la Facultad de Arquitectura de la UBA y en la Escuela de Bellas Artes Prilidiano Pueyrredón durante 1971”. En *VI Jornadas de Sociología*. Buenos Aires: Facultad de Ciencias Sociales.

Burbano López, G. (2011). “La Unión de Universidades de América Latina y el Caribe (UDUAL) y la autonomía universitaria”, *Ciencia Política*, 6 (12), 147-169. Bogotá, Colombia: Universidad Nacional de Colombia.

Carranza, M. (2010). “Arquitectura, movimiento estudiantil y los espacios de la FAU-UNLP (1966-1973)”. En *III Jornadas de Estudio y Reflexión sobre el Movimiento Estudiantil Argentino y Latinoamericano*. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad Nacional de La Plata.

CEA-UBA (1964a). “La Vivienda en Relación con el Planeamiento Integral”, *Taller*, (9). Caracas, Venezuela: Centro de Estudiantes de Arquitectura, FAU-UCV.

- CEA-UBA (1964b). "La Vivienda en Relación con el Planeamiento Integral. Enseñanza", *Taller*, (9). Caracas, Venezuela: Centro de Estudiantes de Arquitectura, FAU-UCV.
- CEDA-UdelaR (1964). "La Vivienda en Relación con el Planeamiento Integral. Comisión 2", *Taller*, (9). Caracas, Venezuela: Centro de Estudiantes de Arquitectura, FAU-UCV.
- CEA-UCV (1964a). "La Vivienda en Relación con el Planeamiento Integral. Comisión 2", *Taller*, (9). Caracas, Venezuela: Centro de Estudiantes de Arquitectura, FAU-UCV.
- CEA-UCV (1964b). "Experiencias en Estructuración de Facultades y Planes de Estudios", *Taller*, (9). Caracas, Venezuela: Centro de Estudiantes de Arquitectura, FAU-UCV.
- Cravino, A. (2015). "Nosotros somos la Universidad". En XI Jornadas de Sociología. Buenos Aires: Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires.
- Cravino, A.(2018). "Esperando la Revolución: 1966-1974". *Revista Movimiento*, (5), 89-111.
- Delegación UNAM (1964a). "La enseñanza de la arquitectura en relación con el nuevo enfoque sobre la misión del arquitecto", *Taller*, (9). Caracas, Venezuela: Centro de Estudiantes de Arquitectura, FAU-UCV.
- Delegación UNAM (1964b). "Experiencias en Estructuración de Facultades y Planes de Estudios", *Taller*, (9). Caracas, Venezuela: Centro de Estudiantes de Arquitectura, FAU-UCV.
- De los Reyes, D. M. (2013). "Tradiciones, traducciones y transferencias: intercambios directos y reinterpretaciones de la HfG Bauhaus en Chile", *Revista de Arquitectura*, 19 (29), 31-39.
- Dobry-Pronsato, S. A. (2008). *Para quem e com quem: ensino de Arquitetura e Urbanismo. Tesis Doctorado en Arquitectura y Urbanismo*. Sao Paulo: FAU-USP.
- Durante, M. E. (2020a). Historias para una arquitectura militante. Circulación de ideas en Latinoamérica y politización de la arquitectura argentina en los años sesenta y setenta. Tesis de Doctorado no publicada, Programa de Estudios Urbanos, Universidad Nacional de General Sarmiento, Argentina.
- Durante, M. E. (2020b). "¿La Facultad está en crisis? ¿La arquitectura está en crisis? ¿El país está en crisis?" Radicalización política en la facultad de arquitectura de Buenos Aires en los años setenta". *Registros. Revista de Investigación Histórica*, 16 (2), 106-123.
- Lamfri, N. (2007). *Urdimbres. El Taller Total. Un estudio de caso*. Tesis de Maestría en Investigación Educativa, Córdoba.
- Malecki, S. (2016). "Crisis, radicalización y política en el Taller Total de Córdoba, 1970-1975". En *Prohistoria: historia, políticas de la historia*, (25), pp. 79-103.
- Mazzini, E. y Méndez, M. (2011). *Polémicas de Arquitectura en el Uruguay del siglo XX*. Montevideo, Uruguay: Universidad de la Republica.

Neiburg, F. y Plotkin, M. (comp.) (2004). *Intelectuales y expertos. La constitución del conocimiento social en Argentina*. Buenos Aires: Paidós.

Novick, A. (2012). *Proyectos urbanos y otras historias*. -1a ed.- Buenos Aires: Nobuko.

OPREA (1964). "El V Congreso Panamericano de Estudiantes de Arquitectura", *Taller*, (9), noviembre. Caracas, Venezuela: Centro de Estudiantes de Arquitectura, FAU-UCV.

Pedano, G. (2010). "El Taller Total, 1970-1976". Ponencia *III Jornadas de Estudio y Reflexión sobre el Movimiento Estudiantil Argentino y Latinoamericano*, Universidad Nacional de La Plata.

Punto (1962). "IV Congreso Panamericano de Estudiantes de Arquitectura y Urbanismo", *Punto*, (7), mayo. Caracas, Venezuela: Secretaría de Extensión Cultural, FAU-UCV.

Rebora, L. A. (1964). "Discurso pronunciado por el Presidente de la III Conferencia, Arquitecto Luis. A. Rebora". En *III Conferencia Latinoamericana de Escuelas y Facultades de Arquitectura*, 27-30. Córdoba: UNC.

Taller (1964). "Los Congresos Panamericanos de Estudiantes de Arquitectura", *Taller*, (9), noviembre. Caracas, Venezuela: Centro de Estudiantes de Arquitectura, FAU-UCV.

UNC (1964). *III Conferencia Latinoamericana de Escuelas y Facultades de Arquitectura*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba.

Waisman, M. (1960). "Crónica chilena para uso de argentinos", *Nuestra Arquitectura*, (364), 37-40.

Weinstein, B. (2013). "Pensando la historia más allá de la nación: la historiografía de América Latina y la perspectiva transnacional", *Aletheia*, 3 (6).

Autora

Maria Eugenia Durante. Arquitecta por la Universidad Nacional de La Plata, Doctora en Estudios Urbanos por la Universidad Nacional de General Sarmiento. Becaria Posdoctoral del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas. Docente, investigadora y extensionista del Centro Interdisciplinario de Estudios Complejos, FAU-UNLP. Desarrolla temas vinculados a la dimensión histórica y debates actuales entorno a la arquitectura abocada a la producción social del hábitat. Cuenta con diversos artículos publicados en revistas y ponencias en eventos que investigan experiencias de Argentina y Latinoamérica. durantemariaeugenia@gmail.com

ARQUITETURA FAZ MAL À SAÚDE: Como o curso de arquitetura e urbanismo pode ser prejudicial à saúde mental de seus estudantes

Eje/Eixo Temático 3

Laura Esther Mágero Dourado
Liza Maria Souza de Andrade
Vânia Raquel Teles Loureiro
Ana Luiza Aureliano Silva
Universidade de Brasília -UnB

Resumo:

Em um panorama crítico ao ensino de Arquitetura e Urbanismo, o objetivo deste estudo é investigar e compreender quais os problemas educacionais que estão prejudicando a saúde mental dos estudantes FAU/UnB. A partir de uma leitura teórica, foi estabelecido um panorama crítico geral, seguido por um estudo sobre saúde mental por meio de relatórios da OMS. Em seguida, foi realizada uma análise de relatos dos estudantes da FAU-UnB apresentados na Pesquisa de Brasil (2016) - “Precisamos Conversar sobre Ensino na FAU-UnB: o Plano Político Pedagógico e a perspectiva do aluno”. A finalização do estudo ocorreu por meio da aplicação e análise de um questionário elaborado pelos estudantes bolsistas do grupo de Ensino do projeto do Edital Vida Estudantil (Edital DEG/DEX/DAC no. 20/2018) “Precisamos falar sobre o ensino da FAU” e contou com o apoio do Grupo Periférico. Os resultados mostram que a insatisfação com questões acerca da carga horária, falta de integração de matérias, hierarquia em sala de aula e desconforto em espaços de estudo e lazer contribuem para o adoecimento psicológico dos estudantes ainda mais se combinados à uma política autoritária de gestão. Ao final, concluímos que investimento e inovação tanto em novas metodologias de ensino como na infraestrutura das escolas são essenciais para a manutenção de um ambiente saudável, sendo necessária, a ampliação de políticas de assistência estudantil.

Palavras-chave: **ensino de arquitetura, saúde mental, metodologia de ensino, interdisciplinaridade, protagonismo estudantil.**

Resumen:

En un panorama crítico para la enseñanza de la Arquitectura y el Urbanismo, el objetivo de este estudio es investigar y comprender cuales problemas educativos están afectando la salud mental de los estudiantes de la FAU/UnB. A partir de una lectura teórica se estableció una perspectiva crítica general, seguida de un estudio sobre salud mental a través de despachos de la OMS. Enseguida se realizó un análisis de los informes de los estudiantes de FAU-UnB presentados en Pesquisa de Brasil (2016) - “Precisamos Conversar sobre Ensino na FAU-UnB: o Plano Político

Pedagógico e a perspectiva do aluno". La conclusión ocurrió mediante la aplicación y análisis de un cuestionario elaborado por becarios del grupo Docente del proyecto Edital Vida Estudantil (Edital DEG / DEX / DAC no. 20/2018) "*Precisamos falar sobre o ensino da FAU*" y contó con el apoyo del Grupo Periférico. Los resultados muestran que la insatisfacción con la carga de trabajo, la falta de integración de asignaturas, la jerarquización en el aula y la incomodidad en los espacios de estudio y ocio contribuyen además con la enfermedad psicológica de los estudiantes, todavía más, si combinado con una política de gestión autoritaria. Al final, concluimos que la inversión y la innovación tanto en nuevas metodologías de enseñanza como en la infraestructura de las escuelas son fundamentales para mantener un ambiente saludable, y es necesario ampliar las políticas de asistencia al estudiante.

Palabras clave: **enseñanza de arquitectura, salud mental, metodología de enseñanza, interdisciplinariedad, liderazgo estudiantil.**

Introdução

Este artigo apresenta uma pesquisa sobre o bem-estar mental dos estudantes da FAU-UnB, com enfoque na questão do ensino de arquitetura e suas implicações na saúde; possui como objetivo maior entender, por meio da literatura estudada e de um questionário feito com os estudantes, os maiores problemas relacionados a faculdade que afetam diretamente o seu bem-estar psicológico e físico para, assim, traçar diretrizes para um aprendizado saudável.

No meio educacional, notamos o crescente adoecimento tanto dos alunos quanto dos professores. Mapear exatamente as causas envolvidas com a educação é uma tarefa complexa, já que problemas de saúde mental são motivados por diversos fatores psicológicos, sociais e biológicos, mas que não podemos ignorar, bem como a também crescente insatisfação com ensino, possui influência no bem-estar físico e mental dos envolvidos. Ao estabelecermos como ideal uma pedagogia motivadora, crítica, que promove autonomia estudantil e possui compromisso social e político, percebemos a cada dia o distanciamento da pedagogia atual desses princípios norteadores. Em linhas gerais, nas universidades, as discussões acerca de mudanças na educação, normalmente, têm por finalidade analisar a sua qualidade e novas formas de ensinar, acontecendo no âmbito quase que exclusivo dos professores. Como discutir o ensino sem considerar o impacto deste na saúde dos alunos, sem considerá-los também como protagonistas do ensino?

Nas escolas de arquitetura e urbanismo, o cansaço generalizado dos alunos é um traço que permeia a cultura da maioria das faculdades, questões sobre saúde física e mental são banalizadas, e pouco resolvidas (ARCHDAILY, 2019). Acepções como "é normal virar noites por causa de trabalhos", "não tenho tempo mais nada além da faculdade" e "o ambiente da faculdade me faz sentir mal" estão comumente entre as conversas dos estudantes, chegando ao ponto de serem situações consideradas "parte da experiência acadêmica". Em um contexto em que cada vez mais os jovens têm problemas psicológicos, como depressão e ansiedade, o ambiente acadêmico precisa reconhecer a sua parcela de responsabilidade e construir uma postura ativa de cuidado com a vida de seus alunos.

Falar da insatisfação, quase que consensual, com o ensino institucional de arquitetura e urbanismo no Brasil (NARUTO, 2007) é também falar sobre o quão prejudicial o curso é para a saúde mental dos estudantes. O estresse, o cansaço, as horas de sono perdidas, a constante cobrança pessoal e dos professores, centenas de

horas em ateliês mal iluminados, mal ventilados, parecem fatos intrínsecos para se reconhecer um estudante de Arquitetura.

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS): “saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a mera ausência de doença ou enfermidade” e “A promoção da saúde mental envolve ações para criar condições de vida e ambientes que apoiem a saúde mental e permitam às pessoas adotar e manter estilos de vida saudáveis” (OPAS, 2016). A complexidade de fatores que influenciam em um completo bem-estar mental torna a compreensão das causas de transtornos mentais difíceis de serem mapeadas, portanto quando todo um contexto, como o ambiente universitário, não se preocupa com a promoção de condições de vida saudável, a conscientização e responsabilização social é demorada, perpetuando mais descaso com a vida dos jovens. Abordar o assunto como uma questão de saúde pública é essencial, por isso o debate e consulta acadêmica é extremamente necessário, já que a disponibilidade e qualidade de dados dificultam a elaboração de estratégias de prevenção.

As universidades exercem importante papel de promover um ambiente saudável para muitos os jovens desempenharem suas funções sociais e laborais. Consequentemente, essas instituições possuem responsabilidade quando de alguma forma: estimulam cargas horárias que não permitem a realização de outras atividades pessoais, incentivam a competição entre alunos, não oferecem infraestrutura adequada, quando a avaliação possui um caráter eliminatório. Situações experienciadas pela maioria dos alunos de graduação e mais ainda por estudantes de arquitetura.

Uma pesquisa sobre tais situações foi realizada em 2018 pela até então estudante Melissa Kirkpatrick da Sheffield School of Architecture, na Inglaterra. Por meio do cruzamento de dados, ela comparou os resultados relativos a um “típico aluno de graduação no Reino Unido” com os de um estudante de arquitetura, para entender realmente como o curso de arquitetura se diferencia, negativamente, de outros cursos de graduação. A pesquisa mostrou que cerca de 33% dos alunos possui algum tipo de problema psicológico e que em comparação com outros alunos de graduação, os estudantes de arquitetura possuem porcentagens muito mais altas

quando questionados sobre a experiência com ansiedade, pânico, hipersensibilidade, sentimentos de desesperança e inutilidade (Figura 1) (KIRKPATRICK, 2018).

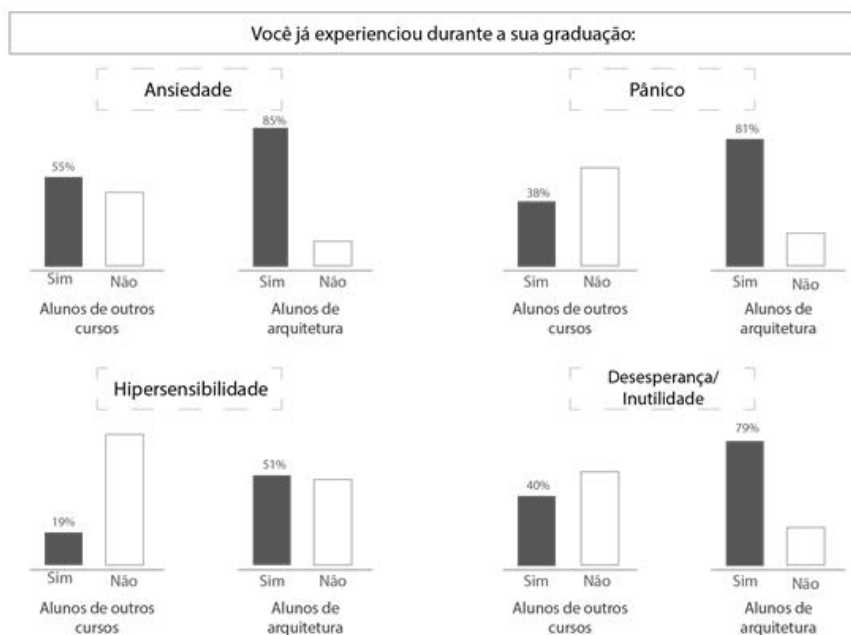


Figura 1: Comparação entre porcentagens de experiências entre graduandos de arquitetura e de outros cursos

Fonte: Mental wellbeing and the architecture student, Melissa Kirkpatrick, 2018. Adaptado por: Laura Esther Mágero Dourado, 2020

Já na própria Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, por meio da pesquisa da ex-aluna do curso Bárbara Letícia Brasil, realizada em 2016, dados importantes foram coletados por meio de um questionário com o corpo discente: dos 259 alunos que responderam à pesquisa, 91,3 % afirmou que a carga do curso compromete de alguma forma a sua saúde (BRASIL, 2016). A partir dessa constatação surge a premissa deste trabalho, que busca o entendimento daquele contexto a partir de uma perspectiva crítica, com foco principal nos(as) estudantes(as). Protagonistas desta narrativa e seres potenciais de transformação, em uma perspectiva freiriana, os estudantes ao desvelar a realidade e se inserirem criticamente nela, são capazes de “captar a sua realidade, de conhecê-la para transformá-la” (FREIRE, 1987, pg. 26). Nesse contexto, o objetivo deste trabalho foi estabelecer um panorama geral dos possíveis problemas da FAU-UnB que prejudicam a saúde mental dos estudantes e as possíveis soluções, por meio da experiência da autora como estudante, das bibliografias estudadas e pela análise dos resultados do questionário aplicado.

Para a contextualização geral do trabalho, a primeira parte da pesquisa ocorreu por meio da leitura de autores que abordam a questão educacional no Brasil, que questionam o sistema atual e buscam a transformação, como Paulo Freire (1987) e José Pacheco (2019). A segunda parte se constituiu em reunir e ler bibliografias que tratam sobre o Ensino de Arquitetura, como artigos de congressos e anais de arquitetura que abordam de forma mais específica o tema, principalmente em relação a questionamentos acerca de metodologias de ensino de projeto como os autores Teixeira (2005) e Naruto (2007), que se dedicaram ao estudo do ensino de arquitetura e urbanismo.

Por se tratar de uma pesquisa apoiada pelo Decanato de Ensino de Graduação (DEG) com enfoque na vida estudantil, sob a perspectiva dos próprios alunos, o tema foi direcionado a dar voz aos problemas enfrentados pelos alunos por meio de uma ligação com o estudo do próprio ensino. A terceira parte se constituiu por leituras que apresentassem dados sobre saúde mental, como as presente no site da OPAS/OMS, seguido pela procura de literaturas que fazem a conexão entre o estudo de arquitetura e a saúde dos estudantes, que são escassas.

Para a reflexão sobre a atual situação da FAU-UnB, foi realizada ainda: a Participação na organização do “Encontro da FAU sobre educação arquitetura e urbanismo” realizado no dia 29/11/2019 na FAU-UnB que promoveu um debate aberto ao público sobre educação e arquitetura; A Criação de um questionário distribuído em formato digital pela plataforma Google Forms, baseado na pesquisa realizada em 2018 por Melissa Kirkpatrick, sobre o bem-estar mental dos estudantes da FAU; Metodologia da observação participante, usando da própria experiência como aluna e usuária para a obtenção de uma perspectiva que se comunique com os próprios estudantes.

Saúde Mental e a Universidade

Não existe uma definição oficial do que seja saúde mental, diferenças culturais, teorias e outras subjetividades afetam como o termo é definido, porém a importância da saúde mental é reconhecida pela OMS, refletindo na sua própria definição de saúde, como não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade, mas como um estado de completo bem-estar físico, mental e social. Apesar da relação com a saúde física, a saúde mental possui muita complexidade e é determinada por uma série de fatores socioeconômicos, biológicos e ambientais; o equilíbrio entre esses fatores,

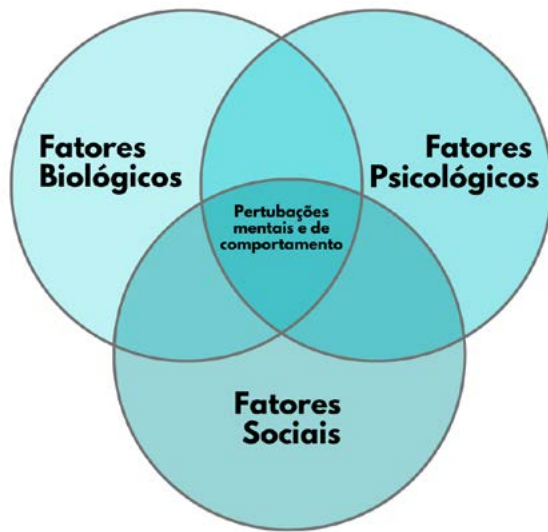


Figura 2 - Interação de fatores biológicos, psicossociais e sociais no desenvolvimento de perturbações mentais.
Fonte: Elaboração própria. Com base no Relatório Mundial da Saúde. OMS 2001

resulta em um bem-estar psicológico e emocional capaz de garantir a realização de funções sociais, emocionais e laborais (OMS, 2001) (Fig. 2).

Atingir esse equilíbrio parece cada vez mais difícil. Temos a depressão como o mal do século 21, no Brasil o aumento da taxa de suicídio na população jovem, de 15 a 29 anos, no ano de 2017 aumentou 10% em relação ao ano de 2011 (BRASIL, 2019). As causas são complexas e sujeitas a diversas interpretações, já que a fase da adolescência/juventude é um período marcado por mudanças, novas responsabilidades e desafios sociais.

Uma grande etapa da vida de muitos jovens, que possui impacto profundo em aspectos de saúde mental, é a fase da faculdade. Por proporcionar um ambiente com dinâmicas totalmente novas, tanto de estudo, comportamento e de interações humanas, a mudança para o ambiente acadêmico se torna um fator social que se relaciona com problemas psicológicos dos estudantes. Estudos revelam essa relação inerente, situações de perda presentes no desenvolvimento normal

acentuam-se quando os jovens ingressam na universidade, pois afastam-se de um círculo conhecido de relacionamentos familiares e sociais, o que pode desencadear situações de crise (FERNANDES e RODRIGUES, 1993; CECHIARI, 2004 apud NEVES e DALGALARRONDO, 2007).

Além do fator de mudança, é também no âmbito acadêmico que uma série de condições são acentuadas e iniciadas, como desvantagem socioeconômica, exclusão social, solidão, estresse e baixa autoestima. Essas condições são classificadas, segundo a OMS, como fatores de risco, embora não se possa afirmar que resultam automaticamente em algum sofrimento mental, agir sobre eles é uma medida preventiva eficaz (OPAS, 2018).

Para estabelecer uma relação entre o adoecimento dos jovens e o ambiente universitário, é preciso entender que os fatores de risco começam bem antes da sua aprovação. O sistema predatório e competitivo das provas para ingresso nas Universidades Públicas gera nos adolescentes, desde cedo, sentimentos de medo, insuficiência e estresse, além de evidenciar a enorme desigualdade quanto ao acesso a uma educação que qualifique o aluno à vaga, já que o ensino médio nas escolas brasileiras, principalmente nas escolas particulares, incorpora o slogan da aprovação na universidade, como a principal, se não a única meta de ensino. Já no primeiro ano de faculdade, o aluno se vê imerso em um ambiente totalmente novo, para muitos, distante da sua comunidade, da sua identidade, do seu conforto. O esforço para se adaptar é grande e pode gerar ansiedade e pânico, já que no começo, as cobranças para se equiparar são maiores e as redes de apoio, de amigos, professores e da própria universidade com o aluno ainda não estão bem formadas.

Depois que o período como calouro passa, as dificuldades se concentram em conseguir se manter no curso e concluí-lo de maneira saudável. Equilibrar a vida acadêmica com os outros aspectos pessoais é um desafio. Além das horas com aulas assistidas, muitos alunos moram longe do local em que estudam e passam horas

no transporte público e horas na faculdade porque não é viável voltar para casa, muitos ainda trabalham e precisam conciliar as atividades. A competitividade e a preocupação com a inserção no mercado de trabalho levam os jovens a buscarem atividades complementares como cursos, estágios, pesquisas, extensão, empresas juniores e intercâmbios. A vida acadêmica toma parte majoritária do tempo do aluno, causando o desequilíbrio entre as funções sociais, emocionais e laborais.

Em 2017, a Frente Universitária de Saúde Mental da USP realizou a campanha 'Não é normal' que levantou um grande debate nas redes sociais sobre comportamentos normalizados pela cultura acadêmica, mas que são extremamente nocivos à saúde, como apresentado na figura 3:



Figura 3 – Campanha 'Não é normal' FUSM

Fonte: Facebook FUSM (Disponível em: https://www.facebook.com/media/set/?set=a.791853637637754&type=3&_tn=-UC-R)

Entender a fundo as mudanças que a universidade pode realizar para propiciar um ambiente saudável pode ser uma tarefa árdua. Mesmo que a abertura para o diálogo sobre saúde mental venha aumentando, o tópico ainda é repleto de tabus e carente de dados. Investigar sobre características do ensino, por exemplo, pode levar a questões estruturais da metodologia de

educação, e o desprendimento das mesmas na busca por uma pedagogia inovadora, que resulte em menos sobrecarga mental nos alunos. Um caminho que exige comprometimento, tanto com a educação quanto com a vida dos estudantes.

Além das mudanças estruturais no ensino, de acordo com a OMS, outras recomendações podem impactar no bem-estar mental dos estudantes no ambiente escolar como: “mudanças organizacionais” a fim de obter um “ambiente psicológico seguro e positivo”; “ensino sobre saúde mental e habilidades para a vida”; treinamento de pessoal “para a detecção e manejo básico do risco de suicídio” e “Programas escolares de prevenção para adolescentes vulneráveis a condições de saúde mental” (OMS, 2018).

Atualmente, a UnB possui um Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos (CAEP/UnB) que conta com 12 psicólogos do quadro, cerca de 120 estagiários de psicologia, 19 professores supervisores, equipe administrativa e 53 profissionais voluntários que realizam atendimento psicológico gratuito para comunidade interna e externa¹. Não foi possível conseguir nenhum dado quantitativo ou qualitativo dos atendimentos do CAEP, que seriam interessantes para compor um panorama da atual situação da UnB quanto ao cuidado psicológico dos estudantes, mas tendo em vista a quantidade de alunos de graduação e pós-graduação, que em 2018 chegava à quase 48.317 (DPO/UnB, 2019) e pelos relatos no próprio site do CAEP, a demanda é muito maior do que a oferta. Assim, mesmo que a UnB ofereça serviços de assistência gratuitos, não podemos usá-lo como única resposta ao combate a problemas de saúde mental.

1 Disponível em: <https://unbcaep.wordpress.com/>

A relação das políticas de assistência estudantil e a saúde mental

Cabe à Universidade Pública garantir o bem estar dos seus estudantes, consequentemente garantindo o acesso ao direito à educação de qualidade. Por isso, além de oferecer o atendimento psicológico de forma gratuita e abrangente, é papel dela garantir, principalmente, o apoio à grupos mais vulneráveis, como pobres, mulheres, negros e pessoas da comunidade LGBTQI+. Segundo o Relatório Mundial da Saúde feito em 2001 pela OMS, existe uma relação complexa e multidimensional entre pobreza e saúde, já que alguém pode ter predisposição a problemas psicológicos e ser acentuado pela sua situação social, mas também, pelo fato de estar doente, o indivíduo passa a estar em uma situação de carência, o que é mais agravado se não houver apoio social disponível, como acontece frequentemente nos países em desenvolvimento (OMS, 2001).

Outro grande grupo da sociedade, que corre maior risco de transtornos mentais que outros, é o grupo de mulheres. Além da pressão de desempenhar diversos papéis, as mulheres enfrentam constante discriminação de gênero e muitas sofrem com a violência doméstica e sexual. A relação entre racismo e transtornos mentais também merece um olhar mais atento, já que pesquisas psicológicas, sociológicas e antropológicas já demonstraram que o racismo está relacionado com a perpetuação dos problemas mentais e quem sofre o racismo está mais suscetível à depressão ou o agravamento de algum transtorno (Idem).

Outra parcela bastante vulnerável é a população LGBTQI+. Somente em 1990 a Organização Mundial da Saúde deixou de considerar a homossexualidade com uma doença mental. O estigma envolvendo questões de gênero e sexualidade propicia em sua maioria um ambiente carregado de medo, vergonha e auto depreciação, que consequentemente, resulta no adoecimento psicológico (Ibidem). Segundo um estudo realizado em 2012 pela Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, os jovens homossexuais possuem cinco vezes mais chances de cometer suicídio que um jovem heterossexual².

Para garantir a permanência desses alunos, as políticas de apoio acadêmico são imprescindíveis. Para isso, o Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), instituído pelo Decreto n. 7.234/2010, tem por objetivo democratizar as condições de permanência e minimizar os efeitos de desigualdades sociais para alunos oriundos de escolas públicas ou com renda familiar per capita de até um salário mínimo e meio, tendo elencada como uma de suas ações a serem desenvolvidas a atenção à saúde (BRASIL, 2010).

Na UnB, a Diretoria de Desenvolvimento Social (DDS) se encarrega de executar as ações de assistência estudantil do PNAES. Segundo o relatório sobre o ano de 2017, cerca de 6.583 estudantes participaram do programa, o que indica 16,8% do corpo discente naquele ano, uma grande evolução já que em 2011, somente 1972 alunos foram contemplados (DDS/UnB, 2018). A UnB também possui diversos grupos e diretorias de apoio, como a Diretoria da Diversidade (DIV), Diretoria de Desenvolvimento Social (DDS) e a recém Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária (DASU) que oferecem serviços de atendimento psicológico.

A importância dessas políticas de apoio acadêmico é inquestionável para a saúde mental dos estudantes e a UnB vinha numa crescente conquista de direitos para alunos em estado vulnerável, mas devido ao déficit orçamentário de 2018, o

² Disponível em: <https://www.mailman.columbia.edu/public-health-now/news/study-links-social-environment-high-attempted-suicide-rates-among-gay-youth>

bloqueio de 30% do orçamento pelo MEC em 2019³ e A Lei Orçamentária Anual (LOA) de 2020, sancionada sem vetos pelo presidente da República em 17 de janeiro do mesmo ano, que contingencia cerca de 40% do valor dos recursos do PNAES para 2020⁴, a UnB vem perdendo bruscamente os meios de promover uma educação inclusiva, conseqüentemente, a saúde mental se torna subjugada em meio ao sucateamento de recursos básicos do ensino.

Já na FAU/UnB, uma política muito importante de apoio aos estudantes foi auxílio à permanência no curso dos alunos registrados nos programas de assistência estudantil da UnB, iniciado no segundo semestre de 2018. Reconhecendo que o curso de arquitetura e urbanismo exige um investimento maior que outros cursos para a realização de trabalhos, foi implementado ao final do semestre o auxílio de R\$ 200,00. Este tipo de política é muito importante para a manutenção da saúde mental de grupos vulneráveis, pois reconhece a desigualdade presente no curso e oferece os meios para que, no mínimo, no final do semestre alguns alunos possam realizar as tarefas sem essa preocupação.

Arquitetura Faz Mal à Saúde - Sobre a cultura das escolas de arquitetura e o caso da FAU-UnB

“Arquitetura faz mal à saúde”, uma frase, em meio a tantas outras, escritas no Centro Acadêmico da Faculdade de Arquitetura da UnB que expressa em poucas palavras, o contexto preocupante em que a maioria dos estudantes se insere. Poderia ter sido escrita há décadas ou há poucos dias, por qualquer aluno, no começo ou no fim do curso. O problema é antigo e sentido por muitos alunos no curso. A carga de trabalho excessiva é o maior problema comum. No caso da FAU-UnB, no final do semestre, cada matéria exige uma atividade complexa aplicada à sua área de conhecimento, envolvendo geralmente um processo criativo demorado que não dialoga com as outras matérias, multiplicando a carga de trabalho. Conseqüentemente, os alunos precisam passar muitas horas no ambiente escolar, muitas vezes barulhento, mal ventilado e iluminado. É bastante intuitivo afirmar que essa combinação tem efeitos terríveis para a saúde mental dos alunos.

Porém, assim como não podemos definir de forma precisa a causa de certos transtornos mentais devido à junção de fatores sociais, biológicos e psicológicos, apontar objetivamente os motivos do adoecimento dos alunos de arquitetura é difícil, já que as camadas de causas condicionantes se ramificam,

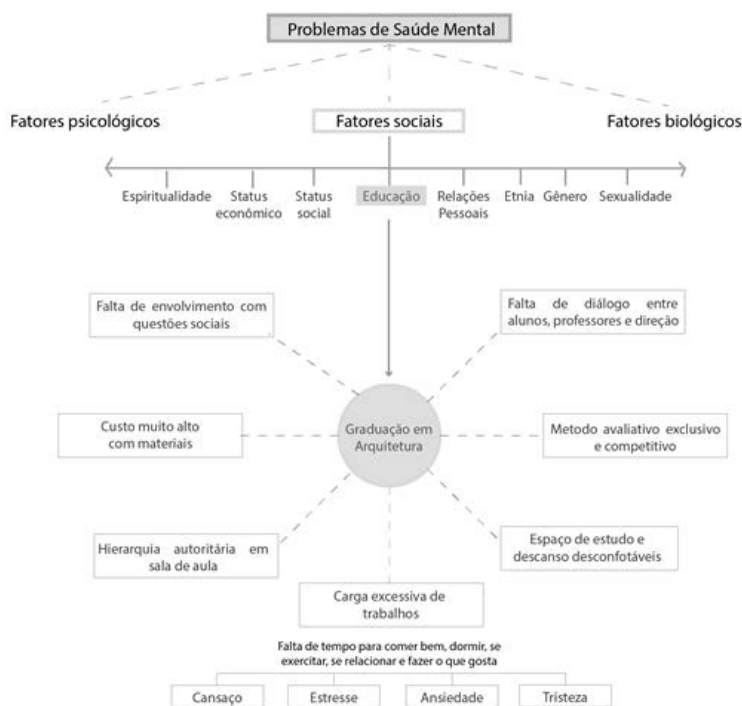


Figura 4: Mapa Mental sobre os possíveis fatores de risco à saúde mental dos estudantes de arquitetura
Fonte: Elaborado por Dourado, 2020.

3 Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/unb-confirma-bloqueio-de-30-em-verba-e-diz-que-nao-faz-balburdia>

4 Disponível em: <https://www.noticias.unb.br/images/Noticias/2020/Documentos/20200331NotaCAC2.pdf>

tornam-se cada vez mais complexas e são diferentes para cada indivíduo, como demonstra o mapa, apresentado na figura 4. O mapa demonstra a partir dos principais tópicos estudados, como a graduação em arquitetura e urbanismo atualmente é condicionada à diversos fatores de risco à saúde mental dos alunos, o que causa desequilíbrio em relação a outros fatores que também possuem importância para a manutenção de uma mente saudável.

Um aspecto que entra no debate sobre a saúde mental dos estudantes de arquitetura e urbanismo é o próprio ensino, um campo amplamente questionado e reformulado de tempos em tempos. O caráter crítico das escolas de arquitetura sobre a sua própria pedagogia demonstra que, apesar da liberdade e subjetividade do ensino, ainda existem problemas que não estão sendo satisfatoriamente encaminhados (NARUTO, 2007). Para Minoru Naruto (2007), uma das hipóteses centrais para o insucesso de muitas das reformulações do ensino de arquitetura em geral se revela na “incompatibilidade entre o caráter eminentemente integrador da atividade de projeto e o caráter desintegrador da organização disciplinar do conhecimento e do ensino universitário moderno” (NARUTO, 2007, p. 9). Ou seja, o aspecto interdisciplinar da arquitetura que se revela na idealização do projeto, um produto que amarra várias vertentes do conhecimento, se fragmenta quando encaixado em um sistema curricular de matérias e créditos individuais.

Assim, a discussão recai majoritariamente sobre as disciplinas de projeto, já que podemos observar a prevalência dessas disciplinas sobre as demais. Então, ao questionar os aspectos relacionados ao ensino e aprendizado nas faculdades de arquitetura e urbanismo, uma série de pressupostos são elencados como motivadores da crise no ensino, como nos afirmam Carvalho e Rheingantz (2013)

[...] a centralidade do ato projetual no campo do conhecimento da arquitetura e do seu ensino; a falta de referência/repertório projetual como embasamento para as disciplinas de projeto de arquitetura; o ensino de projeto como simples repasse de técnicas e informações; a subjetividade na avaliação nas disciplinas de projeto de arquitetura (CARVALHO E RHEINGANTZ, 2013).

Na mesma linha de pensamento crítico à respeito das disciplinas de projeto, Teixeira (2005) reflete também sobre como é esperado do aluno o papel de aglutinador dos conhecimentos, sem a necessária base preparatória dentro da própria matéria. Para a autora os cursos prospectam uma “expectativa da síntese dos conhecimentos” por parte dos alunos, sem buscar um “desenvolvimento interno da própria disciplina” (TEIXEIRA, 2005, p. 14). Dessa maneira, além da disciplina não conseguir se expressar com qualidade devido ao arranjo curricular, ao simples repasse de informações e à subjetividade avaliativa; causa muita frustração aos alunos, que se veem impotentes quanto ao ensino e adoecendo em busca da realização perfeita dos diversos trabalhos de cada matéria.

“Precisamos Conversar sobre Ensino na FAU-UnB” - O contexto da FAU-UnB

A pesquisa de Brasil (2016) apresentou falas dos estudantes da FAU-UnB que motivaram a este trabalho. Por meio dos quase noventa relatos enviados e pela análise dos que abordam mais especificamente questões psicológicas, foi possível elencar os problemas mais recorrentes, e que serão abordados com mais profundidade neste estudo como: a sobrecarga do curso, a falta de integração de matérias, a hierarquia de sala de aula e a falta de conforto dos espaços de estudo e descanso (Figura 5).

CARGA HORÁRIA DO CURSO	<p>“Acho a carga do curso muito densa, tirando dos estudantes a possibilidade de atuar em outras áreas, e as vezes até ter um descanso decente, que é o mínimo que uma pessoa precisa. O curso de arquitetura é uma sobrecarga”</p> <p>“Reconheço que o curso na FAU tem boa qualidade, mas o fato de ser exaustivo e competitivo me fez tomar muito desgosto pelo local e pela atividade em si.”</p> <p>“Normalmente, não cursamos disciplinas fora da FAU pela falta de tempo. Nossa grade é muito carregada.”</p>
FALTA DE INTEGRAÇÃO ENTRE AS DISCIPLINAS	<p>“A falta de conexão entre as disciplinas é recorrente e por muitas vezes assistimos a aulas quase iguais em disciplinas diferentes porque não existe comunicação entre departamentos e professores. Isso implica também na sobrecarga, visto que a data de muitas entregas e provas coincidem por conta dessa falta de comunicação.”</p> <p>“Acredito que nosso curso deveria funcionar de maneira mais integrada e para isso creio ser impossível com a carga de matérias que nos é imposta. Em tentativas de diminuir a carga horária acabamos perdendo várias matérias que julgo importante, como cálculo, matemática, antropologia, sociologia, filosofia. Como estudantes de uma universidade cujo objetivo é formar pensadores, pessoas capazes de mudar o mundo para melhor, deveríamos ter mais tempo de nos relacionar com outros cursos”</p> <p>“Além do fato de que são matérias super puxadas, que não têm nenhuma integração entre elas; matérias de 2 créditos com demanda de trabalho de 4 créditos, 4 créditos com demanda de 8. E o curso não forma o estudante para o mercado de trabalho, ficamos muito no campo da pesquisa.”</p>
HIERARQUIA EM SALA DE AULA	<p>“Acho que no primeiro semestre é esperado mais do aluno do que ele pode dar. Ao sairmos do ensino médio temos um repertório muito baixo sobre arquitetura/urbanismo/projeto, mas mesmo assim é como se fôssemos obrigados a já entender de tudo ou como se uma aula bastasse para descrever um local estruturalmente.”</p> <p>“Acredito que o ensino na FAU-UnB deveria focar em projetos possíveis e no estudo prático, muitas matérias se baseiam em projetos utópicos. Outro fator que me incomoda é o julgamento do projeto baseado no gosto do professor e não uma análise crítica do projeto que está sendo apresentado, mesmo que vá em desacordo com o gosto próprio do professor.”</p> <p>“O professor tem muito poder, e a dinâmica de disputa não favorece uma visão de faculdade unificada.”</p>
CONDIÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO	<p>“O espaço físico da universidade devia ser mais adequado. Problemas como conforto térmico e luminoso deveriam ser resolvidos com projetos que envolvessem laboratórios e alunos. O Lasus é muito bom e pouco aproveitado para o próprio ambiente da fau”</p> <p>“É quase irônico estudar conforto ambiental em um ambiente tão insalubre quanto a FAU principalmente o subsolo”</p>

Figura 5: Relato dos estudantes da FAU/UnB em 2016
 Fonte: PESQUISA: Precisamos conversar sobre o ensino na FAU-UnB- Arquivo bruto dos resultados do questionário, 2016, grifo nosso. BRASIL, 2016

No que diz respeito à **carga horária**, existe uma falta de concordância entre projetos políticos pedagógicos e estruturas de currículo, com o que acontece realmente nas escolas. O curso de Arquitetura e Urbanismo, de acordo com o Parecer CNE/CES no 8/2007, possui a carga horária mínima de 3600 horas com limite mínimo para integralização de 5 (cinco) anos (CNE/CES, 2007). O que se percebe, no entanto, é um alargamento do prazo de integralização do curso, no decorrer da trajetória de muitos dos estudantes, ocasionada justamente pela falta de concordância entre a grade horária, e a demanda de tempo do próprio modelo de ensino.

A FAU-UnB possui o curso de Arquitetura e Urbanismo em dois turnos: integral e noturno. Para ambos, são necessários 250 créditos para formatura e 90 horas complementares (1 crédito corresponde a 15 horas-aula, práticas ou teóricas e a hora crédito corresponde a 55 minutos de atividades diurnas ou 50 minutos de atividades noturnas), o primeiro turno com duração prevista de 5 anos (10 semestres) e o segundo 6 anos (12 semestres), porém, segundo o Programa Avalia-UnB, a média de formação do período integral é de 12 semestres e do noturno 13 semestres.

Alunos do curso diurno/integral, por causa da distribuição dos horários de aula, acabam ficando o dia inteiro na faculdade e se possuem estágio, precisam muitas vezes postergar matérias ou cursá-las no período noturno, aumentando assim

o tempo de permanência e a quantidade de horas diárias dedicadas à faculdade. Já os alunos da noite, têm a vantagem da grade horária mais fechada e uma quantidade menor de créditos por semestre, porém possuem aula sábado e se, por algum motivo, atrasarem alguma matéria, encaixá-la posteriormente se torna muito difícil, consequentemente aumentando o tempo de permanência no curso.

A sobrecarga também pode ser explicada pela característica do curso de arquitetura possuir um enorme foco no processo criativo, manual e artístico, porém não disponibiliza o tempo necessário para a realização destas atividades. Também é necessário considerar as exigências que estão fora do currículo escolar estabelecido, mas que são cobradas de outras maneiras, como a preparação para o mercado de trabalho que leva o aluno a buscar especializações fora do ambiente acadêmico, como cursos e estágios, criando mais sobrecarga e preocupações com a futura formação.

Outra questão bastante evidente nos cursos de arquitetura e urbanismo, e que não se na UnB, é o destaque que as disciplinas de projetos ou ateliês recebem. A importância dada às disciplinas de projeto poderia ser explicada pelo ideal do ateliê de sintetizar e materializar os conhecimentos adquiridos nos outros diversos campos que tangem o aprendizado de arquitetura, o que faria sentido, se as matérias trabalhassem de forma conjunta, em um processo de integração, evidenciando o caráter multidisciplinar e interdependente das mesmas. Porém o que acontece na realidade se assemelha ao apontado por Mahfuz (2009), que afirma que “a disciplina de prática de projetos é apenas mais uma, competindo com as demais pelo tempo e a atenção dos estudantes”, um problema agravado pela falta de coordenação dos conteúdos, e que leva à “multiplicação da carga de trabalho dos estudantes e dificuldades ampliadas no aprendizado de projeto” (MAHFUZ, 2009).

A **falta de integração** entre as disciplinas também foi evidenciada na fala dos estudantes que participaram da pesquisa. De acordo com o parecer de Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo (CNE, 2010), a graduação no curso busca a “formação de profissionais generalistas” e deve ser constituído por diversos campos de saber que caracterizariam a identidade profissional do egresso como: Teoria e História da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo; Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo; Planejamento Urbano e Regional; Tecnologia da Construção; Sistemas Estruturais; Conforto Ambiental; Técnicas Retrospectivas; Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo; Topografia (CNE, 2010, p. 3). Esses campos, quando distribuídos no currículo, se multiplicam em outras diversas disciplinas, o que pode contribuir para o aprofundamento do conteúdo, porém se desdobram em mais horas aulas, e mais importante, muitas vezes sem conexões com as matérias do próprio semestre em que estão dispostas. Não havendo integração de conhecimento, a quantidade de horas trabalhadas também se multiplica a cada matéria.

A justaposição de conhecimentos ao invés da integração, causa para os estudantes um acúmulo de trabalhos para serem entregues semestralmente, o processo de pesquisa, repertório, desenvolvimento, orientação, finalização e apresentação é repetido por vezes, gerando uma sobrecarga sobre os alunos, que ao final do semestre estão exaustos, “virando noites”, deixando de se alimentar direito, e experienciando ansiedade, pânico e depressão.

Apesar do foco deste trabalho não ser questionar a qualidade do ensino em si (já que segundo métodos oficiais de avaliação, a satisfação estudantil - principalmente saúde mental - não entra como parâmetro classificatório de qualidade de um curso de graduação), é essencial avaliar a capacidade do método pedagógico de ser realmente compreendido pelos estudantes. Especialmente se levarmos em conta as múltiplas

dimensões que interferem na manutenção da saúde mental dos estudantes. É importante ressaltar que os conhecimentos, mesmo que separados no currículo, ainda se relacionam com o decorrer do curso. No entanto, quando há a vontade de articulação dos conteúdos, de maneira interdependente e concomitante, há uma série de obstáculos a serem enfrentados: muitas vezes o modo como o currículo é organizado não permite a sua flexibilização, um aluno de um determinado semestre não cursa necessariamente as mesmas matérias do mesmo, professores precisam de tempo para dialogar entre si em todas as fases da integração. Mesmo que a integração de conteúdos permeie a vontade de muitos na FAU/UnB e até aconteça algumas poucas vezes, não possui ainda sua legitimação tanto no plano político pedagógico quanto no currículo formalizado.

Como exemplo de práticas individuais na FAU/UnB, em 2012 houve uma iniciativa por parte dos professores da integração transversal das disciplinas de Projeto de Urbanismo 1, Infraestrutura, Conforto Térmico Ambiental 1 e Projeto de Paisagismo 1, todas do 4º semestre. As dimensões estudadas em urbanismo (aspectos bioclimáticos, econômicos, funcionais, sociológicos, topoceptivos e expressivo-simbólicos) favoreciam a integração com outras matérias do mesmo semestre. A prática resultou em diversos benefícios aos alunos e ao ensino, visto que o conteúdo do urbanismo ecológico é comum a todas e uma conexão maior entre as disciplinas e entre os professores contribui para a formação dos estudantes na busca por projetos urbanos mais sustentáveis (ANDRADE et al. 2014). Por outro lado, algumas dificuldades foram encontradas na relação aluno/turno/disciplinas, como a ausência de matrícula dos alunos em todas as disciplinas (Idem).

Este tipo de iniciativa mostra como é possível a realização da integração de disciplinas com a colaboração de professores e alunos, e que mesmo com a disposição curricular fragmentada, o resultado foi bastante proveitoso. Mas também deixa claro como iniciativas individuais sem o devido apoio organizacional pela instituição não conseguem exercer completamente um ensino de qualidade para todos os alunos.

A disposição atual do currículo da FAU/UnB pode ajudar a entender como há a superposição de atividades invés de sua integração. Ela se baseia na distribuição de disciplinas pertencentes aos três departamentos bases da faculdade: Departamento de Projeto, Expressão e Representação - PRO, Departamento de Tecnologia - TEC e Departamento de Teoria e História - THA. Percebemos a majoritariedade do departamento de projeto sobre os outros dois, ocupando cerca de 58,6% do total de horas da carga horária obrigatória do turno noturno e 54,7% do turno noturno. Em todos os semestres, de ambos os turnos, há alguma matéria de projeto que possui a maior carga horária, sendo quatro vezes maior que a de menor carga, ocupada por uma matéria de outro departamento.

Para os alunos, o resultado negativo é o acúmulo de etapas que são repetidas por quase todas as disciplinas, como a aula assistida, a pesquisa para um trabalho, a orientação e a apresentação final. Nessa forma de trabalho, o conteúdo das disciplinas, que determina tanto a escolha quanto o tipo de solução dos problemas, contrasta com as condições reais do trabalho de arquiteto (NARUTO, 2007). O resultado é a formação de profissionais despreparados para os desafios da profissão, que não conseguem se aprofundar em diversos conteúdos. Mesmo que o debate sobre saúde mental muitas vezes se atente mais a aspectos práticos dos currículos como a carga horária, créditos, matérias concordamos com a ideia de TEIXEIRA (2005) sobre o currículo representar os compromissos e idéias de um grupo, que são refletidas “em seu conteúdo quanto em sua organização e comunicação pedagógica” (TEIXEIRA, 2005, p. 20).

A sobrecarga, tanto dos alunos quanto dos professores que este tipo de ensino provoca, menospreza a autonomia e a criatividade tão valorizadas em uma universidade. Ao nos resignarmos a simplesmente sobreviver ao semestre, perdemos a chance de ir além, de exercer atividades inovadoras que vão além do conhecimento básico e obrigatório de cada curso, de sair da bolha da universidade. Além disso, não permite o engajamento efetivo do corpo discente e docente, impedindo que a autocrítica saia do papel e se transforme em uma real transformação.

Nas últimas décadas, a hierarquia em sala de aula vem sendo questionada por educadores e estudantes, mas apesar de inúmeras reestruturações político pedagógicas e “novas formas de aprendizagem” como a inclusão de muito mais tecnologias, ainda temos nosso modelo educacional pautado em paradigmas do século XIX (PACHECO, 2019), baseado em salas de aula, em que o professor é o detentor de todo o conhecimento e os alunos meros receptores (Idem).

Quanto ao curso de arquitetura, é esperado do estudante uma bagagem intelectual e artística, um “dom” natural ao tratar questões do curso, a expectativa de uma fácil adaptação aos conteúdos e técnicas, sendo que a realidade anterior à faculdade, para muitos, não se assemelha nem de perto com a universidade e/ou com algumas das temáticas tratadas no curso. Para Teixeira (2005) essa relação com a Universidade “seria uma espécie de continuação da educação familiar para os indivíduos que pertencem aos meios culturalmente favorecidos; para os demais, a cultura acadêmica significaria algo distante, estranho, por vezes ameaçadoras”. (TEIXEIRA, 2005, p. 26). Consequentemente, o esforço necessário para o estudante se adaptar ao ideal cultural que as escolas exaltam é tremendo, já que o modelo vigente não inclui as diferentes formas de aprendizado e os vários contextos sociais dos alunos.

Outro aspecto que acentua a **hierarquia na sala de aula** é o método avaliativo. O termo avaliar é geralmente associado a medir a quantidade de informações retidas, resultado de uma acepção pedagógica ainda dominante em que o professor é o grande provedor de conhecimento, nessa abordagem, em que educar se confunde com informar, a avaliação assume um caráter seletivo e competitivo (BARBOSA, 2008).

O que percebemos ainda é o estigma envolvido na avaliação, já que é um meio repleto de subjetividades, o que não a torna necessariamente ruim, mas para os estudantes, seu aspecto unilateral reforça o lado cruel das escolas. Uma nota final, realizada em alguns minutos, muitas vezes resume toda a sua caminhada de meses trabalho, tendo um sério impacto na saúde mental dos estudantes, que se veem à mercê do método avaliativo, já que este possui grande poder decisório em rankings de bolsas estudos, pesquisas, estágios e também pode ocasionar o desligamento do aluno da faculdade. Desvencilhar a avaliação como parte do processo pedagógico, mas sim como outra etapa, o objetivo final, não corrobora com o entendimento da educação como construção de conhecimento contínuo.

Segundo Naruto (2007), a Reforma Universitária de 1968 transferiu para as disciplinas o antigo poder acadêmico concentrado nas cátedras, universalizando pequenos nichos de poder, segundo ele “todos os professores passaram a deter os fragmentos desse poder assim que eram alocados nas disciplinas, independentemente de sua competência ou titulações acadêmicas” (NARUTO, 2007, p.118). Desta maneira, a disciplinarização mais que uma forma organizacional do conhecimento, também é uma forma de poder. Podemos associar também a fragmentação do conteúdo à hierarquia estabelecida nas salas de aula. Não necessariamente entre a relação aluno professor e não só ao aumento das habilidades ou seu aprofundamento,

“mas sobretudo a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna mais obediente quanto é mais útil, e inversamente” (Idem, p. 108). Assim configura-se a sala de aula como ambiente hierárquico, em que nem alunos nem professores possuem a autonomia para exercer outras formas de aprendizagem, pois estão presos ao sistema estabelecido e ao próprio espaço físico.

A separação temática dos departamentos da FAU/UnB (PRO, TEC e THAU) e a sua conseqüente subdivisão dos conhecimentos em disciplinas também corrobora com a análise de Teixeira sobre o aspecto ameaçador do ensino universitários para os estudantes (TEIXEIRA, 2005). Essa expectativa de fácil adaptação dos estudantes aos modelos vigentes e à criação de produtos de excelência sem o devido embasamento, pode ser compreendida como uma das conseqüências do ensino de projeto isolado de outros conhecimentos, produto de crítica de Gouvêa et al. (1999).

Segundo o mesmo autor, foi criada uma identidade profissional em torno de um determinado conceito de vanguarda que o aprisiona, “e é um importante índice dessa espécie de sofisticada alienação o fato de sermos um caso único de profissão” (Idem, 1999, p. 88). As conseqüências para o ensino são tremendas, já que se constitui de um movimento sem embasamento, forjado para atender e criar o ideal elitista de arquiteto. Já para os alunos se constitui em um ideal a ser atingido que contrasta com a realidade de muitos e que gera muita frustração, ainda mais no processo avaliativo.

Ao falar de saúde, é fundamental valorizar a **condição do espaço** com o bem-estar físico e mental dos que o ocupam, já que vários estudos comprovam a relação entre o conforto ambiental com a produtividade e qualidade do trabalho. O ambiente escolar não é diferente, pode-se afirmar que as salas de aulas precisam prover os alunos e professores de condições saudáveis, garantindo a espontaneidade de uma das atividades mais importantes para a sociedade (PEREIRA, 2009). Problemas de ruído, calor e má iluminação são comuns em espaços educacionais públicos e contribuem muito para situações de estresse para todos que utilizam esses locais.

Muitas faculdades de arquitetura possuem o ateliê (figuras 6 e 7) como elemento central da dinâmica das atividades dos alunos, ele é um espaço que possibilita uma pluralidade de funções e é onde os estudantes permanecem grande parte do seu tempo na universidade. Por causa, tanto da sua localização, forma e função, os ateliês se tornaram na FAU/UnB lugares difíceis de se permanecer.

Devido à sua posição central em relação às salas de aula fechadas, ao seu pé direito duplo e à falta de tratamento acústico, a propagação dos ruídos dos ateliês é enorme; a fachada principal é leste e coberta do chão ao teto por esquadrias de vidro, o que torna o ambiente uma estufa, já que as únicas aberturas significantes que possui são umas poucas portas, que atualmente não podem ser abertas “por motivos de segurança” segundo a direção da FAU; quanto à iluminação, seu posicionamento alto devido ao pé direito e a sua ineficiência causa muito desconforto para todos, já que não corresponde ao necessário para a realização das atividades nos ateliês, principalmente para os estudantes do turno noturno.



Figuras 6 e 7: Ateliês da FAU/UnB

Fonte: Flickr (Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/niltonsuenaga/2868779295/in/photostream/> acesso 18/05/2021)

É preciso apontar que, mais do que um espaço para aulas, a universidade precisa ser um espaço saudável que permita um bom uso do espaço, o lazer, e descanso, que também fazem parte do processo de aprendizado. Muitos estudantes moram longe e passam muitas horas na faculdade por não terem como voltar para sua moradia, a maioria realiza trabalhos que demandam muito tempo extra, espaços de descanso são essenciais para a manutenção do bem-estar mental de todos da faculdade de arquitetura. Infelizmente o que experienciamos na FAU/UnB é um completo descaso com esses espaços por parte da direção, um descaso que passou de negligência para a destruição do patrimônio estudantil.

A Pracinha da FAU, um espaço de descanso, construído por alunos e professores durante décadas, era para todos um respiro ao meio do caos dos ateliês; seu acesso era uma das únicas fontes de ventilação da faculdade, ligava à FAU ao jardim principal da UnB, à biblioteca e ao teatro de arena, ou seja, era um lugar extremamente importante, tornava a FAU mais viva, ventilada e conectada. Em 2019 seu acesso foi fechado, em março de 2020 a pracinha foi destruída, sem comunicado ao corpo estudantil. Essa ação exemplifica como as universidades públicas então passando por um processo sério de sucateamento por parte de gestões autoritárias e isto têm e terão impactos na saúde mental dos alunos.

A FAU em 2020, um Retrato Atual Sobre a Saúde Mental de Seus Estudantes

Para a produção de um panorama mais atual da situação da FAU/UnB, foi elaborado um novo questionário, que foi disponibilizado para os estudantes on-line, do dia 26 de abril ao dia 26 de maio de 2020, através da plataforma GoogleForms, obtendo um total de 181 respostas. Através do questionário buscou-se: 1. Saber se o curso de arquitetura e urbanismo da UnB compromete a saúde mental dos alunos, se os estudantes possuem algum problema de saúde mental e se conhecem os serviços de assistência psicológica ofertados pela universidade; 2. Elencar os problemas mais apontados pelos alunos como prejudiciais à saúde mental no curso; 3. Elencar as soluções apontadas pelos alunos para o seu bem-estar na FAU-UnB; 4. Abrir espaço para relatos dos estudantes.

Com base nas respostas ao questionário, observou-se que 77,7% dos alunos afirmam que o curso compromete a sua saúde mental, uma realidade ainda assustadora. Em 2016, a porcentagem era de 91% dos alunos. A diminuição pode ser explicada pela inclusão na pesquisa atual da opção “talvez”, marcada por 17,3% dos estudantes e que não estava na pesquisa anterior.

Somando as respostas dos que acreditam que possuem algum problema de saúde mental, dos que fazem tratamento atualmente e dos que tiveram problemas ao entrar na faculdade, pode-se dizer que 67,1% do corpo discente enfrenta problemas de saúde mental, desses, 25% iniciaram com o ingresso na faculdade. É alarmante a porcentagem de alunos que enfrentam problemas sérios como ansiedade, agravados em dia de entregas, como mostram nos comentários respondidos na opção “outros” equivalente a 6,1% das respostas.

Ao elencarem as cinco questões que mais afetam a sua saúde mental (Gráfico 1 - figura 8); O resultado mostrou que, em ordem decrescente, As cinco opções mais marcadas pelos respondentes em conjunto e que mais contribuem negativamente para o bem estar dos estudantes são: 1) Demanda excessiva de trabalhos; 2) Método de avaliação com caráter competitivo; 3) Espaço de estudo e descanso desconfortáveis; 4) Insensibilidade dos professores; 5) Muito tempo gasto com locomoção até a faculdade. As quatro primeiras respostas mais apontadas confirmaram os tópicos

escolhidos para aprofundamento neste trabalho. Já sobre o tempo gasto com locomoção, foi uma surpresa saber que tantos alunos experienciam essa questão, mostrando como que o corpo discente é formado por alunos de diversas condições e que os que moram longe, a maioria de baixa renda, estão mais vulneráveis à situações que agravam problemas de saúde mental.

Sobre a cultura das escolas de arquitetura de os estudantes “virarem noites”, consequência do acúmulo excessivo de trabalhos, que acabam retirando dos alunos noites de sono, logo, a sua saúde física e mental. Os resultados mostram que quase todos os estudantes já fizeram e consideram que é algo prejudicial à saúde: 94,6% já viraram noites por causa de trabalhos da FAU-UnB e 97,3% acreditam que o comportamento é prejudicial à saúde mental. Exemplificando como certas ações prejudiciais se tornaram naturais aos estudantes, que muitas vezes prezam à realização de um trabalho ao seu autocuidado, algo contribuído direta e indiretamente por muitos professores nas universidades, seja pela própria fala que acaba naturalizando essa ação, ou ao estimularem trabalhos que não encaixam no tempo de estudo dos alunos. Além disso, quase 80% dos estudantes considerou que a FAU/UnB não sabe lidar com problemas de saúde mental, 18,9% acredita que parcialmente e 2,7% que sim. Fomentando uma crítica que possa ajudar a gestão da faculdade a implementar programas de bem-estar para os alunos.

Sobre o conhecimento dos estudantes a respeito dos serviços de assistência psicológica da UnB, a grande maioria (59,8%) sabe da existência porém não foi atrás, 21% desconhece totalmente o programa, o que mostra a necessidade de divulgação, já 13,4% foi atrás e não conseguiu atendimento, algo que é muito relatado por quem já procurou, já que as vagas são limitadas. Somente 1,1% faz assistência em algum programa. Então, pode-se dizer que atualmente não é seguro contar somente com os serviços psicológicos oferecidos pela própria universidade até o momento. Essa situação afeta especialmente os alunos que pertencem ao programa de assistência estudantil, que são os que mais precisariam da assistência psicológica gratuita da universidade.

Sobre as contribuições que a universidade poderia promover para melhorar a saúde mental dos alunos, novamente a escolha foi restrita à 5 alternativas para que os resultados mostrassem quais opções teriam mais ou menos impacto. As cinco opções, em ordem decrescente, que mais poderiam contribuir para o bem estar dos estudantes de acordo com os resultados são: 1) Integração de disciplinas, visando a diminuição da carga horária de trabalhos; 2) Cursos de atualizações em várias frentes: softwares, teoria e história, sistemas estruturais, metodologias de projeto, conforto; 3) Melhorias nos espaços de estudo, descanso e convívio; 4) Ampliação do diálogo com o corpo docente, visando a criação de um espaço mais democrático; 5) Criação de espaços democráticos, a exemplo da pracinha, onde o estudante é protagonista.

Percebemos como a integração de disciplinas é algo desejado pelo alunos, já que diminuiria a carga e contribuiria para a qualidade do ensino, assim como o cuidado com o espaço físico da UnB, que sofre um enorme descaso e contribui para o anseio do corpo discente por um espaço mais democrático e menos autoritário. Já sobre os cursos, é uma demanda muito desejada pelos estudantes, já que uma enorme parte das dificuldades dos estudantes vêm de, além de ter que pensar no projeto e todas suas complicações, aprender por si só como usar os vários softwares exigidos nas disciplinas (Gráfico 2. Figura 8).

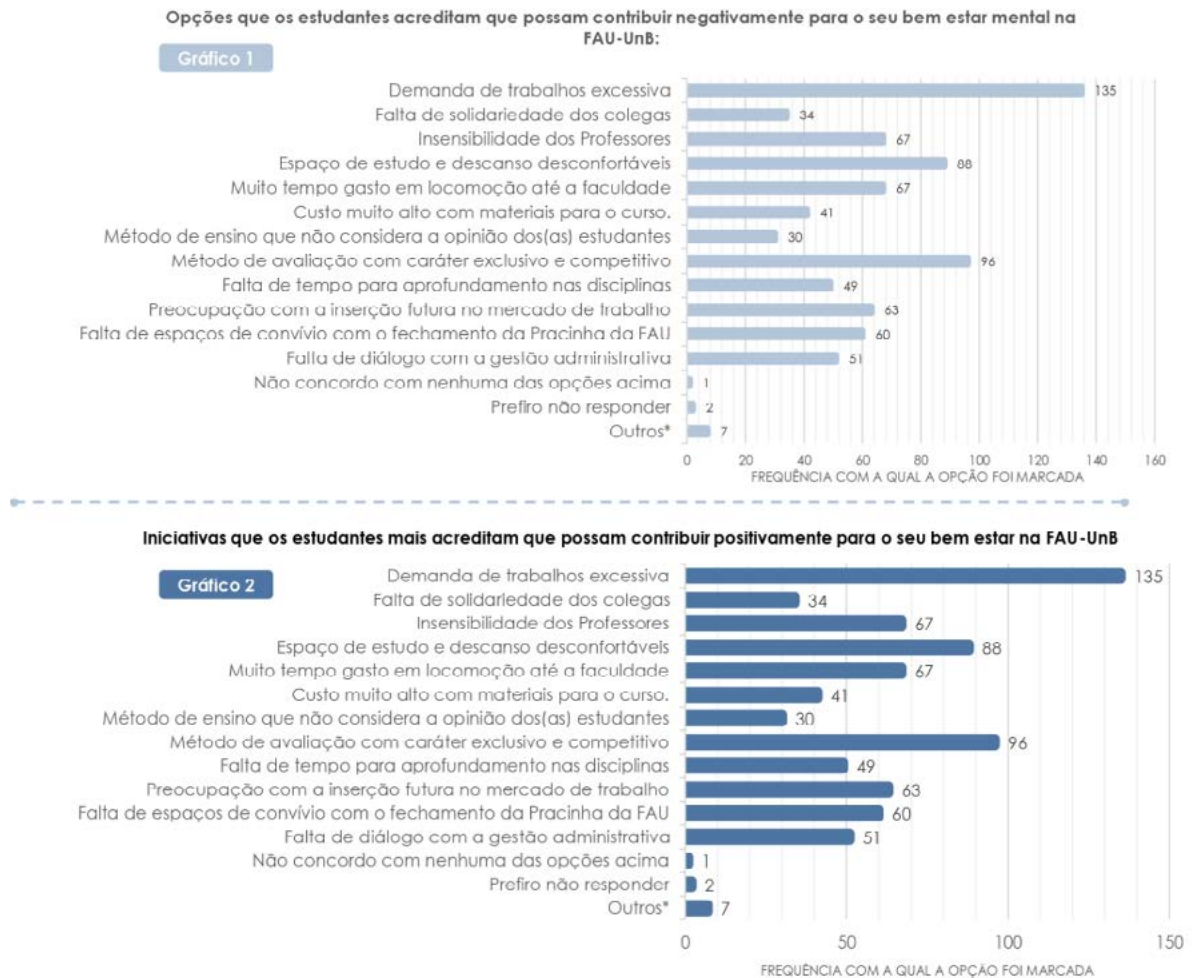


Figura 8: Sequência de Gráficos.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Questionário Vida estudantil - Qualidade do ensino, programas de assistência estudantil e questões de saúde mental, 2021.

O questionário também deixou um espaço em aberto para a opinião dos estudantes. Os relatos foram muito importantes e ajudam a tornar a pesquisa mais pessoal e dar voz a outras questões não abordadas no questionário. As falas foram compiladas por tópicos, e a grande maioria se encaixa nas questões abordadas na pesquisa sobre as questões que interferem na saúde mental dos estudantes da FAU/UnB, outras como a necessidade de cursos de softwares surgiu no questionário, revelando-se como outro tópico carente de resolução. Exemplos de alguns dos relatos estão relacionados na figura 9.

INTEGRAÇÃO ENTRE AS DISCIPLINAS	<p>“É necessário uma maior integração das matérias para que o ensino se caracterize multidisciplinar como o curso é descrito. Perde-se muito tempo com projetos individualizados quando um único projeto poderia abranger diversas áreas do conhecimento em Arquitetura.”</p> <p>“Estudei na FAU-UFRGS e creio que nosso currículo esteja muito defasado em relação a outras faculdades. É urgente uma atualização das disciplinas visando maior integração entre os diferentes departamentos. Como não as disciplinas de teoria e história e de estruturas não estão integradas às práticas projetuais em ateliê, os alunos acabam fazendo projetos complexos para 3 disciplinas ao mesmo tempo (Ex: História Brasil Colônia, Madeira e PAS) quando pelo menos as duas últimas poderiam estar integradas.”</p>
HIERARQUIA EM SALA DE AULA	<p>“No segundo semestre de 2019, acabei parando no hospital após uma entrega de trabalho muito estressante que me deu uma hiperglicemia. Após esse caso, decidi não cursar mais arquitetura e tranquei o semestre. Não foi a primeira vez que vi a saúde refém da minha atividade acadêmica, principalmente por causa de professores insensíveis que estipulam prazos muito curtos para os trabalhos. Professores que, inclusive, exaltavam que a atêria deles era muito difícil e que deveríamos nos contentar se conseguíssemos pelo menos um MM. Essa abordagem é totalmente antididática e resultou na piora de meu psicológico. A pressão foi grande o suficiente pra eu não conseguir continuar mais o curso (e não pretendo). Seria interessante se a direção pudesse fazer algo sobre isso, já que os próprios professores não costumam ligar para a opinião do aluno.”</p> <p>“Falta também empatia de muitos professores, temos professores que parecem gostar de humilhar os estudantes, que sam argumentos como “desde que foi permitido cota na universidade a qualidade caiu”, isso é assustador de ser ouvido, professores que fazem por gosto e que geram ansiedade nas pessoas, trazendo problemas para a saúde mental dos estudantes. Além dos professores que parecem que apenas as matérias deles existem, não conversam as matérias entre as outras, cobram além dos créditos da disciplina etc”</p>
CONDIÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO	<p>“Já no âmbito do espaço físico nunca achei a FAU acolhedora, não acho que manter como foi concebida é a melhor opção porque o objetivo do ICC era um espaço flexível, mas o endeusamento de personalidades como Niemeyer fez com que muitos achassem que o espaço físico deve ser intacto. O concreto aparente é frio e nada convidativo, o pé direito alto passa a sensação de que somos minúsculos. É lindo, pra visitar, pra viver não e nós vivemos muito por lá, em ambientes sem ventilação, quentes, mal divididos, sem espaço de convívio dos estudantes, fechado pra dentro como quem ignora o que está acontecendo nos corredores do ICC. Falta estrutura para receber os estudantes que passam mais tempo por lá do que na própria casa.”</p> <p>“É inadmissível os vidros da FAU fechados, principalmente com a volta das aulas em um conteto pandêmico, aqueles vidros fechados é questão de saúde pública. A FAU virou uma estufa além disso, é inaceitável a retirada das salas do grupo de extensão Pé na Estrada e da empresa jr. Ateliê Muda. Não podemos deixar de pontuar a atitude anti patrimonial da destruição da pracinha da FAU e a descaracterização do CAFAU com a retirada dos sofás e cartazes da parede. Muito triste a atual situação em que a faculdade se encontra. Se os vidros não estiverem abertos e um aluno tiver com Covid-19...a faculdade toda vai pegar.”</p>
FALTA DE DIÁLOGO COM DOCENTES E DIREÇÃO	<p>“Sobre o ensino de Softwares e a necessidade de uma abordagem menos utópica: “Creio que quanto ao ensino minhas maiores críticas se resumem a: 1) falta de integração entre as matérias 2) defasagem entre ensino de softwares e a cobrança destes nas entregas finais 3) pouca relação da universidade com o mercado de trabalho”</p> <p>“Acredito que a FAU, por ser um curso que envolve pessoas, está muito fechada ao seu meio e gera uma produção muitas vezes utópicas, fora da realidade a qual vivemos, algumas oportunidades de extensão que vão oferecer essa vivência de mundo, de mercado e de conhecimento das pessoas que precisam de nós, mas só. Isso tudo deveria fazer parte das matérias ao meu ver, seja projetos menores, mas que passem desde uma concepção com cronograma até um executivo, mesmo que esse executivo seja de um pequeno mobiliário já é uma forma de preparação. E além disso, discordo de projetos que visam ser grandiosos dentro do meio, que não se inserem no contexto e espaço urbano, que parecem querer unicamente demonstrar o ego dx arquitetx, precisamos de contextos reais e não apenas da ilusão da criação de um imaginário que não é a realidade.”</p>

Figura 9: Exemplos de relatos dos estudantes
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Questionário Vida Estudantil - Qualidade do ensino, programas de assistência estudantil e questões de saúde mental, 2021.

Conclusões

Comparando com o que foi exposto na pesquisa realizada em 2016, com a realidade atual dos alunos da FAU/UnB, a conclusão que se chega com este trabalho é a de que o contexto apresentado atualmente praticamente não se alterou. A exaustão do corpo estudantil, que faz parte da cultura das escolas de arquitetura, também é uma realidade naturalizada na FAU-UnB e a insatisfação com esse contexto por parte dos estudantes fica evidente com este estudo. Por isso é preciso enfatizar que mesmo com o desconhecimento desses dados, é impossível ignorar essa realidade quando se convive nela.

Se não lutarmos por uma educação que também abrace e cuide das vulnerabilidades mentais de seus alunos, estaremos praticando a exclusão de diversas pessoas que não conseguem se adaptar à cultura de exaustão das universidades, lembrando que grupos marginalizados socialmente possuem mais predisposição à problemas de saúde mental. Não conseguir assegurar minimamente que os alunos

consigam ter saúde para continuar o curso, é uma forma de dificultar ainda mais o acesso desses grupos à educação.

Investimento e inovação nos modelos de ensino são extremamente necessários para o combate de problemas de saúde mental nas universidades. A ampliação, ao invés do corte de programas de assistência psicológica e social seria um forte método de prevenção, já que garantiria que pelo menos a parcela mais vulnerável da população tivesse acesso aos cuidados necessários. A melhoria da infraestrutura também seria um investimento que resultaria em melhorias significativas no bem-estar de todos os envolvidos. A inovação estaria na superação de modelos de aprendizagem obsoletos em busca de novos que tivessem melhores relações com o desenvolvimento e a saúde dos alunos. Um processo de fato transformador e que promove uma “ruptura paradigmática” (PACHECO, 2019).

No caso específico da FAU-UnB, a inovação poderia ser realizada pela tão desejada integração dos conteúdos, que como visto nos resultados do questionário estudantil, foi elencada como a alternativa que mais promoveria melhoria na saúde mental dos alunos. Essa interdisciplinaridade ajudaria não só a diminuir a carga de produzir dezenas de trabalhos no final do semestre, como também ajudaria a aproximar os alunos do que realmente é realizado após a formação, em que o projeto exige a junção de todas essas áreas do conhecimento interligadas. Mais que mudanças objetivas em metodologias de ensino, é importante tornar a educação mais humana, mais empática, menos individualista e competitiva, mesmo que o mundo caminhe em sentido oposto a esses ideais. Se essas mudanças não forem realizadas em escolas e universidades, dificilmente se difundirão em políticas para sociedade.

Referencias bibliográficas

ANDRADE, L. M. S.; LIRA, F.; RIBAS, O. T.; SANT'ANA, D.; SILVA, C. F.; MEDEIROS, J. M. **Método de ensino para projetos de urbanismo mais sustentável: resultados da integração horizontal das disciplinas de Urbanismo, Paisagismo, Infraestrutura E Conforto Térmico da FAU-UnB.** Paranoá, Brasília, n° 11, p. 111-122, 2014.

ARCHDAILY. **Saúde mental nas escolas de arquitetura: é possível uma mudança cultural?** Disponível em: <https://bityli.com/QsQQI> . Acesso em: Jun/2020

BARBOSA, Jane R. A. **A Avaliação da Aprendizagem como Processo Interativo: Um Desafio para o Educador.** Democratizar, Rio de Janeiro. v.II, n.1, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.faetec.rj.gov.br/index.php/institucional/revistas-faetec/revista-democratizar/category/3-v2-n1>. Acesso em: Jan/ 2020

BRASIL, Bárbara Letícia. **Precisamos Conversar sobre Ensino na FAU-UnB: o Plano Político Pedagógico e a perspectiva do aluno.** 2016. (Ensaio Teórico). Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

BRASIL. **Decreto nº 7.234**, 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Presidência da República, Casa Civil-Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 2010.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico 24:** Perfil epidemiológico dos casos notificados de violência autoprovocada e óbitos por suicídio entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil, 2011 a 2018. Disponível em: <https://bityli.com/ToYVT>. Brasília, 2019. Acesso em dezembro 2020

CARVALHO, R. S. ; RHEINGANTZ, P. A. . Projetar 10 Anos: cartografando controvérsias no ensino de projeto de arquitetura. In: VI Projetar - o projeto como instrumento para a materialização da arquitetura: ensino, pesquisa e prática, 2013, Salvador. **Anais [do] VI Projetar**. Salvador: Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. v. 1. p. 1-15.

CNE/CES. Resolução nº 2, de 17 de junho de 2010. **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo**, alterando dispositivos da Resolução CNE/CES nº 6/2006. Disponível em: <https://bityli.com/HF60r>. Acesso em Janeiro/ 2020

CNE/CES. Resolução nº 2, de 18 de junho de 2007. **Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/rces002_07.pdf . Acesso em: Março/ 2020.

DDS/UnB. **Relatório de Gestão Diretoria de Desenvolvimento Social 2016 e 2017**. Disponível em: <https://bityli.com/Alb4g>. Acesso em Jun/ 2020

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.

GOUVÊA, Luiz Alberto de Campos Gouvêa; BARRETO, Frederico Flósculo Pinheiro;

GOROVITZ, Matheus(organizadores) [et al.]. **Contribuição ao Ensino de Arquitetura e Urbanismo** – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1999.

KIRKPATRICK, Melissa. **Mental wellbeing and the architecture student**. 2018. Dissertação de graduação. Sheffield School of Architecture, Sheffield, 2018

MAHFUZ, E. O ateliê de projeto como mini-escola. São Paulo: Arqtextos. Ano 10. Dez 2009. <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/08.093/1>. Acesso em: fevereiro/ 2020

NARUTO, Minoru. **Repensar a formação do arquiteto**. 2007. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

NEVES, Marly Coelho Carvalho; DALGALARRONDO, Paulo. **Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários**. J. bras. psiquiatr., Rio de Janeiro , v. 56, n. 4, p. 237-244, 2007 . Disponível em: <https://bityli.com/uthxq>. Acesso em janeiro 2020.

OMS. **Relatório Mundial da Saúde: saúde mental, nova concepção, nova esperança**. 2001. Disponível em: https://www.who.int/whr/2001/en/whr01_djmessage_po.pdf. Acesso em: jun/2020

OPAS BRASIL. **Folha informativa - Saúde mental dos adolescentes**, 2018. Disponível em: <https://bityli.com/RHhtR>. Acesso em Janeiro 2020

OPAS BRASIL. **Folha informativa - Transtornos mentais**. Disponível em: <https://bityli.com/z6ubM>. Acesso em: Jun/2020

OPAS BRASIL. **OPAS/OMS apoia governos no objetivo de fortalecer e promover a saúde mental da população.** Disponível em: <https://bitly.com/kxzfzfm>. Acesso em: Jun/2020

PACHECO, José. **Inovar é assumir um compromisso ético com a educação.** 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

PEREIRA, D. A. **Análise da capacidade de trabalho e das condições térmicas e acústicas às quais estão submetidos os professores de escolas públicas municipais de João Pessoa.** (Mestrado em Engenharia de Produção). João Pessoa: UFPB; 2009.

TEIXEIRA, Kátia Azevedo. **Ensino de projeto: integração de conteúdos.** 2005. 233p Tese (Doutorado - Área de Concentração: Estruturas Ambientais Urbanas) - FAUUSP. São Paulo, 2005.

Autoras

Laura Esther Mágero Dourado, FAU-UnB, e-mail: lauramagero25@gmail.com Graduada do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB.

Liza Maria Souza de Andrade, FAU-UnB, e-mail: lizamsa@gmail.com Professora da FAU-UnB e do PPGFAU-UnB. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGFAU-UnB (2014).

Ana Luiza Aureliano Silva, PPG-FAU, e-mail: alaurelianosilva@gmail.com Doutoranda do PPGFAU-UnB. Mestra em Geografia pelo PPGeog-UFSJ (2018).

Vânia Raquel Teles Loureiro, FAU-UnB, e-mail: vania.teles.loureiro@gmail.com. Professora da FAU-UnB. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGFAU-UnB (2017).

ESCRITÓRIO MODELO DE ARQUITETURA E URBANISMO – Na Construção de Espaços Educacionais Participativos

Eje/Eixo Temático 3

Guilherme Fernandes de Moraes
Mariah Vitória Silva Pereira
Mariana Evelyn de Souza Inada
Vanessa Acquaviva Carrano

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
de São Paulo

Resumo

Este artigo visa apresentar o projeto de extensão universitária como Escritório Modelo ÁTICO do IFSP, além de abordar em particular um de seus grupos de trabalho, a EMEF Estação Jaraguá. Tal artigo descreve o contato com a comunidade escolar desde 2019, com ações referentes ao processo de produção de projetos arquitetônicos do Espaço Semear (de acordo com as necessidades da escola), bem como as oficinas realizadas com os estudantes. Além disso, ele enfatiza a preocupação com a inclusão dos usuários, juntamente com o reconhecimento e pertencimento ao espaço, visando sempre a acessibilidade e a sustentabilidade. E, por fim, ele também aborda as dificuldades encontradas em contexto de pandemia e isolamento, analisando os resultados até o momento.

Palavras-chave: **Escritório Modelo, processos participativos, protagonismo, Arquitetura e Urbanismo.**

Resumen

Este artículo se propone a presentar el proyecto de extensión universitaria como Oficina Modelo ÁTICO de IFSP, además de abordar en particular uno de sus grupos de trabajo, EMEF Estación Jaraguá. Tal artículo describe el contacto con la comunidad escolar desde 2019, con acciones referentes al proceso de producción de proyectos arquitectónicos de Espaço Semear (en función de las necesidades de la escuela), así como los talleres realizados con los estudiantes. Además, se enfatiza la preocupación con la inclusión de los usuarios, juntamente con el reconocimiento y pertenencia al espacio, buscando siempre la accesibilidad y la sustentabilidad. Y, al fin, también se aborda las dificultades encontradas en contexto de pandemia y aislamiento, analizando los resultados hasta el momento.

Palabras-llave: **Oficina Modelo, procesos participativos, protagonismo, Arquitectura y Urbanismo.**

1. Introdução

A sigla “ÁTICO” refere-se a Assessoria Técnica de Interesse à Comunidades Organizadas e se define como escritório modelo enquanto extensão universitária inserida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus São Paulo (IFSP-SPO). Tal escritório opera em conjunto a grupos organizados, visando sempre à qualidade de vida e ao direito à cidade, além de ser um espaço de debate.

A equipe originou-se em meados de 2016, dois anos após a incorporação do curso de bacharelado em Arquitetura e Urbanismo ao IFSP-SPO, ao passo que os próprios estudantes reconheceram a necessidade de incluir questões sociais à arquitetura, ao urbanismo e à construção civil. Diante disso, os professores, em conjunto com os estudantes, criaram o Projeto de Extensão Universitária ÁTICO e, assim, foi formado um grupo que fosse capaz de retornar à sociedade seu conhecimento obtido no ambiente acadêmico, levando a arquitetura para além da universidade e de forma institucional. Além disso, a ÁTICO recebe conhecimentos espontâneos e empíricos de volta da comunidade, como uma troca de saberes contínua.

É importante salientar ainda que, em 2019, a ÁTICO passou a ser considerada um Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU) de acordo com a Federação Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (FeNEA), conforme o Projeto de Orientação a Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo (POEMA):

EMAU significa Escritório modelo de Arquitetura e Urbanismo, e é um projeto de Extensão Universitária unida à pesquisa e ao processo de graduação. Esse escritório surge da discussão a respeito da vivência e das práticas dos estudantes de Arquitetura durante a graduação, com a finalidade não só de completar a educação universitária, mas também de afirmar um compromisso com a realidade social da comunidade onde a universidade está inserida. (FeNEA, 2014)

Ademais, a equipe é estruturada horizontalmente, sem que haja diferenciação hierárquica entre seus integrantes, ainda que as atividades sejam orientadas por professores universitários (estes sendo responsáveis pelos projetos tanto técnica quanto legalmente). Referente ao ingresso, um participante pode atuar tanto como voluntário, bolsista ou membro colaborador. Destaca-se, ainda, que o escritório modelo não opera com fins lucrativos e atua com populações em vulnerabilidade social na cidade de forma participativa.

No que concerne à atuação do grupo de extensão, tem-se uma divisão interna (entre comissões de gerenciamento) e externa (entre grupos de trabalho de projeto - GT). Este artigo especificamente será direcionado ao GT EMEF Estação Jaraguá e relatará o que se passou entre os anos de 2019 e 2020. Em um Grupo de Trabalho, ocorre tanto o desenvolvimento quanto o acompanhamento de atividades práticas abrangendo vastas áreas de conhecimento através da autogestão.

O GT atua na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Estação Jaraguá, localizada na rua João Aires, S/N, no bairro Jardim Bandeirantes, zona norte da cidade de São Paulo-SP. A escola se situa em região próxima ao pico do Jaraguá, local em que ocorrem discussões de valorização histórica e cultural, sendo também um dos últimos remanescentes de Mata Atlântica na região metropolitana de São Paulo e o ponto mais alto da cidade, como mostra a Figura 1:

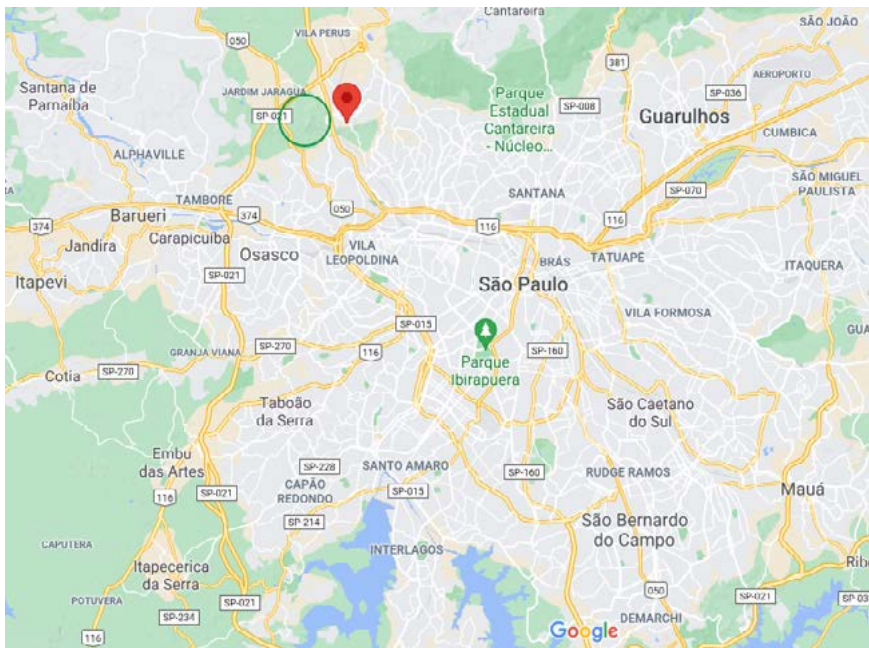


Figura 1. Localização da EMEF Estação Jaraguá em relação à região metropolitana de São Paulo (em vermelho) e do Pico do Jaraguá, delimitado pelo círculo verde. Fonte: Google Maps. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Jaragu%C3%A1,+S%C3%A3o+Paulo+-+SP,+02675-031/@-23.4988452,-46.6812036,12.25z/data=!4m5!3m4!1s0x94cefbf852826885:0xcc7d6f06ef686bbd18m2!3d-23.4574972!4d-46.743813> acesso: 20/03/2021



Figura 2. Fachada principal da Escola Municipal de Ensino Fundamental Estação Jaraguá onde se desenvolve o projeto. Fonte: Google Street View. Disponível em:

<https://www.google.com.br/maps/place/Secretaria+Municipal+de+Educa%C3%A7%C3%A3o/@-23.4561113,-46.7372257,3a,75y,267.69h,86.79t/data=!3m6!1e1!3m4!1sK9TUNApzHcMBNLrv97fygA!2e0!7i16384!8i8192!4m5!3m4!1s0x94cefbee0e51ea37:0x43ccb426b6adaed7!8m2!3d-23.4556358!4d-46.7373442>. acesso: 20/03/2021

Todo o projeto aqui descrito é fruto de uma iniciativa da própria EMEF para melhorar os espaços externos de suas instalações, tornando-os acessíveis e com maiores possibilidades de aprendizado. Ele nasceu a partir do Projeto Território Jaraguá, realizado com o objetivo de promover uma maior valorização da história, cultura e paisagem da região. Além disso, este projeto foi um dos vencedores da 3ª edição do Prêmio Territórios do Instituto Tomie Ohtake (que busca mapear, reconhecer e dar visibilidade a projetos que fortaleçam o vínculo entre as escolas e os territórios a partir dos diversos saberes culturais, compreendendo a cidade como espaço de aprendizagem), recebendo um valor de R\$2.000 (dois mil reais).

Em maio de 2019, formou-se uma parceria entre a EMEF e a ÁTICO a partir do valor adquirido, o qual serviria como orçamento simbólico inicial para construção e adequação do espaço externo da escola (sem nenhum valor a ser repassado à ÁTICO) denominado como Espaço Semear. Essa parceria propôs-se a estabelecer um projeto participativo com estudantes e funcionários da instituição, visando criar um ambiente externo compatível com as suas visões de mundo em relação à constituição do espaço público, sendo também um projeto de cunho pedagógico.

A região onde se localiza a escola possui grandes potencialidades culturais que podem ser abordadas no projeto, trazendo assim vastas possibilidades de contato com as pessoas da região. Tomou-se como base para a metodologia de trabalho as crianças do campo e o disposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI): “O estabelecimento de uma relação afetiva com a comunidade local e de mecanismos que garantam a gestão democrática e a consideração dos saberes da comunidade (2010, p. 19).

Constatou-se que, entre outras qualidades, esse espaço possui um bom tamanho e bastante vegetação natural, demarcando-se também muitas potencialidades de projeto. Os principais desafios apontados eram a falta de um acesso seguro à área externa do terreno, que se apresenta com uma grande declividade, dificultando a utilização por quem possui mobilidade reduzida ou baixa visão, além de não apresentar uma disposição de ambientes que possam garantir uma utilização confortável por parte dos estudantes e dos professores em suas atividades.

Dessa forma, o objetivo do projeto para o Espaço Semear é potencializar um local na escola onde os estudantes pudessem desenvolver práticas alinhadas ao seu projeto pedagógico. Partindo-se do pressuposto de que aquele deveria ser um ambiente para todo e qualquer um, deu-se a convocação da equipe ÁTICO e a criação de um GT que elaborasse um projeto de qualidade, funcional e acima de tudo seguro, tendo em vista a acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos e instruções para crianças com deficiência, transtornos globais e de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, assim como declaram as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil do Brasil do Ministério da Educação do Brasil (2010, p. 20).

Vale ressaltar que a parte projetual da equipe para o Semear se construiu e se baseou em muitas das ideias trazidas pelas crianças e também considera os fatores particulares do terreno, como orientação eólica e solar, preservação da flora local, alteração mínima da declividade, entre outros aspectos únicos do espaço, para que o projeto seja realista e possível de ser implantado, assim como descrito por Kowaltowski:



Figura 3. Visualização de parte do espaço externo da EMEF Estação Jaraguá, com uma forte presença de vegetação e uma grande declividade. Ao fundo, estruturas de fundação do edifício escolar.
Fonte: Acervo do Escritório Modelo ÁTICO.

A orientação solar e de ventos dominantes é peculiar a cada situação e demanda ajustes para a proteção solar das aberturas, sem prejuízo à captação de ventos desejáveis. O formato do lote, a topografia e as condições geológicas nunca são iguais. São necessários ajustes dos acessos à edificação, afastamento de fontes de ruído, sistema estrutural, drenagem, e conexões das infraestruturas. A adaptabilidade do projeto a situações variáveis de topografia e formato de lote nem sempre é simples ou eficiente, pois os ajustes, muitas vezes, indicam modificações substanciais que tiram a vantagem do da redução do custo do projeto como protótipo. (Kowaltowski, 2011, p. 109)

A equipe deste GT é composta por estudantes da área de arquitetura e urbanismo, engenharia civil (graduandos do IFSP-SPO) e psicologia (da Universidade Nove de Julho - UNINOVE - e Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU), além de contar com a participação de docentes que lecionam no Instituto Federal



Figura 4. Área coberta do Espaço Semear. Acesso principal e estruturas que fazem parte da fundação da escola.
Fonte: Acervo do Escritório Modelo ÁTICO.

do Campus São Paulo. Com sua fundação em meados de 2019 e ativo até o presente momento (2021), uma das bases do GT é fazer interações com os estudantes para que os mesmos tenham consciência sobre aspectos que constroem um cidadão, como noção de espaço, acessibilidade, direito à cidade, entre outros.

Tendo as crianças como protagonistas de todo o trabalho a ser desenvolvido, uma vez que serão elas a usufruir, aprender e crescer no espaço, a equipe busca formas de se inspirar com as crianças e sempre integrar suas ideias ao projeto. Desse modo, foram realizadas oficinas com os estudantes, onde eles interagem, davam suas opiniões acerca do assunto e mostravam seu lado crítico, declarando como o Semear contribui ao seu crescimento como cidadãos.

2. Desenvolvimento

Conforme o POEMA (FeNEA, 2007), um dos princípios norteadores do trabalho da ÁTICO pode ser expresso pela valorização do processo projetual, por meio de um diálogo entre todas as partes que o compõem e tendo como objetivo principal a produção de um bem coletivo resultante de uma apropriação e sustentabilidade para essa comunidade por meio das vivências estabelecidas. Conforme a FeNEA, “para que haja essa apropriação, além do conhecimento técnico que nós como estudantes de arquitetura e urbanismo trazemos, é fundamental que a comunidade se sinta integrada ao processo de construção coletiva, contribuindo com seu conhecimento empírico” (2007, p. 17).

Com essa visão de projeto, as ações desenvolvidas na EMEF Estação Jaraguá não se limitam aos impactos no Espaço Semear, mas abrangem também dinâmicas pedagógicas que podem construir-se junto ao projeto político da escola e fazer parte da rotina escolar a curto, médio e longo prazo.

A troca multidisciplinar complementa a formação acadêmica, além de fazer com que o trabalho com comunidades organizadas atinja outros níveis de envolvimento, podendo assim o EMAU estimular a mobilização da comunidade (com o auxílio de estudantes de Serviço Social, por exemplo), auxiliar em questões de saúde (estudantes de medicina, biologia...), em questões judiciais (estudantes de Direito e afins), etc. (FeNEA, 2005, p. 15)

Como descrito pela FeNEA, a ÁTICO entende que uma das formas para garantir que os processos participativos sejam efetivos em suas ações em comunidades está no princípio da horizontalidade somado à articulação de diversas áreas do conhecimento, buscando garantir o protagonismo das populações na construção coletiva de seus espaços. Essa construção pode embasar-se na construção civil, como também ir além dessa área, agregando um pensamento multidisciplinar e indo além das possibilidades de atuação. É fundamental o contato direto com toda a comunidade escolar, onde o projeto decorre diferentemente da lógica de mercado e sem uma razão assistencialista, mas por meio de olhares diversos sobre o espaço público, livre e libertário para as crianças que estudam no local, os profissionais que

fazem parte do processo educativo e toda a comunidade do entorno.

Dessa forma, a ação dos EMAUs nas comunidades não se propõe à realização de propostas prontas e acabadas, trabalha com a possibilidade de uma ação compartilhada e flexível, onde a arquitetura é vivida enquanto processo. De acordo com a FeNEA (2005, p. 19), é nesse processo envolvendo a comunidade que o EMAU não caracteriza o seu trabalho enquanto assistencialista.

2.1. As oficinas desenvolvidas e o projeto arquitetônico

A metodologia adotada para o processo de projeto, aliada aos processos participativos, resultou em oficinas com as crianças da escola, desenvolvidas no ano de 2019, por meio do entendimento de que as crianças são protagonistas e público-alvo principal dos seus espaços educativos. O Programa Nacional de Educação Especial do Ministério da Educação do governo do Brasil (2020) ressalta a importância de espaços educativos que sejam inclusivos em todos os aspectos formadores da sociedade, onde “o ambiente escolar acolhedor e inclusivo diz respeito à postura da comunidade escolar que acolhe todos os seus membros, estabelecendo entre si relações de aceitação, corresponsabilidade, colaboração, respeito interpessoal e valorização das diversidades.” (2020, p. 49).

É importante ressaltar que o processo de projeto desenvolvido pela ÁTICO não descarta as metodologias do processo técnico de projeto que passam por diferentes etapas de consolidação. Para o projeto da EMEF Estação Jaraguá, busca-se alcançar um nível arquitetônico para execução das propostas por meio de etapas, sendo a elaboração de um plano de necessidades para a área de projeto, o levantamento de informações, o desenho e formação de um estudo preliminar com as principais ideias. A fase de anteprojeto é baseada em um desenho com detalhamento das estruturas e instalações necessárias e a cotação de valores para a obra. A fase do projeto executivo será a final e deverá passar por uma avaliação do responsável técnico para assim ser finalizado.

2.2. Oficina de Reconhecimento e Pertencimento do Espaço

Para o desenvolvimento de um plano de necessidades completo para a área do Espaço Semear, foram realizadas reuniões com a direção e o professor de geografia da escola que iniciou o contato com a ÁTICO, além de visitas na área para um levantamento fotográfico inicial e a partilha das experiências consolidadas no local. Os resultados obtidos por meio desses levantamentos estão dispostos na tabela 1.

Com a união da metodologia de oficinas e a metodologia técnica de projeto, buscou-se a elaboração do programa de necessidades que também visasse às crianças da escola como protagonistas dessa ação de levantamento. Seguindo esse partido, criou-se a Oficina de Reconhecimento e Pertencimento do Espaço, tornando-se o primeiro contato da ÁTICO com diversos membros da comunidade escolar. A oficina foi desenvolvida em um dia atípico na rotina escolar e os estudantes, que foram autorizados pela família a estarem presentes no local, cursam o ciclo dois do ensino em turmas como 7º e 9º ano. Além das crianças, estavam presentes no evento os professores, a equipe técnica e a gestora.

A dinâmica foi dividida em três momentos, sendo primeiramente desenvolvido um contato com o Espaço Semear por meio de uma caminhada com as crianças pelo local. Houve uma ação de desfrute da área e também do compartilhamento de experiências sobre as vivências estudantis que já haviam sido estabelecidas com o

local anteriormente. Uma atividade de relaxamento também foi implantada com uma cantiga infantil de matriz indígena chamada “Yapo” que recitava um significado como “Pés firmes, para irmos em busca de nossos sonhos / Coração aberto / Pensamento positivo / Boa energia sempre”.



Figura 5. Apresentação da dinâmica de desenho para os estudantes da escola.
Fonte: Acervo do Escritório Modelo ÁTICO.

Após a dinâmica, os estudantes foram encaminhados até a sala de artes da escola e a atividade a ser desenvolvida responderia à pergunta: “O que vocês gostariam que tivesse no Espaço Semear?”. A resposta poderia ser expressa pelas crianças por meio de desenhos, colagens, listas de palavras ou qualquer outro formato que permitisse a cada um poder expressar seus desejos para a área. Os estudantes puderam desenhar livremente e sentados nas mesas ou no corredor, com materiais disponibilizados pela própria escola, conforme a Figura 3. O levantamento de ideias passou a fazer parte de uma brincadeira em que foi observada a capacidade do estudante de realizar uma leitura do que ocorre em seu entorno, assimilando e representando parte de suas vivências coletivas em seu grupo social.

A terceira etapa da dinâmica foi a finalização de todo o processo de criatividade e a apresentação das ideias pelos estudantes. Todos os estudantes apresentaram em voz alta as suas propostas e mostraram seus desenhos que ficaram expostos no centro da roda para que todos pudessem compartilhar e apreciar o trabalho do colega. Como resultado dessa primeira dinâmica, foi criada uma extensa lista com ideias e o programa de necessidades que complementa as propostas já desenvolvidas pela direção da escola na primeira visita realizada pela ÁTICO. Na tabela 1, é possível comparar o plano de necessidades que foi levantado com a comunidade escolar nessa primeira dinâmica com as necessidades levantadas antes da atividade.

O ideal seria que a realização de reformas e de novos projetos de escolas inclusivas estivesse sob a responsabilidade de arquitetos e engenheiros com conhecimento sobre acessibilidade espacial. Além de contar com profissionais da área para a realização dos projetos e reformas, é extremamente importante a participação do corpo da escola e da comunidade, tanto para avaliar a situação atual de cada escola como para acompanhar e fiscalizar a realização de obras.
(Dischinger, 2009, p. 69)

Necessidades levantadas antes da oficina
- Horta com sistema de irrigação - Maior liberdade no uso do espaço - Local para aulas - Teatro / auditório - Observatório de vidro - Um banheiro - Melhor acessibilidade - Espaço para jogar dama e jogos de tabuleiro em geral - Espaço alinhado com a proposta pedagógica da escola

Tabela 1: Plano de necessidades para o projeto do Espaço Semear antes da oficina

Necessidades levantadas durante a Oficina de Reconhecimento e Pertencimento do Espaço
<ul style="list-style-type: none">- Voltar a ter animais (tartarugas, galinhas, pintinhos)- Instalação de balanços- Local para aulas- Lago com peixes- Melhores trilhas- Escada para descer de forma direta, sem tantas voltas, como a rampa- Corrimão- Desenhos nas paredes- Espaço com TV- Tobogã com um menor desnível- Espaço para piquenique- Wi-fi- Piscina- Local das mesas para festas arrumado- Melhor segurança, evitando a entrada de pessoas estranhas no espaço (foi sugerido arame farpado no muro para evitar que pulem para ir para a estação)- Casinha arrumada, com móveis, espelho e prateleiras com brinquedos- Palco para apresentação de dança- Escada ao lado do tobogã arrumada- Mais bancos e locais para sentar- Parede de escalada no talude da escola- Geladeira para poder comer no andar de baixo- Observatório de vidro- Campeonatos de futebol- Mais tempo de intervalo ou intervalo para ir ao Espaço Semear- Rede de vôlei- Quadra de futebol- Quadra de tênis- Mesas em local mais visível- Redes para deitar- Criação de local para estudo- Tobogã com água

Tabela 2: Plano de necessidades para o projeto do Espaço Semear durante a oficina

Dos resultados obtidos, foi possível traçar os próximos passos e as prioridades para o desenvolvimento do projeto. Algumas das ideias propostas podem ser produzidas junto à equipe, enquanto outras podem servir de base para a própria escola e suas ações pedagógicas a longo prazo. Buscou-se fazer do estudante parte do processo e incluí-lo em uma produção que vai além da construção civil, com uma multiplicidade de saberes que têm base na pedagogia.

2.3. Ciclo de acessibilidade

Conforme o programa de necessidades elaborado pela oficina anteriormente citada e a própria dinâmica pedagógica da escola, priorizou-se uma solução para os acessos ao Espaço Semear com a criação de rampas e de uma escada, seguindo as normas vigentes de acessibilidade e sinalização necessárias para garantir conforto e segurança para toda a comunidade escolar.

A metodologia de projeto aliada à prática de oficinas com os estudantes da EMEF possibilitou o desenvolvimento de um Ciclo de Acessibilidade, com três turmas dos sétimos anos da escola. As oficinas com as turmas foram realizadas no horário das aulas do professor de geografia, que passou a ser parceiro das ações, tornando a atuação da ÁTICO como parte da proposta pedagógica da escola, e foram realizadas no Espaço Semear, já que, de acordo com Kowaltowski:

O pátio coberto e as áreas livres da escola devem oferecer ambientes agradáveis, com vegetação que propicie sombra em proporção adequada aos períodos predominantes de calor do clima local. O projeto da escola deve incluir um projeto paisagístico de fácil manutenção que propicie aos usuários contato com elementos naturais e vistas humanizadas. Uma horta pode fazer parte desse projeto. Em terrenos com topografia acidentada, devem ser criados platôs interligados por rampas. Taludes íngremes devem ser evitados para a segurança física das crianças. (Kowaltowski, 2011, p. 195)

Sendo o primeiro ciclo da oficina com um grupo de estudantes com idades entre 12 e 13 anos, a primeira etapa foi uma conversa sobre acessibilidade e direito à cidade, com uma base técnica apresentada pela equipe ÁTICO, mas também uma busca por instigar que cada estudante pudesse apresentar suas vivências e olhares em relação ao tema. Foi exposto em diversas rodas problemáticas em nossa cidade sobre a má gestão de recursos públicos e a dificuldade que os pedestres enfrentam para se locomover pela cidade, e como a própria normativa brasileira diz:

A acessibilidade plena requer a eliminação de barreiras atitudinais, pedagógicas, urbanísticas, arquitetônicas, tecnológicas, linguísticas, comunicacionais, informacionais e nos transportes, as quais possam restringir ou impedir o pleno acesso, a participação e a aprendizagem dos educandos. Tal nível de acessibilidade requer ainda a organização dos espaços de maneira atenta à diversidade das demandas de educandos e educadores que atuam nos sistemas de apoio. (Brasil, 2020, p. 50)



Figura 6. Estudantes distribuindo as fotos no cartaz, classificando as fotos em “acessível” e “não acessível” para cada solução de acessibilidade proposta.
Fonte: Acervo do Escritório Modelo ÁTICO.

Como ação desse mesmo ciclo de oficinas sobre acessibilidade, a discussão sobre desenho universal e a importância do respeito e da cidadania às pessoas com deficiência foi retratada por meio da elaboração de um cartaz e de colagens de imagens previamente impressas, retratando soluções positivas ou negativas para a acessibilidade universal. Os estudantes tinham como tarefa avaliar cada situação e classificá-la como “acessível” ou “não acessível”, dispendo as fotos no cartaz que continha essa divisão, conforme a Figura 6. Com o cartaz preenchido por todas as fotos, as crianças puderam pendurá-lo nos murais da escola como parte das atividades pedagógicas que desenvolvem.



Figura 7. Estudantes em dinâmica guiando seu parceiro vendado pelo Espaço Semear.
Fonte: Acervo do Escritório Modelo ÁTICO.

Em um terceiro e último momento, foi realizada uma brincadeira com vendas nos olhos, desenvolvida pela equipe ÁTICO, como uma ação de conscientização, em que as crianças dividiram-se em duplas, uma criança ficava vendada enquanto a outra seria sua guia por todo o Espaço Semear. As duplas se revezavam para que ambos os estudantes pudessem perceber de seu colega as dificuldades do percurso e a importância em garantir um bom espaço de caminhada para todas as pessoas. A Figura 7 representa duas duplas de estudantes durante a atividade. Ao final da dinâmica, as crianças puderam desenvolver uma atividade em sala de aula para fixar o

conhecimento tratado durante a oficina, expressando seus sentimentos enquanto vendadas e o papel cidadão que puderam aplicar.

As contribuições dessa oficina no projeto arquitetônico que estava em desenvolvimento paralelo se relacionaram com o desenvolvimento pessoal da própria equipe ÁTICO, bem como a observação das áreas em que as crianças apresentaram mais dificuldades para caminhar e em quais intervenções poderiam ser contempladas no projeto.

2.4. Produção dos desenhos

Utilizando-se dos materiais gerados pelas oficinas, a equipe seguiu para a aplicação dos conhecimentos técnicos relacionados à área de construção civil para a criação de um projeto preliminar, levando em consideração uma abordagem de projeto coerente com a proposta apresentada. Dessa forma, realizaram-se uma série de processos técnicos que envolvem, cronologicamente, o acesso à planta da escola, a realização de levantamentos planialtimétricos em parte da área que compreende o Espaço Semear, o levantamento fotográfico realizado durante as visitas à escola, a realização de croquis do espaço aliados às ideias desenvolvidas durante as oficinas, confecção dos desenhos técnicos das rampas, setorização, estudo solar, estudo de paisagismo e áreas de convivência, como demonstrado nas figuras 8 e 9:

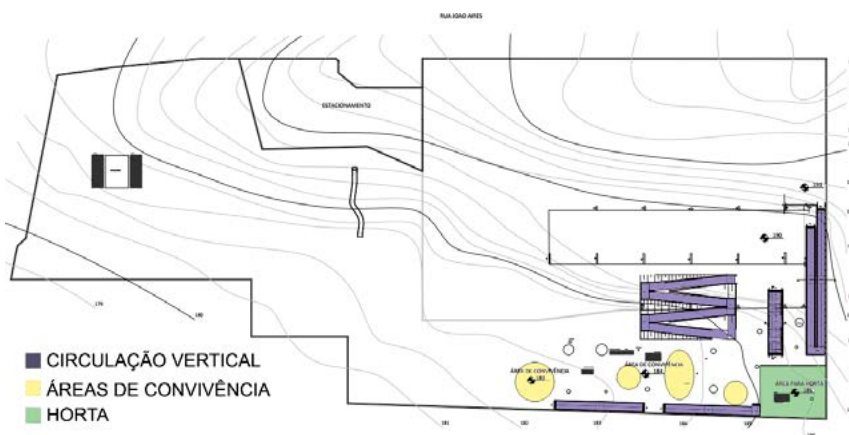


Figura 8. Planta com curvas de nível, estacionamento, disposição esquemática de pilares, circulações verticais, áreas de convivência e horta. Nota-se a concentração de recursos nas áreas próximas à horta.
Fonte: Acervo do Escritório Modelo ÁTICO.

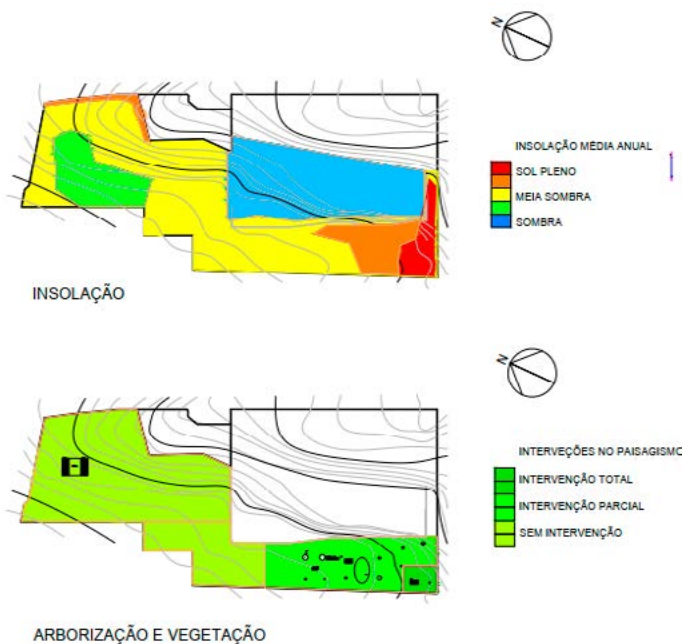


Figura 9. Estudos de insolação, arborização e vegetação, realizados no ano de 2020.
Fonte: Acervo do Escritório Modelo ÁTICO.

A partir da confecção dos materiais aqui apresentados e de uma série de outros estudos para o local, pode-se visualizar grande parte dos conceitos trabalhados como partido de projeto, em que há a disposição de um maior número de acessos à área estudada, garantindo o acesso universal a todos os níveis do terreno, sendo estes representados por rampas e escadas; a disponibilização de áreas de convivência entre as circulações e a presença da horta como ponto de partida na disposição. Dessa forma, a acessibilidade foi o ponto inicial e segue como prioridade durante todo o projeto, como afirma Dischinger:

É importante considerar que a eliminação de barreiras físicas, nas escolas, depende de diferentes ações – avaliação dos vários ambientes da escola, elaboração de projetos, execução de obras e sua fiscalização. Consequentemente, para projetar novas escolas acessíveis e adequar aquelas já existentes, é importante compreender, em primeiro lugar, as necessidades oriundas das diferentes deficiências para, então, eliminar as barreiras físicas que impedem a inclusão de todos os usuários. (Dischinger, 2009, p. 22)

Nas primeiras fases de projeto, atentou-se à coleta de dados e informações acerca da situação do terreno, ao estudo paisagístico e espacial do local, bem como ao contato mais próximo possível à comunidade escolar. A disponibilização de recursos para a acessibilidade permitiu a alocação das áreas de convivência onde se propõem uma utilização múltipla e abrangente. Por fim, há a concentração de elementos na região sul do terreno, local em que foi possível adquirir um maior número de dados. Assim, pretende-se ainda projetar espaços para toda a área apresentada.

2.5. Dificuldades na pandemia

Em março de 2020, com a covid-19 causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, chega-se ao estado pandêmico da doença, o que evidentemente impactou as atividades do escritório modelo e, consequentemente, do GT. A pandemia fez com que o trabalho se tornasse remoto por questões de segurança e isolamento social.

Com o desenvolvimento do projeto à distância, o grupo precisou enfrentar diversas dificuldades para realizá-lo apenas por meios digitais, sem a reunião presencial da equipe e com o impedimento de levantamentos que fazem parte do projeto arquitetônico, além da falta que é sentida com a ausência de contato presencial entre os integrantes do grupo. Com a escola não foi diferente, e o contexto trouxe barreiras na comunicação, principalmente com os estudantes, dificultando o protagonismo dos mesmos no projeto.

Outra dificuldade encontrada foram os desafios enfrentados pela própria escola ao oferecer atividades remotas às crianças. A ÁTICO foi convidada para desenvolver dinâmicas virtuais com alguns desses estudantes, mas se decidiu esperar por um momento mais oportuno onde um maior número de crianças pudessem ter

a mesma oportunidade para conexão de internet e contato remoto. A intenção da ÁTICO para este GT é desenvolver atividades educacionais inclusivas, afinal a equipe busca contribuir com “um sistema educacional equitativo como aquele que promove políticas, práticas e esforços diferenciados e necessários para que todos tenham oportunidades iguais e alcancem seus melhores resultados, valorizando, ao máximo, cada potencialidade.” (Brasil, 2020, p. 48).

Foram encontrados também alguns impasses no desenvolvimento do projeto por falta de informações técnicas, ocasionando em uma visita de campo à escola em agosto de 2020 para levantamento de dados, como medições do espaço, de pilares, posicionamento e identificação de espécies vegetais, entre outros. A visita ocorreu com a escola sem os estudantes, apenas com a equipe do GT, colaboradores e poucos funcionários da EMEF, respeitando o distanciamento e os cuidados sanitários recomendados para a segurança das pessoas envolvidas.



Figura 10. Equipe em meados de 2020 em levantamento métrico realizado no local, seguindo os protocolos de distanciamento e uso de máscara durante os trabalhos.
Fonte: Acervo do Escritório Modelo ÁTICO.

Vale ressaltar que, apesar das dificuldades encontradas, a equipe continuou trabalhando, se reunindo online, e iniciou novos estudos para futuras interações com as crianças, se aprofundando em assuntos de pedagogia e psicologia infantil, cumprindo uma das premissas da ÁTICO: ser pluridisciplinar, compartilhar conhecimento de múltiplas áreas e transpor o campo da construção civil.

3. Conclusões

O GT EMEF Estação Jaraguá, desde o seu início, segue os princípios propostos pela missão da ÁTICO e de um EMAU, conforme definido pelo POEMA. Valoriza-se o protagonismo das crianças, a participação da escola no desenvolvimento do projeto, a atuação e evolução da equipe, o compartilhamento de ideias e conhecimentos e a inclusão da comunidade.

3.1 Uma avaliação dos nossos resultados

As oficinas tiveram papel fundamental no desenvolvimento do projeto arquitetônico, afinal elas foram a principal base de direcionamento ao grupo na hora de produzir o trabalho, dando aos estudantes o papel principal, onde eles tiveram a oportunidade de criar e fazer o ponto de partida para a projeção de um espaço que é deles e para eles. O projeto segue as premissas adotadas no começo – de ser seguro, divertido, democrático – e o contato com a escola segue da maneira que é possível no contexto, continuando e buscando o melhor para as crianças. O trabalho não é unilateral, mas inclui todas as partes envolvidas e, mesmo com os prejuízos trazidos pela pandemia, os saldos são positivos: a equipe continuou trabalhando, mesmo que não da mesma forma de antes desse contexto global, mas ainda assim o grupo procura sempre reafirmar que o projeto não é apenas sobre o projeto de arquitetura para o Espaço Semear, mas também é uma busca por um processo de aprendizagem mútua, conhecimento e luta por uma educação inclusiva.

3.2. A relação do nosso trabalho enquanto estudantes e com as crianças

Além dos resultados enquanto projeto, é interessante, ainda, avaliar os efeitos empíricos e imateriais (tanto para a comunidade escolar quanto para os membros da ÁTICO). Uma vez que um dos objetivos do GT é tornar os estudantes protagonistas do ambiente, criando uma consciência participativa, noção de espaço e acessibilidade, além de desenvolver o entendimento de direito à cidade e pertencimento como cidadão (enquanto, do outro lado, a equipe de trabalho também é influenciada com experiências singulares).

O trabalho em grupo leva todos a entender melhor seu papel como cidadãos em uma sociedade de complexas relações humanas. A troca de saberes entre diversos profissionais, e destes com a comunidade, é uma tentativa de realizar um trabalho mais completo. (FeNEA, 2007, p. 15)

3.3. O EMAU e a extensão

Dessa forma, é interessante levantar uma crítica à extensão unilateral, em que o fluxo de conhecimentos ocorre exclusivamente de um lado a outro, como se o lado “receptor” tivesse deficiência de sabedoria e precisasse ser “educado”. Trata-se de uma crítica à postura rígida, quase erudita, impedindo o intercâmbio de informações e fechando um possível canal de diálogo.

A partir desse questionamento, os EMAUs procuram atuar de forma a manter sempre uma troca com as comunidades, um contínuo intercâmbio de informações e constante participação das mesmas, sem que haja hierarquia entre escritório e comunidade. A base de um EMAU é o trabalho coletivo. Deve existir, portanto, uma relação horizontal tanto em sua gestão interna, quanto na relação universidade/sociedade.

Vale lembrar que a Extensão é atividade que por excelência faz com que a sociedade tome conhecimento da importância da Universidade. Entende-se que o elo de ligação Universidade/Sociedade deve-se dar em função do interesse didático acadêmico através da equalização dos conhecimentos produzidos e acumulados dentro das universidades, tendo em vista o usufruto comum das ciências, artes e tecnologias. (FeNEA, 2005, p.11)

A Universidade deve ser reconhecida como geradora de conhecimento técnico e científico, e ainda como um agente essencial de transformação da sociedade (enquanto responsável direta pela comunicação necessária e pela troca de saberes com as comunidades). E a extensão, por sua vez, atrelada ao processo de ensino/aprendizagem, deve ser compreendida como elemento transformador na realidade social, como atividade didático-pedagógica, “devolvendo o saber” à população.

É preciso abrir uma via de comunicação, em que ambas as partes estendem seus conhecimentos e só por meio do exercício desse diálogo constante se chegue a uma forma de educação libertária e condizente com nossa realidade social.

Referências bibliográficas

FeNEA. Federação Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. (2014). *EMAU - FeNEA - Federação Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo do Brasil*. Fenea.org. <http://www.fenea.org/projetos/EMAU>

Freire, P. (1983). *Extensão ou Comunicação?* Chile: Editora Paz Terra.

POEMA (Projeto de Orientação a Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo) versão brasileira, gestão 2005-2006.

Projeto de Lei da Prefeitura da Cidade de São Paulo nº 16.050, de 2014. Dispõe sobre a Política de Desenvolvimento Urbano, o Sistema de Planejamento Urbano e o Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo e aplica-se à totalidade do seu território. Plano para preservar o patrimônio e valorizar as iniciativas culturais. Recuperado de: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/um-plano-para-preservar-o-patrimonio-e-valorizar-as-iniciativas-culturais/>

Kowaltowski, D. (2011). Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino. Brasil: Editora Oficina de Textos.

Dischinger, M, Ely, V. H. M. B. & Borges, M. M. F. C. (2009). Manual de acessibilidade espacial para escolas: o direito à escola acessível. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.

Decreto-Lei nº 10.502, de 30 de setembro de 2020. Fica instituída a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida, por meio da qual a União, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, implementará programas e ações com vistas à garantia dos direitos à educação e ao atendimento educacional especializado aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Recuperado de <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.502-de-30-de-setembro-de-2020-280529948>

Brasil. Ministério da Educação (2011). Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI.

Autores

Guilherme Fernandes de Moraes. Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo no IFSP/SPO. Voluntário no Escritório Modelo ÁTICO. guilherme.morais@aluno.ifsp.edu.br

Mariah Vitória Silva Pereira. Bacharelada em Arquitetura e Urbanismo no IFSP/SPO. Bolsista no Escritório Modelo ÁTICO. p.mariah@aluno.ifsp.edu.br

Vanessa Acquaviva Carrano. Bacharelada em Arquitetura e Urbanismo no IFSP/SPO. Voluntária no Escritório Modelo ÁTICO. vanessa.carrano@aluno.ifsp.edu.br

Mariana Evelyn de Souza Inada. Bacharelada em Arquitetura e Urbanismo no IFSP/SPO. Voluntária no Escritório Modelo ÁTICO. mariana.inada@aluno.ifsp.edu.br

OS PROGRAMAS DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL E A EQUIDADE DE ENSINO Na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília

Eje/Eixo Temático 3

Suenne Gomes Cardoso
Thaylla Santos Damasceno
Liza Maria Souza de Andrade
Ana Luiza Aureliano Silva
Universidade de Brasília - UnB

Resumo

No âmbito do projeto “Precisamos falar sobre o ensino da FAU”, contemplado pelo Edital Vida Estudantil (Edital DEG/DEX/DAC nº. 20/2018), este artigo trata da situação dos estudantes pertencentes à política do PNAES, e tem por objetivo analisar o programa, captar o perfil do estudante da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB), compreender as dificuldades que os alunos vulneráveis socioeconomicamente enfrentam, destacar os principais problemas e propor alternativas que possam melhorar o ensino e as metodologias atualmente aplicadas na FAU-UnB. Busca-se ainda identificar no ensino de Arquitetura e Urbanismo formas para promoção de equidade na graduação. Inspirada na pedagogia freireana, a pesquisa busca um compromisso com a inovação na educação (PACHECO, 2019) e caminhos para uma educação libertadora (FREIRE, 1992). Com o objetivo de compreender como se dá a metodologia de ensino da FAU UnB na perspectiva do estudante, e como ela afeta a vida dos alunos em situação de vulnerabilidade, foi elaborado um questionário que contou com 181 respostas. Como resultado, percebeu-se que, embora exista um avanço em relação às políticas de incentivo ao ingresso de estudantes em situação de vulnerabilidade na universidade, as políticas de assistência para a permanência desses estudantes na universidade nem sempre são suficientes. No contexto da FAU/UnB, a tradicional elitização do ensino de arquitetura e urbanismo, se torna um dos agravantes para a permanência desses alunos no curso.

Palavras-chave: **PNAES, assistência estudantil, ensino, arquitetura e urbanismo, protagonismo estudantil.**

Resumen

En el ámbito del proyecto “Precisamos hablar sobre la enseñanza de la FAU”, contemplado por el “Edital Vida Estudiantil” (Edital DEG / DEX / DAC nº 20/2018), este artículo trata de la situación de los estudiantes que pertenecen a política del PNAES, y tiene como objetivo analizar el programa, captando el perfil del

estudiante de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de Brasilia, entendiendo las dificultades que enfrentan los estudiantes socioeconómicamente vulnerables, destacando los principales problemas y proponiendo alternativas que pueden mejorar la enseñanza y las metodologías que se aplican actualmente en FAU/UnB. También identificar formas en la enseñanza de Arquitectura y Urbanismo para ascender la equidad en los cursos de graduación. Inspirada en la pedagogía de Freire, la investigación busca un compromiso con la innovación en la educación (PACHECO, 2019) y caminos hacia una educación liberadora (FREIRE, 1992). Para comprender cómo se desarrolla la metodología de enseñanza de la FAU/UnB desde el punto de vista del alumno, y cómo afecta la vida de los alumnos en situaciones de vulnerabilidad, se desarrolló un cuestionario con 181 respuestas. Como resultado, se percibió que, aunque existe un avance en relación con las políticas para incentivar el ingreso de estudiantes en situación de vulnerabilidad a la universidad, las políticas de asistencia para la permanencia de estos estudiantes en la universidad ni siempre son suficientes. En el contexto de FAU/UnB, la tradicional elitización de la enseñanza de la arquitectura y el urbanismo se convierte en uno de los agravantes para la permanencia de estos estudiantes en el curso.

Palabras clave: **PNAES, asistencia al estudiante, docencia, arquitectura y urbanismo, liderazgo estudiantil.**

Introdução

Este artigo apresenta uma pesquisa no âmbito da educação, sobre o método de ensino de Arquitetura e Urbanismo, tendo como estudo de caso a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Disserta sobre o ensino da FAU-UnB e a sua efetividade em relação aos alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica do PNAES - Plano Nacional de Assistência Estudantil, o qual tem como finalidade reparar as desigualdades sociais de ingresso no ensino superior, criar condições de permanência, melhorar a qualidade de vida e a trajetória acadêmica do estudante. No caso da FAU - UnB, por vezes, a permanência no curso está associada à disponibilidade de recursos diversos dos quais depende o andamento dos trabalhos executados nas disciplinas. Esse fato, associado à diversidade socioeconômica encontrada entre os estudantes acaba se tornando um obstáculo na jornada acadêmica de muitos deles.

Pretende-se, portanto, destacar a perspectiva dos estudantes a respeito da metodologia de ensino atualmente utilizada no curso de Arquitetura e Urbanismo da UnB, discorrer sobre as questões envolvidas na trajetória acadêmica dos estudantes e propor alterações na metodologia de ensino de acordo com a opinião dos alunos. Esta pesquisa teve como ponto de partida o Ensaio Teórico elaborado pela estudante da FAU-UnB Bárbara Letícia Brasil (BRASIL, 2016), sob orientação da professora Liza Andrade, o qual aborda várias questões sobre o Projeto pedagógico da Faculdade e o método de ensino utilizado pela mesma de acordo com a visão dos alunos.

De acordo com Brasil (2016), é possível observar a inconformação dos alunos a respeito do método de ensino atualmente utilizado, compreendendo que o mesmo não considera a variedade de estudantes que compõem o corpo discente da FAU-UnB (BRASIL, 2016). Em conformidade com o perfil socioeconômico desses alunos, esta pesquisa procura atualizar e avançar sobre análise das demandas e dos problemas existentes e trazer medidas que possam ser implementadas no ensino da FAU, com foco no aluno de assistência estudiantil, entendendo as diferenças entre

cada indivíduo e objetivando a humanização do ensino.

Atualmente tem se destacado a importância de falarmos sobre o ensino da Faculdade de arquitetura, não somente falar sobre, mas também contribuir para promover mudanças no método tradicional, rompendo com padrões arcaicos de ensino, como ter o professor como detentor do saber, e transmissor da sabedoria para os demais em seu lugar de detentor do conhecimento. Segundo a Associação Brasileira de Ensino em Arquitetura e Urbanismo – ABEA (2008), é necessário que ocorram mudanças nos planos curriculares da faculdade de arquitetura, visto que o ensino já não é mais eficiente e a profissão já não é mais vista da mesma forma de quando foram criadas as diretrizes curriculares, quando o profissional trabalhava para uma certa parcela da sociedade (ABEA, 2008).

O profissional de arquitetura deve atender às demandas da sociedade em geral, e não apenas de uma parcela. No ano de 2008, em um encontro com a temática “Novos Perfis e Padrões de Qualidade para os Cursos de Arquitetura e Urbanismo: do Projeto Pedagógico às Atribuições Profissionais” a Associação Brasileira de Ensino em Arquitetura e Urbanismo - ABEA, trouxe o debate sobre a inserção da extensão curricular, justamente para colaborar para o rompimento com essa visão da profissão, incentivando a integração entre Universidade-Sociedade, para que as pessoas pudessem conhecer melhor a função do arquiteto e urbanista (ABEA, 2008). O grande desafio é apresentar essa integração de maneira efetiva em um contexto no qual as escolas de arquitetura, muitas vezes não se abrem para novas formas de ver e ensinar a profissão.

A FAU-UnB vem demonstrando a necessidade de mudança, não somente no método de ensino como em toda a grade curricular. De acordo com Brasil (2016), é possível identificar na perspectiva do aluno, certas lacunas deixadas pela metodologia de ensino atualmente utilizada (BRASIL, 2016). É importante destacar que essa pesquisa foi realizada no ano de 2016, com alunos que já estavam matriculados na FAU, e que o aumento de alunos cotistas na Universidade de Brasília ocorreu a partir do ano de 2015 (DDS, 2018). Por esse motivo, não foram observadas informações e respostas de alunos pertencentes aos programas de assistência estudantil, uma vez que grande parte dos alunos que acessam os benefícios do programa adentram a universidade através do sistema de cotas.

O sistema de cotas que tem como finalidade reparar as desigualdades sociais de ingresso no ensino superior, criar condições que contribuam para a permanência dos alunos nas instituições de ensino, melhorar a qualidade de vida e conseqüentemente melhorar a trajetória acadêmica, tem mudado o perfil dos alunos também na Faculdade de Arquitetura, gerando mais oportunidade de pessoas vulneráveis socialmente adquirirem conhecimento e se especializarem em uma área de conhecimento historicamente elitista. Uma oportunidade que conseqüentemente transforma o profissional para o mercado de trabalho, principalmente pelo fato de a vivência individual interferir diretamente na formação profissional. Nesse contexto vale ressaltar que o sistema de cotas proporciona que cada vez mais pessoas das mais variadas regiões e condições sociais tenham acesso à profissão de Arquiteto e Urbanista, profissão que tem um papel importantíssimo de mudança social e da estrutura da cidade.

Diante desse contexto esta pesquisa tem como uma de suas finalidades, obter informações de acordo com a perspectiva do aluno em situação de vulnerabilidade a respeito do ensino na FAU. É importante nos voltarmos para questionamentos como: será que a Faculdade está cumprindo o papel social de ensinar arquitetura de forma a garantir que os egressos sejam futuros profissionais responsáveis e preparados para

exercer a função com prestação de serviço para qualquer pessoa, independente da classe social ou meio inserido? O debate proposto no âmbito desta pesquisa, perpassa a necessidade de uma construção coletiva de saberes, que busque o compromisso com a inovação na educação (PACHECO, 2019) e uma educação libertadora (FREIRE, 1987), que entende o aprender como prática política, considerando o contexto de vida dos estudantes, não generalizando as ações, e buscando no convívio e na troca com a sociedade, parâmetros para um ensino e um aprendizado mais humanos e dinâmicos.

Este artigo tem por objetivo trazer a reflexão sobre o impacto do atual modelo de ensino da FAU-UnB na vida acadêmica dos alunos em vulnerabilidade socioeconômica que ingressam na Universidade. Portanto, a função da pesquisa é de compreender a vivência dos alunos e propor novas formas de ensino e medidas de assistência estudantil que proporcionem equidade no ensino. Como a inclusão destes alunos está sendo realizada pela instituição de ensino e como ressignificar o ensino de arquitetura para que seja acessível para todas as classes sociais? Com base nessa problemática, busca-se compreender: como está o ensino na FAU-UnB segundo os alunos pertencentes ao programa de assistência estudantil?

Para o embasamento teórico, o primeiro momento de pesquisa consistiu em leituras temáticas para consolidar os argumentos e compreender novas metodologias, propor estratégias para melhoria do ensino na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UnB, de acordo com as demandas dos alunos, entendendo as particularidades e individualidades de cada aluno, compreendendo o contexto em que estão inseridos. Nessa fase foi organizado o evento: “I Encontro sobre Educação em Arquitetura e Urbanismo”, com o objetivo de gerar um diálogo entre os discentes e docentes a respeito de novas propostas de metodologia para a educação, e apresentar a vasta experiência de José Pacheco no âmbito da educação. Foram ainda apresentados trabalhos elaborados por grupos de extensão da FAU-UnB.

No segundo momento realizou-se um levantamento referente aos programas especiais para estudantes como as Diretrizes do MEC para melhor compreensão de como está a divisão e os parâmetros do curso de arquitetura e Urbanismo, as diretrizes do CAU a respeito do ensino de arquitetura e o PNAES para compreender no que consiste o programa e quais os seus objetivos e destacar a importância deste programa, uma vez que alguns estudantes da universidade desconhecem a sua existência.

De acordo com uma pesquisa realizada no Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília pelo departamento de estatística, no ano de 2017 foi identificado que boa parte dos universitários não possuía conhecimento a respeito do PNAES (DDS, 2017). Durante a pesquisa foram entrevistados 1.706 estudantes do campus, e destes mais de 21% nunca ouviram falar da DDS - Diretoria de Desenvolvimento Social, e quase 25% não sabiam dos programas oferecidos, o que totaliza mais de 46% de não conhecimento das ofertas da Assistência Estudantil da UnB, de acordo com o relatório de gestão da DDS (Idem).

No terceiro momento da pesquisa, elaborou-se um questionário com a finalidade de captar o perfil do estudante de arquitetura e suas particularidades, as questões envolvidas desde o primeiro contato dos estudantes com o PNAES, o processo seletivo, perguntas específicas de acordo com a relação dos alunos com o ensino de arquitetura e urbanismo, para a compreensão do quanto esse ensino está sendo eficaz, e quais as maiores dificuldades dos alunos com o método atualmente utilizado, com foco em alunos de vulnerabilidade social participantes do Programa de Assistência estudantil da Universidade. O questionário foi elaborado na plataforma

Google Forms, com perguntas baseadas nas diretrizes curriculares do MEC e documento do PNAES.

No quarto momento realizou-se a compatibilização de dados coletados nas etapas anteriores, com objetivo de compreender a problemática no ensino da FAU-UnB, e a partir dessa resposta gerar produtos, como este artigo, que podem servir de parâmetro para mudança curricular na FAU UnB e em outras instituições de ensino que objetivem melhor atender estudantes de vulnerabilidade socioeconômica.

As Políticas de Assistência Estudantil nas Universidades

O Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), foi criado em 2008 durante o governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pela Portaria Normativa n. 39, de 12 de dezembro de 2007, do Ministério da Educação (MEC). Tem por finalidade proporcionar a permanência de alunos de camadas sociais inferiores no ensino superior público e melhorar a qualidade do desempenho acadêmico de tais alunos para diminuição da evasão. O PNAES abrange instituições federais de ensino superior, bem como Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, nas áreas de ensino, pesquisa e educação, e tem como objetivos:

Art. 2º São objetivos do PNAES: I – democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal; II - minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da educação superior; III - reduzir as taxas de retenção e evasão; e IV - contribuir para a promoção da inclusão social pela educação. (BRASIL, 2010).

O plano, tem como finalidade reparar as desigualdades sociais de ingresso no ensino superior, criar condições que contribuam para a permanência dos alunos nas instituições de ensino, melhorar a qualidade de vida e conseqüentemente melhorar a trajetória acadêmica, e estimular as entidades Federais a se posicionarem quanto a isso. O Brasil é um País de acentuada desigualdade social, está entre os dez países mais desiguais do mundo, segundo dados do Relatório de Desenvolvimento Humano elaborado pelo Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento (PNUD, 2019). Como forma de reduzir essas desigualdades, durante os anos dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), foram criados diversos programas assistenciais, a exemplo do Programa Minha casa Minha Vida e do programa Bolsa Família. Também nesse contexto o PNAES foi conquistado por meio de luta e esforços coletivos que envolveram dirigentes, professores e a classe estudantil.

Vale ressaltar que os critérios e a metodologia de seleção de alunos para receberem os benefícios estipulados pelo decreto, cabe à própria instituição de ensino e varia de uma instituição para a outra. Na seleção, são considerados aptos a participar dos programas prioritariamente estudantes oriundos da rede pública de educação básica ou com renda familiar per capita de até um salário mínimo e meio, em todos os casos. As ações de assistência estudantil devem abranger as seguintes áreas: moradia estudantil, alimentação, transporte, saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche; apoio psicológico, acesso, participação e aprendizagem de pessoas com deficiência, transtornos de desenvolvimento, altas habilidades e superdotação (BRASIL, 2010)

É evidente que a educação no Brasil, mais especificamente a educação superior tem conseguido alcançar uma maior diversidade de estudantes, realidades distintas que antes não eram contempladas, devido a vários fatores incluindo, a falta de estrutura das cidades. Segundo Michely Vargas (2008), a desigualdade de

acesso à cultura e educação cria necessidades específicas para os estudantes, o que influencia diretamente na trajetória acadêmica, especialmente no que diz respeito à estudantes de baixa renda “seja através da falta de recursos necessários para o acesso a importantes bens e práticas culturais, seja pela necessidade de conciliar estudos e trabalho.” (VARGAS, 2008, p. 50).

Uma das principais conquistas na luta pela democratização do ensino superior, foi a criação e ampliação da Política de Cotas nas Universidades Federais. A Universidade de Brasília foi a segunda do país a adotar o sistema de cotas no ano de 2004, e a pioneira em adotar o sistema de cotas raciais, antes mesmo da Lei de Cotas (2012) ser estabelecida. A Política de cotas, Lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto de 2012, após algumas Universidades adotarem o modelo de seleção, foi estabelecida para que fosse criado um padrão para todas as outras instituições Federais.

A Lei de Cotas tem o objetivo de garantir a equidade no acesso ao ensino superior brasileiro, e busca diminuir a desigualdade socioeconômica e educacional na admissão de alunos nas Universidades Federais do país. Visando uma reparação histórica necessária, essa política é uma das formas que o Estado brasileiro encontra para compensar a desigualdade estabelecida no país, fruto de um período em que foi negado para uma parcela da sociedade (negros e indígenas), uma série de direitos, dentre eles o direito à educação. Essa Lei, busca garantir que jovens de áreas marginalizadas das cidades, que não possuem a mesma oportunidade que outros, tenham acesso à educação superior pública e de qualidade.

A política de cotas é primordial para a construção de uma democratização do ensino e garantia do direito básico à educação, assegurando que todas as classes sociais possam ter oportunidade para o acesso, permanência e diplomação no ensino superior, e conseqüentemente mais oportunidades no mercado de trabalho. Arelado a isso, é primordial que além de um sistema que por meio da Lei de cotas, que reserva 50% das vagas por turma para alunos cotistas, negros indígenas, e pessoas com vulnerabilidade socioeconômica, fosse criado um sistema que garantisse a permanência destes alunos na Universidade.

Com base nessa necessidade, a PNAES surge como amparo a esses estudantes, garantindo a efetividade da Lei de cotas. No caso específico da UnB, iniciativas criadas no âmbito do PNAES, buscam fornecer auxílios como: alimentação gratuita no restaurante universitário, desconto de livros em livrarias vinculadas à Universidade, auxílio permanência com uma bolsa mensal para custear gastos do curso, auxílio moradia para alunos que não moram na cidade em que o Campus está localizado, como também vagas de moradia no próprio Campus, auxílio creche para ajudar alunos que têm filhos a continuarem a estudar, auxílio transporte para alunos que moram em áreas próximas ao DF e que não tem o direito ao Passe Livre Estudantil, acompanhamento psicológico, entre outros incentivos.

O PNAES após a EC 95 (PEC 241)

É importante salientar que a Lei de Cotas, não tem a efetividade esperada, se o Programa de Assistência estudantil não estiver cumprindo o seu objetivo. No entanto, no ano de 2016, a contenção dos gastos destinados às Universidades Federais, proveniente da aprovação da PEC 241¹ Proposta de Emenda Constitucional apresentada pelo então Presidente Michel Temer, que determinou um teto para

1 PEC 241 que virou Emenda Constitucional 95, após a sua aprovação.

gastos públicos destinados à saúde e educação, ocasionou uma diminuição no orçamento não somente da Universidade de Brasília como de todas as Universidades Federais do País. Com a aprovação da PEC 241, a vigente Emenda Constitucional 95, a UnB sofreu cortes no orçamento repassado pelo MEC. Desde então a UnB, tem feito manobras para dar continuidade em seu funcionamento, no ano de 2018 foram demitidos aproximadamente 500 funcionários terceirizados - porteiros, guardas, funcionários de serviços gerais, como estratégia de contenção de gastos (Fig. 1).

G1

DISTRITO FEDERAL

Crise da UnB: após cortes, 132 terceirizados da limpeza são demitidos nesta quarta

Sindicato calcula mais 500 demissões apenas nos últimos 10 dias. Trabalhadores decidiram manter greve iniciada há três semanas.

Por Marcelo Cardoso*, G1 DF
16/05/2018 20h11 - Atualizado há 2 anos



Funcionários limpam subsolo do ICC, principal prédio da UnB no campus do Plano Piloto, que ficou alagado em alguns pontos após chuva desta quarta (17) — Foto: Paulo Castro / UnB Agência

Figura 1: Funcionários limpam subsolo do ICC, principal prédio da UnB no campus do Plano Piloto, que ficou alagado em alguns pontos após chuva. Fonte: Portal Globo - G1 DF (2018). Foto: Paulo Castro / UnB Agência. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/crise-da-unb-apos-cortes-132-terceirizados-da-limpeza-sao-demitidos-nesta-quarta.ghtml>. Acesso em março 2021.

Os repasses para o custeio dos programas de assistência estudantil, também foram afetados pelos cortes no orçamento e conseqüentemente a efetividade do Programa da UnB foi reduzida. Não foram realizados novos relatórios de gestão para os anos de 2018 e 2019 a respeito da efetividade e alcance dos programas de assistência estudantil, como vinha sendo feito nos

anos anteriores, entretanto, é possível fazer uma análise da quantidade de bolsas oferecidas versus a demanda pelas mesmas, baseada nos editais da DDS - Diretoria de Desenvolvimento Social, responsável pelo processo seletivo dos alunos, nos anos de 2018 e 2019. De acordo com a tabela apresentada na Figura 2, pode-se observar a quantidade de alunos que solicitaram os três auxílios oferecidos, em relação a quantidade de alunos contemplados.

PERÍODO	Auxílio Socioeconômico (graduação)		Auxílio Moradia (Graduação)		Auxílio Creche (Graduação)	
	Selecionados	Inscritos	Selecionados	Inscritos	Selecionados	Inscritos
1º semestre 2018	206	1346	101	381	10	41
2º semestre 2018	230	1202	150	350	11	32
TOTAL 2018	436	2548	251	731	21	73
1º semestre 2019	183	1026	109	325	10	30
2º semestre 2019	350	1147	160	380	1	23
TOTAL 2019	533	2173	269	678	11	53

Figura 2: Quadro de alunos pertencentes aos Programas de Assistência Estudantil nos anos de 2018 e 2019. Fonte: Elaboração própria a partir de dados da página oficial da DDS UnB.

No ano de 2019, no programa de Auxílio Socioeconômico, 2.173 alunos se inscreveram para participar do processo seletivo, 149 não foram considerados aptos para participar do programa, e dos 2.024 restantes apenas 533 foram contemplados (DDS, 2019). No programa de Moradia estudantil, 678 alunos se inscreveram para participar do processo seletivo e 234 não foram considerados aptos para participar do programa, e dos 444 restantes, 269 foram contemplados (Idem). No programa de auxílio creche 53 alunos se inscreveram para participar do processo seletivo, 9 alunos não foram considerados aptos para participar do programa, e dos 44 restantes, apenas 11 alunos foram selecionados (Ibidem). Somente no ano de 2019, 1.677 alunos que se enquadravam no perfil de vulnerabilidade social, deixaram de receber algum benefício por falta de vagas nos programas.

É inegável que os repasses direcionados aos programas de Assistência Estudantil foram reduzidos. De acordo com a tabela, verifica-se que a quantidade de alunos que necessitam dos auxílios para garantir a permanência na Universidade cresce a cada ano, isso comprova a necessidade da continuidade e maior investimento nesses programas, principalmente pelo fato de que sem a assistência muitas vezes o aluno não consegue dar continuidade à graduação.

A política de cotas nas Universidades Federais continua em vigor e os alunos vulneráveis socialmente continuam a ingressar nas universidades, entretanto, o incentivo de permanência para esses estudantes têm sido suprimido, principalmente pela falta de recursos, visto que devido à contenção de gastos na educação, o repasse utilizado para custear os programas de assistência estudantil não está sendo suficiente, ocasionando a redução de vagas oferecidas pelo programa.

Inserção do aluno no programa PNAES: Edital, o processo seletivo e a perspectiva do aluno participante da seleção.

A inserção dos alunos nos programas de Assistência Estudantil é realizada por processo seletivo, de acordo com editais elaborados e regidos pela Diretoria de Desenvolvimento Social - DDS, e Decanato de Assuntos Comunitários – DAC. Esses departamentos são responsáveis pelo planejamento, implantação, operacionalização e monitoramento dos programas, projetos e ações da Política de Assistência Estudantil desenvolvidas na Universidade de Brasília. De acordo com sua regulamentação, o principal objetivo da Diretoria é promover assistência estudantil como direito de cidadania a estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica por meio de programas, projetos e ações de incentivo à permanência e conclusão do ensino superior com sucesso.

O processo seletivo acontece por meio de uma avaliação socioeconômica realizada em um portal online da Diretoria de Desenvolvimento Social, onde é realizada a avaliação do perfil do estudante, identificando se esse está em estado de vulnerabilidade socioeconômica e precisa dos recursos oferecidos pelo Programa. Durante a avaliação online, o aluno deve anexar documentos que comprovem seu estado de vulnerabilidade, como: declaração de renda familiar, comprovantes de residência, comprovantes de participação em programas sociais, quantidade de membros familiares, entre outras informações. Baseado no resultado da avaliação, os estudantes são classificados por ordem de menor renda familiar per capita. Quanto menor o número de classificação no estudo socioeconômico, maior a necessidade do estudante de participar dos programas oferecidos. Após a aprovação do estudante como pertencente ao Programa de Assistência Estudantil, o aluno se candidata para os programas específicos que deseja participar, onde novamente participa de uma

seletiva de acordo com o resultado do seu estudo socioeconômico. O estudante participante do processo seletivo é responsável pelo envio dos documentos, e também pelo acompanhamento dos resultados dos programas, sendo convocado a assinar termo de responsabilidade que atesta a sua participação como aluno com perfil de vulnerabilidade socioeconômica, e apto a participar dos programas oferecidos pela DDS.

De acordo com exposições de estudantes a respeito do processo seletivo, existem alguns entraves que tornam a participação no processo ainda mais difícil. Alguns estudantes relatam ter dificuldades com a documentação exigida pelo edital, devido à complexidade dos documentos exigidos. Um exemplo é a obrigatoriedade de declaração de renda familiar, mesmo que os pais não residam juntos, como disse uma aluna, em uma roda de conversa sobre a assistência estudantil da UnB (2018), que não conseguiu fazer parte do programa e teve que trabalhar para custear a sua moradia:

“meus pais moram em São Paulo e não concordam com a minha vinda para Brasília, e não me ajudam financeiramente, mas para a DDS não sou aluna perfil para o programa devido a condição financeira deles, tive que arrumar um emprego pra me sustentar, ou voltar pra casa em São Paulo.” (Informação Verbal²)

Outra aluna diz que as assistentes sociais que atuam no processo seletivo não possuem um critério único para a seleção dos alunos:

“Eu e minha irmã temos a mesma situação de vulnerabilidade socioeconômica, residimos na mesma casa com nossos pais, porém fomos atendidas por assistentes sociais diferentes, que consideraram nossa documentação diferentes, uma delas não aceitou minha solicitação, e a da minha irmã foi aprovada de imediato sendo os mesmos documentos”. (Informação Verbal³)

Outra questão conflitante é o critério da moradia, onde alguns locais são considerados longe do campus, e conseqüentemente de difícil acesso para o estudante, merecedor do auxílio ou vaga na CEU - Casa do Estudante Universitário. Aparentemente, não existe uma análise de casos específicos, como o de um aluno que diz ser morador de Brazlândia: como a cidade faz parte do Distrito Federal, e não é considerado área rural, o aluno não tem direito ao auxílio:

“sempre acordo muito cedo pra vir pra faculdade isso é um desgaste no meu rendimento, quando peguei matéria a noite tinha duas opções, ou dormir na casa de alguém que morasse perto da UnB, ou ia pra rodoviária 23 hrs pra chegar na minha casa quase 1:30 da manhã, moro no DF mas a minha casa é muito longe da faculdade, essa dificuldade já me fez querer desistir do curso várias vezes.” (Informação Verbal⁴)

É evidente que existem falhas no critério de seleção dos alunos para participação dos programas de Assistência Estudantil, o perfil do aluno mudou bastante desde que as normativas foram criadas, provavelmente os estudantes que precisam do auxílio moradia, por exemplo, vinham de outros estados, e não das cidades satélites. Essa mudança no perfil do estudante é bastante visível no curso de Arquitetura e Urbanismo, que tinha uma certa “classe social dominante”, um perfil de aluno específico o que nos últimos tem se transformado.

2 Declaração de uma estudante da FAU-UnB, durante uma roda de conversa em 2018.

3 Declaração de uma estudante da FAU-UnB, durante uma roda de conversa em 2018.

4 Declaração de um estudante da FAU-UnB, durante uma conversa informal com a autora em 2018.

O Protagonismo Estudantil na FAU-UnB.

A pesquisa de Brasil (2016), voltada para a área de educação, especificamente para o Ensino de Arquitetura e Urbanismo e o Plano Pedagógico na FAU-UnB, com o objetivo de expressar a opinião dos alunos a respeito da temática; coletou dados que mostram a perspectiva do aluno da FAU a respeito do método de ensino utilizado. Após a análise dos resultados a autora constatou a inconformação dos alunos a respeito desse método (BRASIL, 2016). No âmbito da UnB, os anos de 2016 e 2018 foram marcados por ações conjuntas de alunos, movidos pela insatisfação com o método de ensino e com a falta de investimento para a educação. Brasil (2016), constatou que apesar de haver muitas discussões a respeito do tema, entre professores, técnicos, diretores e secretários, a perspectiva do aluno nem sempre é considerada, apesar de o aluno ser o principal usuário da instituição, e quem está passando pelo processo de formação profissional para atuar como Arquiteto e Urbanista.

Além de demonstrar a perspectiva do aluno de em relação a FAU- UnB, de acordo com o Plano Pedagógico e o ensino da faculdade, a pesquisa apresenta dados bastante relevantes em relação à essa perspectiva, obtidos através de um questionário que foi respondido por estudantes egressos da FAU-UnB. Uma das questões buscou compreender se o curso de arquitetura atendia às expectativas dos alunos, mais de 80% dos respondentes declararam que o curso não atendia totalmente às suas expectativas. Sobre a saúde dos estudantes de arquitetura: dos 259 alunos que responderam, a grande maioria (91,1%) afirma que o curso interfere na sua saúde de alguma forma (BRASIL, 2016).

Outro ponto importante que aparece nos resultados da pesquisa é o desconhecimento dos alunos a respeito da extensão universitária: metade dos participantes responderam desconhecer ou não praticar nenhuma atividade de extensão curricular na FAU-UnB. É importante ressaltar que realmente seja considerada a opinião do corpo discente da faculdade, destacar a importância do protagonismo estudantil, que é de fato a parcela da universidade que conhece e que usufrui do serviço prestado pela Faculdade. Essa escuta pode apontar onde estão as lacunas deixadas pelo método de ensino atualmente utilizado na faculdade, e somada à opinião dos servidores, pode contribuir para a melhoria do ensino da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

As Ocupações da FAU-UnB

No ano de 2016, a mobilização estudantil revelou a péssima situação da educação no país. Várias manifestações e ocupações ocorreram devido às novas propostas do governo para a educação. Dentre as propostas que originaram essas manifestações estão: A PEC 241, conhecida como “PEC do teto de gastos” e transformada na Emenda Constitucional 95; o Projeto de Lei 44, também conhecido como “Escola sem Partido”; e Medida Provisória nº 748/2016 do “Novo Ensino Médio”.

Em torno dessas pautas estudantes universitários e secundaristas de todo o país, mobilizaram-se na tentativa de barrar a aprovação dessas propostas e medidas de governo, ocupando várias instituições de ensino, como escolas públicas, Institutos Federais e Universidades Federais, com apelo por mais investimento e melhorias nas condições para alunos e professores, melhorias na merenda e na infraestrutura escolar. Todo o processo de ocupação ocorreu devido a articulação entre representantes de grêmios estudantis de diversas instituições de ensino e professores da rede pública de educação, com o objetivo de união do movimento estudantil com pauta única: a melhora da educação brasileira contra a PEC 241 (Fig. 3).



Figura 3: Manifestação
contra a PEC 241
em Brasília DF
Fonte: Jornalistas livres
- Dezembro, 2016

Algumas instituições obtiveram sucesso em reivindicações internas específicas, para melhoria, por exemplo das salas de aula, de reforma em quadra esportiva, ou de melhoria da merenda escolar, ainda que a PEC 241, atual EC 95, considerada autoritária e ausente diálogo com a sociedade, tenha sido aprovada. No ano de 2018, vários alunos ocuparam novamente as instituições de ensino, devido aos efeitos do contingenciamento. No caso da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, foi deliberado em assembleia estudantil a greve dos alunos e a ocupação da Faculdade. Com impactos ainda maiores do que os previstos, a PEC 241, com vigência a partir de 2017, gerou vários problemas na administração da Universidade, e uma grande parte dos funcionários terceirizados foram demitidos, porteiros, seguranças, funcionários de serviços gerais, como manobra de contenção de gastos para continuidade de funcionamento da UnB, que foi um dos principais motivos para a reocupação dos espaços.

Uma nova proposta de ocupar a faculdade foi feita, com o objetivo principal de levar os conhecimentos acadêmicos adquiridos durante a graduação para fora das salas de aula, para quem realmente precisa: a sociedade. Nesse contexto, o protagonismo estudantil na FAU-UnB ganha força, no momento em que os alunos se unem para reivindicar mudanças no método de ensino e no currículo da Faculdade. Foram propostas aulas públicas, mais visitas às comunidades, reformulação das matérias de projeto, para que se fizesse trabalhos que atendessem a realidade da sociedade, e não apenas projetar utopias; maior integração entre as matérias e maior integração com a realidade da profissão com a extensão universitária.

Tais propostas, no entanto, não obtiveram sucesso, devido à falta de interesse por parte da maioria do corpo docente⁵ da Faculdade, entretanto a vontade dos alunos de ampliar a extensão universitária no currículo da Faculdade prevalece. O papel da extensão universitária é primordial para a aprendizagem, na qual pode ser colocado em prática todo conhecimento adquirido durante as aulas. Essa prática pode gerar um impacto bastante positivo na sociedade, que recebe serviços prestados como retribuição social.

Dessa forma há um ganho mútuo entre universidade e sociedade rompendo com o distanciamento entre a prática, o ensino e a técnica, contribuindo com o processo de formação e produção de conhecimento. Por outro lado, a prática extensionista requer certa flexibilização curricular que possibilite essa troca de saberes e transformação social, fazendo necessário repensar o plano político pedagógico das Universidades. Concordamos com Boaventura de Sousa Santos (2008) a respeito do significado que a extensão universitária, sendo concebida como uma forma alternativa ao funcionalismo imposto pelo capitalismo global, deve adquirir em um futuro próximo. Para o autor dar centralidade às atividades de extensão, requer

5 Importante destacar que alguns professores apoiaram as ocupações

transformações nas carreiras docentes e nos currículos, e atribui às Universidades “uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural.” (SANTOS, 2008, p.66).

É preciso pensar em mudanças na educação e estar preparado para as suas implicações tanto para as instituições de ensino e principalmente para o corpo discente das universidades. Assim como afirma Santos (2008) “A universidade é um bem público intimamente ligado ao projeto de país” (Idem. p.103), corroborando essa afirmação e com base na luta dos estudantes que tomaram conta do país nos últimos tempos, podemos afirmar que precisamos de um plano de país priorize a educação.

Como os Alunos da FAU, Pertencentes ao PNAES Avaliam o Ensino de Acordo Com as Suas Particularidades.

Devido às particularidades dos alunos vulneráveis socialmente, muitos deles possuem defasagem na educação de base e dificuldade de aprendizagem. Por esse e por outros motivos, esses alunos podem enfrentar maiores obstáculos durante a graduação em comparação aos demais. É preciso, pensar em medidas que possam de alguma forma minimizar esses impasses. Para tanto, é fundamental buscar informações relativas à quantidade de alunos da FAU UnB pertencentes ao PNAES, destacando a perspectiva destes alunos, a respeito do método de ensino utilizado na faculdade, e assim identificar as problemáticas que os alunos de maior vulnerabilidade social enfrentam durante a graduação.

Em se tratando da FAU-UnB, pode-se dizer que o fato do curso exigir uma prova de habilidade específica em desenho para o ingresso do estudante, independentemente de seu desempenho no vestibular, PAS ou ENEM já se torna um elemento dificultador para estudantes que não têm acesso a cursos de desenho. Além do mais, o fato do aluno ser aprovado na prova de habilidade específica não é um parâmetro para nivelamento das turmas, já que muitos alunos apresentam muita dificuldade com o desenho à mão livre, ou não têm essa habilidade.

Com a finalidade de compreender o método de ensino da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, no âmbito da pesquisa “PRECISAMOS CONVERSAR SOBRE ENSINO NA FAU-UNB: o Projeto Político Pedagógico, o NDE, a inserção curricular da Extensão sob a perspectiva do aluno”, foi elaborado um questionário através da plataforma Google Forms, contendo 37 perguntas voltadas para a questão do ensino na FAU-UnB, sendo 10 específicas para alunos pertencentes ao PNAES. Nesse último caso, buscou-se através do questionário entender até que ponto o método de ensino da FAU está adequado aos alunos pertencentes ao Programa de Assistência Estudantil e compreender o ponto de vista do estudante e suas demandas para que o curso esteja cada vez mais apropriado para estes alunos e conseqüentemente se tornar mais inclusivo e menos elitista. O questionário foi disponibilizado para que os estudantes pudessem responder a partir do dia 26 de abril de 2020, e recebeu respostas até 26 de maio de 2020, obtendo um total de 181 respostas.

O perfil do estudante, traçado a partir dos resultados demonstram que grande parte do corpo discente é formado por mulheres cisgênero com um percentual de 70,3%. Em relação ao ingresso dos estudantes na FAU, 63,7% dos respondentes afirmaram que não entraram por sistema de cotas na universidade, enquanto 36,3% afirmaram integrar algum tipo de cota. Mais da metade dos alunos estão matriculados no período diurno totalizando 58,1% dos respondentes, e 41,9% no período noturno.

Infere-se dos dados apresentados no gráfico 2 da figura 4 que 41% não consideram o ensino da FAU-UnB bom ou ótimo, revelando certa insatisfação desses alunos com o ensino da Faculdade o qual consideram ruim (8%) ou regular (33%). Na tentativa de mapear os problemas relacionados ao curso que geram a insatisfação dos os alunos, foram apresentadas algumas opções que recorrentemente aparecem como problemáticas do curso de arquitetura e urbanismo da FAU-UnB. Verificou-se, que grande parte dos alunos que responderam ao questionário afirmam que o curso exige cargas de trabalho excessivas resultantes da falta de integração entre as matérias, entre outros pontos relevantes apresentados no gráfico 1 (Fig.4).

Esse é um ponto em comum para os alunos cotistas e os não cotistas, pode-se observar que essa questão é recorrente em várias observações deixadas pelos alunos ao optar pela opção “outros” como consta no relato a seguir:

“É necessário uma maior integração das matérias para que o ensino se caracterize multidisciplinar como o curso é descrito. Perde-se muito tempo com projetos individualizados quando um único projeto poderia abranger diversas áreas do conhecimento em Arquitetura.”

Outro aluno relaciona a falta de integração com a excessiva carga de trabalhos e o tempo que perde por conta da distância entre o local onde reside e o campus em que estuda:

“Outros dois problemas cruciais são a falta de integração entre as disciplinas e o distanciamento entre o ensino e a realidade do mercado de trabalho, que prejudicam a todos os estudantes, e principalmente àqueles que têm de trabalhar para conseguir seu sustento e, por isso, enfrentam dificuldade com relação a tempo para participar dos estágios, onde esse distanciamento é um pouco atenuado.”

Outro ponto a ser destacado se refere à bagagem cultural dos estudantes. Quando perguntado se o estudante considera que a sua bagagem cultural se equipara à dos demais, 66,5% dos estudantes responderam que não. A mesma pergunta, observada apenas para o grupo de estudantes que são cotistas, tem uma porcentagem maior de estudantes que não acreditam que a sua bagagem cultural se equipara à dos demais estudantes, chegando a 78,5%. É importante destacar que o grupo de professores e estudantes que realizaram a pesquisa valorizam as habilidades de cada estudante da FAU-UnB, independente da “bagagem cultural”, bem como admiram a resiliência desses estudantes e o potencial para gerar a transformação da realidade social que possuem.

Outro fator muito importante para a discussão a respeito do método de ensino é a saúde mental dos alunos da FAU. A grande maioria dos alunos (78%) acreditam que o curso compromete de alguma forma a sua saúde mental, 17% afirmaram que “talvez” e 5% afirmaram que “não”. Nos relatos dos estudantes muitos declararam o aparecimento ou agravamento de problemas de saúde mental após entrar na Faculdade.

Além disso, 92,2% das pessoas assumiram ter “virado noites” por causa de trabalhos acadêmicos e 98% dos respondentes acreditam que “virar noites” seja prejudicial à saúde mental. Os dados expõem a situação da FAU-UnB, um problema que não pode mais ser ignorado ou visto com normalidade, a maior parte dos alunos afirmam que esses distúrbios de saúde são adquiridos principalmente pela demanda de trabalhos excessivos, pelos métodos avaliativos de caráter exclusivo e competitivo, e espaços para descanso e estudos desconfortáveis, como podemos observar no gráfico 6 da Figura 4.

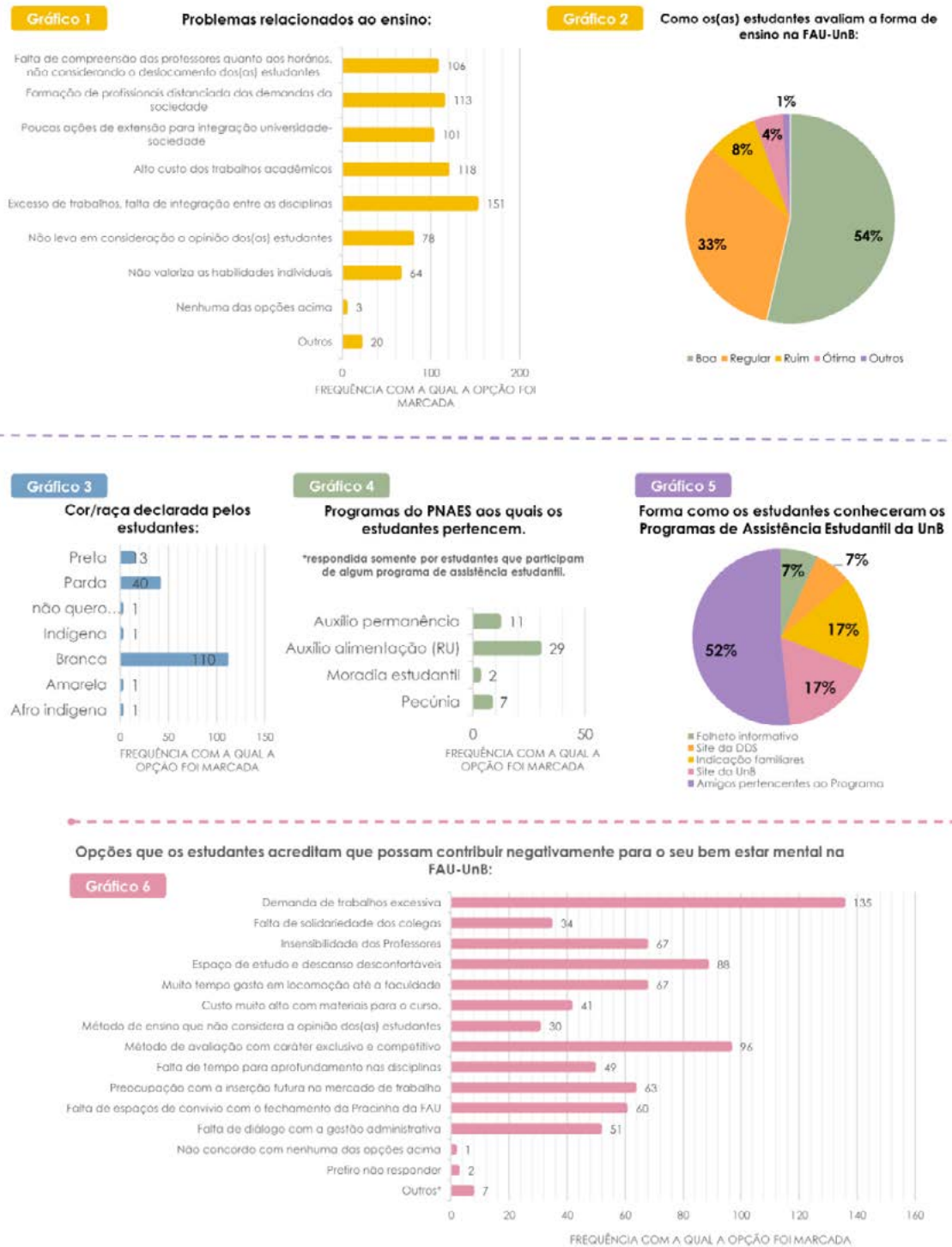


Figura 4: Sequência de Gráficos 1.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Questionário Vida estudantil - Qualidade do ensino, programas de assistência estudantil e questões de saúde mental, 2021.

É importante salientar que segundo os estudantes, a faculdade não sabe lidar com problemas de saúde mental, sendo essa afirmativa correspondente à 82,1% das respostas quando perguntados “Você considera que a FAU-UnB sabe lidar com problemas de saúde mental?”, já 17,3% afirmam que a FAU sabe lidar com esses problemas de forma parcial.

Em relação ao PNAES, apenas 16,2% dos alunos afirmam pertencer ao Programa, 8,4% afirmam que, embora não pertençam ao programa, precisam e 73,2% dos alunos declararam não pertencer ao PNAES. O que mostra como a FAU ainda possui uma certa desigualdade no corpo discente, sendo poucos alunos de vulnerabilidade socioeconômica a terem acesso a essa área de atuação profissional, sendo afirmando como um curso ainda elitista e majoritariamente branco: em 58,1% das respostas os estudantes se autodeclararam brancos, 29,6% pardas e 8,9% pessoas se autodeclararam pretas (Gráfico 3 - Figura 4). Dos alunos que pertencem ao PNAES, a maior parte pertence ao Programa de alimentação (RU) e em seguida vem o auxílio permanência, como no apresentado no gráfico 4 da figura 4.

Outra questão tratou da dificuldade dos estudantes para conseguirem participar dos programas de Assistência, muito provavelmente devido à dificuldade em comprovar que são alunos de vulnerabilidade social: 65,5% dos respondentes afirmaram que obtiveram alguma dificuldade no processo seletivo para se tornar pertencente ao PNAES. Vale lembrar que essa questão foi respondida somente por estudantes que já participam do programa.

Mais da metade dos estudantes (51,7%) que participam do PNAES respondeu que os auxílios não são satisfatórios para a permanência no curso de Arquitetura o que ocorre, como pudemos observar de acordo com as declarações dos mesmos, em virtude do alto custo de materiais, da necessidade de ter um notebook próprio para otimização do tempo gasto em trabalhos, da distância entre o campus e a cidade onde residem, entre outros fatores. Além disso, ao serem perguntados se consideram o ensino da FAU-UnB adequado à realidade de estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, 69% das respostas apontam que o ensino não está adaptado à realidade dos estudantes nesse contexto.

É urgente que a Faculdade esteja preparada para lidar com esses alunos, que possuem vivências diferentes das dos demais por várias questões sociais a que estiveram submetidos, também durante seus processos de aprendizagem. Existe uma defasagem por parte desses alunos que é real e que precisa ser analisada e levada em consideração no processo de ensino e avaliação, para que a aprendizagem seja efetiva, e a sua formação completa. Essa diferença social interfere diretamente no rendimento acadêmico destes alunos, como podemos observar no relato abaixo, e em outros presentes na pesquisa:

“Considerar que o curso está mudando o seu caráter de perfil elitizado e que novas abordagens de ensino que tenham ações mais inclusivas e acessíveis. As práticas de projeto, por exemplo, continuam com exigências que demandam de seus alunos não apenas tempo a mais, como o uso de materiais que os mesmos não podem acessar. Não existe um acompanhamento dos estudantes que estão nesse quadro de vulnerabilidade e que poucas vezes se sentem capazes de continuar ou produzir algo “na qualidade” dos demais colegas”

As respostas deixadas pelos estudantes participantes do PNAES em uma seção aberta, que perguntava qual a sugestão do estudante para a melhoria do ensino da faculdade considerando as particularidades do estudante em vulnerabilidade socioeconômica, evidenciam a necessidade de mudança da FAU, e adaptação da metodologia levando em conta realidade destes alunos.

A disparidade de acesso a recursos e tecnologias é nítida, a diferença na educação de base e na bagagem cultural dos alunos é algo que vem ganhando continuidade no ensino superior. Alunos que oriundos da rede pública de educação muitas vezes possuem dificuldades no aprendizado, muitos possuem ainda uma

defasagem em relação a capacitação extracurricular que muitos outros alunos da FAU possuem. Entre outros relatos de como essa diferença social interfere diretamente no rendimento acadêmico destes alunos, podemos destacar:

“exatamente analisar cada caso de maneira singular, dar devido atenção aos alunos de assistência entendendo que cada um vem de lugares vulneráveis, com base escolar prejudicadas devido a precariedade no ensino público e as dificuldades de inserção em um espaço elitizado”

Também podemos observar nesta outra resposta o descontentamento do aluno referente à questão de custos de materiais e tempo gasto em transportes:

“Não exigir materiais caros para maquetes e alguns outros trabalhos, deixar o estudante mais a vontade para usar materiais que tem em casa, reciclados e etc. (Usar a criatividade). Não exigir certa marca de papel e etc também. Ser mais compreensível quanto aos atrasos, alguns professores exigem que o aluno chegue 8h chegando até a fazer a chamada nesse horário.”

O gráfico 7 apresentado na figura 5 apresenta as iniciativas consideradas pelos alunos pertencentes ao PNAES como necessárias para a sua permanência no curso, um dos tópicos mais considerados como necessários pelos estudantes é a capacitação em programas de Software, o que evidencia a necessidade de domínio desses recursos em relação à demanda do curso e uma possível incompatibilidade de saberes entre alunos vulneráveis e não vulneráveis, como podemos verificar no relato de um dos estudantes:

“Obs: como um aluno de baixa renda paga cursos de software nível básico de 600 reais se mal pode arcar com despesas diárias e como ele poderia competir com o nível de aptidão de software com outros alunos que fazem diversos cursos por fora?”

É incontestável a necessidade de mudança na estrutura da Faculdade, tanto quanto a meios físicos como a meios administrativos e comportamentais, por parte do corpo administrativo e docente. O gráfico 7 apresentado na figura 5 expressa de acordo com a opinião de todos os estudantes que participaram do questionário, algumas medidas que poderiam trazer benefícios para o bem estar de todos os estudantes durante o período de graduação.

A maioria dos estudantes acredita que a integração das disciplinas visando a diminuição da carga horária de trabalhos seria uma ótima contribuição para o bem estar na FAU. A oferta de cursos de softwares, sistema estruturais e de metodologias de projeto, também seria um fator determinante para melhorar o dia-a-dia na graduação, visto que muitos alunos precisam perder mais tempo para aprender de forma individual e extracurricular a utilizar estes softwares, tempo esse que poderiam estar utilizando para produzir para as próprias disciplinas, ou para o auto-cuidado.

De acordo com a pesquisa realizada pela DDS, em 2017 quase 70% dos estudantes que afirmaram já ter ouvido falar do programa, o conheceram por amigos, conhecidos ou por alguém que faz parte do PNAES, o que chama a atenção a defasagem da divulgação institucional (DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2017). Pode-se afirmar que, ao menos no que diz respeito ao contexto da Faculdade de Arquitetura, o conhecimento dos estudantes sobre as políticas do PNAES continua acontecendo através dos colegas. Como mostra o gráfico 9 da figura: 6, 51% dos alunos que participam do PNAES e responderam ao questionário tiveram conhecimento dos programas oferecidos pela DDS por algum amigo pertencente ao programa.

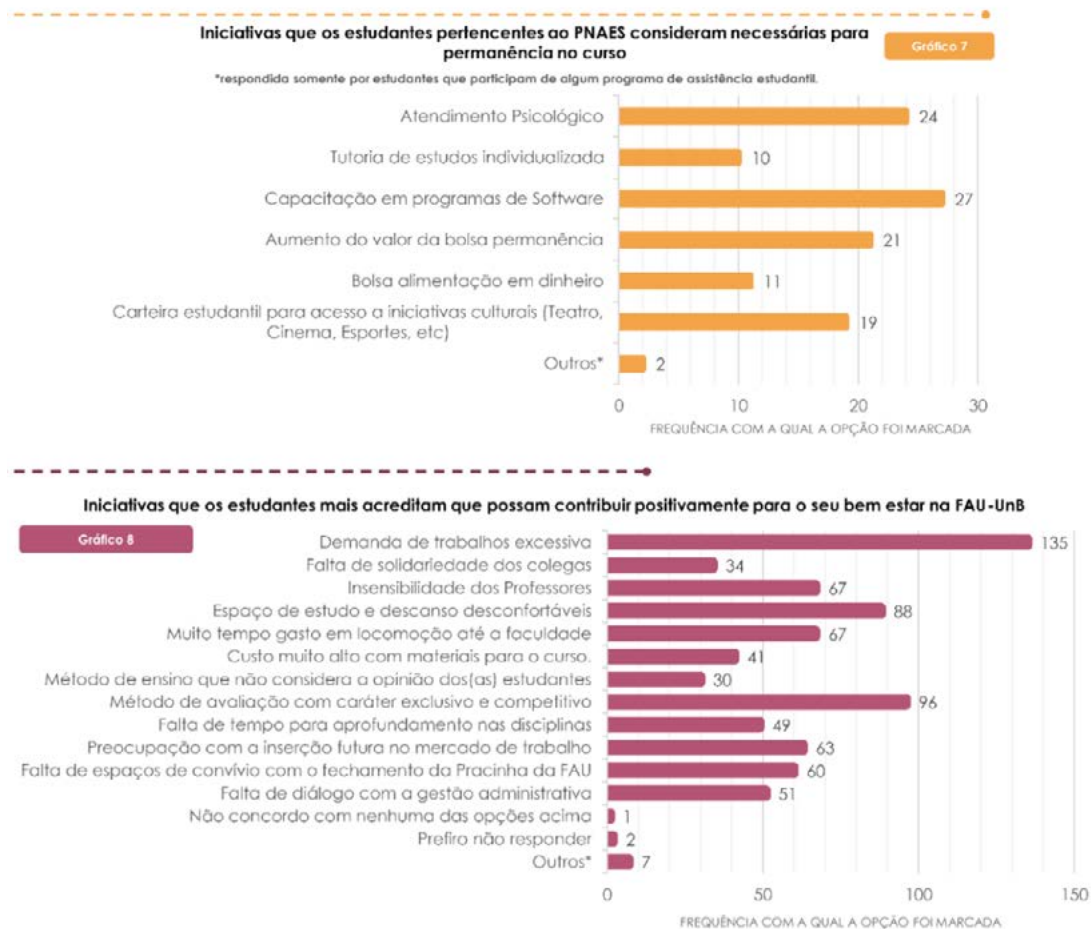


Figura 5: Sequência de Gráficos 2.
 Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Questionário Vida estudantil - Qualidade do ensino, programas de assistência estudantil e questões de saúde mental, 2021.

É notório que algo precisa ser feito algo para que a divulgação dos programas seja mais efetiva, e que tenha maior alcance. Uma das propostas seria a criação de uma cartilha ilustrada, contendo informações a respeito de todos os programas que a DDS oferece para alunos socialmente vulneráveis, alunos que apresentam particularidades e que necessitam de amparo para a permanência e conclusão da graduação na Universidade.

A ideia surge da necessidade de melhor divulgação destes programas como um suporte para a plataforma institucional da DDS, fornecendo estes panfletos para todos os alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, na semana de início do período letivo e anteriormente a abertura dos editais para o processo seletivo da DDS, para que todos conheçam o PNAES, os critérios para participar dos programas, informações sobre o processo seletivo, documentações necessárias para a inscrição e todas as informações relevantes para a participação do aluno no PNAES.

Assim como aponta José Pacheco (2019), ensinar não trata-se de englobar todos como um só, mas é esse o método que atravessa os anos e ainda perdura em pleno século XXI, quando as universidades ainda insistem no sistema arcaico de ensino o qual universaliza o método de aprendizado, não considerando as particularidades de cada indivíduo, sem preocupação com o meio em que está inserido e com suas vivências (PACHECO, 2019).

Os resultados obtidos apontam a universalização do ensino como um dos grandes erros cometidos pela Faculdade de Arquitetura, principalmente no que diz respeito aos alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica, inseridos em um curso elitizado, onde essas diferenças se destacam e impactam diretamente no aprendizado dos alunos. Reafirmamos a necessidade de mudança, principalmente no âmbito de ensino para vulneráveis, onde incontestadamente se observa as diferenças de base educacional e de renda.

No que se refere aos trabalhos excessivos do curso, precisamos considerar a falta de renda para se capacitar e estar no mesmo nível dos demais alunos, a falta de condições financeiras para dispor de materiais caros e computadores pessoais, o tempo gasto em locomoção devido a distância de onde residem para o campus em que estudam. Todos esses pontos mostram a disparidade de realidade do corpo discente da FAU-UnB.

É inegável que o ensino precisa de modificações tanto na grade curricular, como apontam os alunos, sobre a integração das matérias, como na didática dos professores que permanece a mesma de anos atrás. É imprescindível ainda uma atuação da direção e da administração da faculdade de maneira mais democrática, que considere a opinião dos alunos.

Algumas sugestões realizadas pelos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, foram destacadas na figura 6, e em sua maioria tratam de questões voltadas para o método de ensino. Os relatos revelam também as necessidades diárias que esses alunos enfrentam como tempo de deslocamento para as aulas e a dificuldade em carregar muitos materiais pelo trajeto, flexibilização de entregas que exige um formato específico do qual o aluno não tem acesso ou condição financeira de custear, oportunidades de acesso à cultura, entre outros já citados e que devem ser considerados para um ensino inclusivo.

Sugestões de caráter financeiro	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Incentivos em dinheiro para os estudantes que precisam, para a realização de trabalhos que demandem algum valor maior.
Sugestões de ensino	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Flexibilização dos formatos de entrega dos trabalhos e assistência estudantil individualizada ▪ Revisão nas formas de entrega dos trabalhos acadêmicos, especificamente das disciplinas da Cadeira de Projeto e Urbanismo, utilizando as diversas tecnologias disponíveis para evitar gastos excessivos. ▪ Ter cotas para esses alunos em atividades realizadas na FAU, como pé na estrada, casas... ▪ Não exigir materiais caros para maquetes e alguns outros trabalhos, deixar o estudante mais a vontade para usar materiais que tem em casa, reciclados e etc. (Usar a criatividade). Não exigir certa marca de papel e etc. Também ser mais compreensível quanto aos atrasos, alguns professores exigem que o aluno chegue 8h chegando até a fazer a chamada nesse horário. ▪ Carteirinhas para mais acesso à cultura e lazer, aquisição e distribuição de cursos, programas de Software referentes ao curso de arquitetura e urbanismo. ▪ Maior integração entre disciplinas e menor demanda de trabalhos
Sugestões de modificação do espaço físico	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Organizar armários para que pessoas que moram longe se sintem seguro em deixar suas coisas no mesmo. ▪ Se a faculdade possuísse uma plotter, espaço que pudéssemos pelo menos imprimir nossos trabalhos de graça ou a um custo bem menor, já ajudaria muito

Figura 6: Considerações Feitas Pelos Alunos Para o Caso Específico do Aluno da Assistência Social. Fonte: Questionário Vida estudantil - Qualidade do ensino, programas de assistência estudantil e questões de saúde mental, 2020.

Considerações finais:

A necessidade de continuar investigação acerca do ensino de Arquitetura e Urbanismo e do Projeto Político Pedagógico da FAU, após o trabalho elaborado por Brasil (2016), foi o ponto de partida para a pesquisa apresentada neste artigo. No fim do ano de 2016, a mobilização estudantil revelou a péssima situação da educação no país, corroborando a necessidade de um aprofundamento na pesquisa. As manifestações realizadas pelos estudantes, em reação às propostas do governo para a educação, cortes de gastos e aos efeitos do contingenciamento deram força ao protagonismo estudantil, que ganhou espaço para reivindicar mudanças também no método de ensino e no currículo da FAU-UnB e exigir a inclusão da extensão universitária, importante eixo do tripé institucional (ensino, pesquisa e extensão) que colabora não somente para a formação política dos estudantes como para o exercício da função social da profissão, contrapondo às ideologias negacionistas e conservadoras que têm ocupado espaço no governo brasileiro nos últimos anos.

A Partir desse ponto o Edital Vida Estudantil surgiu com o objetivo de destacar a perspectiva dos alunos a respeito da metodologia de ensino atualmente utilizada, e no caso específico deste trabalho, discorrer sobre as questões envolvidas na trajetória acadêmica para os alunos vulneráveis socialmente.

Conforme os resultados desta pesquisa, foi possível levantar as problemáticas no ensino que o estudante vulnerável socialmente, pertencente ao PNAES perpassa durante a sua graduação. É incontestável, a partir do que foi levantado, a necessidade de mudança na estrutura da Faculdade, tanto dos meios físicos como por meios administrativos e comportamentais, por parte da direção e principalmente por parte dos professores. O estudo evidenciou como a FAU-UnB e, de certa forma, o ensino brasileiro peca em mecanismos de identificação de dificuldades dos alunos. Sobretudo no que diz respeito às necessidades financeiras e emocionais dos estudantes, sendo assim, é preponderante que se desconstrua métodos avaliativos os quais possam atingir a saúde mental dos estudantes, bem como comprometer a sua permanência no curso de Arquitetura e Urbanismo.

O PNAES é um programa de suma importância para os alunos vulneráveis socioeconomicamente, e funciona como objeto garantidor de reparo contra as desigualdades sociais de ingresso no ensino superior, criando condições que contribuem para a permanência destes alunos nas instituições de ensino, melhorando a qualidade de vida e conseqüentemente a sua trajetória acadêmica. Um programa que precisa de mais investimento para que possa continuar a dar oportunidades para aqueles que dificilmente conseguirão atingir um nível social e de qualidade de vida sem o auxílio devido. Juntamente com a manutenção desse auxílio é importante que ele seja divulgado de forma eficiente, tanto por plataformas digitais como por meios físicos.

A tradicional elitização é fator central no empecilho para o ingresso da camada mais baixa nas universidades. Se tratando do ensino em Arquitetura, as desigualdades sociais se sobressaem e os alunos de camadas inferiores por sua vez são desmerecidos pela falta de acesso à mecanismos fundamentais na formação do arquiteto. Com isso, a falta de integração curricular entre disciplinas oferecidas pela Faculdade corrobora na manutenção dos desafios causados pela desigualdade.

Pode-se dizer que, entender a situação básica dos estudantes de baixa renda na sua singularidade e desconstruir burocracias que favorecem minorias privilegiadas são fatores fundamentais na transformação da educação, além da reformulação do currículo para um ensino multidisciplinar integrado e por consequência, mais inclusivo e do incentivo à manutenção e permanência de grupos extensionistas que

valorizam o protagonismo estudantil e aproximam os estudantes da realidade social, a exemplo do grupo Periférico e do EMAU-CASAS, atuantes na FAU-UnB.

Referencias bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO. Novos Perfis e Padrões de Qualidade para os Cursos de Arquitetura e Urbanismo: do Projeto Pedagógico às Atribuições Profissionais. **Caderno ABEA 32**. João Pessoa: 2008. Disponível em: [32 Caderno ABEA](#). Acesso em maio de 2021

BRASIL, Bárbara Letícia. **Precisamos Conversar sobre Ensino na FAU-UnB: O Plano Pedagógico e a Perspectiva do Aluno**. Ensaio Teórico, 2016.

BRASIL. **Decreto nº 7.234**, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Presidência da República, Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 2010.

DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO SOCIA. **Legislação PNAES**. Disponível em <http://www.dds.dac.unb.br/images/Editais/2018/2---Regulamentaes-Federais---Decreto-n-7234_2010-Programa-Nacional-de-Asssitncia-Estudantil---PNAES.pdf>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL UNB. **Editais**. Disponível em: <<http://www.dds.dac.unb.br/index.php/editais-ano-2019>> Acesso em 21 janeiro de 2020.

DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **Relatório Consolidado PNAES**. 2017. Disponível em <http://www.dds.dac.unb.br/images/Relatorios-DDS/Relatorio_Preliminar_Consolidado_PNAES_2017.pdf> Acesso em 15 de dezembro de 2019.

DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **Relatório de Gestão da DDS - 2016 e 2017**. 2018. Disponível em <<http://www.dds.dac.unb.br/images/Documentos-DDS/Relatorio de Gesto da DDS - 2016 e 2017.pdf>>. Acesso em 15 de dezembro de 2019.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

JORNALISTAS LIVRES - **A covardia da polícia e a inocência dos estudantes- Por Lula Marques**. Disponível em: <https://bityli.com/klmnc>. Acesso em 06 março de 2020.

PACHECO, José. **Inovar é assumir um compromisso ético com a educação**. 1a Edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

BRASIL. PORTARIA NORMATIVA Nº 39, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2007. **Programa Nacional de Assistência Estudantil PNAES**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/portaria_pnaes.pdf> Acesso em 20 de dezembro de 2019.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Relatório de Desenvolvimento Humano: Desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI**. Disponível em <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2019_pt.pdf> Acesso em 21 de janeiro de 2020

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova.** 3º Edição. Cortez Editora, 2008.

VARGAS, Michely de Lima Ferreira. **Ensino superior, assistência estudantil e mercado de trabalho: um estudo com egressos da UFMG. Dissertação (Mestrado em Educação)** — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-84VHVQ>> Acesso em 21 janeiro 2020.

Autoras

Suene Gomes Cardoso. FAU-UnB, e-mail: cardososuene321@gmail.com. Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB.

Thaylla Santos Damasceno. FAU-UnB, e-mail: damascenothaylla@gmail.com. Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB.

Liza Maria Souza de Andrade. FAU-UnB, e-mail: lizamsa@gmail.com. Professora da FAU-UnB e do PPGFAU-UnB. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGFAU-UnB (2014).

Ana Luiza Aureliano Silva. PPG-FAU, e-mail: alaurelianosilva@gmail.com. Doutoranda do PPGFAU-UnB. Mestra em Geografia pelo PPGGeog-UFSJ (2018).

PORTAL CELESTE: Mulher, Movimento de Moradia e o Espaço Público

Eje/Eixo Temático 3

Aline Araújo dos S. de Lima

Centro Universitário Belas Artes de São Paulo
(FEBASP)

Victória Fernandes Vicente

Centro Universitário Belas Artes de São Paulo
(FEBASP) e mestranda PPGAU FAU-Mackenzie

Débora Sanches

Centro Universitário Belas Artes de São Paulo
(FEBASP) e FAU-Mackenzie

Resumo:

O artigo propõe-se a discorrer sobre a trajetória do movimento de moradia, no intuito de promover uma reflexão sobre o importante papel, social e político, das mulheres na luta pelos seus direitos. Aponta-se as conquistas obtidas através das pressões dos movimentos populares pela garantia do direito à moradia digna. Expõe-se como valores, oriundos da divisão sexual do trabalho, refletem na associação da mulher ao espaço privado, e mostra-se a relevância da participação das mulheres no movimento de moradia, como ferramenta transformadora de vida, e potencializadora para o rompimento dos atrasados pensamentos patriarcais. E por último, compartilha-se a experiência de uma oficina participativa com as moradoras do Jardim Celeste, bairro na zona sudeste de São Paulo, baseada na metodologia de leitura urbana sob a perspectiva de gênero do coletivo catalão Col. Lectiu Punt 6, com a finalidade de se entender a importância dos processos participativos e as vivências das mulheres na construção de espaços coletivos e inclusivos para a realização do TFG (Trabalho Final de Graduação) apresentando os resultados finais em forma ampla.

Palavras-Chave: **Movimentos Sociais, Direito à Moradia, Mulher e Moradia.**

Resumen:

El artículo propone discutir la trayectoria del movimiento de vivienda, con el fin de promover una reflexión sobre el importante papel, social y político, de las mujeres en la lucha por sus derechos. Señala los logros obtenidos a través de las presiones de los movimientos populares para garantizar el derecho a una vivienda digna. Se expone como valores, derivados de la división sexual del trabajo, reflejados en la asociación de las mujeres con el espacio privado, y muestra la relevancia de la participación de las mujeres en el movimiento habitacional, como herramienta transformadora de vida y potencializadora de la ruptura de los pensamientos patriarcales. Finalmente, se

comparte la experiencia de un taller participativo con los vecinos de Jardim Celeste, un barrio del sureste de São Paulo, basado en la metodología de lectura urbana desde la perspectiva de género del colectivo catalán Col. Lectiu Punt 6, con el propósito de comprender la importancia de los procesos participativos y las experiencias de las mujeres en la construcción de espacios colectivos e inclusivos para realizar el TFG (Trabajo Final de Graduación) presentando los resultados finales de forma amplia.

Palabras-Clave: **Movimientos Sociales, Derecho a La Vivienda, Mujer y Vivienda**

Introdução

As inquietações que resultaram no presente artigo, surgiram a partir de pesquisas de Iniciação Científica e Trabalho Final de Graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo em parceria com as mulheres da UMM-SP (União dos Movimentos de Moradia de São Paulo). O tema que percorre é evidenciar o papel das mulheres dentro do movimento de moradia que diversas vezes não são devidamente credibilizadas, Adichie (2019, p.16), afirma que “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar”, mostra-se necessário registrar as narrativas de mulheres que usaram o seu senso coletivo para transformar vidas e cotidianos, escrevendo a sua própria história, e principalmente, sendo exemplos para que outras também escrevam a sua.

As lideranças femininas dos movimentos sociais de moradia, utilizam a frase: “a moradia é a porta de entrada para todos os direitos” para reflexão sobre direitos. Garantidos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) que estabelece o direito à moradia digna como um bem de primeira necessidade, assim como pela Constituição Federal Brasileira de 1988.

Vale destacar que a relação - mulher, casa e cidade – enlaçam-se de diversas maneiras, na pesquisa Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça feita pelo Ipea (2017) entre 1995 e 2015 o número de lares brasileiros chefiados por mulheres aumentou de 23% para 40%, demonstrando que o modelo “tradicional” de família, altera-se no tempo e na divisão sexual do trabalho e aos papéis sociais de gênero atribuídos às mulheres.

Apesar do direito à cidade, as condições das mulheres, sobretudo negras com suas condições socioeconômicas as obriga a morar em periferias distantes de seus empregos e dos serviços. A luta pelo direito à moradia se complementa à luta pelo direito à cidade para o usufruto cidade.

A partir do fortalecimento dos movimentos sociais de moradia, na década de 1970, a mobilização das mulheres é intensa, a obstinação para possuir a casa própria relaciona-se com o espaço de segurança e estabilidade para seus filhos, na cultura brasileira são elas as responsáveis pelo lar.

Assim, este artigo percorre os assuntos acima mencionados e por fim, dedica-se a formulação da metodologia de leitura urbana a partir da perspectiva de gênero e a oficina realizada no território do Jardim Celeste para elaboração de um diagnóstico que foi suporte para dois trabalhos finais de graduação: *Mulher e as experiências no espaço público. E se a rua também fosse nossa?* elaborado pela Aline Araújo e *Habi(tático): intervenções de sororidade urbana* desenvolvido pela Victória Vicente, com orientação da professora Débora Sanches.

1. Luta por Moradia

Uma casa não é apenas abrigo, um lar não é unicamente proteção, uma moradia não é somente a tentativa de uma vida civil reconhecida. A moradia pode ser entendida como

Sendo o ponto de partida do universo de seu habitante, a casa representa o início e o encontro das diversas dimensões de sua vida: social, econômica, afetiva, cultural dentre tantas outras dimensões que a complexidade humana cria e demanda.
(IACOVINI, 2014, p.98)

Portanto, a inserção e a visibilidade do cidadão na sociedade, estão diretamente relacionadas com um “teto” para se afirmar, a garantia do mesmo se torna parte indispensável para o desenvolvimento das outras relações humanas necessárias. Como já mencionado, a moradia é a porta de entrada de outros direitos.

A expansão das cidades se deu de forma intensa e sem o acompanhamento de políticas públicas e planejamento urbano que pudessem evitar a evidência das diferenças sociais de forma tão nítida. O reflexo dessa falta de controle foi o entendimento deturpado da moradia não como um direito, mas sim como uma mercadoria. Essas transformações nos valores da sociedade repercutiram no acesso aos melhores espaços, logo os melhores terrenos foram empossados pela elite, “classe dominante”, deixando disponível para a população de baixa renda, espaços mal localizados, carentes de serviços, e sem infraestrutura urbana.

Com o intuito de lutar por condições dignas de moradia a todos, a partir da década de 1980 os movimentos sociais com esse viés começaram a ter maior notoriedade. Em 1989 a União por Moradia Popular (UNMP) iniciou sua articulação, e se consolidou em 1993, no Encontro Nacional por Moradia Popular, com os movimentos de moradia dos estados do Paraná, São Paulo e Minas Gerais. Atualmente, o movimento já está presente em 23 estados brasileiros.

Um dos grandes pilares que sustentam os Movimentos de Moradia, é a política pública da autogestão, modelo organizacional de gestão pautado na empatia, em que o saber popular, a ação coletiva, e a justiça social são protagonistas.

A definição de autogestão na produção habitacional refere-se a ações em que a produção de moradias, ou a urbanização de uma área, ocorra com o controle de recursos públicos e da obra pelos participantes dos movimentos populares, de associações e de cooperativas (UNMP, 2019, p.12)



Figura 1: Luta pela Reforma Urbana e Autogestão.
Fonte: UNMP, 2018.

A proposta autogestionária se baseia em contestar a privatização da produção habitacional financiada pelo Estado. A partir do momento em que a comunidade está à frente das decisões, o sentimento de pertencimento é incitado, e a força para a reivindicação dos seus direitos, conforme a figura 1, como membro da sociedade civil, é fortalecida. Portanto, o questionamento pelo direito de gerir as produções habitacionais é uma forma de luta e resistência.

Na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), o direito à moradia estava garantido

Artigo 25, Parágrafo 1 “Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito a segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência do de seu controle (Assembléia Geral da ONU, 1948).

Segundo a Cartilha de Autogestão em Habitação (2019), elaborada pela União Nacional por Moradia Popular, foi em 1996, na Conferência da ONU – Habitat II, em Istambul, que foi de fato reconhecido como um direito humano e estabelecido que “os governos devem tomar apropriadas ações em ordem para promover, proteger e assegurar a plena e progressiva realização do direito à moradia”.

No entanto, apenas em 2002, 12 anos após o Habitat II, através de uma mobilização e participação direta da UNMP, que o direito à moradia foi incluído na Constituição Brasileira de 1988, no artigo 6º juntamente a outros direitos sociais e econômicos. Essa grande vitória, torna o poder público o responsável pela provisão de uma habitação digna para todos os participantes da sociedade civil, delegando aos diferentes níveis de controle o papel de desenvolver políticas públicas que respondam a essa demanda.

É relevante ressaltar que graças às pressões e lutas exercidas pelos movimentos sociais sobre o Estado, o país obteve algumas conquistas no âmbito habitacional. Como por exemplo, o Estatuto da Cidade de 2001, instrumento urbanístico resultante das reivindicações pela Reforma Urbana, que ressalta a função social da propriedade e amplia o acesso à moradia. Esse instrumento cria meios que facilitam a Regularização Fundiária e permitem maior controle estatal sobre o uso e ocupação do solo, como a instituição de Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS).

Vale destacar que os movimentos sociais de moradia se fortalecem com a gestão municipal progressista da prefeitura de São Paulo com a prefeita Luiza Erundina (Partido dos Trabalhadores, 1989-1992). A UMM-SP obteve conquistas significativas, as políticas públicas foram pautadas no diálogo que resultou em projetos habitacionais com a inserção da autogestão, projetos participativos (com arquitetos e assessorias técnicas) e mutirões autogeridos, com recursos do Fundo Municipal (criado a partir da Constituição Federal de 1988). Segundo Sanches (2015), nesse período,

foi implementado o Programa de Produção de Habitação por Mutirão e Autogestão, que buscava fortalecer a participação da população na gestão de política com projetos de boa qualidade e baixo custo.

A participação popular no processo de aquisição de uma moradia digna, extrapola o âmbito econômico, é uma forma do cidadão reivindicar e exercer a sua cidadania. Os processos autogestionários ocorrem através de associações comunitárias, com uma liderança que dialoga com o movimento e o poder público.

O Jardim Celeste, na figura 2, é exemplo destes processos autogestionários, localizado na zona sudeste de São Paulo, distrito do Sacomã,



Figura 2: Construção do Jd. Celeste.
Fonte: 1º Mapa Com.do Jd.Celeste, 2007.

a produção da moradia digna foi fruto da parceria entre a UMM, a Associação¹ do Movimento de Moradia da Região Sudeste e o Estado.

Segundo a UMM-SP (2017), o Movimento de Moradia da Região Sudeste, nasceu com as articulações da Pastoral de Favelas da Região Episcopal Ipiranga, a partir de 1980, com o objetivo de mobilizar as associações e lutar pelo direito à moradia, reforma urbana e autogestão. Os conjuntos habitacionais que o compõem, foram construídos a partir da década de 1990, quando programas como o antigo FUNAPS Comunitário (Fundo de Atendimento à População Moradora em Habitação Subnormal), que consistia em um repasse de recursos para associações comunitárias construírem suas unidades habitacionais, forneceu meios para que os mutirões se organizassem e se encarregassem da construção das suas próprias moradias.

No 1º Mapa Comunitário do Jardim Celeste (2007), relatório feito pela Associação do Movimento de Moradia da Região Sudeste constatou-se que foi construído 1076 unidades habitacionais, sendo elas 556 por mutirão com autogestão e 520 por empreiteira, em uma área de aproximadamente 129 000m², provendo moradia para cerca de 5 000 pessoas. É importante frisar que essas novas habitações foram para o beneficiamento dos membros da própria Associação, que antes viviam em favelas, cortiços e em condições insalubres.

Embora a construção do bairro tenha sido realizada em um diálogo com o poder público, é importante frisar que o processo de regularização fundiária que garantiria segurança de posse aos moradores, foi lento. O processo de desapropriação que foi iniciado em 1989 pelo decreto nº 27.974 e alterado pelo decreto nº 36.655 de 26 de dezembro de 1996, e segundo moradores locais, apenas em 2015 a regularização fundiária e a escritura definitiva foram concluídas.

Um aspecto relevante a ser colocado, é que a composição da liderança da Associação do Movimento de Moradia da Região Sudeste é fortemente marcada pela presença das mulheres. Tais mulheres que assumiram postos de coordenação à frente dos mutirões e que juntamente com as suas companheiras que trabalhavam nas obras, construíram no sentido mais literal possível, o seu território celeste.



Figura 03: Mutirão. Jd. Celeste.
Fonte: Pastoral da moradia
do Ipiranga, 1990.

2. Mulher e Moradia

A moradia, para a maioria das mulheres, além de ser a porta de entrada aos seus direitos, supostamente deveria ser um local de segurança física e emocional. No entanto, muitas vezes, é o local em que a mulher ainda exerce o trabalho socialmente imposto, por conta da retrógrada divisão sexual do trabalho.

Essa divisão arcaica, tem por característica a destinação dos homens à esfera produtiva, com valor monetário agregado. Já as mulheres, sempre foram associadas à esfera reprodutiva, aos espaços domésticos, e trabalhos sem valor monetário (PERROT, 2007).

Conforme dados da pesquisa da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU) em 2020, com análises de pesquisa de Origem e Destino do metrô (2017), observa-se que mesmo com a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, e aumento de o número de famílias chefiadas por mulheres, a

¹ A Associação é composta pelos bairros: Jardim Clímax, Parque Bristol, Água Funda, Vila Mariana, Vila Livieiro, Ipiranga, Jabaquara, Vila Arapuá, Jardim Maristela e Vila Moraes.

mulher continua sendo majoritariamente a responsável pelo trabalho doméstico e pelo aspectos da vida familiar. “Cabe principalmente à mulher levar e buscar as crianças na escola, acompanhar outros integrantes da família ao médico e realizar as compras do lar.” (SMDU, 2020, p.2), isso reafirma que, as mulheres acumulam responsabilidades em ambos os espaços, levando dupla ou tripla jornada de trabalho.

A dificuldade de tempo e conciliação de diversas tarefas, evidencia a necessidade da qualidade de uma moradia bem localizada e com infraestrutura básica, como posto de saúde, creches, transporte público, saneamento, entre outros. Seguindo essa lógica, mulheres de baixa renda, moradoras da periferia, sentem mais essa precariedade da infraestrutura. Portanto, são as mulheres as mais afetadas pelo déficit e falta de qualidade habitacional da cidade de São Paulo.

[...]a gente está morando porque não tem outra chance de moradia, não tem condições de financiar, ou pagar um aluguel numa área que é próxima do meu trabalho, que é próxima de um posto médico. Quando a gente ocupa, primeiro, a gente não ocupa um prédio que existe um proprietário que está dando função social, quando nós ocupamos um prédio é porque esse ele está parado o governo abandonou ou o próprio dono abandonou e então a gente dá vida para esse lugar, a gente melhora as condições desse prédio”, conta Selma de Jesus, integrante do movimento e morado da Ocupação 9 de julho. (ALMEIDA, 2019)

Sendo o trabalho doméstico predominantemente da mulher, é evidente perceber o porquê a moradia é uma preocupação e necessidade da mesma. Dessa forma, quando a moradia está ameaçada, por despejos e reintegração de posse, são elas que mais sentem e lutam, encorajando a busca por organizações de reivindicação de moradia digna.

Dados empíricos demonstram que as mulheres são o principal grupo, dentro dos movimentos sociais, que se mobilizam para lutas por questões coletivas na esfera pública, afirma Gohn (2007). Em todo espaço do movimento de moradia, se nota que a questão de gênero é extremamente importante na compreensão das militâncias e suas atuações, seja na coordenação dos movimentos, nas ocupações e nos atos, é perceptível a numerosa presença feminina.

Apesar dessa forte atuação, ainda existe uma invisibilidade, “frequentemente as análises ignoram que os principais atores nos movimentos populares eram, de fato, atrizes” (SOUZA-LOBO, 1991 apud Gohn, 2007, p.45). Graça Xavier, coordenadora da União dos Movimentos de Moradia Nacional, liderança do movimento da Região Sudeste, integrante da Secretaria de Mulheres da União dos Movimentos de Moradia, conta sobre a importância das mulheres na liderança e essa visibilidade:

80% da composição dos movimentos de moradia são mulheres, pois na década de 1980 a base era literalmente quase toda composta por nós mulheres, mas as coordenações executivas eram quase todas compostas por homens, mesmo eles sendo minorias nas bases. Contudo, atualmente esses papéis foram invertidos, pois hoje somos a maioria tanto na base quanto nas coordenações executivas, pela primeira vez após 30 anos somos maioria na coordenação executiva e com um olhar diferenciado para as questões de gênero, fruto de uma grande articulação e formação para que as mulheres assumam de fato uma agenda feminista de empoderamento e protagonismo na construção do direito a uma cidade com inclusão social. (ALMEIDA, 2019)

Cientes do impacto que a participação no movimento de moradia representa na vida das mulheres, as lideranças e suas integrantes se atentaram a necessidade de criar um espaço de troca e informação que desse suporte às discussões sobre



Figura 4: Marcha das mulheres Paulista.
Fonte: Folha Press, 2016.

as questões que pautam as suas lutas, pessoais e coletivas, como violência doméstica, feminismo, tabus, direito à cidade, direito à moradia, políticas públicas específicas, entre outras. Assim, em 1999, surgiu a Setorial de Mulheres da UMM-SP, que logo depois, em meados dos anos 2000, foi renomeada para Secretaria de Mulheres da UMM-SP, como atualmente é conhecida, sendo então um local de apoio, discussão e empoderamento, em que gênero, raça, e classe são tratados como ponto de partida e prioridade. A figura 4 representa um dos atos realizado por esta secretaria.

A Secretaria das Mulheres organiza frequentemente rodas de conversas com as mulheres, para discutir questões de gênero e de direito à cidade, com o intuito expandir esses debates para todas que vivem nas periferias, e nas regiões que a UMM atua, como a macrorregiões litorâneas, Santos, Praia Grande e no interior, como Campinas e Ribeirão Preto.

Em um desses encontros, no mês de junho de 2020, Maria de Fátima coordenadora da Associação dos Movimentos de Moradia da Região Sudeste (AMMRS), União dos Movimentos de Moradia e da Secretaria das Mulheres, contou como a secretária e os seminários contribuíram para diversas questões de cunho feminista e empoderamento individual e coletivo. Mariza Dutra, militante e coordenadora executiva do MST Leste 1, coordenadora UMM e participante na secretaria das mulheres, reforçou a importância das rodas de conversa, e como essas discussões motivam outras mulheres a conhecerem seus direitos, e a lutar contra violência e a desigualdade.

Esses debates são importantes porque neles, as mulheres conseguem dialogar para desconstruir rótulos e estereótipos pejorativos, indevidamente carregados pelo feminismo, que muitas vezes é visto como movimento de mulheres agressivas que querem ser iguais aos homens, e que vão contra a natureza de Deus e a sua sexualidade. Tais pré-concepções rasas, fazem com que a verdadeira causa e luta do movimento seja mal interpretada.

Por conta do necessário isolamento social, os encontros presenciais foram suspensos, e as lideranças tiveram que se reinventar para continuar transmitindo informação. Com uso da tecnologia, durante o período de pandemia, são feitas diversas lives com temas, como o direito à moradia e mulher na pandemia, saúde básica, auxílio emergencial, para que as discussões não cessem e possam continuar fazendo a diferença na vida dos participantes.

É importante dizer que essas inquietações não ficam apenas em discussões, elas também se transformam em ação, a Secretaria das Mulheres faz trabalhos solidários, como por exemplo, a arrecadação de cestas básicas, para dar suporte às mulheres mães, chefes de famílias, desempregadas, e vítimas de violência doméstica, principalmente, diante do atual cenário, uma pandemia da Covid-19, em que uma crise sanitária escancarou uma crise humanitária. Segundo Graça Xavier, no seminário virtual "O impacto do corte do auxílio emergencial na vida das mulheres" realizado no dia 28 de janeiro de 2021, mais de 450 000 pessoas foram beneficiadas pelas cestas arrecadadas através de campanhas e vaquinhas da UMM, conforme a figura 05.



Figura 05: Entrega de cesta AMMRS no Jd. Celeste.
Fonte: UMM-SP, 21 de agosto de 2020.

Além do trabalho social, a Secretaria das Mulheres já conquistou vitórias políticas que auxiliam na garantia do direito à moradia a todas as mulheres. No município de São Paulo, a lei nº 13.770/2004, foi regulamentada pelo Decreto nº 45.987/2005, que prevê a adoção de medidas do poder executivo municipal para a priorização do atendimento da mulher beneficiária em programas de habitação de interesse social. Também obtiveram sucesso na promulgação da Lei Nacional de Habitação de Interesse Social (Lei 11.124/2005), que recomenda o registro de titularidade no nome da mulher dos imóveis produzidos ou financiados pelo poder público.

A atuação da Secretaria de Mulheres da UMM-SP, é mais que um exemplo de empatia, é a manifestação da sororidade, aliança de mulheres,

na realidade, é a manifestação da necessidade da construção da “verdadeira sororidade, tal que levasse em consideração as necessidades de todas as envolvidas”, Hooks (2020, p. 37). A presença das mulheres nesses debates proporcionados pelo movimento, faz com que elas se sintam parte de um todo, de um grupo que a conduz a luz de reivindicar os seus direitos e se reconhecer como uma cidadã ativa, “Indivíduos empoderados formam uma coletividade empoderada e uma coletividade empoderada, conseqüentemente, será formada por indivíduos com alto grau de recuperação da consciência do seu eu social, de suas implicações e agravantes.”, Berth (2020, p.52). E, para as mulheres, ter a consciência de que a partir do seu locus social se pode sim impor a sua voz e provocar grandes mudanças, é libertador.

3. Portal Celeste

Após um vínculo pré-estabelecido entre academia e território em uma pesquisa de iniciação-científica (2019 - 2020), foi natural a preservação desse laço construído com as mulheres do Jardim Celeste. Foi desta conexão que despontaram dois trabalhos finais de graduação (TFG) na faculdade de arquitetura e urbanismo (2020), mencionados anteriormente.

Ambos os trabalhos partiram da premissa de realizar uma pesquis(a)ção que colocasse como prioridade as experiências e saberes das mulheres, para tanto, apenas a leitura de mapas não é o suficiente para uma aproximação real com a área de estudo, a ferramenta encontrada para romper com o paradigma da neutralidade do planejamento urbano em relação a questão de gênero, foi o processo participativo. Este funcionou como uma ponte entre academia e realidade, dando às moradoras a oportunidade de expressarem as suas necessidades, assim possibilitando a elaboração de um projeto pautado em carências reais. Para esse fim, foi preciso buscar novas estratégias de leitura urbana que compreendessem as especificidades de cada gênero e acreditassem nas mudanças que podem acontecer a partir da escuta da base da pirâmide social.

Os estudos do Col. Lectiu Punt 6, uma cooperativa de Barcelona, composta por arquitetas, urbanistas, sociólogas, que desde 2005, se propõem a realizar projetos com objetivos de repensar a forma patriarcal e capitalista das cidades, e também a demonstrar a necessidade de se repensar os espaços públicos de uma maneira

cotidiana e inclusiva, em outras palavras, a prática de urbanismo feminista.

A cooperativa desenvolve manuais com metodologias de leitura segundo a perspectiva de gênero, e nesses manuais constam roteiros de como desenvolver oficinas participativas, dados que podem ser coletados em questionários, fichas a serem preenchidas por participantes, entre outras maneiras de se estruturar um diagnóstico eficaz.

Neste sentido, para a compreensão do território utilizou-se o manual *Espaços para a vida cotidiana*, que possui três eixos principais, Diagnóstico Urbano Participativo, através de ferramentas qualitativas sensíveis ao gênero considerando experiências pessoais, Avaliação do Espaço Urbano, por um indicador de qualidades urbanas, e por fim, Avaliação da Gestão Urbana, com indicadores para análise transversal de gênero em um determinado contexto socioespacial.

O segundo manual adotado foi o *Mulheres trabalhando*, que tem como objetivo empoderar mulheres, considerando todas as suas pluralidades, para que elas se tornem agentes de mudança dentro da própria cidade. Os seus principais eixos são Informação, explicar o porquê um urbanismo sob a perspectiva de gênero, Descrição e Análise, compartilhamento das características físicas dos espaços para análise, Compartilhamento de Experiências, contar experiências pessoais de diferentes vivências na urbe, e por último, Continuação do trabalho realizado, avaliação e apresentação das propostas elaboradas.

Desta forma, nomeou-se Portal Celeste o método baseando-se na referência do Col. Lectiu Punt 6 como estratégia de leitura urbana para ser aplicada no Jardim Celeste e foram consideradas as diferenças de contexto socioespacial e a presente pandemia.

O Portal Celeste contém quatro etapas, três se concretizaram. A primeira, foi através de um questionário online, para coleta de informações socioeconômicas das mulheres do bairro. A segunda, foi a dinâmica presencial, em que se realizou uma oficina de escuta com as moradoras do bairro, a fim de se entender as percepções e vivências pessoais que refletem no seu deslocamento e apropriação do espaço urbano. A terceira, foi a elaboração do projeto de desenho urbano em diferentes escalas. E por último, a quarta etapa, está programado uma devolutiva, com apresentação do projeto elaborado para o bairro a partir das 3 etapas anteriores concluídas, a equipe está esperando a pandemia da Covid 19 amenizar para organizar esta etapa de forma presencial.

3.1. Primeira Parte

É relevante dizer que, como já mencionado anteriormente, o histórico de falta de regularização fundiária do bairro reflete até hoje na disponibilização de dados em ferramentas de pesquisa, como por exemplo, o comumente utilizado Geosampa, as informações são sempre incompletas, vindas pelas “bordas”. Por este motivo, a primeira etapa foi de extrema importância para conhecer o real perfil das moradoras.

Por meio das respostas percebidas pode-se conhecer um pouco mais sobre o território, tratando da questão de gênero 94,4% se reconhecem como mulher-cis e 5,6% como homem trans. As respostas demonstraram que se autodeclaram 44,4% pardas, com a predominância de faixa-etária de 31 a 45 anos, e apenas uma das pessoas não possui filhos.

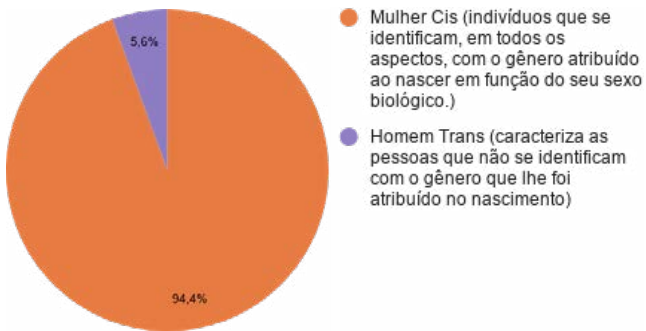


Gráfico 01: Identidade de gênero. Fonte: Elaborado própria, 2020.

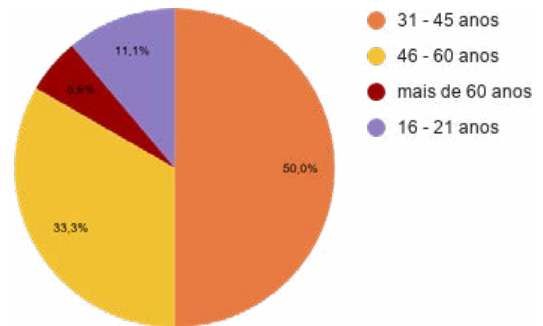


Gráfico 02 :Faixa etária. Fonte: Elaborado própria, 2020.

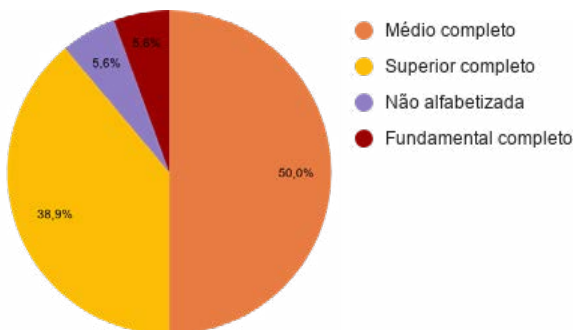


Gráfico 03: Escolaridade. Fonte: Elaborado própria, 2020.

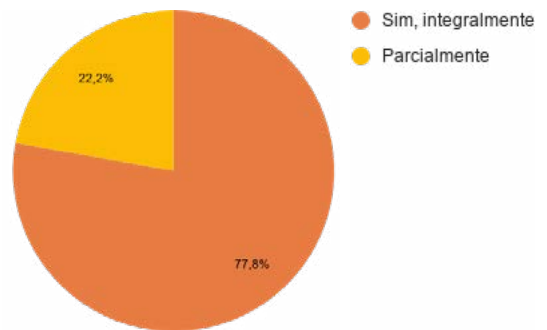


Gráfico 04: Contribuição financeiramente em casa. Fonte: Elaborado própria, 2020.

Sobre a escolaridade, 50% das respostas indicaram ensino médio completo e 38,9% ensino superior também completo. Em relação a emprego, 38,9% trabalham em regime CLT, PJ, ou MEI, e 22,2% trabalham em situação informal, informações que comprovam mais uma vez, a certeza da jornada dupla na vida das mulheres. Um dado interessante é que 38,9%, responderam que não trabalham, pode-se deduzir, que são as mulheres que mesmo que não estejam trabalhando fora de casa, talvez aposentadas, provavelmente exercem um trabalho doméstico não remunerado dentro do seu próprio espaço privado. E apesar de algumas respostas afirmando não exercer um trabalho, todos disseram contribuir financeiramente em casa, sendo 77,8% integralmente.

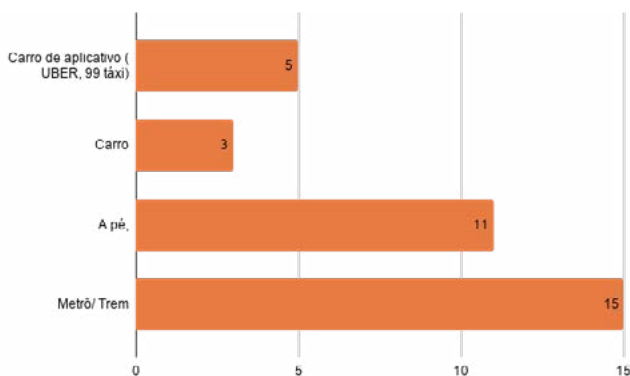


Gráfico 05: Meios de transporte. Fonte: Elaborado própria, 2020.

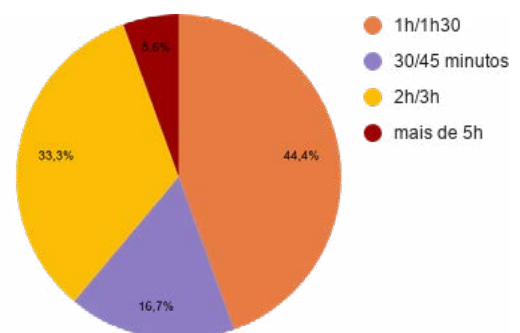


Gráfico 06: Tempo gasto em transporte por dia. Fonte: Elaborado própria, 2020.

Em relação a mobilidade, as respostas despontam ao uso de transporte público e ao caminhar a pé, 83,3% utilizam metrô e trem e 61,1% caminham a pé, enquanto o uso de carro particular é equivalente a apenas 16,7%. O número de horas gastos com locomoção é predominantemente de 1h/1:30h com grande incidência de 2h/3:00h. Quando questionado se no trajeto diário existem “paradas” antes de chegar ao destino, a maioria das respostas foram “mercado” e “creches e escolas”, tais respostas evidenciam a presente associação da mulher com obrigações da casa e da esfera reprodutiva.

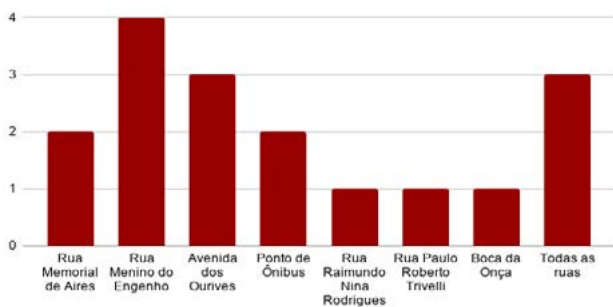


Gráfico 07: Lugares você não se sente segura para andar no bairro. Fonte: Elaborado própria, 2020.

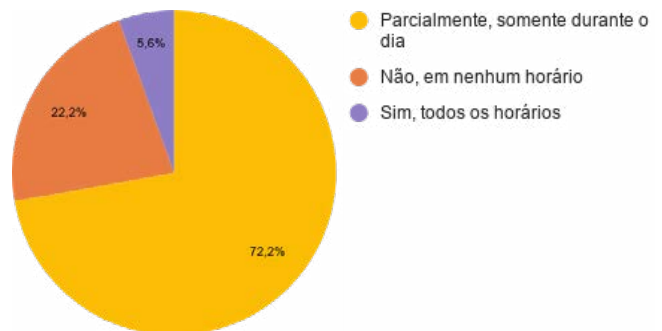


Gráfico 08: Você se sente segura de caminhar no seu bairro? Fonte: Elaborado própria, 2020.

Com relação aos espaços públicos, 72,2% das respostas afirmam que se sentem parcialmente seguras para caminhar em seu bairro, apenas durante o dia, e 61,1% associam essa insegurança ao fato de serem mulheres. Foi pedido a indicação de lugares que bairro que não aspirasse segurança, e o nome de duas ruas foram frequentemente citados, a Rua Menino do Engenho e a Rua Memorial de Aires.

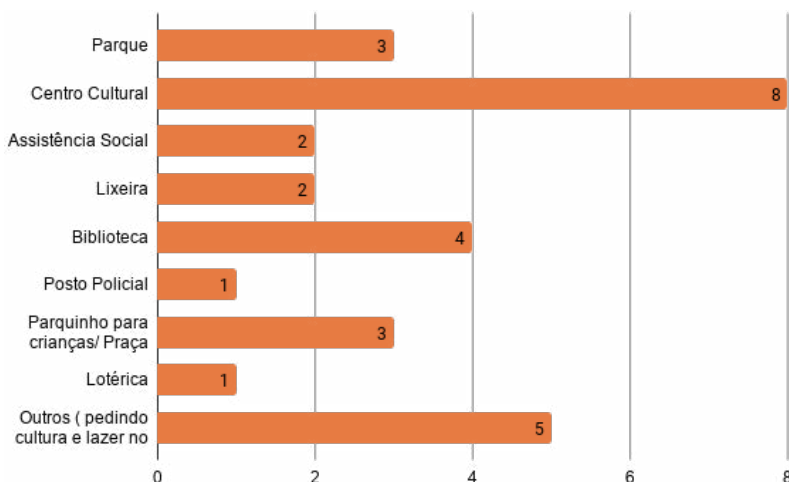


Gráfico 09: Você sente falta de algum equipamento no seu bairro. Fonte: Elaborado própria, 2020.

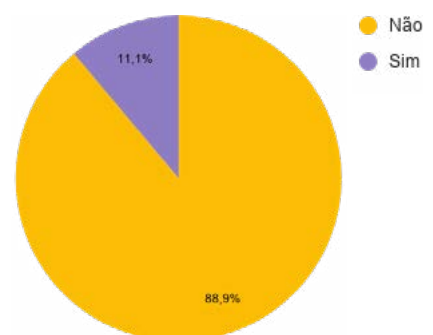


Gráfico 10: Você acha que o bairro oferece lugares para lazer? Fonte: Elaborado própria, 2020.

Tratando de equipamentos urbanos e lazer, as respostas são quase unânimes, 88,9% dos participantes afirmam não achar que o bairro oferece lugares para descanso ou socialização. E quando perguntado qual equipamento mais sentiam falta, as respostas mais ditas foram as de equipamentos relacionados à cultura e áreas de lazer, tanto para adultos quanto para crianças, como centro cultural, bibliotecas, parquinho, e um resultado surpreendente, foi a lixeira apontada como equipamento que faz falta.

No final do questionário foi pedido que todos os participantes dessem sugestões de melhorias para o bairro, e foi nítida a insatisfação dos moradores em relação às ocupações que ocorreram na antiga praça do Jardim Celeste, foram feitas recomendações de realocação das pessoas para que se aproprie novamente do espaço e crie espaços de usos comuns. Outros apontamentos estão relacionados a iluminação insuficiente, e a quantidade de entulhos na rua.

3.2. Segunda Parte



Figura 06: Convite para oficina.
Fonte: Elaborado própria, 2020.



Figura 07: Praça. Foto: Aline Araújo, 2020

Durante o curso de graduação de arquitetura e urbanismo percebe-se um distanciamento das situações reais da cidade nas disciplinas de projeto, e as consequências são a falta de consciência na formação cidadã. Deste modo, o instrumento deste trabalho foi o entendimento de como desenvolver as diferentes etapas se aproximando de um processo participativo.

É imprescindível a compreensão de que o principal meio para viabilização de um projeto sob uma perspectiva de gênero é a escuta, logo, a segunda etapa foi uma oficina presencial com as moradoras, as verdadeiras usuárias daquele espaço.

A dinâmica foi realizada no dia 12 de setembro de 2020, na sede da Associação do Movimento de Moradia da Região Sudeste. Considerando o contexto atual de pandemia do Covid-19, foram tomados todos os cuidados necessários para que todos os envolvidos estivessem seguros e se sentissem confortáveis, foi preciso a redução do número de participantes, mas isso não foi obstáculo para que a oficina fosse memorável.

A primeira atividade da oficina foi o preenchimento de uma ficha para a compreensão dos trajetos diários de cada mulher. Nessa ficha eram solicitadas informações sobre os deslocamentos e as tarefas cotidianas das participantes, como por exemplo, horários, modais de transportes, e espaços públicos que frequentavam. A partir dela foi possível elaborar mapas com as distâncias reais percorridas por essas mulheres, e ver o quanto elas se locomovem na cidade, cada uma a sua rotina, umas apenas



Figura 08: Quadra. Foto: Aline Araújo, 2020

no bairro, outras no Centro, a sua maneira cada uma vai se deslocando por toda São Paulo.

A segunda parte consistiu em uma conversa, um momento de escuta e troca, em que foram levantados aspectos positivos e negativos do bairro, e para incentivar discussões foi utilizado um painel com algumas temáticas a serem debatidas. Todos esses pontos foram anotados a fim de se gerar um levantamento, e posteriormente apontados em um mapa em que se foi construindo conjuntamente um diagnóstico real do bairro.

FICHA COTIDIANO		DATA	PORTAL CELESTE LEITURA URBANA COM MULHERES DO JARDIM CELESTE		
		NOME			
QUAIS SÃO AS SUAS TAREFAS COTIDIANAS? <small>TRABALHO, ESTUDO, LAZER, ATIVIDADES FÍSICAS, REUNIÕES DE BARRIO, ETC.</small>	QUAL O ENDEREÇO DO LOCAL QUE VOCÊ REALIZA SUAS TAREFAS? <small>ENDEREÇO OU PONTO DE REFERÊNCIA</small>	EM QUAIS HORÁRIOS VOCÊ FAZ SUAS TAREFAS? <small>HORÁRIO APROXIMADO DE SUA ROTINA</small>	QUAIS MEIOS DE TRANSPORTE VOCÊ MAIS USA? QUAIS AS ESTAÇÕES QUE VOCÊ MAIS UTILIZA? <small>EXEMPLO: METRÔ - TERMINAL SACOMÁ</small>	QUAIS ESPAÇOS PÚBLICOS VOCÊ FREQUENTA? <small>EXEMPLO: BIBLIOTECAS, PRAÇAS, RESC, ETC.</small>	

Figura 09: Ficha Cotidiano. Fonte: Elaborado própria, 2020.

A terceira e última parte da dinâmica foi uma ampliação de repertório e avaliação de referências. Foram separadas imagens pertencentes a 5 categorias diferentes de intervenções urbanas, Verde, Caminhar, Mobiliário Urbano, Socializar e Passagens, e pedido para que as moradoras avaliassem de acordo com a sua satisfação, foram distribuídas bolinhas adesivas verdes para apontar os aspectos que as agradavam na imagem e bolinhas adesivas vermelhas para os que não lhes agradava.

Depois da avaliação, novamente foi um momento de conversa e discussão, desta vez sobre os apontamentos das referências. Para completar o levantamento foram anotadas sugestões e soluções de melhorias para os espaços públicos, de acordo com o que mais agradava as participantes e seriam passíveis de aplicabilidade no Jardim Celeste.

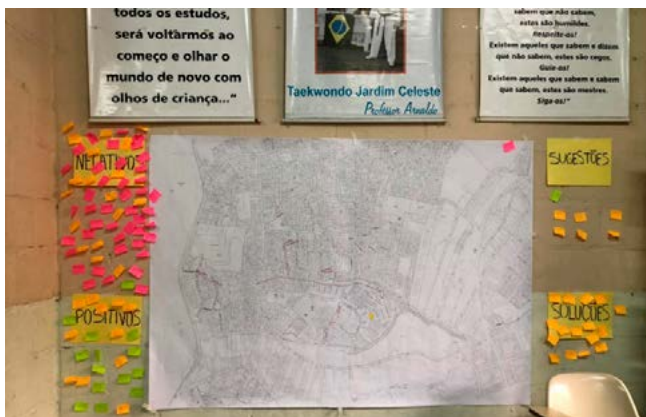


Figura 10: Mapa de trajeto e comentários das moradoras. Foto: Victória Vicente, 2020.



Figura 11: Painel de Repertório. Foto: Victória Vicente, 2020.



Figura 12: Kit Mulheres. Foto: Aline Araújo, 2020.



Figura 13: Kit Crianças. Foto: Aline Araújo, 2020.

A maioria das opiniões foram de senso comum, na categoria *Verde*, a aceitação foi geral com 100% das bolinhas verdes e destacada fala da carência de hortas e áreas verdes no bairro, já na *Caminhar e Passagens*, houve a crítica a projetos com muitas cores e desenhos de piso, pois podem confundir a caminhada. A categoria *Socializar*, com espaços para encontro, foi vista como uma ideia positiva, no entanto, foi alertado o quanto é importante esses espaços estarem bem definidos, e dado como sugestão a intervenção no Largo São Bento do Programa Centro Aberto. E por último, mobiliário urbano, em que a carência de bancos e formas de assentos foram colocados e criticados os atuais pontos de ônibus com cobertura de vidro que esquentam demasiadamente no calor.

Como forma de agradecimento a cada moradora que possibilitou uma troca enriquecedora e disponibilizou o seu tempo para contribuir com a construção deste TFG foi entregue um *Kit Portal Celeste* no final da dinâmica.

Levando em consideração que muitas mulheres possuem filhos e netos, foram feitos kits para essas crianças, com materiais de desenho e uma ficha para ser preenchida com o desenho de como elas imaginavam um parquinho dos sonhos naquele bairro. Foi pedido que esse desenho em questão nos fosse enviado posteriormente, para que os aspectos apontados neles pelas crianças fossem utilizados como base na proposição de projeto.

3.3. Projetos

3.3.a. Título: Mulher e as experiências no espaço público. E se a rua também fosse nossa?

Autor: Aline Araújo dos S. de Lima



As diretrizes traçadas e cenários sugeridos neste estudo, tiveram como premissa desenvolver um projeto urbano em diferentes escalas para melhorar o acesso da mulher ao espaço público, transporte e circulação no bairro. Requalificando os espaços com pequenas intervenções e estudos macros, caminhos para se pensar a cidade a partir da ótica da mulher, planos que visam promover uma cidade igualitária.



Figura 15: Corte viário. Fonte: Elaborado por Aline Araújo, 2020.

3.3.b. Título: Habi(tático): intervenções de sororidade
Autor: Victória Fernandes Vicente



Figura 17:
Perspectiva praça.
Fonte: Elaborado
por Victória
Vicente, 2020.

Foi desenvolvido um projeto urbano baseado em intervenções pontuais e apoiado na realidade local, que busca melhorar o cotidiano dos usuários. O estudo buscou subverter e contestar a indiferença do urbanismo para a construção de uma urbe inclusiva. Com uma oficina de escuta, em que as necessidades reais de mulheres do território foram colocadas, foi possível transpor a barreira entre a academia e o mundo real, a dinâmica foi a própria sororidade se manifestando. E esse era um dos maiores objetivos deste TFG, estender essa aliança para além dos indivíduos, era incorporar a cidade para essa irmandade com a intenção de que as mulheres sintam que a cidade também é sua aliada, proporcionando sororidade urbana.



Figura 16: Diagrama intervenções. Fonte:
Elaborado por Victória Vicente, 2020.

Conclusão:

É visível a predominância das mulheres na participação dos movimentos sociais de moradia, que demandam melhores condições de vida, reconhecimento de direitos, políticos e sociais. É necessário colocar em evidência as diferentes experiências vividas pelas mulheres no espaço público, urbano, e no espaço privado, doméstico, para que elas possam reivindicar com propriedades e argumentos os seus direitos.

A entrada das mulheres nos movimentos, faz com que elas se sintam parte de um grupo e, portanto, mais estimuladas a se engajarem em diferentes lutas. É por esta razão que é de extrema importância o papel que as lideranças vêm exercendo dentro do movimento, implementando ações e proporcionando espaços de debate sobre as questões de gênero, como por exemplo, a criação da Secretaria de Mulheres da UMM-SP, que discute o feminismo na luta pela moradia, e como a inserção dessas pautas podem contribuir para suas vidas pessoais.

Muitas vezes, a neutralidade do planejamento urbano pode colaborar para que as experiências das mulheres nas cidades não sejam confortáveis, logo, se colocando como empecilho para o seu desenvolvimento e reivindicações. Isto posto, a possibilidade de se transpor a barreira entre a academia e o mundo real, é necessária. Gênero no meio urbano é o começo para a construção de uma cidade mais justa, e pensar uma cidade sobre a perspectiva mulher é pensar um urbanismo que favorece as pessoas.

Apesar de todos os avanços políticos e sociais das mulheres, elas ainda seguem invisibilizadas, e continuam vagando pelas margens de uma história contada pela supremacia do gênero masculino. Tal fato demonstra que mesmo a sociedade precisando delas enquanto líderes, chefes de família, e trabalhadoras, as mulheres ainda é preciso reivindicar o devido reconhecimento e voz, pois dar-lhes visibilidade, é primordial para o fortalecimento da identidade coletiva e avanço da democracia no país (GOHN, 2007).

Referências Bibliográficas:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Juliana. Mulheres em movimentos, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://mulheresemmovimento.ml/index.html>. Acesso em 10 de maio de 2020.

ASSOCIAÇÃO DOS MOVIMENTOS DE MORADIA DA REGIÃO SUDESTE. **1º Mapa Comunitário do Jardim Celeste**. São Paulo: Associação dos Movimentos de Moradia da Região Sudeste, 2007.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra, 2020.

CIOCOLETTO, Adriana. **Espacios para la vida cotidiana**. Col. Lectiu Punt 6, 2016. Disponível em: <http://www.punt6.org/wp-content/uploads/2016/08/EspaciosParalaVidaCotidiana.pdf> Acesso em 10 de maio de 2021.

COLLECTIU PUNT 6. **Mujeres Trabajando**. 2016. Disponível em: <http://www.punt6.org/wp-content/uploads/2016/08/PDF-mujeres-baja-con-portada.pdf> Acesso em 12 de maio de 2020.

GOHN, Maria da Glória. **Mulheres – atrizes dos movimentos sociais**: relações político-culturais e debate teórico no processo democrático. São Paulo, 2007.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

IACOVINI, Rodrigo. Os significados do direito à moradia como porta de entrada para outros direitos. **Revista Contraste**, São Paulo, edição 03, 2º semestre de 2014. Disponível em: <https://issuu.com/revcontraste/docs/revcontraste03> Acesso em 07 de agosto de 2020.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Fevereiro/2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2020/02/16/internas_economia,1122167/quase-metade-dos-lares-brasileiros-sao-sustentados-por-mulheres.shtml . Acesso em 23 julho 2020.

Jornal do comércio. Déficit habitacional continua a desafiar os governos., janeiro/2020. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/opiniao/2020/01/719274-deficit-habitacional-continua-a-desafiar-os-governos.html> Acesso em 23 de agosto de 2020.

METRÔ. Pesquisa Origem e Destino,2017. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/Informes_Urbanos/44_IU_mobilidade_mulheres.pdf Acesso em 10 de maio de 2021.

ONU. Assembleia Geral das Nações Unidas. Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948. Disponível em < <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf> >. Acesso em 07/08/2020

PERROT, Michelle. **Minha história das Mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

SANCHES, Débora. **Processo participativo como instrumento de moradia digna**: uma avaliação dos projetos da área central de São Paulo (1990– 2012). 2015. 465p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2015. Disponível em: < <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/490>>. Acesso em 16 de agosto de 2020.

UNMP. **Cartilha de autogestão em habitação**. São Paulo: União Nacional por Moradia Popular, 2019.

UNMP. União por Moradia Popular, 2020. História. Disponível em: < <https://www.unmp.org.br/o-que-e-a-unmp/historia/>>. Acesso em 28 de agosto de 2020.

Autoras

Aline Araújo dos S. de Lima. Arquitecta e Urbanista, pela FEBASP (2020), realizou pesquisa pelo Programa de Iniciação Científica (2019-2020) com o tema “Mulher e Moradia”.

line_adl@hotmail.com

Victória Fernandes Vicente. Arquitecta e Urbanista, pela FEBASP (2020), realizou pesquisa pelo Programa de Iniciação Científica (2019-2020) com o tema “Mulher e Moradia”. Mestranda no PPGAU UPM desde 2021. vickvicente@hotmail.com

Débora Sanches. Arquitecta e Urbanista pela PUCCAMP (1994). Mestre em Habitação pelo IPT de SP (2008). Doutora em Arquitetura e Urbanismo (2015) pela UPM com período sanduíche (Portugal. jan-jul 2014). Professora na FAU FEBASP e UPM. deborasanches@uol.com.br

TERRITÓRIO, AMBIENTE E IDENTIDADE: A importância de Fundamentos de América Latina na formação discente no CAU UNILA

Eje/Eixo Temático 3

Andreia Moassab
Ana Silvia Fonseca
UNILA

Resumo

Tratamos neste texto da importância da disciplina Fundamentos de América Latina na formação em arquitetura e urbanismo na Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA. A universidade resulta de um projeto muito particular do governo brasileiro com vistas à integração regional solidária, tendo sua sede fixada na fronteira trinacional entre Brasil, Paraguai e Argentina, na cidade brasileira de Foz do Iguaçu. Fundamentos de América Latina – FAL – pertence ao Ciclo Comum de Estudos, um conjunto de disciplinas integrante do projeto político-pedagógico de todas as carreiras da UNILA, ministrado do 1º ao 3º semestres dos cursos. O objetivo do Ciclo Comum de Estudos, ou CCE, é estabelecer as bases epistemológicas para que a universidade cumpra seu papel social no continente através de três pilares: interdisciplinaridade, bilinguismo e integração latino-americana. A disciplina em seu primeiro semestre trata do caminho histórico que define a especificidade regional para, a seguir, debater as contribuições latino-americanas para a história do pensamento e finalmente, no último semestre, focar as discussões em torno do território e sua biodiversidade. Para avaliar o impacto de Fundamentos de América Latina na formação em arquitetura e urbanismo trouxemos relatos da experiência didático-pedagógica em sala de aula e de egressos e egressas do curso.

Palavras-Chave: **ensino de arquitetura e urbanismo, América Latina, UNILA, identidade, ambiente, território.**

Território, ambiente e identidade: a importância de *Fundamentos de América Latina* na formação discente no CAU UNILA

Resumen

En este texto, abordaremos la importancia de la disciplina Fundamentos de América Latina en la formación en arquitectura y urbanismo en la Universidad Federal de Integración de América Latina – UNILA. Dicha universidad es el resultado de un proyecto muy particular del gobierno brasileño con miras a la integración regional solidaria, con sede en la frontera trinacional entre Brasil, Paraguay y Argentina, en la ciudad brasileña de Foz do Iguaçu. Fundamentos de América Latina pertenece al

Ciclo Común de Estudios, un conjunto de disciplinas que forman parte del proyecto político-pedagógico de todas las carreras de UNILA, impartidas desde el 1º al 3º semestre de los cursos. El Ciclo Común de Estudios, o CCE, tiene como objetivo sentar las bases epistemológicas para que la universidad cumpla su rol social en el continente a través de sus tres pilares: la interdisciplinariedad, el bilingüismo y la integración latinoamericana. La disciplina en su primer semestre aborda el recorrido histórico que define la especificidad regional latinoamericana, para luego debatir los aportes latinoamericanos a la historia del pensamiento y finalmente, en el último semestre, enfocarse en discusiones en torno al territorio y su biodiversidad. Para evaluar el impacto de Fundamentos de América Latina en la formación en arquitectura y urbanismo, trajimos informes de la experiencia didáctico-pedagógica en el aula y de egresados y egresadas del curso.

Palabras-Clave: enseñanza de la arquitectura y el urbanismo, América Latina, UNILA, identidad, medio ambiente, territorio.

A função social da universidade e da arquitetura e urbanismo

Desde sua concepção, a Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA – é marcada por questões relativas a território, ambiente e identidade. Em algumas carreiras, como Arquitetura e Urbanismo, isso é mais evidente, sendo ainda mais significativos os aportes de Fundamentos de América Latina – FAL – para o curso. FAL pertence ao Ciclo Comum de Estudos – CCE –, um conjunto de disciplinas integrante do projeto político-pedagógico de todas as carreiras da UNILA. O CCE foi criado com o objetivo de estabelecer as bases epistemológicas para que a universidade cumpra seu papel social no continente, voltada à interdisciplinaridade, ao bilinguismo e à integração solidária latino-americana.

A UNILA resulta de um projeto do governo brasileiro¹, que em 2010 abre os primeiros cursos, na sua sede em Foz do Iguaçu, no estado do Paraná, na fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, com a pretensão de ser referência em caminhos que conduzam ao respeito mútuo, ao aprofundamento da democracia e à cultura da paz no continente². Entre os principais objetivos deste projeto singular de universidade estão:

*o fortalecimento das relações culturais e a valorização da cultura e da memória latino-americana; a promoção do intercâmbio e da cooperação respeitando as identidades culturais, religiosas e nacionais; a consolidação e aprofundamento da democracia e o maior conhecimento recíproco entre os países latino-americanos visando contribuir para a integração regional.*³

O curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – CAU UNILA – iniciou suas atividades com o ingresso da primeira turma de alunos e alunas no início de 2012, sendo a segunda turma de 2014⁴, ofertando 30 vagas anuais, de modo a atender ao disposto na portaria MEC n.1770/94.

1 A lei federal n. 12.189/10 dispõe sobre a criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA e dá outras providências.

2 Na atual proposta pedagógica da UNILA não constam estes trechos. Eles vigoraram no site www.unila.edu.br por muitos anos, até a sua recente renovação. Não pudemos ainda avaliar o quanto as alterações no texto da proposta pedagógica indicam mudanças de rumo na instituição.

3 Ver nota anterior.

4 Não houve ingresso de estudantes na UNILA em 2013.

Tendo por base a missão da UNILA como universidade voltada para a integração regional, o CAU se propõe a ser um curso que contribui para compreender as particularidades do espaço construído e habitado latino-americano a partir de uma concepção da arquitetura e do urbanismo como ação política. Por conseguinte, o profissional egresso da UNILA diferencia-se pelo profundo entendimento da função social do arquiteto e urbanista. Deste modo, são indiscerníveis do seu projeto político-pedagógico reflexões sobre o ensino, a prática e a crítica da arquitetura e do urbanismo no mundo atual, com especial atenção para a América Latina.

Sustentado numa compreensão do arquiteto e da arquiteta e urbanista “como sujeito social”⁵, conforme a ementa inicial do curso, publicada quando de sua criação, o seu projeto coaduna, igualmente, com os anseios da universidade, conforme expostos pelo reitor pro tempore ao afirmar que ela deve ser “a expressão de uma sociedade democrática e pluricultural, inspirada nos ideais de liberdade, de respeito pela diferença e de solidariedade” (TRINDADE apud VIEIRA-ROCHA, 2011).

O curso de Arquitetura e Urbanismo tem um papel estratégico na consolidação da Universidade e na cooperação regional, pois “projetar o espaço humano, da casa às cidades”⁶ exige uma profunda compreensão de seu espaço-tempo. Tanto a concepção político-pedagógica do curso quanto a rica convivência entre docentes e estudantes de diversos lugares da América Latina, imbricados na tríade ensino-pesquisa-extensão, permitem direcionar o CAU UNILA para a produção solidária e compartilhada de conhecimentos apropriados à concepção de espaços e espacialidades socialmente mais justos. Sob esta perspectiva, o projeto político-pedagógico do curso – PPC – organiza as disciplinas em quatro eixos de instrumentação, somados aos ateliers integrados: (1) Estudos Latino-Americanos, (2) Crítica; (3) Técnica; (4) Leitura e Representação. As disciplinas que compõem os eixos gozam de independência, embora estejam previstas inter-relações temáticas entre os eixos e destes com os ateliers integrados. Neste artigo nos interessa debater a experiência e importância do eixo de instrumentação em estudos latino-americanos na formação do futuro e da futura profissionais em arquitetura e urbanismo, mais especificamente, a disciplina Fundamentos de América Latina, que é dividida em FAL I, II e III.

No eixo de instrumentação em estudos latino-americanos do curso de Arquitetura e Urbanismo estão incluídas as disciplinas do Ciclo Comum de Estudos da UNILA: Fundamentos de América Latina – FAL; Introdução ao Pensamento Científico, Ética e Ciência; e Línguas Adicionais/Estrangeiras (Português ou Espanhol). O CCE é uma unidade curricular obrigatória a todo alunado da UNILA, cujas disciplinas são ministradas do 1º ao 3º semestres⁷, com uma carga horária total que chega a alcançar 570 horas-aula em alguns cursos, como no curso de Arquitetura e Urbanismo. Absorvido como parte integrante e basilar do CAU UNILA, em seu eixo de instrumentação em estudos latino-americanos, é nesse ciclo básico que são disponibilizadas as primeiras ferramentas críticas aos e às estudantes, a serem aprofundadas especificamente nos semestres avançados do curso.

Em outras palavras, durante os três primeiros semestres na UNILA, o alunado é exposto a um convívio multicultural com alunos, alunas e docentes dos diversos institutos da UNILA. Para a formação de um arquiteto ou arquiteta e urbanista voltado para a atuação na América Latina, este eixo é definidor de uma perspectiva crítica e

5 Esta citação refere-se à Ementa do Curso de Arquitetura e Urbanismo que estava disponível no site da instituição (www.unila.edu.br). Porém, com a aprovação do PPC, em finais de 2014, a ementa foi retirada do ar.

6 Ver nota anterior.

7 Os e as estudantes também cursam disciplinas específicas de sua carreira nos primeiros semestres dos cursos, em simultâneo ao CCE.

multidisciplinar sobre diversos temas de interesse no continente⁸, os quais merecem ser detalhados.

Eixo de Instrumentação em Estudos Latino-Americanos

O Eixo de Instrumentação em Estudos Latino-Americanos do CAU UNILA, um de seus quatro eixos estruturantes, abarca as disciplinas do CCE e outras duas disciplinas específicas do curso, todas voltadas a fixar uma base comum de conhecimento sobre a América Latina.

No caso de FAL, a proposta da disciplina de quatro créditos⁹ para o seu primeiro semestre é compartilhar o caminho histórico que define a especificidade regional, de modo que “os conteúdos foram articulados particularizando ‘marcos’ históricos que, conduzidos como trajetória, permitem tecer uma ponte analítica que vai desde o processo de Colonização até o presente” (UNILA, 2013, p. 14). Os temas incluem cultura, arte e política na região. No semestre seguinte, a disciplina é orientada ao entendimento da América Latina como uma região diversa (Idem ib.), fundamentada no estudo de questões próprias do continente, desenvolvidas a partir do pensamento político-científico latino-americano. O último módulo da disciplina, em relação direta com a arquitetura e o urbanismo, “tem como finalidade que o aluno atinja uma crítica atual de diversos problemas que concernem ao modelo de desenvolvimento em curso” (Idem ib.) e suas consequências no território.

Desta forma, os conteúdos de FAL I são assim especificados:

- *Culturas pré-colombianas, conquista e colonização da América;*
- *Revoluções de independência e o século XIX;*
- *Constituição do Estado-Nação na América Latina e Caribe;*
- *Clássicos do pensamento da integração latino-americana do século XIX;*
- *Vanguardas artísticas em princípios do século XX;*
- *Os anos 30: Perón, Vargas e Cárdenas;*
- *A Cepal na América Latina. A Teoria da Modernização e as Teorias da Dependência;*
- *Revolução cubana e o clima político dos anos 1960 na região;*
- *Vida cultural dos anos 1960 e 1970: boom literário, arte, música e política na América Latina e Caribe;*
- *Governos autoritários na América Latina;*

⁸ Optamos por designar a América Latina como “continente” por entender que os fatores históricos, políticos e culturais acabam sobrepujando a ideia de uma característica meramente geográfica na definição dos continentes. Nem sempre uma porção única e contígua de terra, a exemplo da África, é a única maneira de designar um continente. Muitas vezes eles são definidos por outros traços, a exemplo da Europa, que divide uma porção única e contígua de terra com a Ásia e ambas são consideradas continentes, dadas suas diferenças históricas e culturais. No caso da América Latina, são designados como seus países todos os que passaram por processo de colonização de nações latino-europeias. Deste modo, dos países mais ao Sul da América do Sul, como Chile e Argentina, passando por América Central, Caribe e chegando à América do Norte, a grande maioria dos países é de origem colonial latina. Classicamente, ao Norte, considera-se o México como última grande fronteira latino-americana, mas não se pode ignorar a conquista ou cessão de terras pertencentes à Espanha e até mesmo ao México pelo ou para os Estados Unidos, tampouco se pode esquecer as colônias francesas na Louisiana e em grande parte do Canadá, o país mais boreal das Américas (ver TORRES, 2001; CASTRO, 1994). O território das Américas, no geral, também chamado *Abya Yala*, ou “Terra Viva”, em franca tentativa de unificação da ideia de continente por parte dos povos originários (PORTO-GONÇALVES, 2015), corresponde hoje em sua maioria à América Latina. Ainda, pensadores latino-americanistas e anti-imperialistas designam este vasto território como *Nuestra América*, no caso do cubano José Martí, ou *Pátria Grande*, como cunhado pelo argentino Manuel Ugarte.

⁹ Cada crédito equivale a uma hora/aula, que na UNILA corresponde a 50 minutos. Disciplinas de 4 créditos mantêm 4 horas/aula por semana, ou 200 minutos por semana, num total de 17 semanas letivas por semestre.

- *Processos de democratização, crise da dívida e a investida neoliberal na América Latina e Caribe;*
- *Globalização e meios de comunicação durante os anos 1990;*
- *Os governos do século XXI na América Latina e Caribe.*

Por sua vez, FAL II, também de quatro créditos, prima por “conhecer a diversidade territorial, econômica, cultural e social na região latino-americana, tendo como objetivo analisar as diversas formas de integração” (UNILA, 2013, p. 23). E, de igual maneira, “propiciar espaços de interlocução, tendo como objetivo analisar as trajetórias, experiências de vida e visões de mundo dos estudantes” (Idem ib.). Para tal propósito, os conteúdos de FAL II são assim definidos:

- *América Latina no contexto Internacional;*
- *Modernização;*
- *Integração Regional;*
- *Visões da América Latina no cinema e audiovisual;*
- *Pensamento latino-americano nos anos 1960;*
- *Panoramas contemporâneos da televisão na América Latina;*
- *África e América Latina e a Diáspora Negra;*
- *Heterogeneidade estrutural e desigualdade social;*
- *Teorias Feministas e a questão de gênero na América Latina;*
- *A composição multicultural dos povos da América Latina;*
- *Sociedades e Estados no marco da multiculturalidade*
- *Existe uma identidade latinoamericana?*

Concluindo este ciclo, em FAL III, disciplina de dois créditos, os conteúdos são organizados em torno de quatro temas distintos: (1) o desenvolvimento das cidades latino-americanas, referente à dinâmica urbana própria da região, abordando desde a especificidade das cidades pré-hispânicas, a criação das cidades coloniais do século XIX, até sua distribuição socioespacial atual; (2) o desenvolvimento rural e a estrutura fundiária na América Latina, detendo-se tanto em sua configuração atual como na correlação de forças que pugna por sua transformação; (3) as grandes obras de infraestrutura; e (4) a biodiversidade na América Latina, a qual, por meio do estudo dos biomas e ecossistemas próprios da região, aborda desde os problemas de conservação ambiental até iniciativas de emprego de energias renováveis. Organizados em tópicos, esses conteúdos podem ficar assim distribuídos:

- *Desenvolvimento das cidades latino-americanas. Urbanização. Migração, dinâmicas urbanas e exclusão social;*
- *Tipos de contaminação nas cidades latino-americanas e seus efeitos no corpo humano. Ecologia integral, saúde coletiva e políticas públicas ambientais urbanas;*
- *As cidades latino-americanas hoje: traçados, mapas mentais da cidade, o imaginário de cidade, a melancolia nas cidades latino-americanas, os impactos urbanos de mega-projetos e mega-eventos*
- *Possíveis soluções para a crise urbana: ecovilas, ecocidades, ciclovias, bioconstrução, hortas comunitárias. “Buen vivir”, ou Sumaq Kawsay;*
- *O campo e a produção de alimentos: terra como função social. A luta pela terra na América Latina;*

- *Alimentação: saúde, prazer, afetos, cultura, economia, meio ambiente. Segurança alimentar. Soberania alimentar na América Latina. Diversidade de alimentos x padronização, massificação;*
- *Campanha mundial e latino-americana contra os agrotóxicos e os OGMs. Mudanças nos hábitos alimentares;*
- *Agronegócio x agricultura familiar. Agroecologia. Avanço da agropecuária sobre os biomas;*
- *Integração regional através das obras de infraestrutura (engenharia). Energias renováveis na América Latina e no Caribe: mercado, tecnologias e impactos socioeconômicos;*
- *Mineração e siderurgia. Neoextrativismo x movimentos sociais. Mega-empresas transnacionais de exploração. Os casos de Belo Monte, Belo Sun, Yanacocha e Vaca Muerta;*
- *Segurança energética na América Latina: água, petróleo, nióbio, lítio, ouro. Ilhas Malvinas, Aquífero Guarani, Aquífero Alter do Chão, Pré-Sal, Salar Uyuni, Renca amazônica etc;*
- *Problemática ambiental: mudança climática, crise hídrica, desertificação e desastres ambientais no continente;*
- *Biodiversidade e “recursos” naturais na América Latina e no Caribe.*

Em adição, há as disciplinas “Introdução ao Pensamento Científico” e “Ética e Ciência”, as quais têm por base a Filosofia, ferramenta primordial para enfrentar o desafio colocado pelo projeto da UNILA, motivo pelo qual

as considerações ontológicas sobre a historicidade e composição multicultural da região requerem, para seu entendimento, metodologias que problematizem criticamente tanto a existência de padrões culturais comuns compartilhados, como dissociações que afastam a especificidade latino-americana de outro tipo de construções identitárias. (UNILA, 2013, p. 6)

Ambas disciplinas do eixo Epistemologia e Metodologia, do CCE, propõem aos e às estudantes uma aproximação geral dos principais problemas da filosofia propriamente ocidental, para que, então, com o domínio de seus princípios, o alunado

possa relacionar os problemas filosóficos ao modelo de sociedade derivado da filosofia ocidental, que aprofunde sua percepção sobre a relação entre produção científica, desenvolvimento tecnológico e problemas éticos, e finalmente, que se aproprie das propostas teóricas oriundas da América Latina. (Idem ib.)

Dito de outra forma, a tarefa filosófica na UNILA objetiva reformular o lugar geopolítico da Filosofia, considerando as limitações históricas e teóricas da filosofia ocidental (Idem ibidem), introduzindo ao e à estudante de Arquitetura e Urbanismo as ferramentas metodológicas necessárias para uma abordagem crítica da sua futura área de atuação profissional.

Completando o conjunto de disciplinas do eixo de instrumentação em estudos latino-americanos do CAU UNILA está o ensino de Línguas Adicionais, isto é, Português para alunos estrangeiros e estrangeiras e, também, para brasileiros e brasileiras cuja língua materna não seja o Português, e Espanhol para brasileiros e brasileiras. O estudo de idioma, para além de pautar o bilinguismo fundante da instituição, é indissociável da compreensão de cultura. Por conseguinte,

as línguas adicionais na UNILA, dão conta da necessidade de transmitir, negociar, aprender e expor percepções sobre si mesmo e sobre o outro. Por fim, o mosaico de percepções (inter)culturais do processo se materializa em mudanças de pensamento, de atitudes, de visões de mundo, fazendo com que professores e alunos se tornem mais abertos a outros valores culturais, ao que é diferente de si (Op. cit., p. 13).

É possível perceber, portanto, que a chegada à UNILA e ao ambiente universitário expõe o e a estudante a “uma base formativa interdisciplinar sustentada na elaboração de pensamento crítico, conhecimento contextual da região latinoamericana e entendimento/manejo do espanhol ou português como língua adicional” (Op. cit., p. 14). Este princípio de conhecimento crítico adiciona às habilidades usuais do arquiteto e urbanista a capacidade de refletir sobre a sua função social no contexto específico da América Latina, constituindo-se importante instrumental na formação do egresso do CAU UNILA.

Finalmente, somadas ao Ciclo Comum de Estudos da UNILA, integram o Eixo de Instrumentação em Estudos Latino-Americanos do curso, as disciplinas “América: Colonização, Invasão e Resistência” e “Poéticas Visuais na América Latina”, as quais não fazem parte do Ciclo Comum da UNILA, sendo ministradas exclusivamente para o CAU. Sob o viés de consolidar uma maior compreensão geral do continente com bases direcionadas para um curso de Arquitetura e Urbanismo, foi entendimento consensual entre docentes e discentes do curso, durante a elaboração de seu projeto político-pedagógico, que a inclusão destas duas disciplinas é primordial para preparar o alunado para o núcleo de disciplinas de conhecimentos profissionais, as quais são, igualmente, atravessadas por questões da América Latina.

Particularidades de Fundamentos de América Latina para o CAU

Faremos a seguir um relato sobre alguns dos semestres de FAL I, II e III ministrados ao curso de Arquitetura e Urbanismo¹⁰, com suas especificidades temáticas e metodológicas. Ainda que, como visto anteriormente, a disciplina tenha um conjunto de conteúdos prévios para cada um de seus três semestres, há uma certa flexibilidade na organização e inclusive no recorte desses conteúdos, privilegiando características das turmas. Por serem disciplinas ministradas nos mais diferentes cursos de graduação, de diversas áreas do conhecimento, é possível e esperado que seus conteúdos sejam adaptáveis às realidades de tais cursos.

No caso de Arquitetura e Urbanismo, o próprio alunado direciona os conteúdos pré-existentes para temas de seu interesse acadêmico, numa bem-vinda apropriação da interdisciplinaridade proposta pela universidade como um todo, mas sobretudo pelo curso em questão e pelo próprio Ciclo Comum de Estudos. É nas disciplinas do CCE que a interdisciplinaridade é mais fortemente materializada, e ao ministrá-las percebemos de modo evidente as diferenças político-metodológicas de cada curso de graduação. Entre estudantes de Arquitetura e Urbanismo há não só maior participação do que a média com os conteúdos tratados por FAL, como também um co-gerenciamiento maior das unidades temáticas. O professor ou professora vai ser a todo instante instado a rever conteúdos, ampliando-os em alguns pontos e sintetizando-os em outros. No geral, o que mais temos observado são pedidos de ampliação e aprofundamento de temas tratados, ou desdobramentos a partir deles, como aconteceu com o tema das vanguardas artísticas do início do século XX, já que

¹⁰ As disciplinas foram ministradas por uma das autoras do texto, nos anos de 2013, 2017 e 2018, além de turmas mistas, não exclusivas de Arquitetura, mas com estudantes do curso. A outra autora, também professora colaboradora de FAL, ministrou para turmas de outras carreiras.

arte e cultura são relevantes e transversais a todo o curso de Arquitetura e Urbanismo, como exposto a seguir.

O futuro ancestral

Dentre os casos emblemáticos, destacamos primeiramente uma turma de FAL I em 2017 para Arquitetura e Urbanismo – que contava também com estudantes das Engenharias e da Economia, já que as disciplinas do CCE são abertas a estudantes de quaisquer cursos, uma vez contemplado o número de vagas do curso anfitrião. De forte conteúdo histórico, como vimos, dentre os módulos previstos para o primeiro semestre de FAL encontram-se os principais fatos que caracterizaram os processos de formação de um pensamento próprio latino-americano e de identidade ao longo do tempo, tanto de cada nacionalidade quanto da totalidade do continente.

Em FAL I é patente a ideia de *integração solidária* que norteou esse conjunto de disciplinas. Nas palavras do professor sênior que orientou a formação e configuração delas, Nilson Araújo de Souza, integração solidária pode ter múltiplos significados, mas destacando-se que “o processo de integração deixe de ser um projeto apenas dos governos ou mesmo dos Estados nacionais para ser um projeto dos povos latino-americanos” (UNILA, 2013, p. 14). Desse modo, a formação de um pensamento próprio no continente – e para o continente – é destacada em FAL I, e assim também o são os movimentos artístico-culturais e comportamentais que caracterizam as vanguardas nas primeiras décadas do século XX e a busca por identidades estéticas marcadamente latino-americanas, seja no modernismo antropofágico brasileiro, seja na arte muralista mexicana, seja no indigenismo andino dos anos de 1930 e 1940 ou no boom literário dos anos de 1960, para citar os casos mais exemplares.

Na referida turma de Arquitetura e Urbanismo, porém, esse conteúdo foi obrigado a ser elevado à quinta potência, já que um período era necessariamente relacionado a outro momento histórico e estético pelos e pelas estudantes. À professora cabia estar preparada para o estabelecimento dessas relações e suas implicações contextuais, seja no preparo prévio das aulas, seja durante as discussões em sala de aula ou no direcionamento futuro de possíveis atividades ou trabalhos.

As vanguardas latino-americanas do anos 1920, particularmente, ganharam amplitude ao se revelarem, aos olhos das e dos estudantes, como matriz estética de movimentos mais do final do século: o modernismo brasileiro da Semana Moderna de Arte de 1922, em São Paulo, por exemplo, desdobrou-se no movimento Tropicalista que imprimiu novos conceitos na música e no comportamento dos jovens do Brasil nos anos 1960. Produzido prioritariamente por artistas da região Nordeste, sobretudo da Bahia, reunidos em São Paulo, como Gal Costa, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Torquato Neto e Tom Zé, o Tropicalismo foi um divisor de águas na chamada Música Popular Brasileira. Gilberto Gil e o grupo experimental paulistano Os Mutantes ficaram conhecidos por introduzir guitarra elétrica, amplificadores e demais recursos eletrônicos na produção musical do país. Além das mudanças tecnológicas, os tropicalistas promoveram profundos resgates do que é ou poderia ser a identidade cultural brasileira, mas através de uma estética em partes futurista, a exemplo dos modernistas de 22.

Nesse aspecto, a máxima que o pensador Ailton Krenak, um grande difusor e defensor do meio ambiente, das identidades e dos territórios dos povos originários, tem repetido nos últimos tempos faz ainda mais sentido: *o futuro é ancestral*.

Igualmente inevitável foi a relação entre modernismo dos anos de 1920 e arquitetura modernista das décadas seguintes, materializada em grandes edificações para fins de moradia ou de uso público nas cidades mais importantes ou emergentes

do país, a exemplo de Brasília, inaugurada em 1960. Ao mesmo tempo, estudantes de outros países da América Latina também estabeleciam relações entre as vanguardas modernistas e a arte produzida nas décadas seguintes, de modo direto ou indireto: a agradável desproporção das formas nas obras do colombiano Fernando Botero, as produções em cerâmica ou literatura de Josefina Plá no Paraguai, a arquitetura modernista das maiores cidades do Chile, Uruguai e Argentina, para ficarmos em alguns exemplos. Ou seja, estudantes de Arquitetura e Urbanismo dialogam com esses conteúdos, estabelecendo relações e compartilhando dúvidas e possibilidades em sala de aula. Não se vê esse nível de interação em outros cursos, mesmo naqueles que envolvem artes visuais, música, literatura, teatro e cinema – nestes casos, apenas uma modalidade artística recebe a atenção, não todas, tampouco há tentativas de apreender um possível entrecruzamento de influências ao longo do tempo entre as diversas expressões artísticas ou entre elas e o momento político.

Arte e cultura como identidade. Passado colonial em comum. Subtração de povos originários. Ciclos econômicos baseados na mercantilização da natureza. Crises econômicas. Dívida externa. Miséria. Ditaduras. Neoliberalismo e dependência. Globalização e aumento das desigualdades. O campo progressista e a tentativa de integração contemporânea da América Latina. Polarizações. Guerras narrativas. Estes são os pontos em comum que os países da América Latina em maior ou menor grau mantêm entre si. Neles são baseados os conteúdos de FAL I. O cruzamento entre áreas e períodos é necessário para a compreensão das complexidades históricas, estruturais, do continente. Relacionar o Modernismo de 22 ao Tropicalismo e este ao momento político e econômico, das ditaduras empresariais-militares, pelo qual, primeiro, o Brasil passava e, depois, o Chile, a Argentina e o Uruguai, além do Paraguai, é uma leitura possível e louvável por parte dos e das estudantes do CAU.

O neoliberalismo dos afetos

Em FAL II, assim como III, identifica-se melhor que “o processo de construção do eixo Fundamentos de América Latina incorporou a ideia de integrar conteúdos em torno a eixos baseados em problemas” (UNILA, 2013, p. 13).

Grandes conglomerados multimidiáticos, grandes conglomerados transnacionais em diversas frentes produtivas (química, agricultura, indústria alimentícia, automobilística, moda, entretenimento), processos de normatização e massificação, capital financeiro internacional exercendo pressão sobre governos e territórios, movimento negro, movimento feminista, violência urbana, consumismo, são tópicos que ganharam destaque em FAL II para Arquitetura e Urbanismo. Em função dos e das estudantes terem identificado o quanto fatores subjetivos são também políticos e influenciados pelos movimentos globais do capital, seja no que comemos ou como nos comportamos, chegamos, em sala de aula de FAL II, à conclusão de que tais processos podem ser definidos como “o neoliberalismo dos afetos”.

O termo veio à tona após assistirmos em aula a trechos selecionados de um Café Filosófico¹¹ em que o professor de Filosofia da Universidade de São Paulo – USP, Vladimir Safatle, trata de diversos aspectos do neoliberalismo, em sessão intitulada “A lógica do condomínio”. Centralizamos a discussão a partir do grande tema abordado pelo filósofo chileno-brasileiro: a vida social como (i) visão tradicional, a saber, sociedades com regras, normas e leis, e como (ii) circuito dos afetos, ou seja, o que

11 Programa semanal produzido pela CPFL Cultura e a TV Cultura/ Fundação Padre Anchieta, caracterizado pela exposição de grandes temas, com foco no contemporâneo. Trata-se, na referida aula, do seguinte vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=zWnD_FYo1sQ&list=PLV73TtsVxuePtANj9RKKZnbHvoEB1yWxl&index=76&t=336s.

constrói laços sociais. A turma envolveu-se de modo orgânico, identificando, a partir do vídeo, o neoliberalismo como forma de vida nas últimas décadas. Uma engenharia social em prol de um modelo de sociedade que organiza e interfere não só em nossa vida social e econômica, mas também em nossa vida psíquica: desigualdade; individualismo e solidão; depressão, vícios, desejos, frustrações e consumismo; pânico, medo e insegurança.

O “neoliberalismo dos afetos” acabou perpassando diversas aulas, pois dialogava de um modo ou outro com praticamente todos os temas de FAL II e também dava sentido a algumas inquietações das e dos futuros arquitetos e urbanistas: as memórias vivas de um continente saqueado, a urbanização sempre aquém das grandes engrenagens de crescimento das periferias, a exploração do meio ambiente e do humano pelo próprio humano, a busca desesperada por soluções individuais em vez de coletivas, a precarização das próprias relações sociais e afetivas.

Na escolha de músicas latino-americanas e respectivos videoclipes para apresentações em grupos sobre problemas contemporâneos do continente, algumas aulas mais à frente, praticamente todas as escolhas e apresentações de conteúdo (analítico-interpretativo) ecoaram o neoliberalismo dos afetos. Isso deixou claro que na turma, também composta em menor grau por estudantes de Geografia e Desenvolvimento Rural, havia demanda para observar de uma perspectiva macro – ou seja, da constituição social e econômica em nível global – o que organiza nossos afetos em um contexto mais local e até mesmo intimista.

Ambiente e identidade

Em FAL III, já em 2018, em um horário destinado à Engenharia Química, alguns estudantes de Arquitetura inscreveram-se, mas pareciam não encontrar seu espaço de interlocução e co-gerenciamento em uma turma tão grande e de interesses acadêmicos e profissionais que soavam bem diversos. Nesse semestre, os grandes módulos temáticos giram em torno de desenvolvimento agrário, urbano, de infraestrutura e ambiental. Embora os tópicos da disciplina dialoguem mais diretamente com o próprio CAU, as discussões aprofundadas e as relações estabelecidas pelos e pelas estudantes de Arquitetura e Urbanismo não se destacaram tanto quanto nas turmas anteriores de FAL I ou II, que se deram em reserva de curso. Entretanto, foi possível observar marcantes diferenças conceituais entre as e os alunos de Arquitetura e Urbanismo e os de Engenharia Química.

Enquanto estudantes de Engenharia demonstravam preocupação categórica com o meio ambiente e a natureza, e discutiam melhores maneiras de proteção, em franca tendência conservacionista e pragmática (LAYRARGUES e LIMA, 2014), estudantes de Arquitetura e Urbanismo viam o ser humano como parte da natureza, por vezes declarando que não se afeta um sem afetar o outro, em visão mais crítica e contemporânea do meio ambiente. Outro ponto de diferenciação foi em relação ao olhar sensível sobre as diversas camadas históricas que existem em um mesmo local, uma mesma cidade, embora nem sempre sejam visíveis – afinal, a história dos espaços constitutivos do continente não se iniciou com a colonização, já que eram previamente habitados por povos originários. E uma nítida relação entre território, ambiente e identidade – isso ficou particularmente visível nos mapas mentais, que estudantes fizeram, de suas próprias cidades.

Futuramente, foi aberta vaga de monitoria para FAL II e diversos estudantes concorreram à nossa vaga, que era única. Quem mantinha as características ideais para o acompanhamento da disciplina como monitora foi uma estudante chilena de Arquitetura e Urbanismo.

O impacto de FAL na formação em Arquitetura e Urbanismo

Recentemente, entre os meses de abril e maio de 2021, recolhemos os relatos de alguns egressos e egressas do CAU UNILA, vindos do Equador, Peru, Venezuela, Chile e Brasil, sobre a relevância de FAL na sua formação e, agora, para o seu exercício profissional. Um dos aspectos mais significativos é o reconhecer-se latino-americano, destacado nos relatos de estudantes de diversos países:

Fue muy importante FAL en mi formación, porque esto me ayudó a reconocermé como parte de un todo, reconocermé como Latinoamericana, como una arquitecta con un enfoque latinoamericano. (Egressa 1, Equador)

As aulas de FAL me proporcionaram um vasto repertório, junto de um senso de reconhecimento [...]. O módulo básico da UNILA me apresentou uma outra visão de mundo e me situou em uma rede internacional de pessoas com as quais eu posso compartilhar pensamentos comuns e uma identidade. (Egresso 1, Brasil)

Además de esta diversidad de enseñanza en FAL, también tuvimos una variedad de estudiantes de otros cursos y países. Por un lado, pudimos entendernos como parte de un grupo, de América Latina. Por otro lado, el encuentro con personas tan diferentes, nos hizo pensar en nuestro propio país de origen [...] FAL también nos despierta a una idea de comunidad, como universidad, como estudiante, como venezolano y como latinoamericano. (Egresso 2, Venezuela)

Perceber e valorizar a produção arquitetônica da região [latino-americana], entendendo que não se estava falando sobre a outra e o outro, mas sobre nós mesmos, só foi possível a partir de um processo de sensibilização que teve início durante o Ciclo Comum de Estudos. (Egresso 3, Brasil)

Ao mesmo tempo em que os conteúdos de FAL auxiliam na construção de uma identidade comum, do ser latino-americano, a disciplina cumpre a missão fundamental de preencher “importantes lacunas sobre a abordagem da América Latina na educação básica do país”, conforme apontou o Egresso 3, brasileiro, ou ainda, de aprofundar os conhecimentos sobre o continente, conforme relato dos agora arquitetos venezuelanos:

Antes de entrar en la universidad ya sentía la curiosidad y la necesidad de conocer y aprofundarme más en los sentipensares y en los conflictos latinoamericanos. Luego de llegar a Unila fue un redescubrimiento, una manera bien intensa de depararme con diferentes realidades, que al mismo tiempo eran muy parecidas. Los intercambios y las confrontaciones de ideas, los conocimientos traídos por cada una de las personas de esos varios lugares las convertían en discusiones muy ricas. (Egresso 4, Venezuela)

Llegar a UNILA y darme cuenta de que América Latina era una base fue un hito muy interesante. A partir de las clases de docentes y profesores de todos los ámbitos hizo posible que tuviera una visión más interdisciplinar de algunos de los problemas del subcontinente que luego abordaríamos con más profundidad en términos espaciales de nuestro curso. Es decir, tuvimos clases con profesores de economía, historia, cine, arte, por nombrar algunos. (Egresso 2, Venezuela)

Nomeadamente, no que tange à arquitetura, vários dos ex-discentes entrevistados e entrevistadas enfatizaram como FAL teria sido um pilar a mostrar o valor da diversidade no pensar e no fazer arquitetura e urbanismo:

Y esto [FAL] queriendo o no me ha hecho valorar ciertos saberes y formas de construir vernaculares. Yo creo que también tuve muchísima suerte de que en mi turma se manejaran personas de distintos países [...]. Es interesante poder dialogar y discutir acerca del cómo se construye en Paraguay, en Perú... (Egressa 1, Equador)

Siendo arquitecto, esta experiencia nos ayudó a percibir como pueden ser las distintas realidades, diversos territorios, diferentes formas de habitar y el deber de respetarlas. Son cosas que vamos desvendando en ese caminar, esa trayectoria, cuyo contacto inicial lo obtuvimos en la graduación dado por el ciclo común de estudios, especialmente en las disciplinas de FAL. (Egresso 4, Venezuela)

En necesario comprender a nuestro territorio como esos espacios donde la característica principal es la identidad y diversidad cultural que es parte de los modos de vivir de cada persona o pueblo. Dentro de las clases de FAL, sobre todo es indispensable entender el desarrollo de las ciudades latinoamericanas, de una manera crítica y analítica frente los diferentes procesos que se llevaron a cabo en cada una de ellas. (Egressa 2, Peru)

As análises e reflexões críticas que fui estimulado a desenvolver na UNILA me ajudaram muito a entender que a arquitetura e os costumes europeus, chamados de “desenvolvidos”, “avançados”, “melhores”, não são a única arquitetura, tampouco única forma de habitar possíveis. FAL, portanto, me ajudou a desenvolver uma bagagem e um olhar mais apurado e mais cuidadoso sobre os costumes, clima, necessidades, corpos, técnicas e materiais construtivos da América Latina. (Egresso 5, Brasil)

Em adição, apesar do pensamento crítico atravessar todo o curso e acompanhar a formação ao longo de pelo menos cinco anos, devemos reconhecer o papel protagonista de FAL a despertar certas reflexões no alunado, as quais não são usuais nas graduações. Tal fato tem-nos sido confirmado informalmente por egressos que seguem em estudos pós-graduados, tendo emergido também nas entrevistas que realizamos sobre FAL:

Em uma área marcada pelo conservadorismo, pelo eurocentrismo e pelo rechaço das minorias políticas, entendo que as disciplinas de FAL contribuem dando um importante passo em direção à formação de profissionais arquitetas e arquitetos, nomeadamente latino-americanas e latino-americanos, que tenham um olhar crítico e sensível aos processos de segregação espacial e de distribuição desigual do espaço rural e urbano no continente (Egresso 3, Brasil)

Cada uno venía con su cultura y sus costumbres, pero cuando salimos de nuestros países es cuando nos damos cuenta con más claridad de que a veces algunas cosas no eran tan correctas y no eran como pensábamos. Este quiebre de paradigma y formación de una visión más crítica fue una de las cosas más significativas en la Unila. Esto es lo que nos hace ser “Unileiro” y ser también Latinoamericanos. (Egresso 4, Venezuela)

FAL fue una gran apertura antes de entrar en los conocimientos específicos del curso. Al final, logramos desarrollar una base crítica y amplia para entender los procesos de una manera más completa, no necesariamente apegada a la idea de Estado-Nación. (Egresso 2, Venezuela)

Fundamentos de América Latina nos entrega la posibilidad de enriquecernos como profesionales, teniendo acceso a información que permite ampliar nuestra visión del mundo (principalmente en América Latina) y de esa forma potenciar nuestro pensamiento crítico. (Egressa 3, Chile)

A despeito do universo restrito das entrevistas, diante dos mais de cinquenta arquitetos, arquitetas e urbanistas já formados e formadas pelo CAU UNILA, o impacto de FAL no ensino de arquitetura e urbanismo é confirmado pelo debate latino-americanista sempre presente e indiscernível da formação na UNILA, reiterada em sala de aula, nos trabalhos de final de disciplina, em projetos de pesquisa, de extensão ou nos trabalhos de graduação. Particularmente, os trabalhos de conclusão

de curso configuram um panorama surpreendente das possibilidades que uma universidade como a UNILA cria, afloradas, certamente, no Ciclo Comum de Estudos.

Arquitetura, território, ambiente e identidade

Se por um lado, todo o curso de Arquitetura e Urbanismo da UNILA compõe uma vasta gama formativa voltada para América Latina, são os primeiros semestres a sensibilizarem o alunado sobre este vasto território e mais, a desenhar as bases para um sentido de comunidade, de um reconhecimento de si como latino-americano ou latino-americana. O resultado tem sido uma miríade de trabalhos de conclusão de curso – TCC – extremamente imbuídos de uma perspectiva latino-americanista, não apenas em respeito à diversidade, mas em diálogo profundo com o pensamento latino-americano¹². Muito dos trabalhos ao longo do curso e, especialmente, os de final de curso, cuja temática é de livre escolha do alunado, mostra a capacidade de entrelaçamento dos futuros e futuras profissionais para o necessário debate sobre arquitetura, território, ambiente e identidade. Vale destacar alguns destes trabalhos, como é o caso dos TCCs de Nidia Zarza e Mercedes Ibañes, que absorvem os ensinamentos guarani e andino para aplicá-los nas soluções arquitetônicas que apresentam para os problemas habitacionais, no Paraguai e no Peru.

Em *La vivienda paraguaya en base a la perspectiva Ñande Rekó*, Nidia Zarza, orientada por Celine Veríssimo, faz uma análise crítica sobre outras formas de viver, isto é, alternativas de produção e reprodução espacial baseada na auto-organização, autogestão e na vida comunitária presentes nas formas de morar tradicionais no Paraguai. *Ñande Rekó*, estruturante de seu trabalho, significa, em Guarani, “o nosso modo de ser”, parte dos conhecimentos tradicionais ambientais dos guaranis, habitantes de um vasto território que compreende regiões da Bolívia, Paraguai, Brasil e Argentina. Para o seu TCC, a estudante levou em conta a importância do espaço exterior doméstico da casa paraguaia para então propor um conjunto habitacional em acordo com os modos de habitar dos paraguaios e paraguaias, sob a luz do *Ñande Rekó*. O resultado é um projeto em harmonia com a natureza e com a cultura local.

Na mesma direção, Mercedes Ibañes, sob orientação de Tiago Bastos e Andréia Moassab, no seu trabalho *La colonialidad del poder el Sumak Kawsay y la asesoría técnica para el mejoramiento habitacional en viviendas adobe*, apontou diretrizes para melhorias habitacionais em casas de adobe do distrito de San Miguel de El Faique, na cidade de Piura, nos andes peruano. Na filosofia andina, Sumak é o ideal, o bom, o belo e a realização; kawsay é a vida, em referência a uma vida digna, em harmonia e equilíbrio com a natureza. Portanto, Sumak Kawsay é, em síntese, a plenitude da vida, princípio a partir do qual foram estudadas as moradias do distrito de San Miguel El Faique. Desta feita, a estudante realizou um diagnóstico de instrumentos urbanísticos e condições habitacionais e infraestruturais do distrito, assumindo a construção em adobe como forma legítima de moradia, ao contrário de usuais medidas que propõem a substituição de construções em terra pelo hegemônico concreto armado. O trabalho aposta na possibilidade de manter as construções em condições de salubridade e segurança, sem alteração no modo de vida e na cultura construtiva local, de forma que os moradores e moradoras possam, assim, se apropriar com dignidade do seu próprio lugar.

¹² Sobre os Trabalhos de Conclusão de Curso do CAU UNILA, ver o texto “O curso de arquitetura e urbanismo da UNILA e a integração solidária de *Nuestra América*”, submetido por Andréia Moassab ao 5º Encuentro Internacional *La Formación Universitaria y la Dimensión Social del Profesional*. Ainda, todos os TCCs são de acesso público, por meio do repositório institucional: <https://dspace.unila.edu.br/>.

Por sua vez, Ruth Galeano, sob orientação de Leonardo Name e Andréia Moassab, valoriza a cultura guarani desde o título de seu trabalho: *Kuña Paraguay Roga: una perspectiva feminista para el albergue de la Universidad Nacional del Este/PY*¹³. Entre as várias questões importantes trazidas pela aluna no que tange à evasão escolar de meninas e mulheres em função da maternidade e formas efetivas para contornar algumas barreiras por meio do projeto arquitetônico, merece ênfase o ambiente exterior coletivo proposto para a moradia, cujo protagonista é o tatakua – um tipo de forno em tijolo e barro. Este forno, particular da cultura guarani, fomenta um fazer coletivo da comida, reunindo diversas gerações da família e da comunidade para participar da elaboração da chipa ou da sopa paraguaia, pratos marcantes na gastronomia paraguaio-guarani. Um dos pontos mais inovadores de seu projeto de moradia é justamente o respeito à cultura local, muitas vezes solapada por uma noção de inovação estritamente vinculada a uma hegemônica “modernidade” que responde mais aos anseios do capital do que às necessidades dos povos.

No que respeita especificamente à conservação ambiental, 15% dos TCCs têm este tema como prioritário, para além de tantos outros que consideram a questão ambiental nas suas mais diversas abordagens temáticas. Sobre esta questão a arquiteta peruana egressa do CAU UNILA, ao ser questionada sobre o impacto de FAL na sua formação, relatou o seguinte:

También es necesario la comprensión a los diferentes procesos históricos, desde la creación de las ciudades prehispánicas, pasando por las coloniales y hasta la distribución socioespacial actual [de las ciudades] que además se encuentra en constante transformación. Entendiendo cómo ese proceso se viene llevando a cabo y cómo viene ocasionando una serie de impactos sociales y medio ambientales. Cada territorio tiene sus propias especificidades, con gran variedad de ecosistemas que en muchas ocasiones por causa de la construcción de grandes obras de infraestructura, se vienen desmatando grandes hectáreas de sectores con gran cantidad de biodiversidad, perjudicando un vez más al medio ambiente. Este es un escenario frecuente en que se disfraza de “progreso” en las ciudades latinoamericanas, que tiene que ser discutido, sobre todo para los profesionales en áreas dedicadas al rubro de la construcción, ya que los daños son irreversibles. Todo lo señalado, tiene que ser debatido con la finalidad de diseñar espacios más saludables y contribuir con una mejor calidad de vida socioambiental de las personas, en sus diferentes territorios que forman parte de su vida. (Egressa 2, Peru)

Outro caso interessante a mesclar identidade e ambiente, foi um dos projetos de Fernando Kawaji, egresso que está à frente de um escritório próprio de arquitetura, cujos conhecimentos diversificados do curso têm propiciado sua distinção profissional no concorrido mercado da construção civil. Relata o arquiteto:

Se o cunho crítico do CAU UNILA me auxiliaram a desconstruir a ideia de arquitetura e cultura únicas e melhores, que seriam as do norte global, FAL colaborou para ampliar meu acervo de referências para construir e projetar outras arquiteturas. Este é o caso do meu projeto recente para área externa posterior da Casa Nedel, no qual usei como principal referência Machu Picchu. Não nas suas características formais, mas em fazer com que a natureza e a vegetação existentes fossem preservadas, no sentido de não removê-las e, também, de manter o destaque na topografia íngreme. Nesse sentido, o desafio para mim foi atender todas as demandas de uso feitas pelo cliente, sem fazer com que as partes a serem construídas se sobressaíssem à natureza do local. A ideia, então, foi implantar o depósito, a piscina e a área de leitura, de forma a “sumirem” na paisagem o máximo possível. O projeto tirou

¹³ Vale destacar que além do espanhol e do português, idiomas oficiais da UNILA, muitos alunos e alunas optam por apresentar um resumo dos trabalhos também em Guarani.

partido do talude do terreno, que muitos entendem como um problema, para fazer com que os elementos construídos “desaparecessem”, mantendo o protagonismo na natureza do local. Ou seja, não fiz uma cópia estetizante da arquitetura inca, a utilizei como modo de abordar e tratar o ambiente, mais do que em sua aparência.

Vale ressaltar que em nenhum destes trabalhos há uma redução cenarística da cultura local, o que parece ao longo da formação na UNILA ter sido bem consolidado. Pelo contrário, há uma compreensão das filosofias ancestrais atualizadas nos projetos arquitetônicos, por meio de propostas que usam materiais locais, em sintonia com a natureza, os modos de morar de seu público alvo e as identidades locais.

Este relato tem a função não só de expor a relação orgânica que o Ciclo Comum de Estudos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana mantém com um dos eixos do curso de Arquitetura e Urbanismo, mas também de reconhecermos uma certa materialização da função social da universidade e do próprio CAU através dele, sobretudo no conjunto de disciplinas de Fundamentos de América Latina – FAL I, II e III.¹⁴ Isso fica evidente no exercício da memória, com a consulta às anotações de sala de aula e aos planos de ensino por parte de nós, professoras, e principalmente nos depoimentos de arquitetos, arquitetas e urbanistas formados pela UNILA. Lançar o olhar para o caminho percorrido é identificar nas práticas até aqui realizadas a efetivação do projeto político-pedagógico do curso e a função de FAL nesse processo. O que temos visto, tanto em termos dos eixos de instrumentação do CAU, quanto da própria disciplina aqui tratada, nos mostra que este é, de fato, o caminho.

Referências Bibliográficas

CASTRO, Therezinha. *Nossa América: geopolítica comparada*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1994.

LAYRARGUES, Philippe; LIMA, Gustavo. As macro-tendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. *Ambiente & Sociedade*, v. 17, n. 1, p. 233-240, 2014.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. Abya Yala. *Enciclopédia Latino-Americana*. São Paulo: Boitempo, 2015. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>.

TORRES, Sonia. *Nosotros in USA: literatura, etnografia e geografias de resistências*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

UNILA (2013). *Projeto pedagógico: Ciclo Comum de Estudos*. Disponível em: <https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/PPC2%20do%20CICLO%20COMUM.pdf>.

¹⁴ Em julho de 2021 foi apresentada proposta de reformulação do Projeto Pedagógico do Ciclo Comum de Estudos, desenvolvida por uma comissão de reestruturação, a ser aprovada por instâncias superiores da Universidade. Nela, as maiores alterações aparecem justamente em Fundamentos de América Latina (FAL), que passa a se chamar Estudos Latino-Americanos e Caribenhos (Elac) e a ser assim distribuída: Elac I: Território, Cultura e Sociedade, Elac II: Território, Sustentabilidade e Tecnologias, e Elac III: Território e Integração Regional Contemporânea. Primeiro e terceiro semestres mantêm a carga horária anterior, com respectivamente 4 e 2 créditos, mas o segundo passa de 4 para 2 créditos. Há riscos de que FAL (agora Elac), enquanto disciplina-chave da própria proposta da universidade e sua função social, seja descaracterizada. Essa, porém, não é a primeira reformulação a que FAL - e o Ciclo Comum como um todo - passa. Nos primeiros três anos da Unila, a disciplina chamava-se América Latina Una e Diversa e tinha uma carga horária bem mais ampla.

VIEIRA-ROCHA, E. *Metodologia Adotada para a Construção do Projeto Universitário da UNILA*. Revista Iberoamericana de Educación Superior, vol. II, n.5, 2011. Disponível: <http://ries.universia.net>. Acesso: 05/09/12.

Autoras

Andréia Moassab. Arquiteta e urbanista, mestre e doutora em comunicação e semiótica. Foi a primeira docente e a responsável pela elaboração do projeto político-pedagógico do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNILA. É organizadora, com Leo Name, do livro “Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo”, publicado em 2020. É coordenadora do MALOCA – Grupo de Estudos Multidisciplinares em Urbanismos e Arquiteturas do Sul. andreia.moassab@unila.edu.br

Ana Sílvia Fonseca. Jornalista, linguista, docente do Ciclo Comum de Estudos da UNILA, faz parte do MALOCA – Grupo de Estudos Multidisciplinares em Urbanismos e Arquiteturas do Sul, é coordenadora de Comunicação do Observatório Educador Ambiental Moema Viezzer, integrante da coordenação dos projetos Doc Ambiente e Cineclube Cinelatino, e pesquisadora da relação entre arte, comunicação e percepção ambiental. ana.fonseca@unila.edu.br

ALGUNOS DOCUMENTOS HISTÓRICOS Y ANTECEDENTES

ALGUNS DOCUMENTOS HISTÓRICOS E ANTECEDENTES

Se publican a continuación documentos que marcan el inicio y el fin del Taller Total, y también, entre otros, algunos que registran la lucha por rescatar la memoria de esta experiencia.¹

Publicam-se a continuação documentos que marcam o inicio e o fim do Taller Total e, também, entre outros, alguns que registram a luta para resgatar a memória dessa experiência.²

1 Publicados en el Libro 2º ENCUENTRO INTERNACIONAL LA FORMACIÓN UNIVERSITARIA Y LA DIMENSIÓN SOCIAL DEL PROFESIONAL- 2016. Disponible en <https://tallertotal2021.wixsite.com/5encontro/anais>. Acceso: 30/06/2021

2 Publicados no: “Libro 2º ENCUENTRO INTERNACIONAL LA FORMACIÓN UNIVERSITARIA Y LA DIMENSIÓN SOCIAL DEL PROFESIONAL- 2016”. Disponível em <https://tallertotal2021.wixsite.com/5encontro/anais> Acesso: 30/06/2021

PUESTA EN MARCHA DEL TALLER TOTAL

Aprobada el 2/9/1970 - Ordenanza N°2

UNIVERSIDAD NACIONAL DE CORDOBA
FACULTAD DE ARQUITECTURA Y URBANISMO
AV. VELEZ SARSFIELD 264 - CORDOBA - ARGENTINA

Córdoba, 2 de setiembre de 1970.

VISTO:

la propuesta formulada por los docentes de Composición Arquitectónica referida a la fundamentación, contenido, organización y dispositivos para la puesta en marcha del Taller Total de dicha asignatura, y

CONSIDERANDO:

que es necesario comenzar el inmediato desarrollo del mismo a los efectos de que los alumnos inicien su actividad en los cursos de Composición Arquitectónica;

que, por otra parte, existen disposiciones adoptadas previamente por el Consejo Académico que contrarían las contenidas en la mencionada propuesta del Plan Total.

Por lo expuesto, y en uso de sus atribuciones,

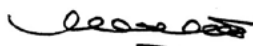
EL DELEGADO INTERVENTOR DE LA
FACULTAD DE ARQUITECTURA Y URBANISMO
O R D E N A :

ARTICULO 1º. - Aprobar la propuesta formulada por los docentes de Composición Arquitectónica -propuesta cuyo texto se agrega a la presente Ordenanza formando parte integrante de la misma- y disponer, en consecuencia, la puesta en marcha del Taller Total de todos los cursos de la mencionada asignatura a partir del día de la fecha.

ARTICULO 2º. - Derogar la Ordenanza N° 1/70 y las Resoluciones N° 26, 32, 33 y 37/70 y el Artículo 3º de la Resolución N° 65/70 dictadas por el Consejo Académico.

ARTICULO 3º. - Comuníquese, dese al Registro de Ordenanzas y archívese.

ORDENANZA N° 2


Arq. MARCELO NOVILLO CORVALAN
SECRETARIO





Arq. JUAN CARLOS FONTAN
DELEGADO INTERVENTOR

Fuente:
FAUD-UNC.


DOCUMENTO DE CIERRE DEL TALLER TOTAL

En 31 de Marzo de 1976

A 40 años del golpe de estado de 1976  1976 - 2016
memoria, verdad y justicia
UNC

« El Archivo en la calle »

EXPRESO N. 20
1-IV-75
NOTA N° 42

Exp.º/nº 
UNIVERSIDAD NACIONAL DE CORDOBA
(REPUBLICA ARGENTINA)

CORDOBA, 31 de marzo de 1976

Al señor Delegado Militar
en la Secretaría de Asuntos Universitarios
Comandante Roberto Velazco Ordóñez
BUENOS AIRES

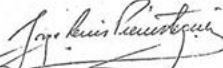
UNIVERSIDAD NACIONAL DE CORDOBA
MESA DE ENTRADAS Y SALIDAS
12 ABR. 1976
EXPEDIENTE
21-76-6463


De mi consideración:


Tengo el agrado de elevar a usted los nuevos planes de estudio de algunas de las Facultades dependientes de esta Universidad que han sido aprobados y que entrarán en vigencia en el presente año lectivo.


Los planes de estudios, en su conjunto responden a la adecuación de los fines de la Universidad Nacional de Córdoba a las necesidades regionales y zona de influencia; sin embargo destaco la importancia de la implantación del nuevo plan a entrar en vigencia en la Facultad de Arquitectura y Urbanismo ya que ello supondrá la supresión del plan anterior que organizó e implementó el Taller Total sistema que favoreció el aprendizaje de ideología marxista lo que, consecuentemente dió lugar a que la Facultad se convirtiera en un Centro Político, propio de la subversión.


Sin otro particular, saludo a usted.



General Jorge Luis Pierrestegui
Delegado Militar en la Universidad Nacional de Córdoba



 h Archivo General e Histórico UNC

 SG Secretaría General

 UNC

 Expediente 21/76/6463. F1r Conservado en el Archivo General e Histórico de la UNC

Fuente: Archivo
"Doctor Victorino
Rodríguez" (2016).

MESA REDONDA: a 30 años de la creación del Taller Total

Presentación del Profesor Titular arquitecto Juan José BARI³

Interpretar y evaluar críticamente la experiencia del Taller Total, obliga a un ejercicio de memoria, a su ubicación histórica y necesariamente a establecer sus colindancias.

Hay un antes, un durante y un después, ya que el Taller Total constituyó una especie de paréntesis.

El antes significa ubicarse en la década del 60; el durante, en la época que va desde el golpe militar del 66 al 76, donde el Taller Total se origina, desarrolla y desaparece, y el después, en dos etapas, la del Proceso militar y la del período democrático actual.

Las consideraciones sobre el momento histórico en que se desarrolla y las características de su estructura pedagógica, formas operativas, contenidos, etc. han sido expuesta previamente y son el marco referencial desde el que se hacen estas reflexiones.

La creación del Taller Total es parte de un proceso que se inicia en la década del 60 por inquietudes de estudiantes y docentes, reflejadas en una pequeña publicación titulada “Objetivos de un Plan de Estudios”, y en los “Encuentros Internos de Docentes y Estudiantes” en la FAU, originados en la Conferencia Latinoamericana de Facultades de Arquitectura, de Alta Gracia en 1964, durante el Decanato del Arq. Bernardino Taranto.

Existía una problemática común en las Facultades y Escuelas de Arquitectura que giraba – como hoy – alrededor de temas que hacían a la definición del rol profesional del Arquitecto ante el escenario que presentaba el mundo en ese momento, y en consecuencia la necesidad de responder en términos de la enseñanza a esas circunstancias. Se presentaba como necesaria la transformación de las estructuras clásicas que ofrecían las facultades, la redefinición de sus objetivos, de sus contenidos, de los métodos de enseñanza-aprendizaje.

Destacar esto es fundamental: se reconocía el desajuste, se asumía la circunstancia y se intentaba proponer en consecuencia.

La Universidad Argentina en general ha sido siempre una Institución muy sensible a los vaivenes políticos que ocurren en el país. Ha manifestado con rapidez su carácter de “caja de resonancia” de esas circunstancias políticas y la constitución de sus autoridades y formulación de líneas pedagógicas, las reflejan.

Al mismo tiempo no ha sido, ni es, caja de resonancia, ni participa con igual grado de sensibilidad en la generación de conciencia y resolución de los problemas de la sociedad contemporánea. Refleja los cambios sociales, pero no asume ni participa, con su potencial dimensión institucional, en la resolución de su problemática. Idénticas consideraciones valen para las diversas Facultades que la conforman.

³ Transcripción de la alocución del entonces Profesor Titular arquitecto Juan José BARI en oportunidad de realizarse la Mesa Redonda, realizada el 01/09/2000, recordatorio de los 30 años de la sanción de la Ordenanza 02/70 que crea el Taller Total como organización académica para la Cátedras de Composición Arquitectónica de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Nacional de Córdoba.

El Taller Total pretendía, desde la formación profesional, acudir a la resolución de esos problemas, en su campo específico.

La década del 60 que precede al Taller Total es quizás uno de los picos más altos en prestigio y calidad de la Universidad Argentina. En la década del 60 soplan aires universales de esperanza en el futuro, de cambios anhelados, de utopías. El Tercer Mundo emerge de la sombra de los imperios coloniales en retirada y sus carencias impactan. La confianza ilimitada en la ciencia y la tecnología que siguen a la Segunda Guerra Mundial y la cultura que de ello deviene, como asimismo el Mayo Francés, la Revolución Cubana, los movimientos de independencia en un mundo polarizado entre dos sistemas políticos y económicos antagónicos, entre cuyos intersticios se intentaban ubicar aquellos países emergentes, son parte del panorama general que referencia la época. En el ámbito local, el año anterior al comienzo del Taller Total, se producía el Cordobazo. Es curioso que en una época en que se suspendían y restringían las libertades civiles y el aparato represivo estatal comenzaba a tomar la forma atroz que culmina durante el Proceso Militar, un proyecto con las características del Taller Total fuera cobrando cuerpo.

De todas maneras era una época donde todo cambio parecía posible y mejor. El Taller Total es fruto de ese momento de proyectos de cambios y esperanzas.

La construcción del Taller Total fue traumática y controvertida. Difícilmente podría haber sido de otra forma teniendo en cuenta que significó la modificación íntegra de una estructura de poder, pedagógica, de contenidos, sistemas de enseñanza y aprendizaje, roles docentes y estudiantiles, etc., cuestiones todas estas que tocaban intereses docentes, desde el punto de vista académico y desde el punto de vista de la estructura de poder, e igualmente proponía ideológicamente, teorías sobre la Arquitectura, el rol profesional, el compromiso con la realidad social, etc., que se oponían a concepciones consolidadas y vigentes de otro sentido.

Con algunas excepciones, el inicio del Taller Total contó con el apoyo, participación y compromiso estudiantil y docente general y hubo un esfuerzo y voluntad individual y colectiva para producir las modificaciones necesarias para llevar a cabo sus objetivos. Este aspecto es destacable, ya que no se podría producir un cambio tan rotundo sin un consenso generalizado.

Tal cambio constituyó un hecho inédito en el ámbito de la Universidad de Córdoba, o mejor dicho la voluntad de cambio que requería e implicaba la propuesta del Taller Total. Inédito por la decisión política de llevarlo a cabo y por el mecanismo puesto en práctica para hacerlo, en el que intervienen docentes y estudiantes haciendo confluír aspiraciones, intereses y objetivos.

Evaluar la propuesta teórica del Taller Total y sus resultados prácticos a lo largo de sus casi 5 años de vida –del 70 al 75- con la densidad propia de un proceso de esa naturaleza, remite, en el tiempo disponible, a intentar ponderar aquellos aspectos significativos del plan y sus postulados y de las actitudes que lo posibilitan, sin intentar en su mención un orden de jerarquía, y que hacen a aspectos de la política académica, de la estructura de poder, al rol profesional, al rol estudiantil y docente, a los métodos de enseñanza-aprendizaje, a los contenidos generales y emergentes, a la carrera docente, etc.

La primera consideración sobre el Taller Total es que es original, en el sentido de que no hay un antecedente directo. La segunda consideración es que no deja descendencia local: nace, se desarrolla, desaparece y es avistado en tierra desconocida.

El primer aspecto necesario a remarcar es la decisión política que lo origina, y su atención a la realidad local y general que lo circunda y a la que intenta dar respuesta.

La voluntad de cambio que acompaña la decisión política, que integra democráticamente a los involucrados en el proceso de enseñanza y aprendizaje, y que sin tal voluntad resulta estéril.

La conciencia puesta en la atención a la demanda social que evidencia y emerge de esa realidad social, considerada como una categoría fundamental, base de partida y que proporciona la temática unitaria de diseño, sujeta a investigación disciplinar e interdisciplinar, y que acerca la posibilidad de intervención real en el medio en forma de extensión universitaria. La Facultad tomaba una demanda particular (arquitectura sanitaria, educativa, etc.) cuya investigación interdisciplinar, estrategias de intervención, definición programática y alternativas de diseño, involucran al conjunto de los niveles, desarrollando las prácticas según escalas correspondientes y a partir de marcos teóricos referenciales de formulación colectiva.

Y en función de lo anterior, la convicción de la necesidad de ubicar al estudiante en la realidad global desde el inicio mismo de su vida universitaria. Cualitativamente el estudiante de arquitectura comenzó a pasar de ser un receptor pasivo de conocimientos, a un actor comprometido y consciente, con la posibilidad de obtener una visión global de toda la carrera y con una modificación de roles que tienden al desempeño docente de los alumnos de los niveles superiores, en el sentido de que el alumno aprende del alumno, en su integración en el Taller.

La construcción de una estructura de poder político-académica basada en la participación del conjunto Docente-Estudiantil, representada por los Coordinadores de los distintos Talleres y por los Coordinadores de Áreas de Conocimiento, elegidos cada cual en el seno del ámbito que actuaban.

El ofrecer un sistema de relaciones que posibilitaba la integración práctica y teórica de áreas de conocimiento en sí y entre sí, con el objetivo directo de la integración de aquellos conocimientos en la práctica del Taller.

La sustitución de la Cátedra tradicional por el Equipo de Trabajo integrado por Docentes de todas las Áreas, bajo la coordinación de un miembro elegido por el Equipo. Tal situación posibilitaba desde el inicio, al abordar una temática particular a resolver, la formulación de todas las variables que hacían al problema, encarado desde una perspectiva interdisciplinaria y dirigida a lo específico.

Con este sentido se incorporaron a la planta docente, profesionales de otras disciplinas, que tenían que ver con los problemas del hábitat, además de aquellos que eran convocados para atender temas particulares. En este aspecto es de destacar la incorporación por primera vez en la Facultad, de un Equipo permanente de psicopedagogía que atendía la formación docente y las prácticas de enseñanza-aprendizaje.

Desaparecieron las jerarquías docentes vigentes tal cual hoy las conocemos y fueron reemplazadas por dos categorías: el Docente en Formación y el Docente Formado. Como se comprenderá este aspecto fue resistido y objeto de serias controversias.

Se formuló una Carrera Docente acorde a la estructura propuesta, apoyada por cursos de Formación Docente y sujetas a Evaluaciones Temporales, realizadas por los Equipos de Trabajo docente-estudiantil.

Se puso en práctica, de acuerdo a la propuesta anterior, un sistema de concursos por Áreas de Conocimiento, que flexibilizaban la planta docente y permitían, sin perder un docente particular su especificidad, integrar referencialmente su teoría

y su práctica.

Un elemento singular fue la significativa producción de publicaciones, que aportaban investigación temática general y específica, criterios sobre metodologías y procesos de diseño (vede Taller Total de la época), criterios pedagógicos, contenidos generales y particulares por Areas, etc., elaboraciones todas de carácter colectivo y de aplicación directa a los Talleres. Alguna documentación existente sobre temas del planeamiento y la arquitectura sanitaria mantienen su vigencia. No queda registro alguno de todo ese material en la actual Facultad.

La elaboración y compatibilización de contenidos por las Areas (no por las Cátedras) en dos sentidos: aquellos conocimientos de carácter general y permanente y aquellos conocimientos emergentes, que surgían de las temáticas abordadas.

Y quizás uno de los elementos más importantes, a la luz de los requerimientos actuales: la conciencia de que **el Taller de Diseño**, integralmente entendido - no la Cátedra de Arquitectura - es **el lugar de la Síntesis del Diseño Arquitectónico**.

Un ejemplo de su significado es el siguiente: una Cátedra de Tecnología o Construcciones que pretenda hoy aplicar su conocimientos específicos no encuentra el objeto de aplicación y deberá: a) desarrollar su propio proyecto, b) tomar uno hecho y vestirlo, o c) enseñar partes, detalles, y no un sistema constructivo, cuando lo deseable sería su integración teórico práctica oportuna en un proyecto de diseño integrado.

Se establecieron dos ciclos, el Básico y el Superior, que no llegaron a integrarse. Me referiré al primero, con algún detenimiento porque allí realicé mi experiencia docente original. Este equivalía al primer año de la carrera, recibía a los estudiantes ingresantes y adoptaba un carácter de Taller de integración horizontal. Los docentes del Area de Diseño desarrollaban todos los contenidos y prácticas que hoy realizan las cátedras de Arquitectura I, Sistemas de Representación Gráfica y Comunicaciones, integrándose en el Taller de Síntesis los docentes del área de Ciencias Sociales y Tecnología. El tema era único y la verificación de los distintos contenidos de las áreas se realizaba sobre la práctica unitaria en el Taller. La programación, contenidos, métodos, ejercitaciones prácticas, etc., eran elaborados por el conjunto de los docentes y las evaluaciones de cada área se realizaban sobre el trabajo único de diseño, además de aquellas ejercitaciones particulares que pudiese requerir cada área. La temática general respondía a la acordada para todos los niveles y cuyo marco general servía de referencia... Seguramente por su menor complejidad, los resultados y producto de este ciclo fueron significativos y alentadores. El ciclo Superior, de estructura mas compleja operaba en vertical, organizado en distintos talleres, y en horizontal, según los niveles.

Se señala, que el número de ingresantes y la relación docente-alumno eran similares a las actuales, y que el régimen de semidedicación docente que hoy alcanza a la gran mayoría de la planta docente fue conseguido en esos momentos y constituyó y sigue constituyendo una particularidad.

Estos son algunos de los aspectos fundamentales que mi memoria alcanza a rescatar del Taller Total. Seguramente los presentes recordarán otros, de igual o contrario signo.

Existen circunstancias a destacar que generaron situaciones críticas y no deseadas, que es necesario puntualizar y que es necesario entenderlas en el contexto en que se dieron, y que como cualquier caso, de la letra a la práctica el proceso no es lineal, es dialéctico y controvertido, con marchas y contramarchas.

Un elemento crítico fue un sistema de decisiones demasiado extendido que se hacía complejo en términos operativos. Otro fue un creciente descontrol sobre la

producción grupal de los estudiantes y el número de sus integrantes. Y también la desigualdad cualitativa entre distintos Talleres.

Y en el aspecto teórico, observado con la distancia que otorga el tiempo, estuvo ausente la perspectiva e instrumentación histórica y la dimensión que ésta aporta a las Teorías y prácticas de la Arquitectura.

Todos estos y muchos otros elementos críticos fueron formulados orgánicamente dentro de la misma estructura del Taller Total. Es decir que había conciencia propia de sus déficit e intención de superarlos. Prueba de ello es el documento que evalúa su primera etapa.

Y por último quisiera referirme el grado de politización – de carácter partidario – que adquirieron los diversos Talleres y que, paralelamente, según avanzaba el proceso, se diluían elementos disciplinares en las prácticas y teorías en los Talleres. Aquí es donde su ubicación en el contexto resulta básico para ejercer una crítica constructiva.

Tal fenómeno de politización no lo produce el Taller Total. Estaba en el medio, era parte de la vida cotidiana y afectaba a toda la estructura social argentina. La Facultad de Filosofía no tenía un Taller Total, ni tampoco otras de la Universidad de Córdoba. Sin embargo fueron igualmente arrasadas.

La descripción del momento histórico es explicación elocuente de lo anterior y la estructura abierta del Taller Total resultaba un campo apto para ello. Este dato de la realidad ha sido el más usado en la crítica del Taller Total y creo que de ninguna manera invalida su propuesta teórica. No hubo oportunidad de reflexionar sobre su práctica y producir los ajustes convenientes, pues se interrumpió bruscamente su proceso.

A posteriori, el Taller Total nunca fue evaluado institucionalmente; es más, su sola mención es casi una mala palabra. La censura y autocensura impuesta sobre el tema tiene vigencia actual y parecería como si su mención, reivindicación, o simplemente, el abordar la problemática que plantea, hace a quien la efectúe factible de sospecha política.

Sin embargo, como en aquellos casos de falsa conciencia, la Facultad ha tomado del Taller Total, silenciosamente – en el sentido de no citar las fuentes -, conceptos que al menos en el texto, en las declaraciones, en el lenguaje, hoy están presentes.

De la estructura general del Taller Total descrita, subsisten las Áreas (o Departamentos) que no tienen acción y efecto real en sus Campos de Conocimientos específicos. Subsiste el espíritu y la necesidad de una Carrera Docente, nunca concretada. Subsiste solo en el **discurso académico** de las Cátedras y en los enunciados de Planes de Estudios y propuestas pedagógicas pre-concursos, el criterio del carácter sintético del diseño arquitectónico y la necesidad de la integración de las teorías y de las prácticas en los procesos de enseñanza y aprendizaje. En realidad subsisten enunciados que no se reflejan en las prácticas... y subsisten problemas.

Es demostrativo, por ejemplo, que en la Facultad, disponiendo de Institutos de la Vivienda, del Ambiente, de Historia, etc., no se hayan dispuesto mecanismos o generado la conciencia de la necesidad de la participación de estos Institutos con sus investigaciones, en las temáticas que encaran las Cátedras de Diseño actuales y desde los cuales se debería aportar a la conformación de marcos de referencias que permitieran trabajar sobre bases más reales. Es demostrativo el desconocimiento mutuo o en todo caso indiferencia mutua respecto del quehacer de cada cual... Sería posible continuar con más ejemplos, pero en definitiva creo que estamos enseñando y aprendiendo entre medianeras.

Para finalizar,

El Taller Total desaparece a partir del año 75, siendo decanos los arquitectos Rossi Fraire y Livi, y se retorna a la estructura por Cátedras, hoy vigente. Igual vigencia tienen los problemas que hoy nos afectan y que el Taller Total intentaba abordar.

El Taller Total solo dura 5 años. Su proceso no fue de ninguna manera lineal y se desenvuelve entre diversas acciones y reacciones. El paréntesis que significó el Taller Total fue borrado del mapa. Esta acotación no es figurativa; es concreta: no existen en los registros de la Facultad huellas significativas del Taller Total, ni siquiera de las innumerables publicaciones y trabajos que produjo, la mayoría de ellas realizadas colectivamente. Fueron retiradas de las bibliotecas y quemadas. Para la celebración de este 30º aniversario fue necesario recurrir a documentación aislada y puntual que conservaban algunos de sus protagonistas y a la memoria.

Queda por preguntarse, a la distancia y con la perspectiva que eso ofrece, si un esfuerzo de esa naturaleza, con todos sus aciertos y errores, experiencia hoy irreplicable, pero posible de extraer de ella elementos sustanciales para esta realidad, merezca 30 años de silencio, silencio que en su origen dio pretexto a la expulsión, discriminación y eliminación física de docentes y estudiantes.

El honor a estos últimos merece un ejercicio de memoria.



Imagen de la Portada del Libro *Arquitectos que no fueron*, disponible en <https://rdu.unc.edu.ar/handle/11086/5545> Acceso: 20/06/2021

CARTAS AL RECTOR en 2013

De Arquimedes A. FEDERICO

CORDOBA, 02 de Septiembre de 2013

Al Sr. Rector de la Universidad Nacional de Córdoba
Dr. Francisco TAMARIT

CARTA ABIERTA

Yo tampoco “perdí la memoria”
Verdad y la Justicia en la UNC

Otro 02 de setiembre pero de 1970, con las firmas de los Arquitectos **Juan Carlos Fontan** (Delegado Interventor) y **Marcelo Novillo Corvalán** (Secretario) se sancionaba la Ordenanza N° 2 que aprobaba la propuesta formulada por los docentes de Composición Arquitectónica referida a la fundamentación, contenido, organización y dispositivos para la puesta en marcha del **TALLER TOTAL**.

Propuesta resultante de un proceso que tuvo su punto de inflexión en oportunidad de la Conferencia Latinoamericana de Escuelas y Facultades de Arquitectura de Alta Gracia del año 1964.

Han pasado exactamente 43 años.

En este presente y con el lema Memoria, Verdad y Justicia se propone que las atrocidades de la dictadura cívico-militar que se instaló el 24 de marzo de 1976 no queden impunes.

Pero fijar esa fecha como un límite, resulta caprichoso, tendencioso y sesgado porque termina ocultando el proceso previo o dicho de otra forma, ocultando un desarrollo histórico que incomodó el ayer e incomoda el presente.

El actual secretario de Derechos Humanos, **Martín Fresneda**, dijo que entre los desafíos de su cartera se encuentra el de resolver *“cómo damos vuelta una página de esta historia con más memoria, verdad y justicia, y no con reconciliaciones ni olvidos ni impunidad”*.

Y es en tiempos en que la Universidad Nacional de Córdoba transita los festejos de sus imprecisos 400 años de existencia, que se hace necesario, imprescindible, poner en evidencia que antes de aquella caprichosa fecha, en su seno se vivió la instancia superadora de la Reforma del 18 que, sin explicación alguna, no ha figurado dentro de los grandes acontecimientos que signaron su trayectoria.

El manto de silencio que estoy denunciando no es de extrañar, pues después de la muerte del General Juan Domingo Perón, pasando por el proceso militar y los sucesivos gobiernos de la actual etapa democrática ha sido una constante fogueada

desde distintos sectores politizados e interesados que como una línea quebrada pero continua, han marcado el perfil de nuestra Universidad Nacional de Córdoba.

Situación ésta entendible, porque en el presente nuestra Universidad tampoco logra alcanzar las bases programáticas de aquella Reforma de principios del siglo XX: Cogobierno estudiantil, Autonomía universitaria, Docencia libre, Libertad de cátedra, Concursos con jurados con participación estudiantil, Investigación como función de la universidad y Extensión universitaria y compromiso con la sociedad.

El **TALLER TOTAL** adquiere forma institucional en plena dictadura militar. Más precisamente con el Gral. Roberto Marcelo Levingston a cargo del ejecutivo nacional, considerado un gobernante duro y feroz, continuador de las políticas impopulares y represivas de su predecesor el Gral. Juan Carlos Onganía.

Al **TALLER TOTAL**, como expresé antes, comienzan a silenciarlo un año y medio antes del trágico 24 de marzo de 1976.

En ese lapso de 5 años, a pesar de los que todavía minimizan su trascendencia adjetivándolo como una “experiencia educativa” fue capaz de poner en discusión un modelo de universidad todavía imperante y desarrollar, materializar y reelaborar instancias nítidamente superadoras, configurando un proceso completo e insuperable en el tiempo transcurrido desde aquel 02 de setiembre de 1970.

Cuestiones que su concepción materializó:

- Enseñanza-aprendizaje desde la perspectiva que la realidad demandaba, como objeto de estudio y compromiso social que sintetizaban en un mismo tiempo y espacio, la Formación, la Investigación y la Extensión;
- amplia libertad ideológica en el enfoque, estudio y respuesta a esa realidad;
- organizado con un Ciclo Básico (primer año) diseñado como una unidad de trabajo autónomo que resolvía la necesaria, imprescindible transición entre la enseñanza secundaria y la universitaria, un Ciclo Medio (segundo, tercer y cuarto año) caracterizado por una fuerte instrumentación y síntesis conceptual específica, conformando el Equipo de Trabajo con el Ciclo Superior (quinto y sexto año) quienes cerraban su proceso formativo;
- integración vertical y horizontal de los distintos niveles de la enseñanza que además de homogenizar la comprensión de la realidad objeto de estudio, posibilitar un dinámico y enriquecedor intercambio de conocimientos y experiencias;
- modelo de gobierno con auténtica participación directa de docentes y estudiantes, con instancias en horizontal y en vertical, ajeno a las componendas habituales en las instituciones universitarias a que nos tienen habituados los intereses políticos-partidarios;
- jurados abiertos con docentes, estudiantes e invitados;
- carrera docente pensada como ruptura de un verticalismo feudal, calificando solo dos etapas ineludibles: docente en formación y docente formado, ambas cruzadas por una fuerte demanda de calidad, participación y compromiso;
- inédito Equipo Pedagógico atento a un desarrollo evolutivo del proceso;
- mecanismos de evaluación permanente tanto para docentes como para estudiantes, por docentes y estudiantes;
- disciplinas extra-curriculares como Antropología, Economía y Ciencias Sociales como apertura de una enseñanza universitaria más profunda e integradora;
- temática anual (vivienda, salud, educación) que demandaban además de los

contenidos básicos curriculares, contenidos específicos, generando estos una nueva dinámica en la calidad, individual y colectiva docente y una ruptura con el modelo de materias por Campos de Conocimientos agrupados por Areas específicas;

- desarrollo conjunto y presencial permanente (semidedicación efectiva) del cuerpo docente en las tareas de instrumentación y síntesis;
- producción bibliográfica propia en cantidad y calidad, inédita en la historia de la universidad toda y demandada desde otras universidades del país;
- programación anual anticipada, lo que permitía: certeza en el proceso, contenidos y bibliografía perfectamente analizados y evaluados, con invitados de alto prestigio en las temáticas a desarrollar en el proceso académico inmediato;
- organización y distribución equilibrada de los docentes en los Equipos de Trabajo, tendiente a garantizar homogeneidad y equidad, con participación directa docente-estudiantil;

En su presencia temporal conoció de cuestionamientos, descalificaciones, expulsiones, prisiones, torturas, muertes y desapariciones.

En su ausencia temporal, sufre y perdura la discriminación, persecución y descalificación.

Por estas simples y profundas razones, la Universidad Nacional de Córdoba, tiene la obligación de poner al **TALLER TOTAL** en el lugar que la historia le concedió.

Lugar que no se remite a una cuestión meramente simbólica.

Demanda ser objeto de estudio y discusión como contribución necesaria para repensar una universidad al servicio de quienes no sólo esperan una instancia superadora en su formación, sino que se involucre decididamente en la solución de los grandes problemas aún postergados para que posibilite la transformación social tan anhelada por los sectores más castigados y dejen de ser botín político.

Arquimedes A. FEDERICO

Arquitecto

Gregorio Vélez 3951 esq Roque Ferreyra

5009 - Ciudad de Córdoba arqfederico@arnet.com.ar

TE 481 1467

La Noche de los Bastones Largos (29 de julio de 1966) y Misión Ivanissevich (agosto de 1974)

De Sylvia A. DOBRY

10 de Septiembre de 2013

Al Sr. Rector de la Universidad Nacional de Córdoba

Dr. Francisco Tamarit

El motivo de este email es expresar mi apoyo a la iniciativa del arquitecto Arquímedes Federico, en Carta abierta enviada en 2 de septiembre de este año, con motivo de rescatar la memoria del Taller Total desarrollado en la entonces Facultad de Arquitectura e Urbanismo, -FAU, hoy FAUDI, de la Universidad nacional de Córdoba. Considero importante enfatizar que esta experiencia de enseñanza de arquitectura y urbanismo, conocida en toda Latinoamérica con el nombre de Taller Total, fue y continúa siendo citada y es objeto de trabajos académicos universitarios, en varios países.

En el Taller Total, considerada por muchos reconocidos especialistas en enseñanza como de vanguardia, se concibió el trabajo interdisciplinar, la producción del conocimiento más allá de cada disciplina (lo que fue extremadamente innovador para los años 1960-70)

Destaco, convalidando la importancia de la memoria de esta experiencia, libros, maestrías, doctorados, artículos publicados, y trabajos presentados a congresos, entre otros:

ELKIN, Benjamín. *Taller total, una experiencia educativa democrática en la Universidad Nacional de Córdoba*. Córdoba (Argentina): ed. Ferreyra, 2000.

DOBRY- PRONSATO, Sylvia Adriana. *Para quem e com quem: ensino de arquitetura e urbanismo*. Tesis de Doctorado. FAU-USP. São Paulo, 2008. Disponible en <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-08112010-162938/fr.php>

_____. O Taller Total: uma experiência de ensino e arquitetura e urbanismo. In *Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*. v. 19, n. 31, São Paulo, 2012. Disponible en: revistas.usp.br/posfau/article/download/48198/52034

_____. Experiencias de Enseñanza de Arquitectura y Urbanismo -memorias de los años 1960-70. Trabajo presentado al *XVIII congreso internacional de historia oral. Los retos de la historia oral en el siglo XXI. Diversidades, desigualdades y la construcción de identidades*. Buenos Aires, 2012.

_____. O debate sobre o Ensino de Arquitetura e Urbanismo nos anos 1960-70. Trabajo presentado ao *VII Seminário Nacional do Centro de Memória "Memória, Cidade e Educação das Sensibilidades"*. Unicamp. Campinas, 2012.

LAMFRI, Nora Z. *Urdimimbres. El Taller Total: Um estúdio de caso Córdoba*, (Argentina) : Centro de Estudios Avanzados. UNC (Dissertação de mestrado), 2007

_____. El Taller Total. Un Estudio De Caso Sobre El Cambio Curricular En La Universidad. 2004. Disponible en: http://rapes.unsl.edu.ar/Congresos_realizados/Congresos/IV%20Encuentro%20-%20Oct-2004/eje3/68.htm

MARTINEZ, Silvia Alicia. *Memória de Professores: Experiências pedagógicas universitárias na Argentina (1968-1976)*. Tesis de Doctorado. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2000.

_____. *Ensaio de construção de uma Universidade Crítica: A "Oficina Total" de Arquitetura e Urbanismo de Córdoba.*(Argentina,1970-1976). Trabajo presentado a la 23ª Reunión Anual.(ANPED), Caxambú, MG, 2000. Disponible en: www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0201t.PDF

PEREIRA, Miguel Alves. *Arquitetura: cultura, formação, prática e política profissional*. São Paulo, Pini, 2005.

PEDANO, Gonzalo. El Taller Total. 1970 – 1976. In *IIIº Jornadas de Estudio y Reflexión sobre el Movimiento Estudiantil Argentino y Latinoamericano*. La Plata, 2010. Disponible en: http://www.mov-estudiantil.com.ar/terceras_jornadas_2010.swf y Envío de resúmenes: a isme - Investigadores del Movimiento ...www.mov-estudiantil.com.ar/terceras/2nueve.doc

Destaco también, que en el libro "*Arquitectos que no fueron*", muchos de los testimonios de profesores y ex alumnos señalan el contexto del Taller Total:

NOVILLO, Rodolfo. (org.) *Arquitectos que no fueron*. Estudiantes y egresados de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Nacional de Córdoba asesinados y desaparecidos por el terrorismo de Estado, 1975-1983. Córdoba: Imprenta de la Municipalidad de Córdoba-Comisión de Homenaje, FAUDI –UNC, 2008.

Atentamente:

Sylvia Adriana Dobry

Arquitecta, graduada en la FAU UNC, Córdoba, Argentina

Realizó maestría y doctorado en la FAU USP., Brasil
e-mail: sydobry@gmail.com

AGRADECIMIENTOS

La memoria social “funda la cadena de la tradición que transmite lo acontecido de generación en generación” (BENJAMIN, 2013, p. 165)¹. El modo como recordamos el pasado abre para nosotros el conocimiento del presente y “así como las flores dirigen su corola para el sol, el pasado, gracias a un misterioso heliotropismo, intenta dirigirse hacia el sol que se levanta en el cielo de la historia”, como decía Benjamin, (1994, p. 223)²”, por lo que dedicamos este libro:

A los que perdieron la vida luchando contra las dictaduras, entre ellos, los de la FAUD UNC.

A todos aquellos que nos dejaron como herencia el impulso para la lucha por una enseñanza crítica, participativa y democrática, que incluye a los que participaron del Taller Total, entre ellos los arquitectos: Luis Coccato, Juan Carlos Fontan, Edgardo Nizzo, Benjamin Elkin, Elsa Tania Laurrari, Isidro Chiavassa, Fernando Gomes, Osvaldo Bidinost, la prof. Maria Saleme de Burnichon, y tantos otros profesores, estudiantes, colegas y amigos inolvidables, algunos de los cuales fallecieron en el exilio.

La realización de este libro solamente fue posible gracias a la colaboración de las personas que participaron en su elaboración.

Agradecemos:

A todos los autores que se sintieron identificados con los ejes propuestos e hicieron el esfuerzo de registrar sus trabajos e investigaciones para contribuir en el debate de ideas que representan la continuidad de las premisas del Taller Total todavía tan actuales, proyectándolas para el futuro, y para el enriquecimiento de esta publicación.

A la Mgter. Arq. Mariela Marchisio, Decana de la Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño - UNC, a la Dra. Arq. Mónica Martínez, Secretaria de Investigación de esa alta casa de estudios y a Lic. Amanda Pollet, por el apoyo brindado.

A los compañeros del Comité por los 50 años del Taller Total, con quienes hace varios años emprendimos este camino de valorizar la memoria pensando en el presente y el futuro.

A la Comisión Organizadora y Científica, por el esfuerzo generoso que contribuyó a la realización de este libro.

A las instituciones que dieron su generoso apoyo, y cuyos logotipos constan en este libro:

¹ BENJAMIN, Walter. O contador de histórias. Reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov [1936]. In: BENJAMIN, Walter. Linguagem, tradução, literatura; filosofia, teoria e crítica. Ed. e Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 147-178.

² BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura, 7. ed. 1994.

- Grupo de pesquisa NEPIM, (Núcleo de Estudos do Patrimônio Imaterial e Material) del Instituto Federal de São Paulo – IFSP.
- Taller Libre de Proyecto Social de la Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo de la Universidad de Buenos Aires. (UBA).
- Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Presbiteriana Mackenzie.
- Brigada Académica Interdisciplinaria (BAI), Departamento de Investigación y Conocimiento del Diseño de la Universidad Autónoma Metropolitana, Azcapotzalco -UAM-A
- Grupo de Estudos Multidisciplinares em Urbanismos e Arquiteturas do Sul-MALOCA, de la Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA
- Red Universitaria Latinoamericana de Cátedras de Vivienda, (red ULACAV).
- Coalición Internacional para el Hábitat (HIC-AL)
- Laboratorio Hábitat Social: Participación y Género, (LAHAS) de la Facultad de Arquitectura - Universidad Nacional Autónoma de México-UNAM
- “Aprendizaje en el hábitat comunitario”, de la Universidad Autónoma Metropolitana, Azcapotzalco -UAM-A
- Grupo de Pesquisa e Extensão Periférico”, de la Universidad de Brasilia.

A los amigos y compañeros del Taller Total, Victor Barrionuevo y Carlos Pronsato por las ilustraciones y a la artista Jennifer Pereira , por la acuarela que retrata a Paulo Freire.

A Luis Coccato, (*in memoriam*) por su simbólica ilustración de la toma de la Facultad.

A la memoria de los desaparecidos de la FAU UNC en la lucha contra la dictadura, que están representados en las ilustraciones de autoría de algunos de ellos.

A los amigos del Taller Total, siempre presentes.

Y a la generosa e inestimable colaboración de Andrea Pronsato, por la diagramación de este libro y de Micaela de Hernández, en la coordinación del grupo de apoyo.

Gracias a todos!!!!

Mgter. Prof. Nora Z. Lanfri y Dra. Arq. Sylvia A. Dobry
Organizadoras

AGRADECIMENTOS

A memória social “funda a cadeia da tradição que transmite o acontecido de geração em geração” (BENJAMIN, 2013, p. 165)¹. O modo como lembramos do passado abre para nós o conhecimento do presente e “assim como as flores dirigem sua corola para o sol, o passado, graças a um misterioso heliotropismo, tenta dirigir-se para o sol que se levanta no céu da história”, como dizia Benjamin, (1994, p. 223)²”, pelo que dedicamos este livro :

Aos que perderam a vida lutando contra as ditaduras, entre eles os da FAUD UNC.

A todos aqueles que nos deixaram como herança o impulso para a luta por um ensino crítico, participativo e democrático , que inclui os que participaram do Taller Total, entre eles, os arquitetos Luis Coccato, Juan Carlos Fontan, Edgardo Nizzo, Benjamin Elkin, Elsa Tania Laurrari, Isidro Chiavassa, Fernando Gomes, Osvaldo Bidinost , a prof. Maria Saleme de Burnichon, y tantos outros professores, colegas y amigos inesquecíveis, alguns dos quais faleceram no exílio.

A realização deste livro somente foi possível pela colaboração das pessoas que participaram em sua elaboração.

Agradecemos:

A todos os autores que se sentiram identificados com os eixos propostos e fizeram o esforço de registrar seus trabalhos e pesquisas para contribuir no debate de ideias que representam a continuidade das premissas do Taller Total, ainda tão atuais, as projetando para o futuro, e para o enriquecimento desta publicação.

À Ma. Arq. Mariela Marchisio, Diretora da Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño - UNC, à Dra. Arq. Mónica Martínez, Secretaria de Investigación dessa alta casa de estudos e à Lic. Amanda Pollet pelo apoio ministrado.

Aos companheiros do Comitê pelos 50 anos do Taller Total, com os quais há vários anos empreendemos este caminho de valorizar a memória pensando no presente e no futuro.

À Comissão Organizadora e Científica, pelo esforço generoso que contribuiu à realização deste livro.

Às instituições que deram seu generoso apoio, e cujos logotipos constam neste livro:

¹ BENJAMIN, Walter. O contador de histórias. Reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov [1936]. In: BENJAMIN, Walter. Linguagem, tradução, literatura; filosofia, teoria e crítica. Ed. e Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 147-178.

² BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura, 7. ed. 1994.

- Grupo de pesquisa NEPIM, (Núcleo de Estudos do Patrimônio Imaterial e Material) del Instituto Federal de São Paulo – IFSP.
- Taller Libre de Proyecto Social de la Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo - Universidade de Buenos Aires. (UBA).
- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- Brigada Académica Interdisciplinaria (BAI), Departamento de Investigación y Conocimiento del Diseño da Universidade Autónoma Metropolitana, Azcapotzalco -UAM-A
- Grupo de Estudos Multidisciplinares em Urbanismos e Arquiteturas do Sul-MALOCA, de la Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA
- Red Universitaria Latinoamericana de Cátedras de Vivienda, (red ULACAV).
- Coalición Internacional para el Hábitat (HIC-AL)
- Laboratorio Hábitat Social: Participación y Género, (LAHAS) de la Facultad de Arquitectura - Universidad Nacional Autónoma de México-UNAM
- “Aprendizaje en el hábitat comunitario”, de la Universidad Autónoma Metropolitana, Azcapotzalco -UAM-A
- Grupo de Pesquisa e Extensão Periférico”, da Universidad de Brasília.

Aos amigos e companheiros do Taller Total, Victor Barrionuevo e Carlos Pronsato pelas ilustrações e à artista Jennifer Pereira, pela aquarela que retrata a Paulo Freire.

A Luis Coccato, (*in memoriam*) pela sua simbólica ilustração da ocupação da Faculdade.

À memória dos desaparecidos da FAU UNC na luta contra a ditadura, que estão representados nas ilustrações de autoria de alguns deles.

Aos amigos do Taller Total, sempre presentes.

E à generosa e inestimável colaboração de Andrea Pronsato, pela diagramação deste livro e de Micaela de Hernández, na coordenação do grupo de apoio.

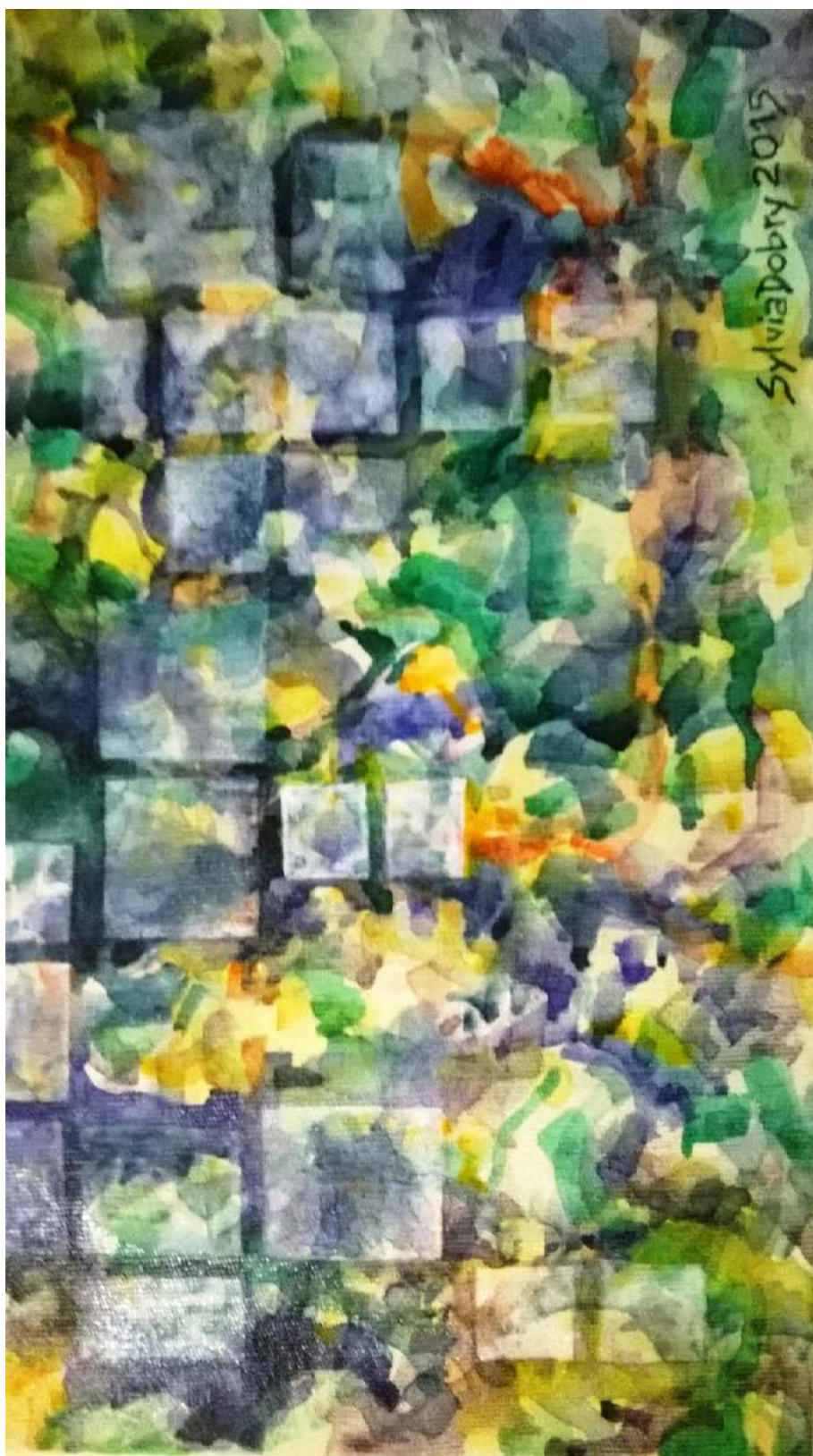
Obrigado a todos!!!!

Mgter. Prof. Nora Z. Lanfri y Dra. Arq. Sylvia A. Dobry
Organizadoras

APOYOS

APOIOS





Obra: **Urbanización y Naturaleza / Urbanização e Natureza**

Técnica: Acuarela y Tempera sobre papel / Aquarela e Guache sobre papel

Autora: Sylvia Adriana Dobry, 2015